This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

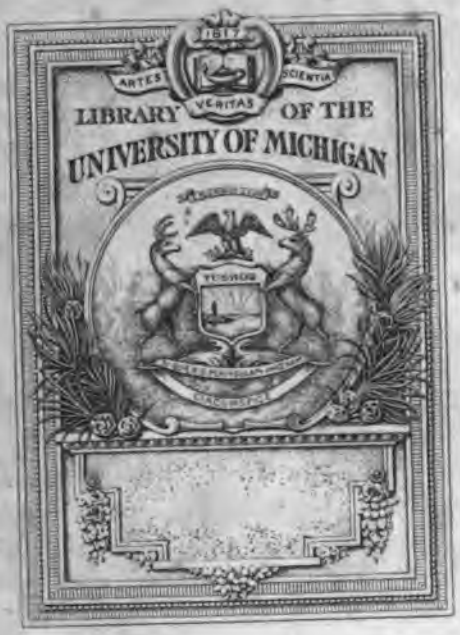
We also ask that you:

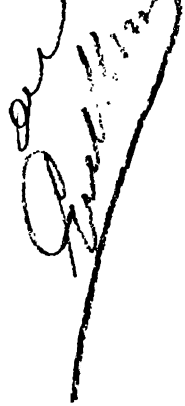
+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

A 490419


1817
ARTES
VERITAS
SCIENTIA
LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF MICHIGAN
TUEBOR



A:
80
.I6

REVISTA TRIMENSAL

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

Geographico e Ethnographico do Brasil

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O Sr. D. Pedro II

TOMO XXXVI

Parte primeira

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint serâ posteritate frui.

RIO DE JANEIRO

B. L. Garnier — Livreiro-editor

69 Rua do Ouvidor 69

1873

Livro Compl. 21 to
Trijhoff
6/21.92
26394

REVISTA TRIMENSAL
DO
INSTITUTO HISTORICO
GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

1.° TRIMESTRE DE 1873

SUMMARIO

DAS ARMADAS QUE SE FIZERAM E GUERRAS QUE SE DERAM

NA CONQUISTA DO RIO PARAHYBA

Escripto e feito por mandado do muito reverendo padre em Christo, o padre Christovão de Gouvêa, visitador da companhia de Jesus de toda a provincia do Brasil,

---

(Copia do original existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa, offerecida ao Instituto pelo Dr. Antonio Henriques Leal).

Antes de entrar na relação das guerras e armadas, que os reis d'este reino mandaram dar e fazer contra o gentio *Pitiguar*, senhor de mais de quatrocentas leguas por costa d'este rio do Parahyba até o do Maranhão, que começaram no tempo de Luiz de Brito de Almeida, governador-geral d'este Estado do Brasil, e se acabaram no tempo do licenciado Martim Leitão, ouvidor geral do mesmo Estado, e que por mandado de el-rei D. Filippe, nosso senhor, os conquistou e povoou o rio Parahyba, me pareceu fazer uma breve descripção d'elle e do estado em que estavam as capitanias de Pernambuco e Tamaracá, quando o Dr. Martim Leitão entrou n'ellas, para mais facilmente no decurso d'esta historia se entenderem muitas cousas, a qual é a seguinte:

CAPITULO I

O rio Parahyba, que nas cartas de marear se chama S. Domingos, está em seis gráos da banda do sul; corre por o rumo que os mareantes chamam nornoroeste, susueste a barra á entrada; corre pelo de nordeste susudoeste até a ponta do Cabedello, que é já dentro. Tem de baixa-mar, no mais baixo, em um banco que faz de arêa, quatro braças, e d'alli para dentro, pelo rio acima, tem seis e sete. A bocca da abra que o rio faz terá de largo uma legua, e o canal que vai pelo meio, que é o que chamamos barra, tem um quarto de legua, e todo o mais de uma parte e outra é muito aparcellado. O fundo é de arêa, muito limpa e sem nenhuma pedra, e assim é muito maior porto, e capaz de maiores embarcações que o de Pernambuco e Tamaracá, dos quaes dista vinte e duas leguas do de Pernambuco e dezesete do de Tamaracá por costa para a banda do norte, e os arrecifes que correm ao longo de toda esta quebram alli mais. Pelo rio acima uma legua, da banda do norte, tem uma ilha formosa de arvoredo, de uma legua de comprido e um terço de largo, defronte da qual está o surgidouro ou porto das Náos, capaz de grande quantidade d'ellas, e abrigado de todos os ventos. Da parte do sul faz o rio um formoso canal, pelo qual, acima duas leguas, podem ir navios de cem toneis, e outras tres mais acima grandes caravelões, que é até onde chega a represa da maré. Da parte do norte vai outro braço que divide a ilha da terra firme, e n'ella defronte da ponta da ilha, da parte de cima, onde o rio se começa a dividir e fazer ilha, se fez o primeiro forte por ordem do general Diogo Flores de Valdez. Este rio, que torna depois sete ou oito leguas ao sul, tem uma varzea de mais de quatorze de comprido, e de largo tem duas mil braças, e seiscentas no mais estreito, toda retalhada de esteiros e rios

caudaes de agua doce, que podem dar mais de quarenta engenhos de assucar, por toda a terra ser singular para canna, com o serviço de mar, o de menos fabrica do Brasil, por ser rio morto, e pelo menos de inverno todo navegavel, e de verão mais de seis, sete leguas, com caravelões, que tambem entram nos rios que n'elle se mettem, que são muitos e proveitosos por abundarem de muitos pescados e mariscos, com outras muitas terras para cannas, mantimentos, pastos e lenhas, que só a dos mangues as fazem infinitas. Pois as outras varzeas que ha entre Pernambuco e a Parahyba, e jazem ao longo dos rios, que entre estas duas capitanias mais pegados ao Parahyba entram no mar, não promettem menos proveito, antes muito grande; fallo por varzeas, porque esta é sómente a boa terra do Brasil, que os outeiros ou altos não dão canna, ao menos n'estas capitanias do norte, e quando n'elles acerta a terra ser boa dá mantimentos, mas não canna, que sómente se dá nas varzeas, que é a terra baixa ao longo dos rios ou de grandes alagadiços, que no Brasil ha muitos, principalmente perto do mar, onde os ha grandes, e as matas das arvores são muito maiores e muito mais altas e grossas que no sertão, onde não ha rios nem aguas senão de poços, que com muita difficuldade se acha. Emfim, todo o sertão do Brasil é muito esteril, de pouco mato e terra desaventurada, que com trabalho dá a mandioca que os negros plantam como bacêllos, e em dez, doze mezes se faz tão grossa como grandes nabos, mas com raizes compridas, com muitas pernas e tenras, que raladas dão muita farinha, com que elles e os brancos se sustentam, e depois do trigo é o melhor mantimento que se sabe; principalmente deitada de molho faz singular farinha para se comer em fresca, que se parece com o nosso cúscuz; fazem tambem outros beijús, que são redondos como manquaes(?) ou compridos, como querem, pouco mais grosso que hos-

tias: é muito bom comer, porque toma o gosto ou sabor natural d'aquillo com que o comem. Fazem mais outra farinha d'estas raizes, a que tambem chamam mandioca, mais cosida para durar muitos mezes, com que vêm ao reino e irão á India. A esta chamam farinha de guerra, porque n'ellas se servem os negros (indio escravo?) d'esta, e como no Brasil um negro tem farinha e rêde, arcos, flexas, logo se tem por rico. O cabedal que todos os *Brazis* ordinariamente levam á guerra não é outro senão mulher, que lhe leva a rêde e alguma pouca de farinha para os primeiros dias, que depois os passaros, ratos, bichos e mais immundicia o paga e os sustenta, que no Brasil nada d'isto é venenoso, o que é uma das maravilhas d'elle. Por a mesma razão nas guerras que lhes fazemos aquelle que leva mais negros para lhes caçarem ou pescarem, são mais regalados e vão melhor providos. São geralmente todos os *Brazis* muito ciosos, ainda que têm muitas mulheres—dez, vinte, e quantas cada um póde sustentar; e os principaes só n'isso o mostram, em serem cabeças na guerra, que regularmente são os mais valentes.

Dos ciumes que em cabo uns dos outros têm, por respeito dos quaes dão mui facil credito a qualquer suspeita e leve indicio, procederam, procedem sempre todas as divisões, guerras e differenças que todo este gentio do Brasil entre si tem, e por aqui lhe urdem os portuguezes muitas brigas com que se desavêm umas nações com as outras, com o qual ardil os entramos e desbaratamos, que todos juntos nunca ninguem pudéra com elles, nem os domára; este ardil nos não val com os *Pitiguares*, que, sendo o maior e mais guerreiro gentio do Brasil que occupam do Parahyba até o Maranhão, que são seiscentas leguas, e tão unidos e conformes estão uns com outros, que de industria assentaram entre si entregarem-se a nós(?) os delinquentes uns aos

outros e castigarem-n'os sem brigarem, nem se desavirem nunca por isso, e assim o dizem sempre nas pulhas aos brancos quando nas guerras vêm á falla. Outra cousa maravilhosa tocarei aqui do gentio do Brasil, já que me alarguei tanto fóra do primeiro intento. Como elles todos são muito ciosos são tambem muito amigos das mulheres e mui brandos para ellas, e gente que por seus respeitos servem e obedecem aos sogros como a pais, mas quando ellas parem os maridos se fingem doentes e se deitam de mimosos nas rêdes, e alli são n'ellas servidos dois ou tres dias e visitados, e ellas em parindo se vão lavar com as crianças á fonte. Tem mais outra propriedade não pela herdarem do estado da innocencia, que n'elles está tão corrupta e damnada, que contra toda a ordem da natureza por mera sensualidade folgam de andarem nús,sem nenhuma cobertura até em suas vergonhas, cousa que parece os proprios animaes brutos estranham. São menos cobiçosos, sendo em extremo mais appetitosos que todas as outras nações do mundo, e por isso tudo o que vêem nos brancos desejam, esperam e querem que lhes dêm, e em lh'o dando o dão logo aos outros, e com qualquer cascavel lhe hão o vestido por que d'antes morriam. E' gente que, sempre,se tem vagar, come, como brutos, e n'isso e em suas sujidades ou deshonestidades entendem sómente, como não andam em guerras, porque se dão pouco ao trabalho, e naturalmente são folgazões, como o são todas as outras nações fóra da nossa Europa. Ajuda muito a isso a fertilidade da terra em produzir este mantimento que chamam mandioca, que é o pão, de todo o Brasil e Perú, porque cada pessoa com a planta de um só dia faz mantimento que lhe basta todo o anno, mas variam as folhas por não cansarem a terra, e com serem tão comilões têm-se mais a fome que todas as nações do mundo, que andarão dois dias inteiros sem comer nem beber. São mui affeiçoa-

dos e naturalmente amigos de quem o é seu, mas mui varios e mudaveis em extremo, e por poucas cousas ardem e perdem tudo, e se levantam, e assim em nada têm constancia, nem firmeza: são muito falsos, inclinados a enganos e aleives; e é tão proprio e natural isto do clima e terra do Brasil, que logo se pega e tem já pegado a quasi todos os brancos naturaes do Brasil, antes a todos, que a ruim semente que lhe a principio lançaram do Limoeiro de Lisboa e das outras cadêas do reino peiorou ainda mais esta natureza ruim, e assim se deve fazer pouco fundamento dos ditos do Brasil, como não fossem de pessoas muito qualificadas na virtude.

Tornando, pois, ás varzeas, que dizia ser a melhor terra, porque n'ellas ha mais sellam (*sic*), que assim chamam á terra forte e boa; e na que ha tal, dura a soca ou planta da canna trinta e quarenta annos sem cansar, nem se plantar, que é muito sustentarem-se estas varzeas com se alagarem todos os annos, porque ao longo do mar é terra baixa e muito retalhada de rios e esteiros. Toda a terra do Brasil não tem mais que dois ou tres palmos de boa terra, como mateiro por cima, que logo d'alli para baixo é ruim terra de arêa e sôlta, sem prestar para nada; e por esta causa todas as arvores no Brasil têm as raizes á flôr da terra, e com qualquer vento se arrancam, e se vê que não têm as raizes lançadas para baixo. Com isto e com o não haver na propria lingua dos *Brazis* tres letras principaes e da maior significação que temos, é a saber: F, L, R, cuja falta nos mostra faltarem-lhe a elles tres fundamentos em que o genero humano se sustenta, e norte por que se governa, que são—fé, lei e rei—nos quiz o autor da natureza avisar o não fazermos fundamanto de cousa alguma do Brasil, porque realmente d'estas tres cousas entre o gentio, e não sei se me estenda aos brancos, carece mais o Brasil que de todas. Porque nada adoram, nem têm

reis, nem califas, como as outras nações, senão aquelles a que chamam cabeças para suas guerras, e fóra d'ellas nas aldêas, onde vivem, dão pouco por elles, nem os estimam, nem guardam fé, nem entre si, nem com os brancos, nem verdade mais que emquanto se lhes antolha. São mui dados a feitiços, e o feiticeiro que ha em cada aldêa é o seu oráculo: têm muita communicação com o demonio, e acontece-lhes com elle muitas cousas mui graciosas e ás vezes espantosas. Mas, tornando já ao ponto d'onde me diverti por dar uma breve relação de cousas que nos livros que fallam do Brasil não achei escriptas: as varzeas, que se estendem ao longo d'aquelles grandes rios que vão de Pernambuco para o Parahyba, que todos se vadêam de duas até sete e mais leguas, dão mostra bem clara e certeza assás evidente de serem muito rendosas a quem as aproveitar, como são as do caudaloso Garamane *(sic)* e as dos rios Copesuras e o Ibiay, Guajana, Capibariby, que chegam até as serras de Copaoba.

Além do Parahyba, ao norte cinco leguas por mar e dez pelo sertão, está outro grande rio, que chamam Manguape, que entra no mar na bahia da Traição, o qual rio tem ao longo de si muito e boas varzeas até Copaoba, por onde esta capitania do Parahyba, possuindo mais varzeas (que como já provámos é o melhor do Brasil) que todas as outras capitanias, e com isto e com ter mais páo brasil que Pernambuco, é muito melhor, porque quanto mais para o norte tanto melhor. E, com todo o de Pernambuco estar de Pernambuco para a Parahyba, se tirára muito melhor pela Parahyba com ajuda d'aquelles rios, no inverno, que em Pernambuco, aonde o carreto d'elle fica muito longe, e muito custoso e difficultoso; fica tambem o Parahyba mais perto do reino, sem dobrar cabos, e resolutivamente é a melhor capitania do Brasil, e tal que, sabido bem o porto, segura não arribar navio ás Antilhas, que é grande lucro?, e mui importante ao

commercio e navegação d'este grande Estado. Deixo a ladroeira e colheita de vinte e trinta náos francezas que todos os annos antes de ser nossa alli carregava, tendo suas feitorias sobre si cada nação, fazendo de um anno para o outro a carga cada um para suas náos, com cuja ajuda os negros *Pitiguares* (o maior em numero e mais, como já disse, guerreiro gentio do Brasil); de vinte annos a esta parte corriam todas as fronteiras de Tamaracá, que só com trinta e dois moradores acurralados na ilha piedosamente sustentavam a capitania, e na de Pernambuco já não moiam tres engenhos, e em condição de pejarem outros, por tudo estes *Pitiguares* irem assolando, por que mais facilmente pudessem acarretar e carregar o páo aos francezes, e de tal maneira se foram apercebendo e appellidando os francezes em sua ajuda, que se vieram a fortificar, a seu modo, no mesmo rio Parahyba, com os francezes, situando-se grande quantidade de aldêas dos indios pelo rio acima, de uma e de outra parte, por ser a mais fertil cousa de todo o Brasil, e como ficaram a dez, doze leguas da nossa fronteira, corriam-n'os seguros todos os dias, cevados nos saltos que nos davam; com o que as capitanias de Pernambuco e Tamaracá andavam tão inquietas e trabalhadas, que não se ousavam valer dos engenhos fronteiros, nem faziam páo-brasil, que é o remedio dos pobres, tão cortados os tinha o medo e as dividas, tão espantosamente consumidos e attribulados por alguns deverem mais de trinta e quarenta mil cruzados, e os mercadores com as dividas antigas, que tiveram quasi principio com a terra, tão desaccommodados, que se tinham por perdidos; mas, tomada aquella fonte da carga do páo no Parahyba, arrebentou logo em Pernambuco com tanto proveito, como a experiencia o mostrou, porque uns pagaram o que deviam, outros se fizeram ricos; mas d'antes em nada havia conselho, nem ordem, por os

nossos em nada a terem nas guerras, que mal lhe davam, como foram as que lhe deu um Antonio Rodrigues Bacellar, capitão da ilha Tamaracá, que estas e as outras nunca serviram de mais que fazêl-os destros, ensinando-os a pelejar, porque em quasi todos os recontros e saltos, que n'este tempo comnosco tiveram e nos deram, levaram sempre o melhor, e á fama de tantas victorias contínuo descia o gentio á carniça, com que se dobravam as oppressões d'estas duas capitanias, que parece pela malicia dos moradores d'ellas incorreram o juizo de Deus, provocando os indios a rompimento com o máo tratamento e respostas que a seus serviços davam, sendo elles n'isso mui certos e proveitosos, e nos captiveiros que (quebrando-lhes a fé contra todo o direito natural e das gentes), lhes davam, porque nos tempos das pazes eram estes *Pitiguares* o melhor gentio d'esta terra e costa; mas a cobiça dos moradores, principalmente das misturas do Brasil, da nação mamelucos e degradados, costumados a se vestir e banquetear de suas pelles, que todos por todas as vias, sem excepção, recolhem as bolsas, vendendo-os sem temor de Deus, nem medo do castigo; que realmente como estas culpas são das cabeças, nunca por estas cousas se deu no Brasil. Esta tyrannia tão impiamente usada no Brasil estragou, assolou e damnou tudo; nem deixarão por estas injustas vexações, que se fazem aos indios, de vir grandes açoites ao Brasil, se não provêm com grande ordem, exemplares e rigorosos castigos contra estas cabeças. Ainda que parece que todos os castigos que Deus lhe dá aos que continuam o sertão é por esta causa, porque é pasmar o atrevimento e soltura com que a tanto custo os homens se deixam andar n'aquelle grande sertão por espaço de dois, tres ou quatro e muitos annos, sem Deus, sem mantimentos, nús, como os selvagens, e sujeitos a todas as perseguições e miserias do mundo, se mettem os homens duzentas

e trezentas leguas pelo sertão dentro, servindo ao diabo com tanta curiosidade de martyrio por resgatar ou furtar peças, como os padres antigos do ermo o faziam por Christo; isto são cousas tão notorias e males tão sem remedio, que como christão me forçaram a fazer esta lembrança.

O páo d'esta capitania é o mais e o melhor que se sabe por ser a derradeira d'este Estado da banda do norte, do qual páo ha n'ella grandes matas, e por ser a melhor mercadoria d'este Estado deu nome a toda a provincia; sendo o seu proprio nome terra de Santa-Cruz, se chama vulgarmente do Brasil, que é um páo feio á vista, tem a casca grossa e espinhosa, a folha do qual quer parecer de amieiro: é de mais importancia que o pastel para todas as tintas por se darem com elle quasi todas, e um só páo dá cinco, de que a primeira e segunda são muito escuras, a terceira e quarta são as melhores; e assim pela experiencia que d'isto se tem, se diz que são necessarios todos os annos, e bastam d'este trinta mil quintaes para a nossa Europa. Das outras capitanias o páo não dá mais que duas tintas. Todo o páo-brasil, cortando-se, arrebenta e cresce de vagar, que pelo menos ha mister mais de vinte annos, e ainda não é grosso. Dizem que o páo d'esta capitania do Parahyba é mais de lei que o de todas as outras por não padecer corrupção de tempo, nem de agua, antes a do mar o afina; na bocca é doce, quasi como alcaçuz. Por respeito d'este páo trataram e procuraram tanto os francezes permanecer n'ella. O dito parece que basta por ora quanto a esta capitania do Parahyba e do estado em que ella, e a de Pernambuco e Tamaracá estavam, com o que me passarei a tratar das armadas que para a conquistar se fizeram, e guerras que n'ella houve.

CAPITULO II

DA IDA DO DR. FERNÃO DA SILVA A PARAHYBA E DO GOVERNADOR LUIZ DE BRITO DE ALMEIDA

El-rei D. Sebastião, que Deus tem, informado de todas estas cousas e receioso de os francezes se situarem e se fortificarem no rio Parahyba, mandou ao governador Luiz de Brito de Almeida o fosse vêr e elegesse sitio para a povoação, e por elle não poder ir, indo o Dr. Fernão da Silva, ouvidor geral e provedor-mór da fazenda d'este Estado, a Pernambuco, lh'o commetteu. O qual com todo o poder de gente de pé e de cavallo da dita capitania, e muitos indios que ainda então havia, foi no anno de setenta e quatro a vêl-o e castigar os indios *Pitiguares* que n'aquelles dias haviam assolado um engenho, que um Diogo Dias, lavrador muito rico, começava com grande fabrica no rio Rucunhaen, dez leguas do Parahyba, e como ia tão poderoso correu-os, e não lhe ousaram esperar; mas, refazendo-se, o fizeram voltar pela praia tão depressa, que não houve vagar para nada. O qual, acabados os negocios a que foi a Pernambuco, se tornou para a Bahia, d'onde, informado o governador Luiz de Brito de Almeida do que passava e da importancia do negocio, conformando-se com a ordem que tinha de el-rei, resolveu e determinou de ir em pessoa conquistar e povoar o Parahyba, para o qual effeito na cidade da Bahia mandou aperceber uma armada de doze velas, com toda a gente que pôde ajuntar, levando toda a nobreza da cidade, officiaes da justiça e fazenda, com todos os petrechos e mantimentos necessarios, emfim, com o maior apparato de capitães e soldados, e recado das mais cousas que lhe a elle foi possivel ajuntar. Partiu no mez de Setembro de 1575, e, com tempos contrarios, a cabo de alguns dias andar espancando o mar, tornou a arri-

bar á Bahia, com alguns navios, e Bernardo Pimentel de Almeida, seu sobrinho, que ia por capitão-mór do mar, com outro navio seguiu ávante, e fez viagem e foi a Pernambuco, d'onde pelo tio não ir se tornou á Bahia, onde o achou enfadado e cansado da arribada, e todos os homens com as suas matalotagens gastadas, e gastado muito cabedal que da fazenda de el-rei nosso senhor se metteu na armada, que se affirma que foi de muitos mil cruzados, desfeita em ar, sem mais lembrança do Parahyba, o que não causou pouca admiração pelo geral conhecimento que em toda a parte se tinha da importancia d'esta empreza,e mais pelo fructo que d'ella se esperava, como das outras, e muitos bens que, povoada, se logo seguiam a de Pernambuco e Tamaracá. Depois, vindo o governador Lourenço da Veiga no anno setenta e oito, e querendo proseguir esta empreza, mandando ao ouvidor-geral Cosme Rangel de Macedo e Christovão de Barros, provedor-mór, lh'a encommendou ; e porque no tempo que n'elle esteve houve muitos rebates de *Pitiguares* de todo fizeram recolher os moradores á ilha de Itamaracá, avisando-o sempre e procurando fazer jornada ; mas não houve effeito, e parece que Nosso Senhor a tinha guardada para o tempo em o qual havia de haver quem a procurasse de toda a força e coração, e se concluisse e escusasse o muito cabedal e excessivos gastos que os officiaes da fazenda de Sua Magestade n'esta empreza sempre fizeram e davam em despeza, e seguiram (serviram?) para ostentação e seus intentos mais (do que ?) para ella alcançar e conseguir effeito. E com isto passemos ao tempo de el-rei D. Henrique.

CAPITULO III

COMO FRUCTUOSO BARBOSA FOI ENCARREGADO DA PARAHYBA.

El-rei D. Henrique, que Deus tem em gloria, movido dos clamores que d'esta capitania lhe faziam, e do damno que fortificados os francezes com tanta multidão de gente *Pitiguar*, encarniçados com tantas mortes podiam fazer, á instancia de um Fructuoso Barbosa que havia ido de Pernambuco, que por haver ja no Parahyba carregado navios de páo, por algumas vezes, no tempo das pazes que lhe os *Pitiguares* fizeram, e por ter conhecimento da terra e d'elles, e ter praça e muitas palavras o encarregou da conquista e povoação do Parahyba, por contrato que fez em sua fazenda, dando-lhe para isso as provisões necessarias, náos e mantimentos, e conquistando e povoando o Parahyba á capitania d'elle por dez annos. Chegou Fructuoso Barbosa á Pernambuco, creio no anno de 79 em um formoso galeão e uma..... e outros dois navios com muita gente portugueza assim soldados, como povoadores, casados, com muitos resgates, munições e petrechos e cousas do armazem necessarias assim á conquista como a povoação, que logo havia de fazer, e trazendo um vigario, a quem el-rei dava quatrocentos crusados de ordenado, e religiosos de S. Francisco e de S. Bento com toda a ordem e recado necessario (como digo) á empreza, que da fazenda d'el-rei devia de montar um mui bom pedaço, com o que vendo-se enfunado e cheio de senhoria e subido a tal estado, se vasou todo por alli, esquecendo-se da obrigação que trazia, em sete ou oito dias que esteve surto sobre Pernambuco sem querer desembarcar nem tratar o negocio, lhe deu um tempo com que arribou ás Indias, na qual arribada lhe morreu a mulher, sem ter accordo (por não dizer outra cousa) para entrar no Parahyba, d'onde tor-

nado ao reino partiu d'elle no anno de 82 por mandado d'el-rei D. Filippe, nosso senhor, já com menos arrogancia; porque chegando ao porto de Pernambuco, se concertou com os da villa de Olinda (que é a cabeça da capitania de Pernambuco) como pôde, que não desejava outra cousa, ordenando-se com o licenciado Simão Rodrigues Cardoso, capitão e ouvidor de Pernambuco, fosse por terra com a gente d'elle, e elle com a gente que trazia e outra muita da mesma capitania, que por serviço d'el-rei se lhe ajuntou por mar, chegando á boca da barra do Parahyba com a armada que trouxe e alguns caravelões d'estas duas capitanias Tamaracá e Pernambuco entraram pelo rio acima por terem aviso, que sitiou oito náos francezas, que lá estavam surtas; estavam bem descuidadas e varadas em terra, e a mór parte da gente n'ella e os indios pelo sertão a fazer páo para a carga d'ellas, e dando de subito sobre ellas, queimaram cinco, esbulhando-as primeiro, que foi um honrado feito, e as outras fugiram com quasi toda a gente.

Descuidados os nossos com esta victoria que lhes Nosso Senhor deu a tão pouco custo e nenhum sangue, sahindo alguns d'elles em terra com um filho de Fructuoso Barbosa e alguns seus parentes e soldados hespanhoes, arrebentou o gentio de uma cilada em que estava, e dando n'elles os ia matando até a praia, onde se elles iam recolhendo para os bateis, sem d'elles, nem das náos, que tudo era á tiro de arco os soccorrerem, que foi cousa lastimosa ver matar mais de quarenta homens portuguezes, em que entrou o filho do capitão e alguns hespanhoes nobres por uma desordem tamanha, e com a mesma furia houveram os inimigos de tomar a . . . . . em que ia Gregorio Lopes de Abreu por capitão, que no dia d'antes entrára diante, e fizéra o tudo por ficar na ponta da ilha quasi em secco, e a se não defender esforçadamente sempre os indios com alguns francezes o tomaram

ás mãos e acabavam todos. O capitão Fructuoso Barbosa ficou tão cortado e receioso d'este successo, que se levantou com toda a armada e foi surgir na boca da barra, por senão ter por seguro dentro, esperando a gente que ia por terra, e estando para dar á vela por ver que tardava, chegou o licenciado Simão Rodrigues (que a ser mais cedo não houvéra o destroço que houve) com dusentos homens de pé e de cavallo e muito gentio (porque assim o faziam sempre), passando o rio por cima e indo ao longo d'elle buscar a barra da banda do norte, o qual no caminho da varzea do Parahyba teve um bom encontro com os *Pitiguares* que avisados da sua ida o foram esperar e metteram em revolta e pressa, se o nosso gentio, ajudado da gente, lhe não tivéra aquelle primeiro impeto; mas os *Pitiguares* favorecidos da victoria passada, se mettiam tanto, que vinham a braços com os nossos, que tornando sobre elles os desbarataram de todo, matando um bom golpe d'elles, e assim chegaram á barra do rio da banda do norte com esta victoria, com que consolavam os da armada; e animados uns com os outros, e tratados (em sete ou oito dias, que alli estiveram) os meios de se fortificarem e povoarem da banda do norte, porque pareceu impossivel da banda do sul no cabedello, por ser máo o sitio e não ter agua, e feita experiencia em alguma que se abriu na praia e tudo muito praticado e não sei como feito, pelos inconvenientes e impossibilidades que a tudo achava Fructuoso Barbosa, fugiram á maior pressa, que o medo a cada um ensinou por verem da banda d'além junto muito gentio *Pitiguar*, mandando d'alli o galeão com aviso a Sua Magestade do que passava. Desesperado já Fructuoso Barbosa de suas vaidades se veiu lograr um novo casamento, que á sombra da governança de caminho em Pernambuco havia conseguido, cortado da perda da outra mulher e filhos que n'esta jornada havia perdido, e infortunios que

pelo Parahyba havia padecido, e assim ficaram ambos em calma, e os inimigos mais soberbos, e estas capitanias peior que nunca, e a de Tamaracá de todo desesperada e para se despovoar: só detinha alguns poucos a esperança que lhe deixou um Antonio Raposo, que por procurador mandaram á Bahia a pedir soccorro ao governador Manoel Telles Barreto com grandes requerimentos e protestos de encampações *(sic)* assim Tamaracá como Pernambuco no Outubro de 83, andando-se isso, já traçando por ordem do governador general Diogo Flores de Valdez, do qual é bem que se dê conta como veiu ter á Bahia e partes do Brasil.

CAPITULO IV

COMO CHEGANDO DIOGO FLORES A' BAHIA SE ORDENOU VIR AO PARAHYBA

No principio do mez de Julho do anno de 1583 chegou á cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, metropole d'este Estado do Brasil, com oito náos Diogo Flores de Valdez, resto da armada das vinte e tantas, de que el-rei, nosso senhor o mandou por general conquistar e povoar o estreito de Magalhães, d'onde vinha de arribada, havendo deixado no Rio de Janeiro Diogo de la Ribera, seu almirante, ao qual da Bahia se mandou fornecimento de algumas cousas para proseguimento da jornada, como com effeito fez, levando-o para Sarmiento de Gambôa, que por Sua Magestade vinha provido da capitania e governança do estreito de Magalhães onde o deixou; e por o general Diogo Flores trazer muito encarregado ajudasse por todas as vias a conquista e povoação do Parahyba, tanto que chegou, tratou logo prover-

se isso como convinha, e assim se assentou se fizesse, e se lhe mandaram apresentar os mantimentos necessarios, para provida a armada, em fazendo tempo se partir para a capitania de Pernambuco; mas movido de tantas exclamações, como aquellas duas capitanias faziam, se resolveu partir logo, ainda que contra monção, no Janeiro que vinha de 84.

D'aqui por diante, como tinha de vista por cumprir com a obediencia, serei mais largo n'esta relação para a qual houvéra mister nova lingua e outra cópia para dizer os muitos trabalhos e variedades, com que se procedeu nas cousas d'esta empreza do Parahyba, depois que o general Diogo Flores a começou com o trabalho e ajuda do ouvidor geral Martim Leitão, que Deus parece para isso trouxe a terra com as ajudas que lhe sempre dos moradores procurou, e grandes diligencias e estranhas industrias que para isso buscou. E assim começaram d'este principio, em que se assentou em conselho geral na cidade da Bahia, em casa do governador Manoel Telles Barreto fosse o general Diogo Flores e em sua companhia o licenciado Martim Leitão, ouvidor geral de todo este Estado do Brasil com todos os poderes bastantes para effeito da conquista e povoação do Parahyba, ainda que depois d'isso por particular ordem do governador Manoel Telles foi por provedor da fazenda e mantimentos da armada do Parahyba e do mesmo Parahyba—Martim Carvalho, morador na Bahia, que fôra melhor por todas as vias não ter lá ido (que tão avêsso foi sempre em todas suas eleições Manoel Telles), porque como nas cousas o zelo do serviço de Deus e do rei não vai adiante, não ha què tratar d'ellas.

Partiu o general Diogo Flores de Valdez e o ouvidor geral Martim Leitão da cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos para o Parahyba ao 1° dia do mez de Março do anno de 1584, com uma armada de nove náos, sete suas e duas portuguezas, e por máos aviamentos não partiram mais

cedo. Chegaram a Pernambuco a 20 do mesmo, e n'esse proprio dia desembarcou o ouvidor geral, ficando de fóra toda a armada, e aos 21 fez juntar em camara D. Filippe de Moura, capitão e logo tenente da capitania de Pernambuco por Jorge de Albuquerque, com os que então se acharam na villa e assentar a jornada, e chamar todos pelo termo per si e com rogos para aos 24 se ajuntarem no Arrecife e se dar pressa e ordem a tudo, como se fez, que foi vespera de ramos, em que se tambem achou D. Antonio Barreiros, bispo d'este Estado, que havia ido na armada a visitar a capitania de Pernambuco e Tamaracá, e ahi estava pousado com o provedor Martim Carvalho,— e ficou assentado se aprestasse tudo para domingo da paschoella partirem por terra, D. Filippe de Moura por cabeça com a gente que o ouvidor geral havia de fazer e aviar d'ahi e Tamaracá, e ordenar tudo como logo começou mostrar, rogando n'aquella semaná um e um, e compondo-lhe suas cousas todas, com que se aviáram muita parte dos moradores, que ajuntou em Igaraçú, que é uma villa cinco leguas da de Olinda, no dia assignado d'onde obrigado ir a D. Filippe, que arrependido receiava de ir, lhe ajuntou os da ilha no engenho de Filippe Cavalcanti, até onde Martim Leitão acompanhou o arraial, que bem guiado se tornou a lhe aviar mais gente, e n'aquelles dois ou tres dias fez alguns quarenta homens, com muita diligencia e trabalho, que entregues a um Alvaro, bastardo, lh'os enviou e se juntaram com elle perto do rio Parahyba aonde tiveram um recontro com os *Pitiguares*, e assim passaram o rio por cima, por onde as outras vezes, e passados á banda do norte por elle abaixo foram demandar a barra aonde acharam Diogo Flores, que ahi achou surtas e varadas em terra cinco náos de francezes, que já tinha queimadas e uma lhe fugiu, aonde da terra ao subir para uma náo lhe deram uma flechada nos peitos, que lhe não fez nojo pelas boas armas que trazia, e

assim juntos todos se procedeu na fórma seguinte : Porque o principal que se pretendia e verdadeiro effeito era povoar-se a terra; chegado e alojado o arraial, sahiu em terra Diogo Flores,e em conselho assentaram fazer-se um forte para que á sua sombra se povoasse a terra : assentou-se mais a fórma e ordem que se teria no situar d'elle,e gente que n'elle havia de residir, para o qual nomeou o general por alcaide o capitão de infantaria Francisco Castrejon, o de mais confiança que trazia com cento e dez soldados hespanhoes, todos arcabuzeiros, muito boa gente,—dos portuguezes mamelucos e outra gente miúda mais de cincoenta, os quaes por que haviam mister cabeça, quizéra Fructuoso Barbosa, que o declarára o general por capitão e governador conforme as provisões que lhe apresentou ; mas o vel-o ir na armada como pessoa privada com pouca conta e respeito, e por outras razões que lhe pareceram, e suas provisões dizerem que el-rei o fazia capitão, quando elle a conquistasse, o que elle não fizéra lh'as não guardou, remettendo ao exercito portuguez elegesse cabeça para os portuguezes—que, tratado o negocio, por a maior parte dos moradores de Pernambuco serem vianezes, d'onde elle é, e parecer fiarem o negocio d'aquelle á quem Sua Magestade o encommendára, o elegeram e declararam por capitão dos portuguezes e governador da povoação, quando se fizesse alli Sua Magestade prover, porque por ora todos haviam de estar no forte, que tanto que se elegeu sitio se traçou e começou, de que Francisco de Castrejon ficou por alcaide e capitão, e d'elle deu homenagem ao general Diogo Flores de Valdez, e se lhe pôz o nome de S. Filippe e S. Thiago, no dia dos quaes apostolos, que é o primeiro de Maio Diogo Flores de Valdez se fez á vela, caminho de Hespanha onde chegou a salvamento. No forte trabalhou toda a gente do exercito e gentio até se acabar, que foi no fim de Maio, o qual forte se plantou uma legua da

barra, da parte do norte, defronte da ponta da ilha, lugar que por ser baixo e de ruim agua á muitos não pareceu bom, mas foi forçado por não lhe fugir a gente com o largo rio; que lhe ficava em meio, e atravessar por cima, por o sertao ser perigoso e muito comprido. Por este e outros respeitos por cima de todos os inconvenientes se acabou e situou alli, ficando de presidio e guarnição perto de cento e setenta homens e alguns de cavallo.

CAPITULO V

SALTO DO CAPITÃO SIMÃO FALCÃO E FUGIDA DOS NOSSOS

O nosso exercito portuguez por ver que a sua estada alli já não era de effeito se partiu, levando a via do sertão, em busca do gentio iniquo, onde o capitão Simão Falcão em quanto assistirá na obra do forte, espiada uma aldêa, assaltou-o em uma madrugada com boa mão e felicidade, matando alguma gente e captivando quatro pessoas, com cuja lingua foi o exercito pelo mesmo rumo buscar os inimigos até uma campina, que se agora chama das Ostras, tres leguas do forte, aonde se alojou o arraial, e por ser a festa do Espirito-Santo e a gente ser dada a folgar se pozeram a festejar com demasiado descuido o dia e oitavas, havendo cinco dias que alli mal estavam, e dizia D. Filippe por descargo d'esta desordem, que esparava seu sogro Filippe Cavalcanti, que não andou bem em ficar no forte com achaque de vir ter com elle pelo rio acima. Uma tarde ouvindo uma trombeta e outro rumor, assentaram se fosse descobrir o campo, por haver muito que alli estavam sem ordem, e indo assim até dez de cavallo e alguns quarenta de pé com alguma quantidade de indios á ordem de um Antonio Leitão deram

em uma cilada menos de tres tiros de espingarda que os começaram a sacudir de maneira que os desbarataram de todo, matando o capitão e mais de trinta e muitos indios, e foi o desbarato tamanho e nossa desordem, que até á vista do arraial os vieram matando, sem haver accôrdo para lhes acudirem, antes se pôz tudo em tamanha confusão, que se os povos inimigos que alli estavam acommetteram, o desbarataram, que todos andavam pasmados—e a frouxidão do capitão D. Filippe, que como foi noite com dobrada desordem se deitaram a um alagadiço, que estava junto, por onde haviam de tornar para o forte, e sendo elle de mais de tiro de espingarda, que em partes sorvialanças (*sic*) (só havia lanças?) com pouco entulho, que quando por elle passaram lhe tinham deitado e com assáz de medo que levavam, passaram uns por cima dos outros, como se foram por uma mui boa ponte,—e foi cousa milagrosa ou milagre de medo a quem sabe estes passos. Com este medo foram todos bater ás portas do forte, aonde o alcaide enfadado de os ver taes os teve atê alto dia á chuva, sem lhes querer mandar abrir, que foi leve castigo para o que mereciam. Passado aquelle dia, que todo o alcaide e gente que ficaram no forte gastaram em os persuadir tornassem em busca dos indios com mais cincoenta arcabuzeiros hespanhoes, que lhes o alcaide dava dos do presidio, taes estavam, que nem com isso, nem com se acharem ainda alguns noventa homens de cavallo, e mais de cento e quarenta de pé, que quasi faziam tresentos, que era o mais exercito que até aquelles tempos se ajuntou no Brasil, se quizeram nunca abalar, senão voltar para casa, com deixarem mais de quatrocentos indios dos nossos mortos e mais de cincoenta homens brancos, que foi a maior perda, que estas capitanias até ora receberam, porque quasi tudo eram escravos, afóra mais de cento de guiné, e assim a maior fugir e sem nenhuma ordem se vieram todos passando o rio, defronte

do forte, em barcos com bem de trabalho por ser força do inverno, que os tratou mal todo o caminho, aonde tambem morreram muitos cavallos e gentio á mingoa, por nenhum se aguardarem uns aos outros, e taes chegaram a Pernambuco, de todo desbaratados no mez de Junho.

CAPITULO VI

DO PRIMEIRO SOCCORRO, QUE POR DILIGENCIA E INDUSTRIA DO OUVIDOR GERAL SE MANDOU Á PARAHYBA.

Chegados d'esta maneira a Pernambuco, logo n'aquelle mez começaram os requerimentos do alcaide do forte e Fructuoso Barbosa, por ficarem faltos de mantimentos (e esta foi a maior que o nosso exercito padeceu), tudo por desordens dos cabeças, que havendo farinhas, as repartiram mal, e por ficarem os inimigos victoriosos molestavam de continuo o forte, porque esta nação de gentio victorioso não ha quem a sôffra, porque são esforçados de sua pessoa mais que todos os outros, e tão ousados que não temem morrer, porque tudo entre elles é opinião de valentes, e só os detinha não levarem á fortaleza nas unhas a furia da artilharia, que cruamente, achando-os em descoberto os despedaçava, á cuja sombra o alcaide Francisco de Castrejon em algumas escaramuças que com elles teve, lhes mostrou o valor de sua pessoa e dos hespanhoes e de alguns portuguezes, apezar do seu capitão Fructuoso Barbosa, que não tinha paciencia com estas escaramuças, e com requerimentos de medo as estorvava quanto podia de dentro de sua casa, que tinha no forte no meio d'elle, e assim encontrados elle e o alcaide nos humores, tudo eram brigas e más palavras, no que assáz soffreu Fructuoso Barbosa, e já que não tinha em que, ao menos

n'isso, e sua paciencia bem padeceu, e assim comendo uns e outros a fraca ração que havia do rei, ao som das brigas domesticas e da dos inimigos que todas as semanas corriam, passaram aquelles mezes de Junho e Julho, sempre com muitas papeladas uns dos outros, e requerimentos de soccorros ao ouvidor geral, que como encarregado para uso do governador e general Diogo Flores, e conhecido por mais zeloso do serviço d'el-rei, tudo batia n'elle, até os mantimentos que havia de dar Martim Carvalho, que parece por particular influencia, começou logo a correr pejadamente n'este negocio do Parahyba; e a esta conta se começaram desavenças entre elle e o ouvidor geral, o qual como fragueiro e impaciente dos vagares de Martim Carvalho, bramia e mettia os officiaes da camara n'isso por pairar com o bispo compadre e grande amigo do provedor Martim Carvalho; porquanto o mesmo bispo fizéra com o governador Manoel Telles, que o mandasse com aquelle cargo, com o que ficou a villa quasi dividida. O ouvidor geral com a camara que sobre isso os apertava continuou com requerimentos para os espertarem, e ás vezes nada bastava—ser já infinito e enfadonho contar aqui as particularidades que n'isto passaram, basta que nem algum pouco provimento se deu, senão á força de grandes requerimentos e feros, que ainda as vezes n'isso mettia o ouvidor geral, e buscar quem os levasse ao Parahyba, por ser mui vagaroso o modo com que Martim Carvalho tudo detinha e empachava, e quanto elle com estes estorvos e desvios mais declarava a sua tenção, tanto mais o ouvidor geral com todas as superabundancias por outra via se mostrava zeloso e diligente, que em verdade foi demasiada affeição que n'estas materias teve e ao diante muito mais mostrou; mas por atalhar e evitar odios, e não descobrir faltas, passo brevemente por estas cousas.

No Agosto logo seguinte, que do forte cresciam os reque-

rimentos apertados da guerra e fome, que até os cavallos tinham comido, mandou Martim Leitão por mar vinte e quatro homens brancos, á cargo de um Nicoláo Nunes, com alguns mantimentos que no navio mandou o provedor;comtudo vendo-se o alcaide Francisco de Castrejon muito perseguido dos continuos rebates dos indios, e tanto descuido do provedor se veiu em Setembro á Olinda, aonde achou Pero Sarmiento de Gambôa, governador do estreito de Magalhães, que Martim Leitão tinha agasalhado, chegando ahi destroçado, e ambos por sua via pediam mantimentos, que o Sarmiento houve pela do ouvidor geral, e se foi ; mas para o alcaide tão devagar se aviavam, que andava impaciente, pelo que achando-se um dia, além de outros muitos, em casa de Martim Carvalho com os juizes officiaes da camara a protestar-lhe (lhe désse?) mantimentos, em presença do bispo, vieram muito ruins palavras, ás quaes alguma gente de casa arrancou com os soldados do alcaide, em cima onde todos estavam, e baralhada assim a casa, sahiram á rua, com grande briga que se ordenou de muita gente, por os do bispo virem chamando: «Aqui da igreja!» e aos officiaes da camara acudir toda a villa e assim á volta acudiu o ouvidor geral de sua casa, e os apasiguou como pôde ficando d'isso Martim Carvalho muito peior, por isto se tornou o alcaide para o Parahyba em o mez de Outubro, e mal provido e com claras mostras de o ser cada vez peior, pelo odio em que com elle ficava o bispo e provedor ; mas consolava-se esperando proveria Sua Magestade até Janeiro com que cessariam seus trabalhos.

CAPITULO VII

O SEGUNDO SOCCORRO QUE SE MANDOU AO PARAHYBA E DESTRUIÇÃO DAS NÁOS FRANCEZAS

No Novembro seguinte entraram duas náos francezas no rio Parahyba, e reconhecendo o fórte e uma grande náo portugueza com dois patachos que lhe Diogo Flores deixára, se sahiram e foram surgir tres leguas abaixo da boca da bahia da Traição, e começando trato com os *Pitiguares*, do que sempre foram amigos vieram correr ao forte trazendo alguns berços, a que grandemente apertaram, com grandes cavas, que em volta faziam pelos não pejar a artilharia, com as quaes cobertas e outros ardis, como praticos nas nossas guerras e ordem e ajuda dos francezes pozeram o alcaide em termos de desesperar de poder defender-se, e logo d'isso avisou o ouvidor geral com grandes requerimentos, assim seus, como de Fructuoso Barbosa, assignados por hespanhoes e portuguezes. O ouvidor, no primeiro dia que lh'o deram se foi dormir ao Recife, que é o porto de Pernambuco, uma legua da villa, onde aprestou um navio de setenta toneladas á sua custa com artilharia, munições e mantimentos, e quarenta e tantos homens brancos, escolhidos todos e de opinião, e os mais d'elles de sua obrigação, que todos folgaram de ir a seu rogo, e sessenta indios dos nossos de paz, e em quatro dias, andando em uma rede por andar doente, os deitou pela barra fóra, que foi espantosa diligencia, e este navio com a galé de Pero Lopes, capitão da ilha Tamaracá, que tambem juntamente o ouvidor geral forneceu, em que o mesmo Pero Lopes foi por capitão com quinze ou vinte homens e alguns indios, se juntou no Parahyba, onde foram recebidos e estimados como a propria vida e salvação: os francezes, vendo o soccorro, os quaes pelo muito tirar que do navio lhe faziam, lhe chamaram Bo-

ta-fogo, se recolheram ás suas náos, e assim dado ordem e consultado o caso, o alcaide com os capitães do soccorro, que do navio era um Gaspar Dias de Moraes, soldado antigo de Frandes, que á rogo do ouvidor geral assentou sel-o, assentaram ficasse Pero Lopes, capitão da galé no forte, por respeito do muito gentio que diziam passar de dez mil os que o tinham cercado com suas cavas e trincheiras e que o alcaide na sua galé e náo que lá tinha e a do soccorro fosse buscar os francezes, a que tomaram o mar e varadas em terra lhe queimaram as náos e mataram alguns, que foi um honrado feito, por serem as náos grandes, e estarem avisados. E com isso voltando a galé e navio, o que a náo por ser muito grande não pôde fazer lhe foi forçado arribar ás Antilhas, e n'ella foi a maior parte da artilharia que aqui tomaram. Chegados o navio e galé ao forte, desembarcando de subito e com a gente de dentro deram nos inimigos com tanto impeto, que lhe ganharam as suas estancias, matando muitos, com que se afastaram bem longe, e os nossos cobraram a agua que lhe tinham tomado. Os inimigos com isto desesperados se foram de todo, e assim ficando os do forte mais largos que nunca, e todos muito contentes com grandes louvores do ouvidor geral Martim Leitão se tornaram a Pernambuco a lhe dar razão de tudo, e receber os parabens da jornada, que certo foi de muito effeito para desengano dos francezes, e entenderem que nem na bahia da Traição haviam de ter colheita, como porque se tinha até este tempo por impossivel os navios que de cá do sul fossem á Parahyba tornassem a Pernambuco, sem arribarem ás Indias, por a costa já ir muito voltando, e não se poder vir d'ella senão com nortes e nordestes pelo menos, com que tambem os *Pitiguares* se desenganaram de poder ter commercio com os francezes lançados do Parahyba; e com esta magoa e desejo a vingança ordenaram o que ao diante se segue.

CAPITULO VIII

EM COMO O OUVIDOR GERAL MARTIM LEITÃO FOI A PARAHYBA A PRIMEIRA VEZ.

No fim de Janeiro de 85 avisou o alcaide ao ouvidor geral e camara se ajuntára mais gentio que nunca, e tinha feito tres cercas muito fortes ao longo do forte, á tiro de pedreiro, de pés de palmeira, que por estopentas e grossas, de que n'aquellas partes ha muitas, os defendia da artilharia, e todas as noites as iam chegando e ganhando terra, pela qual causa estava muito receioso que por aquella via com as proprias cercas os viriam abarbando até se abraçarem e igualarem com o forte, sem se poderem valer da artilharia, nem ás mãos se poderiam defender, por no forte haver muitas doenças por respeito do ruin sitio, agua, fome, com que muita gente, principalmente os hespanhoes aqui nos tempos passados lhe era morta, e assim estava em muito perigo, e se perderia sem falta. Indo os inimigos avante, aos 8 de Fevereiro dobróu com maiores requerimentos e encapações de logo despejarem todos como sem falta por particulares avisos de lá se soube, até terem o melhor embarcado em uma não que lá tinham: por respeito da qual nova toda a villa e capitanias se metteram em grande revolta, e muito mais com se saber esta determinação dos do forte do Parahyba, e por juntamente ser chegado em soccorro aos *Pitiguares* o famoso entre o gentio Braço de Peixe. Logo o ouvidor geral, em lhe dando os requerimentos, os mandou ao capitão D. Filippe, que por estas diligencias do ouvidor estava já liado com Martim Carvalho, ao qual tambem se levaram outros sobre mantimentos, vindo a isso o tenedor d'elles do forte,—e com os da guerra ao ouvidor geral e camara —o tenente; no que instando todos, concordaram juntamen-

te o bispo, capitão D. Filippe, o provedor Martim Carvalho e camara com todos os da governança e mais povo requererem ao ouvidor geral Martim Leitão fosse dar uma boa guerra e soccorro ao forte, como o fizeram por escripto, de que se fizeram autos, que tão cortados estavam todos de medo,que sem elle ninguem lá ousaria de ir,, e com elle todos. Com estas e outras muitas razões e importancia do caso que não soffria dilação, elle o aceitou a 14 de Fevereiro com determinação de partir dentro n'elle no que se começou em toda a parte por incredivel presteza e diligencia,que era cousa notavel ver a vontade com que se todos, bons e máos, sabendo que Martim Leitão ia, aprestavam tendo já lá todos ido tantas vezes com ruim successo,e a não haver no porto passante de trinta navios com innumeraveis mantimentos que nunca em nenhum tempo tantos houve, não fôra possivel aviarem-se, e quando foram, não foram com tanta brevidade. Aqui era infinita a diligencia de Martim Leitão em particularmente escrever a todos muitas cartas, convidando-os com razões, a que ninguem pudesse fugir, para a jornada, e aviando a muitos, porque, como no Brasil tudo é fiado, e a maior parte dos nobres, n'estas cousas, querem superabundancias, a que os mercadores já não acudiam, e era forçado fazel-os elle prover, e aviar uns e outros, e era infinito isto e ordenar o necessario: fez tambem duas capitanias (companhias ?) para sua guarda, que depois mandou na vanguarda, pela confiança que n'ellas tinha, por ser tudo gente solta e muitos mamelucos e filhos da terra, porque estes n'isto são de mais effeito, e a estas duas companhias *(sic)* deu sempre á sua custa de comer e todo o mais necessario, e proveu de armas, ainda que nos requerimentos que lhe fizeram para elle haver de ir dizia o provedor Martim Carvalho, que fosse que elle o proveria á custa da fazenda de Sua Magestade. Além dos dois capitães da guarda, que um era Gaspar Dias

aguarda, ti-
, com alguns
m com toda a
.ns homens de
ridores, diante
to, levando por
oito de cavallo e
uaes seguiam os
as da vanguarda
n bolir o pé d'onde
os outros, e passa-
mos) de official em
ito ruim e tão cheio
astadores diante, fa-
los uns traz outros, e
nais de meia legua ao
m todo o exercito tudo
dia. E assim foram por
trarem na grande cam-
la lembrança do que alli
visto ia a gente tão aper-
minho não andavam, por
nguarda, em que n'aquelle
ia Francisco Barreto; mas
um galope em um cavallo,
, foi vêr o que era, e achando
m nome de gastadores e que
l Leitão, abrindo com as fou-
de vagar os reprehendeu Mar-
ahado, que por ser tarde abre-
ou damnar a noite. Francisco
a vanguarda com presteza e re-
alli até se metter em seu lugar,

Aqui mandou o governador Martim Leitão ou general, por que assim lhe chamaremos esta jornada, deitar grandes bandos, pondo graves penas contra todos aquelles que brigassem ou arrancassem, encommendando muito particularmente que houvesse entre todos muita amizade, e outras boas ordens e necessarias, que se cá costumaram no Brasil não houvéra os desconcetros e perdas que tivemos os tempos passados. Alli esteve tres dias, esperando se ajuntassem todos os do termo, que era cousa de ver n'aquelle campo todos armados onde se fez aposentador e mais officiaes de campo, e tanto mais para ver quanto se menos havia visto outro tal no Brasil de tanta, nem tão boa e lusida gente, que até de todos os navios lhe deram de cada um—um e dois soldados.

CAPITULO IX

DA ORDEM DA JORNADA E DO PRIMEIRO ROMPIMENTO E CERCA TOMADA

Ao quarto dia, que foi o primeiro de Março, d'aquelle alojamento e fóra d'alli duas leguas além do engenho de Filippe Cavalcanti, com muita agua e receio de os impedir o inverno, por ser já cabo de verão, foi feita a resenha e acharam-se quinhentos e tantos homens brancos; d'alli foram dormir ao outro dia além do rio de Tapurema, aonde o general deu regimento a todos e ordem do que haviam de fazer, repartiu as companhias e ordenou que um dos guiões de cavallo, aos dias, por evitar competencias, fosse sempre na vanguarda, o outro na retaguarda e o terceiro na batalha onde elle ia, porque da gente de cavallo escolheu noventa, os melhores, de que fez tres guiões, cada um de trinta cavallos, de que eram capitães Christovão Paes d'Altero, Antonio Cavalcanti, filho de Filippe Cavalcanti, e Balthazar de Bar-

ros, e o capitão, a que no seu dia tocava a retaguarda, tivesse obrigação de mais uma hora ante-manhã, com alguns indios correrem e descobrirem o campo, e assim com toda a ordem possivel, e com de continuo irem alguns homens de confiança com mamelucos e indios por descobridores, diante e pelas ilhargas do exercito, mettidos pelo mato, levando por cabeça um Manoel Leitão, com mais sete ou oito de cavallo e alguns arcabuzeiros, que eram doze, aos quaes seguiam os nossos indios forros, e a elles as companhias da vanguarda em sua ordenança, com ordens de nenhum bolir o pé d'onde os commettessem e se darem signal uns aos outros, e passarem palavra ou correrem (como cá dizemos) de official em official, sem embargo do caminho ser muito ruim e tão cheio de mato, que era necessario irem os gastadores diante, fazendo-o encaminhar ao arraial, enfiados uns traz outros, e com a gente ser tanta que tomava mais de meia legua ao comprido,em um momento se sabia em todo o exercito tudo o que em alguma parte d'elle succedia. E assim foram por suas jornadas em cinco dias até entrarem na grande campina antes do Parahyba, aonde pela lembrança do que alli alguns em outras jornadas tinham visto ia a gente tão apertada, que sendo alli tão bom o caminho não andavam, por mais recados que se passavam á vanguarda, em que n'aquelle dia por ser de mais importancia ia Francisco Barreto; mas pelo vagar, tomando o general um galope em um cavallo, que havia pouco tomára folgado, foi vêr o que era, e achando irem já pelo mato os que tinham nome de gastadores e que tambem iam a cargo de Manoel Leitão, abrindo com as fouces caminho, por o fazerem de vagar os reprehendeu Martim Leitão, e pôz ahi seu cunhado, que por ser tarde abreviasse para os não estorvar ou damnar a noite. Francisco Barreto fez marchar ávante a vanguarda com presteza e recado, e o general esperou alli até se metter em seu lugar,

aonde indo já quasi sol posto se sentiu dar a vanguarda em uma grande cerca em que alojava o Braço de Peixe, pegado com o rio Teberi, com mais de tres mil almas, onde com o açodamento no acommetter de Francisco Barreto e de alguns capitães, e com sobrevir logo a noite escura e estar da outra banda da cerca um grande alagadiço, que assim se situa sempre o gentio para se acolher quando cumprir, foi a causa de não se fazer grande presa, mas mataram muitos dos inimigos que o grande odio não consentiu n'este primeiro impeto captivar. Estes impedimentos, com o guião d'aquelle dia se embaraçar de maneira que lhe foi forçado mudar as adargas á mão direita por causa da cerca, foi tambem causa de se não fazer muito mais, se mais ha que em se vendo uma cerca muito forte com sua rêde por fóra e grade (grande?), que promettia mais de tres mil homens, se lançarem a ella como leões e a levarem logo nas unhas, ainda que com algumas poucas flexadas, porque foi tal a pressa, que não lhe deram lugar, nem tempo para despenderem muitas. O que sentindo o corpo do exercito e retaguarda, que ficavam atraz, arrebentavam todos por chegar com os dianteiros á briga, e por pressa que se deram quando já chegaram era acabada. Entrando, pois, todo o exercito dentro na cerca, que Francisco Barreto lhe tinha franqueado com a gente da vanguarda, e alojados todos n'ella com alguns rebates e repiques que tiveram dos inimigos, que com presteza e animosamente rebateram, repousaram todos alli áquella noite e á sua vontade, onde acharam muita farinha feita, e armas e polvora, para irem cercar o forte, segundo os captivos disseram.

CAPITULO X

COMO SE TENTARAM AS PAZES COM O BRAÇO DE PEIXE, QUE NÃO HOUVERAM EFFEITO

Ao outro dia, pela manhã cedo, logo os indios se puzeram ás pulhas, como é seu costume, em um teso alto, defronte da nossa cerca, além do alagadiço, com os quaes, por se entender serem da gente do Braço de Peixe, o general, que desejava ter paz com elles e apartal-os dos *Pitiguares*, e reconciliarem-se do mal que na morte de cento e tantos homens de Gaspar Dias de Athayde e Francisco de Caldas, na serra, havia pouco, com razão tinham feito, mandou deter (descer?) todos da cerca e por linguas travar praticas com elles, que estivessem seguros, e reprehendendo-os de fugirem, pois só buscavamos os *Pitiguares*, com os quaes nunca queriamos paz, mas com elles sim, dizendo-lhes mais que o general era homem do reino, fóra das milicias do Brasil, e estava muito bem informado da sua amizade com os brancos, pelos quaes sabia quebrára a paz, e que se os capitães foram vivos os mandàra el-rei por elle castigar. Com isto vieram em praticas por via de indios e bons linguas, principalmente pelo padre Hyeronimo Machado, que no alagadiço com resguardo estiveram todos, mandando-lhes dar vinho, de que todos beberam, onde concertaram, dados refens, mandar já ao Braço seus embaixadores, depois de jantar, assentar pazes com o general, o qual n'este meio tempo trabalhou em boa dissimulação por indios linguas descobrirem o alagadiço, se por cima ou por baixo dariam vão á gente, que, succedendo, fazia conta mandar por entre o mato tomar-lhes as costas no outeiro, mas não havendo n'isto remedio pela grandeza do alagadiço e espessura do mato á roda, e por pouca vontade dos nossos. Ao meio-dia vieram

tres indios do Braço a tratar das pazes, que foram ouvidos na tenda do general, e examinados por linguas e padres pelo capitão Simão Falcão, e feitas todas as diligencias, e ostentações e artificios, que pareceram necessarios por o Braço e os seus terem comsigo muitos *Pitiguares*, juntamente com o medo de suas proprias culpas, nada bastou para os assegurar, e assim, tornando-se á tarde, quizeram lá matar os refens e ficou a guerra rôta, que os inimigos estimando pouco esquentaram toda aquella tarde com trinta e tantas espingardas e muitas flexas, ao que ainda querendo atalhar o general, para os desenganar, mandou sahir por sua ordem todas as companhias e gente por uma campina entre a cerca e o alagadiço, que n'aquella manhã, para o que succedesse, tinha mandado roçar; estendidos por alli todos os indios per si lhe mandou dar mostra de dois berços que trazia em carro, e bem varejados em uma caiçára tranqueira(?), d'onde os negros, e se defendem, que no cume de um pico, no cabo de uma queimada, os inimigos haviam feito, e com outros muitos assombros, nada bastou para quererem paz. Com isto se resolveu o general em lhe dar ao outro dia batalha, mandando áquella tarde fazer muitos feixes de faxina, que ao longo da cerca haviam cortado, para que com as pontes, que o gentio no alagadiço havia feito, passassem da outra banda; e, assim receiosos muitos no arraial, ou medrosos de por todas as partes, n'aquella tarde e noite, sentirem gentio trabalhar, cortando nos matos para seus reparos, e continuas rebolarias, de que muito usam, não foi nada aprazivel ao arraial esta determinação do general, o que se viu melhor no conselho que se teve aquella noite na tenda do general, que foi assaz vario e confuso, e a seus brados se assentou ficassem alli as duas partes do arraial, e á petição de todos ficou Francisco Barreto alli com elles, e elle, a pé, com o terço logo nomeado ir dar nos inimigos no pico, ficando

cá tudo provido para o que succedesse, e assim foi a muitos bem triste e espantosa a noite aquella, quanto o dia seguinte formoso e alegre, que tal é o mundo.

CAPITULO XI

CÓMO FOI DESBARATADO O PICO DO BRAÇO DE PEIXE.

Ouvindo missa ao outro dia pela manhã muito cedo, partiu o general com as companhias da vanguarda sómente e o guião de cavallo de Antonio Cavalcanti que mandou no roçado e uma queimada andar da nossa parte do alagadiço para por alli não arrebentar alguma cilada e nos tomarem as costas, e levando o padre Hyeronimo Machado um crucifixo diante, acharam no alagadiço muito estorvo por de noite os inimigos cortarem muitas arvores, com que o atravessaram e embaraçaram todo; com isto e com andarem muito soltos pela queimada da outra banda ás flechadas e arcabusadas, se passava de vagar e havia muito receio e com a pressa e peso da gente se não ajudarem das fouces os gastadores e machados, nem ordenarem bem a fachina, que cada um trazia, chegou a cousa a tanto, que foi necessario ao general agastar-se com alguns, e mandando ficar a companhia de Ambrosio Fernandes, que subindo houvéra de tomar a parte direita, e ficando com ordem se não bolissem do alagadiço, até todos serem em cima, arrancou da espada, jurando havia de escalar o primeiro que fallasse, senão obrarem todos como esforçados. Isto e metter-se apressado ao passo, carregando nas costas dos dianteiros fez passar uns ás vezes por cima dos outros e tomar a ladeira acima bem depressa muitos pela aspereza da costa e pedras com quem tambem lhes tiravam se detiveram mais de um grande quarto depois de se recolherem os inimigos no forte, que por

arte e por natureza o estava assaz subia m os nossos em pés e mãos, e aferrando todos a cerca não na acabavam de render: o que vendo o general tomou um inglez que levava comsigo armado, e subindo-o ás costas em cima da cerca com uma formosa lança ingleza de fogo accesa, fez taes terremotos deitando infinidade de pelouros que dentro em si tinha, despejaram os inimigos por alli, e derribando as nossas duas ou tres braças de terra que todos tinham cortado, cahiu de romania, tomando alguns de baixo, mas sem perigo, com que entrando não parou mais inimigo, e os foram seguindo um pedaço, ainda que o ruim caminho e impedimentos que para este tempo os inimigos tinham feito, que para nós era muito, que elles são bichos do matto, foi causa de escaparem muitos,—o que ordenou assim Deus para nos ficarem, como agora os temos por amigos.

Corridos assim os mais que os nossos poderam, mandou o general queimar toda a caiçára e madeira, e assolado tudo se tornou para seus companheiros á cerca, que o vieram receber fóra com grandissima e demasiada alegria, parecendo a todos seria o negocio concluido, e assim com o *Te Deum laudamus*, o levaram a uma ermida de rama, no meio da cerca d'onde diziam missa, e no mesmo dia á tarde houve um rebate da banda do *Tibere*, a que alguns capitães acudiram desordenadamente, e por ser a revolta grande mandou o general a Francisco Barreto os fosse recolher, o que fez muito bem e com muito acôrdo, porque em a escaramuça que se travou foram mortos alguns *Pitiguares*, sem dos nossos haver ferido. E por não ser já de effeito a estada alli, ao outro dia mandou pôr fogo á cerca, que toda ardeu, e com todo o exercito pelo rio *Tibere* abaixo foi seguindo os inimigos, e fomos *(sic)* dormir d'alli duas leguas, aonde se agora chama as Marés, e buscando alli tudo por se entender haverem dado volta os inimigos pela campina juntando-se

com os *Pitiguares*, arrancados todos os mantimentos que alli foi possivel, que foi a maior guerra que se lhes pôde dar, nos tornàmos acimá, (deixando queimadas duas aldêas que alli tinham) buscar outra cerca que acima do *Tibere* tinham nova e do gentio principal por nome Assento de Passaro; aonde antes de chegarmos o terceiro dia pela manhã com o embaraço de ruim caminho que se ia abrindo pelo matto e brejos se embaraçou e deteve tanto a vanguarda, que depois de muitos recados foi forçado ao general com o ouvidor da capitania Francisco do Amaral, que sempre o seguia, cortar a gente, apeando-se para melhor poder passar avante, e ir rompendo a ver o que era, chegou aos dianteiros, que com um ruim passo e inimigos corredores, que se atravessáram diante se detinham. Vendo isto o general, com presteza pôz além de um brejo seis arcabuzeiros e alguns indios, por força, por todos temerem, e passando elle em pessoa da outra banda do brejo, fez á pressa deitar grandes ramos de arvores e algumas inteiras, com que em breve, entretendo os inimigos com algumas arcabuzadas, e cevando-se sempre de gente que continuo iam passando, segurou o passo, e mandando logo recado ao exercito marchasse depressa por elle entender ser aquillo detença dos inimigos para melhor despejarem entretanto a cerca do mulherio e filhos, como de feito era. E ainda que o general com toda a pressa, com marchou e se adiantou aos seguir, já acharam a cerca, que era grande e forte despejada, ainda que em alguns velhos e femeas, que não poderam fugir, se vingou o nosso gentio. E alli reparáram aquelle dia e o outro, porque com os muitos alagadiços e diversidades de opiniões dos caminhos que ninguem sabia (e não se espante alguem, pois até esta jornada, as de antes foram estradas de cegos, em que era forçado ir por cima e fugir pela praia) e assim com estas duvidas e informações se resolveram tornar o Parahyba abaixo

buscar o passo para o forte, aonde se assentaria o que cumpria, alli vimos uns grandes labyrintos (certo que ain la que de barbaros muito para notar) que os nossos inimigos tinham armado pelo outro caminho que ia ter a esta cerca, que era a estrada, e certo que faziam admiração os fojos, que chamam Mondés, trincheiras entulhadas de terra e cegas de rama, e muitas encontradas umas com outras, ao longo do caminho pelo matto, e tão cortado e embaraçado d'estas cousas que, a não haver grande cautela, cincoenta bastavam a cinco mil ; mas de tudo Nosso Senhor nos guardou e desviou.

Passado em baixo o Parahyba, d'alli a tres dias chegamos ao forte, que era cousa piedosa de ver, assim o damnificamento como as pessoas dos soldados, que bem mostravam as fomes e miserias que tinham passado com as ruinas, que por ser de taipa, havia tudo mister reparado, e logo na tarde que aqui chegàmos, procurou muito o general com Fructuoso Barbosa, quizesse ir duas leguas acima, junto dos Marés, aonde havia muitos mantimentos, da parte do sul da Parahyba, aonde ora está a cidade de N. S. das Neves fazer povoação para o que lhe juntava oitenta homens e indios os mais que podesse e se offerecia estar com elle seis mezes, e outros seis, seu cunhado Francisco Barreto ; mas nunca se pôde acabar com elle, e por autos, que se d'isso fizéram desistir de tudo, dizendo não estariam mais uma hora no Parahyba.

Por cima de tudo isto determinou o general fazer no dito sitio (que logo a todos pareceu bem) a povoação que aguentada com o forte, e era cousa facil sustental-a, commetteu a Pero Lopes e outros, mas não pôde concluir, e por não perder tempo mandou ao capitão João Paes com tresentos homens de pé e de cavallo correr a bahia da Traição, que no mesmo dia partiram.

Não contarei aqui as differenças, que teve aqui o capitão Simão Falcão sobre o generalado d'esta ida, que depois de muito soffrimento do general, lhe custou deixal-o preso no forte, e outra que teve o alcaide com Fernão Soares, capitão dos mercadores, e outras muito graciosas de que o muito refresco que alli acharam nos barcos de mãi *(sic)* (mais? foi causa?) que não são de minha obrigação) por cada um ahi ter os seus mimos e provimento nos barcos que eram chegados.

CAPITULO XII

COMO JOÃO PAES FOI A BAHIA DA TRAIÇÃO.

Partido João Paes, e desenganado o general não haver quem por nenhuma via ousasse nem prestasse para o que pretendia que era povoar, pois os fortes e gentes e tantos gastos só a esse fim tiravam, com assaz paixão se determinou ir no outro dia pela praia com a gente que lhe ficou juntar-se na bahia da Traição com João Paes, porque assim, levando um campo por cima e outro por baixo, não ficasse nada em meio, e juntos seguirem por alguns dias os inimigos, ao menos para de sizo os encontrarem e enxotarem, ainda que lhe contradiziam isto quasi todos, por receiarem o perigo, vendo-se tão poucos; mas determinando partir na baixa mar do outro dia parece que foram os peccados dos ruins ares d'aquelle negro sitio onde o forte estava, porque subitamente n'aquella noite adoeceram quarenta e duas pessoas com estranhas dôres de barriga e camaras, e entre os quaes foi Francisco Barreto e o padre Simas Travassos e outros de muita importancia, com o que houve detença dois dias, e vendo que não melhoravam se embarcaram alguns, pelo que lhe foi forçado levantar o arraial e tomar acima duas leguas em um campo muito formoso e aprazivel si-

tio de muito boas aguas, a que puzeram nome o Campo das Ostras, pelas muitas que alli acharam do rio, com que se todos refrescaram e em seis dias que alli estiveram esperando por João Paes alguns se refizeram.

Chegado elle, e juntos outra vez todas e sabido que na bahia da Traição lhe não ousaram os inimigos esperar, ainda que lhes queimaram muitas aldêas e arrancaram mantimentos, fizeram-se aqui dois ou tres conselhos para se dar ordem no que se devia fazer, e por termos por certo que os *Tobajaras* do gentio Braço de Peixe e *Pitiguares* por causa das rotas que lhe tinhamos dado n'esta jornada estavam já desavindos de todo e os *Pitiguares* haviam quebrado a cabeça a alguns *Tobajaras*, dizendo que eram manemos (panemas?) que quer dizer fracos, e que os não haviam defendido de nós como lhes tinham promettido e estavam obrigados por terem tomado de aposento as nossas fronteiras, e emfim por suas malicias de algumas espias, que se tomaram aquelles dias se soube ir muito longe já o Braço de Peixe com os seus, e os *Pitiguares* se andarem juntando para lhes irem dar nas costas; com isto se resolveram todos e era bom deixal-os já que por si se queriam gastar, antes convir muito por alguma via avisar o Braço de Peixe que lhe dariamos soccorro contra os *Pitiguares* e que se não tornasse á serra, e outros mimos e perdões de todo o passado, com que em muito segredo o general fez fugidiço um indio, seu parente, com grandes promessas se o aquietasse e fizesse tornar o Braço de Peixe ao mar. Com esta ordem e provido o forte de mais vinte homens e com lhe deixar ao capitão Pero Lopes á custa do general, e os prover do seu, como melhor pôde, que lhes vi deixar as pipas de farinha e de biscouto e vinho, e sardinhas, provimento para dois mezes, que se ha de entender era tirado de sua bolsa, porque em todo este tempo e negocio, sendo assaz custoso, em nada e por ne-

nhuma via entrou a fazenda d'el-rei, e com esta ordem e se esperar até por todo o Maio não poder tardar recado de Sua Magestade, acerca do forte, que então fazia um anno que alli estavam quam mal provido, e sem ordem nem aviso seu se partiram todos para a villa de Olinda com muita festa (ainda que o espirito do ouvidor geral Martim Leitão, que já não chamarei general) se não quietava, nem contentava, dizendo não ter feito nada, pois não ficava levantada povoação no Parahyba e tudo o da guerra de todo concluido, como se fôra poderoso para tamanho negocio, em que Nosso Senhor o tinha tanto favorecido mais que a todos os que até então se tinham n'isso mettido) d'esta maneira entraram na villa de Olinda em som de guerra, postos em ordem, acompanhando todos ao ouvidor geral até sua casa com estranho triumpho e festa que foi o maior e mais honroso recebimento que nunca Pernambuco teve, nem sei quando já terá que foi a 6 de Abril de 85.

CAPITULO XIII

COMO O CAPITÃO CASTREJON FUGIU E LARGOU O FORTE E O OUVIDOR GERAL O PRENDEU E AGASALHOU OS SOLDADOS.

O primeiro de Julho do mesmo anno de 85 chegou nova a Pernambuco era chegado a Tamaracá o capitão Pero Lopes, que o ouvidor geral Martim Leitão deixára com alguns portuguezes no forte do Parahyba em companhia do alcaide, e que trazia algum fato, e que todos publicavam despejarem no, de todo logo, e que em segreto buscavam piloto para de lá os levarem com os hespanhoes ás Indias; e como o ouvidor geral andava tão prompto e receioso d'estas cousas, logo pela porta mandou buscar Pero Lopes, do qual informado em quatro dias concluiu com elle se tornasse assistir no

forte como o deixára, com alguns filhos da terra e gente no qual estivesse até Janeiro com obrigação de lhe darem cada mez cincoenta cruzados, porque não seria possivel deixar el-rei de avisar e prover, por cuja falta se despovoava isto; difficultosamente aceitou Pero Lopes, mas com promessa de qualquer achaque com que o Castrejon viesse o deterem, por que por sua má condição fugiam tambem d'ella (de lá?) e feitos autos com a camara, e aceitado isto, sahiu n'esta materia outro muito maior inconveniente de todos, que foi resolver-se o provedor Martim Carvalho, que então mal provia o forte, o não querer fazer mais por nenhuma via, nem n'isso entender, e assim o respondeu por autos publicos, assaz n'isso repetiu o ouvidor-geral, e assim ficou tudo desarmado, e se concluira peior se o ouvidor-geral não tratára este negocio por via de emprestimo, com que logo mandou ao capitão Pero Lopes fizesse rol do que havia mister para provimento de cem homens em seis mezes, e feito e sommado em seis mil cruzados, os mandou logo tomar e repartir pelos mercadores que tinham as cousas necessarias, aos quaes se satisfazia com creditos de João Nunes, mercador, e tomado navio e aviados por não succeder no forte fazerem o alcaide com os hespanhoes o abalo, lhe fez escrever da camara com muitos mimos e certeza de serem agora muito melhor providos, pois haviam de correr por elles livres de Martim Carvalho, que muito deviam estimar. O mesmo lhe escreveu o ouvidor-geral, e com estas cartas se foi Pero Lopes aviar á sua casa, á ilha de Tamaracá, aonde o havia o navio e gente de ir tomar de caminho, e elle entretanto avisaria o alcaide, e ou o diabo a tecesse, ou o tivessem com amigos e com os hespanhoes já tratado, Pero Lopes não avisou ao forte, nem mandou as cartas, indo d'isso tão encarregado, e as teve em seu poder sem as mandar, se falla verdade Pero Lopes, desde 8 de Junho até 24, que estando tudo a pique para ao

outro dia partir o navio, e de caminho ir pela ilha, se começou a dizer serem chegados castelhanos do forte á ilha, dizendo vinha o alcaide atraz, e deixavam tudo arrasado.... A isto, que em breve encheu a terra, se juntou toda a villa ás Ave-Maria em casa do ouvidor-geral (cousa lastimosa), porque os homens costumados já com o forte, principalmente os fronteiros(?) a algum repouso, andavam pasmados. O ouvidor-geral, que n'estas cousas não dormia, assentou se ajuntassem logo pela manhã no collegio-Bispo, capitão (*sic*) D. Filippe, Camara, provedor Martim Carvalho, e na mesma noite expediu os seus officiaes que fossem buscar o Castrejon e lh'o trouxessem preso a bom recado, como fizeram. E nas perguntas não deu outra razão senão da fome e não ter aviso, que era assaz fraca, pois para a fome confessava com muita seguridade, depois da guerra que havia dado o ouvidor-geral, não apparecer mais inimigo, e irem os barcos que lhe havia deixado pelo rio acima buscar mantimentos, que era assaz provimento, e a tardança foi pouca, mas deviam de estar enfadados e vingarem-se em deitar a artilharia ao mar, e uma náo que lá estava ao fundo, e pôz o fogo ao forte, e quebrar o sino, e com isto se vieram á villa, como quem não tinha feito nada, e por nossos peccados, que sempre desfazem o bem e ajudam o mal, assim lhes succedeu depois, porque, no reino, ao Castrejon, aonde o ouvidor-geral o mandou por mandado de el-rei preso, sahiu elle bem, e o ouvidor-geral não sei como: são frutos do tempo que faz seu officio e me (*sic*) escusam dar razão.

Ao outro dia, pela manhã, juntos, em modo de conselho no collegio, houve algumas duvidas com que o bispo e outros, movidos de quão mal se do reino respondia á tanta importancia, difficultavam a empreza, que a verdade estava mais duvidosa que nunca por ser sobre tantas quedas, e lá se consumirem tantas vezes os nossos, e se receiarem francezes,

que nunca alli faltam, e os *Pitiguares* se refazerem no nosso forte, pelas quaes causas todos diziam que nunca na terra sem grossa mão do rei haveria força para os deitarem d'ella, do que em ninguem havia confiança por serem iguaes em o medo, antes em todos desmaio grandissimo, e mórmente pelo desamparo com que os officiaes da fazenda haviam largado de todo o negocio de tanta importancia, se o ouvidor-geral Martim Leitão, todo acceso em colera e fervor com que andava, e com muitas razões os não persuadira a de entre si elegerem um homem, que com cento e cincoenta que se offereceu a buscar-lhes e (*sic*) gentio, com a despeza e vitualha que estava buscada, tornasse logo recuperar o perdido, e senão que elle com os seus e amigos que pudesse estava determinado metter no nosso forte arruinado por os que tinham obrigação de o defender, e isto com tanta vehemencia e requerimentos, protestos e ameaças da parte de Sua Magestade, que os espertou e aviventou, e assim elegeram ao capitão Simão Falcão, que pareceu pessoa para isso, por Fructuoso Barbosa em nenhuma maneira querer aceitar esta empreza com estar a tudo presente, de que Simão Falcão foi logo avisado, e o ouvidor-geral com prégões, industria e summa diligencia, juntou todos os hespanhoes que do forte vieram e ao presente na terra havia, dos quaes fez duas esquadras de quarenta e dois, que ajuntou em umas casas a que cada dia fazia prover de ração ordinaria de sua casa e á sua custa, não se esquecendo por via dos padres da companhia encommendar este negocio muito particularmente a Deus, esperando ainda algumas boas novas da intelligencia do Braço de Peixe (como a atraz disse), que Deus acode e provê tudo.

CAPITULO XIV

NOVAS DO BRAÇO DE PEIXE E PRINCIPIO DAS AMIZADES

Havendo n'este mez de Julho alguma dilação pelo juntar da gente, a qual n'estas partes é mui difficultosa, como de juntar para a guerra, mórmente para esta tão cansada, e por adoecer Simão Falcão tanto ao cabo como esteve. No fim d'este mez chegaram dois indios de aviso do Braço de Peixe ao ouvidor-geral, pedindo-lhe soccorro contra os *Pitiguares*, que tornando-se pelo seu recado para baixo ao mar o cercaram por vezes, e tinham quasi desbaratado; n'este proprio dia vestiu *(sic)* Martim Leitão os indios e se foi dormir ao Recife com João Tavares, escrivão da camara e juiz dos orphãos, e a parecer de todos pareceu mais conveniente, e por serviços de el-rei e por lh'o elle rogar aceitou soccorrer-se, como havia annos, ao mesmo Braço no sertão havia feito, e assim com doze hespanhoes bem concertados e satisfeitos, e oito portuguezes, em uma caravela equipada e concertada para tudo, com algumas dadivas e bom regimento, partiu do porto de Pernambuco a 2 de Agosto de 1585, e aos 3 chegou pelo rio acima em falla do gentio, aonde se viu, com seu resguardo e bom recato, conforme o bom regimento que levava, com o Braço de Peixe e mais principaes, no porto que agora é a nossa cidade e os antigos chamaram da Canaria (*sic*), assombrando os *Pitiguares* primeiro com alguns tiros, que, presumindo mais força, fugiram.

Assentaram as pazes, dadas suas dadivas e refens: sahiu o capitão João Tavares dia de Nossa Senhora das Neves, por cujo respeito depois se pôz este nome á povoação, e a tomaram por patrona e advogada, debaixo de cujo amparo se sustenta, e ordenaram um forte de madeira com as costas no rio, onde se recolheram. Avisado logo o ouvidor-geral se

alcançou todo a villa e moradores d'estas capitani
sendo-lhes, e com razão, eram já todos seus trato
lados; e depois de muitas graças a Deus sobre is
ram os fuguas por terra, com obra de quarenta ind
embaixada do Braço de Peixe e dos principaes, a
todos o ouvidor-geral em sua casa agasalhou, vestiu
jou, vestindo os cabeças e avisando o capitão João
do que devia fazer, mandando-lhe mais vinte e ci
menos de toda a sorte por os hespanhoes estarem aind
enfermos, e mandando-lhe vestidos finos para os pri
e grandes mimos, e todos muito contentes os tornou
dar, e com grandes defesas não houvesse nenhum ge
resgate, de que o ouvidor, como experimentado, é
inimigo, e com razão, que isto é o que damna e es
Brasil.

CAPITULO XV

A SEGUNDA JORNADA DO OUVIDOR-GERAL E COMO SE F
PRIMEIRO FORTE

Para se apaziguarem estas partes com os indios,
Deus por industria do ouvidor-geral Martim Leitão no
Leitão mesmo, parecera necessario não se perder tempo,
[illegible]
[illegible]
[illegible]

quarenta de pé, levando pedreiros e carpinteiros, e todo o recado necessario para fazer forte e o que mais cumprisse, e chegou lá aos 29, onde foi grandemente recebido dos indios e brancos que ahi estavam, e aos principaes que vieram uma legua recebêl-o; abraçou um e um com grande festa, e fazendo apear os de sua casa os fez ir a cavallo, e alguns pelo que tinham passado com os brancos tremiam, de maneira que era necessario il-os sustentando nas sellas, com este triumpho os levou pelo meio de suas aldêas, bem vestidos com o que lhes havia dado, com o que uns choravam e outros riam, cousa muito para vêr, e logo em essa noite se informou dos sitios, e particularmente em segredo tinha encommendado lhe buscassem, com todas as commodidades necessarias, para povoação a Manoel Fernandes, mestre das obras de el-rei, Duarte Gomes, João Queixada e outros, e o capitão, que todos estavam para isso d'elle prevenidos em segredo, mas encontrados nos pareceres dos sitios; ao outro dia o ouvidor-geral, ouvindo missa antes de sahir o sol, que caminhando e andando n'estas jornadas sempre lhe diremos foi logo a pé vêr alguns sitios, e á tarde, a cavallo, até o ribeiro de Jaguaripe para o cabo Branco e outras partes, com o que se recolheu com a noite, enfadado, encommendando isto na manhã que vinha á Nossa Senhora devotamente, foi Deus servido á sua intercessão, como padroeira d'aquella nova planta, concluisse que assentasse n'aquella parte, sobre o porto onde agora está a cidade, planicie de mais de meia legua, muito chã, de todas as partes cercada de agua, senhora do porto, que com um falcão se passa além: é ribeira de agua doce entre ella e o porto, que é singular e tão alcantilado, que da prôa de navios de sessenta toneis se salta em terra, d'onde sahe um poderoso torno de agua para provimento das embarcações, que a natureza alli pôz com maravilhosa arte, e muita pedra de cal, onde logo man-

dou fazer um forno d'ella e tirar pedra um pouco mais acima, mas perto, com que visto tudo muito bem, buscado o mato d'aquelle sitio, e tudo roçado e limpo, a 4 de Novembro se marcou o forte de cento e cincoenta palmos de vão em quadra, com duas guaritas que jogam oito peças grossas, uma a revez da outra, e alicerces de pedra e cal, para cujo principio se fez de ostra e pedra, com duas juntas de bois e com uma duzia de vaccas, que levou para inçar a terra, além de muitas porcas, cabras e todas as criações com que procurava affeiçoar os homens á terra, e certo que até as gallinhas que levava para si e doentes, dos quaes sua casa era a botica, repartiu por todos, e com os carros, e trabalharem máos e bons com seu exemplo, que um e um os chamava de madrugada e appellidava á obra, e repartia uns na cal, outros no mato com os carpinteiros, outros nas pedreiras e com os serradores, barro e taipa de pila(?), de quatro palmos de largo, para o que mandou logo fazer oito tarpaes para todos trabalharem, e era para vêr a porfia e inveja em que os mettia, cevando-os com sua affabilidade e com trabalhar mais que todos, com o que duravam na obra de sol a sol, sem descansar mais que a hora de comer, em que o trabalho e continuação veiu a ser tanto que todos desejavam adoecessem, como muitos fizeram para ter repouso; chegando, pois, a obra em duas semanas de serviço a estado defensivel, logo lhe mandou pôr artilharia, que n'este meio tempo, com espantoso trabalho e industria, por os buzios que para isso levou se havia tirado do mar, sem se perder peça, que foi cousa milagrosa: só as camaras faltaram, mas com seis que ajuntou em Pernambuco e levava já com esse pretexto, com dois falcões que foram por mar com os caravelões da matalotagem, se remediou o negocio; e depois por desastre se acharam lá mais duas camaras, e assim assentada a artilharia e feito o possivel, ordenou por se não

perder tempo, de que é muito inimigo, e o nosso gentio se não esfriar, como já começava, fosse João Tavares e Pero Lopes com toda a gente dar uma boa guerra ás fraldas de Capaoba, e assim ficando-lhe ahi sómente os seus moços e officiaes da obra, e Christovão Reis (Luiz?) e Gregorio Lopes de Abreu, foram todos os mais, onde andaram treze ou quatorze dias sómente, e se tornaram com destruirem sómente quatro ou cinco aldêas, cuja vinda tão apressada o ouvidor-geral sentiu muito, e logo determinou concluir o mais em breve que lhe fosse possivel, pelo que em seu peito tinha determinado (*s.*) a obra e torre que fazia para o capitão sobre a porta do forte, com duas varandas, cousa nobre, e uma grande casa para armazem, sobradada, para gasalhado do almoxarife.

CAPITULO XVI

COMO O OUVIDOR-GERAL FOI Á BAHIA DA TRAIÇÃO

Assim posto isto em boa ordem até 20 de Novembro, deixou ahi Christovão Luiz com os officiaes e gente necessaria, que foi mais da que convinha, que João Tavares que em os dias atraz foi levou mais de cem homens, e elle se partiu com oitenta e cinco, e cento e oitenta indios de nosso gentio, cousa assaz temeraria, o que todos lhe procuravam estorvar por todas as vias com roncas de estarem de certo náos de francezes na bahia da Traição, e com se fazerem muitos doentes, e alguns de tantos trabalhos e máos comeres o estavam de sizo, e com isto e com lhe amotinarem uns trinta e cinco soldados hespanhoes que havia, os quaes lhe chegaram a fazer requerimentos sobre isso, com o que se accendeu tanto o ouvidor-geral de colera por tambem lhe não guardarem o devido respeito, e se soltar um de alcunha Paes, mais do necessario, que já tambem havia ahi posto o

arcabuz nos peitos ao capitão João Tavares, por o que o ouvidor-geral o mandou tomar, e á porta do forte, em presença de todos, lhe mandou dar alguns açoutes até nós acudirmos, porque sabiamos quanto elle folgava de intercedermos, e prometto a V. Revma. que n'esse dia partimos, e foi gentil mezinha, porque não houve quem mais boquejasse; fomos do forte dormir ao Tebery e d'ahi ao campo das Ostras, aonde nos juntámos com o nosso gentio, mettendo-nos o ouvidor-geral em cabeça que era dobrado, e com seis alqueires de farinha de guerra, que todos não levavamos de comer para dois dias, ao que respondia com muita festa que o fossemos buscar entre os inimigos, pois nem em o forte o havia, e para terra de gente viva iamos; e assim fomos d'ahi assaz descontentes todos, e pelos cabellos, á agua que chamam do Camello, e depois do sol posto chegámos ao rio Mangape, que são grandes oito leguas, com o que nós e os negros da fardagem iamos mortos, e por respeito da maré ser cheia e havermos de ir dar de noite em umas aldêas, que estavam perto da outra parte do rio, esperámos, e convinha dar aquella pressa por os inimigos que haviamos achado atraz na campina lhes não darem primeiro aviso, e assim passámos sem ceia e moidos do trabalho do dia, com os cavallos pelas redeas e as mãos nas boccas por não suarmos; como a maré deu lugar depois de meia-noite passámos todos, e, por não nos perdermos, ou as aldêas, com a noite, nos deitámos ao som de um grande chuveiro que nos veiu para de todo ninguem ter repouso, e com a pressa de sómente cubrirmos as sellas e adargas esperámos a manhã, na qual logo marchámos com boa ordem e recado, e ás 10 horas demos em um grande golpe de gentio, que com o seu medonho e costumado urro atroou aquella ribeira, bastante a fazer pasmar outros exercitos, e não oitenta e tantos homens em que entravam dezoito de ruins cavallos, e esse pouco gentio, que

todos não fazíamos tresentos de peleja, e assim era para dar graças a Deus a confiança de Martim Leitão e a festa com que ao urro tornou, dizendo: Temos o que buscavamos, a elles! (o qual assim queria cobrir a cada um, como se todos foram filhos, e passada aquella primeira nuvem de flexas que Deus desviou de nós.) Todos nos cerrámos em esquadrão, bem cobertos os poucos arcabuzeiros que havia com os rodeleiros, por sermos todos tão poucos que tudo se podia bem ordenar, e assim remettendo o ouvidor-geral com os de cavallo, que andavam á roda por o sitio dar lugar a tudo, e passada aquella estropiada com alguns quinze arcabuzeiros que os seguiram, dando nos inimigos, se espalharam elles pelo mato, e só obra de sessenta foram fazendo animosamente rosto diante de uma poderosa cerca que estava á vista, que era tal,que certo nos assombrou a todos, e a se não vêr no meio da briga, em tempo que ia a fumaça da continua arcabuzaria, e grita e flexas não davam lugar a cuidar, fizéra em todos o maior abalo, e começando o ouvidor-geral a repartir a gente em duas partes a tiro de arcabuz para logo commettermos, vimos alguns da vanguarda entrar pelas portas, ao que acudimos todos, vendo-as abertas e os inimigos varados pela outra parte, aonde umas grandes ribanceiras e brejos lhe seguravam as costas, com o que se salvaram, seguindo-os sómente alguns do nosso gentio e corredores brancos, que todavia sempre foram matando, afóra os que atraz no recontro ficaram mortos, que não forão poucos, nem é possivel fazer aqui lembrança do que cada um fez, porque todos o fizeram honradamente, ainda que n'estes sobresaltos não faltam bons entremezes, e ás vezes dos roncadores, com que ficam mais graciosos. Aqui repousamos aquelle dia, que todo se gastou em festas e contentamento de nos vêrmos tão poucos e tão valentes, com o que cada um se prometteu bastar para todos os *Pitiguares*, e

certo que aqui experimentámos como um bom capitão de ovelhas faz leões, e assim curámos os feridos no nosso gentio, de que para melhor nem um morreu, posto que muitos seguiram o alcance do inimigo até alta noite, que tornaram e nos acharam ás portas da cerca, que era muito grande, repartidos, vigiando, por haver náos inimigas na bahia da Traição, que estava perto, e pelo rio Manguape em duas horas podia vir aos inimigos soccorro de francezes, e vendo-nos tão poucos refazerem-se, mas, recolhidos já todos, repousámos, que se ha de entender sempre com boa vigia, que n'isso foi o ouvidor-geral sempre mais prompto, correndo de noite muitas vezes todas as estancias, tão severo que nada lhe escapava, e por isto dizia elle muitas vezes que antes queria poucos, que em toda a hora os via, que a muitos, e mais n'estas partes onde a soldadesca não é disciplinada, nem tem as partes necessarias.

CAPITULO XVII

DE COMO CHEGÁMOS Á BAHIA DA TRAIÇÃO E PASSO DE NOITE MILAGROSO

Todo o outro dia gastámos em vêr esta cerca, que era uma fortaleza muito forte, que cuido nunca se fez outra tal no Brasil, e bem mostrava ser obra de francezes, porque tinha tres muito grandes guaritas de quarenta palmos de alto, de cima dos quaes de cada uma podiam pelejar quarenta homens, e assim a passeiavamos o padre Francisco Fernandes e eu muito á vontade: fóra tinha sete cercas de rêde umas sobre outras, em mil voltas e caracol, que era um labyrintho que se perdiam homens n'ella, e armadas muitas aboizes de grandes arvores, que, tocando-lhe um passaro, desarmavam e arrastariam vinte homens; tinha algumas

seis ou sete tranqueiras para berços, mas Deus lhe tirou o animo e nos ajudava, que então tudo eram devoções e christandade; houve aqui differentes pareceres por ninguem querer chegar abaixo á bahia da Traição, dizendo estarem lá duas náos, e que com francezes e gentio, que já estaria muito mais junto, se não devia commetter, que era tentar a Deus, que dessemos volta com o feito, e bastava tomarmos-lhes nas barbas a mais poderosa cerca que se nunca viu, e n'isso estavam todos; mas o ouvidor-geral, vendo que se não armava á outra cousa, não quiz concluir, e logo pela manhã, com dissimulação e achaque de correr o campo, mandou a Duarte Gomes com cinco homens de cavallo e outros tantos arcabuzeiros para os tomar em as ancas, cumprindo, e alguns quarenta indios, aos quaes em segredo deu ordem lhe fossem descobrir a bahia da Traição, que por terra era d'alli quatro leguas, e succedendo qualquer cousa se recolhessem em posto seguro e avisassem correndo, que logo lá era; e assim foram, e no caminho tomaram dois indios, e por se temerem de um que lhes fugiu e lhes poderem tambem sahir de uma náo, que com sua lancha viam sómente, se recolheram debaixo de uma grande arvore, e Duarte Gomes, á redea sôlta, tornou a avisar, e chegaria a nós com duas horas de sol, e como o ouvidor-geral parece o esperava em breve nos fez a todos partir, dizendo que lhe acudissemos ou fossemos morrer com elles, e mais, pois lá não havia mais que uma só náo, como se d'ella por ruim não pudéra sahir tanta e melhor gente da que levavamos e com tanta multidão de gentio. Basta não houve senão encommendar a Deus e pôr ao caminho, como cada um pôde, e tendo andado até meia-noite com assaz blasphemias contra elle, de que todos á uma arrenegavam, porque qual chorava os filhos, qual a mulher, e elle que ouvia; mas, como fazia escuro, mudava-se de uma parte para a outra pelo não vêrem, e outras vezes fallava

alto com outros para lhes fazer vergonha, e assim bem moidos de ruim caminho, que elle e todos fomos a maior parte a pé, chegámos aos companheiros, aonde tudo se gastou em nos fazer calar e saber da maré, porque haviamos de passar o rio Manguape, da outra parte do qual, ou os que a isso foram por vezes, o medo cegava para não vêrem, ou todos estavamos arejados e cortados do pouco somno e comida, que n'este tempo já era farinha de guerra sómente e pouca, e do muito trabalho ninguem atinou com as horas da maré, estando um tiro de pedra d'ella, a fomos demandar na bocca do Manguape na maior força, e assim ainda que alguns dos primeiros não nadaram todos os mais foram nadando, aonde foi cousa milagrosa não morrer nem homem, nem mulher, porque proveu Martim Leitão que n'aquelle passo, que seria um bom jogo de barreira(?) de largo, andassem seis ou sete homens de cavallo, dos quaes elle foi o primeiro, de uma parte á outra, levando de cada vez tres e quatro pegados ao cavallo e á lança, e muitos nadadores, nos quaes se pegavam os que não sabiam, que foi espantoso trabalho por ser grande o escuro, com um chuveiro, até pela misericordia de Deus se pôrem todos da outra banda, sem se perder cousa alguma, salvo a bandeira de Gregorio Lopes de Abreu, capitão da vanguarda, que se aqui, por não saber nadar houvéra de afogar, e não foi o peior d'esta jornada, antes João Tavares e elle Antonio de Barros Rego, e Francisco Pereira, eram todo, e pelos quaes o ouvidor-geral sempre puxava e pelo seu meirinho Heitor Fernandes, Francisco Madeira, Miguel Ribeiro, João Nunes, Duarte Gomes, Simão de Andrade, João Pamplona, o licenciado André Magro de Oliveira, Antonio Lopes de Olivença, Gomes Martins e os de sua casa: estes poucos eram os de cavallo, que a tudo sempre suppriram, e assim demos muitas graças a Deus em nos livrar de tal passo sem nenhuma perda, do que o ouvidor-geral an-

dava doudo de prazer. Depois lhe ouvi dizer que nunca cuidára que era para alguma cousa senão então, porque na briga o som do arcabuz aviva o espirito, mas aqui era pelejar com elementos que é guerra mui differente da dos homens.

CAPITULO XVIII

COMO DERAM NOS INIMIGOS

Passados assim da banda d'além, que seria duas horas ante-manhã, por não sabermos ao certo quanto era d'alli, aonde diziam estar a povoação do gentio na praia, defronte das náos, que era fama terem forte em terra com alguma artilharia, que era o que mais receiavamos e fazia dar pressa ao ouvidor-geral para com a escuridão da noite não vêrmos os perigos que se apregoavam, que n'um tropel de gente de cavallo, com alguns arcabuzeiros de uma parte, e o nosso gentio e os de pé da outra, determinavam em rompendo a manhã acommetter isto; feito algum fogo em que brevemente se enxugaram os arcabuzes, nos fez logo tomar a praia, que como até então de nós não fosse sabida, e sobre tantos trabalhos nos pareceu tão comprida, como trabalhosa, e a não nos dar tanto açodamento e pressa com que aquecessemos, e nos esquecessemos do trabalho, fôra elle muito maior; mas indo o ouvidor-geral com Duarte Gomes e Antonio Lopes de Olivença descobrindo diante, com tres negros da terra, a fomos andando até em amanhecendo, apartados os de cavallo, como disse, para dar da parte do norte, e os mais do sul, remettemos ao forte que ahi tinham os inimigos, todos com grande grito, onde matariam até vinte indios e se tomou vivo um grande principal; outros muitos se deitaram ao mar por terem a terra tomada, e se acolhe-

ram á náo dos francezes, que todos estavam recolhidos com sua artilharia do dia de antes pelo aviso que lhes deu o indio que fugiu a Duarte Gomes, e alli estavam todos muito sobre aviso e tinham despejado tudo, e só aquelles poucos de confiados esperavam, e porque a náo com a claridade da manhã nos começou a varejar a praia com artilharia, varámos todos á aldêa e povoação que estava logo acima, a qual achámos toda despejada, mas com muitas farinhas feitas e favos, que foi grande recreação, com os cajús, fruta do mato, que já começavam; e assim, á instancia dos nossos indios para lhe destruirmos todos os mantimentos e assolarmos aquella estalagem aos francezes, depois de não terem o Parahyba, assentámos estar alli tres dias, e logo, á tarde, fomos todos fazer mandioca, que é arrancar os mantimentos, que só os brancos fazem, porque os gentios estes dias tudo é dormir: essa noite mandou o ouvidor-geral lançar ao mar tres ferrarias que alli havia de francezes, que foi cousa de importancia tiral-as aos inimigos, que com ellas os cevavam os francezes, reparando-lhes estes tres ferreiros, que alli já eram moradores, suas ferramentas, e esta foi a mór guerra que se lhes podia fazer acharem-se aqui mais de sessenta caldeiras grandes e pequenas, e facto, e muita ferramenta, de que se o nosso gentio carregou.

Ao outro dia mandou o ouvidor-geral vinte e quatro arcabuzeiros, na baixa-mar, de madrugada, de cima do recife que ficava sobre a náo, mettidos na agua, dar uma tal sorriada, com tres ou quatro carregas *(sic)*, ainda que sem lhes fazer damno, mas temendo, parece, que o viriam a receber ou que viessem algumas embarcações do Parahyba, levaram ancora e se foram por ahi abaixo, caminho das Antilhas, esbombardeando-nos primeiro com a sua artilharia; na praia se acharam algumas molhadas de ruim páo-brasil, tão delgados como varas, com as raizes, que se queimaram. E as-

sim não podiam dar melhores novas em França que as dos annos passados; com isto ficamos muito contentes todos por da terra fazermos alevantar uma tão poderosa náo, que promettia deitar de si quasi cem homens.

CAPITULO XIX

PARTIDA DA BAHIA DA TRAIÇÃO PARA O TEJUCUPAPO

O terceiro dia, carregados os indios do esbulho e alguns mantimentos, partimos, indo sempre ao longo da costa, e assim fomos outros tres, com o lingua dos indios captivos, em busca do Tejucupapo, o mór principal dos *Pitiguares*, por ser muito grande feiticeiro, e indo, ao quarto, bem descuidados, antes do meio-dia, parecendo-nos já não achariamos inimigos, gritaram da vanguarda: *Pitiguares! Pitiguares!* E não se espantem fallarmos d'esta maneira, sendo tão poucos, porque como as guerras d'estas partes são nos matos, sempre imos enfiados por o ruim caminho, uns traz outros. E assim, ainda que poucos, como não podem ir em fileiras, nem ordem de guerra, occupam muita terra ao comprido, por esta causa, á grita e novas, se concertou cada um em seu lugar e marchámos depressa; mas, por n'este tempo vir um soldado hespanhol dizer a Martim Leitão acudisse que recuava a vanguarda e havia feridos, em calça e jubão, como ia, tomou um arremeção a João Nunes e uma rodela a um indio, e encommendando a gente a Gregorio Lopes de Abreu e André de Barros Rego, pôz as pernas ao cavallo, atravessando o mato, que era baixo, e chegou aos dianteiros a tempo que sobejavam as flexas de tres partes, de que em cilada rebentaram do mato tres esquadrões de gente inimiga, e se tornaram a recolher em ondas e remettidas, que este é o seu pelejar, e o nosso gentio, vendo tantos inimigos, quasi

que ficou assombrado, e á pressa, em um corpo, se estavam cercando de rama para nos todos recolhermos em qualquer fortuna; mas chegando ahi o ouvidor-geral os começou a affrontar de palavra, dizendo lhes se determinavam fugir ou fazer ahi casas para viver, e depois morrer como velhos, e que as nossas casas haviam de ser as dos inimigos, e assim, gritando—a elles!—e deitando-se com furia fóra do cavallo, ainda que logo alguns pegaram d'elle se não mettesse assim desarmado na força do perigo; mas, gritando rijo—a elles! a elles!—passou ávante, mandando Joao Tavares por outra parte, e com isto levaram os inimigos diante de si, deitando-os fóra de mil labyrinthos que alli tinham feito e ordenado, e por extremo fortificados, ficando todavia as suas estancias semeadas de mil corpos mortos, e muito dobrados foram se não houvéra a detença dos nossos no abrir dos caminhos para todos passarem, posto que sempre corriam, e assim tiveram os inimigos alguma guarida em o muito ruim e grande alagadiço, que sempre elles costumam tomar por reparo, aonde houve muitas graças de muitos atolarem mais do necessario, não querendo seguir ao ouvidor-geral seu capitão, que, ainda que o cavallo cahiu com elle, o levou pela redea, e, sahindo fóra muito gentil-homem do muito lôdo, se deitou em cima d'elle mui desenvolto, e seguiu os inimigos por um caminho com outros dois de cavallo e alguns gentios que sempre foram derribando n'elles, e o mesmo aconteceu por onde foi o capitão João Tavares, e como digo foram infinitos os mortos se o nosso gentio ousára seguil-os mais; mas vendo tantos e a si tão poucos, o fizeram pesadamente e só á sombra dos brancos. Aqui me feriu um hespanhol por desastre em um pé, e com isto nos recolhemos depois das 3 da tarde á grande aldêa, que estava perto do alagadiço, aonde descansámos o que ficava do dia, dando muitas graças a Deus, porque foi esta uma grande victoria,

que se affirmou haver alli mais de vinte mil *Pitiguares* feitos e muito apercebidos de dias do seu feiticeiro, que por desastre se nos acolheu em um cavallo que lá nos houve e a muitos annos(?).

Curados os feridos, que houve alguns e nenhum morto por a victoria ficar com dobrado gosto, nos desviámos quasi sol posto com o que achámos na aldêa, que tudo foi uma barbara pobreza por nós não levarmos nada, que como hospedes do ouvidor-geral que em todas as jornadas nos levou sempre na sua tenda, tirando a primeira que foi de mór apparato. Sou boa testemunha de tudo e para melhor o fui com meu sangue proprio, que por a ferida ser nas veias do peito do pé deu trabalho.

Não faltou para de todo esta empreza do Parahyba ser trabalhosa e honrosa o sangue da companhia. Alli estivemos ao outro dia, e por serem doze leguas aquem do Rio-Grande, aonde tivemos novas ser já todo o gentio passado da outra banda, que, como senhores de mais de quatrocentas leguas d'esta costa, não era possivel esgotal-os, que este mal tem este gentio ser o mais e o mais unido que quantos houve no Brasil, e assim d'aqui nos tornámos aos fortes, aonde fomos recebidos com muitas festas, e tornou o ouvidor-geral a continuar nas obras em que Christovão Luiz, fidalgo, allemão de nação, com os officiaes sempre havia trabalhado, e se ordenou o possivel e de todo acabou o forte, torres e casas de armazem, com seus sobrados guarnecidos e cobertos, e feitos tambem alguns reparos, a maior parte da artilharia, e ficando-se acabando os outros, tomou a menagem o ouvidor-geral ao capitão João Tavares e o deixou com trinta e cinco homens de peleja, providos para quatro mezes, e com isto feito nos tornámos a Pernambuco a 20 de Janeiro de 86, que foi assaz breve tempo para tantas cousas

e obras; mas tudo nos homens honrados o desejo da honra faz possivel.

CAPITULO XX

A VINDA DO CAPITÃO MORALES DO REINO, E COMO SE AVIOU O OUVIDOR-GERAL PARA IR POR MAR

No fim de Fevereiro seguinte vieram cartas ao ouvidor-geral Martim Leitão de el-rei se haver por bem servido no que fazia na povoação do Parahyba, e ordenou para se pagarem os gastos que ainda até Abril que veiu pesaram sobre elle, os quaes trouxe um capitão hespanhol coxo, com cincoenta soldados tambem hespanhoes, e para recolher a si os que cá ficaram de Francisco de Castrejon, que foi grande bem, ainda que se d'isso não seguiu effeito por elle ser cousa pouca, e assim aviado em Pernambuco partiu a 2 do mez de Abril seguinte para o Parahyba, e haver de estar á obediencia de João Tavares, capitão do forte, conforme a sua patente, e todos á do ouvidor-geral; mas o coxo tanto que lá chegou deitou João Tavares fóra do forte e aos portuguezes, e os tratou de maneira que se alvoroçou tudo e amotinou o gentio das aldêas, que todos os dias se ia queixar a Pernambuco, e sobre avisarem a este capitão castelhano, que se chamava Francisco de Morales, que parecia mal o tomar o forte a quem tinha dado menagem d'elle, e que lh'o tornasse, se desentoou em palavras contra o ouvidor-geral, esquecido de sua obrigação, e de quantos gasalhados e mimos, em obra de um mez, e honras, lhe havia feito em Pernambuco, e assim se enfrestou(?) logo com elle e com o Camara, e com todos os portuguezes, que houve muitos requerimentos o tirasse de lá, e o mandasse a el-rei por muitos e ruins excessos, que sempre n'elle foram crescendo com os ruins conselhos que lhe mandavam de Per-

nambuco inimigos do ouvidor-geral e das boas venturas do Parahyba, a que todos os potentados do Brasil não tinham paciencia, e assim de inveja blasphemavam do ouvidor-geral, e procuravam atalhar e infamal-o assim cá, como no reino, e foi pasmo como estas invejas de cada vez mais cresceram, e de outra parte me não espanto, pois o Parahyba crescia de bem em melhor. Tudo o ouvidor-geral foi dissimulando e pairando até o fim de Setembro do dito anno, porque aos 27 dias d'elle lhe veiu novas do Parahyba e cartas que avisavam serem chegadas á bahia da Traição cinco náos francezas, com muita gente e munições, determinadas a se ajuntarem com os *Pitiguares* para combaterem e assolarem o forte do Parahyba, com as quaes cartas vinha um grande requerimento do capitão Morales e moradores, assim a elle ouvidcr-geral, como ao capitão de Pernambuco e Camara, os fossem soccorrer. Recebido este requerimento fez logo Martim Leitão ajuntar no collegio ao capitão de Pernambuco, Camara e officiaes da fazenda, e os mais nobres e ricos da terra, onde por todos foi assentado (antes de crescer mais aquella ladroeira e sahir d'alli algum grande corpo de francezes, que juntos com os *Pitiguares* nos deitassem do Parahyba) convir muito acudir-lhe, e que ninguem o podia fazer senão o ouvidor-geral Martim Leitão, como d'antes tinha feito, e assim todos juntos lh'o pediram e requereram em nome de el-rei, e elle aceitou, ordenando mais que fossem tres náos e os caravelões que houvesse, e cento e cincoenta homens de peleja, afora os de mar e alguma gente de cavallo por terra, que se juntaria com alguns centos de pé que haveria no Parahyba, para que lhes dessem por terra e por mar uma boa guerra, e que as náos pelo que importava ao serviço de el-rei e trato do Brasil, se aprestasse á custa de sua fazenda, e assim por n'este tempo não haver mais que duas ruins náos, se começou dar ordem para se

fazerem reparos para a artilharia por na capitania não haver cousa com cousa, e fizeram-se os reparos e concertou-se a artilharia toda, e começaram com as náos a levantar caravelões, e por Francisco de Morales se querer vir n'este tempo do Parahyba, como veiu, lhe escreveu Martim Leitão, pedindo-lhe tal não fizesse, e que chegando lá o accommodaria e serviria em tudo, como sempre fizéra, e quando de todo em todo se quizesse vir n'este tempo do Parahyba não trouxesse os soldados de el-rei; mas nada bastou para deixar de se vir e trazer os soldados, e persuadidos de alguns de Pernambuco, invejosos e inimigos do ouvidor-geral, largou o forte, e se perdeu e estragou em a villa do Mari até se vir para o reino, e porque a 20 de Outubro se soube haverem chegado mais á bahia da Traição outras duas náos, que eram sete, pelo que se requeria melhor recado pelo credito e honra do serviço de el-rei, porque se ia já n'aquelle negocio arriscando todas estas capitanias, assim na artilharia, como na frol da gente que aviava para ir com o ouvidor-geral, que essa boa ventura teve sempre, mais que quantos capitães houve no Brasil, sem pena, nem força lhe não faltar nunca no que quiz a gente necessaria, pelo que se tomou mais uma náo que chegou do reino, e postas a monte e providas de carretas, e fortalecidas para poderem soffrer a artilharia até entrada de Dezembro, se puzeram a pique tres náos marchantes, dois bons caravelões ou *zabras*, de que eram capitães Pero de Albuquerque Lopo Soares, Thomé Rocha, Pero Lopes, capitão da ilha de Itamaracá, Alvaro Velho Barreto, ainda que depois faltou; ordenado isto foi o ouvidor-geral até o engenho de Filippe Cavalcanti, que é sete leguas da villa de Olinda, com vinte e cinco homens de cavallo bons, que com os que havia no Parahyba faziam trinta e trinta de pé, e despedindo-os d'alli se tornou para a villa embarcar, promettendo-lhes primeiro ser com elles na se-

mana que vinha, e assim se foi logo ao Recife; aonde se começou de juntar a gente que se tinha offerecido, e que de longe sempre para estas cousas ia fazendo, e no Recife estiveram embarcados treze dias com tormenta de nordeste espantoso, cousa nunca vista, porque dentro no rio se desamorou uma náo e deu á costa, e temendo o ouvidor-geral a tardança quiz mandar uma caravela de el-rei com aviso ao Parahyba, e eram taes os nordestes que o levaram sem nenhum remedio além do cabo da ilha de Santo Aleixo; com este trabalho, estando todos pasmados e o ouvidor-geral attribulado de não poder assim com toda a gente fazer viagem, chegou Amaro de Rezende com muitas cartas e grandes requerimentos, e protestos de largarem todos tudo se o ouvidor-geral não era lá até dia de S. Thomé, por estarem todos muito assombrados da muita gente franceza e *Pitiguares*, que quatro dias haviam dado em uma aldêa das nossas fronteiras, cujo principal era o Assento do Passaro, o melhor indio dos nossos, aonde mataram mais de oitenta almas e dois castelhanos, com o que se lá davam todos por perdidos, e por se não acabar de perder tudo ou ao menos não succeder algum grande desastre, foi assentado por todos que, já que o tempo não dava lugar e se não perder mais tempo, que o ouvidor-geral acudisse logo com aquella gente por terra, e assim lh'o requereram, do que forçado veiu ao outro dia dormir á villa, e de enfadado e receioso da volta da fortuna se partiu da villa quasi só, de madrugada, e no rio Tapirema, que são nove leguas d'ella, se achou ao segundo dia com alguns trinta e dois homens, com os quaes seguiu ávante, e por ir assim e os homens estarem desapropositados para o acompanharem por terra, o seguiram sómente estes, e com elles chegou á nossa povoação do Parahyba, a que os moradores chamam cidade de Nossa Senhora das Neves, aos 23 de Dezembro, vespera da vespera de Na-

tal, aonde se começou logo a pôr em ordem e aviar para haver de partir o dia seguinte, como partiram, caminho do Copaoba, aonde teve por novas que estava todo o gentio com alguns francezes, fazendo-lhe o páo-brasil para a carga das náos, para lh'a estorvar, porque esta era a maior guerra que lhe podia fazer, assim a uns, como aos outros, d'onde (ainda que não fui testemunha de vista, como em tudo até aqui, pelas relações dos padres Balthazar Lopes e Manoel Corrêa, a que por ordem do padre reitor coube esta jornada, direi tambem o que passou.

CAPITULO XXI

COMO O OUVIDOR-GERAL PARTIU DO PARAHYBA PARA O COPAOBA

Da cidade, onde o ouvidor-geral Martim Leitão deixou Pero de Albuquerque por capitão, em quatro grandes jornadas se foi dormir á grande cerca de Pinacama, que é um grande e principal *Pitiguar*, aonde Duarte Gomes havia ido por mandado do ouvidor-geral o Outubro atraz, e depois de lhe succeder muito bem, ao recolher, lhe mataram oito ou dez homens, que foi a maior perda que esta empreza do Parahyba teve depois de correr por Martim Leitão, e que elle em extremo sentiu, porque além das guerras que todos estes annos lhe dava por sua pessoa, sempre lhe mandava dar cada anno quatro e cinco saltos, assim pelo capitão João Tavares, como por Duarte Gomes e outras pessoas com que os mais desatinava, e lhes fizeram largar mais de quarenta leguas á roda do Parahyba. N'esta jornada foi infinito o trabalho, principalmente da agua, que não havia senão de muito ruins poços, branca e pouca, e tão fedorenta, que era necessario com uma mão tapar o nariz e com outra a beber. D'esta

cerca fizeram uma jornada direitos á serra do Copaoba, pelo que ainda de todo faltou agua, que no Brasil só ao longo do mar ha, e pelo sertão ha muita falta, e este é o maior trabalho que n'elle se padece e o das calmas, porque quasi todo o sertão é escampado, e assim são dos maiores do mundo e quasi a peior terra d'elle, e assim andaram todo aquelle dia desatinados por agua, e em se pondo o sol chegaram a uma bem ruim e pequena lagôa, aonde o nosso gentio já todo estava mettido, que esse é o seu costume lavarem-se (e assim não parecia mais que alguma lama que se chupava). Alli se dormiu, e por haver intelligencia dos nossos espias, haver perto aldêas de inimigos, se madrugou para dar n'elles ante manhã e com assaz trabalho, porque se enganaram as espias: não chegaram á primeira senão em amanhecendo, e por o nosso gentio dar o seu urro primeiro que entrasse fugiram alguns,ainda que se fez incredivel matança,e se tomaram setenta ou oitenta peças contra vontade do ouvidor, que não queria senão que os matassem, e mandou seguir o alcance por uma parte e outra, e foi tal que durou mais de uma legua até outra grande cerca, na qual foram repousar, na qual tudo foram corpos mortos dos inimigos e dos nossos nenhum, salvo quatro ou cinco feridos; n'esta grande cerca quiz o nosso gentio descansar, e assim era necessario para o grande trabalho do caminho que tinham passado por acharem rio de agua, que então era o maior bem do mundo, e é costume dos gentios sobre grandes matanças, como estas, fazer vinhos, que chamam fazer suas festas, e assim o quiz o nosso aqui fazer e repousar aquelles dois dias, ainda que logo sobre a agua começou de haver briga por começarem de acudir inimigos a nol-a defender, ajudados dos sitios, porque esta Copaoba, aonde já estavamos, é toda feita em alti-baixos, porque é outeiros até ás nuvens, que a pé só se sóbe por elles com trabalho, e abysmos baixissimos, cousa não

vista em outra parte do Brasil, e estas tres ou quatro leguas d'estes outeiros, contra o estylo das outras, é singular terra, e os inimigos por cima d'elles corriam como gamos e se ajudavam muito, e é muito boa terra, que todos os valles d'estas tres leguas, que ao mais será em redondo, são muito boas, contra a regra geral da terra, salão forte, que dará muito bem tudo. Havia por conta n'esta Copaoba cincoenta aldêas de *Pitiguares*, todas umas pegadas nas outras e á vista (o seu celleiro era de infinidade de mantimentos e algodões). Ao outro dia, pela manhã, começou a recrescer a briga sobre a agua, ainda que os nossos tinham ordem não fossem senão juntos, e a uma hora certa, buscal-a e a dar de beber aos cavallos, ao que sempre iam dez, doze arcabuzeiros de guarda; todavia cresceram muito os inimigos e tinham já feito uma caiçára sobre ella: d'aquella noite á volta sahiu o ouvidor-geral fóra da sua tenda a vêr o que era por o negocio succeder ao seu lanço, porque se agasalhou fóra do lugar, debaixo de uma arvore, e vendo-o lá foram muitos, e dando ordem fosse Duarte Gomes com mais gente e desmanchassem o que haviam feito aquella noite os inimigos, antes que mais crescesse, com que os deitaram d'alli por nos começarem a flexar já a gente, assentou com o Braço que á tarde lhe lançasse uma cilada por cima, tornando-se primeiro a travar a briga em que bem cevados lhe dessem nas costas, e sahindo a isso o Braço, á tarde, se alvoroçou o arraial, dizendo estava muito corpo de inimigos sobre a agua, sahindo fóra o ouvidor-geral, mandando não sahisse mais gente que aquella que elle nomeasse, porque se começavam desordenar por da outra parte do rio, na ladeira, andarem dez ou doze nossos muito apertados, que não ousavam de virar as costas, e carregavam sobre elles, e ainda que os iam levando dos nossos os mais d'elles vinham d'ella (de lá?) flexados e feridos de espingardas, que tambem os inimigos

tiravam muito boas. Estando o ouvidor-geral vendo isto e esperando como rebentava a cilada do Braço de Peixe, chegou recado seu que déra em outra dos inimigos, que lhe acudissem, e isto a tempo que tinha já o ouvidor-geral mandado que fossem sete ou oito de cavallo, que ainda em aquellas fraldas se podiam ajudar a deital-os e a recolher os nossos, e os que assim mandou foram João Queixada, Antonio de Albuquerque, Diogo de Abreu, e outrem com Francisco Pereira, que só com Simão Tavares passaram além e deitaram fóra os inimigos, e recolheram os nossos com um já morto e outro quasi, e muitos feridos, principalmente das espingardas, e Francisco Pereira muito peior, que o fez aqui, como tão bom cavalleiro como elle é, e João Tavares foi recolher o Braço de Peixe bem n'este tempo a não haver grande recado, na cabeça certo succedêra algum grande desbarato esta tarde, segundo se a gente alvoroçou para fugir, com se darem já por salteados de medo e assombrados de se vêrem cento e quarenta homens com quinhentos flexeiros do nosso gentio, tão longe, aonde nunca sonhou de ir branco, em terras que ninguem sabia, e este foi o melhor remedio e causa de não fugirem, que por respeito do máo successo que nos mezes atraz havia succedido a Duarte Gomes, andava a gente, e muito mais o gentio, mui desmaiados, e mais com se vêrem em tal terra, em tanta multidão de inimigos, e assim começou de entrar um medo espantoso em todos, que não havia valer, e á noite foi avisado o ouvidor-geral em segredo por João Tavares estavam vinte e cinco ou trinta homens ajuramentados, tudo gente mui honrada para fugirem, os quaes aqui por suas honras não nomeio. A isto acudiu o ouvidor-geral com os ajuntar e lhes fazer a todos uma falla de mil esforços, e como para o outro dia tinham das casas (casas?) do gentio ordenados muitos pavezes, de traz dos quaes iam muito seguros, e escolheu

os melhores arcabuzeiros para que se não perdesse tiro e repartiu a gente melhor principalmente os d'esta conjuração espalhou todos, dando cargos aos cabeças, tomando outros para sua guarda, com que lhes desfez a roda, e se assentou se désse pela manhã nos inimigos com boa ordem, que a este tempo nos tinham com tres caiçáras á vista cercados, eram tantos que havia homem que contava por aquellas ladeiras quatro e cinco mil fogos, com o que e vêrem mortos e feridos, que nas guerras do Brasil se não soffre, não havia paciencia, nem quem ousasse fallar, prégou de noite o nosso padre Balthazar Lopes pela lingua ao gentio e mamelucos, dos quaes nasce o mal, e todos vigiaram melhor que nunca, de que se não podem escrever as particularidades que viremos a damnar alguns; basta que toda a noite andou o ouvidor-geral de posto em posto nas vigias a os fazer calar, que era vergonha o que lhes o medo fazia dizer e fazer.

Das caixas que se acharam se fizeram dez pavezes, atados com cairo, cipó, e como melhor poderam, com o que, vendo-se pela manhã bem ordenados, se animou a gente, e foram buscar aos inimigos, deixando queimado tudo, como sempre fizemos a todas as cercas e aldêas que tomámos, as quaes estavam á vista em tres tranqueiras que elles armaram nos peiores passos, umas diante das outras, que muito poucos bastavam em taes passos se Deus nos não ajudára. Mas, posto em ordem o nosso exercito, começou a marchar para os inimigos, e por na primeira caiçára do rio haver detença, pela resistencia que elles faziam, se passou lá o ouvidor-geral, e dando-lhes muita pressa, como quem entendia que n'isso estava a importancia e não em cuidarem, e com sua chegada se levou sem nos ferirem pessoa, e com a mesma furia arremetteram á segunda, que era entulhada de terra em um valle muito mais forte, e assim foi necessario chegar o ouvidor e pôr a gente nomeada nos postos, e lançando

uma boa manga por um outeiro acima, com que os assombrou muito mais, e sentindo grande volta no baixo, vendo os inimigos tres mangas da nossa gente se assombraram de todo, que nem na terceira cerca pararam, ainda que não subiamos a ella senão de pés e mãos, e a se não terem lançado as mangas sempre custára mais, que foi gentil ordem do ouvidor-geral e grande aviso, que n'este tempo trabalhou infinito até cansar tres cavallos, porque queria vêr e estar presente em toda a parte, e assim nos ajudou Deus, e os deitámos, seguindo-os mais de meia legua, indo-os sempre picando com alguns mortos até chegarem a uma aldêa, onde fizeram grande resistencia, fazendo algumas voltas, tudo por salvarem as mulheres e filhos que alli tinham, com que o negocio esteve em peso, porque tres ou quatro vezes os levaram e nos tornaram a levar em ondas, até que chegou o corpo da nossa gente com o ouvidor-geral e carregando rijo os levaram de todo, e a não vir a tal tempo sempre a nossa vanguarda passára mal. D'aqui lhe fomos aquelle dia destruindo tres ou quatro aldêas até nos irmos aposentar em um alto; mas tudo era já despejado, e d'alli viamos trinta e tantas á roda em menos de uma legua, que todas começaram de arder (aqui repousámos aquelle dia e o outro fornecendo-nos de mantimentos).

CAPITULO XXII

COMO DESTRUIDA A COPAOBA FORAM AO TEJUCUPAPO, AONDE TIVERAM A MAIOR BRIGA DE TODAS.

D'aqui se partiu em busca do Tejucupapo, que o anno atráz nos fugira, e caminhando dois dias assim, virando abaixo ao mar, ao terceiro pela manhã parecendo lhe não haveria inimigos, deu a vanguarda em uma mui poderosa cerca,

d'onde por aquelles valles começou a retumbar o tom da arcabuzadas, que pela fineza da polvora, melhor que a nossa, e o amiúdar dos tiros entenderam ser corpo de gente com soccorro de francezes, que todos receiavam e traziam diante dos olhos, e assim era que eram vindos das náos, a isto não havia acudir por o caminho de nenhuma maneira dar lugar senão irem uns traz outros como se acostuma, e por mais pressa que se deram por na dianteira sentirem grande volta não havia remedio, e tambem por apparecerem por outras partes à roda inimigos temeram outra tal á retaguarda, que trazia Misse Hyppolito e Pero Lopes, e assim lhes mandou o ouvidor-geral que tocassem os seus tambores e trombetas, com que se tudo alvoraçou. Indo n'isto, vieram dar recado ao ouvidor-geral acudisse á vanguarda que estava desbaratada e para dar volta e que na cerca havia francezes com bandeira e tambor com muitos *Pitiguares*, e não tenho duvida que muitos se souberam a terra, com tal nova viraram as costas; mas estavam já por ella tão a dentro, que não era possivel, e muito peior o nosso gentio que estava todo tão cortadissimo, que se apinhavam comnosco e todo houvéra de fugir, e chegando o ouvidor-geral á cerca achou a bandeira do capitão João Tavares que o fez aqui tão animosamente como sempre (certo que foi espantoso, e sosteve todo o peso porque á sua ilharga tinham mortos tres homens e todos os mais foram tintos do seu sangue e alguns com piedosas feridas de pelouros de cadêa? que os tinham escalados, e com tudo sempre sustentou a sua bandeira pegado na cerca em uma fronteira na qual elle e o sargento Diogo Arêas, espantoso soldado, que n'esta jornada houve quatorze flechadas, cada um tinha ganhado sua seteira ou bombardeira aos inimigos, tendo as espadas por ellas mettidas, apezar de lhes darem com muitos páos e pedras e fogo, e outras muitas cousas que lhes lançavam por cima, que sempre os mataram

e ao alferes, se Deus alli lhe não deparára tres ou quatro troncos de arvores, em cada um dos quaes se amparavam um e dois, os quaes ás arcabuzadas não deixavam aos inimigos subir acima e cobriam o tronco aos sobreditos, que todos os mais já não estavam para nada e tudo quasi desbaratado) e ainda estes pouco que amparados dos troncos e arvores ou cosidos com o chão se defendiam, amparando os rodeleiros ás vezes um e dois arcabuzeiros, que era pratica antiga do ouvidor-geral, que aos não misturarem assim, não pelejaria nunca arcabuzeiro com a multidão das flechas,e d'esta maneira e com esta ordem animosamente, ainda que com immenso trabalho e perigo da vida entretinham aos inimigos, e até o nosso padre Balthasar Lopes me confessou que se déra por morto e com uma rodella da India cobria assim e a outros, cosidos em uma regueira da terra). Foi este um trabalhoso passo, e o mais arriscado e perigoso termo que estas guerras do Parahyba, nem sei se do Brasil nunca tiveram, porque realmente para comsigo, se não foi o ouvidor-geral, que o não mostrava no rosto, todos n'este passo se deram por concluidas. Era lastimosa cousa ver o desbarato que ia em todos, e alguns cavallos por ahi flechados e arcabuzados, sem haver quem os desviasse, nem ainda tivesse acôrdo para usar das alcanzias, que havia pedaço o ouvidor-geral havia mandado aos dianteiros por Diogo Nunes mercador, e passado o conflicto por ahi as acharam depois perdidas e não sahiram os inimigos da cerca aos que assim estavam fóra,pelos ditos arcabuzeiros, que sempre lhes tiravam em roda viva os impedirem e tambem o capitão João Tavares, que tendo arvorada a sua bandeira na porta fronteira com quatro ou cinco que se com elle acharam cobertos de suas adargas e rodellas, e cosidos com o chão e cercados dos inimigos tinham mettidas as espadas pelas seteiras ou buracos com que os tapavam, e se defendiam já com desesperação, porque lhes não convi-

nha bolir-se, nem affastarem-se para nenhuma parte, e permittiu Deus tambem assim, que a sahirem em tal tempo os inimigos, acabava-se tudo, e elle por sua misericordia ordenou soccorrer a este tempo o ouvidor-geral que embaraçado com o caminho e nosso gentio e brancos que recuavam até este tempo lhe não foi possivel chegar, por mais que o procurou; havia mister mil olhos e linguas para notar e declarar este passo em que chegou Martim Leitão que apeando-se e os que com elle iam, e começando de animar a todos quiz lançar uma manga por cima, por um espesso matto de ruins espinhos, que os nossos indios começáram a abrir, mas não havia quem se atrevesse a bolir comsigo, ainda que um e um os animava e chamava por seus nomes com palavras de honra, que em alguns montavam bem pouco. N'este labyrinto ou confusão porque ninguem com as gritas dos negros inimigos e nossos, estrondo das espingardas e de muitos feridos que a cada passo cahiam, se entendia, nem se ouvia o que se ordenava nem mandava, antes parecia declinarem as cousas a se acabar tudo, e depois de muito bradar e se cansar o ouvidor por ordens e cousas que todos bem mal cumpriam, apezar de grandes chuveiros e nuvens de flechas e pelouros, que dos inimigos nunca cessavam, tomando alguns poucos comsigo, que ainda se foram diminuindo e agachando como podiam, que á verdade não havia romper e era quasi temeridade a que o ouvidor-geral commettia, mas d'ella nos resultou o remedio, e assim chegando com trabalho, com cinco ou seis que por vergonha o não desampararam, pela parte de baixo e maior matto á cerca que por aquelle lanço, confiados os inimigos na espessura do matto, era muito fraca e entulhada de terra e palma a começaram a desfazer, ainda que os inimigos logo alli acudiram de dentro com uma espingarda e muita flecha, com que feriram o meirinho d'alçada Hector Fernandes e outros com tudo Mar

tim Leitão foi o primeiro que chegou, e rompeu a cerca, cortando com a espada os cipós e cairo, com que atão a madeira, e fazendo buraco por onde se metteu, aqui no afastar dos páos, ao entrar deram de dentro ao ouvidor-geral com um páo..... na mão direita, com que trabalhava, porque, coberto com a adarga tinha a espada na esquerda, que lhe arrebentou da pancada o sangue pelas unhas, que com a indignação d'esta ferida, e bem coberto com a adarga ante os peitos se lançou dentro com Manoel da Costa, que o acompanhava fazendo porta aos outros, que o seguiram e entraram de vagar, que n'este tempo elle esteve dentro de todo perdido, e tomado ás mãos, porque vendo os inimigos sós dois homens dentro, derribaram de duas ruins flechadas a Manoel da Costa, que cahiu cuidando serem pelouros, e deitaram a carapuça d'armas fóra da cabeça do ouvidor geral com duas flechadas, ainda que lhe fez Deus bem ficar pendurada pelo rebuço de diante, e com muitas flechas pregadas na adarga e pelas pernas e braços, que o não feriram por ir bem armado, pôz o joelho no chão para se desembaraçar das flechas e cobrir a cabeça ao que acudindo golpe de gentio para o tomarem ás mãos, e sem falta lhe valeu aqui não no quererem matar pelo conhecerem, e desejarem leval-o vivo para testemunha de sua victoria, triumpho e gloria de sua valentia e nome, e elle vendo-se no ultimo transe da vida se levantou furiosamente e chegando a Manoel da Costa, seu amigo e natural da Ponte de Lima para o defender os fez afastar, por verem tambem a esse tempo entrarem já outros, dos quaes o primeiro foi o alcaide de Pernambuco Bartholomeu Alvares, feitura d'elle Martim Leitão que bem lhe pagou alli e o ajudou como mui valente e esforçado soldado que é de Africa e outras partes que andou) ouvidor-geral, coberto de flechas e dos inimigos que chegaram a lhe dar á mão tente, quando ajoelhou, em uma coxa,

de que depois manquejou muitos mezes, com a boa ajuda do alcaide, ambos tendo um com o outro, levaram os inimigos e os foram enxotando, que com verem carregavam já por um teso, que vinha mais alto da outra parte da cerca com uma manga de alguns arcabuzes, que o ouvidor ordenou logo ao apear do cavallo e irem entrando após o alcaide outros, foram os inimigos despejando de todo (e os inimigos da fronteira onde pelejava João Tavares tambem afrouxaram logo, sentindo já os nossos da parte onde pelejava Martim Leitão dentro na cerca, aonde logo entraram todos com a temeridade que assim lhe chamaram os nossos, ou boa ventura do ouvidor-geral, que soube buscar em tal pressa e tempo aquella parte por onde entrou, com o que os inimigos desatinaram de todo, quando dentro o não poderam tomar ás mãos, como pretenderam, ao tempo que o conheceram pelas armas e pela cutilada que tem na cabeça, pelo qual entre elles é mui famoso o nome do capitão da cutilada, e elle me confessou depois em conversação que fôra aquella a maior pressa, em que se nunca cuidou ver, porque ver-se entre tanto gentio só e arremetterem á porfia a elle com tantos alaridos e visagens, e lembrar-se como deixava fóra tudo assolado, bastava para não ter pés nem mãos (e a isto diz elle que nas maiores pressas dobra Deus o acôrdo e animo e faz maiores mercês como aqui lhe aconteceu, e ainda dos nossos correu maior perigo, porque não deixavam depois de elle estar dentro de tirar, de maneira que da fumaça dos que fugiam de dentro, e dos muitos tiros de fóra, de que alguns passavam a cerca e os mais dando pelas casas palhoças dos negros era tanto o fumo da palha por dentro da cerca e aldêa que não viam uns aos outros), e como n'este passo o ouvidor e seu alcaide sómente andavam dentro e Manoel da Costa com as costas uns nos outros se chegavam ás casas, dando lugar ao gentio despejar, o que elles faziam com toda

a furia por todas as partes, e para os tres animosos companheiros escaparem do perigo das nossas espingardas de fóra, mandou elle ouvidor-geral gritar: Victoria! Victoria! com que se acabou de arrasar tudo, que não ha alegria nenhuma igual a esta palavra em taes pressas) assim certo entravam os nossos uns por uma parte outros por outra, que os francezes, ao entrar do ouvidor-geral, fugiram todos, e dos nossos ninguem tratava senão de se abraçarem uns aos outros com festa e lagrimas nos olhos da mercê que lhes Deus fazia, os quaes seguiram pouco aos inimigos, porque passada a furia da peleja todos tinham que curar e fazer comsigo assaz, porque se acharam quarenta e sete feridos no arraial e tres mortos, na cura dos quaes andou provendo o ouvidor-geral com muita vigilancia e caridade, porque para tudo ia apercebido, e até as tres horas que andou n'isso com o cirurgião, não comeu nem bebeu, sendo-lhe bem necessario, porque toda a noite d'antes não dormira e toda a manhã trabalhou muito, principalmente das nove horas, que se começou a briga, que durou mais de duas horas, na qual morreu infinidade de gentio, que elles levaram ás costas, como costumam fazer porque os não achemos. Aqui tambem morreu o alferes francez, que na cerca ficou estirado com a sua bandeira e tambor, que hoje está no Parahyba, foi este um honrado e façanhoso feito d'armas, em que os negros inimigos appellidados dos desbaratos que lhes tinhamos dado na serra, metteram o ultimo de sua potencia em nos tomarem já cansados e com alguns feridos e mortos, como atraz digo, e já gastados da polvora e mantimentos, e tambem confiados nas outras victorias, que não topariamos tamanha aventura, que fôra muito maior desaventura, se o soccorro que chegou ao inimigo e deu n'esses poucos da retaguarda, que entrados os dianteiros e mais gente na cerca estavam ainda fora (a isto acudiram todos deixando os feridos, como pode-

ram, e foi espantosa pressa e affronta, porque não acabavam de todo de perder de vista os que levavam adiante, quando chegou este soccorro por detraz, que a vir mais cedo um pouco espaço ou antes de entrarmos a cerca, não houvéra nenhum remedio; mas Deus é bom que sempre ajuda os seus, e mais as cousas que se fazem sem respeito nem interesse, como estas guerras do ouvidor-geral, que só n'isto dizia punha toda sua esperança, que não havia Deus de faltar a tanto serviço seu e d'el-rei e bem de seus vassallos, como se seguia a todos os d'aquellas capitanias do desbarato d'estes *Pitiguares* em que o Nosso Senhor milagrosamente, sem gente, com tão pouco custo sempre o ajudou e guardou, principalmente n'este dia e pressa dos inimigos, que desbarataram e da cilada, que, enxotados os dianteiros, arrebentou com grandes alaridos e gritos por detraz, que foi cousa medonha e mais para tal tempo; mas com a resposta que lhes demos, que foi já mais de animos victoriosos que de obras, porque não estava a gente para nada, fugiram, como viram que assim o tinham feito seus companheiros. Eram tantas e taes as feridas de pelouros de cadêa com que os francezes que com os negros estavam na cerca tiraram, que todo o restante do dia se gastou na cura dos feridos, e por não haver já mais que tres botijas de polvora, e ser necessario trazer nove feridos d'aquelles em rêdes, que não podiam vir, nem ter-se em besta, afóra muitos que vinham á cavallo, que todos andavam á porfia de os trazerem nos seus.

No remedio dos feridos e de os trazer foi o ouvidor vigilantissimo e mui caridoso, e assim por estes respeitos e inconvenientes que havia a se proseguir mais na guerra, que o ouvidor-geral determinava ser infinita, se assentou queimasse o páo, que se alli achou e voltassem d'alli por outro caminho, e a todos ainda que victoriosos foi a noite enfadonha, porque nos viamos mortos, feridos, desbaratados e

com pouca polvora, ainda que isto da polvora não sabiam tres pessoas do arraial, e tão longe de casa, entre tantos inimigos, e com sete náos francezas entre elles no porto da bahia da Traição, que lhes dariam aos cem e duzentos arcabuzeiros, cada vez que quizessem, e mais agora, que são feridos e magoados da perda de seu alferes, que era valente homem e da bandeira e tambor, basta que todos tenham bem que cuidar, só o ouvidor-geral era o que festejava, e que não consentia melancolia, que dizia elle ser traça que mais gasta os animos fortes que tudo, e os consome e assim com muito risco (?) visitava e corria a todos, e nos ordenou para partir pela manhã cedo,como fizemos em boa ordenança, encommendando-nos todos muito a Deus e ao anjo S. Gabriel e a bemaventurada N. S. das Neves, invocação do Parahyba, aonde o ouvidor-geral prometteu um frontal de damasco e *cortinhas* de linho, que lhe logo mandou de Pernambuco, e assim deixando o Copaoba destruido, que então era a gadelha, força e substancia dos *Pitiguares*, voltámos buscando o caminho do Parahyba, com assaz trabalho, guiados pelo sol, porque ninguem sabia aonde estava ; marchámos o primeiro dia com grandissimo trabalho, principalmente do ouvidor-geral por respeito dos muitos doentes e feridos, e puxarem então todos mais por elle, e assim nos agasalhámos ao longo de um ribeiro pequeno, aquella primeira noite da jornada como cada um pôde.

CAPITULO XXIII

DA VINDA E TORNADA DO OUVIDOR-GERAL E DOS NOSSOS DA COPAOBA.

Ao segundo dia de caminho, marchando, em amanhecendo nos salteou o gentio por duas partes, a provar como ia-

mos, mas rebatendo-os, fugiram com seu damno, e nenhum nosso. Na noite seguinte por cima da bahia da Traição, estando aposentados em uma alagôa, levantou-se o ouvidor-geral no segundo quarto, como costumava, a correr as vigias, achou que todas dormiram, senão a dos hespanhoes, e acordados todos se foi assentar na rêde do padre Balthasar Lopes, que estava deitado, estando praticando com elle por passarem o enfadamento de tão ruins noites, sentiram rumor do gentio e chamando a isso os visinhos, ouviram disparar um bom pedaço contra o mar uma grande arcabuzada, logo outra e outra, e certo que alvoraçou muito todo o arraial, vendo-se em tal terra, que ainda não sabiam aonde estavam, (o que depois de Deus, foi causa de o nosso gentio não fugir, como logo em taes pressas costuma) e tão carregados de doentes sem saber o caminho. Basta, grandes termos houve aqui, em que se assaz mostrou o ouvidor-geral, fazendo pregar ao nosso gentio, esforçando os brancos, e que morressem como homens, que n'esta determinação era Deus, quanto mais que não havia para que temerem a belitragem franceza, e em terra onde cada um d'elles era para quatro, pois o nosso gentio bem viam como estavam, pois que sempre levaram a melhor dos *Pitiguares*, nem havia que arreceiar que aquelles eram os proprios que lhes sempre fugiram, aos quaes em suas cavas, sitios e fortes haviam desbaratado, pelo que elle lhes segurava a victoria, e que aquillo que ouviram não era mais que ronca, para lhes fazer fugir o gentio, e pôl-os em desbarato, e que então, e não em outra conjuncção os segueriam. Pelo que elle tomava em si a retaguarda e os segurava com ajuda de Deus; e ordenado tudo e repartidos os doentes, esperaram pela manhã em uma regoada cerca de rama, com que se cercaram todos com muitos cantares e festas, e era muito para ver como ás escuras acertavam a trabalhar, e o gosto com que o faziam,

no que amanheceu um formoso dia, sendo os de antes chuvosos,e com muito boa ordem sahiram d'alli ficando Martim Leitão na retaguarda detraz de todos com o Assento de Passaro, e outros principaes do nosso gentio, que pelo lá verem até o Braço de Peixe, mandou lá ficar os filhos, e assim viemos ás campinas de sobre o rio Mangoape com que em todos se dobrou o contentamento com muita festa.

Já quasi noite nos recolhemos á agua do Camello, d'onde á duas jornadas chegámos ao Parahyba, onde todos foram recebidos como mereciam.

As novas d'esta guerra foram muito grandes por toda a parte, e foi ella muito para isso, que só ousarem de ir os brancos onde foram, era espanto, quanto mais tão poucos; e estando os *Pitiguares* tão soccorridos dos francezes, de que tinham entre si tantas náos, contra as quaes logo n'aquella semana se ayiou o ouvidor-geral para por mar ir a bahia da Traição dar n'elles, que a fama d'esta guerra e novas que os seus d'ella trouxeram e do páo todo ser queimado se foram logo todas desaviadas. Esta foi a maior e mais arriscada e perigosa guerra, e de mais importancia, que nunca se cá deu, e mais por se dar logo sobre o salto que os francezes fizeram na aldêa do Assento de Passaro, e sobre o desbarato de Duarte Gomes, e informados tambem os francezes dos captivos, que tomaram em este salto da determinação que havia de se lhes dar por mar e terra, como já tinham feito a da terra, aonde e como nunca cuidaram, que assim o seguravam os feiticeiros nunca irem cavallos nem brancos ao Copaoba: e tendo a do mar á porta, por o ouvidor-geral ter mandado vir os caravelões com que de noite, á remos, os determinava de saltear, por já irem faltando as monções para náos grandes virem de Pernambuco ao Parahyba, se acolheram os francezes com as náos vazias, com o que os nossos de todo ficaram seguros e constantes crendo não tor-

nariam mais, pois havia quatro annos que já a cousa corria de tal maneira, que se tornariam sempre desbaratados ou de vazio e assim se tem sem falta, que faltando os francezes se entregaram os *Pitiguares*, pois não tem nenhum remedio, e em toda a parte a miúdo eram salteados, ou se passariam todos além do Rio Grande, como já muitos tinham feito, que é o que nos arma, e com a certeza de as náos francezes serem idas, despediu a gente toda o ouvidor-geral, ficando sómente com os seus officiaes, padre d'Albuquerque e Francisco Pereira, que ainda estavam mal das feridas.

CAPITULO

COMO DESPEDIDA A GENTE O OUVIDOR GERAL FEZ O FORTE DE S. SEBASTIÃO.

Despedida a gente no fim do mez de Janeiro de 87 se foi o ouvidor geral ao rio Tebery duas leguas acima da cidade ao longo da Parahyba fazer um forte para o engenho d'assucar d'el-rei, que elle lá tinha começado e para defender a aldêa do Assento de Passaro e mais fronteiras, com o qual se segurava tudo e se povoaria a varzea do Parahyba, e assim o ordenou e fez muito em breve, e ficava o forte por casa de engenho, por que este foi o estylo do Brasil, ir assim ganhando a terra aos inimigos a que o forte mais visinho ficava em padrasto e aos nossos povoadores e moradôres por valhacouto, que a si se vão estendendo seguros e se agasalharão mais á sua vontade. Pelas quaes razões se começou este forte e casa de engenho d'el-rei nosso senhor com tanto fervor, e trabalho do gentio que todos andavam na obra aos dias, esmorecidos sobre o ouvidor geral, por haver vindo nova do reino que vinha quem lhe succedesse, ao que o nosso gentio não tinha paciencia, e chorando diziam

que não queriam outro ouvidor, mas nem isto nem as ruins novas que no reino d'elle corriam mandadas de cá por seus inimigos, tudo de inveja, deixava de trabalhar e continuar na obra, como que a fizéra para si e seus filhos, e assim se acabou este forte, que por acertar fazel-o dia de S. Sebastião, vindo da serra de caminho lhe pozéram o seu nome e se chama hoje o forte de S. Sebastião; fez-se de cem palmos de vãó de muito grossas vigas, muito juntas e forradas de entulho de cinco palmos de largo e de altura de nove, d'onde pôde pelejar a gente, com o muro de fóra, que é mais de vinte e dois em alto, de taipa dobrada de mão muito forte e boa, e do alto vem o tecto e telhado cobrindo o andaime e casas, que se fizeram á roda para agasalho da gente, muito boas com duas grandes guaritas em revez sobradadas com sua artilharia, o qual o ouvidor geral além da d'el-rei juntou quatro cães e sagres que havia tomado aos francezes, com o que e com lhe ficar um postigo dentro na rede do Assento de Passaro, cuja aldêa cercada e forte tambem alli situou, ficou tudo muito seguro por a nossa artilharia varejar duas partes da cerca do gentio, e feita tambem uma torre no meio do forte, com grandes portas para o Tebery com grandes ferrolhos e cadeados e abertos os caminhos e tudo acabado, como se Martim Leitão, ouvidor geral houvéra alli de viver toda a sua vida, se partiu na segunda semana do mez de Fevereiro para Pernambuco, já achacado de não sei quantas febres, que com o seu fervor e incansavel espirito havia passado em pé, e chegando a casa se não levantou de uma cama mais os tres mezes seguintes, e não foi muito com tantas calmas, chuvas, vigias, trabalhos e guerras, e sobre isso em lugar de descançar se pôz a trabalhar mais que jornaleiro, e as ruins aguas do Copaoba, que aos que levavam vinho, que elle não bebe, empeceram, e não se poupar em nada, porque elle é muito

de nas dizer—ide, fazei!—senão « Senhor, vamos, façamos! — e assim lhe fez Deus mercê como no mais, passar sómente com maleitas. Eu pelo que vi e sei, digo que mais lhe sinto a má paga do reino a tantos e tão bons serviços, que todos os trabalhos de cá, porque já hoje importa de renda a el-rei cada anno o Parahyba, quarenta mil cruzados só de contracto do páo Brasil,e assim lhe ouvi dizer muitas vezes,que os trabalhos pelo serviço de Deus e de el-rei eram seus verdadeiros gostos; mas que os máos galardões e ingratidões secavam os ossos,e não era muito acontecer isto,assim pois que n'este reino o hospital é o verdadeiro registro dos homens de merecimento e mais d'este que sempre foi tão invejado;e com isto acabarei aqui as guerras do Parahyba com seu dono, e prasa a Deus d'aqui em diante succeda assim o mais, assim ao conquistados como ao Parahyba, que já hoje tem cincoenta moradores casados portuguezes, e outros tantos solteiros, postos todos lá á custa de Martim Leitão, como o tambem foram os fortes que fez, por que em tudo isto se não gastou um real da fazenda de S. M., como claramente se pode vêr e consta dos livros da alfandega de Pernambuco, segundo lhe ouvi muitas vezes dizer, e o sei, por que o podemos sem falta affirmar que Martim Leitão deixou a capitania do Parahyba conquistada com fortaleza e guarnição e acompanhada e povoada de tanto numero de gentio, como para ella desceu, que o ouvidor-geral soube grangear e adquirir e conservar, com o que fica com mais gentio e assim mais segura que todas as capitanias do Brasil, porque o verdadeiro sangue e sustancia de se povoar e sustentar o Brasil, é com o mesmo gentio da terra, ganhado por amizade que sem elle não nos valeramos nunca contra os outros, e mais na capitania do Parahyba, situada entre os *Pitiguares*, que é o mór e mais guerreiro e pratico gentio do Brasil, tanto que só os *Pitiguares* são muito mais que todo o gentio que

ha do Parahyba a S. Vicente, e assim mui inteiros e unidos e conformes contra nós, pelo que aquella capitania depende hoje e consiste na conservação d'aquelle nosso gentio, que ao redor d'ella assentou e vive, que sem falta é muito domestico aos brancos, e os ajuda muito em tudo, fazendo-lhes suas casas e mantimentos, e finalmente servindo-os como captivos, agora faltando o ouvidor-geral, Martim Leitão, que tudo isto creou de novo, e que elles tinham por pai assim no Parahyba, como em todo o Brasil temo lhes façam alguns aggravos, como já vimos n'outras muitas capitanias, de que proceda alguma grande desaventura, que sómente d'aqui segundo as cousas hoje estão, n'ella podem succeder, mas quererá Deus os conservem n'esta paz e amor, com que os alli plantaram para que em tudo cresça de bem em melhor, e permaneça como convém a seu serviço, augmento quitação e proveito seu e das mais capitanias, que como pelo decurso d'esta relação vimos, da conservação d'esta dependem, e se as occupações e obediencia me deram lugar, fora muito mais largo, pois havia tanta materia, mas dirá tudo com o estylo. Não tratei aqui de invenções curiosas nem de elegancias de palavras, que costumam dar lustro ás cousas de pouco ser, porque não é esta minha profissão, nem o intento que n'esse particular tive; antes me pareceu melhor fazer esta relação, chã, singela e succintamente, por pura obediencia, como na verdade o fiz, e por esta razão me não estendi tão copiosamente tratar de todas as obras e bons feitos de Martim Leitão, que é o todo e a principal figura d'este meu compendio porque as muitas da justiça, bom governo, ardis e trances de guerra e victorias que á tanto risco de sua pessoa ganhou a publicar. Baste-lhe a elle n'esta parte ter por pregoeira de suas cousas toda a gente pobre do Brasil, de que elle especialmente foi amigo, os quaes com tanto proveito e segurança se logram agora, jun-

tamente com a fazenda d'el-rei nosso senhor dos trabalhos de Martim Leitão, e estes lhe escusam os engenhos subtis e raras habilidades que primeiro esgotariam que podessem dar cima a tanta cousa. Só isto direi que, se o mal que n'estas partes lhe tem feito a inveja, se occupára em assoalhar no reino suas obras como o fazem publicar d'elle e o infamar de muitas, que claramente n'elle não ha, fôra o mais ditoso homem do mundo.

Tenho acabado e cumprido com o preceito da obediencia V. P.me perdoe não lhe dar aqui conta das curiosidades d'esta terra, dos animaes muitos e diversos e tão differentes dos da Europa como são as pácas que respondem ás marrans do reino, tatús com forte conxa por cima com que se cobrem todos e tem a carne singular, como de coelho, a que os portuguezes chamam « cavalleiros armados » nem dos bugios saguis em especial os amarellos, que sómente ha no Rio de Janeiro, (que ?) por morrerem com o frio indo para Portugal nunca se lá viram, nem das diversas castas de papagaios, toins e araras grandes, antas, veados, tigres pequenos, e outras mil sortes e varias especies de animaes, nem dos muitos generos de cobras das quaes as giboias são tamanhas, que engolem um bezerro inteiro, e já se viram d'ellas de noventa palmos de comprido, e as que chamam cobras de cascavel, porque trazem cascaveis naturaes ao pescoço e ao longe soam, aviso da natureza para fugirmos d'ellas, por que são venenosas em extremo, e mordendo tiram logo a vista, e de cujas mordeduras poucos escapam com vida. Deixo de dizer dos fructos da terra, em que a terra do Brasil é a mais liberal de todas do mundo, pois planta qual quer pessoa em um dia cousa de que tira mantimento para todo um anno inteiro, e da infinidade e diversidade das fructas: ananás, cajús, maracujás, ariticús, todas agrestes e em grandissima copia, e abastança, que é cousa infinita. Nem trato do ambar, que

já este mar deu muito, e agora por peccados dos homens ou segredos de Deus ha annos que não dá, senão muito pouco, ainda que a meu parecer o causa não haver tanto gentio como antigamente, por o termos gastado, o qual vigiava as praias e o colhia no inverno e tormentas com que o mar o expede de suas concavidades ou arvores marinhas, que dentro n'ella ha, ou rochas onde se cria, que este assim virgem antes que o comam é o gris, que o mais,comido das baleas ou bichos porque toda a cousa viva o come é já muito somenos. Nem das grandes virtudes do peixe d'estes mares que é o melhor e o mais são do mundo, e assim sempre sãos e doentes comem antes no Brasil peixe que carne. Nem fallo da bondade da madeira, páo santo de Pernambuco, jacaré *(sic)* da Bahia e capitanias do sul,páo amarello, que é somenos, e outros muitos. Pois a gente portugueza se affeiçoa mais ao páo Brasil, sendo mais feio, e d'elle como já disse deu nome á terra. Nem das virtudes grandes de oleo de Copaova para feridas e corrimentos de frio milagroso, nem do verdadeiro balsamo dos ilheos do Espirito Santo, que é um dos maravilhosos e suaves licores do descoberto. (Pois tratar do gentio da terra que é o mais deshumano e barbaro que hoje se sabe, de que basta por prova engordarem os captivos para os comerem e de outras muitas cousas d'esta terra, de que tendo tempo e occasião em outra parte mais largamente tratarei, porque tudo isto ha mister um grande volume por si, só relatei n'este breve compendio ao nosso modo e por obediencia o que passou na capitania do Parahyba, desde o tempo que os reis de Portugal entenderam o que lhe importava, até o estado, ordem e quietação em que o ouvidor-geral Martim Leitão a deixou) sub correctione e ainda com muito medo pedindo a V. P. que quando succeder mostral-o a alguns padres sejam dos escolhidos. Nosso Senhor etc. FINIS.

MEMORIA

SOBRE A AGRICULTURA NO BRASIL

Escripta pelo chanceller da relação do Maranhão

o

CONSELHEIRO ANTONIO RODRIGUES VELLOSO D'OLIVEIRA

Copia offerecida ao Instituto Historico e Geographico do Brasil pelo socio correspondente o

DOUTOR CEZAR AUGUSTO MARQUES.

SENHOR.

Eu não sei se as minhas curtas luzes sobre a agricultura, esta primeira e a mais interessante fabrica da industria humana, e se os meus limitados conhecimentos na sciencia assás difficultosa de estabelecer fundamentos a um imperio nascente no porto o mais essencial da sua felicidade, poderão conduzir-me com acerto na informação, que por ordem de V. A. R. devo dar sobre o requerimento junto dos lavradores, rendeiros do Brasil; sendo porém força que obedeça, vou satisfazer ao officio como fôr possivel.

A primeira idéa, que se offerece aos colonos de qualquer paiz, é sem duvida a divisão das terras, que formam a sua integridade, ou a quarta parte, que se deseja habitar, e cultivar: esta divisão serve de origem e fundamento á posse pacifica, e ao dominio, que os tranquillisa, excita n'elles o amor do trabalho e recompensa: faltando uma e outra cousa, os mesmos colonos se julgam estrangeiros na propria terra; não formam estabelecimentos solidos, e dispendiosos, e com difficuldade contrahem casamentos, e cuidam com desvelo na conservação, e augmento da prole.

Assim é que a povoação fica sempre paralisada no centro, e meio da inercia e da pobreza; e atacada por fim a sociedade inteira de enfermidades verdadeiramente pestilenciaes, e de mui difficultoso curativo ao depois.

O Brasil, que o acaso, dizem geralmente, mostrou aos nossos, e podemos agora seguramente affirmar, que a sabia Providencia tinha destinado para firmissimo assento da monarchia portugueza, sendo no principio invadido pelo espirito destruidor de conquista, bem depressa viu os seus antigos habitantes ou mortos, ou perseguidos, e desertando as costas maritimas e suas vizinhanças para irem habitar, ou antes vegetar da maneira mais extraordinaria, e opposta ás conveniencias da raça humana, matas espessas, campos exulados, e as margens dos rios do interior, levando no coração, e transmittindo aos da sua descendencia ódio, vingança, e traição contra os seus conquistadores.

Acharam-se pois estes dominando um paiz mais ermo, e deserto, do que antes era, e poucos proprietarios principiaram a occupar, a titulo de sesmarias, largos espaços das melhores terras nas vizinhanças das povoações, que se ião formando, as quaes desgraçadamente se conservam pela maior parte mal cultivadas, ou abandonadas, e inuteis.

Póde, geralmente fallando dizer-se, que as fazendas de gados, que os engenhos de açucar e as roças de plantação representam outros tantos estabelecimentos sem nexo, sem relações, e sem dependencia alguma entre si, não prestando aquella conveniencia, que com razão se deveria esperar. Esta fórma de povoação porém não seria prejudicial, antes convenientissima nas circumstancias do paiz, se os individuos de que é formada fossem livres, e si se olhassem reciprocamente debaixo de um certo ponto de igualdade.

A vizinhança e as necessarias consequencias, que ella costuma produzir, faziam que familias dispersas se entre-

laçassem logo pela amizade, depois por interesses e casamentos, que todos os dias seriam multiplicados de uma maneira conveniente; e d'esta doce união resultaria immediatamente o feliz estabelecimento da verdadeira agricultura, cujos effeitos e resultados deveriam ser no Brasil os mesmos do antigo mundo, isto é a origem sagrada da povoação, das artes, do commercio, das sciencias, da força, e da felicidade do Estado.

Mas os possuidores das ditas sesmarias,ou os grandes proprietarios do Brasil, principalmente da parte maritima, vivem quasi todos concentrados nas cidades, e villas, abandonada a cultura, e direcção inteira das suas fazendas á mais crassa ignorancia, e as sem razões dos rusticos ilhéos dos Açores, e de pobres emigrados das provincias do norte de Portugal, os quaes nos paizes das suas naturalidades eram apenas moços de lavoura, ou peior ainda, marinheiros, mas que por uma metamorphose bem incomprehensivel se acham em um momento transformados em directores geraes de culturas, que nunca viram, em terra que nunca habitaram, cujas estações são em tudo contrarias as da Europa, governando negros, cujos costumes ignoram perfeitamente, e desacompanhadas, por mais completa desgraça, todas as operações agrarias do subsidio das machinas, instrumentos, e animaes, que nos paizes policiados são o firmissimo apoio da agricultura, qualquer que seja a sua fórma, especie, ou qualidade.

Não é pois para admirar, que a agricultura do Brasil, sendo dirigida por cegos ignorantes, e tendo por agentes unicos, e singulares os braços dos selvagens africanos, que se não movem mais do que pela força, cuja feia povoação, agora facticia e mui dispendiosa, chegando a um certo ponto, deve ser necessariamente olhada como origem certissima de males incalculaveis, não offereça nas fazendas de

gados animaes de todas as especies, melhoradas successivamente as suas raças particulares pelo mais assiduo cuidado, necessario, e conveniente encrusamento d'ellas, produzindo commodidades, e riquezas incalculaveis. Que os engenhos de assucar se não fabriquem com as devidas proporções para a diminuição do trabalho, que é n'elles excessivo e para a melhoria e perfeição de suas naturaes producções: Que em fim as roças de plantação reduzidas a campos trabalhados, segundo os verdadeiros principios da arte, não offertem na proximidade das grandes e pequenas povoações, os mais bellos, mais abundantes, e mais variados frutos.

Deveria talvez, é porém muito desgostoso, demorar-me por mais tempo na descripção dos males, que nos affligem, e dos quaes justamente se queixam os supplicantes, procurando ante o Throno Augusto o competente remedio; comtudo é necessario, que escreva ainda esta triste proposição. No Brasil tudo se acha por fazer, porque não é bom o que se acha mal feito; e em quanto o systema colonial, tres vezes peior que o feudal nos tempos funestissimos da sua maior degeneraçao, pezar sobre os povos d'estes climas, e lhes servir de regulador; debalde se instituiráõ discussões sobre a fortuna publica e individual, por que ella não ha de existir, e não poderá achar-se jámais.

E' um bem que procede de principios certos, e muito ajustados; a mais pequena discordancia entre elles, faz que o mesmo bem desappareça: Bonum ex integra causa, malum ex quocumque defectu.

Eis-aqui um principio canonisado pela mestra experiencia, tão certo em physica, e nos objectos materiaes, como em moral e politica.

A felicidade solida, e permanente d'estes estudos depende absolutamente de um codigo de leis, apropriadas as circumstancias particulares da terra, que habitamos, e de tal

maneira organisado, que tenha a necessaria força para crear povos, que ainda se acham no berço da infancia, com poucas idéas da verdadeira moral civil e christã, e destituidos das mais claras noções da industria agraria, e das artes, que procedem d'esta grande fonte.

Não ha de existir n'este paiz verdadeira felicidade em quanto for governado pela ordenação do reino, formada em tempos tormentosos, e que a sabia e sempre respeitavel Rainha Nossa Senhora, quiz substituir por um codigo, no qual a razão e a justiça deveriam ter o seu firmissimo assento; que infelizmente porém se não effectuou, mas que tendo por objecto a conservação dos povos habitantes em outro hemispherio e já constituidos na idade viril, não poderia reger bem n'estes climas, á quem precisa dos remedios brandos, e applicados com a maior arte, e sem os quaes, a mocidade ficaria desvalida, e não chegaria jamais a robustez do homem perfeito.

Mas isto não basta: não ha de existir, digo ainda, n'este paiz verdadeira felicidade, em quanto as academias, e as escolas publicas se não encarregarem do dever sagrado de intimar aos povos a necessidade, e a conveniencia de observarem exactamente as leis constituidas, e de os instruir nas regras importantissimas de conhecerem a terra, que pretendem agricultar, e de conduzirem as suas operações agrarias com o menor trabalho, e a maior conveniencia possivel, tornando-se industriosos, activos, e sabios; assim as leis formaráõ os costumes dos povos, e serão mantidas por elles, e não deveremos dizer com Horacio: Quid leges sine moribus vanae proficiunt? Em uma palavra debaixo do abrigo tutellar do governo fertilisam os campos, nasce o commercio, e multiplicam as manufacturas: Eis-aqui os principaes agentes da fortuna publica e individual, que as leis devem crear, e estabelecer sobre alicerces indestructiveis.

Em quanto porém se não realisam os meus votos, e não podem ser outros os de todos os homens, que pensam, conduzidos pelo amor do bem publico, apontarei os meios necessarios, e de que a agricultura presentemente mais necessita para o seu progressivo augmento.

Já fica reflectido, que a divisão das terras é o primeiro alvo, a que se dirigem os desejos dos colonos em um paiz inculto: E' facil de assignar regras a esta divisão; por que ellas procedem necessariamente da extensão do terreno, e e do numero das pessoas, que pretendem estabelecer-se n'elle.

Em uma ilha pequena, por exemplo, e principalmente quando pelas suas particulares circumstancias, é de esperar, que o numero dos povoadores se proporcione logo a extensão do terreno capaz de receber os beneficios d'arte, seria manifesta imprudencia conceder largos espaços aos primeiros concorrentes: liberalidades d'esta natureza seriam muito prejudiciaes, e d'ellas resultaria necessariamente o mais lento progresso da povoação, ou esta constaria de colonos, que por causa da pequena porção de terras, nas quaes houvessem fixado as suas habitações, fossem condemnados a viver pobres, e a maneira de servos adscripticios, mui semelhantes aos escravos, e destituidos por isso mesmo de todos os principios de industria.

E tal é com effeito em geral a sorte dos lavradores das nossas ilhas da Madeira e dos Açores, cuja povoação, cultura, e industria se teriam avantajado muito, se as terras de que são formadas, se não achassem monopolisadas por grandes morgados, improprios dos seus limitados circulos, sem que ao menos a emphyteusis, este poderoso auxiliador da agricultura, tenha apparecido para augmentar o numero dos proprietarios, e restituir de algum modo ao commercio os fundos proprios dos ditos morgados, e que por sua natureza são indivisiveis e inalienaveis.

Nos grandes paizes, porém, cuja vasta extensão parece interminavel e são desconhecidos os seus limites, quer a razão, e exigem os mesmos principios da melhor economia rural, que a divisão das terras se faça com liberalidade, e que todas as fazendas sejam em geral grandes, porque este é o unico meio de se lançarem por assim dizer sementes de povoação por toda a parte, de defender o territorio de qualquer invasão externa, de introduzir n'elle o commercio e de o fazer conhecido.

E como a criação dos gados, que sem duvida é a parte mais rica da agricultura, póde fazer-se com muita facilidade e quasi sem trabalho nos grandes predios, e ella mesma offerece aos povos meios bem proporcionados para a mais commoda subsistencia, e para a acquisição de grandes riquezas, vem a divisão das terras em grande a servir de fundamento e origem fertilissima de povoação, e ficarão por conta d'esta as subdivisões dos mesmos predios em tempo conveniente, sem que soffra diminuição alguma a cultura pecuaria, porque, multiplicando então a arte as producções territoriaes, ella mesma offerecerá ao depois novos recursos, estranhos do paiz inculto, e que andam a par da cultura regular para a mesma criação em terrenos muito mais limitados.

Por estas razões digo, que não se deve fazer innovação alguma, geralmente fallando, sobre o modo de conceder sesmarias n'este grande paiz que habitamos, e que não resulta d'ellas prejuizo algum publico ou individual; e qualquer alteração a este respeito, tendente a corrigir o que se acha feito, seria o mais formal ataque, e muito directamente praticado contra o dominio original ou translaticio, adquirido á vista e face das leis existentes.

E como estas mesmas leis têm sabiamente regulado a fórma e methodo de se concederem as sesmarias, as quali-

dades e circumstancias das pessoas a quem se devem dar, e as penas impostas aos que as não cultivarem em tempo certo e determinado espaço, nada ha que se deva reflectir n'esta importante materia que não seja a respeito da exacta, mais prudente e equitavel observancia das referidas leis, para que se não tornem preceitos que cada um cumpre ou deixe de observar a seu arbitrio, e para que ao mesmo tempo não sirvam de fundamento a denuncias maliciosas, derivadas da inveja ou inimizade de homens corrompidos que, desejosos de satisfazer ás suas desordenadas paixões, não duvidam sacrificar a causa publica e o interesse particular de seus concidadãos.

Ainda que seja muito verdadeira a regra proposta, e eu divise como essencialmente necessaria e utilissima para o augmento progressivo, e bem geral da agricultura, a divisão das terras em grande n'este paiz ; tambem olho como excepção natural e muito conveniente a correcção e emenda das leis existentes, e de semelhantes concessões nas vizinhanças das cidades e das villas ; porque, lançadas já as sementes de povoação n'estes lugares, e achando-se ella em boa vegetação, convem multiplicar os predios de lavoura e fazer que os povoadores se liguem de mais perto; e por isso me parece da maior importancia, que para as grandes cidades se designe o termo e circuito de seis leguas, para as pequenas de quatro e para as villas de duas, e que as terras ainda existentes no patrimonio real, que houverem de ser dadas de sesmarias nos designados espaços, se não repartam em quinhões excedentes a um oitavo de legua de comprido com igual largura. A agricultura, o commercio, as artes e a industria em geral, a civilidade, os soccorros espirituaes e temporaes, emfim, de que precisam os povos, receberiam d'esta alteração muito proveito e o Estado as mais solidas conveniencias.

No que respeita ás grandes sesmarias, ou já concedidas nas vizinhanças das povoações, ou nos seus asssignalados circuitos, ou fóra d'elles, e se concederem para o futuro com a antiga liberalidade, fica acima reflectido que com o tempo se hão de dividir em glebas, já por vendas parciaes, já por mortes dos possuidores, á proporção dos seus respectivos herdeiros.

Nem os novos possuidores sentirão algum prejuizo da menor extensão dos seus quinhões comprados ou herdados, se cultivarem as terras, como é conveniente, porque muito bem diz D. João de Arieta no seu *Despertador*—lavrar bem não tem preço; e já Plutarcho havia exprimido esta verdade, referindo que um lavrador lavrava quatro herdades, e dando uma em casamento a uma filha, ficou lavrando tres e colhia tanto como nas quatro, trabalhando n'esta como em todas as quatro, e tendo dado tres ficou com uma e d'ella recolhia tanto como das quatro, porque o trabalho que em todas ellas empregava foi dirigido inteiramente á ultima; d'onde fica manifesto e claro que os frutos são proporcionados ao trabalho mais do que ao terreno; e com effeito tudo vai em tratar bem a terra, que a natureza não falta, nem jámais tem faltado. D'aqui o adagio francez: *Tant vaon l'homme, tant vaón sa terre.*

Esta divisão, porém, se faria em muito menos tempo e de uma maneira agradavel aos proprietarios, sendo-lhes permittido dar quaesquer porções de terras a quem as quizesse cultivar ou continuar no grangeio e amanho d'ellas, seja a titulo de colonia parciaria, a meias, terço, quarto ou qualquer outro quinhão mais diminuto ainda, seja por arrendamentos perpetuos, com translação de dominio ou sem elle, mas de longo tempo até noventa e nove annos inclusivamente, como é saudavel pratica na Grã-Bretanha; porque tem mostrado a experiencia que nos arrendamentos de

pouco tempo os rendeiros só querem desfrutar, e por isso destroem as terras, nem fazem bemfeitorias, cujos frutos devem realizar-se findo o tempo dos seus contratos, ou, emfim, por censos perpetuos, ou por afcramentos e emprazamentos, qualquer que seja a sua natureza ou denominação, como em Portugal se observa á vista e face das ordenações do liv. 4°, tit. 36, 37 e seguintes, ficando todos estes contratos á livre convenção das partes, com a unica excepção que as pensões devem ser moderadas, os laudemios não sejam maiores que os de dois e meio por cento ou de quarentena, e com a obrigação de renovação dos prazos em vidas, sejam elles seculares ou ecclesiasticos, pelas razões sabiamente expendidas na justa e muito equitavel carta de lei de 4 de Julho de 1768.

E' preciso ainda que todos os arrendamentos de terrenos para casas, chacaras ou quaesquer outras fazendas, fiquem sendo censuarios para o futuro, como dadas de arrendamento perpetuo, pagando os possuidores as pensões estipuladas para sempre sem outro algum encargo; tudo o mais é arbitrario, torna vacillante e incerto o dominio, e é por isso mesmo muito contrario ao bem geral da agricultura, não menos do que a justa decisão da carta de lei de 4 de Julho de 1776, bem applicavel ás circumstancias dos mesmos arrendamentos.

Accrescentaria eu ainda, que sempre n'estas divisões se houvesse attenção aos caminhos publicos e aos particulares para o serviço commum e individual dos novos proprietarios, e que nas fazendas assim repartidas, isto é, por qualquer dos principios que ficam apontados, se não fizesse innovação alguma ou entrada, ainda mesmo momentanea, e por ordem de quaesquer tribunaes, magistrados ou agentes publicos, ficando prohibidos para o futuro até os proprios córtes dos chamados páos reaes, sem precedencia de con-

venções feitas com os proprietarios. De outra maneira será sempre olhada como vã a palavra—dominio—e continuar-se-ha na pratica dos antigos abusos, com incalculavel desgosto dos ditos proprietarios e perda effectiva dos seus bens; porque bem sabido é, que o córte e conducção de um só d'estes páos importa a perda e estrago de muitos centos todas as vezes que a operação é feita por pessoas de quem é indifferente a conservação dos bens alheios. E' melhor que se comprem para o serviço publico as madeiras existentes nas fazendas particulares, do que destruir uma e outra cousa com perda effectiva d'elles e prejuizo dos reaes direitos; e levo de caminho apontado um meio bem apropriado para a conservação das matas e criação das melhores arvores, que agora destroem industriosamente os lavradores, porque não têm conveniencia em conserval-as,e só divisam perda na possessão d'esta especie de propriedade.

Dos principios que ficam expendidos resultaria, na minha opinião, a certeza do dominio e o livre uso d'elle, o commercio franco das terras, e a paz e tranquillidade entre os lavradores de todas as classes, a sua feliz existencia e a prosperidade do Estado. Exemplos admiraveis da colonia parciaria a meias, observei eu na ilha da Madeira, onde terrenos de muito pequeno valor e desprezados, entregues a industria de pobres caseiros, bem depressa se elevaram á importancia de alguns contos de réis logo que o senhor lhes fornecia os meios necessarios para a subsistencia dos dois ou tres primeiros annos, obrigando-se os mesmos caseiros ao pagamento pelos frutos de sua meação; e ha muito tempo que estou persuadido da grande utilidade que a agricultura póde receber d'este meio. E com effeito, se a colonia parciaria é proveitosa em um paiz limitado, e no qual os caseiros não podem fazer largas conveniencias, que lucros não produzirá elle em terras de grande extensão e de tanta va-

riedade de frutos, que a melhor industria achará sempre n'ellas o mais util exercicio.

Mas tem a colonia parciaria suas regras particulares, e são inherentes a este contrato: da parte do senhorio promptificar o terreno, fornecer ao caseiro meios de subsistencia no principio e de trabalho permanente ao depois, e não exigir pensões gravosas, devendo entender que sem anticipação de capitaes é imprudencia esperar rendimentos certos, e dominando a avareza nas convenções tudo será desordem.

E' da obrigação do caseiro melhorar o mesmo terreno e accrescentar-lhe o valor primitivo, tornando-o accommodado a uma cultura facil e regular, e pagar a pensão estipulada com lisura e sinceridade, constituindo-se d'esta maneira socio superficiario do senhorio nas bemfeitorias permanentes, como plantação de arvores, abertura de vallas e canaes, e outras, e senhor privativo dos edificios, moinhos, curraes, etc., não havendo o mesmo senhorio concorrido para as despezas, porque n'este caso o quinhão de cada um deve proporcionar-se ás quantias por elles expendidas em especie ou trabalho; deve ainda o senhorio conservar o caseiro pelo tempo da sua convenção, não o podendo despedir sem causa justa, e pagar-lhe aquella parte das bemfeitorias que directamente lhe pertencerem, assim como o caseiro deve e é obrigado a residir na fazenda pelo mesmo tempo, cuidando sempre no augmento d'ella e na perfeição da cultura, apromptando outro caseiro que o substitua e lhe pague as suas bemfeitorias, quando o tempo da sua convenção é indeterminado e o senhorio o não molesta, nem obriga ao despejo e elle quer ausentar-se, esta substituição deve ser approvada pelo senhorio ou pela autoridade publica se a sua vontade fôr a este respeito exprimida sem razão. Se o caseiro abandona as bemfeitorias é claro que as deve perder por sentença.

Quando a colonia parciaria é firmada nas regras que ficam expendidas não póde negar se que d'ella procede muito proveito á agricultura.

O contrario se verifica de convenções estranhas e arbitrarias, porque então tudo é desordem e a parciaria não serve nem ao proprietario, nem ao colono, nem ao publico, como bem mostram os chamados partidos dos engenhos d'esta capital, origem funesta de gravissimas desordens e de perdas effectivas dos senhores de engenhos e seus lavradores ou partidistas, assim como os arrendamentos agora em pratica.

Se a colonia parciaria, pois, bem regulada é vantajosa á agricultura; se, faltando ella, não podem os pobres exercitar a sua industria nos campos e muito menos nos matos virgens, por lhes faltarem as forças e os meios para sustentarem as despezas originarias do primeiro estabelecimento, que deve dizer-se dos arrendamentos perpetuos e de longo tempo quando para elles concorrem pessoas com as proporções necessarias. As nações agricolas conhecem a fundo a conveniencia d'este meio, e é desnecessario demonstral-a com apparato de longos periodos, e muito menos ainda a incalculavel utilidade que recebe a agricultura em geral dos censos, fóros e emprazamentos; porque já os gregos, os romanos e a Europa moderna, fizeram por larga experiencia os mais completos elogios a estas convenções, como bem apropriadas para a transmissão do dominio util sobre largos e importantissimos terrenos em pessoas, que, ou nunca os poderam adquirir, ou era impossivel o fizessem, não desembolçando antecipadamente o valor d'elles, e ficariam muito provavelmente incultos, com manifesta perda do Estado, por isso mesmo que o capital empregado na compra effectiva dos terrenos não passaria a formar os outros, que devem supportar as despezas da roteação, amanho e cultura d'elles.

Devo, pois, concluir a primeira parte da minha informação, dizendo que o meio mais proprio de estabelecer a nossa agricultura e de augmentar a povoação com prodigiosa multiplicação de frutos na vizinhança das povoações, e principalmente das grandes, havendo já as terras subido a um consideravel preço, consiste na divisão d'ellas em porções bem proporcionadas á decente sustentação de familias livres e honestas. Este meio é da maior importancia, e póde seguramente affirmar-se que a sua verificação seria efficacissima para a felicidade publica: cem geiras de terras bem cultivadas, com sua casa, forneceriam sem duvida a uma d'estas familias meios bastantes para a mais frugal e commoda subsistencia, e ao mesmo tempo as devidas proporçõees para pagar a renda ao proprietario e os tributos ao Estado.

Mas parece-me ouvir que a emphyteusis, o censo e os arrendamentos perpetuos e de longo tempo, não são convenções essencialmente necessarias ao bem geral da agricultura, antes pensionando-se por meio d'ellas as terras de sua natureza livres, e isentas de qualquer onus e encargo real, apenas se devem tolerar nos paizes já de todo occupados, e que não podem adjudicar-se em partes de outra maneira, a quem aspirar ao direito de propriedade, apezar das obrigações a que vai submetter-se, que no Brasil seriam prejudiciaes ás mesmas convenções, e por sua natureza inadmissiveis por causa da muita extensão das terras, nas quaes cada um póde fixar-se e exercitar livremente a sua industria, sendo talvez estas as razões por que são aqui desconhecidos semelhantes contratos. Estes argumentos não têm aquella força de que parecem dotados, e para os refutar basta dizer-se que as terras vizinhas ás povoações são aquellas que se ambiciona, que cada um deseja possuir, que actualmente se acham sujeitas a arrendamentos momentaneos, arbitrarios e irregulares, e contratados á custa de gravosas pen-

sões; que ellas se acham nas identicas circumstancias das terras da Europa ou dos paizes velhos, e que a respeito d'ellas especialmente é que tenho fallado; além d'isto eu não proponho uma lei preceptiva, mas um regulamento todo permissivo, á vista do qual serão estipuladas as convenções que cada um julgar proprias dos seus interesses.

Verificada a proposta divisão, e suppondo-se estabelecidos, por exemplo, no recinto e terreno destinado para esta côrte dez mil casaes, os resultados seriam da maior consideração, porque, além de servirem de excellente fundamento a uma povoação livre e industriosa, unica de que o Estado póde ter vantagens, forneceriam aos habitantes da mesma côrte grande abundancia de legumes, hortaliças, batatas e frutas, com decidido melhoramento da saude publica, porque são os vegetaes o alimento mais proprio d'este paiz, e uma vez estabelecido o systema de lavoura com bois e dos pastos artificiaes, duas cousas interessantes á agricultura, e das quaes ella depende absolutamente, não poderia dispensar-se cada um dos ditos casaes de manter seis bois pelo menos, e naturalmente criaria outras tantas ovelhas, além de muitas aves, e renovando-se umas e outras vezes successivamente cada tres annos teriam os açougues d'esta capital vinte mil bois, e igual numero de carneiros bem nutridos e gordos, para a sustentação popular, substituindo ás carnes magras e apostemadas de que ao presente se mantem com gravissimo prejuizo, como não é licito ignorar; o mesmo se póde dizer das outras cidades e villas d'este Estado.

Resultaria ainda d'esta feliz divisão o estabelecimento das fabricas, o augmento do commercio, o progresso, emfim, dos conhecimentos humanos e de todas as sciencias que fazem os Estados ricos e venturosos. Sophocles, Thucidides, Platão e Epicuro nasceram em differentes aldêas do Pedion

para ao depois instruirem a capital da Grecia com admiração do mundo litterario.

Não é difficultoso tornar effectiva a divisão das terras, como fica reflectido, sendo a isso convidados os grandes proprietarios pelos meios de honra e privilegios, que são o patrimonio mais opulento e a moeda verdadeiramente inexhaurivel do Estado monarchico, e tanto mais apreciavel uma e outra cousa quando se concedem a pessoas benemeritas.

Seria, pois, muito sensata, na minha opinião, perfeita e a mais apropriada ao intento, a lei, na qual se formasse uma bem regulada escalla de premios e recompensas a favor dos grandes proprietarios e capitalistas, que quizessem repartir as suas terras e empregar os seus cabedaes no bem geral da agricultura e povoação, fornecendo o Estado terrenos proprios aos ditos capitalistas. Uns e outros seriam recompensados da maneira e fórma seguinte.

Com o habito de Christo o proprietario e capitalista que nas suas terras estabelecesse por qualquer das maneiras acima expendidas, e á sua custa, seis lavradores ou caseiros, dos quaes quatro ao menos casados, homens livres e em boa idade, adjudicando a cada um cem geiras de terras com as suas competentes servidões (esta medida deveria ser regulada pela autoridade publica da lei, como contendo um certo e determinado espaço para que não offereça mais uma idéa vaga) : estes caseiros não deveriam pagar aos seus respectivos senhorios pensão alguma excedente ao quinto de todas as producções territoriaes, comprehendido o valor dos gados que criassem.

A honra da commenda seria dada áquelles proprietarios e capitalistas, que, pela mesma maneira e com as mesmas condições, estabelecessem nas suas terras doze caseiros.

Ao premio da commenda se ajuntaria ainda a livre facul-

dade de vincularem morgado a favor dos ditos proprietarios e capitalistas aquelle predio, cujos rendimentos annuaes excedessem a 1:200$, nao existindo n'elle menos de vinte e quatro caseiros com as condições já referidas, sendo facultado a cada um dos emprehendedores estabelecer tantos morgados quantos forem os filhos que tiver ou sobrinhos em primeiro grão.

A estes premios se ajuntaria outro do fôro de moço fidalgo, a favor de quem estabelecesse em terras suas ou havidas para isso da corôa trinta caseiros livres, como fica dito, dos quaes duas terças partes casados, com capella e capellão pago á sua custa, podendo formar indeterminado numero de fazendas, como no caso antecedente, e cada um d'estes estabelecimentos pertenceriam os mesmos premios e regalias, fossem os administradores filhos ou sobrinhos do instituidor.

Dar-se-hia ainda o senhorio e alcaidaria-mór em tres vidas, com as mais honras acima expendidas, a quem formasse uma villa com cincoenta caseiros, mostrando o rendimento de 2:400$, sendo-lhe livre o numero, segundo a regra dada á proporção dos filhos e sobrinhos, sem differença de varão ou femea.

Emfim, o titulo de barão em vidas, além das mais honras, direitos e prerogativas de que fiz menção, seria o premio d'aquelle que formasse um villa maior, com cem caseiros, cujas qualidades ficam descriptas, mostrando o rendimento liquido de 4:800$. Estes titulos se multiplicariam á semelhança dos mais á proporção das villas assim formadas.

E, como a povoação necessaria para os propostos estabelecimentos se não póde haver facilmente do proprio paiz que habitamos, seriam para maior facilidade ainda livres de direitos as mercadorias destinadas pelos emprehendedores

para qualquer especulação tendente a introduzir n'estes Estados pessoas proporcionadas aos mesmos estabelecimentos.

Seria tambem muito conveniente que os nossos colonos fossem isentos pelo tempo de cinco annos de todos os impostos territoriaes, e até mesmo do pagamento dos proprios dizimos, mostrando elles que a sua cultura era feita com charrua, arado e grade, e que na lavoura dos seus campos e terras se não empregavam cavallos, nem bestas muares, mas bois unicamente e vaccas.

Esta fórma especifica de lavoura deveria ainda ser premiada por outros cinco annos do mesmo modo, sendo as terras agricultadas pelos proprios lavradores, seus moços e jornaleiros, e sem intervenção de escravos proprios.

D'esta maneira receberia a agricultura um grande e poderoso auxilio, e ella mesma offereceria meios utilissimos ao Estado para a sua grandeza, assim como ao cidadão pacifico todos os que lhe póde fornecer a sua industria para enriquecerem suas familias, e para as elevarem a um grande ponto de honra, duas cousas que todos ambicionam e para que todos fazem os maiores sacrificios.

Tenho dito o que me pareceu mais proprio a respeito da divisão das terras publicas e particulares, fazendo differença das situadas nas vizinhanças das grandes e pequenas povoações, e das que têm localidade mais afastada, e expendi os meios que julguei mais convenientes para a roteação e amanho de umas e outras, e como, finalmente, podem ser povoadas pelos officios, capitaes e industria de emprehendedores particulares.

Isto, porém, não basta. E' de absoluta e indispensavel necessidade que V. A. Real faça os maiores esforços para o augmento da povoação e cultura d'este grande paiz, porque de nada serviria o mundo inteiro, achando-se deserto e in-

culto. A sabia natureza dotou o Brasil de qualidades relevantes para a independencia e prosperidade mais venturosa de uma nação grande, poderosa e rica: deve a industria fazer o que convem para que nos não contentemos unicamente com o que podemos ter, senão com a realidade do que effectivamente desfrutamos.

Mas que cousa é o Brasil?

A prodigiosa extensão das terras, que tem os seus limites naturaes entre os dois rios maiores do mundo, o Amazonas, ao norte, e o da Prata, ao sul.

Eis-aqui justamente o paiz que deveriamos chamar Brasil. Estas são as terras que muito convem existam na dominação exclusiva e perpetua de V. A. Real, e formem o seu Imperio com o titulo de Imperador do Brasil; desejam os seus mais entendidos vassallos que V. A. Real os governe e reja para o futuro. Não importa que a navegação do Amazonas seja livre e commum aos hespanhoes, e que para a pacifica acquisição das mesmas terras se lhes abandonem todas quantas possuimos e existem fóra da designada demarcação. Esta idéa contém mais alta politica, e talvez não é muito propria d'esta informação; por isso necessario é que eu não discurse mais largamente a este respeito.

Sem prescindir comtudo da proposta idéa, digo que a navegação franca do Rio da Prata, em toda a sua extensão, é de tanta importancia para a grandeza do Brasil e para o maior e mais progressivo augmento da sua agricultura e povoação, que apenas se póde conceber.

Bastará reflectir que o paiz do Cuyabá, presentemente quasi inutil, ficaria sendo maritimo e abordado por navios de alto bordo; que nos artigos madeiras, lãs e algodões, tres producções de particular excellencia no mesmo paiz, e póde ser as melhores do mundo, não teriamos mais que desejar; o mesmo se póde dizer do commercio do arroz e das

batatas, que a natureza produz espontaneamente na maior abundancia nos immensos lagos de todo aquelle vastissimo paiz; do trigo, linhos e canhamos, para cuja producção se prestam aquellas terras com decidida vantagem do lavrador, não menos que das vinhas, cujo fruto é abundantissimo e de superior qualidade. E' ainda o dito paiz o melhor assento que se nos offerece para a mais proveitosa criação da seda, que sem duvida se póde fazer em pleno ar, sem trabalho algum, e bem assim da cultura de todas as especiarias da Asia.

Emfim, não é licito ignorar que o gado vaccum multiplica e cresce no Cuyabá, e em todo o territorio immenso do Paraguay de uma maneira incomprehensivel, sendo o peso regular de cada um boi de 20 a 25 arrobas; se é possivel que cem mil rezes fossem extrahidas annualmente, já por terra e já por mar, do mesmo territorio com regular consumo no commercio, póde segurar-se a indefectivel existencia d'ellas, sendo promovida a criação que actualmente já é muito numerosa. E para não faltar cousa alguma em um paiz de tão qualificadas qualidades e circumstancias até se faz celebre pela famosa e inexhaurivel salina, denominada do Almeida, sita nas margens do rio Jaurú, um dos confluentes do Paraguay, a que os antigos e modernos roteiros dão o comprimento de vinte e cinco leguas, com a largura de dez em diminuição a tres. Não podemos desfrutar estes e outros muitos bens que a industria deve necessariamente crear para o futuro, e em cujo numero se deve fazer particular memoria do estabelecimento de riquissimos estaleiros para um grande commercio, e augmento da marinha real e mercantil do Brasil, porque nos é vedada a navegação do Paraguay ou do Rio da Prata.

A razão e a justiça clamam altamente contra um monopolio injurioso á grandeza de V. A. Real, oppressivo dos

seus fieis vassallos e contrario aos direitos da humanidade inteira.

E', pois, necessario que esta navegação nos seja permittida, e franqueada a de todos os grandes rios do Brasil, e com mais particularidade ainda dos que demoram ao sul da capitania do Rio de Janeiro, ou baixem ás costas de mar immediatamente, ou se julguem verdadeiramente centraes.

A quem divisar bem e conceber uma justa idéa das conveniencias, que devemos esperar d'esta navegação, parecerá sem duvida bem suave o trabalho e mui pequena a despeza que se deve consumir em destruir algumas pequenas cachoeiras, que impedem ou tornam difficultosa em partes a navegação dos ditos rios, sendo facil evitar a passagem de outras, fazendo-se a navegação por confluentes menos precipitados ou de todo plano, como a experiencia e os melhores conhecimentos do paiz vão mostrando todos os dias.

A extensão e a facilidade da navegação interior foram provavelmente uma das principaes causas do estado florescente a que chegou o Egypto felizmente, e em pouco tempo, diz o sabio Smith, liv. 1°, cap. III, e esta é a opinião geral dos economistas, entre os quaes passa por decidido que todos os paizes cortados de rios navegaveis são destinados pela natureza para o feliz assento da agricultura, das artes e do commercio.

Eis-aqui, portanto, um dos primeiros auxilios com que a agricultura deve ser logo soccorrida pelas ordens soberanas, e ellas adquiririam o maior gráo de perfeição se decretassem ao mesmo tempo o estabelecimento de pequenas aldêas de trinta casaes, com os seus competentes capellães ou curas, ao longo dos ditos rios e na distancia de dez leguas, pouco mais ou menos, umas das outras; grande é a utilidade que n'este artigo se deve esperar das ordens religiosas

aqui estabelecidas. Além da terra, que se deve adjudicar em propriedade ao colono, dos instrumentos de lavoura, e de tudo o mais que é necessario ás colonias d'esta natureza, exigem ellas pela sua particular posição um pequeno forte, montado com duas ou tres peças de pequeno calibre, como de quatro a seis, para a sua defesa contra as contingentes correrias e ataques dos indios, que pelo commum vivem nas margens e proximidades dos mesmos rios.

Esta operação sendo bem conduzida, e libertados os novos colonos por dez annos até do pagamento dos proprios dizimos, seria importantissima, porque, tendo o seu fundamento principal nas regras da sociabilidade, da simples defesa natural e do mais sincero desejo de conviver com os sobreditos indios, estes, pois, que, emfim, são homens, pouco a pouco formariam associações, seguiriam o exemplo dos nossos, e muito mais ajudados por elles; e d'esta maneira em poucos annos fariamos a mais vantajosa conquista de dois a tres milhões de vassallos uteis, que, entrelaçados opportunamente com os nossos pelo meio de casamentos, do commercio, mutuo auxilio e reciproca dependencia, tornariam o Estado venturoso.

A execução d'este projecto exige, é verdade, despeza, tempo e aturado soffrimento; mas sem antecipação de meios nada se póde alcançar, e muito mais em uma materia tão delicada.

A educação da mocidade é das operações mais difficultosas da sociedade civil, e sem ella nunca os Estados se podem dizer bem constituidos e venturosos: e como se poderá achar facilidade no projecto ainda mais difficultoso de educar meninos velhos, por assim dizer, de riscar da sua idéa costumes barbaros e substituil-os pelos da humanidade? Será sempre muito difficultoso transformar um barbaro em homem, em cidadão e em religioso.

O resultado d'esta especulação deve ser da maior importancia, e de incalculavel e mui certa conveniencia; é, pois, necessario que se lhe proporcionemos meios, apezar de todas as difficuldades, ainda que pareçam invenciveis; longe, porém, muito longe de nós uma tal idéa! O commercio facilitado pelos sobreditos rios e defendido pelas novas povoações, tendo por fundamento solido e materia abundantissima producções naturaes de grande valor e de nenhum custo, se exceptuarmos o da simples colheita, ha de fazer no interior do Brasil os prodigios que o acompanham por todas as partes do globo, e sendo elle, como se não póde negar, successivamente o filho e o pai da agricultura, e o fautor principal da civilidade dos povos, tomará por sua conta felicitar os projectos e as operações do Estado.

Mas como será possivel, dirá alguem, lançar mão de um tal projecto se faltam homens para elle? Convenho que o Brasil é um paiz muito despovoado, e que apenas de duas grandes cidades, o Rio de Janeiro e a Bahia, se podiam tirar individuos de um e outro sexo para algumas e bem poucas aldêas (operação necessaria e muito propria da mais bella politica); comtudo facil é de conceber que cada uma das freguezias das tres capitanias do Rio de Janeiro, de S. Paulo e das Minas-Geraes, bem podia produzir para este importantissimo projecto um, dois, tres, até quatro casaes em cada anno, sem prejuizo da sua respectiva povoação.

Temos, porém, opportuno e conveniente remedio na Europa, n'aquelle paiz, onde as artes e as sciencias haviam estabelecido seu throno augusto: vive-se agora a vida dos tigres, ou antes a dos peixes, entre os quaes é permittido ao maior devorar o mais pequeno. Graças á infernal politica da França! Os povos da Europa suspiram pelo momento de abandonar os seus antigos lares e de virem engrandecer a America, e com bem justificada causa, já dizem muitos; e

se continuam as desolações da guerra, dirão todos em pouco tempo como Enéas: *Fuimus Troes, fuit Ilium, et ingens gloria Teucrorum.*

Das tristes e desgraçadas circumstancias, pois, a que se acha reduzida a Europa nos deveriamos aproveitar sem demora. E' facil de conceber que a povoação do Brasil receberia successivamente mui grande accrescentamento logo que a liberdade de consciencia, ou a tolerancia dos cultos, da maneira ajustada com a Grã-Bretanha no art. 12, no tratado ultimo de commercio, se offertasse a todos os povos da Europa; logo que elles se persuadissem da melhor hospitalidade, e d'aquella certa e indefectivel protecção que V. A. Real presta constantemente aos seus fieis vassallos; logo que terrenos mais ou menos extensos lhes fossem concedidos segundo as faculdades de cada um, gratuitamente e isentos de todas as imposições, como acima fica reflectido, e logo, emfim, que aos pobres solteiros, e não excedendo á idade de quarenta e cinco annos, se liberalisasse o emprestimo de 100$, pagavel em quatro annos, passados seis, metade para os gastos de passagens, e outra metade para as despezas de seu estabelecimento agrario; isto se entende não indo elles habitar em casas das aldêas ou lugares de que acima fallei, porque n'este caso, quanto ao auxilio da cultura, entrariam na regra geral dada para aquelles colonos.

Os homens casados receberiam o proposto adiantamento e emprestimo, conforme o numero das pessoas que formassem as suas respectivas familias, sem differença de idades. D'este convite geral e do beneficio que d'elle póde proceder a favor de homens, ou desgraçados, ou desgostosos das miserias do seu paiz natural, e que deveria ser publicado com a maior clareza nas gazetas de Portugal, da Hespanha e da Grã-Bretanha, necessario é que sejam excluidos os france-

cezes com todos os individuos indomaveis, que formam o corpo gangrenado dos desertores dos seus exercitos.

D'esta maneira não pagaria o Estado cousa alguma pelas pessoas que morressem no mar; os mesmos passageiros ajustariam as suas passagens sem comprometter a honra da corôa de V. A. Real, que não seria responsavel por convenção alguma extranha das que ficam exprimidas.

E' preciso agora observar devidamente, que se por este methodo fizesse o Brasil em cada um anno a feliz acquisição de dez mil pobres, que exigissem do Estado o emprestimo proposto, elle chegaria a 400:000$, e como o trabalho do homem livre, tendo a sua origem no interesse particular, recebe todos os dias mais facilidade e melhor perfeição, e produz necessariamente novos ramos de industria, elle sómente póde servir de fundamento á perfeita agricultura, ás artes e á sciencia, á força e riqueza do Estado.

Nunca desfrutaremos estes bens emquanto os nossos trabalhos agrarios forem feitos pelas mãos de escravos desgraçados; porque, não tendo elles patria, familia, propriedade, nem mesmo interesses particulares, fazem consistir a sua felicidade na inercia, no ocio e melhor ainda no somno, que os torna indifferentes á sua triste condição.

Já o cultivador da Pensilvania e Despond demonstraram amplamente as vantagens da cultura feita por brancos; eu diria simplesmente por homens livres, porque o accidente das côres nada influe n'esta materia: o que, porém, conclue absolutamente a favor da minha opinião é o celebre exemplo das duas colonias estabelecidas nas margens da ribeira do Hills Borough, na Florida, em 1767, uma por Mr. Tumbull, associado com milord Pimple, e outra por diversos emprehendedores. Constava a primeira colonia de 1.314 gregos, italianos e allemães, e o seu custo chegou apenas a trinta mil libras esterlinas, o que demonstra a despeza de

87$671 por cabeça; esta somma deveria ser paga pelos colonos em trabalho para se constituirem socios parciarios a meias.

Estes colonos viviam em paz, apezar da diversidade das linguas e das religiões, e no fim de dez annos tinham pago as suas dividas, achavam-se muito bem estabelecidos, com muitos filhos, gados e quanto era necessario para a sua decente sustentação, e só no artigo anil davam aos emprehendedores trinta e quatro mil arrateis.

A outra colonia, que consistia em escravos, custou noventa mil libras sterlinas, e, passado igual tempo de dez annos, tinha deixado de existir, com perda quasi inteira dos capitaes dispendidos; porque tambem é outra verdade, ha muito demonstrada, que os negros na America vivem o tempo de oito a dez annos (Puchet no seu *Diccionario da geographia mercantil*, artig—Florida).

A quem duvidar d'estas verdades, eu diria que as republicas da Grecia e Roma nunca poderam infundir no coração dos seus escravos, que todavia não eram negros selvagens, fidelidade, industria e amor do trabalho; que exercitaram crueldades espantosas, mas sempre inuteis, para acharem entre os ditos escravos aquella segurança, que é a base essencial da sociedade civil, e que, emfim, nos seus melhores dias mendigaram por toda a extensão da Asia os frutos da engenhosa liberdade.

E', pois, necessario extinguir a escravidão pouco a pouco, principiando pela de nascimento, como em Portugal se achava estabelecido na sempre memoravel lei de 16 de Janeiro de 1773, o que precisamente exige o estabelecimento das casas de criação, nas quaes se recolhessem e fossem educados os filhos das escravas, cujos senhores recusassem ás mãis o dever sagrado de criar seus filhos, passado o anno de leite, recebendo elles 6$400 por cada criança, que no

fim do dito anno entregassem nas referidas casas em bom estado de saude.

A vigilancia e a severidade da policia n'este artigo importantissimo deveria ser muito recommendada.

E' ainda necessario que se não recusasse jámais a liberdade áquelles escravos, que, precedendo com audiencia de seus senhores a justa avaliação de arbitros peritos na presença dos magistrados territoriaes, offerecem o preço de suas pessoas. E', finalmente, de absoluta e indispensavel necessidade que a convenção sagrada sobre a extincção gradúal do commercio dos negros da costa da Africa, a mais protectora da humanidade e sempre digna dos dois grandes e incomparaveis soberanos que affirmaram no art. 10 do tratado de amizade, feito n'esta côrte aos 19 de Fevereiro de 1810, se regule e execute no mais breve termo.

Estas proposições contêm verdades de primeira intuição, e se eu me não achára escudado com as proprias e nunca assás louvadas expressões, ou antes santissimas decisões do mesmo tratado, desafiaria sem duvida os mais engenhosos e os mais sabios economistas para as refutarem, rogando-os ao mesmo tempo que tenham em vista o estado presente do Brasil, a sua agricultura, commercio e artes, apezar de havermos n'elle introduzido, por cem annos e mais, vinte e cinco a trinta mil escravos á custa de sommas incalculaveis, que têm sido pagas pelos lavradores e mineiros: e qual deveria ser se pelo mesmo espaço de tempo houvessemos recebido dez mil pessoas livres? A resolução d'este problema acha-se feita; ella decide do que havemos fazer para o futuro, e não póde ser senão o que tenho expressado.

Se a Europa nos póde fornecer dez mil pessoas em cada um anno, além d'aquellas que quizerem vir estabelecer-se aqui por sua conta, e das outras que a industria dos especuladores particulares póde adquirir para se habilitarem e

receber os premios acima propostos, com quanta maior facilidade ainda e menor custo não podemos transportar da India, Malaca e China, semelhante ou maior povoação.

Mas, suppondo que esta segunda operação nos custava outros 400:000$, seria a despeza inteira em cada anno de dois milhões de cruzados, somma na verdade bem insignificante aos olhos de quem sabe vèr, e devisa por isso mesmo por todas as partes no Brasil mananciaes perennes da mais abundante riqueza.

O resultado immediato da feliz e necessaria execução d'este plano, unico de que podemos esperar vantagens, seria a paz interna, a segurança exterior, o augmento progressivo das materias primas para o commercio, o accrescimo bem palpavel das rendas reaes, o estabelecimento, emfim, da industria fabricante, que, em qualquer parte do globo procede do augmento da povoação, do maior gyro da moeda circulante e do credito, que produz uma e outra cousa.

Para se alcançarem os bens propostos, duas cousas são necessarias: primeira, a creação de uma sociedade patriotica, cujo titulo deveria ser Banco de Povoação, e cujos membros tirados já do corpo de alta nobreza, já do clero, da magistratura, do corpo militar e da marinha, do commercio e da lavoura, juntamente debaixo da presidencia de uma pessoa de grande representação e autoridade, dirigissem todas as operações propostas, não olhando pelo seu trabalho outro pagamento além da honra de bem servir ao soberano, e de felicitar a patria e os seus concidadãos.

A Gram Bretanha offerece a este respeito modelos bem dignos da mais litteral imitação, e observancia, e sem contemplar outros mais antigos, basta lembrar as sociedades piscatoria e do Merino, estabelecidas debaixo dos auspicios e protecção da presente regencia: 2° o estabelecimento de fundos permanentes com a devida proporção aos

rendimentos tambem permanentes de dois milhões de cruzados, pelo menos em cada um anno, para as despezas inseparaveis de uma tal operação. Lembro para este fim a cultura do sal por conta do Estado na marinha e lagôas extensissimas de Cabo Frio, da qual podiamos tirar larguissimas conveniencias com bem pouca despeza. Lembro igualmente, e tambem por conta do Estado, porque me parece, que da lavoura dirigida podia o mesmo Estado tirar riquezas incalculaveis, a cultura do linho, e canhamo, nas margens dos trez grandes e bem conhecidos rios; a saber: o Tamandatey, o Tieté, o Anhamby, e o Pinheiros, que banham as terras immediatas á cidade de São Paulo com navegação franca ao mar de Santos, menos pelo que respeita á serra, e terras adjacentes na pequena distancia de duas leguas e meia de muito bôa estrada.

Formam os ditos rios campos de prodigiosa grandeza, pela maior parte ou antes em quasi toda a sua extensão, incultos, e todos de uma fertilidade admiravel, a qual todos os annos se renova pelo beneficio de saudaveis innundações á semelhança do Tejo e do Mondego. Esta cultura sómente sem outro auxilio mais deve produzir em pouco tempo o rendimento annual de cinco a seis milhões de cruzados, e os capitaes necessarios para ella são pelas circumstancias particulares do paiz, de bem limitada despeza, observando-se que um jornaleiro ganha quando muito 160 rs. por dia; que uma junta de bois não excede de 105 rs. que a sustentação é gratuita; que os terrenos não têm preço, e que estes, para a mais vantajosa producção necessitam apenas o beneficio de uma cultura facil manobrada pela charrua e grade, sem dependencia de estrumes.

Apenas a mesma cultura, ou antes a maceração do linho, e canhamo, encontraria difficuldade na falta de braços, sendo feita pelo methodo ordinario, mais a invenção da

machina applicada ao intento, fruto da industria de um habil portuguez, Jeronymo Vieira, cujo modelo existe no trem d'esta côrte, destróe pela raiz a proposta difficuldade.

Quando se trata d'esta cultura todos fallam do Rio Grande de São Pedro do Sul, mais ainda se não calculou devidamente, se aquella capitania é mais fertil do que a de São Paulo; é certo, que a posição geographica decide a questão a favôr da segunda das ditas capitanias, seja porém o que fôr, o porto de Santos demora na latitude austral de 24 gráos, e é tambem como ninguem ignora, pelo contrario o Rio Grande fica a 32; o seu porto é pessimo, formado por arêas movediças; apenas recebe pequenas embarcações, como sumacas e bergantins, sendo de mais preciso navegar com muito perigo, e o mais assiduo trabalho pela lagôa dos Patos na distancia de 60 leguas até o Porto Alegre, no que se consomem não poucas vezes de 40, 50, a 60 dias. Estas circumstancias decidem cabalmente a favôr da proposta cultura, primeiro em São Paulo, depois na Curitiba, cujo porto é Paranaguá na latitude de 26, e ultimamente no Rio Grande: lembrei a cultura do sal, porque é facil, e pouco dispendiosa, sendo ao mesmo tempo bem conhecida a necessidade que temos, e a utilidade que podemos receber d'ella: lembrei a cultura do linho, e canhamo, que deve ser com a primeira administrada pelo sobredito banco de Povoação, como um meio em tudo apropriado ao intento, e que não vejo de que maneira poderá exceder ao capital limitado de 40:000$000, porque estas producções não cedem em belleza, força e qualidade as da Russia, sendo tão superiores as da America do Norte; quanto as nossas madeiras são melhores do que as d'aquelle paiz, porque a respeito dos hespanhóes temos a vantagem de melhor navegação, e fretes mais baratos;

porque emfim as nossas relações mercantis com a Gram-Bretanha nos seguram a prompta venda de quaesquer quantidades, que possamos cultivar. E para demonstrar-se a a extensão prodigiosa d'este commercio, basta advertir, que o sabio agronomo Arthur Jumgh affirma, que no seu tempo (ha mais de 30 annos) comprava á Inglaterra no Baltico quatro milhões esterl. de linho, e canhamo em rama : esta despeza passa hoje de cinco milhões.

Ainda temos outros meios mui apropriados ao intento, lembrarei unicamente por exemplo, a fabricação do ferro, na sua devida extensão, em Guiraçoiaba, e muitos outros lugares de S, Paulo, e das Minas-Geraes, e das os córtes de madeiras, que sendo feitos com a devida economia unicamente na Ribeira do Iguape, e margens dos rios que n'ella confluem e são navegaveis por muitas leguas deveriam produzir para sempre dois milhões em cada um anno pelo menos ; mas quando esses meios não preenchessem logo o fim proposto, sobejam proporções para V. A R. obter o emprestimo de um milhão e meio esterl. do governo britanico, o qual, se por uma parte onerava o erario com o pagamento dos interesses regulares, por outra nos segurava muito maiores conveniencias, e todos os bens que ficam ponderados ; contrahir dividas com a certeza do lucro, será sempre venturoso, e quem o faz habilita-se para ser credor. Não seria porém necessario receber-se uma somma tão importante logo, ou por uma só vez, senão annualmente, e a proporção das despezas, nem mais tornar-se como perda consideravel a falta de cobrança dos devedores particulares, ou colonos respectivamente ao terço, e ainda a metade das sommas por elles recebidas, porque os pagamentos indirectos hão de compensar tudo, e substituir de uma maneira vantajosa a cobrança integral.

Esta materia de povoação é de tanto pezo, e tão inte-

ressante, que eu não devo dar por acabada sem que tenha representado V. A. R. primeiramente a necessidade em que se acha o Estado de promover os casamentos n'este paiz, onde me parece que o celibato deveria ser olhado como um delicto.

Em menos apertadas circumstancias se promulgou em Portugal, ou antes em toda a vasta extensão da monarchia portugueza a providentissima, e muito sabia ord, do Livr. 1° § 94, em cujo paragrapho primeiro se estabeleceu, que qualquer pessôa, á que fôr dado o officio de julgar, ou escrever não sendo casado, será obrigado a casar-se dentro de um anno do dia que lhe fôr dado sob pena de perder o dito officio. Esta lei é comprehensiva de todos os julgadores e empregados nas differentes repartições, em que se escreve. A sua utilidade é bem palpavel, mas infelizmente cahiu em desuso. E' preciso que se renove, trocado o prazo de um anno pelo outro de trez, para que os casamentos se façam com a devida reflexão.

Devo ponderar em segundo lugar, que o celibato militar é pela sua grande extensão o mais prejudicial de todos.

Além dos filhos, que deveriam nascer dos soldados, se fossem casados, e que o Estado não adquire, os soldados solteiros são mais faceis de desertar; corrompem-se de ordinario com males venerios, e causam aos lugares de sua habitação enfermidades de terriveis consequencias, e as mais oppostas á saude publica, e a povoação vigorosa. Por estes principios sempre me agradou a opinião do grande marquez de Saxa, pretendendo, que os soldados fossem todos casados. Este projecto seria muito bom, se ao mesmo tempo se achasse auxiliado com duas providencias. A primeira procederia de um hospital, ou casa de educação onde se criassem os filhos dos soldados

que este soccorro pedissem. A segunda derivaria do officio de lavrador, que todos os soldados deveriam exercitar por termos successivos, e bem ordenados.

Adjudicando-se pois a cada regimento de tropa de linha um terreno conveniente, v. g. da extensão de uma legua quadrada, sempre uma companhia que se renovaria todos os mezes por outra, e pelas mais successivamente, existiria cultivando o dito terreno debaixo de uma administracão fixa, e permanente (no tempo das colheitas podia-se accrescentar o numero dos operarios) os frutos d'esta fazenda, ou antes o proveito d'elles se repartiria igualmente por todos os soldados, incluidos os cabos, anspeçadas, e mais officiaes inferiores, aos quaes o beneficio de 40$ ou 50$ rs. faria o maior proveito sem perda do serviço publico: Com estas condições eu adoptaria o plano do marquez de Saxa, não obrigando aos soldados a um casamento forçado, mas facultando-lhes inteira liberdade para se casarem á seu arbitrio.

Devo ainda reflectir, em terceiro e ultimo lugar, que no Brasil ha mancebias escandalosas, e perpetuas entre pessoas pobres, que não casam, nem deixam occasião de peccado e libertinagem, porque não têm dinheiro para pagarem os gastos de casamento; vivem atropellados debaixo das condemnações dos juizes ecclesiasticos; e se são parentes, ou têm outro qualquer impedimento, tanto peior, mas a pena os não contêm, e d'este systema não procede remedio proprio para curar o mal.

Desappareciria este, servindo-se V. A. R. de mandar que as despezas matrimoniaes em todos os casos, que se facultam, sejam feitas gratuitamente por despachos dos bispos, e seus parochos, e sem que se espeçam por provisões como até agora se costuma fazer.

Além das providencias, que ficam apontadas, muitas

outras são necessarias para se estabelecer entre nós a industria agraria; umas tendem a remover embaraços e outras a instrucção dos lavradores: entre as primeiras são mais principaes, as quatro seguintes; 1ª a igualdade de pagamento dos direitos por entrada. Não basta, que o lavrador das Minas Geraes, de Goyaz, e outras partes mais remotas ainda compre o panno, por exemplo, de que ha de fazer seu vestido por muito maior preço, do que se vende aqui no Rio de Janeiro, porque a tanto obriga a distancia em que vive?

E' preciso de mais, que essa maior carestia se augmente com o pagamento de novas imposições, sobre os quaes calcula o mercador, os interesses da importancia dos mesmos direitos, pois que realmente os desembolsa. Não desapparece n'este caso a igualdade, que a lei quer manter entre os individuos da mesma familia.

O mesmo se póde dizer das mercadorias, e frutos agrarios, que de paizes tão remotos se conduzem aos portos de mar.

Deveriam ser mais favorecidos para entrarem na devida concurrencia com os produzidos d'onde a exportação se faz ou sem despeza, ou com bem pouca.

Frutos que não podem entrar em concurrencia com outros, ou não se cultivam, ou perdem o lavrador, e não aproveitam o Estado. E' pois necessario, que as mercadorias, que sobem dos portos de mar para o interior, e os frutos que descem, não paguem cousa alguma, nem sejam onerados com a mais leve imposição; de outra forma a agricultura do interior achará sempre duras opposições e embaraços invenciveis. Pereçam para sempre estes inimigos da felicidade publica, e com elles as extorsões, e violencias, que os exactores das rendas publicas praticam nos registros e passagens dos rios do interior contra povos

humildes, e pereçam igualmente as outras imposições violentas, e illegaes com que muitos governadores tem arbitrariamente maltratado os povos das differentes capitanias, escutando unicamente os seus caprichos, e não querendo jamais imitar o exemplo, que outros muito serios e reflectidos lhes deixaram, e deveriam religiosamente observar, e seguir, para se não entorpecer o lavrador, e industria particular.

A segunda providencia consiste em facilitar aos povos o uso do sal, pelo preço o mais commodo que fôr possivel. Este primeiro e o mais poderoso agente da natureza não quer ser onerado com imposições, ainda que mui leves, principalmente em um paiz, cuja mais numerosa povoação consiste em negros, que, acostumados nos climas ardentes da Africa ao livre uso, ou, para melhor dizer, ao abuso do sal, perdem a saude no interior do Brasil, porque, ou comem muito pouco, ou nenhum; não podem por isso resistir aos frios e humidades d'estes climas, e não falta quem com excellentes razões affirme, que a falta de sal nas terras centraes d'este paiz é a causa mais funesta e mais prolifica da morte dos escravos.

Accresce que os gados de todas as especies, e ainda mesmo as aves, não podem viver bem, não podem multiplicar, crescer e engordar, não comendo sal; emfim, a falta de sal ou o preço excessivo, mediante o qual o adquirem os lavradores, faz que se perca quasi integralmente o commercio o mais extenso que nos offerece liberalmente o reino animal: é, portanto, da maior importancia, accrescento ainda, de absoluta necessidade que por todas as costas de mar, aonde se divisarem terrenos firmes de barro e maçapês se formem salinas, assim como por todo o interior d'este vasto paiz, aproveitando-se as muitas fontes salgadas que n'elle existem, offertando grandes, mas desprezadas riquezas. Quando no

Brasil o preço de um alqueire de sal não exceder de um tostão o commercio das carnes, dos couros, dos sebos, das lãs, das manteigas e dos queijos, ha de necessariamente enriquecer os seus habitantes, e dar-lhes no meio da abundancia novos mananciaes da mais perenne e constante prosperidade.

A terceira providencia, que poucos conhecem, e é de grandissima importancia, deve resultar da criação dos camellos em todas as capitanias ou provincias do Brasil.

Estes animaes, doceis, sobrios e forçosos, chamados vulgarmente—os navios do deserto—são mui proprios para supprir a falta de canaes de que o commercio necessita para facilitar as suas operações, e servem por isso mesmo de poderoso auxilio á industria agraria.

De quanta utilidade não seriam elles por toda a extensão dos sertões de Pernambuco, da Bahia, do Ceará e Goyaz?

Notou muito bem Buffon, e agora todos sabem, que um camello carrega trinta arrobas, anda trinta leguas por dia e se contenta com menos alimento, e este mais grosseiro, do que é necessario a uma besta muar.

Não seria, pois, a criação dos camellos um meio bem apropriado para entrarem no commercio de exportação frutos naturaes e produzidos pela industria, que se perdem no interior do Brasil e que deveriam produzir avultadas riquezas?

Do Senegal e do Gabam, com bem pouca despeza, podiamos adquerir os individuos necessarios para a primeira criação.

A quarta e ultima providencia diz respeito á fórma e methodo da cobrança dos dizimos. Dividem-se estes em duas partes, a saber: em dizimos grossos e miunças. Estas cobram-se em todas as provincias d'este Estado por uma capi-

tação convencionada entre os lavradores e rendeiros, e é a mesma capitação tão varia, como tão diversas as ditas provincias: é preciso fixar esta imposição para acautelar a ruina dos lavradores e pôr um certo freio á cobiça dos rendeiros.

Parecia-me que a quantia de 100 rs. nas terras de beira-mar, da serra para baixo, e nas quaes por costume, bem ou mal introduzido, se paga mais, seria bastante; e que nas centraes, e igualmente nas outras em que os povos pagam menos, a imposição não excedesse jámais a quatro vintens. Na cobrança dos dizimos que respeitam aos frutos grossos preciso é tirar-se aos rendeiros o arbitrio que se arrogam para exigirem dos lavradores avenças sempre a si, e por isso mesmo lesivas. Este terrivel açoute da industria agraria póde remediar-se, uma vez que os rendeiros sejam obrigados a receberem os dizimos em especie, e quando os lavradores queiram voluntariamente entrar em convenção a este respeito; este negocio deve regular-se por arbitros eleitos pelas respectivas camaras todos os annos para o fim proposto. E' facil conceber quanta utilidade e paz resultaria a favor dos lavradores d'esta feliz alteração, e tanto mais justa, quanto é certo que ella tem o seu fundamento nas leis do reino.

As outras providencias que dizem respeito á instrucção e direcção dos lavradores contêm por sua natureza e grande utilidade materia muito vasta para largo discurso; eu, porém, a reduzirei a tres artigos capitaes e de bem facil execução na pratica: escolha, governo, premio.

De que serviria em qualquer paiz do mundo uma grande povoação se ella fosse mal educada, immoral, destituida dos principios de religião, e quizesse gozar a todo o custo d'aquella liberdade illimitada e sem freio, que conduz sempre o homem ao precipicio? Esta povoação não tenderia já-

mais a outro fim, que não fosse aquelle de destruição de seus proprios individuos e da total perda do Estado.

D'estes principios, que não admittem contestação, nascem os officios do soberano para a criação dos mestres e das escolas publicas, e nasce igualmente a particular obrigação com que se acham ligados os juizes e mais pessoas encarregadas do governo dos povos, de se instruirem cabalmente nos seus deveres, para que, satisfazendo os preceitos divinos, assim como os da lei e do soberano, possam formar o grande edificio da fortuna publica e individual. *Erudimini qui judicatis terram*, diz o santo propheta rei.

Na verdade, que, havendo bons mestres, não é difficultoso educar os povos.

Uma, porém, das grandes vantagens que os sabios imparciaes reconhecem como inseparaveis da religião que felizmente professamos, consiste no auxilio que ella presta aos differentes Estados para a instrucção dos povos, e para os conduzir muito direitamente aos fins importantissimos da sociedade temporal e eterna. Com effeito um christão é o verdadeiro servo do Senhor, o fiel vassallo do soberano e o irmão sincero do seu concidadão. Não seria, pois, justo que os proprios parochos dos campos fossem juntamente da educação civil, como encarregados da educação christã da mocidade? E se elles se dedicassem ao estudo da agricultura, segundo os bons principios da physica, quantos bens fariam á sua patria?

Não se persuada alguem que esta instrucção seria estranha do seu ministerio. E' capital n'esta materia, e muito digno de lêr-se com a maior reflexão, o discurso do sabio Francisco Gresilini. N'elle se verá o grande numero de sacerdotes que têm escripto obras interessantes sobre a utilissima, ou antes necessaria arte da agricultura, e encontrar-se-hão juntamente as differentes ordens que ha em muitos

governos para que os parochos e curas das aldêas dêm tão util instrucção aos povos dos campos. Seria para desejar, accrescenta ainda Mr. Collorido, arcebispo e principe de Salsbourg, na sua instrucção pastoral de 29 de Junho de 1782.

Que o pastor para poder contribuir pela sua parte á instrucção geral do seu rebanho, além dos conhecimentos relativos ao seu estado, tivesse noções bastante claras da psychologia (sciencia da alma), do direito natural, da philosophia moral, da historia, das bellas-artes, da economia rural, da medicina, e particularmente da dieta, das leis e costumes do paiz, da physica, especialmente em um paiz tão rico de producções da natureza, todavia pouco conhecidas e menos aproveitadas, da historia natural, etc. Se o prelado escrevêra n'este paiz ou em beneficio d'elle, as suas expressões não poderiam ser mais accommodadas ás circumstancias do Brasil.

O sabio Burgoa no seu *Lavrador Vascongado* apoia os santos desejos de monsenhor Colloredo com as razões seguintes: Porque, se exprime elle, na verdade, se um parocho quizer tirar frutos do seu ministerio, deve empregar todos os meios possiveis para tornar felizes as pessoas que lhe são confiadas, pois é olhado com razão como o oraculo de todo o seu povo, a luz d'aquelle que se separa do verdadeiro caminho, o admoestador de quem commette faltas, o consolador dos desgraçados, o amigo, o mestre, o conselheiro e o pai de todos, e será respeitado dos seus freguezes, porque sabem que lhes fôra enviado para occupar-se continuamente do seu bem espiritual e temporal.

Uma lei, que determine aos parochos das aldêas a instrucção dos lavradores na agricultura, é como o citado Gresilini conclue o seu discurso depois de ensinar-lhes as verdades da religião, e a respeitosa veneração e obediencia que

se deve ás potestades soberanas da terra, servirá de consolação e allivio, animará o zelo d'aquelles que se distinguem no desempenho do seu officio, e ensinará a todos respeitosamente ao que estão obrigados como ministros do Altissimo, como concidadãos e como vassallos.

Oh! lei providente, exclama ainda o sabio Greselini, oh! lei necessaria sobre todas para dilatar o manancial da prosperidade civil d'aquelles povos, entre os quaes fôr instituida, apenas se promulgaria quando os parochos fariam as primeiras diligencias para pôl-a em execução; a natureza despertaria como de um profundo somno; os campos se povoariam de habitadores, as artes e os officios iriam adquirindo perfeição e augmento, tudo se renovaria e tomaria novo aspecto. A alegria e o reconhecimento succederiam á tristeza e o abatimento em que a ignorancia e as preoccupações faziam passar seus dias aos miseraveis aldeões, offerecendo-lhes outro tempo mais afortunado.

Se a lavoura das terras é o barometro que marca medida e a quantidade das riquezas do Estado, como se veriam ir subindo por degráos estas riquezas, não haveria individuo algum do corpo politico que não fizesse resoar o ar com o som das suas supplicas, e que não implorasse as bençãos do céo sobre o soberano benefico e sobre o paiz amoroso.

Os mesmos parochos se alegrariam mais que todos, vendo os venturosos effeitos de sua caridade insigne e o feliz termo das suas preciosas fadigas.

A sobredita e desejada lei seria perfeita, conforme ao meu entender, fazendo-se a divisão das freguezias dos campos n'este paiz, não pela extensão do terreno, mas pelo numero dos habitantes, de sorte que nenhuma freguezia rural poderia conter mais de quatro mil freguezes, porque o pastor não póde tratar devidamente de um rebanho que elle não conhece e nem póde conhecer bem por causa do excessivo numero das

suas ovelhas: esta proposição contém uma das verdades evangelicas mais palpaveis e que todos conhecem; em cada uma das ditas freguezias haveria um parocho principal e um cura, e este encarregado de ensinar aos meninos da parochia o cathecismo da religião, a arte de lêr, escrever e contar, e ao mesmo tempo uma cartilha clara de agricultura em fórma de dialogo.

Assim as escolas das primeiras letras se proporcionariam ás necessidades dos povos, e seriam confiadas ás pessoas mais dignas, e os meninos aprenderiam desde a sua primeira idade os principaes fundamentos de uma sciencia que devem praticar toda a sua vida, e os primeiros rudimentos da economia rural, de que deveriam tirar avantajadas conveniencias.

Emfim, se um e outro parocho formassem uma pequena academia de agricultura, com os principaes lavradores da freguezia, tudo iria bem, e em pouco tempo seria tal o augmento de frutos, producções e novas descobertas, de que o Estado teria muito de que viver contente.

O systema que tenho proposto exige por sua natureza os cuidados e a industria de sabios executores. Na Grecia os areopagitas superintendiam pessoalmente nos negocios da agricultura e dirigiam as suas differentes operações. E em Roma haviam censores agrarios, encarregados de toda a economia rural.

A estas sabias e necessarias providencias deveu uma e outra republica o estado florescente e venturoso a que as conduzia a primeira das artes, e sem a qual seriam instaveis a gloria e a fortuna das nações.

Qual seria, pois, a felicidade do Brasil se na capital de cada provincia ou capitania houvesse um magistrado bem instruido na economia rural, que vigiasse sobre todos os ramos da lavoura, presidindo ás sociedades economicas que

se deveriam formar nas ditas provincias, e ajuntar todos os mezes, uma vez ao menos, nas casas da camara principal! Objectos relativos aos campos unicamente deveriam ser os da sua commissão, e sobre elles daria as necessarias providencias, ouvindo primeiramente e consultando as ditas sociedades, nas quaes todas as pessoas instruidas da provincia poderiam entrar como socios ordinarios ou extraordinarios, sendo a sua divisa e pagamento o merecimento litterario e o desejo de felicitar a patria.

A Inglaterra, emfim, que tem sido a fiel imitadora das acções gigantescas e immortaes dos gregos e dos romanos, tem formado innumeraveis associações e os mais bellos estabelecimentos em beneficio de cada um dos ramos da agricultura, não se esquecendo de estabelecer ultimamente, e de estender pelos campos, cadeiras de chimica para que os lavradores possam aperfeiçoar as suas operações agrarias e tirar d'ellas o maior proveito.

Não é d'esta maneira que se deveriam regular as especies de grãos, pastos e arvores, que poderiam prosperar mais nos differentes lugares das ditas provincias? Não é d'esta maneira ainda que se poderiam multiplicar os gados de todas as especies, e melhorar successivamente as raças particulares pela renovação dos pais bem proporcionados ao intento? Não é d'esta maneira, emfim, que se podia promover mais facilmente a povoação nos lugares convenientes e nos quaes ella podesse melhor prosperar?

E para não faltar cousa alguma em materia de tanta importancia e historia natural, sendo lei irrevogavel que nenhum ecclesiastico fosse admittido ao officio parochial, ou a qualquer outro beneficio, sem frequentar por um anno a dita escola.

Da mesma fórma se deveria estabelecer nas referidas capitaes outra escola e officina de machinas, instrumentoos e

moinhos respectivos á agricultura, a qual como não é licito ignorar, precisa d'estes auxilios para a sua grandeza e perfeição, não sendo jámais sufficientes para uma e outra cousa as limitadas forças do braço humano, auxiliado apenas pela enxada, machado e fouce.

Seria, emfim, necessario que na proximidade das sobreditas capitaes se escolhesse um terreno capaz, no qual se fizessem as experiencias com casa sufficiente para um lavrador pratico, proporcionando-lhe o gado preciso para a lavoura e uso dos instrumentos aratorios, afim de que o mestre da agricultura podesse confirmar as suas lições com a boa pratica, e servir a dita fazenda de regra e modelo aos lavradores em geral, com o desejado proveito d'elles mesmos e progressivo augmento da riqueza nacional.— O conselheiro *Antonio Rodrigues Velloso de Oliveira.*

VICE-REINADO DE LUIZ DE VASCONCELLOS

CORRESPONDENCIA COM A CÔRTE

ANNO DE 1788

(Documentos copiados no Archivo Publico)

Officio dando conta dos ultimos trabalhos da demarcação até se concluir a que pertence á primeira subdivisão, e dos em que devem continuar a empregar-se as partidas da mesma primeira subdivisão, na fórma por que o determindra ao nosso 1° commissario para ajudarem as da segunda subdivisão, apezar da intempestiva repugnancia que este mostrou á proposta, que para isso lhe fez o 1° commissario hespanhol D. José Varella, etc., etc.

N. 25. Illm. eExm. Sr. — Tendo participado a V. Ex. na minha carta, com data de 18 de Agosto proximo precedente, todas as noticias relativas á demarcação de que se acha encarregado o brigadeiro Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara até ao estado de se collocarem os marcos nos sitios que ficam servindo de raia entre os limites de ambas as nações, me parece conveniente continuar a dar a V. Ex. uma breve noção dos trabalhos em que successivamente se têm empregado as partidas da primeira subdivisão pelas circumstancias que occorreram e me obrigaram a adiantar algumas providencias, que, além de facilitarem o progresso da mesma demarcação, vêm a remover as muitas e repetidas

objecções que os hespanhoes pretendem imputar á partida portugueza, logo que se offerece qualquer pretexto que póde animar as suas invectivas e os perniciosos fins a que se tem proposto na continuação d'aquella diligencia, reservando dirigir a V. Ex. em outra occasião os planos e diarios que lhes correspondem, e me deve remetter o 1° commissario depois de se concluirem os ultimos exames e observações do indispensavel reconhecimento do rio Pepiri-guassú no Uruguay.

Sendo o rio Jacuy umas das balizas mais assignaladas das possessões portuguezas, como estabelece o art. 4° do tratado que manda *continuar o dominio de Portugal pelas cabeceiras dos rios que correm até o Rio-Grande e o Jacuy*, pareceu aos commissarios principaes que se deviam indagar e reconhecer com a mais escrupulosa diligencia este rio e as suas consideraveis extensões, afim de se poder vir no conhecimento de outros muitos rios e arroios de que havia alguma tradição ou noticia, mas que se não distinguia, nem se dava por certo o lugar da sua existencia n'aquellas vastas campanhas. D'este exame se encarregaram os facultativos das duas partidas, que, entrando pelo Jacuy aguas acima desde o passo da Guarda até a serra do Monte-Grande ou Geral, d'onde este rio se despenha, conseguiram deixar marcada aquella parte do mesmo rio com todas as suas grandes voltas até a sahida da referida serra, e atravessando os terrenos que lhe ficam ao norte reconheceram tambem não só os arroios ou galhos occidentaes do proprio Jacuy, mas ainda as distancias que seguem pela estrada geral dos povos de Missões, entre os arroios Piratini e Iguymiri.

Como, porém, pelo lado oriental do mesmo rio Jacuy não deixavam de haver outros muitos rios e arroios, e consequentemente muitas extensões de terrenos que se deviam demarcar e reconhecer, continuaram os mesmos facultativos

as suas indagações entre a serra dos Hervaes dos povos de S. Miguel, S. João, S. Nicoláo e S. Thomé, aonde aquelles mesmos povos costumam mandar colhêr e beneficiar a herva *matte*, de que tiram grandes interesses, ficando toda aquella distancia de onze até doze leguas cercada e defendida da parte de oeste pelos impenetraveis bosques do Jacuy, e da de léste pelos de Cahy. D'esta referida estrada dos Hervaes se proseguiram os reconhecimentos dos outros galhos orientaes do Jacuy-guassú, particularmente apontados na memoria que me dirigiu o nosso 1° commissario, e vai por copia debaixo do n. 1, mostrando-se á vista d'ella a derrota que seguiram os ditos facultativos até atravessarem os campos da Vaccaria nos dominios de Portugal, entre os rios das Pelotas e das Antas, d'onde foi necessario que retrocedessem pelas cabeceiras do dito Jacuy-Guassú para a povoação de S. João Baptista, d'onde se devia dispôr e dirigir a ultima diligencia que restava do exame, e reconhecimento da barra do Pepiri-guassú.

Para se effectuarem os reconhecimentos e configurações d'estes terrenos se empenharam as duas partidas com o mais incansavel trabalho que se póde imaginar, desde 15 de Março até 9 de Maio proximo precedente, em que entraram e descobriram a barra do sobredito rio Pepiri-guassú, como mostra a derrota que vai notada na copia da memoria debaixo do n. 2. Deixo de referir as diversas direcções que foi necessario seguir-se desde a povoação de Santo Angelo até se encontrarem os grandes serros e impenetraveis matos do Uruguay, como tambem a custosa e impertinente picada que pareceu indispensavel abrir-se, e por onde se internaram até chegarem á margem oriental do Uruguay-Puitá, que pôde servir de ponto fixo para se procurar o rio Pepiri-guassú, por se acharem todas estas noticias e particularidades expressamente apontadas na referida derrota. E' certo,

porém, que por uma casualidade não esperada se descubriu e reconheceu a barra do Uruguay, pelo qual se navegou aguas abaixo com grandes trabalhos e riscos, occasionados das cachoeiras e saltos, que embaraçam a facil e seguida passagem d'aquelle rio, avistando-se depois de se navegar duas leguas ao rumo de noroeste, pelo lado direito da margem septentrional, a decantada barra do dito rio Pepiri-guassú, que desconheceram os proprios facultativos,por não vêrem nem a ponta de léste na entrada d'este rio, aonde presentemente existe um serro, nem apparencias [illegible]oçado que consta haver-se feito n'aquelle lugar pelas partidas da demarcação passada, nem, finalmente, a ilha que devia reconhecer-se na barra ; além de não concordar a latitude que se observou com a que se examinou pelos demarcadores d'aquelle tempo. Por isso, sem maior indagação, continuando a navegação aguas abaixo do rio, encontraram pelo lado opposto, na margem meridional do Uruguay, a barra de outro rio, que pareceu a verdadeira que se procurava, persuadindo-se por uma estimativa, ainda pouco segura, de que mais abaixo se poderia reconhecer o sobredito rio Pepiri-guassú.

Não lhes foi necessario muito tempo para se desenganarem da errada direcção que seguiam, por haverem navegado treze leguas pelo Uruguay sem encontrarem os vestigios que procuravam, e deviam demonstrativamente servir de governo para a sua derrota ; e, assentando ambos os facultativos em voltar para cima, deixaram levantado em um roçado, que se fez na ponta de léste, junto ao rio que desagua no Uruguay pela parte do norte, um páo lavrado, de altura de quatorze palmos e meio, com esta inscripção gravada na face do sul : « A 3 de Maio de 1788 chegaram aqui os reconhecimentos da primeira partida da demarcação da America Meridional, » afim de que a todo o tempo se podesse conhe-

cer o sitio a que haviam chegado, e que tambem podia servir de signal para a melhor intelligencia das suas observações, no caso de se não verificarem os mais reconhecimentos a que novamente se destinavam.

N'esta intelligencia, retrocedendo outra vez para o rio acima, conseguiram com o maior esforço e diligencia possivel descobir em breves dias uma ilha, que está defronte da barra do Pepiri-guassú, por onde entraram no dia 9 de Maio, e, á força das mais miudas averiguações, reconhecoram na falda do serro, aonde se julgava axistir a ponta de léste, dois troncos velhos ou restos de arvores cortadas ha bastantes annos, que indicavam algum desmonte que em outro tempo se tivesse feito n'aquelle lugar, ficando certos de que a total falta da dita ponta de léste que procuravam procedia, como era verosimil, das crescentes do Uruguay e da confluencia das aguas d'este rio e do Pepiri-guassú, que precisamente o deviam desvanecer dentro de tão largo tempo, maiormente por existir uma restinga de baixio, que sahe do dito serro e prosegue até ao meio do Uruguay, aonde se divisam varias pequenas ilhas, algumas das quaes em tal caso não deixaria de ficar, por algum d'aquelles acontecimentos, na propria barra do Pepiri-guassú.

A' vista, pois, d'estes indicios e de outros, que precisamente hão de constar dos planos e diarios d'esta demarcação, convieram os ditos facultativos, como lhes foi determinado, em levantar um padrão que servisse de memoria e baliza das possessões portuguezas e hespanholas, que se achavam demarcadas n'aquelles sitios, gravando em um grosso páo, de comprimento de doze palmos e meio, que ficou patente o astronomo José de Saldanha pelo lado da face que olha para a banda do nascente esta inscripção: *R. F. Post facta ressurgens Pepiri-guassú. Maio*, 9, 1788; e do mesmo modo pela parte da face que olha para o lado

occidental o astronomo hespanhol D. Joaquim Gundim: *R. C.* 1788. Não posso comtudo formar ainda conceito das circumstancias mais individuaes d'esta demarcação, por haver só recebido as noticias que deixo referidas, sem aquella precisão e clareza que espero conseguir, á vista dos planos e diarios que me deve remetter o nosso primeiro commissario, e que só podem mostrar as vantagens que d'ella resultam aos dominios de Portugal, posto que me persuado, que não deixarão de haver algumas desigualdades ou talvez mais indiscretas contestações nos terrenos do Jacuy, e nas grandes extensões dos campos que se acham occupados pelos hespanhoes, e d'onde elles tiram as utilidades dos seus hervaes, por ser um dos artigos de que já se lembrou o commissario hespanhol, e sobre ter pretendido negociar com Sebastião Xavier quando se tratou d'esta demarcação particularmente.

N'este estado se achava todo este negocio, que, segundo o projecto do nosso 1° commissario devia pôr a ultima conclusão dos trabalhos propriamente incumbidos ás partidas da primeira subdivisão, quando o commissario hespanhol D. José Varella e Ulloa o convidou pela carta, que remetto por copia debaixo do n. 3, para se encarregar de reconhecer, e demarcar o rio Pepiri-guassú e as suas immediações, mostrando a necessidade de se deverem occupar n'este serviço as partidas do seu commando, pelos embaraços e difficuldades que precisamente haviam de encontrar as da segunda subdivisão, logo que se empenhassem em atravessar a aspera cordilheira de Santo Antonio para seguirem e procurarem as cabeceiras do dito Pepiri-guassú. Não pareceram, porém, a Sebastião Xavier muito conformes com os seus sentimentos os motivos da instancia do seu concorrente; e, valendo-se das clausulas que lhe foram prescriptas a respeito da demarcação da sua particular inspecção, sem

entrar no espirito e objecto principal das reaes ordens que lhe foram dirigidas, regeitou inteiramente a proposição que se lhe fez pela carta, que remetto por copia debaixo do nº 4, na qual, depois de pretender persuadir que todo aquelle trabalho competia tão sómente ás segundas subdivisões, sem outra razão ou fundamento mais do que a intelligencia da ordem por que se regularam e discerniram as operações das partidas correspondentes, teve o pouco accordo de recorrer aos incommodos e obstaculos que as da primeira subdivisão experimentaram na penosa derrota do Uruguay; como se estes mesmos incommodos e obstaculos não tivessem tambem experimentado os hespanhoes, que se mostravam dispostos a tolerar outros de novo nas longas distancias do Pepiri-guassú.

Resultou d'esta repulsa e total opposição de Sebastião Xavier o communicar-lhe D. José Varella a resolução em que se achava de retirar-se com a partida hespanhola para Montevidéo ou Buenos-Ayres, como havia representado ao marquez de Loreto logo que se finalisassem os ultimos trabalhos do plano geral e diarios que lhe competiam, e de se determinarem as mais diligencias que de commum accordo se deviam effectuar para melhor intelligencia e clazeza da sobredita demarcação, devendo esperar que a partida portugueza seguiria este mesmo arbitrio, por vir a ser inteiramente inutil e prejudicial a sua demora n'aquelle destino. Não pôde deixar de me causar bastante novidade esta noticia, logo que me foi communicada pela carta, que remetto por copia debaixo do n. 5, attribuindo este incidente mais á repugnancia que Sebastião Xavier mostrou de se encarregar do trabalho e reconhecimento do Pepiri-guassú, do que a pretextada demora que o commissario hespanhol acha escusada e inutil n'aquelle serviço, que está ainda dependente das ultimas decisões das duas côrtes, principalmente pelo que res-

peita aos terrenos duvidosos que se devem apropriar e unir aos dominios portuguezes, afim de se não reduzirem á ultima estreiteza e oppressão que os hespanhoes têm pretendido nas largas distancias das margens da lagoa de Mirim.

Para prevenir, comtudo, estas consequencias e ainda outras, que se deviam receiar da intempestiva resolução de D. José Varella, me pareceu conveniente capacitar a Sebastião Xavier da indispensavel obrigação de demarcar o sobredito rio Pepiri-guassú n'aquella parte a que havia toda a probabilidade de não poder chegar a partida da segunda subdivisão, pelos obstaculos que offerecia a extensa cordilheira de Santo Antonio, mostrando-lhe na carta, que remetto por copia debaixo no n. 6, a verdadeira intelligencia do tratado e das reaes ordens, que regularam o modo e a fórma da sua execução, e determinando-lhe positivamente que, visto se achar concluido o reconhecimento dos terrenos que comprehende a dita demarcação, devia incumbir-se da que respeita ao sobredito reconhecimento do Pepiri-guassú, não só por ser uma obra que interessa á propria honra da partida portugueza, mas ainda por se conformar esta diligencia com as reaes ordens de Sua Magestade, que mandam tratar esta dependencia de commum accordo com os hespanhoes, que n'este caso desprezam as fadigas e se ostentam mais constantes e desembaraçados para vencerem os novos trabalhos do dito reconhecimento. Não deixei tambem de insinuar-lhe o meio que devia seguir para tornar a conciliar a devida correspondencia com o seu concorrente sobre a referida pretenção, pois tomando por pretexto a deliberação em que se achava de retirar-se para Montevidéo ou Buenos-Ayres, com muita facilidade podia aproveitar a occasião de mostrar a sua condescendencia, e o partido que tomava de proseguir na referida demarcação pelo commum interesse que resultava

a ambas as nações da brevidade e diligencia com que se devia concluir este importantissimo negocio.

Como depois de se assentar no modo mais facil e menos incommodo de se vencerem os novos trabalhos que se tem proposto, se deviam antecipar os precisos avisos ao coronel Francisco João Roscio para se saber dirigir na demarcação do art. 8°, e poder evitar as contestações que se têm agitado entre o seu concorrente D. Diogo de Albear a respeito do sobredito reconhecimento do Pepiri-guassú; não deixei de precaver tambem algumas consequencias que se podem e devem esperar do comportamento, que tem mostrado o dito coronel Roscio n'esta diligencia. Já então havia recebido a participação do embarque e sahida das segundas subdivisões da povoação da Candelaria no dia 26 de Abril proximo precedente, em que se deu principio á sobredita demarcação, e não obstante os grandes retardos e demoras que se não podiam imputar ao dito coronel totalmente pela dependencia em que se achava do referido D. Diogo de Albear, que lhe devia suffragar os meios mais aptos e mais promptos que lhe foram requeridos, me pareceu conveniente acautelar todos os acontecimentos que podessem sobrevir, recommendando a Sebastião Xavier que, em qualquer occasião em que se possa receiar algu n prejuizo ou consequencia aos reaes interesses de Sua Magestade, tanto por culpa, como por falta de intelligencia do 2° commissario, haja de passar immediatamente ao sitio da referida demarcação, levando comsigo algum dos officiaes da sua partida, que lhe parecer mais habil e desembaraçado, afim de ficar substituindo ao dito coronel Roscio no caso de parecer necessaria a sua assistencia na primeira subdivisão, pois sendo então escusada, ou ainda não sendo muito indispensavel, devia encarregar-se d'aquelle serviço e adiantar todos os passos que d'elle dependessem, para se não interromper o seu pro-

gresso, na fórma das ordens de Sua Magestade, que V. Ex. me tem participado a este respeito.

Devo, porém, expôr a V. Ex. que, havendo de attender á prompta execução de qualquer providencia ao tempo e ás circumstancias que se offerecerem, por ser o unico remedio que resta para se não reduzir este negocio ao ultimo desamparo, como V. Ex. adverte na sua carta de 9 de Fevereiro proximo precedente, todo e qualquer expediente que tomasse com prevenção Sebastião Xavier no tempo da molestia, e das contestações do dito coronel Roscio com D. Diogo de Albear, viria a ser inutil, e ainda muito suspeitoso e prejudicial ao progresso da referida demarcação, tanto pelo que respeita á da primeira subdivisão, que se achava bastantemente adiantada, como á da segunda, que estava ainda no principio, e apenas com algumas disposições mal concertadas para se tentar a navegação do Paraná; principalmente havendo uma consideravel distancia do Monte-Grande, aonde se achava o 1° commissario, á povoação da Candelaria, que faria muito arriscado e suspeitoso aquelle mesmo expediente. Muito pelo contrario era bem de receiar que esta resolução abalasse o animo simulado de D. José Varella, que, vendo o seu concorrente retirar-se para lugares tão remotos, não deixaria de praticar alguns desconcertos, ou ainda de inventar algum artificio para levar adiante os seus projectos na demarcação do Monte Grande, em que então se occupavam as partidas da primeira subdivisão, como já aconteceu quando se dirigiu á linha divisoria pelas immediações de Tahim e da lagoa de Mirim, muito proximas ao Rio-Grande, pois sendo a assistencia do nosso 1° commissario da primeira necessidade n'aquelles sitios, bastou a ausencia que elle fez, para dispôr algumas materias concernentes ao governo d'aquelle continente, para D. José Varella formar contra elle as suas recriminações, ao mesmo tempo

que a diligencia nem ficava suspensa, nem a distancia era tão grande que não podesse em brevissimo tempo apresentar-se no seu acampamento no caso de maior precisão, como tive occasião de manifestar a V. Ex. quando tratei da sobredita demarcação.

Deus guarde a V. Ex. Rio, 7 de Novembro de 1788.— *Luiz de Vasconcellos e Sousa.*—Sr. Martinho de Mello e Castro.

Alvará, pelo qual Sua Magestade manda extinguir as fabricas e teares de galões, tecidos, ou bordados de ouro e prata.

Eu a Rainha faço saber aos que este alvará virem que, sendo-me presente o grande numero de fabricas e manufacturas que de alguns annos a esta parte se tem diffundido em differentes capitanias do Brasil, com grave prejuizo da cultura e de lavoura, e da exploração das terras mineraes d'aquelle vasto continente, que quanto mais se multiplicar o numero dos fabricantes, mais se diminuirá o dos cultivadores, e menos braços haverá que se possam empregar no descobrimento e rompimento de uma grande parte d'aquelles extensos dominios que ainda se acha inculta e desconhecida. Nem as sesmarias, que formam outra consideravel parte dos mesmos dominios, poderão prosperar, nem florescer por falta do beneficio da cultura, não obstante ser esta a essencialissima condição com que foram dadas aos proprietarios d'ellas. E até nas mesmas terras mineraes ficará cessando de todo, como já consideravelmente tem diminuido a extracção de ouro e diamantes, tudo procedido da falta de braços, que, devendo empregar-se n'estes uteis e vantajosos

trabalhos, ao contrario os deixam e abandonam, occupando-se em outros totalmente differentes, como são os das referidas fabricas e manufacturas. E consistindo a verdadeira e solida riqueza nos frutos e producções da terra, as quaes sómente se conseguem por meio de colonos e cultivadores, e não de artistas e fabricantes. E sendo além d'isto as producções do Brasil as que fazem todo o fundo e base, não só das permutações mercantis, mas da navegação e commercio entre os meus leaes vassallos habitantes d'estes reinos e d'aquelles dominios, que devo animar e sustentar em commum beneficio de uns e outros, removendo na sua origem os obstaculos que lhes são prejudiciaes e nocivos. Em consideração de tudo o referido, hei por bem ordenar, que todas as fabricas, manufacturas ou teares de galões, de tecidos, ou de bordados de ouro e prata, de veludos, brilhantes, setins, tafetás, ou de outra qualquer qualidade de seda, de belbutes, chitas, bombasinas, fustões, ou de outra qualquer qualidade de fazenda de algodão, ou de linho branco, ou de côres, e de pannos, baetas, droguetes, saetas, ou de outra qualquer qualidade de tecidos de lã, ou os ditos tecidos sejam fabricados de um só dos referidos generos, ou misturados e tecidos uns com os outros, exceptuando tão sómente aquelles dos ditos teares e manufacturas em que se tecem ou manufacturam fazendas grossas de algodão, que servem paro uso e vestuario dos negros, para enfardar e empacotar fazendas, e para outros ministerios semelhantes; todas as mais sejam extinctas e abolidas em qualquer parte onde se acharem nos meus dominios do Brasil, debaixo da pena do perdimento em tresdobro do valor de cada uma das ditas manufacturas ou teares, e das fazendas que n'ellas ou n'elles houver, e que se acharem existentes dois mezes depois da publicação d'este, repartindo-se a dita condemnação, metade a favor do denunciante, se o houver, metade pelos officiaes

que fizerem a diligencia; e não havendo denunciante tudo pertencerá aos mesmos officiaes.

Pelo que mando ao presidente e conselheiros do conselho ultramarino, presidente do meu real erario, vice-rei do Estado do Brasil, governadores e capitães-generaes, e mais governadores e officiaes militares do mesmo Estado, ministros das relações do Rio de Janeiro e Bahia, ouvidores, provedores e outros ministros, officiaes de justiça e fazenda, e mais pessoas do referido Estado, cumpram e guardem, e façam inteiramente cumprir e guardar este meu alvará, como n'elle se contém, sem embargo de quaesquer leis ou disposições em contrario, as quaes hei por derogadas para este effeito sómente, ficando aliás sempre em seu vigor. Dado no palacio de Nossa Senhora da Ajuda em 5 de Janeiro de 1785. —Rainha.—*Martinho de Mello e Castro.*

Alvará por que Vossa Magestade é servida prohibir no Estado do Brasil todas as fabricas e manufacturas de ouro, prata, sedas, algodão, linho e lã, ou os tecidos, sejam fabricados de um só dos referidos generos ou da mistura de uns com os outros, exceptuando tão sómente as de fazenda grossa do dito algodão. Para Vossa Magestade vêr.

A' fl. 59 do livro em que se lançam os alvarás n'esta secretaria de Estado dos negocios da marinha e dominios ultramarinos fica este registrado. Sitio de Nossa Senhora da Ajuda, em 2 de Março de 1785.—*Francisco Delaage.*—José Theotonio da Costa Passer o fez. Sitio de Nossa Senhora da Ajuda, em 3 de Março de 1785.—*João Gomes de Araujo.*

Carta de officio em que se responde ao do Sr. vice-rei de 31 de Julho do anno passado, sobre a grande remessa de cochonilha etc. etc.

N. 7. Illm. Exm. Sr.—Recebi a carta de V. Ex. com data de 31 de Julho passado, que acompanhou a factura de tresentas e dez arrobas e dezeseis arrateis de cochonilha, que se remetteram pela náo Belem, importando com todas as despezas em vinte e cinco contos seis centos e um mil cento e noventa reis. Esta importante remessa, e o augmento que vai tendo a cultura d'este arbusto na ilha de Santa Catharina são effeitos do zelo e efficacia de V. Ex. em promover tão importantes objectos; e será desgraça se depois de tão bons principios se deixar perder todo este trabalho, e as futuras utilidades que d'elle hão de resultar. A falta de meios d'essa provedoria de que V. Ex. se queixa, são difficultosos de remediar completamente d'este reino, onde ha infinitas despezas indispensaveis a que é preciso acudir: se a dita cochonilha que ainda se acha na casa da India se poder aqui vender por junto, o seu producto, que se remetterá a essa capital remediará parte da necessidade que ahi se experimenta, até que se possa dar alguma providencia mais ampla e efficaz sobre este importante assumpto.—Deus Guarde a V. Ex..—Palacio de N. Senhora d'Ajuda em 11 de Abril de 1789.—*Martinho de Mello e Castro* — Sr. Luiz de Vasconcellos e Sousa.

Carta de officio em que se responde em particular ao officio de 7 de Novembro do anno passado, sobre o comportamento do nosso 1° commissario da demarcação em repugnar a proposta que o 1° commissario hespanhol lhe havia feito, para se encarregarem com as partidas da 1ª subdivisão do reconhecimento do rio Pepiri-guassú, etc. etc.

N. 9—1—Illm. Exm. Sr.—Recebi, e levei á real presença de S. Magestade as cartas de V. Ex., que trouxeram as datas dos mezes de Julho, Agosto, Novembro e Dezembro do anno proximo precedente de 1788 que tratam principalmente dos pontos seguintes.

2—Primeiro: Sobre as conferencias que V. Ex. teve com o governador e capitão general de Minas Geraes relativas a formatura do regulamento, pauta, e registro para o novo methodo de se cobrarem os direitos de entrada das fazendas que vão d'essa para aquella capitania, corregindo-se os enormissimos abusos com que até agora se tem feito, e continúa a fazer em prejuizo não menos enorme da real fazenda, aquella importante arrecadação: segundo: sobre o direito senhorial do quinto e casas da fundição: terceiro: sobre as providencias que V. Ex. tem dado para o novo estabelecimento das minas de Macacú, e o estado em que ellas presentemente se acham.

3—Igualmente informa V. Ex. em quarto lugar de se achar concluida a demarcação dos dois dominios portuguez e hespanhol até a entrada do rio Pepiri-guassú no Uruguay. Da intempestiva repugnancia, e resistencia que mostrou e fez o nosso primeiro commissario ao de Hespanha, para o reconhecimento e demarcação, a que este o persuadiu, e elle recusou do mesmo Pepiri-guassú, e o que V. Ex. lhe determinou ao dito respeito.

4—Em quinto lugar do atrazamento da segunda subdivisão confiada da parte de Portugal ao coronel Francisco João Roscio, e da parte de Hespanha ao capitão de navio D. Diogo de Albear; e a providencia que V. Ex. deu, para o caso de algum desconcerto, ou desvario que o dito coronel Roscio podesse ter, como pouco tempo antes lhe aconteceu; por occasião da molestia, de que já se achava restabelecido: A que se póde ajuntar a nimia facilidade com que o mesmo Roscio se deixou induzir das suggestões, e noticias vagas dos hespanhoes, para se não tomar d'aquelles districtos um claro e individual conhecimento, e fazer-se a actual demarcação com os mesmos absurdos, com que se praticou a do anno de 1750; como tudo se deprehende das cartas anteriores do referido Roscio.

5—Em sexto lugar sobre as conferencias, que V. Ex. teve com o governador e capitão general da capitania de S. Paulo Bernardo José de Lorena, a respeito da demarcação pertencente aquella capitania, dando lhe uma copia, de que me remette outra do plano do vice-rei de Buenos Ayres D. João José de Vertiz; e instruindo ao dito governador e capitão general de São Paulo das maximas do actual vice-rei de Buenos Ayres, e do seu commissario o capitão de fragata D. Felix Azara, que já se achava no Paraguay para fazer executar o dito plano, principalmente no que pertence a querer substituir o rio Igatemy, pelo Igurey.

6—A gravidade das materias acima indicadas, sendo da maior importancia d'ellas, e de tudo o mais concernente a esse governo, deve V. Ex. fazer uma relação circumstanciada e instructiva, para o novo vice-rei conde de Rezende que vai succeder a V. Ex: E ao mesmo conde se daráõ aqui as precisas noções do principio, progresso, e estado de todas, e cada uma das referidas materias, e dos mais negocios de que V. Ex. se acha incumbido, para que com estes

soccorros possa elle dirigir-se debaixo do mesmo methodo, e systema até agora praticado, sem as alterações e mudanças que frequentemente costumam acontecer nas occasiões de novos governos, em grave prejuizo do real serviço.

7—O mesmo conde requerendo a Rainha Nossa Senhora alguma dilação da sua partida, em razão dos seus preparos e da sua familia; e obtendo de Sua Magestade esta graça, se lhe destinou para o seu transporte, e o do governador e capitão general de Angola a náo Belem, a qual depois de conduzir o primeiro ao Rio de Janeiro, ha de passar com o segundo a São Paulo da Assumpção, e trazer d'alli o barão de Mossamedes. que acaba de governar aquelle reino.

8—Para o transporte dos reaes quintos, e cabedaes da praça do presente anno, e para conduzir igualmente a V. Ex. a esta côrte destinou Sua Magestade a fragata Tritão, commandada pelo capitão de mar e guerra Pedro Mariz de Sousa Sarmento ; e logo que a dita fragata ahi chegar expedirá V. Ex. as ordens necessarias, para que concorram os ditos cabedaes sem perda de tempo, assim da coroa, como dos particulares ; e mandará igualmente metter a bordo da mesma fragata o taboado de Paroba, que ella poder receber, ou de Tapinhoam, não havendo prompto o de Paroba.

9—Não se podendo bem calcular o tempo em que o successor de V. Ex. chegará ao porto d'essa capital ; no-caso em que a sua demora se estenda ao de lá do fim de Julho ; permitte Sua Magestade, que sem esperar mais tempo se embarque V. Ex. na referida fragata, e prosiga a sua viagem para este reino, deixando no intervallo da sua partida, e da chegada do seu successor o governo interino que costuma ficar durante a ausencia dos vice-reis.

10—E' porém indispensavelmente necessario, que ou secretario d'esse governo, ou a pessôa que V. Ex. achar de maior

confiança e prestimo, fique encarregada da sobredita relação instructiva, e de todas as ordens, documentos, e papeis que ahi houver para os entregar ao novo vice-rei; muito particularmente os que pertencem ao importantissimo negocio da demarcação; e a este respeito não posso concluir este officio sem fazer a V. Ex. as seguintes reflexões, pelo que pertence a segunda subdivisão confiada ao coronel Roscio.

11—E' certo que este official, tem servido com muito zelo, e intelligencia; mas depois que foi encarregado de segunda subdivisão, e da parte mais difficil, e laboriosa da demarcação comprehendida no artigo VIII do tratado preliminar, sobrevindo-lhe a molestia que padeceu, se precipitou nos desatinos que constam das suas precedentes cartas, em consequencia das quaes dirigi a V. Ex. o officio de 9 de Fevereiro do anno proximo precedente, para se acudir áquelle desamparado serviço.

12—Melhorando porém o dito coronel proseguiu na incumbencia de que se achava encarregado, mas com a frouxidão, repugnancia, e preoccupação de que informou a V. Ex. o primeiro commissario Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara: e n'esta certeza não se podendo duvidar, que a navegação do Paraná desde as missões da Candelaria, ou de Corpus até a boca do Iguassú, ou grande Curitiba, a subida d'este rio, e do seu grande salto até a barra do rio Santo Antonio; a exploração e aspereza das margens d'este rio, que não é navegavel, até as suas cabeceiras, e d'ellas a indagar, e descobrir as do Pepiri-Guassú e a exploração d'este rio até a sua entrada no Uruguay, é trabalho muito superior as forças atenuadas, e ao animo abatido a que se acha reduzido o dito coronel Roscio, ; crescendo ainda mais a impossibilidade do mesmo coronel, se depois da exploração do Pepiri-Guassú houver de retroceder com

a' sua divisão a buscar outra vez o rio Iguassú, demarcar este rio até a sua entrada no Paraná, subindo depois por este acima, ou por uma das suas margens até ao pé do Salto Grande do mesmo Paraná; como tudo se acha delineado no plano do vice-rei de Buenos Ayres D. João José de Vertiz na forma seguinte.

13—« Ordena Sua Magestad que esta segunda subdivision se separe de la primera desde el rio Ibicuy, que tiene su origen, y pasa por el Monte Grande, y que atravesando esta por los pueblos de missiones hasta el de la Candelaria, ó al de Corpus ultimo por la Banda Orientale de los del Paraná suba por el en barcos hasta el pie del salto del rio Iguassú, ó Coritiba que dista tres leguas de su boca en el Paraná, y arrastrando por su banda septentrional las canoas medianas que llevar, ó haciendo las en cima del salto navegue en ellas has el rio Santo Antonio, que es el segundo que le entra por la banda austral, y subiendo por el hasta donde permiten sus aguas procure reconecer su origen, y unírlo con el Pepiri-guassú, cuya boca habia ya reconocido la primera division y a su buelta hacer la demarcacion desde la boca del Iguassú hasta el pie del salto grande del rio Paraná, conforme el articulo 8° del tratado, si no tanbien por mas oportuno el hacer esta antes de entrar en el Iguassú. »

14—Quando se comparam estes trabalhos, na realidade penosos e difficeis, com a situação do coronel Roscio encarregado d'elles, e com o que o mesmo coronel escreveu a V. Ex., e ao brigadeiro primeiro commissario nas cartas de 19 e 20 de Abril, e 9 de Maio, que V. Ex. me remetteu com o seu officio de 27 de Setembro de 1787, e com o que o mesmo brigadeiro informou ultimamente a V. Ex. sobre o referido coronel, nada se póde esperar d'aquella parte, que não sejam embaraços e tropeços, talvez irremediaveis, se não se prevenirem a tempo.

15—Bem vejo, que V. Ex. os procurou acautelar com os solidos fundamentos e concludentes razões da carta que escreveu ao referido brigadeiro, de que me remetteu a copia debaixo do n. 6° com o seu officio de 7 de Novembro; a inaudita resolução porém do mesmo brigadeiro em não querer convir no reconhecimento do Pepiri-Guassú, e os frivolos e especiosos pretextos de que se serviu na carta escripta ao commissario hespanhol D. José Varella, para illudir os justificados motivos que este lhe ponderou, persuadindo-o ao dito reconhecimento, fazem bem ver que não bastam as persuasões com que V. Ex. lhe mostrou o que devia obrar; mas que são indispensavelmente necessarias ordens mais positivas e terminantes; e n'esta certeza logo que V. Ex. receber este officio escreva sem a menor perda de tempo ao dito brigadeiro intimando lhe, que a esta côrte se fez muito estranho o seu inesperado comportamento em recusar um serviço que elle mesmo devia promover, ainda quando não lembrasse ao commissario hespanhol,e ordenando-lhe no real nome de Sua Magestade, que não só prosiga logo na exploração, reconhecimento e demarcação do sobredito Pepiri-guassú até as suas cabeceiras; mais que concluindo este trabalho, e no caso em que o coronel Roscio, ou por falta de saude, ou por abatimento de espirito, e de forças, ou por outro qualquer motivo se não ache em estado de continuar, e concluir a commissão de que está incumbido, elle brigadeiro parta immediatamente, a pôr-se a testa da segunda subdivisão,levando algum dos facultativos que lhe parecer para executar tudo o que literalmente se acha estipulado no artigo VIII do tratado preliminar: E declarando a D. José Varella que a impossibilidade do dito coronel Roscio, bem conhecida dos mesmos hespanhoes, e as ordens d'esta côrte para se adiantar quanto seja possivel a demarcação, faz indispensa-

velmente necessario que o dito coronel se retire, e que elle brigadeiro o vá substituir: Isto é o que V. Ex. deve intimar ao referido brigadeiro por termos os mais positivos, e sendo possivel antes de concluir os planos do que se acha demarcado até o Pepiri-guassú; sendo certo que só depois de concluida a demarcação comprehendida no artigo VIII, é que se póde fazer um plano completo da fronteira meridional dos dois dominios; e se D. José Varella quer formar o dito plano deixando de fóra o referido artigo VIII, é porque prevé os embaraços d'esta demarcação, e não a quer confundir com as vantagens que resultam á sua côrte do que antecedentemente se acha demarcado; e esta refinada e prejudicial destreza é que devemos evitar, se ainda é tempo, mandando pôr o brigadeiro a testa da segunda subdivisão.

Deus Guarde a V. Ex. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda em 14 de Abril de 1789. — *Martinho de Mello e Castro.* — Sr. Luiz de Vasconcellos e Sousa.

Parecer a respeito das circumstancias apontadas no extracto da viagem de La Perouse, sobre algumas observações concernentes a ilha de Santa Catharina.

Illm. Ex. Sr.—Devendo declarar o meu parecer a respeito das circumstancias apontadas no extracto da viagem de la Perouse, incluso no officio de V. Ex. de 12 de Janeiro do presente anno, sobre algumas observações concernentes a ilha de Santa Catharina, indicando juntamente os meios de se pôr esta ilha no melhor estado de segurança ; direi o que entendo n'este particular, ainda faltando-me os conhecimentos visuaes do seu terreno, que me seriam de grande soccorro, para formar idéas mais completas. Com justa razão é condemnada a multiplicidade de fortes, por ser maxima fundamental, que as forças divididas enfraquecem a defensa. A Ilha de que se trata, tem á entrada da barra do norte a fortaleza de Santa Cruz de Anhatomerim, que é a mais consideravel, e mais vantajosa pela proximidade em que fica do canal ; porém muito defeituosa pela mal entendida construcção dos edificios militares e civis, que se acham todos expostos aos tiros do inimigo, e até embaraçam o serviço das baterias ; a tempo que é a unica, que se deverá conservar, emendando os seus defeitos, dos quaes é o mais attendivel o monte da terra firme, que lhe serve de padrasto.

A fortaleza da Ponta Grossa, edificada em uma ponta da ilha, e quasi fronteira á de Santa Cruz para ajudar a defesa da entrada da barra, de nada serve, tanto pela distancia de perto de uma legua, que impossibilita o cruzamento dos tiros, como pela má construcção, e assento das suas fracas baterias á cavalleiro umas das outras, além de ficarem patentes os quarteis e mais edificios : do que resultam pequenas praças, onde é difficultoso o serviço da artilharia,

que a guarnece, havendo tambem um grande padrasto de facil accesso, que a commanda totalmente. Por esta razão deveria este lugar ser contemplado de simples observação.

A fortaleza de Ratones, construida sobre uma ilha fronteira á mesma barra, tambem se deve julgar inutil por ficar distante da de Santa Cruz para o sul quasi uma legua, e da Ponta Grossa legua e meia; sendo patente que entre estes tres pontos não podem haver cruzamentos de tiros, não obstante acharem-se situadas as referidas fortalezas á vista umas das outras. Uma esquadra ancorada no meio d'aquella distancia fica isenta de todos os fogos, e d'este lugar podem os inimigos fazer os seus ataques, como lhes parecer, senhoreando-se sem difficuldade da ilha de Ratones, em cujos quarteis poderão formar armazens, e hospital, e conservar-se o tempo necessario sem damno algum.

Do que tenho dito sobre estes tres lugares fortificados se conhece, que assim a entrada do porto como os desembarques são facilimos, e por isso fica sendo muito difficultosa a defesa da ilha, não só pela fraqueza das fortificações, mas tambem pelos defeitos da natureza, que só se poderiam emendar com a consideravel, mas util, obra de um molhe feito na direcção da Ponta Grossa á ponta do Monte da Armação grande, ou por onde fosse mais commodo, podendo-se a referida obra fortificar a ponto de se fazer a barra impenetravel.

A ilha de Santa Catharina está exposta a ser atacada por qualquer dos lados, e até pelas costas do mar grosso, na qual ha varios lugares abrigados, que são proprios para desembarques. O continente quasi por si mesmo se defende a favor de grandes alturas, pantanos, e rios caudalosos, que serão outros tantos obstaculos para se difficultarem as manobras dos inimigos ignorantes da qualidade do paiz, e pelo contrario facilitarão aos habitantes repetidas embos-

cadas, que impossibilitem toda a qualidade de estabelecimento; do que se conclue que nem a conquista da ilha é tão facil, e tão vantajosa, que convide aos armadores, nem poderá ser intentada por forças extraordinarias, faltando a esperança de uma recompensa proporcionada á despesa, excepto quando os expugnadores se contentem de viver encantonados na ilha, por não se poderem alargar para a terra firme.

A principal defesa deve consistir em ataques repentinos e emboscadas bem dirigidas, que causarão sem duvida grandes desordens ao inimigo, para o que seria conveniente franquear estradas, que dos lugares de desembarque conduzam aos desfiladeiros,com'communicações occultas entre si,ou atalhos,para que as mesmas emboscadas se possam proteger, e para que o inimigo se encaminhe pelos passos mais estreitos e incommodos até a villa capital, que deve ser comtemplada como o centro da resistencia. Igualmente proveitosa seria a construcção de pequenas obras de campanha nos postos mais importantes, guarnecidas de peças ligeiras, que acompanhassem as partidas e se movessem para outro posto, depois que se não podessem sustentar os primeiros ataques; não esquecendo n'esta qualidade de defesa tudo quanto fosse proprio para inquietar o inimigo, como são cortaduras, entricheiramentos de arvores, estrepes, e muito principalmente os fornilhos, que estabelecidos na extensão das estradas não deixarão de o maltratar, e reduzir á tal estado de fraqueza, que nada possa conseguir.

Deve-se notar que a villa tem á sua frente, ou ao sul a praia chamada da villa, ao norte a Praia de Fóra, a leste a serra da Bôa Vista, e a oeste a ponta do Estreito, d'onde principia a elevar-se insensivelmente o monte de Rita Maria, que com outro menos elevados cobrem a retaguarda

da villa, ficando ambos entre ella e a Praia de Fóra, que é defendida pelo forte de S. Francisco Xavier, e pelas baterias de São Luiz, e de São João ultimamente construida de fachina e terra. Este monte, que commanda na distancia de 300 braças pouco mais ou menos de todos os lugares circumvisinhos, se deve considerar como o ultimo ponto de reunião, e como tal merece todo o cuidado em aproveitarem-se aquellas vantagens que o terreno offerece, devendo-se construir de necessidade uma bôa fortificação, que corôe o dito monte, e sirva igualmente de cidadella á capital.

Na supposicão de que o inimigo receioso das emboscadas, que possa encontrar, quando tenha desembarcado nas praias distantes, busque a Praia de Fóra, que por extensa, e mansa facilita um prompto desembarque, e pela proximidade da villa procure effectuar os seus projectos, será muito importante ter sobre este lugar a maior vigilancia, pondo-o em estado de uma vigorosa resistencia por meio de duas, ou tres ordens de entrincheiramentos, de arvores, ou ainda de estacada por toda a extensão da praia; para que com estes obstaculos se demorem os inimigos na acção, e possam receber maior damno dos fogos das baterias de São Luiz, de São João, e do forte de São Francisco; mas como a de São Luiz não tenha capacidade, deveria ser construi la com outra largueza, mas sómente de fachina e terra, e não alvenaria, como é actualmente; assim como o forte de São Francisco, que estando agora arruinado, tendo muito pequena praça, deveria ser contemplado como bateria, reparadas as ruinas, e dirigidos os seus fogos por forma mais acertada.

E' certo que a serra da Boa Vista proxima á villa é muito superior ao monte de Rita Maria, e se acha dentro do alcance de artilharia; porém sendo inaccessivel por al-

gumas partes, facilita por outras o estabelecimento de emboscadas, que possam rebater qualquer ataque.

A praia da villa é defendida pelo forte de Santa Barbara de extravagante figura, edificado sobre umas pedras pouco distantes da praia, cuja communicação é feita por uma ponte; este forte defende soffrivelmente aquella praia· porém a sua principal força se deveria dirigir para a passagem do estreito, afim de não ser penetrada; porque conseguindo os inimigos esta vantagem, poderão com facilidade cortar a communicação com o continente, e obrigar depois os defensores a que capitulem, ou se entreguem á discrição. Para embaraçar a mesma passagem do estreito ha presentemente uma nova bateria construida na ponta, que forma o continente, opposta na largura de 180 braças á ponta da ilha, em que está o forte, ou bateria de Sant'Anna, cuja defesa se deveria melhorar, para que fosse esta passagem mais bem disputada, formando-se-lhe uma communicação coberta até o cimo do monte de Rita Maria, quando este seja fortificado.

A villa capital posta em defesa, como tenho exposto, se póde considerar, como uma praça forte, que pela visinhança dos differentes postos tem toda a facilidade para se protegerem reciprocamente.

Para este mesmo fim seria de muita utilidade a abertura de novas estradas, e a conservação da que se abriu até a villa das Lagens da jurisdicção do governador de São Paulo; pois facilmente desceriam soccorros de homens, e mantimentos no caso de terem os inimigos cortado as communicações maritimas do continente, pela parte do sul da villa da Laguna e Rio Grande; e pela parte do norte, da villa de N. S. da Graça, do rio de S. Francisco, e mais povoações da costa; porque havendo pelo sertão estradas entre as referidas villas, se poderiam receber

aquelles soccorros dentro de oito, ou dez dias, e de vinte até trinta dos lugares mais remotos, não obstante acharem-se as communicações da marinha cortadas.

Proposto como entendo o methodo de defesa, que se deverá praticar pela parte da barra do norte, julgo que o mesmo tem todo o lugar na barra do sul, que por ser estreita, e dar entrada á fragatas até certa distancia, e a bergantins até defronte da ilha na extensão de cinco leguas da mesma barra, se faz igualmente digna de attenção. Presentemente não tem outra defesa, que um reducto construido em uma ilha de difficultoso desembarque ; porém a sua força não é bastante para embaraçar a entrada por este lado, e deveriam as suas obras ser ampliadas, e mais fortes para que admittissem maior numero de peças de artilharia, e impedissem a referida entrada.

D'esta exposição se póde concluir, que não merecem o nome de fortalezas se não a de Santa Cruz de Anhatomerim, que defende a barra do norte, e a da Conceição da barra do sul ; com tanto porém que uma e outra sejam augmentadas com melhores obras, quarteis cobertos, e maior força de artilharia do que a existente na ilha, e mais lugares fortificados, e muito principalmente pondo-se em execução este projecto a respeito da mesma ilha. Tambem se faz muito necessario um parque de oito peças ligeiras para acompanharem as partidas, de que tenho feito menção.

Tratando do numero necessario de defensores, direi, que para resistir a um ataque feito por armadores, bastaria para a defesa da ilha ou outro regimento mais, além do que existe, com as tropas de milicias ; porém quando seja atacada por forças superiores, não se poderá defender sem ter ao menos tres regimentos de infantaria e um corpo de artilheiros dividido em cinco companhias, inclusa uma de artifices. Este corpo em qualquer dos casos é da maior

necessidade, porque devendo-se na sua falta tirar dos regimentos de infantaria o numero de homens precisos para o serviço das peças de bateria, e de campanha, e guarnições das fortalezas, viriam a restar poucos para os differentes ataques, que offerecerá uma guerra d'esta natureza. Os officiaes e soldados artilheiros poderiam receber a necessaria instrucção na academia, que de ordem minha se vai estabelecer, como participo a V. Ex. no meu officio n. 323. Com estas forças quasi poderei segurar, que será facil a um commandante habil embaraçar as operações de um exercito, que pretenda senhorear-se d'esta colonia, especialmente se elle aproveitar com tempo de todas os recursos da arte, e da natureza, e tomar a precaução de fazer retirar pará o continente todas as pessoas incapazes de combater, e todos os animaes uteis, e recolher á villa os mantimentos que se acharem nas fazendas e arraiaes, para o que deverá ter armazens de deposito nos lugares mais proprios e seguros.

Finalmente tornando a fallar da abertura das estradas, direi a V. Ex. que este artigo é muito interessante, não só pelo que respeita a defesa da ilha, como fica exposto, mas tambem pelo que toca ao grande augmento da agricultura, do commercio, e até da população, que justamente se deve esperar, feitas as estradas, que vão da Laguna para a villa de Nossa Senhora da Graça, a de Santa Catharina para a villa das Lagens, e assim para outros lugares; pois muitos habitantes, que vivem opprimidos pela marinha, e pelo interior da ilha, logo que tivessem aquelle soccorro dos caminhos, iriam rapidamente povoar o sertão para melhorarem de fortuna, augmentarem consideravelmente as suas lavouras, e contrahirem novas alianças a seu beneficio, e do Estado. Pelas mesmas estradas poderiam dar muito facil extracção aos seus effeitos os moradores da villa das Lagens,

ficando em distancia de vinte e cinco leguas ao porto da ilha de Santa Catharina, e viriam a tomar nova face as suas lavouras e criações. Mas seria necessario que se erigissem duas freguezias n'aquelle sertão para os soccorros de que precisam os catholicos, e por cuja falta elles se não animam a formar os seus estabelecimentos distantes d'aquelles asylos, a que devem frequentemente recorrer. Seria igualmente necessario occorrer por algum arbitrio ás precisões da fazenda real d'aquella intendencia, e a falta de rendimento das camaras para porem em execução aquellas obras igualmente uteis, como dispendiosas.

Tenho referido a V. Ex. sobre este assumpto aquillo, que na brevidade do tempo me poderam dictar as minhas poucas luzes, e as noticias que tenho conseguido. Deus Guarde a V. Ex., Rio 14 de Setembro de 1799.—Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho.—*Conde de Rezende.*

Discurso sobre o que observou Moneron na ilha de Santa Catharina, quando n'ella aportou o viajante La Perouse no anno de 1785.

A Ilha de Santa Catharina está situada na costa do Brasil; e a sua ponta mais septentrional na latitude meridional de 27° e 18' e de 329° e 30' de longitude oriental do meridiano da Ilha do Ferro, seguindo as ultimas observações: A sua população tem crescido consideravelmente, tão sómente pela extensão da marinha, desde a villa da Laguna

até a villa de Nossa Senhora da Graça do Rio de São Francisco,comprehendendo entre estas duas villas a distancia de 45 leguas em linha recta, e seguindo o caminho das paradas 54 leguas, restando ainda da villa da Laguna para o sul até o rio Mampetuba, onde se termina este governo 22 1/2 leguas por povoar-se, assim como todo o sertão, que vai até a Serra da Cordilheira, a qual serve de divisão entre este governo, e o territorio da villa das Lagens a mais meridional, e ultima da capitania de São Paulo.

O paiz é saudavel, e muito fertil, os habitantes são trabalhadores, porém pobres; esta ultima circumstancia unida a uma provedoria tambem pobre, a uma camara de rendas muito limitadas, e a um commercio insignificante nada pódem contribuir para o augmento consideravel d'esta colonia.

As estradas, de que depende o interior do paiz, tanto da villa da Laguna para a de Nossa Senhora da Graça, como a de Santa Catharina para a villa das Lagens, a qual se acha feita á custa da camara da ilha (do que ainda está parte por pagar) e assim para outros lugares são artigos bem interessantes para o augmento da população, da lavoura, e do commercio, o que tudo concorre para o accrescimo dos rendimentos da corôa; porém quem ha de mandar fazer estas estradas, um povo, uma camara, e uma provedoria pobre? Creio que não, porém sim se S. Magestade, que não perdendo nunca de vista a felicidade dos seus fieis vassallos, não cessa de os felicitar, quando os justos requerimentos chegam a sua real presença.

Que utilidade poderia tirar a corôa de uma despesa feita em novas estradas pelo meio de um sertão? Utilidade de muitos habitantes, que vivem acanhados pela marinha, e pelo interior da ilha, que tendo aquelle soccorro das novas estradas, iriam rapidamente povoar os seus lados, para

mudarem de fortuna, e augmentarem consideravelmente as suas lavouras; assim como os novos casamentos, que frequentemente se fazem entre os lavradores, que achando-se opprimidos sem terras, e sem meios, correriam da mesma sorte a povoar aquellas estradas.

Os habitantes da villa das Lagens, que limitam-se nas suas lavouras e criações, e que têm todas as difficuldades de transportarem os seus effeitos para a sua capital, pela enorme distancia, tendo uma estrada franca até o porto da ilha de Santa Catharina, o qual lhes fica na distancia de 25 leguas, trariam para alli todos os seus generos, e tomariam calor nas suas lavouras e criações; e ainda que esta se acha feita, não tem sido muito trilhada, por falta de habitantes que se queiram alli estabelecer, por não haver n'aquelle sertão os soccorros catholicos de que precisam; e só criando-se duas freguezias no dito sertão poderá elle ser rapidamente povoado, e para conservação da mesma estrada; o que tudo concorreria para o augmento progressivo dos redditos da corôa em dizimos, direitos, passagens de registros e quinto dos couros, e toda a despesa que se fizesse com as referidas estradas, seria Sua Magestade indemnisada dentro de pouco tempo.

Com justa razão condemna Moneron a multiplicidade de fortes, e é regra bem sabida, que as forças divididas enfraquecem o Estado. A fortaleza de Santa Cruz de Anhatomerim é a mais consideravel d'este governo, e foi construida pelo brigadeiro José da Silva Paes no anno de 1739 sendo governador d'esta colonia; ella serve de defender a entrada da barra, e não deixa de ser de algum modo util pela proximidade do canal; porém a sua construcção mal entendida, os seus extraordinarios quarteis proximos ás baterias, a casa do governador, a capella e casa da polvora, tudo patente aos inimigos, são defeitos bem consideraveis,

e que mostram ter sido o constructor mais architecto civil, que militar: Esta é a unica fortaleza, que n'esta barra dever-se-ha conservar, pondo-a em estado de melhor defesa, attendendo-se sempre ao mais attendivel defeito, que é do commando que tem sobre ella o monte da terra firme, que lhe fica no alcance.

A fortaleza da Ponta Grossa edificada no anno de 1740 pelo mesmo governador em uma ponta da ilha, e quasi fronteira a de Santa Cruz, para ajudar a defesa da entrada da barra, de nada póde servir, tanto pela distancia quasi de uma legua, que impossibilita o cruzamento dos tiros de uma e de outra, como tambem pela má construcção, e posição das suas fracas baterias á cavalleiro umas das outras, e os seus quarteis, e mais edificios patentes, resultando d'isto pequenas praças,que impossibilitam o bom serviço da artilharia que a guarnece; além d'isto tem um famoso padrasto de facil accesso que a commanda totalmente, pelo que deve este lugar ser comtemplado como de observação.

A fortaleza de Ratones construida no mesmo anno sobre uma ilha fronteira á barra, de nada serve; pois fica distante da de Santa Cruz para o sul quasi uma legua, e da Ponta Grossa legua e meia; pelo que bem se vê que entre estes tres pontos não podem haver cruzamentos de tiros; esta a razão porque diz Moneron tratando dos fortes, que " apesar de estarem a vista uns dos outros, parecem terem sido construidos um para ser batido, e ganho ao primeiro ataque, e os outros, para serem espectadores, etc.

A posição de uma esquadra na distancia media entre as tres referidas fortalezas fica isenta de todos os fogos, e d'este lugar podem os inimigos fazerem os seus ataques como lhes parecer, e fazendo-se senhores d'este posto de Ratones (o que lhes não será difficil) achando alli quarteis,

poderáõ formar armazens, e hospital, e conservarem-se o tempo que quizerem, sem receber damno algum.

A vista do que digo acima sobre os tres pontos, ou lugares fortificados, que são os que Moneron só reconhece por fortes, bem se vê, que a entrada d'este porto é franca, e os seus desembarques da mesma sorte o são, o que tudo concorre para a difficil defesa da ilha; e só se poderia obstar aos defeitos da sua barra com uma obra consideravel, porém util, como a de um molhe feito pela direcção da Ponta Grossa á ponta do Monte da Armação grande, ou por onde mais commodo fosse, o qual se poderia fortificar a ponto de fazer a barra inpenetravel.

A ilha de Santa Catharina está sujeita em tempo de guerra a ser atacada por qualquer dos lados, ainda pelo lado que fica fronteiro ao mar alto, que não deixa de ter varios abrigos proprios para desembarques. O seu continente quasi que por si mesmo se defende pela proximidade de grandes alturas, pantanos, e rios caudalosos, o que tudo concorre para difficultar as manobras dos inimigos ignorantes da constituição do paiz, e facilita aos habitantes continuadas emboscadas, que os obrigaráõ a não se demorarem em qualquer lugar, em que se queiram estabelecer.

No anno de 1777 quando os hespanhoes se fizeram senhores da ilha, n'ella se conservaram sem nunca se animarem a passar para o continente; e em uma só occasião que o intentaram, fazendo saltar uma escolta armada na freguezia da Enseada de Brito, foi esta surprehendida por um destacamento nosso, ficando quasi todos prisioneiros, e o resto fugiram precipitadamente para as lanchas, e retiraram-se para a ilha.

Esta ilha no estado actual creio que não poderá ser atacada por forças extraordinarias, porque a sua conquista não recompensará a despesa, *como confessa Moneron*, nem

será tão facil que se possa conseguir por armadores, *como diz o mesmo Moneron*; porém sim por uma força proporcionada ao estado de defesa em que ella se achar; e quando succedesse ser atacada com forças maiores com o fim de se estabelecerem; sujeitar-se-ião a viver encantonados na ilha sem se poderem alargar para o continente, só se este lhe fosse entregue sem alguma resistencia.

Sendo esta ilha atacada poder-se-hia defender por meio de ataques repentinos, e de emboscadas bem dirigidas causaráõ sem duvida grandes desordens aos inimigos: para isto ser bem feito devem-se franquear estradas que dos lugares dos desembarques se conduzam aos desfiladeiros, as quaes devem ter communicações occultas de umas as outras feitas por atalhos praticados pelos bosques, para que as partidas das emboscadas se possam patrocinar reciprocamente, e assim devem conduzir aos inimigos pelos lugares mais estreitos e incommodos até a villa capital, a qual deve ser comtemplada como o ultimo lugar de resistencia.

Não será sem proveito fazerem-se algumas baterias de campanha dispersas em lugares convenientes, tanto nas praias, que facilitam os desembarques, como nos desfiladeiros, que possam servir tão sómente para as peças de campanha, que devem acompanhar as partidas, trabalharem a coberto emquanto sustentam os ataques, e desampararem, logo que for necessario retirarem-se a outro posto, não esquecendo n'esta forma de defesa tudo quanto for de inquietar aos inimigos, como cortaduras, abatimentos de arvores, estrepes, e muito principalmente os fornilhos estabelecidos pelo comprimento das estradas, que communicando-se-lhes o fogo de uns a outros façam voar, e maltratar aos atacantes: sendo esta defesa bem conduzida poder-se-ha enfraquecer aos inimigos, e reduzil-os a tal estado de fraqueza, que elles nada possam conseguir.

A villa capital está fundada na ilha, e tem na sua frente ou a sul a praia da villa, a norte a Praia de Fóra, a leste a serra da Boa Vista, e a oeste a ponta do Estreito de onde principia insensivelmente a elevar-se o monte de Rita Maria, que com outro monte *mais* inferior cobrem a retaguarda da villa, ficando ambos entre ella, e a Praia de Fóra, a qual é defendida pelo forte de São Francisco Xavier, e pelas baterias de São Luiz e de São João ultimamente construida de fachina, e terra: devendo este lugar ser contemplado como o ultimo da reunião das forças, e da ultima resistencia, sobre elle é que deve haver todo o cuidado aproveitando-se de todas as vantagens, que offerece este terreno, segundo a arte de defender os postos.

E' regra bem sabida, que os lugares fortificados, e dominados por proximas alturas desamparadas, estão sujeitos a serem tomados, e as alturas ganhadas; o que seguramente não poderá acontecer estando estas bem defendidas; logo o monte de Rita Maria deve ser considerado como o principal objecto de resistencia, porque elle commanda na distancia de 300 braças pouco mais ou menos todos os lugares em circulo, como a Praia de Fóra, o pequeno forte de Sant'Anna, que defende a entrada do Estreito, a villa, e a campanha, e além d'isto o seu accesso é facilimo por qualquer parte, pelo que bem se vê a necessidade de ser esta altura coroada com uma boa obra, que sirva de cidadella a villa.

E' bem certo, que receiando-se os inimigos das emboscadas, que poderáõ soffrer pelas differentes estradas da ilha, tendo elles desembarcado nas praias distantes, que procurem a Praia de Fóra, a qual pela sua extensão, e mansidão facilitam um prompto desembarque, e que pela proximidade da villa haja de accerelar os seus intentos: á vista do que, deve-se pôr toda esta praia em vigilancia, e

em bom estado de vigorosa defesa, tendo-se antecipadamente feito em toda a sua extensão um abatimento de arvores com os troncos para a terra, e os galhos cortados em ponta para o mar, isto em duas, ou tres ordens, ou tambem duas, ou tres ordens de estacada; para que por qualquer d'estes soccorros se hajam de demorar os inimigos na acção, e possam receber maior damno dos fogos das baterias de São Luiz, de São João, e do forte de São Francisco; advertindo-se porém, que a bateria de S. Luiz por ser acanhadissima deve ser construida com mais largueza, tão sómente de fachina e terra, e não de alvenaria, como é presentemente; assim como o forte de São Francisco que estando actualmente arruinado, tendo o seu interior com muito pouca praça, deveria ser contemplado como bateria reparando-se as ruinas, e dando-se melhor direcção aos seus fogos.

A serra da Boa Vista proxima a villa é muito superior ao monte de Rita Maria, e dentro do alcance da artilharia, porém a sua subida fazendo-se vencivel por algumas partes, por outras faz-se difficultosa por causa do seu escarpado; pelo que com pouco se poderá embaraçar aos inimigos o accesso d'esta montanha, a qual póde dar abrigo a varias emboscadas, que sustentem por este lado os ataques.

A praia da villa é defendida por um forte (de Santa Barbara) de extravagante figura, edificado sobre algumas pedras pouco distante da praia, e tem a sua communicação por uma ponte, elle defende soffrivelmente esta praia; porém a sua principal defesa deve consistir na passagem do Estreito, para que esta não seja penetrada, porque conseguindo os inimigos esta vantagem, podem com facilidade cortar-nos a communicação com o continente, e depois obrigar-nos a uma entrega ou capitulação.

Para embaraçar a passagem do Estreito, ha presente-

mente uma nova bateria construida na ponta que forma o continente, e fronteira na largura de 180 braças, a ponta da ilha em que está o forte, ou bateria de Sant'Anna, a qual deve se pôr em melhor estado de defesa para poder bem disputar a passagem; devendo ter uma communicação coberta até o cume do monte de Rita Maria no caso de ser este fortificado.

A villa capital posta em defesa como acima se tem dito, deve-se considerar quasi como uma praça forte, que pela proximidade dos differentes postos tem toda a facilidade para se protegerem reciprocamente; é n'esta circumstancia, que tambem podem servir de muita utilidade a abertura de novas estradas; pois conservando-se em bom estado, e franca a que se acha feita para a villa das Lagens, por ella poderáõ descer soccorros, tanto de homens, como de mantimentos; e se os inimigos tivessem a felicidade de nos cortar as communicações maritimas do continente, tanto por um, como por outro lado por fóra das pontas da ilha, haveria embaraço em receber soccorros, pela parte do sul, da villa da Laguna, e Rio Grande; e pela parte do norte, da villa de Nossa Senhora da Graça, do rio de São Francisco, e mais povoações da costa; porém havendo uma estrada pelo sertão entre as referidas villas, e devendo esta cortar em cruz a da villa das Lagens, vem-nos a ser facil a communicação das mesmas villas e mais povoações, de d'onde se poderáõ receber soccorros dentro de oito até dez dias, e de vinte até trinta nos lugares mais distantes, não obstante acharem-se as communicações da marinha cortadas.

Tenho feito ver o methodo de defesa, que se deve praticar pela parte da barra do norte, o qual póde-se do mesmo modo praticar pela parte do sul; e como a barra d'este lado é estreita, e dá entrada a fragatas até certa distancia, e a bergantins de guerra até a frente da villa, que

fica na distancia de cinco leguas da barra do sul, tambem deve-se pôr em um bom estado de defesa ; presentemente tem uma bateria em um reducto circular construido sobre uma ilha, que fica quasi em meio d'esta estreita passagem, e é de dificultoso desembarque, por causa da rebentação do mar ; porém as suas obras não são bastantes para disputarem a entrada por este lado, e deveriam ser ampliadas com obras mais extensas, e mais fortes, que guarnecidas de maior numero de artilharia podessem impedir o accesso d'esta barra.

Pelo que deixo exposto se póde concluir, que só se devem contemplar por fortes, a fortaleza de Santa Cruz de Anhatomerim, que defende a barra do norte, e a fortaleza da Conceição, que defende a barra do sul, devendo uma e outra serem augmentadas com melhores obras, quarteis cobertos, e maior força de artilharia, que a que se acha na ilha, e lugares fortificados do circuito ; pois o numero existente não é bastante, muito principalmente se se pozer a villa no estado de defesa como se tem dito : tambem se faz muito necessario um parque de oito peças de bronze ligeiras, para acompanharem as diferentes partidas das emboscadas.

Devendo a ilha ser atacada por armadores, como se lê no mesmo extracto, bastaria para a sua defesa não só o regimento da ilha no seu estado completo, como outro regimento, e as tropas de milicias ; e com tudo não deixarei de tambem de supplicar, e mostrar a grande necessidade de um corpo de artilharia ao menos de cinco companhias, inclusa uma de artifices ; porque tendo a ilha o numero de peças de artilharia necessaria a sua defesa, e ainda só as existentes, e devendo-se tirar dos regimentos de infantaria homens para o serviço d'ellas e do parque, além das guarnições das fortalezas, viriam a restar poucos homens para os differentes ataques, que offerece uma guerra de embos-

cadas. Porém se a ilha for atacada por forças maiores, não se poderá defender sem ter ao menos tres regimentos de infantaria, e o corpo de artilheiros proposto: este é o numero pouco mais ou menos de defensores que se achava na ilha quando os hespanhoes a tomaram em 1777, além de uma esquadra; e quasi que posso segurar, que este numero de tropas sendo bem dirigidas pódem embaraçar, e destruir as operações de um exercito, que pretenda apossar-se d'esta colonia.

Finalmente direi que para a defesa da ilha ser bem feita, dever-se-ha logo que ella for ameaçada, fazer retirar para o continente todos os animaes uteis, assim como os homens e mulheres que não poderem entrar no numero dos defensores, ficando tão sómente as pessoas necessarias para a defesa, e para os differentes serviços, que exige uma occasião semelhante: da mesma fórma far-se-hão recolher á villa capital todos os mantimentos, que se acharem dispersos pelas fazendas e arraiaes da ilha: devendo haver tambem na parte do continente, mas fronteira á villa e outros lugares, bons armazens de depositos para conter os mantimentos do mesmo continente, e os que concorrerem dos lugares e villas distantes.—Rio de Janeiro, 9 de Setembro de 1799. — *Manoel Soares Coimbra.*—Coronel.

DOCUMENTO SOBRE A PRISÃO DE JOÃO JOSE' DA CUNHA FIDIE'

(Copia extrahida no Archivo Publico.)

Illm. e Exm. Sr.—Tendo esta junta de governo de remetter para essa côrte o prisioneiro João José da Cunha Fidié, major do exercito de Portugal e ex-governador das armas d'esta provincia, a quem fez cruel guerra, e que se rendêra ás armas imperiaes no 1° de Agosto do anno proximo passado na villa de Caxias, não foi possivel fazêl-o tão brevemente como esta mesma junta desejava, e participou a V. Ex. em officios ns. 9 e 10, por causa da esterilidade da estrada da Bahia e da insufficiencia das cavalgaduras para tão longa jornada; e ainda agora foi bastante difficil aprõmptarem-se as mais indispensaveis, porque a cruel sêcca, que tem grassado n'estes sertões, os ha reduzido a mui deploravel estado. E' por isto que esta junta de governo, bem apezar seu, viu-se obrigada a demorar mais de dois mezes n'esta cidade o prisioneiro Fidié, retardada assim a gloria de o fazer apresentar n'essa côrte. E considerando a mesma junta de não pequena importancia e melindre esta commissão, julgou que deveria commettêl-a a um official que não ignorasse os seus deveres e a responsabilidade de dar conta d'ella, por isso a encarrega a José Locatelli Doria, major commandante do batalhão de primeira linha d'esta provincia, que, acompanhado de um capitão do mesmo batalhão, deve amanhã partir com o dito prisioneiro em direitura á cidade da Bahia, para d'alli embarcar para essa côrte, e n'ella entregal-o para que S. M. Imperial haja por bem dar-lhe o destino que fôr do seu agrado.

D'aqui até a Bahia vai acompanhado de uma escolta de poucas praças de cavallaria para sua guarda e segurança, e

d'alli deverá ella voltar por fazer-se desnecessaria por mar.

A' junta do governo d'aquella provincia se fazem as necessarias requisições para immediatamente que chegar o dito prisioneiro dar as providencias para proseguir ao seu destino.

Sirva-se V. Ex. levar todo o referido á presença augusta de S. M. o Imperador, e pedir ao mesmo Senhor que, por sua imperial bondade, haja de perdoar alguma falta que a este respeito tenha commettido esta junta de governo.

Deus guarde a V. Ex. muitos annos. Oeiras do Piauhy, 21 de Fevereiro de 1824, 3° da independencia e do Imperio. —Illm. Exm. Sr. João Severiano Maciel da Costa, ministro e secretario de Estado dos negocios do Imperio.—*Manoel de Sousa Martins*, presidente.—*Joaquim de Sousa Martins*, coronel commandante das armas.—*Manoel Pinheiro de Miranda Osorio*, secretario.—*Honorato José de Moraes Rego*.

BIOGRAPHIA

DOS BRASILEIROS ILLUSTRES POR ARMAS, LETRAS, VIRTUDES, ETC.

DR. FRANCISCO JOSE' DE LACERDA E ALMEIDA

Proseguindo no empenho de rebuscar e reunir modestamente os dados biographicos ácerca dos varões illustres nascidos no Brasil, vamos offerecer n'esta *Revista* mais alguns, que poderão aproveitar a outros escriptores que nos têm já favorecido, fazendo mais conhecidas tantas de nossas investigações d'este genero, respectivas aos tempos coloniaes.

Em meados do seculo passado nasceu na cidade de S. Paulo Francisco José de Lacerda e Almeida, filho de José Antonio de Lacerda.

Nada sabemos de seus primeiros annos, nem onde fez os primeiros estudos, nem quando deixou os lares patrios. Consta nos sómente que em Coimbra se matriculou no primeiro anno mathematico em 1772, e possuimos a certeza de que no dia 14 de Julho de 1773 ahi fez acto d'este anno na qualidade de obrigado, e que, passando a ordinario, fez o exame do segundo anno em 7 de Julho de 1774, do terceiro em 14 de Junho de 1775, do quarto em 20 de Maio de 1776, formando-se como bacharel a 21 de Julho d'este mesmo anno. Consta mais dos proprios assentos da universidade que defendeu theses a 17 de Junho de 1777, que o exame privado a 23 de Dezembro d'esse mesmo anno, passando a tomar o capêllo ou o gráo de doutor no dia immediato, conjunctamente com o seu condiscipulo e patricio (mineiro) Antonio Pires da Silva Pontes.

Foram dois grandes luminares que se apresentaram á

disposição do governo da metropole, cheios de fé e de vida, no momento em que, em virtude do tratado de limites celebrado com a Hespanha no 1° de Outubro d'esse mesmo anno, tanto ia carecer de mathematicos e astronomos. Ora, tratando-se do Brasil, quanto mais natural era que preferisse os brasileiros, e que por seu turno estes preferissem a occasião de prestar serviços á sua propria patria! Foram ambos nomeados astronomos da terceira partida de demarcadores, que devia tomar a si, sob a direcção do governador de Mato-Grosso, toda a parte da fronteira desde o Jaurú até o Japurá.

Na charrua *Coração de Jesus* e *Aguia Real* largaram ambos de Lisboa, com outros individuos nomeados para a dita terceira e para a quarta partidas, no dia 8 de Janeiro de 1780, havendo o Dr. Lacerda, pouco mais de dois mezes antes, em 4 de Novembro, feito tirar em Coimbra a sua carta de doutor. Cremos que ambos iriam com praça na marinha. Pelo menos devia ir com ella o Dr. Pontes, quando em 1798 já era condecorado com o habito de Aviz, e havia ascendido a capitão de fragata.

Chegaram ao Pará em 26 de Fevereiro e ahi se demoraram mais de cinco mezes, partindo sómente no dia 2 de Agosto em companhia do 1° commissario da quarta partida João Pereira Caldas, ao qual acompanharam até a villa de Barcellos, então capital da capitania do Rio-Negro, recentemente creada, que devia ser a paragem da juncção das duas quartas partidas demarcadoras portugueza e castelhana.

Para não estarem ahi ociosos os nossos dois astronomos, emquanto se lhes não proporcionavam os meios de transportar-se ao seu destino, passaram a demarcar muitas paragens vizinhas, incumbindo-se o Dr. Lacerda, com um dos engenheiros, do Rio-Negro até acima de Marabitanas, bem como

do affluente Uaupés; emquanto passavam a explorar o Rio Branco até as suas cabeceiras, o Dr. Pontes, com o outro engenheiro, o capitão Ricardo Franco de Almeida Serra, o qual ao depois tanto se recommendou por seus escriptos, como por varios feitos heroicos, vindo a fallecer em 1809 no forte de Coimbra, que oito annos antes tão bem soubéra defender.

O Dr. Lacerda esteve de volta em Barcellos em fins de Janeiro de 1781; porém os seus companheiros Dr. Pontes e Almeida Serra sómente ahi se apresentaram de regresso no dia 17 de Maio d'esse anno. Taes difficuldades, porém, se apresentaram no arranjo dos transportes, que não poderam uns e outros d'ahi partir para o seu verdadeiro destino senão no 1° de Setembro.

Deixaremos de seguil-os aqui, contando os trabalhos que passaram na viagem que emprehenderam pelas aguas do Amazonas e do Madeira até chegarem em 28 de Fevereiro do anno seguinte á capital de Mato-Grosso, viagem descripta no *Diario* do proprio Lacerda, que foi publicado em S. Paulo em 1841, bem como tambem em outro, correcto em 1790, do seu companheiro de viagem Almeida Serra, que se acha reproduzido no tomo XX d'esta *Revista*. Baste-nos dizer que logo no primeiro mez de viagem, em 23 de Setembro, foram os expedicionarios atacados pelo gentio *Múra*, escapando o mesmo Lacerda de ser ferido por uma flexa que lhe passou junto do pescoço. Chegados afinal a Mato-Grosso, depois de se occuparem com algumas observações nos arredores da capital, passaram os nossos mathematicos a fazer algumas viagens de exploração, sendo encarregado o Dr. Lacerda do baixo Guaporé e dos rios que n'elle desaguam pela margem esquerda, e o Dr. Pontes, com o engenheiro Serra, das campinas de Casalvasco até as origens do rio Barbados, e depois dos ter-

« O caminho de Angola por terra á India (diz Godinho) não é ainda descoberto, mas não deixa de ser sabido, e será facil em sendo cursado, porque de Angola á lagoa Zachaf (que fica no sertão da Ethiopia, e tem de largo 15 leguas, sem até agora se lhe saber o comprimento), são menos de 250 leguas. Esta lagôa pôem os cosmographos em 15° 50', e, segundo um mappa que vi, feito por um portuguez que andou muitos annos pelos reinos de Monomotapa, Manica, Butua e outros d'aquella Cafraria, fica esta lagôa não muito longe de Zinsbané, que quer dizer côrte de Mesura ou Marabia. Sahe d'ella o rio *Aruui*, que por cima do nosso forte de Tête se mette ao rio Zambeze. E tambem o rio *Chire*, que cortando por muitas terras, e ultimamente pelas do Rondo, se vai ajuntar com o rio de Cuama para baixo de Sena. Isto supposto, digo agora: quem pretender fazer este caminho de Angola a Moçambique, e d'aqui á India, atravessando o sertão da Cafraria, deve demandar a sobredita lagoa Zachaf, e, em a achando, descer pelos rios aos nossos fortes de Tête e Sena; d'estes á barra de Quilimane, de Quilimane a Moçambique, etc. Que haja a tal lagôa dizem-n'o não só os cafres, senão portuguezes, que já lá chegaram, navegando pelos rios acima; e por falta de premio se não tem descoberto até agora este caminho. As condições que devem concorrer em seu descobridor, o poder que ha de levar, o modo com que se deve haver pelas terras por que passar, disse já em outro papel que se me pediu para bem do descobrimento. »

O rio *Chire* ainda hoje conserva este nome, segundo vemos dos mappas do mesmo Livingston; o *Aruui* é sem duvida o *Ruui* ou *Aruanga*, bem como a lagôa *Zachaf*, a chamada hoje *Niassa* ou *Nhanja*; conservando-se aquelle nome por ventura na adulteração de *Chissaga* das terras commarcãs.

Para dar ao Dr. Lacerda mais autoridade e permittir-lhe o dispôr de todos os recursos da colonia, d'onde devia começar a jornada, foi elle nomeado governador subalterno dos rios de Sena; e provavelmente receberia tambem a graduação de capitão de fragatá; como succedeu com o seu companheiro o Dr. Pontes, nomeado por esse mesmo tempo governador subalterno do Espirito-Santo, com o encargo de abrir a communicação para Minas pelo Rio Doce.

Partiu logo o Dr. Lacerda para o seu destino, e depois de preparar-se em Tête, não tardou em se pôr a caminho. Mas, ao chegar ás terras do Cazembe, foi accommettido de grave enfermidade, que, rebelde a todos os soccorros, lhe roubou a vida. Antes de fallecer, entregou todos os trabalhos feitos ao seu immediato, recommendando-lhe muito que, por caso algum, deixasse de proseguir na empreza por elle já levada tão adiante, sob mui favoraveis auspicios...

Porém o Dr. Lacerda era a alma da expedição; e faltando essa alma, os demais companheiros não se atreveram a proseguir, e regressaram a Tête, desandando o caminho já feito e conduzindo comsigo todos os instrumentos e os manuscriptos e trabalhos do mesmo Dr. Lacerda. Estes não foram até hoje publicados, nem talvez exista d'elles mais traslados que os que possue em seu archivo o Instituto Historico do Rio, onde ainda em 1868 os vimos e até em duplicado

Embora de assumpto estranho á chorographia do nosso paiz, sendo obra de um brasileiro que se propozéra a tão gloriosa empreza, não devem considerar-se estranhos ao Brasil, pelo que pedimos ao mesmo Instituto que, por gloria sua e do Brasil, faça á historia geographica o serviço de publicar por primeira vez na sua *Revista*, embora em typos menores e como documento appenso a esta biographia, as observações e notas deixadas por esse eximio paulista, cujos

ossos ficaram nos sertões d'Africa. Tal publicação, além de ser o mais honroso e perduravel monumento que podemos hoje levantar á sua memoria, virá a fornecer alguns dados mais a esta biographia, começando talvez pela apuração do dia em que morreu. Essa publicação virá tambem por ventura a mostrar como,se o Dr. Lacerda não tivesse tão infelizmente fallecido na empreza, as sciencias geographicas poderiam ter possuido meio seculo antes muitos dos esclarecimentos e observações astronomicas que ellas vieram a dever ao Dr. Livingston.

Barão de Porto Seguro

DR. ANTONIO PIRES DA SILVA PONTES LEME

Ao occuparmo-nos da biographia do Dr. Lacerda, encontramol-a tão associada á do seu condiscipulo, e companheiro nos sertões do Brasil, o Dr. Pontes, que natural nos parece o dedicar-lhe desde já aqui algumas linhas biographicas, que talvez ao diante poderemos enriquecer com mais algumas noticias que pedimos.

Nascêra Antonio Pires da Silva Pontes Leme (como o dito seu companheiro) em meiados do seculo passado; porém em Minas, na freguezia de N. S. do Rosario, comarca de Marianna, chamando-se seu pai José da Silva Pontes.

Conjunctamente com o paulista Lacerda, se matriculou em Coimbra em 1772 no 1° anno da faculdade de mathematica. Em 12 de Julho de 1773, dois dias antes que o mesmo Lacerda (provavelmente em virtude da precedencia que segundo a ordem alphabetica lhe conferia o seu nome de baptismo) fez acto d'esse 1° anno; vindo a fazel-o do 2° em 11 de Julho de 1774; do 3° em 16 de Junho de 1775;

do 4°, tomando gráo de bacharel, em 28 de Novembro de 1776, formando-se em 14 de Dezembro; e finalmente veiu a defender theses em 31 de Outubro de 1777 e a fazer exame em 22 de Dezembro seguinte, tomando o gráo de doutor aos 24 do mesmo Dezembro, conjunctamente com o dito seu compatriota Lacerda, de quem fôra condiscipulo durante todo o curso.

Nomeado, como o Dr. Lacerda, astronomo da terceira partida de demarcadores dos limites do Brasil, partiu elle de Lisboa no dia 8 de Janeiro de 1780, e, chegando ao Pará em 26 de Fevereiro, d'ahi partiu no dia 2 de Agosto para Barcellos, onde chegou a 17 de Outubro. De Barcellos sahiu no dia 1° de Janeiro do anno seguinte, conjunctamente com o engenheiro Ricardo Franco d'Almeida Serra, a explorar o Rio Branco e suas cabeceiras, tarefa em que se entreteve mais de quatro mezes; apresentando-se unicamente de volta no dia 17 de Maio, com o diario de toda a viagem e explorações feitas, o qual foi impresso em S. Paulo em 1841 conjunctamente com os do Dr. Lacerda.

No 1° de Setembro partiu com os seus companheiros, para a capital de Mato-Grosso, e alli chegaram a 28 de Fevereiro do anno seguinte.

Com o seu companheiro do Rio Branco não tardou a sahir para explorar todo o terreno até as cabeceiras do Paraguay e depois as campinas de Casalvasco até as nascentes do Barbados, etc..

Em 1786, com os demais companheiros todos ás ordens do engenheiro Serra, passou ao reconhecimento do alto Paraguay até a Bahia Negra, d'onde voltou ao Cuyabá. Propunha-se a explorar o Paraguay Diamantino; mas, em vez d'isso, foi encarregado de estudar o Rio Verde e o Capivary, affluentes occidentaes do Guaporé, e mais tarde foi até ás cabeceiras do Sararé, Juruena, Guaporé e Jaurú.

Pouco depois do Dr. Lacerda regressou tambem a Portugal, onde se entregou com afan á confecção de uma *Carta Geographica* em ponto grande, de projecção espherica, do Brasil, da qual em 1841 vimos no observatorio de Coimbra uma copia, feita em 1797 por J. J. Freire e M. T. da Fonseca.

Por esse tempo foi nomeado lente da academia de marinha e socio da Academia Real das Sciencias. Igualmente se viu ascendido ao posto de capitão de fragata e foi condecorado com o habito de Aviz; o que nos faz crêr que em 1780 partíra para o Pará já com praça assente. Em 1798 publicou a traducção da obra de Jorge Atwood ácerca da *Construcção e analyse das proposições geometricas, e experiencias praticas que servem de fundamento á architectura naval.* N'esta obra encontramos o appellido de *Leme* appenso aos seus primeiros quatro nomes que levára em Coimbra, havendo, porém já alguma vez antes, em lugar d'este appellido, juntado os tres—Paes Leme e Camargo.

Havia por este tempo subido ao ministerio D. Rodrigo de Sousa Coutinho, o qual, havendo conferido ao Dr. Lacerda o governo subalterno dos rios de Sena, resolveu crear para o Dr. Pontes outro semelhante governo no Espirito-Santo. Ainda que já para este governo nomeado em 1798, segundo se collige da dedicatoria da dita traducção de Atwood, o Dr. Pontes não chegou a tomar posse do novo governo senão em 29 de Março de 1800. Em todo caso tão reconhecido estava o mesmo Pontes ao ministro seu protector, que pôz o nome de Rodrigo a um filho que por esse tempo Deus lhe deu. Este seu filho veiu a ser o nosso illustrado consocio, meu muito estimado amigo, o desembargador Silva Pontes, que honrou com alguns trabalhos de sua penna esta *Revista*, que me honrou a mim com uma larga correspondencia que conservo, e que, como ministro do Imperio no

Rio da Prata, veiu a prestar para a quéda de Rosas serviços de alta importancia.

No governo do Espirito-Santo o Dr. Pontes, pai, distinguiu-se, cuidando da civilisação dos indios do Rio-Doce, creando ahi o presidio a que em attenção, sem duvida, a reminicencias da familia de seu protector foi dado o nome de *Linhares;* igualmente organisou o corpo de pedestres, e por acto de 1 de Outubro de 1800 regulou com o governador de Minas os limites da nova provincia. Em 17 de Dezembro de 1804(*) entregou o governo ao seu successor, e antes de regressar a Portugal falleceu, constando que em 1807 já não existia.

Barão de Porto-Seguro.

(*) *Memorias. . da capitania do Espirito-Santo... escriptas em 1818, publicadas por um Capixaba*, Lisboa, imprensa Nevesiana, 1840, pag. 12. Foram publicadas estas *Memorias* por Francisco Alberto Rubim, irmão do fallecido Braz da Costa Rubim, ambos meus contemporaneos no collegio da Luz.

DR. FRANCISCO BERNARDINO RIBEIRO

A morte não é a morte é o esquecimento, disse Lamartine.

Quando nos rouba a morte um parente ou amigo dedicado, não acreditamos logo n'essa separação eterna e fatal, cremos na repentina ou proxima resurreição do morto, que rasgando o sudario em que se envolve, reappareça para trocar em risos de prazer as nossas lagrimas de dor; acompanha-nos essa esperança que nos consola, e que só se apaga á beira do tumulo em que vae o finado dormir. Mas pouco e pouco a realidade da separação sem fim vae se fortificando em nosso espirito, e então á ancia da dôr, á angustia das lagrimas succedem o sentimento e a saudade; desperta-nos a lembrança do morto idéas sentidas e dolorosas, e já o coração não sangra, mas soffre, e por fim ensina-nos a religião esse balsamo que mitiga todas as dores, minora todos os soffrimentos, adormece todas as paixões, e anima-nos, consola-nos, fortalece-nos a resignação.

Correm os dias, volvem-se os mezes, passam-se os annos e esse sentimento, essa saudade vae se amortecendo e anniquilando; do nosso coração apaga a esponja do tempo as reminiscencias do finado, do qual ha apenas uma lembrança vaga e longinqua, que de dia para dia se perde e desapparece, envolta com outras idéas e outras paixões que vem occupar nossa alma e abalar nosso coração. Póde-se então dizer como Lamartine, a morte não é a morte, é o esquecimento.

Mas se assim é quanto ao coração humano, não deve acontecer o mesmo com a patria.

Para a nação seus filhos nunca morrem, d'elles deve lembrar-se hoje e amanhã, agora e sempre, conservar do

seu nome lembrança perduravel e constante; não devem haver no coração da patria lagrimas que sequem e dôres que se mitiguem, e jámais ella deve traduzir pela palavra esquecimento a morte de um seu filho benemerito.

Se o paiz perde um cidadão que conquistou-lhe gloria e renome, d'elle deve guardar eterna recordação, como se nunca o houvéra perdido. Se no coração humano tudo é passageiro e precario, como sua natureza, no da patria deve tudo ser constante e perduravel; se para os homens é o tumulo o recinto do nada, deve ser para a patria o altar em que o benemerito ergue-se á posteridade; e por isso não deve a patria repetir como o poeta, a morte é o esquecimento.

E eis porque vimos hoje lançar goivos e saudades sobre um tumulo fechado ha trinta e cinco annos.

Perdeu o Brasil, ha trinta e cinco annos, um filho que em seus risonhos devaneios da mocidade sonhára em um porvir de gloria para si e para sua patria; era um joven esperançoso e enthusiasta que no verdor dos annos consumiu a vida pelo trabalho do estudo, e ainda hoje chora o Brasil a morte d'esse talentoso mancebo chamado Francisco Bernardino Ribeiro, porque no coração da patria não seccam as lagrimas, não murcham as saudades e goivos que ella lança sobre os tumulos dos seus filhos, e jámais repete como o poeta, a morte é o esquecimento.

Francisco Bernardino Ribeiro, filho de Francisco das Chagas Ribeiro e de D. Bernardina Rosa Ribeiro, nasceu na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro em 12 de Julho de 1814, e baptisou-se na freguezia da Candelaria.

Era criança quando começou a entregar-se aos estudos, e mostrou pelas letras tanta applicação e gosto, que em breve tempo alcançou conhecimentos superiores áquelles que se adquirem em sua idade; conseguiu sua intelligencia

infantil o que outros não obtem senão em muitos annos e com afanoso trabalho. O padre Manoel Maria Cabral foi o seu primeiro mestre; matriculou-se na aula de latim do padre Agostinho José Gasper, e asseverava o reverendo achal-o, em dois annos, habilitado na lingua de Tacito e Tito Livio; recebia tambem d'esse mestre lições da lingua franceza; cursou o inglez com James Mase; dedicou-se ao estudo do italiano, do hespanhol, e se não tornou estranho ao grego.

Seguiu a aula de philosophia de frei José Polycarpo de Santa Gertrudes, que declarava haver n'essa sciencia manifestado seu discipulo talentos mais que vulgares; ouviu a rethorica do professor Dr. João José Vahia que, attestando seu aproveitamento, disse que n'essa materia se avantajára Francisco Bernardino Ribeiro a todos seus collegas. Na aula de eloquencia d'esse mestre recitou Francisco Bernardino dois discursos, um, em 8 de Agosto de 1828, sobre Luiz XIV, rei de França e Navarra, o outro, em 25 de Outubro do mesmo anno, sobre a utilidade da oratoria, trabalhos elaborados por elle, que contava pouco mais de quatorze annos.

Aos dezeseis annos incompletos recebêra attestados de todos os preparatorios que deviam abrir-lhe as portas de uma academia, e percorrêra a carreira escolar colhendo louvores de seus mestres, e attrahindo a admiração dos seus condiscipulos.

Matriculou-se em 1830 no curso juridico de S. Paulo.

Mas não enriquecia-lhe a intelligencia só isso que se ensina nas aulas; familiarisára-se Francisco Bernardino com os classicos portuguezes, com a lingua franceza, em que era assáz lido e douto, versado nas litteraturas latina e portugueza; possuia vastas noções de historia e geographia; e não saciado com esses conhecimentos e outros já decla-

rados, applicou-se ao allemão. Foi essa a riqueza litteraria que Francisco Bernardino levou para a academia de direito de S. Paulo.

Continuou a mostrar n'essa faculdade intelligencia vasta, sêde insaciavel de sciencia; não dava horas ao descanso, vivia estudando, meditando, retirado e só com seus livros; e seus condiscipulos que vinham interrompel-o em horas de trabalho e insomnia, denominavam-no o mestrinho; e o *mestrinho tornou-se mestre*, disse o poeta Domingos José Gonçalves de Magalhães, *quando só contava 21 annos, e mestre no curso juridico de S. Paulo.*

Achava-se matriculado no segundo anno dos estudos de direito, quando vagando a cadeira da lingua franceza do curso preparatorio da faculdade, pela ausencia do respectivo professor, Augusto Candido da Silveira Pinto, requereu Bernardino Ribeiro exame para leccionar essa disciplina, declarando que se suppunha em estado de preencher tal tarefa nas horas que lhe sobrassem do seu estudo legislativo.

Surgíra no horisonte politico o movimento revolucionario de 7 de Abril de 1831, e d'esse grave acontecimento promanaram circumstancias e factos que exaltaram os animos, e acordaram em todos os peitos sentimentos patrioticos. Como todos os jovens d'essa época enthusiasmou-se Francisco Bernardino Ribeiro que, dado ao estudo empunhou a arma que lhe competia, buscou a arena de combate em que se devia de monstrar extremado paladino, sahiu da cella do estudo e apresentou-se no campo da publicidade, deixou os pesados livros dos legistas e lançou-se no jornalismo; o periodico *Vóz Paulistana* apregoou o seu talento de escriptor, e em seus artigos politicos n'esse jornal e em outros grangeou nomeada pela dialectica da argumentação, pela deducção dos factos e força de raciocinio. Todavia não torna-

ram-no violento as lutas dos partidos, sua penna não tisnou com uma injuria a reputação de seus adversarios politicos. « A sua tolerancia era exemplar,diz o conego Januario,e tal a sua moralidade que nunca dos seus labios partiu um nome de que a decencia se offendesse ».

Escrevendo a sua mãe sobre os acontecimentos de 7 de Abril, expressa-se elle assim.

« Tudo são discordias e asneiras ; muito estimo que vmc. tenha, no meio d'esses tumultos, podido gozar de algum repouso de espirito e alguma saude.

« Eu por aqui tenho ido soffrivelmente;nenhuma molestia me tem accommettido, só o mal da saudade é que me faria incommodo, se a razão não viesse n'estes casos em soccorro da natureza. Como não ficaria vmc. admirada quando me visse de espingarda ao hombro, mochila ás costas, marchando por essas ruas a destruir os inimigos da patria ; pois não se admire muito, que se não fosse o correio trazer a noticia da pacificação, iamos em passo dobrado para essa cidade. »

Essas expressões intimas proclamam o civismo de Francisco Bernardino, e repetidas hoje, trinta e cinco annos depois da sua morte, são louvores tecidos á nobreza do seu caracter.

Quando alumno do quarto anno da faculdade de direito, obteve licença do presidente da relação do Rio de Janeiro para advogar nos auditorios publicos da cidade de S. Paulo; e na tribuna e no fôro colheu o novel advogado rapida e desejada reputação.

No ultimo anno dos seus estudos juridicos encarregou-se da redacção do periodico o *Novo Pharol Paulistano*; fundou a sociedade litteraria Philomatica, e apezar de ter quasi todas as horas gastas em lições escolares, em defesa de pleitos, que como advogado encarregavam-lhe, na direcção

de associações e na ardua tarefa da redacção de periodicos, consumia os instantes do descanso na leitura dos poetas e cultivo da poesia.

Era esse o seu ameno descanso, vibrava a lyra quando não trabalhava, e se largava o pesado fardo da labutação da vida, era para empunhar a harpa do menestrel.

No *Mosaico Poético*, na *Minerva Brasiliense* vem publicadas poesias suas; e o nosso estimado escriptor o Dr. Fernandes Pinheiro, no seu livro *Meandro Poético*, collecção patriotica e curiosa de poesias nacionaes, transcreve a ode o *algoz* da lavra de Francisco Bernardino, do qual tambem possuimos uma epistola inedita dedicada por elle a um amigo. Traduziu do hespanhol o romance « *Noites Lugubres* » que vem estampado na *Minerva Brasiliense*.

Em uma necrologia consagrada á memoria d'esse prestimoso cidadão, diz o Dr. Justiniano José da Rocha, seu condiscipulo:

« Foi geralmente reconhecido como o primeiro e o mais applicado dos estudantes do seu anno, e quiçá de toda a academia; e se algum mais se avantajava nas materias das aulas, era porque a attenção e estudos de Francisco Bernardino abrangiam maior numero de objectos; e certo ninguem o excedeu em variedade de conhecimentos e em desenvolvimento intellectual. »

Graduado bacharel em sciencias sociaes e juridicas, se não dissedentou a sua séde de sciencia; e, para obter o gráo de doutor, sustentou em 7 de Maio de 1835, theses que dedicára a seu pai e ao seu amigo José Domingues Moncorvo.

Aberto o concurso para um dos lugares de lente substituto da faculdade de direito de S. Paulo, apresentou-se Francisco Bernardino, e tão reconhecida era a nomeada

de que gozava,e subido o conceito em que era tido que,aspirando muitos a nomeação de lente, nem um candidato animou-se a arcar com elle; e como determinasse o regulamento da faculdade que devia realizar-se o concurso pela argumentação dos candidatos, teve de consultar-se ao ministro do Imperio que resolveu fosse o candidato arguido pelos lentes; e d'esse certamen scientifico sahiu Francisco Bernardino laureado, sendo approvado unanimémente, obtendo a nomeação de lente do curso juridico por decreto da regencia, em nome do Imperador, de 11 de Janeiro de 1836.

Na cadeira de lente mostrou-se homem de grande tomo; leccionou magistralmente o direito criminal; e vem estampado na *Minerva Brasiliense* o discurso com que elle abriu a sua aula. O mestrinho tornára-se mestre, e mestre no curso juridico de S. Paulo.

Publicou uma erudita dissertação sobre o seguinte ponto de economia politica.--Qual o melhor intermedio das permutações, as moedas metallicas ou o papel moeda?

Appareceram na *Revista Philomatica* diversos escriptos litterarios e juridicos de Francisco Bernardino, que não cessava de escrever e estudar, como presentindo que em pouco estava a sua vida n'este mundo.

Em 25 de abril de 1837 honrou-o o Instituto Historico de França com o titulo de membro correspondente, e outras sociedades litterarias matricularam-no socio.

Mas o aturado estudo enfraquecêra o corpo do mancebo; o fogo da sciencia crestára a vida já gasta nas lides litterarias; a molestia mirrára a arvore que se preparava para florescer e fructificar; o precursor da sciencia sentiu vacillarem seus passos e as bagas do suor do cansaço banharem-lhe a fronte; inclinou-se no leito, onde esperavam-no

longos martyrios, dôres pungentes e afflictivas agonias da morte.

Apezar de trazer no peito o mal que não tinha cura, de arrastar a vida entre as dôres e tormentos la molestia que de seu corpo fizéra pasto, pensava Francisco Bernardino em esgaravatar documentos para lois importantes trabalhos, um concernente ás penas correctivas ou que servem para a emenda dos pacientes, contrapesando o systema americano das penitenciarias com o systema hollandez das colonias agricolas; o outro, inspirado pelo amor patrio, era a historia do Brasil desde o seu descobrimento até os nossos dias.

Mas Deus contára os dias do predestinado mancebo; sua fronte onde se haviam tumultuado tantos pensamentos grandiosos, onde pulsára tanto talento tornou-se macillenta e fria; empanou-se a luz dos olhos que miravam para um futuro brilhante, parou a morte as pulsações d'esse peito joven onde se nichára uma alma pura e perfeita; Francisco Bernardino pereceu em 16 de Junho de 1837, e sepultou-se no convento de Santo Antonio d'esta côrte.

Gotejaram dos olhos de seus pais, que estremeciam-no, lagrimas de sangue, e prantearam-no todos os seus amigos; «e quantos não eram esses seus amigos, repete o Dr. Justiniano José da Rocha, elle que em sua modestia não offendia as pretenções de seus companheiros, elle que não alardeava sua superioridade, que parecia desconhecel-a para nivellar-se com quantos o tratavam, elle que sempre alegre, sempre bom amigo, nunca tinha em seus labios uma palavra irritante, nunca em seu coração uma gotta de fel, podia de certo contar como amigos quantos o conheciam».

Em uma nenia do Dr. Firmino Rodrigues Silva, hoje se-

nador do Imperio, dedicada á Francisco Bernardino, lêm-se estes enthusiasticos versos :

Marchai ovante prole de esperança

. . . . . .

Mas que é d'elle? não vae na vossa frente,
Oh! que é feito do rei da mocidade!

Vasou o poéta n'estes versos o pomposo elogio que se póde tecer a esse esperançoso mancebo roubado prematuramente á seus paes, á seus amigos, á patria e á sciencia.

Dr. Moreira de Azevedo.

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

2.° TRIMESTRE DE 1873

MEMORIA

EM QUE SE MOSTRA O ESTADO ECONOMICO, MILITAR E POLITICO DA CAPITANIA GERAL DE S. PAULO, QUANDO DO SEU GOVERNO TOMOU POSSE A 8 DE DEZEMBRO DE 1814

o Illm. e Exm. Sr.

D. Francisco de Assis Mascarenhas, conde de Palma do conselho de S. A. Real e do de sua real fazenda

COM NOTAS HISTORICAS E ADDITAMENTO, PELOS QUAES SE MOSTRA EM ESBOÇO O ESTADO DA MESMA CAPITANIA NO GOVERNO DO SOBREDITO EXM. SR. CONDE

POR

MANOEL DA CUNHA DE AZEREDO COUTINHO SOUSA CHICHORRO

Fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Christo, coronel de cavallaria miliciana e secretario do mesmo governo.

A capitania geral de S. Paulo, denominada antigamente de S. Vicente, foi doada pelo Sr. rei D. João III a Martim Affonso de Sousa, senhor do Prado, no anno de 1532 ou 1533(1), tendo-a elle mesmo descoberto e conquistado aos

(1) A carta de doação se expediu a 20 de Janeiro de 1535, mas no foral antigo da camara de S. Vicente diz o Sr. rei D. João III que tinha feito doação a Martim Affonso de Sousa de uma capitania de cem leguas de terra na costa do Brasil, e o mesmo escreveu a Martim Affonso em carta de 28 de Setembro de 1532. *Memorias da capitania de S. Vicente*, liv. I, § 120 e nas notas.

indios(2). Ainda que governada pelos seus donatarios, esteve sempre sujeita em certos casos á jurisdicção dos governadores e capitães-generaes do Estado, que residiam na cidade da Bahia de Todos os Santos(3); e, dividido o governo geral do Brasil em dois, ella fez parte do governo geral do sul, de que era capital o Rio de Janeiro(4). Por provisão régia de 22 de Outubro de 1709 foi a sua maior parte comprada para a corôa(5), e em 23 de Novembro do mesmo

(2) Digo que Martim Affonso de Sousa conquistou aos indios a sua capitania, e me aparto (assim como em outras) da citada *Memorias da capitania de S. Vicente*, porque reputo fabula quanto se conta de achar Martim Affonso, quando chegou a S. Vicente, a João Ramalho estabelecido já entre os indios *Guaianazes*. Na secretaria do governo de S. Paulo se acha um antigo manuscripto sobre os principios d'esta capitania; n'elles se refere que João Ramalho e sua irmã D. Catharina vieram com Martim Affonso, e que elle se estabelecêra em serra acima: Fr. Gaspar não consultou o archivo da secretaria, nem leu outras obras, das quaes tiraria luzes para a sua *Memoria*.

(3) Prova-se isto por muitos actos de jurisdicção que exercitaram os governadores geraes do Estado do Brasil, e mesmo os ouvidores geraes, no tempo dos donatarios, como foi, por exemplo, levantar o primeiro governador Thomé de Sousa a villa de Santo André na Borda do Campo: Mendo de Sá, terceiro governador, desmanchar esta, e mudal-a para os campos de Piratininga com o nome de S. Paulo, etc.; proverem de capitães-móres e ouvidores as capitanias dos donatarios quando estes não o faziam. Veja a carta régia de 10 de Setembro de 1704, dirigida ao governador e capitão-general do Rio de Janeiro (antes da creação da capitania de S. Paulo). Archivo da secretaria do governo de S. Paulo, liv. 1º de ordens régias originaes, fl. 33.

(4) *Historia genealogica da casa real portugueza*, tomo XII, parte 2ª, cap. de D. Francisco de Sousa. Tomo VI das *Provas*.

(5) Esta compra foi feita á casa de Cascaes e Monsanto, descendente de Pedro Lopes de Sousa, irmão de Martim Affonso de Sousa; e porque ella não era verdadeira senhora da maior parte do terreno vendido, a rainha nossa senhora D. Maria I deu um equivalente aos descendentes de Martim Affonso de Sousa, segundo affirma Fr. Gas-

anno foi creada em capitania geral sobre si, tendo por limites a comarca de S. Paulo e todas as minas de ouro(6). No anno de 1720 se desmembrou d'ella a capitania de Minas-Geraes, e annexou-se-lhe a marinha de Paraty inclusive para o sul. Em 1726 se desannexou da capitania de S. Paulo esta villa quanto ao governo e correição sómente. No anno de 1742 se lhe tirou a villa da Laguna e seu districto, que formam os governos de Santa Catharina e de S. Pedro, e, finalmente, no anno de 1748 se desmembraram novamente as capitanias de Goyaz e Mato-Grosso(7).

Assim a capitania geral de S. Paulo, em outro tempo tão extensa, que comprehendeu tudo quanto agora abrangem os governos geraes de Minas, Goyaz, Mato-Grosso, S. Paulo, Rio de Janeiro, S. Pedro do Sul e o subalterno de Santa Catharina(8), hoje comprehenderá quinhentas a seiscentas leguas de circumferencia, pouco mais ou menos, e confina ao norte com as capitanias de Minas-Geraes e Goyaz, ao sul com a de S. Pedro e de Santa Catharina, a léste com o Rio de Janeiro e o mar oceano, e a oeste com a de Mato-Grosso

par, *Memorias* ditas de S. Vicente, liv. 4°, § 89 e seguintes (D. de 17 de Dezembro de 1791), e se deduz do manuscripto citado, existente na secretaria do governo. onde *ex professo* se mostra quaes eram as terras que pertenciam á cada um d'estes dois donatarios.

(6) Patente do primeiro governador e capitão-general da capitania de S. Paulo o Exm. Antonio de Albuquerque Coelho, passada a 23 de Novembro de 1709 e registrada no liv. 18 de registros da camara de S. Paulo, á fl. 26.

(7) Alvará de 2 de Dezembro de 1720. Provisão régia de 16 de Janeiro de 1726. Provisão dita de 4 de Janeiro de 1742. Provisão dita de 9 Março de 1748. Archivo da secretaria do governo, liv. 1° de cartas régias originaes, fl. 75. Liv. 1° de provisões régias originaes, fl. 157, fl. 76 e fl...

(8) *Memorias* para a historia de S. Vicente dita, liv. 1°, § II, III e IV.

e dominios de Hespanha, o que mais amplamente exponho na minha *Memoria* sobre os limites d'esta capitania a que me refiro.

Sua primeira capital foi a villa de S. Vicente, fundação do sobredito Martim Affonso de Sousa: hoje é a cidade de S. Paulo povoação devida aos jesuitas, os quaes nos campos de Piratininga (que nos rodêam) fundaram a 25 de Janeiro de 1554 este collegio para instrucção dos indios barbaros(9). Mendo de Sá, terceiro governador e capitão-general do Estado, a elevou á villa em 1560(10). Finalmente, o Sr. rei D. João V, a rogo do Exm. Antonio de Albuquerque Coelho, seu primeiro governador e capitão-general, lhe deu o titulo de cidade por carta régia de 24 de Julho de 1711(11), e obteve do pontifice Benedicto XIV erigil-a em bispado suffraganeo da Bahia no anno de 1745, sendo seu primeiro bispo D. Bernardo Rodrigues Nogueira; e tem havido cinco até o Exm. e Revm. D. Matheus de Abreu Pereira, contando n'este numero o Exm. D. Fr. Miguel da Madre de Deus, hoje arcebispo de Braga, que depois de sagrado não veiu ao bispado(12).

E' esta cidade a séde do governo ecclesiastico e civil da

(9) Padre Vasconcellos. *Vida do padre Anchieta*, liv. 1°, cap. IV, art. 9. *Chronica da companhia de Jesus no Brasil*, liv. 1°, n. 71, pag. 65, n. 147, pag. 129.

(10) Vasconcellos, *Chronica* dita, liv. 2°, n. 84, pag. 234. *Memorias* de S. Vicente ditas, pag. 112, § 164.

(11) Archivo da secretaria do governo, liv. 1° do registro de cartas escriptas pelos capitães-generaes das capitanias do Brasil ao capitão-general de S. Paulo D. Luiz Antonio de Sousa Botelho; se acham esta e outras cartas régias vindas por copia da secretaria do governo de Minas-Geraes, em cuja capitania residiam os capitães-generaes da capitania de S. Paulo e Minas, posto que a capital era a cidade de S. Paulo e ahi todos tomavam posse.

(12) Lemos, *Politica Moral e Civil*, tomo IV, pag. 474.

capitania, em que residem os Exms. bispos diocesanos e os Illms. e Exms. governadores, e capitães-generaes, dos quaes tem havido dezesete, além de cinco governos interinos: o regimento do governo é o dado ao Exm. D. Manoel Lobo, governador e capitão-general do Rio de Janeiro, em 7 de Janeiro de 1679, e mais instrucções e ordens régias posteriores, que formam o archivo da secretaria do governo, para reger a qual foi creado o emprego de secretario por alvará de 29 de Novembro de 1709(13), com regimento dado aos 5 de Agosto de 1712, do qual fazem parte algumas outras ordens régias posteriores, um official-maior, com emolumentos designados no dito regimento e com o ordenado de 300$ por anno, conferido por decreto de 25 de Maio de 1811, e além d'isso, por aviso régio de 23 de Agosto de 1770, se chamam para a secretaria os amanuenses que forem necessarios; e por isso tenho agora um na mesma secretaria(14).

Por carta régia de 7 de Julho de 1774 foi creada n'esta cidade a junta da administração da fazenda real da capitania, sendo seu presidente o Exm. capitão-general, e depu-

(13) Registrado no liv. 18 da camara de S. Paulo á fl. 28 v., e foi primeiro secretario Manoel Pegado, que tinha sido official da contadoria de guerra em Lisboa e secretario do governo da ilha da Madeira, de onde passou a crear o de S. Paulo.

(14) Archivo da secretaria do governo, liv. 1° de ordens régias originaes dirigidas ao governador e capitão-general D. Luiz Antonio de Sousa, fl. 67; livro de registros de officiaes para a secretaria de Estado do Brasil no anno de 1808, onde se verá o officio n. 14 de 23 de Julho de 1808, pelo governo interino, levando á presença de S. A. Real a minha representação, na qual pedi dois amanuenses para a secretaria, além do official-maior e um porteiro: o mesmo pediu o Exm. marquez de Alegrete em officio de 23 de Abril de 1812 pela mesma secretaria de Estado, e até agora não tem havido resolução alguma.

tados o ouvidor da comarca de S. Paulo, que serve de juiz executor, um procurador da corôa, que ora é o juiz de fóra da cidade, um thesoureiro da fazenda real e um escrivão da mesma; o intendente da marinha é deputado nato e tem voto na junta sempre que vai á ella; além d'estes deputados certos, é extraordinario o bacharel José Arouche de Toledo, brigadeiro de milicias graduado e inspector-geral das mesmas, que era procurador da corôa e fazenda quando se creou o juiz de fóra para esta cidade: tem a dita junta para o seu expediente uma contadoria com um contador, e muitos officiaes e praticantes, um porteiro e um contínuo; esta mesma junta e contadoria serve de thesouraria geral das tropas da capitania, e emquanto S. A. Real não defere os requerimentos de alguns sujeitos, que têm requerido a creação do lugar de thesoureiro pagador das mesmas tropas*(a)*.

Tem esta capitania, além da cidade, 36 villas, 70 freguezias e 209,218 habitantes, a saber: 112,964 brancos de ambos os sexos, 54,701 indios e pardos ditos, e 41,553 pretos ditos: ella está dividida em tres comarcas; a de S. Paulo, que, além da cidade, comprehende 19 villas com 44 freguezias e 122,742 habitantes; a de Coritiba e Paranaguá, com 9 villas, 13 freguezias e 36,104 habitantes, e a de Itú, novamente creada pelo alvará de 2 de Dezembro de 1811, com 8 villas, 15 freguezias e 50,372 habitantes. Ao ouvidor d'esta comarca está annexa a conservatoria da real fabrica do ferro de S. João do Ipanema, na villa de Sorocaba, por decreto de 4 de Novembro d'este anno*(b)*.

Os ouvidores das comarcas servem tambem de intendentes do ouro nas mesmas; porém hoje só ha casa de fundição n'esta cidade, que se compõe de um intendente, um fiscal, um thesoureiro, um escrivão da receita e despeza, outro da intendencia, outro da fundição, um ensaiador, um fundidor

e um ajudante dos dois; tudo conforme a organisou o Exm. D. Luiz Antonio de Sousa, governador que foi d'esta capitania, em observancia da carta régia de 30 de Julho de 1766, pela qual se restabeleceu aqui a dita casa da fundição.

O pequeno rendimento, que dão agora as poucas minas que ha n'esta capitania, de que resulta mui pouco trabalho a estes empregados, faz com que em beneficio da real fazenda se podessem talvez escusar dois dos escrivães, fazendo um só a escripturação de tudo. Além d'estes tres magistrados, que regem as comarcas no judicial, com subordinação á supplicação do Brasil, ha um juiz de fóra do civel, crime e orphãos na villa de Santos, outro n'esta cidade e outro em Paranaguá; os dois ultimos creados de novo por alvarás de 13 de Maio de 1810 e 19 de Fevereiro de 1812; e a requerimento dos povos das villas do norte informou o governo interino a S. A. Real pelo desembargo do paço, que se creassem mais dois juizes de fóra do civel,crime e orphãos, um para as villas de Taibaté, Pindamonhangaba e S. Luiz de Paraitinga, e outro para as villas de Guaratinguetá, Lorena Cunha. Estes juizes de fóra são presidentes das camaras de seus districtos; aquellas em que não os ha são presididas por dois juizes ordinarios, e em algumas villas ha juizes de orphãos separados dos juizes ordinarios(15).

(15) Sendo muito respeitaveis os lugares de juizes e vereadores, não só pelos privilegios que lhes concedem os Srs. reis na Ordenação do reino, os d'esta cidade gozam os mesmos da camara do Rio de Janeiro, que são os das antigas infanções e ricos homens, e tambem o dos cavalleiros, por provisão de 17 de Janeiro de 1715; mas não obstante isso são exercidos as mais das vezes por pessoas inhabeis ou pobres, e por isso dependentes, porque estando a melhor parte da gente alistada nas milicias, e gozando estas pelo decreto de 22 de Março de 1751 o privilegio de não poderem os milicianos ser constrangidos a servir em camara, vão taes empregos recahir na gente

Ha em Santos um juiz da alfandega, predicamento que exerce o bacharel João de Sousa Pereira Bueno por alvará de 3 de Março de 1802, emquanto S. A. Real fôr servido; e foi este lugar desannexado então do de juiz de fóra, a que sempre esteve annexo; e na casa da alfandega ha todos os officiaes necessarios para o despacho dos generos que se exportam e importam n'aquelle porto, os quaes officiaes, tendo sido providos sempre pelos Exms. capitães-generaes e pela secretaria do governo, em observancia do art. 18 do regimento do governo e do 3° do regimento dos secretarios, hoje se provêm pelo expediente da junta da fazenda, em observancia do decreto de 20 de Outubro de 1798.

Ha mais n'esta capitania um auditor-geral das tropas de linha e milicias, com soldo e graduação de sargento mór de cavallaria de linha, e predicamento; como exerce este lugar o desembargador Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, que actualmente está no Rio de Janeiro com licença de S. A. Real, servem os juizes de fóra, em cujos districtos estão aquarteladas as tropas, em observancia do aviso régio do 1° de Abril de 1783, alvarás de 26 de Fevereiro de 1789 e 16 de Julho de 1813, e então vencem o soldo de capitães de infantaria, que acaba de ser-lhes conferido pela provisão do conselho supremo militar de 7 de Outubro d'este anno.

Ha tambem aqui um delegado do physico-mór d'este Estado, que exercita sua jurisdicção sobre os facultativos de medicina, cirurgia e pharmacia; esta occupação tem andado annexa aos physicos-móres da tropa d'esta capitania, que exerce hoje o bacharel João Alvares Fragoso(c).

Os officiaes de justiça, bachareis e advogados da capitania,

baixa, excepto se algum miliciano por seus fins particulares solicita entrar nas camaras, o que ainda é peior.

tambem fazem parte da judicatura; os officios de justiça são aqui arrematados em hasta publica na junta da fazenda real: elles são do provimento dos Exms. governadores e capitães-generaes, em observancia dos já ditos arts. 18 do regimento do governo e 3° do regimento dos secretarios; mas no anno de 1810 a junta da fazenda, a requerimento do seu actual escrivão, determinou em uma sessão sua, que os provimentos se passassem pela contadoria da junta, sobre o que dei conta a S. A. Real, e até o presente não tem sido decidida esta questão, e continúa o espolio, ficando os emolumentos do secretario e official da secretaria em deposito na mão do escrivão da junta.

Quanto aos bachareis e advogados, S. A. Real, pelos avisos régios do 1° de Dezembro de 1803 e 10 de Junho de 1809, incumbe aos Exms. governadores e capitães-generaes darem conta todos os annos de sua capacidade e merecimentos. Finalmente, pelo alvará de 25 de Janeiro de 1809 foi S. A. Real servida crear em todas as cidades e villas do Brasil os juizos das sesmarias e seus pilotos, os quaes são propostos pelas camaras aos Exms. generaes, e se lhes passa provimento triennal pela secretaria do governo.

Ha tambem um intendente da marinha no porto de Santos, emprego creado por alvará de 12 de Agosto de 1797, mas que n'esta capitania não está em todo regulado, á excepção dos officios de escrivão da matricula, apontador do arsenal e secretario do intendente, com 12$ de ordenado por mez, segundo se participou no aviso régio de 14 de Junho de 1813, expedido pela secretaria de Estado dos negocios da marinha e dominios ultramarinos. O chefe de divisão Miguel José de Oliveira Pinto, actual intendente e um dos membros d'este governo interino, offereceu ao Exm. marquez de Alegrete, ultimo governador e capitão-general d'esta capitania, uma *Memoria* sobre as providencias que era ne-

cessario darem-se para o estabelecimento da intendencia: S. Ex. levou este papel para o Rio de Janeiro, com o designio de tratar esta materia; ignoro o seu resultado; nem sei mesmo se elle entregaria a V. Ex. este e outros papeis de importancia que levou*(d)*.

Passando a tratar da milicia armada, e antes de fallar na força regimentada, é necessario saber-se que ha n'esta capitania tres governos subalternos a este governo geral, que são: o de Santos, que exerce o coronel de infantaria de linha Francisco José da Silva; o de S. Sebastião, que exercita o coronel addido ao estado-maior Francisco Ignacio Ferreira Nobre, tendo ás suas ordens seu filho Gregorio Ignacio Ferreira Nobre, tenente de cavallaria da legião de S. Paulo; e o de Paranaguá, que occupa o coronel pago do regimento de artilharia miliciana d'aquella villa José Victorino da Rocha; S. A. Real tambem nomeou governador da Villa-Bella da Princeza (ou ilha de S. Sebastião) ao capitão-mór das ordenanças da mesma villa Julião de Moura Negrão. O governo de Santos é mais antigo do que o d'esta capitania geral(16), e existiu sempre sem interrupção até o anno de 1765, em que veiu governar esta capitania o Exm. D. Luiz Antonio de Sousa Botelho Mourão Morgado Matheus, desde o qual não se proveu mais até o tempo do governo do Exm. Antonio José da Franca e Horta, o qual pelos motivos expostos a S. A. Real no officio de 30 de Junho de 1804 propôz não só a renovação do dito governo de Santos (porém

(16) E' notavel, que sendo a capitania de S. Paulo de donatarios até o anno de 1709, em que, como disse, foi comprada para a corôa, e tendo-se no mesmo anno elevado á capitania geral, houvesse mesmo no tempo dos donatarios um governador posto pelo rei em Santos, pois no anno de 1704 se acham cartas régias dirigidas ao dito governador. Archivo da secretaria, liv. 1º de ordens régias originaes, fl. 34 em diante.

só com o soldo da patente militar que tiverem, e não com o de cinco mil cruzados por anno que d'antes tinham), mas tambem a creação dos dois outros de S. Sebastião e Paranaguá, o que foi confirmado por S. A. Real, mandando passar patentes aos propostos.

No dito officio não se pediu declaração da jurisdicção d'estes governadores; porém pela ordem régia de 19 de Novembro de 1712 está declarado que o de Santos tem a de governador da praça, mas sempre com jurisdicção sobre o capitão-mór da ordenança e ministro (carta régia de 28 de Junho de 1706), e esta mesma se tem entendido ser a jurisdicção dos outros. As justiças ordinarias d'estas tres villas têm andado em continuados conflictos de jurisdicção, e até de honra, com estes governadores, sobre o que os Exms. governadores e capitães-generaes d'esta capitania têm dado contas a S. A. Real pela competente secretaria de Estado; agora está a informar por ordem do desembargo do paço uma conta da camara de Paranaguá contra o seu governador, o qual foi mandado ouvir pelo mesmo tribunal. Parece que a causa de semelhantes desordens é a falta de saber-se a verdadeira jurisdicção e honras d'estes governadores, ao menos dos dois ultimos.

São officiaes pertencentes a este governo, mas não aos regimentos, os ajudantes de ordens e os engenheiros; dois são os ajudantes de ordens que V. Ex. acha no governo d'esta capitania: o brigadeiro de milicias graduado José Joaquim da Costa Gavião e o coronel de cavallaria graduado addido ao estado-maior do exercito José Joaquim Xavier de Toledo, os quaes ambos têm a felicidade de serem bem conhecidos por V. Ex.

Os engenheiros que aqui ha são: o coronel João da Costa Ferreira, o tenente-coronel Daniel Pedro Müller, o sargento-mór Frederico Luiz Guilherme de Warnhagen, e os segun-

dos-tenentes Rufino José Felizardo e José Joaquim de Abreu. O coronel João da Costa Ferreira veiu no anno de 1787, no posto de sargento-mór, com o Exm. conde de Sarzedas Bernardo José de Lorena para ser empregado na segunda divisão das demarcações de limites com Hespanha, que está a cargo d'esta capitania (caso não fosse necessario para servir na primeira incumbida a do Rio de Janeiro), e, como não foi preciso alli, veiu para cá; e porque a demarcação projectada e ajustada no tratado preliminar de Santo Ildefonso ainda não se effectuou(17), tem sido empregado em diversas diligencias do real serviço, como de levantar o mappa da costa da capitania, tombar as matas reservadas para construcções reaes, preparar o palacete, alfandega, e hospital de Santos e d'esta cidade, inspeccionar a obra da estrada de Santos e calçada da serra de Paranapiacaba, etc.

O tenente-coronel Müller foi destinado para tirar o mappa da comarca de Coritiba e campos de Guarapuava; mas como não se lhe tem mandado os instrumentos para isso necessarios e por elle requeridos, não se tem verificado aquella commissão; entretanto, conhecendo o Exm. marquez de Alegrete e o governo interino o seu prestimo já demonstrado no tempo do Exm. Horta, na planta que levantou para a Ponte-Franca, o tem incumbido da direcção de varias obras publicas n'esta capitania e comarca de S. Paulo, nas quaes se acha empregado.

Ao sargento-mór Warnhagen deu S. A. Real em sua pa-

(17) Não se tem effectuado esta demarcação, porque tem reconhecido a nossa côrte a má fé dos hespanhoes n'aquelle tratado; e com effeito ella se patentêa á vista das ordens com que veiu munido para esta capitania o Exm. Bernardo José de Lorena, conde de Sarzedas, e se vê do real aviso de 2 de Fevereiro de 1788 e documentos a elle annexos. Secretaria do governo, livro de ordens régias d'aquelle governador, fl. 62 em diante.

tente o particular destino de ser empregado em objectos mineralogicos n'esta capitania ; o Exm. marquez de Alegrete e o governo interino o tem mandado examinar a fabrica de ferro de S. João de Ipanema.

Os segundos-tenentes de engenharia Rufino José Felizardo e José Joaquim de Abreu estão ás ordens, o primeiro do coronel João da Costa Ferreira e o segundo ás do tenente-coronel Müller, em observancia dos reaes avisos de 3 de Outubro de 1808 e 7 de Setembro de 1811(6).

Passando a tratar da tropa regimentada, ella consiste na legião de tropas ligeiras, actualmente destacada na capitania de S. Pedro, e composta hoje de 1,556 praças em tempo de paz e de 2,442 em tempo de guerra, dividida em dois batalhões de infantaria, uma brigada de cavallaria e outra de artilharia a cavallo, conforme o alvará e plano de 29 de Agosto de 1808: d'este corpo só existem n'esta cidade 233 praças(18).

Está guarnecendo a praça de Santos o regimento de caçadores; elle foi organisado pelo citado alvará e plano: o seu estado completo é de 1,029 praças em tempo de paz e de 1,600 em tempo de guerra; porém pelo ultimo mappa mensal consta ter agora este regimento 209 praças(19).

(18) Esta legião foi creada pelo Exm. capitão-general Martim Lopes, em observancia da carta régia e instrucções de 14 de Janeiro de 1775, de accordo com o Exm. marquez de Lavradio, então vice-rei e capitão-general do Brasil; os Exms. conde de Sarzedas e Antonio Manoel de Mello, governando esta capitania, fizeram tambem suas alterações no plano, e, finalmente, Sua Magestade a mandou pôr no pé actual. Veja as ordens régias e correspondencia dos generaes referidos, o aviso de 21 de Abril e carta régia de 10 de Setembro de 1774 no archivo da secretaria do governo.

(19) Este regimento teve principio em duas companhias creadas na praça de Santos para guarnição da mesma; passou depois a quatro e depois a seis: eram commandadas por um sargento-mór, e tinh

A tropa miliciana ou de segunda linha compõe-se de onze regimentos distribuidos pela cidade e villas da capitania, a saber: seis de infantaria, tres de cavallaria e dois de artilharia. Os coroneis de milicias têm o commando militar das villas e freguezias de suas companhias, em observancia das provisões régias do conselho supremo militar de 11 de Agosto de 1810 e 19 de Agosto de 1811. Todas as tropas de milicias são inspeccionadas por um inspector-geral, que n'esta capitania é o brigadeiro de milicias graduado José Arouche de Toledo Rendon, o qual exerce suas funcções pelas instrucções régias de 3 de Janeiro de 1809.

Os regimentos de infantaria estão actualmente organisados conforme o decreto e plano de 7 de Agosto de 1796, mandado observar n'esta capitania pela provisão do conselho ultramarino de 24 de Março de 1797, e por isso cada um d'elles tem no seu estado completo oitocentas praças. Os tres de cavallaria foram ultimamente organisados pelo Exm. governador e capitão-general Antonio Manoel de Mello, de 604 praças cada um, repartidas por oitos companhias. D'estes tres regimentos de cavallaria mandou S. A. Real no já referido plano de 29 de Agosto de 1808 se organise o regimento de voluntarios de milicias a cavallo, o que até agora não se tem verificado(f). Os dois de artilharia eram tambem de infantaria, e passaram a ser artilharia em virtude da carta régia do 1° de Setembro de 1808 e real aviso de 22 de Março de 1810; elles estão organisados, segundo

exercicio de infantaria e artilharia. Pela carta régia de 22 de Julho de 1766 determinou el-rei D. José que das ditas seis companhias avulsas se formasse um regimento regular e de linha, de sete companhias, na fórma do plano que acompanhava a dita carta régia, e depois pela de 14 de Janeiro de 1775, conforme o regulamento de 1763, em cujo pé se conservou até passar a ser regimento de caçadores pelo indicado ultimo plano. Veja as citadas ordens e correspondencia acima.

o disposto no aviso de 4 de Setembro do dito anno e plano a elle junto, comprehendendo 800 praças, e pelo aviso régio de 3 de Outubro de 1809 mandou S. A. Real que elles aprendessem as manobras e exercicios ensinados no plano que acompanhou o dito aviso.

Agora vão-se pondo estes regimentos com os officiaes do estado maior tirados da tropa de linha, como determina o alvará de 17 de Dezembro de 1802 e outras ordens régias, e ultimamente pelo aviso do secretario do conselho supremo de 16 de Outubro de 1811. Em cumprimento d'estas ordens acham-se em concurso varios postos de sargentos-móres e ajudantes de milicias; o governo interino fez algumas propostas, que se acham na secretaria de Estado, e ainda estão vagos muitos póstos até do provimento do governo, cujas propostas já se mandaram pedir aos commandantes dos regimentos.

A ordem régia de 21 de Agosto de 1810, expedida pelo conselho supremo militar manda dar baixa e excluir das propostas a todos os officiaes de milicias e ordenanças que não residirem nos districtos; remettendo-a o Exm. general Horta ao inspector para a fazer executar; elle expôz no officio do 1° de Dezembro do mesmo anno os inconvenientes que d'ahi resultariam: se representou isso a S. A. Real pelo mesmo tribunal, e nenhuma decisão tem vindo.

Temos, finalmente, as ordenanças, milicia antiga de Portugal, e corpos espalhados pela cidade e villas da capitania, governados pelos seus respectivos capitães-móres, e regulados pelo regimento das mesmas e por outras ordens régias posteriores*(g)*.

Parece que todas estas tropas, as quaes no estado completo de paz montam com a tropa de linha a 10,871 homens, além das ordenanças, fariam bem a defesa da capitania; porém não succede assim por dois motivos: primeiro,

por não estarem jámais completas (á excepção da legião destacada no sul); segundo, por se deverem considerar desarmadas. As recrutas que têm sahido das milicias para a legião autorisadas por diversas ordens régias, e principalmente pela carta de 7 de Abril de 1812, têm sido ultimamente a causa do desfalque das milicias, que agora estão-se de novo organisando por ordem do governo interino de 11 de Julho d'este anno. Do regimento de caçadores tambem tem passado muitas praças para a legião na occasião das expedições, e não foram substituidas por outras. Acham-se desarmadas, porque o armamento de caçadores, ainda que soffrivel no seu estado, é de diverso adarme; nas tropas milicianas as de infantaria não têm todas armamento: as armas que ha são velhas, desmanchadas e de adarmes differentissimos, e no mesmo caso estão as tropas de cavallaria; da artilharia depois fallarei.

Sendo presente esta falta á Sra. rainha D. Maria I, e querendo a mesma senhora remediar por algum modo, determinou no aviso régio de 9 de Novembro de 1798 que n'esta capitania se estabelecesse um trem muito economico, mas proprio para manter a defesa da mesma; esta ordem autorisou as despezas de alguns concertos de coronhas de espingardas e carretame da artilharia nos governos dos Exms. Mello e Horta; mas o Exm. marquez de Alegrete foi quem estabeleceu no quartel da legião esse pequeno trem, ou para melhor dizer, uma officina de serralheiro e coronheiro para se concertar o armamento que existe, como melhor se vê da sua ordem de 21 de Agosto de 1813. O ajudante de caçadores José Maria de Mello, encarregado de inspeccionar a mesma officina, apresentou um novo plano, accrescentando o primeiro; ponho ambos na presença de V. Ex., que com a sua agudissima perspicacia conhecerá a necessidade de um terceiro, que emende os dois e melhor satisfaça as

vistas d'aquelle real aviso: S. A. Real mandou para trabalhar n'este estabelecimento o mestre allemão João Frederico Grieff por aviso régio de 4 de Agosto d'este anno; porem ainda não entrou no exercicio do seu officio, porque acaba de chegar com V. Ex(*h*).

Os dois regimentos de artilharia miliciana não devem ter espingardas conforme o plano de sua organisação; porém para que a marinha não ficasse desarmada, não havendo n'ella bastantes fortalezas que a guarneçam e muito poucas peças, o Exm. Horta mandou que os ditos regimentos conservassem interinamente o seu antigo armamento de infantaria; porém nem assim mesmo elles o têm todo, e nem as espadas, de que, segundo o plano, só devem ser armados, e até quasi que não têm peças para aprenderem os exercicios d'esta arma.

Pelas relações, que apresento a V. Ex. do armamento que ha na capitania, será informado do seu quantitativo, qualidade, estado e lugares de sua existencia. Era necessario que em todas as villas da marinha (pelas quaes estão distribuidas as companhias dos dois regimentos de artilharia miliciana) houvessem peças de artilharia, não só para a instrucção dos milicianos, mas principalmente para a defesa dos portos de mar; porém não succede assim, porque poucas são as que se acham em estado de servir, ou seja nas fortalezas da villa de Santos, ou em S. Sebastião. As fortalezas estão bastante arruinadas e todas ellas precisam de um prompto concerto, principalmente as da Estacada, Buriquioca e Paranaguá; esta tem sido a causa de não se haver dado cumprimento ao disposto por S. A. Real na carta régia do 1° de Setembro de 1808, que manda se remettam peças para os districtos dos regimentos de artilharia.

O Exm. capitão-general Antonio Manoel de Mello tinha-se lembrado de nomear, como nomeou, governadores para

estas fortalezas homens particulares ricos, a quem elle deu patentes em milicias, com a condição de concertarem á sua custa as fortalezas de que se lhes conferia o governo; porém como seu successor tirou estas commissões antes de serem confirmadas por S. A. Real, os homens, ou passaram a diversos postos, ou, desgostosos, não quizeram solicitar suas confirmações, á excepção do coronel José Antonio Vieira de Carvalho, governador da fortaleza da Buriquioca(*i*).

Os fardamentos das tropas de linha d'esta capitania têm algumas differenças do que existia antes da vinda de S. A. Real para este Estado; na secretaria d'este governo não ha figurinos d'elles: o da legião está como se pôz na capitania de S. Pedro, onde, ella se acha destacada; ignoro se com ordem régia ou do governo; supponho que haveria ordem régia, porque pelo aviso de 3 de Agosto de 1804, dirigido ao Exm. Antonio José da Franca e Horta, determinou S. A. Real que nos uniformes das tropas nada se alterasse sem concessão régia, permittindo unicamente pelo aviso de 8 de Agosto de 1808 o uso dos distinctivos dos póstos estabelecidos para Lisboa no decreto de 19 de Maio de 1806, e só para os officiaes-generaes e do estado-maior foi que se mandaram novos figurinos por aviso do secretario do conselho supremo militar (sem data), e pelo aviso régio de 31 de Maio de 1809, expedido pela secretaria de Estado da guerra, ordenou S. A. Real que o Exm. Antonio José da Franca e Horta se combinasse com o chefe do regimento de caçadores sobre os fardamentos para o dito regimento, que então se uniformou na fórma que hoje está. Apezar do que tenho exposto, alguns regimentos de milicias têm feito pequenas mudanças em fardamentos sem que pela secretaria d'este governo se haja expedido ordem alguma; o inspector-geral representou ao governo interino esta alteração, e se lhe ordenou que a examinasse na inspecção e désse conta,

o que ainda não executou ; porque desde que ha inspector ainda não fez uma inspecção regular em regimento algum(20). Devem-se muitos fardamentos ás tropas de linha d'esta capitania e até soldos ; os seus chefes darão sobre isto a necessaria conta, sendo certo que quando S. A. Real chegou ao Brasil já existia uma grande divida d'estes artigos, como então se deu conta pela secretaria de Estado da guerra.

Quanto á disciplina, sobre a da legião nada posso dizer por estar na campanha, e ter lá mudado de chefe : sobre a de caçadores é bem conhecida a exactidão do seu chefe o brigadeiro Candido Xavier de Almeida e Sousa, a sua nimia vigilancia chega a ser accusada. Não succede porém assim á maior parte dos regimentos de milicias, por muitos motivos, já por falta de armamento, como expuz, já porque muitos officiaes, e até coroneis não moram nos districtos de seus regimentos e companhias, e estando ellas espalhadas, os sargentos móres e ajudantes não pódem com facilidade instruil-as

O inspector das milicias faz todos os domingos conferencias em sua casa para se instruirem em theórica os officiaes, que quizerem, e bem pouco são os que lá apparecem; elle ultimamente officiou ao governo sobre a precisão, que havia de se ajuntarem as milicias todos os primeiros domingos de cada mez para se instruirem nos lugares das paradas das companhias ; isto reconheceu o governo interino

(20) Digo inspecção regular, porque o inspector, indo a Sorocaba como procurador das acções reaes na fabrica do ferro, tem inspeccionado as companhias d'aquelle regimento que alli se ajuntam, e o o mesmo fez a algumas do regimento de sertanejos, passando por Itú ; todos os mais regimentos estão sem inspecção : nem o inspector tem deprecado ao governo um official que vá fazer suas vezes, como S. A. Real determina nas suas instrucções.

ser necessario; mas parecendo achar-se ligado pela carta régia do 1° de Setembro de 1808, que determina não se ajuntem os milicianos mais de uma vez no anno sem maior motivo, deu conta á S. A. R. a 11 de Julho d'este anno, de que não veio ainda resolução régia. Como actualmente estão as milicias fazendo por destacamentos o serviço da praça, o que se participou á S. A. R. em 22 de Outubro d'este anno, aproveita o inspector a occasião, e em algumas tardes os exercita em manobras.

As ordenanças ha muitos annos não são chamadas á alardos, do que resulta não se saber ao certo a gente que ha capaz de pegar em armas, e até consta que muita não anda alistada nas listas annuaes da povoação, em prejuizo gravissimo dos recrutamentos para a tropa de linha e milicias.

Demonstrado o estado militar d'esta capitania, passo a expôr algumas expedições, em que ella está occupada, ou tem de occupar-se: não fallando em seiscentas praças da legião que acabam agora de marchar para o sul em reforço d'aquelle corpo, e em observancia da carta régia de 7 de Abril de 1812 dirigida ao Exm. Marquez de Alegrete, e aviso régio de 10 de Julho de 1814 (*l*). As ditas expedições são tres Guarapuava, Tibagy, e Camapuam. Persuadido S. A. R. o principe regente nosso senhor, que seria de grande utilidade para o Estado emprehender-se de novo o abandonado projecto de descobrir, povoar, e cultivar os campos de Guarapuava e serra de Apocarana (21) que estão infestados

(21) Os campos denominados de Guarapuava existem no districto da villa de Castro, com cujas matas confinam ao norte: tem ao sul o rio Uruguay, a léste o Paraná e a oeste a serra do mar. Estes campos são atravessados de muitos rios; os principaes são: o Jordão, que corre diagonalmente e entra no grande rio do Registo ou Iguaçú; o rio Chupi ou de Santo Antonio, que entra no mesmo Iguaçú, e o Cha-

de gentios, mandou pela carta régia de 5 de Novembro de 1808, e aviso régio de 23 do mesmo mez renovar estas descobertas, declarando guerra áquelle gentio, com certas condições e restricções; dar de sesmaria os terrenos de que elles se fossem expellindo, creando logo um intendente para a cultura dos mesmos campos de Guarapuava: para a cuja administração, com faculdade régia, creou o Exm. governador e capitão general Antonio José da Franca e Horta, uma junta, de que os Exms. generaes são presidentes, e

pecó ou Peperiguaçú, que, nascendo na serra do Mar (contra o que suppõe o tratado de limites de Santo Ildefonso) com grande curso, entra no Uruguay. Os ditos campos de Guarapuava foram descobertos a 8 de Setembro de 1770 pelo tenente, hoje coronel, Candido Xavier de Almeida e Sousa; esta descoberta, assim como a do sertão do Ivahy, Tibagy e Iguatemy, foram approvadas por el-rei D. José insinuando os meios de conservar estas descobertas, e mesmo amplial-as. Vejam os cinco avisos régios do 1° de Outubro de 1771, declarados no de 20 de Novembro de 1772. Liv. 2° de ordens régias dirigidas ao Exm. D. Luiz Antonio de Sousa.

Pelo aviso do 21 de Abril de 1774 mandou o mesmo rei, que não se proseguisse nas expedições e descobrimentos do Ivahy e Tibagy sem primeiro se dar conta da despeza que estas expedições faziam, e do numero de gente que n'ellas se empregavam, e que sómente se sustentasse a praça de Iguatemy e se apromptassem tropas para o soccorro do Rio-Grande, dispensando os auxiliares, por se compôrem estes regimentos na maior parte dos principaes cabeças de familias, e de homens casados e estabelecidos, as quaes ficariam guarnecendo no proprio paiz os portos e lugares d'elles. Assim, pois, não se trataram mais de semelhantes expedições até a época de 5 de Novembro de 1808. Se não mettermos n'este numero a descoberta do rio Igurey, necessaria para a verificação do dito tratado de limites, mandada fazer pelo Exm. capitão-general Francisco da Cunha e Menezes, e executada pelo coronel Candido Xavier de Almeida e Sousa, sendo capitão a 10 de Julho de 1783, debaixo da direcção do tenente-coronel João Alvares Ferreira, como o dito general Exm. Francisco da Cunha e Menezes participou para a côrte em officio 26 de Setembro do mesmo anno do 1783.

vogaes o sobredito intendente das culturas, o brigadeiro José Arouche de Toledo, o coronel de engenharia João da Costa Ferreira, o coronel de cavallaria de Coritiba José Vaz de Carvalho, o coronel João Vicente da Fonseca escrivão e deputado da junta da real fazenda, que o é tambem da mesma junta; e por aviso de 1° de Dezembro do dito anno foi mandado ouvir, e empregar no commando d'aquella expedição o tenente coronel então sargento mór do regimento de cavallaria de Coritiba Diogo Pinto de Azevedo Portugal. Pela carta régia e aviso de 1° de Abril de 1809 devia esta expedição compôr-se de tropa de linha, artilharia, milicias e ordenanças; e para sua sustentação se impôz um novo tributo no gado vaccum, e cavallar que passasse por Sorocaba, de 200 réis por cabeça; mas conhecendo S. A. R. quanto era pesado o dito imposto a respeito do gado vaccum, foi mandado suspender pela carta régia de 15 de Setembro do mesmo anno, e pela de 7 de Outubro de 1811, se deu nova fórma a este tributo, que está existindo. Vendo depois S. A. R. que a expedição não produzia os effeitos desejados; e que era necessario augmentar nossas forças militares na capitania de S. Pedro, autorisou pela mencionada carta régia de 7 de Abril, e aviso de 12 do mesmo mez e anno ao Exm. marquez de Alegrete para tirar d'esta expedição a força militar, e por isto só existem agora alli as ordenanças, e um official de patente com um inferior, e doze soldados pagos. Finalmente á requerimento dos povos da villa de Castro dirigido á mesa do desembargo do paço, no qual pede a extincção dos tributos, e da expedição depois de ouvido no Rio de Janeiro o Exm. marquez de Alegrete, informou o governo interino ao mesmo tribunal em 21 de Julho d'este anno, que de facto se acabasse a expedição, e reduzindo-se a metade o tributo applicado para a mesma fosse este rendimento empregado na factura do ca-

minho denominado da Matta (que vem de Viamão para Lages),como propunha o dito Exm. marquez,conservando-se porém uma fortificação com bastante gente armada, a fim de embaraçar a continuada incursão dos indios nas fazendas d'aquelles districtos *(m)*.

A expedição do Tibagy é da mesma natureza, que a de Guarapuava, mas sem dispendio da fazenda real : José Felis da Silva fazendeiro rico, e que no serviço de S. A. R. tem dispendido grosso cabedal foi offerecer-se ao mesmo Augusto Senhor para com duas companhias de aventureiros postas á sua custa ir descobrir os haveres que achasse no Tibagy, e fundar uma povoação : o Exm. marquez de Alegrete informou que não havia inconveniente em se lhe conceder o que pedia, e que marchasse logo com a patente de tenente coronel de milicias, e com promessa de maiores premios á proporção do serviço, que fizesse : por falta de gente levantou só uma companhia, e com ella em observancia da portaria do mesmo Exm. marpuez de 10 de Abril de 1812, dando principio á sua commissão, descobriu no mencionado rio Tabagy alguns diamantes, que deu a manifesto á S. Ex. que os mandou entregar ao ouvidor da comarca d'esta cidade intendente da casa da fundição, por quem foram remettidos á S. A. R. ficando por isso parada a diligencia até ordem do mesmo Augusto Senhor que não tem vindo, e interrompida toda a communicação d'este governo com aquelle official a este respeito *(n)*.

Finalmente a expedição de Camapuam está a cargo d'esta capitania;ella não tem por fim a cultura das terras,nem a descoberta de haveres, e sim a defesa commum das capitanias de Matto Grosso e S. Paulo. A fazenda de Camapuam se tem considerado como um ponto assás importante de defesa, para que os hespanhoes não se façam senhores d'elle, e venham assim interceptar o commercio das duas capitanias,

e inquietar mesmo a capitania de Goyaz; foi por isso que o Exm. governador e capitão general de Mato Grosso representou á S. A. R. a necessidade que havia de guarnecer com tropas a mencionada fazenda, e que isto se poderia fazer melhor com as d'esta capitania. S. A. R. assim o tem determinado por differentes ordens d'esde 24 de Outubro de 1811; o Exm. marquez de Alegrete propôz, que as tropas consistissem em quatro companhias de milicias, pediu alguns officiaes inferiores de artilharia, armamento e dinheiro; só veio este. O governo interino disse em officio de 11 de Novembro do anno passado, que ia fazer partir a expedição, mandando primeiramente em monção propria uma de quatro companhias; porém a occurrencia de outros negocios, e o terem-se deteriorado algumas cousas das que se suppunham promptas para a dita expedição a tem demorado até o presente.

Tendo tratado da força armada da capitania, e de tudo quanto á ella respeita vou dizer alguma cousa da sua força interna, isto é da agricultura e artes, de que resulta o seu commercio. A extensão da capitania de S. Paulo acha-se mui bem situada quanto ao clima, porque participando das duas zonas torrida e temperada produz quasi todos os generos da America, e da Europa; succede porém ser notavel a differença do clima nas povoações da marinha muito calmosas a respeito das de serra acima, que são frias, o que é devido á maior ou menor elevação do mar: o milho, feijão, e carne de porco fazem o principal sustento dos moradores de serra acima, a farinha de mandióca, o arroz, peixes, e mariscos sustentam os de serra abaixo, os das povoações do sul de serra acima usam tambem da farinha dos pinhões do Pinheiro D'ombéa, d'elles se sustentam uma bôa parte do anno, dão-se muito bem n'esta capitania todas as substancias tuberosas, ha bastante trigo, as vinhas se dão soffrivelmente,

e em algumas casas se faz vinho,mas não da primeira sorte; porque não chegando as uvas a um perfeito estado de maturação não tem o doce necessario para fazer a precisa fermentação; é necessaria auxilial-a com assucar, ou mel, ou arrobe, o que deixa no vinho um gosto differente dos da Europa: e se isto não se faz a experiencia acaba de ensinarme, que a fermentação é quasi nenhuma, e a pezar d'eu trafegar o vinho, e clarifical o como ensina a memoria de Rabello premiada pela nossa academia, perdi o trabalho, e dois barris de mosto, e nem o inspector das vinhas de Coritiba, que viu a experiencia lhe pôde dar remedio. Tambem se faz vinho, e vinagre da laranja, jaboticaba, birî, e outras fructas. A agricultura das villas do norte consiste em muito milho com que criam infinidade de aves e porcos, que vivos, e mortos vão vender ao Rio de Janeiro, algodão, que depois de tecido vão vender aos portos de mar, fumos,café, e algum assucar, e arroz. A das villas, de Itú, Porto Feiz, São Carlos, Jundiahy, e Parnahyba consiste principalmente no assucar, e agua ardente, e o mesmo acontece nas villas da marinha ao norte e tambem plantam muito café, farinha de mandioca, arroz, e fumo: as villas do sul de serra acima traficam em gados, e em trigos; a de Apiahy porém, e a freguezia de Paranapanema dão algum ouro muito pouco, de maneira que nem chega o seu quinto para as despezas da casa da fundição d'esta cidade: as villas da marinha ao sul negociam em grande quantidade de arroz, e em madeiras, e dão exportação, e importação aos generos das villas do sul de serra acima.

Os paulistas depois que se lhes tiraram os terrenos auriferos se voltaram em grande parte para o negocio, e creação de gados, aproveitando assim os muitos campos naturaes da capitania, e os feitaes (ou campos feitos á braço em prejuizo da agricultura) e tambem a comprarem gados na ca-

pitania de S. Pedro ou em Coritiba, e conduzindo-os por terra á esta capitania vão vendel-os ás outras: este negocio, que em outro tempo foi lucroso hoje só avulta pela extracção, que tem os gados no Rio de Janeiro: as compras feitas a dinheiro a vista, e as vendas a credito á pessoas de diversas capitanias, muitas vezes de má fé tem reduzido á pobreza grandes casas d'esta capitania : mesmo a criação dos gados não é tão lucrativa aqui como no Rio Grande, por causa de ser necessario nas capitanias de serra acima dar sal ao gado, o que não succede no Rio Grande, onde tambem a producção a respeito d'esta capitania está na razão, de tres para um : e accrescendo sobre tudo os tributos novamente impostos, de necessidade o creador paulista ha de esmorecer.

Ha n'esta capitania algumas fabricas de algodão ordinario : na freguezia da Franca se fazem pannos de lã grossos, baetas, chapéos etc, as quaes fabricas favorecidas poderão talvez vestir a tropa, e escravatura da capitania ; e distando aquella freguezia 79 leguas d'esta cidade, e 90 do porto de Santos, o seu commercio só deve consistir em gados, e generos de fabricas, aquelles porque se movem a si mesmos, e estes porque são generos de muito valor, e pouco peso, unicos que devem fazer o commercio das povoações do interior,quasi sempre em bestas,e tambem em carros. O principe regente nosso senhor pela real junta do commercio, mandou para esta capitania um fabricante a fim de ajudar a qualquer pessôa que queira estabelecer fabricas, mas por ora tudo está em principio : o genio creador de V. Ex. aqui terá muito, em que felicitar esta capitania, assim como ella esperava por V. Ex. para a conclusão da sua maior riqueza, quero dizer a fabrica de ferro de S. João de Ipanema em Sorocaba.

Esta fabrica cujo estabelecimento é um dos que immortalisa o augusto nome de S. A. R. foi mandada crear pela

carta régia de 4 de Dezembro de 1810 concorrendo o mesmo Augusto Senhor com todas as machinas necessarias, com a condução, e sustentação de uma companhia de suécos fundidores por quatro annos para a erecção da fabrica gratuitamente, e de mais como accionista entrou com os escravos que houvessem da corôa capazes d'este serviço; o demais fundo foi de sessenta acções de 800$000 réis cada uma que deixou a seus vassallos com a faculdade de as poderem vincular os que pela lei estiverem n'essas circumstancias; creou-se uma junta, de que os Exm., generaes são presidentes para a sua administração, e os officiaes que pareceram necessarios, porém por ora tudo se tem inutilisado pela ignorancia, ou má fé dos empregados, principalmente do director C. G. Hedberg; e como quanto tem havido a este respeito já tem sido presente a V. Ex. por S. A. R. é desnecessario que eu me demore mais n'este artigo, referindo-me aos papeis, que existem na secretaria d'este governo, no archivo d'aquella fabrica, e sobre tudo pódem informar a V. Ex. o brigadeiro José Arouche de Toledo, e o desembargador Miguel Antonio de Azevedo Veiga juiz conservador da mesma fabrica, que mais tem sido incumbidos dos negocios d'ella *(o)*.

Não tenho feito ainda um calculo da exportação, e importação d'esta capitania, nem ao certo se póde fazer, por que os capitães móres incumbidos de darem conta das de suas villas, não têm os necessarios conhecimentos para bem cumprirem esta diligencia; além d'isto confundem a exportação do que sahe para fóra da capitania com a exportação que sahe de umas villas para outras, e o mesmo digo da importação; era necessario providenciar-se, que os administrados dos registos do interior, ou portos seccos, remettessem á secretaria do governo a relação de todos os generos importados e exportados, assim como se remette dos portos

de mar; porém como todos estes registos são arrematados, não querem os contratadores ter semelhante trabalho, nem mesmo lhes faz conta; antes d'isto, o calculo da importação, e exportação será sempre fallivel; pelo que resulta das relações da importação, e exportação maritima vê-se que a importação é muito maior do que a exportação.

Como a conservação das estradas publicas principalmente nas capitanias centraes é da primeira necessidade para o commercio, todos os Exms. governadores e capitães generaes d'esta capitania tem cuidado mais ou menos n'este objecto, já abrindo-as de novo, já fazendo concertar as abertas, já procurando estabelecer rendas para a sustentação das mesmas sem detrimento das reaes: o Exm. Antonio José da Franca Horta, sobre todos, merece n'esta parte os maiores encomios: elle foi incansavel. O Exm. Rodrigo Cezar de Menezes fez abrir as de terra para Cuiabá e Goyaz (além da viagem pelos rios) e a do Rio de Janeiro pela serra de Paraty; seu successor o Exm. Antonio da Silva Caldeira Pimentel a da Bocaina para a mesma côrte pelas villas do norte, esta mesma foi concertada, e em parte aberta de novo por onde está hoje pelo Exm. Martim Lopes Lobo de Saldanha, e novamente concertada de ordem do Exm. Antonio Manoel de Mello e Castro e Medonça; e porque os boiadeiros assentaram ser-lhes mais commodo passarem pela estrada nova do que pela velha da Bocaina (por onde só passavam os gados depois de aberta a estrada nova), se offereceram a pagar o tributo voluntario de 80 réis por cabeça de todo o gado que por alli passasse para o concerto da mesma estrada, o que lhe foi aceito pelo mesmo Exm. Antonio Manoel de Mello. O Exm. Horta por informações do ouvidor que então era Joaquim José de Almeida determinou, que se suspendesse a contribuição visto que não tinha sido posta, digo sido imposta com autori-

dade régia, e que os gados fossem passar pelo caminho da Bocaina: então clamaram os boiadeiros, a camara do districto informou a favor dos mesmos; e elles continuaram a passar pela nova estrada, restabelecida a contribuição voluntaria dos ditos 80 réis. A administração d'esta contribuição tem estado incumbida ao capitão mór e camara da villa de Lorena. O Exm. marquez de Alegrete tendo nomeado o tenente coronel de engenharia Daniel Pedro Muller para inspector da estrada do Rio de Janeiro, o incumbiu tambem de fiscalisar esta admidistração, e os concertos da mesma estrada; e elle conservando a administração no mesmo capitão mór e camara estabeleceu algumas providencias mais para a melhor fiscalisação *(p)*. Actualmente existem em cofre pertencente á este rendimento a quantia de 1:344$080 réis; dinheiro que o Exm. marquez de Alegrete destinava para a factura da ponte do Pirahy,rio que divide esta capitania da do Rio de Janeiro, a qual elle pretendia fosse feita em parte a custa d'aquella capitania; porém d'isso se escusou o intendente geral da policia por estar concertando a estrada do Rio de Janeiro da serra para baixo, no que se fazem grandes despezas por aquella repartição.

O grande aterrado de Mogy das Cruzes faz parte da estrada d'esta cidade para o Rio de Janeiro; elle tem mais de quatro leguas, e atravessa as varzeas, que formam o Rio Tieté, e alguns de seus braços: o Exm. Horta o mandou por no bom estado, em que ora está: é porém necessario não consentir que passem por elle tropas de bestas bravas, nem gados; e que vão buscar o caminho de S. Miguel, e freguezia de Taquaquecetuba. Ha uma nova picada, ou caminho pouco frequentado da freguezia de Santa Izabel districto da villa de Mogy das Cruzes para a villa de S. Joseph, uma da do norte: seus moradores quizeram que o Exm. marquez de Alegrete o mandasse abrir e aperfeiçoar; porém sendo

por ora muito pouco o commercio que por elle gira, depois de informação de Muller se indeferiu á pretenção, mas elles o vão frequentando como vereda particular.

A estrada de Cubatão de Santos para esta cidade pela serra de Piranapiacaba por isso que é a do principal porto de mar da capitania tem attrahido as primeiras vistas d'este povo, e do governo, pois já no anno de 1699 tinham os procuradores das camaras da capitania lançado um tributo de 1:500 réis em cada pipa de azeite de peixe, que entrasse na capitania, para sustentação de um procurador em Lisboa e para o concerto da estrada de Santos, rendimento que acabou pelo estabelecimento da armação das balêas em Buriquioca; e como cessou este rendimento, a estrada ficou em pessimo estado até que o Exm. Martim Lopes Lobo de Saldanha mandou abrir a caminho da serra em sufficiente largura; e a estrada para esta cidade formando-se alguns dos aterrados, que ella tem: o Exm. Bernardo José de Lorena, mandou calçar a serra segundo consta do padrão que está no seu pico: os seus successores têm cuidado muito assim em ter sempre calçada a dita serra, como a maior parte da estrada, fazendo-se grandes casas (a que chamam ranchos) para se arrancharem os tropeiros com as cargas, o que V. Ex. occularmente viu.

O Exm. Antonio Manoel de Mello projectou um aterrado para se ir por terra do porto de Cubatão a Santos, e para isso foi ajudado pelo commercio, que offereceu pagar no Cubatão 20 réis por cada arroba que alli passasse; deu-se principio a obra porém com a mudança d'este general, e depois de algumas outras tentativas pelo Exm. Horta, não continuou a obra, por certo digna de immortalizar o governo de um general amante da prosperidade do commercio *(q)*. A contribuição porém continúa a receber-se, e tem sido applicada para o concerto da estrada de Santos para a fac-

tura de outras, e até para ruas, e mais algumas obras d'esta cidade pelos poucos rendimentos que tem a camara d'ella.

A administração d'esta contribuição voluntaria incumbiu o Exm. Horta á uma junta composta do Exm. general presidente, e vogaes o juiz de fóra, o vereador da camara mais velho, um thesoureiro, e um escrivão, que é um dos officiaes da contadoria da junta da real fazenda. O Exm. marquez de Alegrete fez arrematar a dita contribuição por 18:000$ de réis pouco mais ou menos no triennio: estas duas contribuições voluntarias não tiveram confirmação régia expressa; têm-na porém tacita; porque por vezes se tem dado parte d'isso a S. A. R. pelas secretarias d'Estado e tribunaes assim de Portugal como do Rio de Janeiro sem ordem em contrario *(r)*.

As estradas que vem das villas de Itú, S. Carlos, e Jundiahy para esta cidade, e pelas quaes passa a maior quantidade de assucar d'esta capitania foram mandadas concertar, e abrir de novo pelo Exm. Horta a custa do dinheiro da contribuição de Santos principalmente a que vem de Jundiahy, persuadindo-se S. Ex. ser melhor abrir esta de novo, do que concertar a denominada das Sete Voltas, que existia, e que ainda hoje serve a muitas fazendas.

A estrada de Caraguatatuba foi aberta de ordem do Exm. D. Luiz Antonio de Sousa a custa dos povos das villas do norte: mas deixando de existir a villa de Santo Antonio da Parahybuna, que este senhor creou, fechou-se a estrada, até que povoados novamente aquelles sertões, e querendo os moradores ter este caminho para conduzirem os seus generos a um porto de mar da capitania, evitando a péssima estrada, e serra de Paraty, e para não pagarem o novo imposto estabelecido pela junta da fazenda do Rio de Janeiro sobre os animaes, que entrassem em Paraty idos de serra acima, o Ex. Horta a mandou novamente abrir, e é uma

das melhores da capitania : a falta porém de embarcações na villa de S. Sebastião, tem sido a causa de não estar inteiramente mudado para esta villa o commercio que as nossas villas do norte até Taibaté fazem para Paraty. O Exm. marquez de Alegrete em officio do 1° de Setembro de 1812, e o governo interino no de 19 de Novembro de 1814 pediram a S. A. R. pelo desembargo do paço a imposição de 20 réis em cada animal que passasse por esta estrada para os concertos da mesma, e factura de uma barca, ou ponte no rio Juqueriqueré, mas ainda não veiu decizão *(s)*.

Ha uma outra estrada de S. Luiz para a villa de Ubatuba; foi igualmente mandada abrir pelo Exm. Horta, e os capitães móres das duas villas, e as camaras estão incumbidas, de as terem sempre promptas. Ha tambem um caminho que vai de Lorena para a Ilha Grande pela serra do Frade, ignoro quando elle foi aberto, e só tive noticia d'elle, quando a camara da villa da Ilha Grande mandou aqui um dos seus camaristas pedir que o fizessem concertar no districto d'esta capitania, o que se effectuou. O Exm. marquez de Alegrete, a requerimento dos povos de Atibaia, mandou abrir uma nova estrada que vem por Bragança e Atibaia á esta cidade; porém depois de aberta, algumas pessôas têm representado, que ella é peior do que a estrada velha : por occupações do tenente coronel Muller o governo interino não tem mandado examinar as duas estradas *(t)*.

A estrada denominada da Matta e que vem da Laguna para a villa das Lagens, e a de Coritiba para Paranaguá são as duas estradas mais necessarias da parte do sul; a primeira conduz os gados que entram do continente do Rio-Grande para esta capitania, a segunda dá importação e exportação aos generos do continente de Coritiba para o porto de mar de Paranaguá: ambas ellas têm sido muito recommendadas por ordens régias, com especialidade a pri-

meira, que estando em pessimo estado faz com que não entrem n'esta capitania os muitos gados, que sahem do Rio Grande em prejuizo notavel dos reaes direitos e do commercio : os dois capitães generaes os Exms. Antonio Manoel de Mello, e Antonio José da Franca e Horta propuzeram para a côrte de Lisbôa planos para a factura d'esta grande obra, que não foram resolvidos. A carta régia, que creou as imposições para sustentação da expedição de Guarapuava, determinou que do dinheiro d'estas imposições se faça o concerto da estrada da Matta ; porém nãose tem executado, porque a sobredita imposição não chega para a expedição, (segundo me consta). Já disse quando fallei d'esta expedição que o Exm. marquez de Alegrete, e o governo interino tinham informado á S. A. R.,pelo desembargo do paço,sobre os meios de concertar a dita estrada da Matta : parece-me muito adequado o plano que deu o Exm. Horta no officio n. 1° do 1° de Março de 1806 ao real erario de Lisboa.

As estradas de Coritiba para Paranaguá são duas, uma antiga denominada dos Morretes, e outra moderna, ou da Graciosa ; estando a primeira arruinada mandou o Exm. Horta pelo tenente coronel de Coritiba Diogo Pinto de Azevedo Portugal, que a fizesse concertar a custa de uma contribuição,que o povo para isso offereceu : este official expôz ser melhor abrir a da Graciosa, o que de facto se pôz em pratica. Sobre esta estrada tem havido representações á S. A. R. queixando-se algumas pessôas de Coritiba que é pessima : ultimamente se mandou ouvir o ouvidor d'aquella comarca, que informou ser melhor a nova, concertada que fosse ; e mudando-se para á villa Antonina o contrato do Cubatão dos Morretes, ou passagem das Canoas ; por que como este contrato está no porto dos Morretes, obriga os que vêm pela estrada nova da Graciosa a irem sempre aos

Morretes pagar o contrato o que é muito incommodo aos povos *(u)*.

Além d'estas estradas ha outras, que vão para as capitanias de Goyaz, e Minas Geraes: agora tem trabalhado muito um Manoel Ribeiro Pinheiro, de Taibaté, para abrir uma que venha do districto da villa da Campanha da Princeza sahir ao districto da villa de Pindamonhangaba, ao que a camara da mesma, e os Exms. governadores d'esta capitania se têm opposto, e ainda S. A. R. não resolveu. Todas estas estradas da capitania são melhores, ou peiôres a proporção da sua povoação e commercio; ellas são feitas pelos moradores vizinhos, e por alguns soccorros pecuniarios das referidas contribuições, que os Exms. generaes lhes têm dado, por serem as camaras muito pobres, e sem rendimento para cousa alguma *(x)*.

Vou entrar em um artigo muito interessante ao publico: é o ensino da mocidade, de que o Estado tira tantas utilidades, por cujo motivo os senhores reis muito o recommendam. Para esta despeza está destinado d'esde o senhor rei D. Joseph I. o subsidio litterario; e S. A. R. querendo augmentar os conhecimentos de seus vassallos, mandou estabelecer a contribuição denominada litteraria para os estudos maiores: quanto á estes estudos, não estão ainda postas em execução as reaes ordens; por isso fallo só dos estudos menores, cuja direcção depois da abolição da mesa censoria foi encarregada commulativamente aos Exms. bispo e capitão general d'esta capitania: o plano de estudos quanto ao numero e honorarios das cadeiras tem diversificado, segundo se achavam providos e confirmados pelo dito extincto tribunal, e pelo Exm. capitão general Antonio Manoel de Mello: isto obrigou o Exm. Horta a dirigir á S. A. R. pelo conselho ultramarino um novo plano para o numero das cadeiras e seus honorarios, o qual foi confirmado

pelo mesmo Augusto Senhor por provisão do desembargo do paço do Brasil de 5 de Abril de 1811: é porém de advertir, que aquelles professores, que estavam confirmados com maiores honorarios antes da confirmação do plano continuam a recebel-o. Como o Exm. Horta tinha organisado o numero de professores contando com o rendimento do subsidio litterario, que n'esse tempo era o de 4:000$ de rs. não propôz professores de primeiras letras para todas as villas, bem que reconheceu a sua necessidade: advertindo isto o governo interino, e vendo que o rendimento do subsidio litterario já chegava a seis contos de réis, propôz á mesa do desembargo do paço, em officio de 8 de Outubro de 1814, a creação de cadeiras das primeiras letras em cada uma das villas da capitania com 60$000 réis de ordenado por anno *(z)*. O mesmo governo interino vendo que estava vaga a cadeira de philosophia racional e moral d'esta cidade, que se acha bastantemente velho o substituto da mesma cadeira, e que por isso já tinha sido proposto para jubilado pelo Exm. Antonio Manoel de Mello: em officio n. 12 de 4 de Novembro d'este anno o repropôz para jubilado com o seu ordenado por inteiro de 240$000 réis por anno; e para professor proprietario da cadeira propôz o substituto de todas ellas o padre Francisco de Paula de Oliveira com o ordenado de 350$000 réis na fórma do plano *(y)*. Além d'estas cadeiras paga S. A. R. á rogo do Exm. bispo diocesano para instrucção do clero uma cadeira de theologia especulativa e pratica com o ordenado de 250$000 réis por anno.

Exposto o estado dos negocios d'esta capitania, que se expedem pela secretaria do governo, seguia-se tratar da administração da real fazenda para complemento d'esta memoria; porém pertence isto a uma diversa repartição; em geral sei sómente que as rendas reaes andam por 176:976$885

réis pouco mais ou menos, e que a sua despeza tem sido 174:995$634 réis pouco mais ou menos, sem fallar na despeza extraordinaria: o habil escrivão deputado da junta da real fazenda o coronel João Vicente da Fonseca póde ministrar os necessarios conhecimentos a este respeito; assim como do que houver de mais particular sobre os negocios de Guarapuava, por ser o secretario e deputado da junta estabelecida para esta administração.

ADDITAMENTOS

FEITOS Á MEMORIA, PELOS QUAES SE MOSTRA EM ESBOÇO O ESTADO DOS NEGOCIOS DA CAPITANIA NO GOVERNO DO EXM.

SR. CONDE DE PALMA

(a) Este lugar foi creado por decreto de 29 de Agosto de 1816 na pessoa de Joaquim Pereira Vianna, com ordenado de 600$ por anno, e tambem se creou Manoel Euphrasio Marques, escrivão, com ordenado de 500$;por provisão de 26 de Novembro de 1816 do real erario, foi o dito pagador dispensado de prestar fianças, e, finalmente, por decreto de 3 de Março de 1817; Sua Magestade conferiu aos officiaes de fazenda, que servissem de vedores das tropas, a graduação de tenentes-coroneis.

(b) Hoje ha na capitania trinta e sete villas, porque Sua Magestade por alvará de 28 de Novembro de 1816 erigiu em villa a freguezia das Arêas, com o nome de S. Miguel das Arêas, annexando-lhe as freguezias do Bananal e a de Queluz, e estão ainda pendentes de resolução régia a creação das villas da Franca e Piracicaba, na comarca de Itú; que em razão da grande povoação das villas de Mogy-Mirim e Porto-Feliz requereram os povos a creação d'estas duas villas.

A população da capitania no anno de 1814 foi de 211,928 almas, com accrescimo de 2,705 sobre a de 1813, referida na *Memoria*. A de 1815 foi de 215,021 almas, com accrescimo de 3,093 sobre a do anno antecedente, e a de 1816 foi de 219,787 almas, com 4,766 almas de accrescimo ao anno de 1815.

E' bastante curioso um mappa geographico, estatistico da capitania, que, á imitação do de Mr. Le Sage, o Exm. Sr.

conde mandou organisar pelo engenheiro Müller, servindo-lhe de base o mappa geographico da capitania, esta minha *Memoria* e a dos limites, e outros documentos extrahidos da secretaria do governo, da junta da real fazenda e de noticias particulares; S. Ex. remetteu-o a Sua Magestade pela secretaria de Estado do Brasil em officio de 29 de Agosto de 1815, e mereceu a real approvação do mesmo augusto Senhor, expressada no aviso de 3 de Outubro do mesmo anno, expedido pela secretaria de Estado da guerra.

(c) O delegado de cirurgia é hoje o cirurgião-mór Thomaz Gonçalves Gomide.

(d) Aos intendentes da marinha pertence a inspecção e direcção dos córtes das madeiras de construcção real; porém como n'esta capitania a intendencia não está organisada, as matas que se designaram para o uso da marinha real n'esta capitania foram tombadas pelo coronel engenheiro João da Costa Ferreira, de ordem do Exm. Antonio Manoel de Mello, e se estendem desde a barra de Buriquioca até Paranaguá; porém em todas as matas dos particulares sempre ficam reservados nas cartas de sesmaria os páos de construcção naval, o que não se executa na pratica nas sesmarias de serra acima, pela impossibilidade que ha de servirem semelhantes páos para a construcção, e mesmo porque nas terras maritimas os ha em abundancia.

El-rei nosso senhor, tendo concedido á S. M. Britannica, pelo tratado de alliança de 19 de Fevereiro de 1810, art. 6°, o privilegio de fazer comprar e cortar madeiras para construcção de navios de guerra nas matas d'este reino (exceptuando as reaes), e annullado este tratado pelo outro de 22 de Janeiro de 1815 succedeu, que os agentes inglezes cortaram depois da publicação d'este ultimo tratado nas matas particulares da costa d'esta capitania muita madeira de construcção; Sua Magestade mandou a esta capitania, e por

aviso régio de 14 de Março de 1816, ao capitão-tenente da marinha real José Caetano Filgueiras Negrão, como commissario ás ordens do Exm. Sr. conde-general, para com outro commissario inglez regularem este negocio; S. Ex. deu ao nosso commissario as instrucções de 31 de Março do mesmo anno para por ellas se regular n'esta importante e delicada materia, e depois dos mais serios exames achou-se que os agentes inglezes, depois da publicação do tratado ultimo em S. Sebastião, tinham cortado n'aquelle districto, e nos de Ubatuba e Villa-Bella, 504 páos de construcção, os quaes ficaram sequestrados para S. M. Fidelissima, e entregues á guarda e responsabilidade do governador de S. Sebastião, assim como o cuidado de vigiar, que, emquanto os inglezes embarcam as madeiras que legitimamente lhes pertencem, não façam córtes clandestinos.

(e) O Exm. Sr. conde general mandou pelo segundo tenente Rufino José Felizardo levantar a planta da real fabrica de ferro de S. João de Ipanema e das obras novas da mesma fabrica, o que elle executou; e actualmente se acha inspeccionando os concertos que S. Ex. mandou fazer nas fortalezas da Barra-Grande de Santos, Trincheira e Buriquioca; o segundo-tenente José Joaquim de Abreu está servindo de director do real trem d'esta cidade por nomeação do mesmo Exm. Sr. conde general, e ambos S. Ex. propôz para primeiros-tenentes em consideração a estes serviços.

(f) Verificou-se no governo do Exm. Sr. conde, mandando Sua Magestade por aviso de 18 de Abril de 1817 levantar dois corpos de milicias a cavallo, na conformidade do plano, ou como melhor parecesse ao mesmo Exm. Sr., os quaes deviam marchar para as fronteiras do Rio da Prata com outras tropas d'esta capitania. S. Ex. então formou dois corpos de 408 praças cada um, tirados de oito dos re-

gimentos de milicias da capitania, e de tudo deu parte a Sua Magestade em diversos officios, principalmente no de n. 65 de 11 de Setembro de 1817, merecendo a real approvação exarada no real aviso de 18 de Julho de 1817.

(g) Havendo crescido sobremaneira a povoação d'esta capitania, d'esde que se regularam ultimamente as ordenanças no anno de 1766, os Exms. generaes Horta, e marquez de Alegrete, governos interinos, e o Exm. Sr. conde de Palma por diversas vezes representaram a necessidade que havia de se dividirem as companhias das ordenanças e S. Magestade assim o determinou em resolução de 22 de Maio de 1815 sobre consulta do conselho supremo militar, como participou o secretario do mesmo conselho em officio de 22 de Junho do dito anno. Em consequencia tem S. Ex. creado varias companhias novas, e me ordenou, que regulando-me pelas ordens régias existentes e listas da povoação, fizesse eu um plano para as divisões das ditas companhias.

(h) Sua Ex. de facto organisou de novo o real trem fazendo para seu regulamento o plano de 10 de Março de 1815; por inspector nomeou o engenheiro Muller: n'elle trabálha o prussiano João Frederico Grieff, e por portaria de 8 de Outubro de 1817 tambem os outros artifices da real fabrica das armas; em quanto na de ferro de S. João de Ipanema não se apromptam as officinas necessarias para se dar principio á grande fabrica de armas, e fundições que S. Magestade mandou estabelecer n'esta capitania. Estas reformas feita no trem por S. E. foram approvadas nos avisos régios de 4 de Setembro de 1815 e 20 de Junho de 1817.

(i) Por immediata resolução de S. Magestade de 5 de Junho de 1812, e apostilla de 27 de Julho dito apresentada na secretaria do governo a 7 de Agosto de 1816, S. Magestade foi servida mudar o destino d'este official mandando-o governar a fortaleza do Itapema.

(l) A maior expedição que de uma vez tem sahido d'esta capitania, depois da vinda de S. Magestade para este reino, foi encarregada ao Exm. Sr. conde de Palma por avisos régios de 18, e 19 de Abril d'este anno de 1817; porque marcharam para a campanha do Rio da Prata a servir debaixo das ordens do tenente general Sebastião Pinto de Araujo Corrêa 200 homens de cavallaria da legião, os dois corpos de voluntarios de milicias a cavallo, de que já fallei, quatro guerrilhas ou partidas volantes composta cada uma de... praças.

(m) Por provisão do desembargo do paço de 10 de Abril de 1815 determinou S. Magestade, que o Exm. Sr. conde de Palma informasse tambem sobre a representação da camara de Castro declarando o fim principal da expedição de Guarapuava, seus progressos, e estado actual. S. Ex. mandou ouvir a este respeito o tenente coronel commandante da expedição, chegado a esta cidade de ordem da junta para negocios do serviço: elle deu uma larga informação mostrando que o fim principal era o determinado na carta régia, isto é descobrir os campos, cultivar este amplissimo terreno, civilizando os indios (se possivel fosse) e explorar se por elles se podia commodamente fazer uma estrada de communicação com a capitania do Rio Grande. Que os progressos foram descobrirem-se os compos, estabelecerem-se n'elles tres grandes arranchamentos ou quarteis com roças para sustentação da guarnição, tratar-se ora de paz, ora de guerra com differentes tribus de indios, dos quaes uma grande parte receberam o baptismo, e dar-se principio a abertura da estrada; pois que o espaço descoberto pelo pratico Manoel Soares do Valle d'esde o fundo dos campos de Guarapuava até o rio Chupi, ou Santo Antonio tem nove leguas e meia; e dizem os indios, que d'este ao Uruguay dista dez leguas de campo, e do Uruguay a Santo Angelo tres

leguas: o estado actual é, de facto concluir o alferes de cavallaria de Coritiba Athanagildo Pinto a abertura da picada, sahindo com ella á Missões: mas tendo atacado os indios a povoação de Linhares, S. Ex. e a junta da expedição mandaram sahir o tenente coronel commandante a dar providencias a este respeito.

(n) Por aviso régio de 22 de Fevereiro de 1815 mandou S. Magestade remetter, por cópia,ao Exm. Sr.conde general a carta régia de 13 de Novembro de 1089 dirigida ao Exm. capitão general de Mato Grosso com o regimento provisional e tabellas, porque se deviam comprar pela junta da gratificação estabelecida no Cuyabá, os diamantes que apparecessem n'aquella capitania,para que S. Ex. a vista de tudo informasse com o seu parecer, apontando os meios que lhe occorressem para se aproveitarem os diamantes do Tibagy, adoptando-se o regulamento de Cuyabá no que lhe fosse applicavel. S. Ex. ouvindo o naturalista Martim Francisco Ribeiro de Andrada Machado e Silva inspector das minas e matos da capitania por haver feito uma viagem mineralogica pela mesma, formou um regimento para regular a lavra dos diamantes do Tibagy, o qual remetteu a S. Magestade pelo real erario no officio n. 13 de 30 de Junho de 1815: mas o mesmo Augusto Senhor até agora nenhuma resolução tem tomado a este respeito.

Além d'estas expedições, por aviso régio de 29 de Agosto d'este anno de 1817,determinou S. Magestade,que por este governo se empregasse e auxiliasse em descobertas de rios e sertões d'esta capitania para a de Goyaz a João Caetano da Silva que pelo rio Anicus veiu d'aquella capitania a esta: empreza já tentada por S. Ex. quando governava Goyaz, e cujos exploradores varando de noite a barra do rio Tieté desceram pelo Paraná, e se precipitaram no Salto de Guairá, ou Sete Quedas escapando só dois homens dos quaes um de

nome Gregorio existe casado na villa de Jundiahy: S. Ex. está dando providencias para o regresso do dito João Caetano da Silva. (*)

(o) A real fabrica do Ipanema em Sorocaba só esperava por S. Ex. para lhe dar um grande impulso; por quanto mandando S. Magestade pela carta régia de 27 de Setembro de 1814 despedir a maior parte da companhia dos suécos, e seu director C. G. Hedberg cujo contrato com que vieram da Suécia se achava finalisado, por se ter reconhecido que muitos d'elles eram pouco habeis na sua profissão, mandou construir dois fornos altos, encarregando-se a direcção d'elles ao major de engenharia Frederico Luiz Guilherme de Warnhagen. Em Janeiro de 1815 (um mez depois da sua posse) foi S. Ex. á real fabrica com os deputados da junta, e o dito Warnhagen, e deu as providencias de maneira que em Maio d'este anno de 1817 se concluiram os fornos altos, e a fabrica inteiramente completa de maneira que só se esperava cheguem da Alemanha os fundidores, e refinadores, que S. Magestade mandou vir, para que a fabrica labóre em grande; immortalizando assim S. Ex. o seu nome.

A' esta fabrica quer S. Magestade se una outra, ou por conta de sua real fazenda, ou dos accionistas da fabrica, de fazer armas, peças de artilharia e mais instrumentos bellicos; e para isso mandou para esta capitania uma companhia de prussianos armeiros, e o contrato que com elles S. Magestade mandou fazer. S. Ex. depois de ouvir os accionistas da fabrica de ferro, e participar á S. Magestade o voto dos mesmos sobre a união das duas fabricas, em quanto S. Magestade não resolve, mandou S. Ex. que os ditos armeiros fossem trabalhar no real trem d'esta cidade occu-

(*) Vide adiante o mappa d'essa navegação.

pando-se já em fazer um armamento novo para o regimento de caçadores de Santos.

Veja-se o aviso régio de 21 de Julho de 1817 e o officio de S. Ex., para a côrte, a este respeito, em data de 10 de Outubro do mesmo anno, pela secretaria de Estado da guerra.

(p) O Exm. Sr. conde general mandou arrematar o rendimento d'esta contribuição no anno solto pela quantia de 1:335$; e por esta contribuição se está agora fazendo a ponte do rio Pirahy.

(q) O Exm. Sr. conde intentou tambem a factura d'esta grande obra; mandou examinar o terreno pelo engenheiro Múller; achada possivel, ainda que dispendiosa, fez-se a planta, e foi remettida para a côrte em officio n. 108 de 30 de Novembro de 1815, dirigido á secretaria de Estado dos negocios da guerra; mas, não sei por que fatalidade, não tem havido resolução régia, apezar de instancias de S. Ex. e da camara da villa de Santos.

(r) Foram, finalmente, approvadas por provisão do desembargo do paço de 6 de Julho de 1815, em que Sua Magestade confirmou tambem a contribuição proposta para o concerto da estrada de Jacarehy para o porto de Caraguatatuba, e factura da ponte do rio Juqueriqueré, de 20 rs. por cabeça de animal que passar pela mesma estrada.

(s) A contribuição para o concerto d'esta estrada e factura da dita ponte do rio Juqueriqueré ainda não teve principio, com prejuizo notavel do commercio, não obstante ter S. Ex. ordenado ao actual ouvidor da comarca que a estabelecesse, por officio que lhe dirigiu a 17 de Agosto de 1815.

(t) Mandou-as S. Ex. examinar pelo tenente-coronel Múller, o qual achou que a estrada velha era melhor do que a nova, fazendo-se-lhe certos atalhos, que S. Ex. mandou logo

por em pratica pelo sargento-mór graduado do 1° regimento de milicias José da Cunha e Abreu, vizinho da mesma estrada.

(u) O coronel de milicias Ignacio de Sá Souto-Maior novamente requereu a Sua Magestade o concerto da estrada dos Morretes, fazendo a esse respeito uma larga *Memoria*, que por aviso régio de 11 de Novembro de 1816 veiu a informar ao Exm. Sr. conde de Palma; porém, como se mandou gastar com o estabelecimento das guerrilhas o dinheiro proposto para esta obra, S. Ex. nada informou a este respeito: é, porém, de summa necessidade que uma d'estas duas estradas se ponha em bom estado.

(x) S. Ex. mandou tambem concertar todos os passos máos da estrada que vai de Mogy das Cruzes para a marinha, com pontes e aterrados onde necessario fosse. A que vem da freguezia da Franca para esta cidade, porque os moradores d'aquella freguezia e suas circumvizinhas em grandes carros vêm trazer seus generos á cidade; mandou abrir a estrada da villa de Apiahy para a ribeira de Iguape; e por ella já corre o commercio dos vizinhos do sertão da comarca de Itú e villa de Castro para a marinha. Mandou concertar em observancia do real aviso de 16 de Julho de 1816, expedido pela secretaria de Estado da marinha, o antigo caminho que pela marinha communica esta capitania com a de Santa Catharina e com a de S. Pedro do Sul, afim de que por elle passe um correio periodico que Sua Magestade intenta estabelecer de Porto-Alegre até o Rio de Janeiro pela capitania de S. Paulo; e á requisição do Exm. general da provincia da Cisplatina Carlos Frederico Lecor mandou estabelecer n'esta mesma estrada paradas militares para com facilidade serem transmittidos os officios e noticias d'aquella fronteira a Sua Magestade. Projecta S. Ex. abrir uma estrada da real fabrica de ferro de S. João do Ipanema para a

ribeira de Iguape, para com facilidade se transportarem a porto de mar os productos da dita fabrica e da de armas. O sargento-mór das ordenanças de Cananéa se offereceu para abrir á sua custa uma estrada d'esta villa maritima para a central de Villa-Nova do Principe e suas circumvizinhanças, dando-lhe Sua Magestade o direito das passagens por certo tempo. Sua Ex. mandou informar o ouvidor da comarca de Paranaguá, e esta informação acaba de chegar favoravel á pretenção do sargento-mór.

(z) Sua Magestade assim o determinou por provisão do desembargo do paço de 14 de Março de 1816; mas o ordenado que estabeleceu foi o de 50$ por anno.

(y) O mesmo augusto Senhor, conformando-se com o parecer do Exm. Sr. conde, foi servido determinar por provisão do seu real erario, que este professor tivesse 480$ de ordenado por anno.

DOCUMENTOS OFFICIAES

ANNEXOS A' PRECEDENTE MEMORIA.

Illm. e Exm. Sr.—Tendo posto toda a diligencia ao meu alcance, para adquirir as informações da estatistica civil e ecclesiastica d'esta provincia, em cumprimento do aviso expedido a este governo em 23 de Novembro do anno proximo passado, apenas pude obter do Rev. bispo diocesano aquellas, que vão inclusas, sem que pelo que pertence ao civil, me tenha chegado até agora alguma; e antes a semelhante respeito pelo Dr. ouvidor d'esta comarca me foi dada a resposta que acompanha; razão pela qual não cabe á minha faculdade organisar o plano para a divisão d'este territorio nos termos do referido aviso. Deus guarde a V. Ex., S. Paulo, 14 de Abril de 1828. —Illm. e Exm. Sr. Lucio Soares Teixeira de Gouvêa.—*Thomaz Xavier Garcia d'Almeida.*

Illm. e Exm. Sr.—Devendo dar conta a V. Ex. das informações que me pediu pelas suas portarias circulares do 1° e 29 de Janeiro d'este anno; aquella sobre o plano de divisões civis e ecclesiastica da provincia; esta sobre a observancia do decreto da assembléa legislativa de 13 de Novembro do anno passado. Sou a dizer a V. Ex., que nada posso informar sobre o plano, porque ainda me faltam as pedidas informações das camaras de Taybaté, Pindamonhangaba, S. Luiz, Cunha, Villa Bella, Ubatuba; e sem que me cheguem todas estas informações não posso fazer a minha geral. Quanto a observancia d'aquelle decreto, ainda me faltam respostas de algumas villas; mas das que tenho recebido e remetto inclusas verá V. Ex., que o dito decreto já está em execução na comarca a meu cargo; aliunde sei que o Exm. prelado logo que o recebeu despediu a todos os parochos do bispado para ser promptamente executado. Deus guarde a V. Ex., S. Paulo, 9 de Abril de 1828.—Illm. e Exm. Sr. Thomaz Xavier Garcia de Almeida. — *Manoel da Cunha d'Azeredo Coutinho Sousa Chichorro.*

Illm. e Exm. Sr.—E' bem difficil, e quasi impossivel responder ao 1° quesito do officio de V. Ex., em data do 1° de Janeiro do presente anno; e mesmo podendo responder-se com alguma exactidão, seria necessario que fosse acompanhada a resposta de uma carta topogra-

phica, e esta até seria minuciosa, para bem se poder perceber os diversos limites das parochias d'este bispado: porém querendo satisfazer a V. Ex. lembra-me dizer, que a extensão do bispado do Rio de Janeiro deu occasião a que el-rei D. João V. instasse pela diviza que fez a bulla do santissimo padre Benedicto XIV. — *Candor lucis æternæ*—datada em Roma a 6 de Dezembro de 1746. Por esta bulla separou-se do bispado do Rio este de S. Paulo, o de Marianna, e as prelazias de Goyaz, Cuiabá e Matto-Grosso. Foi então marcado o limite d'este bispado pelo rio Parahyba como divisor do Rio de Janeiro, e o Rio-Grande ou vulgarmente Paraná como limite do de Marianna, e prelazias; porém isto não se conservou assim, pois logo começaram lides que até hoje se não têm decidido: presentemente este bispado divide-se do de Marianna pelo rio Sapucahy até a sua confluencia no dito Rio-Grande; tendo perdido assim as igrejas de Ayuruoca, Carranca, Campanha, Paizes-Altos, Baependy, e muitas outras; e com o bispado do Rio de Janeiro apezar de conservar o mesmo Parahyba como limite, tem comtudo perdido bastante, pois sendo a diviza o alto da serra do mar desde a frente da Ilha Grande, e das cabeceiras do rio Pirahy, que tem sua origem na mesma serra, até sua confluencia no dito Parahyba, hoje está alterada esta linha; pois,Rezende é dividida do Bananal pelo rio Turvo,e o bairro chamado Tabuão no alto da serra de Paraty tambem pertence ao Rio de Janeiro: e na costa do mar que outr'ora era toda d'este bispado,hoje só tem desde Ubatuba até o Rio de S. Francisco; perdendo tudo o mais que está ao norte e ao sul d'estes pontos.

Ao segundo quesito respondo,que tendo a provincia de Minas-Geraes adiantado seus limites sobre esta, ficaram dentro d'aquella as grejas de Itajubá, Pouso Alegre, Sant'Anna do Sapucahy, Douradinho, Ventania, Cabo Verde (Caconde, Carmo do Rio Claro?), Jacuhy, Caldas, Ouro Fino e Camandocaia: e pelo lado do sul, a diviza da provincia de Santa Catharina: abrangeu tambem a igreja de Lages nos mais pontos divisorios, marca o bispado igual com a provincia:

Ao terceiro, lembra-me ser o que já outr'ora propuz a S. M.-Imperial, que um dos melhoramentos que se devia promover, era o marcar novos limites a cada parochia, porém estes devendo ser proporcionados ás commodidades dos povos, só se póde fazer tendo em vista os mesmos lugares, e attendendo aos moradores, que pela maior parte são ambulantes, e que desprezam com facilidade o lugar de sua arranchação, uma vez que outra lhe promette melhoramento

ainda pequeno: porém isto mesmo se não deverá fazer se não quando houver uma visita geral do bispado, e autorisar-se ao visitador para poder convocar os povos, e por meio de laudos, e presentes os parochos marcarem-se então os limites convenientes, e S. Magestade sanccionar estes limites; e quando a população se augmente, então n'estes primeiros tempos não dividir as parochias, antes sim dar aos parochos algum augmento de ordenado, com que elles possam ser obrigados a ter coadjutores n'aquelles lugares; porque estes a vista de seus vigarios cumprirão melhor seus deveres: tambem occorre o melhoramento de augmentar o ordenado aos coadjutores, pois com 250$000 por anno se não póde manter ninguem, e os parochos não podem n'este bispado fazer um ordenado, que convide um sacerdote ao trabalho da parochia: d'este modo penso ter respondido ao 5° quesito do officio de V. Ex.: emquanto ao 4° respondo, que não convindo a bem da caixa publica, e mesmo dos povos novas divizas, nada se póde dizer sobre este objecto, e quando se houver de organizar pelo modo acima indicado o plano geral do bispado, só então é que se poderá tambem conhecer as igrejas que devam ficar como parochias, e quaes como capellas curadas, ficando estas annexadas ás igrejas d'onde foram desmembradas; pois que sendo pouco estavel a residencia dos povos, ha presentemente igrejas, que mandadas pôr a concurso, até agora não têm achado oppositores, porque ellas são tão pobres, que não têm com que possam sustentar os parochos.

E' o quanto posso responder aos quesitos de V. Ex. Deus guarde a V. Ex. Palacio episcopal, 11 de Abril de 1828. — Illm. e Exm. Sr. presidente.—*Manoel*, bispo de S. Paulo.

DISCURSO DO EXM. SR. PRESIDENTE D'ESTA PROVINCIA NA ABERTURA DO CONSELHO GERAL NO DIA 1° DE DEZEMBRO DE 1829.

Senhores do conselho geral da provincia.—Chamado pela lei fundamental do Imperio para instruir este conselho do estado dos negocios publicos da provincia, e das providencias que ella mais precisa para o seu melhoramento; eu tenho a satisfação de me ver pela segunda vez entre tão illustres e benemeritos cidadãos, e congratular-me com o povo paulistano por esta sua reunião, a qual tendo de consultar de mui perto seus mais caros interesses, sobremaneira, e cada vez mais nos afiança a consolidação e progressiva prosperidade do systema constitucional brasileiro.

Comquanto porém, sejam vehementes e sinceros os desejos que tenho de cumprir este sagrado dever, e de concorrer quanto em mim cabe para o maior bem d'esta provincia, elles comtudo não bastam para desempenho de tarefa tão ardua e melindrosa. A minha residencia em todo o tempo da minha administração por sessenta dias da primeira vez, e por cincoenta da ultima, que tantos ha que regressei da côrte com a interrupção de sete mezes, e ainda mais o embaraço que tenho tido n'este mesmo curto prazo com variados e multiplicados negocios de alguma ponderação e urgencia, assás desculpam a falta que agora tenho do perfeito conhecimento de todos aquelles, que detalhadamente devem ser presentes a este conselho; e por isso eu os apresento á sua consideração do modo possivel, e dentro dos limites das suas attribuições, classificando-os debaixo dos dois pontos de vista—População e Riqueza—como objectos principaes da felicidade publica; muito certo, de que o conselho não tanto por este limitado auxilio, como tambem, e muito principalmente pelas suas luzes, conhecimentos proprios, e esclarecimentos que já tem exigido, e lhe serão fornecidos em tempo, e bem assim, por todos os mais que ainda póde haver, cuidará zelosamente nos interesses provinciaes á seu cargo.

PRIMEIRA PARTE

A estatistica, de que depende o conhecimento mais ou menos perfeito das forças, recursos, poder, e mais circumstancias peculiares de qualquer Estado, pela extensão do seu territorio, sua população, e sua riqueza, é tão mesquinha e imperfeita entre nós pelas razões que a todos são patentes, que apenas se limita a um recenseamento pouco exacto dos habitantes do paiz. Outras indagações de summa necessidade e importancia para um melhor systema administrativo e financeiro, como são as que versam sobre as artes, cultura, commercio, rendas territoriaes, e outros ramos da fortuna publica, ainda se acham circumscriptas na esphera dos nossos desejos: forçoso é pois que nos resignemos por ora ás nossas circumstancias; e por isso exporei sómente, que, segundo o ultimo mappa do anno proximo passado, que reputo muito inexacto pelas razões ponderadas, e cadastros em que elle foi baseado, tem apenas esta provincia 281:175 habitantes, havendo de accrescimo sobre o ultimo mappa feito em o anno de 1824—33,271—sendo o numero dos nascimentos 12,276, e dos casa-

mentos 3:624, e obitos 7:223; o que tudo melhor consta do referido mappa, que mandarei fazer presente á este conselho.

Por este calculo, Srs., uma tão diminuta população em tão extensa provincia, que contém 38 villas, 78 freguezias, 9 capellas curadas, e 66 não curadas, e cujo solo é composto de clima tão ameno, variado e fertil, indicando o estado de nosso pequeno crescimento, e a falta de forças para tirarmos as vantagens, que a natureza nos tem prodigalizado, deve despertar-nos o serio cuidado de tomar as necessarias medidas sobre tão importante objecto. E posto que semelhante falta não nos pertença exclusivamente, e seja commum á todo o Imperio; e as medidas geraes a tal respeito demandem o necessario tempo, e sejam d'aquellas, que não cabem nas attribuições do conselho; com tudo á elle deve pertencer a coadjuvação de alguns meios que se dirijam, não só ao aproveitamento, e conservação dos nossos respectivos concidadãos, mas ainda tambem ao seu peculiar e progressivo augmento. Entre estes, os mais obvios, e que nos tocam de mais perto, são certamente dois: 1° a educação da mocidade e especialmente a dos miseraveis orphãos; 2° a catechese e civilisação dos indios.

Quanto ao 1° devo declarar, que achando-se desde 1816 creadas em todas as villas da provincia escolas de 1ª letras, mui poucas com tudo foram providas por falta de oppositores, á quem o mesquinho ordenado, então estabelecido, não convidava para semelhante emprego. Em virtude porém da benefica lei de 15 de Outubro de 1827 foram criadas escolas de meninas n'esta cidade, e nas villas de Santos, S. Sebastião, Paranaguá, Taubaté, Coritiba, Sorocaba, Guaratinguetá e Itú, e de meninos em mais oito freguezias mui populosas, algumas das quaes se acham propostas para villas; e tendo sido levadas a concurso com algumas outras que se achavam vagas, não concorreram oppositores pela falta de conhecimento das noções geraes de geometria pratica, visto não haver aqui professor publico, com quem se podessem instruir; embaraço este, que ora se acha removido pelo estabelecimento de uma cadeira n'esta cidade, do que já resultou terem sido examinados e approvados tres oppositores, que foram providos nas escolas, que pretendiam. Acham-se pois providas 27 escolas publicas de meninos, sendo quatro de ensino mutuo, 6 de meninas, e ha na provincia 35 particulares; frequentando umas e outras 1,943 alumnos, e as de meninas 175: advertindo porém, que alguns professores ainda não remetteram as relações, que devem dar, e já se exigiram. Ha 10 aulas de grammatica latina que se acham pro-

vidas, e uma vaga, tendo 132 alumnos, como verá este conselho pelo mappa que lhe será transmittido. As aulas de grammatica, rethorica, philosophia d'esta cidade passaram a ficar sob a inspecção do director do curso juridico; mas conforme as relações por elle enviadas no principio d'este anno, consta que frequentavam a 1ª 95 estudantes, a 2ª 11, e a 3ª 100; e tendo-se ordenado aos juizes de paz e camaras que vigiassem sobre a conducta e exactidão dos professores das villas, este governo tem visto com satisfação, que as partes, que elles têm dado, são em abono dos mesmos. Quanto ás aulas de historia ecclesiastica, e theologia exegetica e moral, frequentando a 1ª 3 estudantes, e na 2ª 7, e a 3ª 9, será informado o conselho pelos esclarecimentos exigidos.

Estando reconhecida a utilidade do estabelecimento de seminarios para a educação da mocidade de ambos os sexos, principalmente dos orphãos na roda, que a Santa Casa da Misericordia sustenta, pois que d'alli, em idade competente podem passar aos ditos seminarios, afim de receberem a instrucção das primeiras letras, e se tornarem cidadãos uteis ao Estado, e bons pais de familias; eu posso afiançar, que tem merecido o maior desvelo ao governo da provincia os da Gloria e Sant'Anna; tendo todavia a lutar com um embaraço, que não está ao seu alcance removêl-o, que é a falta de meios para mais abundante sustentação dos educandos e educandas que n'elles existem, e competente gratificação aos seus respectivos directores e mais agentes empregados no seu serviço; pois que a dotação de 600$ por anno conferida a cada um é tão limitada nas actuaes circumstancias do paiz, em que se nota grande carestia de viveres e avultado preço a que têm chegado todas as cousas, que apenas, ou nem ainda apenas, tem podido chegar para a sua parca sustentação e indispensavel vestuario; sem que por isso se possa admittir maior numero, apezar de continuas representações de pessoas miseraveis que desejam mandar educar alli seus filhos, e que este governo veja que nem sequer essa providencia, que dá a Ord., liv. 1º, tit. 88, § XIII, em beneficio dos orphãos desvalidos, é executada pelos respectivos juizes, se não em toda a sua extensão, ao menos na parte que entre nós póde ter cabimento; e por isso vivem vagando pelas ruas, cheios de miseria e sujeitos aos vicios. No seminario de Sant'Anna existem dezeseis meninos, e d'elles seis são pensionistas, que ora passam a pagar 6$400 por mez, sendo antes 4$, e já d'alli têm sahido mais ou menos oito perfeitamente instruidos nas primeiras letras pelo methodo lencastriano.

No da Gloria se acham vinte cinco meninas, sendo nove pensionistas, que devem pagar igual quantia; e porque dez das orphãs, achando-se educadas e em circumstancias de deixar lugar para serem admittidas outras, não se podia isto verificar por falta de meios para se lhes dar estado, eu os tenho procurado da beneficencia de alguns cidadãos; e posso já afiançar a este conselho que, por estes dias, darei em dote, se não a todas, ao menos até o numero de oito, a quantia de 500$, pouco mais ou menos, a cada uma, além de um enxoval proporcionado ás suas circumstancias; tendo a satisfação de achar para seus consortes pessoas de morigeração; e algumas que podem contar seguro meio de subsistencia por seus officios, cuja escolha foi feita com a devida circumspecção e madureza.

Se, pois, é evidente a utilidade de semelhantes estabelecimentos, tenho sobeja razão de esperar que este conselho por uma proposta fará n'esta sessão com que a dotação de cada um dos seminarios indicados seja elevada pelo menos ao seu duplo, visto que para se conseguirem vantajosos fins é indispensavel applicar meios proporcionados, pois que assim avançará rapidamente a educação da mocidade desvalida, como é proprio de um Estado constitucional; o que, portanto, espero haja de tomar em mui particular consideração.

Ha uma casa de educação de meninas na villa de Sorocaba, fundada por D. Manoela de Santa Clara e D. Rita de Santa Ignez, as quaes obtiveram ao principio licença régia para ensinarem seis educandas, cujo numero foi augmentado pela permissão que lhes conferiu o governador e capitão-general marquez da Palma, porém verbalmente, como ellas asseguram; a tendencia, porém, que então ainda havia para a vida do claustro, e abuso que imperceptivelmente sempre se introduz em todos os estabelecimentos publicos, fizeram com que alli fossem ficando para viverem em communidade mulheres adultas, deixando assim de preencher-se o fim de sua instituição, por isso que tomaram o lugar a outras que podiam receber mui proveitosa educação.

Na villa de Itú ha duas outras casas com uma semelhante denominação, uma das quaes foi estabelecida com licença do governo da provincia e outra sem ella, e seguem a mesma pratica, tendo-se feito um grande edificio á custa de esmolas, visto que é mui insignificante ou quasi nenhum o seu patrimonio para n'elle se reunirem as educandas de ambas as casas; e a maneira de sua construcção bem indica as tenções dos protectores de converterem aquellas casas de educação

em recolhimentos, pois que se nota a existencia de uma capella, côro, locutorios, confessionarios, etc. Existiam em 1828 na da villa de Sorocaba vinte e duas recolhidas, e em ambas as casas de Itú quarenta e uma educandas, pela maior parte adultas. Hoje, porém, que outras devem ser as idéas de alguns chefes de familias e de outros cidadãos ácerca da vida monastica, e que o seu estabelecimento em um paiz novo, como o Brasil, de progressão crescente, onde todos os recursos e commodidades necessarios á vida se conseguem facilmente, tendo grande falta de braços, é um dos principaes obstaculos ao augmento da população e digno das vistas do governo; persuado-me que, dando-se ás ditas casas os estatutos de que carecem, se conservarão nos limites que convêm ao bem publico, o que já S. M. o Imperador determinou a este governo, que o não tem feito por falta de tempo.

Com bastante pezar sou, porém, obrigado a dizer que os indios têm sido tratados n'esta provincia como inimigos, sem a menor attenção á conveniencia de acaricial-os por meio de persuasão, brandura e beneficencia, procurando-se ganhar a sua amizade e confiança, e introduzir-lhes desejos fortes de novos gozos e commodidades da vida social, para conseguir-se o seu aldêamento e civilisação; quando hoje, mais que nunca, tão uteis nos seriam os seus braços, e principalmente os de seus filhos, para os trabalhos da agricultura, vista a extincção do commercio da escravatura, e a preguiça e repugnancia dos libertos e jornaleiros para o penoso serviço, principalmente das fabricas de assucar. A este deshumano e impolitico procedimento tem dado causa o escandaloso abuso da carta régia de 5 de Novembro de 1808, que em parte restabeleceu a lei de 1655, que permittia a escravidão dos indios em quatro casos na mesma expressados, do que tendo-se sobremaneira abusado, foi ella revogada pela lei de 1680 e 1755; e por consequencia mandando-se na dita carta régia declarar guerra aos indios dos campos geraes de Coritiba e os de Guarapuava, assim como de todos os terrenos que desaguam no Paraná e formam de outro lado as cabeceiras do Uraguay, se determinou o levantamento de corpos de milicias para os perseguir; declarando-se que todos aquelles que segurassem alguns indios os podessem considerar como prisioneiros de guerra por quinze annos, destinando-os ao serviço que melhor lhes conviesse; e comquanto haja excepção a favor dos que pacificamente se quizessem aldêar, o que se deveria promover com esmero e cuidado; todavia é o que desde então até hoje se não

tem feito, pois que, pelo inverso, os habitantes da villa de Itapeva, Castro e Apiahy (com horror o digo), costumam fazer todos os annos uma caçada sobre elles, e matando, ferindo e afugentando-os, apanham os que podem, os quaes são logo reduzidos á escravidão mais abjecta; e, o que ainda é peior, vendidos com ultrage da humanidade em praça publica ou leilão, por avultadas quantias, sempre debaixo do pretexto, de que o objecto da venda é o serviço e não a pessoa; e como muitos d'elles são transportados para differentes lugares, onde certamente não acharão apoio nas autoridades; triste e mui desgraçada é a sua sorte, pois que ficam reduzidos á perpetua escravidão. Embora tenha o conselho do governo providenciado a este respeito do modo possivel, determinando que os capitães-móres façam apresentar aos juizes dos orphãos todos os indios que forem apanhados, para que estes lancem em um livro de matricula os nomes das pessoas que os tiverem aprisionado, o dia, mez e anno em que isto se verificou, idade dos indios e o dia em que se deve findar o prazo por que ficam obrigados a prestar serviço, para debaixo de sua responsabilidade restituil-os á sua liberdade; e eu pela minha parte, sabendo d'este barbaro tratamento, tenha igualmente ordenado o indeffectivel cumprimento d'esta resolução, prohibindo tão horrorosa agressão, e recommendando que se limitem sómente a defender-se. Isto não basta; pede o interesse nacional, e exige imperiosamente a humanidade e caridade christã, que seja modificada e reformada a dita carta régia, e se providencie da maneira mais conveniente e propria das luzes do presente seculo, em uma monarchia constitucional, sobre a catechese e civilisação do grande numero de indios, que existe nos vastos e ainda não explorados sertões d'esta provincia.

Como, se me não trahe minha memoria, já este conselho tem tomado na devida consideração o bom tratamento e a lenta emancipação da escravatura da provincia, direi sómente que uma cuidadosa educação dos libertos e outros homens de côr, e depois sua applicação a honestos e uteis officios, muito deve concorrer para o augmento da população n'esta classe, que tambem é a mais propria e robusta aos trabalhos da agricultura, e mesmo das artes e industria, para que são mui aptos.

Comquanto não haja muita razão para esperar-se grandes vantagens dos colonos allemães, que a tanto custo e sacrificios só agora começam a estabelecer-se, visto que pela mór parte são dados á ociosidade e ao vicio da embriaguez, todavia, devendo cessar no fim do

corrente mez o subsidio que percebem, é natural que a necessidade os obrigue a algum trabalho, o que não obstante,parece que todas as nossas esperanças se devem limitar a tirar partido de seus filhos, adoptando para isso as convenientes medidas; e porque alguns começam a estabelecer-se em um sertão, que fica quatro leguas distante da freguezia de Santo Amaro, convem proporcionar aos catholicos romanos os devidos soccorros espirituaes, muito mais porque felizmente os mesmos protestantes vão fazendo baptizar seus filhos, e por isso não seria desacertado criar-se alli uma freguezia, visto haverem algumas familias brasileiras estabelecidas nas circumvizinhanças, procurando-se primeiro saber do Exm. prelado se não será acertado remover a freguezia de Itapecerica para aquelle lugar, em razão de que n'ella apenas existem alguns indios que podem ficar pertencendo á de MBoy.Tambem seria a proposito fornecer-se-lhes um mestre, que instruindo a seus filhos nas primeiras letras, os habilite d'esta sorte a fallarem perfeitamente a lingua brasileira. O seu numero é 930, dos quaes 109 já se acham em principio de arranchamento na colonia; 599 ainda existem fóra, e d'elles alguns para alli irão, e outros têm comprado sitios em diversos lugares, e 230 se acham vantajosamente estabelecidos na estrada da Mata, junto á nova capella do Rio-Negro.

Como para a boa instrucção da mocidade se devem facilitar aos povos todos os recursos, de maneira que elles desassombrados do vexame de os procurar em longa distancia e com grande dispendio, não se acostumem a dispensar-se d'aquillo a que desgraçadamente ainda suppõe não ser da primeira necessidade, reputando sómente como tal o trabalho destinado á sua diaria sustentação, quando o fim primario da associação é o gozo de todas as commodidades da vida social e conservação reciproca dos direitos de cada um dos cidadãos, parece mui conveniente que se criem novas freguezias, dividindo e mesmo subdividindo algumas das existentes, cujos districtos são muito extensos, pois que ha grande numero de moradores que são obrigados a procurar os recursos temporaes e espirituaes na distancia de seis e mais leguas, que tanto ha de suas casas ás ditas freguezias, dando-se districtos ás da Escada e Itaquaquecetuba, afim de não estarem os parochos vencendo congrua da fazenda nacional para administrarem os sacramentos a meia duzia de indios, visto se terem dispersado os mais desde que cessaram de ser constrangidos a viver em aldêamento, quando mui proximos a ellas ha bastantes moradores,

que comtudo fazem parte de mais distantes freguezias, por terem aquellas sido até o presente privativas aos indios, se bem que a camara de Mogy das Cruzes, unica que já informou a este respeito, é de parecer que ellas se extinguam; mas as razões que para isso apresenta são pouco convincentes; o que não obstante resolverá este conselho o que julgar mais acertado, depois que lhe forem presentes todas as informações exigidas; pela mesma razão de não haverem indios e nem moradores, parece que se devem extinguir outras, cujos parochos são sómente pesados á fazenda publica.

A força e a grandeza natural d'esta provincia, que podia dar agigantados passos na agricultura, industria e commercio, tem sido aniquilada pelo avultado contingente que a imperiosa lei da necessidade tem feito dar para a guerra, sendo mais funestas as consequencias d'este inconveniente pela emigração do triplo dos homens, e perda da producção de uns e outros; hoje, felizmente, que o mal tem cessado, novas medidas se devem adoptar para promover o augmento da população, não as geraes que tocam a todo o Imperio e que muito d'ellas carece, mas sim as que forem adoptadas ás circumstancias peculiares da provincia, como, por exemplo, um regulamento peculiar que obrigue o grande numero de vadios a empregar-se em trabalhos uteis, porque assim virão em breve a desejar o consorcio; considerando-se que a miseria e o celibato forçado de algumas classes de cidadãos, impedindo os casamentos, fazem nascer a incontinencia publica, e esta diminue o numero dos casamentos: esta lei é tanto mais necessaria, quanta é a facilidade com que aqui obtem gente d'esta natureza os meios de subsistencia, e a ociosidade a que por consequencia se entregam; do maneira que ainda no anno de 1821, sendo eu ouvidor da comarca de Coritiba, observei com pezar e horror que os habitantes de um bairro da villa de Paranaguá, denominado a Ilha do Mel, para não se darem ao trabalho, nem sequer de uma activa pescaria, sustentavam muitas vezes seus filhos com o cupim, misturado com a mesma terra das casas formadas por tal insecto; pelo que mui poucos chegam a crescer, por ficarem logo com obstrucções e fallecer a maior parte: outras medidas occorrem, mas parecem geraes, e ainda as que aponto podem ser como taes consideradas, pois que as circumstancias das provincias do Imperio são quasi identicas, e por consequencia apropriadas a todas.

Estas e outras mais sabias providencias muito devem concorrer para o desejado augmento da população, devendo nós contar igual-

mente que, se povos desgraçados e opprimidos se multiplicam lentamente, porque o homem embrutecido pela miseria quasi se torna insensivel a tudo; o Brasil não se acha n'estas circumstancias: elle goza de instituições beneficas, e sua fertilidade e riqueza afiançam o augmento de sua população pelo ingresso da superabundante de muitos paizes, onde já falta espaço e subsistencia; não a escoria d'esses paizes, mas sim a gente que, sendo bem educada e possuindo alguma cousa, será convidada a emigrar pela cobiça das delicias e do luxo, e pelas vantajosas noticias de alguns exemplos de fortunas collossaes, feitas em poucos annos e por meios honestos, em o novo mundo, muito mais porque presentemente encontram segurança, liberdade e protecção.

E porque, quanto mais instruida fôr a mocidade, tanto mais util será depois á nação, se a isto reunir uma boa moral e costumes, cumpre que para estes não serem pervertidos, ella veja sempre recompensada a virtude e punido o vicio; o que todavia não acontece, visto que a falta de casas de correcção e trabalho, e até de cadêas em algumas villas, inhibe aos juizes de paz a corrigirem o avultado numero de vadios e perturbadores da ordem publica, que impunes zombam das leis e inoculam vicios depravados na incauta mocidade: é, portanto, de absoluta necessidade que as camaras não reputem letra morta o art. 57 da lei do seu regimento.

SEGUNDA PARTE

A importação no anno proximo passado foi de 2,455:935$438, e a exportação 2,101:025$050, havendo de excesso a favor d'aquella 354:905$788. Fazendo comparação com o ultimo mappa do anno de 1825 ha de accrescimo na importação 940:654$559, e na exportação 812:703$560; o que prova o augmento do commercio e agricultura. A desvantagem que se póde notar do excesso da importação á exportação não é real, porquanto nem a somma que apparece é verdadeira exportação, visto que pela falta de registros nos portos seccos, e mesmo exactidão nos de mar, deixa de ser conhecida grande parte dos generos exportados; e nem tão pouco toda a importação é destinada a esta provincia, por isso que muitos escravos novos e parte dos generos seguem para as limitrophes; o que não se póde extremar por não se fazerem assentos do que é privativo a esta provincia. O accrescimo da importação se deve tambem attribuir á proxima extincção do com-

mercio da escravatura, o que tem feito entrar avultado numero para a provincia; e se possivel fosse conhecer igualmente, e com certeza, o das bestas, que, entrando do Rio-Grande de S. Pedro do Sul, sahem para a provincia do Rio de Janeiro, Minas-Geraes e Goyaz, não haveria o excesso que se nota, e mesmo talvez pendesse a balança a nosso favor. O que, porém, é real, e muita satisfação nos deve causar, é o augmento da exportação, pela certeza que nos dá de que a nossa agricultura e commercio vão prosperando, apezar dos conhecidos obstaculos. O mappa de que trato será presente a este conselho.

O consequente augmento das rendas publicas é uma vantagem que ainda se não tem colhido com methodo, regularidade e exactidão; e mesmo se póde avaliar, já pela negligencia que tem havido na sua arrecadação, já pela difficuldade e embaraço para a sua devida fiscalisaçao, para o que muito concorre a falta de empregados com sufficientes ordenados, para a necessaria contabilidade e mais prompto expediente a cargo da junta; e já, finalmente, pela variedade de systema desde 1821 sobre a cobrança dos dizimos, principiando-se agora na execução do decreto de 16 de Abril d'aquelle anno, com aquellas modificações que o governo de S. M. Imperial julgou mais acertadas, e que provisoriamente devem regular até que hajam sobre este objecto medidas legislativas.

Tendo, porém, feito o maior esforço para entrar da maneira possivel no exame da administração financeira, não só pelo meu dever em geral, como tambem em virtude das determinações e especiaes ordens de S. M. o Imperador, não receio muito enganar-me se affirmar que, cessando a exorbitante despeza com os colonos, e verificados os pagamentos de alguns depositos a que a caixa geral está responsavel, se não houver logo pequena sobra, ao menos equilibrar-se-ha a receita com a despeza, independente do cunho da moeda de cobre, que só tem sido necessario pelo transtorno e atrazamento na cobrança das rendas; e hoje para dar credito e facilitar o troco de notas, se outra medida se lhe não substituir. Tudo o mais são calculos exagerados.

Quão rapido não seria o augmento da agricultura e da riqueza d'esta provincia, se, attendendo-se á sua grande extensão, que não tem o devido e correspondente numero de braços, fosse esta falta supprida pela industria, empregando-se mechanismos uteis, que a experiencia tem mostrado o quanto servem de poderoso auxilio para augmentar forças e conseguir em menos tempo, com menor numero de braços e com outra facilidade, maior somma de productos!

Tendo cessado um dos obstaculos ao augmento da população, como já disse, e que tambem concorria para o atrazo da agricultura e do commercio, restam outros, que medidas geraes e outras particulares devem destruir, como, por exemplo, a excessiva quantidade de terras concedidas a pessoas que não têm forças para cultival-as; do que resulta o isolamento dos estabelecimentos de agricultura, quando a reunião dos homens se consegue tornal-os mais industriosos, activos e civilisados; as continuadas questões entre os povos por motivos de limites dos seus terrenos, acontecendo muitas vezes lançarem mão de meios violentos para terminal-as ou arruinarem-se com renhidas demandas; a falta de lei, que estabeleça a maneira e condições com que se devem conceder terrenos devolutos aos novos cultivadores, pelo que são estes obrigados, fugindo da fiscalisação das autoridades a se estabelecerem em lugares remotos, talvez menos proprios para a cultura,e onde se limitam a trabalhar apenas para o necessario sustento pela difficuldade dos transportes; a falta de posturas accommodadas ás circumstancias locaes sobre os gados damninhos que destroem as plantações, pois que as leis, resoluções e assentos, que ha a este respeito, são ás vezes inexequiveis, e nem d'elles têm conhecimento os juizes para procederem n'essa conformidade; do que resulta frequentes queixas ao governo da provincia; o constrangimento dos vadios para se empregarem na cultura das terras, e, finalmente, fazer-se conhecer por distincções, e outros meios compativeis com o systema adoptado, que a agricultura honra áquelles que n'ella se empregam. Como devemos reputar as formigas n'esta provincia um dos maiores flagellos da agricultura, e tenha já este conselho providenciado sobre a sua extincção, cumpre que as posturas, que, em consequencia organisarem as camaras, sejam examinadas cuidadosamente e tenham constante execução.

Se é para lastimar o atrazo, que se nota na industria quanto á agricultura, não deve ser menos sensivel, a que se observa quanto á manufacturas e artes, e que por isso continuemos na dependencia estrangeira; quando aqui não faltam, e antes ha materias primas em abundancia, e muita habilidade: porém, desgraçadamente, os amigos da prosperidade nacional viram com prazer o estabelecimento de duas fabricas de tecidos de algodão, para uma das quaes o Estado prestou machinas de fiar, e outras, por modico preço, e o longo prazo para o pagamento, tiveram logo de lastimar-se, porque ambas foram afogadas na sua nascença. Tem com tudo prosperado as fabricas de assucar,

que em 1825 existiam em numero de 570, e produziram 795$365 arrobas; não se tendo ainda podido formar a conta da producção do anno pp., por falta de algumas listas ; mas a extincção do commercio da escravatura pede, que se attenda, e com tempo, para o supprimento dos braços necessarios ao seu rigoroso trabalho; pois que seja por este motivo, ou pelo máo tratamento dos escravos, sem consultar-se o interesse futuro, e só cogitando-se do presente, é extraordinaria a mortandade entre elles: existiam no referido anno empregados sómente n'este trabalho 12017. As fabricas de cal de pedra, e de ostras, ainda que em pequeno numero, prosperam igualmente. As do aguardente em numero de 489 prosperam da mesma sorte : nos engenhos de assucar ha algumas, que são mais, ou menos regulares, e trabalham pouco ou muito, conforme as circumstancias. A fabrica de ferro de S. João do Ypanema, o mais importante e util estabelecimento d'esta provincia, e talvez do Imperio, no qual se tem despendido até 1826 a quantia de 208:008$770 réis, não abrangendo o valor dos utensilios fabris comprados na Suecia e Inglaterra, e seus transportes, e nem os salarios ás companhias de estrangeiros pela mór parte inhabeis e debochados, que foram pagos pelo Estado, longe de prosperar depois de tantos sacrificios, vai em decadencia : e como pelo pouco tempo, que tenho estado n'esta provincia, ainda alli não me foi possivel ir, devo limitar-me ás informações dadas á S. M. o Imperador pelo meu antecessor, que occularmente o examinou: elle porém disse que uma melhor administração ; o numero de 100 escravos para os seus respectivos trabalhos, afim de cessar a pratica de ajustar-se de empreitada o combustivel, e a promptificação do mineral, com 400 a 500 homens de varias classes, os quaes muitas vezes faltam aos ajustes nos tempos convencionados, depois de haverem gozado da isenção de outro qualquer serviço publico ; e a economia das mattas reservadas, que formam o districto da fabrica, para o que era de summa necessidade e justiça pagar-se aos proprietarios o seu valor, tanto aos que já as evacuaram,como á aquelles que por falta d'este pagamento n'ellas existem, e as vão destruindo, eram providencias indispensaveis para a prosperidade da dita fabrica : eu porém suspendo o meu juizo a este respeito; e estou persuadido, de que a assembléa geral legislativa providenciará o que melhor convier, para que se consigam os vantajosos resultados, que se devem esperar d'aquelle estabelecimento, que nos poderia já ter dispensado de comprar ferro importado, se desgraçadamente não se houvesse con

flado a alguns estrangeiros mal intencionados, ou ignorantes, a sua fundação; e que portanto esperdiçaram o capital a isso destinado.

Temos uma pequena fabrica d'armas n'esta cidade, a qual pela habilidade e perfeição dos seus artistas, póde rivalizar com as estrangeiras; e mui util tem sido, por ser uma escola, d'onde sahem bons officiaes serralheiros, que se têm espalhado pela provincia : grande parte do armamento para a tropa alli se tem feito, concertando-se tambem o que se desmancha, e se fazem muitas outras outras obras por conta da nação; havendo já esta provincia em 1827 fornecido armamento á do Rio Grande de S. Pedro do Sul : não pequena vantagem se conseguiria porém, se as machinas de brocar deixassem de trabalhar á braços, e sim por meio d'agua, sendo para isso removidas para a fabrica de ferro, d'onde assim como se conduz este genero para o trem, viessem os canos de espingardas já forjados e brocados; o que tendo sido ponderado á S. M. Imperial, se espera pela sua resolução.

Em 1825 existiam na provincia 361 olarias, ou fabricas de fazer telhas e tijolos; as quaes prosperam pela grande extracção d'este genero,que hoje se torna mais necessario,pelo augmento dos edificios que já vão faltando, principalmente n'esta cidade, pelo augmento de sua população, e porque o aluguel das propriedades convida presentemente a se empregarem fundos,que produzem mais vantajoso rendimento.

Como a agricultura, industria e commercio, são as principaes fontes d'onde dimana a riqueza do Estado e a prosperidade dos povos, seriam infructuosos todos os differentes meios de promover-se o seu augmento,se não marchassem a par da facilidade dos transportes,pela construcção de boas estradas e canaes, que tornem a communicação de uns para outros lugares mais activa e segura; pois que o commercio interior é o primeiro meio de accelerar-se a marcha do exterior.

Boas estradas e canaes é aquillo de que nós mais precisamos, e de que só ha bem pouco tempo temos tratado com esmero e actividade; quando as primeiras vistas da administração se deviam dirigir exclusivamente para este importante objecto, que hoje deve merecer o maior cuidado a todas as autoridades em geral, e em particular ao presidente da provincia, a este conselho e ao do governo: visto que esta provincia, sendo talvez uma das que têm estradas soffriveis em comparação a outras, ellas não se acham ainda no estado de aperfei-

çoamento que é mister, e por isso se deve reputar como causa principal que embaraça o augmento da agricultura, e commercio e industria; tanto assim que a provincia de Minas-Geraes, muito mais adiantada que esta em varios ramos da industria fabril, é quem nos fornece obras de iã manufacturadas em suas fabricas, que vão em grande prosperidade; e, o que mais é, até o queijo, que nos poderia ser abundantemente fornecido da villa da Franca e de todas as de serra acima da comarca de Coritiba, na qual, pela difficuldade dos transportes, se tem desprezado este e outros ramos do commercio, apezar das felizes circumstancias locaes, que, sendo sabiamente aproveitadas, produziriam vantajosos resultados; pois que possuindo excellentes e vastas campinas, as mais proprias para a criação, principalmente do gado vaccum e lanigero, limitam-se apenas a tirar mui insignificante partido d'este recurso, o mesmo deixam ao cuidado da natureza a criação dos animaes, pela difficuldade da conducção do sal, cuja falta é ainda proveniente do máo estado das estradas; quando, se assim não fôra, o poderiam conseguir em troca dos productos da sua industria; e por consequencia abandonando o objecto de maior difficuldade e trabalho, se tem tornado para o de menos custo e de mais prompto lucro nas actuaes circumstancias d'aquelle paiz, e é o fabrico e exportação da planta do matto ou herva congonha, porém sem methodo, até ultimamente com fraude; porquanto só guiados pela cobiça do grande preço que semelhante genero tem obtido no mercado; e, em vez de aproveitarem os ramos, cortam os troncos, do que tem resultado a sua destruição, e por isso havendo já falta d'ella vão introduzindo entre meio outras, que nenhuma afinidade tem com a mesma, do que se tem seguido algum descredito e baixa de preço: são, portanto, de absoluta necessidade algumas providencias que assegurem a permanencia d'este ramo de commercio e o seu credito no mercado, e bem assim que animem a industria e cultura n'aquella extensa comarca, principalmente do linho canhamo e das vinhas, para que tão apropriado é o seu clima.

Se bem que estou convencido do principio geral, que o governo se não deve ingerir directamente na marcha do commercio, e só indirectamente encaminhal-o ao seu engrandecimento, e que as inspecções, como meio inquisitorial, tolhem a liberdade do mesmo commercio, e a que tem todo o cidadão em dispôr do fructo do seu trabalho; comtudo, talvez como medida peculiar, conviesse esta ou outra que a assemelhasse para obstar-se a fraude no nascente ramo de que

trato, que muito util póde ser, e que por isso vai cahindo em descredito, attendendo-se á rusticidade d'aquellas pessoas que se empregam n'este trafico, e que pela má fé com que se conduzem, indicam desconhecer até os seus proprios interesses. Sobre este importante objecto tenho de esperar d'este conselho a mais particular consideração.

Persuadido de que este conselho está intimamente convencido de ser o primeiro e melhor de animar, e fazer prosperar as fontes principaes da riqueza publica, o prompto reparo das estradas existentes e abertura de novas; pois que os outros podem considerar-se como secundarios, eu espero que tome na mais séria attenção o que a este respeito se tem feito e projectado, como passo a expôr, mórmente na parte que privativamente lhe incumbe a lei de 6 de Setembro do anno proximo passado.

Não se tem aperfeiçoado tanto, quanto era para desejar, as estradas d'esta cidade ao Cubatão, e d'alli á villa de Santos, pela difficuldade que se tem encontrado na acquisição de trabalhadores; visto que, sendo mui diminuto o numero de jornaleiros de profissão, estes se empregam em camaradas de tropas, e outros em serviços para que ainda são poucos: os homens, ainda occupados em pequena cultura, repugnam deixar suas casas e familias, e allegam não serem jornaleiros; os vadios, que para aquelle serviço podiam ser destinados, não são mandados pelos juizes de paz e capitães-móres, apezar de positivas ordens e de prompto pagamento dos jornaes pelo preço corrente do paiz; todavia ellas têm tido grande melhoramento, e na d'esta cidade ao Cubatão se tem construido varias pontes novas, e reparado algumas que admittiam concerto e feito aterrados soffriveis, que, dispensando as estivas, vão tornar-se de uma duração solida e permanente.

Procedeu-se á exploração do lugar por onde deve passar na serra, e sahir na antiga estrada, a que se projecta abrir para o transito de carros, como indicára este conselho; e brevemente lhe será presente o resultado, visto que ora se trata de examinar os desvios que são precisos para se evitarem algumas difficuldades que se encontram.

Tendo-se projectado construir uma ponte sobre pilares de pedra no rio Cubatão, visto achar-se inteiramente arruinada a existente, tendo, porém, os ditos pilares a força necessaria para sustentarem arcos, quando fosse possivel construil-a inteira de pedra, correndo-se no entretanto vigamento sobre elles, deu-se principio a esta

obra, e foram feitos dois pilares; mas, chegando a esta cidade o marechal Daniel Pedro Muller, eu ouvi o seu parecer sobre a segurança e estabilidade da referida obra, e foi elle de opinião não se poder contar com a sua longa duração, pelo violento curso d'aquelle rio nas occasiões de enchentes; e por consequencia forneceu-me um plano para a construcção de uma ponte de arcos de madeiras sem tanchões, porém em lugar que o rio fosse mais estreito; mandei, portanto, orçar a sua despeza pelo capitão do corpo de engenheiros Francisco Antonio de Oliveira, o qual nomeei para substituir ao tenente Antonio Marianno dos Santos na inspecção da estrada e mais obras, o que cumpriu, apresentando-me n'esta occasião algumas reflexões sobre a conveniencia de pôr-se em pratica o dito plano no mesmo lugar da ponte existente, com as alterações que indica, para se não perder a grande despeza já feita nas cabeceiras, e em dois paredões de pedra que podem servir para a nova ponte, o que mais circumstanciadamente consta do seu officio, plano e orçamento, que deposito sobre a mesa para este conselho resolver o que melhor convier, com a urgencia necessaria, em razão do estado de ruina da ponte actual.

Tendo o conselho do governo julgado de mais utilidade e economia entulhar-se o pequeno rio de Sant'Anna, do que construir-se uma nova ponte por estar tambem precisando de grande concerto a existente, não foi bem executada esta obra, e por isso espero que o actual inspector a ultime com a devida perfeição.

Como tambem se acha mui arruinada a ponte do rio de S. Vicente, tinha-se projectado reedifical-a, forrando-se de cobre os tanchões para não serem destruidos pelo gusano, como tão rapidamente foram os existentes; mas o dito marechal Muller indicou-me que se podia igualmente pôr alli em pratica o plano, que offerecêra para a ponte do Cubatão, porém em cinco arcos, firmados nas extremidades sobre cabeceiras de pedra, e no centro, em grupos de nove tanchões forrados de cobre; pois que assim se diminuia o numero d'estes e despeza de cobre para o forro de todos, os quaes em numero de noventa, mais ou menos, eram necessarios, conforme o methodo que se acha adoptado, a respeito d'esta obra; e á vista do orçamento de sua importancia, resolverá da mesma sorte este conselho o que parecer melhor, na intelligencia de que, tendo participado o capitão Oliveira que pela ruina dos tanchões e de trinta vigas, não admittia demora o concerto da mesma ponte, resolveu o conselho do governo que elle o realizasse immediatamente, servindo-se dos tanchões que ja existem

forrados, e fazendo promptificar os que faltavam, bem como as madeiras necessarias para o dito concerto, que deveria ser feito de maneira tal, que se podesse contar com a duração da ponte pelo mais longo tempo possivel; quer se adopte o plano indicado, quer haja de subsistir o methodo que se acha em pratica, uma vez que, se ella viesse a cahir, ficaria interceptada a communicação com a villa de Santos, e não havendo barcas que supprissem esta falta no momento, soffreria esta provincia o maior prejuizo e transtorno, cuja lembrança só por si faz horror.

Foram levantados os planos, e se fez orçamento da importancia dos dois ranchos, que este conselho resolveu se construissem na estrada do Cubatão á villa de Santos, e do bebedouro para os animaes; cujas obras, sendo postas em hasta publica, offereceram algumas pessoas exorbitantes lanços; por isso não julgou conveniente o conselho do governo aceital-os ; ficando reservado para este conselho resolver o que convier, á vista dos documentos que lhe serão transmittidos, bem como sobre as dimensões dos ditos ranchos, lugares designados para sua construcção, e o que occorre a respeito de pasto para as tropas.

Tendo o conselho do governo resolvido em 10 de Março de 1828 que convinha alargar-se a estrada do Cubatão ao entrar da villa de Santos, no estreito passo que decorre dos arcos d'agua do convento de Santo Antonio a sahir no largo do mesmo, cederam os religiosos franciscanos o terreno de seu cercado que para isso era necessario, fazendo-se-lhes outro muro no lugar d'aquelle demolido; a ordem terceira, porém, que possue uma pequena quadra, encravada no grande cercado dos frades, cedendo tambem, e a muito custo, quiz todavia em dinheiro o valor dos seus muros, e com tanta exorbitancia que este governo repugnou convir n'isso; pois que pela quantia que exigia vinha a pagar-se-lhe os muros e tambem pelo menos o duplo do valor do terreno cedido, estando aliás prompto o mesmo governo a mandar construir novo muro; pelas duvidas a que este procedimento deu causa, entrou-se no conhecimento do titulo por que a dita ordem terceira possuia o referido terreno, e verificou-se ser uma escriptura, pela qual os religiosos lhe fizeram doação d'aquuelle terreno, para n'elle edificarem uma capella, convencionando-se na mesma escriptura receberem os ditos religiosos por esmola a quantia de 400$; e como isto era uma verdadeira venda, posto que simulada entre duas corporações de mão morta, sem o preenchimento dos requisitos

da lei, assentou o conselho do governo que se pedisse decisão a S. M. o Imperador, o que se praticou e se espera pela sua imperial resolução.

Lembrou este conselho a mudança do registro do Cubatão para cima da serra, afim de evitar-se os extravios provenientes da fraude dos tropeiros; isto não tem sido possivel por ora em razão das grandes despezas que seriam necessarias para a construcção de novas casas de administração, residencia dos empregados, quarteis, etc., quando a contribuição nem se quer chega para as muitas obras a que está destinada, e por consequencia se tem dado as mais energicas e adequadas providencias para se cohibirem os indicados extravios, que todavia podem ter lugar em toda a parte sendo máos os empregados.

Quando estava a partir o official engenheiro, que, conforme requisitou este conselho, devia ir tirar a planta da ponte do rio Mambucaba no districto da Ilha-Grande, chegou a noticia de ter ella sido levada por uma extraordinaria enchente, que até demoliu algumas casas mais proximas á margem do mesmo rio; e por consequencia, presumindo-se que o seu methodo de construcção poderia convir á ponte do Cubatão, mandou-se vir o estrangeiro que a construiu, o qual, indo áquelle lugar, assim o asseverou, dando o risco que será presente a este conselho, a quem devo prevenir que o do governo ficou irresoluto em adoptal-o para a ponte do Cubatão por lhe parecer obra de grande dispendio.

Não obstante a falta de trabalhadores e opposição de alguns proprietarios, se tem adiantado o mais possivel o concerto das ramificações das estradas de Santos, que se dirigem a Jundiahy e ao curato de S. João, e o mesmo já se mandou praticar na que segue para a villa da Conceição, bem como fazer as explorações necessarias para a abertura de uma nova estrada de carros da mesma villa de Jundiahy á de S. Carlos e atalhos na de Itú, nomeando-se para inspectores da primeira o major José Joaquim de Sant'Anna, da segunda e terceira o capitão-mór Estevão Cardoso de Negreiros, coadjuvado pelas direcções do senador Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro, da quarta o tenente Manoel Soares do Valle e da quinta o capitão-mór Bento Pae de Barros, aos quaes se deram instrucções para o methodo e regularidade do trabalho, e pagamento dos jornaes dos trabalhadores.

Mandei proceder á exploração da antiga picada entre a freguezia de Santo Amaro e a villa da Conceição de Itanhaen; e tendo-se verificado que ella não offerecia a capacidade necessaria para a projec-

tada estrada, descobriu felizmente o capitão-mór d'aquella villa outra direcção, que preenche o fim desejado, á vista do que se determinou ás camaras d'esta cidade e da sobredita villa, que fizessem abrir cada uma no seu districto uma sufficiente picada para se poder levantar a planta do terreno, como é indispensavel, e do resultado será informado este conselho, como exigiu; mas desde logo lhe serão transmittidas as ditas informações.

Ainda quando não se realise a factura d'aquella estrada, será mui util aos habitantes da villa da Conceição que se ultime um canal antigamente principiado, e no anno de 1827 continuado pelo chefe de divisão Paulo Freire de Andrade, quando alli esteve em commissão do serviço, o qual fez abrir 40 braças, devendo elle ser de 156 de comprimento, 40 palmos de largura e 12 de profundidade, para proporcionar á dita villa uma melhor barra por um terreno solido e não de arêa, como aquelle em que existe a actual, que muitas vezes não permitte a entrada de pequenas canoas, as quaes são obrigadas nas occasiões de tempestades a procurar o porto de Santos na distancia de doze leguas, com risco de vida; pelo que não podem os povos exportar os generos do seu commercio, e muito menos as excellentes madeiras de construcção que ha no seu districto. Se, porém, tiver lugar a dita estrada, e fôr tão curta e suave a descida da serra, como affirma o capitão-mór, é de absoluta necessidade o referido canal, porque então grande parte do commercio das villas do interior, unida á exportação da colonia allemã, se dirigirá á referida villa; visto que transitando carros mui facilmente d'esta cidade até o lugar da colonia, que é quatro leguas distante da freguezia de Santo Amaro, certamente poderão chegar á aquella villa, o que não é vantagem a desprezar; cumpre, pois, reflectir que a melhor estrada para um pessimo porto de mar perde quasi inteiramente o seu valor.

Por esta occasião tenho tambem de communicar, como informação agradavel e interessante, que, finalmente, se acha concluida na parte relativa á estrada de communicação com a do Rio-Grande de S. Pedro do Sul, a qual, calculando-se antes ter quarenta leguas pelo antigo triho, hoje se acha reduzido a vinte, e por ella tem transitado carros, segundo informou o tenente-coronel João da Silva Machado, de quem se tem exigido a necessaria informação sobre quanto será preciso annualmente para sua conservação, o que em tempo competente se fará presente a este conselho para tomar na devida consideração e propôr o que melhor convier.

Igualmente participo que trata-se agora com grande actividade da abertura da estrada da villa das Arêas para a Ilha-Grande, tendo alguns cidadãos concorrido com a quantia de 987$400, e outros prometteram prestar por muitos dias a sua escravatura para os respectivos trabalhos.

O mesmo não acontece com a do Bananal para aquella dita villa, visto Francisco Ramos de Alvarenga, que a ajustou de empreitada e fez parte, ora repugna concluil-a, allegando prejuizo enormissimo, e requerendo avaliação no serviço feito para se pagar ou repôr elle o que fôr justo, á vista da quantia que já recebeu, sobre o que se tem mandado proceder ás necessarias averiguações.

Tenho esperanças de que se poderá tambem abrir uma estrada que communique as villas de Itapetininga, Itapeva e Castro, e a freguezia de Paranapanema com a villa de Iguape; o que verificarei pelas informações a que tenho mandado proceder.

Segundo me participou o padre Valerio de Alvarenga Ferreira, a quem nomeei inspector da estrada de Jacarehy para S. Sebastião, n'ella se trabalha com actividade para ficar no melhor estado possivel, pois que até aqui se tem despendido a contribuição destinada ao seu reparo em inuteis e mal dirigidos concertos; sendo para louvar que por esta occasião a camara respectiva concorresse com 300$ pelas suas rendas para coadjuvação das despezas.

Acha-se feita uma picada no lugar por onde se projecta abrir um atalho para se evitarem os grandes morros Barreiros, Alcaide e Feio, na estrada geral para a côrte, e se tem mandado levantar a planta e orçar a despeza.

A estrada de Coritiba para Antonina e Morretes, em vez de ser o canal por onde os povos das villas de serra acima, exportando os productos de sua lavoura e industria, conseguissem o augmento de sua fortuna, é, pelo contrario, a causa de seu atrazamento, pois que não se lhe deve dar o nome de estrada, mas sim de sepultura das tropas, principalmente na serra, cuja descida causa horror pelos precipicios que a cada passo se encontram; a má direcção dos concertos; a intriga que reina entre os habitantes de Antonina e Morretes, querendo uns privar aos outros da estrada; o interesse particular, que desgraçadamente se mistura em tudo, tem feito com que, sem o mais pequeno melhoramento da estrada, se haja despendido debaixo d'este pretexto grande somma da contribuição que pagam os povos para o seu reparo, os quaes continuam, portanto, a soffrer consideraveis ve-

xames e prejuizos; podendo-se affirmar, que só a necessidade é capaz de os obrigar a transitar por um tão pessimo e até perigoso caminho, no qual muitas vezes fica metade das tropas; sendo esta uma das causas por que na villa de Coritiba se tem até abandonado a cultura dos generos de primeira necessidade, que tem risco de deterioração no transporte, limitando-se á exportação do matte. O prompto e regular concerto d'esta estrada tem sido tomado na devida consideração pelo conselho do governo, e para isso já mandou proceder aos exames necessarios pelo tenente-coronel João da Silva Machado, que acaba de satisfazer esta commissão; e, porque os esclarecimentos fornecidos ainda não habilitam completamente ao mesmo conselho para providenciar com perfeito conhecimento sobre uma obra de tão grande interesse e dispendio, passa a exigir outras informações.

A estrada da villa de Itapetininga para a de Iguape se acha quasi concluida no districto da primeira, porém em picada no da segunda, e por falta de meios não se tem ultimado esta interessante obra, da qual deve resultar grandes vantagens até pela exportação dos productos da fabrica de ferro em carros para o porto do mar de Iguape; mais circumstanciados esclarecimentos serão fornecidos a este conselho pelas informações que exigi, e lhe serão transmittidas brevemente.

Pouco adiantamento têm tido o canal que se está abrindo na villa de Iguape para communicar a sua ribeira com o mar pequeno, pela falta de trabalhadores libertos e pela intriga que a respeito d'esta obra tem havido desde o seu principio entre os cidadãos d'aquella villa, os quaes por isso negam os seus escravos para o respectivo trabalho, pagando-se o jornal correspondente, apezar de todos os meios de persuasão que para isso se tem empregado.

Dois ranchos se estão construindo para as tropas do commercio na estrada da villa de Bragança a esta cidade, um junto a Juqueri e outro no Barro-Branco, e se tem expedido as ordens necessarias para se construirem quatro na estrada da villa da Constituição á de Jundiahy, um dos quaes será feito á custa do Dr. José da Costa Carvalho, que para isso se offerecêra em beneficio publico, o que não se resolveu ha mais tempo pela opposição de um proprietario, que allegava ter direito ao lugar em que se devia edificar um dos ditos ranchos, cuja pretenção não foi afinal attendida por não se verificar pertencer-lhe aquelle terreno.

Acha-se concluida a ponte do rio Parahyba no districto da villa de

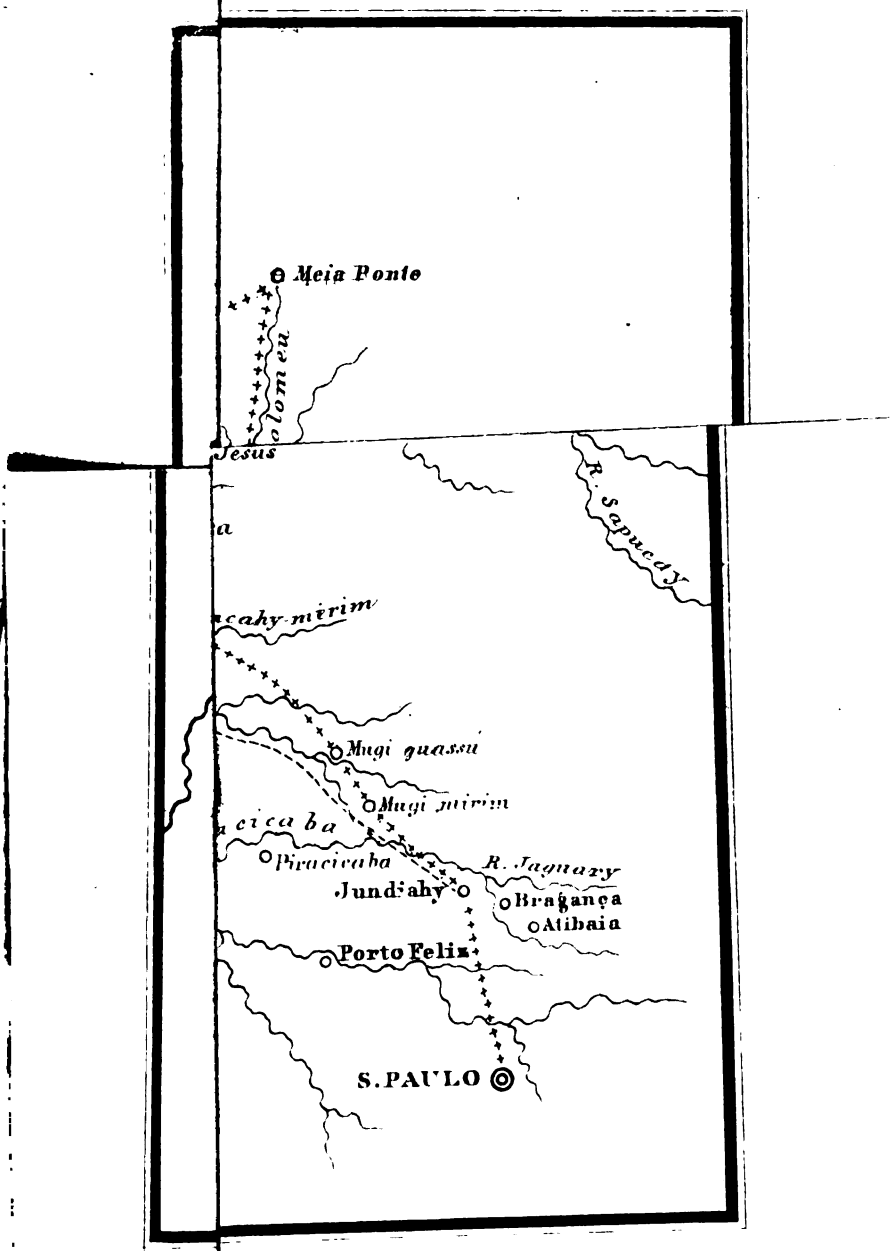
Pindamonhangaba, e outras se vão construir no de Lorena, e sobre o rio Parahybuna entre as villas de S. Luiz e Ubatuba, tendo já os cidadãos d'esta ultima concorrido com a quantia do 146$640 e a camara respectiva com a de 300$, esperando eu que o mesmo pratiquem os da villa de Taubaté como interessados na construcção da mesma ponte.

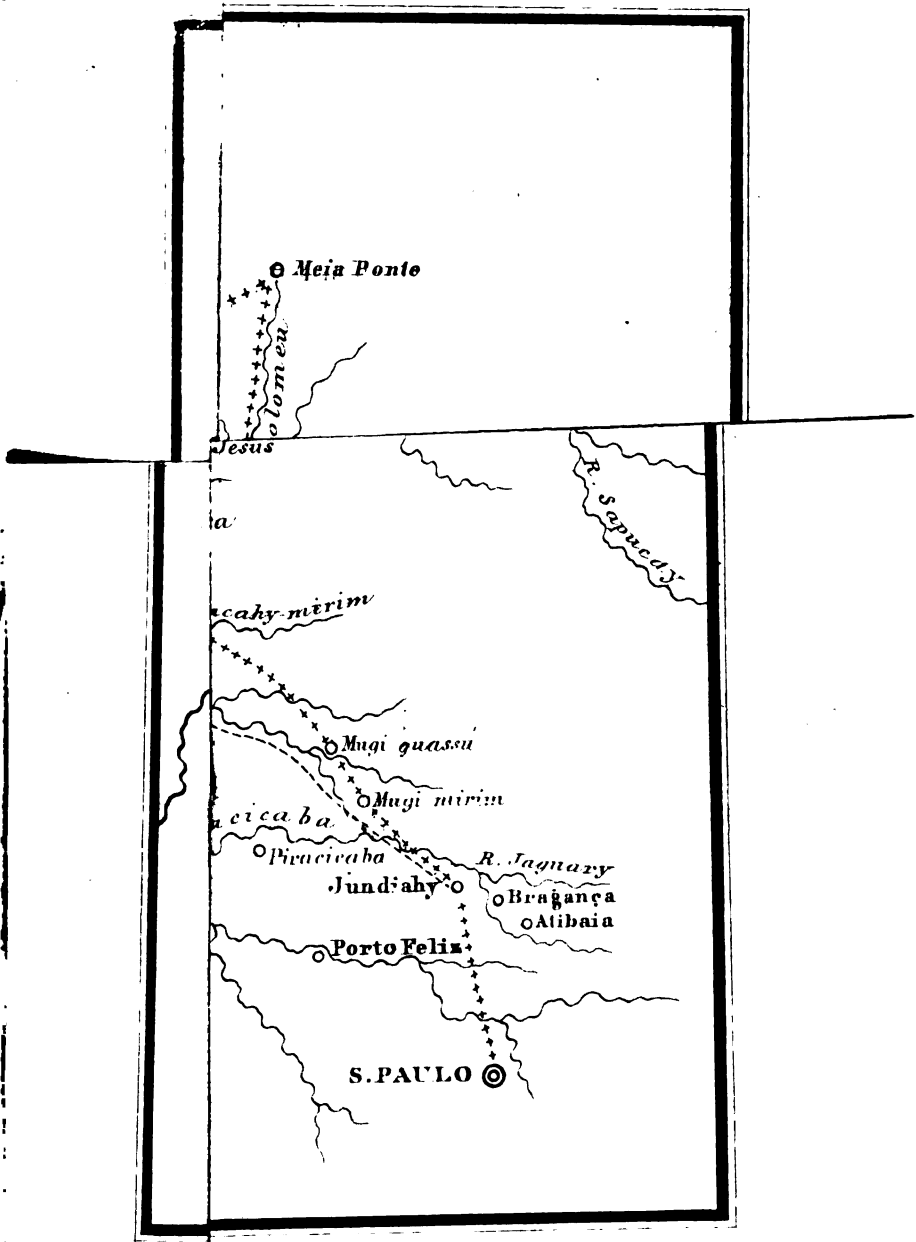
Tentarei pôr em execução a lei das emprezas para conseguir por este meio algumas das obras indicadas, e principalmente o concerto da estrada de Coritiba a Antonina e Morretes; mas acho muito fallivel semelhante recurso, porque n'aquella comarca, como em muitos outros lugares da provincia não ha grandes capitalistas, e algumas pessoas de mais possibilidades têm os seus fundos empregados em outros negocios de que contam mais prompto e seguro lucro, e mesmo porque não se inclinam a uma tal especulação, que requer muita actividade, trabalho e experiencia; outras medidas se deverão, portanto, adoptar quando seja infructifera a de que trato.

São estas, senhores, as reflexões e noticias dos negocios que me foi possivel e me pareceu conveniente communicar ao conselho, o qual, fazendo d'aquellas que são de sua privativa competencia o uso que sua prudencia e patriotismo melhor lhe indicarem, receberá das outras o conhecimento que interessa ao publico da provincia, de que o mesmo conselho faz tão distincta, quão respeitavel parte.

S. Paulo, 1° de Dezembro de 1829.

José Carlos Pereira de Almeida Torres.


Meia Ponte
Jesus
R. Sapucay
cahy-mirim
Mugi quassu
Mugi mirim
cica ba
Piracicaba
R. Jaguary
Jundiahy
Bragança
Atibaia
Porto Felix
S. PAULO


Meia Ponte
olomen
Jesus
R. Sapucahy
cahy mirim
Mugi guassu
Mugi mirim
cicaba
Piracicaba
R. Jaguary
Jundiahy
Bragança
Atibaia
Porto Felix
S. PAULO

DESCRIPÇÃO CHOROGRAPHICA

DO

ESTADO DO GRAM-PARÁ

QUE POR ORDEM ALPHABETICA DESCREVEU

JOÃO VASCO MANOEL DE BRAUM

GOVERNADOR DA PRAÇA DE MACAPA' EM O ANNO DE 1789

A cidade de Santa Maria de Belem é a capital onde residem os Exms. governadores, e capitães generaes d'este Estado, que se compõe de duas capitanias do Pará e Rio Negro. Sendo tambem residencia dos Exms. e Rvms. bispos,e aonde se acha a sua sumptuosa cathedral sufragánea ao patriarchado de Lisboa,desde que sua santidade o papa Clemente 11° a desannexou do bispado do Maranhão, no anno de 1790.

consta a dita cidade de trez conventos; a saber: um de religiosos de Santo Antonio; outro de N. Senhora do Monte Carmo; outro de N. Senhora das Mercês: de duas freguezias com mais de 1,500 fogos, e 10,000 pessôas: uma igreja que pertenceu aos jesuitas e hoje á confraria militar; outra dedicada a S. João, entretida por uma respectiva irmandade; uma ermida da confraria de N. Senhora do Rosario; e outra com a mesma invocação pertencente aos pretos, além de duas ermidas mais nos suburbios; uma com a invocação de N. Senhora do Nazareth, e outra de S. Boaventura: dois hospitaes; um para os militares, entretido pela fazenda real, e outro para o povo, pago e estabelecido pelos irmãos da Santa Caridade: dois regimentos

de infantaria paga, e dois terços de infantaria auxiliar: uma escolta de cavallaria para as promptas diligencias: quatro fortalezas guarnecidas de artilharia, que defendem o seu porto, que se acha situado na margem do rio Guajará, soccorrido das aguas dos rios Guamá e Capim, a que tambem se ajuntam os rios Uacará, e Mojú, e alguns outros pequenos, que lhe são feudatarios. Fica distante do oceano 26 leguas, que se contam d'esde a ponta do Oatapú, fóz do rio Amazonas, que tem de boca cincoenta e sete leguas e meia.

A sua latitude é de 1° e 28 meridional, e longitude, pelo meridiano da ilha do Ferro 329° e 25. Tem um magnifico palacio para residencia dos Exms. governadores; accommodando-se no pavimento terreo o tribunal da junta da fazenda; o da justiça; os cofres do erario, e a sua correspondente contadoria. Tem um parque de artilharia a que é annexo um armazem de armas, e munições de infantaria, Tem uma fabrica com varios cobertos, aonde se guardam. e construem as canôas da real fazenda. Tem um arsenal real aonde se fabricam navios, e se depositam as madeiras destinadas á ribeira das náos de Lisboa. E tem ultimamente dez particulares machinas tiradas por cavallos, para o descasque da grande quantidade de arroz, que todos os annos colhem os lavradores circumvizinhos; alem de algumas semelhantes machinas, que ha nos suburbios, impellidas por agua; tudo concorrente á exportação que faz a cidade.

Alcobaça

E' uma povoação erecta no fim do anno de 1780 em a margem occidental do rio Tocantins, 60 leguas acima da sua barra; ao presente se acha interinamente estabelecida com algumas insignificantes casas, cobertas de palha. proximas ao

terreno que está projectado para uma formal edificação. Tem para sua defensa uma pequena bateria, aonde se acham assestadas seis peças de artilharia de 1 até 3; e por guarnição um official subalterno, com trinta soldados, e serve de registro aos mineiros que descem da capitania de Goyazes: pelo mappa do população consta ter 100 pessôas apanhadiças.

Almeirim

Cento e vinte duas leguas distante da cidade, na margem septentrional do rio Amazonas, está situada a fortaleza do Parú, e villa de Almeirim com 330 pessôas, das nações *Apáma, e Carapeuára*; chamada antigamente aldêa do Parú.

Alonquer

Cento e oitenta e duas leguas distante da cidade, na margem septentrional do rio Amazonas, desagua o rio Surubiú; e na distancia de quatro leguas por este acima, em o confluo que faz um ramo superior d'este mesmo rio, se acha situada a villa de Alonquer com 449 pessôas da nação *Baré*; chamada antigamente Surubiú.

Alter do Chão

Cento e sessenta e quatro leguas distante da cidade, se acha a barra do rio Tapajós, na margem oriental do rio Amazonas; e quatro leguas por aquelle rio acima, na mesma margem oriental, está situada a villa de Alter do Chão, com 531 pessôas; chamada antigamente Borari

Alvaráes

Trezentas e tantas leguas distante da cidade, pelo rio

Amazonas (ou já Solimões) acima, se acha o igarapé Urauá; e na entrada e margem oriental d'este está situado o lugar de Alvaráes com 280 pessôas, que constam das nações, *Ambod*, *Urarú*, *e Coçd*, e mais alguns *indios*, que desceram das margens do Iapurá em o anno de 1758, á diligencias de Geraldo Gonçalves Bitancourt.

Alvellos

Trezentas e tantas leguas distante da cidade, na margem do Amazonas, ou Solimões, fica a barra do rio Coary; e na distancia de quatro leguas por elle acima, está situado o lugar de Alvellos, com 320 pessôas, que constam das nações *Sorimão*, *Uanani*, *Catavixi*, *Jumd*, *Cochiuard*, *Iriyu*, *e Mayupi*

Arcozêllo

Duas leguas antes de chegar a villa de Obidos, na mesma margem septentrional do Amazonas, está a barra do rio Curuá-panéma; seis leguas por elle acima, esteve situado o lugar de Arcozêllo, que hoje se acha unido á dita villa de Obidos,

Arrayòlos

Noventa e tantas leguas distante da cidade, na margem septentrional do Amazonas, se acha a barra do rio Toeré; e cinco leguas por elle acima, na margem oriental, está a villa de Arrayòlos, com 268 pessôas.

Aveiro

Vinte e tantas leguas pelo rio Tapajós acima, na margem oriental, se acha situado o lugar de Aveiro com 180 pessôas.

Azevedo

Treze leguas acima da barra do rio Tocantins, na margem septentrional; está situdo o lugar de Azevedo, com 280 pessôas.

Ayrão

Trinta e tantas leguas acima da barra do Rio Negro, na margem oriental, se acha situado o lugar de Ayrão, com 150 pessôas da nação *Aroaqui*.

Barcarêna

Quatro leguas distante da cidade, em a margem septentrional do rio Iebrié, fica o lugar de Barcarêna.

N. B. Tambem ao dito rio dão o nome Curussá, com 200 pessôas chamadas *Iebrié*

Barcéllos

Oitenta e tantas leguas acima da boca do Rio Negro, na margem austral, se acha situada a villa de Barcellos, com 1076 pessôas, que constam do quartel general das demarcações, e muitos outros negociantes brancos que alli se acham estabelecidos, assim como os indios das nações *Mando*, *Baré*, *e Bayanai*.

Bayão

Trinta leguas acima da barra do rio Tocantins, em a margem oriental, se acha situado o lugar de Bayão, com 280 pessôas.

Béja

Nove leguas distante da cidade, na contracosta da ilha do Marajó, e fóz do rio Tocantins, está situada a villa de Béja, com 250 pessôas.

Bemfica

Seis leguas distante da cidade, em um dos ramos do rio Mauary, se acha situado o lugar de Bemfica, com 280 pessôas.

Boim

Dezoito leguas acima da boca do rio Tapajós, na margem occidental, está situada Villa Boim, com 600 pessôas ; chamada antigamente *Aldêa de Santo Ignacio.*

Borba

Vinte e tantas leguas acima da barra do rio Madeira, em a margem oriental d'elle, se acha situada a villa de Borba, com 200 pessôas; chamada antigamente *Trocáno.*

Bragança

Cincoenta leguas distante da cidade, e trez acima da barra do rio Cayté, em a margem occidental d'elle, se acha situada a villa de Bragança, com 1077 pessôas ; chamada antigamente *Cayté.*

Cantanhede

Trez leguas e meia distante de Ourem, atravez de uma matta que entremeia o rio Cayté, se abriu uma nova estrada; e em a distancia dita se acha projectada o lugar de Cantanhede, com 2 pessôas aggregadas.

Carrezêdo

Noventa e tantas leguas distante da cidade, na margem austral do rio Amazonas, se acha situado o lugar de Carrezêdo, com 120 pessoas ; chamado antigamente aldêa do *Arapijó.*

Carvoeiro

Cincoenta e tantas leguas acima da barra do Rio Negro, em a margem austral, está situado o lugar de Carvoeiro, com 300 pessôas das nações *Mando, Parduaind, e Uarandcudcena.*

Castro de Avelans

Cento e setenta leguas, rio Solimões, ou Amazonas acima, na margem austral, se acha situado o lugar de Castro de Avelans, com 200 pessôas das nações *Omdua, ou Cambeba, Pariand, Xomãna, e Cayuvicêna.*

Cerzedêllo

Sessenta e tantas leguas distante da cidade, em a margem oriental do rio Gurupy, se acha o lugar de Cerzedêllo, com 250 pessôas.

Chaves

Na costa septentrional da ilha do Marajó, chamada vulgarmente contracosta, quasi na fóz do Amazonas, está situada a villa de Chaves, com 750 pessôas.

Cintra

Vinte e tantas leguas distante da cidade, e trez acima da boca do rio Maracaná, se acha a villa de Cintra, com 850 pessôas; chamada antigamente *Maracand.*

Collares

Oito leguas e meia distante da cidade, em uma ilha, que faz testada na margem austral do Amazonas, se acha situada a villa de Collares; de d'onde se registram, e mettem guardas aos navios, que entram para a cidade; tendo de

população 200 pessôas, das nações *Arú*, *Ariquêna*, *Anaraguará*, *Mrauanú*, e *Topinambá*; chamada antigamente *Caayr*.

Condexa

Na costa austral da ilha do Marajó, dentro de um igarapé, junto á villa de Monsarás, está situado o lugar de Condexa, com 70 pessôas.

Ega

Oitenta e tantas leguas pelo rio Solimões acima, se acha na margem austral, a boca do rio Tafé; e subindo por este, cousa de uma legua, se encontra na margem oriental, situada a villa de Ega, com 300 pessôas das nações *Sorimão*, *Uayupi*, *Coretú*, *Coerumá*, *Iumá*, *Yupivá*, *Tamuaná*, e *Achouari;* alem dos mercadores estabelecidos, e pessôas destinadas ao tratado dos limites, que alli se acham agora residindo; chamava-se antigamente *Tafé*.

Espirito Santo do rio Mojú

Treze leguas e meia distante da cidade, em a margem austral do rio Mojú, se acha edificada a freguezia do Espirito Santo, com 1850 pessôas brancas, com os seus respectivos escravos.

Espózende

Noventa e tantas leguas distante da cidade, na margem septentrional do Amazonas, se acha a boca do rio Toeré; e em um ramo d'elle, chamado Aramucú, está na margem occidental situada a villa de Espózende, com 300 pessôas.

Faro

Cento e oitenta e tantas leguas distante da cidade, na margem septentrional do Amazonas, desagua o rio Nha-

mundá; oito leguas por elle acima, se acha na margem oriental situada a villa de Faro, com 300 pessôas.

N. B. As confrontantes margens d'este rio Nhamundá terminam as capitanias do Pará, e do Rio Negro.

Fonte Boa

Trezentas e tantas leguas distante da cidade, e seis acima da boca do rio Juruá, que desagua na margem septentrional do Amazonas ou Solimões, fica situado o lugar de Fonte Boa, com 280 pessôas das nações *Xumând, Tocûnd, Passé, Miranya, Iuri, e Cambebd.*

Fortaleza do Rio Negro

Duas leguas por elle acima, na margem septentrional, se acha a povoação com 200 pessôas das nações *Baniba, Baré, e Passé*; uma fortaleza com a sua competente guarnição, para obstarem e registrarem os passageiros que pelo dito rio vadearem.

Fragozo

Noventa e tantas leguas distante da cidade, na costa septentrional do Amazonas, se encontra a barra do rio Iáry; e subindo por elle acima, á pouca distancia, se acha na margem oriental, situado o lugar de Fragozo, com 200 pessôas; chamado Iáry.

Gorupá

Oitenta e tantas leguas distante da cidade, na costa austral do Amazonas, se acha situada a villa e fortaleza de Santo Antonio do Gorupá, com 390 pessôas brancas, e indios das nações. . . . . .

N. B. Esta fortaleza serve de registro aos passageiros que sobem e descem do sertão.

Javary

Quatro centas e tantas leguas distante da cidade,na margem austral do Amazonas, ou Solimões, desagua o rio Javary; e pouco antes de chegar á boca d'este, se acha situada a villa de S.José do Javary, com 50 pessôas da nação *Tocuna.*

N. B. Este rio até agora tem servido de raia aos dominios portuguezes.

Lama Longa

Cento e tantas leguas pelo Rio Negro acima, em a margem austral, se acha situado o lugar de Lama Longa, com 240 pessôas das nações *Mandó, Baré, e Banibá.*

Lugar do Castanheiro-novo

Cincoenta e tantas leguas, Rio Negro acima, desagua na margem septentrional, o Rio Branco, achando-se n'elle novamente erecto o lugar do Castanheiro-novo, com 131 pessôas.

Macapá

Oitenta leguas distante da capital, trez minutos ao norte da equinocial,em a costa septentrional do rio das Amazonas, se acha edificada a praça de Macapá, que até o anno de 1758 foi sómente povoada por familias, que para alli vieram das ilhas de Santa Maria e Graciosa, por ordem do Sr. rei D. João 5°. E em 4 de Fevereiro do dito anno, por ordem do Sr. rei D. José 1°, se criou villa; e no anno de 1764 por determinação do mesmo senhor, se flanqueou, e pôz em defensa, com uma fortaleza, ou cidadella de pedra e cal, que importou alem de dois milhões; constando de um quadrado fortificado pela maneira de Vauban, guarnecido com 84 peças de grosso calibre ; um regimento de infantaria paga, e um terço auxiliar, composto de oito com-

panhias de infantaria, e quatro de cavallaria: as suas campanhas são de planicies escalvadas, com diversas pequenas mattas, que cobrem outros tantos lagos que alli formam as cabeceiras dos rios, e as aguas das chuvas: consta a sua população de 2000 pessôas brancos, 750 escravos, e um certo numero de indios assalariados.

Mazagão

Oitenta e tantas leguas distante da cidade, na costa septentrional do Amazonas, e outras tantas acima da sua barra desemboca o rio Mutuacá, ficando tambem na margem septentrional d'elle, quatro leguas acima da sua fóz situada a villa de Mazagão, com 1800 pessôas brancas, que vieram da praça de Mazagão da costa d'Africa, e seus respectivos escravos.

Melgaço

Sessenta leguas distante da cidade, na costa austral de uma ilha, das que formam o canal de Yajepurú, se acha situada a villa de Melgaço, com 1800 pessôas das nações *Mamayandzes, e Nheengaibas*; chamada antigamente *Aricurds.*

Mondim

Doze leguas distante da cidade, na costa meridional da ilha de Marajó, desagua o rio Paracuary (intitulado vulgarmente Igarepé-grande); junto á sua fóz e margem oriental, está situado o lugar de Mondim, com 200 pessôas; chamado antigamente S. José.

Monforte

Dez leguas distante da cidade, na costa austral da ilha

do Marajó, se acha edificada a villa de Monforte, com 720 pessôas da nação *Sacdrá*; chamada antigamente *Joannes*.

Monsarás

Noventa leguas distante da cidade, na costa meridional da ilha do Marajó, está situada a villa de Monsarás, com 600 pessôas; chamada antigamente *Cayarás*.

Mont'alegre

Cento e tantas leguas distante da cidade, na margem septentrional do rio Amazonas, desagua o rio Gurupátúba; e em um elevado monte, que fica na costa austral, se acha erecta a villa de Mont'Alegre, com 600 pessôas das nações *Arú, Maué, Iruriz, e Baré*; chamada antigamente *Gurupatúba*.

Moreira

Noventa e tantas leguas acima da barra do Rio Negro, em a margem austral d'elle,se acha o lugar de Moreira,com 390 pessôas das nações *Mando, e Baré*.

Mort'agua

Quarenta e trez leguas distante da cidade, em uma estrada, que communica a villa de Ourém com o rio Cayté: se acha o sitio de Mort'agua,com 6 pessôas aggregadas.

Moura

Sessenta leguas, Rio Negro acima, na margem austral, se acha edificada a villa de Moura,com 860 pessôas das nações *Mando, Carajai, Coevand, e Iumd*.

Nogueira

Oitenta e tantas leguas pelo rio Solimões acima, se acha na margem austral a boca do rio Tafé; e subindo por este quasi treze leguas, se encontra na margem occidental o lugar de Nogueira, com 390 pessôas das nações *Passé Yumd, Grilho, e Mandú.*

Nossa Senhora do Carmo das Caldas

.....

Nossa Senhora do Carmo do Rio Branco

Cincoenta e tantas leguas, Rio Negro acima, desagua na margem septentrional, o Rio Branco; sendo a primeira povoação, que se encontra na margem occidental d'este, a de N. Senhora do Carmo com 130 pessôas.

Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira

Oito leguas distante da cidade, desemboca na costa austral da ilha de Marajó, o rio Arary; e sete leguas por elle acima, na margem oriental, se acha a freguezia de N. Senhora da Conceição da Cachoeira, com 1280 pessôas brancas, com os seus respectivos escravos.

Nossa Senhora da Guia

Duzentas leguas, Rio Negro acima, está situada na margem austral, pouco superior á boca do rio Icána a povoação de N. Senhora da Guia, com 170 pessôas da nação *Bambá.*

Nossa Senhora do Loreto

Cento e cicoenta leguas, Rio Negro acima, se acha na margem austral situada a povoação de N. Senhora do Loreto, com 200 pessôas.

Nossa Senhora de Nazareth

Cento e oitenta e tantas leguas Rio Negro acima, se acha na margem septentrional, situada a povoação de N. Senhora de Nazareth, com 160 pessôas das nações *Mepuri*, *Ayrini*, *Baré*, e *Macú*

Nossa Senhora da Piedade

Vinte e tantas leguas distante da cidade, desagua o rio Urituya na margem septentrional do rio Guamá; e pouco acima d'aquelle rio, se acha situada a freguezia de N. Senhora da Piedade, com 517 pessôas brancas, com os seus competentes escravos.

Nossa Senhora do Soccorro

Vinte e seis leguas distante da cidade, correndo costa abaixo, se acha situado o lugar de N. Senhora do Soccorro, com 113 pessôas.

N. B. N'este lugar está o pratico da barra; chamado antigamente *Salinas*.

Nossa Senhora da Conceição

Cincoenta e tantas leguas Rio Negro acima, desagua na margem septentrional o Rio Branco, achando-se n'elle novamente erecto, o lugar de N. Senhora da Conceição, com 285 pessôas.

Obidos

Cento e sessenta e tantas leguas distante da cidade, rio Amazonas acima, em a mais funda, e mais angustiada paragem d'elle, fica na margem septentrional a fortaleza e villa de Obidos, com 640 pessôas; chamada antigamente *Pauxiz*.

Odivellas

Vinte e tantas leguas distante da cidade, costa abaixo, está situado o lugar de Odivellas, com 300 pessôas ; chamada antigamente *S. Caetano.*

Oeiras

Quarenta leguas distante da cidade, fica a boca do rio Araticú, e duas leguas por elle acima, na margem septentrional, se acha situada a villa de Oeiras, com 1600 pessôas da nação *Combóca* ; chamada antigamente *Araticú.*

Olivença

Cento e noventa leguas acima da barra do rio Solimões, em a margem austral d'elle, se acha situada a villa de Olivença, com 440 pessôas das nações *Tocuná, Passé, Xumaná, Juri, Miraya, e Cambebá* ; chamada antigamente *S. Paulo.*

Ourém

Quarenta leguas distante da cidade, em a margem oriental do rio Guamá, se acha situada a villa de Ourém, com 400 pessôas brancas, e de indios das nações.....;chamada antigamente *Casa Forte.*

Outeiro

Cento e quarenta leguas pela costa septentrional do rio Amazonas acima, se acha a boca do rio Urubucoára ; e oito leguas superior a esta,em a margem occidental do mesmo rio, está situado o lugar do Outeiro, com 280 pessôas ; chamada antigamente *Urubucoára.*

Pêna-Cova

Meia legua distante da cidade, rio Guajará abaixo, em a costa oriental, se acha situado o lugar de Pêna-cova, com 100 e tantas pessôas apanhadiças; chamada antigamente *Aldêa-de-Una.*

Pinhel

Cento e vinte leguas distante da cidade, rio das Amazonas acima, em a costa oriental d'elle, desagua o rio Tapajós; e subindo vinte e seis leguas por este rio, se encontra na margem occidental a villa de Pinhel, com 300 pessôas; chamada antigamente *Aldêa de S. José.*

Periá

Setenta leguas pela costa oriental do rio Guajará abaixo se encontra a boca do rio Periá, e na margem oriental d'elle, em distancia de dez leguas, se acha situado o referido lugar com 80 pessôas.

Pombal

Cem leguas distante da cidade, rio das Amazonas acima, em a margem oriental, se acha a boca do rio Xingú; e subindo vinte leguas por este rio, está na mesma margem oriental a villa de Pombal, com 900 pessôas; chamada antigamente *Parauiri,*

Ponte de Pedra

Oito leguas distante da cidade, na costa oriental da ilha do Marajó, se acha situado o lugar de Ponte de Pedra, com 120 pessôas das nações *Tocano, e Nheengayba*; chamada antigamente *Mangabeiras.*

Portél

Sessenta e tantas leguas distante da cidade, na margem austral do rio Aricurá, se acha situada a villa de Portel, com 2500 pessôas das nações *Pacajaz, Saconhapéz, Uanapuz, e Yocujuz*; chamada antigamente *Uraruarà.*

Porto de Móz .

Cem leguas distante da cidade, na margem oriental do rio Amazonas, se acha a entrada do rio Xingú, e subindo por este rio acima, a distancia de dez leguas, se encontra na mesma margem oriental a villa do Porto de Móz, com 500 pessôas; chamada antigamente *Maturú.*

Porto Grande

Quarenta e quatro leguas distante da cidade,em a margem occidental do rio Guamá, se acha situado o lugar do Porto Grande, com 50 pessôas.

Porto Salvo

Noventa leguas distante da cidade, costa abaixo, se acha o furo chamado Mamayacú ; e na margem septentrional d'elle,está situado o lugar de Porto Salvo,com 200 pessôas.

Poyáres

Setenta leguas Rio Negro acima, se acha na margem austral, situado o lugar de Poyáres, com 400 pessôas das nações *Mando, Baré, e Passé.*

Rebordéllo

Noventa leguas distante da cidade, no meio da boca septentrional do rio das Amazonas, debaixo da linha equino-

cial, se acha a ilha Caviãna; e na margem oriental d'esta, está situado o lugar de Rebordêllo, com 100 pessôas.

Sant'Anna

Cento e noventa leguas Rio Negro acima, se acha na margem austral, situado o lugar de Santa Anna, com 50 pessôas.

Sant'Anna do Abaité

Dez leguas distante da cidade, pelo rumo de L. E., se acha o rio Abaité, em que existe a freguezia de Santa Anna, com 700 pessôas brancas, com os seus respectivos escravos.

Sant'Anna dos Breves

Quarenta leguas distante da cidade, pelo rumo de N. O. E., fica o rio Pará-aú, na margem oriental d'elle, fica o lugar de Santa Anna dos Breves, com 90 pessôas brancas, e mestiças aggregadas.

Sant'Anna do rio Bujarú

Doze leguas distante da cidade, pelo rio Guajará acima fica na margem oriental a boca do rio Bujarú; e dentro d'este a freguezia de Santa Anna, com 800 pessôas brancas, e seus competentes escravos.

Sant'Anna do Cajary

Setenta e tantas leguas distante da cidade, em a costa septentrional do Amazonas; desagua o rio Cajary; sete leguas e meia acima da sua fóz, tambem na margem septentrional, está situado o lugar de Santa Anna do Cajary, com 160 pessôas.

Sant'Anna do Igarapé Mirim

Dezenove leguas distante da cidade, se acha na margem occidental do rio Mojú, a boca do estreito furo chamado Igarapé Mirim ; e uma legua por elle acima, e na margem septentrional, está situada a freguezia de Santa Anna, a que pertencem 900 pessôas brancas, com os seus respectivos escravos,

Sant'Anna do rio Capim

Vinte e tantas leguas distante da cidade, em a margem oriental do dito rio, se acha a freguezia de Sant'Anna, a que pertencem 1000 pessôas.

Santo Antonio do Castanheiro

Cento e sessenta e seis leguas Rio Negro acima, se acha na margem austral, situado o lugar de Santo Antonio do Castanheiro, com 100 pessôas das nações *Mepuri, Baré e Macú.*

Santo Antonio do Marapy ou Imari

Trezentas e tantas leguas distante da cidade, em a margem septentrional do rio Inpurá, está situado o lugar de Santo Antonio,com 100 pessôas das nações *Mariaranê e Iuri.*

S. Bento do rio Capim

Setenta leguas distante da cidade, na margem oriental do rio Capim, se acha a povoação,ou freguezia de S. Bento, com 70 pessôas.

S. Bernardo do Camanão

Cento e oitenta leguas, Rio Negro acima, se encontrará

na margem septentrional o lugar de S. Bernardo do Camanão, com 140 pessôas da nação *Baré*.

S. Bernardo da Pederneira

Oitenta leguas distante da cidade, em a margem occidental do rio Tocantins, se acha o lugar de S. Bernardo da Pederneira, com 50 pessôas de indios aggregados.

S. Domingos do Guajará

Dezeseis leguas distante da cidade, em o conflûo dos rios Guamá e Capim, aonde se termina o rio Guajará, está situada a freguezia de S. Domingos, a que pertencem 1400 pessôas brancas com os seus respectivos escravos.

S. Filippe

Cento e noventa leguas Rio Negro acima, se acha situado em a margem austral do dito rio, a povoação de S. Filippe, com 200 pessôas.

S. Francisco Xavier do Turiassú

Cento e tantas leguas distante da cidade, no rio Turiassú, que serve de raia entre as duas capitanias do Pará e Maranhão, se acha situado o lugar de S. Francisco Xavier, com 100 pessôas.

S. Gabriel

Cento e oitenta e cinco leguas Rio Negro acima, se acha a Cachoeira grande, e confrontante a esta, em a margem septentrional do mesmo rio, se acha situada a fortaleza, e povoação de S. Gabriel, a que pertence cento e tantas pessôas da nação *Baré*.

S. Miguel do Iparaná

Cento e noventa e cinco leguas Rio Negro acima, se acha a barra do rio Issãna, e na fôz oriental d'este, está situada a povoação de S. Miguel,com 200 pessôas da nação *Baniba*.

S. Miguel da Cachoeira

Vinte e cinco leguas distante da cidade, pelo rio Guamá acima, se acha a primeira cachoeira d'este rio, e na sua margem oriental, a freguezia de S. Miguel, a que pertencem 980 pessôas brancas com os seus respectivos escravos.

S. João Baptista do Mabé

Duzentas leguas pelo Rio Negro acima, se acha na margem septentrional a povoação de S. João Baptista, com 40 pessôas da nação *Baniba*.

S. João Nepomuceno

Cento e setenta e nove leguas Rio Negro acima, se acha na margem austral a povoação de S. João Nepomuceno, com 100 pessôas da nação *Baré*.

S. Joaquim do Coané

Cento e oitenta e sete leguas, Rio Negro acima, se encontra na margem austral a barra do rio Uaupez, e na fôz d'este na parte oriental, se acha a povoação de S. Joaquim do Coané, com 200 pessôas das nações *Uaupez e Coeuanã*.

S. José de Mirabitênas

Duzentas e dezoito leguas Rio Negro acima, se acha na margem austral a fortaleza, e povoação ultima da capitania e Estado,denominada S. José de Marabitênas, com 120 pes-

sôas das nações *Arunié*, e *Marapitana* ; chamada vulgarmente *Marabitêna*.

S. José do rio Uacará

Doze leguas distante da cidade, pelo dito rio acima, se encontra na margem occidental, a freguezia de S. José, a que pertencem 1000 pessôas brancas com os seus respectivos escravos.

S. José

Cincoenta e tantas leguas Rio Negro acima, desagua na margem septentrional o Rio Branco, achando-se n'elle novamente erecto o lugar de S. José, com 99 pessôas.

S. Pedro

Cento e sessenta e seis leguas, Rio Negro acima, se acha na margem septentrional, a povoação de S. Pedro, com 100 pessôas.

S. Marcellino

Cincoenta e tantas leguas, Rio Negro acima, desagua na margem septentrional o Rio Branco, achando-se n'elle novamente erecto o lugar de S. Marcellino, com 480 pessôas.

Santa Izabel

Cincoenta e tantas leguas Rio Negro acima desagua na margem septentrional o Rio Branco; achando-se n'elle novamente erecto o lugar de Santa Izabel, com 223 pessôas.

Santa Maria

Cincoenta e tantas leguas Rio Negro acima, desagua na margem septentrional o Rio Branco, achandc-se n'elle novamente erecto o lugar de Santa Maria, com 117 pessôas.

S. Filippe

Cincoenta e tantas leguas Rio Negro acima, desagua na margem septentrional o Rio Branco, achando-se n'elle novamente erecto o lugar de S. Filippe, com 219 pessôas.

S. Martinho

Cincoenta e tantas leguas do Rio Negro acima, desagua na margem septentrional o Rio Branco, achando-se n'elle novamente erecto o lugar de S. Martinho, com 16 pessôas.

Salvaterra

Doze leguas distante da cidade, em a costa austral da ilha do Marajó, se acha a barra do rio Paracauri (vulgo, Igarapé Grande) ; na fóz d'este, em a parte occidental, está a villa de Salvaterra, com 300 pessôas da nação *Aruãm*.

Santarem

Cento e sessenta leguas distante da cidade, na margem austral do rio das Amazonas, fica a barra do rio Tapajós ; na fóz d'este, tambem da parte austral, está a fortaleza e villa de Santarem, com 1500 pessôas brancas, e indios das nações.....; chamada antigamente *Tapajós*.

Santarem Novo

Trinta leguas distante da cidade, e nove pelo rio Maracaná acima, fica o lugar de Santarem Novo, com 150 pessôas.

Serpa

Duzentas e trinta e oito leguas distante da cidade, rio das Amazonas acima, fica na margem occidental, proxima

á boca do rio Madeira, a villa de Serpa, com 500 pessôas das nações *Urûriz*, *Abacaxis* e outras; antigamente aldêa *Abacaxis*.

Silves

Duzentas e vinte e oito leguas distante da cidade, em a margem occidental do rio das Amazonas, fica o primeiro furo, que desagua no lago Saracá; e navegando-se nove leguas por aquelle furo acima, se chegará a uma peninsula,em que está situada a villa de Silves, com 1000 pessôas das nações *Anibá*, *Aruaqui*, e outras que se têm misturado; chamada antigamente *Saracá*.

Soure

Doze leguas distante da cidade, em a costa austral da ilha do Marajó, fica a barra do rio Paracauari, (vulgo Igarepé Grande); subindo meia legua por elle acima, se encontra na margem oriental a villa de Soure, com 400 pessôas das nações *Aruãm*, e....

Souzél

Cem leguas distante da cidade, rio das Amazonas acima, fica na margem occidental a boca do rio Xingú; e subindo por este a distancia de dezesete leguas, se encontra além de uma larga bahia, a villa de Souzel, com 600 pessôas; chamada *Aricará*.

Tabatinga

Quatrocentas e noventa e tantas leguas distante da cidade pelo rio Solimões acima, se encontra na margem occidental, quasi fronteiro á barra do rio Javary, o presidio de S. Francisco Xavier de Tabatinga, com poucas pessôas da nação *Tocúna*, além da guarnição.

Tentugal

Quarenta e cinco leguas distante da cidade, em a margem oriental do rio Cayté, se acha situado o lugar de Tentugal, com 21 pessôas aggregadas e mistiças.

Thomar

Cento e quatorze leguas, Rio Negro acima, se acha situada na margem austral a villa de Thomar, com 500 pessôas das nações *Mando, Baré, Uayuaná, e Passé.*

Veiros

Cem leguas distante da cidade, rio das Amazonas acima, faz barra o rio Xingú ; e doze superior a esta, na margem oriental do dito Xingú, fica a villa de Veiros, com 800 pessôas; chamada *Itacúrussá*

Villa de Conde

Oito leguas distante da cidade, pelo rumo de N. O. E. em a contracosta da ilha do Marajó, fica a villa de Conde, com 300 pessôas.

Villa Franca

Cento e sessenta leguas distante da cidade, em a margem austral do rio das Amazonas, desagua o rio Tapajós ; e doze leguas por elle acima, além de uma larga bahia, fica na margem occidental Villa Franca,com 1000 pessôas ; antigamente *Aldêa do Cumarú.*

Villa Nova de El-Rei

Vinte leguas distante da cidade, agua abaixo, fica a barra do rio Curussá,e dentro d'elle, Villa Nova de El-Rei, com 500 psssoas ; chamada antigamente *Curussá.*

Vigia

Quatorze leguas distante da cidade, rio Guajará abaixo, fica a L. E. de umas pequenas ilhas a villa da Vigia, com 1900 pessoas brancas, com os seus respectivos escravos; chamada pelos indios *Uriutá*.

Villar

Oito leguas distante da cidade, na costa oriental da ilha do Marajó, se acha situada a povoação de Villar, com 100 pessoas; antigamente aldêa dos *Goyandzes*.

Villarinho do Monte

Cem leguas distante da cidade, rio das Amazonas acima, fica a fóz do rio Xingú, e na sua margem oriental o lugar do Villarinho do Monte, com 100 pessôas; chamada antigamente aldêa de *Cavidna*.

Villa Viçosa do Cametá

Quarenta leguas distante da cidade, na margem occidental do rio Tocantins, fica situada Villa Viçosa do Cametá, com 5000 pessôas brancas, e os seus respectivos escravos.

Villa Vistosa da Madre de Deus

Oitenta leguas distante da cidade, na margem septentrional do rio das Amazonas, desagua o rio Anavirá-pucú; e sete leguas por este acima, se acha tambem na margem septentrional situada a Villa Vistosa da Madre de Deus. com 100 pessôas brancas, com os seus respectivos escravos,

Vizeu

Sessenta leguas distante da cidade, pelo rumo de N. E.,

fica a barra do rio Gorupi; e quatro leguas por elle acima, em a margem occidental, está o lugar de Vizeu, com 80 pessôas.

RIOS

Abaité

Dez leguas distante da cidade, em a margem oriental, ou fóz do rio Tocantins, fica a boca do povoado e abundante canal, ou furo, conhecido pelo nome de Abaité, em que se acha a freguezia de Sant'Anna.

Abuará

Cento e cincoenta leguas Rio Negro acima, em a sua margem septentrional, faz barra o rio Abuará.

Acotipirêra

Sessenta leguas distante da cidade, e uma e meia antes de chegar á villa de Portél, desagua na margem austral o rio Acotipirêra.

Aki-Ki

Cento e quatorze leguas distante da cidade, na margem occidental do rio Xingú, desagua o sinuoso canal do Aki-ki, que tem dez leguas de comprido, occorrendo a elle pela margem austral o pequeno rio Iaráócú, e o furo Guayrá.

Rio das Amazonas

Do Grão-Pará, Orelhana, e Maranhão, que por todos este titulos é no mundo conhecido; corre este rio sinuosamente por baixo da linha equinocial; tendo a sua fonte,

ou cabeceira na latitude de 20° ao sul d'ella, na lagôa Lauricócha, junto á cidade de Guanûco no reino do Perú; não se apartando a sua direcção de 5° de latitude austral: termina a sua barra, ou fóz pela margem septentrional; o Cabo do Norte, que fica n'este pólo em a latitude de 2°, e longitude de 327° e 20°; e pela margem austral a ponta do Oatapú, que fica 26 a este mesmo pólo, e 26 leguas distante da capital: mil e oitocentas leguas dizem os autores cosmographos de melhor nota, ter de extensão, sendo d'ellas 492 1/2 pertencentes aos dominios de Portugal, d'esde a dita fóz, até o presidio de S. Francisco Xavier de Tabatinga, em que se acha de guarnição um official subalterno, e 24 soldados destacados de Barcellos, capital do Rio Negro.

Mais de duzentas nações gentias, se lhe tem descoberto, até ao presente, sendo algumas anthropóphagas, e com maior braveza e incommodo a dos *Muras*, que vivem do corso; e a dos *Mondrucús*, que permittindo quartel ás mulheres e crianças, que aprisionam, jamais o concedem aos homens, a quem cortam, e curtem as cabeças, para decorarem as suas habitações e trophéos; sendo tal a infilicidade dos dominios portuguezes, que já hoje têm entranhados estes deshumanos até muito perto da cidade do Pará; aonde se ouvem repetidas vezes os effeitos das suas hostilidades

As divisas que todas as ditas nações incultas têm pensado para se differençarem e horrorisarem, são tantas, como o seu grande numero; porque uns rasgam as orelhas; outros furam os beiços; outros os narizes; outros se queimam, e cicatrisam com varios causticos e espinhos; fazendo extravagantes e lamentaveis debûxos; outros comprimem as cabeças na tenra idade, para depois ter a particular satisfação de lhes ficarem chatas etc. acompanhando todas estas barbaridades em occasião das suas batalhas, ou festejos com os adornos mais horriveis, que a humanidade, e

o aceio poderia consentir; porque além de muitos outros, chegam algumas d'estas nações a se untarem com sangue, e coração humano, que para aquellas funcções guardam com todo o cuidado e desvelo; concorrendo até a natureza para a singularidade das suas raras figuras, como autorisa o padre Vieira, na descripção, que faz d'este grande rio, a fl. 90 do liv. 1°: tendo nós hoje tambem a noticia dos *Cauandz*, que consta não terem mais de cinco palmos de alto, e existirem junto ás cabeceiras do rio Yuruá, que desagua na margem austral do Solimões, ou Amazonas, em a latitude meridional de 2°, e 3°, e longitude de 313° e 28°; sendo mais de admirar a nação, que no mesmo rio habita, conhecida pelo nome de *Ugina, ou Coatá-ta peeya*, que vem a dizer; nação de certos macacos grandes chamados Coataz: segura-se de terem caudas todos os d'esta nação; phenómeno deduzido de haverem indias propagado com os ditos animaes: a qualidade, e figura d'elles, poderá o curioso ver na *Historia Natural* de Mr. de Buffon, tom. 3. fl. 22 da 4ª ediç. para que eu appéllo toda a questão; havendo só na cidade do Pará, para autorisar esta vulgar noticia, uma formal attestação do padre fr. José de Santa Thereza, religioso carmelita, e vigario do lugar de Nogueira, § 50, que testifica em verb. sacerd. ter vindo alli em 15 de Outubro de 1768 um dos referidos indios, a quem elle mandára despir para tirar do rio umas tartarugas, e que então lhe vira (sem alguma duvida), uma cauda da grossura de um dedo polegar, e do comprimento de meio palmo; asseverando o dito indio, que todos os da sua nação assim eram: são tantas as mais raridades, que eu notei em este portentoso rio, que seria preciso para as especificar, interromper muito a laconica ordem d'esta descripção; pelo que poderão os curiosos, recorrer aos autores aonde com pouca differença encontrarão muitas das admiracões, que hoj

observam todos os que navegam em este mar d'agua doce.

Amuaná

Dezoito leguas distante da cidade, em a costa austral da ilha do Marajó, desagua o rio Amuaná.

Anajáz

Sessenta e tantas leguas distante da cidade, em a costa austral da ilha do Marajó, desemboca o rio Anajaz, que no seu interior é composto de uma infinidade de pequenos riachos, todos soccorridos do grande tronco d'este rio, e das largas campinas e alagadiços da dita ilha do Marajó.

Anavirá-pucú

Na margem septentrional do rio das Amazonas, oitenta leguas distante da cidade, faz barra o rio Anavirá-pucú; este é bastante comprido, e tem muitas cachoeiras; ha n'elle o notavel phenomeno da pororóca; e sete leguas acima da sua entrada, se acha na margem occidental situada a Villa Vistosa.

Anibá

Desagua na margem occidental do rio das Amazonas, em o lago Saracá, que fica duzentas leguas distante da cidade.

Araguaya

Trezentas e tantas leguas distante da cidade, rio Tocantins acima, conflúe na margem occidental o rio Araguáya.

Arapucú

Vulgo rio da Pedreira: oitenta e seis leguas distante da

cidade, na costa septentrional do Amazonas, uma maré abaixo do Macapá, desagua o rio Arapucú. Nas margens e cabeceiras d'este rio, se acham algumas fazendas de gado, pertencentes aos moradores da dita praça.

Araticú

Trinta e sete leguas distante da cidade, na margem occidental da bahia dos Bócas, desagua o rio Araticú, aonde se acha situada a villa de Oeiras.

Arary

Doze leguas distante da cidade, em a costa oriental da ilha do Marajó, desagua o rio Arary; este rio tem vinte e duas fazendas de gado vaccum,seis engenhos d'agua-ardente, e dois cortumes de sola.

Arauary

Novonta e tantas leguas distante da cidade, na costa septentrional do rio das Amazonas, e proximo á sua fóz desagua o rio Arauary, um dos mais celebres d'esta colonia, tanto pela sua ponderavel situação, como por haver n'elle a maior pororóca de todas as que se conhecem n'este Estado.

Aravató

Duzentas e quarenta e cinco leguas distante da cidade, faz barra na margem septentrional do Amazonas, o sexto furo do lago Saracá, conhecido pelo nome do rio Aravató, muito contemplado dos que passam da capitania do Pará, á do Rio Negro.

Arinóz

Na margem oriental do rio Tapajós, e quasi duzentas le-

guas distante da cidade, faz barra o rio Arinóz ; n'este rio demoram as minas de ouro chamadas de Santa Izabel.

Bacauari

E' um dos confluentes do rio Xingú, que desagua na margem austral do Amazonas, cento e tantas leguas distante da cidade.

Rio das trez Barras

Em a margem oriental do rio Tapajós, desagua o rio das Trez Barras, duzentas e tantas leguas distante da cidade.

Baruri

Na margem austral do Rio Negro, pouco superior á villa de Barcellos, desagua o rio Bararuri.

Rio Branco

Desagua na margem septentrional do Rio Negro, trezentas e vinte e seis leguas distante da cidade : como na presente epoca se tem feito sobre este rio scientificas diligencias e descripções, creio aqui escusado maior noção.

Bujarú

Quatorze leguas distante da cidade, em a margem austral do rio Guajarú, desagua o rio Bujarú ; n'este rio se acha a freguezia de Sant'Anna.

Cachipurú

Desagua na costa septentrional do rio das Amazonas, quasi junto á sua fóz e distante da cidade cem leguas.

Cayamé

Setenta e tantas leguas, rio Solimões acima, desagua na margem oriental o rio Cayamé.

Cyaari

Setenta e tantas leguas distante da cidade, em a costa septentrional do Amazonas, desagua o rio Cayari; sete leguas e meia acima, superior a entrada d'este rio, está na margem septentrional o lugar de Sant'Anna.

Cayté

Fica a sua boca na costa septentrional contigua a cidade, e distante d'ella quarenta e tantas leguas, na margem occidental d'este rio, se acha situada a villa de Bragança.

Cambú

Vinte leguas distante da cidade, na costa oriental da ilha do Marajó, pouco superior á ponta do Mauari, desagua o rio Cambú.

Canaticú

Vinte e tantas leguas distante da cidade, na costa occidental da ilha do Marajó, desagua o rio Canaticú.

Capim

Dezeseis leguas distante da cidade, conflue pelo rumo de S. E. na margem occidental do rio Guajará, o rio Capim; n'este rio se acha situada, além de muitos sitios, e varios engenhos, a povoação e freguezia de S. Bento.

Capuri

Na margem austral do Rio Negro, cento e noventa e

tantas leguas, superior á sua entrada, desagua o rio Capurí.

Caraparú

Na margem oriental do rio Guayará, cinco leguas distante da cidade, fica a boca do rio Caraparú.

Carapapuri

Desagua na costa septentrional do rio das Amazonas, pouco superior á sua fóz, e cento e tantas leguas distante da cidade.

Cararáucú

E' um canal, ou furo, que desagua por duas differentes bocas na margem septentrional do Amazonas, ficando a primeira duzentas e quinze leguas distante da cidade, e a segunda seis leguas superior.

Catuá

Oitenta e tantas leguas rio Solimões acima, faz barra na sua margem meridional o rio Catuá.

Cavaburí

Cento e oitenta leguas Rio Negro acima, desagua na sua margem austral o rio Cavaburí.

Cavauarí

Na margem austral do Rio Negro, quatro leguas superior ao lugar de Carvoeiro, desagua o rio Cavauarí.

Cavidiá

Cento e noventa e tantas leguas Rio Negro acima, faz barra em a margem austral o rio Cavidiá.

Chiuará

Em a margem austral do Rio Negro, pouco superior ao lugar de Santo Antonio do Castanheiro, desagua o rio Chiuará.

Coary

Sessenta e tantas leguas Rio Negro acima, fica na sua margem austral, a primeira e principal boca do rio Coary, latitude meridional de 4°. , demorando pouco acima outra pequena e estreita boca do mesmo rio; quatro leguas superior á sua entrada, está situado o lugar de Alvellos.

Coyarí

Cento e noventa e tantas leguas Rio Negro acima, conflue pela parte septentrional o rio Coyarí.

Cupijó

Na margem occidental da bahia dos Bócas, trinta e tantas leguas distante da cidade, desagua o rio Cupijó.

Curiaú

Na costa septentrional do Amazonas, e pouco inferior á praça de Macapá, desagua o rio Curiaú; nas margens do qual tem bastantes plantações os moradores da mesma praça.

Curicúriaú

Cento e setenta e tantas leguas Rio Negro acima, faz barra na margem austral a rio Curicúriaú.

Curúá

Na margem austral do rio das Amazonas, distante da cida-

de, cento e sessenta e duas leguas, faz barra o rio Curuá, que desce na direcção geral de S. O. E. ao N. E.

Curuá-panema

Na costa septentrional do rio das Amazonas, duas leguas antes de chegar á villa de Obidos, fica a boca do rio Curuá-panema.

Curussá

Vinte e duas leguas distante da cidade, correndo costa abaixo, se acha a boca do rio Curussá, em que está situada Villa Nova d' El-Rei.

Daraá

Na margem septentrional do Rio Negro, cento e vinte leguas superior á sua fóz desagua o rio Daraá.

Dimité

Duzentas leguas Rio Negro acima, desagua na sua margem septentrional, o rio Dimité

Guayará

E' o rio que corre contiguo a cidade.

Guamá

Dezeseis leguas distante da cidade, conflue na cabeceira do Guayará, pelo rumo de L. E. 4ª. de S. C. o rio Guamá : N'este rio se acham situadas as povoações do Porto Grande, villa de Ourém, e S. Miguel da Cachoeira.

Guiriri

Na margem occidental do rio Xingú, que fica cento e treze leguas distante da cidade, desagua o rio Guiriri.

Gurupi

Cincoenta e tantas leguas distante da cidade, correndo costa abaixo, fica a barra do rio Gurupí. Em a margem oriental d'este rio se acha o lugar de Cerzedêllo.

Guanapú

E' um canal, ou furo, por onde se faz caminho para o sertão, e se communicam varios rios de engenhos e fazendas, tendo o seu principio vinte leguas distante da cidade.

Gurupatúba

Cento e tantas leguas distante da cidade, na costa septentrional do rio das Amazônas, desagua o rio Gurupatúba: No cume de um monte, que fica 600 braças distante da margem septentrional, fica a villa de Monte Alegre.

Jacundá

Cincoenta e tantas leguas distante da cidade, em a cabeceira da bahia dos Bócas, desagua na margem occidental o rio Jacundá.

Jagarayó

Trinta e tantas leguas distante da cidade,em a costa occidental da ilha do Marajó, desagua o furo de Jagarayó.

Jaguapiri, ou Yauapiri

Na margem septentrional do Rio Negro, cincoenta e nove leguas acima da sua fóz, desagua o rio Yauapiri.

Jambú

Na margem septentrional do Rio Negro, cento e tantas leguas superior á sua barra,desagua o rio Jambú.

Japixá

Sessenta leguas distante da cidade, em a costa austral da ilha do Marajó, desagua o rio Japixá.

Japóe, ou Yapóe

Cento e sessenta leguas distante da cidade,na costa septentrional da nova Guiyena, fóra já da barra, ou fóz do Amazônas, desagua o rio Yapóe.

Jary

Na costa septentrional do rio das Amazônas, oitenta leguas distante da cidade, desagua o rio Jary: n'este rio se acha situado o lugar de Fragoso.

Jaú

Quarenta e tantas leguas Rio Negro acima, desagua na margem austral o rio Jaù.

Javari

Quatro centas e noventa leguas distante da cidade, em a margem austral do rio Solimões, desagua o rio Javari.

Jauary

Cento e sessenta e tantas leguas distante da cidade, na costa septentrional do Amazônas, e vinte e oito leguas superior á villa de Almeirim, desagua o rio Jauary.

Içá

Na margem septentrional do rio Solimões, trezentas e

cincoenta leguas distante da cidade, fica a barra do grande rio Içá.

N. B· os castelhanos lhes chamam Poto-Mayo.

Içána

Duzentas leguas Rio Negro acima, desagua na margem austral o rio Içâna.

Iniengapi

Na margem septentronal do rio Guayará, distante da cidade onze leguas, fica a boca do igarapé Iniengapé, que por ter muitos lavradores, vai n'este lugar contemplado.

Irijó

Oitenta e tantas leguas distante da cidade,e vinte inferior á Macapá, fica na costa septentrional do Amazônas,a barra do rio Irijó.

Iriuaná

Na margem occidental do rio Pacajáz, que fica sessenta e tantas leguas distante da cidade, desagua o rio Iriuaná.

Juruá, ou Yuruá

Cento e tantas leguas rio Solimões acima, desagua na margem austral o rio Juruá.

Jutái, ou Yutai

Trezentas e vinte leguas distante da cidade, na margem austral do Solimões, em a latitude de 2°, 41°. meridionaes ; fica a barra do rio Jutaí.

Jupurá ou Yupurá

Noventa leguas superior á barra, ou entrada do rio Soli-

mões, em a sua margem septentrional, demora a primeira boca do rio Yupurá, seguindo-se d'ahi para cima, mais duas recipocras entradas, ainda que alguns erradamente asseveram, de serem cinco. Os castelhanos lhe chamam Caquetá.

Yurubaxi

Cento e quarenta leguas Rio Negro acima, desagua na margem austral o rio Yurubaxi.

Madeira

Fica a sua barra na margem austral do rio das Amazonas, em a latitude de 3°. e 24°. ao mesmo pólo, 250 leguas distante da capital, pelos vadeaveis e versados rios; e corre na direcção geral da S. O. E.

Magoari, ou Mauari

Trezentas leguas distante da cidade, correndo costa abaixo, fica a boca do rio Mauari; treze leguas por elle acima se acha o lugar de Bemfica.

Mamiá

Sessenta leguas rio Solimões acima, em a margem austral, desagua o rio Mamiá.

Manacapuri

Quatorze leguas rio Solimões acima, se encontra na margem septentrional, a boca do rio Manacapuri.

Mapuá

Cincoenta e tantas leguas distante da cidade, em a costa austral da ilha do Marajó, desagua o rio Mapuá.

Maracaná

Quarenta e tantas leguas distante da cidade, correndo costa abaixo, fica a boca do rio Maracaná: n'este rio se acha erecta a villa de Cintra.

Maracapucú

Na costa septentrional do rio das Amazonas, setenta e tantas leguas distante da cidade, se acha a boca do rio Maracapucú, aonde em algum tempo esteve situado o lugar de Santa Anna, chamado hoje Caijari.

Marajó-Uaçú

Na ponta da costa austral da ilha do Marajó, que faz frente á cidade, e ficará d'ella distante oito para nove leguas demora a boca do rio Marajó-uaçú.

Maraviá

Cento e quarenta e tantas leguas Rio Negro acima, desagua na margem septentrional, o rio Maraviá.

Mariá

Na margem austral do Rio Negro, cento e setenta e tantas leguas por elle acima, fica a barra do rio Mariá.

Matapy

Quatro leguas superior á praça de Macapá, em a costa septentrional do rio das Amozanas, fica a barra do rio Matapy. As margens d'este rio junto á sua fôz, se acham bastante cultivadas pelos moradores da dita praça; e junto ás cabeceiras algumas fazendas de gado, pertencente aos mesmos.

Matari

Duzentas e cincoenta e trez leguas distante da cidade, em a costa septentrional do rio das Amazonas, se encontra a primeira boca, ou furo do rio Matari ;ficando a segunda e superior entrada cinco leguas distante.

Mayuvixi

Cento e sessenta leguas Rio Negro acima, desagua na margem austral o rio Mayuvixi.

Mauarapi

Na margem austral do rio Yupurá, que tem a sua entrada, noventa leguas pelo rio Solimões acima, desagua o rio Mauarapi.

Méyacari

Cento e tantas leguas distante da cidade, em a costa septentrional do rio das Amazonas, pouco superior á sua fóz, demora a barra do rio Méyacari.

Miuá

Na margem septentrional do Rio Negro, cento e setenta leguas superior á sua entrada, desagua o rio Miuá.

Mojú

Uma legua distante da cidade, agua acima, e rumo de O. E. 4ª. de S. O. E. se encontra a boca do rio Mojú : este vio é todo povoado de engenhos e sitios, até á distancia de rinte e tantas leguas, aonde tambem é incluida a freguezia do Espirito Santo.

Rio das Mortes

Na margem oriental do rio Araguaya, desagua o Rio das Mortes. Indo aqui contemplado, por ser de espectação o haver um rio na capitania das Geraes, que tenha communicação com esta.

Mucayá

Trinta e oito leguas distante da cidade, em a costa oriental da ilha do Marajó, desagua o rio Mucayá.

Mutuacá

Trinta e tantas leguas distante da cidade, pela segunda margem septentrional da bahia dos Bócas, se encontra a boca do rio Mutuacá.

Mutuacá na Costa

Oitenta leguas distante da cidade, na costa septentrional do rio das Amazonas, nove leguas superior á praça de Macapà, se encontra a boca do rio Mutuacá; na margem septentrional d'este rio, trez leguas acima da sua fóz, está a villa de Mazagão.

Rio Negro

Desagua na margem septentrional do rio das Amazonas, em a latitude austral de 3°. e 9°., distante da cidade, 260 leguas, e corre na direcção de L. E. O E.

Nhamundá

Cento e noventa e seis leguas distante da cidade, se encontrará na margem occidental do rio das Amazonas, a primeira e inferior boca do Nhamundá; demorando pouco mais acima a segunda entrada d'este rio.

Pacajás ou Pacayá

Setenta leguas distante da cidade, desagua na margem occidental do Aricurá, o rio Pacajás, ficando a sua entrada pouco superior á villa de Portel.

Pacujutá

Dezenove leguas distante da cidade, em a costa oriental da ilha do Marajó, desagua o rio Pacujutá.

Padaviri

Na margem oriental do Rio Negro, cento e quinze leguas superior á sua entrada, desagua o rio Padaviri.

Panaivá

Cincoenta e tantas leguas distante da cidade, na margem septentrional do rio Paxaúaú, desagua o rio Panaivà.

Paracauari

Doze leguas distante da cidade, em a costa oriental da ilha do Marajó, desagua o rio Paracauari, a que o vulgo chama Igarapé Grande : a sua fóz é decorada da parte septentrional com a villa de Soure, e lugar de Mondim, e da parte occidental, com a villa de Salvaterra ; sendo as suas margens guarnecidas de muitas e abundantes fazendas de gado vaccum.

Paracuúba

Dezesete leguas distante da cidade, em a costa austral da ilha do Marajó, desagua o rio Paracuúba.

Parauaú

Quarenta leguas distante da cidade, parallelo e immediato a costa austral da ilha do Marajó, demora a boca do rio Parauaú.

Piriá

Setenta e tantas leguas distante da cidade, costa abaixo, desagua o rio Piriá ; dez leguas superior á sua entrada, se acha na margem oriental o lugar do dito nome.

Puruaná

Trinta e tantas leguas distante da cidade, em a margem occidental da bahia dos Bócas, desagua o rio Puruaná.

Pururé

Sessenta e tantas leguas distante da cidade, em a costa austral da ilha do Marajó, se encontra a boca do rio Pururé.

Purúz

Quatorze leguas superior á entrada do rio Solimões, se encontra na margem austral a barra do rio Purúz, que fica na latitude de 3°.e 50 austraes; tendo mais fóra d'esta boca quatro outras differentes, que desaguam, costa acima, até a enseada do Camará, que fica trinta e duas leguas superior á entrada do Solimões.

Quiyûni

Noventa leguas Rio Negro acima, desagua na margem austral, o rio Quiyûni.

Saracá

Duzentas e vinte e tantas leguas distante da cidade, em a

margem septentrional do rio das Amazonas, desagua o primeiro furo do lago Saracá.

Solimões

E' a continuação do rio das Amazonas, da altura da barra do Rio Negro para cima; fazendo a mudança da denominação,por ser alli confrontanteo gen tio appelidado Sorimões.

Surubiú

Cento e oitenta e duas leguas distante da cidade, se encontra na margem septentrional do rio das Amazonas, a primeira boca do rio Surubiú; quatro leguas por este rio dentro, se acha na margem occidental a villa de Alonquer.

Tafé

Oitenta e tantas leguas rio Solimões acima, se encontra na margem austral a boca do rio Tafé; subindo por elle a distancia de quasi duas leguas,se acha em um lago,situada a villa de Ega, e na margem opposta o lugar de Nogueira.

Tequié

Cento e noventa e tantas leguas Rio Negro acima, desagua na margem austral o rio Uaupé, ou Ucayari; e subindo por este vinte e tantas leguas, se encontra tambem na margem austral, a boca do rio Tequié.

Tocantins

Fica a sua barra em a latitude austral de 2°. e 16°., distante da capital, pelos seus versados caminhos, trinta leguas; e corre na direcção geral de N. S.

Toerê

Noventa e tantas leguas distante da cidade, em a costa septentrional do rio das Amazonas, desagua o rio Toeré; quatro ou cinco leguas por elle acima se acha na margem oriental a villa Arrayolos: tambem na margem occidental de um ramo d'este rio, chamado Aramucú, demora na distancia de trez leguas a villa de Espozende.

Tapajoz

Desagua na margem austral do rio das Amazonas, em a latitude de 2° e 25' a este pólo; fica distante da cidade cento e setenta leguas, vencidas pelas sinuosidades dos rios, que se vadeam; e corre na direcção geral de N. S. Nas margens d'este rio se acham as povoações de *Santarem*, *Alter do Chão*, *Villa Boim*, *Villa Franca*, *Aveiro*, e *Pinhél*.

Topinambaránas

Duzentas e tantas leguas distante da cidade, demora em a margem austral do rio das Amazonas, a primeira e inferior boca do rio, ou furo Topinambaránas, indo a segunda desaguar na mesma margem, cinco leguas superior; sendo a entrada d'este furo dentro do rio Madeira, de quem recebe quasi todo o seu cabedal.

Trombetas

Cento e setenta leguas distante da cidade, desagua na costa oriental do rio das Amazonas, o das Trombetas, quasi duas leguas superior á villa de Obidos.

Turiaçú

Noventa e tantas leguas distante da cidade, costa abaixo,

fica a barra do rio Turiaçú, que devide as duas capitanias, do Pará e Maranhão; subindo por este rio acima, se encontra o lugar de S. Francisco Xavier do Turiaçú.

Uacará

Quasi quatro leguas distante da cidade, desagua na margem oriental do Mojú, o rio Uacará.

Uayunani

Cento e trinta e tantas leguas Rio Negro acima, se encontra na margem austral a boca do rio Uayunani.

Uanapú

Sessenta e tantas leguas distante da cidade, e trez quartos superior á villa de Portel, desagua na margem austral do Aricorá, o rio Uanapú

Uaracá

Na margem septentrional do Rio Negro, e pouco acima de Barcellos, desagua o rio Uaracá.

Varanacuá, ou Yuuari

Cincoenta e tantas leguas, Rio Negro acima, fica na margem septentrional, defronte do lugar do Carvoeiro, a boca do rio Varanacuá.

Uarapiúm

Cento e setenta e tantas leguas distante da cidade, na margem occidental do rio Tapajóz, e pouco inferior a Villa Franca, desagua o rio Uarapiúm.

Varirá

Cem leguas Rio Negro acima, e quatro superior ao lugar de Moreira, desagua na margem austral o rio Varirá.

Uatuà

Dezeseis leguas distante da cidade, na costa austral da ilha do Marajó, desagua o rio Uatuá.

Uatumá

Duzentas e vinte leguas distante da cidade, na margem septentrional do rio das Amazonas, desagua o rio Uatumá.

Uaupé

Cento e noventa e cinco leguas Rio Negro acima, demora na margem austral a barra do rio Uaupé.

Uautáz

Duzentas e setenta e sete leguas distante da cidade, e quatro e meia superior á villa de Borba, desagua na margem oriental do rio Madeira, o rio Uautáz.

Uenevixi, ou Inuvixi

Na margem austral do Rio Negro, cento e setenta leguas acima da sua entrada, desagua o rio Uenevixi.

Uexié

Duzentas e quatro leguas Rio Negro acima, desagua na margem austral o rio Uexié.

Uireré

Cento e doze leguas Rio Negro acima, desagua na margem septentrional, o rio Uireré.

Unini

Cincoenta e cinco leguas superior á fóz do Rio Negro, demora na margem austral, a boca, ou entrada do rio Unini

Uruará

Cento e trinta e nove leguas distante da cidade, na margem austral do rio das Amazonas, desagua o rio, ou canal de Uruará, que tambem dá o nome áquella contigua costa

Urubú

Duzentas e quarenta e sete leguas distante da cidade, desagua no rio, ou furo de Aravató, o rio Urubú.

Urubucoára

Cento e cincoenta leguas distante da cidade, se acha na costa septentrional do rio das Amazonas, a boca do rio Urubucoára: oito leguas por este rio acima, está na margem septentrional, situado o lugar do Outeiro.

Xingú

Desagua na margem austral do rio das Amazonas, distante da capital, cem leguas andadas; e prossegue na direcção de N. S. N'este rio se acham as povoações de *Villarinho do Monte, Porto de Móz, Veiróz, Pombal, e Souzel.*

Supplemento

DE

Algumas mais cultivadas e ponderaveis passagens d'este Estado, que se acham fóra da ordem referida

Igarapé Mirim

E' uma angustiada passagem, ou estreito furo, que communica o rio Mojú com o Gannapú; fica 19 leguas distante da cidade, e são por elle obrigadas a passar todas as canôas que se dirigem ao sertão, e se não querem arriscar a ir por fóra da barra do rio Tocantins.

Pauxis

E' um rio ou canal, que desagua parallélo e immediato á margem occidental do rio das Amazonas, distante da cidade cento e sessenta leguas: todas as margens do Pauxis se acham guarnecidas dos melhores e mais persistentes cacoáes que se conhecem n'este Estado.

Bahia dos Bócas

Vinte e tantas leguas distante da cidade, principia a bahia dos Bócas; é quasi toda povoada de dispersas ilhas; chega ter em algumas partes, quatro leguas de largo, e tem de comprido muito mais de doze, correndo de L. E. a O. E.

Bahia do Limoeiro

Fica na margem occidental do rio Tocantins, immediata a sua fóz; tem trez leguas de largo, e dista da cidade trinta e duas e meia.

Bahia de Macapá

E' produzida do grande tronco do rio das Amazonas, na confluencia que fazem alguns seus feudatarios rios, circumvizinhos á praça de Macapá, na frente da qual, ella tem quasi cinco leguas de largo.

Bahia do Marajó

Fica cinco leguas distante, e ao norte da cidade; terá cinco leguas no seu mais estreito trajecto; indispensavel a quem do Estado quer passar à grande e florente ilha do Marajó.

Bahia do Marapatá

Fica na margem oriental, e junto à foz do rio Tocantins, trinta leguas distante da cidade; e tem de largo duas e meia.

Bahia de Santo Antonio

E' uma enseada soccorrida de alguns furos ou canaes, que fica trez leguas e meia distante da cidade, correndo costa abaixo: nas margens d'esta bahia, se acham alguns pequenos sitios.

Bahia do Sol

E' tambem uma enseada, que fica seis para sete leguas distante da cidade, correndo costa abaixo; é soccorrida de varios furos e rios; e demoram nas suas margens alguns sitios e engenhos de agua-ardente; além da villa Collares.

Bahia de Souzel

E' produzida da influencia que faz o rio Xingú, defronte da villa do mesmo nome, aonde tem quasi trez leguas de largo.

Bahia de Villa Franca

Fica nove leguas superior á entrada do rio Tapajóz; terá quatro leguas e meia de largo; e está na sua margem occidental, situada a dita villa, que lhe dà o nome.

Bahia do Vieira

Fica setenta leguas distante da cidade; é produzida do volume que o rio das Amazonas desagua pelo Anajaz, e Anajatúba; e terà quasi trez leguas de largo.

Bahia do Vieirinha

Distante da cidade, setenta e tantas leguas; terà trez quartos de largo, e é formada por um canal, que destaca o rio das Amazonas, na sua margem Austral.

Bahia do Curussá

E' a fóz do rio do mesmo nome, que fica distante da cidade, costa abaixo, vinte e duas leguas, e proseguindo avante até a capitania do Maranhão, que raia o rio, e bahia do Turi-uaçu, e dista da cidade, quasi cem leguas; entremeiam aquellas setenta leguas de costa, por ordem successiva, as vinte e cinco bahias seguintes:

Marapanim, Maracanã, Mirandúba, Igarupepó, Anayá, Pirduaçú, Yapirica, Quatipurú, Manutúba, Cayté, Ponga, Ginambuóca, Cupuambdba, Toquimbóque, Oapehú, Pirdtinga, Piraúna, Gurupi, Guirimba-mirim, Guirimba-uaçu, Tiria-mahúbá, Pirocdba, Maracdssumé, Carará, e Mutuóca,.

N. B. Todas estas bahias, que assim ordenadas se encontram costa abaixo, não são mais que umas enseadas, que alli tem formado a opposição, que o mar do

norte,ou Oceano Atlantico tem feito á varios Igarapés e rios, que por banharem e soccorrerem as ditas bahias, se lhes têm derivado as referidas denominações.

Tajepurú

E' um furo, ou canal, que destacando-se da margem austral do rio das Amazonas em a distancia de setenta e oito leguas da cidade, corre na direcção de L. E. S. E. a desaguar aquelle volume de aguas,que por alli expede o dito rio; dividindo-se mais notavelmente depois de algumas leguas, em o canal chamado Iaburú, que conflue no rio Paraúaú : no Muritiapina,que igualmente desagua no mesmo rio, pouco mais inferior: no principal tronco chamado Tájepurú-assú, que desagua junto a villa de Melgaço : e em outro pequeno chamado Tajepurú-mirim, que confluindo no furo conhecido pelo nome de Ayangú, vem desembocar junto á villa de Portel.

Havendo mais transversal a todos estes furos, um rio, o canal chamado Limão, que indispensavelmente devem atravessar as canôas, que vadeam este transito,

N. B. Este rio, ou canal do Limão, é um dos confluentes da *Bahia do Vieira*; e dos que mais notavelmente concorrem para a sua rapidez, e sinuoso curso.

NOTICIAS

DA

VOLUNTARIA REDUCÇÃO DE PAZ E AMIZADE

DA FEROZ NAÇÃO DO GENTIO MURA

NOS ANNOS DE 1784, 1785 E 1786

DO FURRIEL COMMANDANTE DO DESTACAMENTO DO LUGAR DE SANTO ANTONIO DO MARIPI, NO RIO JUPURÁ.

Illm. e Exm. Sr.—Dou parte a V. Ex. que sendo chamado á villa de Ega do primeiro commissario, e quando me recolhi para o destacamento achei a novidade que no dia, que contavam 3 de Julho, tinha o gentio *Mura* chegado a esta povoação ás dez horas do dia para as onze em termos de paz; occasião tal que só se achavam o padre vigario e um soldado, pois os dois mais que existiam se achavam em serviço fóra d'ella, e por participação do mesmo Sr. sobre as praticas que com elles tive, veiu no conhecimento mais dirigirem-se a conhecerem a força da povoação, e não ao intento que expressaram, pedindo facas e mais ferramentas precisas, de que resultou o mesmo vigario, temendo os barbaros, mandar pelos seus rapazes chamar o director da povoação, que se achava fóra na factura d'um casco de canôa; a este promptamente acudiu, como tambem os dois soldados, de que havendo conferencias, o vigario e o director consideraram por melhor de os deixar ir em paz, por ignorarem se a maior quantidade estavam occultos, como de facto assim era; estes eram cinco, todos elles fallavam bem a lingua geral, e confessaram serem uns de Maturá, outros de Ayrão,

pegados em pequenos, e que além d'elles haviam outros muitos mais, com a gente que ficaram occultos á espera d'estes em pouca distancia d'esta povoação,do que tudo resultou receberem-nos como pratica verdadeira, e leaes a esta povoação; pois protestaram de não fazerem mais mortes na gente d'ella, tanto assim exageraram que não querem ; pois actualmente viam os pescadores e todas as canôas que d'este lugar sahem, como tambem precaver-nos de que atràs d'elles vinha maior quantidade de mais *Muras* barbaros, que entre si não admittiam gente ladina de aldêas, a nada perdoavam, e a tudo o que topam matam : de que resultou o director brindal-os com 25 facas, 1 machado, 1 alqueire de farinha e 1 arpão ; só afim de ver, por estes meios,se abrandam estes crueis ingratos, de que mostravam irem satisfeitos, e tambem disseram que se iam refazer de tartarugas, e assolarem ao gentio que fica por este rio, e quando os destruissem, e elles acabassem as suas roças, promptamente voltavam, chegando a esta povoação com algumas tartarugas como remuneração do brinde que se lhes fez; e pelas conferencias que temos tido mais preferimos ser traição que outra qualquer cousa; pois na noite que se contavam seis do presente às 10 para as 11 horas da noite, pouco mais ou menos, foram vistos dois *Muras* pelos indios *Paués*, inferimos, e assim se póde julgar,virem reconhecer o numero das casas pela incerteza que tinham aquelles; os que foram vistos por conta que me deu o padre, eram 40 em dez embarcações ubàs e cascas de páo; n'estes termos e vistas as razões,não nos atrevemos a dar um passo que seja fóra d'esta povoação, e por esse motivo recorro a V. Ex. e aos Snrs. do governo, que me soccorram com alguns soldados, ao menos a completar o numero do destacamento. Deus guarde a preciosa pessoa de V. Ex. muitos annos. Maripi, 12 de Julho de 1784.—Illm. e Exm. Sr. João Pereira

Caldas.—Beija as mãos de V. Ex., seu mais humilde e obsequioso subdito.—*Manoel José Valladão.*

DO TENENTE-CORONEL PRIMEIRO COMMISSARIO DA QUARTA PARTIDA DE LIMITES, JOÃO BAPTISTA MARDEL.

Illm. e Exm. Sr.—As cartas inclusas, que não copiei por não haver tempo,e o portador,porão a V. Ex. na intelligencia do successo acontecido em Maripi. Deus guarde a V. Ex. muitos annos.—Ega, 14 de Julho de 1784.—Illm. e Exm. Sr. João Pereira Caldas.—*João Baptista Mardel.*

NOTE-SE.—Que as accusadas cartas,eram do commandante e do director d'aquelle lugar do Maripi. Semelhante na substancia a precedente participação do referido commandante.

PARA O SOBREDITO TENENTE-CORONEL, EM DATA DE 11 DE AGOSTO DO MESMO ANNO.

§ N'elle por agora (fallando do lugar do Maripi) se conservaram tambem demais quatro auxiliares, como em maior prevenção de algum insulto do gentio *Mura;* se é que não fôr sincera attenção que procurou persuadir de se reduzir a paz, e à nossa amizade, do que se póde desconfiar, não obstante tudo o que de bem póde permittir e facilitar a divina Providencia.

PARA O MESMO TENENTE-CORONEL EM DATA DE 23 DO SOBREDITO MEZ E ANNO.

§ Finalmente de outro officio de vossa mercê em data de 14, vejo o successo relatado a respeito de alguns indios *Muras,* que em figura de paz vieram ao lugar do Maripi; e como sobre isto já antecipei a vosss mercê proximamente

a precisa resposta, nada mais me resta dizer-lhe do que o restituir-lhe as proprias cartas, porque o director e o commandante do destacamento deram a vossa mercê essa parte, sendo semelhante a que tambem a mim me dirigiram.

NOTE-SE.—Que ao commandante se respondeu no mesmo tempo com referencia ao que se ordenou ao mencionado tenente-coronel.

DO DITO COMMANDANTE.

Illm. e Exm. Sr.—No dia que se contavam 12 do corrente pelas oito horas do dia appareceram n'este porto duas ubàs com quatro indios, que são os que servem de fallar a lingua aos *Muras*, e dizendo que os ditos estavam ahi perto que queriam vir a fallar, e trouxeram cinco tartarugas como presente, que fazia o principal, e umas poucas de raizes de salsa, cousa pouca; estivemos praticando que viessem e trouxessem as mulheres, para se lhe dar alguma cousa para ellas; e partiram para aonde estava o principal, seriam duas horas da tarde, com pacovas e alguma farinha e bejús, que déssem ao principal, e que n'outro dia que se contavam treze, que viessem como vieram, e chegaram a este porto seriam sete horas do dia, os quaes não consenti que viessem do porto para cima, senão o principal e os linguas, do que estivemos a conversar e ouvir o que dizia, e passado algum tempo mandei que fosse para casa do principal, para se lhe dar alguma causa de comer, e saber a derrota que indo d'aqui levava; disse que ia para o lago do Amaná a ver um irmão que por lá andava com outra gente, e para lhe dizer que tinha feito pazes com os brancos, que não fizesse mal a ninguem, e para o trazer a vir ter comnosco aqui, e procurando-lhe pelos outros que aqui tinham vindo da outra vez, deram por resposta que tinham ido pelos Pureos a dar

em outros seus inimigos; e por tardarem muito tempo e já se ter chegado o tempo que tinham ficado de vir ter com nosco, por essa causa não vinham todos, mas que logo haviam de vir atrás; não deram tempo certo, e procurando-lhe quando haviam vir de baixo, disse que não sabia se daria logo com os parentes, que dando com elles então é que havia de vir, disse-lhe como elle ia para baixo, se queria ir a fallar com o tenente-coronel, que havia gostar muito de o ver, e que lhe havia de dar muito; disse que sim, mais logo disse-lhe, que havia de mandar soldados com elle, mas em outra canôa; disse que elle andava mal disposto da barriga, que não andava capaz de andar com brancos, que quando elles viessem de baixo que havia de ir fallar com o tenente-coronel, que elle tambem o queria ver; a este principal acompanhavam 28 indios, 1 rapaz e 6 mulheres em 7 ubás, que é só os que aqui trouxe comsigo, os mais parece que ficaram de guarda ás mulheres, porque elles mesmo disseram que as mais mulheres não quizeram vir, porque tinham medo, e viram mais ubás que andavam á vigia pela outra banda, e as mulheres que aqui vieram, a cada uma se lhe deu um espelho, uma gargantilha, umas poucas de missangas; aos indios se lhe deu a cada um que aqui veiu uma faca, um birimbáo, tres anzoes, um bico de flexa, duas sararacas, e ao principal se lhe deu demais uma fouce para elle e tres machados e duas fouces para que elle désse a quem lhe parecesse, e dois paneiros de farinha.—Deus guarde a preciosa pessoa de V. Ex. muitos annos.—Maripi, 15 de Janeiro de 1785.—Illm. e Exm. Sr. João Pereira Caldas.—Beija as mãos de V. Ex. seu mais humilde e obsequioso subdito.—*Manoel José Valladão*, furriel e commandante.

Illm. e Exm. Sr.—Sem embargo na parte que dou a V. Ex. que o gentio *Mura* não se resolvia a ir ter com tenente

coronel senão quando viessem de baixo, e passados dois dias que d'aqui tinham partido, estando para despedir a parte pelas 3 horas da tarde chegaram segunda vez os linguas ao porto,dizendo da parte do principal,que senão tinha despedido para baixo, que elle que queria ir; mandei que viessem, chegaram com a familia toda, eram mais de 40 ubás, mas não foram todas á villa de Ega, porque o principal disse que o feminino não fossem com elle, e foram esperal-o ao lago de Amaná.

Deus guarde a preciosa pessoa de V. Ex. muitos annos.—Maripi, 16 de Janeiro de 1785.—Illm. e Exm. Sr. João Pereira Caldas.—Beija as mãos de V. Ex. seu mais humilde e obsequioso subdito—*Manoel José Valladão.*

DO REFERIDO TENENTE-CORONEL

Illm. e Exm. Sr.—No dia 18 do corrente apresentou-se n'este quartel o director do Maripi trazendo um principal *Mura*, e dez indios seus vassallos em que vinham tres linguas, um que foi rapaz da povoação de Carvoeiro e dois de Castro de Avellães, tendo deixado mais de cem pessoas fóra da boca que temeram entrar:

Fiz as mais efficazes praticas, premiei-os com o que mandarei em outra occasião dizer a V. Ex.; promettem paz e que sahirão; mas que agora iam por todos os parentes, que se acham por ambas as margens do Amazonas e Madeira, do mesmo acordo; Deus lhe ponha a virtude.

Sempre os adverti de que quando apparecessem a alguma canôa nossa se apresentassem sem armas, e dizendo:—Camarada Mathias, cuja advertencia tambem faço aos nossos que d'aqui vão e forem,para que lhes não atirem, e hajão de destruir uma obra que leva tão bom principio.

Deus guarde a V. Ex.—Ega, 22 de Janeiro de 1785.—Illm. e Exm. Sr. João Pereira Caldas.—*João Baptista Mardel.*

PARA O MESMO TENENTE-CORONEL

Acabando de accusar em outra carta todas as recebidas de vossa mercê com data de 22 de Janeiro, e tendo d'ellas respondido ás que comprehendia o primeiro maço, agora contiuuarei em fazel-o as do segundo, tratando unicamente n'esta sobre a noticia dos *Muras*,que vossa mercê me participa na que veiu marcada com o n. 1.

Vejo pois, em como um principal, acompanhado de não pequeno numero de pessoas, sahiu ao lugar do Maripi, no rio Jupurá, em desempenho da promessa, alguns mezes antes feita pelos do primeiro troço alli apparecidos; e vejo que o dito principal com parte dos seus indios, (havendo por medo deixado outra maior parte na boca d'esse lago) se resolveu de ir fallar a vossa mercê,e o que de opportunas praticas, e de o acariciar, vossa mercê com elle executou; o que tudo me deixa contente e muito satisfeito; porque não obstante, que desde logo não devamos dar inteiro credito ás promessas d'aquelles barbaros, e que por ora sobre elles e sobre alguns seus pretendidos enganos, nos devamos com prudencia e cautela regular; tambem não devemos duvidar da infinita misericordia de Deus, para que elle permitta se realize uma obra tanto da sua gloria, e tanto da sua piedade, em libertar a estes miseraveis povos de tão cruel flagello.

Em taes termos pois, se ahi tornarem,lhe continuará vossa mercê o mesmo agasalho, e toda a conveniente pratica que vossa mercê saberá bem intimar-lhes, propondo-lhes a principal felicidade que obterão em se reduzirem ao gremio da igreja, e a vassallagem da rainha nossa senhora,que

protege,e manda tratar os indios com a maior humanidade, ainda mesmo perdoando-lhes os seus insultos e delictos, como lhes póde constar se praticou com os do Rio Branco, e se tem semelhantemente praticado com outras muitas nações;sendo do tempo do meu governo na capitania do Piauhy tambem constante o que alli se obrou com a nação dos *Quegues*, de igual ferocidade, e que posto por differentes principios, como foi o da guerra que lhe dispuz, em execução das reaes ordens se reduziu, e estabeleceu com muita utilidade d'aquelles habitantes, e não menor interesse do serviço de Sua Magestade: e que emfim, de continuarem elles *Muras* nos insultos e excessos que têm praticado, só a sua ultima ruina podem esperar,uma vez que se tomar essa precisa e indispensavel resolução.

Será tambem conveniente que vossa mercê indague a sua força,as povoações que têm e em que sitios, para onde querem descer, e para que numero de povoações terão sufficiente porção de gente; sendo que a ser muita, nunca convirá que fique toda junta, ou as povoações muito vizinhas umas das outras, para lhes difficultar alguma futura sublevação, a qual melhor e desde logo se precaveria, se fosse possivel passal-os á algumas mais remotas situações da capitania do Pará; mas a isto não será provavelmente vencivel de os persuadir e capacitar.

Supposta a senha que elles deram de—Camarada Mathias —e de se apresentarem sem armas aos nossos viajantes, assim irão advertidos os que d'aqui sahirem, se bem que sempre precavidos, para que não experimentem alguma traição.

Deus guarde a vossa mercê.—Barcellos, em 4 de Fevereiro de 1785.—*João Pereira Caldas.*

NOTE-SE.—Que na mesma occasião se deu tambem resposta ao commandante do lugar do Maripi, advertindo-o de

que pelo sobredito tenente-coronel se lhe distribuiriam as correspondentes ordens.

Do mesmo tenente coronel

Illm. Exm. Sr.—Tendo participado a V. Ex. que em 17 de Janeiro do presente anno me veiu fallar com o director do Maripi um principal *Mura*, e o mais que com elle passei, agora vou dar a V. Ex. a gostosa noticia de que em 10 de Março veiu outro troço que acompanhava o dito principal, e tinha apparecido a primeira vez em Maripi, mas ao tempo que o principal veiu com a sua gente fallar-me,que foi o em que tinham promettido apparecer,não veiu este ultimo troço capitaneado por um indio por nome Ambrozio, por ter ido ao rio dos Pureos acabar, como dizem acabaram uma nação por ordem do sobredito principal.

Este indio Ambrozio que é de corpulenta e quasi gigantesca figura por ser mais alto, mais furnido, e musculoso do que eu, veiu em fim fallar-me trazendo em sua companhia a mulher que é *Mura* com quem se casou por seu modo no rio da Madeira, segundo me explicou, no lago dos Guatazes, aonde em dilatadas campanas tem o *Mura* grande poder, e por consequencia muitas roças de mandioca, milho, e outras fructas de que vivem com fartura, além da pesca de que os fornece o mesmo lago de peixe boi e tartarugas, com outros innumeraveis peixes.

Elle fallando mal a lingua geral, mas em tudo murificado até nos dois ossos como grandes dentes que trazem um no bico de baixo, e outro no de cima, pelo terem os *Muras* apanhado na povoação de Paraguari, e terem-no assim desfigurado a elle, uma irmã, que aqui trouxe comsigo pagã; por apanhada ainda pequena, mas fallando bem a lingua

geral com a mãi,que tambem veiu, e com elle foi apanhada, por nome Joanna.

Esta Joanna serviu de lingua, e entre todas as praticas que lhe fiz,ainda que não tão energicas como V. Ex. é servido instruir-me, me respondeu, que elle ia já dar principio á sua povoação no lago do Amaná em uma tapera aonde em outro tempo esteve a povoação de Alvarães, e que por causa do mesmo *Mura* se retirou ; sendo aliás as terras muito pingues, e o lago abundantissimo de pescado como as suas margens de salsa, de cacáo, e outras drogas, que fazem o commercio do Estado.

Que elle depois de dar principio á povoação que pretendia fazer grande, para o que já trazia um principal *Chumana* com parte da sua gente, toda corpolenta, e muito trabalhadores; devendo depois vir o resto que nas terras do Jupurá d'esta nação ficaram; pretendiam passar ao Juruá praticar o *Mura* d' aquelle rio, de quem elle era socio, e pôl-os de paz, reduzindo-os a fazer, ou no mesmo Juruá, descerem com elle a augmentar a povoação ou povoações no mesmo Amaná.

O principal *Chumana*, que separadamente pratiquei, me disse, que obrigado do medo que o sobredito Ambrozio lhe infundira descia, e pretendia estabelecer-se com elle; e que anticipadamente teria já descido para o Maripi, se o tivessem ido buscar por muitas vezes que o pediu,

Apresentou-se-me este troço do Ambrozio, e principal *Chumana* com dezenove pessoas adultas,e algumas crianças; entre aquellas vinham dois *Muras*, um cunhado do Ambrozio, e outro que supponho, como espia,que para a acompanhar teria deixado o primeiro principal que me appareceu e que pratiquei, e que tambem diz pretende no mesmo lago aonde tem muitos alliados *Muras* fazer a sua povoação, que se entendeu ser junto com o dito Ambrozio, depois que se

recolhesse de fazer aos mais *Muras* a pratica que já participei a V. Ex. no meu officio de Janeiro proximo passado.

D'este troço, como do primeiro, foram mais de cem almas em direitura para o Amaná, receiando vir á minha presença; mas conversaram e estiveram no Maripi, e no caminho com o director, a quem verdadeiramente se deve ser o instrumento de que Deus se serviu, e que espero fructificará esta grande obra, podendo-se dizer por este *revelasti parvulis etc.*

Ao director facilitei por m'o pedir o ir ao referido lago do Amaná a colheita da salça, tanto para o viatico da igreja do Maripi, como para vestir alguns indios novos d'aquella povoação, aos quaes só se têm dado, por não haver, parte do premio promettido, isto é o governo da capitania, no qual eu me achava quando se suppriu com o que havia.

Recommendei ao mesmo tempo ao referido director observasse, e visse o que o Ambrozio fazia, e de tudo me désse parte para o fazer assim a V. Ex., a cuja respeitavel presença incluo n'este a relação do que de premios d'este armazem da partida se distribuiu por ordem minha, como em as mesmas parcellas d'ella se declara.

Quando o Ambrozio me vier fallar, como prometteu, eu farei as interrogações que V. Ex. ordena, que (reflectidamente) não tinha feito por não dar suspeita a um homem que estava indicando na fereza com que se comportou; mas que se declinou muito quando viu liberalizar as peças que se lhe deram, acompanhadas das mais intimativas praticas, e que se parecerem excessivas as peças, estou prompto a pagar pelos meus soldos.

Das promessas que o primeiro principal *Mura* me fez, depraticar os mais de uma e outra margem do Amazonas, já se percebeu alguma utilidade (segundo me dizem, e que ainda não dou por certo), pois aportando algumas canôas

de pesca em uma praia, perceberam muitas canôas de gentio por detraz de uma ponta, e querendo fugir, elles desarmados correram a chamal-os, camarada, camarada, e com elles estiveram satisfeitos, e sem damno; não tendo tido tempo de me informar da verdade: quando a souber a certificarei a V. Ex.

Deus guarde a V. E., Ega, 15 de Março de 1775—Illm. Exm. Sr. João Pereira Caldas—*João Baptista Mardel.*

Relação do que se mandou dar do real armazem do deposito d'esta villa de Ega, por ordem do Sr. primeiro commissario d'esta quarta partida ao director do lugar de Santo Antonio de Maripi, Mathias Fernandes, para alli ser repartido por modo de premio, ao gentio Mura, que pretende habitar no dito lugar; como tambem do que receberam n'esta dita villa em presença do dito senhor, o seguinte.

POR ORDEM DE 15 DE JULHO DE 1784 SE REMETTEU AO DITO DIRECTOR O SEGUINTE

4 machados, 6 fouces, 4 chapéos pequenos, 3 duzias de facas, 30 gargantilhas, 10 maços de velorio sortido, 2 duzias de espelhos, 3 duzias de birimbáos, 250 anzoes brancos.

DO QUE RECEBERAM N'ESTA VILLA POR ORDEM DE 19 DE JANEIRO DE 1785

4 machados, 4 fouces, 2 ferros de cova, 12 facas, 12 trinchetes, 12 arpões de tartaruga, 24 bicos de flexas, 24 sararacas, 12 navalhas de barba, 25 varas de panno de algodão, 3 maços de velorio sortido, 1 enchò de canôa.

DA MESMA FÓRMA
POR ORDEM DE 10 DE MARÇO DO MESMO ANNO.

10 machados, 10 fouces, 16 facas, 18 trinchetes,37 bicos de flexas, 25 sararacas, 32 arpões de tartarugas, 7 cabeças de velorio, 4 cabeças de granadas brancas.

RECENCEAMENTO DE TODA A CONTA

Machados 18, fouces 20, ferros de cova 2, facas 64, trinchetes 30, panno de algodão varas 25, chapéos pequenos 4, espelhos 24, arpoens de tartaruga 44, bicos de flexas 61, sararacas 49, navalhas de barba 12,gargantilhas 30, birimbáos 3 duzias, anzoes brancos, 250, velorio sortido, maços 3, cabeças de granadas 4.

Ega, 11 de Março de 1785.—*Pedro José Pereira.*

Illm. Exm. Sr.—Sem embargo de senão verificar, mais que por umas leves noticias, o que participei a V. Ex. em 15 de Março terem os *Muras* praticado de paz com uns pescadores nossos, agora se me verificou caso identico pela parte inclusa.

Tendo tambem noticia certa de que o Ambrozio capitão do segundo troço principiára logo que foi d'aqui a roçar no Amaná de onde veiu com muitos dos seus trazer uma boa porção de tartarugas a um parente seu, que é meirinho na povoação de Nogueira, e onde se demoraram com danças, e com boa harmonia ; e não tenho certeza ao fazer d'esta, se já se foram outra vez.

Mandando a Alvaraens,tambem m'o participou vocalmente o director que lá se achavam tres indios, e duas indias *Muras*, que debaixo de paz foram áquella povoação ; como isto não é obra de um dia, Deus lhe ponha a virtude.

Deus guarde a V. Ex., Ega, 17 de Abril de 1785—Illm. Exm. Sr. João Pereira Caldas.—*João Baptista Mardel.*

Senhor tenente coronel primeiro commissario.—No dia 14 de Março chegaram á minha presença recolhidos de uma pescaria, os dois soldados auxiliares Caetano de Lira, e Agostinho de Carvalho, e um indio por nome Francisco, os quaes me disseram que indo andando pela margem do Solimões, que chamam Paricatuba encontraram cinco canôas de *Muras*, a que os ditos auxiliares e indio quizeram atirar: o que vendo os referidos *Muras*, logo sem pegar em arco e flexas, para a defesa, se levantaram, e em altas vozes gritaram —camarada Mathias—tenente coronel; e para maior signal, mostraram tambem uma camisa e um calção; vendo porém os referidos auxiliares, e indios ser aquella senha, que V. Mcê. em um officio me participou para eu instruir os moradores d'este lugar; logo aportando ao pé das canôas dos ditos *Muras*, com elles estiveram; e na despedida, forneceram aos ditos gentios, com alguma farinha; tornando a apartar, e sem que houvesse alguma novidade que puzesse em suspeita ao dito gentio.

Deus guarde a V. Mcê. Alvellos, 18 de Março de 1785—Director *Domingos de Macedo Ferreira.*

Illm. Exm. Sr.—De mais do que participo a V. Fx. na carta n. 4. accresce a noticia da carta inclusa que recebi juntamente ao fechar d'este sacco, e de que não deixei copia.

Deus guarde a V. Ex. Ega, 17 de Abril de 1785—Illm. Exm. Sr. João Pereira Caldas—*João Baptista Mardel.*

Senhor tenente coronel.—Tem os *Muras* roçado um bom roçado, e estão continuando a roçar mais para roças, além do que está roçado para lugar da povoação, e não topei cá o capataz dos *Muras* Ambrozio; disseram os *Chumanos* que

tinha ido para Nogueira ; V. Mcê. lá saberá se assim é ou não.

Cá recommendei aos meus indios que andam em diligencia de ajuntar alguma salsa, e jabotins, cujos têm apparecido só quatro, que são os que remetto.

O furriel me disse que havia dar parte a V. Mcê, da minha sahida e chegada, se V. Mce. poder dispensar, para se livrar o trabalho dos indios.

Deus guarde a V. Mcê. muitos annos, Lago do Amaná, 16 de Abril de 1785 — De V. Mcê. subdito venerador e criado —*Mathias Fernandes*.

PARA O MESMO TENENTE CORONEL.

De uma carta de V. Mce. datada de 15 de Março, n. 1., e de duas mais de 17 de Abril, n. 4 e 9, fico cabal e circumstanciadamente informado de quanto d'ahi felizmente se tem obrado, e tem de mais occorrido sobre as boas disposições de paz e amizade, que se continuam em observar no gentio *Mura* ; havendo já um troço d'este dado principio ao seu estabelecimento no vizinho lago Amaná, conforme presenciou, e o relata o director do Maripi Mathias Fernandes; e sendo por isso tanto mais a esperar o bom successo que desejamos, voltando eu a V. Mce. inclusa a propria carta do dito director.

Deus guarde a V. Mce. Barcellos, em 3 de Maio de 1785 —*João Pereira Caldas*.

DO MESMO TENENTE CORONEL, EM DATA DE 29 DE MAIO

Illm. Exm. Sr. —Ao officio nº. 2º. respondo com a referida participação nº. 2º. que na primeira carta aponto.

Illm. Exm. Sr. — Dizendo a V. Ex. na resposta n.º 2.º que em officio de participação diria a respeito de *Muras*,

agora vou participar a V. Ex. que chegando a Ega na tarde de 27 do passado 14 canôas de *Muras* com 61 almas, entre cincoenta indios, cinco mulheres, tres rapazes, e tres raparigas; o major segundo commissario me enviou a este lugar em duas das suas mesmas canôas os dois principaes, que capitaneavam aquelle troço, sendo um d'elles o primeiro, que me veiu fallar em Janeiro, e outro um novo, que comsigo trazia, e era *Mura* legitimo dos que habitam o rio do Purús; e que sendo bastante bem parecido, quanto permitte aquella vida selvagem em que andam, disseram tinha grande ascendencia sobre todos os outros, que habitam a margem meridional do Amazonas, e rios collateraes, que n'elle pela mesma margem desaguam.

Depois do primeiro principal me dar conta, de que em virtude da falla, que eu lhe tinha feito a primeira vez que me fallou vindo com o Mathias de Maripi, tinha passado a pratica de paz a todos os *Muras* da referida margem meridional até à sua foz, e que todos a tinham aceitado; que para provar a sua verdade me trazia aquelle principal novo, esperançando-me de trazer outros do rio da Madeira para onde se encaminhava a pôr aquelle gentio do mesmo acôrdo, como antecedentemente me tinha promettido.

O principal novo, que me participam fôra muito satisfeito do pequeno premio, que lhe mandei dar, e que consta da relação inclusa, e dos muitos presentes que differentes pessoas lhe fizeram, depois de deixar um rapaz ao alferes Francisco Xavier, diz que para se civilizar, partiu com toda a sua comitiva no dia 29, no qual indo ao quartel da minha residencia, e estando os empregados á mesa se lançou sem dizer nada, e arrebatou uma faca, colher, e garfo, e se foi sem dizer, nem querer dar ideia de mais nada, tendo-me promettido, que ia passar pratica ao gentio, que pelo centro e lagos habita d'esde o Purús até ao

Juruá de onde prometteu trazer-me um principal a estabelecer, de mesma forma que com elle, a paz.

No mesmo dia vinte e nove pela manhã quando em Ega se tratava de contemplar por ordem minha aquelles principaes, chegou a este lugar vindo do novo estabelecimento do Amaná pelo Puca, o capataz Ambrozio, que tinha aqui sua mãi pela ter deixado a curar-se, e é uma velha muito divirtida, que não faltava em ir á igreja a todas as obrigações e devoções do mais povo, e trazendo o dito Ambrozio comsigo todo o mulherio de que consta o seu troço (que não é máo signal), e entre o qual vem uma rapariga, que terá 15 annos apanhada da povoação de Carvoeiro n'esse rio, por nome Ignacia, o deixou ficar aqui emquanto por tres, até quatro dias, ia com todos os indios por este lago acima, diz, que matar porcos, e pescar tartarugas; tendo trazido d'estas para a casa, onde a mãi assiste, muita quantidade.

Diz o referido Ambrozio (o qual mostra bastante satisfação) que elle já mandára seu irmão com mais dois *Muras* levar a minha pratica aos que infestam esse Rio Negro, o qual elle estava por instantes esperando. Que já tinha tambem estabelecido a paz com o gentio da margem septentrional do Amazonas, e que tambem em regressando agora, pretendia ir acima ao rio Juruá, para da mesma fórma praticar o gentio d'aquelle rio, e ajuntar-se com o outro em que acima fallo, e descerem, trazendo-me principaes d'aquelles para eu lhes dizer o mesmo que a elle disse, no que elle estava certo, e que se fiava muito no que eu lhe promettia.

Para elle fundamentar mais esta confiança, me foi preciso entregar um rapaz, que elle Ambrozio, tendo-o na sua companhia, tinha deixado em Alvaraens em poder da mãi

em uma das vezes que me veiu fallar, debaixo de palavra de lh'o entregarem, mas vendo agora, que lh'o não queriam entregar, porque a mãi lutando entre as saudades, e amor do filho, com a palavra que tinha dado, fazia todos os esforços para que lhe ficasse, o que tinha já bastantemente desconfiado ao mesmo Ambrozio, e de alguma forma posto obstaculos á esta grande obra, pela nimia desconfiança d'estes barbaros, para evitar a qual, e pelas razões, que na cópia inclusa digo, mandei logo vir de Alvaraens aquelle rapaz, e entregar-lh'o. Deixo á christã e prudente reflexão de V. Ex. com que violencia seria, e como traspassado de magoa, consternado de dôr de ver uma desolada mãi nos transportes da maior dor e afflicção, por ver esta entrega forçosa, e indispensavelmente preciso pratical-a.

Esta acção, que parecerá cruel, mas que suppuz precisa para não destruir o que está principiado com grandes progressos, que creio a omnipotente mão de Deus vivifica, foi necessaria, não havendo razões que bastassem, de todas as de que uzei, para o accommodar, e deixar o rapaz, tanto por que escandalisado, e ficando de má fé, elle iria buscar aquelle rapaz, talvez entre rios de sangue; elle poria a todos os demais, que por praticas d'elle se pacificam, na mesma má fé, e emquanto se lhe não désse em cima, accender mais os furores de guerra sanguinolenta, que elles nos têm feito, e continuarem na horrorosa carniceria de que estavam de possè, pelo que me pareceu (talvez por uma moral errada, e não agradavel) ser melhor sacrificar um do que expôr á sacrificio tantos.

Depois d'esta, que eu chamo impia, mas necessaria entrega, ficou de tal forma satisfeito aquelle monstro, que ratificando as promessas feitas, deu todos os indicios da maior satisfação, tanto mais quanto elle fundamentava a sua disconfiança em que tirando-se-lhe este por ser de povoação,

se lhe tirariam os muitos, que são, ou foram tambem de povoações, e traz comsigo *muriſicados*

O principal *Chumana*, que já participei a V. Ex. o dito Ambrozio tinha trazido, e que com elle estão fundando no lago do Amaná, tambem n'esse dia 29 á tarde me veiu fallar, trazendo uma arroba de salsa, que mandei tomar Antonio Gonçalves, e pagar-lhe o importe de 4$000, em que foi avaliada, dando-lhe esse valor em generos, que o mesmo principal queria.

Este me diz e promette, que logo que acabar de plantar a grande roça que, sei tem feito, e as casas, pretende ir buscar os mais parentes, que deixou nas suas terras; mas como estas sejam no Içá, cuido muito, que não fallem com os hespanhões, e lhes recommendo venham a esta povoação fallar-me quando quizerem, ainda que temo o famoso preto Rojas, que sabendo-lhe bem a lingua, não vá ao Amaná, e faça alguma embrulhada; para evitar a qual pretendo mandar vir o director do Maripi, e dizer-lhe, que faça n'aquelle lago a maior e mais continuada assistencia, e que evite quanto poder a entrada do tal preto n'elle; isto é, emquanto V. Ex. não dá providencia mais acertada, e que certamente é precisa, por que são de temer as astucias d'aquelle famoso *argonauta*, e descobridor. E isto é o que tem dito, isto o que esperançam de que dou parte; o que será, o tempo o ira mostrando, e será bom que haja sempre toda a cautela, que eu não deixo de recommendar a todas as povoações e as canôas, que d'aqui despeço. O mais relativo a esta materia, se verá no supplemento junto.

Deus guarde a V. Ex. Nogueira, 1.° de Junho de 1785.— Illm.° e Exm.° Sr. João Pereira Caldas. — *João Baptista Mardel.*

Relação do que de panno, e mais generos se gastou d'este armazem real com os Muras vindos no dia 27 e mais dias seguintes.

26 varas de panno de algodão, 6 machados, 6 fouces, 48 trinchetes, 44 facas, 14 arpões de tartaruga, 36 sararacas, 2 arpões de peixe boi, 6 ditos de todo o peixe, 6 ditos de Tambaqui, 54 bicos de flexa, 200 anzóes brancos, 2 macinhos de velorio verde, 2 ditos de côr de ouro, 1 maço de granadas, 15 paneiros de farinha, gastos para comerem, e levarem.

Como V. Mcê. não entendeu o que lhe disse a respeito do rapaz, que os *Muras* ahi deixaram, ja o virá trazer aqui a este lugar de Nogueira para se entregar outra vez aos mesmos *Muras*, que estão bastantemente desconfiados; e não é razão, que por uma alma se percam tantas, que poderão vir para o gremio da igreja (mediante Deus); nem arrisquemos as vidas de tantos, contra quem estes mesmos *Muras* poderão conspirar por essa falta de palavra, que com elles se usa.

Deus guarde a V. Mcê. Nogueira, 28 de Maio de 1785.—João Baptista Mardel.—Sr. director do lugar de Alvaraens. —Por impedimento do secretario assignei.—*José Ferreira.*

SUPPLEMENTO Á CARTA ANTECEDENTE.

Querendo satisfazer quanto possivel, as ordens respeitaveis de V. Ex. a respeito de fazer as indagações precisas aos *Muras*, vou participar a V. Ex. as que fiz, tendo para isso a mais opportuna commodidade, e direi tambem alguma reflexão, que faço sobre esta gente; segurando com o maior respeito, que não é a minha tenção sirva de arbitrio mais do que na parte, ou partes, que a V. Ex. parecerem acertadas.

Indagando com individuação qual fosse a primeira, e principal habitação d'este gentio, me figuraram, que sendo o seu costume viverem de corso, tinham comtudo a sua assembléa geral na margem septentrional do Beni, em toda a extensão da parte d'aquelle rio, que corre com o nome de Madeira, sendo a paragem do seu maior ajuntamento no celebre lago, que quasi na fóz d'aquelle rio se encontra com o nome de Guatazes, o qual por um furo, ou furos se communica com o Solimões para baixo dos Purús na parte meridional do mesmo Solimões : Que sendo por aquella margem do Madeira o seu imperio, e antiga habitação, d'ella sahiram a diffundir-se, primeiro pelas margens do Madeira, e descendo á antiga povoação dos *Abacaxis*, mataram, e prisionaram muitas d'ella ; d'estes prisioneiros é um velho, que mostra ter 80 annos, já com a esgrenhada barba, e cabello todo branco,o gesto *murificado*; mas ainda muito agil, que vem em companhia do capataz Ambrozio, a titulo de seu cunhado : Que depois tendo sahido a algumas canôas, que viajavam aquelle rio, entraram a fazer presas e mortes, (creio trazem á memoria a primeira subida do sargento mór João de Sousa por aquelle rio para Matto-Grosso, em cuja occasião foi por elles atacado, como me contou, e com bastante vigor ; não havendo noticia de outro anterior, nem consta dos *Annaes* de Berredo) e que passando depois para o Solimões, principiaram a infestar aquelle rio, atravessando dos Guatazes já dito para o lago Piuinurí, na margem septentrional do Solimões) que é onde o principal agora vindo de novo diz quer fundar a sua povoação, e ahi mataram um *Mando* fugido do Rio Negro, que com outros se tinha feito capataz, e prisionaram todo o mulherío, e crianças, que em sua companhia tinha, entre as quaes apanharam a india velha, antes rapariga, por nome Joanna ; este filho por nome Ambrozio, de quem se tem tratado,

uma irmã mais,mamaluca) a qual fugindo aos ditos *Muras*, depois de tempo, veiu dar á esta povoação aonde se acha) que se tinham ausentado por queixas do missionario da povoação de Paraguari, com o pai marido da tal Joanna, e morto no choque, para aquelle lago Piuinurî: Que levado o tal Ambrozio para os Guatazes, e logo *murificado* com os dois ossos de Pirarucú, um no beiço de cima, e outro no de baixo, com elles se criou; e depois de casado a seu modo com uma *Mura*, com alguns fugiu cá para o lago do Amaná, quando Manoel Dias com os *Ariquenas* seus alliados fôra aos Guatazes dar n'aquelle gentio, em cuja occasião fizéra n'elles grande carnagem: Que crescendo elle Ambrozio, principiou com os *Muras* que com elle estavam a andar a corso, e a infestar o Jupurá, e toda aquella margem do Amazonas, até entrar no Rio Negro, aonde fizéra algumas presas, sendo a india Ignacia em que na carta fallo, uma das apanhadas na povoação de Carvoeiro, apezar dos muitos tiros, que lhe atiraram, e de muitas mortes, que elle mesmo confessa que fizéra nas roças, e circumvizinhanças d'aquella povoação, onde apanhou a dita Ignacia sendo ainda criança.

Estas noticias que com muito geito pude alcançar d'elle, da mãi, e de outros *Muras* em differentes conversas, me confirmou, especialmente esta ultima de Carvoeiro, um irmão ou primo, que o nomeado Ambrozio tem, e é meirinho n'este lugar de Nogueira, de quem tambem sube que não estando o tal Ambrozio em muito boa intelligencia com os *Muras* da outra margem do Amazonas, e são os que ultimamente vieram a Ega no dia 27 do passado, os ameaçava de que se com effeito quizessem enganar aos brancos, e não fazer povoação, elle pretendia dar-lhes guerra com os seus, e com os mais que são seus alliados.

Faço agora esta reflexão de que,sem embargo de se saber,

por confissão d'elle mesmo,ser um dos matadores, não devo de nenhuma forma apprehendel-o, o que me seria facil, ou matal-o, se d'ahi não resultasse a falta de palavra dada antes de se saber d'esta circumstancia,se com esta apprehenção ou morte não se destruisse a boa fé em que se pretende pôr os mais, para o que concorrerá muito este mesmo matador, se d'ahi podesse resultar cousa que fosse com utilidade, e não em prejuizo,como certamente é; por que escandalisado este, em quem se póde ter toda a esperança, se escandalisarão, e fugirão os mais para continuarem na mesma, ou peior carnagem ; perderemos um apoio, que nos ha de sustentar os fundamentos d'esta grande obra, e olhando com os olhos de politica, um homem, um guia, um pratico, que poderá facilitar a entrega dos mais, ou semear entre elles de tal forma a sizania, que se acabem uns aos outros, e nos seja mais facil extinguil-os, no que tenho cuidado pelo melhor modo, fomentando desde já entre elles alguma emulação, e ciume, ao mesmo tempo que com todos trato a maior amizade.

As utilidades que tenho percebido se poderão tirar d'esta gente, sendo a maior a de se augmentar o rebanho de Christo, e sendo grande a de se poder navegar com segurança por estes rios ; não menos me parece vantajosa a de termos outros tantos arcos, que podem prestar grande defensa ao Estado contra os inimigos externos, e ainda internos ; a de serem grandes bombeiros, pela grande pratica, que têm de cortarem matto, e transportar-se com facilidade de uma para outra parte, ainda por mar, pelo qual navegam com indizivel velocidade, como vi nos principaes, que me vieram fallar, e n'este Ambrozio, e os seus quando passaram este lago, aquelles recolhendo-se a Ega, e estes indo á caça em que já fallo na carta. Não menos me lembra que não sendo elles por agora de prestimo para

fazerem casas, roças, nem outros fundamentaes estabelecimentos, serão comtudo de grande utilidade para descobrirem as preciosidades que a sua ferocidade occultava, e fazem os principaes ramos do commercio do Estado.

Estas as noticias que tenho podido alcançar, ficando ao meu cuidado, em observancia das mesmas respeitaveis ordens de V. Ex. continuar com assidua diligencia em averiguar o mais que puder de confiança, ou desconfiança, como quem se interessa tanto em sustentar o meu credito, dando gosto a V. Ex., e sendo util á patria. Nogueira 1.° de Junho pe 1785.

P. S. A tal india Joanna, tendo prolificado com os *Muras* seus apprehensores, tem duas filhas *murificadas*, que sabem bem, por ensino da mãi, a lingua geral, e tem-na ensinado a muitos dos legitimos *Muras*, especialmente os maridos que o são, e andam com o referido Ambrozio seu cunhado, com a irmã de um dos quaes é elle casado a seu modo.

Illm.° e Exm.° Sr. — Creio bem não sem muito fundamento, que será de grande gosto para V. Ex. a noticia, que se comprova com a certidão junta, de se terem no dia 9 do presente baptizado 20 innocentes *Muras* do troço do capataz Ambrozio, o qual mesmo me fallou quando se vinha despedir para ir para o Amaná, para onde partiu no dia seguinte ao baptizado, tendo-se já voluntariamente baptizado em Maripi) como me disse o director que me veiu fallar para a recommendação em que já fallei a V. Ex. em officio do 1.° do presente, e na mesma data n. 2 de participações, e para effectuar a qual, e fazer provimento de Piracui lhe dei, por precisos, dois soldados) sete *Chumanas* innocentes, dos que estão com elle estabelecendo no dito lago, sem que eu, sem embargo de ser padrinho de 18 d'aquelles, e

de ter feito ao Ambrozio os obsequios possiveis, concorresse, nem pessoa alguma, para que o dito Ambrozio tomasse aquella resolução, a qual, creio certamente foi inspiração de Deus, por que o inimigo commum não quer cousa boa; e quando se não tivesse feito nada bom, esta só obra seria de muito merecimento para todos, e valeria bem o pouco que com elles se tem gasto, e no que eu cuido em ir com toda a economia.

Deus guarde a V. Ex. Nogueira, 24 de Junho de 1785.— Illm. e Exm. Sr. João Pereira Caldas. — *João Baptista Mardel.*

Fr. José de Santa Thereza Neves, religioso da ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo da antiga e regular observancia, e vigario interino d'esta igreja parochial de Nossa Senhora do Rozario d'este lugar de Nogueira; certifico que no dia 9 do mez de Junho d'este anno de 1785, n'esta dita igreja, baptizei solemnemente, e puz os santos oleos a vinte innocentes filhos de pais infieis, e todos de nação *Mura*; e por me ser pedido pelos pais dos ditos innocentes, que queriam seus filhos baptizados, e de desoito dos innocentes, foi padrinho o tenente coronel João Baptista Mardel; e por ser verdade passei a presente que assignei, e sendo necessario o juro in verbo sacerdotis. Lugar de Nogueira, 20 de Junho de 1785. — O vigario fr. *José de Santa Thereza Neves.*

PARA O MESMO TENENTE-CORONEL.

O que em carta, e supplemento do 1.° de Junho, n. 2, V. M.ce continuou em participar-me sobre o mais de boas disposições de paz e amizade que se havia passado com o gentio *Mura*, e sobre as curiosas noticias por V. Mcê. circumstanciadamente d'elle adquiridas, já eu tambem

com as copias d'aquelles papeis continuei em informar a S. Magestade; e sendo-me tudo muito estimavel, semelhantemente foi o relatado na outra posterior carta de V. M.ce que veiu marcada com o n. 5, e trouxe a data de 24 do mesmo passado mez, constando d'ella, e da certidão adjunta, haverem-se no lugar de Nogueira baptizado vinte innocentes d'aquella nação á pedido de seus pais, além dos sete *Chumanas*, que igual felicidade obtiveram na povoação do Maripi; louvando eu a V. M.ce muito pelo empenho, e desvelo com que se emprega e trabalha n'esta tão interessante obra do serviço de Deus, e da nossa augusta soberana; e esperando que assim prosiga em promover a mesma util reducção d'esses barbaros, e o seu estabelecimento, para que se possam conseguir os vantajosos e gloriosos fins desejados, e dos quaes a V. M.ce grande merecimento resulte.

A entrega do rapaz que V. M.ce deliberou, parece não só que foi necessaria, como indispensavel; e nem d'ella resultará consequencia prejudicial, se como se espera do Auxilio Divino, o novo estabelecimento do Amaná for prosperando, e lançando seguras raizes; para o que, e n'outro segundo estabelecimento promettido, é preciso que V. M.ce, conforme bem reflecte, procure pelos possiveis meios desviar o ingresso, o trato, e as praticas do preto hespanhol Rojas, fazendo, como determinou, que no Amaná assista o director do Maripi, acompanhado d'um, ou dois sujeitos, que V. M.ce lhe depute; fazendo que na ausencia do dito director, o substitua no Maripi o respectivo parocho, ou outra pessoa; e fazendo eleição de algum outro sujeito habil para o novo segundo esperançado estabelecimento; isto tudo em quanto pelo decurso do tempo, e conforme as cousas correrem, mais opportunas providencias se não determinarem: E tambem V. M.ce sabe, e bem compre-

hende, que quanto for possivel desviar esta gente de que os mais hespanhóes a communiquem, e obtenham a sua amizade, nos póde isso ser de muito proveito.

Deus guarde a V.Mcê.Barcellos, 16 de Julho de 1785.—*João Pereira Caldas.*

PARA O REFERIDO DIRECTOR DO LUGAR DE MARIPI MATHIAS FERNANDES, POR RESPOSTA A UMA SUA RECEBIDA CARTA QUE DO MESMO ESTABELECIMENTO DE MURAS VERSAVA.

Recebi a carta de vossa mercê, datada de 17 de Maio do corrente anno, e ficando na intelligencia de quanto n'ella me participa sobre a reducção de parte dos indios *Muras*, que tem principiado a estabelecer-se no lago do Amaná; isto me é muito estimavel, e que vossa mercê n'esta boa obra se tenha empregado com o zelo e desvelo de que plena e circumstanciadamente me acho informado pelo tenente-coronel João Baptista Mardel, esperando eu que, conforme o que agora determino ao dito tenente-coronel para encarregar a vossa mercê, assim com igual zelo e desvelo o procure executar, para que da utilidade que se seguir no augmento e segura conservação do referido estabelecimento se faça vossa mercê tanto mais merecedor da attenção que me requer, e que eu no que me fôr possivel de praticar em seu beneficio não faltarei em facilitar.

Deus guarde a vossa mercê. Barcellos, em 17 de Julho de 1785.—*João Pereira Caldas.*

DO REFERIDO TENENTE-CORONEL

Illm. e Exm. Sr.—Participo a V. Ex. que aquelles principaes *Muras*, que em data do 1.° de Junho proximo passado dei parte a V. Ex. tinham vindo á Ega, tornaram a apparecer no Amaná ao director Mathias, trazendo comsigo, diz o dito Mathias, para cima de cento e cincoenta al-

mas, sendo a maior parte indios, aos quaes persuadiu o mencionado director que pescassem tartarugas, o que com effeito fizeram, pescando mais de duzentas, as quaes transportou para Ega, vendendo a maior parte á fazenda real, e que mandei logo pagar para não desanimar aquelles barbaros, em facas, bicos de flexa e alguns velorios, com o que foram muito contentes.

Os principaes pretendiam, e mandaram-me dizer, que me queriam vir fallar com toda a comitiva ; mas como cá não cabe tanta gente, seria preciso dar-lhes novos premios, e vejo que não cuidam em fazer estabelecimento, mandei-lhes dizer pelos linguas, que me vieram fallar, que quando elles tivessem feito o seu estabelecimento, roçado e feito casas, que eu iria vêl-os e levar-lhes premios com que se contentassem ; prometteram ir já n'essa diligencia e levar pratica aos do Juruá, como tambem ao Madeira. Tambem constando-me que na margem meridional do Solimões tinham *Muras* flexado gente da Pedreira e de Poyares, perguntei-lhes com modo, mas com alguma severidade, « se elles nos andavam enganando, porquanto eu sabia que alguns dos seus, a titulo de paz, tinham flexado indios de povoações; » responderam que póde ser fossem uns, que, brigando com elles mesmos, fugiram e foram para a foz do Solimões; pelo que será preciso haver sempre toda a cautela, porque não sendo isto obra de um dia, pouco a pouco, com brandura e com rigor, poderão chegar ao ponto desejado. Não sendo pequena a vantagem termos da nossa parte o capataz Ambrozio, meu compadre, para nos facilitar fazer sobre elles mão baixa, quando se faça necessario e V. Ex. o entenda. O Imperio d'estes miseraveis é grande, composto de muitos de differente lingua, e muitos refugiados entre elles e apanhados das povoações, todos passando debaixo do nome de *Muras*, sendo estes refugiados os mais difficultosos

de sujeitar, e os que dissuadiram alguns a que não se submettam á paz, como andando á sua vontade entre elles e livres de remarem canôas e mais diligencias a que são nas povoações obrigados, e em que morrem em tanta quantidade, os quaes não deixarão de fazer bastante obstaculo; mas (mediante Deus) o tempo, o modo, as dadivas e o castigo, tudo sujeita.

Deus guarde a V. Ex. Nogueira, 26 de Julho de 1785. --Illm. e Exm. Sr. João Pereira Caldas.—*João Baptista Mardel.*

PARA O MESMO TENENTE-CORONEL

Outra carta de vossa mercê, n. 10, se reduz ao que vossa mercê novamente me informa sobre indios *Muras*, e sendo certo e prudente que convem haver sempre com elles cautela, fico entendendo o que vossa mercê a alguns principaes fez intimar sobre verificarem a execução da promessa dada para o seu estabelecimento, o qual será util e estimavel que emfim effectuem, e que, se não todos os individuos d'aquella nação e os outros com elles associados, se vão reduzindo á paz os que fôr possivel de ir adquirindo, para que pelo menos esses se aproveitem e façam menos oneroso o flagello de um maior numero d'aquelles barbaros.

Deus guarde a vossa mercê. Barcellos, em 23 de Agosto de 1785.—*João Pereira Caldas.*

DO MESMO TENENTE-CORONEL, EM DATA DE 20 DE AGOSTO DO REFERIDO ANNO DE 1785

Illm. e Exm. Sr.—A' carta n. 6, com uma de participação n. 5, respondo a V. Ex.

N. 5. Illm. e Exm. Sr.—Dizendo a V. Ex. na carta n. 3 que em uma de participação respondo á de n. 6 das que V. Ex. se dignou dirigir-me, tenho a honra de participar a V. Ex. que o estabelecimento do Amaná vai florescendo, e espero

(mediante Deus) deitará raizes que o inimigo commum não poderá seccar.

O capataz Ambrozio, que alli é o que figura de principal, e a quem todos os *Muras* têm o maior respeito, ha poucos dias me veiu fallar, trazendo e deixando lá muitos indios *Muras* com suas mulheres, que eu ainda não tinha visto, e elle foi conduzir das margens d'esse rio, aonde eu o tinha mandado para que eu os premiasse; mas, como ao mesmo tempo me trouxe quasi duas arrobas de salsa, mandei entrar esta no armazem, e do seu producto, avaliado por menos de 4$, attendendo á quebras, mandei se dessem aquelles premios, ficando assim menos onerosa a despeza á real fazenda, e elles contentes e animados a continuarem na extracção d'aquelle genero, que, á proporção que vier vindo, irei remettendo para essa provedoria, se assim agradar a V. Ex.

Deus guarde a V. Ex. Ega, 20 de Agosto de 1785.—Illm. e Exm. Sr. João Pereira Caldas.—*João Baptista Mardel.*

P. S. Já despedi o director de Maripi com todas as recommendações por V. Ex. feitas, e nomeei um morador de Alvaraens para o substituir.

Illm. e Exm. Sr.—Aqui me dão parte de que o Pantoja andára aos tiros com os *Muras*, querendo talvez verificar a tradição de outro Pantoja pôr este gentio de má fé com os brancos, aos quaes elles geralmente chamam Pantojas. Não digo que haja ainda n'elles muita confiança, mas que haja menos medo, e não atirar-lhes sem elles principiarem a atacar, pois que o modo d'elles poderem pouco a pouco ir-se domesticando é fallando a uma e outra canôa, e recebendo-os com agrado, diminuir-lhes a ferocidade. Elles cercaram a canôa do Evora, e porque este lhes não atirou, abordaram, conversaram, receberam alguma pequena dadiva e

brinde, e deixaram-n'o ir em paz; o mesmo quereriam fazer ao Pantoja, mas por Pantoja e por Mazombo, que tem natural aversão aos miseraveis indios, daria, talvez por medo, fogo n'estes Cains, que é como o tratam; e d'esta fórma atraza-se e talvez se difficulte uma obra que não é de dias, e para que é preciso concorrerem todos, pois é immenso o grande imperio d'estes barbaros.

Aqui me chegou um pescador, a quem depois de pago licenciei para ir a Alvellos, sua povoação, todo espavorido e trazendo-me a noticia de que o *Mura* lhe tinha tomado a canôa e morto o companheiro; chega-me logo outra noticia de que canôa, companheiro e tudo que estava n'ella se achava em Alvellos, e que o medo de vêr o gentio o fizéra fugir, como succedeu a um preto d'aquelle lugar, que vendo *Mura* largou a canôa e se metteu ao mato; o gentio a amarrou a um páo e foi-se naturalmente, sentindo de vêr que o não communicam, que os evitam e que não querem paz com elles. Ignacio Rodrigues sabe estes casos e póde contal-os a V. Ex.

Para provar que o gentio, a quem o Pantoja atirou, não vinha de guerra, basta que esse mesmo, depois, na praia dos Cudajás, abordaram uma canôa que tinha ido ao Pesqueiro levar a muda, e contaram ao cabo d'ella, a quem não fizéra mal, que um branco tinha andado aos tiros com elles; este troço infiro ser da Madeira, aonde me consta já levaram os principaes que aqui vieram a minha pratica, e o confirma a paz e socego com que, sem embargo de escandalisados, fallaram ao dito cabo.

Deus guarde a V. Ex. muitos annos. Ega, 20 de Agosto de 1785.—Illm. e Exm. Sr. João Pereira Caldas.—*João Baptista Mardel.*

PARA O MESMO TENENTE-CORONEL

Duas cartas de vossa mercê, com a mesma accusada data de 20 de Agosto, e com o ns. 5 e 16, se reduzem á continuação das noticias que vossa merçê me refere sobre indios *Muras*, e me é estimavel vêr na primeira que não só vai florescendo o novo estabelecimento do Amaná, como o que havia praticado o capataz Ambrozio em reunir parte d'aquelle gentio que vagava pelas margens d'este rio, e de ter n'essa occasião transportado a pequena porção de salsa que vossa mercê justamente lhe mandou pagar por conta da real fazenda, como assim em outras vezes póde praticar e fazer aqui encaminhar essas adquiridas porções.

Sobre o que contém a segunda chamei á minha presença o soldado Pedro Antonio de Oliveira Pantoja para o reprehender da facilidade com que principiou a atirar áquelles dos mesmos indios com que se encontrou; mas elle se me desculpou que havendo encontrado duas canoinhas dos ditos para baixo do rio Purús, chamando-os, não vindo e fugindo, se persuadira serem dos do referido rio, que tinha ouvido não queriam aceitar a paz, e que por isso se dispararam sobre elles dois tiros por dois dos soldados que o acompanhavam, sem que comtudo lhes fizessem damno.

Deus guarde a vossa mercê. Barcellos, em 16 de Setembro de 1785.—*João Pereira Caldas.*

DO SARGENTO ADMINISTRADOR DO PESQUEIRO REAL DO CALDEIRÃO, SITO POUCO SUPERIORMENTE A' BOCCA DO RIO SOLIMÕES.

Illm. e Exm. Sr.—Dou parte a V. Ex. que o primeiro commissario da quarta divisão de Ega o tenente-coronel João Baptista Mardel me remetteu uma carta para eu remetter

ao commandante da fortaleza, para este a enviar com brevidade a V. Ex., ao que dei logo execução sem demora.

Outrosim faço certo a V. Ex. ter chegado a este Pesqueiro um numero grande de gentio *Mura* no dia 27 do corrente, trazendo por lingua um indio por nome Antonio, já ancião, que o tal gentio aprisionára da povoação dos *Abacaxis* quando era no rio Madeira, e agora villa de Serpa.

O mesmo gentio nos seus artigos declara pelo mesmo lingua quererem se estabelecer na margem d'este rio Solimões, nas vizinhanças d'este Pesqueiro, deixando as suas habitações d'onde até agora viviam.

Segundo a minha pobreza os brindei como pude, segurando ao mesmo gentio de dar parte a V. Ex. da pretenção d'elles, segurando-lhes de que V. Ex. havia de estimar a noticia, e que tambem V. Ex. contribuiria com cousas que o capacitasse; e [illegible] parece que brevemente voltarão pela resolução de V. [illegible] e que haviam trazer o mulherio; termos em que V. Ex. mandará o que fôr servido.

Deus guar[illegible] a V. Ex. muitos annos. Pesqueiro do Caldeirão, 28 de Setembro de 1785. De V. Ex.—*Sebastião Pereira de Castro.*

RESPOSTA

A' noite passada recebi com a carta de vossa mercê as que ahi vieram ter do tenente-coronel João Baptista Mardel, e que da fortaleza da barra d'este rio se me expediram ultimamente pelo cadete seu commandante.

Da mesma carta de vossa mercê fico com muito gosto sabendo do troço de gentio *Mura*, que chegou a esse Pesqueiro em ar de paz, e que vossa mercê os tratasse na fórma que me participa.

Já adverti aos governadores interinos de mandarem a

vossa mercê alguma porção de facas, de anzoes e de outras miudezas, para vossa mercê amimar o dito gentio, caso ahi torne, como é bem a esperar, e irão tambem doze machados e doze fouces para principiarem o seu estabelecimento; mas, a quererem elles, seria melhor de se unirem ao do lago Amaná ou ao segundo que tambem já se acha principiado, persuadindo-os vossa mercê a isso, principalmente se não fôr grande porção de gente, capaz per si só de constituir outra separada povoação; porém a não quererem unir-se aos outros sobreditos, e quererem formar separada povoação, não se violentarão, e se lhes póde n'esses termos escolher por essa vizinhança paragem conveniente, como talvez seja a de Manacapurú ou outra que bem propria se possa descobrir, sendo de bom terreno elevado, proprio para roças, e que não tenha formigas, dirigindo vossa mercê o dito estabelecimento emquanto outra providencia se não der, e defendendo que por modo algum em nada se desgoste o mesmo gentio.

Deus guarde a vossa mercê. Barcellos, em 8 de Outubro de 1785. *João Pereira Caldas.*

DO MESMO ADMINISTRADOR

Illm. e Exm. Sr.—Participo a V. Ex. que fico entregue da carta que V. Ex. me dirigiu pelo soldado Lourenço da Costa Serra, ficando na intelligencia do que devo obrar respectivo ao estabelecimento do gentio *Mura*, do que da minha parte hei de fazer a diligencia a tiral-os do mato, procurando os meios de os introduzir ao gremio da igreja.

Segunda vez tornou maior numero de gentio a fallar-me n'este Pesqueiro, ficando comigo na pratica que lhe fiz voltarem em o mez de Novembro, ajustando-se no seu estabelecimento, do que farei aviso a V. Ex do que se passar.

Pelo provedor interino recebi os premios determinados por V. Ex. para o dito gentio, a saber: doze machados, doze fouces, sessenta facas, um milheiro de anzoes brancos, dez duzias de bicos de flexas e dez duzias de sararacas, faltando vir alguns maços de velorios para as mulheres do dito gentio ficarem mais contentes, do que e aqui se me offerece dizer a V. Fx.

Deus guarde a V. Ex. Pesqueiro Real do Caldeirão, 18 de Outubro de 1785. De V. Ex. humilde subdito.—*Sebastião Pereira de Castro.*

DO TENENTE-CORONEL JOÃO BAPTISTA MARDEL, EM DATA DE 2 DE NOVEMBRO DO MESMO ANNO DE 1785

Dou parte a V. Ex. que, chegando Mathias José Fernandes na data de hontem a esta villa, trouxe com o capataz Ambrozio um novo principal *Mura*, que, diz o mesmo Mathias, trazia cem almas, pouco mais ou menos; a este mandei dar alguns premios moderadamente, e ao Ambrozio, que trouxe uns canudos de salsa, de que agora vai entregue Miguel Soares, para repôr n'essa provedoria debaixo da ordem de V. Ex.: tambem lhe hei de dar o valor em alguma ferramenta, ou bagatelas que elle pedir, quando voltar de fazer umas canôas a que agora vai por este rio acima.

Devo dizer a V. Ex. que n'este armazem já não ha nada que dar de premios a estes gentios, nem para os mais que precisarem tirar alguma cousa á conta dos seus soldos, como são os soldados a quem não tem vindo pagamento.

Seria grande cousa se fosse possivel o vir Miguel Archanjo para complemento d'esta obra, pois não tenho aqui ninguem com a habilidade d'elle.

RESPOSTA

Concluindo finalmente a resposta a todas as recebidas cartas de vossa mercê, digo quanto á ultima que trouxe o n. 15, e que trata sobre indios *Muras*, que com gosto fico sabendo d'esse novo principal que a vossa mercê apresentou o director Mathias Fernandes, e de lhe ter este informado de virem juntamente mais cem almas, pouco mais ou menos, porque d'esta fórma se vai melhor esperaçando o progresso de tão feliz successo.

O soldado Miguel Soares entregou a pequena porção de salsa de que veiu encarregado; e quanto á falta em que se acha esse armazem de generos proprios para continuados mimos áquelle gentio, e para outros destinos, verei o que brevemente se póde remetter, sem embargo de não vir a relação da que se precisa e suas quantidades, segundo por vezes tenho advertido a vossa mercê.

O cabo d'esquadra Miguel Archanjo de Bittencourt, acha-se em semelhantes diligencias de reducção de indios no Rio Branco; e por agora senão póde escusar.

Deus guarde a vossa mercê.—Barcellos, em 26 de Novembro de 1785.—*João Pereira Caldas.*

DO SOBREDITO TENENTE-CORONEL, E NA DATA DE 13 DE DEZEMBRO DO MESMO ANNO

§ A respeito de *Muras* dou parte a V. Ex., ter no dia de hontem chegado a fallar-me outro principal, que me conduziu o capataz Ambrozio, e mais de 150 almas.

DO MESMO TENENTE-CORONEL

Illm. e Exm. Sr.—A carta inclusa é do director de Alvellos que confirma uma noticia que me deu Miguel Soares, e daria a V. Ex., de estar um principal *Mura* fundando povoação no Rio Mamiá, que toma o nome d'um lago assim

chamado, vizinho á boca onde por esta carta, creio ser e para onde encontrou o dito Miguel Soares n'esta viagem iam os *Muras* conduzindo muita maniba.

O principal deve ser, pelo lingua que falla a carta, o terceiro que me appareceu e a quem pratiquei fizesse alli estabelecimento. Pretendo agora animar e ordenar á aquelle director a que os vá vêr e os soccorra com a farinha que precisarem, tomando debaixo do seu cuidado o vigial-os como faz o director de Maripi aos de S. João Baptista, no Amaná, aonde por agora se continúa (graças a Deus) felizmente, e onde pretendo em estando isto mais socegado, chegar a ver o que ha, se agradar assim a V. Ex., o que em poucos dias se vencerá.

Deus guarde a V. Ex. muitos annos.—Ega, 31 de Dezembro de 1784.—Illm. e Exm. Sr. João Pereira Caldas.—*João Baptista Mardel.*

Sr. tenente-coronel.—Serve esta de dar parte a vossa mercê em como os dias passados vieram a este lugar uns indios *Muras* de um principal, que tem um cunhado que traz por lingua um indio do lugar de Carvoeiro chamado Antonio José; mandou-me dizer que lhe mandasse maniba e alguma farinha, que estava fazendo casas em o rio ou lago Mamiá, e que tinha um roçadinho para pacovas e algumas plantas, e tambem para alguma maniba; mandou-me dizer que mandasse dizer a vossa mercê, que n'aquella paragem estava fazendo casas, e eu perguntei ao ladino d'onde era, disse-me que era em uma tapéra pelo lago dentro, meio dia de viagem ; eu pretendo lá ir ver para dar parte a vossa mercê com certeza; este homem persegue-me por farinha; eu tenho gasto da minha e estes indios aldêanos tambem ; quero saber de vossa mercê se posso gastar da dos dizimos alguma, principalmente se lá for, que todos me cahem em

cima ; estes taes ladinos são os peiores: isto é, o que se me offerece dizer a vossa mercê,que mandará o que for servido.

Deus guarde a vossa mercê por muitos annos.—Alvellos, 21 de Dezembro de 1785.—De vossa mercê obediente subdito.—*Domingos de Macedo Ferreira.*

PARA O REFERIDO TENENTE-CORONEL EM DATA DE 6 DE MARÇO DE 1786

§ Na mesma carta me participa vossa mercê finalmente ter-lhe alli ido fallar outro principal *Mura*, conduzido pelo capataz Ambrozio, e com mais 150 almas, como muito estimo.

PARA O MESMO TENENTE-CORONEL

Na carta n. 16 me inclue vossa mercê uma do director do lugar de Alvellos, em que lhe dá parte de outro novo estabelecimento de *Muras*, que estão fundando dentro do rio Mamiá; o que sendo-me muito estimavel, me parece bem a resolução em que vossa mercê estava de encarregar ao mesmo director de vigiar sobre o dito novo estabelecimento, emquanto outra providencia se não póde dar.

Quanto ao bom successo com que vai prosperando o primeiro estabelecimento de S. João Baptista do Amaná, certeza é esta que me merece a maior estimação; e não terei duvida que vossa mercê passe a visital-o, se se persuadir, que da sua falta n'esse quartel não póde resultar nenhum inconveniente ao principal objecto do serviço de que se acha encarregado.

Vossa mercê me havia ha tempo dado parte do principio de outro estabelecimento no lago Peunuhirí; porém, como me não tornou a fallar mais em tal, cuido que elle não produziu effeito algum.

A referida carta n. 16, é a ultima das que vieram datadas do anno proximo precedente.

Deus guarde a vossa mercê.—Barcellos, em 6 de Março de 1786.—*João Pereira Caldas.*

PARA O MESMO TENENTE-CORONEL

O director do Maripi, escreveu a este governo interino as duas cartas inclusas, expondo n'ellas, a precisão de se mudar logo aquella povoação, e indicando a paragem que para esse fim considerava mais propria; porém para que n'isto se obre com todo o acerto e com adiantados pontos de vista ao que houver de determinar-se sobre demarcação, acho justo de encarregar a vossa mercê o exame e decisão d'esta pretenção, parecendo-me que a ser possivel, e haver terreno capaz, e com a precisa naturalidade para roças, conviria antes mudar a dita povoação mais para dentro, de fórma que ficasse fronteira á boca que o canal Anatiparaná faz no Jupurá, ou mais para cima, se bem defronte senão poder realisar; obrando vossa mercê n'este particular conforme o que achar mais util, sem maior inconveniente dos indios, nem descontentamento seu, para que desgostosos senão ausentem, e os percamos em uma ou em outra paragem.

E as sobreditas originaes cartas remetterá vossa mercê depois ao sargento-mór Domingos Franco de Carvalho, para na secretaria do referido governo se depositarem.

Muito conviria tambem, que junto a foz do rio Apaporis, e a ella o mais proximo que fosse possivel, se estabelecesse outra povoação; e já d'alli teve principio a dos infelizes *Carassis*, segundo a vossa mercê constará. Os *Curutús* poderiam talvez querer mudar-se e para baixo.

Deus guarde a vossa mercê.—Barcellos, em 27 de Janeiro de 1786.—*João Pereira Caldas.*

NOTE-SE.—Que como escusadas, senão transcrevem aqui as duas cartas acima mencionadas.

DO MESMO TENENTE-CORONEL

Illm. e Exm. Sr.—Em observancia da ordem de V. Ex. inserta na carta de 27 de Janeiro do presente, e recebida no dia 12 de Fevereiro, parti no dia 18 em uma igarité e sem fausto de bandeiras, por não fazer estrondo, ao Jupurá;e fazendo o exame por V. Ex. ordenado, achei que com effeito precisa aquella povoação mudar-se com brevidade, porque tendo cahido grandes lanços de terra de uma e outra parte immediata,o terreno em que ella se acha, tendo já tambem cahido grande parte, ameaça a ultima ruina uma grande racha que tem de um a outro extremo d'ella,de mais de dois palmos de largo.

Em virtude pois, da mesma ordem de V. Ex. procurei rio acima onde se podesse fundar com as circumstancias por V. Ex. indicadas; e na distancia (pela estimativa) de pouco mais de cinco leguas achei um terreno admiravel fronteiro ao Anatiparaná,cuja boca se avista bem por entre duas ilhas, na ponta de uma das quas se poderá, fazendo um pequeno roçado, fundar-se uma casa, guarita, reduto, ou o que parecer justo e necessario, e porque tambem feito o roçado na ponta dita, muito melhor se verá da nova povoação aquella boca. Tudo o que talvez comprehenderá V. Ex. melhor da informe e tosca planta que acompanha esta, inclusa no sacco, a qual fiz para facilitar a intelligencia do que digo, e não para ostentar de engenheiro, nem querer persuadir o que não sou, e que bem se deixa ver,

Andando mais acima, ainda que algum terreno se achava solido e bom não era çomtudo proprio, porque um intrincado de ilhas embaraçam a vista;por essa causa mandei, que n'aquella primeira que escolhi se roçasse, e quando de lá parti, por augmento da minha molestia, ja ficava o mato preciso abatido.

Por uns lagos que indica a planta, achei que se chegava ao Rio Negro, em pouco tempo.

Deus guarde a V. Ex. muitos annos.—Ega, 12 de Março de 1786.—Illm. e Exm. Sr. João Pereira Caldas.—*João Baptista Mardel.*

DO MESMO TENENTE CORONEL

Continuando o objecto da carta antecedente, vou participar a V. Ex., que achando por informação do director e outras pessoas, que a nova povoação de S. João Baptista do Amaná tinha no tempo da vasante difficultoso accesso, por seccar muito aquelle lago; de forma que as canôas ficam a uma distancia grande, e por causa do lodo ser muito molle, não haver modo de se poder ir áquella povoação; alem de n'esse tempo não ter aguas senão em muita distancia, acordei (se parecer justo a V. E.) que antes de se adiantar mais aquella fundação, e por outras muitas razões que a V. Ex. não deixarão de occorrer, se mudassem os *Muras* d'ella para o rio Jupurá, e para aquella tapéra para onde pretendia o director, se mudasse a de Maripi, a qual é chegada á boca do Jupurá, e fronteira á boca de um canal por onde o Solimões entrando quasi defronte de Fonte Boa vem ajuntar as suas aguas com as d'aquelle rio dando o nome de Aranapú.

Se fôr do agrado de V. Ex. eu desejarei saber com brevidade a sua approvação, para assim se executar; não tendo eu por agora mais que mandado dispôr os *Muras* até resolução de V. Ex.

Quanto aos *Curutús*, tendo elles, ha pouco tempo, vindo aqui, e informado que estavam fazendo a sua povoação sobre uma cachoeira do Apaporis, que eu equivocadamente ou mal informado, disse a V. Ex. ser nas Furnas; creio haverá

alguma difficuldade em descerem para onde estiveram os *Curassis*; porém se V. E. se dignar encarregar-me, mandando-me dar resgastes de panno e ferramenta, e mais quinquilharias, um padre e botica, eu vou estabelecer com descimentos quantas povoações V. Ex. intentar poderão ser do interesse de S. M., e terei n'esta diligencia (apezar de ser arriscada) a consolação de me vêr fóra de Ega, pois mais me valerá lidar com barbaros, do que com christãos intrigantes e desobedientes, que não reputam mais nada por valioso que terem os flatos de muito fidalgos, muito sabios e muito valentes, quando infelizmente nada d'isto têm senão na fantasia, para desordenar e perturbar quem só cuida em servir como deve a S. M.

Deus guarde a V. Ex. muitos annos, Ega, 12 de Março de 1786.—Illm. Exm. Sr. João Pereira Caldas. — *João Baptista Mardel.*

RESPOSTA

Chegando-me aqui na manhã de ante hontem, e na noite passada as cartas de V. Mce. datadas de 12 e 14 do mez corrente, eu as vou promptamente responder na maneira seguinte.

Da primeira, que trata sobre a pretendida mudança de lugar do Maripi,louvando muito o zelo com que V. Mce. se dispôz a ir por si mesmo fazer aquelle reconhecimento, me é igualmente estimavel, que a cousa de cinco leguas de distancia da antiga situação descobrisse V. Mcê. a outra tão propria, e na conveniente e desejada paragem fronteira á boca do Anatiparaná, que clarissimamente demostra o bem formalizado e explicado mappa,que V. Mcê. juntamente me remetteu, e do qual não menos vejo os lagos que d'aquella vizinhança facilitam communicação com este Rio Negro,

concordando isto com as informações que eu já tinha a esse respeito.

O principio pois que V. Mcê. logo fez dar ao dito novo estabelecimento, o mandará adiantar com actividade, deliberando para a sua regularidade e prompta conclusão, todas aquellas providencias que justas lhe parecerem.

Do ameaço que V. Mce. experimentou da sua molestia, estimarei lhe não resultasse maior inconveniente, e que logo se lhe desvanecesse.

Deus guarde a V. Mce., Barcellos, 24 de Março de 1786.— *João Pereira Caldas.*

Visto o que V. Mce. me expoem na sua segunda carta da incapacidade, e dos inconvenientes que se reconhecem no lugar do Amaná, em que se havia principiado o primeiro estabelecimento dos indios *Muras*, propondo-me para se mudarem, a situação da Tapéra, em que no rio Jupurá pretendia o director do Maripi de novo erigir aquella povoação; e advertindo bem as utilidades que d'essa mudança podem resultar, não só por conta de evitar os referidos inconvenientes, como pelo que se interessa de outros motivos politicos, não tenho duvida a que assim se execute; mas será precisa toda a prudencia e cautela, para que se não desgostem, e se façam desconfiar os ditos indios, estando-se bem certo n'isto antes que tal mudança se intente e determine; e podendo-se no caso d'ella, primeiro dispôr na nova situação os roçados, e outras precisas commodidades, para que menos seja a duvida e repugnancia d'aquelles barbaros.

Quanto aos *Curutûs* nada por ora se intentará, supposto o que V. Mce. me participa, ainda que a haver occasião de se praticarem, sempre conviria por cautela, prevenil-os de que mudem os seus estabelecimentos para a margem septen-

trional do Apaporis, se é que alguns tiverem e conservarem na meridional.

Deus guarde a V. Mce. Barcellos, em 24 de Março de 1786 —*João Pereira Caldas.*

DO SARGENTO ADMINISTRADOR DO PESQUEIRO REAL DO CALDEIRÃO

Illm. Exm. Sr.—Dou parte a V. Ex. que em o dia 25 de Dezembro de 1785 se ausentou o anspeçada Estevão de Almeida Faria do regimento da cidade, que se achava servindo n'este Pesqueiro por ordem de V. Ex., não sabendo eu o motivo da sua ausencia.

Outrosim o gentio *Mura* fôra ver a paragem aonde hão de fazer a sua povoação, ficando satisfeitos pela paragem ser boa ; elle dito tem vindo a este Pesqueiro varias vezes, porém tornam a voltar para as suas terras, fazendo seguro da sua determinação em tratar por todo este mez do seu estabelecimento,que Deus lhe ponha a virtude. O lingua anda em pratica aos mais gentios do rio da Madeira; sendo esta a causa da sua demora.

Eu requeri aos governadores interinos farinha para o estabelecimento do dito gentio, ao que me responderam requeresse a V. Ex. para esta providencia; pois digo a V. Ex. que é o genero em que o dito gentio, mais me atrama, como constará a V. Ex. das canoas da passagem, pois pedem a todos farinha, quando se encontram com ellas.

Deus guarde a V. Ex. por muitos annos. Pesqueiro Real do Caldeirão, 7 de Janeiro de 1786 —De V. Ex. humilde criado.—*Sebastião Pereira de Castro.*

DO MESMO ADMINISTRADOR

Illm. Exm. Sr.—Dou parte a V. Ex. em o dia 15 de Fevereiro de 1786 entrei com o estabelecimento do gentio *Mura* em Manacapurû,aonde eu fui, e determinei a paragem,

bom terreno em terras altas, e elles ficaram satisfeitos, deixando eu tres soldados em companhia do dito gentio com a recommendação de applicarem as casas e os roçados, tratando-os com amor, e augmentando-lhe o trabalho; ainda que elles ditos gentios são muito preguiçosos para o trabalho, porém é preciso paciencia para conservação d'elles. Por ora não posso dar conta a V. Ex. por miudeza dos indios, e indias e crianças; só faço certo a V. Ex. se acham duzentas e noventa almas, com esperanças de se recolher mais algum gentio, que Deus lhe ponha a virtude; e por emquanto lhe mandei fazer casas para commodo do dito gentio, com pouca segurança, para depois irem fazendo as suas casas divididas, conforme deve ser a povoação.

Remetto a V. Ex. uma carta do primeiro commissario castelhano, que deixou aqui um cabo de uma canôa do corrêeiro que ia para cidade.

Deus gnarde a V. Ex. por muitos annos. Pesqueiro do Caldeirão, hoje 24 de Março de 1786. — De V. Ex. subdito e criado.—*Sebastião Pereira de Castro.*

RESPOSTA

Tendo recebido as duas cartas de V. Mcê datadas de 7 de Janeiro e 24 de Março do anno corrente, não só da primeira fico certo de se haver d'esse Pesqueiro ausentado o anspeçada Estevão de Almeida, como informado pela mesma e pela segunda, de que continuando em virem os indios *Muras*, ultimamente no numero de duzentas e noventa almas se acham satisfeitas, principiando o seu estabelecimento na elegida e determinada situação de Manacapurú; e sendo-me esta noticia muito agradavel, torno a recommendar a V. Mcê o agasalho, e a paciencia que é preciso haver com esta gente, para que se não desgoste e desconfie,

voltando por esse motivo aos matos, e ao corso em que andava, e com que tanto damno causava aos vassallos de S. Magestade; tendo-se porém comtudo tambem cuidado em não haver por ora com a dita gente uma maior facilidade, ou confiança, para prudentemente se precaver alguma perfidia a que se possa animar.

Quanto á farinha pedida, já pelos governadores interinos se mandou remetter alguma, e se avisou a V. Mercê como se devia distribuir.

E quanta a carta do primeiro commissario hespanhol, que ahi deixou a canôa, que ia para a cidade, fico d'ella entregue.

Deus guarde a V. Mcê Barcellos, em 4 de Abril de 1786— *João Pereira Caldas.*

DO TENENTE-CORONEL JOÃO BAPTISTA MARDEL.

Para que V. Ex. veja verificado o que disse a V. Ex. e se digna fallar-me no 1.° § da carta n. 9, incluo a carta do director de Alvellos. Os *Muras* em que elle falla, aqui se acham agora: são dos segundos que me appareceram, e foram premiados; mas vindo de novo pedir-me alguma ferramenta, e constando-me que com effeito estão fundando, supposto não terem estes trazido genero algum, sempre sou precisado dar-lhes alguma da que pedem.

A fundação do Piuhinuri em que eu tinha escripto a V. Ex., e agora se digna dizer me no 3.° § da mesma carta não tendo tornado a fallar; vou segurar a V. Ex. que uns de outros *Muras* me disseram, que iam lá fazer povoação; mas nem tenho tido mais certeza que uma leve noticia de que com effeito lá estavam; e não tenho podido mandar o Mathias ver o que está feito, por não o poder separar de outras diligencias; porém brevemente mandarei (se ainda eu aqui estiver) saber o que ha, e participar a

V. Ex. que Deus guarde muitos annos. Ega, 6 de Abril de 1786.— Illm. Exm. Sr. João Pereira Caldas.— *João Baptista Mardel.*

Senhor tenente coronel.—Aqui chegou o principal dos *Muras*, e me pediu que escrevesse a Vossa Mercê, e que désse parte da sua situação na forma que estava, pois eu a tinha visto; não ha duvida que tem o seu lugar no lago de Mamiá,meio dia de viagem,em uma muito bôa paragem, na qual tem quatro casas, tres das ditas bastantemente grandes cobertas de obim em muito bôa ordem, d'onde tem bastante milho, e seu principio de roça de maniba; eu os tenho soccorrido com farinha, na forma de sua ordem; os ditos estão contentes ao que me parece, Deus os conserve: a gente já anda mais descansada.

Sobre tudo Deus guarde a importante vida de Vossa Mercê por muitos annos. Alvellos, a 27 de Março de 1786. —De Vossa Mercê servo criado subdito.—*Domingos de Macedo Ferreira.*

RESPOSTA

A' uma das já accusadas e recebidas cartas de Vossa Mercê em data de 6 do mez corrente, me deixa certo do que Vossa Mercê novamente me informa sobre o principiado estabelecimento dos *Muras*, no lago Mamiá; e visto que a Vossa Mercê tenho ordenado de vir a minha presença, lhe determino tambem, que tomando de passagem o lugar de Alvellos, com aquelle director se encaminhe ao dito novo estabelecimento, para que vendo-o e examinando-o, não só anime, e amime os seus habitantes; mas advirta ao referido director quanto a bem do melhor arranjamento do mesmo estabelecimento parecer a Vossa Mercê util e conveniente; e praticando Vossa Mercê semelhante exame quanto ao outro novo estabelecimento do mesmo gentio *Mura*, que se acha

principiado no sitio de Manacapurú, junto ao Pesqueiro Real do Caldeirão, para iguaes advertencias fazer o respectivo administrador, e para de tudo assim me informar, logo que Vossa Mercê a esta villa chegar.

Sobre o outro estabelecimento do Amaná, ou alli fique, ou haja de passar para dentro do Jupurá, deixará Vossa Mercê as maiores recommendações ao sargento mór, segundo commissario.

E emfim virá Vossa Mercê desenganado da duvida em que me diz persistia sobre o outro supposto estabelecimento do Piuhinuri, para do mesmo modo d'isso me informar.

Deus guarde a Vossa Mercê. Barcellos, 24 de Abril de 1786.

P. S. Sendo possivel de averiguar, desejarei saber que numero de homens, de mulheres, rapazes, raparigas, e crianças comprehende ao certo cada um dos referidos estabelecimentos, incluido o do Amaná, como o primeiro e principal de todos.—*João Pereira Caldas.*

Exame dos novos estabelecimentos dos Muras, que por ordem de V. Ex. de 25 de Abril em carta n. 2. fiz, e é o que consta na seguinte narração.

MAMIÁ

Quatro casas muito bôas, quanto possivel, em que se recolhem.

Indios.	60	
Mulheres.	59	
Rapazes	30	Entrando crianças
Raparigas	35	

Achavam-se fora 64 almas, entrando adultos, innocentes, segundo a conta que me deu o director Macedo, e segundo a que eu pude alcançar d'elles, que não havendo ahi lingua

por estar fóra, tive minha difficuldade em os perceber; mas é conta que confere com a que o mesmo director me dá de 250 almas, que é o casco com que se principiou aquelle estabelecimento.

A este numero se têm vindo ajuntar e voltado muitos outros das campinas do Madeira, para onde tem facil communicação e aonde vão sahir subindo pouco o mesmo Mamiá; os quaes indios deram esperança de vir estabelecer-se n'esta povoação: esperança que já me tinha dado um dos mesmos do Madeira, que com o principal do Mamiá me tinha ido fallar a Ega. Esperança (outra vez digo) que agora me tornaram a ratificar alguns d'estes mesmos indios que alli se achavam, e que tinham chegado d'aquellas campinas, trazendo a noticia de que o (*Mudurucú*) tinha feito entre os parentes d'aquelle domicilio horrivel carnagem, e que tambem por essa causa se queriam alli estabelecer.

E' a povoação do Mamiá situada em um terreno alto, distante da boca do rio d'aquelle nome, que conflue sobre o Amazonas seis leguas, pela estimativa; o qual rio subindo-se duas horas de viagem principia a alargar, de fórma que figura um grande lago, na margem boreal do qual está aquella povoação em uma ponta de terra firme, aonde tendo os novos povoadores umas pequenas roças, que já desmancharam e replantaram de milho, todas vizinhas ás casas; tem tambem além de suas fructeiras já plantadas, em alguma (mas pouca) distancia um grande roçado para plantar maniba, que já tem principiado a conduzir do lugar de Alvellcs, que não lhe ficando distante pelo Amazonas acima, fica-lhes por um igarapé que está logo abaixo da povoação, e d'elle por um pequeno trajecto muito perto. Farei se agradar a V. Ex., ainda que informemente a planta d'aquelle rio, lago e povoação, para me fazer perceber melhor, conforme o que observei e que alcancei de noticias.

MANACAPURU'

N'este não pude examinar distinctamente o numero de almas, quantos de cada um dos sexos e idade; porque tendo a maior parte, ou quasi todos ido precipitadamente, poucos dias antes, acudir ás mulheres, que ainda tinham nas campinas e habitação dos *Guatazes*,aonde tiveram noticia lhes tinha dado,ou os *Mudurucús* ou os *Jumas*,ou ambas estas nações juntas, porque de ambas acharam os effeitos, estes comedo e aquelles degolando,o que não é commum nos barbaros d'estas duas nações; por essa causa não pude fazer a numeração dos individuos d'este novo estabelecimento; mas assegura-me o sargento-administrador constar demais de 300 almas, sendo só as que achei 54, a maior parte crianças.

Está esta povoação, que tem dez ranchos,ainda não completamente casas, mas que reparam sufficientemente do tempo, situada na margem septentrional do Amazonas para cima do Pesqueiro do Caldeirão, estimativamente sete leguas; e n'elle faz a maior assistencia aquelle administrador, tanto porque lhe fica o lago em que se pesca mais proximo, como porque estando com mais communicação com os novos povoadores, observa melhor os seus movimentos, promove melhor ao adiantamento d'aquelle estabelecimento, e assim se civilizam mais; pontos de vista que persuadi tanto a este sargento, como áquelle director serem os em que mais se deviam interessar, e não menos em os tratar com affabilidade, com brandura;e disfarçando com prudencia por agora alguma grosseria e passo errado que derem. Esta mesma pratica tem o director do Maripi Mathias Fernandes, e assim tambem a de reduzir os novos colonos do Amaná a mudarem-se para o Jupurá, no que creio elles estão concordes,

pelo desgosto com que se acham d'aquella situação, que elles mesmos tinham escolhido.

AMANÁ

Não podendo eu dizer ao certo o numero de almas que terá, já ordenei á aquelle director o examinasse com a individuação por V. Ex. ordenada, e que désse parte ao sargento-mór 2° commissario, para este a dar a V. Ex. como o instrui. Infiro porém que foram mais de 200 almas, incluindo os *Chumanas* que estão com elles, e além de um grande troço do *Jurud*, aonde eu mandei pratica, e tinham vindo com o principal meu emissario, que os foi praticar em direitura ao Amaná, de onde ainda me não tinham vindo fallar, por se estarem restabelecendo das sezões com que todos vieram, como este mesmo principal me mandou dizer.

DO PIURÌNI.

O estabelecimento que eu equivocadamente tinha dito a V. Ex. chamar-se Piuhinuri, no meu supplemento da data do 1° de Junho de 85, e que me prometteu um principal novo *Mura* que foi a Nogueira fallar-me, conduzido pelo primeiro que me appareceu com o Mathias, e disse a V. Ex. em carta da mesma data e mez, pretendia ir fundar no lago Piuhinuri, é o que achei agora ter-se estabelecido no Mamiá; e supposto elle me fosse fallar a Ega, já depois de estar alli fundando, como participei a V. Ex. em data de Dezembro de 85, tão desfigurado ia, que não o conheci pelo que me fallou em Nogueira, e só por um, que com outros dos muitos que me tem vindo fallar, eu tinha praticado para fundar no Mamiá, tendo-lhe conhecido n'essa occasião inclinação a este lugar, e não me lembrando que lhe tinha encarregado o tal estabelecimento do referido Piuhinuri, ver-

dadeiramente Piurini. Agora que conheci ser o referido principal o encarregado d'aquella nova colonia, fico desvanecido de que haja lá o estabelecimento esperançado, salvo se o irmão do Ambrozio fôr o que com o seu troço là tenha ido fundar, como tambem lhe recommendei, por ser aquelle lago a sua antiga habitação, assim como era o Mamiá a do principal em questão, e que alli estabelecido se achava, o que não deixa de ter alguma probabilidade, porque o tal irmão do Ambrozio me disse e tem dito ao Mathias, que estava roçando n'aquella paragem, depois que levou a minha pratica aos que d'aquella nação vagavam e infestavam o Rio Negro, do que informará melhor o mesmo Mathias, agora que desembaraçado de outras diligencias deverá lá ir como eu lhe tinha ordenado.

E' o lago Piurini, um de tres grandes lagos, que correm parallelos ao Rio Negro; communicados de uns nos outros; o primeiro, o famoso lago dos Cudajás por onde se entra para os outros, e tem a sua foz na margem septentrional do Amazonas aonde desagua. O segundo, o lago Piurini de que se trata, e desagua no primeiro. O terceiro, o lago Achequiuini, do qual por um trajecto se communica com o lago Maraá, o qual desagua no Jupurá, e de que já dei parte a V. Ex., e por differentes trajectos tanto d'este ultimo Achequiuini, como dos outros se passa ao Rio Negro até ás povoações de Ayrão para cima.

Despeza feita com os Muras dos dois estabelecimentos

10 alqueires de farinha, 4 duzias de facas, 2 ditas de arpões de todo o peixe, 2 ditas ditos de tartarugas, 6 ditas de sararacas, 2 cabeças de missangas, 1 milheiro de anzoes brancos, 4 frascos de agua ardente de canna.—*João Baptista Mardel.*

PARA O SARGENTO MÓR SEGUNDO COMMISSARIO DA QUARTA PARTIDA PORTUGUEZA, HENRIQUE JOÃO WILKENS, ACHANDO-SE COMMANDANDO O QUARTEL DA VILLA DA EGA.

Acho conveniente remetter a vossa mercê a copia inclusa da ordenada informação,que me apresentou aqui o tenente-coronel João Baptista Mardel, em effeito do exame, e das disposições que praticou a respeito dos novos estabelecimentos dos indios *Muras;* para que vossa mercê em vista do conteúdo na dita informação, as suas me possa continuar do que mais fôr occorrendo sobre os dois dos mesmos estabelecimentos do Amaná e Mamiá, como situações que ficam em maior vizinhança d'esse quartel, e assim em mais commodidade de d'elle se soccorrerem, e do preciso se providenciarem; promovendo vossa mercê tambem a proposta, e consentida a mudança dos habitantes do Amaná para o elegido lugar do Jupurá, pelo prudente e suave modo que tenho advertido, e muito torno a recommendar.

Deus guarde a vossa mercê. Barcellos, em 20 de Junho de 1786.—*João Pereira Caldas.*

DO COMMANDANTE DO REGISTO DA VILLA DE BORBA

Illm. e Exm. Sr.—Pelo director de Serpa, fui entregue da carta de V. Ex. com a data de 21 de Março do corrente anno, e do pequeno sacco de papeis que V. Ex. pelo mesmo me enviou, para ser remettido ao Exm. Sr. general do Mato-Grosso.

Até ao presente tempo ainda aqui não chegaram canôas d'aquella capitania, nem do Pará tambem para subirem.

Participo a V. Ex. em como mandando eu uma canôa minha a boca do rio Guatazes,a gente que n'ella ia se toparam com o gentio *Mura*, e lhe fallaram sem lhe fazer mal,antes

lhe mostraram muito agrado, e lhe disseram que queriam fallar commigo, e que logo cá vinham.

Em 21 de Abril, seriam tres horas da madrugada chegaram aqui duas cascas de páo com sete indios e uma mulher, entre elles vinha um sobrinho de um dos principaes, e me disse, que o principal queria vir para ser meu camarada; eu lhe disse que viesse, e logo lhe dei algumas cousas e se foram embora.

Em 6 do mez proximo passado de Maio, vieram dois principaes, um de nação *Erury* e outro de nação *Jarauary*, trouxeram 78 indios de arco, 9 mulheres e 8 crianças, e me disseram que os *Mudurucús* lhe tinham morto muitas mulheres e alguns homens, e tinham vindo com a sua gente para o dito rio Guatazes; aqui estiveram um dia e uma noite, até ao outro dia, dansaram muito e os principaes muito contentes e juntamente os mais indios; tambem lhes fiz o bem que pude para os contentar, e lhes prometti de os ir lá visitar; n'esta occasião me entregáram um indio d'esta villa, que tinham apanhado no tempo do tenente, jà fallecido, Francisco Borja, o qual indio aqui se conserva.

Em 16 do mesmo mez de Maio veiu uma casca com quatro indios a trazer uma india d'esta villa, que havia trinta annos a tinham apanhado; esta veiu doente, e me mandou dizer o principal que se vivesse a conservasse cá, e se morresse que vinha para a enterrar na sua terra, a qual falleceu, mas se confessou primeiro.

Em 25 do dito mez parti para d'onde se acham os referidos principaes, e lá estive uma noite até ao outro dia ao jantar, e então lhe vi a maior parte da sua gente, que os desejei contar, mas o não fiz pelos não pôr em desconfiança; porém perguntei ao principal Erury, que é quem governa a todos, que gente teria, e me disse que tinha quatrocentas, perto de quinhentas pessoas, o que não duvido,

pois vi muitos, e na pesca tinha trinta e tantas cascas de páo com muita gente; lá os pratiquei o melhor que pude a que fizessem a sua povoação mais perto, e agora ficam a querer dar-lhe principio d'aqui meio dia de viagem pelo rio acima; e defronte do lago d'onde estão já têm feito suas roças muito boas com as ferramentas que lhes tenho dado. O ferreiro d'esta villa, com dois aprendizes, não fazem mais que trabalharem para elles; mas fouces e machados é que não fazem, e facões tambem lhes custa; eu lhe tenho dado a ferramenta que possuia e o mais que a V. Ex. será constante algum dia, tudo afim de os agradar, por aqui ter noticia de quanto V. Ex. os estima; e assim se a V. Ex. lhe parecer mandar que se me empreste do armazem real, para eu mandar vir outras, algumas fouces, machados e facões, com algumas missangas, por ser cousa que eu não posso supprir agora para se lhe dar, afim de elles continuarem com mais efficacia na factura das suas roças: as mais cousas de que elles precisam pertencente á ferragem suppre o ferreiro d'aqui.

N'esta mesma occasião em que lá fui lhe disse que tinha licença para ir á cidade, que foi de que não gostaram, e, supposto eu ter participado a V. Ex. que havia d'aqui sahir em o mez passado de Maio, o não fiz, não só por respeito do gentio, como por não terem subido as canôas para Mato-Grosso, porquanto os sacos e o mais que V. Ex. me enviou o não entrego senão a quem os ha de levar; só sim com determinação de V. Ex.

Em o 1° do corrente mez vieram outra vez os dois principaes, e cento e quarenta e trez pessoas entre homens e mulheres, e o principal Erury me veiu dizer que eu tinha feito camaradagem com elle.

Rogo a V. Ex. que no caso de V. Ex. haver por bem o vir outro em lugar do referido, que não seja nenhum dos

que aqui tem estado, por quanto estou informado da sua conducta; e não tenho a V. Ex. mandado d'aqui alguns pelo não amofinar, que só Deus sabe o que tenho aturado.

V. Ex. me queira honrar com as suas determinações, e do que devo d'aqui em diante obrar sobre o referido gentio; perdoando-me V. Ex. qualquer cousa que até aqui tenha praticado contra o agrado do V. Ex., a quem desejo a mais solida saude, na posse das maiores felicidades.

Deus guarde a V. Ex. muitos annos. Borba, 13 de Junho de 1786. — De V. Ex. muito humilde subdito. — *Antonio Carlos da Fonseca Coutinho.*

RESPOSTA.

Principiada inesperadamente da parte do rio Solimões a feliz, e interessante obra da voluntaria paz e reducção a que se veiu offerecer o gentio *Mura*, esperava eu ja pelas participações que das suas praticas, e promessas se me haviam feito, que o mesmo d'ahi succedesse; e com effeito com grande gosto meu o vejo assim verificado pela carta de vossa mercê, que trazendo a data de 13 do corrente mez, na tarde do dia de hontem recebi; avisando-me vossa mercê do que o dito gentio tem d'essa parte obrado, e do que vossa mercê tem procurado de o agazalhar e amimar na fórma que me relata, e que eu muito estimo, e muito louvo a vossa mercê.

Sabia eu tambem ja da carnagem, que o outro gentio *Mudurucú* havia feito nos mesmos *Muras;* e máo é que reduzidos estes se venham aquelles introduzir n'esse rio, e fazer o seu estabelecimento no Guatazes, para que se bem livre d'uns, não deixe de ficar sempre infestada d'outros essa navegação; porém menos inimigos haverá

a combater, e para a seu tempo se castigarem os referidos *Muras* nos serão de grande ajuda e vantagem.

Esta considero eu maior em que os ditos *Muras* fiquem, e se unam a essa villa; e como vossa mercê me diz que muitos assim mesmo o querem e desejam, cuido que lhe não será difficultoso de reduzir todos a que ahi se estabeleçam, para se restabelecer a villa da sua diminuida população, e melhor se ir diligenciando e conseguindo a civilisação da mesma gente, propondo-lhes e persuadindo-lhes vossa mercê, que tambem em assim se estabelecerem, ficarão mais protegidos e seguros contra algum insulto, que mais separados, poderão dos seus contrarios experimentar, não tendo lá, nem os soldados, nem os moradores d'essa villa, que em alguma invasão, ou violencia os possam ajudar e defender. Porém se emfim mostrarem renitencia, para largarem a situação que escolheram, e em que principiaram a roçar, vossa mercê não os obrigará, e n'esse caso auxiliará, e dirigirá aquelle estabelecimento o melhor que possivel lhe fôr.

Para assim se facilitar, não obstante a falta em que se acham estes armazens reaes, essa demora de não terem ainda chegado da cidade as canôas, que devem conduzir os fornecimentos precisos ao consumo do presente anno; mando que vão 25 machados, outras tantas fouces, outros tantos ferros de cova, 10 duzias de trinchetes, 10 ditas de facas, 3 rolos de pano de algodão, 6 cabeças de linhas, 2 milheiros de agulhas, e 2 ditos de anzoes; e não vão os facões que vossa mercê pede, por que não os ha para se repartirem, nem a missanga.

Da obra de ferreiro que com o mesmo fim se tem ahi feito, e se continuar a fazer; e semelhantemente do sustento de farinha, e de outras despezas, formará vossa mercê individuaes, e authenticas relações, que assim remetterá ao

provedor da real fazenda da repartição da capitania, dando tambem de tudo conta ao governo interino.

E' muito louvavel, que sem embargo da precisão das suas dependencias, para que tinha licença do Exm. Sr. general do Estado de as ir tratar na cidade, vossa mercê em vista do presente successo prefira o interesse do real serviço, pelo que sem duvida importante póde render a S. Magestade, e tanto maior a Deus Nosso Senhor, attrahindo-se ao gremio da igreja toda essa miseravel gente; e n'esta intelligencia estou certo, que S. Ex. tanto não levará a mal que vossa mercê deixe de usar da referida licença, que antes pelo contrario assim o estimará muito.

E logo que sem desconfiança da mesma gente vossa mercê puder conseguir de averiguar, e saber o seu total numero, formará, e me remetterá uma relação, na mesma figura, e distincção dos mappas da população de cada freguezia, que estabeleci no tempo do meu governo d'este Estado, segundo ahi mesmo é constante a vossa mercê.

Em lugar do soldado d'esse destacamento, que no Pará obteve baixa, e que ultimamente falleceu, ordenei de ir outro filho d'essa villa, e que me consta ter aqui muito bem procedido.

Recommendo ultimamente a vossa mercê que no mesmo ordenado arranjamento dos *Muras* haja toda a prudencia, e que de fórma nenhuma se escandalizem, nem se pretenda d'elles por agora trabalho que repugne aos seus costumes, para que aborrecidos e desgostosos, se não tornem á vida licenciosa, que acabam de largar.

Em separada carta tratarei d'outro accrescido sacco de papeis, que a vossa mercê dirijo, para com os cinco precedentes que ahi se acham detidos, se encaminharem todos ao Sr. general do Mato-Grosso pelas canôas, que subidas do Pará, cuido estarão a chegar a esse porto dentro de

breves dias, e irão tambem 30 arrobas de café, para se remetterem juntamente, da mesma fórma que tenho advertido a respeito das 100 arrobas de breu, e de que vossa mercê ha muito mais tempo se acha entregue.

Deus guarde a vossa mercê. Barcellos, em 28 de Junho de 1786. — *João Pereira Caldas.*

DO TENENTE-CORONEL JOÃO BAPTISTA MARDEL.

Illm. e Ex. Sr.— Procedendo ao exame por V. Ex. ordenado no dia 30 do passado, a respeito dos *Muras*, que em 4 canoas (ou cascas de páo) chegaram a presença de V. Ex. esperançando virem 14, ou 15 mais carregadas de gente, que tenham ficado nas vizinhanças da fortaleza da Barra, ao Paricá; (especie de tabaco de que usam) supposto não se poder entender bem a lingua, que é um indio que sendo ainda rapaz, e estando no serviço do alferes Angelo Rodrigues da Cruz abalizado da villa de Moura, foi apprehendido dos *Muras*, e está com elles tão identificado que não se lembrando nem da lingua *Baré*, nem da geral, e explicando-se muito mal n'esta, pude perceber.

Que os oito indios, sete mulheres, e dez crianças entre rapazes e raparigas, por todos 25 almas, que com elle vieram n'estas quatro cascas de páo, pretendiam ir buscar os outros companheiros, que ficaram ao referido Paricá, d'onde haviam voltar para o seu domicilio, cujo numero não pude alcançar mais que o dizer-me, que eram muitos, buscar (digo) para se virem estabelecer na villa de Moura, o que effectuariam d'aqui a cinco mezes pouco mais ou menos, que é o tempo em que se costumam fazer as manteigas.

Que a sua vivenda ordinaria, quando não andavam a corso era nos Cudajás.

Que não tinham camaradagem com os outros *Muras*, e que não conheciam o Ambrozio, capataz do Amaná, nem o principal do Mamiá, e que os *Muras* de Manacapurú eram seus contrarios; e tambem que no Piurini não estavam *Muras*.

Devo reflectir, que tendo eu mandado nos principios de 85 um principal, irmão d'aquelle Ambrozio, trazer pratica aos *Muras*, que infestavam este Rio Negro, elle me foi dizer, e o mesmo Ambrozio, que já a tinha trazido, e que os *Muras* dos Cudajás, Piurinî, e Achiquiunî estavam de accordo; o que se prova, pois em todo o resto d'aquelle anno, e n'este até ao presente, em todas estas povoações cessou a hostilidade, que perpetravam aquelles barbaros, o que me faz entender, que ha malicia em dizerem estes, não conhecem aquelles, ou poderá ser que não me entendendo o que lhe pergunto, não me saiba com verdade responder.

E' certo que a natural inconstancia d'estes miseraveis; a duvida em que ainda estão da certeza da amizade que com os brancos procuram ter; a habitual vida, e costume de viverem como feras, os faz ainda vagar sem tomar verdadeiramente assento; o que o supremo e omnipotente autor que principiou esta grande obra,é que ha de completar; e creio que será pelo caminho de se soffrer por agora com muita paciencia a impersistencia que n'elles se ha de encontrar; e que o agrado, a liberalidade, o modo, e mesmo o meio do temor poderá vencer.

E' o que posso informar a V. Ex. do exame que incompletamente fiz. Barcellos, 1.° de Julho de 1786. — *João Baptista Mardel.*

PARA O DIRECTOR DA VILLA DE MOURA.

Chegando aqui hontem a fallar-me uma porção de gentio *Mura*, habitador do lago Cudajás, no rio Solimões; e sendo

o seu intento de se me offerecer, e querer estabelecer-se n'essa villa, d'onde é natural um indio que os conduz, e que em pequeno apanharam, ha largos annos: Eu estando por isso, assim o participo a vossa mercê, e que não só a esta porção aceite, e a outra que dizem em caminho deixaram, como aos mais parentes e aggregados, que quanto se lhe póde perceber, parece que ainda tem no referido lago; accommodando-os vossa mercê, e fazendo-os tratar com o maior agazalho, para que não desconfiem e mallogre uma obra, que na voluntaria paz e reducção d'estes ferozes barbaros, só se representa disposta, e permettida pela omnipotente mão de Deus todo Poderoso.

As mesmas pessoas vão d'aqui todas vestidas, e brindadas de mais algumas galantarias; e ahi as assistirá vossa mercê do preciso sustento, por conta da real fazenda, em quanto não têm as necessarias roças para a sua subsistencia; do que tudo vossa mercê dará conta ao governo interino da capitania, como é da sua obrigação.

A mim me irá tambem vossa mercê avisando do que fôr occorrendo ao mesmo respeito, para assim me ser presente; e lembro a vossa mercê, que,supposto recommendo o bom trato de tal gente, tambem não menos advirto, que por ora n'ella não haja uma inteira confiança.

Deus guarde a vossa mercê. Barcellos, em o 1.° de Julho de 1786.— *João Pereira Caldas.*

DO ADMINISTRADOR DO PESQUEIRO REAL DO CALDEIRÃO.

Illm. e Exm. Sr.—Dou parte a V. Ex. respectiva ao gentio *Mura* que se acha no estabelecimento de Manacapurú. Pela relação inclusa conhecerá V. Ex. as pessoas que se acham no dito estabelecimento, sendo o numero de trezentas e tantas almas, por razão de serem volantes, se acha

só este numero, de que poderão recolherem-se pelo tempo em diante, motivo por terem suas roças para seu sustento.

DO SARGENTO MÓR SEGUNDO COMMISSARIO HENRIQUE JOÃO WILKENS, EM DATA DE 10 DE JULHO DE 1786.

Illm. e Exm. Senhor. — A este quartel chegaram alguns indios da nação *Chumana* e *Muras*, com carta do director de Maripi Mathias Fernandes, e que ao destino se dirigiam de darem principio á nova povoação, no sitio e terreno, que pelo tenente-coronel João Baptista Mardel lhe foi destinado; com a salsa que traziam, se proveram de machados; mas não havendo aqui de venda fouces, e que igualmente de farinha necessitavam para sustento dos que os roçados, e povoação nova fundamentar se dispunham; a bem do real e dos publicos interesses, julguei dever-lhes facilitar as as fouces pedidas, e que foram por emprestimo do real armazem, fazendo d'ellas carga ao dito director, e 20 alqueires de farinha, que tambem meios haverá para fazer entrar com brevidade nos reaes armazens, talvez com vantagem. Acompanha a esta a relação do referido, pelo inspector assignada.

RELAÇÃO DO QUE LEVARAM OS *Chumanas* EM PAGAMENTO DE DUAS ARROBAS DE SALSA QUE TROUXERAM. EGA, 9 DE JULHO DE 1786.

7	machados, a 705 rs. cada um.	4$935
2	duzias de facas cabo de peso.	2$000
4	facas grandes, a 240.	$960
1	espelho grande	$100
2	anzóes	$005
		8$000

Somma 8$ producto de duas arrobas de salsa que trouxeram os ditos indios acima declarados, cujas tomou Manoel José de Oliveira.

LEMBRANÇA DO QUE LEVARAM OS DITOS INDIOS DOS ARMAZENS REAES, PARA SEU FORNECIMENTO.

20 alqueires de farinha e 2 fouces para roçarem.

Pedro Esteves, sargento inspector.

DO MESMO EM 26 DE JULHO DE 1786.

§ Aqui mesmo accuso recebido o officio n.3 com a incluida cópia da informação ordenada por V.Ex.,e entregue pelo tenente-coronel João Baptista Mardel , a respeito dos novos estabelecimentos dos *Muras* e *Chumanas*, e farei a V. Ex. as devidas participações, logo que alguma novidade digna de attenção n'elles occorrer ; assim como o farei, logo que se effectuar a proposta e consentida mudança dos habitantes do Amaná, para o elegido lugar do Jupurá, promovendo a dita mudança com o prudente e suave modo, que V. Ex. advertiu, e novamente foi servido recommendar.

RESUMO DE TODOS OS INDIOS DO LUGAR DE S. JOÃO BAPTISTA, HABITANTES NO JUPURA', REMETTIDO PELO DIRECTOR MATHIAS FERNANDES, EM 8 DE MAIO DE 1786.

Principaes	3
Indios.	39
Indias.	45
Rapazes	21
Raparigas.	13
De menor idade.	32
Somma.	153

Falta ainda o principal primeiro, que appareceu com toda a sua gente, que foi para os Cudajás, que foi junto com os *Muras* do Juruá, o qual ainda não veiu.—*Antonio Leitão de Pinho.*

DO MESMO, E NA MESMA DATA.

Acompanha a esta a relação pelo escrivão da fazenda assignada, de tudo que se deu aos *Muras* e *Chumanas*, que a este quartel vieram, em 8, em 13, e em 20 de Julho.

RELAÇÃO DO QUE SE DEU DE PREMIO AO GENTIO MURA, QUE VIERAM A ESTA VILLA, EM 8 DE JULHO DE 1786, O SEGUINTE:

6 espelhos, 6 navalhas de barba, 16 sararacas, 6 canivetes, 6 pentes de marfim.

Ega, 11 de Agosto de 1786.—O escrivão da real fazenda da 4ª partida.—*Pedro José Pereira.*

Relação do fornecimento que trouxe o gentio Mura, para os armazens d'esta quarta partida, e do premio que se deu aos ditos, em remuneração, em 13 de Julho de 1786.

27 tartarugas, 2 ditas pequenas e 18 capitarîs.

RECEBERAM.— 6 arpões de tartarugas, 12 tesouras, 12 navalhas de barba, e 14 sararacas.

Ega, 11 de Agosto de 1786.— O escrivão da real fazenda da 4ª partida.— *Pedro José Pereira.*

DO MESMO, E NA MESMA DATA.

§ Assim mesmo vai a relação da necessaria despeza feita com o soccorro pedido, para o novo estabelecimento dos

indios *Chumanas*, conforme as ordens de V. Ex., e que se lhes franqueou, por peditorio e representação do director Mathias Fernandes em 11 de Julho d'este anno.

Relação do que receberam dos armazens d'esta quarta partida, os indios Chumanas para adiantar o novo estabelecimento que pretendem fazer, para a cultivação das roças, que pretendem fazer: o seguinte:

20 alqueires de farinha, e 4 fouces.

Ega, 11 de Agosto de 1786.—O escrivão da real fazenda da 4ª Partida.— *Pedro José Pereira,*

DO MESMO, NA DATA DE 4 DE SETEMBRO DE 1786.

§ Aqui mesmo presente será a V. Ex. a relação do que levaram os *Muras*, que em 27 de Agosto, a este guartel vieram, trazendo 21 tartarugas.

Relação das tartarugas que metteram n'esta real fazenda, o gentio Mura, e do que receberam em pagamento das ditas, a saber:

21 tartarugas.

RECEBERAM.— 2 frascos de aguardente de cana, 7 navalhas de salto, 5 ditas de barba, 12 espelhos, 48 sararacas, e 6 arpões de tartarugas.

AO PRINCIPAL DOS DITOS.

5 varas de panno de algodão.

Ega, 29 de Agosto de 1786.—O escrivão da Real Fazenda da 4ª Partida.— *Pedro José Pereira.*

RESPOSTA.

Como não só em uma das recebidas, e já accusadas cartas de vossa mercê, que trouxe a data de 10 de Julho, mas mesmo em tres mais, datadas de 26 do dito mez,e ultimamente em outra de 4 do corrente, me trata vossa mercê sobre indios *Muras;* separadamente a este objecto direi a vossa mercê, que de tudo fico sciente; e que esperando se não descuide da determinada mudança do estabelecimento do Amaná, para a paragem elegida no rio Jupurá (*),fará vossa mercê, logo que ella se effectuar, que aquella nova povoação se fique denominando — *Lugar de S. João Baptista do Jupurá.* Visto que pela referida mudança assim é preciso alterar a primeira denominação.

Deus guarde a vossa mercê. Barcellos, em 22 de Setembro de 1786. — P. S.— Terá a denominação do — *Lugar de S. Pedro do Mamiá*— aquelle segundo estabelecimento de *Muras;* e assim de ordem minha o fará vossa mercê entender ao respectivo director. — *João Pereira Caldas.*

DO COMMANDANTE DO REGISTO DA VILLA DE BORBA, EM DATA DE 15 DE AGOSTO DE 1786.

§ Hoje cheguei(dizia á Villa de Serpa)e parto amanhã de madrugada, pois me estarão esperando os *Muras* que poderão ter chegado, e ja deixei quatro na villa que se não quizeram ir, e ficavam roçando; os mais vieram buscar Maniba para plantarem as suas roças que tinham feito, e

(*) De effectivamente se ter executado a ordenada mudança, deu parte o dito major por carta de 6 de Dezembro do mesmo anno de 1786.

acabadas que sejam, ja vêm a fazer casas; e como partiram ha dias, julgo os irei achar.

Proximamente vieram muitos, e em uma dança que armaram, contei cento e trinte e sete, fôra muitos que não entraram n'ella, mulheres, rapazes e crianças; e tornaram a entregar-me outro rapaz indio da villa por nome Bazaliano, que andava em outra maloca para as bandas do lago de Sampaio, aonde ja mandei praticar outros, e vieram bastantes, agora continuarei a fazer o que puder.

Resposta para o sobredito em data de 6 de outubro do mesmo anno.

§ Fico sciente de quanto vossa mercê me participou na data de 15 de Agosto proximo passado; e hei de estimar que a respeito de *Muras* vá continuando a mesma felicidade, que principiou a experimentar-se.

Do director da villa de Serpa, em data de 24 de setembro de 1786.

§ Participo a V. Ex. que no dia 11 do corrente mez de Setembro, chegaram ao porto d'esta villa seis canôas de gentio *Mura* a fazer pazes, e eu os premiei com ferramentas, panno e miudezas, tudo á minha custa, e vesti tres principaes de casacas, vestias e çalções, para os contentar, e a todos os mais lhes mandei fazer roupa de que ficaram satisfeitos; tambem fui com elles ás suas terras, e levei facas e missangas para as mulheres, e os mais que lá estavam, só afim de ver se desciam para a povoação; porém entre elles não ha interpetres da lingua geral, só por acções se percebe pretenderem descer. Em minha companhia veiu bastante gente para a povoação, para o que desmanchei um rolo de panno, pertencente a mesma, por eu

já o não ter; foi para fazer saias e camisas ás mulheres: Veja V. Ex. que elles procuram muito ferramentas, panno, e missangas; e n'estes termos eu já não tenho que lhes dar, só se V. Ex. mandar pela fazenda real alguns premios, pois o gentio é muito, e são aquelles que atacavam esta povoação: Estimarei que tudo isto V. Ex. haja por bem.

RESPOSTA EM DATA DE 6 DE OUTUBRO DO MESMO ANNO

§ Na manhã do dia 4 do corrente, chegou aqui o portador, que com a carta de Vossa Mercê de 24 de Setembro, me conduziu a do Exm. Sr. general do Estado, e as outras, que a Vossa Mercê vieram remettidas de Santarem, no destino de promptamente m'as enviar.

Estimo muito de saber o que Vossa Mercê me diz sobre o gentio *Mura*, que infestando essa povoação se foi a ella offerecer em ar de paz, e o que Vossa Mercê com elle praticou; e para se contentarem, segundo o pouco que ha nos armazens da capitania, agora irão os generos de que Vossa Mercê se avisará pelo provedor da provedoria da mesma capitania, pondo Vossa Mercê todo o empenho em que a mesma gente se irá reduzindo, e estabelecendo, como a respeito da que sahiu em Borba, tenho ordenado áquelle commandante.

DO MENCIONADO COMMANDANTE DA VILLA DE BORBA, EM DATA DE 26 DE NOVEMBRO DO REFERIDO ANNO DE 1786.

§ Na occasião presente escrevo ao governo d'esta capitania para me remetterem mais um barril de polvora, com perdigotos, pois supposto terem-me mandado um á pouco tempo, e não se ter gasto nenhuma, mais vale que sóbre, do que falte; por quanto está esta villa rodeada de *Mudurucús* que quasi todos os dias me vem os *Muras* com no-

vidades de lhes acharem trilhas ; motivo porque despendi a polvora quasi toda com o destacamento, moradores brancos e indios, que todos se acham municiados para qualquer ataque que houver, sem ser preciso n'essa occasião haver balburdias, e lhes passo revista de quinze em quinze dias, aos que receberam, para ver se o tem prompto, e a todo o tempo se recolhe ao armazem : tambem mando pedir ao menos doze armas de fogo bôas; porquanto as que aqui existem só servem no nome, que para nada prestam ; por mais concertos que lhes tenho mandado fazer pelo ferreiro, ficam peiores ; algumas minhas andam supprindo, e ainda em diligencias : mando tambem pedir mais pannos, e varias cousas que V. Ex. verá na relação inclusa.

Eu vou até ao presente continuando com bom successo com a domação dos *Muras*; e affirmo a V. Ex. ter chegado já a perto de mil pessôas entre grandes e pequenos, que aqui se acham assistindo, ainda que vão aos Guatazes continuadamente, tornam a vir logo: já lhes fiz quatro casas e vou continuando com mais, porém entretanto assistem por casa dos indios ; está tudo cheio d'elles, têm feito muita roça, e mostram estarem contentes.

Por ora não posso a V. Ex. mandar a relação, que V. Ex. me manda lhe remetta por carta de 28 de Junho passado, por não me ser possivel contal-os ainda ; mas vai uma relação das pessôas pertencentes á povoações que me têm entregado, e a outra irá logo que se possa conseguir.

RELAÇÃO DO QUE MANDO PEDIR AO GOVERNO D'ESTA CAPITANIA PARA SE DAR AO GENTIO

Panno de algodão, durante de côres, encarnado e verde, 6 camisas de bretanha para os principaes, 6 chapéos para os ditos, missangas, navalhas de barba, tesouras, facas, espelhos, agulhas grossas, fitas, facões, machados e fouces.

RELAÇÃO DOS INDIOS QUE O PRINCIPAL ERURY TEM ENTREGADO

Da villa de Borba	1. Rafael 2. Bazaliano 3. Santiago
Da villa de Silves	4. Leandro 5. Agostinho,rapaz mamaluco 9. Celestino,rapaz 7. Thereza
Da vila de M.Alegre	8. Adão
Da villa de Oeiras	9. Miguel
Da villa de Obidos	10 João Antonio

Antonio Carlos da Fonseca Coutinho.

FIM DO TOMO XXXVI, PARTE PRIMEIRA.

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NO TOMO XXXVI

PARTE PRIMEIRA

PRIMEIRO TRIMESTRE

PAG.

SUMMARIO das armadas que se fizeram e guerras que se deram na conquista do rio Parahyba, escripto e feito por mandado do muito reverendo padre em Christo, o padre Christovão de Gouvêa, visitador da companhia de Jesus de toda a provincia do Brasil..... 5

MEMORIA sobre a agricultura no Brasil, pelo chanceller da relação do Maranhão o conselheiro Antonio Rodrigues Velloso de Oliveira..... 91

VICE-REINADO de Luiz de Vasconcellos. Correspondencia com a côrte. Annos de 1788—1789..... 135

DOCUMENTO sobre a prisão de João José da Cunha Fidiê.... 174

BIOGRAPHIA dos brasileiros illustres por armas, letras, virtudes, etc.

Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, pelo barão de Porto-Seguro..... 177

Dr. Antonio Pires da Silva Pontes Lemo, pelo barão de Porto-Seguro..... 184

Dr. Francisco Bernardino Ribeiro, pelo Dr. Moreira de Azevedo..... 188

SEGUNDO TRIMESTRE

MEMORIA em que se mostra o estado economico, militar e politico da capitania geral de S. Paulo, quando do seu governo tomou posse a 8 de Dezembro de 1814 o Illm. e Exm. Sr. D. Francisco de Assis Mascarenhas, conde da Palma,

com notas historicas e additamento, pelos quaes se mostra em esboço o estado da mesma capitania no governo do sobredito Exm. Sr. conde, por Manoel da Cunha de Azeredo Sousa Chichorro. *Com uma carta geographica*..... 197
DESCRIPÇÃO CHOROGRAPHICA do Estado do Grão-Pará, que por ordem alphabetica descreveu João Vasco Manoel de Braun, governador da praça de Macapá em o anno de 1789. 269
NOTICIAS da voluntaria reducção de paz e amizade da feroz nação do gentio *Mura* nos annos de 1784, 1785 e 1786..... 323

TYP. DE—Pinheiro & Comp.—RUA SETE DE SETEMBRO N. 159.

REVISTA TRIMENSAL

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

Geographico e Ethnographico do Brasil

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O Sr. D. Pedro II

TOMO XXXVI

Parte segunda

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint serâ posteritate frui.

RIO DE JANEIRO

B. L. Garnier — Livreiro-editor

69 Rua do Ouvidor 69

1873

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO, E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

3º TRIMESTRE DE 1873

VIAGEM AO PARAGUAY (*)

EM FEVEREIRO E MARÇO DE 1869

PELO

Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello

Socio do Instituto Historico Geographico e Ethnographico Brasileiro

Cartas ao Sr. Tenente-Coronel Benedicto Marcondes Homem de Mello

I

Satisfaço o teu desejo, enviando-te as folhas de carteira de minha viagem ao Paraguay.

Communico-te por este modo as minhas impressões n'essa digressão. Sabes a aspiração ardente, que eu tinha, de visitar essa terra, cheia de tantos mysterios, que chamou repentinamente sobre sí a attenção do mundo, e parece como destinada a excitar a admiração da historia pela exhibição dos mais singulares phenomenos.

(*) Attenta a importancia d'este trabalho, a commissão de redacção resolveu reproduzil-o nas columnas d'esta *Revista*, apezar de já ter sido publicada na *Reforma*.

A redacção

Pude afinal ver esse theatro de acontecimentos tão extraordinarios, por cujo desenlace, ha mais de quatro annos, estremecem as primeiras nacionalidades da America do Sul.

Não esperes de mim conjecturas sobre a guerra, sobre a sua tão annunciada terminação.

Conheces o meu modo de pensar a esse respeito. Sempre julguei pouco consentanea com a gravidade de nosso caracter essa maneira leviana de prometter todos os dias o fim da guerra, apesar dos factos que se estão constantemente produzindo e offerecendo-se á observação do paiz.

O que nos cabe a nós, filhos d'esta geração, é aceitar o sacrificio, á que fomos chamados. O termo d'esta provação solemne, por que passamos, ninguem o póde marcar.

Desejaria eu ter podido, desde o começo d'esta luta, acompanhar o nosso exercito, participando dia por dia das emoções do grande drama.

E assim, testemunha dos acontecimentos em acção, recolher os subsidios para habilitar a geração futura a avaliar da maneira, pela qual nós os brasileiros temos desempenhado nossa responsabilidade n'esta cruzada de civilisação e de humanidade.

Fallar-te-hei do que vi, e não te queixes de só dar-te uma pallida descripção de lugares, ou algumas recordações d'esta guerra, quando estamos no habito de esperar sempre boas novas de quem chega do Paraguay.

No dia 15 de Fevereiro d'este anno, á bordo do transporte de guerra *Wernek*, deixamos, eu e mais companheiros, o porto do Rio de Janeiro, ás 4 horas da tarde, com destino ao Paraguay.

Fizemos escala por Santa Catharina, à cuja capital chegamos á 17, seguindo viagem no dia 19, ás 7 horas da manhã.

Tocamos em Montevidéo a 22; e no dia immediato, ás 6 horas da tarde, continuamos nossa derrota, com destino á Assumpção.

A's 11 horas da manhã de 24, passamos em frente a ilha de *Martim Garcia*, deixando-a á direita. Fica esta á 13 leguas de Buenos-Ayres.

O seu solo, coberto de arvoredo rasteiro, eleva-se pouco acima do nivel das aguas, e não apresenta serro algum. Na face sul, pela qual passamos, estão collocados quatro fortins insignificantes, em distancia como de 50 braças um do outro.

Deixando á esquerda o *Paraná de las Palmas*, entramos pelo *Guaçú*, principal embocadura do rio Paraná, o qual n'este lugar apresenta uma verdadeira rede de sangradouros, ou de furos, que mais ou menos admittem navegação.

As margens do rio são aqui rasas, e apenas se notam alguns rarefeitos capões de mato rasteiro.

Estamos como em um immenso oceano de verdura, em cujo centro vê-se rasgado o grande canal, pelo qual vamos navegando.

Desde que deixamos as aguas de Montevidéo, ainda não avistamos *serro* algum. Assim se chama n'estas regiões, e na provincia do Rio Grande do Sul, uma elevação suave de terreno, erguendo-se em relevo sobre o solo, como segmento de grandes espheras.

Antes de chegar á cidade do Rosario, muda o aspecto do solo.

A margem esquerda do rio (lado de Entre-Rios) é ainda

rasa. Mas a margem direita começa a elevar-se, até que avistamos o Rosario, cidade opulenta, assentada sobre uma alta barranca, á margem direita do Paraná. O terreno, talhado á prumo junto ao rio, indica a sua formação sedimentaria.

O rio tem aqui uma largura consideravel em grande extensão, parecendo mais um immenso lago, do que uma corrente de aguas.

O grande numero de embarcações mercantes surtas no porto revela o importante movimento commercial d'esta praça. Estavam ahi fundeados tambem muitos navios, carregados de alfafa, com destino aos exercitos alliados no Paraguay. Do Rosario á Martim Garcia são 69 leguas.

No Passo do *Caracãnã* desapparecem as barrancas altas da margem direita, as quaes, tomando a direcção de oeste, parecem ir morrer pela terra a dentro. Ambas as margens apparecem de novo como niveladas com a superficie das aguas.

Começamos agora a navegar por um dedalo de ilhas, que torna summamente difficil o conhecimento do verdadeiro canal.

Os melhores praticos enganam-se muitas vezes n'esse serviço; e raro é o dia em que não encontramos navios encalhados. Já o vapor, em que vamos, pagou esse tributo, estando encalhado todo o dia 25, felizmente sem perigo.

Continuando a subir o rio, apparece-nos a margem esquerda (Entre-Rios) elevando-se gradualmente, até attingir a uma altura de trinta á quarenta braças.

Estamos nas barrancas do *Diamante,* em cujo cimo está assentado o povo d'este nome, distante do Rosario 34 leguas. O aspecto d'esta barranca diverge da do Rosario: não é ella, como esta, escalvada e talhada á prumo. O ter-

reno aqui fenece em declive junto ao rio, e está coberto de arvoredo verdejante.

Parece, que temos deixado os terrenos baixos e alagadiços, que atravessamos desde que entramos o Paraná, com excepção unica da barranca do Rosario.

A' 27 visitamos a cidade do *Paraná*, capital da provincia de Entre-Rios.

Está edificada sobre um terreno elevado, a um quarto de legua da barranca do rio.

Esta cidade, que, em 1854, serviu de capital provisoria da Confederação durante o governo de Urquiza, pouco offerece á observação do viajante.

A praça principal, denominada 25 *de Maio*, é o centro e a parte nobre da cidade: N'ella se notam a igreja matriz, templo mediocre, o palacio do governo da provincia, e o do bispo, no mesmo edificio, que serviu de paço de residencia do general Urquiza, quando presidente da Confederação.

Fóra da cidade, ao entrar, existe por acabar um templo em grandes proporções.

Aqui vi pela primeira vez soldados e pessoas do povo, vestidos de *chiripá*, trage singularissimo e repugnante.

Em frente a cidade do Paraná, do outro lado do rio, fica a cidade de *Santa Fé:* a communicação entre ambas é feita diariamente por barcos á vapor.

Da cidade do Paraná ao Diamante ha 12 leguas.

No porto do Paraná existe um pontão brasileiro ao serviço de nossa marinha de guerra.

A margem esquerda do rio continúa elevada até a cidade de *La Paz*, (34 leguas do Paraná), em que a barranca que avistamos desde a ponta do *Diamante*, some-se para o interior, tomando a direcção de leste.

Acima de La Paz, fica o *Rincon de Soto*. Duas leguas

abaixo d'este ponto estacionou a nossa esquadra, depois de forçar o passo de Cuevas, em agosto de 1865.

Rincon de Soto é um simples *Saladero*, ou charqueada, á margem do rio. Atraz dos edificios do estabelecimento, desdobra-se a mais linda campina, que possa imaginar-se, elevando-se o solo suavemente, vestido como de um finissimo tapete de relva.

Desde este ponto começa a elevar-se a margem esquerda até a memoravel barranca de *Cuevas*.

As aguas do rio formam aqui um semi-circulo, offerecendo a barranca duas extremidades ou pontas, admiravelmente dispostas para d'ellas se hostilisarem quaesquer embarcações, que passem n'este lugar. O canal é junto á margem esquerda, á tiro de pistola.

A barranca é aqui mui alta, escalvada, quasi á prumo, e o cimo inteiramente despido de vegetação.

E' este o famoso passo forçado pela esquadra brasileira em 12 de Agosto de 1865.

Como tres leguas acima de *Cuevas*, fica *Bella-Vista*. Mais acima está *Chimboló* e em seguida *Rincon de Zeballos*, assignalados na presente guerra com o Paraguay.

As margens do rio são baixas e alagadiças. A vegetação de ambos os lados é vigorosa, e já se avistam arvores.

Passando-se o *Empedrado*, á margem esquerda do rio, temos em frente a barranca de *Mercedes*, cujo passo a esquadra brasileira forçou a 18 de Junho de 1865, sob o fogo das baterias paraguayas.

A barranca é algum tanto mais baixa que a de Cuevas, escalvada como esta, e coberta de mato nas depressões. O canal fica a meio tiro de pistola da margem do rio.

Desagua n'este lugar o arroio *Peguahó*, á margem direita do qual collocou-se a bateria paraguaya de 14 peças.

A embocadura d'este arroio é uma valla funda, toda coberta de mato.

Pela barranca abaixo, á margem esquerda do Peguahó, estabeleceu-se a longa linha de infantaria paraguaya, que fez nutrido fogo de fuzilaria sobre a esquadra, durante a passagem desta.

Entre o canal e a margem do Chaco, fica um extenso banco de arêa.

Acima de *Mercedes*, está a bocca do *Palomêra*, braço ou furo do rio Paraná, do lado occidental. Aqui parou a esquadra brasileira, logo depois do combate do Riachuelo, e enterrou os mortos na margem do Chaco.

Transpondo-se a ponte de *Santa Catalina*, tem-se chegado á foz do *Riachuelo*. Estamos no theatro da grande batalha naval de 11 de Junho de 1865 entre as esquadras brasileira e paraguaya.

O aspecto do solo tem mudado. A barranca do rio é toda coberta de um mato espesso, apresentando em alguns lugares córtes fundos, que descem até ao nivel da agua. N'este terreno desigual collocaram os paraguayos a sua bateria de terra, inteiramente mascarada pela matta.

O Paraná n'este lugar tem pelo menos 300 braças de largura.

N'este mez o rio tem tido um crescimento extraordinario. Este assignala-se pelos *camalotes*, que encontramos constantemente, descendo aguas abaixo, como ilhas fluctuantes.

Do Riachuelo á Corrientes, ha cerca de 9 milhas de distancia.

No dia 1.° de Março, chegamos ás *Tres Bocas*. Chama-se assim o ponto, em que confluem os rios Paraná e Paraguay, em frente a ilha do *Cerrito*.

D'aqui se avista perfeitamente a ponta de *Itapirú* e o alto Paraná, que vai perder-se na extrema do horizonte,

do lado do Nordeste. A costa de Corrientes segue essa direcção até perder-se de vista.

A ilha do *Cabrita*, que os paraguayos chamam *Banco*, não a avistamos agora pela extraordinaria cheia do rio, que a cobriu toda.

Pelo lado de oeste, destaca-se a ilha do *Cerrito*, á 7 leguas de distancia de Corrientes. A praia d'esta ilha é rasa: mas a algumas braças, vêm-se collinas altas, cobertas de matta espessa, e superiores ao nivel das maiores enchentes. D'ahi lhe veiu o nome de *Cerrito*. Nas cartas geographicas figura ella com o nome de *Isla del Atajo*.

Atajo é o braço do rio Paraná, que vai desaguar abaixo das *Tres Bocas*, formando a referida ilha do *Cerrito*.

Aqui temos um arsenal de marinha, estabelecido pelo visconde de Tamandaré em 1866 para os concertos dos navios da esquadra, dois hospitaes, e um deposito de artigos bellicos.

No ancoradouro estão fundeados os encouraçados *Silvado*, *Colombo* e *Cabral*, e os monitores *Rio-Grande* e *Alagoas*, bem como a canhoneira *Araguary*, todos para o fim de concertar.

Passando as *Tres Bocas*, temos deixado as aguas do Paraná, e entramos no Paraguay.

Estamos emfim na terra dos sombrios terrores, dos mysterios impenetraveis.

II

Chegando ao *Cerrito*, sentimo-nos em pleno Brasil.

A' bordo de nosso vapor vieram logo officiaes e gente de terra, todos brasileiros.

Entre compatriotas, que se encontravam tão longe de sua

terra natal, trocaram-se com effusão os adeuses cordiaes d'essas occasiões solemnes; e ás 11 1/4 horas da noite começámos a subir o Paraguay.

Navegando por esse rio, do qual um poeta nosso disse que rola o mysterio em suas aguas, formavamos alli, n'esse pedaço fluctuante de nosso territorio, uma familia de brasileiros que se entretinham das cousas da patria, e recordavam em animada conversação os differentes acontecimentos d'esta guerra.

Officiaes e medicos do exercito e armada, alguns dos quaes haviam servido desde o começo da campanha, referiam com singeleza e despreoccupação os factos, de que foram ou testemunhas, ou actores. Eu recolhia com avidez essas preciosas informações, que alli tinham o caracter de verdadeiros depoimentos; e em acto seguido as lançava em minha carteira de viagem.

Este recordava o revez de Curupaiti, aquelle os successos da batalha de 24 de Maio, de cujos ferimentos conservava cicatrizes. Outro nos dava todos os promenores do ataque dos encouraçados em 2 de Março; e assim proseguia a viagem.

A marcha do exercito, as difficuldades do terreno, as privações soffridas, os perigos passados, nos appareciam ao espirito com essa evidencia, que resulta do depoimento mudo dos proprios lugares e da tradição viva dos actores dos acontecimentos.

Dois dos medicos, que ora voltavam para Assumpção, serviam no exercito desde 1864, fazendo parte da divisão de vanguarda do barão do Triumpho, a cujos ultimos momentos haviam assistido, e me narraram as principaes scenas e incidentes que então se passaram.

Já alta noite, interrompemos esse agradavel entreteni-

mento, e ao raiar do dia volvemos a contemplar a natureza paraguaya.

Na extensão que temos percorrido, o rio Paraguay apresenta uma largura como de cem braças.

Ambas as margens são cobertas de mato cerrado, sendo mais baixo e alagadiço o lado do Chaco.

A margem esquerda, embora mais elevada, não apresenta accidente algum notavel de terreno, tendo apenas alguns palmos acima do nivel das aguas do rio, agora que está elle consideravelmente cheio.

Estamos hoje a 2 de Março.

Pelas 8 1/2 horas da manhã, passamos em frente á barranca de *Tacuaras de Oveja*.

Aqui existe um pontão argentino, servindo de capitania n'esta parte do rio; e em terra está acampada gente da mesma nacionalidade, incumbida do trem de transporte, e de guardar cavalhada. Ha grande numero de ranchos de palha.

Pouco adiante está uma antiga *guardia* paraguaya, abandonada.

Logo em seguida transpuzemos a boca do arroio *Jacaré*, que acima d'esta barranca entra no rio Paraguay; e ás 9 horas chegamos em frente á foz do rio *Tebicuari*.

Por toda a parte a mesma monotonia, sempre a mesma superficie rasa, assombrada de mato, por todos os lados.

Os rios mais caudalosos não desenham aqui regiões, que o geographo, á um simples lanço de olhos, descrimina e separa, seguindo o relevo do sólo.

Algumas braças acima da embocadura do rio, vimos o mastro da embarcação mettida á pique pelos paraguayos, para fechar-lhe a entrada.

Na margem do Paraguay, lado direito do rio *Tebicuari*,

esteve collocada a artilheria paraguaya, com que tentou o inimigo impedir o passo á nossa esquadra.

Este lugar é um descampado plano, que se vai perder na matta. N'elle vimos abandonados oito carros manchegos do exercito brasileiro.

Ao meio dia passamos em frente á *Villa Franca*, á beira rio, margem esquerda.

E' uma desillusão singular ver o que nos mappas figura como povoações, ou cidades paraguayas.

Villa Franca é um aquartelamento militar, todo de ranchos de palha, excepto uma casa de telha, que se vê no centro, e que serve de prisão, ou de *penitenciaria*, como a chamam.

Esta prisão tem uma porta no centro, e quatro janellas de cada lado; é terrea, e terá quando muito tres braças de fundo. Os ranchos são em numero de seis ou sete.

Fóra, ha uma outra casa de telha, que parece ser o alojamento dos officiaes.

Não conheço fazenda alguma nossa, ainda das mais secundarias, que não tenha mais edificação, do que este aquartelamento.

Pouco abaixo de Villa Franca fica *Barrios-Cué*, lugar descortinado, em que acampou o nosso exercito, na marcha de Parecué á Palmas.

A's 3 horas da tarde, passamos em frentre á *Agatapé*, estancia junto a um descampado, em que tambem acampára o exercito brasileiro.

Pelo lado do Chaco estendem-se longos descampados, com florestas immensas de *Carandai* (copernicia cerifera. *Mart.* Fam. *Palm.*).

E' esta uma palmeira, em tudo semelhante á carnaúba do Ceará, só offerecendo a differença de ter menor altura, e tronco mais delgado. Com esta madeira, fibrosa e resis-

tente, fizeram-se as pontes da famosa estrada do Chaco, e as secções estivadas da mesma.

Pouco adiante, passamos *Villa-Oliva*, que é um *pueblo* de casinhas de palha. Mais proximo á barranca do rio, existe uma casa terrea, bem construida, a qual servia de estação telegraphica.

Até aqui só encontramos as mattas das margens do rio, os descampados silenciosos e tristes como o deserto, os esteios dos *mangrulhos* das desamparadas *guardias* paraguayas, e alguns ranchos de palha.

Nem um vestigio, que indique a civilisação, ou o desenvolvimento de um povo. Nem cidades, nem edificações, nem caes, nem ainda estabelecimento algum, que servisse ao commercio e á industria.

Por toda a parte os traços rudes e grosseiros da raça indigena, que uma vontade feroz adestrou no serviço das armas, como machina de destruição contra os povos visinhos.

Apparecem por vezes os postes da linha telegraphica, que ia até Assumpção, como representando ainda o pensamento do tyranno, que se transmittia por toda a parte, infundindo o terror e espalhando a morte.

Honra á civilisação brasileira, que varreu diante de si todos esses vestigios de um poder selvagem!

Acima de *Villa Oliva*, fica o insignificante povo de *Mercedes*, composto de ranchos de palha, com duas ou tres casas de telha. Ahi esteve acampado o nosso exercito.

Pouco adiante d'este ponto está a embocadura do arroyo *Surubihi*, notavel na presente guerra.

Em uma ponte de madeira sobre o mesmo, feriu-se, no dia 23 de setembro de 1868, um combate renhido, em que tivemos bastantes perdas. Só a ambulancia do Dr. Homem de Carvalho, que vem comnosco á bordo, recebeu de uma vez duzentos feridos nossos n'essa acção.

Ahi esteve acampado o 1° corpo de exercito, ao mando do marquez de Caxias, durante os mezes de outubro e novembro de 1868. O 3° corpo de exercito fazia então a vanguarda, em Palmas.

O 2° corpo, ao mando do general Argolo, ficára em Humaitá, d'onde foi reunir-se ao exercito no dia 15 de Outubro de 1868.

Vê-se ainda em Palmas, á margem do rio, a armação do mangrulho, que n'este ponto estabeleceu o barão do Triumpho, para o vigia do campo.

N'este lugar, que é simplesmente um descampado sem edificação alguma, havia em outro tempo uma *guardia* paraguaya.

Na margem fronteira do rio Paraguay, algumas braças para dentro, foi o acampamento de *Santa Theresa*, nome dado pelo marechal Argolo a seu quartel general no Chaco, emquanto se abria a estrada militar, que devia dar-nos a posse de *Villeta*.

Esta estrada é a obra mais memoravel, que fizemos n'esta guerra. Mede a extensão de dez mil setecentos e quatorze metros, indo terminar á margem direita do arroyo *Ypitã*, o qual em nossos documentos officiaes apparece com a denominação de arroyo *Villeta*, por ficar fronteira a sua foz á essa povoação.

Suppõe-se ser esse arroyo um dos braços meridionaes do *Pilcomayo*.

Para tornar praticavel a estrada do Chaco, aberta em terrenos pantanosos interrompidos por fundas lagôas e cobertos de matta virgem, foi necessario construir-se dois mil novecentos e trinta metros de estivas em diversos lugares, lutando-se durante o trabalho com a enchente do rio e copiosas chuvas. Para esse fim derribaram-se centenas de milhares de palmeiras *carandaí*, que lhe formaram o leito.

Construiram-se ainda n'esta estrada cinco pontes com cerca de quarenta e quatro metros de comprimento cada uma, em profundidade de agua maior de dois, e cinco metros.

Todos esses serviços foram executados sob a direcção do coronel Rufino Enéas Gustavo Galvão, o qual trabalhou nas obras com o maior afinco e actividade infatigavel até dal-as promptas.

A estrada foi traçada militarmente pelo mesmo coronel, ficando fóra do alcance dos fogos de *Angostura*.

Pouco acima de Palmas fica a embocadura do pequeno arroyo *Pikiciry*, que deu nome ás linhas de Lopez, diante de Villeta, e que mal podemos avistar por entre o espesso mato, que n'este lugar lhe cobre as margens.

A' este ponto chegamos no dia 3 de Março, pelas 5 horas e 40 minutos da manhã.

Acima do Pikiciry, á margem esquerda do rio Paraguay, estendia-se a famosa bateria de *Angostura*.

Estão aqui fundeados os encouraçados *Mariz e Barros* e *Herval*. O revolvimento de terra indica o lugar dos dois reductos, que formavam a formidavel bateria. Um d'elles está já arrasado. No outro trabalham ainda os nossos soldados, acabando de destruir as obras.

D'aqui avistamos perfeitamente as *Lomas Valentinas*, suavissima ondulação de terreno, que se eleva gradualmente, formando uma collina de vistosa apparencia. No alto vêm-se algumas casas, entre estas a que serviu de quartel general de Lopez.

Logo adiante passamos em frente a *Villeta*, povoação ou villa maior do que aquellas, que até aqui havemos visto.

Está ella assentada em um terreno igual, perfeitamente descortinado, com uma leve inclinação para o rio.

A igreja foi destruida pela artilheria da esquadra, tendo

apenas ficado a parede do fundo e de uma das torres. Vêm-se ahi varias casas terreas, cobertas de telha, com varanda aberta na frente. Fóra da povoação, ao lado esquerdo de quem olha do rio, fica o cemiterio, todo fechado, e com uma cruz no centro.

Estão ahi enterrados muitos brasileiros, entre estes o coronel João Niederauer Sobrinho, ferido na batalha do *Avahy*, á 11 de Dezembro de 1868; tenente-coronel Francisco de Lima e Silva; tenente-coronel Rosalde, e muitos outros officiaes.

A' excepção da brigada do coronel Paranhos e dos exercitos argentino e oriental, que haviam ficado em Palmas, acampou n'este lugar todo o exercito brasileiro, de 11 á 21 de Dezembro, em que seguiu a dar o ataque de *Lomas Valentinas*.

Tres leguas acima de *Villeta*, fica *S. Antonio*, estancia junto a qual desembarcou o nosso exercito para atacar o inimigo pela retaguarda. Ha aqui uma boa casa terrea, coberta de telha.

O terreno é alto e enchuto, apresentando vegetação vigorosa, na qual sobresahe a palmeira *Carandaí* em grande quantidade.

Em caminho para Villeta, ficam os arroios *Itoróró* e *Avahy*, notaveis pelos combates sangrentos, que ahi se feriram nos dias 6 e 11 de Dezembro.

De Avahy á Villeta ha uma legua de distancia.

Que lugubre historia a que estas margens e campinas perpetuam em sua mudez melancolica!

Que immensa somma de esforços, que prodigios de abnegação e valentia de animo para até estas regiões longinquas trazerem os brasileiros o poder de suas armas!

Ha quatro annos, em Março de 1865, o nosso exercito deixou as avenidas de Montevidéo, e acampa hoje em As-

sumpção, tendo percorrido por terra, no meio de sanguinolentas batalhas e de privações de todo o genero, uma extensão de tresentas leguas!

A historia ha de avaliar devidamente o grande exemplo de energia moral, que se encerra n'esse facto.

A indole do brasileiro é fria e meditativa: nunca deu para commettimentos militares.

Mas, offendidos seus direitos, a sua resolução, tomada com o vagar da reflexão, executa-se com firmeza.

Alli jaz abatida a capital inimiga, a outr'ora tão soberba *Assumpção*, onde, em Dezembro de 1864, se comsummaram com tamanha arrogancia os insultos, que vieram commover a grande alma da nação, e lhe communicar uma força desconhecida para vingar seus brios e salvar seu futuro.

No dia 3, á tarde, desembarquei na cidade, sendo hospedado por um distincto official de nosso exercito, o qual, na elevação de seu espirito, como na nobreza de seus sentimentos, e na affectuosa benevolencia com que me acolheu, transportára para alli a patria brasileira, durante o tempo que demorei-me em Assumpção.

Que nobre e altivo brasão!

Honrar-se do nome de seu pai, e honrar-lhe a memoria, continuando seus feitos e a austeridade das virtudes militares, que d'elle recebeu em legado!

Eu conhecêra em S. Paulo o venerando general, que me honrára com sua amizade, e que, mais infeliz que seus companheiros de armas, padeceu e soffreu n'esta guerra morte de martyr. E mal podia pensar, que, longe da patria, em uma cidade tomada pelo poder de nossas armas, seu filho viria um dia receber-me e dar-me o abraço de amigo!

III

Mal posso acreditar que seja esta a famosa *Assumpção*, que tem enchido o mundo com o seu nome.

O local, sobre que está edificada a cidade, é o mais adaptado para o assento de uma grande capital. E' uma collina consideravelmente elevada sobre o nivel das aguas do rio, estendendo-se suavemente para o interior, abrindo-se o horisonte em vistosas campinas, ou cerrando-se em as mattas proximas.

As ruas, todas por calçar, apresentam a mais desagradavel apparencia. O terreno não está nivellado, e com as aguas da chuva fica todo coberto de lama ou de arêa solta. Ha ainda muito espaço por edificar, ou por murar, vendo-se fóra do alinhamento miseraveis pardieiros e ranchos de palha.

Não ha em toda cidade um chafariz, ou qualquer obra de canalisação de aguas. Em alguns pontos correm estas pelo terreno desigual e escalvado das ruas, parecendo provir de filtrações da collina proxima.

Não havia illuminação na cidade, encontrando-se apenas em um ou outro ponto algum tosco lampeão de azeite.

Os alliados tratam de fazer desapparecer esse inconveniente.

Entrando-se na cidade, com direcção á cathedral, sobresahe á esquerda um edificio de fachada apparatosa, commummente chamado *palacio velho*, em o qual dava os seus despachos o governo da republica.

N'este palacio falleceu, no pavimento terreo, do lado direito, o general barão do Triumpho, no dia 6 de Janeiro de 1869.

Este edificio tem pouco fundo, com uma varanda na frente, e outra na parte posterior, em ambos os pavimentos.

Uma insignificante escada de madeira, em um canto do mesmo, conduz ao pavimento superior.

Na mesma praça, em frente, está a casa construida pelo dictador Francia, e que lhe serviu de residencia durante o seu longo governo.

E' um especimen do estylo das construcções paraguayas em toda sua rudeza primitiva. O edificio fórma um quadrado, isolado em suas quatro faces, tres das quaes têm varanda na parte exterior e interior: a face do fundo só a tem pelo lado de dentro.

O aspecto sombrio d'este edificio aviva as recordações de sangue, que a elle se prendem. A face norte e do oeste dão para duas praças, cujos lados são formados pelos quarteis militares, que se estendem até á cathedral.

O despotismo paraguayo, o caracter peculiar d'estes povos, apparecem fielmente reproduzidos no aspecto que offerece esta parte da cidade.

Alli está a imagem viva da tyrannia, rodeada de bayonetas.

Ao lado da cathedral, d'ella separado pelo trilho de ferro, que vai até á praia, está a casa que serviu de residencia ao dictador Carlos Antonio Lopez, e pertence hoje á sua viuva D. Joanna Carrillo, mãi do actual presidente.

Alli hospedei me durante o tempo, que estive em Assumpção.

N'este edificio, conservou-se em todo o rigor o estylo das construcções paraguayas: mas, revela-se n'elle o apparato, de que a familia Lopez tem rodeado a sua supremacia n'estas regiões. A' frente do edificio, estende-se uma elegante varanda, formada por quinze columnas de gosto toscano, sustentando pequenas pilastras, sobre as quaes estende-se na parte superior outra varanda, estreita e baixa, coberta de madeira.

Tanto as columnas, como a parede que formam a frente do

edificio, estão pintadas á fresco, com côres vivazes. Os compartimentos interiores da frente são forrados de rico papel e mobiliados com verdadeira magnificencia. O resto do edificio é simplesmente caiado, tendo nas duas faces interiores uma extensa varanda, formada por columnas octogonaes, sem ornato ou pintura alguma.

Todos os compartimentos d'esta casa são ladrilhados de tijolos simples; e o mesmo se dá em todos os edificios publicos ou particulares de Assumpção, tanto no pavimento terreo como no superior.

Nos fundos d'esta casa fica o magnifico sobrado, pertencente á Vicente Barrios, casado com uma irmã do actual dictador. E' um palacete ao gosto moderno, tendo no interior a varanda paraguaya, formada por tres elegantes arcadas. O edificio está mobiliado com riqueza, podendo notar-se como caracteristica do luxo do paiz a magnificencia dos espelhos.

N'esta casa esteve alojado o marquez de Caxias, e posteriormente o marechal Guilherme Xavier de Sousa, que commandava o exercito brasileiro ao tempo de minha viagem.

O edificio que mais avulta na cidade, é a cathedral. E' um templo espaçoso, com duas torres bastante elevadas, mas sem architectura. O interior está dividido em tres corpos, formado por duas ordens de pilastras, em estylo dorico, as quaes se prolongam até ao altar-mór, em uma extensão como de trinta braças. Ha quatro altares lateraes, os quaes não offerecem obra alguma notavel, sendo as decorações acanhadas e sem gosto. Todo o interior é ladrilhado de tijolo. A parte exterior, pelos lados e fundos, é circumdada por uma extensa varanda, formada por columnas octogonaes. A varanda na frente, ou no fundo dos edificios

ou casas particulares, é o caracteristico das construcções paraguayas.

O templo que hoje serve de cathedral foi mandado construir por decreto do supremo governo da republica de 5 de Fevereiro de 1842, demolindo-se o antigo, sito no mesmo local.

N'esta igreja ouvi, no dia 6 de Março, a missa resada pela alma do major Eduardo Emiliano da Fonseca, morto no combate do *Itoróró*, em 6 de Dezembro ; e em seguida, a que no mesmo dia se resou pela alma do barão do Triumpho. O filho do general brasileiro, tenente Carlos Luiz de Andrade Neves, bem como os irmãos d'aquelle finado, alli estavam, os olhos rasos de lagrimas e o coração partido de dor !

Cumprido esse dever religioso, retirei-me para casa, cheio de tristeza ; e comecei a escrever a biographia do barão do Triumpho.

O major Emiliano pertencia á essa familia de bravos, que se fez representar na guerra actual por sete irmãos, todos militares.

E' um dever de gratidão nacional recordar aqui esses nomes :

Coronel Hermes Ernesto da Fonseca, commandante da 6ª brigada de infantaria ;

Tenente-coronel Severiano Martins da Fonseca, commandante do 1º regimento de artilheria á cavallo ;

Coronel Manoel Deodoro da Fonseca, commandante da 8ª brigada de infantaria ;

2º tenente reformado Pedro Paulino da Fonseca ;

Capitão Hyppolito Mendes da Fonseca, commandante do 36 de voluntarios, ferido e prisioneiro no combate de Curupaiti em 22 de Setembro de 1866;

Major Eduardo Emiliano da Fonseca, commandante do 40 de voluntarios, morto no combate de Itoróró;

Dr. João Severiano da Fonseca, 1° cirurgião do corpo de saúde, no exercito em operações;

Alferes Affonso Aurelio da Fonseca, morto no combate de Curupaitî.

O coronel Hermes, tão notavel pela figura proeminente que tem representado n'esta campanha, é hoje o chefe da familia.

IV

Resta-nos ainda conhecer uma parte da capital paraguaya, onde nada ha hoje, que possa ser considerado com indifferença pelo brasileiro

Cada edificio, como cada pedra, nos diz aqui alguma cousa do passado, e nos traça a rudeza d'este povo ao lado dos monumentos de vaidade da familia Lopez.

Proximo á cathedral, ao lado esquerdo, fica o edificio, que servia de seminario ecclesiastico da diocese.

As paredes exteriores têm a apparencia de muros de quintal, com seteiras gradeadas de ferro, em vez de janellas, acima da altura de um homem: o que lhe dá em tudo um aspecto de prisão. Dentro ha uma pequena area, rodeada de varanda nas quatro faces, segundo o estylo paraguayo.

N'este edificio estão assistindo os padres que desempenham no exercito as suas sagradas funcções, dirigidos pelo Rvd. capucho Fr. José Fidelis Maria d'Avola Meza: estão aqui morando igualmente os padres paraguayos Claudio Arrua, capellão do exercito inimigo, prisioneiro em Angostura, e Policarpo Paez, parocho da villa da *Concepcion*, o qual não quiz obedecer á ordem de Lopez para recolher-se

ás Cordilheiras, e veiu apresentar-se ao exercito brasileiro em Assumpção. Este ultimo transferiu-se depois para sua casa.

Com ambos tive occasião de conversar detidamente, parecendo-me que fallavam com despreoccupação e sinceridade, recebidos e tratados,como eram n'aquella santa casa, por seus irmãos em Christo.

O primeiro referiu-me as praticas, que por ordem superior fazia regularmente ás forças, de que era capellão, para o fim de não serem poupados os *cambahis* ou negros, como eram entre elles chamados os brasileiros. No segundo encontrei muita vivacidade e mesmo agudeza de espirito. Signifiquei-lhe com franqueza o horror,que eu tinha ao povo paraguayo por sua desconfiança feroz e caracter agressivo; e embora não me désse uma resposta satisfatoria, disse-me que o systema de terror e os habitos arreigados de inveterada sujeição explicavam a força do poder de Lopez, e a impossibilidade de qualquer tentativa para subtrahir-se á acção de sua autoridade.

Ambos estes padres pronunciam muito bem o latim, como testemunhei nas missas celebradas pelos mesmos.

Na rua de *La Palma*, ergue-se no meio de insignificantes casinhas o palacio de D. Benigno Lopez, irmão do dictador. Está ainda em obras, e, depois de concluido, seria sem duvida um dos mais bellos edificios da capital.

A parte exterior está toda por acabar. No interior, estão quasi terminadas as decorações da grande varanda. N'este edificio, o typo da construcção paraguaya foi habilmente adaptado ás regras da architectura.

O espaço comprehendido pelas quatro faces interiores do mesmo, fórma um verdadeiro *atrium*, no systema das antigas casas romanas. As columnas são de ordem toscana,

e as paredes exteriores decoradas com baixos relevos, executados com muito gosto.

Duas linhas de elegantes columnas, no vestibulo, sustentam o pavimento superior, ao qual conduz uma soberba escadaria de pedra. Vêm-se n'esta construcção a opulencia e a ostentação.

Na mesma rua de *La Palma*, seguindo-se para a praça do *Mercado*, encontra-se, ao lado direito, o Club Nacional, casa terrea, a qual nada offerece de notavel. Defronte, na mesma rua, está a capella, que, segundo me informaram, se estava construindo para a familia Lopez. O zimborio, collocado no centro, está lançado com arrojo. Depois de terminado, deve ficar um edificio notavel.

A rua *La Palma* vai terminar na praça do Mercado, em um de cujos cantos se vê a casa terrea, em que residia o actual dictador Francisco Solano Lopez. E' de apparencia mediocre, sem cousa alguma de notavel.

N'esta casa esteve por alguns dias o general Osorio, passando-se depois para o antigo palacio de Francia.

Em Março ahi assistia o Sr. conselheiro José Maria da Silva Paranhos, o qual n'essa mesma casa fôra em 1858 recebido e tratado por aquelle dictador com todas as attenções e respeitos, como embaixador do Brasil !

Essa casa servia de residencia provisoria do marechal Solano Lopez.

Logo na entrada da cidade, na parte mais saliente d'esta, junto a margem do rio, estava elle construindo um edificio apparatoso, para servir-lhe de habitação.

E' este o palacio novo de Lopez, como o chamam.

N'elle procuraram conservar o estylo da varanda paraguaya, em proporções grandiosas, e produziram uma combinação extravagante, que não se filia a typo algum de architectura.

O edificio está construido em um declive aspero da margem do rio, tendo a frente, que olha para este, mais alta que o fundo, o qual dá para a cidade.

O pavimento, representado pela desigualdade do solo, é em estylo rustico, sendo toda essa parte do edificio de pedra lavrada. Ahi estão as baias, ou cavalhariças.

Sobre este pavimento assenta o edificio, cujas linhas exteriores partem-se em angulos reintrantes e salientes, dando-lhe um aspecto original.

Na frente e no fundo ha duas extensas varandas: o resto está dividido em quartos, ou saletas acanhadas, em numero de vinte e tantos.

Os ornatos d'essa extravagante construcção pertencem quasi todos á ordem corinthia.

No centro eleva-se um torreão, de fórma quadrada, formando um todo sem harmonia.

N'esse torreão, e na cimalha da parede do lado do sul, ha estragos pouco notaveis, produzidos por bombas de nossa esquadra; sendo este o unico vestigio, que apparece, do bombardeio por ella feito na capital inimiga, depois da passagem de Humaitá. A autoridade brasileira cobriu convenientemente essa parte do edificio para preserval-a de estragar-se pela acção do tempo.

Em um terraço, que ha na parte interior, notam-se dois grandes leões, feitos de grez do paiz (não de barro, como disse uma correspondencia do exercito). O leão é o symbolo da nacionalidade paraguaya; e o *Semanario* fez grandes gabos á essa obra, executada por artistas do paiz. E' difficil encontrar artefacto tão imperfeito e grotesco. Qualquer canteiro nosso faria cousa melhor. Ainda não vi mutilar-se a arte tão desapiedadamente.

Na parte posterior do edificio, circumscripto pelas ruas

lateraes, vê-se um terreno acanhado, que parece ter sido destinado para jardim e accessorios.

A fastosa ostentação dos monumentos da familia Lopez em Assumpção contrasta singularmente com o estado de seus templos.

Nos fundos do palacio novo do dictador, fica a igreja de *La Encarnacion*. E' um templo antigo, bastante espaçoso, e rodeado exteriormente da varanda paraguaya. Ao lado direito da entrada, fica-lhe contiguo um terreno, que serve de jazigo.

O interior do templo é todo ladrilhado de tijolo, sendo o tecto forrado de madeira tosca, sem pintura. Tem uma só torre, e sete altares, contando o altar-mór.

Além d'esses templos, só ha na capital a igreja de S. Roque, capella aldeã, em ruinas.

Perto d'essa capella, na extremidade norte da cidade, fica a estação da estrada de ferro, sem duvida o mais notavel edificio de Assumpção, construido em grandes proporções, e com bastante gosto. Ahi se vê a riqueza das madeiras do paiz.

Em frente, formando uma das faces lateraes da praça de S. Francisco, fica o grande quartel d'esse nome.

Da estação central da estrada de ferro segue um ramal, que atravessa a cidade em toda a sua extensão de norte a sul, e vai terminar na praia, junto ao arsenal de marinha, um dos bons edificios da capital, ainda em construcção. Perto fica a alfandega.

Fóra da cidade, na face sul, ha um grande campo, ou rocio, que supponho ser o campo de *Salamanca*, de que trata o *Semanario*. Alli disciplinavam-se os batalhões paraguayos, antes de serem mandados a reforçar o exercito inimigo em Humaitá, na presente guerra.

N'esse campo assisti ás revistas e exercicios, que regularmente faziam á tarde as brigadas do exercito.

No alto fica o espaçoso edificio, em que está estabelecido o hospital do exercito brasileiro. Visitei-o no dia 5 de Março. Estavam ahi em tratamento 635 doentes, dos quaes dez de cholera. Nos dois mezes anteriores as molestias predominantes haviam sido a bronchite e a diarrhéa.

O estado sanitario do exercito melhorára consideravelmente com a declinação do calor. No mez de Março, a temperatura em Assumpção, á noite e pela manhã, era muito agradavel e fresca. E nos passeios tomava-se sol, nas horas calmosas do dia, sem contrahir-se molestia.

Para quem chega á Assumpção, aponta-se logo como uma curiosidade a casa, em que morou Linch, cujo nome apparece tantas vezes n'esta guerra associado ao de Lopez.

E' uma casa terrea, de mediocre apparencia no exterior, vendo-se logo ao entrar a fastosa magnificencia, com que se tratava a personagem, que n'ella residia. Os aposentos interiores são forrados de alto á baixo de finissimo *crochet* sobre papel verde assetinado. A varanda é escura, sombreada pelo jardim, que existe no atrio interior.

Nos fundos d'esta casa se vê um grande sobrado, em frente ao qual estão os muros do theatro novo, vasto edificio, cuja execução pretendiam os paraguayos fosse feita pelo plano do theatro *Scala* em Milão.

Não havia em Assumpção academia alguma, ou instituto de sciencias superiores; e não pude ter noticia de um só paraguayo, que tenha qualquer gráo litterario, recebido no paiz. Verifiquei mais não haver alli livrarias, nem publicas, nem commerciaes; bem como nenhum jardim, nem fontes, nem passeios, nem musêos.

O exercito da republica tem excellentes medicos, mas

estrangeiros, alguns dos quaes serviram na guerra da Criméa.

Havia na cidade um grande commercio ao tempo, em que alli estive. Entre casas de negocio e tavernas ou *carpas*, como as chamam, contavam-se mais de duas mil. Por toda a parte se vêm paisanos, circulando pelas ruas em negocios de seus interesses.

Mulheres, havia como quatro mil, sendo de notar a perseverança, com que desde o começo d'esta campanha têm ellas acompanhado o exercito por toda a parte. Muitas prestam os mais caridosos serviços aos doentes, e algumas têm sido vistas recolhendo na linha de fogo em combate as pessoas, que lhes são caras e que cahem feridas pelo inimigo.

Não havia na cidade uma só casa por occupar, verificando-se pelo contrario falta d'ellas. Algumas estavam alugadas á particulares por preços exorbitantes pelos paraguayos, que se apresentaram como proprietarios das mesmas. A autoridade militar brasileira deferia-lhes a posse d'ellas, mediante o depoimento de duas testemunhas, attestando a propriedade. Atraz da cathedral, estava um excellente hotel dando lucros consideraveis á um moço paraguayo que me pareceu pessoa distincta.

Na cidade estavam aboletadas as forças brasileira e oriental, e parte das argentinas.

O grosso do exercito d'estes, ao mando do general D. Emilio Mitre, acampava em *Campo Grande*, pouco adiante de *La Trinidad*, em direcção á Luque. Formavam um effectivo de quatro mil homens.

Os orientâes contavam um numero muito reduzido de soldados da republica, dizendo-se-me que não passavam de duzentos, e cerca de oitocentos paraguayos, formando a legião que d'elles tomou o nome.

O effectivo da força brasileira prompta no dia 6 de Março de 1869 era de vinte e tres mil quinhentos e setenta homens.

D'esta força estavam desarmadas 1500 praças por falta de armamento, em consequencia dos combates de Dezembro.

Em Assumpção conheci o engenheiro hungaro Francisco Wisner, coronel do exercito paraguayo, prisioneiro em Lomas Valentinas a 27 de Dezembro. Havendo-se depois do combate refugiado em uma matta proxima, e sendo esta batida pelo coronel João Antonio de Oliveira Valporto, foi o mesmo encontrado por este com toda sua familia, composta de mulher, uma filha e escravos de seu serviço em numero de onze pessoas.

O coronel brasileiro separou immediatamente essa familia do sequito dos mais prisioneiros, que foram recolhidos na matta, e a levou em sua companhia ao quartel-general, tratando-a com toda consideração e especiaes attenções.

Wisner tem hoje 69 annos de idade, e residiu no Brasil, conhecendo e fallando ainda o portuguez.

Passou depois ao serviço do governo do Paraguay, pelo qual tem sido empregado por espaço de vinte e quatro annos em differentes commissões. Foi elle o incumbido pelo finado presidente D. Carlos Lopez de estudar a questão de limites do territorio da republica com o Brasil para sustentar as pretenções do Paraguay.

Fallou-me a esse respeito, revelando conhecimento do assumpto, e mostrando-se em tudo adicto ás idéas paraguayas na questão. Disse-me, que houvéra n'esta materia capricho da parte do Brasil; e que os diplomatas brasileiros em Assumpção haviam dado causa legitima ás desconfianças do governo paraguayo contra nós.

Em sua sala vi um retrato grande do actual dictador Lopez.

Declarou que ainda se vê obrigado a permanecer em Assumpção, visto como o governo da republica lhe deve os seus soldos de dez annos e meio, cujo pagamento espera poder ainda reclamar pelo primeiro parlamento, que fôr mandado a Lopez; e está aguardando a solução das cousas para vender suas propriedades na capital afim de retirar-se á Hungria.

Logo que as forças brasileiras entraram em Assumpção, foi-lhe mandada entregar a sua casa, em a qual ficou desde então residindo.

Wisner em geral falla desfavoravelmente do Brasil.

Sempre que na conversação tinha de referir-se aos paraguayos, usava da expressão: *nós*. « *Não tinhamos* mais que cincoenta e cinco mil combatentes no começo da guerra, disse-me elle: as mais forças da republica estavam disseminadas em serviço de guarnição. »

V

Ao tempo de minha viagem, as operações militares no Paraguay se achavam inteiramente paralisadas, tratando-se de reunir os elementos de mobilidade para o exercito, afim de emprehender-se a *campanha das Cordilheiras*.

Darei noticia de algumas circumstancias, que occorreram durante minha estada em Assumpção, e que eu registrava dia por dia.

No dia 4 de Março, chegou á essa capital uma commissão de officiaes do exercito, vinda de Matto Grosso, para felicitar o marquez, hoje duque de Caxias, pelo fim da guerra, como n'aquella provincia se acreditava.

Como chefe da mesma, veiu o tenente-coronel Antonio Maria Coelho, o heróe de Corumbá. Este distincto official hospedou-se na mesma casa, em que eu estava residindo, e

assim tive occasião de com o mesmo praticar longamente sobre os successos, de que fôra elle principal actor em sua provincia natal. E' um militar instruido, ainda moço, tendo actualmente 42 annos de idade.

No dia 7 assisti, na igreja cathedral, á missa militar e benção solemne da bandeira destinada ao 1.° de infantaria. Tendo tremulado em todos os combates d'esta guerra, a bandeira d'esse batalhão estava inteiramente despedaçada pelas balas, e teve de ser guardada como uma gloriosa reliquia.

N'este mesmo dia começou á funccionar a locomotiva da estrada de ferro, passando pela manhã em frente á casa, em que eu assistia. Soou-me tristemente ao ouvido esse sibilar, que annunciava aqui não uma festa pacifica da industria, mas o éco sinistro da guerra.

N'esse mesmo dia, presenciei no quartel general o interrogatorio de tres paraguayos feitos prisioneiros no dia anterior por uma força nossa, á tres leguas de Luque.

Causou-me lastima ver como estavam vestidos esses infelizes. Dois d'elles traziam um panno grosseiro, tecido no paiz, preso á cintura, pendendo até aos joelhos. O terceiro tinha por unica vestimenta, além de um panno ao pescoço, um pedaço de couro velho preso tambem á cintura.

Pertenciam á uma descoberta do inimigo, tendo-se d'esta escapado dois homens na occasião de serem perseguidos.

Não conheciam uma palavra do hespanhol, e deram os seus depoimentos em guarany, por meio de interprete.

Declararam, que Lopez se achava acampado em *Ascurra;* e que ahi daria combate ao exercito brasileiro, decidindo a guerra.

Nenhum credito dei ao que diziam esses prisioneiros.

Um dos mesmos, que era casado, disse-me que sua mulher e filhos estavam em poder de Lopez.

Representavam todos tres o mais rude typo da raça indigena, parecendo que ainda agora haviam sido tirados d'entre os selvagens. O mais velho teria trinta e cinco annos.

Em vez de civilisar essas creaturas desvalidas, um tyranno frio as arranca ás suas selvas e ás suas familias. Esses não puderam ser immolados ao systema de guerra paraguayo: *morrer, matando!*

Com as praças successivamente chegadas de Humaitá, restabelecidas dos ferimentos recebidos nos combates de Dezembro, reorganisaram-se, no dia 8, tres corpos, que tomaram a numeração de 17, 18 e 22.

No dia 9, pelas cinco horas da manhã, segui á cavallo, pelo leito da estrada de ferro, com destino a Luque, onde então se achava a vanguarda de nosso exercito.

Fiz essa excursão, tendo por companheiros, além d'outras pessoas, a dois distinctos medicos de nosso exercito, um dos quaes servé desde o começo da campanha, e outro desde o principio de 1866. Este ultimo é oppositor da faculdade de medicina da Bahia, e alli possuido de um ardor patriotico seguiu para a guerra, onde permanece até hoje.

Em Assumpção tivéra eu occasião de conhecêl-o, entretendo-nos longamente sobre os successos d'este immenso e afflictivo drama,que elle segue dia por dia, estudando-os com vivo interesse.

Traz comsigo uma preciosa collecção de obras, jornaes e folhetos sobre as cousas do Prata e do Paraguay, e é o correspondente de uma de nossas grandes folhas. Suas missivas começaram em Corrientes em 1866, e têm continuado até agora. Em sua casa conheci outros cavalheiros distinctos, que igualmente se têm incumbido de relatar as occurrencias d'esta guerra em correspondencias, dirigidas aos periodicos do Rio da Prata.

N'essas condições, a excursão que eu fazia, tornou-se para mim ao mesmo tempo instructiva e agradavel.

Pouco adiante da cidade afastamo-nos do leito da via ferrea, e seguimos por entre duas alas de frondosas laranjeiras, as quaes vão orlando a estrada, pela qual tomáramos, até *Ybirai*, arroio de aguas limpidas e puras.

Pouco adiante, cerca de uma legua da capital, fica a igreja da *Trinidad*.

E' um templo espaçoso, e sua decoração superior á qualquer das igrejas de Assumpção. O tecto e as paredes são pintadas á fresco, distinguindo-se o frontespicio pela originalidade de seus ornatos. Só tem uma torre.

A's 8 1/2, chegamos á Luque, onde fui hospedado pelos Srs. coronel, hoje brigadeiro, Vasco Alves Pereira, commandante da praça, e coronel Francisco Lourenço de Araujo. Ambos estes chefes militares são simplices officiaes superiores da guarda nacional, em suas respectivas provincias: o primeiro no municipio do Alegrete, no Rio-Grande do Sul, onde tem sua residencia, o segundo no municipio de Santo Amaro, na Bahia, onde é senhor de engenho.

O coronel Caetano Gonçalves da Silva, commandante da força de cavallaria, pertence igualmente á guarda nacional do Rio-Grande do Sul. E' a guarda civica do Imperio que, fundindo-se com o exercito, sustenta a honra da nação n'esta immensa luta.

Todos esses officiaes têm-se feito admirar n'esta guerra por sua intrepidez e heroica bravura.

O coronel Francisco Lourenço traz uma longa barba, tendo feito voto de só cortal-a, se conseguir voltar felizmente á sua patria com o batalhão de voluntarios que elle organisou e conduziu comsigo ao Paraguay.

Que venerando ancião!

Luque é um povoado insignificante, composto de casas

terreas, perfeitamente alinhadas, e formando duas praças. No centro da segunda fica a igreja, a qual não é mais que um grande galpão coberto de telha. As imagens são tão imperfeitas, que admira como a respectiva autoridade ecclesiastica deu licença para receberem culto em um templo catholico.

Um terço pelo menos das casas da povoação é coberto de palha. As casas melhores ficam logo á entrada, formando a face norte da primeira praça, e estavam occupadas pelo commercio.

Qualquer freguezia no Brasil é superior a esse povoado, cuja celebridade resulta de sua mesma insignificancia, comparada com a importancia politica, que adquiriu na presente guerra, como capital da republica depois da passagem de Humaitá.

Junto ao povoado, face norte, passa a estrada de ferro, que segue para o interior.

O terreno ao redor é plano, ora coberto de mato, ora rasgando-se em vistosas campinas. E assim vai até a capital.

Tres mil e novecentas praças de cavallaria e infantaria, ao mando do então coronel Vasco Alves Pereira, faziam a vanguarda do exercito n'este ponto.

A brigada da infantaria era commandada pelo coronel Francisco Lourenço, e a de cavallaria pelo coronel Caetano Gonçalves.

Em uma das faces do povoado abriu-se um vallo estreito, como servindo de fosso ou trincheira, para ahi receber-se o inimigo, quando apparecesse. Não havia alli peça alguma de artilheria, nem reducto ou obra de fortificação regular. O vallo é aberto apenas para destruir a formatura do inimigo, desbaratando-o em combate, e não subtrahindo-se á este, ou escondendo-se atraz de montanhas de leiva. Que

segurança e tranquillidade de animo a d'estes bravos em frente dos paraguayos !

Elles dormem no solo inimigo tão desassombrados, como se os abrigassse o tecto da patria. Estão promptos para brigar. E' quanto lhes basta.

O general Vasco Alves, pela especialidade de seus dotes militares, parece ter sido talhado para o serviço de vanguarda, para o qual é todo o pendor de seu genio. Simples e despretencioso em suas maneiras, tem tanto de vigilante, como de destemido, em meio dos grandes perigos.

Conheci em Luque o rev. fr. Salvador de Napoles, nome abençoado em todo o exercito, em o qual desempenha as funcções de capellão.

Que sublime devotação a d'esses padres exercendo o seu sagrado ministerio no meio do embate das armas !

Algumas vezes, no decurso das operações anteriores, as bombas do inimigo têm vindo rebentar sobre suas cabeças na occasião em que celebravam o santo sacrificio da missa, e o brasileiro alli ficava, prostrado diante de Deus, offerecendo a sua vida em holocausto pela religião,que professa !

VI

Já tarde retiramo-nos de *Luque*, indo chegar de noite á *Trinidad*. Ao entrarmos na capital, ás oito e meia horas da noite, não encontramos guarda, ou sentinella alguma, que nos perguntasse quem eramos.

A' noite d'esse mesmo dia, houve uma representação dramatica, desempenhada por officiaes do exercito brasileiro, em o theatro velho da cidade.

O viajante difficilmente se poderia capacitar de que se achava em uma praça de guerra.

Os acontecimentos deviam desenrolar-se de si mesmos, e bem proximos estavam elles.

No dia 10, pelas duas horas da tarde, recebeu-se na capital um telegramma, expedido de Luque pelo commandante da vanguarda general Vasco Alves, referindo o encontro de forças brasileiras e paraguayas, junto a ponte de *Yuqueri*.

O toque de *sentido!* fez-se ouvir immediatamente em toda a cidade, acordando de novo os echos da guerra, que se declarára finda. E ás quatro horas da tarde d'esse mesmo dia desfilava pelas ruas de Assumpção, com destino á Luque, todo o 1º corpo de exercito, ao mando do general João Manoel Menna Barreto, formando um effectivo de oito mil praças.

Trocára-se n'esse dia o primeiro tiro de uma nova campanha, trazida ainda esta vez pela audacia indomavel do inimigo. Renovando as scenas da idade antiga, o povo paraguayo parece reproduzir a imagem do gigante da fabula, que se julgára abatido na poeira, e que, tocando em terra, levantava-se animado de recrescida força.

Se o povo brasileiro conseguir vencer essa força barbara, certo o seu nome não mais se riscará da face da terra.

Não me illudo sobre o alcance da nova campanha, que se iniciou a 10 de Março. Tomado da mais viva emoção, vi n'esse dia desfilar o nosso exercito pelas ruas da capital paraguaya. Os destinos da nação alli ficavam presos á sorte d'essa pequena força que ia, no meio de vagas e inquietantes incertezas, internar-se pelo paiz inimigo.....

O isolamento e o regimen de terror, em que o povo paraguayo foi mantido e educado durante vinte e seis annos, imprimiu no caracter do mesmo um cunho de desconfiança feroz contra o estrangeiro e um sentimento entranhado da independencia de seu solo, unido á mais servil obediencia a seus dominadores.

« Louca pretenção, exclamava o *Semanario*, essa de dominar-nos pelo bloqueio a nós, que pelo espaço de vinte e seis annos dispensamos o resto do mundo, e hoje damos testemunho de encerrarmos em nosso territorio tudo quanto é necessario para vivermos em prosperidade! »

D'este modo, collocados todos esses elementos, como machinas de destruição, nas mãos de um homem endurecido em uma intenção mais de odio, do que de deliberação reflectida, exterminar-se-ha porventura o ultimo paraguayo. Mas, alli n'essas massas fanaticas, dadas á sujeição absoluta que vem dos tempos dos jesuitas, jámais se insinúa o desanimo.

E' esta a verdade sobre a actualidade da guerra; e é doloroso, que pessoas revestidas de uma responsabilidade tão solemne pela nação, o tenham tão profundamente desconhecido.

Alongando os olhos pelo futuro em presença do acontecimento, que se passava diante de mim, experimentei um sentimento involuntario de tristeza. E sob essa impressão passei os dias, que ainda me demorei em Assumpção.

O intento de minha viagem estava obtido. Emprehendendo-a, tivéra eu por fim praticar sobre os acontecimentos d'esta immensa guerra com aquelles, que d'elles haviam sido ou testemunhas, ou actores.

Para o conseguir achei-me em Assumpção nas mais favoraveis condições, tendo tido occasião de alli conhecer e tratar com os nossos generaes, em serviço n'esta campanha, os quaes todos fizeram-me a honra de visitar-me; e bem assim com muitos chefes superiores de nosso exercito, aos quaes fiquei devendo todo o genero de attenções.

Os dias corriam rapidos e alegres n'esse exame retrospectivo do passado, volvendo-nos á mente cada um dos acontecimentos do grande drama, reproduzido na reminis-

cencia vivaz d'aquelles que nos fallam da guerra com a autoridade de suas feridas.

Era para mim uma satisfação intima ver assim tão utilmente aproveitado o meu tempo; e sentia pulsar-me de alegre o coração cada vez, que alli, no theatro da acção, apertava, cheio de estremecimento, a mão de um bravo! E quantas vezes felizmente tive em Assumpção esse prazer!

Além dos generaes, alli tive a fortuna de conhecer, entre os chefes superiores de nosso exercito, os coroneis Deodoro, Hermes, Pedra, Galvão, Valporto, Mallet, Francisco Lourenço e muitos outros.

Uma das narrativas mais curiosas e interessantes, que ouvi em Assumpção, foi a que fez-me o major João Ernesto da Cunha Mattos, o qual referiu-me com particularidade tudo quanto com elle se passára desde 3 de Novembro de 1867 até 27 de Dezembro de 1868, em que esteve prisioneiro de Lopez. Estive igualmente com outros prisioneiros nossos, libertados em Lomas, e que haviam cahido em poder do inimigo em Suribi-i, e em Palmas.

Deram-me em Assumpção uma interessante collecção de periodicos paraguayos, publicados no decurso d'esta guerra, diversas medalhas de campanha do inimigo, planos de batalha, e muitos esclarecimentos preciosos sobre os acontecimentos mais memoraveis d'esta luta, sobretudo os do mez de Dezembro ultimo.

Esses periodicos são o *Semanario*, orgão official, a *Sentinella*, o *Cabichuy*, e o *Lambaré*. Este ultimo era todo escripto em guarany, e publicado em Luque.

O *Semanario* encerra muitos artigos e documentos importantes para a historia d'esta guerra. Pelas repetidas transcripções n'esse periodico, de artigos de nossa imprensa e da platina, com pouco intervallo nas datas, vê-se que o

inimigo conservava livre sua communicação com o exterior apezar do pretendido cerco de Humaitá.

Esses periodicos só trazem artigos relativos á guerra; e é notavel o tom de arrogancia e de ironia sarcastica, que apparece em todos elles. Não ha alli uma palavra, que atraiçoe desanimo ou colera impotente.

Dir-se-hia que esse povo está contente dos desastres, que provocou sobre sua cabeça.

Dou apenas noticia do material, que reuni em Assumpção, e que faz parte de trabalho separado, constituindo a secção historica de minha viagem.

Torno, pois, á parte descriptiva, que é a que comprehendo n'esta carta.

VII

Havendo preenchido os fins de minha viagem em Assumpção e em Luque, embarquei-me com destino á Humaitá, que eu tencionava visitar, demorando-me alli alguns dias.

N'esse trajecto tive occasião de ver á margem do rio Paraguay, em Palmas, grande porção de trilhos de ferro e de dormentes que haviam sido destinados á estrada do Chaco, e bem assim crescido numero de armões, carros e galeras, de que o exercito soffria falta n'essa occasião. Igual material se encontrava abandonado na foz do rio *Tebicuari*, e no lugar denominado *Aquino*.

D'esses factos, bem como de tudo mais que eu observára com relação ao serviço publico, dei conhecimento por carta á respectiva autoridade militar, a qual providenciou á respeito.

Passei successivamente diante do *Pilar*, *Tayi* e *Timbó*; e finalmente desembarquei em *Humaitá*.

Que magnifico local este para o assento de uma grande

e explendida cidade! Seria para o estrangeiro o primeiro monumento, que desde logo attestasse a civilisação e habitos de paz do povo que o habita.

Em vez d'essa risonha perspectiva, logo junto á barranca, depara-se o rude mangrulho paraguayo, baterias, casamatas, tunneis, obras subterraneas, e uma linha de fossos fechando um campo entrincheirado para conter cem mil homens!

Cada povo, como cada individuo, tem sua phisionomia especial, sua indole distincta.

Mas, por que singular maneira vemos retratar este solo o caracter de seus habitantes!

Toda a sua actividade, todas as suas forças têm sido postas em contribuição, por espaço de longos annos, para accumular sobre elle meios de destruição, cavando subterraneos, e convertendo em um vasto e lugubre cemiterio a terra, que Deus lhe déra!

E' solemne a impressão, que sente o viajante ao pisar esse solo, atormentado pela mão do homem, parecendo ainda annunciar, no revolvimento de suas entranhas e no aspecto dos edificios esboroados, a sangrenta historia, que ahi se passou.

No mesmo dia de minha chegada, dirigi-me á *Parecué*, para ahi visitar o antigo acampamento do nosso exercito, e percorrer a linha de trincheiras, que lhe cobriam a frente.

Para chegar-se á esse ponto, segue-se a direcção de nordeste.

Vê-se ainda n'este lugar a ponte de madeira, que sobre um banhado ahi construiram os brasileiros, pondo em communicação o quartel general do marquez de Caxias com o do general Osorio. De permeio ficava o *commercio*, o qual acompanha o exercito por toda a parte, e estabelece-se no local, que lhe é designado, apenas aquelle acampa.

Os dois quarteis generaes estavam a menos de um quarto de legua de distancia entre si, sendo ambos estabelecidos em ranchos de palha, dentro de um frondoso laranjal.

Fiz essa excursão, tendo por companheiro a um distincto official de nosso exercito, o qual fizéra parte da columna de ataque, que, ao mando do general Osorio, investiu a trincheira de Humaitá no dia 16 de Julho de 1868.

Na volta, tomamos a mesma direcção, que seguira a columna atacante n'esse dia memoravel; e meu companheiro veiu-me assignalando todos os pontos, em que se haviam dado os acontecimentos mais importantes d'esse feito militar.

Do quartel general, de onde marchou a força, ao portão do reducto central de Humaitá, por onde tentou a mesma penetrar, ha a distancia de meia legua, atravessando-se em caminho varios banhados. Apenas a força transpôz o nosso ultimo fosso, começou a receber fogo da artilheria de Humaitá, rarefazendo suas columnas. Ahi estão por toda a parte disseminados os estilhaços das bombas inimigas.

Junto ao ultimo fosso do reducto, vê-se o ponto em que esteve o general Osorio, e ao lado o lugar, em que os nossos soldados cahiam ás centenas sob o fogo da artilheria paraguaya.

Póde-se imaginar a impressão, que sente o brasileiro, visitando o campo de combate, que guarda os restos de tantos filhos da mesma patria. Craneos quebrados, montes de ossos, estilhaços de bomba, sapatos velhos, pedaços ennegrecidos de panno pôdre, canos partidos de espingardas, alli indicam distinctamente o lugar, em que se empenhou o mais renhido da acção.

Tive então occasião de examinar a exageração dos meios de defeza, que os paraguayos accumulam nas suas fortifi-

cações. Parece ser o destino d'este povo cavar a terra e fazer trincheiras.

No lugar, em que se verificou o ataque de 16 de Julho, o fosso interior tem mais de trinta palmos de largura, e pela parte exterior seguem-se parallelamente outros fossos circumdados de *abatidas* e de *bocas de lobo*. Estas, sobretudo, estão executadas com um esmero digno de admiração.

Na parte interior do reducto, em frente ao lugar do ataque, ergue-se ainda um grande massiço de leiva, de vinte palmos de altura, sobre o qual esteve assentada em rodizio uma peça, que me disseram ser de 80, e que já tinha sido retirada pelos alliados. A maior perda da columna atacante foi causada por essa peça.

No dia seguinte, conjunctamente com o commandante da praça e varios officiaes do nosso exercito, fui visitar a antiga residencia de Lopez em *Paso-Pocu*. Seguia comnosco n'essa excursão o major Francisco Antonio de Moraes, que eu conhecêra no Rio Grande do Sul, onde o mesmo se distinguíra pelos mais relevantes serviços prestados na organisação do 3° corpo de exercito.

Em 1852, esse distincto official estivéra em Humaitá ás ordens do general Bellegarde, que ahi se achava com o velho dictador D. Carlos Lopez, estando os officiaes brasileiros então incumbidos de disciplinar o exercito paraguayo.

A estrada de Humaitá para *Paso-Pocu* segue a direcção de leste, pendendo um pouco para sueste. Está cortada de banhados, em alguns dos quaes os animaes que montavamos, ficaram cobertos de agua até ao pescoço.

Paso-Pocu fica fóra do reducto central de Humaitá, e dentro da grande linha de fortificação, que se estende até Curupaiti. A face sul é tomada por um frondoso laranjal,

O terreno n'este lugar é alto e enxuto, sem serro ou proeminencia alguma.

VIII

Partindo do lugar, em que feriu-se a batalha de 22 de Setembro, seguimos pela margem do rio até a distancia de meia legua, em que este desappareceu á nossos olhos pela volta que faz para oeste, seguindo nós em direcção de norte. N'essa distancia, o solo é já mais baixo, e começam os banhados que aqui e alli apparecem até Humaitá.

De regresso, visitamos o cemiterio paraguayo, situado á alguma distancia do quartel general de Humaitá. E' um pequeno quadrado, murado de tijollo, sem obra alguma notavel. Sobresahem n'elle tres tumulos de officiaes paraguayos, fallecidos durante a guerra, ou por effeito d'ella. As inscripções são simplices. Tendo cahido o muro do fundo por um temporal, ultimamente havido, o commandante da praça, coronel Piquet, mandou immediatamente reconstruil-o, repondo-o em seu antigo estado.

No mesmo dia examinei o local, em que os paraguayos collocaram as correntes destinadas á impedir a passagem do rio á esquadra brasileira. Vêm-se ahi os cêpos das fortissimas estacas, em que estavam presas as mesmas correntes e apparece ainda na barranca o tunel, por onde ellas atravessavam para ir ter á margem do Chaco.

Logo em seguida, separada por uma sanga, fica a antiga bateria *Londres*, hoje reduzida á um montão de tijollo esboroado. Era uma serie de casamatas, construidas inteiramente de tijollo, dominando o rio, como o vertice de um angulo recto.

Segue d'ahi, orlando a margem do rio, um caminho largo o qual vai terminar em uma matta espessa. Toda essa ex-

tensão havia sido guarnecida de artilheria pelo inimigo, ficando a guarnição protegida pelos massiços de leiva, systema predominante nas fortificações paraguayas.

Atraz d'estes estavam os paióes subterraneos para guardar munições. Ficam abaixo do rez do chão, sendo todo o interior, pavimento e paredes, revestidos de tijollo, e fechados em abobada construida do mesmo material. E' essa uma obra feita com muita arte e perfeição. Em todos elles está destruida a coberta, ou abobada, achando-se o revestimento interior em bom estado de conservação.

Percorri depois em toda sua extensão pelo lado interior o reducto de Humaitá, começando na parte septentrional atraz da igreja, junto a margem do rio, e dahi seguindo sempre pelo *caminho coberto.*

O perimetro da trincheira, desde esse ponto até terminar de novo no rio Paraguay acima de Curupaiti, tem uma extensão de treze mil e trezentos metros, ou cerca de duas leguas, gastando-se a percorrel-a, a meio galope, 2 1/2 horas.

Este reducto fica dentro do grande entrincheiramento conhecido pelo nome de *quadrilatero*, que vinha terminar em Curupaitî.

A terra tirada dos fossos, que forma o *caminho coberto*, está amparada interiormente por uma linha de arvores frondosas, alli plantadas em distancia de trinta palmos uma da outra, offerecendo uma sombra espessa n'este descampado limpo e despido de arvoredo.

O soldado, que fica de folga, findo o seu serviço, alli descança dos ardores do sol, achando-se effectivamente de promptidão junto á trincheira, por um modo suave.

N'esse mesmo dia visitei de novo o lugar do combate de 16 de Julho de 1868, afim de melhor fixar em meu espirito a topographia e os meios de defesa d'esse ponto e a memoria dos acontecimentos alli passados.

Ha em Humaitá dois hospitaes, em os quaes estão em tratamento grande parte de officiaes e praças do exercito brasileiro, e promiscuamente com os mesmos são tratados os officiaes paraguayos.

Tem a denominação de 1.° e 2.° hospital, e estão ambos estabelecidos em as casas, que encontrou-se, pertencentes ao inimigo, todas acanhadas e cobertas de palha.

O 1.° hospital está dentro do reducto feito pelo marechal Argolo para cobrir nossas forças em Humaitá, logo que occupamos esse ponto em Julho de 1868; o 2.° está fora do mesmo reducto.

Estavam em tratamento no 2.° hospital, no dia 15 de Março d'este anno, seiscentos e setenta e um doentes e feridos brasileiros, e noventa e nove paraguayos.

N'este hospital falleceu, depois de longo tratamento, uma mulher paraguaya, uniformisada militarmente, a qual recebêra nos ultimos combates cinco ferimentos: era chefe de uma peça.

Este hospital, depois dos combates de Dezembro, recebeu perto de quatro mil feridos.

Em o primeiro hospital achavam-se em tratamento no mesmo dia oitocentos e quarenta e seis doentes brasileiros, sendo feridos quinhentos e quarenta e sete, e de diversas molestias duzentos e noventa e nove, além de duzentos e dezeseis feridos paraguayos. Uns e outros estavam em tratamento de ferimentos recebidos quasi exclusivamente nos combates de Dezembro de 1868.

O movimento de entradas n'esse hospital, de 24 de Dezembro d'esse anno até 15 de Março de 1869, foi o seguinte:

Entraram feridos dos combates de Dezembro:

Brasileiros.....	1,316
Paraguayos.....	823

O numero de doentes, anteriormente existente no mesmo hospital, era de setecentos e tantos.

No hospital da ilha do Cerrito, sujeito ao commando da praça de Humaitá, se achavam, no mesmo mez de Março, em tratamento, 349 praças do exercito.

O numero, pois, de doentes do exercito brasileiro, nos quatro hospitaes de Assumpção, Humaitá, e Cerrito, n'esse tempo, elevava-se a dois mil quinhentos e um.

O tratamento dos doentes, bem como todo o serviço de ambos os hospitaes, é feito com muito zelo e caridade, como testemunhei. Dirige o 1.° hospital o major da guarda nacional do Rio Grande do Sul Antonio José Pereira Junior.

Percorrendo as enfermarias, tive o pesar de ver confirmado o facto de estar Lopez assassinando a seu povo, comprehendendo em seu exercito tanto a homens validos, como a meninos.

Ahi vi em tratamento, com diversos ferimentos, muitas crianças de nove e de dez annos de idade, que não sei como poderiam pelejar.

Nas enfermarias do 2.° hospital, chamou-me especialmente a attenção um pobre velho, de mais de cincoenta annos de idade, cégo de ambos os olhos por molestia natural: tem a barba toda branca. Fiquei admirado de encontrar entre os paraguayos este individuo, pertencente ao typo mais caracterisado da raça ethiope. Tem a tez inteiramente negra e lusidia, cabello encarapinhado, e nariz chato. Não falla o hespanhol, respondendo em guarany á conversação que com elle tive, por meio de interprete. Disse ser natural e residente no *Barrero Grande*, e *ser escravo* de Rivarola, o que confirmaram os demais paraguayos.

Na lei vigente sobre o papel sellado, promulgado em Assumpção pelo presidente D. Carlos Antonio Lopez, em

13 de Outubro de 1855, e publicada ainda recentemente á pag. 43 do *Almanack de la Republica del Paraguay* para o anno de 1864, encontra-se a seguinte disposição :

« 6.° *La venta de esclavos se otorgará en el sello 4.°* »

E o regulamento de policia de 27 de Junho de 1842, reproduzido no mesmo *Almanak*, legisla largamente sobre *escravos fugidos*, e indios.

Um dos officiaes paraguayos, prisioneiros em Angustura, disse-me, que perdeu n'esta guerra tres escravos em combate. Lopez os alistou a todos no serviço das armas, não fazendo alteração em sua condição servil. Se morrem, perde o senhor respectivo.

Não ha severidade bastante, com que se estigmatise o proceder de tantos escriptores na Europa, que ousam oppôr-nos o Paraguay, como um contraste, em materia de escravidão.

Mesmo no livro de *Du-Graty*, sobre essa republica, obra de caracter official, vem reproduzida integralmente a lei, que authentica a existencia de escravos no Paraguay, estatuindo sobre a venda dos mesmos : edição de Bruxellas, 1865, pag. 195 á 197 do appendice.

Tendo alli diante de mim esses testemunhos recentes de tantos crimes commettidos contra a humanidade, experimentei um sentimento de consolação, vendo que o cégo desvalido, symbolo do infortunio, fôra remido do captiveiro pelas armas do Brasil. Nobre e altiva vingança de nossa patria contra os seus detractores !

Aquella triste visita pedia uma compensação ; e eu a tive n'esse dia, tão inteira, como póde sentil-a aquelle, que é chamado á contemplar a imagem da virtude, reproduzida sobre a terra.

Meus olhos desviaram-se da escuridão lugubre das casamatas, dos gemidos plangentes dos hospitaes, e das scenas

da escravidão, para repousarem tranquillos em um espectaculo de caridade e de religião!

Todos os que foram ao Paraguay, terão já repetido o nome da veneranda matrona D. Anna Justina Ferreira Nery, viuva do capitão de fragata Isidoro Antonio Nery.

Em agosto de 1865 seguiu ella para o theatro da guerra, fazendo companhia aos tres filhos varões, que lhe ficaram d'aquelle consorcio. Esses tres filhos, todos em serviço de campanha, são:

Os doutores em medicina Justiniano de Castro Rabello e Izidoro Antonio Nery, ambos em serviço nos nossos hospitaes, e o alferes Pedro Antonio Nery.

Levada por um sentimento profundo de humanidade, essa respeitavel matrona votou-se toda á uma vida de caridade; e o seu exemplo póde encher de orgulho as senhoras brasileiras.

Tem ella servido de simples enfermeira em nossos hospitaes, tratando como verdadeira mãi a todos os feridos e doentes. Actualmente mora ella em uma casa separada, na qual estão em tratamento varios officiaes e praças, que a veneram e tratam por mãi.

Tambem recolhe junto a si as crianças, que ficam orphãs em campanha por morte de seus infelizes pais: actualmente vivem quatro d'esses anjos de innocencia em companhia d'essa mãi de caridade e de ternura. . . .

. . . . . .

Finalmente deixei o Paraguay.

Lá desapparece diante de nossos olhos essa terra de mysterio....

Retiro-me d'este solo com o coração contrahido de dôr, como se houvéra visitado o tumulo de um povo, cavado por elle proprio para ahi sepultar-se com suas tradições de sangue e de indomita ferocidade!

PRIMEIRAS EXPLORAÇÕES

da costa brasilica de 1501 a 1506

(Paginas ineditas da 2ª edição da *Historia Geral do Brasil*)

PELO BARÃO DE PORTO SEGURO

Socio do Instituto Historico Geographico e Ethnographico Brasileiro

Não sabemos ao certo em que data foi recebida em Lisboa a nova do achamento, por Cabral, das terras de Porto Seguro. Em todo o caso alguma demora houve em aprestar-se, uma pequena frota, de trez caravellas, que foi destinada a reconhecer a qualidade, valor e extensão da nova terra descoberta. Só alcançaram os novos expedicionarios a partir em meiados de Maio do anno seguinte de 1501, antes do regresso de Cabral a Lisboa, vindo a encontral-o no porto de Cabo Verde.

Deveriam por ventura contribuir a tanta demora as pretenções do governo de mandar na pequena frota exploradora alguns dos pilotos praticos nas navegações anteriores dos castelhanos a este Novo Continente; e que esperou chegassem de Sivilha; entrando n'este número o florentino Amerigo Vespucci, que acompanhára pouco antes a Hojeda, e em 1497—1498, havia estado em outra grande exploração desde a costa de Honduras por todo o golfo mexicano atè a Florida (1).

Temos tambem por mui provavel que, para ir n'esta exploração se fizeram propostas vantajosas a João Dias de Solis, o Bofes de Bagaço, portuguez que se havia passado ao serviço de Castella.

(1) Veja-se o nosso opusculo: —*Le Premier voyage de Amerigo Vespucci définitivement expliqué dans ses détails.* Vienna, 1869, in-folio.

A capitania da nova frotilha foi pelo rei, segundo as conjecturas mais admissiveis, confiada a um de seus favorecidos, D. Nuno Manoel, ao depois guarda-mór e almotacé-mór da sua casa, irmão do seu camareiro mór D. João Manoel, e ambos filhos de Justa Rodrigues, ama que fôra do mesmo rei, e de D. João, bispo da Guarda.

A circumstancia de não ser um nauta entendido o chefe da expedição, fez que, na direcção d'ella, tivesse voto preponderante o mesmo Amerigo Vespucci, que a conduziu proximo á paragem onde estivéra com Hojeda. Assim, depois de aportar em Bezenegue, ou actual Gorée perto do Cabo Verde, em Africa, veiu avistar terra, a 16 de Agosto, na latitude proximamente de cinco gráos, junto do cabo que, em virtude da festa do calendario n'esse dia, recebeu o nome de S. Roque, com que ainda hoje é designado.

Dois jovens que então desembarcáram, a tratar com os habitantes, ficaram ahi victimas da barbaridade e anthropophagia d'elles. Assim, por este lado, a primeira ruptura e aggressão entre os da terra e os seus futuros colonisadores não partiu d'estes, os quaes, foram victimas da traição, e a deixáram absolutamente impune.

A esquadrilha seguiu para o Sul; e o seu chefe, com o calendario na mão, foi successivamente baptizando as differentes paragens da costa, designando á posteridade o dia em que a ellas aportava; do modo seguinte:

A 28 de Agosto no Cabo de *S. Agostinho.*
» 29 de Setembro no rio de *S. Miguel.*
» 30 do dito no rio de *S. Jeronymo.*
» 4 de Outubro no rio de *S. Francisco.*
» 21 do dito no rio das *Virgens.*
» 1° de Novembro na Bahia de *Todos os Santos.*
» 13 de Dezembro no rio de *S. Luzia* (Rio Doce?.)
» 21 do dito no cabo de *S. Thomé.*

» 25 do dito na Bahia do *Salvador*.
» 1.° de Janeiro (1502) no Rio de Janeiro.
» 6 do dito na *Angra dos Reis*.
» 20 do dito na Ilha de *S. Sebastião*.
» 22 dito no Porto de *S. Vicente*.

A maior parte d'estes nomes ainda hoje subsistem; e alguns foram, com o andar do tempo, substituidos por outros.

Do porto de S. Vicente passou a esquadrilha ao de Cananéa, no qual deixou degradado um bacharel portuguez, que ainda ahi vivia trinta annos depois. Propendemos a crêr que seria este o proprio bacharel Gonçalo da Costa, que ahi veiu a ser encontrado por Cabot (2).

Da Cananéa seguiu a frotilha para o Sul até o cabo de *Santa Maria*, ao qual deve então talvez este nome, e que pouco tempo depois encontramos dado ao Rio que hoje denominamos da *Prata*; por ventura por haverem a elle chegado a 2 de Fevereiro, dia da Purificação da Virgem. Apezar de que n'esta parte mui pouco explicito seja Vespucci, na sua narração, unica que d'esta viagem nos resta, entendemos que, ao chegarem a esse cabo, imagináram que ahi acabava este continente.

Em todo o caso, diz-nos Vespucci que, esmorecendo o chefe, entregára á sua responsabilidade a futura direcção da viagem; pelo que elle, depois de prover como poude as caravellas do necessario, partiu d'ahi no dia 15 de Fevereiro (1502), e tomando, á ventura, o rumo de sueste, ao cabo de 50 dias de navegação, no dia 7 de Abril, descobriu e depois costeou, uma inhospita e grande terra, que não póde ter sido outra senão a ilha hoje denominada *Georgia Austral*, segundo a appellidou Cook ao visital-a, em Janeiro

(2) Não havemos podido legitimar o nome de Duarte Peres que dá um escriptor do seculo passado a certo bacharel degradado n'essas paragens, de que faz menção, sem allegar titulos convincentes.

de 1775, julgando descobril-a então; sendo certo que além de descoberta por Vespucci, d'esta vez em 1502, havia ella já sido visitada em 1675 (justamente um seculo antes de Cook) por Antonio Rocha, vindo de Chiloe; pelo que lhes chamaram, algum tempo —*Ilha Grande de Rocha*— (3)

D'estas plagas inhospitas e tempestuosas, cobertas de nevoas e onde as noites eram mui grandes, resolveu Vespucci regressar a Portugal; e tomando rumo em direitura a Serra Leôa, e d'ahi aos Açores, veiu entrar em Lisboa, no dia 7 de Setembro, com duas das caravellas, havendo-se resolvido queimar a outra em Serra Leôa.

As informações dadas por estes exploradores foram pouco favoraveis a uma tão grande extensão de terra; e o proprio Vespucci nol-o confirma, na carta que escreveu ao gonfaloneiro de Florença Pedro Soderini, seu antigo condiscipulo, e que corre inpressa; não hesitando em assegurar-lhe que na terra não havia metaes alguns, nem mercadoria de aproveitar-se, mais que canafistola e o lenho de tinturaria.

Em presença de taes informações, a corôa limitou-se a abandonar a mesma terra á mercê dos especuladores particulares, os quaes á porfia começáram a vir a estes portos, principalmente a buscar tão productivas cargas do tal novo páo-brazil, que d'este veiu a tomar o nome toda a região. Um d'estes especuladores deve haver sido Fernão de Noronha, que, provavelmente pelo S. João de 1503, descobriu a ilha que então deu o nome d'este santo, e hoje é conhecida pelo proprio do descobridor, que foi tambem o primeiro donatario d'ella.

Ao abandonar, porém, a corôa á especulação particular

(3) Vej; o *Diario Nautico* do mesmo Rocha na «*Descripcion Geogrfica y Derrotero de la Region Austral Magallanica* por D. Francisco de Seixas y Lovera. Madrid, 1690 in-4.

o tirar proveito da terra, concentrou os seus cuidados em preparar uma nova expedição mais consideravel, para seguir da extrema meridional d'este novo continente (que então julgaria terminar-se no cabo de S. Maria) até ás plagas orientaes da Asia, d'onde já se sabia que provinham as especiarias, e ás quaes se contava chegar com mais facilidade seguindo pelo poente. Era um regresso ás idéas de Toscanelli, ensaiadas por Colombo e depois realisadas por Fernão de Magalhães.

Organisou-se pois uma frota de seis navios, equipados, provavelmente, alguns por conta de armadores particulares, e o porto de Malaca, que na frase de João de Barros (I, 8, 1) era então «emporio e feira universal do Oriente,» foi designado como o a que ella devia dirigir-se. Já antes de partir, Vespucci escrevia ao seu antigo patrão Lourenço de Pier Francesco dei Medici, que contava ir breve « ao levante, passando pelo Sul » (4).

O commando d'esta importante expedição foi confiado a um nauta mais experimentado. Tal era Gonçalo Coelho, que já no tempo de D. João 2.° encontramos a commandar um navio, indo em 1488 a Senegambia, e conduzindo d'aqui um rei preto a Portugal. Amerigo Vespucci o acompanhou feito capitão de um dos navios; e temos por mui provavel que na mesma esquadra se embarcassem João Dias de Solis, e por ventura tambem João Lopes de Carvalho e João de Lisbôa, que annos depois apparecem como praticos e conhecedores d'estas paragens.

A esquadra não chegou a partir senão em meiados de 1503; e depois de refrescar na ilha de Santiago, principal

(4) « Versus meridiem, a latere orientis,..... per ventum qui africus dicitur », se lê na traducção latina feita pelo veronez Giocondo, que d'essa carta foi então publicada.

das de Cabo Verde, se encontráram, em 10 de Agosto, em presença de outra ilha d'elles desconhecida, a qual era a mesma que, provavelmente poucos dias antes, havia sido encontrada por Fernão de Noronha, como dissemos, e que ainda hoje leva este nome.

Em um rochedo proximo d'esta ilha naufragou a náo chefe; de modo que Gonçalo Coelho, com a de mais tripulação, teve que passar-se a outro navio. Este triste acontecimento foi causa de se desmembrar desde logo a mesma esquadra, separando-se o navio de Vespucci com outro, dos demais, que, provavelmente, proseguiram juntos com o commandante.

O de Vespucci, com o que se lhe aggregou, fizeram rumo para a Bahia; paragem que fôra antes assignada como ponto de juncção, em caso de esgarramento.

Depois de haverem ambos esperado em vão na mesma Bahia, durante dois mezes e quatro dias, sem que chegasse nenhum dos outros, assentáram de proseguir por sua conta, esperançados por ventura de ainda encontrarem os demais, ou de tomarem em outros portos alguma carga, com que indemnisassem em parte os gastos da viagem

N'esta conformidade, seguiram para o Sul, e foram entrando em differentes portos até chegarem ao de Cabo Frio Havendo aqui feito bôa carga de páo brazil, resolveram regressar com ella a Portugal, deixando ahi estabelecida uma pequena feitoria guarnecida de vinte e quatro homens (5); tendo Vespucci, antes de partir, effectuado uma excursão pela terra dentro na distancia de umas quarenta leguas.

Os dois navios viéram a aportar a Lisbôa aos 18 de Junho

(5) Os novos argumentos apresentados na obra—*Amerigo Vespucci*—confirmáram-se em 1868 á vista do —*Isolario* de Sta. Cruz, MS. da Bibl. I. de Vienna Vej. a mem. *Dell' Importanza*, etc.

de 1504. E, um mez depois, em 16 de Julho, ahi entrava igualmente, « vinda do Brasil » a náo de Ruy Mendes. Não podemos suppôr que esta fosse outra, desgarrada da mesma expedição; pois tal circumstancia não deixaria de ser contemplada pelo dito Vespucci na carta que, em 4 de Setembro, dirigiu ao seu compatriota Soderini, quando ainda nenhumas noticias havia de Gonçalo Coelho, o qual o mesmo Vespucci julgava perdido (segundo elle) «para castigo da sua muita soberba.»

Não succedia porém assim. Gonçalo Coelho havia tambem seguido para o Sul, e segundo revelações deduzidas de alguns antigos portolanos (6), se recolhêra, nada menos que á bahia do Rio de Janeiro, e ahi assentára em terra um arraial, onde não tardaria em ter, pelos proprios selvagens, noticias da existencia do outro deixado em Cabo Frio.— Algumas suspeitas levam-nos até a suppôr, que esse primitivo arraial ou alojamento teve lugar junto do riacho que d'ahi tomou o nome de *Cari-oca* (casa de Branco), e que foi n'elle que foram sacrificados á brutalidade dos barbaros os dois religiosos arrabidos, que dos archivos da provincia constava (7) haverem passado a estas regiões em 1503. Cremos tambem que a demóra de Gonçalo Coelho n'estas paragens seria de dois a trez annos, que mandou ou foi em pessoa explorar a costa do Sul até a bahia de S. Mathias, d'onde regressára, sem persistir mais em busca da passagem com que contava para seguir, por esse lado, até Malaca; e que finalmente era de sua expedição a náo de que

(6) Vej.—*Nouvelles recherches*—etc. (acerca de Amerigo Vespucci).

(7) Veja o periodo da *Chron. da Arrabida*, por Francisco Antonio da Piedade. Pag. 1ª Liv. 3, cap. 40, n. 603. Não cremos hoje provavel que em 1503 estivessem em Porto Seguro.

se trata em uma relação ou gazeta (8) que por esse tempo se publicou, com muitas noticias d'estas paragens, e até das grandes riquezas e metaes de um paiz (o Perú) nas cabeceiras do Prata.

D'este modo ficaram ainda perdidos e mallogrados para o Estado, os gastos feitos com esta segunda expedição; o que daria ao governo poucos estimulos para empenhar-se tão depressa em outros novos, sem nenhuma esperança de resultados proficuos.

Entretanto não deixaram de aportar n'esta costa, como era natural, os navios das primeiras armadas que se dirigiam a India, taes como das commandadas por Affonso de Albuquerque, pelo almirante Gama, por Tristão da Cunha, e mui provavelmente tambem, antes d'ellas, as de João da Nova. De nenhuma d'estas frotas consta ao certo os portos em que entraram, nem o numero de dias que n'elles se demoraram, nem os colonos que, contrariados ou por vontade propria, foram por ellas deixados em terra. Pela tradição sabemos que o porto geralmente frequentado pelos náos da India era o de Santa Cruz, ao norte de Porto Seguro, e de mais fundo que este. Tambem, desde os primeiros annos, alguns navios francezes principalmente de Honfleur, trazendo com

(8) *Zeitung aus Presilig Landt*—No opusculo—*Nouvelles recherches*—(respeito a Vespucci) pag. 10, 11, 49 e 50, dizemos que esta relação seria escripta em 1506, anno, cremos, em que seria antes publicada em Italia, como o fôra a relação annexa de Pedro Affonso Malheiro, que segundo Panzer (X, p. 24) foi publicada (em latim) em Roma por Joan Besicken em 7 de Novembro de 1506. É sabido como Alex. Humboldt acreditou que esta relação se referia a uma viagem ao estreito de Magalhães, e por conseguinte que a relação só havia sido publicada depois de descoberto este estreito; e foi o autor d'esta historia quem primeiro indicou que a especie de mar mediterraneo de que n'ella se faz menção, deve ser a grande bahia de S. Mathias, que no seculo 16° era considerada termo por esse lado das explorações portuguezas.

sigo portuguezes praticos d'estas viagens, começaram a frequentar o nosso littoral; e d'isso foi informado Portugal ao regressar a gente de Gonçalo Coelho em 1506. De um d'elles, chamado *Espoir de Honfleur*, de cento e vinte toneladas, tendo por capitão Binot Palmier de Gonneville, temos noticia circumstanciada, de cuja authenticidade não é possivel duvidar-se. Partindo, com destino para a India oriental, em meiado de 1503, veiu a arribar a estas costas; primeiro, ao que parece, entre os *Carijós* do Sul, e segunda vez ao norte dos tropicos, entre os ferozes *Tupinambás*, já visitados pelos europêos, talvez nas immediações de Cabo Frio (9): e depois cem leguas mais ao norte; por ventura nas immediações de Porto-Seguro, entre os mansos *Tupininquins*, avistando finalmente, no regresso á Europa, a ilha de Fernando de Noronha.

Ião a bordo dois portuguezes Bastião de Moura e Diogo de Côito (Cohiuto). Poucos annos depois (1509) fôram levados a Rouen sete indios do Brasil (10).....

---

(9) Apartamos-nos aqui da opinião do Sr. d'Averer que julga ter sido esta segunda arribada primeiro em Porto Seguro e depois na Bahia (*An. des Voy. de Junho e Julho de* 1869.)

(10) Vej. as notas ao Ens. Cæsar Chron. Paris, 1512.

APONTAMENTOS

PARA A

HISTORIA DOS JESUITAS

NO BRASIL

Extrahidos das Chronicas da Companhia de Jesus

PELO

DR. ANTONIO HENRIQUES LEAL

Socio do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil

(Continuados da pag. 275 do tomo XXXIV Parte segunda)

SANTUARIO MARIANNO (135)

Consta esta obra, hoje mui rara, de dez tomos, occupando-se o chronista de cousas do Brasil no tomo IX e parte do X.

Tirando as descripções da fundação das igrejas e capellas, dedicadas a Nossa Senhora, das imagens e retabulos, figurando a mesma Virgem, quasi que cinge-se a copiar o que disseram os padres Balthasar Telles e Simão de Vasconcellos nas suas *Chronicas*, que ficam atraz resumidas; de modo que pouco pude colher d'esta obra que interesse o assumpto de que me occupo, senão que repeti alguns factos para dar mais força ao que fica já escripto.

(135) Cumpre patentear aqui o meu reconhecimento ao Exm. Sr. commendador Antonio da Silva Tullio, bibliothecario-mór da bibliotheca nacional de Lisboa, pela benevola complacencia com que permettiu-me trazer para casa e consultar com todo o socego e vagar esta e parte das obras que cito n'este trabalho.

E' a Bahia, « cabeça d'esta dilatada porção da America e Nova Lusitania, onde reside o governador ou vice-rei, o arcebispo, e estão os tribunaes das justiças e relação. » Foi Francisco Pereira Coutinho quem primeiro a conquistou do poder dos indios. Depois da sua desgraçada morte, Diogo Alves Caramurú com seu genro Paulo Dias, que eram mui estimados dos indios pela brandura e affabilidade com que os tratava, restaurou parte do que se havia perdido « pela desordem, ambição e tyrannia de muitos portuguezes. »

Reflexionando o chronista sobre o poder que tem nos animos dos selvagens a brandura, diz : « que até estes (os indios) com serem umas feras montezas, e quasi homens sem uso da razão, sabem reconhecer a brandura e estimar a mansidão: e com não parecerem humanos, abominam a deshumanidade. » (*Sant. Mar.* tomo IX, liv. I, pag. 3).

Está a Bahia de Todos os Santos em 13° escassos na parte do sul, tem uma fiel estancia para os navios, muitas ilhas, « todas tão frescas, que cada uma d'ellas, parece um paraiso. »

Foi erecta em bispado pelo papa Julio III no anno de 1551, á instancia de D. João III, « que cuidou muito do espiritual das suas conquistas. »

Faz o autor a resenha dos prelados brasileiros por esta ordem chronologica :

Bispos. *Primeiro.*—D. Pedro Fernandes Sardinha, naufraga em 1663.

Segundo.—D. Pedro Leitão.

Terceiro.—D. Antonio Barreiros, que havia sido prior d'Aviz.

Quarto.—D. Constantino Barradas. No seu tempo mandaram-se administradores por el-rei, ao Rio, Pernambuco, e ás demais capitanias.

Quinto.—D. Marcos Teixeira. Morre a 8 de Março de 1624, tendo entrado na Bahia a 8 de Dezembro de 1622.

Sexto.—D. Miguel Pereira.

Setimo.—D. Pedro da Silva Sampaio.

Oitavo.—D. Alvaro Soares de Castro, do conselho geral do Santo Officio. Morreu em Lisboa sem ir ao Brasil; porque em razão das guerras com Castella nunca veiu confirmado de Roma.

Nono.—D. Estevão dos Santos.

Decimo,—D. frei Constantino de Sampaio, segundo do nome e religioso da ordem de S. Bernardo. Falleceu em Lisboa antes de lhe haverem chegado as bullas. Foi o ultimo bispo sendo a Bahia elevada a arcebispado.

O ARCEBISPADO DA BAHIA foi creado por Innocencio XI no anno de 1671, e no reinado de D. Pedro II.

ARCEBISPOS. *Primeiro.*—D. Gaspar Barata de Mendonça, tomou posse por procuração a 30 de Julho de 1672. Falleceu no Sardoal, antes de haver ido á Bahia.

Segundo.—D. frei João da Madre de Deus, religioso da provincia de S. Francisco. Foi o primeiro que se passou ao Brasil onde falleceu em 1686.

Terceiro.—D. frei Manoel da Ressurreição, que foi antes nomeado bispo de Pernambuco. Religioso de S. Francisco, e do convento do Varatojo.

Quarto.—D. João d'Oliveira, primeiro bispo d'Angola, sendo logo depois nomeado arcebispo, sendo por esse tempo bispo de Miranda. Falleceu em 1715.

Quinto.—D. Sebastião Monteiro da Vide, prior da parochia de Santa Marinha de Lisboa. Vigario geral, e era vivo em 1720 (quando o autor escrevia sua obra).

PERNAMBUCO.—Indo D. Constantino Barradas, bispo da Bahia visitar Pernambuco e as mais igrejas do norte do Brasil, padeceu tantos trabalhos e perigos, que para se al-

liviar d'elles escreveu em 1615 a Filippe de Castella e de Portugal, pedindo-lhe fizesse bispados a Pernambuco e Rio de Janeiro; porque eram terras ricas e muitos os dizimos.

O rei para o alliviar d'aquellas visitas, tanto para o norte como para o sul, nomeou administradores ecclesiasticos, ainda pendentes do bispo.

Impetrou breve de Paulo V, que separou Pernambuco, a Parahyba, e mais terras do norte da jurisdicção dos bispos da Bahia; e o mesmo o fez para o Rio e terras do sul, concedendo ao dito rei, que nomeasse administradores que lhe fossem sujeitos quanto á inquisição e correcção de suas pessoas, e appellações e aggravos de suas sentenças.

O primeiro administrador de Pernambuco foi o licenciado Antonio Teixeira Cabral, e a este seguiram-se outros até ao tempo de D. Pedro II.

Para melhor governo no espiritual das almas, conseguiu D. Pedro,como regente, do papa Innocencio XI fosse erecta em 1676 esta capitania em bispado.

Bispos de Pernambuco.—*Primeiro.*—D. Estevão de Figueiredo, que havia sido visitador geral do arcebispado de Lisboa. D'aqui de Pernambuco foi promovido para o bispado do Funchal.

Segundo.—D. Mathias de Figueiredo e Mello, que havia sido prior da bentosa e visitador do bispado de Coimbra: nomeado em 1684, morreu em 1694. Abrindo-se a sua sepultura, annos depois, diz o autor, que se lhe achou « o corpo inteiro e incorrupto » (136).

Terceiro.—D. João Duarte do Sacramento, fundador da congregação do oratorio de S. Filippe Nery, de Pernambuco onde se achava quando foi nomeado bispo em 1694. As bullas, porém, chegaram quando já era elle morto.

(136) Vej. *Sant. Mar.*, tomo IX, liv. II. Intr. pag. 262.

Quarto.—D. frei Francisco de Lima, que fôra nomeado bispo do Maranhão em 9 de Outubro de 1691, recebeu as bullas a 12 de Junho, segundo o autor, e a 22 de Agosto do mesmo anno, como se lê no *Diccionario Historico-Geographico* do Sr. Dr. Cesar Marques: ha evidente engano de mez em ambos. Foi sagrado a 20 de Abril de 1692 pelo cardeal D. Verissimo d'Alencastro, sendo seus assistentes D. João de Sousa, bispo do Porto, e D. José de Vasconcellos d'Alarcão, bispo do Rio de Janeiro (137). Promovido em 1695 a Pernambuco, chegou a Olinda em 1696, falleceu em 29 de Abril de 1704, e jaz sepultado no convento carmelitano d'essa cidade.

Quinto.—D. Manoel Alvares da Costa, nomeado em 1705, depois promovido em 1720 ao bispado d'Angra, na ilha Terceira (138).

Diogo Alves.—Dão-n'o alguns escriptores como o primeiro povoador da Bahia: foi um mancebo nobre, natural da villa de Vianna do Minho, e de generoso coração. Embarcou-se em uma náo, ou para a capitania de S. Vicente, como querem uns ou para a India, segundo outros, o certo é que a náo, depois de quebrados os mastros por uma tormenta, foi naufragar nos baixos, junto á barra da Bahia, chamada dos gentios *Mairaguiquig*, onde pereceu parte da gente, sendo comidos uns, e captivados outros pelos gentios. « E entre os captivos notaram elles a singular constancia de Diogo Alves, que desprezando o golpe da fortuna,

(137) A' pag. 51. O *Diccionario Historico Geographico* do Sr. Dr. Cesar Augusto Marques, no artigo, aliás mui curioso de noticias sobre os bispos do Maranhão acha-se este nome, ao que parece, pouco exacto—D. José de Barros Mareão.

(138) Vem no *Sant. Mar.* estas relações, a da diocese da Bahia, na introducção ao tomo IX (do pag. 5 usque 7, e as das demais dioceses na introducção ao tomo X.

ajudava a ajuntar as cousas, que sahiam do naufragio, em favor dos indios. Contentes d'elle, assentaram que ficasse com vida para os fins de seu serviço. » *(Loc. cit.* pag. 9)

Recolheu Diogo Alves entre as cousas rejeitadas á praia alguns barris de polvora e dois mosquetes ou espingardas. Estando já na sua aldêa os indios, concertou Diogo Alves uma das armas, carregou-a e disparou diante de todos,que á vista do estrondo, do fogo e do effeito produzido, ficaram attonitos, pondo-se em fugida as mulheres e os meninos, clamando que era um homem de fogo que os queria matar; mas dissuadiu Diogo Alves aos varões, *mostrando-lhes que com sua arte podia* ajudal-os contra os inimigos.

Houve dentro em breve ensejo para experimentar o effeito do mosquete; porque trazendo os indios, de quem era elle captivo, guerra com os *Tapuyas* de Passé, « distante como seis leguas do lugar aonde hoje se vê situada a cidade da Bahia, » levaram-n'o á sua frente; mas sabido isto dos contrarios deitaram a fugir por temerem o grande Caramurú.

Succedeu n'este tempo que navegando para o Rio da Prata uma náo com gente hespanhola, foi naufragar junto a *Boypeda*, em uma ponta que ficou chamada dos *Castelhanos*. Soube Diogo Alves d'isto e tratou logo de agasalhar os naufragos e de livral-os dos dentes dos selvagens.

Convento das Claras.—Partiram d'Evora as madres fundadoras a 8 de Novembro de 1676 e tomaram posse do convento onde se venera Nossa Senhora do Desterro, na Bahia, a 9 de Maio de 1677.

Eram as madres :—soror Margarida da Columna (abbadessa), a soror Luiza de S. José (vigaria), soror Maria de S. Raymundo e soror Jeronyma do Presepio. Todas se restituiram a seu convento em Evora a 8 de Novembro de 1686, dez annos justos depois da partida. *(Loc. cit.* pag. 19).

Sé.—Em 1553 o bispo D. Pedro Sardinha deu principio

á cathedral metropolita, continuando-a D. Marcos Teixeira e seus successores.

Carmelitas.—(Observantes) Diz o chronista serem mui antigos na cidade da Bahia; mas no anno de 1602 é que deram principio á sua nova, bella e formosa igreja.

Nossa Senhora da Palma. (Ermida).—Foi fundada por Francisco da Cruz Arraes; e quando este morreu, seus tres filhos, que eram Bernardo, Dr. Ventura e Manoel levantaram a igreja, realisando-se a trasladação da imagem de Nossa Senhora da Palma em 1670.

Mortos já os irmãos, succedeu-lhes o Dr. Jeronymo Pereira da Cruz.

Os religiosos agostinhos descalços entraram na Bahia para levantarem um hospicio com permissão de D. Pedro II, e o Dr. Jeronymo fez-lhe cessão da igreja e pertenças. *(Loc. cit.* tit. XIX).

Hospicio dos padres italianos.—Os capuchinhos italianos tiveram licença para fazer um hospicio na Bahia para recolhimento de seus missionarios. Foi-lhes este depois tomado sem motivo plausivel e dado aos padres capuchinhos francezes, ficando os italianos desaccommodados. Depois, *por justas causas e justos juizos de Deus*, diz o chronista, foram os padres francezes lançados fóra de todas as conquistas, e el-rei D. Pedro restituiu os italianos ao seu hospicio. *(Loc. cit.* pag. 81).

Carnificina nos Caetés.—« No anno de 1590 Christovão de Barros, filho do provedor Antonio Cardoso de Barros, foi aos *Caetés* vingar a morte de seu pai, matando a muitos d'elles, captivando outros, e impedindo por este meio a communicação que tinham com os francezes. »

Cachoeira.—Em 1595 entrou no porto e sitio da Cachoeira, que fica ao norte da cidade e da Bahia, o capitão Alvaro Rodrigues Adorno, filho de Antonio Dias Adorno, o

qual, no tempo do governador Luiz de Brito d'Almeida, foi mandado descobrir minas de pedraria. Fez-se com boas maneiras capitão dos indios da Cachoeira, onde não havia até então moradores portuguezes.

Proseguiu o capitão Alvaro Rodrigues Adorno no descobrimento, e se fez senhor de muitas terras d'aquelle districto, que hoje (no tempo em que escrevia o autor) possue João Rodrigues Adorno.

Seminario da Cachoeira.—Foi fundado pelos jesuitas no sitio que era antigamente chamado *Sigismundo*. Foi o padre Alexandre de Gusmão quem fundou este seminario e a igreja em 1686, dedicando-a á Nossa Senhora de Belém. (*Loc. cit.* tit. CXVII).

Era n'aquelle tempo o padre Alexandre de Gusmão provincial da ordem, passando depois a reitor do mesmo seminario e n'elle continuou até ao anno de 1700, posto que houvesse renunciado aquella occupação por já se achar muito velho e cansado.

N. S. Azevediana.—Conta frei Agostinho de Santa Maria, (*Sant. Mar.cit.*, tit. CXIX,pag. 229) a seu modo, o lastimoso successo dos jesuitas, que foram aprisionados por Jacques Sória,não differindo na relação do facto ao que fica relatado da *Chronica da Companhia* do padre Balthazar Telles, referindo mais que a imagem da Senhora do Pópulo que o padre Ignacio de Azevedo trazia presa nas mãos por occasião de sua morte e que assim foi com elle arrojada ás praias, presume o chronista ser a que se venera no collegio da companhia, da cidade da Bahia, « e que disporia Deus que lá fosse levada. » Nota de singular que Jacques Sória não offendesse a nenhum dos passageiros portuguezes nem á marinhagem.

Ilhéos.—Mesmo no tempo das prosperidades d'esta capitania parece que Lucas Geraldes, já então senhor d'ella por

compra que havia feito a Jorge de Figueiredo Corrêa, seu donatario, pouco recebia d'ella; pois que de Portugal escrevia a seu feitor Thomaz, florentino como elle, e que lhe floreava em cartas de muita eloquencia as bondades d'aquelle territorio, e lhe dizia n'ellas: «*Thomazo, quiere que te diga? manda l'asucre, e deyxa le parole.*»

Nomeou D. João III a Lucas Geraldes governador do Brasil por morte de Manoel Telles; mas arribou e morreu sem nunca chegar a tomar conta do governo, indo substituil-o na posse da capitania dos Ilhéos, seu filho Francisco Geraldes.

Em 1675 chegou á villa d'esta capitania uma armada de corsarios francezes, composta de tres navios grandes e dez menores, saltando a gente em terra, onde não encontraram outra resistencia senão a do forte de Santo Antonio, que fica no porto, e onde havia um unico falcão com que o artilheiro Pedro Gonçalves fez um tiro e matou dois homens. Os moradores fugiram, excepto Christovão Vaz Leal com alguns poucos, que se oppozeram, mais tambem lhe foi forçoso refugiarem-se na ermida de N. S. das Neves. Os francezes os seguiram; mas com a morte e perda de doze arcabuzes voltaram para a villa e se fortificaram nas casas de Jorge e Martins, d'onde começaram a saquear as demais. Quem se mostrou por essa conjunctura brioso e valente foi um pobre mameluco, chamado Antonio Fernandes, e por alcunha o *Catuçadas*, «porque assim chamava ás estocadas na lingua de sua mãi.» Vai secretamente metter-se com alguns nas casas, e matavam os francezes que andavam n'ellas ao roubo. Foram-se animando e elegeram capitão a *Catuçadas*, que se não era o mais nobre, nem o mais rico, de certo que o mais valente.

«Eram quinze ou vinte sem mais armas que settas e espadas; e mataram no campo 57 francezes, e entre elles o

capitão. Fugiram e despejaram a terra e o porto por valor d'um moço boçal, que nem fallar (o portuguez) sabia. Não só foi esta confusão para os francezes, mas tambem para o capitão da capitania, que nunca mais appareceu. (*Loc. cit.* tit. CXXX, pag. 232).

São estas as noticias mais remotas da capitania e villa dos Ilhéos. Por esse tempo levantou-se a parochia de N. S. do Rosario, em cuja matriz se venerava a referida imagem.

N. S. DA SOLEDADE NAS MARGENS DO RIO S. FRANCISCO.— Templo magnifico que se descobre a duzentas leguas da foz.

« Um moço portuguez, Francisco de Mendonça, ourives, com vinte annos de idade, filho de pais pobres e que se suppõe natural de Lisboa, como padecesse, além do achaque da pobreza, outras queixas, resolveu a passar-se á Bahia, entendendo com a mudança de terra, melhorar de saude. Era devoto da Virgem, mas o clima, delicias e largueza com que lá vive quem não anda muito armado do temor de Deus, produziu logo o seu effeito, ao menos em parte. » (*Loc. cit.* tit. CXXXI, pag. 247).

Ajuntou algum cabedal e resolveu a deixar o mundo. Tinha já trinta annos. Distribuiu o que lá tinha (1680) e sahiu em habito humilde e pobre, acompanhado d'uma imagem de Christo do tamanho de trez palmos. Entrou pelo sertão a dentro, sempre inquieto, e foi dar a uma montanha mui grande das ribeiras de S. Francisco.

N'este monte descobriu o ermitão, que depois se chamou *frade da Soledade*, um grande e dilatatado templo. Duzentos palmos de comprido com largura proporcional, no cruzeiro tem oitenta e dois; é pois em fórma de cruz. « O tecto representa um céo com nuvens, e raios de diversas

côres, e por obra de uns bichinhos formadas bastantes estrellas como se reconheceu.

« Sustenta-se esta machina sobre columnas e bases de jaspe, e paredes reforçadissimas, nas quaes estão abertas algumas casas como capellas ou cellas. Tem capella-mór e collateraes, um sino com badalo de pedra, cujos toques são como se a arte o temperasse. Para este prodigio da natureza entra-se por uma portada, como porta d'uma grande cidade, e dentro, no braço do cruzeiro, á parte do evangelho, se vê uma porta onde se acha uma varanda com cem palmos de comprido, e d'alli ao rio faz a altura de trezentos palmos, tudo para a parte do occidente, por onde entra bastante luz, batendo-lhe ao pé o rio, que corre pelo frontispicio da penha, que para esta parte é altissima. » E por fóra parece uma cidade em que se notam rarissimas cousas, torres e pyramides altissimas, entresachadas com bons arvoredos. Acham-se tambem ao redor, e pelo alto da mesma penha bastantes covas e capacidades proporcionadas para ermidas. Dão a esta penha o nome *Itabarabá*, que na lingua gentilica vale o mesmo, *pedra que luz*. » (*Loc. cit.* pag. 250).

« O irmão Francisco « olhando para uma das capellas collateraes, vendo n'ella um perfeito monte Calvario, rematado com uma peanha e um singular buraco, que mysteriosa e proporcionalmente recebia a cruz da santissima imagem de Christo, o que foi para o ermitão maravilha assombrosa, alli a collocou. » (*Idem, idem*).

O arcebispo D. Sebastião Monteiro da Vide, com a noticia d'estas maravilhas, mandou logo visitadores: onde alguns sacerdotes, segundo diz o chronista, até alli celebraram missa,

Erigiram uma capella de N. S. da Soledade, e o ermitão ordenou-se em 1700, continuando a servir n'aquella igreja.

Porto Seguro.—Pedro de Campos Tourinho, segundo alguns, natural de Vianna, passou a capitania à sua filha Leonor de Campos, mãi d'outro Pedro de Campos, que foi deão da Bahia, que foi depois viver em Porto Seguro com sua mãi e com sua avó. Venderam-n'a estes ao duque d'Aveiro D. João de Lencastre, por cem mil réis de juros; tal era o pouco valor que davam ás novas conquistas!

Pernambuco.—« Entre as quatorze capitanias que dividem a costa maritima do Brasil, a mais florente, opulenta e fertil, é a de Pernambuco...» O terreno é outra terra da promissão, estendido em varzeas e campinas, vestido todo, já de verdes, já de amarellos cannaviaes que parecem que quantos torrões têm, são outros tantos torrões d'assucar.» (*Introd.* ao liv. II, pag. 259.

A etymologia do nome Pernambuco vem de *Paranã* (mar), e *Buc* (furado), de uma pedra furada por onde entra o mar e que se encontra vindo de *Temaraçá;* ou do recife de pedras por onde se entra no ancoradouro.

Fez D. João III mercê d'esta capitania a Duarte Coelho, em razão dos muitos serviços que prestára na India e na tomada de Malaca. Embarcou-se elle com sua mulher D. Brites d'Albuquerque, seu cunhado Jeronymo d'Albuquerque « e outra muita e nobre gente, » aportando ao rio *Igaraçú*, e desembarcando no sitio a que chamaram *Marcos*. Fundou a villa de Olinda.

Os padres de Santo Antonio passaram ao Brasil no anno de 1584. Eram religiosos da provincia de Portugal, sendo seu prelado o padre frei Belchior de Santa Catharina, que era definidor da provincia e grande prégador.

Chegaram ao Recife a 12 de Abril de 1585, e tomaram posse a 25 de Outubro da ermida de N. S. das Neves, que fôra edificada por uma virtuosa matrona, terceira da mesma ordem. Foi esta a primeira casa e convento que tiveram no

Brasil, e já em 1720 era a provincia com mais de vinte e tres casas n'elle, depois de ter sido elevada a esta cathegoria pelo papa Alexandre VII a 14 de Agosto de 1657. « E porque no tempo em que foi custodia era chamada de Santo Antonio, conservou este nome, e ainda agora ao presente conserva. »

Foi Jorge de Albuquerque Coelho quem não só alcançou do papa Xisto V, a patente de geral da ordem, como tambem o respectivo breve. (Vej. *Agiologio Lusitano*, t. III, pag. 311).

Collegio da companhia em olinda.—Deram os padres da companhia principio ao seu collegio em uma antiga ermida de N. S. da Graça, que se suppõe ter sido fundada quando começou a ser povoada a cidade de Olinda. Não mudaram áquella casa o titulo e invocação que de antes tinha. (*Loc. cit.*, pag. 319).

N. S. da penha de França.—Os capuchinhos francezes, com a permissão dos reis de Portugal, fundaram um hospicio no Recife. « A experiencia tem mostrado, diz o chronista, não ser o interesse das almas o que os guia. »

D. Pedro II os mandou sahir d'aquella e de todas as mais terras de suas conquistas « por lhe constar que não convinham n'ellas estes missionarios. »

Parece-me que este acto violento foi suggerido pelos religiosos portuguezes, invejosos da aceitação e estima que iam tendo aquelles entre os indigenas.

Os capuchinhos italianos vieram substituil-os.

Parahyba.—Em 1581, logo que foi povoada a Parahyba, entraram n'ella os padres carmelitas observantes e fundaram o convento do Carmo. Suppõe o autor do *Santuario*, que os padres de Santo Antonio tambem entraram ahi, quando muito no anno de 1600, fundando logo seu convento. (*Loc. cit.* pag. 298.)

Jesuitas.—Não diz o autor quando entraram na Parahyba, e só que tinham alli casas nas quaes viviam; mas o sitio não era capaz de fundarem n'elle collegio.

Havia no fim da villa uma ermida dedicada a S. Gonçalo, com uma imagem de N. S. da Penha de França. Era o sitio melhor, muito largo e de melhores ares. Pediram o sitio á camara, e a ermida ao vigario. «E o vigario s'affeiçoou tanto ao santo procedimento dos padres, e á sua virtude, que lhes deixou umas boas terras que tinha, de que elles com a sua grande industria e bom governo, têm muitos interesses. E além das terras, que lhes deixou, os fez senhores de quasi todos os mais bens; e por isso fizeram nova igreja e commodo para os padres, constando de dez dormitorios e todas as mais officinas,com que ficaram bem accommodados n'aquelle sitio, que é alegre e com muita boa vista. (*Loc. cit.* pag. 359).

Rio Grande (do norte).—Conquistada a Parahyba, não desanimaram os francezes, mas seguindo as emigrações dos *Tapuyas*,rebatidos do sul, os vinham como que acompanhando, e continuando em seus tratos. Commerciavam no Rio Grande com os *Potiguares*, e d'alli sahiam como de um covil a saltear os navios,que iam e vinham de Portugal,roubando-os, captivando os portuguezes e vendendo-os aos gentios para os comerem. Para se atalharem estes grandes damnos escreve el-rei para Pernambuco a D. Manoel Mascarenhas Homem e ao capitão-mór Feliciano Coelho,encarregando-lhes fossem ao Rio Grande, e n'elle fizesse uma povoação, e pedissem ao governador geral D. Francisco de Sousa, provisões para tudo o que fosse de mister, assistindo a toda a despeza da sua real fazenda.

Partiu de Pernambuco a armada de seis náos e cinco caravellas, e por terra vinha o proprio capitão-mór de Pernambuco com tres companhias de pé e uma de cavallo, e

assim foram todos; mas começando a enfermar de bexigas a gente que vinha por terra, só chegou a armada, em que ia o padre Gaspar de S. Peres, grande engenheiro da companhia, para dispôr a fortaleza, que se havia de levantar, levando por companheiro o padre Lemos, e indo mais o padre frei Bernardino das Neves, religioso capucho da provincia de Santo Antonio por ser muito perito na lingua brasilica e na dos *Potiguares*, e muito respeitado e amado d'elles pelas suas virtudes.

Chegou a armada a 17 de Dezembro de 1597. Dos que iam por terra e adoeceram, só foi em um caravellão Jeronymo de Albuquerque com mais alguns poucos a ajuntarse com Manoel Mascarenhas Homem, que na viagem teve vista de sete náos francezas que estavam no porto dos Buzios, contratando com os *Potiguares*, « porém vendo aquelles a nossa armada, picaram as amarras e se foram embora.»

No dia seguinte mandou Manoel Mascarenhas logo de manhã descobrir o rio, e descoberto que foi, entrou por tarde a armada, guiada por marinheiros praticos. Alli desembacaram e se entrincheiraram com estacas de mangues, para se dar principio, e defenderem-se dos gentios *Potiguares* que não tardaram em vir, como o fizeram, em uma madrugada quasi infinitos, acompanhados de cincoenta francezes que haviam ficado no porto dos Buzios, os quaes « rodeando a nossa cerca nos feriram, e comtudo não desmaiámos, antes á vista do sangue mais nos assanhámos, defendendo-nos e offendendo tão animosamente os inimigos, que levantaram o cerco e se foram; posto que voltaram depois innumeraveis, recolhendo se bem castigados. »

Depois se reuniram os capitães Manoel Mascarenhas e Feliciano Coelho para discorrerem como se havia de acabar o forte, dispondo trabalhassem todos, assim portuguezes como *Tobayares*, que eram amigos e os haviam acompanhado.

E mandando sahir alguns brancos e indios, foram dar em umas aldêas, onde mataram quatrocentos e captivaram oitenta (!) E d'estes ultimos souberam estava muita gente junta, assim *Potiguares*, como francezes, em seis cercas muito fortes, para virem dar nos portuguezes. Realisou-se a denuncia, estes porém resistiram, e se defenderam valorosamente, até se acabar o forte, o que feito, entregou-o Manoel Mascarenhas a Jeronymo de Albuquerque deixando-lh'o muito bem fornecido de artilheria, munições e de tudo o mais que era de mister, e se partiu com a mais gente da armada para a Parahyba, e os que ficaram obraram tão valorosamente, que mataram infinitos *Potiguares*.

E' para notar que os portuguezes tomam sempre posse de novas terras por meio da violencia e do exterminio, afugentando e exacerbando os infelizes indigenas!

Depois de se recolher Manoel Mascarenhas á Parahyba, consultou Jeronymo de Albuquerque ao padre Gaspar de S. Peres, que traça haveria para se fazerem pazes com os *Potiguares*. E deram com uma felicissima, que foi soltarem um principal chamado *Ilha Grande*, que tinham preso e que era grande feiticeiro, e mandal-o que as fosse tratar com seus parentes. Foi-se o indio bem instruido no que havia de obrar, e chegando á primeira cerca ou aldêa, onde foi bem recebido dos seus, mórmente sabendo ao que ia. Mandaram pois aos das mais aldêas, assim da ribeira do mar, como da serra, aonde estava o *Pdo-Secco* e *Zorobabé*, que eram os maiores principaes e aos quaes fez o indio um grande arrazoado, de sorte que os obrigou a aceitarem as pazes, dizendo-lhes fossem com elle ao governador e capitão do forte Jeronymo de Albuquerque, e levando os mais principaes, a fazerem pazes, que seriam sempre firmes, como as haviam feito com *Itajuba* (Braço de Peixe) e com os mais *Tobajares*, e o costumavam fazer com todo o Bra-

sil; porque os que se mettiam na igreja, não os captivavam os portuguezes, antes os doutrinavam e defendiam; o que os francezes nunca fizeram, e menos o fariam agora, que tinham o porto impedido com a fortaleza onde não poderiam entrar sem os matarem.

Com isto ajustaram-se as pazes, o que succedeu em 1599, fazendo-se com toda a solemnidade e assistencia de todos os cabos, do ouvidor-geral e do padre frei Bernardino das Neves, que era o interprete. Feitas as pazes, começou-se logo a povoação a uma legua da fortaleza, dando-se-lhe depois o nome de cidade Natal.

Ceará.—A capitania do Ceará fica distante de Pernambuco mais de duzentas leguas e em altura de 2° e meio para parte do norte da linha equinocial, e no mesmo continente e terra firme do Rio Grande dos Tapuyas (é este o nome que davam antigamente ao Rio Grande do Norte) e cuja villa mandou D. Pedro II se dedicasse a S. José do Ribamar, sendo tambem dedicada ao mesmo santo a igreja matriz. (*Loc. cit.* pag. 357).

Maranhão.—Diz o chronista (pag. 361, tom. IX) que quando perdeu-se, em 1535, a armada de Ayres da Cunha, foram dar na ilha das Vaccas, que era assim chamada antigamente a do Maranhão (139), o cabo e os dois filhos de João de Barros, e fizeram pazes com os *Tapuyas* que a habitavam; chegando a tanto a amizade entre elles «que alguns tiveram filhos das *Tapuyas*, como se descobriu depois que cresceram, não só porque lhes nasciam

(139) Suppõe o Exm. Sr. barão de Porto Seguro (F. Varnhagen), que é a essa ilha que coube a denominação de ilha da *Trindade* e a da povoação européa, formada, como acima digo, dos poucos naufragos da primeira e mallograda expedição.

barbas, como todos os descendentes d'elles as produzem, como seus pais e avós. »

Berredo nos *Annaes Historicos*, refere no n. 46, liv. I, que parte da gente se salvou á nado na ilha do Medo, que fica na bahia do Boqueirão, onde fizeram pazes com os *Tapuyas;* mas conhecendo que não bastava para povoação, passado algum tempo voltou para Portugal, a bordo dos navios piratas que navegavam aquella costa. » O padre José de Moraes não confirma a noticia de terem os naufragos da expedição de João de Barros tido relações taes com os indigenas, que se propagassem d'ellas mestiços, nem a ilha do Medo, até hoje deshabitada, parece lugar azado para fundação de nucleo popular de qualquer natureza (140).

Falla no entanto o Exm. barão de Porto Seguro da povoação de Nazareth formada pelos naufragos da expedição de Ayres da Cunha, não na ilha do Medo, mas na do Maranhão.

Nossa Senhora do Desterro.—Vê-se em um alegre sitio, « fóra da cidade cousa de um tiro de mosquete, o santuario de N. S. do Desterro, imagem de grande devoção. »

E' esta santissima imagem, continúa o chronista, de vestidos riquissimos, e a sua altura são alguns quatro palmos. Da Senhora do Desterro faz menção o conde da Ericeira no seu *Portugal Restaurado*, fl. 302. Berredo *(Annaes Historicos do Estado do Maranhão)* que os hollandezes, por occasião de occuparem a cidade de S. Luiz do Maranhão, despedaçaram essa imagem (livro XI, n. 771). Hoje ergue-se no mesmo sitio, notavel por ter sido onde desembarcaram os hollandezes, a elegante capella de S. Joseph do

(140) Vej. *Historia da Companhia de Jesus*, pelo padre José de Moraes (Rio de Janeiro—1860), pag. 21.

Desterro, reedificada ha pouco pela muita devoção e perseverança do Sr. Marcellino José Antunes Pimenta (141).

Mathias de Albuquerque, governador de Pernambuco, sendo nomeado para a Bahia, e desejoso de acudir ás capitanias do norte, pelo receio de corsarios que as infestavam, mandou á do Maranhão um barco com alguns velhos e mulheres, e n'elle veiu tambem o padre franciscano Christovão Severim, custodio da provincia de Santo Antonio, com quinze frades de sua ordem e do convento dos padres capuchos de Portugal e cinco mais da custodia do Brasil, que se reuniram a elles.

O administrador ecclesiastico de Pernambuco, o Dr. Bartholomeu Ferreira Lagarto, deu-lhe posse de vigario-geral e provisor, como os trazia do Santo Officio.

Partiram do Recife a 12 de Julho de 1624, e a 18 estavam na enseada de Mocuripe, do Ceará.

O capitão Martim Soares Moreno os levou para a Fortaleza, onde se demoraram quinze dias, sacramentando os brancos, e doutrinando os indios de duas aldêas, que alli haviam, e onde o custodio, á requerimento do capitão, deixou dois religiosos. Antes porém d'estes sacerdotes haviam já ido do Maranhão para alli dois da mesma ordem; isto quando era governador Jeronymo de Albuquerque.

Eram elles: frei Francisco de S. Cosme e S. Damião e frei Manoel da Piedade, os quaes não fundaram o convento; mas nem por isso faltaram aos seus deveres.

Chega aquella santa caravana ao Maranhão a 6 de Agosto de 1624, e dá principio á fundação, que, diz o autor, foi

(141) Vej. *Diccionario Historico Geographico do Maranhão*, pelo Dr. Cesar Augusto Marques, no artigo—*Desterro*—de pag. 179—181 (Maranhão 1870).

a primeira d'aquella cidade, referindo-se provavelmente aos portuguezes; porque é sabido que os padres francezes Yves d'Evreux, Claudio d'Abbeville e seus companheiros por occasião de ser a ilha occupada em 1612 por gente de sua nação, erigiram um hospicio onde celebraram missa, e em cujo sitio levantaram depois os jesuitas a igreja de N. S. da Luz, e que hoje serve de cathedral. Levantado que foi pelos sacerdotes portuguezes o edificio de que falla o chronista, celebraram n'elle sua primeira missa em 2 de Fevereiro de 1625, dia de Nossa Senhora das Candêas.

Passou o custodio ao Pará, fez pazes com os indios *Tocantins*, escandalisados de muitos aggravos: trouxe-lhes os filhos para doutrinar, e prohibiu, sob pena de excommunhão, a venda de indios forros. *Queimou* muitos livros que achou dos *francezes herejes* (cic.).

Faz menção d'este convento o padre franciscano frei Vicente do Salvador, que no liv. V, cap. XXVII, da sua *Historia do Brasil,* que tambem a dá como primeira, por onde se collige que não é isso equivoco,senão orgulho nacional em ambos.

Carmelitas.—Entram no mesmo anno de 1624 no Maranhão, ou vindos de Lisboa, ou na companhia do padre Severim. Fundaram a igreja de Nossa Senhora do Carmo.

Mercenarios.—Haviam feito muita diligencia por terem um convento ou hospicio em Portugal; mas os padres trinos puzeram sempre tropeços a esse intento com o temor de que fossem os *redemptores dos captivos.*

Não sei que mais admire, se a ingenua e singela confissão do autor, se a santa inveja e espirito pouco evangelico dos trinos!

Não sabe frei Agostinho de Santa Maria de onde vieram estes mercenarios para o Maranhão, de Quito ou de Cuba; mas pelo que consta do cartorio do antigo convento das

Mercês do Pará, está averiguado que vieram do Perú. Apesar de D. João V haver-lhes permettido hospicio, não tinham até 1720 convento.

Dá o capitão Manoel da Silva Serrão principio á obra da ermida da Madre de Deus, no Maranhão, a 24 de Setembro de 1628, com grandes festas e solemnidades, afim de pôr n'ella uma imagem de Santo Amaro, sendo bispo D. frei Thimotheo do Sacramento. Morreu o fundador quando as paredes estavam galgadas, e ficou a obra exposta á ruina do tempo.

Vendo-a assim Christovão da Costa Freire, senhor de Pancas, a concluiu dedicando-a á Madre de Deus.

Pará.—Sendo grande a distancia que vai do Maranhão ao Pará, D. João V solicitou do papa Clemente XI a divisão, e nomeado primeiro bispo do Pará D. frei Bartholomeu do Pilar, carmelita, a 9 de Novembro de 1717, confirmado a 4 de Março de 1720, e sagrado na patriachal de Lisboa em 22 de Dezembro, tudo do mesmo anno.

Quando Francisco Caldeira de Castello-Branco foi ao Pará em 1616 ou 1617, levou comsigo dois religiosos de Santo Antonio:—frei Antonio da Marciana e frei Christovão de S. José.

Com a revolta dos indios do Pará, La Ravardière, que se achava a passear com toda a confiança nas ruas de Lisboa, foi preso e mettido na torre de Belém por se temer o rei de que se aproveitasse o ensejo, e se partisse d'alli para essas terras de que se mostrava tão affeiçoado (142).

Rebellaram-se os portuguezes no Pará contra Caldeira, a quem prenderam, e em seu lugar levantaram outro capitão. Em vista d'este estado de cousas insurgem-se os indios contra todos e os poem em apertadissimo cerco. D'elle se pôde

(142) Vej. *Santuario Marianno*, t. IX, liv. II, tit. LIV, pag. 378.

escapar o capitão Manoel Soares d'Almeida, que foi pedir soccorro a Pernambuco. Aqui achou de governador-geral a D. Luiz de Sousa, que expediu uma armada de quatro vasos ao mando de Jeronymo Fragoso de Albuquerque com ordem de inquerir dos culpados, e, presos, mandal-os ao reino.

Chegou Jeronymo Fragoso, livrou os portuguezes do sitio e perseguiu o gentio duzentas leguas rio acima, morrendo por fim n'essa expedição depois de ter obrado muitos feitos.

Distinguiram-se tambem os capitães Custodio Vicente e Pedro Teixeira, e mais ainda do que ambos o capitão Bento Maciel, que havia partido do Maranhão com oitenta portuguezes e seiscentos indios de flecha, no auxilio do Pará. Renderam-se muitos indios, pedindo paz e misericordia. O padre Manoel Figueira de Mendonça, vigario da nova povoação, cujo recebeu na aldêa de *Separará*, na ponta da barra do Pará, do lado de leste (143).

Fica provado por estes factos, que narra o autor do *Santuario Marianno*, não haver ainda por esse tempo missões n'aquellas paragens.

Terminando aqui com o que ha de util no tomo IX passo a resumir o X.

Rio de Janeiro. *Entrada dos francezes no Rio.*—Foi o nobre francez Nicoláo Villegayllon, do habito de S. João de Malta, quem veiu no anno de 1555 alterar a posse pacifica que gozavam os portuguezes do Rio de Janeiro, que por mandado d'el-rei D. João III fôra demarcado, como as demais partes até o Rio da Prata. Tomou este corsario porto em Cabo-Frio, habitado pelos *Tamoyos*, que em odio aos portuguezes com quem traziam guerra, abraçaram os francezes.

Recolhendo-se Villegayllon á França, tornou-se ao Rio

(143) Idem, idem, idem, pag. 379.

outra vez e foi demandar a povoação principal, « chamada dos gentios Nitheroy, e os nossos pela descobrirem no 1° de Janeiro, lhe deram impropriamente o de Rio de Janeiro. » (*Sant. Mar.* T. X, Introd., pag. 2).

Assistido Villegayllon dos soccorros de França e dos favores dos da terra fundou algumas fortalezas.

Temendo-se os portuguezes das cuidadosas diligencias de Villegayllon, mandou a rainha D. Catharina, regente de Portugal na menoridade de seu neto D. Sebastião, soccorros de Lisboa ao governador Mendo de Sá, que sahiu da Bahia com tres galeões, oito navios e 2000 homens, e assim aportou ao Rio de Janeiro. O que visto por Villegayllon recolheu-se com os seus e alguns indios á ilha do Governador (*Loc. cit.* pag. 3), onde são assaltados, á noite, quando dormiam os vigias. Foram abrasados uns e afogados outros por se ter pegado o fogo na polvora. Villegayllon salva-se com muitos dos seus nos bateis dos navios.

Entregam-se os portuguezes depois d'isso a mais cega confiança; continuando no emtanto os contrarios nas mesmas hostilidades, o que sabido da rainha, mandou ella povoarem aquellas terras soldados destros e munidos de convenientes aprestos, dando-lhes por capitão Estacio de Sá, sobrinho do governador, que se embarcou com elles em náos grandes. Acolheu-se Estacio de Sá com sua força junto do Pão d'Assucar onde o investiram os francezes com tres navios e os *Tamoyos* com mais de 120 canôas grandes. « Pelejou-se de ambas as partes com valor até se declarar do nosso lado a victoria. »

Fizeram os portuguezes em suas embarcações muito damno aos *Tamoyos*. Estes « que á defensa da patria accrescentavam a vingança, cresceram tanto no poder, que excederam ás suas mesmas forças. » Armaram para mais de duzentas canôas, algumas com ligeira artilheria; mas perse-

guindo-os os portuguezes saltou fogo na polvora em uma das canôas (segunda vez!) e ao estrondo e confusão veiu juntar-se o conselho de uma grande feiticeira, que era o idolo d'estes indios, acclamando:—*Fugi e fugi logo, porque me revelou a inspiração divina que vos espera a feitiçaria dos brancos com morte industriosa.* Retirou-se o cardume das canôas e desappareceram os indios.

Mostrando a experiencia de dois annos que essas forças não bastavam para debellar os francezes, passou-se de novo Mendo de Sá ao Rio com todo o poder que estava aq seu alcance, e dirigindo o ataque com toda a pressa e vigor contra a grande povoação de *Yrassumiri*, onde travou-se renhido combate, pendendo a victoria para as armas portuguezas, não sem a perda de muitas vidas, entre ellas a do capitão-mór Estacio de Sá, que ia na vanguarda, e a do capitão Gaspar Barbosa (*Loc. cit.* pag. 5).

Aceitam os *Tamoyos* pazes, e expulsos os francezes, que occupavam havia onze annos esse territorio, recolheram-se á França os que não ficaram entre os gentios.

Começaram então os portuguezes a augmentar com edificações a cidade a que pozeram o nome de S. Sebastião, não tanto para lisongear o monarcha reinante como por obrigação ao glorioso martyr « que foi isto, diz o chronista, no combate da batalha de 1567 ajudar aos portuguezes, » que o tomaram por padroeiro, instituindo-se desde então a *festa das canôas* em honra do santo e para commemorar o milagre de ter Deus salvado da cilada dos *Tamoyos* quatro canôas grandes em que iam os melhores soldados, e istò pelos merecimentos d'este santo.

Bahia do rio de janeiro.—« Fica ao norte da cidade em altura de 23° da parte do sul uma bahia, como fica dito, de 8 leguas de diametro e 24 de circumferencia, limpa, segura, e aonde podem alojar-se náos de todas as armadas de

Portugal, mas outras muitas das mais nações, emula da de Todos os Santos, e cujos reconcavos, ilhas, rios, saccos e enseadas, se os quizessemos descrever seriam necessarios muitos livros. » (*Loc. cit.* pag. 7).

A primeira povoação da cidade se fez em um monte aonde hoje vemos a sé, o collegio da companhia e a fortaleza de S. Sebastião: desproporcionado o sitio para a muita gente que se foi aggregando, foram os moradores fundando casas de pedra e cal na marinha. No monte opposto edificou-se o convento de S. Bento; ficando portanto apertada a cidade entre estas duas eminencias. Deitava ella do Castello duas azas para o valle, uma para o bairro de Misericordia, e outra para o da Ajuda, cuja igreja, segundo querem varios autores, foi a primeira que em 1600 se reedifioou e accrescentou; porque n'este tempo os padres de Santo Antonio (que ainda era custodia) fundaram aqui o seu hospicio; mas logo que mudaram de sitio, retomou a casa o seu antigo e proprio nome da Ajuda.

Teve antigamente esta soberana Senhora grande culto, e foi servida com muita grandeza; porque os christãos novos, «de cujos corações não acabam de cahir aquelles rios de suas obstinações, que os têm cegos para não acabarem de conhecer a verdade da fé; os quaes ou por enganarem os verdadeiros e fieis christãos, limpos d'aquelle pessimo sangue ou por se justificarem, lhe faziam grandes festas, e lhe solicitaram um solemne jubileu, que chamava á sua celebridade todos os povos circumvisinhos. Mas entendendo-se depois a sua maldade, e que elles a dedicavam a uma Maria de Judá, se diminuiu aquelle antigo concurso e tambem a festividade. E hoje se lhe faz sómente uma simples festa no seu dia. » (*Loc. cit.* tit. I, pag. 7 e 8).

Todas, ou grande parte das informações a respeito do Rio de Janeiro foram dadas pelo reverendo frei Miguel de S.

Francisco, provincial da reformada provincia de Nossa Senhora da Conceição de religiosos menores, recoletos. (T. X, liv. I, t. II, pag. 13).

Collegio da companhia fundado em 1567 e casa da misericordia em 1582, ou pouco antes.—N'este anno de 1582 chegou ao Rio uma armada de dezeseis náos com tres mil hespanhoes, de que era general Diogo Flores Baldez, que Filippe II mandava para segurar o estreito de Magalhães. Com os temporaes adoeceram muitos, e chegaram mui necessitados de remedios e agasalho, Anchieta estava então no Rio, fundando-se tambem por esse tempo o hospital da Misericordia, cuja irmandade parece que já era criada; pois que lhe ficou annexo o hospital. O certo é que em 1° de Julho de 1591 já o administrador ecclesiastico Bartholomeu Simão Pereira, passou uma provisão em favor do provedor e irmãos, para que o vigario da parochia se não intromettesse em suas eleições.

Em 1720 era servida com mais grandeza e autoridade do que a cathedral; pois que tinha treze beneficiados, que assim chamavam a seus capellães, todos aquinhoados com mui boas congruas e obrigados a resar as horas canonicas do côro, tendo um d'elles a direcção (presidente). Havia mais quatro moços de sachristia, um organista, e além d'estes, mais seis capellães que assistiam ás procissões e enterros da irmandade, e acompanhavam ás tumbas e esquifes dos pretos (pobres e escravos), mais outro capellão que era cura dos enfermos lhes administrava os sacramentos.

Nossa senhora da candelaria.—E' a segunda imagem que começou a ser venerada no Rio de Janeiro.

Igreja de nossa senhora do parto.—Fundada em 1653 por João Fernandes, mulato natural da ilha da Madeira.

Nossa senhora da gloria.—Foi fundada em 1710 por Antonio Caminha, erigindo elle no mesmo lugar e monte habi-

tação para si e outros para recolhimento e descanso dos romeiros.

E' curioso o seguinte dado archeologico: « E' de saber que do santuario de Nossa Senhora d'Ajuda, que fica extramuros da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, vão duas estradas, nas quaes já hoje (1714) está muito povoada. A primeira da direita faz caminho para a casa de Nossa Senhora do Desterro. A seguinte que é a da mão esquerda, faz caminho para a fonte da Carioca, por onde vai sempre um grande concurso de brancos e pretos. Por este caminho se vai para a casa de Nossa Senhora da Gloria, situada sobre o monte que fica imminente á casa da parte do sul e distante da cidade pouco mais de um quarto de legua. *(Loc. cit.*, pag. 21). Este sitio foi doado pelo Dr. Claudio Gurgel do Amaral com a terra circumvisinha.

Entram os carmelitas observantes em 1598, antecedendo-os em 1590 os padres da ordem de S. Bento. A estes fazem doação do sitio Aleixo Manoel e sua mulher Francisca da Costa, ambos naturaes da ilha Terceira. Tinham elles aqui no monte uma granja e uma ermida de Nossa Senhora da Conceição, e fizeram doação aos monges tanto d'essa ermida, como das terras circumvisinhas e annexas, com obrigação d'elles festejarem a Senhora.

Isto se conservou no seu proprio convento até que fizeram um novo edificio, e succedendo chegar por esse tempo o marquez das Minas D. Francisco de Sousa, que conseguiu d'elles tomassem por padroeira N. S. do Monserrate, por cujo motivo deram para uma capella a imagem de N. S. da Conceição, que festejam a 8 de Dezembro com sermão e missa cantada afim de suffragarem as almas de seus dois fundadores e de mais um outro que lhes cedeu tambem terras.

Nossa senhora da conceição. — No morro do mesmo

nome edificou em 1634 Miguel Carvalho Cardoso a ermida d'esta invocação, no lugar onde tinha chacara. Indo alli os padres capuchinhos francezes pôr a conversão do gentio, pediram aquella igreja, « e como eram religiosos que mostravam tanta perfeição e virtude lh'a concederam; e elles lhe fizeram os commodos para suas vivendas, e um hospicio de pedra e cal, tudo obrado com grande perfeição, como quem os desejava perpetuar n'aquelle agradavel e salutifero sitio. Depois compraram a terra, que lhe era necessaria, para fazeram uma cerca, » como de facto a fizeram.

« N'este hospicio viveram com grande virtude e exemplo, por espaço de quarenta annos até que por desconfiança do rei, ao que parece deram alguns d'elles bastantes motivos, foram os padres mandados sahir das conquistas, » como já fica dito. Voltou assim a ermida á jurisdicção ordinaria; fazendo d'ella o bispo D. Francisco de S. Jeronymo sua residencia, sendo ahi até hoje o palacio episcopal.

Cabo-frio. — Os francezes alliados ainda dos indios continuavam a impedir a paragem do Cabo-Frio, e tão destemidos que, emquanto uns se demoravam a cortar páo-brazil, que alli havia excellente, iam outros dar caça ás náos que vinham do Rio da Prata ou d'outro porto, em demanda da barra do Rio de Janeiro.

Houve d'uma vez noticia que lá estavam cinco náos, as quaes tinham todos os preparos necessarios para o córte do páo-brazil. A isto acudiu Constantino Meneláo, capitão-mór do Rio de Janeiro, porém já muito tarde, porque os navios mui abarrotados picaram as amarras e foram-se.

Foi d'isto avisado o rei, o qual veiu a ser informado da falsidade com que alli carregavam, por não ser aquelle sitio povoado, e ficar longe do Rio, d'onde se não podia acudir com a pressa necessaria. Para remediar a este mal, escreveu ao governador Gaspar de Sousa, encarregando-o com

muita instancia mandasse sem demora povoar e edificar aquelle lugar.

Informado o governador que Estevão Gomes, morador no Rio de Janeiro, podia fazer bem este negocio, por ser homem rico, senhor de dois engenhos, e que em todos os rebates dos corsarios, que se offereciam, era dos primeiros que corria animosamente com sua canôa e escravos, passou-lhe por isso provisão de capitão do Cabo-Frio, instando-lhe aceitasse e fizesse como d'elle esperava, ordenando ao mesmo tempo a Constantino Meneláo o provesse á custa da fazenda real, de soldados, munições e todas as mais cousas necessarias para povoação e defensa da terra,

Aceitou Estevão Gomes o encargo, e gastou além do que se lhe mandava dar da fazenda d'el-rei, muito da sua, e assim se fortificou, e povoou o Cabo-Frio; sendo-lhe n'esse trabalho de muita ajuda uma aldêa de indios, que os padres da companhia, á instancias do governador, trouxeram do Espirito-Santo.

Com estes indios sahiu uma vez o capitão contra uns vinte e tantos hollandezes, que haviam saltado em terra para fazerem aguada, de que careciam em viagem para a India. Mataram dezoito, e tres se recolheram aos bateis. Os hollandezes traziam cincoenta captivos portuguezes, que haviam tomado em um navio que ia para Mina. Quizeram matal-os; mas mudaram de accordo, mandando bandeira branca e pedindo aguada em troca d'esses portuguezes.

O capitão consultou com o governador do Rio de Janeiro que por esse tempo era Luiz Vaz Pinto; este, porém, não se sabendo resolver a negocio tão grave, fez uma junta de religiosos e officiaes da camara, que decidiram affirmativamente, e os hollandezes soltaram todos, excepto o capitão do navio

« D'esta venda fizeram os pretos grande galhofa, dizendo

que mais valia um d'elles do que cincoenta brancos, porque aquelles custavam ordinariamente quarenta mil réis e os brancos se compravam por menos de uma pipa d'agua. » *(Loc. cit.*, pag. 57).

O mesmo capitão fez tambem pazes com os indios *Guaytacazes*, gentio alli visinho e que nunca se pôde conquistar, ainda que á ouro. Mas agora, atacados das bexigas, procuraram o capitão Estevão Gomes, dizendo—fossem compadres. » A ser a povoação do estrangeiro, poderia tornar-se uma mui populosa cidade. » Effectuaram-se estas pazes em 1615.

As maiores fazendas dos campos dos *Guaytacazes* eram em 1720, as da companhia de Jesus. « Têm elles n'aquelles dilatados campos uma muito rica fazenda e muito extensa, onde trazem assás grandes manadas de gado, muitos creados e muitos escravos. » *(Loc. cit.*, pag. 65).

Nossa senhora do rosario do sacco.—Fundada nas margens do Parahyba do Sul. Era fazenda d'um Manoel Rodrigues, muito amigo dos padres capuchos francezes, dos quaes era syndico. Habitavam perto d'alli os indios *Garulhos*. Aquelles missionarios franciscanos criaram um filho de Manoel Rodrigues, moço de agudo engenho e que fallava melhor a lingua d'esses indios do que a propria. Quando os capuchinhos francezes foram obrigados a despejar o territorio e vieram substituil-os os portuguezes, já era ordenado este filho do syndico Rodrigues: « a este commetteram o cuidado dos *Garulhos*, o que fez com tanto espirito e zelo da sua conversão d'elles, que tem entrado muitas vezes, e ao presente entra por aquellas vastas regiões, onde tem reduzido á fé muitos, tirando-os a viverem nas aldêas. » *(Loc. cit.*, pag. 70).

1720.—Fundam os jesuitas uma aldêa no rio *Iriritiba*. « E raras vezes succede, diz aqui o autor, admittirem os indios em suas confrarias homem branco. »

Conta o autor do *Santuario* (pag. 75), referindo-se ao padre Miel de S. Francisco, que por occasião de uma das invasões dos francezes no Rio de Janeiro, a bisavó d'este, com outras mulheres, vendo-se desamparadas de seus maridos, andavam nà conquista do gentio, pegaram das espadas e arcabuzes, e com alguns velhos e homens de palha, e alguns indios ao seu serviço, se oppozeram e não se atreveram os inimigos a investir o bairro da Misericordia, aonde se tinham fortificado, por entenderem elles « que as mulheres e figuras de palha eram homens armados. » (*Loc. cit.* pag. 77).

Males que resultaram das superstições.—Eram os indios animados em suas praticas supersticiosas pela credulidade dos portuguezes, e para prova adduz o autor este facto passado em 1720: « Uma mulher sonhou que uma india, que estava n'uma roça, e era mui mimosa do marido, lhe dava a ella feitiços com que estava muito mal. Fallou ao marido, sorri--se, ameiga-o, e insta, atanaza-o, perturba o homem e tanto faz quo o impelle a pegar em um punhal, vai-se á india, arrasta pelos cabellos, põe-lhe um pé ao pescoço e ameaça matal-a; pois que já sabe tudo, se lh'o não confessa. A pobre india confessa o que bem quizeram d'ella, defendendo-se com tudo de que quizesse matar a senhora, e sómente lhe fazia aquillo para que ella lhe quizesse bem. Veiu para a cidade, andou desenterrando immundicies pelos cantos da casa, e a mulher melhorou. Venderam-n'a; mas continuando ella na mesma pratica, o novo comprador a levou ao mar aonde com uma pedra ao pescoço a sepultou n'elle, e assim acabou desgraçadamente a india, pagando com tão terrivel morte o trato que tinha com o demonio, que lhe fazia executar tão crueis maldades. » (*Loc. cit.* pag. 99). Narra o autor o caso n'estes simples termos e diz, que d'esse castigo proveiu grandes males á terra.

Nossa senhora do amparo.—Da villa de Ubatuba, em

distancia de doze leguas por costa, chega-se á villa de S. Sebastião, onde está a igreja de N. S. do Amparo, convento dos padres da Conceição (Santo Antonio). As terras eram d'um Antonio Coelho que lh'as deu para fundarem esse convento.

Os moradores da villa de Itanhaem « tambem chamada da Conceição, quando a mudaram para a raiz da serra, offereceram aos padres capuchos do Rio de Janeiro sitio para um convento. » (Loc. cit. pag. 128). N'esta casa pozeram os padres a ancora da sua esperança, a augmentam de sorte que toma o titulo de provincia da Immaculada Conceição do Brasil; ficando a Bahia com o seu antigo de Santo Antonio. O padre frei Miguel, quando vigario provincial, acabou o convento do Rio, e eleito depois provincial, melhorou o da Conceição, em Itanhaem, e fez igreja nova.

José de Sousa Barros, syndico da ordem, aceitou o padroado, consignando-lhe em 1700 ou 1701 a ordinaria de cem mil réis annuaes.

Ilha de Santa Catharina. — « D'aqui, dizem, foi levada aquella casca d'ostra, na qual o capitão de S. Vicente mandou lavar os pés a um bispo em lugar de bacia. » Refere mais o autor que d'ella se tiraram perolas formosas e perfeitissimas.

Patos. — Cobrem estas aves as praias e terras da beira-mar por distancia de cincoenta leguas e mais. « São os mesmos da Europa. Alli os soltaram uns hespanhoes que faziam viagem para o Rio da Prata em 1554. »

Curutyba. — Ha aqui vastissimas campinas chamadas campos elysios que chegam até S. Paulo e vão acabar no Rio da Prata.

Certo homem dizia: « que se houvéra pisado aquellas terras, em idade de varão, ou de mancebo, havia de passar

a Portugal, a informar a magestade do nosso rei e dizer-lhe o que aquellas terras eram, e que lhe havia de pedir as mandasse povoar com duzentos casaes de gente d'entre Douro e Minho ou das Ilhas, com preceito capital para que nenhum comprasse negros, nem se servisse d'indio, e que lavrassem elles mesmos as terras, como o faziam na sua patria ; porque no termo de trinta annos teria o monarcha n'ella a maior colonia de todas as do Brasil, e que dando o governo á pessoa d'industria, prudencia e christandade, se podia alli fundar um imperio. »

« O certo é, reflexiona em seguida o chronista, que se aquellas terras foram d'estrangeiros, pelo muito que têm d'industriosos, seriam aquelles campos uma muito grande cousa. » (Loc. cit. pag. 144.)

Descoberta das Minas. — Cita aqui o autor o n. 146 da *Historia do Brasil de Francisco Vicente do Salvador* de onde extrahe o que se segue :

« A fama das muitas minas d'ouro e prata, que havia nas terras da capitania de S. Vicente, de que el-rei D. João III fizéra mercê a Martim Affonso de Sousa, se espalhou por muitas partes : o que sabido pelo governador D. Francisco de Sousa, avisou a Sua Magestade, offerecendo-se para esta empreza, e el-rei lh'a encarregou, e, deixando aquelle no governo da Bahia a Alvaro de Carvalho, partiu a dar cumprimento ás ordens régias, sahindo da Bahia no mez d'Outubro de 1598, e chegando á capitania do Espirito Santo, por lhe dizerem havia minas na serra de Mestre-Alvaro, e em outras partes, mandando cavar n'ellas, e fazendo ensaio, tirou alguma prata. Tambem mandou ás esmeraldas, o que já havia feito da Bahia, Diogo Martins Cão, que as havia descoberto, e depois de levantar alli um forte com duas peças d'artilheria, para defensa da entrada da villa, sahiu e fez viagem para o Rio de

Janeiro, aonde governava Francisco de Mendonça. ». . . .
. . . . . Da capitania de S. Vicente para onde se partiu logo, se foi o governador á cidade de S. Paulo, que é a mais chegada ás Minas aonde até então os homens e as mulheres se vestiam de panno d'algodão tinto; e se havia alguma capa de baeta ou manto de sarge, se emprestava aos noivos e noivas para irem á porta da igreja. Era isto quando lá chegou, D. Francisco de Sousa, pelos annos de 1599 ou de 1600. Depois porém que lá chegou, e viram suas galas e dos seus creados, houve logo tantas librés e galas ricas, e mantos, que parecia aquella terra outra. Muito se havia pago D. Francisco da Bahia; mas quando viu o que era S. Paulo, muito mais se pagou d'aquelle clima, por que são alli os campos, como os de Portugal, ferteis de trigo e de muitas frutas, uvas, rosas, açucenas, regados de frescas ribeiras e de excellentes aguas. Alli se empregou nas Minas, onde, por ser o ouro de lavagem, ás vezes tiravam muito, outras menos, e algumas se achavam grãos de peso e de preço, de que mandou fazer um rosario, assim como sahiam, redondos, quadrados, ou compridos, que enviou a el-rei, com outras amostras e quatorze perolas, que se acharam no esparsil da Cananéa, e em outras partes maritimas. »

Em S. Paulo entraram primeiro os jesuitas, depois carmelitas e por fim os de S. Bento (*Sant Mar.*, tom. X, L.° IV, tit. XXXM III).

Minas d'Ouro. — « Nas villas da costa do mar, como são Cananéa, Iguape, Paranaguá, Rio de Francisco do Sul, Curutyba, todas têm minas d'ouro; porém n'este tempo (144)

(144) Cumpre notar que o autor do *Santuario Marianno* refere-se com frequencia a 1714, anno em que escreveu essa parte de sua obra, principiada a imprimir em 1707, sendo o tomo IX em 1722, e o X em 1723.

só ellas servem para os seus moradores, que o tiram sem custo, levando de suas casas o mantimento necessario. E como lhe ficam perto, mandam por elle os que estão lavrando. Porém nas que são geraes (Minas) é de absoluta necessidade plantar primeiro o mantimento para se poder lavrar, e assim é hoje infinita a gente que se occupa só do plantio de mantimentos para os venderem, tendo estes por certo maior mina n'este trato, por que como lá se vende tudo pelo que cada um quer, e o ouro custa pouco, sendo muito no valor, n'estas compras ficam os vendedores mais bem livrados, por que recebem quanto querem. » (Loc. cit. pag. 187).

Na invasão do Rio de Janeiro pelos francezes, em 1710, Antonio Dultra da Silva, natural d'essa provincia, e capitão de cavallos de S. Gonçalo, acudiu destemido, e dando um troço de francezes que se não queriam recolher ao trapiche, como os outros, todavia elles os forçou a isso; mas os que já estavam intrincheirados, á força de descargas o mataram.

Louvando-se o autor nas palavras do padre frei Miguel de S. Francisco, d'onde houve esta noticia, accrescenta: « Homem (Antonio Dultra da Silva) de notaveis forças, muito valoroso, destemido, e se apanhasse os francezes em campo descoberto, era capaz de os jarretar a todos e de vender muito bem a sua vida pela patria. »

Villa-Rica. — Era uma parochia situada no arraial de Antonio Dias, homem rico e poderoso de S. Paulo, e um dos primeiros que passou ás Minas a sua gente, que eram muitos escravos, pretos e indios. (Loc. cit. pag. 243).

N. S. do Carmo do Ribeirão. — Pouco depois de Villa-Rica fundou-se esta a que deram o nome acima indicado, por ser banhada por um rio a que assim chamaram. Era arraial de Antonio Pereira, paulista rico, que com os seus escravos e indios assentou alli as suas lavras.

Rio das Mortes.— « Appellidaram assim este grande rio por causa d'uma formidavel batalha, que junto ao mesmo deram os indios de duas das muitas nações, que habitavam aquelles sertões, entre si sobre a posse e assistencia d'aquellas vastas regiões que para a sua habitação estimavam como ferteis e abundantes de mantimentos brasilicos, muita caça e gado ; n'esta demanda morreram muitos de parte a parte. Depois entraram os paulistas por aquellas terras repentinamente a captivar os indios, para se fazerem senhores d'elles ; mas como os paulistas iam melhor armados, fizeram nos indios uma grande mortandade. . . . . .

D'estas muitas mortes veiu o nome ao rio. »

Rio das Velhas.—« E' de saber, que entrando os paulistas n'aquellas terras do sertão a captivarem os indios, todos estes fugiram por não serem presos nem captivos ; e só ficaram muitas velhas *Carijós*, por não poderem fugir, ou por se persuadirem que por mulheres e velhas lhes não fariam mal, e que tambem por inuteis as deixariam ; e por que os paulistas acharam estas velhas ao pé do rio, lhe deram o nome pelo que é hoje conhecido. »

Nova Colonia. — Um convento dos capuchos da provincia da Conceição do Rio e outros padres da companhia estabeleceram uma aldêa, e estes lá faziam grandes fructos. Os escriptores do tempo dão muita importancia áquella colonia, e o chronista diz que : « se el-rei mandasse fundar n'aquellas terras seis cidades desde *Nova-Colonia* até á villa de Laguna faria n'ellas uma grande monarchia e opulento reino. O qual se podia fazer sem despeza alguma de sua fazenda real, só com o escolher seis homens ricos e dos mais honrados da cidade de S. Paulo, dando-lhes o senhorio das terras, que fundassem, em tres vidas ; por que só com esta mercê que lhes fizesse, seguraria todo aquelle Estado de todos os inimigos da Europa. E estes, que Sua Magestade

nomeasse, cederiam o interesse d'esta honra, que lhe faria, e iriam com seus indios e escravos, e mais parentes, a fazer estas fundações. »

Do titulo LXXXX (á pag. 255) em vante até o fim do *Santuario Marianno* occupa-se o autor das imagens que se veneravam na colonia do Sacramento e ilhas do Oceano e outras conquistas de Portugal, o que não convem portanto ao nosso assumpto.

HISTORIA DA COMPANHIA DE JESUS NA EXTINCTA PROVINCIA DO MARANHÃO E PARA' PELO PADRE JOSE' DE MORAES. (REIMPRESSA NO RIO DE JANEIRO, 1860.)

Apezar de vulgarisada esta obra no Brasil desde que a descobriu na bibliotheca de Evora e mandou tirar d'ella copia o nosso distinctissimo confrade e eminente poeta, Antonio Gonçalves Dias, e que o Exm. Sr. senador Candido Mendes d'Almeida a fez imprimir por conta da provincia do Maranhão, faço d'ella resumo; por que adoece dos achaques das outras chronicas da companhia de Jesus.

Diz o padre José de Moraes (Liv. I, cap. I) que foram os jesuitas quem primeiro se entregou á conversão dos gentios n'esta conquista (Estado do Maranhão), e que estes eram a milhares no numero e milhões no preço.

Está a cidade de S. Luiz do Maranhão em altura de 3 gráos e meio ao sul da equinocial com 336 de longitude. A ilha do Maranhão tem de comprimento sete leguas nordeste-sudoeste, e de largura cinco, noroeste sueste, em forma quasi oval, com pouco mais de vinte leguas de circumferência.

A sua barra, depois de montada a corôa-grande, demóra

a oeste, formando-se a sua bocca de duas pontas, a d'*Itacolomy*, na terra firme de *Tapuytapera* (Ancantara) e a do *Pered*, pegada com a mesma ilha pela parte em que está uma ermida da invocação de S. Marcos, pertencente á companhia. Torna-se difficil a entrada « ainda ás embarcações mais pequenas por se ter de tal sorte apertado a sua garganta com a muita arêa, que é preciso entrarem enfiadas as embarcações, e a proporcionada distancia por não ficarem engasgadas e em perigo de serem engolidas da correnteza. » (H. da C.— Liv. I, cap. I).

A cidade de S. Luiz bem situada, com boas ruas a rumo de corda, a maior parte calçadas, fórma uma ponta triangular, que vai abraçada dos dois rios — *Ibacanga* da parte do sul, e da do norte o *Coty*. « Eram os seus mares copiosos de muitos e deliciosos peixes de que se sustentava a cidade sem mais dispendio que mandal-o tirar ás cambôas de maré vazia, porém hoje (1758 em que escreveu o autor) fechada mais a sua barra pela muita arêa, faz difficultosa entrada assim ao peixe como ás canôas para o irem pescar, por ser aquella costa desabrida, obrigando a viver toda aquella numerosa povoação de menor fartura de pescado, etc. »

Avista A. da Cunha a ilha do Maranhão em Setembro de 1535. — Avistou Ayres da Cunha, um dos donatarios do Maranhão e que levava em sua companhia os filhos do seu consocio, o historiador João de Barros, á ilha do Maranhão em Setembro de 1535; mas falto de pratico, naufragou no Boqueirão, tendo já perdido parte das embarcações na corôa-grande.

Emprehenderam Pedro Coelho de Sousa e Martim Soares Moreno ir por terra á ilha do Maranhão, não com animo de a descobrirem senão de prearem indios, e n'esse intuito partem ambos de Pernambuco com alguns homens, e entram

por Jaguaribe no Ceará. Tratam bem a principio os indios que os recebem sem receios e com lhaneza. M. Soares Moreno não concordando com Pedro Coelho que os quer captivar, abandona-o, e regressando, procura o governador do Brasil, Diogo de Menezes, que o attende e o nomea capitão-mór do Ceará. Chegado a seu destino começa a tratar com doçura os indios, afagando-os e presenteando-os, de modo que os foi attrahindo a si. »

« Tanto póde com esta gente a *suavidade do genio* quando se ajunta com a liberalidade do animo ! » Outros eram os designios de Pedro Coelho, e dos seus, apesar das admoestações e rogativas do capitão-mór Soares Moreno, cahiram de repente sobre os incautos *Tabajáras* da Serra e *Tupynambás* do Maranhão, que se achavam no Ceará, e os captivaram e maltrataram.

Magoado e queixoso Moreno, e conhecendo pouca segurança no meio dos indios que estavam alvorotados com tamanha aleivosia ; portanto mallogrado o descobrimento do Maranhão por terra, se tornou a Pernambuco.

Instado pelo governador Gaspar de Sousa, se propôz o provincial da companhia, padre Simão Pinheiro, a empreza da conversão dos indios *Tabajáras*, *Tupynambás* e *Potygudras*, os mais numerosos e trataveis de todo o Brasil, « que depois do seu descobrimento e fundação da cidade da Bahia tinham fugido do rigor e força das nossas armas, e largando as suas terras, se espalharam por toda a costa do Ceará até chegarem os *Tupynambás* a fundar suas aldêas do Maranhão. » (Cap. III).

Os padres Francisco Pinto e Luiz Figueira vão á descoberta do Maranhão.—Nomeados para primeiros missionarios e descobridores do Maranhão os padres Francisco Pinto e Luiz Figueira, partiram para esta missão em um barco que ia carregar de sal á Jaguaribe. Depois de tomar no presidio

do Rio-Grande, aportou a embarcação ás salinas de Jaguaribe, e d'ahi partiram os padres á pé e acompanhados dos indios de sua comitiva, e assim chegaram ao lugar da costa onde os indios tinham experimentado as maiores violencias de Pedro Coelho, e ahi encontrando o principal Amauay, usaram de tanta arte, que o convenceram da innocencia e boa vontade d'elles e dos portuguezes, que se offereceram aquelles aos padres para formarem aldêas e assim se fundou no lugar onde é hoje cidade da Fortaleza uma aldêa. Então o padre Francisco Pinto se determinou proseguir na sua jornada em busca da ilha e aldêas do Maranhão, para o que se partiu d'ahi com seu companheiro e alguns *Tabajáras* da Serra e *Tupynambás* do Maranhão. Postos assim a caminho, chegaram ao rio *Parámirim*, que passaram com muito custo, e largando as praias buscaram o rumo do sertão e a serra da Ibyapaba.

E' esta serra de difficil ingresso « pela banda em que fica a costa, e a terra fecunda de tudo em que n'ella se planta » ..... « Tem bellos ares, ainda que no inverno mais frios : muito bom clima e nevoas como em Portugal. » (Cap. III) :

Alcançado o alto da serra, começaram os padres a attrahir os indios, a doutrinal-os e por ultimo conseguiram que edificassem uma igreja. N'estas santas praticas gastaram cinco mezes. Emprehendem de novo a sua jornada, mas o padre Pinto primeiro serena os animos aos *Tapuyas* e os põe de paz com os seus neophitos d'elles, para o que expede embaixadores com avultados presentes aos *Tacarijús*, nação entre todas a mais barbara. A primeira barbaridade d'estes foi matar os embaixadores, passando depois a descarregarem suas furias nos indios, que acompanhavam o padre.

Morte do padre Pinto a 11 de Janeiro de 1608. —

Matam tres, fogem os mais e com elles o padre Luiz Figueira, ficando só o padre Pinto, que pretende abrandal-os com palavras cheias de doçura, mas dão-lhe um profundo golpe com páo de *jucá*, com que cruelmente lhe abriram a cabeça e assim morre a 11 de Janeiro de 1608 o padre Francisco Pinto e com elle mais tres indios da sua comitiva que o defendiam com extremo denodo. Vendo o padre Luiz Figueira frustrados d'este geito os designios do descobrimento do Maranhão, totalmente perdidas as esperanças da conversão de tantas almas, e tolhidos os meios de continuar a empreza, resolveu retroceder. Mettendo o defunto padre em uma rede o foi enterrar na raiz da serra d'Ibyapaba.

Era o padre Pinto natural da ilha de Santa Maria, outros dizem que da Terceira, filho de paes nobres, se embarcou ainda menino para o Brasil, entrando para a companhia em 1568, com idade de 17 annos.

Viveu 56 annos, dos quaes 39 na companhia. Fez cinco entradas nos sertões e n'ellas reduziu innumeraveis gentios. Nunca os perigos o intimidaram, e era tão prudente, e caritativo, e tinha tal affabilidade no trato, que attrahia a vontade aos indios e lhes roubava os corações, contribuindo muito para isso a grande intelligencia da lingua dos naturaes, em que era peritissimo, e nas suas praticas o mais eloquente, pela destreza nas phrases, e pela naturalidade nas semelhanças. »

Succedeu com elle um milagre obrado pelo padre Anchieta, que estando o padre Pinto gravemente enfermo no collegio da Bahia, em 1582, e quando acabára de tomar a Extrema-Unção, entrou o padre Anchieta e dando-lhe um abraço, assegurou-lhe que não era ainda chegado o seu dia. « O mesmo foi o padre Anchieta acabar

de fallar que achar-se repentinamente são o padre Pinto. » (Cap. VI).

« Vestiu-se e foi dar graças no côro, e não tornou a adoecer. »

Descobre o capitão Riffault a ilha do Maranhão. — Em tempo em que Henrique IV governava a França, pirateava nas costas do Brasil Riffault, capitão francez, que levado pela violencia dos ventos ou das aguas, que depois de observar a entrada logrou aportar á ilha do Maranhão, onde desembarcou e deixou Carlos des Vaux, cavalheiro do condado de Torena, de vivo engenho e de singular agrado. Passados tempos, como não visse Carlos des Vaux voltar Riffault, e já sabedor da lingua e senhor dos corações dos indios, metteu-se com alguns d'elles em uma pequena embarcação que lhe deixára Riffault. Bem recebido do rei de França, a quem propôz povoar o Maranhão, não pôde comtudo realisar a conquista por ter fallecido no comenos este.— Passado o governo a Maria de Medicis, esta concedeu licença a Monsieur de la Ravardière para poder organisar uma companhia, o que de facto realisou tomando por socios Francisco de Rassylly e Mr. de Sancy, e assim poderam aprestar com grandeza tres náos em que se embarcaram os dois interessados Ravardière e Rassylly, e na terceira com Carlos des Vaux o barão de Sancy, em lugar do pae. Levavam 500 homens de equipagem entre soldados e marinheiros, e quatro padres capuchinhos, tendo por superior Claudio d'Abbeville. (Cap. VII.)

Partida de Ravardière e dos socios para a conquista do Maranhão — 1612. — Partiram do porto de Cancale em 1612 e a 24 de Julho do mesmo anno « com breve e feliz viagem lançaram ancora na ilha de Sant'Anna » e d'ahi passaram-se para a ilha do Maranhão, onde em um alto, na ponta que cahia sobre os dois braços de mar

(Ibacanga (145) e Coty) entraram a fabricar uma fortaleza com tanta actividade, que dentro de pouco tempo podem cavalgar n'ella 17 canhões da sua melhor artilheria.

Primeira missa.— A 12 d'Agosto (1612) celebraram os capuchinhos francezes a primeira missa em um altar portatil, mandando-se-lhes depois fazer igreja com hospicio no lugar onde hoje (no tempo que escreveu o padre Moraes) se acha o collegio da companhia. (Sé cathedral).

Expediram logo embaixadores aos indios da terra firme de *Tapuytapera* (Alcantara), promettendo-lhes paz e amizade, que aceitam a exemplo dos naturaes da ilha.

Discorrem os fervorosos missionarios pelas aldêas com muito fructo, e diz o autor que: « é muito digno de especial nota que achando-se então na ilha e nas suas visinhanças vinte e sete populosas aldêas, em que contaram os francezes dez para doze mil almas, que no dominio portuguez se fossem pouco a pouco extinguindo sem ficar mais que umas pequenas reliquias na aldêa que ainda hoje se conserva com o nome de S. José. » (S. José dos Indios ou de Riba-mar).

Sabendo Martim Soares que na ilha de Maranhão estavam já situados os francezes e em correspondencia com os *Tupynambás*, « indios n'aquelle tempo os mais valorosos e guerreiros, » partiu-se com toda a diligencia, e chegado que foi a Pernambuco, avistou-se com o governador Gaspar

(145) *Ibicanga*, é como escreve o padre José de Moraes o nome do rio *Bacanga*, e ao que parece com plausibilidade de certeza, porquanto no seu tempo devia de haver menos corruptela nos nomes brasilicos e é razão etymologica n'aquelle: *iby*, terra; *acanga*, cabeça, isto é — cabeça da terra, como quem diz principio d'ella, e logo o rio que a banha, e por contracção e euphonia supprime-se o *y*, ficando *Ibacanga*.

de Sousa, que ordenou logo uma expedição de trezentos soldados com armas, munições e embarcações competentes para seu transporte, o que tudo entregou a Martim Soares com ordem de tomar a Jeronymo d'Albuquerque, capitão-mór da fortaleza do Rio-Grande do Norte, e então com poderes de general d'esta facção, o que feito, endireitam para o seu destino. Aportados á ilha de Sant'Anna, manda Jeronymo d'Albuquerque Martim Soares e uma embarcação a explorar a ilha do Maranhão e tomar informações do estado das forças francezas. Logra este aprisionar com todo o sigillo e prudencia alguns *Tupynambás*, que mette a bordo; « e querendo voltar para os companheiros, foram tão fortes e ponteiros os ventos geraes, que então corriam, que lhe não foi possivel vencer o impeto e violencia das correntezas, e se viu obrigado a arribar ás Indias de Castella. » Como Albuquerque houvesse colhido informações por alguns indios transfugas, não só da expedição de Soares como das forças inimigas, faz na ilha de Sant'Anna uma fortificação de madeira e deixando n'ella seu sobrinho com quarenta homens, torna-se a Pernambuco para buscar um tal soccorro que lhe desse ganho de causa. N'este tempo era chegado de França de Pratz com soccorro, e vendo que estavam fortificando-se os portuguezes na ilha de Sant'Anna, manda-os desalojar. Manoel de Sousa d'Eça que era vindo com soccorros de Pernambuco, sahe a impedir esse assalto e emboscando-se com sua força nos mattos consegue repellir os francezes, que abandonam a empreza e foram aportar á ilha do Maranhão, informando Ravardière do acontecido. (Cap. VIII.)

Parte J. d'Albuquerque, de Pernambuco com forças — 1614. — Parte Jeronymo d'Albuquerque de Pernambuco em Agosto de 1614 com uma força de 300 soldados e numero sufficiente de indios, tendo por adjunto o sargento

mór Diogo de Campos (146), e em Setembro do mesmo anno aportam á ilha de Sant'Anna. D'ahi com 400 soldados e 250 indios vai demandar a ilha do Maranhão, e entrando a barra de S. José foi se postar em Guaxenduba, sitio que lhe pareceu o mais defensavel. Vieram procural-os os francezes, que se apoderaram das embarcações que aquelles haviam abandonado no porto, e d'ahi foram entrincheirar-se em uma eminencia á cavalleiro ás fortificações de Jeronymo d'Albuquerque e de onde os desalojou Sousa d'Eça, causando-lhes muitas perdas, entre ellas a morte de Pizieu. Derrotados os francezes retiraram-se.

« Foi fama constante accrescenta o autor, e ainda hoje se conserva a tradicção, que a Virgem Senhora fôra vista entre os nossos batalhões animando os soldados em todo o tempo do combate, retardando-se milagrosamente a enchente da maré para complemento da victoria; e por agradecidos lhe dedicaram os portuguezes depois o primeiro templo na cidade de S. Luiz, que é hoje sé episcopal, com o titulo de Nossa Senhora da Victoria, pelo que alcançaram as nossas armas n'este dia, de que se faz solemne memoria todos os annos aos 21 de Novembro.... Temos aqui reproduzido o milagre do Campo d'Ourique a intervenção de Sant'Iago e de S. Jorge em batalhas com infieis e castelhanos, e a de S. Sebastião no Rio de Janeiro!...

Conhecido o mallogro da expedição, envia Ravardière o capitão Mallart a Jeronymo d'Albuquerque que para ajustarem por intervenção do sargento-mór Diogo de Campos umas treguas e suspensão de armas pelo tempo preciso

(146) Este escreveu a *Jornada do Maranhão por ordem de S. M., feita no anno de 1614.* Foi impressa pela Academia Real das Sciencias de Lisboa em 1812.

de um anno, no que annue o general, e assigna com o sargento-mór os artigos.

O general Alexandre de Moura e os jesuitas Gomes e Nunes partem para o Maranhão.— Sabido do governador Gaspar de Sousa o exito feliz das armas portuguezas e instado pela côrte que expellisse os francezes, envia novo reforço, nomeando para capitão-mór e general Alexandre de Moura; e como confiasse muito para taes commettimentos nos indios, obteve do provincial dos jesuitas Pedro de Toledo enviasse com este reforço dois religiosos, os padres Manoel Gomes e Diogo Nunes.

Levando ferro as embarcações d'esta expedição, no terceiro dia de viagem tomam o porto do Ceará, onde tiram 70 indios de guerra, e depois d'alguns dias de demora, montando a ponta do Preá e entrando pela barra de S. José, á leste da ilha do Maranhão, dão fundo junto do porto de Guaxenduba.

Descontentes Albuquerque e seus soldados com a desattenção a seus serviços, sujeitando-o a alheias ordens; serena-lhes os animos irritados Alexandre de Moura, asseverando a Albuquerque, que restaurada a ilha do poder dos francezes, retirar-se-ia para Pernambuco, deixando-a comtudo mais á sua obediencia.

Passam-se d'alli os padres ao forte d'Itapary, « situado na ilha fronteira ao alojamento dos portuguezes » para porem-se em communicação com os indios e os chamarem a abraçar a causa dos portuguezes, o que de feito conseguiram, promettendo os *Tupynambás* « toda a assistencia em favor das suas armas, ainda que arriscassem n'ella as proprias vidas, com condição, porém, que os padres da companhia viveriam entre elles como seus paes e defensores. »

Expiradas as treguas e engrossadas as forças portuguezas com os indios vindos de Pernambuco e os do Maranhão, manda Jeronymo d'Albuquerque, assistido dos dois padres, cercar os francezes dentro da sua praça d'elles, emquanto com toda a armada lhes fechava a barra. Conheceu Ravardière o seu perigo, vendo-se cercado, desamparado dos indios e sem esperanças de navios que lhe podessem trazer de França « o muito de que precisava n'aquella praça para sua defesa, » e no intento de salvar as vidas e a fazenda, offerece despejar a ilha com os seus que o quizessem seguir, permittindo-se-lhes as fazendas e dando-se-lhes as embarcações necessarias para o seu transporte á França, no que conveiu Alexandre de Moura, menos na entrega da artilheria e munições de guerra. Arvorada a bandeira portugueza e presidiada a fortaleza com 170 soldados, desembarcaram Alexandre de Moura, Jeronymo d'Albuquerque e Diogo de Campos, sendo recebidos pelo « governador e mais francezes com os termos da urbanidade e politica muito propria d'esta nação. »

Como com a retirada dos capuchos francezes ficassem desoccupados o hospicio e a capella, que lhes pertenceram, fez mercê d'elles aos padres da companhia o capitão-mór : « E' o mesmo lugar onde hoje se acha fundado o nosso collegio da Virgem Senhora da Luz, junto onde depois esteve o Carmo-Velho. »

Regressa Alexandre de Moura a Olinda — 1616. — Repartidas as terras e chãos pelos portuguezes, expedido Francisco Caldeira Castello-Branco com 150 soldados para os confins da bocca do Amazonas da parte do Sul, e resignado o poder nas mãos de Jeronymo d'Albuquerque, se partiu Alexandre de Moura, chegando á cidade d'Olinda aos 5 de Março de 1616.

Cuida então Jeronymo d'Albuquerque na edificação e

arruamento da cidade, e dá principio ao palacio « que ainda hoje serve de morada aos governadores com mais algumas obras. »

Os dois padres, além das praticas e exercicios quotidianos, fundam da outra banda da cidade a primeira missão e residencia onde com os indios reduzidos á lei evangelica e com os que trouxeram de Pernambuco assentam a aldêa de *Uçagoaba* (de Vinhaes). Residia um na aldêa e o outro acudia aos moradores da cidade e aos neophitos das outras aldêas, que se governavam pelo methodo da *Uçagoaba*, assistindo em cada uma d'ellas um catechista, que fazia, na ausencia do missionario, doutrina aos pequenos e instruia os adultos.

Escrevendo o padre superior Manoel Gomes ao seu provincial sobre os trabalhos emprehendidos por elle e seus companheiros conclue: « Ha muitos *Tapuyas* de muitas nações das quaes quatorze fallam a lingua geral dos *Tupynambás*, que é *quasi commum no Brasil*..... Todos são grandes lavradores. »

Continuam os padres M. Gomes e Diogo Nunes na ilha do Maranhão a exercer com o mesmo fervor o seu ministerio.

« Eram os moradores do Maranhão n'aquelle tempo (1616) pela maior parte gente baixa, » cobiçosa e sensual com grave prejuizo dos indios « que eram todo o alvo de suas desordens, a uns roubavam a honra tirando-lhes com abominavel violencia as mulheres e filhos; a outros a liberdade, » etc.

Queixavam-se os indios de tantas vexações e repetidas tyrannias, allegando « o bom trato que receberam dos francezes por quem tinham sido conservados em paz e justiça, com uma exacta e avantajada paga de seus servi-

ços, » ao passo que as grandes promessas de mercês e premios, brandura e protecção se auxiliassem as armas portuguezas na expulsão dos francezes tornaram-se em jugo insupportavelmente penoso.

Requeriam debalde os padres se pozesse termo a tantas violencias e se refreassem as injustiças, e ainda mais se affligiram com a guerra que os portuguezes moveram aos indios *Trememés*, situados na costa, entre o *Pred* e a *Tutoya*. Com o zelo dos padres mais encruesciam as iras dos moradores, tanto que, conhecendo estes que nada conseguiriam senão da protecção real, resolveram requerer á côrte de Madrid. (Cap. XII.)

Tornam os padres á côrte. — Largaram os padres d'ahi em principios de 1619, e chegando ás Indias de Castella onde falleceu o padre Diogo Nunes, se passou a Madrid o padre superior Manoel Gomes; porém ahi nada alcançou razão de ter morrido em 1621 Filippe III, por cujo motivo retira-se n'esse anno á sua provincia do Brasil. Pouco tempo depois de sua chegada, em principios de 1622, vieram para essa missão os padres Luiz Figueira e Benedicto Amodei.

Depois dos capuchinhos francezes foram os padres da companhia os primeiros religiosos que entraram no Maranhão; pois que os franciscanos frei Cosme de S. Damião e frei Manoel da Piedade, embora viessem com Jeronymo d'Albuquerque, não passaram suas funcções além de capellães da armada, em que depois tornaram para Pernambuco. (Cap. XIII.)

Fundação do convento de Santo Antonio—Carmelitas. —Entra o autor em longas considerações para refutar o *Jardim da Scriptura* do padre Gabriel do Espirito-Santo, e como se vê, confuta tambem a do *Santuario Marianno*,

dando primazia de estabelecimento no Maranhão á ordem de Loyola. Segundo elle, fundam o convento de Santo Antonio em Agosto de 1624 o commissario fr. Christovão de Lisboa, e os mais religiosos franciscanos que com elle tinham vindo na armada que trouxe ao Maranhão o primeiro governador d'este Estado Francisco Coelho de Carvalho.

Em 1627 fundam o convento do Carmo fr. André da Natividade e fr. Antonio de Santa Maria, que para isso tinham vindo do Estado do Brasil, indo para o Pará, a convite do Bento Maciel Parente o vigario provincial fr. Francisco da Purificação, que fundou n'esse mesmo anno na rua do Norte um soberbo convento da sua ordem.

Mercenarios. — Quanto aos mercenarios, chegam á cidade do Pará em Dezembro de 1639 os padres fr. Pedro Cirne e seu companheiro dando logo principio n'essa cidade e na do Maranhão ao estabelecimento de sua ordem.

Franciscanos.—Os religiosos reformados de S. Francisco da Piedade fundaram tambem no Pará duas casas em 1697, uma em S. José, suburbios da cidade, e outra em Gurupá.

Tornando o padre Manoel Gomes de sua viagem a Madrid, se passou a Pernambuco, onde fez ao provincial uma narração dos vexames que elle e seu companheiro soffreram dos moradores do Maranhão « até entrarem no projecto de os quererem lançar fóra. » Será esta a primeira tentativa d'expulsão dos jesuitas. Não se intimidou com isso o padre Luiz Figueira, que alli se achava desde que se tornára d'Ibyapaba, depois da morte do padre F. Pinto, antes instava para que o incumbissem d'essa laboriosa missão, em que só por ultimo conveiu o provincial, quando lh'o ordenou o governador Diogo de Mendonça Furtado, por mandado de Filippe IV. Elegeu então, como fica dito, os padres Figueira e Amodei e os enviou. (Liv. II, cap. I.)

Chegam os padres Figueira e Amodei. — 1622. — Par-

tidos estes de Pernambuco com Antonio Moniz Barreiros, nomeado capitão-mór de Estado do Maranhão, aferram o porto da cidade de S. Luiz do Maranhão em Março de 1622.

De Moniz Barreiros diz o autor: « se fazia credor de maiores cargos, assim pela qualidade da pessoa, como pelas forçosas razões do merecimento e serviços de seu pai, com o que se fazia aos maiores igual no valor e a nenhum segundo na experiencia, na resolução e no acerto. » Ordenou-lhe (o governador) no seu regimento, que nas causas (excepto militares) de maior momento « *se aconselhasse em tudo e por tudo com o padre Luiz Figueira, e não obrasse cousa a que se oppozesse manifestamente o parecer do dito padre.* »

Desembarcados os padres, entra logo o povo a inquietar-se e a intentar por meios violentos a retirada d'elles no mesmo barco que as trouxéra de Pernambuco, e foram-se os animos alterando de tal geito, que o padre Luiz Figueira resolveu dirigir-se á camara e alli assigna termo de que se não intrometteria a tirar os indios fossem ou não fossem verdadeiros captivos; mas os moradores não se deram por satisfeitos, continuando a exigir a sahida dos padres, e só vieram a serenar-se com a attidude energica que mostrou Moniz Barreiros pelo protesto que lavrou em sessão de camara a 2 d'Abril d'esse mesmo anno (1622).

Primeira fazenda dos padres jesuitas. — Foi o sitio Anyndibá (hoje Paço do Lumiar) a primeira terra doada á vice-provincia da companhia no Maranhão. N'esta legua de terra funda o padre Luiz Figueira em 1627 a primeira fazenda que teve ahi o collegio, fabricando casa e erigindo capella, que dedicam a N. S. da Luz.

O padre Luiz Figueira fervoroso na conversão dos indios escreveu a grammatica da lingua geral, que corre impressa

e de que ha 2ª edição de 1851; e escreveu ao provincial instando por mais obreiros. Acudindo o provincial a tão justo reclamo, expede para essa missão o padre Lopo do Couto, dando-lhe por companheiro a um irmão coadjuctor.

O padre Figueira, ajudado d'alguns indios mechanicos, que trouxéra de Pernambuco e do principal Mitagaya, creado de menino pelos padres e sujeito de prendas, emprehende a edificação do collegio da companhia, fazendo de pedra e cal, e com toda a segurança, corredor, que é «o mesmo que ainda hoje se vê para a parte do norte, Praia Pequena, correndo o rumo de leste a oeste.» (147)

Expedido o padre Couto para converter os indios e acudir aos moradores do Itapecurú (148) e do Mony, e o padre Amodei aos da ilha, occupava-se o padre Figueira da doutrinação no pulpito e no collegio, e não contente com tão afanoso lidar, já cuidava com passar-se ao Pará.

Morte do governador. — 1636. — Em 1636 succede a morte do governador Francisco Coelho na villa de Camutá.

Primeira exploração do Amazonas.—1657.—Apossa-se das redêas do governo o provedor da fazenda real da capitania do Maranhão, Jacome Raymundo de Noronha, fazen-

(147) Servia o collegio de paço episcopal e foi ha annos arreado para no lugar edificar-se nova vivenda para os prelados maranhenses.

(148) De muito que adoptei esta maneira d'escrever o nome do nosso rio e tenho a satisfação de a ver hoje geralmente seguida. De antes escreviam *Itapycurú* seria plausivel, se não fosse forçado: *Ita*, pedra — *pe*, caminho — *yg*, agua — *curú* (abreviatura de *curutem*) abundancia, muito. *Caminho de muita pedra por agua.* Isto podia dar-se por contracção de *pe yg* em *py*, se na lingua tupy a cousa possuida não fosse posposta ao possuidor, dizendo-se *yg pe*; portanto a etymologia Itapecurú, é a unica que me parece admissivel, por isso que ha logo na foz do Itapecurú uma longa cachoeira e outras no seu curso, d'ahi *abundancia de pedras—muitas pedras.*

do-se obedecer pelo senado da camara d'ella e logo em seguida pelo do Pará. Intenta este a exploração do rio Amazonas, para cujo fim nomeia o capitão Pedro Teixeira, que « dando principio á sua commissão em Outubro de 1657, subindo até Quito e voltando d'esta para a cidade do Pará, « chega a ella em Dezembro de 1659, acompanhado de sua mesma escolta e dos dois jesuitas castelhanos —Christovão da Cunha e André d'Artieda.

Aos 27 de Janeiro de 1658 chega ao Maranhão Bento Maciel Parente, nomeado governador do Estado com uma doação de donatario da capitania do Cabo do Norte de juro e herdade para elle, seus filhos e herdeiros descendentes, tanto transversaes como collateraes; e trazia sobreposse resuscitada a antiga lei da administração dos indios.

Trata o novo governador de fortificar a cidade de S. Luiz, mandando « lançar um muro ou trincheira que corria da Praia Pequena, detraz da cerca do collegio, até á Praia Grande. »

Tinham já os hollandezes soffrido revez das armas portuguezas, sendo expulsos do Amazonas pelas forças ao mando de Bento Maciel Parente, Pedro Teixeira, Pedro da Costa Favela e João de Caceres, succedendo-lhes outro tanto no Ceará, encontrando forte resistencia em Martim Soares Moreno, que duas vezes os rechaçou, quando mais animados com a tomada de Pernambuco accommetteram pela terceira vez a fortaleza do Ceará presidiada por Bartholomeu de Britto, logrando elles rendel-a á escala viva.

Entrada dos hollandezes no Maranhão. — 1641. — Tentaram então a conquista do Maranhão apezar de achar-se por esse tempo já acclamado rei de Portugal D. João IV, e n'esse intento partiram do Recife com 18 vasos e 2,000 homens de desembarque ás ordens de João Cornellas, e a 24 de Novembro de 1641 embocaram a barra do Maranhão e

quasi que sem resistencia foram desembarcar na praia do Desterro. Manda-lhes o governador estranhar semelhante violencia por uma commissão composta do padre Lopo do Couto e do provedor da fazenda Ignacio do Rego Barreto, ao que respondeu o commandante hollandez com evasivas, e retirados os commissarios, procedem os hollandezes ao desembarque, fugindo a companhia militar á primeira descarga dos inimigos. Avançam então para a fortaleza, mas sahindo-lhes de novo ao encontro os mesmos commissarios e ignorando o commandante hollandez as forças portuguezas contidas alli, concorda em ficar senhor do terreno conquistado sem tentar accommetter a fortaleza, mas sabendo depois da diminuta força que a guarnecia, toma-a e põe á saque a cidade sem respeitar os templos, á excepção da igreja dos jesuitas. Isto diz o autor.

Estendeu-se o saque á terra firme, e os moradores da ribeira do Itapecurú para evitarem maiores estragos e violencias « reuniram esta infelicidade com o donativo de 6,400 arrobas d'assucar que promptamente entregaram. »

Valor de pedro dessaes. — Ordenaram os hollandezes aos moradores a que jurassem vassallagem á Republica, ao que obedeceram todos, menos Pedro Dessaes, biscainho de nascimento, que sem temor da morte e resistindo aos rogos e lagrimas da esposa, dos amigos e parentes, não quiz seguir o exemplo dos mais. A' vista porém de tamanha obstinação e valor, das lagrimas de D. Antonio de Menezes, sua mulher e dos conselhos d'algumas pessoas de respeito, muda o commandante hollandez de proposito e concede-lhe a vida.

Justifica o autor Maciel Parente, desculpando-o por faltarem-lhe soldados e estar malquisto dos moradores pelos ter fintado para a fabrica e reedificação dos muros da cidade.

As exacções e violencias de toda ordem dos hollandezes iam de dia a dia exacerbando os animos aos do Maranhão, escandalisados na sua fazenda, honras e crenças. Observando isto o padre Lopo do Couto, intenta subleval-os contra o dominio estranho, procurando para isso em seu engenho a Antonio Moniz Barreiros, seu sobrinho, um dos mais offendidos e affeiçoado dos moradores do tempo que fôra capitão-mór d'aquella conquista.

Parte então o padre a pretexto de visitar seus neophitos da terra firme, na volta d'esta visita busca Moniz Barreiros « a quem, no maior silencio da noite, communica só por só o acerto, conveniencia e meios de uma tão gloriosa acção. » Approva tão arriscada resolução Moniz Barreiros e obriga-se a communicar com todo o sigillo o negocio aos demais bons patricios.

Contando já para mais de sessenta conspiradores, convoca-os Moniz Barreiros para o engenho de Vital Maciel Parente, e ao mesmo tempo os padres discorriam pela ilha para terem á mão os indios precisos para os remos e para os arcos. Percorrem os revoltosos os engenhos, levando a fio de espada os hollandezes que encontraram, excepto no engenho do sargento-mór Antonio Teixeira de Mello, que por compaixão não consentiu semelhante barbaridade; mas deixando-os prisioneiros e entregues á guarda de um morador do sitio este os matou! D'ahi marcharam contra o forte do *Calvario*, na foz do rio Itapecurú, e os hollandezes tinham 70 soldados e 8 peças d'artilheria, porém tão pouco vigilantes que não presentiram a chegada dos revoltosos, que os surprehendem e ao amanhecer tomaram o forte, lançando-se a guarnição d'elle no rio. Vencidos em uma só noite os hollandezes, trata Moniz Barreiros de accommetter a ilha antes que na cidade tivessem noticia, mas um mestiço que escapára á nado, leva a fatal nova á cidade, pelo

que assentou elle arraiaes em *Taydçúcoaratim*, entre o *Ibacanga* e *Igarassú*, onde já engrossadas as forças rebeldes com 200 homens, planeja Moniz Barreiros fazer guerra d'emboscadas ou guerrilhas de modo a impedir toda a communicação da cidade com a terra firme e centros da ilha, onde se forneciam os hollandezes de viveres; para o que foi uma escolta acampar no *Coty-mirim*, mas não tardou que soubesse que os hollandezes pretendiam vir atacal-o. Avisado Moniz Barreiros pelo cabo d'ella, com tanta diligencia veiu com sua força em soccorro, que ao amanhecer já estava com a maior parte de sua milicia com os companheiros. Dispostas as tropas ao longo da estrada e occultas pelas arvores, assim emboscados aguardaram os hollandezes, que em numero de duzentos sob o commando de Saudalin, e sem a menor suspeita da emboscada, ao chegarem ao rio entraram a banhar-se e quando estavam mais descuidados, cahiram os revoltosos sobre as forças hollandezas, levando-os a tiros, frechadas e a fio d'espada, perecendo no conflicto até o commandante Saudelim, e á excepção de quatro soldados com um alferes, que levaram a noticia d'esta derrota ao general da praça. Achava-se entre elles no campo da batalha o padre Benedicto Amodei, e segundo indica o autor, não parece que fosse o sitio d'esse recontro o *Outeiro da Cruz*, como quer a tradição; por que fica distante do rio e não podiam os hollandezes entregarem-se ao prazer do banho quando lhes cahiu de chofre a tropa de Moniz Barreiros.

Determinado Moniz Barreiros a accommetter d'improviso a cidade, marcha com muito pouca resistencia dos cercados, e foi postar-se no convento de N. S. do Carmo. Tornava-se então preciso senhorearem-se das casas de Antonio Vaz, situadas na esquina da rua que vae para Sant' Antonio. Commetteu o capitão mór essa facção ao esforço e pericia do

capitão Pedro da Costa Favella, que a desempenha com feliz exito, tomando os hollandezes esse ponto estrategico, de onde com duas peças d'artilheria, que haviam mandado vir do forte Calvario, faziam grande estrago nas trincheiras inimigas.

Morre o padre Lopo do Couto.—Chegado do Pará um bom soccorro de trez companhias de soldados com 700 indios, entra o padre Lopo do Couto a instar com o sobrinho para que assaltasse sem mais dilatação a praça, e demorando-se Moniz Barreiros por prudencia n'este commettimento ousado, faltando occasião de tomar-se a fortaleza, e enfermo gravemente o padre Lopo de pura penna por ver frustradas as suas diligencias, segundo diz o autor, e em poucos dias morre. A este padre attribue Moraes «o arbitrio e resolução d'esta guerra em beneficio da liberdade e restauração do Maranhão,» e d'elle diz que era filho de Portugal, onde entrou para a companhia conservando n'ella um ardente desejo de servir a Deus na conversão dos gentios, para o que partiu em 1600 para o Brasil em companhia do padre Marcos da Costa.

Chega de Pernambuco mandado pelo conde de Nassau o soccorro de um navio e sete barcos com gente de transporte e munições de guerra sob o commando d' Anderson. (Liv. II cap. VI).

Morre Moniz Barreiros.—Soffrendo por esse tempo Moniz Barreiros de febres, cahe gravemente enfermo e nomea para fazer suas vezes ao sargento mór Antonio Teixeira de Mello. Faz Anderson uma sortida contra as forças portuguezas e teve de retirar-se ao forte com grandes perdas. Pouco depois falleceu Moniz Barreiros em consequencia da molestia.

A 25 de Janeiro de 1643 vê-se Teixeira de Mello obrigado a levantar o bloqueio, já por faltar-lhe munições de guerra,

já pela desunião que ia lavrando entre os cabos, e a internar-se na ilha, acampando no Coty «onde no anno antecedente tinham alcançado as armas portuguezes uma insigne victoria.» Ahi arma elle igual cilada, e com a mesma fortuna que lográra seu antecessor. Alentados com este successo foram os revoltosas seguindo em boa ordem até *Muruapú*, segundo escreve o autor, ou *Moruapy*, conforme B. P. de Barredo. No cabo de trez mezes, consumida a maior parte das munições, e depois de fazerem algum damno nos hollandezes, retiraram-se para a terra firme de Tapuytapéra (Alcantara), de onde desertaram alguns que se passaram ao Pará. D'ahi, porém, não tardou que chegasse o capitão Antonio de Deus com reforço. Animado com elle Antonio Teixeira e persuadido, segundo o autor, das exhortações do padre Benedicto Amodei, resolve atacar os hollandezes, para o que expede o seu tenente Antonio Dias Madeira com mais 7 portuguezes em duas canôas para se informar do que se passava na ilha e rio Itapecurú. Encontrando n'elle uma embarcação com 30 hollandezes, aborda-a, degolando toda a equipagem, menos um para lhe servir d'interprete, e lança depois fogo ao barco. Tomadas do prisioneiro minuciosas informações, ordena o capitão mór aos capitães João Vasco e Manoel de Carvalho Barreiros, segundo Berredo, que se passassem á ilha a talar a campanha. Conseguiram desembarcar e aquartelar-se no sitio Inhaúbas, segundo o autor. Nhaúsmas como escreve Berredo, ou Inhaúma como hoje se diz; mas isto, já se vê, causando damno aos contrarios, que em varios recontros perderam 50 soldados. Foram atacados n'esse acampamento pelos hollandezes, aquem rechaçaram, puzeram em fuga e perseguiram até junto á cidade. (Liv. II cap. VII).

Chegada de 14 jesuitas—1643.—A 13 de Junho de 1643 chega ao Maranhão o governador Pedro d'Albuquerque com

uma grande náo fornecida de soldados e munições de guerra, e n'ella tambem quatorze jesuitas com o padre Luiz Figueira, que para esse effeito se tinha passado a Portugal. Por prudencia a armada não procurou a terra, e contentou-se o governador com mandar disparar alguma artilheria. Teixeira de Mello manda logo o alferes João de Paz com 50 indios reconhecer a embarcação; mas este, cujas acções contrastavam com o appellido, topando na ponta d'Arêa com um lanchão de hollandezes, que vinha do Araçagy com 27 soldados, abalroa-o, «e aos que não matou, aprisionou.» Desvanecido com a victoria, desattendeu as ordens e regressou ao arraial dos seus. Notando o governador que de terra não o vinham reconhecer, fez-se de véla e partiu para o Pará. Apesar de desamparados, não deixavam os revoltosos de colher vantagens em varios recontros. No dia 10 d'Agosto d'esse mesmo anno, sendo acommettido o capitão Manoel de Carvalho, por 180 hollandezes e outros tantos indios, quando estava apenas com 40 soldados e alguns indios no sitio acima indicado d'Inhaúma a fabricarem farinha para mantimento dos seus, estes defenderam-se com valor desbaratando totalmente o inimigo. (cap. VIII).

Evacuam os hollandezes o Maranhão.—28 de Fevereiro de 1644.—Animado Antonio Teixeira de Mello com esta e outras vantagens, com o soccorro que lhe enviára do Pará o governador Pedro d'Albuquerque, e já se sabe com as exhortações do padre Amodei, manda algumas partidas para a ilha afim de pôrem os hollandezes em bloqueio. Vendo-se estes picados pela fome, mingoados de munições protestaram a maior parte pela retirada, no que conveiu o seu general, e no dia 28 de Fevereiro de 1644, encravada a artilheria e tiradas todas as munições de bocca e guerra, se embarcaram os hollandezes e deixaram o Maranhão, depois de o terem senhoreado pouco mais de dois annos. Occupada a

praça por Teixeira de Mello, expediu elle sem demora aviso a Portugal da conclusão da liberdade e do quanto se occuparam todos em refazer as ruinas da cidade e da fortaleza. Não foram recompensados o valor e constancia de Antonio Teixeira de Mello conforme o affirma Berredo nos seus *Annaes*, ns. 926, 927 e 929, e nem desculpa tão imperdoavel injustiça a allegação de Moraes, de que elle fallecêra pouco tempo depois da restauração do Maranhão. (cap. VIII).

O padre Benedicto Amodei «com cuja virtude e fervorosas exhortações se tinham animado os restauradores a levar adiante e concluir por ultimo tão gloriosos principios» empregou-se então não só na diligencia costumada de assistir os portuguezes e de converter os indios, como de extirpar algums erros em que os tinham mettido os hollandezes.

As armas da cidade de S. Luiz do Maranhão são:—«um escudo coroado, no campo do qual se vê um braço armado de uma espada, de cuja mão, como de Astréa, pendem umas balanças a que servem de conchas dois escudos menores;em um que peza menos se vêm as flores de liz e armas de Hollanda com estas letras *Vis*; e no outro que peza mais as armas portuguezas com est'outra *Jus*, e por baixo a epigraphe que diz *Preponderat.*»

Partindo Francisco Caldeira Castello-Branco do Maranhão com 150 soldados escolhidos além dos indios que podessem servir nos fins de Novembro de 1615 e no dia de S. Francisco Xavier desembarcaram, apesar da opposição dos naturaes, no sitio onde hoje se acha a cidade de Belém do Gran-Pará, sendo Antonio de Deus o primeiro portuguez que pisou aquella terra. Tratou F. Caldeira d'enviar embaixadas com brindes aos indios assegurando-lhes paz e boa amizade; e ao mesmo tempo deu principio a cidade ; levantou um forte e formou-se a matriz de taipa e varas, dedican-

do-a o commandante do descobrimento a N. S. de Bethlem.

« Está assentada a cidade de Bethlem do Grão Pará em altura de 330.° de longitude, e de latitude um gráo e 27 minutos ao sul da linha equinocial.» Devide-se em duas freguezias, uma na campina e outra na cidade propriamente dita. Principia no convento de Santo Antonio, e d'ahi correndo rumo de Nordéste quarta do norte acaba na ponta ou forte de Santo Christo d'onde se forma o segundo rumo, norte sul, da parte do hospicio da provincia da Conceição. A sua melhor defesa é a entrada da sua barra. « Porém o que mais parece faz inconquistavel esta cidade é a commodidade dos mattos e o grande numero de seus rios, pelos quaes podem os moradores, como senhores do paiz, resistir e quebrantar quaesquer forças inimigas por maiores que sejam.»

« O que mais faz avultar esta nobilissima cidade é a sua regia cathedral, uma das mais primorosas e magnificas de toda a nossa America Portugueza.» E' fundação de D. João V. Ha mais o convento de Santo Antonio com igreja, segue-se a dos religiosos mercenarios, « obra antiga, porém a sua igreja bella, e bem obrada á moderna.» O convento de N. S. do Carmo por acabar (1750); «o seu templo porém posto na ultima perfeição pelas medidas do grandioso frontispicio de pedra marmore, que se vae levantando, será uma das mais primorosas obras d'esta cidade». Tem misericordia, igreja de N. S. do Rosario dos pretos, a de N. S. do Rosario dos brancos, a de S. João dos soldados, e a capella do Santo Christo e afinal o collegio e igreja da Companhia de Jesus. Tem uma boa casa de camara com cadêa por baixo. O palacio dos governadores, principiado em 1676 pelo governador Pedro Cezar de Menezes e depois acabado por seu successor Ignacio Coelho da Silva. Pretendeu depois

o governador Christovão da Costa Freire, senhor de Pancas, fazer novo palacio na praça (da Matriz, mas seu successor Bernardo Pereira de Berredo fez abandonar a obra por desnecessaria.

« O clima já foi mais sadio com seus habitantes, sendo agora mais ordinarias as doenças, que em outro tempo se experimentavam como raras.»

Das capitanías do Estado do Maranhão a mais antiga que a d'este nome, e a do Pará foi a do rio do *Gurupy*, onde fundára o governador Francisco Coelho de Carvalho á sua expensa povoação com uma grandiosa aldêa de que eram missionarios da companhia. D'ahi se passaram os moradores para Caeté, que é actualmente a cidade de Bragança. No Gurupy, porém, conservou-se afinal a aldêa que era da obrigação da companhia.

Foi José de Mello e Sousa o donatario da capitania de Caeté. Viu-se esta augmentada com a aldêa da nação *Apatinga*, que com o missionario jesuita Bento Alves tinha descido, sendo capitão mór e loco-tenente por parte do donatario João de Herrera da Fonseca.

Antes da cidade do Pará topa-se a villa da Vigia, fundada por Jorge Gomes Alemo, para o que lhe déra faculdade el-rei D. João IV. « Tem bons ares, e é muito farta de peixe e mariscos.»

Fronteira quasi á cidade do Pará, da outra banda da sua bahia, fica a capitania da Ilha Grande de Joannes ou Terra dos Sacácas (hoje villa de Salvaterra.)

Na mesma ilha ha mais a aldêa de *Payá* (hoje villa de Monsarás) e outra da Conceição de Condeixa. Tem esta ilha no seu maior comprimento de nordéste a sudoéste 50 leguas, na sua maior largura de leste a oéste 38 leguas.

A 28 leguas da cidade, na foz do Tocantins, ha a cadita-

nía de Caamutá. Foram fundadas as aldêas d'este districto pelos padres da companhia.

Do Camutá até Gurupá, que é outra capitania, contam-se 66 leguas até o lugar em que se acha uma fortaleza, debruçada sobre o rio Amazonas, sendo esta fortaleza mui importante « p elas muitas drogas que senhoreia.» Defronte de Gurupá, para a banda do norte, fica a aldêa de *Macapá*, na capitania outróra de Bento Maciel Parente.

As armas de Belém do grão Pará foram « um grande escudo esquartelado, de uma parte do qual, em campo azul, se via um grande castello de prata, e n'elle um escudo de ouro com as quinas de Portugal, pendente de um trancelim de pedraria. Em cima do castello, de ambos os lados, sahiam dois braços: um offerecendo um cesto de flores, com a inscripção por baixo *Voereat eternam*; em outro cesto de fructas com a inscripção *Tutius Latent*; do outro lado, em campo de prata, um sol retrogrado do poente para o nascente, e a inscripção *Rectioreum retrogradus;* e logo outra *Nequaquam minimo est*, com um boi e uma mula por baixo olhando para o mesmo sol.

Partiu o padre Luiz Figueira para o Pará em Maio de 1636, tendo gasto no Maranhão quatorze annos no laborioso exercicio de missionario catechista com exemplarissimo zelo e invejavel caridade. Ao mesmo tempo que cuidava na cidade do Pará na reforma dos portuguezes, exercia os ministerios sagrados e escrevia compendios de doutrina em lingua brasilica, e ensinava catechistas que o ajudassem na vasta seára d'aquellas regiões.

« Era imperterito o padre Figueira em emprehender grandes cousas, e onde era maior a difficuldade ahi empenhava mais a valentia do seu animo.» Discorrendo pelas innumeras aldêas, subiu pelo rio Xingú e passou mezes entre as nações populosas que habitavam suas margens. Sentindo

a penuria extrema de operarios para tão vasta messe, passou-se para o Maranhão no intento de ir buscar missionarios em Portugal para onde se partiu em 1637.

Chegado o padre ao seu destino, passou logo á côrte de Madrid, onde Felippe IV lhe mandou passar provisão para a companhia de Jesus tomasse á sua conta todas as aldêas do Maranhão e do Pará, bem como a administração esperitual d'ellas, conforme a bulla do Pio V. Retirou-se então para Portugal onde conseguiu levar comsigo quatorze socios entre padres e irmãos, cujos nomes são: padre Simão Florim, padre Pedro de Figueiredo, padre Francisco do Rego, padre Bernabé Dias, padre João Leite, padre Francisco Pires, os irmãos Manoel de Lima, Manoel Vicente, Manoel da Rocha, Domingos de Brito, Pedro Pereira, Antonio de Carvalho e Nicoláo Teixeira, que com o superior padre Luiz Figueira, perfaziam 15. Discorda quanto aos nomes o padre A. Franco, na sua *Synopsis Societatis Jesu*, do padre José de Moraes, omittindo os dos padres Francisco de Figueiredo, e dando o do padre Manoel Moniz, e entre os dos irmãos em vez de Nicoláo Teixeira dá o de Gaspar Fernandes. Aos 29 d'Abril de 1643 embarcada esta valiosa missão com Pedro d'Albuquerque, que de governador do Estado do Maranhão, se fez a náo ao mar, e chegando a 29 de Junho á barreta do Pará, a embarcação, que demandava muito fundo, tocou em uma restinga, e principiou logo a fazer agua. Veiu o capitão Pedro da Costa Favella com duas canôas salvar a equipagem; mas não chegando para todos, ao que recusaram-se os padres a embarcar-se n'esta primeira viagem, á excepção do padre Francisco Pires e irmãos de Antonio de Carvalho e Nicoláo Texeira. Formaram então uma jangada na qual entraram cento e vinte pessoas, e sobre um pedaço de coberta lançaram-se oito com o padre Pedro de Figueiredo e irmão Manoel da Rocha, vindo estes acabar nas aguas e os

da jangada, aportando á ilha de Joannes (Marajó) onde foram tomados pelos indios oroães, que os repartiram pelas diversos tribus, que os devoraram, sendo os primeiros sacrificados o padre Luiz Figueira e seus companheiros.

Foi o padre Luiz Figueira natural d'Almodovar, entrou para o collegio d'Evora em 1592. Ordenado sacerdote, passou-se para a provincia do Brasil em 1602, e nomeado companheiro do padre Francisco Pinto, logrou escapar das mãos dos indios na expedição do Ceará e recolher-se a Pernambuco, onde foi reitor do collegio pelo tempo que se tornou ao Maranhão em companhia e como accessor do capitão-mór Antonio Moniz Barreiros.

O padre Simão Florim, portuguez de nação, tinha singular talento para converter almas, e o padre Francisco do Rego, virtuoso e muito dedicado á oração e a disciplinar-se, entrou para a companhia no dia da conversão de S. Paulo e faz votos de o imitar na prégação dos gentios. O padre Pedro Figueira, modesto e humilde, sempre se sacrificou gostoso ao menor aceno de seu superior. O padre Barnabé Dias, além das muitas virtudes em que floresceu no seculo, era devotissimo de Maria Santissima, a quem todos os dias rezava officio parvo.

Dos tres religiosos que escaparam com vida d'este naufragio, onde pereceram 111 das 173 pessoas que vieram, são o padre Francisco Pires e os irmãos Antonio de Carvalho e Nicoláo Teixeira.

Pedro Maciel Parente, nomeado capitão-mór do Pará, e seu irmão João Velho do Valle; capitão mór do capitanía do Cabo do Norte, ambos sobrinhos de Bento Maciel Parente, querem tomar posse de seus respectivos lugares, no que os impede o senado da Camara, porque tendo-os elle mandado em soccorro dos do Maranhão, por occasião da expulsão dos hollandezes, chegaram áquella capitanía e

retiraram-se logo nas mesmas canôas, e agora se faziam fortes com os soldados de sua disciplina e se alojavam na ilha do Sol dos Tupynambás. Tomou-se de tanta dor por este acontecimento o governador Pedro d'Albuquerque, e taes molestias contrahiu empoz o naufragio, nunca mais logrou saude, vindo a fallecer em 16 de Fevereiro de 1644. Pouco depois, dos tres religiosos escapos veiu a morrer o irmão Antonio de Carvalho no convento do Carmo do Pará, o padre Francisco Pires foi para o Maranhão em obediencia ás ordens do padre Amodei, e o irmão Nicoláo Teixeira para Portugal.

Em 1646 partiram de Portugal o padre Manoel Muniz e o irmão Gaspar Fernandes em companhia do governador do Estado do Maranhão, Francisco Coelho de Carvalho (o *sardo)*, com o fito de ajudarem o padre Amodei, a quem acham já morto, sendo o unico representante da companhia n'esse Estado o padre Francisco Pires.

Era o padre Benedicto Amodei, italiano natural da Sicilia, e acabados os estudos, partiu logo para o Brasil, vindo para o Maranhão em 1622. Trabalhou ahi 25 annos, pouco acompanhado e muitas vezes só, estabelecendo cinco aldêas, contribuindo com o padre Luiz Figueira para a creação do collegio de N. Senhora da Luz, no Maranhão, e afinal para a expulsão dos hollandezes, com seus conselhos e exhortações.

O padre Bettendorf, a quem cita o padre José de Moraes, diz que o capitão-mór de Tapuytapera vira (em sonhos provavelmente) « o virtuoso padre B. Amodei todo cercado de luzes, estando em oração », pedindo mais que o desenterrassem porque tinha « quasi por certo que o haviam achar inteiro e incorrupto. « Que principalmente as senhoras, todas á bocca cheia, chamavam o padre Amodei — *padre santo*, d'onde se collige que os chronistas jesuitas pre-

tendiam incluir no calendario, além do padre José Anchieta, este missionario apostolico. « Foi o seu corpo sepultado na capella-mór da igreja velha do collegio de Nossa Senhora da Luz do Maranhão » ficando a sepultura por baixo da alampada, cobrindo-se aquella de uns azulejos em fórma d'estrella.

Coube em 1647 o cargo de superior ao padre Francisco Pires por se acharem ausentes no Itapecurú o padre Manoel Moniz e o irmão Gaspar Fernandes occupados d'administrar o engenho d'assucar d'Antonio Moniz Barreiros, que por morte legára no testamento o uso fructo á companhia emquanto seu filho Ambrozio Moniz fosse menor. Cuidavam os dois socios do serviço temporal, como do espiritual da fazenda, e n'este intento procuraram emenda, principalmente a uma india escrava do engenho e grande peccadora. Reprehensões, meios brandos, ameaças, tudo foi baldado e então recorreram os padres ao castigo. Offendida a culpada, retirou-se para o sertão onde vivia a nação dos *Urúatys*, que prometteram desaggraval-a. Viviam estes selvagens em paz com o engenho e assim o procuravam muitas vezes ; mas d'esta feita, armados com o principal, Patyron, á frente, tomaram conta do terreiro e deram mostras de quererem accommetter os do engenho. Disparando os brancos alguns tiros, encarniçaram-se os indios e os accommetteram com tal furia, que os obrigaram a fugir, abandonando os padres, que se ficaram em casa e em joelhos esperaram a morte. N'esta postura, com as mãos levantadas e os olhos postos no céo, receberam dos barbaros golpes dos páos de *jucá* com que lhes quebraram as cabeças, se finando d'este geito os tres religiosos da companhia.

Ficou assim interrompida a missão dos padres jesuitas n'esta conquista por tres annos até que em 1552 veiu a ella a do padre Antonio Vieira.

Conhecendo el-rei D. João IV o desamparo da missão do Estado do Maranhão, tratou de fomental-a, dotando-o largamente, ao que se oppôz o padre Antonio Vieira, contentando-se com a congrua annual de 35$000 para cada missionario, concedendo-lhes aldêas de indios livres, que foram as do Maranhão, Pará e Gurupá, privativas tão sómente da administração dos padres da companhia, ao que accedeu o monarcha, accrescentando depois D. João II esta mercê com dotação annual de 250$000, com obrigação de ter a companhia n'essa missão mais dez religiosos. No anno de 1648 alcançou o padre J. Filippe Bettendorf do rei se pagassem todos os annos 950$000 de congrua estavel e perpetua com a condição de ter a companhia no Maranhão trinta sujeitos da sociedade de Jesus.

Tomou a peito o padre Antonio Vieira, com aquelle perseverante enthusiasmo que lhe era proprio, restabelecer a missão do Estado do Maranhão e para isso venceu as maiores difficuldades que lhe oppôz o proprio rei, sahindo de Lisboa como que fugido.

E' escusado resumir aqui da *Historia* do padre José de Moraes, os principaes acontecimentos da vida d'este grande vulto, quando se acham traçados, com pincel de mestre pelo nosso insigne prosador João Francisco Lisboa, no IV volume de suas *Obras*.

O padre Vieira escrevendo ao padre provincial do Brasil dá a seguinte relação dos companheiros d'elle para a nova missão o padre Manoel de Lima, se dedicou *se et sua omnia* a esta missão do Maranhão;o padre João de Souto Maior e o padre Manoel de Sousa; o padre Francisco Velloso e o padre Thomé Ribeiro, que apezar das opiniões das de Coimbra acabassem primeiro a theologia, sujeitaram-se a determinação dos superiores; o padre Gaspar Fragoso, que é sujeito de grande virtude, que acabou o curso e tem muito bom

talento de prégador; o irmão Agostinho Gomes, Agostinho das Chagas, «vulgarmente chamado o estudante *Santo*, porque na realidade o é», e mais dois irmãos, que se chamaram Mena, que na lingua brasilica quer dizer *marido*, mudou-se-lhes o appellido, chamando-se d'ahi em diante José Antonio Soares, sendo os sujeitos ao todo 12, afóra o superior, o padre A. Vieira. Trez mezes morta a missão do Maranhão, como nota o autor, agora resuscita mais viçosa. D'estes partiram de Lisboa aos 23 de Setembro de 1652 na náo em que iam os capitães móres do Maranhão e do Pará, apenas nove com os dois irmãos coadjuctores Francisco Lopes e Simão Luiz; que era official de carpinteiro, ficando para seguirem depois o padre Vieira, com seus companheiros, os padres Matheus Delgado, Manoel de Lima e Manoel de Sousa.

Logo que chegaram aquell es ao Maranhão, abriram, conforme as ordens de seu superior padre Vieira, duas classes, uma em que se ensinassem os primeiros rudimentos de ler, escrever e contar, e outra grammatica; sendo esta a primeira vez que alli estabeleceu-se semelhante disciplina.

Levaram estes padres as reliquias de S. Bonifacio e de Santo Alexandre, em que brindou o papa Urbano VIII ao padre Manoel de Lima. Depositaram as de S. Benifacio na capella mór do collegio de N. S. da Luz, no Maranhão, e as de Santo Alexandre foram para o Pará e ahi acham-se depositadas na igreja d'essa invocação.

Cuidavam os padres na conversão dos indios, reforma dos costumes dos portuguezes e em arrecadar os bens da companhia, que estavam por mãos particulares.

Partiu emfim em uma caravella o padre Antonio Vieira com seus tres companheiros do porto de Lisboa a 22 de Novembro e chegaram ao Maranhão a 16 de Janeiro do seguinte anno de 1653. Descreve o padre Vieira esta viagem

em carta de 22 de maio de 1653 que dirigiu ao padre provincial do Brasil. Expediu o superior para o Pará os padres João de Souto Maior e Gaspar Fragoso, que fundaram casa na cidade do lado da campina, junto ás casas do Francisco Ribeiro, em chãos pertencentes á ordem de N. S. das Mercês. Descontentes o capitão mór, o sargento mór e o vigario da matriz de Belém do Grão-Pará, por conhecerem que os padres lhes impediriam sua desregrada cobiça e haviam de intervir nos negocios dos indios, entraram a incitar a populaça contra esses varões, e como que os traziam sitiados nas pobres palhoças onde se haviam recolhido (Liv. IV, cap. I). Uma alma caridosa, D. Cecilia Mendonça, mulher de Antonio de França, procurou meios de fornecer-lhes alimento; mas os agentes dos trez fervorosos inimigos da companhia, impediam-n'o, e teriam os dois padres morrido á mingoa, se não fugissem d'alli e se recolhessem ao convento das Mercês. Conseguiram os padres por ultimo abrandar os animos, assignando termo de se não metterem com a administração dos indios nem com o captiveiro dos mesmos já escravos.

Estes trez perseguidos da companhia, nos seus dois socios, foram segundo o autor, que como os demais chronistas da sociedade de Jesus fez intervir a Divina Providencia nos menores actos, protegendo a ordem, castigados por Deus. O capitão-mór morreu de repente em Maio de 1654; seu successor, o sargento-mór teve igual sorte, fallecendo tambem no seguinte mez, e o vigario se quiz ficar bem com o Creador, tratou de reconciliar-se com os padres, confessar, dictando-se-lhe uma declaração por escripto de seus peccados e arrependimento.

Sobre a provisão do marquez de Pombal, declarando os indios livres, e que foi publicada no Maranhão a 28 de Junho de 1757 diz o autor: — « esta lei foi justissima e a sua

publicação uma das maiores glorias do nosso monarcha que a assignou, de seu ministro d'Estado que a promoveu, e do capitão general e governador do Estado que a pôz em execução.»

Desassombrados já os dois padres da perseguição que haviam soffrido no Pará, dedicava-se o padre Fragoso aos ministerios do seu cargo, confessando e doutrinando os indios e portuguezes, e o padre Souto Maior prégando e ensinando latim e rhetorica, quer na classe pertencente á companhia, quer no convento dos mercenarios; e era tanto o trabalho que tinham que recorrêra ao padre superior Vieira para que os acudisse com mais obreiros, no que annuiu, enviando-lhes em 1663 por companheiros os padres Manoel de Sousa e Manoel Delgado, acompanhados de paramentos para a igreja e algumas peças para a casa, do que havia penuria. A igreja dos padres até ao anno de 1760 esteve coberta de palha por ter abatido o tecto em 1664.

Por esse tempo estavam já as capitanías do Maranhão e do Pará, independentes e governadas cada uma por seu capitão-mór, sendo o d'aquella Balthazar de Sousa Pereira e o d'esta Ignacio do Rego Barreto. Chegado o padre Vieira ao Maranhão foi logo visitado do governador e das principaes pessoas da capitanía, e assim que teve disposto o governo das duas casas, do Pará e do Maranhão, cuidou só da reforma dos portuguezes e dos indios, como vem tudo melhor referido em carta de Vieira de 22 de Maio de 1663 ao padre provincial.

Fallecido o bispo da Bahia, D. Pedro da Silva, a 15 de Abril de 1649, commettem os conegos, séde vacante, a direcção do governo espiritual aos padres da companhia da vice-provincia do Maranhão. Tiveram estes do lutar com a grave pendencia de dois vigarios geraes, que queriam ambos governar no espiritual as vigararias do Maranhão e

Pará, conjunctamente, o que resolveu o padre Vieira com muito acerto e prudencia, reconciliando-os e dividindo a jurisdicção pela fórma que já o estava no temporal, empossando um vigario no Maranhão e outro no Pará.

Soltos corriam os portuguezes na sua desenfreada cubiça, reduzindo á captiveiro os indios do Estado do Maranhão, inundando os sertões com tropas volantes, «que não faziam mais do que amarrar e conduzir os miseraveis indios a um pesado e irremediavel captiveiro.» Assim continuaram sem embargo das admoestações dos jesuitas Amodei e Figueira. Chegados que foram os governadores do Maranhão e do Pará com os missionarios de que era superior o padre Antonio Vieira, e do Maranhão, quinze dias depois de sua posse, mandou publicar ao som de caixa a lei de 1652, que prohibia totalmente o captiveiro dos indios. Os moradores d'esta capitania ajuntaram-se logo armados no terreiro da camara, seguindo as vozes de Jorge de Sampaio e Carvalho, e a primeira cousa que fizeram foi arrancar a lei do lugar em que estava affixada, e depois reclamar a expulsão dos padres que suppunham autores d'ella. D'ahi foram os amotinados á casa da companhia, e para o socegar foi necessario que o governador com os trez companheiros do presidio com balas e mechas accesas os viessem arrancar das portas do collegio. Dirigiram tambem ao governador uma proposta assignada não só pelos amotinados, senão tambem pelos prelados, das ordens religiosas e pelos dois vigarios geraes, pedindo a revogação da lei. Instados os padres da companhia pelos officiaes da camara que assignassem ou respondessem á proposta. Elles assim o fazem, a 31 de Janeiro de 1653, dando uma resposta evasiva e em sentido ambiguo e casuistico quanto aos indios já captivados, e quanto ao remedio do futuro aconselham que se alcance licença do rei « para se fazerem legitimos resgates no sertão, os quaes

não ha duvidas que são licitos..... e muito convenientes ao bem espiritual das mesmas almas dos indios, que para o maneio das fazendas se peça ao rei licença para mandar vir para o Maranhão alguns navios, de escravos d'Angola. » Isto é remediar um mal com outro. « Quanto aos indios restituidos á liberdade sejam postos nas aldêas ou aggregados ás antigas aldêas e repartidos pelos portuguezes, mas nunca aos que já tivessem sido seus senhores. » Feita a paz com os indios dos sertões, façam-se entradas a elles e os façam descer. Pediam mais a suspensão da execução da lei em tudo mais, excepto na parte que tocasse aos indios de conhecida ou duvidosa liberdade.

Conseguiu Vieira acalmar os animos, deparando occasião fortuita para isso. Estava o capitão-mór do Maranhão bastante despeitado com os padres, por lhe não ter nenhum d'elles pedido venia antes de começar um sermão, ao que diz o autor: «Estas são de ordinario as despoticas acções d'aquelles governadores, quando o proprio desvanecimento os faz degenerar em divindades fingidas.» Admittido Vieira á audiencia d'este governador, depois d'alguma reluctancia da parte d'aquelles, com tal habilidade se sahiu, que não só o reconciliou com os padres como conseguiu d'elle accedesse á proposta da companhia, depois d'explicado os intuitos d'esta n'aquella resposta, promettendo o padre prégar um sermão, como de facto o fez, explicando ao povo as resoluções da proposta, mas com tal clareza e vehemencia, que sahiram todos convencidos de seu erro. Na mesma tarde deu o capitão mór principio a uma junta composta do syndicante, dos prelados das ordens religiosas, da camara, do vigario geral e de todas aquellas pessoas qualificadas e do povo que se quizeram prestar a isso. N'ella se acordou se nomeassem dois procuradores, um por parte dos portuguezes e outro por parte dos indios para que ti-

rassem um inquerito, como hoje se diz, acerca dos captiveiros dos indios, sendo juizes d'elle os officiaes da camara com assistencia do syndicante, e que uma vez sentenciados os casos, se julgassem livres os indios de cujo captiveiro não constasse. Acordes todos n'isto, elegeram os procuradores e retiraram-se muito satisfeitos.

Na execução do exame das liberdades dos indios declaram-se não só muitos, senão nações inteiras livres, sem que ninguem reclamasse contra, tal era a rectidão dos juizes. Assim terminou o primeiro motim dos moradores da cidade de S. Luiz do Maranhão contra os padres.

O padre A. Vieira representou ao rei, pedindo permissão para o resgate dos indios e descimento de outros, no que concordou o monarcha, revogando sua resolução de 1653 e expedindo a lei de 17 d'Outubro do mesmo anno.

« Infeliz foi sempre o povo americano no seu contacto com os europêos.» Sempre perseguidos e tyrannisados e as leis promulgadas a beneficio d'elles, contrastadas. O autor depois de citar as leis de 1570, 1587 e 1595, promulgadas no intuito de protegel-os, diz que se tomou a ultima resolução de prohibir totalmente o captiveiro publicando a lei de 1609. Esta lei estendia-se tambem aos indios do Maranhão e foi ella, como já fica dito, que deu motivo ao motim e foi inteiramente illudida.

Em virtude do requerimento do padre Antonio Vieira baixou a lei de 17 d'Outubro de 1653 revogando a antecedente, estatuindo que os captiveiros dos indios se examinassem com a mais apurada informação, pondo em liberdade os que se provassem não o serem; os seis casos em que se lhes podia fazer guerra justa, que se fizessem entradas nos sertões com tropas de resgates, podendo resgatear-se os indios presos á corda para serem comidos por seus

inimigos, que o cabo e o religioso da entrada seriam eleitos pelo governador e camara da cidade; finalmente prohibia que os governadores, e ministros de justiça occupassem indios no seu particular serviço, nem os repartissem em publico; mas como esta lei, chamada do resgate, se não executasse nunca, passou o rei nova lei a 7 d'Abril de 1655. N'esta lei revogavam-se as antecedentes, se tirava aos governadores e ministros o poder, de que já iam abusando, de fazerem guerra offensiva aos indios sem autoridade do monarcha, marcava só dois casos em que se podia fazer guerra aos indios, permettia o resgate, sob condição porém de ser o caso examinado pelo missionario e cabo da tropa &. A 18 d'Outubro de 1666 seguiu-se nova lei, mandando restituir aos jesuitas suas aldêas, estabelecendo, porém, que não teriam n'ellas jurisdicção temporal, sendo governadas por seus principaes &. Já pela lei de 1680, prohibia-se todo e qualquer captiveiro dos indios, sendo a repartição d'elles em trez partes, uma para ficar nas aldêas, outra para o serviço dos moradores e o terceira finalmente para os missionarios, e ordenando que as missões novas e entradas fossem privativas dos jesuitas. Segue-se a esta a lei de 2 de Setembro de 1684 que teve por complemento o regimento das missões de 21 de Dezembro de 1686, depois a lei de 28 d'Abril de 1688. D'esta multiplicidade de leis, não differindo todas ellas na essencia, conclue-se que eram burladas, pouco ganhando com ellas os indios, não contentando os portuguezes e servindo só aos jesuitas, que como principaes motores d'ellas, cuidavam com assegurar seu direito e em favorecer a ordem.

« Estimavam, diz o autor, a lei, não pelo que mandava, mas pelo que permettia, porque uma vez levantada a bandeira ou resgates, já podiam militar n'ella as injustiças dos captiveiros &. Termina o autor o capitulo e o livro 4.° mos-

trando o zelo de seus companheiros na conversão das almas, e reprovando os captiveiros por injustos.

Em auxilio do padre Antonio Vieira que muito obrava a beneficio das almas na vice-provincia do Maranhão, mandou o padre provincial do Brasil cinco obreiros, que foram o padre Manoel Nunes, superior dos mais, o padre Antonio Ribeiro, insigne lingua, o irmão Raphael Cardoso e o irmão Bento Alvares, e tambem o irmão coadjuctor temporal João Fernandes. Entrou esta «pequena recruta pela bahia de S. José, vindo saltar em S. José de Ribamar, e d'ahi se passaram ao collegio de N. Senhora da Luz da cidade. Com este reforço já podia o padre Vieira mas desafogadamente attender ás multiplas exigencias do ministerio. Mandou então por embaixadores aos indios *Guajajdras* do Rio Pindaré os padres Francisco Velloso e José Soares, aos padres Antonio e Thomé Ribeiro com o irmão Bento Alvares que visitassem as aldêas da ilha. Na casa ficava o padre Vieira com o padre Manoel Lima e os irmãos Raphael Cardoso, Antonio Soares, Simão da Luz e João Fernandes, os primeiros para a classe e eschola, e os dois ultimos para o serviço domestico. O maior trabalho do padre Vieira era a doutrinação de portuguezes e indios e no confissionario, e não se limitava só a acudir com os sacramentos aos moradores da cidade, bastava saber que estava em qualquer ponto da ilha alguem doente, corria, ainda que fosse de noite, para a choupana do cathecumeno, fazendo a jornada a pé por mattos bravios, vadeando rios, quatro e cinco leguas, para levar a palavra divina, a agua do baptismo ou o pão eucharistico.

Desde Abril de 1553 esperava e se apparelhava o padre Vieira para fazer uma entrada no Itapecurú, oppondo-se a ella com manha o governador, até que em principio d'Agosto se desenganou, e tratou de passar-se ao Pará. Se esta primeira entrada aos indios da nação *Barbados* foi mallograda,

não assim a que emprehendeu o padre Gabriel Malagrida em 1727 com tão feliz exito, que pôde catechizar e chamar a si tantos indios que com elles fundou duas populosas aldêas, a Grande e a Pequena, que depois situou á margem do rio seu successor, o padre João Tavares com grande conveniencia dos moradores do Piauhy e dos que vinham de Minas-Geraes.

Em outro tempo houve na ilha do Maranhão cinco aldêas, das sete que ahi acharam os primeiros povoadores, e no anno que escrevia o padre Moraes (1750) só existia a de S. José. Tinha o padre Vieira nomeado para catechizar estas aldêas os padres Antonio Ribeiro e Thomé Ribeiro para administrarem os sacramentos, e o irmão João Fernandes para cuidar nos sustentos dos operarios e fazer a doutrina aos indios. Para os ajudarem n'esse trabalho de doutrinação, ensinaram catechistas de ambos os sexos, sendo as mulheres « habeis para aprender e de melhor retentiva para ensinar.» Percorriam incessantes os padres as aldêas, sempre a pé e sem nunca aceitarem as redes que os indios lhes offereciam para os levarem aos hombros, porque na maxima do padre Vieira que « o pastor era o que havia carregar aos hombros as ovelhas e não as ovelhas ao pastor.» (Livro V, cap. II.)

Multiplicavam-se os padres Antonio e Thomé Ribeiro em visitar as aldêas, em acudir de prompto e a qualquer hora aos enfermos, em instruir os indios com muito fructo, e n'essa lida não tinham elles descanço.

O rio *Pinaré* ou *Pindaré* é o terceiro em curso, que nascendo da celebre lagôa do *Maracú*, onde se juntam suas aguas, vem-se lançar no rio Meary. Foi descoberto até suas cabeceiras, que nascem nas serras de seu nome, pelos padres da companhia com o fito de converterem os indios *Guajajáras*. O padre José de Moraes diz d'elles que pusil-

de 1619, e entrou para a companhia, no Rio de Janeiro, em 1640.

Professo de quatro votos em 15 de d'Agosto de 1648, era o padre Thomé Ribeiro terceiro em antiguidade e zelo: nasceu este em Lisboa no anno de 1623, entrou para a collegio da Bahia em 1644, e foi insigne lingua geral. Depois d'este dá o autor a data do nascimento e entrada para a ordem de outros padres menos notaveis.

Chegado o padre Vieira e seus companheiros, os padres Francisco Velloso e Antonio Ribeiro, e o irmão Simão Luiz á cidade do Pará em 5 d'Outubro de 1653, preparou-se elle logo para a entrada do rio Amazonas, o que sabido do capitão-mór, convidou-o para entrar primeiro o rio *Tocantins*, onde tambem abundava gentio, e para isso offereceu-lhe todas as facilidades possiveis; porque seus intuitos e dos negociantes de drogas era divertil-o d'essa empreza, que lhes fazia fechar as portas do commercio illicito da canella e d'outras especiarias, fazendo-se o governo sabedor d'ellas. Deixou-se o padre illudir da franqueza do offerecimento, e aceitou-o para fazer d'essa expedição degráo para a conquista do grande rio. A 13 de Dezembro d'esse anno partiu com effeito o padre com trez companheiros e viajou pelo *Tocantins*, fazendo muitas conversões e obrando grandes cousas, como tudo relata ao padre provincial do Brasil em carta que se acha no primeiro tomo das suas obras, e ainda melhor na que transcreve o padre José de Moraes nos capitulos II e III, pag. 449 *usque* 470 da sua *Historia*, sendo ella quasi um roteiro.

Discorrendo a missão pelo *Tocantins;* gastou sete dias até encontrar da parte direita o rio *Tocanhonha*, que tem o nome da nação « que,de mistura com outras, d'elle bebe. São todas barbaras e com fama de guerreiras.» Na sua foz, encontra-se uma ilhota d'arêa, viveiro de tartarugas. « Acha-

ram os nossos na margem algumas pedras como as que chamam d'aguia, do tamanho de ovos com miolo dentro, cuja massa affirmavam os indios ser admiravel remedio contra febres.» Houve discordia entre os padres e o cabo da expedição, que, attentando contra a liberdade dos indios, desobedeceu ao padre Vieira, e não consentiu descessem os indios convertidos; e assim ficou mallograda aquella viagem, depois de tantos e tão grandes trabalhos da jornada, sem que podessem os padres trazer comsigo as ovelhas d'aquelle immenso rebanho. Como não ficaria magoado com tamanha ousadia do cabo o padre Vieira, elle que era de animo tão irascivel e orgulhoso!.... Desconsolado o padre se partiu, logo que chegou á capital do Pará, para o Maranhão, a esperar novo governador.

No seguinte anno, sendo já fallecido o capitão mór do Pará, foi o padre Francisco Velloso n'esta missão, e logrou trazer comsigo para mais de mil indios com os quaes fundou a aldêa do Espirito Santo na ilha do Sol.

Chegado que foi o padre Vieira ao Maranhão, partiu para Lisboa, onde foi bem aceito e ouvido do rei, voltando para o Maranhão despachado com toda a promptidão. Ahi já achou no governo a André Vidal de Negreiros, que muito o auxiliou na fundação da aldêa de *Gurupá* e entrada do rio Amazonas.

Antes de dar começo a esta grandiosa empresa, mandou o padre Vieira como exploradores cento e tantos indios libertados pela junta da missão de que fazia parte, para que com alguns missionarios se espalhassem pelas aldêas do rio Amazonas e de seus confluentes a explicarem-lhes as intenções do rei e o fim da missão dos padres da companhia. E assim, aportados a Camutá, foram discorrendo pelas aldêas, para tomarem outros indios, e canôas que os transportassem e servissem d'embaixadores em todos aquelles sertões.

No capitulo V, livro VI, da sua *Historia*, occupa-se o padre José de Moraes de relatar os primeiros descobrimentos do rio Amazonas, fundando-se para isso nas observações de la Condamine, que, diz o autor, fôra seu hospede d'elle na expedição scientifica que emprehendêra. Nos seguintes capitulos passa a descrever geographicamente aquelle rio e os que desembocam n'elle; mas como hoje estejam muito mais conhecidas, e tidas como erros as posições geographicas e certas descripções, que o autor traz na sua *Historia*, dispenso resumil-as, citando apenas as datas das fundações das missões da companhia.

Fez o padre Vieira a sua primeira missão ao rio *Mojú* em 1653, e depois d'elle outras por diversos missionarios, sendo uma d'ellas a de 1724 em que fundou o padre Marcos Antonio Armulfini uma aldêa na cachoeira chamada Taboca.

Na bocca do Amazonas, subindo á mão direita, tinham os padres duas aldêas no sitio chamado *Camutá tapéra*, sendo uma com a invocação de S. Pedro e outra com a de S. João Baptista. Depois reduziram-n'as a uma só que, por occasião de assolal-a a peste das bexigas, a mudou o padre Manoel Nunes para *Parajó* ou *Parejó*, que hoje é a cidade de Cametá. Entrando pelo rio *Araticú* acima, á mão direita, jazia a aldêa das *Bócas*, hoje villa d'Oeiras. Defronte da bocca do rio *Jacundá* fica uma grande ilha, distante oito leguas da dita bocca, e onde está situada hoje a villa de Melgaço e havia a aldêa de *Guaricurú* dos indios *Nheengaibas*, que se gloriavam de ter sido reduzidos pelo padre Vieira.

Cerca de duas leguas da foz do rio Pacajá existia na terra firme a aldêa d'*Arucará*, hoje villa de Portel. Na foz de *Tauré*, onde hoje é villa d'Arraiolos, havia uma aldêa d'indios.

Entrando pelo *Xingú*, logo na bocca, á mão esquerda,

está o povoado de Carrasêdo, outr'óra aldêa *Arajipó*, e da mesma parte, mais duas leguas, a freguezia de Villarinho do Monte, onde era a aldêa de *Caviandá*, ambas dos religiosos da Piedade. Mais duas leguas distantes de Boa Vista, e do mesmo lado, estanceia a villa do Porto de Moz, onde era a aldêa de *Muturú* dos mesmos religiosos, e d'ahi a nove leguas, do mesmo lado, havia a aldêa d'*Itacuruçá*, dos padres da companhia, onde hoje é villa do Oeiras, e mais adiante a de *Piraniry*, hoje villa de Pombal, e trez leguas mais acima a aldêa d' *Aricary*, agora villa de Souzel. Onde é hoje villa d'Almeirim, outr'ora existia a aldêa de *Parú* dos religiosos de Sant'Antonio. Na embocadura do rio *Jary*, havia uma aldêa d'este nome, hoje extincta povoação de Fragoso ; e no Amazonas, adiante da villa d'Almeirim, antiga aldêa de *Parú*, está o lugar do Outeiro, outr'ora aldêa *Urubuquára*, e adiante d'esta havia outra, de que hoje não ha noticia, então chamada de *Jaquaquára*, seguindo-se a ella a aldêa de *Gurupátuba* (villa do Monte Alegre),e defronte d'ella a de *Guruçary*. Onde hoje é a villa d'Alemquer existia a aldêa *Surubiú*, adiante a de *Curubá* (villa d'Obidos) reunida a outras duas pequenas aldêas, que eram dos religiosos da Piedade.

Na fóz do rio *Tapajoz*, onde era antigamente a aldêa dos *Tapujoz*, é hoje a cidade de Santarem, e no mesmo rio a aldêa *Borary* (villa do Alter do Chão), e defronte a aldêa de *Cumurú* ou *Arapinus* (Villa Franca), e a diante a aldêa dos *Tupinambaranas*, hoje villa de Boim, e ainda subindo mais por esse rio topa-se com a villa de Pinhel, outr'ora aldêa de S. José ou de *Matapus*.

Acima e quasi fronteiro ao rio Tapujóz fica o rio Trombetas, a que os indios chamavam *Oriximina*, e em distancia de quinze leguas, subindo pelo Amazonas, dá-se vista ao *Janundás* ou *Nhamundá*, em cuja foz havia a aldêa do

mesmo nome, hoje villa de Faro, e que foi tambem fundada pelos padres da companhia. No rio *Guatumá* ou *Uatumá* havia uma aldêa dos mercenarios. Na foz do rio *Urubú* tiveram os mercenarios uma aldêa, que é onde hoje está a villa de Silves, e na do Paranámirim está a villa de Serpa, onde era aldêa dos padres, e 15 leguas acima, ficava a aldêa *Trocano* (villa de Borba). No *Madeira* fundaram os jesuitas uma fortaleza, sob pretexto de impedirem as invasões dos indios *Muras;* mas com intento occulto de tomarem o Amazonas á corôa de Portugal, como nas missões do Paraguay claramente o mostraram, resistindo com mão armada a Portugal e á Hespanha.

No *Rio Negro* havia uma aldêa abandonada (tapéra) dos indios *Teromás*, onde hoje é uma freguezia, dita de Airão, e acima d'esta a aldêa de Santa Rita da Pedreira, que depois foi villa e hoje freguezia com a mesma denominação. Estas aldêas do *Rio Negro* eram dos carmelitas. A oito leguas da foz do *Rio Branco* está a freguezia de Sant'Alberto de Carvoeira, outr'ora aldêa de *Aricary*, depois no *Rio Negro* a aldêa de Sant'Angelo (freguezia de Poyares), e mais avante cinco leguas topa-se com Barcellos, outr'ora aldêa de Santo Elyseu de Mariná, d'esta aldêa sóbe-se, vinte e cinco leguas rio acima até á aldêa do principal Cabuquêna, (freguezia de N. S. do Carmo de Moreira), e d'ahi á aldêa *Bararuá* (villa de Thomar) vão outras 25 leguas. Cinco leguas acima d'esta estava a aldêa de S. José de Dary (Lamalonga) ou Nayo. Duas leguas acima da foz do rio *Padandry* (outro Rio Branco segundo o autor) havia a aldêa de N. S. do Nazareth d'Avidá (Boa Vista?), e a trez leguas o povoado conhecido hoje com o nome do Loreto ou *Muçaraby*, e defronte o povoado de *Castanheiro Novo*, antigamente Sant' Antonio de Castellinho. Quarenta leguas acima no *Rio Negro*, fundaram os padres a aldêa de *Gujuratuba*,

que depois mudaram para o rio *Coary*, onde hoje está assentada a freguezia de Alvellos. No rio *Teffé* em um lago, que ha na sua foz, estavam duas aldêas d'indios, que reunidas constituiram a que hoje se chama cidade de Teffé. Subindo de Paraguary, rio acima, em distancia de 70 leguas, encontra-se a aldêa de *Trocatuba* (Fonte Boa). No Amazonas, 20 leguas acima da bocca de Xutay, fica a aldêa de *Muturá* (hoje freguezia). A 50 leguas da foz do rio *Putumazo* uma aldêa de *S. Pedro de Tucanas*, e adiante a de *S. Paulo* que hoje reunidas constituem S. Paulo d' Olivença.

No capitulo XI do Livro VI termina o padre José de Moraes a sua *Historia*, declarando que foi « o que pôde salvar com grande risco do infeliz naufragio que padeceu toda a companhia de Jesus;» porque a 2.ª parte de um trabalho, e pelo que dá a ententer a mais importante e curiosa, perdeu-se no confisco a que se procedeu por occasião da expulsão dos jesuitas no collegio do Pará.

HISTORIÆ SOCIETATIS JESU

Pars tertia sive Borgia, auctore R. P. Francisco Sachino, MDCIL.

Na serie de chronicas da companhia com este titulo, e de que são autores varios escriptores, pertence a do terceiro tomo ao padre Sachino, que n'ella trata das cousas do Brasil, nos ns. 158 do liv. I, 130 e seguintes do liv. II, 208 e seguintes do liv. IV, liv. V, VI e n. 202 do liv. VII e 287 do liv. VIII ; mas desde já advirto, que não sigo a ordem d'elles, adoptando, por mais conveniente, a chronologica, a importancia e connexão dos factos.

Anno de 1570.—Relatando Sachino a expedição, que foi accommettida por Jacques Sória, diz que o governador do

Brasil, que ia n'essa viagem, chamava-se Luiz Fernandes de Vasconcellos (n. 218 do liv. VI), e quanto ao ataque naval, longe d'aquella defeza brilhante que Simão de Vasconcellos *(C. da C.)* dá a entender, refere que a náo do pirata veiu sobre a *Sant'Iago* « *ut in columbam accipiter;* » que Sória lhe deitára dentro apenas cincoenta homens, « o que era mais que sufficiente, como foi. » Na náo dos padres havia só quarenta capazes d'armas e esses mesmos nem todos as tinham (Liv. VIII, n. 228, pag. 316).

O primeiro a morrer parece que foi Benedicto de Castro, o qual, vendo os inimigos entrados no castello de prôa, foi-se a elles com a cruz nas mãos, clamando que eram miseros hereges, impios, obsecados na sua cegueira. Ferido com tres golpes ainda gritava até que o lançaram meio vivo ao mar, onde afinal se calou.

Depois foi Azevedo, bradando e prégando a verdade da religião catholica: abriram-lhe a cabeça. D'esta primeira carnificina restavam ainda trinta, e como a náo fizesse agua, pozeram-n'os na lancha, sendo elles os proprios a apodarem-se de *papistas*, a consolarem-se e animarem-se uns aos outros (149).

Vaguearam assim pelo oceano obra de dezeseis mezes, segundo diz o autor. A rainha de Navarra deu gratuita liberdade a João Sanches e a doze marujos que escaparam e foram solicitar sua protecção. D'alli se partiram e vinham pelas estradas contando seus males e enchendo de indignação os animos ao tempo em que a guerra civil os trazia mais accesos.

Chama o chronista á náo—*Dos Orphãos*—e diz mais que

(149) Vej. a respeito d'este successo, pag. 91 e 92 do tomo XXXIV, parte 2ª, da *Revista Trim.*—, o resumo da *Chronica* de B. Telles.

iam n'ella de ambos os sexos, sem com tudo dar noticia do que foi feito d'elles.

1571.—Falla tambem da morte de Nobrega, o qual na vespera d'ella passa a despedir-se de todos, como se houvesse de emprehender uma longa viagem: mas voltemos aos socios de Azevedo. O padre Pedro Dias, que ficára em seu lugar de superior dos restantes, foi ter com ellès ao porto de Sant'Iago de Cuba. Alli evangelisava, esperando monção e emquanto se concertava a náo. Os jesuitas da provincia de Florida, de que era provincial ou superior Antonio Sedemio, os mandam comprimentar e elles vão para Havana, por consentimento dos que alli tinham casa, fazendo para isso um caminho longo e difficil. Embarcam-se d'ahi na frota d'Hespanha e chegam a Angra das ilhas Terceiras, onde tambem haviam aportado o governador Luiz de Vasconcellos e o padre Francisco de Castro com mais tres companheiros, que tinham ido ter com elle á ilha de S. Domingos.

N'esse intervallo de dezeseis mezes, em que falla o chronista, muitos tinham morrido, outros ficaram nas Antilhas, e de Angra muitos soldados e marujos fugiram para Portugal; assim que, couberam os restantes em um só navio. Dos setenta jesuitas, que haviam ao todo partido, restavam quinze! Reconhecendo o padre Dias que alguns d'elles estavam com a saude arruinada e menos proprios para a missão da America, os mandou restituir ás suas respectivas provincias, e outros, desmoralisados com tantos contrastes, foram despedidos da companhia, sendo que sómente os dois acima nomeados eram sacerdotes de ordens, oito completos de noviciado, a saber: Alonso Fernandes, Gaspar Gonçalves, André Paes, João Alvares, outro tambem do mesmo nome, de Pedro Dias, Fernando Alvares, Miguel Aragão e Gaspar Gonçalves. Noviços cinco, que são: Francisco Paulo, Pedro

Fernandes, Sebastião Lopes, Jacob Fernandes e Jacob Carvalho.

Predie Idus Sept.—Apparecem ao cahir do dia cinco náos, uma ingleza e quatro francezas. Preparam-se os da frota atropellada e confusamente para o combate. Era o inimigo João Cadavillo, heretico acerbo, e na mesma náo, segundo se crê, em que Sória tinha antes tomado a *Sant'Iago*. Dão signal os piratas com uma bombarda, mas o governador Luiz de Vasconcellos não obedece. Em tres descargas successivas matam os piratas cinco, ficando dezesete quasi todos gravemente feridos nas pernas, e apezar d'isso pelejam, sustentando-se de pé com uma mão nas costas e com a outra procuram defender-se. A náo de Cadavillo mais alterosa opprimia os portuguezes. O governador, não desmaiando quando a náo já estava cheia de inimigos, combateu impavido até o ultimo alento, e cahiu sem jámais largar o escudo nem a espada. Sem que os hereticos o houvessem conhecido, lançaram-n'o ao mar (*Ob. cit.* liv. VII, n. 181 e seguintes).

Já se vê que era fatidica a sua sina no mar! Nomeado em 1557 para levar cinco náos á India, a sua capitánea ainda dentro no porto de Lisboa abre tanta agua, que não pôde navegar. Partindo no mez seguinte (em Maio), em vez de dobrar o cabo, veiu ao Brasil,onde passou o inverno. No seguinte anno conseguiu passar á India; mas na volta e pela altura da ilha de S. Lourenço naufraga, perdeu tudo, e de trezentos homens apenas se salvou com mais trinta em um batel. Naufragio terrivel; porque foi preciso cortar sem dó as mãos á multidão anciosa dos naufragos, que, no desespero da agonia, se agarravam ao batel com grave risco de o virarem. Luiz de Vasconcellos torcia o rosto, cobrindo-se com um panno para não vêr aquella necessaria crueldade. Chegou o batel por milagre a S. Lourenço, e por maior mi-

lagre ainda encontrou alli uma náo de mercadores portuguezes. Do contrario os barbaros os teriam assassinado. D'alli vão de novo á India, e volta o governador a Portugal sem meios, mas rico de seus trabalhos e miserias. Nomeado governador do Brasil, viu aquellas terras; ludibrio, porém, das ondas e do destino, acabou ás mãos dos piratas, tendo antes noticia, em Angra, que seu filho Fernão de Vasconcellos fôra morto em Gôa pelos turcos!

Felizes tempos aquelles em que se tinha por mór ventura morrer pela fé do que lucrar grossos cabedaes!

Morto o governador, os portuguezes se entregaram á discrição. Os padres talvez irritassem mais aquelles intolerantes herejes com a piedosa ministração dos sacramentos; tanto que acabaram primeiro com o padre Francisco de Castro e depois com Pedro Dias. Tinha este 45 annos de idade, dos quaes passára 23 na companhia. Em seguida a elle mataram os outros, que todos aceitaram o martyrio, menos Gaspar Gonçalves, que o recusa, e para esquivar-se arranca as roupas que o compromettiam, toma a japona e o barrete de um marujo, e confunde-se com os mais: os inimigos, porém, que não quèriam sustentar tantos homens, lançam alguns ao mar e entre elles Gaspar Gonçalves! Assim perdeu, diz Sachino, as honras da morte pelo inconsiderado apêgo á vida. «Foi talvez justiça, que quem preferia os sordidos trajos do marujo aos habitos religiosos, fosse atirado ás ondas como inutil carga!» Atam-lhe as mãos ás costas e fazem com elle tiro ao mar. Acharam comtudo alguns misericordia nos herejes; por isso que reservavam o espectaculo para a noite.

A chuva tinha aplacado o mar, e foi então o acto de barbaria. Deitaram os padres n'agua, e os que não sabiam nadar, dando-se as mãos e agarrados em um bolo, se iam ao fundo, encommendando-se a Deus, e sem talvez pedir mi-

sericordia onde sabiam que a não achariam em seus algozes. Foi excepção Sebastião Lopes. Este, coitado! corria no escuro da noite ora a uma, ora a outra náo, a clamar misericordia, até que por ultimo foi acolhido em uma « *pennula contectus* » e assim escapou. D'elle se souberam depois as particularidades d'este infeliz successo. A sina de todos os companheiros de Azevedo foi má; pois que só chegou ao Brasil Antonio Leonio, que ficando em caminho por doente, mais tarde recuperou a saude e chegou ao seu destino.

No emtanto estes desgraçados acontecimentos influiam de modo menos desejavel, já directa, já indirectamente, na marcha regular da ordem. Sentia-se a falta de chefes, influindo ainda mais na administração das aldêas os effeitos do desalento. A origem d'isto foi, porque apenas conhecido em Roma o desastre de Azevedo, o geral F. Borja declarou ao padre Manoel da Nobrega, provincial do Brasil; mas acontecendo que este já era fallecido no anno antecedente, suscitaram-se d'aqui hesitações e duvidas. Pretendia-se que o padre Luiz da Gram tomasse a administração; este, porém, argumentava com as ordens existentes; pois o visitador Azevedo, na sua partida, havia estatuido que, vindo a morrer o provincial, tomasse todo o cargo o reitor do collegio da Bahia, emquanto não acudissem com outras providencias. Assentiu por fim n'isto o padre Antonio Pedro, que era reitor do collegio da Bahia. Mas á falta de Nobrega e de outros, que eram como as primeiras columnas da ordem n'estas partes, a carencia sobretudo a de sacerdotes, que ha tanto eram esperados e não acabavam de chegar. Estas causas pozeram em triste estado os negocios da provincia do Brasil.

Em Pernambuco grassava summa irritação contra os padres, promovida por um sacerdote expulso da companhia. Este accusava os padres de heresia (mas provavelmente de

crimes mundanos ou vistas ambiciosas), e tinha-se havido com tal arte que chamára á sua opinião não poucos dos principaes da terra. O bispo conseguiu acalmar a tempestade, revertendo a accusação sobre o calumniador, que parece ter sido preso.

Foi para notar, observa o chronista da sociedade, como em pouco tempo foram perdendo a vida todos os infectados d'esta praga contra os padres, e o mesmo governador (Gaspar de Sousa), que havia sido grande parte na perseguição aos padres, preso pouco depois e transportado para Portugal, pagou seus erros com quebra da fama e perigo capital. « Assim provava Deus os seus ao passo que manifestava a efficacia da sua protecção. »

Como se vê, não perdem os padres da companhia ensejo para apresentar a intervenção divina nos menores factos passados com os da sua ordem.

1572.—A's calamidades que vexavam o Brasil, accresceu a morte do padre Antonio Pedro que geria a provincia desde o fallecimento de Nobrega. Respeitado e querido dos principaes da provincia e dos indios, venerado do povo, deu o espirito aos 6 *ante kal. aprilis*, de idade de cerca de 50 annos, com 23 da companhia. Com a morte de Nobrega e depois com a d'este, não chegando soccorros á provincia, havia tocado esta ao ultimo extremo. Os padres, faltos de força, já de corpo, já d'espirito « com as quaes sómente poderiam bastar para o desempenho dos seus encargos, uns procuravam Portugal, outros, fugindo ás aldêas, preferiam as macerações do claustro aos incommodos e riscos de catechistas. (Loc. cit. Lib. VIII, n. 287.

Nem faltou, posto que não fosse este o sentir de maior numero, quem propuzesse o abandono d'aquella ingrata seára, e que mais valia dirigirem seus esforços para terras mais felizes.

Francisco de Borja nomêa novo provincial, recahindo a escolha em Ignacio de Tolosa, que, com 13 companheiros chega ao Brasil na 9 *kal.* maii, com tres mezes de navegação.

Com a chegada do novo provincial tomaram as cousas outro aspecto. Elle, já com exhortações privadas, já com prégações publicas, influiu nos animos, ensinou aos socios a amarem aquelles trabalhos, revocou-os ao respeito, à obediencia (segundo o Instituto) ao espirito de verdadeiros missionarios. O padre Gonçalo Leite abriu aula de philosophia; promoveram-se com ardor as obras da igreja, e celebraram-se aqui pela primeira vez as festas de Pentecostes.

Francisco de Borja determinára, porém, que se chamassem os padres das aldêas, indo apenas a ellas algumas vezes no anno para fortalecerem os catechumenos na fé; mas que ao mesmo tempo se fortalecessem os padres na disciplina. Pareceu isto impraticavel aos homens que tinham longa experiencia do Brasil. Se aquelles indigenas, congregados pelos padres e reduzidos a aldêas e protegidos pela sua caridade, se vissem de repente privados d'essa tutella ou solicitude, pela mobilidade do seu animo ou estimulados das injurias recebidas ou que viessem a receber, viriam de certo a abandonar suas aldêas e a voltar ás suas selvas e costumes primitivos em detrimento da religião.

Decidiu-se que com estes fundamentos se consultasse de novo o geral. Resolveu no emtanto o provincial, que os padres das aldêas viessem ao collegio uma vez cada mez para se recolherem e restaurarem as forças do espirito e da religião, o que era de necessidade; visto que d'este viver isolado já iam apparecendo os inconvenientes que resultavam de viverem a sós entre os indios.

Instituiu-se um templo para os captivos em lugar que fosse mais commodo para ahi serem doutrinados em occa-

sião azada. Parece-me que d'aqui é que se originaram as igrejas e confrarias de N. S. do Rosario, no Brasil.

Restabeleceram-se as casas no seu antigo pé e regimen. No fim do anno visita o provincial com Luiz da Gram as igrejas da visinhança da Bahia e as residencias de Porto Seguro.

Depois do *acerbo exame* porque passaram os padres de Pernambuco, voltaram-lhes o favor e os animos de todos: tirava-se, segundo o chronista, da morte, do castigo e dos padecimentos de seus adversarios argumento da impiedade da accusação e do auxilio divino. Um dos accusadores, no transe da morte, reconheceu publicamente a innocencia da companhia e a santidade d'ella. « Pedindo perdão,confessou entre lagrimas suas mentiras e julgou-se por ellas maldito. E assim morreu. »

Falleceram este anno (1572) na cidade de S. Salvador dois homens de grandes virtudes e conhecidos pelo affecto que tinham á companhia:—Mem de Sá, que governou o Brasil quatorze annos, fundou a igreja e dotou largamente o collegio com terras; e Lazaro de Azevedo, que morrendo, legou á companhia a igreja de N. S. da Escada, fundada á suas expensas, no proximidade da cidade, em sitio ameno, e assim tambem suas terras e mais algumas casas.

1573.—Visitadas e compostas as casas da Bahia e Pernambuco, chamavam a attenção do provincial Ignacio de Tolosa, as partes do sul. Chegou a S. Sebastião do Rio de Janeiro no 4 *Idus Januarii*, levando comsigo companheiros para dar ao collegio do Rio regimen conveniente. Alli instituiu a exposição do corpo de Christo, e a irmandade do Santissimo Sacramento. Fez repetir no collegio os exercicios de Santo Ignacio. Eram elles mui concorridos do povo pela prégação do padre Luiz da Gram,não tendo elle ouvido nenhum outro prégador depois da morte de Manoel da Nobrega. Estabeleceu tambem escola de primeiras letras onde

se preparassem os que no seguinte anno deviam começar o latim.

Conhecendo elle que as terras do collegio paravam nas mãos d'este e d'aquelle, pôde havel-as, não sem aturada contenda. Estava entre estas terras a aldêa de S. Lourenço, da administração dos padres. « O seu principal, accommettido de uma forte dôr do lado, vai á igreja, julgando-se a sós, confessa-se com as imagens, lava a parte com agua benta, e lançando fôra de si a molestia, sahiu d'alli perfeitamente curado. » O irmão Gonçalo de Oliveira presenciava ás occultas e deu fé de tudo isto, e foi quem assoalhou o milagre.

Criavam-se estes pobres indigenas, com taes superstições, aproveitando-se os padres até das extravagancias de um enfermo desesperado de remedio, e n'aquelle estado em que a gente se soccorre ainda mesmo á mesinheiros e bebidas repulsivas, para apregoarem seus resultados por obras notorias e os darem como testemunho de fé!

Mas n'esta aldêa tão favorecida de Deus, viram-se os padres n'esta occasião em grave perigo. Tinham tirado as concubinas a certos homens poderosos que alli residiam. Estes se enfureceram e accommetteram a aldêa com tal vigor e motim que até os padres, que estavam occupados na edificação da igreja, só na fuga acharam salvação. Tudo se aquietou afinal por meios brandos; mas se se ignora com que concessões de parte a parte, devem suspeitar-se favoraveis aos padres.

Foi nomeado pro-reitor do collegio do Rio o padre Braz Lourenço, que passou logo depois a reitor do mesmo.

Parte d'ahi o provincial para S. Vicente, estando já dividida a provincia; mas creio que nunca se havia realisado de facto tal divisão, senão Sachino não repetiria a noticia. Ficaram sujeitas ao collegio do Rio as residencias de S. Vi-

cente, de Piratininga, e as dos Ilhéos, de Porto Seguro, e de Pernambuco ao collegio da Bahia. Fez-se igualmente em Piratininga a exposição do corpo de Christo. Estava a aldêa na observancia das cousas da fé como na dos costumes « *ut religiosorum familia videretur*. »

Não se demorou, comtudo, o provincial ahi por muito tempo: tinha pressa em tornar-se á Bahia, onde se ia fazer congregação provincial para enviar procurador a Roma, e por esse motivo e para não perder tempo a espera de navio, comprou elle um. Embarca-se n'elle, passa pelo Rio na 9 *kal. maii*, e no fim do quarto dia sahiram do Espirito Santo. « Mais n'esse mesmo dia, á tarde, sobrevem-lhe grande tempestade, o piloto não reconhece o lugar e o navio encalhou. Vinham tambem em sua companhia os socios Luiz da Gram, Antonio Roque, Vicente Rodrigues, Fernando Luiz e os dois irmãos João de Sousa e Benedicto Lima.

Instava o patrão do navio com o provincial para que tirasse a roupeta e se lançasse ao mar, como já o haviam feito algns marujos. Allegava elle, porém, não saber nadar, e de rosario na mão implorava a assistencia divina de joelhos no alto do tombadilho. « Vem-lhe o auxilio d'onde não esperava; —um vagalhão colhe o navio, toma o padre e o atira ao mar. » Antonio Roque e João de Sousa lançam-se tambem á agua para o salvarem. Bebe uns goles d'agua e acha-se na praia de contas na mão! A agua não era funda, a praia perto, de modo que todos, em numero de 35, salvaram-se; mas o navio, carregado de páo-brasil abriu-se em dois. A salvação esteve em que mais além havia uma corrente impetuosa d'agua doce, que amararia o navio para onde havia rochedos debaixo da agua, ella mais funda e a praia mais distante. De proposito e com dia claro não teriam encalhado em melhor sitio. Estavam dezeseis leguas

do Espirito Santo, com grande fome e sede: pozeram-se a caminho, indo em romaria a Nossa Senhora do Penedo, a quem se tinham encommendado.

Esta igreja é fama ter sido fundada por um leigo de S. Francisco, de nome Pedro, que andava no Brasil com licença de seus superiores. Fez esta igreja e uma ermida na Villa Velha do Espirito Santo, na qual acabou seus dias. Diz no entretanto o autor, em outro lugar, que não havia por esse tempo franciscanos no Brasil!

Impedidos os padres de proseguirem na sua viagem, alli se ficam, não sem fructo, occupados em doutrinar; e como o templo antigo de velho estava ameaçando ruina, sobre ser pequeno, traçáram outro maior com alicerces de pedra e cal, o mais de taipa e madeiras «que mal cedem ao ferro, tal a sua rijeza.» Havia difficuldade no alimento de 12 padres e 40 obreiros e ainda de muitos pobres; succedendo o mesmo por esse tempo a outros padres em differentes lugares. As esmolas todavia bastavam; porque essa era a ordem dada pelo provincial para que em todas as partes, excepto nos collegios, vivessem da caridade dos fieis.

Chega o novo governador Luiz de Brito, sendo recebido na Bahia com festas e no collegio com apparato havendo mysterio e outeiro. Conhecendo este que a demora dos padres era devida por sem duvida á falta de transporte, expediu um navio para ir os buscar.

Chegam a S. Salvador a 7 de Setembro e acham fallecido o bispo D. Pedro Leitão poucos dias antes. Era sacerdote, segundo o autor, talhado para as circumstancias do Brasil, como tambem por ser amigo dos jesuitas, a quem deixou a bibliotheca, e tinha por confessor o padre Quericio.

Incansavel em cumprir as obrigações de prelado, visitou todo o espaço que vai de Pernambuco a Piratininga, isto é,

mais de quatrocentas leguas, exposto a chuvas e ventos, acompanhado sempre em suas jornadas por alguns padres da companhia.

Por esse tempo restavam aos padres, na visinhança da Bahia, quatro aldêas: Espirito Santo, Sant'Iago, S. João e Santo Antonio.

N'este anno (1573) se começou a dar aos indios idoneos o Sacramento da Eucharistia. O autor glorifica a virtude do Sacramento e quanto elle influia para a mudança dos costumes.

Instituiu-se tambem por esse tempo a irmandade da Misericordia, cujo principal fim era o de dar sepultura aos mortos. Os privilegios dos irmãos eram ter vellas accesas ao levantar da hostia. Os indios e christãos, ambicionando esta honra, não se esqueciam, comtudo, d'outros meios para ostentarem sua importancia.

O padre Gaspar Lourenço, que residia na aldêa de Santo Antonio, soube que uma náo da India naufragára alli perto com perda da fazenda e muitas mortes. Era noite, sahiram da aldêa pelas trevas, acompanhados de indios, e foram ao lugar do sinistro. A luz da manhã veiu alumiar um miserando espectaculo — homens mortos, não poucos moços e crianças: os vivos acabados de frio, feridos, nús, desesperados e mais mortos que vivos. O padre Gaspar e o irmão Estevão Fernandes dão sepultura aos mortos, trazem os vivos, e os indios carregam os enfermos, curam-n'os, lavam-n'os e dão-lhes tudo, quanto tinham com immensa caridade. Chegam com os naufragos á cidade, onde os padres os recebem, agasalham, e procuram-lhes vestidos e salvam do naufragio o que podem. Serviu-lhes isto de muito para acreditar e dar nome á companhia.

No fim d'este anno, chegando os irmãos Manoel de Castro

e Pantaleão Gonçalves, são mandados a Pernambuco (150) N'esta jornada, que se podia fazer por mar em cinco dias, gastaram elles quarenta; sendo n'ella obrigados a reduzir o mais possivel a alimentação, e ainda assim desembarcaram a 40 leguas de Pernambuco, obrigados da sede e da fome.

Que perigos n'aquelles tempos — em rios de jacarés e tubarões, em praias desertas, ou em mattos sem caminhos, com o sol ardente a dardejar-lhes, ou molhados do orvalho e das chuvas: eram todos uma ferida, e muitos se queriam deixar no caminho sem forças e sem coragem. Eram trinta e tres, e assim chegaram auxiliando-se mutuamente.

Falleceram em 1574 no collegio da Bahia dois — Ambrosio Rego, insigne pela sua humildade, pois d'elle se conta ter solicitado instantemente ao provincial o deixasse no seu lugar de coadjutor, empregado nos misteres da vinha do Senhor e no da cozinha.

« Foi o outro, o padre Luiz de Mesquita, que trouxéra de Portugal os dois irmãos, Manoel Dias e João Solonio, contrahindo na viagem principios da enfermidade de que vem a succumbir.

« Pareceu mercê de Deus para manifestar a virtude d'este homem, que, havendo elle por esquecimento deixado no navio uma caderneta dos seus apontamentos, nem se perdeu nem se inutilisou ella; antes duas vezes se fez o navio á véla para a ilha de S. Thomé, e duas vezes foi coagido a voltar pelo máo tempo até que o capitão descobriu aquelle papel sujo e o trouxe ao collegio na vespera do passamento do santo padre! Depois d'isto segue feliz viagem. »

N'este mesmo anno se fez uma larga expedição ao Brasil. Ordenou el-rei a Luiz de Brito, levado pela fama do

(150) *Sach. Parts. IV*, Lib. I, n. 167.

muito ouro que se dizia e assegurava haver no sertão. Iam n'ellas além dos soldadós, muitos indios; mas para que estes fossem de melhor vontade e os soldados os não maltratassem, fizeram parte da expedição os dois padres — João Pereira, e Jorge Velho, habeis para o trabalho, acclimados no Brasil, e linguas mui peritos. O padre Pereira, que havia já gasto muitos annos na conversão dos indios, dava agora lições de philosophia no collegio da Bahia. Occupados mesmo na viagem em doutrinar os indios e em reprimir a intemperança dos soldados, andaram quasi mil leguas (no que ha de certo muita exageração) a pé e descalços, por causa dos muitos rios, e quasi em continuas guerras. Foram ainda uma vez frustradas as esperanças de ouro, mas no espaço de quatorze mezes, que tantos levaram os padres n'esta expedição, baptizaram mais de quinhentos meninos.

Obra de menos vulto, posto que de mais proveito, emprehenderam os padres n'este anno, visitando todo o reconcavo e as fazendas que alli se achavam espalhadas. Recebem todavia os moradores essas visitas com relutancia por entenderem que os padres vinham espiolhar com que titulos serviam os indios. Sendo já por esse tempo mui crescido o numero d'africanos, aconteceu que os donos d'estes agasalharam e trataram mui bem os padres, como foi sempre costume dos fazendeiros do Brasil.

Floreciam no emtanto as quatro aldêas da Bahia; n'ellas se mostrava certa humanidade, e tal qual urbanidade, com que os padres se extasiavam, não achando termos para encarecel-as. « Envergonhavam-se de andar sem roupa, saudavam-se mutuamente ao encontrarem-se, guardavam tempo nas comidas, e os principaes iam á igreja e vinham d'ella acompanhados de suas legitimas consortes, á moda da gente. Alguns até já sabiam grangear a vida. Mas no

que todos brilhavam, e entre si mais rivalisavam, era na frequencia dos officios, nos jejuns, penitencias, e flagellações e no amor e dedicação aos padres, como caminho para o céo, que a terra não lhes era muito aprazivel. » Assim conjecturo que devia de ser, decahidos de seus brios, cercados de conquistadores e despotas, vendo qual seria o seu futuro, as vistas de todos se voltariam para o ceu, pois que é preciso algum pasto á parte menos material do homem, por muito barbaro que seja, por muito abatido que o vejamos. Importa aqui especialisar a aldêa de Sant'Antonio, onde os padres, para recompensar condignamente dos seus progressos na piedade, celebraram uma semana santa, a que concorreram todos os das demais aldêas, apezar de quantos incommodos lhes offerecia a viagem: A' irmandade da Misericordia, já instituida do anno antecedente, accrescentou-se agora a do Santissimo Sacramento, com um hospital e cemiterio. Alguns dos irmãos d'aquella confraria percorriam as aldêas, vendo onde haviam enfermos e necessitados para avisarem os padres, e tinham como de obrigação o fazerem todos cada dia uma das obras de misericordia. A' noite lhes perguntavam os padres o que fizeram, e era de ver como emulavam todos em sobresahirem na piedade, uns aos outros !

As instrucções ou directorios compostos pelo provincial, relativos á catechese, á penitencia, e sobre tudo á confissão e communhão, foram vertidos para a lingua brasilica pelo habil padre Leonardo do Valle. Para a aldêa foram tambem agora mandados muitos da companhia para que se tornassem destros na lingua.

Larga porta se abriu então ao Evangelho ; mas em grande parte eram inuteis os esforços, que se tentassem por temerem os do interior descer ás praias onde o captiveiro os aguardava. Para occorrer a este mal e (postoque a mim

não me pareça que foi isso o que se teve em vista ; porque os successos posteriores, se alguma cousa provam, é o contrario) nomeou el-rei D. Sebastião a Antonio de Salema para o Rio de Janeiro, com jurisdicção independente da do governador da Bahia. Parece com tudo que a ambos os governadores recommendou consultassem o provincial do Brasil no que fosse dos indios.

Dois grandes males vexaram então o Brasil — a peste, aliás rarissima alli e que por seus espantosos resultados dizimou os animaes de modo que a cada passo se encontravam nas mattas e nos campos cadaveres de feras, de tigres, de porcos, de veados, e d'antas, infeccionando os ares, assim tão perigosos aos homens que os respiravam e até ás mesmas feras, se os cômiam. A segunda foi a fome pela escacez das colheitas de mandioca, que não bastava. Crescia este mal com o da caça, e isso remediou-se com preces e flagellações publicas. Os indios, como em Gil Braz, pagavam os erros *dos nobres*. No emtanto o remedio aproveitava á imaginação.

Em Pernambuco accrescentou-se aula de latim á escola primaria. Nos Ilhéos ao mal da fome juntou-se o ataque dos *Aymorés*, nação inexpugnavel por não ter residencia fixa. Residia n'aquellas partes o padre Pina, que era tão querido e amado de todos que não havia removel-o d'alli. Tinha arte de os persuadir que se déssem ao trabalho, e para os exhortar á conformidade nos soffrimentos. Andava sempre na pedintaria e dava adiante ao primeiro necessitado que lh'estendia a mão. Dava tudo sem respeito ao dia d'amanhã ; que acima da providencia está a Providencia. *Dae que recebereis*, éra o seu bordão *(Date et dabitur vobis.)*

Desceram por este tempo muitos do sertão a Porto-Seguro, talvez acoçados da fome.

Os começos do anno de 1575 promettiam abundantissima

apesar de velho, recusa cavalgadura e faz o caminho á pé. Os indios de S. Thomé os acolhem com festas, engrinaldando os caminhos. Concorrem a ellas muitos das circumvisinhanças e todos pedem igrejas. Em quanto permaneceram em S. Thomé, fazem maior igreja, mais accommodada ao lugar, e dedicam-n'a a Nossa Senhora da Esperança. Parece ter subido a mais de trinta o numero das aldêas que queriam pazes; no emtanto a proximidade dos portuguezes ia produzindo os costumados resultados: entram elles a queixar-se de que lhes roubavam as mulheres, as irmãs do principal, e até a propria mulher d'este! Arreceiando-se, pois, da escravidão, fogem para o *Apiripé*. O padre Gaspar os seguia, exhortando a uns e outros a que se tornassem onde tinham suas casas e Deus. Elles retrucavam-lhe, lembrando-lhe seus padecimentos e mostrando-lhe as cicatrizes do açoite e do azeite fervendo. Tendo o provincial noticia d'estes acontecimentos, manda substituir o padre Luiz da Gram, já menos proprio para o trabalho e que não fallava a lingua geral, pelo padre João Pereira, ordenando-lhe que com o padre Gaspar vissem meios de conciliar os animos e de pacificar aquella pobre gente não revolta, senão intimidada.

Entrementes prosperavam as quatro aldêas dos contornos da Bahia. Em cada uma d'ellas começaram a render-se no serviço quatro jesuitas. Introduziu esta novidade o geral Everardo, successor de F. Borja, já para mais commodidade da catechese, já para que melhor se conservasse a doutrina religiosa.

N'este anno (1575) chegaram da Europa seis padres obreiros, com grande provisão de reliquias—quatro cabeças das onze mil virgens e uma copia do quadro representando a Virgem Santissima, e attribuido ao pincel de S. Lucas.

No fim d'este mesmo anno o padre Gregorio Serrão, rei-

tor do collegio da Bahia, foi mandado a Roma na qualidade de procurador da provincia. (151)

1576.—Arruinaram-se totalmente os trabalhos do Rio-Real. O governador Luiz de Brito veiu com tropas para bater os indios do *Apiripé*, e ao approximar-se da aldêa de Santo Ignacio seus habitantes fogem. Ella considera a fuga quebra de paz, persegue-os, e *Surubim* morre, e os mais se entregam. Captivam a todos e os encurralam na igreja de S. Thomé como em um carcere. Os soldados assolam tudo quanto encontram, e o governador arrebanha quantos achou e os arrebata para a Bahia; de modo que o resultado de tantas esperanças foi o captiveiro de 1.200 transportados para a Bahia «que Deus com a morte se serviu libertal-os dentro do anno do captiveiro.»

Outro tanto fazia D. Antonio de Salema no Rio de Janeiro, levando a guerra ao Cabo-Frio; mas no meio d'ella intervieram os padres que os accommodaram. Diz o autor que esta guerra era movida por interesse; por isso que lançavam mão dos indios e os escravisavam a despeito das exhortações e reclamações dos padres.

Ia achar, porém, a liberdade d'estes miseros novo apoio em D. Antonio Barreiros, trigesimo bispo da Bahia, que alli aportou este anno.

O padre procurador, Gregorio Serrão, tendo exposto em Portugal e em Roma a importancia de Pernambuco, como estava povoado de gente nobre e rica, conseguiu d'el-rei D. Sebastião que fundasse alli um collegio. Foi este o terceiro em ordem chronologica. Obr. cit. Lib. IV. n.° 261).

1577.—No n.° 293 do livro V diz o autor que a fama de Anchieta crescia de dia para dia; elle envolvido na sua modestia, a fugir e a recusar honras, e ellas a procural-o!

(151) Obr. cit. Lib. IV, n. 260.

Pouco antes nomeado para o reitorado do collegio da Bahia pelo provincial, procurou em uma longa e douta carta eximir-se do encargo; mas a resposta, que teve, foi darem-lhe o cargo de provincial. Ignacio de Tolosa, a quem succedeu, foi incumbido da tarefa de mestre de noviços e de explicar casos de consciencia no collegio da Bahia..

Todo o trabalho do provincial Tolosa esteve posto em defender a liberdade dos indios e em soffrer com paciencia os labéos e altercações, que por esta causa lhe sobrevinham. Em uma reunião celebrada pelo novo bispo da Bahia, elle o acoroçoa no seu bom proposito, recommenda-lhe aquelles *Brazis* e roga-lhe que por nenhuma coacção ou terror desistisse do patrocinio que estava de animo dispensar-lhes.

Dois sacerdotes com outros tantos leigos foram mandados pelo provincial a esperar uma grande multidão de barbaros que desciam para o littoral, caminho de Porto-Seguro.

Pobre gente! Soffreram muito os padres para os irem encaminhar; mas elles o que não soffreram por lugares arduos, alagados, desertos de toda cultura e de meios de subsistencia, tanto que pereciam a cada passo ao rigor da fome. Os padres, mais felizes do que elles, tinham a satisfação no cumprimento do dever, em darem n'aquelle acto derradeiro o Sacramento do Baptismo *in extremis*; e do pouco alimento que se ia podendo grangear, sustentava-se-lhes o alento. Chegaram por fim, como por milagre, dois neóphytos carregados de farinha de mandioca, esmollada por caridade. Então se viu o apuro a que tinham chegado aquelles miseraveis; pois que se disputavam com encarniçamento alguma pouca de farinha que das mãos do distribuidor cahia em terra! Precipitavam-se em cima, debatiam-se com furia á socco, e comiam-n'a ainda com terra ou catavam aos grãos. Mais de duzentas crianças e de cento e vinte maiores foram

n'esta jornada baptizados em artigo de morte, e a despeito d'este supprimento, não cessaram as mortes, que a fome e a sede continuava! Uns de fraqueza desfalleciam na passagem dos rios, outros cahiam ao pé das arvores que lhes offereciam algum alimento por não terem já forças de subir, e iam assim deixando uma larga esteira de cadaveres por onde passavam!

Lancemos as vistas para o collegio do Rio de Janeiro que em todo este triennio não deu os costumados fructos, nem entre os portuguezes, nem entre os indigenas; porque o vigario geral de nada mais curava que de accommodar cabedaes para voltar á Europa carregados de despojos.

Escravisava e vendia os indios, e d'ahi proveiu-lhe inimizar-se com os padres da companhia, que lhe queriam ir á mão. D'esta desavença veiu a frouxidão nas praticas religiosas: o vigario geral não ia mais á igreja, e a seu exemplo os da nobreza. Sente-se d'isto a propagação da fé; porque os indios, aterrados com a escravidão, não queriam saber de quem quer que fosse da Europa.

Arguia o vigario aos padres da companhia de não prégarem a doutrina de Deus nem ministrarem *rité* os Sacramentos. Faz processo aos mesmos, ouve as testemunhas que bem lhe pareceu, manda ao escrivão que só escrevesse o que fazia ao seu proposito.

Respiraram por tanto os padres com a chegada do novo governador, e sobretudo do novo administrador ecclesiastico. Conhecidas as falsidades e calumnias do libello, este as exprobra ao seu antecessor no acto da partida d'este e ameaça-o de excommunhão.

Estes rumores, porém, contra os padres da companhia não se limitavam só ao Rio; grassavam e cresciam por toda a parte, no Brasil. Na Bahia chegaram a ser tão violentos, que os padres attribuindo tudo á questão da liberdade dos

indios, consultaram se não conviria entregar ao bispo a administração das suas quatro aldêas. Já vimos acima como o bispo responderia a esta proposta. (Obr. cit. Liv. V. n.° 293).

1578.—Ao entrar d'este anno chegou á Bahia Lourenço da Veiga para governar toda a provincia do Brasil, sem excepção do Rio. Mas ao passo que se julgava conveniente concentrar a administração civil, dividia-se a ecclesiastica. Na mesma frota veiu Bartholomeu Simões Pereira para o Rio de Janeiro com o titulo de administrador das igrejas do Sul, com todos os poderes episcopaes e inteiramente independentes do bispo da Bahia.

Por esse mesmo tempo voltou a Roma o padre procurador, Gregorio Serrão, com mais de 16 socios.

As queixas e clamores contra os jesuitas iam sempre em mais augmento; pois que eram elles obstaculo ao lucro que se auferia da escravidão dos indios. Não tinha o Brasil n'aquelle tempo nem ouro, nem prata, nem metaes ou pedras preciosas, que só posteriormente se descobriram. A sua fortuna era o páo brasil, era sobre tudo o assucar, principal genero de sua lavoura e do seu commercio d'exportação; mas para isso eram indispensaveis grandes forças. As riquezas andavam na razão directa do numero de braços. Todos attentos aos bens da terra, pouco se davam dos principios da moral ou dos preceitos religiosos. Queriam a todo o custo escravos, e a venda ou trabalho d'elles era fonte de lucro. Por outro lado, as nações do Brasil exemptas, vagabundas, amigas da liberdade e de passarem a vida sem medo nem coacção, não podiam soffrer que as forçassem a um labor penoso e improficuo para ellas, cruel e sujeito a ameaças, ao açoite e talvez á martyrisações; e por isso as mais experientes e escarmentadas, fugiam do littoral, procurando entranharem-se nas brenhas e nas solidões, e preferindo assim

ao captiveiro o que quer que fosse de mais intratavel e medonho.

Os portuguezes procuravam por todos os modos oppôr-se a esta emigração, mas vendo que pela força poucos resultados colhiam, começaram a uzar d'affagos, pequenos mimos e grandes promessas, fazendo-lhes luzir pro-forma as leis divinas, o paraizo, a bemaventurança ; e d'esta arte embaiam os indios a sahirem de seus escondrijos, guiavam-nos como rebanhos para as praias, e os empregavam depois em seus serviços e lavouras.

O remedio, porém, não era duradouro. Abandonavam os filhos d'estes, como boccas inuteis, e de quem não tiravam proveitos immediatos, e tiravam-lhes as mulheres sem attenção ao futuro; d'ahi elles, solitarios, sem mulheres nem filhos, sem liberdade, antes coactos e injuriados, definhavam aos centos, mais enfermos do moral que do physico; posto que a nostalgia e a mudança de habitos e de alimentos tambem contribuissem para isso, manifestando seus perniciosos effeitos. As leis á cerca de liberdade dos indios eram de facto irritas e nullas, e seus infractores ousados até ao excesso de reclamarem contra suas pobres victimas.

Com a chegada do novo governador julgaram aquelles a occasião asada para desafogo de seus clamores, e assim o pozeram por obra, allegando que os padres, á sombra da religião, perturbavam tudo, e excitavam as familias. « Que o indio em fugindo para as aldêas d'estes, tinham alli seguro asylo como no sagrado, que eram os indigenas gente incapaz de virtude e de religião, e que os jesuitas, seus pretenços protectores, em quanto os negavam aos moradores, os empregavam em seu serviço, ou no de seus amigos.»

A' vista d'isto procedeu o governador a alguns inqueritos, e vendo como elles se flagellavam sem dó e repetiam o Padre Nosso na ponta da lingua, achou que tudo era falso !

Mas a despeito do apoio do governador, pouco ganharam os indios no temporal.

Deus se compadecia d'elles, enviando-lhes de novo a peste para arrancal-os com a morte aos vexames e á escravidão! Contra este mal antepozeram os padres preces e procissões. (Obr. cit. Liv. VI, nº 320).

Discutia-se em Roma a conveniencia de passar ao bispo a administração dos indios, e não obstante entender-se que a proposta presumia já em si a conveniencia da cousa, as razões apresentadas eram fracas. Prevaleceram portanto, ou pareceu que prevaleciam, as que eram contra.

Declarou o geral da companhia que não devia desamparar aquellas ovelhas, sem confiança em outros pastores; que a experiencia do anno de 1571, em que se tirára os jesuitas das aldêas, prostrára que os rebanhos se tresmalhavam. Não seria isto consultar a paz; mas fugir ás claras aos trabalhos, maldições e perseguições ; que seria mais louvavel e meritorio padecer e penar por amor da justiça de Christo. Dizia o geral em conclusão que não era materia aquella para ser consultada ao de leve; e assim continuassem os padres como iam, mas com cautela e moderação, abstendo-se principalmente de offender os poderosos. Levava a mal que na Bahia e no Rio elles houvessem contendido com os governadores, embora com razão do lado d'elles, sem a modestia e a submissão desejaveis!...

Tomaram comtudo as cousas novo aspecto, no Rio, com a chegada do governador Veiga e do administrador ecclesiastico do sul, parecendo que a conversão entrava em nova phase. Callaram-se as indisposições contra os jesuitas e aggregaram-se ás aldêas uns oitocentos indios.

Chega Sachino com a sua chronica até ao fallecimento do geral Everardo; todavia não trata do Brasil nos annos de 1579 e 1580.

Não se sabe ao certo em que anno chegou Lourenço da Veiga ao Brasil; e note-se mais o engano da parte do autor, incluindo no Liv. VI factos que deviam ser relatados no Liv. VIII.

Em todo o caso dá-se lacuna, seja em 1579 ou em 1580.

José Juvencio, continuador de Sachino, quiz escrever historia e não chronica, isto é attender mais á ligação das materias do que á successão chronologica dos factos. No primeiro tomo da parte primeira da sua obra até á quinta, refere-se aos annos de 1581 a 1590. No segundo tomo comprehende de 1591 a 1616 e foi impresso em 1710, e é o livro XXIII d'este tomo que reserva para tratar da America, e d'este Liv. os cap. XVI e XVII para o Brasil. As cousas da nossa terra mereceram-lhe pouca attenção, e pelo desenvolvimento que ia tendo os acontecimentos passados nas outras partes da America hespanhola, vê-se bem que estamos no dominio dos Filippes. O Mexico, o Chili, o Perú, o Tucuman e o Paraguay, os collegios de Buenos Ayres, do Mendoza e de Santa Fé preoccupam-n'o tanto, que ficou o Brasil quasi que no olvido.

Referindo-se este escriptor á nossa terra, repete o que disseram seus antecessores, pelo que escuso resumil-o. O que diz da pacificação dos *Carijós* e *Aymorés* vem melhor declarado na *Relação annual* de Fernão Guerreiro. O mesmo se póde dizer da missão dos padres Francisco Pinto e Luiz Figueira no Ibyapaba, no que não adianta o padre José de Moraes (V. *Historia da extincta provincia*, etc.)

(Diz que os medicos mandaram o padre Anchieta para o Brasil por causa de saude e que ahi morreu. Narra depois seus innumeros milagres. « *Non Brasili coli bonitas laudabatur, et magna opus erat, longiquo ac maritima itinere.* » Apesar do que diz, não accrescenta n'este ponto

aos demais chronistas, cujas obras resumi; e quanto ao caso de Boles, occupa-se d'elle de uma maneira assaz perfunctoria, referindo apenas que accusado perante o bispo, foi preso e lançado ás chammas. Anchieta regeu sete annos a provincia do Brasil e deixou-a em 1585 por achar-se muito doente. Morreu em Rerityba a 9 de Junho de 1597 e com 64 annos de idade. Levaram os indios seu cadaver em rede para a villa do Espirito-Santo.

A 13 d'Abril de 1593 baixou a lei pondo os indios em sua liberdade; mas observa que foi burlada pelos interessados no captiveiro d'esses pobres infelizes.

No anno de 1596 foram dois padres aos *Carijós*, que estavam sempre em guerra. Esses missionarios, rompendo innumeros obstaculos, avistaram-se a final com um dos chefes—*Tacaragud*. Este, não obstante os muitos aggravos recebidos, faz pazes e entrega um filho aos padres. Partidos apenas os de *Tacaragud*, chegaram outros; pois que se espalhára rapidamente por aquelles vastos centros a noticia da chegada dos dois padres, dos quaes parece chamar-se o principal, Domingos Garcia. A terceira turma, que chegou, formou um longo circuito para evitar os inimigos que estavam de permeio; ainda assim os encontraram, bateram-se, e, posto que ficassem vencedores, sahiram tão desbaratados e quebrados da peleja que, com difficuldade, concluiram a jornada até aos padres.

Em 1600 estabelece-se paz com os *Guayanazes*, nação feroz e guerreira, e ia em mais de trinta annos em guerra com os portuguezes. Ha aqui a notar fragrante contradicção em José Juvencio, que em outra parte da obra dá esta paz como feita em 1598. (Vej. tambem para isto o *Index* de Simão de Vasconcellos).

Foram trazidas algumas mulheres d'esta raça, como captivas, a S. Salvador. Accommodou-se uma d'ellas mais

que as outras, e por tal fórma, aos costumes portuguezes, que se intentou a reducção da tribu por meio d'ella. Indo esta com presentes, que lá distribuiu, apregoando a generosidade dos portuguezes, e o quanto era bem tratada por elles, persuade a alguns de seus parentes que venham a S. Salvador. Estes assim o fazem; mas aterram-se quando se vêm entre seus antigos inimigos, perdem, porém, para logo o medo com os affagos e brindes que recebem d'elles, e assim voltam aos seus. Cincoenta dos mais animosos tentam a mesma expedição. Acolhidos d'igual modo, compellem os mais a fazerem paz e a aldêarem-se ás ordens dos padres.

Uma parte d'esta mesma nação habitava na capitania dos Ilhéos. Entrou no espirito de um irmão (jesuita) pacifical-os, e para isso aprende com summa difficuldade a lingua. Vai em missão com um sacerdote e da canôa lhes falla e lhes persuade á paz, reforçando os argumentos com presentes que trazia. Dizem-lhe os barbaros que desembarque. Os que iam na canôa, querem-n'o dissuadir; elle, porém, vendo que nada conseguiria, se, se não arriscasse, põe a sua confiança em Deus, e salta em terra. Depõem os indios os arcos, ouvem-n'o tratar da paz e armam-se com as dadivas que d'elle recebem: tudo se passa na melhor ordem, e conhecendo-os o padre tão bem dispostos, aconselha-os que mandem tres dos seus a fazerem paz com os portuguezes, promettendo de os tornar em tres dias, carregados de dadivas, ao que annuem. Foram bem acolhidos e voltam com alguns padres no prazo prefixo. Esperam-n'os os seus na praia com ruidosas acclamações e os abraçam transportados d'alegria. O chefe quebra as pontas das flechas, prega-lh'as a seu modo, e declara paz. A' vista d'isto abalam d'ahi muitos com os padres, vão á Bahia e se aldêam. Muitos d'elles vão depois

ao centro prégar aos seus pazes, que foram aceitas por grande numero d'elles, que descem e fixam-se nas aldêas, vivendo n'ella « como cordeiros, os que d'antes á moda de lobos carniceiros não se fartavam nunca, nem de sangue, nem de carniça. »

(Continúa.)

CATALOGO DOS GOVERNOS

QUE TEM TIDO A PROVINCIA DO MARANHÃO

DEPOIS DE PROCLAMADA A INDEPENDENCIA

em 28 de Julho de 1823

ORGANISADO PELO

DR. CEZAR AUGUSTO MARQUES

Socio correspondente do Instituto Historico do Brasil.

1.° Governo provisorio. O advogado provisionado Miguel Ignacio dos Santos Freire Bruce, presidente. O padre Pedro Antonio Pereira Pinto do Lago, secretario. O capitão Antonio Raimundo Pereira de Burgos, e os cidadãos Lourenço de Castro Belfort, José Joaquim Vieira Belfort, Antonio Joaquim Lamagner Galvão, e Fabio Gomes da Silva Belfort. Tomou posse a 8 de Agosto de 1823.

2.° Junta provisoria. O advogado provisionado Miguel Ignacio dos Santos Freire Bruce, presidente. O cidadão José Lopes de Lemos, secretario. O arcipreste Luiz Maria da Luz e Sá, e os cidadãos José Joaquim Vieira Belfort, Antonio Joaquim Lamagner Galvão, Rodrigo Luiz Salgado de Sá Moscoso, e Sysnando José de Magalhães. A 29 de Dezembro de 1823.

3.° Presidente, o advogado provisionado Miguel Ignacio dos Santos Freire Bruce. A 9 de Julho de 1824.

4.° Presidente interino nomeado por Lord Cockrane. O cidadão Manoel Telles da Silva Lobo. A 25 de Dezembro de 1824.

5.° Vice-presidente, como presidente da camara municipal, o Dr. Joaquim José Sabino. A 6 de Julho de 1825.

6.° Vice-presidente, o Dr. Patricio José de Almeida e Silva. A 7 de Julho de 1825.

7.° Presidente o tenente-coronel d'Artilheria, Pedro José da Costa Barros. A 31 de Agosto de 1825.

8.° Vice-presidente, o cidadão Romualdo Antonio Franco de Sá. A 1 de Março de 1827.

9.° Presidente, o marechal de campo Manoel da Costa Pinto. A 28 de Fevereiro de 1828.

10. Presidente, o desembargador Candido José de Araujo Vianna. A 14 de Janeiro de 1829.

11 Presidente, o desembargador Joaquim Vieira da Silva e Sousa. A 13 de Outubro de 1832.

12 Vice-presidente, o cidadão Manoel Pereira da Cunha. A 17 de Março de 1834.

13 Vice-presidente, o cidadão Antonio José Guim. A 3 de Março de 1834.

14 Vice-presidente, o juiz de direito Raimundo Filippe Lobato. A 5 de Março de 1834.

15 Vice-presidente, o cidadão Antonio José Guim. A 30 de Outubro de 1834.

16 Presidente, o senador Antonio Pedro da Costa Ferreira. A 21 de Janeiro de 1835.

17 Vice-presidente, o juiz de direito Joaquim Franco de Sá. A 25 de Janeiro de 1837.

18 Presidente, o capitão de mar e guerra Francisco Bibiano de Castro. A 3 de Maio de 1837.

19 Presidente, o cidadão Vicente Thomaz Pires de Camargo. A 3 de Março de 1838.

20 Presidente, o tenente-coronel d'engenheiros Manoel Felizardo de Sousa Mello. A 3 de Março 1839.

21 Presidente, o coronel Luiz Alves de Lima. A 17 de Fevereiro de 1840.

22 Presidente, o desembargador João Antonio de Miranda. A 13 de Maio de 1841.

23 Vice-presidente, o conselheiro desembargador Francisco de Paula Pereira Duarte. A 3 de Abril de 1842.

24 Presidente, o bacharel Venancio José Lisboa. A 25 de Junho de 1842.

25 Presidente, o juiz de direito Jeronymo Martiniano Figueira de Mello. A 23 de Janeiro de 1843.

26 Vice-presidente, o desembargador Manoel Bernardino de Sousa Figueiredo. A 21 de Março de 1844.

27 Presidente, o desembargador João José de Moura Magalhães. A 17 de Maio de 1844.

28 Vice-presidente, o cidadão Angelo Carlos Muniz. A 4 de Outubro de 1844.

29 Presidente, o desembargador João José de Moura Magalhães. A 23 de Outubro de 1844.

30 Vice-presidente, o cidadão Angelo Carlos Muniz. A 14 de Dezembro de 1844.

31 Presidente, o desembargador João José de Moura Magalhães. A 17 de Novembro de 1845,

32 Vice-presidente, o cidadão Angelo Carlos Muniz. A 4 de Abril de 1846.

33 Presidente, o desembargador Joaquim Franco de Sá. A 27 de Outubro de 1846.

34 Vice-presidente, o Dr. Carlos Fernando Ribeiro. A 17 de Dezembro de 1847.

35 Presidente, o desembargador Joaquim Franco de Sá. A 21 de Janeiro de 1848.

36 Presidente, o cidadão Antonio Joaquim Alvares do Amaral. A 7 de Abril de 1848.

37 Presidente, o cidadão Herculano Ferreira Penna. A 7 de Janeiro de 1849.

38 Presidente, o cidadão Honorio Pereira de Azeredo Coutinho. A 7 de Novembro de 1849.

39 Presidente, o Dr. Eduardo Olimpio Machado. A 5 de Junho de 1851.

40 Vice-presidente, o tenente-general Manoel de Sousa Pinto de Magalhães. A 9 de Julho de 1852.

41 Presidente, o Dr. Eduardo Olimpio Machado. A 28 de Setembro de 1852.

42 Vice-presidente, o tenente-general Manoel de Sousa Pinto de Magalhães. A 18 de Maio de 1854.

43 Presidente, o Dr. Eduardo Olimpio Machado. A 15 de Julho de 1854.

44 Vice-presidente, o cidadão José Joaquim Teixeira Vieira Belford. A 12 de Agosto de 1855.

45 Presidente, o advogado provisionado Antonio Candido da Cruz Machado. A 10 de Dezembro de 1855.

46 Vice-presidente, o barão de Coroatá. A 24 de Fevereiro de 1857.

47 Presidente, o bacharel Benevenuto Augusto de Magalhães Taques. A 29 de Abril de 1857.

48 Presidente, o bacharel Francisco Xavier Paes Barreto. A 29 de Setembro de 1857.

49 Vice-presidente, o bacharel João Pedro Dias Vieira. A 19 de Abril de 1858.

50 Presidente, o bacharel João Lustosa da Cunha Paranaguá. A 19 de Outubro de 1858.

51 Vice-presidente, o Dr. commandante superior da guarda nacional José Maria Barreto. A 12 de Maio de 1859.

52 Presidente, o Dr. João Silveira de Sousa. A 26 de Setembro de 1859.

53 Presidente, o bacharel Pedro Leão Velloso. A 24 de Março de 1861.

54 Presidente, o major de engenheiros Francisco Primo de Sousa Aguiar. A 25 de Abril de 1861.

55 Presidente, o conselheiro Antonio Manoel de Campos Mello. A 23 de Janeiro de 1862.

56 Vice-presidente, o senador João Pedro Dias Vieira. A 5 de Junho de 1863.

57 Presidente, o bacharel Ambrozio Leitão da Cunha. A 13 de Junho de 1863.

58 Vice-presidente, o desembargador Miguel Joaquim Ayres do Nascimento. A 23 de Novembro de 1863.

59 presidente, o bacharel Ambrozio Leitão da Cunha. A 3 de Outubro de 1864.

60 Vice-presidente, o cidadão José Caetano Vaz Junior A 23 de Abril de 1865.

61 Presidente, o bacharel Lafayette Rodrigues Pereira. A 14 de Junho de 1865.

62 Vice-presidente, o desembargador Miguel Joaquim Ayres do Nascimento. A 19 de Julho de 1866.

63 Vice-presidente, o bacharel Frederico José Corrêa. A 6 de Agosto de 1866.

64 Vice-presidente, o juiz de direito Manoel Jasen Ferreira. A 10 de Agosto de 1866.

65 Presidente, o bacharel Antonio Alves de Sousa Carvalho, A 1 de Outubro de 1866.

RESUMO

Administrações	65
Governos provisorios.	2
Presidentes.	30
Presidente interino	1
Vice-Presidentes.	20

Estas administrações foram exercidas por:

Senadores	2
Conselheiros	2
Barão	1
Doutores	5
Desembargadores	7
Juizes de Direito	3
Bachareis	8
Advogados provisionados	2
Ecclesiasticos	2
Tenente-General	1
Marechal de campo	1
Coronel	1
Tenentes-Coroneis	2
Major	1
Capitão	1
Capitão de mar e guerra d'armada	1
Cidadãos	18

Maranhão 24 de Outubro de 1866.

BIOGRAPHIA

DOS BRASILEIROS ILLUSTRES POR ARMAS, LETRAS, VIRTUDES, ETC.

ANTONIO FRANCISCO DUTRA E MELLO

A fouce implacavel da morte tem ceifado das mais formosas flôres do nosso jardim litterario.

Sem dó para o explendor da mocidade, sem respeito ás galas brilhantes dos talentos de tantos jovens ricos de esperanças e de futuro, sem poupar, se quer, a aureola fulgurosa que circumda a fronte do genio, como que se apraz, de leval-os no viçor da primavera, do sol da vida, para a tréva da morte.

Terrivel fatalidade!

Alvares de Azevedo o cantor byroniano, da *Lyra dos vinte annos*, *Junqueira Freire* o poeta monge, que tirou do psalterio os sons merencorios das *Inspirações do claustro*, *Casimiro de Abreu*, o cysne das *Primaveras*, *Castro Alves*, o trovador arrojado que cantou a—*Fatalidade*—que gemeu a seguinte estrophe, cheia de dôr e luto:

« Que resta ao triste sem amor, sem crenças?
« Seguir a sina, se occultar no chão...
« Mas quando estrella! pelo céo voares
« Banha-me a lousa de feral clarão.

Castro Alves e todos esses peregrinos, caminheiros d'esta estrada cruenta de amarguras e dôres, feriram a fronte no espinhal cerrado da noite da vida, e como o creador das *Inspirações Poeticas*, deitaram o corpo exhausto de forças, quebrado de fadiga, inerte, pallido e frio no ultimo palmo do caminho, onde sobre o marco de pedra que aponta o fim da jornada terrena, se ergue a cruz, marco sublime e santo de uma outra vida cheia de paz e de gloria.

Todos esses corações deixaram de bater, todos esses seios deixaram de amar e sentir, todos esses luzeiros da patria extinguiram-se rapidos como o meteóro que passa incendido e instantaneo, deslumbrando os olhos dos que em vão o procuram revêr na immensidade das trevas.

D'elles só ficou a saudade, a memoria, os fructos soberbos que deixaram pendidos da arvore da mocidade, do amor, e da poesia.

Possa a patria conservar os preciosos legados dos seus filhos eleitos; possam essas corôas que deixaram no pó da arena os bravos lutadores, proscriptos da felicidade, não jazerem deslembradas no pó do esquecimento; praza a Deus, que ellas perdurem no santuario das letras, para que os posteros as admirem, elevando-as como um monumento sagrado no mesmo altar onde aquellas nobres victimas se immolaram no raiar da juventude pelo amor da sciencia e da immortalidade.

Da corôa de saudades e goivos, que pende entristecida do florão brilhante da litteratura nacional, destacarei uma flôr, que desbrochou, floriu e feneceu, *precócemente*, narrando no presente serão litterario, n'esta reunião de homens illustres, pelos seus titulos e saber, dos quaes imploro a devida benevolencia, a sua rapida existencia n'este valle tenebroso no qual os prazeres se contam por instantes, e a agonia por seculos.

Quero fallar de *Antonio Francisco Dutra e Mello*, de quem disse o poeta dos *Cantos da solidão* :

« Em manso adejo o cysne peregrino
« Passou roçando as azas pela terra,
« E sonorósos quebros gorgeando
« Despareceu nas nuvens.

(Bernardo Guimarães)

Tal será o assumpto do presente trabalho.

Antonio Francisco Dutra e Mello, filho legitimo de Antonio Francisco Dutra e Mello e de D. Antonia Rosa de Jesus Dutra, nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 8 de Agosto de 1823, em uma casa da rua do Fogo, proxima á ladeira da Conceição: foi ahi, que o poeta fluminense recebeu as primeiras luzes da instrucção, que lhe prestava sua triste mãi, unico amparo que teve no mundo o infeliz caminheiro, pois ainda em verdes annos, a mão inexoravel da morte arrebatou-lhe o mais seguro arrimo—seu pai.

O pobre orphão cresceu entre a honestidade e a pobreza; desde pequeno acostumou-se ao pranto da adversidade, e talvez que as côres negras da desventura, que impedia a felicidade do lar, contribuissem muito para que o desalento e a melancolia invadissem seu espirito e fizessem com que *Dutra e Mello* pensasse na morte quando a aurora da vida lhe esmaltava o rosto juvenil.

O soffrimento do lar é tão profundo! Dóem fundo n'alma, os gemidos dos que soffrem, e pungem em silencio, forçando o riso, para que os estranhos não descubram os mysterios do interior da familia necessitada.

Quantos dramas intimos, de quantas lagrimas de sangue, não é testemunha o topo ao redor do qual se grupa a familia!

Por maior que fossem, porém os obstaculos, *Dutra e Mello* pôde matricular-se no collegio de Instrucção Elementar, e ahi fez o seu curso de estudos elementares, algebra, geometria e trigonometria, geographia e chronologia, grammatica geral, philosophia racional e moral, historia, religião, a lingua franceza, a ingleza e a latina.

Era tal o afan com que o estudante fluminense bebia a seiva da instrucção, que o capitão Januario, director do collegio de Instrucção Elementar, então sito na rua do La-

vradio onde é hoje o collegio de Santa Cruz, distinguia entre todos a este estudante como o primeiro do collegio, facilitando-lhe os meios de completar a sua educação.

Foi assim que *Dutra e Mello* pôde terminar seus estudos no anno de 1840.

Habilitado o illustre fluminense para encetar qualquer curso superior das academias do Imperio, e quando todos conhecendo a intelligencia superior de *Dutra e Mello* esperavam que o distincto estudante se matriculasse no curso medico ou no do direito, sorprehendeu elle todos os seus amigos resolvendo dedicar-se ao magisterio, para o que empregou-se logo no mesmo collegio de Instrucção Elementar onde bebêra a instrucção,

N'esse estabelecimento despertou-se-lhe o gosto pela litteratura; preferiu sacrificar o futuro lisongeiro que o aguardava, coroando todos os seus sacrificios, porque na alma do poeta havia uma impressão profunda, mimosa, irresistivel que o attrahia ao silencio do gabinete, onde devorado pela febre da sciencia, immolava sua vida preciosa empallecendo o rosto pelo excesso do estudo, e inclinando a fronte coroada de flôres da mocidade para os goivos do sepulchro.

Com effeito, emquanto seus irmãos que amavam as bellas artes, reuniam em casa varios amigos da visinhança para passarem a noite em serões musicaes, emquanto disfarçavam o tedio da vida deleitando-se com as harmonias de Donizetti e Bellini, *Dutra e Mello*, curvado sobre a meza, devorava os livros, escrevia, e em longas e profundissimas meditações nem se apercebia, que na ampulheta veloz do tempo, lhe corriam os annos, e se avisinhava a morte. Elle a procurava sem intenção de aniquilar-se, querendo que o espirito subordinasse, dobrasse a materia aos elevados arroubos de suas grandiosas aspirações, e para o conseguir, quando o corpo se prostrava vencido pela fadiga, quando a fronte

pendia chumbada pela mão do somno, o poeta fluminense, fazendo um pequeno esforço preparava café, mandava vir uma bacia com agua experta, e mergulhando n'ella os pés e tomando a excitante bebida, artificiosamente recuperava as forças que a natureza exhausta lhe negava.

Embriagado pelas noções do gosto, do bello, do sublime, mal podendo conter as impressões produzidas pelas soberbas creações dos genios com quem conversava intimamente no silencio das noites, *Datra e Mello* entoxicava a existencia, e flôr que apenas desabrochava com os fulgores da primavera, parecia fanada pender entristecida para as sombras do outono.

N'aquelle coração havia alguma ferida lacerante.

Aquella alma tinha uma agonia, aquelle seio encerrava talvez um volcão, cujo fogo lhe minava a vida. O que era?

Soube-o o tumulo, sabe-o Deus, e o espirito immortal do martyr que n'esta hora adeja purificado pelo chrysol do martyrio, nas alturas incommensuraveis do infinito.

Dutra e Mello amava a solidão. O unico futuro que o lisongeava, não eram as galas brilhantes do poder e do ouro, não eram as grandezas da terra, nem a influencia, nem o mando, nem a primazia; o sonho, a ambição do illustre fluminense, era o silencio do claustro, o isolamento da cela, a estamenha do monge!

Porque no explendor da mocidade o joven fluminense queria encerrar-se entre os muros do convento?

Ninguem o soube.

Dizia elle que uma vocação irrisistivel o impelliá para a solidão do claustro: mas os seus escriptos, notavelmente a poesia o *Amor* e o *Hymno á Noite* revelam uma dôr cruciante, um segredo pungente, um desgosto que temperava o fel vasado na taça da amargura até a ultima gota sorvido pelo infeliz moço.

Procurando encher o vacuo que tinha dentro d'alma pelo enriquecimento de instrucção e saber, *Dutra e Mello*, com invejosa força de vontade e raro talento versou em seu estudo privado o grego, o hebraico, o sanscrito, cultivou os principios elementares das sciencias physicas e os da physica celeste, merecendo-lhe a philologia e a religião particular predilecção.

Era notavel a febre, a sede da sciencia que escaldava o cerebro d'aquelle genio privilegiado a quem não foi dado attingir nem meio dia da existencia, chegando em verdes annos a possuir invejavel thesouro de conhecimentos scientificos e litterarios.

Não nos podemos furtar aqui ao prazer de citar alguns trechos mais selectos, de suas excellentes producções impressas na *Minerva Brasiliense*:

« A' Noite : . . . . . .

« Noite amiga dos homens ! Teus mysterios
« Coração de quem ama não deslembra.
« Podem muitos cantar em lyras d'ouro
« Enlaçadas de brancas sempre-vivas,
« De perolas, não de lagrimas bordadas;
« Correr dedos na lyra olhando uns olhos,
« E ver descer um beijo, e as mãos queimar-lhe.
« Mas eu na harpa de bronze dos finados
« Onde a rôxa perpetua, onde o suspiro
« Abraçando a saudade se entrelaçam,
« D'onde um véo côr da morte á terra desce
« Eu só posso cantar funebres cantos
« Carpidas nenias que o feliz desama.
« Só, no campo, lá quando abrindo as azas
« Tu me acolhes, saudosa, oh ! noite, experto
« Em lembrança do que só tu conheces,
« Que eu guardo, e que uma tumba nos comparte.

Em todo esse hymno « A Noite » semelhante ao hymno a « Tarde » de M. Odorico Mendes, encontrar-se-ha versos repassados do scismar mavioso das almas ternas, e da profunda melancolia do poeta pensador. Em muitas das poesias impressas na referida *Minerva Brasiliense* se distingue o *donaire* rarissimo da individualidade propria. O autor das *Inspirações Poeticas* une á pureza e á elegancia do bom gosto classico, o viço, o frescor, e a novidade do romantismo. Tem a phrase correcta, o estylo vivo e brilhante, a imaginativa vestida de galas, o que dá as suas creações o cunho da grandeza, que só póde produzir o genio.

Não ha n'ellas a enfadonha reproducção do pensamento, o desluzido da imitação, nem a sombra escura do sensaborrão, mesclando o brilhantismo da prosa ou do verso; não se nota o carregado no colorido, o pesado na descriptiva, nem a phrase heteroclita.

Continuemos a citação :

« Hymno á Noite :

« Luminoso esteirão mal deixa ao longe,
« De ouro e purpura acceso o vasto carro
« Em que o dia cercado de seus raios
« Pelo ether passêa :
« E a noite melancolica e sombria
« Colhendo sobre a fronte os soltos cachos
« Dos humidos cabellos,
« Em torno dos hombros ageitando o manto,
« Lança ás redeas mão ; solta a carreira
« Aos seus negros ginetes.
« Emquanto despeitosas murcham, pendem,
« Nas campinas as flôres,
« Emquanto um suspirar surdo e longiquo
« Lamenta a ausencia do explendor do dia.

« Lucidas brilham tremulas estrellas
« De pharóes lhe servindo Ai! como é triste
« A solitaria marcha de amargura
« Que abatida percorre a linda noite!
« Seus negros olhos, e a carroça ebanêa
« Que pelo céo atira
« As suas longas noites tenebrosas
« Olhos desviam que o fulgor da aurora
« Rutilante convida.
« Oh! ninguem busque vê-la! Aves e plantas,
« Homens, tudo a abandona! Ingratos, fogem
« Como ao leito mortal do extincto amigo.
« Tu és oh! dia o predilecto encanto
« Da natureza inteira;
« Todos amam colher as aureas flôres
« Que as rodas do teu carro a terra lançam
« Para o teu rutilar volvem-se os olhos
« E ninguem busca a noite! O somno os prende,
« Emquanto vagaroso vai seu plaustro
« As campinas do céo placido arando.
« Mas tu me és sempre deleitosa e cara,
« Oh! Noite melancolica! a minha alma
« Attractivos em ti descobre anciosa
« Não ama o perylampo a luz do dia
« Nem as aves da morte então soluçam.

Da poezia—*o Amor*—offerecida ao *Sr. Dr. J. Jardim Junior*, citaremos o seguinte. Amor:

« Abre teu coração: que has encontrado
« Que has sentido em ti mesmo tão ditoso
« Que te faça almejar vida de séc'los?
« Em que altar cá da terra com mais gosto

« Firmar o teu thurybulo fizeste?
« Que has tu visto que possa equiparar-se
« Ao volver penetrante e meigo e terno
« D'uns olhos que ennunciam
« Essa phráse que o céo nos patentêa?
« Quando te freme, ah! dize mais ardente
« O coração sensivel
« Do que n'esses momentos
« Em que nevada mão sobre teu peito
« O velóz palpitar brando interroga?
« Em que roliço braço de alabastro
« Sobre os hombros te cahe?
« Quando? ah! dize-me, quando
« Em doce embriaguez, em doce arroubo
« Teus sentidos se perdem, se desvairam
« Mais que n'esses colloquios
« Onde em maga expressão a alma se pinta
« Onde um beijo de fogo devorante
« Scella em faces de nacár um protesto?
« Que lembrança ha mais grata e animadora
« Do que sabermos que por nós existe,
« Inda um ente na terra que nos ama,
« E que vela talvez quando velamos
« E cujo coração por nós palpita
« E cujos pensamentos já são nossos?

Esta poesia em verdade, belleza e sentimento não é inferior ao *Chant d'Amour* do cysne de França.

O elevado engenho do illustre poeta fluminense sobretudo se revela na poesia « O cometa de 1843 » onde a originalidade da idéa e justeza do métro, e a elegancia do verso unida a correção da phráse, estão tão bem combinados

que faz realçar o merito d'essa poesia de que citarei o seguinte. O cometa de 1843.

« Deus os creou no espaço;
« Deve pois ter um fim; nada creado
« Vaga incerto nos ares se librando.
« Oh! Quem diz que não são nuncios do Eterno?
« Oh! Quem diz que um tal astro ser não possa
« O Anjo do systema, que passêa
« Visitando os dominios que dirige?
« Quem diz que não será carcere errante
« Cheio d'almas de reprobos de um mundo,
« Vivo, morto e julgado antes do nosso?
« Ninguem, certo, ninguem. Taes conjecturas
« São como outras quaesquer soltas ao vento.
« Mas para que desgarrar o pensamento
« Nos paramos de duvida? Perplexo
« Para que tactear o vão das trevas
« Apalpando sem nada haver achado?
« N'um deserto perder-se ante a incerteza
« Não sabendo a verdade que nos cumpre?
« Deixemos, pois, vagar na immensidade
« Globos que se revolvem
« Procuremos achar-lhes os caminhos
« E vejamos na pratica os agourós
« Como se cumpriram. Nem mais devemos.
« Ide, pois, astros pallidos gyrando
« Solitarios no ar. O Anjo do Globo
« Acenando com a mão queira arredar-vos.

A *Esperança na Morte, Cantico de um solitario*, é um artigo em prosa impresso na *Minerva Brasiliense*, cujo estylo biblico, cheio de poesia, puncção, e dôr revela quanta

angustia minava aquelle seio, quanta dôr e agonia descalvava aquelle rosto onde as rugas prematuras, fructos das longas insomnias e profundas lucubrações, sombreavam a fronte de um joven de 22 annos.

Ouçamos o poeta, o martyr:

« Eu tinha uma lagrima no fundo do meu coração e guardada estava ella para as minhas ultimas dôres.

« Um golpe sobreveiu horrivel, e ella se escoou como a ultima gota de um vaso fendido.

« Entretanto não me alveja a fronte, e a minha cabeça não pende ainda para a terra e comtudo vejo que hei pouco de vida. »

O poeta continúa assim n'esse estylo merencorio e sublime, revelando que um golpe horrivel fizéra verter a sua derradeira lagrima que elle guardava para as ultimas provações da vida.

O que seria?

Repetirei como em outro lugar d'este trabalho: sabe-o Deus, o tumulo, e a alma bemdita do poeta.

Aos martyres da terra não é dado revelar o porque lhes punge o coração ainda na aurora da existencia, porque o tedio e a descrença lhes invade o espirito no meio dos fulgores da vida, porque o véo da tristeza lhes vela a fronte empallecida, elles o sabem, elles o confessam ao Deus de sua religião, do alto de sua cruz e do seu calvario, e por isso Deus os ouve, terminas-lhes a pena, sellando-lhes o ultimo gemido da dôr nos labios sequiosos e frios, antes que o veneno da culpa os atire perdidos para a eternidade no mais negro dos abysmos.

E' a misericordia de Deus que apressa a hora do repouso para o caminheiro extenuado no perigo de cahir exhausto antes do ultimo marco do caminho.

Por essa razão *Dutra e Mello* acabou o seu artigo da seguinte fórma:

« Volvi os olhos para todas as partes e meus labios provaram de todos os fructos da vida.

« O seu aspecto encantava-me a vista; o seu principio era a doçura e o'mel, o seu fim tinha o travar do absynthio.

« E no seio dos meus delirios procurei um prazer estavel e todos se desfaziam como o nevoeiro.

« E o mal bateu-me com suas azas negras e despejou sobre mim a sua taça de amargura.

« E do choque de minhas reflexões desprendeu-se uma idéa de fogo e lançou vasto clarão em minh'alma.

« E o meu espirito ousou perguntar em si mesmo: se a morte era um mal, se a vida era um bem. »

E o poeta termina bemdizendo a Deus e reconhecendo n'elle seu unico bem.

O illustre escriptor compôz tambem o estudo critico sobre a *Moreninha*, romance publicado em 1844 pelo nosso illustre consocio Dr. J. M. de Macedo.

Os homens de letras que lerem esse trabalho se convencerão que elle foi produzido por um adestrado critico conhecedor da litteratura e profundo na arte de escrever e fallar correctamente. A somma de conhecimentos e erudição que esse trabalho offerece seria só por si unico pedestal para o erguimento de qualquer reputação litteraria.

Nos *Cedros do Libano*, o distincto escriptor fluminense mostra o arrojo do seu pensamento, e a força do seu estylo grandioso.

Citaremos o seguinte trecho:

« A mão que extrahira do nada o Universo, e que na phrase dos poetas subjugára as tendencias anarchicas do cháos, que das trevas e da confusão fizéra rebentar a luz e a harmonia, essa mão que acenando apenas, restituiria ao

abysmo a presa que lhe arrancaram, não contente com os mil prodigios que com seus hyerogliphos estampára em toda a parte, e das scenas embriagadoras que nos offerecem a terra e os céos, deixou-nos alguns espectaculos em que seu dedo se manifesta irresistivelmente, em que a intelligencia humana, concentra-se humilhada, ferida pelo assombro ou pelo terror, arrebatada pelo enthusiasmo ou pela gratidão. Ahi recuára confundido o espirito do homem, se em frente á magestade d'essas maravilhas, em que o terrifico e o sublime se confundem, em que a ultima expressão do bello resplandéce, em que o grandioso paira sobre a desordem, se senão sentisse capaz de comprehendel-as, senão de admiral-as. »

Tambem é de *Dutra e Mello* a descripção do *mosteiro de Monserrate* da ordem do patriarcha *S. Bento*, onde o homem estudioso e amigo das excurções archeologicas encontrará um bello documento historico sobre a origem e construcção d'esse mosteiro.

As damas fluminenses foram tambem prendadas pelo eminente poeta, com o seu mui apreciado *Ramalhete Poetico*, no qual cada flôr foi cantada e celebrada com a maestria propria de quem tantas flôres deixou no seu jardim poetico.

Por tanto trabalho, por tão vasta erudição, foi *Dutra e Mello* distinguido com o diploma de socio das seguintes associações litterarias: *Instrucção Elementar*, *Atheneu Fluminense*, *Arcadia Brasileira*. *Minerva Brasiliense*, *Sociedade Polytechnica de Pariz*, *Auxiliadora da Industria Nacional*, e *Instituto Historico Geographico Brasileiro*, do qual era sem a menor contestação um dos mais brilhantes luzeiros.

Dutra e Mello teve de parar na gloriosa carreira, a mão do Altissimo apontou ao martyr o caminho da verdade, da luz e da gloria, e o proscripto deixando no pó da terra do

primeiro homem, a alma, o eu, desprendido dos liames da terra, entregando aos vermes a corrupção, adejou liberto pelas campinas azues e deslumbrantes de uma a outra esphera divina e immortal.

Sagremos a sua gloria, a sua immortalidade.

O seu nome indelevelmente escripto nas paginas de ouro onde a patria memora os seus faustos e as suas glorias, permanecerá para sempre.

Antonio Francisco Dutra e Mello viverá emquanto viver o ultimo gigante secular de nossas florestas, e a derradeira cabana do que lavra nossos campos; emquanto a ultima pedra da cidade brasileira não fôr abatida, o *Brasil* celebrará orgulhoso o nome de seu filho benemerito.

E' a suprema conquista do Genio.

Dr. José Tito Nabuco de Araujo.

TYP. DE PINHIRO & C.ª RUA SETE DE SETEMBRO N.º 159

REVISTA TRIMENSAL.

DO

INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO, E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

4.º TRIMESTRE DE 1873

APONTAMENTOS

PARA A

HISTORIA DOS JESUITAS

NO BRASIL

Extrahidos das Chronicas da Companhia de Jesus

PELO

DR. ANTONIO HENRIQUES LEAL

Socio do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil

(Continuados do 3.º trimestre, pag. 178)

ANNALES LITTERARII

E' collecção, escripta em latim, que promette muito, e dá muito pouco de si. As noticias incompletas, sem nome de pessoas nem de lugares; tornando-se-me por isso mui difficil colher o que aqui resumo.

Anno de 1581. Conta a provincia do Brasil oito casas, e cento e trinta e sete socios: morreram tres; entraram cinco, e effeituaram-se 330 casamentos e 1,300 baptismos.

Começou a primavera d'este anno com chuvas copiosas,

como nunca de antes as houvéra na Bahia; ventanias de arrancar arvores, e por cumulo de desgraça sobreveiu peste com tanta crueldade, que só em uma aldêa, no espaço de dois dias, morreram sessenta neophytos.

Faz-se por esse tempo missão a um monte altissimo, que demora no interior da Bahia. Os selvagens mandam embaixadores e vai um padre ao encontro d'elles; mas um mameluco introduz a sizania entre elles, de modo que só desceram duzentos indios.

Nada succede no Rio de Janeiro, a não ser o medo de duas náos francezas, e isto quando a cidade estava sem tropa, e o governador ausente; mas retiraram-se ellas sem tambem fazer damno.

Em Pernambuco deram-se conciliações d'amizades e composições de dividas por intervenção dos jesuitas.

Nos Ilhéos começa a fazer milagres a cabeça ou queixada (o latim diz *os*) do martyr S. Gregorio, que o geral da companhia lhes mandára seis annos atraz. Os *Aymorés*, sempre vencedores d'antes, começam a recuar por milagre d'essa reliquia. Dizem os *Annaes* que aquella nação era tão feroz que arrancava as crianças do ventre ás mãis, e logo alli as assava em espetos, e as comia na propria presença dos pais e parentes.

1582.— Não se trata do Brasil.

1583.—Bahia.—O administrador do bispado, em artigo de morte, reconcilia-se com a sociedade de Jesus da qual se mostrára sempre adverso.

N'este anno houve alli fome e depois molestias, de que morreram muitos.

No collegio de Piratininga se trata da conversão dos *Maramonis*, sendo d'isso encarregado um dos padres.

1584. — Morreram dois padres, entraram seis; sendo o numero total d'elles, na provincia, 142.

Bahia.—Cria-se alli a irmandade das *Onze Mil Virgens*; por que faltando chuvas e havendo muita secca, fizeram preces e procissão nocturna, indo n'ella um andor com a cabeça de uma das Onze Mil Virgens, e logo se toldou o céo e começou a chover.

Representaram os padres por essa occasião um mysterio ou auto, cujo espectaculo é digno de narrar-se aqui: caminhava Santa Ursula com rodas disfarçadas, e para ella se inclina um Anjo que traz a palma do martyrio: as Virgens a chamam em côro e querem todas dar o sangue pelo Digno Esposo, disparando-se n'ésse momento tiros que representam o triumpho. Recebem-n'as por ultimo coros d'anjos, que entoam seus louvores. « O publico chorava » dizem os *Annaes*, e accrescentam: « Não se póde significar quanto começamos a ser procurados e concorridos, depois d'esta solemnidade. »

Ha no Rio de Janeiro 160 baptismos, em Piratininga 170, e em Pernambuco 190, acontecendo mais entrar para o collegio d'esta capitania um moço para noviço, bom discursador, engenho ardente: « *ut omnia de eo sperari jam liceat.* »

1585.— Pernambuco.— Dois figurões brigam por causa da autoridade: estavam para vir ás mãos e a cidade em alboroto, pelo que o Senado recorre aos padres, e os dois inimigos se congraçam *coram populo.*

O visitador tinha ordenado que todos os annos andassem dois padres pelos engenhos d'assucar em desobriga, como se fazia na Bahia. Idéa catholica, mas jesuitica na essencia era essa; pois não faltavam esmolas de vulto aos padres.

Vão dois padres, não dizem quaes, á conquista da Parahyba; e fazem-se n'esse mesmo anno, na Bahia, 950 baptismos.

Appareceu por esse tempo entre os indios uma nova superstição, que fez muito damno, tanto mais quanto, approximando-se aos ritos da igreja, attrahiam os incautos com a novidade.

Explicavam os schismaticos na sua improvisada seita, que eram os portuguezes que se afastavam da verdade. Arvorou-se um d'elles em pontifice, elegia bispos, ordenava sacerdotes, ouvia de confissão; levanta casa para educação das crianças, dizendo ahi missas, fazendo rosarios com quantas fructas de semente dura e redonda apanham os seus, livros de cascas e taboas e com umas garatujas, para figurarem de breviarios, « que não podia ser senão innovação do proprio demonio. » Dizem que para chegar-se a ser santo, convinha passar por certo gráo de demencia, e para isso os que o queriam ser, bebiam o summo de tabaco e cahiam logo em convulsões espasmodicas e horriveis, revolvendo-se no chão e pronunciando cousas inintelligiveis, etc. Sobrevinha a este periodo o do torpor, e logo que voltavam a si, lavavam-se e estavam santos, tanto mais legitimos quanto mais violento fôra o ataque.

Dizia o tal *Papa* que os seus maiores viviam em um navio para os resgatar d'aquelle durissimo captiveiro. Então morreriam ou seriam mortos todos os estrangeiros, e os que resistissem se converteriam em peixes, porcos e féras dos matos; que os indios, que tivessem fé, se haviam de salvar, e os incredulos seriam pasto das feras e das aves de rapina. Envia elle seus nuncios e prégadores aos indios que viviam com os portuguezes, propaga-se a superstição entre elles, e fogem das aldêas com os escravos talando as plantações e ateando fogo ás casas. Nada poupam como homens, que para andarem mais ligeiros na fuga, começam pelo infantecidio.

Por fim, os proprios, que haviam fugido das aldêas dos

dos padres, foram os que se insurgiram contra o *Papa*, prendem-n'o, maltratam-n'o, e tel-o-iam morto se lhes não acudisse que deviam leval-o ao governador como premio de seu perdão ; mas este com melhor aviso entrega-o a elles para que façam justiça por suas mãos. Estes arrastam-n'o para a aldêa, arrancam-lhe a lingua e o enforcam.

Não é para admirar este facto, quando ainda hoje se dão outros semelhantes no valle do Amazonas, não só de apparições de papas mas de Christos, como ainda ha pouco succedeu.

Ilhéos. — Havia aqui duas aldêas com oito padres ; por que o trabalho era muito. Todos adoecem, vindo a succumbir de entre elles o padre Manoel de Paiva, com quarenta e tres annos da companhia e quarenta e dois do Brasil : *obediente ut codex ad pueri ductum.*

Rio de Janeiro.— Estão os indios (não dizem os *Annaes* quaes sejam) em guerra, e vai a elles um padre com um irmão, e expostos á continuas e rigorosas chuvas. Trazem os dois socios para as aldêas da companhia seiscentos d'estes indios.

S. Vicente.— Quer o padre visitador mudar as casas da companhia para lugar mais commodo, e para isso lhe deram os cidadãos *duas optimas ;* mas apesar de tão generosas dadivas não se mudaram ; tendo havido iguaes offertas em Piratininga com identicos resultados.

1586. — Não trata do Brasil.

1587. — Entraram n'este anno dez noviços e morreram tres. Morre tambem na Bahia o padre Manoel de Barros, que estava, ia em nove annos, na provincia.

Augmenta-se o collegio, melhoram-se os ornamentos, e tornam-se mais frequentadas as escholas.

N'esse mesmo anno morre em Pernambuco o padre

Francisco Teixeira, que em 1586 se fôra á Parahyba, onde consegue que o chefe dos selvagens com mais trinta dos seus fossem baptizados.

Rio de Janeiro.— Morre o padre Balthazar Alvaro entre os discipulos, e succede por este mesmo tempo que a irmandade das Onze Mil Virgens fizesse de novo preces, pedindo chuvas.

Espirito-Santo.—Contam-se aqui dez mil neophytos.

Piratininga.—Os *Morominis* fazem amizade com os portuguezes, e como ninguem lhes soubesse a lingua, entendiam-nos por acenos, até que um padre occupou-se de aprendel-a.

1588—1589.— Não trata do Brasil.

1590.— Abrem-se na Bahia as casas do Gymnasio com uma douta oração do professor de humanidades, sem que deixassem de lhe assacar epigrammas. No dia de N. S. da Conceição foram premiados doze alumnos em philosophia com grandes festas da cidade de S. Salvador e do seu bispo, o qual se mostrou nobre e generosamente inclinado a favorecer estes estudos, para o que estabeleceu um premio em assucar no valor de trinta moedas d'ouro *(triginta aureis destinantur)* para ser destribuido em premios aos discipulos.

Dispensava este prelado favores não menos valiosos á irmandade das Onze Mil Virgens, para cujo altar prometteu dar perpetuamente cera.

N'este anno emprehendem tres padres, sendo dois de missa, e um irmão, a missão a algumas duzentas leguas da cidade da Bahia, e percorrem esse caminho difficil pela solidão das mattas e copia das aguas. Chegados que foram aos indios, persuadem-n'os a que desçam para lugares mais commodos; porém convêm n'isto sómente 150 d'elles, recusando-o os mais formalmente.

No collegio do Rio de Janeiro morrem n'esse anno o padre João Baptista, que tinha dezoito annos do Brasil, e era pratico na lingua geral. O administrador do bispado d'essa capitania mostra-se cada vez mais inclinado aos jesuitas. Dão-se n'este anno 172 baptismos.

1591.—Morre em Piratininga o padre Manoel de Chaves, de oitenta annos de idade, constante em suas peregrinações a pé, e quasi sempre descalço.

Os barbaros, depois d'essa morte, vêm em grande multidão sobre Piratininga. Devastam os campos, matam os rebanhos, lançam fogo ás povoações: não ha descanço, nem folga para os cercados, e até desesperam da salvação; por que poucos em numero, posto que mui valentes, não se atreviam arrostar esta tempestade de barbaros que os opprimiam.

Vem a toda a pressa em soccorro d'elles tropa de Santos, d'onde se havia pedido reforço. Já os arrebaldes eram tomados, e destruida a igreja de Santa Maria, que era ahi situada. Os neophytos fizeram proezas, offerecendo-se intemeratos ás settas dos inimigos. Estes, depois de repetidos ataques, retiraram-se em vergonhosa fuga.

Conta mais o autor que na tomada do templo da Virgem, apoderaram-se estes barbaros da imagem e cortaram-lhe a cabeça, sendo feito depois prisioneiro o autor d'este sacrilegio, expirou atado á cauda d'um cavallo.

Ha na Parahyba por esse tempo 10100 christãos.

Diz o autor que receberam baptismo, na capitania de Pernambuco, 8426 indios, o que faz crer que o decrescimento da população convertida foi rapido e espantoso pelo que hoje existe d'ella.

Na Bahia faz-se n'este anno 160 baptismos; e morreram nos dois annos (1590—1591) tres noviços e entraram quatro.

1592.—Não fallam os *Annaes* no Brasil.

1593.—Fmbora não se occupe o autor particularmente do Brasil, traz este trecho digno de reparo :

« Pelo tratado de cazamento da infanta D. Catharina em 23 de junho de 1661, com Carlos II de Inglaterra, deu-se, diz o autor dos *Annaes*, á princeza um dote de dois mil contos. cedeu Portugal Bombain e tanger e abriu aos inglezes os portos do Brasil, onde lhes foi permittido residir e habitar com os mesmos privilegios dos portuguezes quanto ao commercio».

Quando foi por occasião da restauração da Bahia, o conde duque d'Olivares, ministro de Hespanha, fez entrega a D. Fradique de dois ou tres milhões para despezas da guerra.

Deshouveram-se elles depois, e o conde d'Olivares, que governava tudo, ajudando-se de valimento, para se vingar de Fradique, mandou-lhe tomar contas,e por ellas achou-o alcançado em meio milhão. Apertou com elle que o pagasse ou désse descarga: deu-lh'a elle, e esta em poucas palavras: « Que o gastára em missas ás almas, em esmollas e obras pias,para que Deus lhe désse a victoria, que alcançára e que muito mais valia.» (152). Bom tempo era esse em que um general saldava contas por meio tão prompto e facil!...

Restauraram-se as capitanias da Bahia e Pernambuco, não pelo parecer do celebre jesuita, que opinava que se abandonasse esta aos hollandezes, como se verá melhor á pagina 132 da sua *Arte de Furtar*, e mais amplamente desenvolvido na biographia do padre escripta pelo distincto litterato João Francisco Lisboa (IV volume das suas *Obras)*.

(152) Vej. no cap. XX da *Arte de Furtar* do padre Antonio Vieira.

Finaliso este extracto pela curiosa estatistica dos collegios e residencias, como vem nos *Annaes*.

COLLEGIOS E RESIDENCIAS	ANNOS									
	1581	1582	1583	1584	1585	1586	1587	1588	1589	TERMOS
Bahia	75		0	62	72	15	5	70	0	81
Rio de Jan. .	20			25	27			30		22
Pernambuco .	16			22	21			22		3
S. Vicente: .	7			7				11		84
Piratininga .	4			4	7			7		85
Espir.-Santo	6			8	Por todos					86
Porto-Seguro	6			4				11		57
Ilhéos	6			5				11		88
	136			142	150			162		89

COLLEGIOS E RESIDENCIAS	ANNOS										
	1590	1591	1592	1593	1594	1595	1596	1597	1598	1599	1600
Bahia . . .		70									
Parahyba .	3										
R. de Jan.		25 a 30									
Pernamb. .		22 a 25									
S. Vicente.											
Piratininga											
Esp.-Santo											
Porto-Seg.		9 a 11									
Ilhéos . . .											
Totalidade	161	172									

Desde o anno de 1601 até o de 1633 apresentam os *Annaes* os mesmos collegios e residencias, sem comtudo assignalar-lhes o *quantum*, deixando os mappas em branco, e assim incompleto semelhante trabalho, o que acontece tambem nas suas demais partes.

RELAÇÃO ANNUAL DAS COUSAS QUE FIZERAM OS PADRES DA COMPANHIA ETC.

Pelo padre Fernão Guerreiro.—5 vol. (Imp. 1602 MDCXI).

Occupa-se esta obra, aliás mui estimada pela pureza e elegancia de linguagem com que está escripta, e ainda mais pela escacez dos exemplares completos, das cousas do Japão, Ethiopia, e com bastante desenvolvimento; mas quando refere-se ao Brasil emprega n'isso apenas o liv. II do tomo II e o liv. IV do tomo IV; e pouco é o que d'ahi colhi.

Diz o chronista, que em consequencia da apparição em 1602 de um cometa, assola a Bahia cruelissima peste.

Nos Ilhéos dá-se uma incursão de piratas, que roubam e devastam a terra, nivelando a igreja com o solo e escarnecendo dos vasos sagrados. Augmentava-se no emtanto a grei de Christo: conseguem quatro sacerdotes fazer descer os *Amoapyras*, tão superiores aos demais indios, tanto no manejo dos arcos como na fereza.

Dá tambem conta de uma expedição de seis padres aos *Carijós*, e passa depois a apresentar o seguinte catalogo das residencias e collegios no Brasil:

Anatuba, missão do collegio da Bahia.

Bahia, collegio

S. Barnabé, missão do collegio do Rio de Janeiro.

Aldêa de Cypotyba.

Bethlem, seminario.

Camamú, residencia e collegio da Bahia, e ha tambem com o mesmo nome uma missão pertencente a este collegio.

Canabrava, missão do collegio da Bahia.

Cabo-Frio, missão do collegio do Rio de Janeiro.

Carapicuiba, residencia e collegio de S. Paulo.

Conceição da Virgem Maria, ou da Santa Virgem, resi-

dencia de Gurupotyba, do collegio do Pará, junto ao Amazonas.

Conceição da Virgem Maria, residencia do Pinaré, do collegio do Maranhão.

Conceição da Virgem Maria, residencia de Tapajós, do collegio do Pará.

Ceará, missão.

Espirito-Santo, residencia e collegio do Pará.

Espirito-Santo, collegio.

Espirito-Santo, missão do collegio da Bahia.

Goytacazes, residencia do collegio do Rio de Janeiro, em Campos dos Goytacazes.

Guayurú, missão do collegio de Olinda.

Ilhéos, residencia do collegio da Bahia.

Itinga, missão do collegio do Rio de Janeiro.

Jaboatão, residencia do collegio da Bahia junto ao Rio de S. Francisco.

Jurú, missão do collegio da Bahia.

Maranhão, collegio.

Mortiguera, collegio do Pará.

Olinda, collegio.

Pará, collegio.

Parahyba do Norte, residencia do collegio do Recife.

Parahyba do Sul, residencia do collegio de S. Paulo.

Paranaguá, residencia do collegio de S. Paulo.

Porto-Seguro, residencia do collegio da Bahia.

Recife, collegio.

Rerityba, residencia do collegio do Espirito-Santo.

Reis-Magos, residencia do collegio do Espirito-Santo.

Rio de Janeiro, collegio.

Rio da Prata. missão da colonia do Sacramento, pertencente ao collegio do Rio de Janeiro.

Rio de S. Francisco, missão do collegio da Bahia.

Santa-Cruz, residencia do collegio do Rio Janeiro.

Sacco, missão da aldêa do mesmo nome e do collegio da Bahia.

Santos, collegio.

S. Paulo, collegio.

S. José, residencia do collegio do Maranhão na aldêa de S. José de Riba-mar.

S. João Baptista, residencia e collegio do Maranhão, fronteiras á cidade (em Vinhaes).

S. João Baptista, residencia nos Caetés.

S. Miguel, residencia.

Serinhaem, missão do collegio da Bahia

Tupynambás, residencia do collegio do Pará.

Tajupeba, residencia, do collegio da Bahia.

Uratagui, missão do collegio d'Olinda.

Nheengahyba. missão do collegio do Pará.

Nossa-Senhora do Desterro, residencia no Xingú, do collegio do Pará.

Nossa-Senhora da Escada, residencia do collegio da Bahia.

Tratando o padre José de Moraes na sua *Historia da companhia de Jesus*, com tal qual individuação dos padres Figueira e Pinto, acho ocioso extractar d'este autor o que relata a respeito do que succedeu a estes jesuitas, e passo a resumir o que ha de bom em Murcio Viteflescho, (anno de 1616-1625).

1616. — Não se tinham abrandado os odios contra os jesuitas, defensores da liberdade dos indios. Estas queixas nem sempre foram baldadas: mais de uma vez os homens poderosos tentaram com tumultos populares coagir os padres a abandonarem a administração dos indios, e apezar dos magistrados abafarem as sedições, cujos clamores iam sempre em crescimento. Espalhou-se que elles auferiam grandes e enormes proveitos da administração dos indios,

e que esses productos deviam entrar com mais justiça para o fisco! Chegou isto á metropole, e o rei, bem ou mal informado, tirou aos jesuitas essa administração, confiando-a d'outros sacerdotes; e assim triumpharam os interressados no captiveiro dos indigenas, e não houve mais pôr obstaculos á sua cobiça. Mais parece que a alegria não foi de longa duração; pois que o novo governador Gaspar de Sousa, chegando á Bahia, apenas pôde ver as cousas por si, e informando-se das falsidades que haviam prevalecido na côrte para solução d'este negocio, escreveu ao rei « informando-o de quanto convinha ao serviço de Deus, ao seu e do povo, isto é, que as aldêas continuassem a ser administradas pelos padres como d'antes; que os seus lucros nenhuns eram, a não ser o que elles dispendiam com o culto divino e salvação das almas dos indios; que haveria perigo em prival-os de seus *curas*; que do contrario se recolheriam de novo aos matos com gravissimo prejuizo da real fazenda, pela diminuição dos tributos. »

Tomou o rei esse accordo e os padres voltaram á administração dos indios. N'este anno (1616) apparece nova peste, em que se manifestou a caridade dos padres, e com este procedimento captivam a vontade aos moradores. Vitellescho falla tambem d'umas aguas milagrosas e narra assim o facto: que um neophyto, chamado Antonio, atacado gravemente da peste, foi ao mato proximo em procura de não sei que herva. « Cahindo desfallecido e quasi no ultimo alento, eis lh'apparece um venerando varão, vestido com o habito de S. Francisco, o qual apontando para uma fonte que sahia d'uma lapa como que lhe ordenava que d'ella bebesse, e logo desappareceu. O homem cobrando animo viu a fonte mais distinctamente e approximou-se d'ella, bebeu e sarou. Correu fama, e a virtude da agua se conservou constante.

Todos crêram que o franciscano não era outro senão o proprio Santo Antonio. »

No tempo do governador Gaspar de Sousa effeituou-se a expedição para a expulsão dos francezes do Maranhão. Nove navios, quarenta veteranos, trezentos indios escolhidos frecheiros,e por chefe Alexandre de Moura que levou comsigo os dois padres Manoel Gomes e Diogo Nunes e tomou posse da ilha. Expede d'ahi Caldeira que chega ao Pará, onde fez um forte. Dizem que os indios como que sofregos pediam o baptismo; era grande o fructo; mas os padres não podiam fazer longa demora; que não tinham licença para isso. Diz o autor que até de duzentos mil passos, ou cousa de 70 leguas,vinham embaixadores dos indios;mas elles não tendo quem os continuasse a guiar na religião, deram o baptismo a alguns na hora da morte, e voltaram com a frota a Pernambuco; mas ainda assim levantaram cruzes em muitos lugares, e expozeram muitas imagens é adoração publica, Esta ultima parte me parece muito duvidosa.

O que houve de mais notavel foi a introducção no Brasil das preces de quarenta horas nos tres collegios, unicos que então existiam n'aquellas conquistas.

Não se sabe quantos baptismos houve no anno, mas deram-se no triennio mais de 3:330 em crianças, e mais de 1:200 em adultos.

Fez-se grande serviço a Deus com os africanos; que já os havia então em grande copia, vivendo nos engenhos sem terem pela maior parte de christãos mais que o nome,e ainda esses mesmos nem sempre eram levados á pia baptismal. Viviam nas fazendas, como nos sertões d'Africa, com toda a licença e máos vicios, uma vez que isso não prejudicasse ao serviço dos senhores, e mal conheciam a igreja. Sahiram alguns padres em desobriga pelo reconcavo e acharam

mais de 9000, que ha tres annos pelo menos senão tinham confessado.

Seria longo, diz o autor, enumerar todas as expedições que emprehenderam os padres jesuitas; mas d'algumas ao menos, bem que se conserve a memoria, ou porque foram de grande risco ou porque tiveram resultado equivalente ao perigo, ou porque afastaram-se do commum, servirão para exemplo e utilidade dos que lerem.

A primeira d'estas missões foi a dos padres Antonio de Araujo e João de Mendonça ás montanhas do Arabe *(ad montem arabicum)*. Este monte, quasi inaccessivel, intromette-se pelas terras dentro muito distante de S. Salvador. Tem duas leguas de comprido e pouco mais de metade de largura. Aqui viviam muitos indigenas dos que se tinham retirado das praias, e outros fugidos do captiveiro; e pela maior parte em lastimosa confusão.

Tomados poucos companheiros, alguns sem armas, commetteram aquelles dois padres a jornada, confiados que acabariam com elles a que de novo se voltassem ás praias e tomassem a doutrina de Christo. Caminharam muitos dias por medonhas solidões, e por matos enormemente espessos e onde não descobriam vestigio humano. Aconteceu-lhes frequentes vezes terem de abrir caminho a ferro, ou de treparem montanhas a pés e mãos, e de soffrerem por fim os horrores e miserias da fome; por que consumida a matolotagem, tiravam o principal remedio da sua vida d'algum mel silvestre que por acaso deparavam nas arvores.

Consumiram quatro mezes n'esta perigosa jornada até que chegaram ao monte *Arabe*. O padre Araujo, gravemente enfermo, era transportado em uma rede, e por isso avançava com mais vagar. Mendonça o precedia com os demais companheiros.

Os indios como os vissem do alto de suas montanhas e suspeitassem que eram portuguezes que os vinham accommetter, deram logo rebate, metteram as crianças e as mulheres no mato e armaram-se para a resistencia. Como se approximassem hostis, Mendonça gritou-lhes que era sacerdote e vinha de paz; portanto que nada temessem. Adiantou-se sósinho e metteu-se resolutamente entre elles. A confiança os impressiona, e a affabilidade os rende. Se é provavel como diz o autor, que elles em sabendo que Mendonça era jesuita se lhe lançaram aos pés, em signal de veneração, não é comtudo crivel.

Chega o padre Araujo e desvanece algumas desconfianças, que os mais suspeitosos talvez ainda alimentassem, e receberam-n'os todos com o melhor gazalhado e contentamento.

Viviam em paz estes selvagens com suas aldêas no monte, a pequenas distancias umas das outras e em numero de quinhentas. Eram de costumes corruptissimos, destoando, porém, d'elles alguns admiraveis exemplos. O principal d'uma d'estas aldêas recebeu luzes do Evangelho; e por isso tinha uma vida integra e recommendavel. Cumpridor de suas regras de bom viver, não procurava vingar-se ainda mesmo quando podia exercer vinganças a seu salvo. Em outro tempo fôra tomado á trahição pelos portuguezes, tratado indignamente, reduzido á escravidão e posto a trabalho em um engenho d'assucar, d'onde fugiu. Quizeram os seus desforçar-se, e bem o podiam; mas elle os dissuadiu d'este intento. Homem de bom coração, d'uma misericordia como que ingenita para com os estranhos, não consentia que se procedesse contra elles injusta, nem deshumanamente. Havia desterrado de suas aldêas os sacrificios humanos, e se lhe constava que alguns dos seus tinham inimigos á corda, lá ia e os resgatava.

Foi facil conseguir por meio d'este abraçassem os mais o christianismo ; mas no que os padres punham maior empenho é que descessem para o littoral. Pareceram concordar n'isso, mas no dia da partida os mais d'elles desappareceram tão mysteriosamente, que, por mais que foram procurados, não se encontrou nenhum dos taes. Desceram ainda assim uns dusentos, que se estabeleceram na aldêa do Espirito-Santo, na Bahia.

Outra missão foi a dos *Carijós*. Partiram para ella, esperançados nos maiores resultados, os padres João Fernandes e João d'Almeida. Mallogrou-se, porém, ella por não terem achado apoio n'aquelles de quem o poderiam esperar.

Salvador Corrêa de Sá e Benevides, governador do Rio Janeiro mandou adiante dos padres ordens para todos os magistrados dos lugares por onde teriam de passar, que lhes déssem auxilio e mantimentos á custa da real fazenda; mas longe d'assim o fazerem, elles empegaram todos os esforços e diligencias para que os padres não fossem adiante, e isso porque tinham sempre á mão um viveiro d'escravos, como estivessem os *Carijós* em constante guerra entre si. Podéram comtudo os padres progredir na sua missão pela liberalidade d'Antonio de Vasconcellos, que os recebeu no seu navio, e os fez desembarcar nas terras dos *Carijós*.

Ao chegarem, souberam que os portuguezes tinham, por mensagens secretas, prevenido estes indios contra os padres, aconselhando-os que se acautelassem d'aquelles dois homens, que fugissem da vista d'elles, que eram máos, e que se chegassem ao ouvir-lhes a voz, ficavam sem remedio seus escravos. « Fez isto *impressão*; mas depois abrandaram.»

Entram os padres pelos sertões, são acolhidos em toda a parte pelos *Carijós* e persuadiram aos melhores d'elles que deixassem seus bosques e viessem para o Rio de Janeiro; mas faltavam navios. O padre Fernandes escreve a Salvador

Corrêa pedindo-lhe meio de transporte seguro; pois com tantas mulheres e crianças não podia emprehender a viagem em canôa.

Ou que o governador não recebesse as cartas, ou que ellas se perdessem, o certo é que não obtiveram resposta, e por isso despediram-se desconçolados e saudosos d'aquella pobre gente, que mandou então um embaixador ao provincial do Brasil, instando com elle para que lhes mandasse padres. Não lhes foram, pela *insufficiencia do numero que então havia no Brasil*. Todavia no tempo d'*Anchieta* com menos se acudia ás mais partes.

De Pernambuco sahiram duas missões ou expedições. O padre Domingos Monteiro aos *Aymorés*, que os catechisou tão bem, que se resolveram a abandonar as suas terras, e a virem para as aldêas dos neophytos. Grande tinha sido o numero d'elles,mas não tendo havido provisão para o accrescimo de tantas boccas, a fome os vexou, e elles fugiram de novo.

Outra expedição foi a do padre Francisco Lobato aos *Goytacazes*. Elles os domesticou por tal modo, que nunca mais de então em diante voltaram as armas contra os portuguezes. Não houve, porèm, meio nem modo de os trazer ás aldêas. Isto em *Cabo-Frio*, posto que o autor diga que as duas missões partiram de Pernambuco, collige-se que ha confusão de localidade.

D'aqui passou-se o padre Lobato para os *Tamoyos* fronteiros, que eram poucos, ou antes reliquias das guerras infelizes movidas contra elles pelos portuguezes; mas que ainda conservavam sua indómita fereza. N'aquelles montes escondiam-se por tal fórma que não havia menor difficuldade em descobril-os, que vencel-os. Sahiam ás vezes d'improviso de seus rochedos, desciam armados ao littoral e assolavam tudo.

Haviam elles captivado tres *Goytacazes*, que tinham na corda. Envia-lhes o padre mensageiros para que lhe venham fallar e tragam os tres prisioneiros; por que d'ahi lhes resultará bem. Levam um mez a se consultarem entre si, por fim resolvem-se e vêm ao lugar marcado. Diz-lhes o padre como os portuguezes eram alliados dos *Goytacazes* que de certo vingariam a morte d'áquelles tres, e á vista d'isto entregam-lhe esses prisioneiros, que elle traz para a aldêa de S. Pedro, fundada dois annos antes pelos padres da companhia a duas leguas de Cabo-Frio. Vieram com filhos e mulheres.

1623. — Vimos como nos annos anteriores foram mandados para a missão de Pernambuco os padres Manoel Gonçalves e Diogo Nunes, na expedição de Alexandre de Moura. Depois d'esse tempo abstiveram-se os padres de enviar para alli novos missionarios, não por que lhes faltasse vontade, mas por que, levado de falsas informações, tinha o rei preferido empregar outros religiosos n'aquella vinha. Fez-se, porém, no governo de Diogo de Mendonça mudança na opinião do conselho de Madrid. Diogo de Mendonça, diz o autor, homem integerrimo, sabendo das cousas da missão, não por fé d'estranhos, mas como *testemunha occular* (?), persuadiu o conselho das Indias, que longe de se deverem afastar do Maranhão os padres da companhia, convinha muito alli a sua presença e assistencia. Tendo-lhe a côrte de Madrid facultado levar avante as suas idéas, entendeu-se Diogo de Mendonça com o provincial, para que fossem mandados dois jesuitas áquella capitania, para o que preparam-se logo o padre Luiz Figueira e Benedicto Amadeu, ambos mui apropriados e escolhidissimos para o caso.

Não os acolheram, comtudo, os colonos do Maranhão com a mesma disposição d'animo, com que o governador da Bahia os mandava. Levantou-se uma sedição no povo, e

apenas chegados, pretendia que de novo fossem embarcados. Reprimiu o governador do Maranhão este tumulto, já com força, já com autoridade.

D'onde estes odios? Induz-me isto a crer que os jesuitas, apesar de tudo, tinham tão má reputação, que esta os precedia até áquellas paragens de tão difficil contacto então com a Bahia. O que dizem os escriptores da companhia de Jesus não é de todo o ponto acreditavel: «Adeo ferre pacate non poterant prodatores indigenarum colonis, esse ibi qui contra eorum rapacitatem tutarentur libertatem indorum, hos que abripim in servitutem prohiberent. Nam qui hoc odii causa unica, *cui alias prœtexere* conabantur frustra.»

Reprimidos os colonos, como disse, pelo governador, não deixaram comtudo de insistir com toda a efficacia que os padres fossem logo e logo revocados, se bem que o deixassem de fazer com a violencia do começo. Passaram depois a representar ao governador Diogo de Mendonça que prohiba e interdiga o territorio do Maranhão aos jesuitas, porque a presença d'elles era alli inconveniente (*gravem*) e nociva á republica; e depois lançam os seus libellos em actos publicos (refere-se o autor ao accordo com o senado da camara de que elles padres se não metteriam em questões de indios?); mas nada d'isto aproveitou. O governador da Bahia, como parte que tinha sido, n'aquella determinação, respondeu indignado, que elle admirava-se muito de como lhes passava pela imaginação lançarem fóra taes homens, quando pelo contrario lh'os deveriam pedir com instancia, se já alli os não tivessem comsigo, e que soubessem mais, que elle alli queria a sociedade por muitas razões, e principalmente por haver entendido que com ella se haveria el-rei de confirmar na posse d'aquella conquista, e ainda de dilatar os seus dominios. Por fim, que d'alli em diante se abstives-

sem de todo o ulterior procedimento contra os padres. Cabe notar de passagem que nem elle, nem os da companhia poderam salvar a capital do Brasil das garras da cubiça hollandeza.

Quando esta carta chegou ao Maranhão, já andavam os animos mais pacificos. A mansidão jesuitica tinha produzido seus effeitos, posto que não fosse grande a victoria. Tinha realisado esta conversão no trato e conveniencia com os padres, a ninguem molestos antes affaveis, brandos, religiosos e sabendo mostrarem-se prestaveis á causa publica, quando assim o pedia a occasião. Como era de suppôr, empregadas as baterias jesuiticas contra os que mais violentamente se lhes oppunham, eram estes agora que, descidos da apparente humildade dos padres, mais os favorecia.

Os padres, desejando bem merecer de todos, não se pouparam tambem a trabalho nem industria para promoverem á religião publica ou particularmente. Construiram o seu templo de pedra e cal, o primeiro que teve o Maranhão d'este feitio e solidez, e não se occuparam senão com os colonos; porque os franciscanos, chegados alli por aquelle tempo, tinham um diploma régio para que ninguem, senão elles, se occupassem da conversão dos indigenas; mas decorridos uns seis annos, cederam os franciscanos d'aquelle privilegio, revertendo para os jesuitas. Os motivos que os levaram a isso ignoro, nem me foi possivel colher das obras por mim consultadas.

Passando o autor a tratar em seguida da nação *Mares-Verdes*, approveito antes para aqui o que diz o padre Antonio Vieira em uma carta da mesma epoca (1626), e onde é a materia mais detidamente tratada. « Eram estes *Mares-Verdes* nação feroz, inculta pela infamia de seu nome, procurada muitas vezes dos portuguezes e nunca achada d'elles. »

« Dois annos antes tinham ido á esta conquista, ou an-

tes descobrimento, os dois padres João Fernandes Gotto e Martinez. Depois de errarem muito tempo por valles e montes inhospitos, voltaram cheios de desesperança.

O padre Fernandes morreu de molestias, ou contrahidas n'esta jornada, ou aggravadas n'ella.

O padre Martinez não desistiu, nem desanimou: repetiu este anno (1626) a sua expedição com alguns neophytos e gentios praticos das habitações dos *Mares-Verdes*. Os gentios fogem todos do caminho, o que embaraça a expedição; e os que ficam, querem voltar e persuadem-n'o ao padre; mas este teima em ir adiante. Assim progridem muitos dias ás tontas sem descobrirem vestigio humano, até que um dia, quando menos o esperavam, dão de repente com os Palmares *(creba mapalia?)*, habitação dos *Mares-Verdes*.

Sentindo os barbaros a approximação dos adventicios, e cuidando que seria alguma d'aquellas bandeiras de portuguezes, que a seu costume corriam os matos para os captivar, reunem-se no momento, levam mão das armas, adiantam-se infestos e ameaçadores, preparados a darem a morte aos invasores. O padre manda um mensageiro por quem sabem que é um sacerdote que os vem buscar atravez de tantos obstaculos, e foi isso parte para que depozessem a ferocidade.

Persuadiu-lhes o padre a que viessem ao Espirito Santo, e elles o teriam acompanhado se não fosse a falta de alimentos. Mandam no emtanto sete, declarando que se o padre voltasse no seguinte anno, elles o acompanhariam de bom grado.

Revoluto o anno, volta o padre em companhia do socio Antonio Bellavia. Festejam os indios a sua chegada. Todos o acompanham, e em numero crescido, segundo a affirmativa do autor, ao Espirito-Santo.

Tinham estes pobres incolas sempre o que receiar do con-

tacto com os europêos, ainda quando os tratavam bem: d'esta vez accommetteu-os a peste, *(lues)* chegados que foram ao Espirito-Santo.

Esta peste, de que fallam tantas vezes os escriptos dos padres, é de suppôr que fosse quasi sempre a epidemia variolica, que ataca os indios com violencia extrema, e ainda mais me confirma n'esta opinião a descripção que faz o autor d'ella «*tabes postulorum, malum brasilie* oram maritimam inconlentibus frequens, et adhuc *Mariverdibus* inexpertum.»

Porto-Seguro. — Poucos annos antes tinham aqui vindo dois padres de muita virtude, Mathias d'Aguiar e Fabio Moyo. Em seis mezes, que tantos alli se demoraram, carearam tanto a vontade de todos, que muitos desejavam houvesse alli casa da companhia. Escreveram ao proposito-geral Mucio, pedindo-lhe isso, e offerecendo-se para correrem com as despezas da fundação e subsistencia dos padres. O governador aceitou o convite d'estes povos, e mandou fizesse alli casa, no genero d'aquellas chamadas— *residencias*.

Foram alli recebidos os padres com muitas festas e repiques de sino, e reconciliaram-se algumas inimizades inveteradas e que se tinham por implacaveis.

Morre n'este anno o padre Gonçalo d'Oliveira; mas como nada fez que mereça mensão, melhor será deixal-o em silencio.

1624.— Estando ainda no governo Diogo de Mendonça, tomaram os hollandezes a Bahia, concedendo liberdade de culto, excepto aos padres jesuitas; mas não se achou ninguem, nem ecclesiastico, nem cidadão d'algum trato que por isso abandonasse a nossa religião. Irritados por isso, commettem desacatos nas igrejas. « Ficou a Sé para templo de sua superstição de Calvino, do collegio dos jesuitas

fizeram armazens de vinhos, dando licença a alguns mercadores que os acompanharam, para alli se alojarem. Emquanto alli estiveram os hereticos, a casa ficou mal-assombrada e não dormiam com o barulho, os sacrilegos que a habitaram, e suppozeram que eram riquezas enterradas, e assim excavaram tudo. »

Para cumulo de males succedeu outra calamidade. Pouco depois de se terem rendido os portuguezes, o padre proposito provincial, Domingos Coelho, voltava por mar á Bahia ignorando o acontecido. Vinham com elle nove sacerdotes, e entre elles o padre Antonio de Mattos, designado para succeder ao provincial na administração da provincia. O navio é tomado, logo que entra na Bahia. Nenhuma esperança havia de resgate, porque os hollandezes tinham decidido que todos os religiosos, que se tomassem, fossem levados a Hollanda, para servirem de troco de prisioneiros. Foram ainda tomados mais dois, os padres Gaspar da Silva e Simão Souto-Mayor, em viagem para Portugal.

Estes doze com o provincial, maltratados e carregados de cadêas, são transportados para Amsterdão, onde nos carceres publicos jazeram mais de vinte mezes até que por diligencias do geral foram resgatados. Na ausencia d'aquelles dois do collegio da Bahia, o padre Fernão Cardim, tomou a administração da provincia. Ficou ella em tristissimas circumstancias com a entrada dos hollandezes, tanto que o grande seminario da provincia, frequentado de muitos alumnos e professores, agora se via privado não só da casa, mas dos rendimentos, todos necessarios para a sustentação de tanta gente. Por isso muitos apreciando bem as suas difficuldades, já não iam longe de suppôr que a provincia ou se tinha acabado, ou pelo menos estava agonisante.

Restauração da Bahia. — Eram os padres por occasião da restauração da Bahia em numero de vinte e dois, que

se achavam nos arraiaes portuguezes, e acudindo aos soldados por entre balas e fogo. Mas isto tinh am de commum (supponho) com todos os mais religiosos. No collegio se guardou a presa feita ao inimigo, e para a vigiar estacionava alli uma companhia de soldados. Os padres retiraram-se e concentram-se no interior de suas casas.

Em Pernambuco e no Rio de Janeiro temem-se dos inimigos e apercebem-se para a guerra. Os indios acodem em grande numero a soccorrel-os, o que, como sempre, se attribuia ao esforço e industria dos jesuitas.

Este autor falla de uma viagem no anno de 1624 a Villa-Rica, na provincia de Guaíra ou Tucuman, onde os jesuitas punham collegio e que ia em grande augmento, quando foi tudo — collegio, colonia e terras — assolado pelos salteadores do Brasil (os hollandezes).

VIDA DO PADRE JOSÉ ANCHIETA

O primeiro que escreveu a biographia de Anchieta foi o padre Pedro Rodrigues, que foi provincial do Estado. Sebastião Beretario, por ordem do geral Aquaviva, escreveu sobre esta, em latim, publicada em 1617, traduzida tambem em hespanhol pelo padre Paternina e impressa em Salamanca. Os milagres, porém, tinham crescido com o andar dos annos. Commetteu-se a nova obra ao padre Ignacio de Siqueira, que adoeceu e morreu. Depois ao padre Matheus Dias que indo a Angola na companhia do governador Simão de Souto-Mayor, foi morto pelos hollandezes. Em fim se confiou a Simão de Vasconcellos (1661) publicada em 1672—Ha mais sobre o assumpto: Nieremberg — *Varões Claros*— 1513— João Burguesio do Patrocinio *Virginit. in soc. Jesu.*

JACOB BIDERMAN, L. I, *Epygramas* — 120 — JACOB DAMÃO— *Synopsi*— L. V.

Segundo o padre Simão de Vasconcellos era Anchieta natural de Tanarife—o pai biscainho—a mãi canarina. Nasceu em 1533. Indo estudar a Coimbra, onde segundo parece foi condiscipulo do bispo D. Pedro Leitão, entrou para a companhia de dezesete annos d'idade. Da muita oração, ou antes, como querem outros, da pancada d'uma escada, começou a soffrer da columna vertebral « aleijão disforme no espinhaço e costellas, ficando o corpo a uma parte penso.

1553.—Mandado ao Brasil, era o terceiro soccorro que lá ia com o padre Luiz da Gram, reitor que fôra do collegio de Coimbra. N'este ponto, traduzindo Vasconcellos a *Arcanthologia* de Godofredo, diz do clima do Brasil: « Goza o Brasil de ares bonissimos pela razão de ventos mui suaves que n'elle quasi sempre aspiram. »

« E' abundante de fontes, rios e bosques, variado suavemente de valles e outeiros, e revestido de verde sempre aprazivel. »

Exprimem-se nos mesmos termos de louvor do clima do Brasil: Maffeo no livro 2° da sua *Historia Indica*, Piso na *Descrip. Bras.* e no *Theatrum Orbis*, etc.

Tratando o padre Simão de Vasconcellos em especial do clima da Bahia nos livros 1° e 3°, n. 14, diz: « O clima é o melhor de todo o Brasil, e conseguintemente o maior de todo o universo, puro, vital, de uma primavera sempre perenne, onde raramente se sente frio ou calma. »

Vem a proposito reconsiderar o caso de Boles, que o merece, pois que mataram-n'o sem motivos mui poderosos: foi crueldade sem desculpa. Que elle fosse argumentador, como todos os lutheranos n'aquelle tempo, não lhe ponho

muita duvida que fizesse ainda aquella invectiva, criminando o padre Luiz da Gram por prégar a palavra de Deus aos de fóra, deixando os de casa, passe, ainda que a prégação não teria effeito sendo em latim, nem são elles pontos de accusação que dessem de si tamanho excesso.

São dignos de reparo os termos de que se serve S. de Vasconcellos no livro 9°, cap. XVI. n. 5 e seguintes.

« Chegaram, diz elle, estas noticias ao padre Luiz da Gram, que estava em Piratininga, e incontinente se partiu para acudir ao principio d'esta peste (a heresia?), que, quando appareceu, tinha logo infeccionado as povoações maritimas e levado após de si a gente ignorante... » O mesmo foi chegar o padre Luiz da Gram que declarar-se nos pulpitos, nas praças, no publico, no secreto, e confutar as heresias de um homem tão atrevido.

Afrontado cara á cara, quando ousava mostrar-se para ouvir a prégação do padre, irritado por essas occasiões, tentou applacal-o. Paternina diz claramente que elle procurára por todos os meios as boas graças do sacerdote intolerante! Eis as proprias palavras d'este autor que appellida João de *Bouller*: « Y tenia gracia de entretener una conversacion. Dezia dissimuladamente entre sus gracias, algunas que mordian en la autoridad del Sumo Pontifice, en el uso de los sacramentos, en el valor de las indulgencias, y en la veneracion de las imagines..... procurò escusar con el atrevimiento su peligro. Tuvo traça para aplacar al padre Luis de Grana y carteóse amigablemente con el, como un hombre docto con otro, y comunicole muchas opiniones theologicas, professandose siempre en las palabras *enteramente catolico* (note-se bem). Peró aunque entonces vistio piel de oveja nunca desnudò el alma de lobo... Para atajarle, el tribunal eclesiastico prendio al hombre, etc. » (Paternina, livro 2°, cap. VIII).

No tempo de Simão de Vasconcellos batia-se moeda de ouro em S. Vicente, que eram por isso chamadas *S. Vicentes.*

Uma vez fundado o Rio de Janeiro foi Anchieta feito reitor do collegio de S. Vicente, isto pelo anno de 1569, segundo seu biographo, e ahi permaneceu até 1573, quando o provincial Ignacio de Tolosa o quiz transferir para o mesmo cargo no collegio do Rio de Janeiro.

Alludindo o bispo Leitão á voz insinuante e persuasiva, e á excellente pratica do evangelico padre Anchieta, dizia « que mais gostava de ouvir este só, este *canario* cantar em seus sermões, que todo o bando de prégadores. »

Começaram desde esse tempo os milagres de Anchieta, sendo o mais notavel d'elles o do engenho dos Erasmos, mercadores flamengos. Tambem era exemplarissimo, e não se poupava á fadigas nem recuava ante perigo algum para converter gentios e chamar ao redil de Christo as almas desgarradas.

Vem aqui a talho reproduzir do chronista a narração dos trabalhos a que se entregavam os missionarios nas suas jornadas pelos sertões: « Caminhavam a pé com seus bordões nas mãos; levam o seu breviario, ornamentos sagrados, agulha para rumos e alguma companhia de indios mansos, já baptizados, em cuja experiencia livram os caminhos, em cujo arco a provisão do sustento da vida. Suas flexas são as que caçam e tambem pescam com ellas algumas vezes. As frutas das arvores, as hervas dos campos, a agua dos rios, o mel silvestre, e sobretudo a Providencia do Creador, não faltam. D'esta maneira vão cortando os matos, abrindo muitas vezes o caminho humano á fouce, não sem perigo de féras, serpentes peçonhentas e selvagens traiçoeiros. Depois de vêrem no caminho as contrariedades de uma, duas e mesmo

tres horas, dão tudo por bem empregado quando começam de divisar signaes, que levam destinados, das arvores ou bosques onde habitam as gentes a que são enviados. » (Liv. 3°, cap. VI, n. 7.)

Foi esta a lide de Anchieta emquanto esteve em S. Vicente ; accrescendo mais, que nas suas frequentes jornadas d'ahi para Itanhaem, que demorava a oito leguas, jejuava em todas ellas, como por devoção.

E' a praia d'esta costa, por onde caminhava Anchieta, tão aspera e dura, que um carro bem carregado não deixa signal n'ella, e empachada commummente de armações desfeitas de balêas, que dão alli á costa, e cujos ossos perturbam, impedem a praia e fazem o caminho mais difficil.

« Jámais n'estas tão frequentes missões andou a cavallo, nem ainda em rêde, costume este do Brasil, mas sempre a pé, com seu bordão na mão, e, posto que começava as viagens calçado, em passando lugares publicos ou vendo gente, descalçava-se logo e continuava com os pés nús. Era com tanta pressa seu caminhar, quer por praias, quer por desertos, por mais fragosos e asperos que fossem, que os mesmos indios, em exercicio perpetuo e por mais andejos, admiravam-se d'isto, dizendo que parecia que voava. Por causa de seus grandes caminhos trazia os pés cheios de grossos callos. »

Conversão dos *Maromonis*.—Habitavam estes indios com mais especialidade a capitania de S. Vicente, estendendo-se por uma parte duzentas leguas sertão a dentro, e outras tantas até chegar á povoação de S. Vicente.

Andavam nús ; não eram anthropophagos e tinham alguma lavoura, posto que fossem essencialmente caçadores, d'onde maior inconstancia que nas outras nações, e usando de uma lingua facil de aprender aos que sabiam a geral.

Diz Paternina (liv. 4°, cap. I) que Anchieta começou uma grammatica e vocabulario d'esta lingua, porém cousa imperfeita, e que o padre Viegas a completou, ou antes ampliou e concluiu, pondo mais na mesma lingua um cathecismo da doutrina christã.

Era Anchieta ainda irmão quando os padres livraram um indio mancebo das mãos de seus contrarios, que o tinham á corda. Vendo-se o indio livre foi-se para os seus; mas, passados muitos annos, voltou com muitos a procurar Anchieta em S. Vicente.

Foram Anchieta e o padre Manoel Viegas ao capitão-mór, que lhes designou terras em Bertioga, que, demarcadas, aldêaram-se os indios e ficou entre elles o padre Viegas. Tinham, porém, todos este trabalho como baldado, attenta a inconstancia d'elles, e quasi que reprehendiam aos padres de se occuparem de cousas, das quaes não podia resultar fruto. E assim era que fugiam para os matos, onde as saudades os levavam; mas os commodos da vida os traziam de novo. Como não eram castigados sentiam-se por isso livres e ficavam da melhor vontade. Assim foram vindo a pouco e pouco, e por fim todos.

Estabeleceram-se em grandes aldêas, no termo de S. Vicente, porém mais particularmente nos ferteis campos de Piratininga. No tempo em que Simão de Vasconcellos escrevia, achavam-se mudadas algumas d'ellas para o termo do Rio de Janeiro, e em estado florescente.

Nos ultimos tempos do reitorado d'Anchieta, havia já sete annos, que um grande numero de moradores de S. Paulo tinham partido com outros das aldêas convisinhas á partes remotissimas a fazerem guerra ás nações barbaras. Ao voltarem disse-lhes Anchieta: *Eropita Boyaimorebo*. (Faze parar os teus companheiros aqui sobre nós) e isto acom-

panhava de acenos para que melhor o entendessem; e o mais notavel é, que conseguiu chamal-os a si.

Passou Anchieta em S. Vicente os annos de 1569 a 1578, trazendo-o n'este ultimo anno o provincial Ignacio de Tolosa, que andava em visita, para o collegio da Bahia.

Teve patente do provincial para reitor do collegio da Bahia; mas se tinha elle posto em lugares tão baixos, disformes e despreziveis que levados alguns das apparencias, começaram a fazer reparo n'esta patente, dizendo: « *que seria menos reputação d'um collegio tão autorisado metter por superior d'elles religioso tão desprezivel, quebrado de costas, e de menos respeito aos olhos dos homens.* Em resposta d'isto mandou-lhe o geral da companhia patente de provincial do Brasil.

Estava Anchieta na ilha de Taparica quando recebeu chamado de Tolosa. Na mesma hora em que chegou de volta á Bahia reuniu a communidade, leu-lhe a patente dada por Everardo Mercurianno; e como soubesse das murmurações que lavravam, lançou-se aos pés de seus subditos, beijando-lh'os de joelhos e pedindo-lhes ajuda de suas orações para poder levar a carga que a obediencia lhe impozéra. Entrou para este cargo em 1578, sendo na ordem chronologica, o quinto provincial que teve a provincia:—o primeiro Manoel da Nobrega, o segundo Luiz da Gram, o terceiro Ignacio de Azevedo, o quarto Ignacio de Tolosa, e finalmente José de Anchieta.

Foi o seu governo suave e cheio de brandura, e dizia que o superior não é seu, senão dos subditos e do povo; e que estava sempre prompto a ouvir suas necessidades.

No seu governo fez o padre Gregorio Serrão profissão solemne de quatro votos. Serviu de reitor no collegio da Bahia, sendo permutado para o do Rio, a ver se com a mudança melhorava de saude.

Arribou o navio, em que ia, ao Espirito Santo, e o padre alli morreu.

Foram a Pernambuco o padre José de Anchieta e o padre Luiz de Affonseca, seu secretario, por nomeação de Roma: mas faltam-me relações d'esta viagem, e só pude colher, que concluida ella, foi Anchieta visitar as capitanias do sul; que esteve em Porto Seguro, depois nas do Espirito Santo e Rio, d'onde era o administrador ecclesiastico o padre Bartholomeu Simão Pereira, e por derradeiro na de S. Vicente.

Em 1583 acompanhava Fernão Cardim ao padre visitador Gouvêa, como seu socio. N'este anno, segundo parece, partiram elles do Rio para S. Vicente; mas antes fizeram-se festas na aldêa de S. Lourenço (Rio de Janeiro). O irmão Manoel do Couto tinha preparado uma comedia em louvor do santo; porém a muita chuva a impedia, senão quando Anchieta conseguiu pelas suas orações que faça bom tempo.

1585.—Concluida a visita das partes do sul, voltaram todos á Bahia, e no caminho cahe o padre Ignacio de Tolosa gravemente enfermo, e a ponto de se consultar em Cabo-Frio se não seria melhor arribarem ao Rio para darem sepultura condigna a um sujeito tão grave. A viagem foi tormentosa; mas chegam á Bahia tanto os dois como o padre Ignacio de Tolosa.

O padre João Lobato, varão veneravel e tido por santo, conforme Simão de Vasconcellos, principia cedo a patentear suas virtudes. Achando-se enfermo e de cama, pediu ao padre visitador que pois servira oito annos, o livrasse do cargo, e deixou o provincialado n'esse anno de 1585, isto é, occupou-o de 1578 até 1585, succedendo-lhe o padre Marçal Beliarte, que proseguiu o officio por sete annos.

Foi mandado em 1586 para o Rio de Janeiro, cuja collegiada, com as das capitanias de S. Vicente e do Espirito Santo, era governada pelo padre Fernão Cardim, Melhorou

ahi, e em 1587 passou-se ao Espirito Santo, á aldêa de Rerigtyba.

D'esta aldêa escrevia Anchieta ao padre Ignacio de Tolosa: « o padre provincial mandou-me licença que estivesse em qualquer parte da provincia onde bem me approuvesse,não quiz tanta liberdade, porque podia ser causa de cegueira, e eu errar o caminho, não sabendo o homem escolher o que lhe convém. E fôra grande desatino, havendo quarenta e dois annos que deixei em tudo a livre disposição de mim nas mãos dos priores, querer agora, no ultimo periodo de minha vida, dispôr de mim. Puz-me nas mãos do padre Fernão Cardim, reitor do collegio do Rio de Janeiro, e ordenou este nosso irmão, que eu acompanhasse o padre Diogo Fernandes n'esta aldêa de *Rerigtyba*, para o ajudar na doutrinação dos indios, com os quaes me dou melhor do *que com os portuguezes.* »

Fez-se na Bahia, em 1591 ou principios de 1592 a congregação provincial, para enviar-se procurador a Roma,recahindo a escolha no padre Luiz da Fonseca,se bem que estivesse presente a ella o padre Anchieta,um dos mais antigos professos; mas comtudo desempenhou o padre Fonseca a sua missão, e voltando de Roma, falleceu em 1594 em Madrid. Logo que foi terminada a congregação, voltou Anchieta para a sua aldêa.

1593.—Mandou n'este anno o provincial Marçal Beliarte carta a Anchieta, que por serviço de Deus e bem da companhia tomasse o governo da casa e residencias do Espirito-Santo, como superior.

Era a capitania do Espirito-Santo por este tempo fertil em indios, havendo d'elles muitos milhares em quatro aldêas: *Rerigtyba*, *Guarapary*, *S. João e Reis Magos*. Succedeu n'este mesmo anno que entrasse no Espirito-Santo o

padre João de Almeida para ser discipulo do *grande mestre*.

1594.—N'este anno ha guerra na capitania do Espirito-Santo entre o gentio *Goytacaz*. « Em corpo agigantados, diz o chronista, destros no arco, inimigos de todas as mais nações e tragadores sobremaneira de carne humana, de cujos ossos faziam grandes montes em seus terreiros. O districto que habitavam era pequeno, dentro dos termos do rio Parahyba e Macahé, sitio, porém, horrivel e inexpugnavel, porque em vez de montes, communs aos mais *Tapuyas*, viviam quaes crocodilos nas aguas de grandes lagôas, de que abundavam seus campos, chamados por isso dos *Goytacazes*, em choças de palhas, fundadas cada qual sobre um esteio de páo mettido na arêa; por mór segurança de seus contrarios, cercados sobretudo de matas espessas e charcos inaccessiveis. D'estes lugares sahiam a dar assaltos nos caminhos e praias, sem que podessem ser acommettidos senão com grandes difficuldades, e em tal caso appellidavam ás nações das serras em seu favor, todas féras e barbaras, que só para effeitos semelhantes consentiam entrar nos districtos dos *Goytacazes* e vinham ajudal-os em bandos, e quando acaso se viam em perigo, acolhiam-se em suas lagôas, e, nadando, se mettiam nas casas, d'onde nem a pé, nem a cavallo, podiam ser acommettidos. »

Em 1594 os moradores juntam suas forças, e vão em bandeira sob as ordens de Miguel de Azevedo.

Dá Anchieta fim em 1595 ao seu superiorado, mas já tão gravemente enfermo, que todos o criam morto. Volta a *Rerigtyba*; d'ahi vai ao Espirito-Santo, onde melhora. Teve, porem, nova ordem que ficasse superior da casa e residencias até chegar o padre Pedro Soares, que o ia substituir. Serviu assim cinco ou seis mezes, quando pôde tornar-se á aldêa de *Rerigtyba*, onde o recebem os indios em grandes

prantos, o que o impressionou, embora fosse o costume d'elles com os hospedes.

A 9 de Junho de 1597 deu o padre José de Anchieta sua purissima alma ao Creador, tendo então 64 annos de idade, dos quaes passou quarenta e sete na companhia, e d'estes quarenta e quatro no Brasil. Foi seu leito de agonia rodeado n'esta hora solemne de cinco sacerdotes religiosos, filhos e discipulos do collegio.

Era o padre José de Anchieta de estatura mediocre, diminuto de carnes, de côr trigueira, olhos mui azulados, testa larga, nariz comprido, barba rara, e, no semblante, alegre, amavel e inteiro.

Caminhou o prestito, conduzindo seus despojos mortaes ás costas por quatorze ou quinze leguas, sendo o sahimento acompanhado de todos os indios da aldêa. O cadaver de Anchieta, com vestes sacerdotaes, foi mettido em uma arca.

Logo que foi chegado o prestito á villa, sahiram a recebêl-o o capitão Miguel de Azevedo, o tenente do bispo, ou antes administrador ecclesiastico, padre Bartholomeu Simões, que acompanhado do clero, os religiosos de S. Francisco, que alli tinham casa, e os irmãos da Misericordia, todos com tochas accesas, e que o tomaram em um esquife muito rico e o levaram á igreja dos jesuitas, onde foi sepultado na capella de Sant'Iago, junto ao corpo do padre Gregorio Serrão. Houve tres nocturnas, prégando n'essas solemnidades o padre Bartholomeu Simões; e dando o immenso concurso viva demonstração de sentimento e dó.

Depois da sua morte começou o evangelico Anchieta a obrar muitos milagres em todas as capitanias do Brasil. Eis como se expressa sobre este assumpto o padre Simão de Vasconcellos: « Tudo quanto é dôres allivia, advogado das febres, de partos e apostemas, domina o elemento da terra

e seus animaes; o mar, rios, fontes e chuvas, os animaes das aguas, o fogo, o ar e seus animaes; domina sobre a cabeça, olhos, queixos, bocca, dentes, garganta, peitos, costas, entranhas, mãos e pés, sobre a saude em geral, sobre a vida, sobre as almas, sobre os bens da fortuna. » Accumula assim o autor tantos milagres, como se um só não bastasse para dar testemunho de sua beatificação(153)!

SYNOPSIS ANNALIUM SOCIETATIS JESU IN LUSITANIA AB ANNO 1540 USQUE AD ANNUM 1725: AUTHORE R. P. ANTONIO FRANCO (Imp. 1726).

Do volumoso in-folio escripto pelo padre Antonio Franco colhi apenas estes poucos dados para o proposito que tenho em mira.

O padre Simão e Francisco Xavier, chegando a Portugal em 1540, foram recebidos com estranha benevolencia por el-rei D. João III, que deu-lhes logo cartas para o rei de França, Francisco 1.°, para o imperador Carlos V, casado com sua irmã Isabel, afim de que todos unindo seus esforços instassem perante o papa pela confirmação da sociedade. Foram uteis estas recommendações, como se vê da bulla de confirmação, dada por Paulo III a 27 de Setembro do mesmo anno; mas para que fosse pleno o beneficio, o rei quiz concorrer com todos os gastos da expedição das bullas. Para esse fim recommenda-o o rei ao papa Julio III, em termos mui pomposos, tanto ao padre Simão pelos serviços prestados ao reino, como aos mais varões apostolicos das Indias pelo que haviam já obrado em favor dos indios.

(153) Veja-se sobre Anchieta o que ficou dito nas pags. 95, 96, 101, 197, 236, 269 e 271 do tomo XXXIV, 2ª parte da *Revista Trimensal*, onde vem publicada esta memoria.

A tão celebrada obediencia dos jesuitas não foi todavia sempre o que cá por fóra nos parece. O padre Simão Rodrigues tinha ido a Roma no anno de 1551, deixando a provincia entregue a Gonçalo Madeira.

Ouviu as *constituições* que Loyola ia publicar, e assentindo em tudo mais, oppôz-se fortemente á faculdade que ellas davam ao geral de poder transferir para os collegios necessitados os redditos d'outros. Ignacio explicou a sua mente, deixando a derogação para se o rei a quizesse, e aos outros parecesse bem.

No anno de 1552 publicavam-se as constituições em Portugal, mas entendeu Loyola que devia tirar o governo ao padre Simão para extirpar os costumes, por este introduzidos. Pediu venia ao rei, e com ella transferiu o governo da provincia a Diogo Mirão» recolhendo-se Simão á residencia de S. Felix (propié Minium).

Apenas nomeado Mirão, cria reitor do collegio de Coimbra a Manoel Godinho. Ambos confessores de caracter, porém menos estimados dos subditos: Rigidos e austeros ambos, queriam levar tudo á virga ferrea: nada se fazia sem que fossem ouvidos e consultados, fosse o que fosse e de que se tratasse, dizendo que tudo iria de mal em peior, se elles não attendessem a tudo.

O resultado foi qual se devia esperar d'estes rigores. A presença de Simão Rodrigues, que passava por Coimbra em caminho para o seu retiro, foi como oleo lançado no fogo. Os padres odiavam os novos governadores, como homens sobre modo importunos, e que pretendiam com violencia inclinar a todos, e a cada um ao seu genio. Levantaram-se que queriam a Simão para seu reitor. D'aqui nasceu a suspeita de que elle por algum facto, ou palavra, ou ainda mesmo involuntariamente fomentára a revolta. Lançado o fogo no desesperado de o poder apagar, o facto foi que Simão se

transferiu sem demora para a residencia de S. Felix, em quanto os novos superiores, incapazes de subjugarem aquella tormenta, escreveram para Roma, que era impossivel restabelecer-se a paz, em quanto Simão residisse na Lusitania.

Veiu pois a Portugal, com a pressa, que o negocio requeria, Miguel Turriano, a quem o padre Ignacio de Loyola commettêra as suas vezes, para reparação e emenda d'estas desordens. Turriano se appresenta ao rei, e louvando-o ao modo jesuitico, e rendendo-lhe infinitas graças pelos beneficios que derramára sobre a sociedade, supplica-lhe que pondo a corôa a tantos favores, permitisse na sahida do padre Simão do reino, que era o mais que podia fazer, para tranquillidade da sociedade. Annuiu a isso o rei. Logo Turiano, nas cartas, que trazia em branco e com assignatura de Loyola, dá ordem a Simão que parta em continente a governar a provincia de Aragão de novo instituida. Duvidoso da vontade do rei, Simão parte para Lisboa, porque em outros tempos Loyola o havia subordinado ao arbitrio real. Em Thomar porém, entregam-lhe as cartas reaes de 23 de Julho, em que lhe diziam que a pedido de Loyola, que allegava como bom e justo, lhe mandava aquella carta, para que se transportasse a Valença, e d'ahi á provincia d'Aragão. do que elle rei se daria por bem servido. Simão obedece e parte para Valença, tendo a Miguel Gomes por companheiro.

No emtanto, nem por isso melhoraram as cousas no collegio de Coimbra, *muitos o abandonavam*: podiam fazel-o, porque ainda os santos padres não tinham o diploma pontificio contra os *apostatas*; que só o obtiveram em 1565, no pontificado de Pio V. por intervenção de D. Sebastião.

Qui durioris erant servicis, in tirocinium missi ad residenciam S. Felicis, *multis* probati sunt *experimentis*, Pauci tamen illorum in Sosietate abiere.

No emtanto Miguel Gomes que partira para Valença com o padre simão, não esteve por muito tempo ausente de Portugal. Voltou por causa de saude. «Reversus Joannem regem Proceris eliminavit atrionibus multis in sanctissimum fundatorem, inquisivi me sparcis, adeo suspensos tenit ut multi crederent extinguendam in illis terris Societatem (154).»

Pouco depois, tendo o padre Simão regido por algum tempo a provincia d'Aragão, se tornou de novo a Portugal, ainda por causa de saude, e chegando a Lisboa, foi á casa de S. Antonio. O caso, no emtanto, estava prevenido: por ordem do superior, o porteiro não lhe permitte entrada, por não trazer carta patente, e saber-se que não tinha licença de voltar a Portugal. Era por sem duvida o pae da provincia; mas cousas muito graves, obstavam o seu ingresso no reino!

D'olhos baixos, e animo tranquillo louvou ao porteiro a religiosa fidelidade para com os superiores, e resolvou buscar lugar no Hospital, pondo-se alli ao serviço da casa. D. João de Lancastre, duque d'Aveiro, seu grande amigo, não o soffreu, e o levou para casa. A 12 de julho 1553 chegóu carta de S. Ignacio, que, com muitos affectos, o chamavam a Roma, pedindo-lhe fizesse a viagem por mar ou por terra como melhor lhe permittisse sua saude; mas que em todo o caso partisse dentro em oito dias depois de recebida a carta, o que ordenava-lh'o sob preceito de obediencia. A vista d'isto obedeceu elle, e partiu no fim do anno, levando por companheiro Melchior Carneiro, primeiro reitor do collegio d'Evora, e depois bispo.

Apenas chegado em Roma Affonso de Lencastre, embaixador de Portugal, entregou-lhe um diploma pontificio, isentando-o da jurisdicção de Loyola, e permittindo-lhe tornar-se a Portugal, e viver alli onde mais lhe aprouvesse.

(154) Vej. Orlandini. Livro 12.° n. 60

Ou por innocente, ou por confiar na antiga amizade, o certo é que Simão Rodrigues apresentou-se a Loyola, mostra-lhe o diploma, e este o rasga immediatamente, para assim provar-lhe, que o não provocára e que fôra obtido pelos amigos de Simão sem que o houvessem consultado para isso. Loyola louva-lhe muito o acto; mas a congregação, revendo a causa, julgou que o padre Simão Rodrigues era ou fôra a causa d'aquelles tumultos.

Portanto, para evitar occasião de novos disturbios, deliberou mandal-o fundar um collegio em Jerusalem. Partiu elle n'esse intuito para Veneza, e alli, impedido pelas suas enfermidades, se demorou até 1654.

N'este anno se passou á Hespanha, onde ficou até 1573, quando obteve licença para voltar a Portugal.

Não foi sem muito empenho que alcançaram os padres portuguezes esta mercê; porquanto, por occasião de se acharem em Roma para a eleição do geral, que foi Everardo Mercurial, e no cumprimento de seus mandatos, que lhes recommendavam positivamente a volta do padre Simão Rodrigues, não descançaram sem que lhe concedessem essa permissão.

Morte do padre Simão Rodrigues.—Voltou o velho e como que apenas teve tempo de se admirar dos progressos que a companhia havia feito em Portugal; porque tendo percorrido Evora, Coimbra, etc., veiu morrer em Lisboa no anno de 1577.

Observa o autor que com a sahida de Simão Rodrigues de Portugal, tomou o rei por confessor ao padre Luiz Gonçalves da Camara.

Atando depois o fio da narração e referindo-se o padre A. Franco ao anno de 1552, diz que se não pacificaram aquelles disturbios em Coimbra com a desejada promptidão. Os rumores espalhados pelos muitos que haviam de-

sertado da companhia, offendiam os pios ouvidos. O padre Manoel Godinho, reitor do collegio, em uma demanda com os poderosos conegos de Santa Cruz, se tinha alienado as boas graças d'aquella respeitavel congregação. Querendo applacar aquella tormenta, e ver se ainda era possivel tirar partido das circumstancias, reune a 8 de Novembro o collegio na sua igreja, pede que encommende a Deus a sua intenção, e que continuem os socios em fervorosas orações até a sua volta. Depois, vestido de luto e com as espaduas núas, vai-se pelas ruas, açoitando-se cruelmente com umas disciplinas, e parando em todas as estações. Commovido com tal espectaculo, ajunta-se povo, segue-o até á igreja de Santa Cruz, onde elle continúa a açoitar-se, pedindo a misericordia do céo para esses homens honrados, e para si mesmo, por ter defendido tão acremente a *justiça* do seu collegio.

A velhacaria jesuitica produziu no povo os mesmos santos effeitos, e quer conegos, quer egressos, todos emmudeceram!

1553.—Veiu a Portugal o padre Jeronymo Natal com poderes de commissario para o fim de publicar as constituições, e foi alli recebido benignamente. O rei pede-lhe um exemplar, e dota o collegio com cincoenta mil réis—« *decorum regalium æquitanis, et quidem in perpetuum.* »

Veiu depois, no mesmo anno, S. Francisco de Borja. Está fóra de todo o encarecimento o modo com que foi acolhido na côrte. Era geral a loucura, e a tal ponto que o infante D. Luiz se quiz fazer jesuita. Não o foi; porque pareceu a Loyola que a sociedade de Jesus ganhava mais se o não tivesse por socio.

1555.—Referem os autores o seguinte facto passado n'este anno, posto que haja alguem que o impugne. Dizem que D. João, tão amante, como era, da companhia, tratando

de estabelecer a inquisição em Portugal, a offerecêra a ella, Diogo Mirão, segundo elles, a aceitára, sob condição de assentimento de Loyola, que este o déra, e que se não foi avante o negocio, foi porque quando chegaram as cartas de aceitação de Loyola, era morto o infante D. Luiz, o fervoroso admirador e o mais teuaz defensor da companhia, e estava enfermo o cardeal.

De facto D. Luiz morreu n'este anno e como não tinha podido fazer-se jesuita no exterior, vestindo a roupeta curta, mandou que fosse a ella admittido seu filho D. Antonio (prior de Crato); mas os fados o reservavam para maiores vicissitudes: tocou na corôa, e morreu no exilio!

1556.—Morre Loyola em 1556. Os padres professos de Portugal, que eram poucos, reunem-se em Almeirim, onde estava o rei. Luiz Gonçalves da Camara e Gonçalo Vaz de Mello foram eleitos para acompanharem o provincial Miguel de Torres (Turriano), indo tambem com elles o padre Manoel Godinho, como procurador da provincia de Portugal, e Jorge Serrão, das do Brasil e das Indias. O rei correu com os gastos da jornada.

1557.—Morre D. João III a 11 de Junho, com 55 annos de idade e 35 de reinado.

Não houve recanto do reino onde D. João III não fundasse igrejas com largas dotações! Creou e nomeou os primeiros bispos de Leiria, Porto-Alegre e Miranda, em Portugal, o primeiro arcebispo d'Evora, o primeiro bispo de Cabo-Verde, o patriarcha da Ethiopia, e para o que podesse acontecer os bispos da China (*cocinense*) e de Malaca, e mais o bispo da Bahia. Introduziu no reino os jesuitas, antes mesmo de serem approvodos pelo pontifice, os padres capuchinhos e os franciscanos. Além das casas da companhia, mandou construir ou augmentou grandemente as fundações dos monges de S. Jeronymo, de S. Agostinho,

dos religiosos da ordem de Christo, dos Carmelitas, o mosteiro de S. Gonçalo d'Amarante, etc.

Não satisfeito de enriquecer a curia romana, mandava esmolas á Galliza e á Hespanha. Então aos jesuitas, a estes favorecia elle em toda a parte; porque Loyola lhe mettêra em cabeça que era elle o segundo pai da ordem! A's casas de collegios de Hespanha, França, Italia e Allemanha mandava largas provisões de especiarias das Indias e do Brasil «*Jubebat dari ex aromatibus Indieis et Brasilicis condimentis ampla subsidia.*»

Deixou por fim recommendado que seu neto D. Sebastião fosse educado na doutrina dos honrados padres (na phrase do rei), e para isso foi chamado de Roma o padre Luiz Gonçalves da Camara. A rainha nomeou para confessor de seu neto e tutelado a Miguel de Torres (Turriano). O rei mesmo em vida recommendava a todos que tomassem confessores jesuitas, que era esse o caminho de seu agrado.

1559.—Cabe mencionar n'este anno a vinda do padre Luiz Gonçalves da Camara pela fatal influencia que exerceu no reino, e pelas desgraças que a elle advieram d'ahi.

Depois da morte do rei, tendo a rainha respirado os ares d'aquella atmosphera devota e hypocrita, e sendo de mais a mais hespanhola e filha de Filippe I, não se descuidou das recommendações do rei, antes se apressou a cumpril-as. Escreveu logo ao geral Laynes que lhe mandasse o padre Luiz Gonçalves, ao que elle lhe respondeu que era preciso consultar os provinciaes. Sabia elle com quem tratava, e por isso apparentava taes difficuldades para lhe aguçar mais a vontade; tanto assim que, entendendo a rainha ser esta resposta uma evasiva, mandou a Roma por seu embaixador a Lourenço Peres de Tavora, recommendando-lhe especialmente a vinda do padre Luiz Gonçalves da Camara. Já não houve então mais duvidas, e volta o padre Luiz Gonçalves

isento da jurisdicção de qualquer superior, excepto da do geral, mas com a condição de não habitar fóra de casas da sociedade. Chega e põe difficuldades. D. Catharina, mulher e rainha, teima e vence, se é que a victoria não foi do padre e de seus consocios, que negociavam para venderem-se mais caros e entrarem ainda mais no animo real.

Morre o padre Manoel Alvares, coadjutor, martyr, ou no Brasil, ou em viagem para alli (*in itinere brasilico*). Partiram tambem n'esse mesmo anno, com o bispo Leitão, sete jesuitas, sendo sacerdotes de missa os padres João de Mello e João Dicio (belga).

O ultimo, achando contrarios á sua saude os ares do Brasil, voltou a Portugal. Dos cinco noviços tres foram expulsos por não satisfazerem a vocação.

1561.—N'este anno volta o padre Dicio do Brasil. Foram mais dois para lá: o padre Francisco Viegas (portuguez) e um irmão de nome Scipião (italiano).

1562.—D. Catharina entrega o governo do reino.

1563.—Partiram para o Brasil quatro: o padre Quiricio Caxa, o irmão Balthazar Alvaro, ambos castelhanos, e os irmãos Sebastião de Pena e Luiz Carvalho (portuguezes). O cardeal lhes mandou dar passagem na capitánea, as despezas da jornada pelo thesouro, e presentes de muitas alfaias, paramentos e calices de prata.

1564.—O cardeal dota o collegio da Bahia em nome de D. Sebastião, que manifestára desejo de o fazer.

1565.—Morte de Laynes.

Congregação geral em que vai por prior da India e Brasil Ignacio de Azevedo. Resolve-se ahi que não usem essas dignidades o titulo de dom (Ignacio de Azevedo estava no caso de o ter), annullados os lugares de superintendentes, que tolhiam toda a acção ao reitor; assim tambem dos com-

missarios aos provinciaes. Todavia ficaram superintendentes nos collegios maiores.

O cardeal D. Henrique obtem, em nome de D. Sebastião, que fossem coagidos e punidos, como apostatas, os jesuitas que de seu moto sahissem da companhia e que não entrassem na Cartucha.

1566.—O novo geral cria visitadores para as differentes provincias. Coube a Portugal Miguel de Torres e ao Brasil Ignacio de Azevedo. Partiu este com Mauro Gonçalves, Antonio da Rocha e Balthazar Fernandes (sacerdotes), Pedro Dias e Estevão Fernandes (irmãos). Chegam á Bahia a 24 de Agosto, e quasi ao mesmo tempo os padres Miguel Rego e Antonio Aranda.

Estabelece-se em Coimbra a inquisição no collegio que havia sido dos jesuitas, e aonde depois haviam de encarcerar o padre Antonio Vieira.

Toma D. Sebastião n'esse anno as redeas do governo, tendo de idade 14 annos, e em fins de Outubro volta o padre Ignacio de Azevedo « contando d'elle tantas maravilhas, a ponto que levantou-se como um incendio em todos que lá queriam ir prégar a fé. »

Apezar de promulgado o diploma pontificio contra os apostatas parece que nem esses casos de deserção eram raros, nem as outras ordens podiam vêr com bons olhos que se considerasse apostasia a preferencia que lhes déssem os transfugas do instituto. O cardeal, porém, orgulhoso como quem era, e teimoso a mais não poder, vendo que não conseguia convencer os muitos doutores que eram contrarios á sua opinião, valeu-se da autoridade de legado *a latere* e de inquisidor-geral, e a 13 de Outubro condemnou como heretica e offensiva, etc., etc., a opinião que lhe era opposta. A isto não havia replica: os jesuitas ficaram jesuitas, e diz A. Franco: « Quamvis esset promulgatum pontificia di-

plomata de apostatis; non dierant litterati hominis externi, qui favebant societatem sponte sua deserentibus, vel ad ordines alias migrantibus. Noxios errores cardinalis Henricus exterminaturus, usus potestate. Legati de latere, et generalis inquisitoris, dedit litteras, ubi verbis gravissimis declaravit hujus modi opiniones esse errores non tolerandos et a sacra puniendos inquisitione, tanquam sapientes hæresim.

« Præcepit in virtute sanctæ obedientiæ sub pœna excomunicationis nequis temere aut tam pestiferam docere douctrinam auderit. Hujus modi diploma edictum 13 Octobris, frœnum imposuit talium errorem defensoribus (*Syn. Ann.*, § 11, pag. 82). »

1570.—A 15 de Julho d'este anno morre Ignacio de Azevedo e seus companheiros ás mãos de Soria, excepto Simão da Costa, a quem os hereges cortaram no día segninte o pescoço, tendo igual sorte a 13 de Setembro de 1571 o padre Pedro Dias e mais treze companheiros(155).

1571.—Succede mais n'este anno vir S. Francisco de Borja a Portugal por causa das calumnias que mandaram espalhar na Europa contra os jesuitas aquelles que no Brasil e nas Indias julgavam seus interesses prejudicados pelos da companhia.

Diz o autor que os padres empenhavam-se em compôr as desavenças entre o rei-cardeal e a rainha, que se queria ir para Castella, mas que nem ella, nem os padres oppunham-se a que elle casasse.

1572.—Parte n'este anno para o Brasil Ignacio de Tolosa,

(155) Veja-se F. Sachino *Historiæ Societatis Jesu*, que não está de accordo quanto ao numero dos padres escapos das mãos de Jacques Soria.

nomeado provincial por S. Francisco de Borja pela morte do padre Ignacio de Azevedo.

Tolosa era hespanhol, natural de Medina-Cœli. Entrou para a sociedade em Portugal, e como era doutor em theologia ensinára esta sciencia em Coimbra.

« Recebidas as cartas patentes foi-se ao altar e as depôz ante um crucifixo, rogando á Virgem Maria tomasse a si aquelle encargo. Para prova de que aceitava a offerta, lançou de si o crucifixo tantos raios de luz tão viva, que todo o cubiculo ficou alumiado. »

Já se vê que houve d'isso testemunhas....

1573.—Partiu Tolosa a 28 de Janeiro em uma frota de trinta navios, levando comsigo doze companheiros, e chegou á Bahia em fins de Abril, vivendo alli santamente até Maio de 1661.

Apezar dos grandes favores que Pio V tinha feito á sociedade, voltára atraz nos ultimos annos do seu pontificado, querendo muitas reformações na instituição da companhia, sobretudo na parte relativa aos não professos, a quem recusava tomassem ordens sacras. Gregorio XIII aboliu todas estas restricções, e as cousas voltaram ao antigo.

Reune-se em Roma a congregação para eleger novo geral, e João Polamo, hespanhol e vigario-geral que tinha estado no segredo dos antecessores, era o candidato provavel para substituir o derradeiro.

Quando se apresentaram os da congregação ante o papa, rogando-lhe, como era de costume, a sua benção, informou-se o papa miudamente do modo da eleição e perguntou quantos geraes hespanhoes tinha havido, ao que lhe redarguiram que todos tres haviam sido d'aquella nação. D'ahi passou a indagar do numero de votos hespanhoes e do das demais nações; e vendo que havia desigualdade pon-

derou: Pois é justo que agora se escolha geral de outra nação!

Tornou-lhe Polamo modesta e commedidamente, que a sociedade se congregava em Roma para ter mais liberdade na eleição; que ninguem soffria exclusão, e que obrigavam-se todos por juramento a escolher o melhor. Retrucou a isto o papa que houvesse igualdade nos suffragios, que nas outras nações não faltavam sujeitos capazes d'aquelle cargo eminente e apontou o belga Everardo Imercurialis.

A causa d'esta novidade era o ciume das outras nações, que viam o cargo nas mãos dos hespanhoes; era tambem o aborrecimento ao sangue judeu: pois que Polamo ou era christão novo, ou protegêra aquella nação perseguida. O cardeal D. Henrique tinha descoberto horrores d'esta gente, e como amigo da sociedade, queixava-se de que os houvesse na companhia. Elle, portanto, D. Sebastião e Filippe I, de Hespanha, escreveram ao papa, instando para que não consentisse um geral infamado com esse labéo.

Reunidos os padres, apresenta-se um cardeal, recommendando-lhes que não elejam hespanhol. Irritam-se, mas obedecem com a tão preconisada flexibilidade do Instituto.

Sahe eleito Everardo Mercuriano (Mercurialis) a 23 de Abril d'esse anno (1574). Partiram cinco jesuitas para o Brasil, com differente successo. Luiz Dias e Manoel Mesquita, sacerdotes portuguezes, e João Salonio, catalão, chegam ao seu destino, e o ultimo vai d'ahi com outros padres da provincia do Brasil para Tucuman, na America hespanhola, onde funda o collegio. Os outros dois sacerdotes, Diogo Mendes e Francisco Lopes, que tambem partirem n'este anno para o Brasil, foram apresados pelos hereticos francezes, e são postos nús na praia, depois de soffrerem grandes affrontas e correrem risco de vida. Tanto que os piratas estiveram a ponto de vir ás mãos, porque um dos

navios os queria para os matar, e o capitão recusava entregar-lh'os.

1575.—Parte D. Sebastião para a Africa e leva comsigo seis jesuitas, voltando depois d'esta primeira e louca tentativa.

Partem para o Brasil seis jesuitas, José Morinelo e Leonardo Arminio, padres italianos, os padres Francisco Lopes e João Baptista e os noviços Manoel Tavora e Jeronymo Rodrigues.

1577.—Gregorio Serrão, que viera por procurador a Roma, volta com dezesete companheiros portuguezes e d'outras nacionalidades.

1578.—Jornada da Africa em que vão 15 jesuitas. E' depois acclamado rei o cardeal D. Henrique.

1579.—Chega a Portugal o padre Maffei para escrever a sua *Historia das Indias*. Morre Simão Rodrigues em Lisboa, a 15 de Julho d'esse anno, como fica atraz referido.

1580.—Morre n'este anno o cardeal-rei, e no seguinte (1581) o geral Everardo Mercuriano; sendo eleito para substituil-o Claudio Aquaviva, com 37 annos de idade.

Parte para o Brasil com poderes de visitador, o padre Christovão de Gouvêa, indo em sua companhia Simão Cardim e Rodrigo de Freitas, ambos sacerdotes e procuradores da provincia do Brasil, e o coadjutor Barnabé Telles, que fôra socio de Simão Rodrigues, e Martinho Vaz, noviço. O padre Christovão, na sua tornada ao reino, cahiu em poder dos piratas e foi lançado nas praias de *Cantabria* (?)

1585.—Não poucos partiram este anno de Lisboa (30 de Janeiro) com destino ao Brasil, e entre elles o padre Lourenço Cardim. Como o vento era fraco andam seis leguas e sahem ao encontro d'elles duas náos de piratas francezes, occultos pela serra de Cintra, dão-lhes caça, de noite, combatem longamente, morrendo Lourenço Cardim,

no conflicto, d'uma bala que lhe despedaçou o craneo, quando animava os combatentes: entram, roubam, maltratam os padres e os deixam no navio em que vinham e que foi ter á Galliza.

1586.—A' esforços e conselho do cardeal Alberto são os comediantes condemnados a degredo, como peste e corrupção dos bons costumes. Elles offerecem dotes a 5 donzellas orphãs e resgate para 5 captivos com tanto que os deixem. Os padres mofam (*risere*) d'esta liberalidade e foram aquelles pobres coitados expulsos de Lisboa! Não desesperaram no emtanto de tão mofina sorte, tanto que voltaram á carga em 1588, promettendo d'esta feita dar oitenta comedias e mil dinheiros reaes (cruzados?) á Santa Casa por cada um d'elles; mas os jesuitas não cedem e fazem com que refuzem o pedido.

1587.—Partiram n'este anno para o Brasil Marçal Beliarte, que ia por procurador da provincia, Francisco Soares, que o anno antes tinha sido tomado pelos piratas, Marcos da Costa e Henrique Gomes, todos professsos, o padre Manoel Ferreira, coadjutor espiritual, Domingos Coelho (*non dominietatus*) e que depois regeu por duas vezes a provincia. Os mais eram coadjutores:—Paulo Pinto, Diogo Gomes (portuguezes), Ascanio Bonajusto e Agostinho Lifarelo (italianos).

Voltou o padre Antonio Gomes, que d'alli viéra por procurador.

1591.—Foram quatro para o Brasil: Pedro Coelho e Gaspar Lobo, sacerdotes professos, Simão Pinheiro, Manoel Oliveira não ordenados. Pinheiro foi mais tarde provincial, e Oliveira reitor no collegio da Bahia, e voltando por procurador da provincia, morreu na Italia.

Houve n'este mesmo anno a *grande conspiração* de Luiz Carvalho. Entrára este para a sociedade, em Coimbra, no

anno de 1554. Era homem de engenho, letras e bons dotes; mas de virtudes não correspondentes, segundo o dizer dos padres. Alguns jesuitas tinham-se por aquelle tempo levantado em Castella contra a sociedade. Elle quiz emital-os em Portugal e escreveu *Observationes Constitutionibus Jesu in Portugale.* Gaspar Coelho as traduz. A este, representam os padres, como homem leve e inconstante e outros de nenhuma verdade nem virtude.

Transpira o negocio e o visitador, padre Pedro da Fonseca mette a Coelho no carcere; e por isso escreve Luiz Carvalho ao cardeal Alberto, que tinha casos d'importancia a communicar-lhe e o não podia fazer por carta. Decide este que o chamassem a Lisboa, como de facto se fez.

Apresenta-lhe o seu libello, cheio de calumnias e injurias (diz o autor): lastima o miserrimo estado da companhia, e que não havia valer-lhe com outro remedio senão commetter a um bispo de letras e virtudes a reformação da ordem. O que lhe disse Carvalho, calou no espirito do cardeal. O rei tinha obtido de Roma bullas para entender na reforma das ordens religiosas, e o bispo Jorge d'Athayde, que presidia na Hespanha ao conselho de Portugal, estava convencido d'essa necessidade, e ameaça *nomeadamente* aos jesuitas. O cardeal instituiu um inquerito secreto: chama os jesuitas, dá-lhes juramento de dizerem a verdade e guardarem segredo. «*Res erat plena periculi; nam leviores, quorum semper aliqui vivunt in tanto numero, arriperent occasionem turbandi Societatem, ejus que Sanctissimum Institutum et vivendi morem.*»

Escrevem para Roma ao pontifice e este ao rei de Hespanha, que a bulla da revisão e reforma das ordens no reino não se estendem aos jesuitas; e ao cardeal Alberto que não fizesse questões ácerca das instituições da companhia, e entregasse os autos e papeis a Carvalho.

Este pobre diabo é quem pagou as custas, soffrendo a vingança occulta e perseverante da ordem!

1595.—Partem seis para o Brasil.—Raphael Carneiro e João Fernandes, sacerdotes; Manoel Gomes e Tenreiro, estudantes; João Baptista e Francisco Gonçalves, coadjutores temporaes.

1598.—Foram quatro para o Brasil:—Antonio Mattos, Melchior Alvares e Jeronymo Peixoto. sacerdotes, e o irmão João Gomes.

1602.—Partiram n'este anno onze, todos portuguezes; 4 sacerdotes, um coadjutor e os mais leigos. Entre elles o padre Luiz Figueira, d'Almodovar, que depois morreu, diz Franco *in regressu ad Maranionem*: d'elle ha a grammatica da lingua geral e o vocabulario.

1604.—Vão sete jesuitas, sendo 6 padres e um coadjutor, e com elles um estudante. Era seu superior o padre Fernão Cardim, de volta da Inglaterra, onde os piratas o tinham deixado.

1607.—Partem n'este anno seis para o Brasil:—padre Manoel de Lima com poderes de visitador, seu socio o padre Jacome Monociros e Matheus Gonçalves, coadjutor, dois estudantes e mais outro coadjutor.

1609.—A 27 de Junho proclama-se a canonisação de Santo Ignacio de Loyola.

1610.—Ordem do rei expulsando da India todos os jesuitas italianos por não convirem alli ao seu serviço. Não foi sem difficuldade que conseguiram os padres atalhar este golpe; mas por fim o conseguem.

1619.—25 d'Outubro. Canonisação de S. Francisco Xavier.

Partiram n'este anno dez socios para o Brasil com o padre Henrique Gomes, que d'ahi viéra por procurador. Todos

eram portuguezes, excepto João Herman, hamburguez e pintor.

Foram tambem n'esse anno mais tres:—O padre Paulo Carvalho, doutor e professor de theologia em Evora, homem doutissimo, o padre Benedicto Amadeu, siciliano, que depois passou-se ao Maranhão, e o padre Fabio Moyo, napolitano, que depois foi mandado ao Paraguay.

1620.—Partiram n'este anno para o Brasil dois sicilianos, o padre Leonardo Mercurio (*Mercuriales*) e o padre José Costa.

1622.—Morre Filippe II, e foram para o Brasil quatro sacerdotes, todos sicilianos.—Antonio Bellario, morto em Pernambuco ás mãos dos hollandezes, quando ouvia de confissão a uns penitentes; Conrado Aricio, Antonio Forti e Francisco Oliveira (?).

1623.—*Expulsão dos jesuitas d'Angola.* Governava esta provincia João Corrêa de Sousa, que fazia guerra aos gentios, e ao que oppunham-se os padres por iniqua. Sousa tomado de colera e para cortar difficuldades, manda uns pretos ao collegio e estes agarram os padres Jeronymo Vogado, Antonio Amaral Matheus Navarro, mettem-n'os amarrados de pés e mãos em redes e assim os conduzem para bordo de um navio que os trouxe a Portugal. Isto succedeu no principio do anno; e porque ao mez d'Outubro esse governador abandonasse o seu posto e fugisse para as Indias de Castella, foi alli preso e mandado para Lisbôa, onde morreu no carcere.

Foi canonisado S. Francisco de Borja a 6 de Setembro d'este anno, sendo pontifice Urbano VIII.

1628,—Partem oito jesuitas para o Brasil, seis sacerdotes entre elles o futuro provincial Antonio de Mattos e dois coadjutores, dos quaes era um belga e pintor. Tomada a

a não pelos hollandezes, viveu o padre Mattos quatro annos em poder d'elles.

1633.—O padre Francisco Gentino, que passára doze annos missionando em Angola, passou-se n'este anno ao Brasil, e d'aqui se foi ao Paraguay.

1635.—Apparecendo n'este anno o duque de Bragança em certa festa religiosa d'Evora, o padre José Gaspar Corrêa, que prégava, voltando-se para elle, concluia. «Adhuc, princeps, cernam in tuo capite coronam...» e fazendo uma pausa continuou «gloriœ, ad quam Deus nos perducat.» Lembram-se d'isto mais tarde nos conselhos de Hespanha, e Gaspar Corrêa foi um d'aquelles que nos tumultos de Evora, de 1637, foram chamados a Hespanha por se suppôr perigosa a sua presença em Portugal.

Por esse tempo corriam os jesuitas hespanhoes para a India e Africa, esquecendo-se do Brasil.

1640.—Com a acclamação de D. João IV as cousas mudam um pouco de figura. Elle lembrou-se talvez de que a um de seus antecessores tinha o rei de Hespanha offerecido a corôa do Brasil, para não encontrar maiores obstaculos em Portugal, e por isso voltou suas vistas para ahi.

1641.—Elevado ao solio, o rei se aproveita dos jesuitas para differentes missões, e o padre Francisco Vilhena veiu para o fazer acclamar no Brasil.

Não foi porém isto preciso, porque o marquez de Montalvão o havia feito na Bahia, mandando a Portugal seu filho mais velho como portador de tão boa nova. Em companhia d'este veiu o padre Antonio Vieira.

O grande prégador precisava bem d'uma côrte onde se fallasse portuguez e que fosse theatro para seus triumphos oratorios. Pouco depois veiu o proprio marquez de Montalvão, trazendo os que já tinham sido seus companheiros na

viagem do Brasil: o padre Ignacio Estafortio, inglez e professor de mathematica e o irmão Gonçalo Vaz.

1642.—A 12 de Fevereiro d'este anno morre o padre Ignacio Estafortio, e a 24 d'Abril do mesmo anno o padre Bartholomeu Guerreiro, em Lisboa.

Partiram para o Brasil o padre Francisco Corrêa, que depois foi provincial (em Portugal?) e os dois noviços, Antonio Carneiro e Antonio Vaz. O ultimo com o andar dos tempos passou-se a cultivar a vinha do Maranhão.

Foram com estes quatro estudantes, que entraram no Brasil para a sociedade.

1643.—Missão para o Maranhão.—O padre Luiz Figueira, que tinha passado ao Brasil, foi d'alli mandado ao Maranhão(156) para cultivar aquella vinha; mas, reconhecendo-se insufficiente para tanta messe, tornou a Portugal, no intuito de convidar novos obreiros e de melhor proteger a liberdade dos indios. Consumidos alguns annos n'isto, partiu de Lisboa no ultimo de Abril d'este anno (1643) com quinze companheiros, tanto sacerdotes de ordens, como sem ellas. Chegaram ao Maranhão a 12 de Junho; mas, vendo que a terra pertencia aos hollandezes, levantaram novamente ancora e foram para o Pará, onde entraram a 27 do mesmo mez. A náo encalhou e desfez-se, salvando-se tres, e sendo os outros devorados pelas ondas ou mortos pelos indios de uma ilha, onde tinham aportado nos destroços do navio. Os que escaparam foram Francisco Pirès, Antonio Carvalho e Nicoláo Ferreira de Carvalho, que acabou seus dias pouco depois.

(156) Como é sabido dividiu-se o Brasil em dois Estados, o do Maranhão e o do Brasil,propriamente dito; por isso conservo essa distincção, para ir de accordo com os chronistas.

Ia n'essa viagem por governador do Pará Pedro Teixeira, que tambem escapou.

1644.—O padre Antonio Vieira é nomeado prégador da capella real.

1648.—Salvador Corrêa de Sá e Benevides toma Loanda. Iam com elle n'esta expedição os padres Filippe Franco e Antonio Couto.

1649.—O padre André Fernandes é nomeado confessor do principe D. Theodosio e bispo do Japão. Por influencia e conselhos d'elle, segundo dizem, se creou o tribunal das missões ultramarinas, que tinha por fim promovêl-as. Foi provavelmente instituido em 1650, sendo seu presidente o mesmo André Fernandes emquanto viveu.

1652.—Partiu para o Maranhão o padre Antonio Vieira. Muitos motivos concorreram para isso, sendo um d'elles o ter-se mettido em muitas cousas que lhe tinham acarretado inimizades, taes como o litigio do collegio de Santo Antonio com a provincia do Brasil; que Vieira favorecia o Brasil, sustentando a separação da de Pernambuco. Era isto o que indignava sobretudo os franciscanos: « *ob id qui sentiembant ob qui pellendum e societate, tanquam ejus turbaret pacem.* »

1653.—Morreu o principe D. Theodosio em 1653.

Divide-se a provincia em *cis* e *transtagana* a 27 de Setembro de 1653, e durou esta divisão até 1655. O rei foi a principal causa d'ella, chegando até ao ponto de intimar ao provincial que suspendesse toda a communicação com seu geral, nem mandasse subsidios aos jesuitas de Portugal, que contra a ordem d'elle se demoravam em Roma. Ignorava elle que os jesuitas lhe não obedeceriam. Tavora, que era provincial, respondeu-lhe humildemente que tal não podia fazer, nem impedir a seus subditos que o fizessem sem incorrer em peccado mortal; que se dignasse, pois,

Sua Alteza, visto a sua grande benevolencia com aquella minima sociedade, não a lançar em taes angustias.

O geral, que considerou o negocio serio, mandou o visitador João Brisar, de nação francez e reitor do collegio de Paris, com poderes plenos para resolver o caso.

1655.—O padre Antonio Vieira volta a Portugal; mas o rei não se contenta com a visita: difficulta-lh'a e manda que o negocio se proponha na congregação da provincia transtagana, a que pertenciam as missões de Angola e Cabo-Verde; e pelo que d'aqui colligimos, tambem o Maranhão. Vieira apresenta-se e ora a favor da sua ida. O provincial Benedicto Siqueira põe a votos secretos, decidindo-se a maioria pela affirmativa.

Partiram n'este anno para o Brasil nove, um italiano e os mais portuguezes, levando como superior o padre João de Paiva, que missionava havia muitos annos em Congo, e veiu a morrer no Brasil com a opinião de não vulgar virtude.

1656.—Morreu D. João IV, e succede-lhe no governo a rainha D. Luiza na menoridade de el-rei D. Affonso.

1659.—Entende Filippe de Hespanha que, por governar em Portugal uma mulher, ser-lhe-ia facil recobrar o reino. Não obstante as guerras que sobrevieram, partiram n'este anno em auxilio ao padre Antonio Vieira, então no Maranhão, seis sacerdotes e dois irmãos que ainda não eram professos.

1660.—Morreu n'este anno o bispo do Japão D. André Fernandes, confessor tambem da rainha.

Partiram para o Maranhão os padres Pedro Luiz Gonçalves, italiano, Gaspar Urisch, João Filippe Bettendorf, belgas, com Balthazar de Campos, coadjutor e tambem belga.

1661.—O padre Antonio Vieira é expulso do Maranhão,

No começo de Maio d'este anno, possuido o povo de furor diabolico, segundo a opinião do autor da *Synopsis*, invade o collegio de S. Luiz, rompendo paredes, quebrando portas e roubando tudo, e afinal prendem sete padres, que põe incommunicaveis e os coage a embarcarem-se em uma náo que estava no porto.

Imitando-os a gente do Pará, tambem põe o collegio de Belém em assedio, vão pelo norte acima e prendem os que acham nas aldêas. Dentro do anno falta chuva, os rios seccam e ha peste, e préga por esse motivo o padre Vieira um notavel sermão.

1662.—A rainha entrega o governo.

1663.—Voltam ao Maranhão quatro padres e seis coadjutores, que d'alli tinham sido expulsos.

O padre Jacintho de Magistris, italiano, com o padre Luiz Nogueira, portuguez, seu socio, e outros nove de differentes nações, tanto padres como coadjutores e noviços, partiram para o Brasil.

O visitador não foi aceito, e deposto da autoridade, o mandaram de volta a Portugal. Foi depois reenviado como commissario para punir os criminosos.

1664.—Foram para o Brasil os padres Jacob Roland, belga, Matheus de Moura, portuguez; Moura, diz o padre A. Franco, é alli provincial no tempo em que isto escrevemos (1725, em que terminou o *Annaliam* ou em 1726, em que foram impressos).

1665.—Volta a Portugal a ter uma só provincia, e o padre Antonio Barradas é feito provincial de ambas, ou antes da unica, que ficou subsistindo.

Expulso do Brasil o padre Jacintho de Magistris. « Cum res essent turbata et severitati opus foret ad cohibendam deinceps pessimi exempli audaciam » foram por duas vezes mandados differentes n'este anno. Primeiramente no mez

de Março o padre Francisco Morato com Manoel Cortez e Balthazar Duarte, estudante. Em Dezembro o padre Dr. Antão Gonçalves,commissario com poderes de geral, e levava para socio Manoel Zuzarte. O padre Gaspar Alvares ia por provincial, tendo por socio o padre Antonio da Fonseca, depois confessor d'el-rei D. Affonso, quando deposto e preso em Cintra. Foram mais os estudantes Francisco de Sousa e Francisco João da Silva. « Quid in Brasilia fungentes suis muneribus, non est inerem nemo rare »

1666.—Morre a rainha viuva D. Luiza de Gusmão, em 1666.

1667.—Volta ao Brasil o padre Domingos Barbosa, que viéra por procurador a Roma. Vão dois estudantes Manoel Figueiredo e Manoel Rodrigues.

1668.—Partiram para Brasil tres estudantes que alli entraram para a sociedade—Antonio Rodrigues, Mendo Pacheco e Raphael Salgado.

1669.—O padre Manoel de Pina, que no anno antes tinha ficado em Portugal por motivos de saude, partiu este anno com o estudante Gaspar de Barros, que ia filiar-se á sociedade no Brasil.

1671.—A 8 de Dezembro morreu no Porto o padre Manoel Zuzarte, companheiro do commissario Antão Gonçalves que foi ao Brasil, e aqui morreu.

1674.—Partiram tres padres para o Maranhão, os padres Francisco Pereira, Manoel Pereira e Francisco Ribeiro, e mais Simão Luiz, que ainda não era de missa.

1675.—A 20 de Abril d'este anno morreu Balthazar Telles, autor da *Chronica da Companhia*, na casa professa de S. Roque.

1680.—No 1° de Agosto morreu em Roma o padre Antão Gonçalves.

1681.—Foi para o Maranhão o padre Manoel Nunes que

fôra d'antes expulso com os outros. Cahiu n'essa viagem em poder de piratas, onde soffreu muito, Conseguiu afinal escapar e morreu entre os neophytos.

1683. —Morreu D. Affonso VI, e tambem a rainha Maria Isabel de Saboia, de quem nascêra D. João V.

1687.—Casou D. Pedro II com D. Maria Sophia, filha do eleitor palatino.

1687.—No anno de 1684, os portuguezes do Maranhão, indignados contra os padres, ainda por causa da escravidão dos indios, os exterminam d'essa capitania. Manda o rei abafar o tumulto em 1687 ; voltam quatro padres Iodoco Peres, Antonio Carvalho, Antonio Fonseca e Manoel Borba, com o irmão Francisco, como coadjutor.

1688.—Passaram-se n'este anno ao Maranhão dezoito padres com o superier, que era, o padre João Filippe Bettendorf, belga, que do Maranhão tinha vindo a Portugal a buscar novos operarios, sendo dos dezoito, oito padres, tres coadjutores, e os mais estudantes.

1690.—Foram para o Maranhão quatro sacerdotes e um irmão, os padres Justo, João Luca, italiano, Manoel Amaral Manoel Galvão, Manoel Rebello, e o Dr. Domingos Cruz, portuguezes.

1691.—Partiram n'este anno para o Brasil sete estudantes e dois coadjutores; e para o Maranhão tres sacerdotes, Antonio Amaral, Manoel Galvão, e João Justo Luca, italiano, o que parece repetição, pois que o autor já os faz partidos para essa provincia no anno de 1690 !

1692.—Com poderes de visitador ou de provincial, partiu n'este anno para o Brasil o padre Manoel Corrêa de Estremoz, que era reitor do collegio do Porto. Levou comsigo para mestre de theologia o padre Francisco Botelho, que depois foi confessor de D. João V. O padre Manoel Corrêa morre no seu emprego, deixando preclaros exem-

plos de uma vida religiosissima. Foram tambem quatorze estudantes e o padre Luiz Severino, que voltando alguns annos depois por causa de saude, morreu em Evora.

1693.—Partiu para o Maranhão com poderes de visitador o padre Benedicto de Oliveira, seu socio Antonio Affonso, coadjutor.

Para o Brasil foi tambem n'este anno um—o padre Filippe Bourel, allemão.

1694.—Passou ao Brasil o padre João Guinsel, tambem allemão, com dezesete noviços, estes portuguezes.

1695.— « In Maranoniam misimus egregiam manum erant numero quatuordecin; omnes ardentissime id postulaverant.

« Eram cinco sacerdotes, os mais para o serem apenas esperavam a idade: todos portuguezes.

1696.—Para o Maranhão foram n'este anno dois sacerdotes com dois estudantes, os padres Fructuoso Corrêa e Miguel da Silva. O padre Fructuoso Corrêa tinha ensinado philosophia em Evora e ia ensinar theologia em Maranhão, com permissão de voltar, como de facto, voltou concluido o tempo do magisterio. Exerceu alguns cargos na sociedade e no anno de 1720 era reitor do collegio e da academia de Evora.

1697.—A 18 de Julho d'este anno morre na Bahia o padre Antonio Vieira com noventa e tres annos de idade. D. Francisco, conde da Ericeira, mandou-lhe celebrar na casa professa de Lisboa, no mez de Dezembro, exequias dignas d'um principe.

1698.—Partiram n'este anno para o Maranhão dois padres, Francisco de Andrade e João Valladão. Deixou este um venerando exemplo de santa obediencia. Por dez annos tinha missionado nas ilhas Terceiras, e apenas de volta deu-lhe o superior ordem de partir para o Maranhão,

ao que elle obedeceu. Perguntado porque se não dispensára ficar, allegando os tantos annos que tinha passado nas ilhas servindo á sociedade, respondeu que os superiores bem sabiam da sua vida, e que o poderiam ter escusado se o entendessem. Elle, porém, ignorava se a sua salvação não dependia d'aquella obediencia.

Voltando do Maranhão annos depois, morreu de naufragio na foz do Amazonas.

1702.—Para o Brasil partiu este anno o padre João Pereira, com poderes de visitador, tendo por socio o coadjutor Ascenço Fernandes, com mais alguns escolasticos. O visitador se demorou no Brasil até o anno de 1706.

1703.—Para o Maranhão foram doze; um estrangeiro, todos os mais portuguezes. Ia o padre Manoel Saraiva com poderes de visitador.

1705.—Partiram onze para o Brasil, que todos tinham pedido com grande ardor esta missão; todos noviços e entrados para a sociedade antes do novo decreto pontificio de não receberem mais noviços na sociedade. Foram para o Maranhão sete, e como superior d'elles o padre Miguel da Costa.

1706.—Morreu D. Pedro II de Portugal.

1707.—D. João V foi acclamado rei no principio do anno. Tinham os jesuitas com os ministros romanos uma celebre questão ácerca do pagamento dos quindenios. N'este anno, emfim, o duque de Cadaval, em nome do rei, e o cardeal nuncio concordaram em que qualquer que fosse a quantia devida pelos jesuitas por conta dos quindenios passados pagassem tres mil cruzados, e depozessem mais a quantia de quatro mil cruzados pelos quinze annos proximos futuros, em mão de pessoa de confiança do nuncio. Pagas e depositadas aquellas quantias, suspende-se a prohibição da admissão de noviços, e logo no meio do mez de

Janeiro começaram a ser admittidos. Isto, porém, não durou muito, porque o papa não aceitou a tal convenção.

Foram sete para o Maranhão, todos não sacerdotes, excepto o padre Manoel da Costa, que de lá tinha vindo.

1708.—A 20 de Janeiro morreu com outros o padre Antonio de Barros, natural de Arcos de Valdevez, de naufragio que fez a algumas poucas leguas d'esse lugar! Vinha o padre da China, e trazia embaixada do Imperador do celeste Imperio para Roma.

No Brasil, porém, a náo da India foi condemnada por inavegavel, e o padre com outros se passou para a náo *Alamoda*. Ao chegar a Portugal tomou-a grande temporal.

O piloto, que se punha muito ao mar, deu popa ao vento e veiu encalhar não longe de Vianna, onde morreram todos, excepto poucos marujos.

1709.—Renasceu este anno a controversia dos quindenios, porque o papa não quiz approvar o convenio feito pelo cardeal nuncio (5 de Janeiro de 1707), e, pedindo somma muito maior, ameaçava privar os collegios de Portugal das igrejas que lhe haviam sido annexadas por bullas de Paulo II e Xisto V. Ora, estas igrejas eram o principal dote dos collegios. A ameaça era tão séria, os seus resultados seriam tão amargos que o provincial padre Manoel Dias mandou sem demora pagar o que pediam os ministros da curia romana. O rei, julgando que isto se tinha feito em menoscabo da sua honra, irou-se contra o geral que instára pela solução do negocio, e contra o provincial que o tinha d'essa fórma resolvido. O provincial foi degradado, e, ausentando-se, nomeou vigario-geral o padre Francisco Tavares, a quem o rei *ordenou* que não recebesse nenhuma ordem do geral, nem permittisse que elle exercesse jurisdicção alguma sobre os padres portuguezes, seus subditos.

Tão pouco conhecia o rei as constituições da ordem que

tanto favorecêra, e o que mais é, no anno seguinte tão apertado se viu, que consentiu na correspondencia com o geral!

Partiram para o Maranhão o padre Thomaz Linchio, estrangeiro, e o coadjutor portuguez Manoel da Silva.

1711.—Voltou de novo a questão dos quindenios; o novo nuncio Bichio intima ao visitador se não recebessem noviços emquanto não estivessem pagas as quantias devidas. O rei intervem, declarando que essa questão não era da sociedade, mas sua; porque oppunha-se ao direito real de patronato que elle tinha sobre as igrejas. Era no mez de Abril. Emquanto o nuncio communica o occorrido ao papa, não deixam os jesuitas de receber noviços!

1712.—Partiram treze para o Maranhão, indo antes d'elles, no anno antecedente, tres padres, João Teixeira, João Sampaio e Miguel de Castro, estudantes da missão do Maranhão, para alli receberem ordens sacras. Combatidos aquelles treze pelas tormentas, foi tomado e retomado o navio em que iam pelos piratas, sendo os ultimos hollandezes, que os desprezaram em Lisboa. Chegaram a tanta penuria de alimentos que desejavam de serem tomados, ainda que fosse pelos mouros, afim de conservarem a vida. Entre os treze que n'este anno partiram iam os dois padres João Teixeira e Sampaio (que parece já se tinham ordenado). Este ultimo ficou com tanto horror ao mar, que para não ir se despediu da sociedade. Em seu lugar se embarcou o padre Filippe Luiz, que, soffrendo em Portugal horriveis nevralgias, nunca mais as teve no Brasil.

No mez de Maio foi despedido da sociedade, por ordem do papa, o padre João Ribeiro, professo de quatro votos, lente de prima de theologia, em Evora. N'aquellas longas controversias acerca da questão dos quindenios, em que allegava o rei, como o disse o seu direito de patronato na

India e China, foi consultado sobre este ponto o padre João Ribeiro, que dizia sem rebuço o que sentia, defendendo os direitos e prerogativas da corôa, no que se mostrava melhor cidadão do que jesuita. Denunciado por estas causas ao papa Clemente XI, este mandou sobre preceito ao geral que o expellisse da sociedade. Escreveu-se logo ao visitador o padre João Pereira, que sem demora désse execução á ordem pontificia. O padre Ribeiro, que já previa o raio, tinha ordem do rei, recommendando ao secretario d'Estado intimasse ao visitador, que nada se ousasse contra o padre João Ribeiro sem dar prévio conhecimento ao rei. O secretario não sei porque, se esqueceu d'isso! O visitador dá execução ao mandado do geral. De noite, já fechadas as portas do convento, vão-se á casa professa, lêm a ordem e expulsam o padre.

« Respondeu o padre que appellava para o pontifice melhor informado. » O visitador não lhe aceitou a appellação.

« Pois que assim se offende o mestre divino (retrucou o padre J. Ribeiro), appello para a corôa que tem por dever proteger e desforçar seus subditos. » Vendo que nada lhe aproveitava, e afim de evitar violencia de *que em ultimo recurso lançariam mão*, tomou vestes seculares, sahiu e recolheu-se á casa de um dos principaes ministros do rei, que habitava junto á casa professa.—E' incrivel o frémito que se espalhou contra a sociedade, e contra o visitador, principalmente quando se teve conhecimento do facto. O rei amava o padre Ribeiro e julgava-se offendido n'elle; a côrte, a exemplo d'elle, não cabia em si de indignação. Chamado o visitador João Pereira foi reprehendido, degradado para fóra do reino, e privado dos direitos de portuguez. O padre Ribeiro foi nomeado deputado da meza da consciencia, lugar que exerceu até 13 de Abril de 1718, em que falleceu. O visitador retirou-se ao collegio de Pon-

tevedra, na Gollegã, e á força de instancias conseguiu voltar em Dezembro do mesmo anno de 1712; porém mal visto da corte e maltratado, morreu em 1715 como que de desgosto! O nuncio intima que despedissem os noviços recebidos depois de Abril de 1711 contra o theor da bulla, em cujas penas tinham incorrido. O provincial, padre Manoel de Andrade, os considera *estudantes* e d'esta fórma ficam.

1715.—Partiram para o Maranhão os padres Manoel dos Reis, José da Gama, Manoel Carvalho e Antonio Pimêntel. Levaram 4 estudantes para alli se ordenarem, *pois o não podiam* em Portugal, e d'est'arte illudiam o decreto com aquella astucia e manha proprias de jesuitas!

1716.—No mez de Junho se concluiu por uma vez a tão cansada questão dos quindenios. A prohibição de se admittirem noviços, que datava de 1712, causava grande e talvez irreparavel prejuizo á provincia e ás missões.

Informado d'isso o rei, tratou de terminar o negocio, recommendando a conclusão d'elle ao seu embaixador em Roma, o marquez de *Fontes*, que depois o foi de Abrantes. Pactuou-se que os collegios pagassem á curia romana pelas igrejas contravertidas a somma de cinco mil cruzados cada cinco annos, e aceita que foi a proposta pelo papa, mandou elle expedir sem mais demora letras apostolicas para a admissão de noviços. E mais pelas igrejas do mosteiro de Pedrosa e de S. João dos Longos Valles *(a longis vallibus)*, acerca das quaes se não tinha estendido a controversia, pagasse o collegio de Coimbra o mesmo que antes do litigio.

Em Portugal era obvia a objecção, que se não havendo declarado no convenio quaes as igrejas, que tinham dado origem á questão, ficaram provisoriamente incluidas na mesma pena todas as que pertenciam ao padroado real.

« *Censuerunt viri juris peritissimi non admittendam eo modo compositionem. Declarandam prius has et illas ecclesias pertinentes ad regis patronatum non subisse oneri pecuniæ solvendo.* »

Mandou o rei o negocio ao conselho d'Estado, estes, «*pietati eorum mentes, gubernanti,* » foram de opinião que todos os inconvenientes, quaesquer que fossem, se deviam pospôr ao bem da sociedade que andava ligada ao bem publico. « *Curandum unice de fallendo obice, qui tendebat in societate extintionem: alias rationes contemmendas.* » Entre os que mais se distinguiram pelo furor com que defenderam este parecer, notaram-se o cardeal d'Acunha, inquisidor-mór, o velho marquez das Minas e o conde de Castello-Melhor.

A 10 de Junho communicou o rei que levantava a sua prohibição para pagamento dos quindenios, e que o fazia afim de que o nuncio levantasse tambem a prohibição da admissão dos noviços.

Para o Brasil foi mandado por visitador o padre José de Almeida, reitor do collegio do Porto. Conta-se que prevenindo o geral algumas objecções na aceitação d'este cargo, que o padre Almeida respondêra «que nada a elle, senão de Deus, lhe podia fazer molesta esta jornada no seu santo serviço, quando era o sacrificio para serviço do rei e maior lustre da sua casa»—Convem notar que o marquez d'Angeja, mais velho que elle, de volta do governo da India, não trepidava n'esta mesma occasião em aceitar o cargo de vice-rei do Brasil; é verdade que não era jesuita e não sabia render serviço!...

1717.—N'este anno os jesuitas, que viu o Brasil, foram, além do padre Francisco Machado, doze que navegavam para a China e Gôa, os quaes contrastados pelos ventos, aportaram á Bahia á espera de monção para proseguirem na

viagem. Ia para Macáo o padre Balthazar Miller, italiano, com um estudante portuguez, e para Gôa o padre Bernardo Garcia com nove noviços, todos portuguezes. Haviam partido de Lisboa a 17 d'Abril.

Quanto ao padre Francisco Machado, que já tinha estado no Brasil, regressou para alli n'esse mesmo anno de 1717 com mais nove noviços, que recebeu do collegio do Porto de seu reitor d'elle, o padre *Antonio Giamo*.

Para o Maranhão foi mandado por visitador o padre Manoel de Seixas, que por espaço de cerca de vinte annos tinha missionado nas ilhas Terceiras e estava de volta de pouco tempo. Levava para socio um coadjutor e 8 noviços recebidos na sociédade para servirem n'aquella missão.

N'este anno começou o Maranhão a ter em Lisboa procurador especial, porque antes d'isso, o do Brasil accumulava essas funcções.

1718.—Partiram para o Maranhão quatro jesuitas, sendo tres sacerdotes italianos e um coadjutor portuguez.

Eram os padres Annibal Mazolani, Luiz Buchareli e Marco Antonio Arnolfini, e o portuguez Manoel Esteves.

1719.—Morte gloriosa do padre João de Villar. Entrou para a sociedade em 30 de Março de 1683 com 20 annos de idade. Estudava em Evora no anno de 1688, quando levado pela salvação das almas, pediu com instancia, e obteve partir para a missão do Maranhão, onde chegou a ser reitor ou superior (*Socios regit*), suando muito na conversão dos pagãos e na cultura dos neophytos. Entre as suas descidas fizéra a dos *Guanarés* para lugares menos asperos e mais commodos No meio d'estes trabalhos, levantou-se a peste das bexigas, fatal para esta gente, e logo após o rumôr de que os portuguezes os queriam captivar. Abandonam por isso o padre e fugiram.

Annos depois tentam os portuguezes invadir outra nação

do gentio, e querem e solicitam para isso o apoio dos *Guanarés*. A nação ameaçada faz pazes com aquella, armam-se entre si, e apanham por sorpresa os portuguezes, que tinham por inimigos communs. Mandam embaixada a Villar com fingimentos de que queriam receber o baptismo. Suspeitava-se a traição, mas o padre, desprezando todos os perigos, embarcou-se com elles, com quem trata da mudança da aldêa; mas protelam o arranjo definitivo a pretexto de se aconselharem com os velhos. N'isto sobrevêm outros armados, accommettem e matam os hospedes. Parece que alguns se poderam escapar, porque d'ahi a tres dias vieram os portuguezes *enterrar os seus mortos*. Acharam a Villar despido, debruços na praia, com o craneo esmigalhado.

1720.—Partiram n'este anno onze jesuitas para a Maranhão.

1722.—Vão dois para o Maranhão, dois para o Brasil, e d'estes viéra um por procurador.

1724.—Treze para o Maranhão n'este anno. Acaba o padre Franco a sua *Synopsis* no anno de 1725; mas a partir de 1720 ou pouco fazia a sociedade, ou já lhe iam a elle faltando os materiaes; porque as noticias são de mais em mais resumidas, e essas mesmas, como acima se vê, deficientes. O que ha de mais importante é o—Catalogo dos jesuitas que se passaram ao Brasil.

(Extrahido da Synopsis Annalium Societatis Jesu in Lusitania ab anno 1540 usque ad annum 1725).

1549—6 padres

Padre Manoel da Nobrega.
Padre Manoel Pires.
Padre João Aspicuelta (Navarro),

Padre Leonardo Nunes.
Padre Vicente Rodrigues.
Padre Diogo Jacome.

1550—4

Padre Affonso Vaz.
Padre Salvador Rodrigues.
Padre Manoel Paiva.
Padre Francisco Peres.

1553—7

Padre Luiz da Gram.
Padre Braz Lourenço
Padre Ambrozio Peres.
Padre Gregorio Serrão.
José Anchieta (canarim).
João Gonçalves.
Antonio Blasques (castelhano).

1559—7

Padre João de Mello.
Padre João Dicio (belga).
Gregorio Rodrigues.
José. . . . . .
Rodrigo Pereira.
Crasto (dá o autor este por portuguez sem o primeiro nome).
Vicente de Mattos.

1560—2

Padre Antonio Gonçalves.
Padre Luiz Rodrigues.

1561—2

Padre..... Viegas.
E um italiano.

1563—4

Padre Quiricio Caxa (castelhano).
Balthazar Alvares (castelhano)
Sebastião de Pina.
Luiz de Carvalho.

1566—7

Padre Ignacio Azevedo (visitador). †
Padre Miguel do Rego.
Padre Antonio da Rocha.
Padre Balthazar Fernandes.
Antonio Andrade.
Pedro Dias.
Estevão Fernandes.

1569—3

Luiz Fonceca.
Francisco Leitão.
Francisco Gonçalves.

1570

Padre Ignacio d'Azevedo que voltava com quarenta companheiros, que foram mortos por Soria † No mesmo anno foram mais trez a saber:
Affonso Gonçalves.
João Martins.
E um certo noviço do reino de Valença.

1572—6

Padre Ignacio Tolosa (provincial e castelhano).
Padre Christovão Ferrão.

Padre Antonio Ferreira.
Padre Gonçalo Leitão.
Padre Melchior Cordeiro.
Padre Martinho da Rocha.

1574—3

Padre Luiz Mesquita.
Padre Manoel Dias.
Padre João Saloni (catalão).

1575—6

Padre José Morisselo (italiano).
Padre Francisco Lopes.
Padre João Baptista.
Padre Leonardo Armines.
Manoel de Tavora.
Jeronymo Rodrigues.

1576—4

Padre Agostinho Castilho (castelhano).
Padre Pedro de Tolledo (castelhano).
Padre Francisco Ortiega (castelhano).
Miguel Garcia (não diz a *Synopsis* a naturalidade).

1578—17

Padre Gregorio Serrão (viéra como procurador).
Padre Simão Travassos.
Padre Pedro Soares.
Padre Pedro André..
Vicente Gonçalves.
Manoel de Barros.
Francisco Teixeira.

Simão Gonçalves.
Gonçalo Viegas.
João Baptista (flamengo).
Thomaz Filde (italiano).
João Yat Vicente (?).
Ventedio (italiano).
Gedião Lobo (flamengo).
Adrião Joannes (italiano).
Francisco Alves.
Francisco Dias.

1582—5

Padre Christovão de Gouvêa (visitador).
Padre Fernão Cardim.
Padre Rodrigues de Freitas.
Barnabé Tello.
Martim Vaz.

1587—10

Padre Marçal Beliarte (provincial)
Padre Francisco Soares.
Padre Henrique Gomes.
Padre Marco da Costa.
Padre Manoel Fernandes.
Melchior Paulo.
Arcenio Bonajusto.
Diogo Martins.
Agostinho Lifarelo (napolitano).
Domingos Coelho.

1588—3

Padre Fernando Oliveira.
Padre Bartholomeu Abreu.
Pedro Corrêa.

1591—4

Padre Pedro Coelho.
Padre Gaspar Lobo.
Simão Pinheiro.
Manoel Oliveira.

1594—3

Padre Pedro Rodrigues (provincial).
Pedro Barreira.
Antonio Gonçalves.

1595—6

Padre Raphael Carneiro.
Padre João Fernandes.
Manoel Gomes.
Manoel Tenreiro.
José Baptista.
Francisco Gonçalves.

1598—4

Padre Antonio de Mattos.
Padre Melchior Alvares.
Padre Jeronymo Peixoto.
João Gomes.

1601

Padre João Madureira ; ia como visitador e foi tomado com outros pelos piratas.

1602—11

Padre Antonio d'Abreu.
Padre Luiz Figueira.

Padre Vicente Lopes.
Padre Antonio Dias
Pedro Fernandes.
Balthazar Fernandes.
Miguel Rodrigues
Domingos Rodrigues.
Francisco Leite.
Francisco Ferreira.
Melchior Peres.

1604—8

Padre Fernão Cardim, que viéra por procurador.
Padre Gaspar Alvares.
Padre Manoel Fernandes.
Padre Francisco Fernandes.
Padre Manoel de Sá.
Padre Manoel Vallada.
Benedicto Lopes.
Sebastião Cruz.

1607—6

Padre Manoel de Quina (visitador).
Padre Jacome Monteiro.
Matheus Gonçalves.
Manoel Sanches.
Antonio Lobo.
Antonio Simões.

1609—6

Padre Marcos da Costa, que viéra por procurador.
Benedicto Lopes.
Antonio Gomes.

Lopo de Couto.
Francisco Pires.
Bartholomeu Carvalho.

1609—11 (bis)

Padre Henrique Gomes ; viéra por procurador.
Padre Salvador Coelho.
Padre Gaspar da Silva.
Padre Nicoláo Botelho.
Padre Benedicto Gama.
José da Silva.
Rodrigo Gomes.
João Barreira.
Christovão Chaves.
João Hermes (hamburguez).
Raphael Cardoso.
No mesmo anno 3.
Padre Paulo de Carvalho.
Padre Benedicto Amadeu (siciliano).
Padre Fabio Moyo (napolitano).

1620—2

Padre Leonardo Mercurio (siciliano).
Padre José Costa (idem).

1622—4

Padre Antonio Bellavia (siciliano).
Padre Conrado Arici (siciliano).
Padre Francisco Oliveira (siciliano).
Padre Antonio Forti (siciliano).

1628—8

Padre Antonio Mattos (provincial).
Padre Domingos Coelho.
Padre Manoel Tenreiro (pela segunda vez))
Padre João Oliva.
Padre Agostinho Coelho.
Padre Agostinho Luiz.
Padre Manoel Martins.
Ignacio Layot (flamengo).

1633—1

Padre Francisco Geatino (siciliano).

1639—3

Padre Pedro Moura, visitador.
Padre Luiz Lopes, seu companheiro.
Miguel Gonçalves.

1642—7

Padre Francisco Carneiro.
Antonio Carneiro.
Antonio Vaz.
Antonio Sequeira.
Melchior Vieira.
Pedro de Figueiredo.
Lourenço Teixeira.

1652—8

Padre Francisco Gonçalves, viéra por procurador.
Simão Faria.
Manoel Coutinho.

Pedro Velho.
Matheus de Sousa.
Pedro Corrêa.
Francisco de Mattos.
Agostinho Carvalho.

1655—9

S. João de Paiva.
Padre Francisco Morato.
Padre Gaspar Martins.
João Baptista Berõ (italiano).
Antonio Godinho.
Manoel Rebello.
Antonio Couto.
Jeronymo Mattos.
Roque Pereira.

1663—11

Jacintus de Magistris, (italiano), visitador.
Padre Luiz Nogueira, seu companheiro.
Padre Theodosio Hous (italiano).
Affonso Martins.
Paulo Camillo (italiano).
José Selenboi, (italiano).
Padre Valentino Estancel (allemão).
Padre Christovão Collasso.
Padre Lourenço Craveiro.
José Torres.

1664—2

Padre Jacob Roland (belga).
Padre Matheus de Moura.

1665—3

Padre Francisco Morato.
Manoel Cortêz.
Balthazar Duarte.
No mesmo anno em diversa occasião 7.
Padre Antão Gonçalves (commissario).
Padre Manoel Zuzarte (seu companheiro).
Padre Gaspar Alvares (provincial).
Padre Antonio Fonceca (seu companheiro).
Francisco Sousa.
Francisco Silva.
João Silva.

1667—3

Padre Domingos Barbosa (que viéra por procurador).
Manoel Figueiredo.
Manoel Rodrigues.

1668—3 irmãos.

Antonio Rodrigues.
Mendo Paulino.
Raphael Salgado.

1669—2

Padre Manoel de Pina.
Gaspar Barros.

1670—5

Padre Bernardo Antunes.
Domingos d'Araujo.
Manoel Pacheco.

Manoel Saraiva.
Pedro Antonio Natalini (italiano).

1691—9 irmãos.

André Gama.
Raphael Machado.
Francisco Costa.
João Pereira.
Francisco Carvalho.
Baptista Ribeiro.
José Antunes.
Benedicto Ribeiro.
Manoel Costa.

1692—17

Padre Manoel Corrêa (provincial).
Padre Luiz Severim.
Padre Francisco Botelho.
Affonso Pestana.
Francisco Machado.
Carlos Figueirôa.
Bartholomeu Martins.
Antonio Ferreira.
Benedicto Soares.
Pedro Taborda.
José d'Oliveira.
Antonio do Valle.
Manoel Ferreira.
José Neves.
Antonio Fonceca.
Manoel dos Santos.
Manoel Ramos.

1693—1

Padre Filippe Bourel (allemão).

1694—18

Padre João Ginzel (allemão).
Manoel da Cruz.
Sebastião Simões.
Manoel Sousa.
Manoel Nogueira.
Manoel Sanches.
Thomaz d'Aquino.
Thomaz Simões.
José Silveira.
Feliciano Vasconcellos.
Antonio Fonceca.
Francisco Xavier.
Antonio Sousa.
Simão de Barros.
Martinho Borges.
Domingos Andrade.
Luiz Botelho.
Antonio Pereira.

1702—2

Padre João Pereira (visitador).
Ascenço Fernandez (castelhano).

1705—12

Veiu o padre portuguez que já uma vez se tornára do Brasil.

João Dias.
Lourenço Costa.
Felix Capello.
José dos Reis.
José Lopes.
Felix Ribeiro.
Julião Xavier.
Manoel Garcia.
José Cardoso.
José Rodrigo
Manoel Luiz.

1716—2

Padre José d'Almeida (visitador)
Padre Pedro Guilhelm (castelhano de Flandres).

1717—10

Padre Francisco Machado, que voltava para o Brasil com mais 9 irmãos, a saber:
Antonio Pimentel.
Antonio Mousinho.
Manoel Rodrigues.
Manoel Moraes.
Manoel Alvares.
Domingos Araujo.
Antonio Pereira.
Marcos Tavora.
Domingos Villela.

1722—1

Padre Luiz Tavares.

Catalogo dos Socios que partiram de Portugal para o Maranhão

1643—15

Padre Luiz Figueira.
Padre Manoel Muniz.
Padre Barnabé Dias.
Padre Simão Florim.
Pedro Figueira.
João Leite.
Manoel Lima.
Francisco do Rego.
Nicoláo Teixeira.
Antonio Carvalho.
Domingos de Brito.
Manoel Rocha.
Manoel Vicente.
Pedro Pereira.
Gaspar Fernandes.

A maior parte d'elles morreram de naufragio ao entrar o Amazonas.

1652—13

Padre Antonio Vieira.
Padre Manoel Lima.
Padre Francisco Velloso.
Padre Matheus Delgado.
Padre Thomé Ribeiro.
Padre João Souto-Maior.
Padre Manoel Sousa.
Padre Gaspar Fragoso.
Padre João Soares.

Antonio Soares.
Agostinho Gomes.
Francisco Lopes.
Simão Luiz.

1655—3

O padre Antonio Vieira, que viéra do Maranhão, torna-se a elle com mais dois cujos nomes se ignoram.

1659—8

Padre Gonçalo Veras.
Padre Pedro Monteiro.
Padre João Maria (italiano)
Padre Pedro Luiz (pela segunda vez)
Padre Bernardo d'Almeida.
Domingos Costa.
Marcos Vieira.
Padre Ricardo Careu (irlandez).
Os dois ultimos reuniram-se aos outros em Pernambuco.

1660—4

Padre Pedro Luiz Gonçalves (italiano).
Padre Gaspar Wisch (flamengo).
Balthazar Campos (castelhano de Flandres).
Padre João Filippe Bettendorf (flamengo).

1663—10

Padre Francisco Velloso, (pela segunda vez).
Padre Benedicto Alvares.
Padre Antonio Soares (d'esta vez como sacerdote).

Padre Pedro da Silva.
João Fernandes.
Sebastião Teixeira.
Domingos Costa.
Manoel Rodrigues.
João d'Almeida.
Antonio Ribeiro.

1674—3

Padre Antonio Pereira.
Padre Francisco Ribeiro.
Simão Luiz (este voltára do Maranhão com o padre visitador Manoel Zuzarte, e agora de novo foi para a provincia).

1681—1

Padre Manoel Nunes.

1687—5

Padre Iedoco Peres (italiano).
Padre Antonio Coelho.
Padre Manoel Borba.
Padre Antonio Fonceca.
Francisco Xavier.

1688—15

Padre João Filippe Bettendorf (procurador, flamengo).
Padre José Ferreira.
Padre Miguel Antunes.
Padre João Silva.
Padre João Villar. †
Padre Ignacio Ferreira.

João Gruber.
Francisco Xavier.
Filippe Santiago.
Manoel Vieira.
O coadjutor (não declara o nome).

1709—2

Padre Thomaz Linch.
Manoel Silva.

1712—12

Padre Filippe Luiz.
Padre Jeronymo Gama.
Padre José Sousa.
Padre Francisco Soares.
Padre José Lopes.
Padre Antonio Sampaio.
Padre Manoel Motta.
Padre João Sampaio.
Padre Miguel Lopes.
Alexandre Camello.
Domingos Corrêa.
Manoel Rodrigues.

1712—10

(Apparece de novo o anno de 1712, o que me leva a crer houve troca de datas, sendo a primeira referente ao anno de 1709).
Padre Manoel Seixas (visitador).
Manoel Bernardes.
Manoel Silva.
Antonio Simão.

Manoel Coelho.
José Lopes.
Francisco Thomaz.
Antonio Gonçalves.
Lourenço Duarte.
Caetano Ferreira.

1715—2

Padre Manoel Carvalho.
Padre Manoel Pimentel.

1718—4

Annibal Mazolani (italiano).
Luiz Borcarelli (italiano).
Marco Antonio Arnolfini (italiano).
Manoel Esteves.

1720—11

Padre Rodrigo Homem.
Sebastião Fusco (napolitano).
Benedicto Fonseca.
Manoel Ferreira.
Luiz Alvares.
Benedicto da Cruz.
Domingos Pinto.
Antonio Macedo.
Manoel Gonçalves.
Luiz Oliveira.
Francisco Freire.

1722—2

Padre Jacintho Carvalho.
Padre Simão Henriques.

1724—13

Padre José Cunha.
Manoel Bernardes.
Francisco Machado.
Antonio Fernandes.
João Costa.
Manoel Murato.
Manoel Gomes.
Antonio Roldão.
José Martins.
Francisco Silva.
Manoel Fernandes.
Lourenço Fernandes.
José Tavares.

N'estes catalogos o signal † indica martyrio; dispensando-me de trazer para aqui outros de nenhuma importancia e que difficultariam só a impressão. Omitti tambem declarar a nacionalidade dos portuguezes por escusada, visto como as dos outros o foram.

O padre Franco accrescenta em nota «que o catalogo era defeituoso, principalmenfe, a partir do anno de 1670; porquanto sabia de muitos que se tinham passado ao Brasil; mas que ignorava quantos foram e em que annos.»

Assim faltaram no seu catalogo os padres José de Seixas, que foi por visitador, João Antonio Andreoneo, Luiz Mariani, e outros.

E' mais de notar que o padre Franco só falla dos que partiram da provincia de Portugal para o Brasil, sendo por isso de suppôr que não tomasse rol dos que procederam de outros paizes, ainda que embarcassem em Lisboa (*Salvo meliore Juditio*).

Não me despeço d'este assumpto sem declarar que o autor dá no catalogo dos domicilios, como pertencentes á provincia de Portugal a residencia dos Ilheos e de Sergipe.

Porque e como foram estas capitanías desmembradas da provincia do Brasil, e a razão do silencio que guardaram os demais autores a este respeito? E isto leva-me a crer, que foi com taes concessões que se conseguiu da sociedade a separação das provincias.

Apezar de não ter intima connexão com este assumpto, acho curioso e dou aqui, como noticia, uma idéa da obra *Machinações do padre Antonio Vieira*; que nos seus dois tomos pouco ha que colher, não assim no appendice e notas, com que conclúo este trabalho.

O primeiro tomo das *Machinações* contém alguns documentos acerca da companhia do commercio, dos bens confiscados pela inquisição e das ordens pontificias annullando a concessão real. Esta questão, é de suppôr que fosse origem e causa da prisão e processo do padre Vieira no Santo-officio.

No segundo tomo commenta em viagem pelo rio das Amazonas as prophecias do Bandarra (de pag. 115 a 122 do 2.° tom.—1659).

Prophetisou elle tambem de sua parte mais circumstancias prodigiosas, taes como, que nas ditas terras presadas, ou conquistas, havia n'aquelle tempo dois vice-reis (o que nunca houve antes nem depois), e que um d'eltes, que era o marquez de Montalvão, era agudo, e o outro, que foi o

conde de Aveiros, era sizudo e cabelludo; e que o primeiro não havia de ser detido no governo, isto é, que havia de ser tirado d'elle; declarando mais que se daria a si o titulo de excellencia, sendo exonerado por suspeitas de infidelidade, cuja não havia de estar no seu escudo. N'essa obra affirma que foi Montalvão o instrumento da acclamação na Bahia e em todo o Estado do Brasil, onde mandou ordens com que foi D. João IV acclamado.

Todos os que governam as praças de Portugal nas conquistas foram detidos n'ellas, porque os conservou el rei nos mesmos postos: só ao marquez mandou Sua Magestade tirar por occasião da fugida dos filhos d'este e por motivo do animo da marqueza. (tom. 2.°, pag. 124).

« Os que conheceram o marquez, diz Vieira, sabem quão bem lhe cabe o nome de agudo, pela esperteza que tinha natural em todas as suas acções e execuções, e ainda nas suas feições e movimentos do corpo; mas mais que tudo no inventar traças nos negocios, e introduzir-se n'elles, « sendo o instrumento em maior parte da acclamação, a qual executou com grande prudencia e industria, por haver na Bahia dois terços de Castella e um de napolitanos, que poderiam sustentar as partes de Castella, e quando menos causar alvoroços.»

Tratando elle do cometa que appareceu na Bahia em 1618, descreve-o assim: « A figura era de uma perfeitissima palma, a côr accesa, a grandeza como a sexta parte de todo o hemispherio, o sitio no oriente, o curso sempre diante do sol, a duração por quasi duas horas.»

« *Quia scitur quod in America, sivites, singulis mensibus putentur, singulis quoque mensibus germinnent.*»

Tendo terminado aqui estes *Apontamentos*, darei por ultimo uma brevissima noticia de outros trabalhos sobre os jesuitas, embora se não refiram elles aos do Brasil. Depois

de Sachino, que deixou ainda muitos cadernos para a continuação da *Historia*, entrou no cargo Pedro Passini, que deixou rude e indigesta materia d'alguns annos.

O padre Vicente Quiricio cinge-se a esclarecimentos de um ou outro anno, e nada mais.

Daniel Bartolo, successor d'este, escreveu muito e em italiano.

Honorato Fabri, applicado aos seus commentarios *De rerum naturæ*, pouco fez na historia.

Joseph Rincio formou os annaes de seis ou sete annos, aproveitando-se dos cadernos manuscriptos de Sachino e dos de Passini; mas cahiu de cama e morreu, sem nada concluir.

Cordara vai até 1624 e José Juvencio, por mim atraz citado, publicou dois tomos que chegam até 1626.

---

da India e Conselheiro do Conselho Ultramarino. No anno 1749. Pag. 343 a 369.

Pergunta-se por Huma Freira, a qual de Dous Amantes se deve ademetir, se a hum Tolo quente Se a um Discreto Frío. Reposta De Fr. Pedro de Sá, a favor do Tolo quente. E outro de um Anonymo, a favor do Discreto Frio. Pag. 370 a 378.

Discurso Panegirico sobre o zelo, fervor, e devoção, com que depois de um incendio que arruinou o Oratorio da Senhora do Amparo, os seus devotos primorosamente o renovarão, e collocarão nelle segunda vez a m.ma senhora... Pag. 379 a 382,

(Varios papeis sem titulo). Pag. 383 a 388.

Da Noticia dos Successos e expulçam dos PP. da Companhia do Estado do Maranham, authora a *Verdade*, e que vai da pag. 169 a 220 do volume manuscripto; resumirei o que segue:

Fica o Maranhão na terra que corre a costa do cabo de Santo Agostinho para o oeste, entre a capitania do Ceará e o cabo do Norte. Dista a capitania-mór do Grão-Pará da do Maranhão 150 leguas. Computa o autor a população portugueza da cidade de S. Luiz em setecentas almas. Dá razão d'esse limitado numero, dizendo que—povoam os moradores portuguezes suas lavras, distantes umas das outras, e poucos residem nas villas e cidades, e, portanto, afastados do trato.

« Sam os indios naturaes da terra gente bruta e por suas inclinaçõens remissos, faltos de Discurso, preguiçozos e tam inertes que nem por si, nem pelo seu procuram, nem

ainda no mayor aperto das necessidades humanas, de comer, ou dormir; timidos e obedientes: ainda contra o poder, forsas da mesma natureza; sam incõstantes e mentirosos, e tam pobres,que as suas mayores riquezas se cifram em hum arco, e frexa, huma rêde,e huma cuya, que lhes serve de pratto, e copo; e sam tam covardes,e de pouco animo, que se nam atrevem a negar, ou repugnar a qualquer Branco, para que lhes nam tome o que quizer d'esta sua pobreza, nem tem outras eleyçõens fóra daquellas para que os inclinam; sendo subditos pela regra do senhorio, que sobre si conhecem ou que sobre elles se tem, e suppostas estas qualidades naturaes do seu Alvedrio, sam suas operaçõens pendentes do bem, ou do mál a que os persuadem ou despersuadem; sendo mais ou menos ó interesse, e commodo, no descommodo proprio dos moradores Portuguezes, quanto he mayor ou menor a liberdade que têm para se aproveytarem do sangue e serviço d'esta gente. »

Passaram os padres da companhía a estas terras (do Maranhão) para tratarem da conversão e salvação d'estes indios; mas a despeito das providas, justas e convenientes leis ordenadas pelo rei em beneficio dos gentios, as autoridades e moradores, e o proprio governador, as contrariavam e punham mil estorvos aos padres no desempenho de sua missão.

Tinham chegado por esse tempo (1661) e em dez annos a trinta o numero dos sacerdotes que se estenderam desde as terras do Ceará até os sertões do Amazonas, possuindo n'essa immensa gentilidade cerca de quarenta igrejas, a que acudiam com grande trabalho.

O governador Pedro de Mello (1658), que, segundo o autor d'esta noticia, possuia navios, muito ambar e tantos escravos, e que por isso devia dar-se por satisfeito, insaciavel em suas cubiças, viu com máos olhos a interferencia que

davam as leis nas entradas e mais negocios relativos aos indios.

A's intrigas movidas pelos que governavam, vieram ajuntar-se a emulação e inveja dos mais religiosos, que o autor, que é jesuita, pinta como ignorantes e instigadores das desordens que iam tomando calor e corpo entre os moradores d'aquellas capitanias.

Clama depois contra o modo por que eram feitos os resgates dos indios, vindo a morrer a mór parte d'elles: « morrem, quando os que os vendem aos portuguezes os vam buscar á força de armas ás suas terras, e não consideram o estrago que occasiona o uso illicito e desordenado dos resgates, aos que escapam, aos que matam e aos que prendem; morrem ao desamparo quando os trazem por distancia de mais de quinhentas leguas, e não advertem que *todos aquelles districtos do caminho eram povoados, e estão desertos*, por causa dos mesmos resgates, que actualmente executam; morrem depois de chegados, pelo ruim trato que lhes dam, e contínuo trabalho a que os obrigam, e nam olham que a elles lhes está acontecendo o que succedeu aos passados, e que da mesma sorte ha de succeder a todos os mais que successivamente comprarem, captivarem e trouxerem taes indios, etc. » Esse iniquo trafico era sustentado, segundo o autor, pelos religiosos, que allegavam, e ensinavam aos portuguezes que os indios dos sertões « sam uns selvagens, alarves, que nam têm fé, nem sam capazes de a ter; que sam bichos do mato e têm almas de cachorros, etc. » Servem taes desculpas para « corarem, segundo a *Noticia*, a sêde e ambição de mais escravos, com que ajuntem mais cabedal para virem ao reino *agenciar ou comprar prelasias*, sem attenderem aos principios de direito natural. »

Trago acinte este trecho por extenso, para que aquelles que suspiram pelos tempos passados, e os trazem constan-

temente para exemplo, conheçam que, a despeito dos progressos da humanidade, que tanto praguejam, sempre é melhor a geração presente do que as das éras passadas.

Conforme a politica dos padres, de fazer intervir Deus a favor d'elles, ainda nos menores acontecimentos, attribue o autor um acervo de calamidades que desencadeou-se sobre o Maranhão por occasião da expulsão dos jesuitas a castigo do céo. Affirma que a colera divina manifestou-se, não só na fome, na carencia de peixes, como na peste das bexigas, que assolou a capitania de um modo cruel. Para esses missionarios não é o Creador cheio de bondades e misericordia, mas sempre irado e disposto a arremessar seus raios contra os peccadores, indo assim de encontro ao que ensinam os Evangelhos. O Cordeiro immaculado é lobo sanguinario em todas as chronicas e demais escriptos dos padres da companhia.

Descreve pela segunda vez o governador D. Pedro de Mello como vaidoso de sua prosapia, refalsado, injusto e malversor, vendendo a justiça, os despachos, consentindo nos adulterios e *ladroices*, e a seus criados ; perseguindo a innocencia e amparando os inimigos da honra, da verdade e da consciencia. Por este resumo vê-se claro que D. Pedro de Mello é um monstro, no parecer do autor.

Tendo elle descripto as condições da gente da terra e as qualidades dos religiosos e a fórma do governo, adduz mais algumas considerações, tudo sob o aspecto mais vantajoso para os da companhia e em detrimento dos que lhe eram desaffectos, como é de praxe dos chronistas jesuitas. Entra a referir então o motim de 1661. Apenado o povo pelo bando de 17 de Maio d'este anno, encorporou-se na praça com o seu juiz e procuradores, que fizeram seus requerimentos aos officiaes da camara, para que dentro do prazo de

tres dias despejassem os padres da companhia a igreja ; por isso que tinham os moradores muitos aggravos d'elles.

Passaram depois a assaltar o collegio por todas as partes, tirando d'elle á força os padres, que, não sendo aceitos em Santo Antonio, levaram para uma casa. Continuando com o motim por meio de rebate no sino da camara e de violencias (diz o autor), aos que não eram concordes com os agitadores marcharam para a aldêa de S. José, de cuja igreja retiraram os padres, deixando-a sem parocho. Encorporando-se a elles os soldados que abandonaram a guarnição das fortalezas, dirigiram-se á casa do governador, depois de commetterem excessos na do ouvidor-geral, e alli puzeram os mosquetes aos peitos d'este e ao do procurador da fazenda, e exigiram os soldos. Os moradores da capitania de Santo Antonio de Alcantara, não querendo ficar a dever em excessos aos de S. Luiz, arrasaram por terra a vivenda dos padres.

Inclinados os do Pará a acompanharem os do Maranhão, apresentou-se entre elles o prelado a administrar os seus bons conselhos, offertas e concertos, apontando os meios accommodados para divertir-se e compôr a desordem. Aporta, porém, alli uma canôa dos amotinadores do Maranhão, e a faisca do incendio atêa fogo n'aquelles espiritos já abalados, e a 17 de julho, dois mezes depis do alevantamento da cidade de S. Luiz, alborotam-se os do Pará, imitando aquelles. Formaram corpos de guarda, com sentinellas, rondas, apoderando-se da terra e das embarcações, etc., e desrespeitando aquelles officiaes que se mostravam obedientes ao rei. No Gurupá prendem o prelado que concertava com o capitão d'esse presidio nos meios de resistencia, e o remetteram para o Maranhão. No entretanto ia na capitania do Pará em augmento o motim, esbulhando os padres de todas as suas casas e igrejas, e prendendo-os,

como a varios seculares, em casas particulares e separados uns dos outros.

Embarcados no Maranhão os religiosos da companhia do Estado, com o seu prelado, levantou-se contenda entre o governador e o ouvidor, opinando áquelle que fosse elle julgado e recluso por traidor, remettendo-se os autos ao reino. Resistia o ouvidor-geral por não achar causa, querendo que o governador fossse quem o executasse por determinação sua e de seu despacho. Dividiu esta controversia o povo, que tirou o prelado da caravella em que estava preso e o metteu na náo, que deu logo á vela com os mais religiosos, « e de cuja passagem cobrou o governador de frete trezentos e vinte mil réis, obrigado o padre superior d'esta casa do Maranhão, que antes de dar á vela lhe deixasse um papel, cuja minuta lhe fez a seu modo para que João Pereira Barros, que ficou procurador do que tocava aos padres da companhia, lhe pagasse logo o frete ou maior parte d'elle contra todo o uso e costume. »

« Temos, diz o autor, os religiosos da companhia de Jesus, que estavam no Maranhão, já não só embarcados, mas dados á vela para o reino; os do Pará presos e tão opprimidos... tratando o povo efficazmente dos aprestos dos navios para os embarcar para o reino. »

«Encarece não só os vexames e violencias que padeceram os padres no Pará, como a resignação e humildade com que elles, a exemplo do prelado, as soffreram sem se lhes notar, accrescenta a *Noticia*, a minima colera ou irritação de vêr obrar entre portuguezes contra sacerdotes e religiosos catholicos, o que jámais em tempo algum se obrou em lugares de gente que confessasse a devida obediencia á igreja romana.

A capitania do Gurupá, de que era capitão Paulo Martins Garro, não molestára aliás os padres que alli residiam, e os

conservava. Vendo-se os padres do Pará em completo desamparo com a ausencia do ouvidor-geral que os protegia, valeram-se de Manoel da Vide Souto-Mayor, que só com os de sua casa os embarcou e levou ás occultas para a capitania do Gurapá, onde já se achava tambem o ouvidor-geral. Quero crêr que o ouvidor entrou no conluio e concerto d'esta fuga dos padres. Sabido dos moradores o facto, destruiram as fazendas de Manoel da Vide, já que de outro modo não se podiam vingar d'elle, e depois armaram vinte e seis canôas das maiores « que se costumam na terra, com noventa portuguezes e quatrocentos indios de guerra, munições e petrechos, e assim assaltaram a praça de Gurupá, matando uma sentinella, ferindo duas e aprisionando por ultimo os padres, que puzeram no convento do Carmo, fronteiro aquella fortaleza. Insistiram d'ahi em que soltassem os criminosos detidos na fortaleza; mas, achando resistencia da parte do capitão em annuir a semelhante requisição, abandonaram a 28 de Março de 1662 este posto, levando comsigo os padres.

Tres dias depois aportava a S. Luiz do Maranhão Ruy Vaz de Siqueira, provido no cargo de governador-geral do Estado. Tratou o antecessor, que era seu primo, de espalhar que tinha ascendencia sobre elle, e que assim melhor lograria seus intentos. Ao principio vieram os actos de Siqueira confirmar de algum modo esses boatos.

Estava-se a 25 de Março, proximo á semana santa, occasião em que afflue á cidade grande concurso de povo, e aconteceu que prégava na matriz o vigario-geral quando em S. Marcos deu a fortaleza signal de embarcação do reino. « Tocou logo o sino de motim (o da camara); largando a igreja, desampararam todos a prégação, etc. »

Surgiu o novo governador no mencionado dia 25 de Março no porto de Araçagy para não causarem estranheza

na cidade os navios de sua conserva, que eram tres. Expediu d'alli um batel, em que vinham o padre commissario das Mercês, e os sargentos-móres do Estado do Maranhão e da capitania do Pará, e outras pessoas conhecidas e estimadas na capitania do Maranhão, para irem dispondo os animos dos moradores a favor na nova ordem de cousas. Deu-lhes cartas para a camara e para o governador destituido, participando-lhes que era chegado.

Anciosos os amotinados de sondar as disposições em que vinha o governador e se trazia padres, syndicante e soldados, dirigiram-se á capitánea uns frades, com o pretexto de irem buscar companheiros que esperavam do reino ; mas foram decorridos e nada poderam observar. Seguiram-se a esta exploração infructifera a visita do capitão da guarda do ex-governador, que levava recado d'este ao seu substituto e que nada pôde colhêr a bordo, e as do juiz do povo e procuradores, que foram dar as boas vindas ao governador, representar-lhe que o povo ficaria alterado se visse padres ou syndicante, e a pedir-lhe licença para fazerem certo requerimento. Socegou-os o governador, dizendo-lhes que não trazia padres nem syndicante, e que as ordens de Sua Magestade mandavam governal-os, ouvindo seus requerimentos e deferindo-lh'os conforme fosse de justiça, com o que os despedia satisfeitos.

Não logrou melhor resultado a visita que tambem fez a bordo o governador destituido, senão que o primo sacou d'elle todos as noticias que pôde, sem comtudo abrir-se sobre sua missão. Louva o autor, como jesuita que é, o modo ardiloso com que se houve Ruy Vaz de Siqueira, e faz a apologia da doutrina apregoada e seguida pela ordem, de que os fins justificam os meios. Levava tão adiante este artificio o novo governador, que no decurso da viagem, desde Lisboa, parécia desafecto aos padres, e guardava certo

disfarce, negando que recebesse ordens do rei sobre a materia. Acha o autor *portentoso* este procedimento, o que não é de estranhar em quem vestia a roupeta.

Chegou o sargento-mór no dia seguinte (26 de Março) pela manhã, a bordo da capitánea, com a resposta da camara, declarando que estava prompta a receber a todos e a toda a hora. A' vista d'isto levaram ferro as náos e com a enchente da tarde vieram lançar no porto da cidade do Maranhão. Metteu-se então o governador no batel, ao som da artilharia de bordo e das fortalezas, e saltou em terra acompanhado só de seus officiaes. Veiu recebêl-o a camara no portão, levando-o debaixo de palio á matriz e d'ahi á casa da camara, acompanhados sempre da caterva do povo junto. Logo que foi apresentada a patente do seu governo entregou-lhe o juiz do povo, seguido de muita gente, seu requerimento, que elle recebeu, dizendo que, com a camara, o responderia por escripto.

Com a retirada do juiz da sala entrou o povo a murmurar por não assistir seu juiz á audiencia. Chamou-o o governador para que aquietasse o povo emquanto elle, que era de novo chegado, examinava da validade da sua vara. Tornou o juiz para fóra e o rumor cresceu. Levantou-se então o governador e chegando á janella disse á multidão que socegasse, porque vinha fazer justiça. Acalmado com isto o povo, leu o governador o requerimento, e, dando entrada no tribunal ao juiz, simulcu que concordava com o que lhe requeriam ácerca dos padres. Deu-se o povo por satisfeito com tal declaração, e romperam as acclamações e os vivas. Lida a patente real, mostrou-se propenso a favonear os intentos populares, « que favorecendo, diz a *Noticia*, os afrouxou » para depois os contrariar.

Parecia ao novo governador facil a reducção d'aquelles povos, attenta a rivalidade que lavrava entre a nobreza e

plebeus, e cuidava já nos meios de executar seus planos, quando chegou-lhe do Pará a noticia das desordens em Gurupá. Ordenou logo o governador junta, que se fez em sua casa, fallando só n'ella D. Pedro de Mello (ex-governador) contra o que tinha assentado com o primo. Voltou o goverdor que Francisco de Seixas Pinto, que com elle viéra do reino provido no cargo de capitão-mór do Pará, se partisse sem demora a impedir aquellas desordens ou os damnos d'ellas, e levasse comsigo quarenta soldados para do Pará se passarem a Gurupá, e de lá trazerem os padres, o ouvidor, o capitão da praça e Manoel da Vide Souto-Mayor. Votaram uniformes os da camara, cidadãos e nobreza contra a vinda dos padres, ao que fingiu annuir o governador. Tal foi o segredo que guardou em todo este negocio, que nem do capitão-mór do Pará, que ia represental-o alli, confiou que trazia ordem do rei para restabelecer os padres no Estado do Maranhão. Apenas ordenou-lhe que convocasse junta e n'ella procedesse da mesma fórma que o vira já praticar. Antecedêra ao capitão-mór a canôa que fôra ao Maranhão com papeis dos de Gurupá, de fórma que o povo mostrou-se satisfeito com a vinda d'elle, « enganado pelos boatos, todos favoraveis á causa dos amotinados e que espalhára os mensageiros. Confiados, pois, em que o rei não mandava ordens contra os amotinados, » que o novo governador era um coração e vontade com o seu primo D. Pedro de Mello, e que os padres continuariam retidos em uma casa, ficou o povo seguro e altivo.

Cuidando os do Pará que não tinham impedimento no embarcarem os padres, trataram de aprestar os navios que os haviam de conduzir, quando o capitão-mór convocou junta com o fim de que fosse ordenado que os padres se recolhessem á suas igrejas; mas os moradores do Pará não consentiram n'isso, por emulação que tinham aos da capitania do

Maranhão, sendo para aquelles ponto de honra, que estes se lhes avantajassem na expulsão dos padres da companhia. Observando o capitão-mór que não era ensejo azado para mais, despediu a junta, recommendando se abstivesse o povo do intento, e mal começado, até que chegassem as ordens reaes. Censura no entanto o autor que elle nem ao menos alliviasse uma parte dos padres que estavam reclusos em uma embarcação.

O ouvidor-geral e Manoel da Vide Souto-Mayor tinham aliás recebido aviso da chegada do governador e que o capitão-mór os mandava buscar, ficando assim livres os cercados. Os padres abandonaram logo Gurupá e desencontraram-se da tropa que o capitão-mór havia expedido para alli, e por isso avisaram estes de sua vinda um dia de jornada antes de chegarem á cidade. O capitão-mór, sabendo d'isso, mandou dois commissarios fieis que os guiou para um dos navios ancorados no porto, provido de uma esquadra de soldados. Alta noite os procuraram no navio os amotinados em duas canôas; mas, vendo-se frustrados, vingaram-se em um criado de Manoel da Vide, que se recolhia ao navio e a quem deixaram muito maltratado e ferido.

No dia seguinte levou o capitão-mór a Manoel da Vide para a fortaleza, onde o deixou com tão apertados guardas para assim o preservar do furor do povo, que este suppôz que era isto castigo pela protecção que dera aos padres. Voltando do navio, conduziu o ouvidor-geral para o convento das Mercês; mas o povo insistira tanto em criminal-o que o capitão-mór achou prudente submetter o negocio á decisão do governador.

Chegada a tropa do Gurupá e o capitão-mór d'aquella capitania, mandou o do Pará a este para o convento de Santo Antonio, e no dia seguinte embarcou a todos os que haviam chegado do Gurupá e os enviou para o governador-

geral, sem que houvesse recebido ordens d'elle para tanto.

Despendia o governador Ruy Vaz de Siqueira o tempo que lhe sobejava dos negocios em discretear com as pessoas que o procuravam, e a quem mostrava que dentro na lei e no regimento estavam as obrigações de seu encargo, e o modo pratico de resolver todas as duvidas e emergencias, sem que houvesse mister de ordens especiaes do rei. Desvelava-se não menos em explicar á tropa seus deveres e o que a disciplina exigia d'ella.

Procurava no emtanto D. Pedro de Mello semear a discordia entre o povo e o governador, alheando-lhe as sympathias dos moradores de S. Luiz por meio das mais torpes intrigas. Com o assento da mais confidencial verdade ia conseguindo seu fim depravado, levado o povo a acredital-o por seu parentesco e apparente amizade ao governador, e este pelas partes que tomára nos motins dos moradores.

Deu o governador na traça de D. Pedro de Mello, e querendo pôr ordem ás cousas e restituir aos padres suas igrejas antes da partida para o reino de seu antecessor, começou a chamar á boa razão a gente ajuizada e cordata, e ao mesmo tempo ordenou uma proposta pára apresentar em junta, e que era concebida em resumo nos seguintes termos: que a restituição e aceitação dos padres devia ser feita emquanto estava alli presente D. Pedro de Mello, em cujo tempo succedêra a expulsão dos religiosos da companhia, e pelo que estavam obrigados a duas dividas: a primeira ao seu rei, senhor natural, pois havendo aceitado os religiosos da companhia por seus missionarios n'aquella conquista, e requerendo depois ao monarcha contra elles, sem esperarem pelo remedio, os expulsaram; « a segunda divida em que estavam era ao sobredito D. Pedro de Mello, que presente tinham, pois governando-os todo áquelle tempo com a satis-

fação e igualdade que confessavam, não só lhe desobedeceram no tocante á dita expulsão, mas se amotinaram contra elle, como os mesmos religiosos faziam certo no reino por mais lhe aggravarem suas culpas, pelo que lhe parecia razão se desempenhassem com o mesmo D. Pedro na fórma que lhes fosse possivel, e que da grandeza de Sua Magestade e bondade de animo do dito D. Pedro fiava que sem a satisfação ser equivalente ao delicto, se daria por satisfeito, vendo que antes da sua partida d'esta cidade deixava n'ella restituidos os religiosos que elles tinham expulsado, e que para este effeito elle governador lhe fazia renuncia do lugar que lhe entregára, que logo alli presente lhe largava para parte os ajudar a melhor se desempenharem, sendo toda a gloria d'esta restituição da desordem passada para o dito D. Pedro de Mello; porquanto elle para si não queria mais que a de medianeiro n'este bom successo e de os vêr a todos livres da vida. »

Foi o governador na noite antecedente ao dia da junta á casa de seu primo D. Pedro de Mello, a quem faz leitura da manhosa proposta, convencendo-o das vantagens d'ella e instando com elle que tomasse o negocio sobre si, « porque a elle só tocava e convinha o vencimento d'elle, e que os moradores estavam muito dispostos para se poder esperar, e conseguir um bom e glorioso successo ; e feita esta diligencia se recolheu para sua casa. »

Na mesma noite, affirma o autor, mandou D. Pedro de Mello dar parte a todos os seus acostados do assumpto da proposta,que lhe fôra communicado em segredo pelo primo, e que seria apresentado no seguinte dia em junta. N'esta diligencia indigna occuparam-se toda aquella noite Fr. Francisco, religioso de Santo Antonio, e os criados do mesmo D. Pedro Mello, aconselhando ao povo que não consentisse nenhuma das propostas, que era tudo para sua ruina e per-

dição; mas já conheciam geralmente o caracter de D. Pedro de Mello, e ia grangeando o novo governador o favor popular; teve tambem quem logo o avisasse de semelhante aleivosia.

Tendo o governador descoberto o inimigo em quem devia ser-lhe o maior amigo, entendeu que era acertado adiar a proposta, sem comtudo dispensar a junta, em cuja sessão havia outros negocios a tratar, etc. Achou ao redor da casa da camara multidão de povo; mas, sem se desconcertar ordenou em voz alta e clara, e que todos ouviram, a um capitão de infantaria que occupasse quanto antes as portas da camara com vinte arcabuzeiros, e que atirasse e matasse logo, sem esperar segunda ordem sua, a quem puzesse a mão na corda do sino ou levantasse a voz alta na praça. Bastou, pois, a attitude da tropa para que esta se desafrontasse brevissimamente e se desfizesse o tumulto. Reunidos os membros da junta declara-lhes o governador que podiam estar sem cuidados, porque mudára de parecer no tocante á restituição dos padres « em razão da variedade e pouca união com que se achavam na materia; mas que para o mais estivessem advertidos que d'aquelle ponto os começaçava a governar. Passando depois a tratar de outros negocios succedeu fallar-se no juiz do povo, ao que perguntou o governador se havia ordem de Sua Magestade para o haver n'esta cidade, e como fosse a resposta negativa ordenou ao escrivão da camara citasse o nome do procurador do povo sómente, e não consentiu que o juiz do povo, que assistia na junta, desculpasse sua presença alli, dizendo-lhe que não lhe pedia conta, mas que breve o faria. Uma vez desmacaradas as intenções do governador não houve mais parar na encetada carreira, desbravada de mysterios e astucia. Se por uma parte cuidava em engrossar as tropas e disciplinal-as, por outra tomava medidas energicas para lograr o

seu proposito. No dia immediato ao da junta mandou lançar bando, ordenando a quem servisse os officios por provimentos do rei ou dos governadores, lhe apresentasse suas cartas para conhecer da validade d'ellas. Entre os mais obedeceu o juiz do povo, offerecendo o titulo de sua eleição, e pelo qual extinguiu o governador aquella judicatura.

Depois d'isto fez o governador lançar outro bando, que ninguem tivesse em seu serviço indios das aldêas, quer de antiga posse, quer de moderna, nem fossem ás aldêas resgatal-os sem licença sua.

Succedeu que um morador dos mais autorisados quebrou o bando de se não puxar pela espada, e o governador fez-lhe pagar da cadêa, e dentro de vinte e quatro horas, a multa de cem mil reis, que comprou em panno e repartiu-o pelos soldados na razão de quatro varas para cada um.

Esta attitude decidida do governador veiu incutir terror e desalento nos moradores, tornando-se muitos d'elles delatores de seus proprios feitos e dos de seus cumplices nos motins. Dava Ruy Vaz de Siqueira, não só ouvidos aos mexericos e denuncias, recebendo-os em casa, e indo a deshoras a lugares solitarios e remotos, que lhe aprazavam para ahi referirem-lhe o que bem queriam, como tambem exercia elle mesmo espionagem, « sahindo fóra da noite e disfarçado, quando era necessario espreitar as conversações dos corrilhos, consultas e ajuntamentos que se faziam em varias casas. Emfim, se dispunham as cousas que vieram os mesmos moradores a pedir, e a requerer ao seu governador que fizesse a junta que havia despedido. »

Foi designado o dia do Espirito-Santo para celebrar-se na igrêja da Misericordia junta geral para a aceitação e restituição dos padres da companhia. Armou-se para este fim a igreja com todo o apparato possivel, e a que foi o governador assistir ante-manhã, adereçando-se e armando-se os

assentos em sua presença. Isto feito e dispostos guardas para conter o respeito e ordem foi-se á matriz, onde assistiu com os demais membros e povo de todas as condições á missa votiva do Espirito-Santo. Pejava o concurso de moradores o que havia de vacuo dentro e fóra do templo, á cuja porta mandou o governador lêr a alludida proposta, a que seguiu-se por parte de D. Pedro de Mello uma justificação sua propria em termos mais humildes, e na qual dava seu consentimento a tudo quanto propunha o governador, e aconselhava mais ao povo que obrasse n'aquella conformidade. D'ahi votaram todos uniformemente que os padres da companhia viessem para suas igrejas e collegio.

Quando o escrivão da fazenda começava a fazer o termo d'esta junta D. Pedro de Mello soltou palavras em sua defesa, culpando de tudo os moradores, e queixando-se que elles o desampararam, e não queriam e nem nunca quizeram padres da companhia. Levantaram-se alguns contestando taes allegações, affirmando que obraram os amotinados á instigações dos criados do ex-governador, e as vozes foram crescendo a tal ponto, que, para pôr termo ao tumulto e proteger D. Pedro de Mello, foi preciso que o governador Ruy Vaz de Siqueira se erguesse e mandasse tocar o repique dos sinos, e dar salvas a companhia de infantaria, trazendo e acompanhando para casa o primo D. Pedro de Mello, que não a julgando asylo seguro, passou-se na mesma tarde para o convento de Santo Antonio, onde assistiu até se embarcar.

Attribue o autor o tumulto e expulsão dos jesuitas, como a repugnancia que a principio mostraram os moradores ao restabelecimento d'esses religiosos, proposto pelo governador, á machinações e conselhos de D. Pedro de Mello. Fazendo a apologia do espirito obediente d'aquelles povos, repete, em conclusão, que « no mundo todo não tem principe

algum debaixo do seu imperio vassallos mais humildes á seus governadores do que os d'este Estado do Maranhão. »

Foi obrigado d'esta consideração que o governador Ruy Vaz de Siqueira passou-lhes perdão geral, promettendo alcançar do rei confirmação d'elle. Outorgou-lhes tambem entrada de tropas no rio das Amazonas para o fim de resgatarem indios e proverem-se de escravos.

Chegaram por este tempo á cidade de S. Luiz os quarenta soldados que enviára o Gurupá, acompanhados dos que haviam alli opposto aos amotinados e protegido os padres da companhia.

Conclue assim este manuscripto : « Não escrevemos comparação, exemplos ou historia, mais que as verdades puras do que experimentámos e vimos, fundadas em o menos do muito que ouvimos. »

Apesar de não ter relação com o assumpto, dou noticia de um outro achado, curioso para a nossa historia e só por isso digno de o mencionar:—é um volume tambem existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa e que traz no rosto :

CUNHA

Cartas para S. A. Real.

Francisco da Cunha e Menezes, governador e capitão-general da capitania.

Eis o que encerra esse precioso volume.

Officio n. 50 de 10 de Julho de 1802.

Que por falta de dinheiro no cofre não emprehende Manoel Ferreira da Camara, já então na Bahia, e encarregado por carta régia de 14 de Novembro de 1800 a descoberta das minas de ouro, prata e cobre.

N. 51.—Que se não tinham feito ainda os cemiterios ordenados pela carta régia de 14 de Janeiro de 1802, para *beneficio* da Bahia, em virtude de grave enfermidade do arcebispo metropolitano.

10 de Julho de 1802.—Que tratava de haver todas as especies e variedades de aves indigenas para os viveiros da real quinta de Belém, segundo officio do governo de 3 de Dezembro de 1800.

Officio do governo de 18 de Dezembro de 1800.

O governo quer que se comprem negros escravos, que aprendam officios mecanicos, para servirem nos estaleiros, por ser isso mais economico. O governo acha util o negocio. Era supra de 10 de Julho de 1802.

N. 56.—O arcebispo D. frei Antonio Corrêa morreu no dia 12 de Julho de 1802, de enfermidade que ha muito tempo padecia.

Ignacio Ferreira da Camara Bittencourt encarregado o Jardim Botanico, da Bahia, diz que o resultado das sementeiras de sandalo, *puna* e *téca*, e de *outra arvore*, de que *se não declarava o nome* foi que só nascêra um pé de *puna*, e suppõe que as mais sementes estavam damnificadas, (14 de Agosto de 1802).

Sobre a cultura de pimenta da India, diz que se não tem augmentado mais por falto de sementeiras, visto como o Jardim Botanico não estava ainda estabelecido.

30 de Agosto de 1802.—Recebeu ordem que não consentissem religioso algum embarcar para Portugal, sem licença do seu prelado superior, e que esta lhe seja concedida por motivos justificados.

23 de Novembro de 1802.—Que recebeu o caixote vindo com sementes de *téca*, que as distribuiu pelos lavradores com a respectiva instrucção,—que seria bom virem as melhores arvores da India, porém pequenas.

13 de Dezembro—remette aves para viveiro da quinta de Belém pelo correio mercantil *Gavião*.

11 de Dezembro de 1802.—Que devassára do ex-administrador da pesca das balêas, e fabrico do azeite, Domingos José de Carvalho e que não resultava prova contra elle.

Quanto á *pescaria franca* da balêa, que o governo recommenda que se anime, diz que *n'este primeiro anno* foram tantos os pescadores, que o numero das lanchas era mais do triplo do que no tempo do contrato.

11 de Dezembro de 1802.—Mandou plantar em 6 caixões pés de *Aza-pana* ou herva milagrosa, e que logo que tivessem pegado as remetteria para o reino.

26 de Fevereiro de 1803.—O brigadeiro João Baptista Godinho Vieira escreveu uma *Memoria sobre virtudes medicinaes e uso do extracto de Caninana*. Remette para Portugal o extracto com a memoria, plantas do capim do sertão e varias especies de larangeiras.

O governador da relação Bernardo Teixeira Coutinho Alvares de Carvalho, escreve sobre gommas de tres arvores, uteis para tinturaria:—*arariba*, *amoreira* e *candim*.

18 de Março de 1803.—Respondendo ao officio do reino, do primeiro de Outubro de 1802, que recommenda a inoculação da bexiga, principalmente nos meninos negros e indios, e que do resultado daria parte.

30 de Abril de 1803.—O Dr. Balthasar da Silva Lisboa, conservador das matas de Cayrú.

N'aquelle tempe as remessas de madeira eram para o real palacio da Ajuda.

3 de Julho de 1803.—José de Sá Bittencourt Accioli encarregado da abertura da nova estrada para Montes Claros.

29 de Julho.—Trata este officio summariamente das amostras e minas de ouro no districto de Chique-chique,

limites da comarca de Jacobina, na serra do Itoleira, cabeceiras do Rio-Verde nas costas da serra do Assuriá (Bahia)-

14 de Setembro de 1803.—Difficuldades de terreno para o Jardim Botanico. O encarregado d'esta creação, Ignacio Ferreira da Camara, escolhe a roça do bacharel Caetano Mauricio Machado, perto do forte de S. Pedro. O proprietario pede 4:800$000; recebendo em dinheiro 1:200$000, ficando nos cofres reaes 2:800$000 para pagamento do que devia ao recolhimento de S. Raymundo Nonato. A avaliação foi de menos, o proprietario recusa, pede-ao recolhimento a desapropriação. Parece que a roça, chamada de *Tororó*, de João Francisco da Costa tambem se reputava propria para isso.

15 de Fevereiro de 1804.—Publicação da carta régia de 18 de Agosto de 1803—dando liberdade aos indios nas pessoas, commercio e locação d'elles, de modo que não houvesse mais o abusivo costume de serem obrigados a servir por 40 rs. diarios.

18 de Julho de 1803—do governo—que os navios da companhia da America (naturalmente do norte) estabelecida na Russia, ou de qualquer serviço russo, sejam recebidos como os das nações mais amigas.

12 de Maio de 1804.—Conclusão da estrada para Montes Claros por Accioli, e que custou 23:385$871 rs. Remetteu-se as informações reservadas dos ouvidores de Jacobina e Ilhéos.

20 de Novembro de 1804.—Que a vaccina da Europa não tinha produzido effeito, mas recommendava o negocio ao desembargador José da Silva Magalhães, ouvidor da Jacobina.

Constava porém que no sertão da Jacobina, principalmente nas margens do rio S. Francisco do norte, apparecia essa enfermidade (*cow poe*) no gado vaccum. Mandou-se-

lhe instrucções de como se conhecia o virus, e do modo de o recolher.

4 de Janeiro de 1805.—O navio *Bom Despacho*, chegou á Bahia (não se diz d'onde) com 7 negrinhos bexiguentos. Os negociantes da Bahia os remetteram para conduzirem a vaccina (a lembrança lhe foi louvada pelo rei. Officio de 10 de Novembro de 1804).

O governador faz vaccinar na sua presença com o *humor dos ultimos vaccinados* mais de cem pessoas de diversas idades. Era medico-cirurgião d'aquelle navio Manoel Moreira da Rosa, e vinha mais o medico José Avelino Barbosa, ao qual se encarregou a conservação do *virus* por meio de vaccinas successivas.

26 de Janeiro de 1805.—O Dr. José Avelino Barbosa escreveu ao Dr. Jenner, em Londres, communicando-lhe as suas observações sobre a vaccina no paiz.

15 de Março de 1805.—Falla-se de uma *Memoria* do capitão-mór João da Silva Santos, que foi pelo rio Belmonte acima até onde se divide com a capitania de Villa Rica. O tal descobridor chegou até á *aldêa* dos indios *Tocaioz*, de Lorena.—Determinou-se que este caminho ficasse vedado por ser das minas. Seria bom que se procurasse descobrir esta memoria, que talvez pare na camara municipal da Bahia.

16 de Março de 1805.—Pela opportunidade da partida, para o Rio, do paquete *Santa Margarida*, que transportava o tabaco da remessa da India, n'elle mandou-se 4 rapazes, que fossem sendo vaccinados successivamente de braço a braço, e para isso ia o ajudante do cirurgião do regimento de linha da Bahia José Francisco Machado. Havia já remettido o pús vaccinico em vidros para o vice-rei, governador de Angola e da capitania de S. Paulo de Loanda.

24 de Julho.—O governador da capitania do Espirito-Santo remette para a Bahia amostras de louro de uma

mina das margens do Rio-Doce, mas sem especifiar distancia, riqueza da mina e facilidade da exploração.

3 de Setembro de 1805.—José Gomes de Sá Lobo Maia, secretario nomeado do governo de Matto-Grosso, descobriu nas pedras de um ribeiro visinho á povoação de Nasareth, districto da villa de Jagoacipe, da comarca da Bahia, azougue purissimo. Mandou-se a esse exame Manoel Ferreira da Camara, intendente das minas.—Manda amostras de ferro de Maragogipe. Talvez exista na camara municipal algum roteiro ou noticia a este respeito.

20 de Setembro de 1805.—Remessa pelo navio *Trovoada*, de 26 arrobas e 7 arrateis da *quina* de Camamú, dois frascos de quina branca em pó, e em casca, e extracto em vinho. (Officios ns. 119 a 121).

Pará

(Carta de Martinho de Sousa e Albuquerque ao director da villa de Souzel, 12 de Agosto de 1787.)

« Hontem recebi a carta de vossa mercê de 29 do mez passado (Julho), n'ella vejo o triste successo acontecido no sitio do indio piloto Francisco Roberto, no dia 18 de Julho, e que vossa mercê em alcance dos aggressores ou gentio *Mundurucú* mandára uma escolta, cuja fizéra o damno ao dito gentio referido: é necessario procurar afugental-os, e se possivel fosse era melhor apanhal-os á mão, do que matar nenhum, por não horrorisar aquella gentilidade, que muitas vezes pelo horror que lhes faz o máo tratamento que lhes damos, é que *fogem de nós e nos perseguem*; e por esta reflexão, que tenho feito, é que tambem tenho dirigido á maior parte dos directores diversas ordens, em que lhes declaro o modo com que se devem haver n'estas occasiões, sendo o ultimo remedio, que se ha de applicar, o matar n'elles, o

que só se deve fazer para livrar as vidas da nossa gente, se este fim se não póde conseguir, com persuadil-os e acarinhal-os, para que busquem as nossas povoações ou sitios. »

(Carta do mesmo a João Pereira Caldas). Diz que Caldas a 14 de Agosto referia o grande perigo em que se tinham visto Manoel da Gama e mais officiaes, que se achavam no Rio-Branco, em uma alagação que tiveram da outra banda da cordilheira, que nos separa dos dominios hespanhoes do Orinocco, e que o dito Manoel da Gama, depois estivéra em outro maior perigo em uma cachoeira.

N'aquella mesma carta dizia o Caldas quanto desejava que lhe viesse sua patente e tudo mais corrente para tomar a sua posse e gozar do seu novo emprego, ao que se lhe respondeu que estava tudo prompto no reino, mas que até então nada tinha vindo.

« Pelo que respeita á diligencia do rio das *Trombetas*, nada por ora lhe posso dizer, pois Luiz da Rocha nada fez, que podesse servir, por não poder penetrar o dito rio senão até á primeira cachoeira por entrar a vasar com muita força e lhe principiar a adoecer toda a gente; e agora ha tanta falta d'ella, que ainda não pude dar principio a cousa alguma; mas o tempo descobrirá algum caminho, e eu estimarei ter possibilidade de effectuar esta diligencia, visto V. Ex. me dizer a sua importancia. »

Falla tambem n'essa carta, de uma copia da *Historia do Rio-Branco*, que parava em poder de Caldas.

Ao mesmo do mesmo Martinho de Sousa e Albuquerque (9 de Dezembro de 1787).

« E' bem desagradavel o ter (V. Ex.) passado toda a sua

mocidade, como V. Ex. pondéra, n'este paiz remoto, andando por fóra de sua casa já ha 34 annos, sem cuidar nos interesses d'ella, nem gozar do prazer da vida, separado de sua familia e parentes, mettido sempre em labyrintos do governo, o que eu considero que é um dos maiores trabalhos, que os homens podem ter, tendo ultimamente rezidido em Barcellos, capital do Rio-Negro (Amazonas) por espaço de 7 annos com tanta lida, e tantos diversos trabalhos e qualidades de negocios. »

10 de Dezembro.—Falla das ordens, d'onde consta as providencias dadas pelo coronel Manoel da Gama, para povoar de gado vaccum os ferteis campos das margens do Rio-Branco.

Em Alemquer havia pouco gado, já em 1784, quando lá foi: haverá talvez algum adiantamento agora, porque Luiz da Rocha, que a dirige, é alguma cousa efficaz. Isto diz o governador no officio acima citado.

1° de Julho de 1787.—Paz e reducção do gentio *Mura* (carta de Caldas).

A 17 de Outubro d'esse anno fazia justamente 7 annos que Caldas chegou a Barcellos.

14 de Dezembro de 1787. — Alexandre Rodrigues Ferreira, accusando que recebêra e ia remetter para Lisboa 31 volumes da 7ª remessa das collecções naturaes, e n'esta carta encarece os grandes serviços e trabalho do dito naturalista.

19 de Dezembro de 1787.—Para a camara de Macapá. Pediu um medico, mandou-se-lhe um cirurgião: parece que os pobres enfermos deram-se peior com elle do que com a molestia. O governador intima que ninguem póde vender, nem preparar remedios, que é contra a lei, que chamem o

cirurgião, mas não quando estão para morrer só para o arguirem de ignorante! Ordena que o chamem em caso de qualquer molestia.—E como recusam pagar, que sejam obrigados a isso, dando 80 rs. por visita, além dos preços do medicamento. O cirurgião era Joaquim Ferreira. A ordem supra foi expedida á sua reclamação d'elle.

FIM DO APPENDICE

NOTAS

A pag. 63 do tomo XXXIV parte segunda da Revista Trimensal do Instituto Historico.

D'esta piedade e devoção dos marujos portuguezes, quando navegavam em companhia de missionarios em viagem de longo curso, ficou a todos aquelles e aos nossos uma conhecida indizivel quigila com os homens que vestem samarra ou batina. Frade ou padre a bordo são causas para aquelles de máo agouro. Lembra-me a proposito uma anedocta que referiu-me meu amigo e confrade Gonçalves Dias, do nosso primeiro bispo Leitão : *vox populi*, e eu aqui a repito. Escandalisado este devoto e excellente prelado, depois martyr, com o vocabulario *hespanhol* e arrepelado, que usavam a bordo, e capaz de pôr em debandada toda uma procissão de *Corpus* com S. Jorge, seus escudeiros e os respeitaveis vereadores da illustrissima municipal; entrou em praticas com o commandante da náo aconselhando-o a mudar de systema, e a trocar essas expressões pelos santos de sua invocação.

Como! Pois o nome de Deus em occasião de perigo não valeria mais do que o do inimigo do genero humano? E aquelle famoso S. Telmo além de portuguez, não seria dado para refrigerio, amparo e salvação dos marujos?! Que lhe custava muito pouco a experiencia, quando a termo d'isso ganhava a salvação da alma!.....

Para se ver livre de tantas importunações, prometteu o capitão de adscrever-se ás pias admoestações do bispo. D'ahi em diante, os hypocritas dos marujos, que tinham percebido volta no animo do commandante, nada mais fizeram com gôsto. Era tudo uma lentidão nas manobras, uma man-

driice na fachina, cabal por si de enfurecer um santo, quanto mais um homem rude do mar !

—Ala o braço do joanete, com a Virgem Santissima! Ordenava o commandante.

—Ala as escotas, &; repetia a companha, e elles escangalhavam-se com riso, e nunca se alavam os braços ao joanete! O capitão mordia-se, espumava. arrepellava a barba; mas calava-se. O bispo, esse vangloriava-se na sua humildade do effeito da prégação.

Um dia, porém, ao passar a linha, navegavam os nossos mareantes quasi em calmaria podre; todas as vellas frouxas e a baterem, e a náo á matroca ou pouco menos; mas eis senão quando lá no horizonte lobriga-se uma nuvemsinha de máo agouro. O commandante subiu ao convez onde se achava o reverendissimo embebido em extasis. Deu logo com os olhos na nuvem e no bispo. Franziu os sobr'olhos; porém lembrando-se da promessa, brada: Ferra o latino com todos os santos da côrte do céo.

—Ferra o latino, repetiu a maruja, levantando-se dos seus lugares com todo o vagar e esfregando os olhos. N'isto approxima-se a nuvem com incrivel rapidez. Um tufão apanha as vellas, e o navio adorna e mette a borda n'agua.— Amaina com mil d'..... grita o capitão furioso. Ferra a vela grande com mil bombas! Máo raio os parta, seus filhos d'uma..... á faina e tudo arrêm com milhão de milhões de diabos! Animados com taes exhortações, fazem os marinheiros depressa a manobra, o navio dá a pôpa ao vento, e navega em arvore secca e fóra de perigo.

—Filho, diz-lhe o bispo ainda esbaforido com o effeito do tufão, seja tudo pelo amôr de Deus!

—Não me venha V. Rev. com as alicantinas que já me deitaram a perder toda a gente. Façam agora d'elles padres ou frades, ou o que quizerem; porém marujos não hão de

ser em dias da sua vida. Máo raio o parta! Onde se viu padre marujo ou marujo feito santo?.....

—Olhai, canalha, proseguiu o capitão fóra das estribeiras, quem tiver o desaforo de me dizer a bordo *amen* ou *Dominus vobiscum,* ou causa assim, vai direitinho para o cesto da gavêa por seis horas, para que fique mais perto do céo. O tal snr. S. Telmo se queria ser santo ás direitas, devia vir no principio e não no fim da trovoada, e avisar a gente para prevenir-se. Filho, replica-lhe o bispo, bem vejo que isto não podia ser um paraizo..... Isto é um inferno ! Sr. bispo, fique V. Rev. n'isto, que esta ralé são uns excommungados a quem nem o demo pode soffrer; mas deixe-me V. Rv. com elles, que os mando a todos para as profundas do inferno, quando não me andarem assim direitos.

E o bispo chegou a S. Salvador da Bahia na companhia d'aquelle heretico porém optimo capitão !

Nota B.—pag.—63 do tom. XXXIV da revista Trimensal do Instituto Historico.

Na *Chronica da Companhia* de Balthazar Telles, livro III, cap. VII, n.° 4 lê-se o milagre da cabeça de peixe pela seguinte forma :

« Vendo o padre, que o não podia com palavras persuadir, a que deixasse aquella sua imaginada devoção, com uma certeza prophetica do que havia de succeder (semelhante em parte ao que succedeu a Christo, Senhor nosso, quando mandou a Pedro tirar o peixe, para pagar aos ministros, que arrecadavam o tributo) disse ao governador, que mandasse lançar uma linha no mar, e que conforme ao que tirassem, veria qual era a vontade divina n'aquelle particular: lançou-se a sedella, com grande alvoroço dos presentes,que estavam esperando o lanço d'esta pescaria ; senão quando (cousa maravilhosa) vêm todos, que vinha presa no anzol uma ca-

beça de peixe, sem o mais corpo, que os anjos, sem duvida, alli tinham cortada e apparelhada, para o cumprimento da doutrina e verdade do padre.»

« Foi em todos o espanto igual á novidade, e o governador movido com tão evidente signal, e confirmado no que o padre Nobrega lhe tinha dito, não querendo perder occasião de quebrar o agouro, com tão milagrosa iguaria, mandou cozer a mesma cabeça, comeu-a alegremente e repartiu d'ella, por todos com grande gosto seu, e espanto dos presentes. Grande foi a opinião, que por esta causa e outras semelhantes cobrou o governador da santidade do padre Manoel de Nobrega.»

Nota C.—pag. 69.—(*Obra cit*).

—Reducções e reductóres—cap. VI, vol. II dos BANDEIRANTES, romance por José da Silva Mendes Leal.

A situação e a influencia dos jesuitas na America foi por muito tempo assumpto de largas controversias, que o interesse e a paixão frequentemente inspiraram. Em grande parte se acham hoje obliteradas ou esquecidas as allegações contraditorias d'essa epocha. Util é entretanto não arredar inteiramente os olhos de taes memórias. Bem que as razões da contumaz porfia não de todo se apagassem, antes pareça que por vezes reverdessem, a historia imparcial póde com frieza e serenidade volver os olhos ao passado, de que mais de um seculo a separa.

Injustissimo fôra negar que as missões ou grandes aldêamentos dos jesuitas, em verdade constituiram, principalmente na sua origem, um dos mais assignalados serviços á colonisação e civilisação d'America do Sul. Nenhuma cousa se glorifica e engrandece, detrahindo e apoucando meritos reaes, e as mais justas são exactamente as que menos precisam e usam recorrer a expedientes, que o bom senso e a

moral igualmente condemnam. N'aquella vasta e difficilima colonisação, como em muitas outras cousas, a companhia, digamol-o com desassombro, foi instrumento de progresso. Um dos segredos da sua força era, e é adquirir e preparar homens eminentes em tudo e para tudo. As missões americanas contaram não poucos universalmente conhecidos e apreciados.

Não menos injustas porém são as apologias exclusivas, que attribuem todas as excellencias e todas as virtudes ao systema seguido pelos padres n'aquellas missões. E esse systema estava bem longe de realizar o ideal que nós agora desmedidamente encarecem, affeiçoando-o á moderna.

Para bem averiguar e analysar tal systema, seria pouco um livro. Procuremos apenas aqui resumir alguns traços principaes, quanto caiba n'um capitulo accidental, e quanto seja sufficiente para explicar a scena que na sequencia d'esta narrativa teremos d'apresentar aos leitores.

As sérias perturbações, muita vez resultantes das doutrinas e praticas da companhia, os effeitos a miudo terriveis, da sua antiga influencia nas côrtes e nos povos, andam já remotos, e a distancia tem induzido muitos escriptores, aliás de bôa fé, a uma benignidade, de que os sectarios, mais ou menos ostensivos, logo se prevalecem como de outros tantos insuspeitos testemunhos.

Basta porém approximar aos panegyristas os impugnadores, para ver como estes ultimos se apoiam mais geralmente em factos demonstrados e em documentos de perfeita authenticidade. Nem os fundamentos da defesa, commummente citados, podem ter o necessario caracter de rectidão, quando repetidos exemplos estão certificando como os precautos chronistas da sociedade, segundo já notaveis autoridades evidenciaram, não raro desfiguravam os successos contemporaneos, guardando estas relações para serem publicadas,

como foram, a tempo em que já não existissem os que as haviam presenciado; propagando-se por este modo falsas noções autorisadas só por falsissimos annaes.

Mas alto do que tudo quanto se haja escripto, ou possa escrever, em desfavor da companhia, depôem as suas lutas contra todos que não conseguia avassalar. Assim a vimos alliada inevitavel de todos os poderes, ainda os mais infestos á humanidade, quando em casa se lhes insinuava e elles a serviam; sua inimiga declarada, suscitando-lhes por todas as maneiras inimizades, mal querenças, estorvos e perigos, quando não os achava doceis ás imperiosas e insaciaveis exigencias. D'aqui a astuta flexibilidade com que sabia introduzir-se, encolhendo-se para se fazer pequena e humilde, e a arrogante e soberba com que se erguia ameaçadora, tanto que segurava o pé. D'aqui as suas odiosas diffamações e violentas disputas com as congregações, com os antigos parlamentos, com as academias, com as universidades, com as ordens monasticas, com os prelados, com os soberanos, com os proprios pontifices. D'aqui as insidias multiformes, as ardilezas continuadas, os principios contraditorios, o casuismo subtil, a dobrez constante, a acção dissolvente, as maximas perniciosas!

A mais concludente e mais irrefragavel sentença de sua condemnação está justamente n'essas maximas, perpetuadas nos livros dos seus primeiros doutores, em Bellarmino, em Furriano, em Gregorio de Vallencia, em Soares, em Mollina, em Ribadaneira, em Keler, Vasques Cresvel, Lecio, Gretzero, Azor e tantos mais; no famoso *Amphitheatro da honra*, no *Manuale sodalitatis*, nos *Axiomas* de João de Sallas, nas obras de Sanches, n'um catalogo interminavel de escriptos, onde se encontra estimulo ou desculpa para toda a rebeldia, para todo o relaxamento, para todas as fraquezas, para todos os attentados.

Este sim, que será sempre libello inconfutado e decisivo, não imputavel a prevenção ou antagonismo !

A organisação da companhia, mais politica do que religiosa, a educação com que predispunha os seus membros, absorvendo de todo o individuo na corporação, dava-lhe aos cabeças irresistivel persistencia de acção, infinita diversidade de recursos, e fôrça incomparavel. Foi-lhe a generalidade da rudeza e ignorancia maravilhoso auxilio. Os seus propositos eram immutaveis como a divisa que adoptára: *sit ut sitand non sit*. Rodeavam-n'a interesses comparativamente ephemeros e com frequencia inconciliaveis. O d'ella, permanente e indivizivel, olhando ao longe, e superior ás ordinarias restricções da vida humana ou mutuamente as contrapunha, ou absolutamente as regeitava. A' execução de um pensamento uniforme e dominante subordinava, com prodigioso tacto de apparente inconstancia, os instrumentos mais disparatados. Isso tem por vezes illudido observadores superficiaes. Era o seu segredo: unidade no conceber, variedade no conseguir, E' ella o preceito, subversivo de toda a moral, e desgraçadamente invocado ainda por muitos ambiciosos sem alma: « que os fins justificam os meios » !

Em taes circumstancias, e com taes elementos, fez-se-lhe em breve a ousadia infrene e illimitada a ambição.

Acordaram tarde os ciumes das corôas. Assoberbava-as, fazia-as já tremer a mysteriosa potencia medrada á sua sombra. Para abalar e desarreigar o colosso foi preciso uma conjuração de reis !

Se as tendencias sempre invasoras da sociedade de Jesus, como ella mesma se chamava, tão audazmente chegou a manifestar-se no Europa ante os olhos dos poderes supremos, claro é que mais desafogadas e soltas se desenvolveriam em colonias apartadas, fóra d'esta poderosa e já desconfiada vigilancia, tendo apenas por fiscal uma autoridade dele-

gada e incompleta, que diversas influencias facilmente podiam submetter-se ou abrogar.

Assim effectivamente succedeu. Podemos severamente julgar a politica nefasta da companhia sem recusar o merecido tributo de admiração ao espirito, ao valor, á perseverança e abnegação de não poucos dos seus missionarios. Se a cobiça desmarcada se tornou o movel d'aquella, ou desprendimento de todo o pessoalismo, era a virtude ordinaria d'este e a consequencia da sua disciplina.

Foram pois as missões dos jesuitas util catechese, esforço heroico, desbravamento fecundo: com o tempo degeneraram muitas d'ellas em meros centros commerciaes, de que a sociedade auferia o melhor nos lucros, e sobre os quaes exercia pleno dominio e soberania, a bem dizer independente, com enorme damno das outras populações, e usurpação notoria dos direitos nacionaes.

Entre as missões jesuiticas da America, as de Hespanha e Portugal tinham caracteres differentes. Conheciam bem os padres a indole diversa dos dois povos, e segundo o seu costume por esta se moldavam.

Nas provincias brasilicas davam-se por defensores da liberdade dos indios, como incansaveis apostolos de benevolencia e misericordia; e tanto de si o repetiram e apregoaram, que homens doutos e sinceros, com excesssiva ingenuidade, o vieram depois a reproduzir.

A ostentosa mansidão, que tem contra si provas irrespondiveis, occultava uma especulação rendosa.

Os tumultos do Pará, do Maranhão, e d'outras provincias contra os padres exprimiam o descontentamento dos concurrentes á exploração colonial, por elles essencialmente lesados.

Lesados eram com effeito os colonos e povoadores, porque, apropriando-se os padres dos indios, eram os fazen-

deiros obrigados com muito maior dispendio a importar braços d'Africa para cultivarem as terras, o que naturalmente lhes encarecia os productos, de modo, que não havia poderem competir com os dos estabelecimentos dos jesuitas. Certo é que a avidez brutal de muitos d'estes fazendeiros, tão deshumanos como inhabeis, secundára poderosamente as usuaes cavillações dos padres, autorisando-lhes a especiosa indignação, e facilitando-lhes o obterem para si todos os beneficios das bullas alcançadas em Roma, e de um regime legislativo que, a bem dizer, lhes entregava a população nativa, ficando para os pobres gentios esse regime, que suppunha protegel-os, ordinariamente letra morta. Certo é que deploraveis erros e vicios tornaram plausiveis os clamores. Mas nem por isso se ha de conhecer, que a tarda brandura da companhia só despertou, quando n'isso lhe ia um immenso interesse inteiramente mundano.

Nos principios da colonisação o padre Nobrega escrevia ao governador Thomé de Sousa: « *em mentes o gentio, não fôr senhoreado por guerra e sujeito como fazem os castelhanos nas terras que conquistam, nada se faz* «com elles» O padre Ruy Pereira notava pelo mesmo tempo: « *ajudou grandemente a esta conversão* (dos indios) *cahir o governador na conta, e assentar que sem temor não se póde fazer fructo.* » Pouco depois memorava o padre Anchieta: « *sobre estes indios já temos sabido que por temor se hão de converter mais* que por amor. » O padre Vieira comparava-os, na sua opulenta phrase, ás estatuas de murta « que nos jardins facilmente se talham á tesoura, mas como as deixem algum tempo á vontade, logo volvem ao natural tortuoso e agreste. » Tal conceito provinha exactamente dos mais activos e meritorios missionarios. Concordavam então na necessidade do rigor, e a elle incitavam os primeiros chefes e capitães europêos.

As exhortações e apparatos em favor dos indios começaram só quando os aldêamentos interiores entravam a frutificar, e os padres, cerceando as rendas ao Estado,como os governadores ulteriormente representaram, se fizeram administradores d'engenhos e monopolios. Nas provincias do sul, onde era mais rara, ou mais difficilmente chegava a escravatura africana, o odio á companhia crescia naturalmente em violencia. Os resolutos paulistas, costumados a decidirem por si suas contendas, varias vezes forçaram as casas dos jesuitas a condescendencias e pactos, que bem claro manifestavam o antagonismo de interesses entre elles e os povos. N'estas extremidades os padres, tirando partido ainda dos seus privilegios, consentiam n'uma como sublocação dos indios, e quando, apezar de tudo, a actividade dos seculares os affrontava, induziam esses gentios a faltarem aos contratos effectuados, promptos a acudir por elles em nome da humanidade, sempre que os locatarios irritados tentavam compellir os fraudadores a satisfazer as clausulas pactuadas. D'estes repetidos subterfugios nasciam mil complicações, que todas redundavam em maior vexame dos pobres indigenas com toda a sorte de cruezas e crimes.

Os fazendeiros ponderavam:—para que hemos de procurar braços caros ou sujeitarmos aos inconvenientes dos contratos que taes, como são muitas vezes, se não conseguem sem luta, quando á mão podemos haver esses braços comparativamente de graça? Esta é a origem do barbaro uso dos descimentos e amarrações, que não eram senão numerosas expedições ou bandeiras feitas em commum, para ir caçar e escravisar indios bravos aos sertões, aonde não chegava a jurisdicção das missões ou dos collegios.

As rixas, as invejas, as ruins paixões que muitas vezes tornavam impossivel o exercicio da autoridade, e por toda a parte campeavam sem freio e sem tino, tinham sido tam-

bem em grande parte semente lançada á terra pelos padres, com a sua frequente e ousada intervenção no tocante ao poder temporal, e com os enredos e motins que armavam para expugnar qualquer autoridade, que lhes quizesse pôr cobro aos desregramentos. Muitas e muitas informações officiaes plenamente o attestam (*). Tentára o governo esclarecido e firme do marquez de Pombal sanar estes inveterados males, restaurando o imperio a respeito da lei, assim antes como depois da expulsão dos jesuitas. Desgraçadamente a infecção vinha de longe e havia-se entranhado profundamente. Se uma salutar severidade logrou parcial e temporariamente, como em Goyaz, restabelecer a boa ordem e conter os discolos, este grande beneficio nem foi geral nem persistente. Não coube no tempo extirpar a gangrena que em muitos chegára ao coração. A apregoada liberdade dos indios nos aldêamentos dos jesuitas, pareceria irrisão a homens cujo espirito sinceramente se houvesse illuminado. Por isso não convinha á tradicional precaução dos padres esclarecer os conversos. Que a mais zelosa catechese exercida sobre homens tomados no estado selvagem não conseguisse d'elles senão amansal-os, podia ter explicação e desculpa. Mas que os filhos, os netos e descendentes dos primeiros neophitos, nascidos, creados e educados sob as tutellas dos padres, e com elles os proprios mestiços, que muita vez participavam de sangue europêo, conservassem tanto de boçaes, e nunca passassem d'aquella meia barbaria essencialmente favoravel á sujeição passiva, singularidade é que bem demonstra um plano e premeditação. Sobre este facto, de si tão concludente passa de leve o minucioso Southey com haver-se obstinadamente empenhado

(*) Entre infinidade de outras a carta de Diogo de Menezes, governador da Bahia, ao rei Filippe de Castella.

em defender os jesuitas, preoccupado provavelmente com a idéa de que se o contrario fizesse, o dariam de suspeito por ser protestante, não advertindo que o dever do historiador é não se mover de nenhum cuidado de si, mas unicamente escutar o que lhe dicta a consciencia ante o que os documentos lhe authenticam.

Esta porém é com effeito uma das mais graves provas contra o preconisado systema. Das artes mecanicas ensinavam os padres aos indios, aos seus indios, como elles com muita propriedade lhes chamavam, tudo o que aos estabelecimentos da companhia era necessario, e não só das artes mecanicas, senão tambem de mais altos misteres. Conseguiram assim fazer d'elles tecelões, pedreiros, canteiros, marceneiros, capinteiros, oleiros, alfaiates e até esculptores e pintores. Não faltava portanto a esses cathecumenos intelligencia susceptivel de todos os desenvolvimentos. Porque seria pois que em tudo o que n'outras espheras lhes podia allumiar a razão os deixavam como em perpetua infancia? Ainda mais: porque lhes não generalisavam a lingua portugueza ou hespanhola, segundo o paiz a que nominalmente pertenciam, antes preferiam apprender elles os dialectos barbaros, não já para as primeiras conversões, o que seria indispensavel, mas para uso permanente e commum, o que menos se explica? E não era tambem incapacidade dos indios para fallarem idioma diverso do seu, pois que além do *Tupy*, ou lingua geral, vulgar por todo o sertão, as diversas tribus e nações facilmente se familiarisavam com os termos que ouviam ou precisavam empregar, quando se achavam em contacto com gente civilisada.

N'aquella constante pratica, transluzia evidentemente o proposito de segregar os seus tutellados de quaesquer relações, que podessem communicar-lhes idéas diversas das que exclusivamente lhes incutiam. Escravidão em verdade

era esta, e a maior de todas, e a mais profunda e completa, porque em trevas encarcerava o entendimento, e até os impulsos da vontade supprimia.

Teve sempre a companhia o segredo e o methodo de quebrantar o espirito e o animo aos seus educandos, por modo que todos na mão lhe ficassem. Que melhor o não lograria com gente rude e simples como era aquella. A escravidão imposta pelos moradores tinha contra si a franqueza da violencia; a que os poderes exerciam, fortemente cimentada no obscurantismo, offerècia á vista menos asperezas. Sendo estes, como eram, muito superiores áquelles em saber, instrucção e engenho, cuidavam do que nem aos outros occorria; isto é, de burnir decentemente as apparencias. Esta é a exacta differença.

Dois modos empregava a companhia para segurar os seus captivos, bem melhor do que se os trouxesse acorrentados: o terror das superstições, e uma calculada indulgencia com os vicios das hordas selvaticas em tão ardente clima!

Larga existencia tinham tido as missões sem nunca produzirem verdadeiros christãos. Phenomeno era com effeito? Nos primeiros seculos da igreja a doutrinação dos seus ministros havia rapidamente modificado as tribus dos vandalos e dos frankos, não menos barbaros que os guaranys ou boeres. D'onde procedia a resistencia d'estes? Com assombro se reconheceu, que a prolongada catechese apenas implatára algumas praticas estremes de todo o culto, não sem mesclada anterior idolatria, facilmente tolerada.

Em vez da moral evangelhica, tão comprehensivel por singela e natural, uma serie de lendas complicadas, em que só figuravam santos da companhia, milagres da companhia e ostentosas demonstrações da omnipotencia da companhia, tudo destramente affeiçoado ás grosseiras crendices e rudimentaly imaginação de taes povos. Quaesquer bemaven-

turados, que não tivessem tido a fortuna de ser membros da sociedade, embora canonisados pelos pontifices, eram sem cerimonia expropriados do seu lugar no Paraiso, em razão das rivalidades com os missionarios carmelitas e as outras ordens.

Pelo lado propriamente religioso os padres pouco mais tinham feito do que substituir-se aos feiticeiros das tribus, e a sua influencia era tanto maior quanto para isso os avantajavam singularmente os recursos da intelligencia e da cultura. Quando o poder secular conseguiu emfim entrar nas missões, foi lá encontrar os multiplicados mecanismos do armazem de visualidades melhor provido. As imagens dos santos, com olhos, linguas, e braços movediços, sem contar outros artificios, eram articuladas e preparadas para todos os effeitos das phantasmagorias scenicas.

A chimica e a physica, sciencias cultivadas sempre com singular esmero pela companhia, cooperavam tambem para arreigar no espirito credulo da pobre gente, não as verdades amoraveis e consoladoras do Christianismo, senão a crença no poder sobrenatural dos seus directores. Dupla e sacrilega fraude, que fazia servir as mais nobres conquistas da razão á perpetuidade e dos mais venerandos symbolos da fé ao sophisma d'ella!

Aos olhos dos rudes neophitos os padres tomavam o logar dos seus payás ou pagés, ou feiticeiros e advinhos de quem tremiam como de outros tantos delegados favorecidos de uma divindade tremenda! O charlatanismo vulgar d'aquelles impostores boçaes ficava a perder de vista ao pé das artes de homens cultos. Isso facilitava as conversões, mais determinadas pelo receio, do que nascidas da persuasão. Em realidade não se fazia senão mudar de superstições, ou antes do objecto da superstição. Nos proprios vocabularios da lingua brasilica se conservam significativos indicios d'esta

assimilação, feita no espirito dos naturaes entre os padres da companhia e os nigromantes indigenas. Aquelles padres eram designados com o nome de *payabunas*. A famosa *Relacion historial*, do padre Juan Patricio Hernandez, é um dos monumentos mais curiosos da extravagancia de invenções com que n'aquellas paragens procurava a companhia seduzir a credulidade. A sua origem não póde ser confutada. Forjaram, escreveram, imprimiram, publicaram, e autorisaram este grosseiro tecido de fabulas, que os proprios jesuitas foram obrigados a confessar por fabulas, taes eram e a tanto haviam chegado! O padre Charlevoix, traduzindo a obra trinta annos depois d'impressa e divulgada, omittiu e dissimulou todas as circumstancias que lhe pareceram mais difficeis de digerir na Europa culta. E estava-se ainda em meios do seculo XVIII!

Que demonstração haverá mais clara e expressiva do que este pio subterfugio?! Poderia aquelle ser efficaz ardil para alienar as difficuldades, manter a influencia e segurar o dominio; mas verdadeira conquista religiosa, desenvolvimento civilisador, seguramente não era. Não era, pois que as gerações successivas, como aliás fôra natural, senão iam gradualmente distinguindo e ennobrecendo pela proporcional instrucção e mais clara intelligencia das maximas salutares da igreja.

D'ahi proveiu que, ao fim de tantos annos d'absoluta e exclusiva sujeição á companhia, os seus aldêamentos só appresentavam uma população que trocára a fereza selvatica pelo embrutecimento da incommunicabilidade, e a energia natural pelos pavores pueris; população sem faculdades de iniciativa, sem sentimentos de fraternidade, sem idéa de patria, vendada pelo erro, derrancada pela ignorancia, comprimida pelo artificio, enfastiada pela uniformidade e por isso mais saudosa de licença, incapaz em

summa de viver por si e por isso inhabil para dar futuros cidadãos.

Por este methodo, obtêm-se com effeito instrumentos, mas não se fazem christãos nem homens!

Os indios da companhia serviam para ella, e para mais ninguem, porque mais ninguem podia empregar semelhantes meios de os submetter. Dês que lhes abrissem a estufa em que os creava e recatava esta ciosa vigilancia, ou se dispersavam ás primeiras auras bravias, ou succumbiam á inopinada mudança de regimen. Não podia deixar de ser. Bem o previam seguramente os atilados padres, e duplicado era o beneficio que d'ahi lhes provinha: não deixavam forças vivas que outros utilisassem, e preparavam poderoso argumento em seu favor em a infallivel e inevitavel ruina das missões que tinham feito florescer.

O systema da companhia seria excellente para os seus interesses, para os da religião e das nações a quem dizia servir, afoutamente se póde asseverar que não. Pesada escravidão era tambem, e escravidão que só aos seus augmentos aproveitava. Condemnava-a a humanidade, sem que alguma commum utilidade, a desculpasse. E era uma absorpção egoista, que sophismas não podem absolver, pois que a especiosa allegação de desenvolverem assim os padres o commercio, proporcionando a todos vantagens que sem elles não gozariam, é insustentavel perante a mais perfunctoria analyse. Em vez de desenvolverem o commercio, oppunham-lhe monopolios que o suffocavam; e a sombra d'exorbitantes privilegios prejudicavam o Estado, privando-o a um tempo de rendas copiosas e dos mais necessarios elementos de actividade.

E nem o rigor physico faltava para reprimir nos indios das missões o que a pressão moral acaso lhes deixára por mandar. Em todas ellas, tanto que o influxo firmava o senhorio, levantava-se o inevitavel *tronco*, onde qualquer

symptoma de indocilidade, a titulo de penitencia recebia prompta e severa correcção.

D'esta maneira se fez com o correr dos tempos pernicioso abuso, o que fôra no introito auxiliar fecundo.

O Brasil herdou dos jesuitas muitos e formosos edificios, ainda hoje os melhores e os principaes do Imperio, na construcção dos quaes empregou a companhia grande parte dos enormes cabedaes por tal forma adquiridos e accumulados. Verdade é esta que tambem se não deve esquecer, e por esse lado util, se ha de considerar a acção da potentissima sociedade. Semelhante compensação porém, com ser importante, nem remotamente equivale aos lucros cessantes, nem aos damnos emergentes d'essa mesma acção essencialmente usurpadora e parasita.

Um homem de genio, Sebastião José de Carvalho e Mello, advinhou em toda a sua extensão os males que alli estava fazendo e ia adiantando a companhia, e travou-se em temerosa luta com ella. Era de alma excepcionalmente temperada o concebel-o e ousal-o!

O regulamento de 3 de Maio de 1757, conhecido com o nome de directorio dos indios, verdadeiro codigo de emancipação, foi um dos actos mais importantes, e dos feitos mais graves n'esta porfiada contenda. Por elle se retirava aos padres a absoluta disposição dos indigenas, e se faziam estes verdadeiramente membros da communidade nacional.

Muitos commettimentos do grande ministro têm sido excessivamente louvados, emquanto este apenas se menciona. Pois nenhum merecia maior apreço e admiração. Transluz em todo elle uma largueza de intuitos, e um espirito de humanidade, e um sentimento de justiça, e uma benevola philosophia, que muito e muito se adiantam ao seu seculo, e tanto honram o homem que assim o concebeu como o paiz em que foi promulgado.

Quando em Portugal senão qualificar de superfluo tudo o que interessa deveras a sua honra e bom nome; quando as paixões miserrimas, que tantas cousas confundem e desfiguram-nos, não empoeirarem o horizonte; quando a *politiquice* dos *politiqueiros* permittir que tratemos seriamente do que é serio; quando, emfim, com os documentos na mão, pensarmos melhor em reivindicar perante os concilios illustrados da Europa, o lugar de que a alheia vaidade e a nossa propria incuria injustamente nos trazem esbulhados; será este codigo um dos muitos titulos, e um dos mais valiosos, com que poderemos e deveremos apresentar-nos a instruir e evidenciar o nosso direito de primazia em assumpto, que outros hoje sem razão se desvanecem de ter iniciado.

Desgraçadamente as suas justas e beneficas provisões foram a bem dizer annulladas, em parte pela dissolução dos costumes; em parte pelo estado da apathia em que os habitantes dos aldêamentos foram encontrados; em parte porque os encarregados da sua execução mal podiam entendel-o e medir-lhe o alcance; em parte finalmente pela resistencia dos padres.

Esta resistencia, então dissimulada, annos antes havia se abertamente manifestado em sublevação armada contra as ordens e as tropas das duas côrtes de Madrid e de Lisboa; e começando a abrir os olhos aos governos peninsulares, viéra de certo a influir gravemente na resolução de expulsar a companhia dos dominios de ambas as corôas.

O tratado de limites de 1750 levára em 1752 aos territorios das missões hespanholas os commissarios das duas nações, encarregados de traçar a linha divisoria da fronteira americana. Os commissarios não poderam então passar das nascentes do Rio-Negro, porque se lhes oppozeram os indios, instigados pelos jesuitas em nome de um phan-

tasma de rei indigena, por nome Nicoláo, que subitamente se apresentou declarando-se senhor do paiz. Entidade era esta perfeitamente desconhecida até alli, em tudo destoante dos costumes gentios, pura creação dos padres para soar ao longe, a quem ignorasse os usos d'aquellas terras, e testa de ferro inventada para servir de pretexto e disfarce á ousada rebellião, proporcionando-lhe evasivas em caso de mallogro.

Não iam os commissarios prevenidos, e tiveram de retroceder. Os dois governos indignados enviaram instrucções terminantes, e marcharam forças militares para debellar de vez os insurgentes. Em principios de 1756, depois de vencidas largas fadigas e infinitas difficuldades, reuniram-se uns tres mil homens portuguezes e hespanhoes nas cabeceiras do Rio-Negro, os primeiros ás ordens de Gomes Freire de Andrade, depois conde da Bobadella, varão em tudo insigne, heroe do poema *Uraguay*, os segundos sob o commando de D. José de *Andonaegui*, governador de Buenos-Ayres. Das cabeceiras do Rio-Negro marchou o pequeno exercito combinado ao rumo do noroeste, por sertões mal trilhados, contra os povos desobedientes. No terreno que medeia entre os ribeirões *Vacahy-guassú* e *Caciquey* sahiram os indios reunidos das missões visinhas a tomar o passo a estas forças, em som de guerra e em numero quatro vezes superior. Os padres tinham-se feito capitães e generaes, espingardeiros e artilheiros, manobristas, estrategicos e tacticos, disciplinando, dirigindo, instruindo os neophitos no uso das armas, municiando as peças, provendo emfim como se o breviario se lhes tornára em compendio bellico; tanto a companhia costumava precaver-se com homens para tudo, ou tanto o interesse da corporação incitava esses homens.

Feriram-se diversos recontros, até serem afinal derrotados os indios, conservando-se ainda o padrão do memo-

ravel desbarate. Nada menos foi preciso para n'aquelle ponto se chegarem a cumprir as clausulas do tratado! Perdêra a companhia o pleito; mas nem por isso esmoreceu. A fixação dos limites, determinando o direito e posse das duas potencias sobre os territorios que ella de facto dominava, annullava-lhe legalmente a soberania pratica, e suscitava os mais graves estorvos á execução dos seus evidentes planos. Convinha-lhe sobretudo o ignoto e o vago nos vastos terrenos onde ia reunindo uma população educada por ella, o que só via pelos seus olhos. Com este centro já poderoso, e em breve talvez inexpugnavel, com a rêde habilmente emmalhada pela America, bem podia vir perto o dia em que os seus padres, mais deveras senhores que os senhores nominaes, arrojassem fóra a mascara por escusada, e expoliando quem tão cegamente os patrocinára, podessem impunemente desafiar as iras tardias dos incautos desapossados. Para corroborar e justificar o feito não lhes faltariam argumentos.

Fôra ainda prematuro o ensaio das armas, e a companhia com a sua usual e consummada pericia torceu o caminho e o ataque. Transferiu para as proprias côrtes o principal campo da luta, emquanto por todos os modos continuava a promover as difficuldades locaes, approveitando as muitas que já offerecia a natureza e o solo.

Pozeram-se em campo os seus adeptos e secretos agentes, e começaram a estimular os ciumes e desconfiança das duas nações contra o tratado. Em Hespanha pintaram-n'o inteiramente favoravel a Portugal; em Portugal descreviam-n'o exclusivamente proficuo á Hespanha. E' decrepito e vulgar o estratagema, de ordinario porém bem succedido, como tudo o que mais falla á paixão que ao bom senso. Picou-se o amor proprio e a rivalidade dos que podiam dar informação competente, entráram a discretear, segundo o

costume, os que absolutamente ignoravam a materia; intervieram os sinceramente transviados por capciosas insinuações; exaltaram-se os patriotismos interesseiros e postiços, como geralmente succede n'estas occasiões. Tudo isto iam utilisando para soprar mais e mais a discordia uns zelos officiosos, cuja procedencia bem se póde inferir.

A poucos passos ninguem se entendia. Era o que os jesuitas queriam.

Conseguiam entretanto elles em Madrid, com differentes pretextos, na apparencia estranhos ao assumpto, fazer substituir, nas provincias que mais lhes importavam, as autoridades que os haviam combatido por outras da sua parcialidade. Na laboriosa prosecução dos respectivos trabalhos os commissarios achavam as aldêas das missões constantemente desamparadas, em virtude da mais clara premeditação.

Originaram-se d'estes factos novas complicações, allegações, demoras e impossibilidades, que serviram para desacreditar o pacto effectuado e augmentar as mutuas indisposições. Tal se tornou por fim a confusão, tantos foram os enredos, contradicções e clamores, multiplicarem-se de arte os obstaculos á demarcação, que as duas corôas, apesar da sua boa fé e empenho em cumprir o estipulado, cansadas, enfadadas, vieram a perder toda a esperança de accordo que podesse conciliar os descontentes. D'ahi procedeu a ulterior e funesta resolução de cancellar o tratado, repondo tudo no estado anterior.

Assim triumphavam na peninsula os jesuitas, vencidos no Uruguay, e estes assignalados exitos da sua politica, em lance tão arriscado e tão renhido certame com os poderes supremos, naturalmente os alentára em novas se bem que mais cautelosas desobediencias, facções e repulsas.

Não era porém o futuro Marquez de Pombal homem que se acobardasse ou desistisse do que emprehendia. A revolta

das missões, e o turbulento litigio que se lhe seguira, tinham lhe feito conhecer o poder immenso dos jesuitas na america, e dado occasião a estudar os segredos e importancia da sua vasta influencia na Europa. Aquellas vigorosas tentativas do ministro em favor do Estado, sendo em detrimento d'elles, tinham-n'os movido a declararem-se-lhe em opposição formal e desesperada, costumados como estavam a derribar todos os poderes adversos, conhecedores da propria força e certos de vencer, na fórma ordinaria, com os muitos recursos e variados meios de que dispunham. Na successão d'esta pessoal contenda viu-se ainda de mais perto o trama e o precipicio; e o proprio soberano chegou a conhecer, que duello de morte era aquelle em que ou um ou outro dos adversarios forçosamente havia de succumbir. Ou a jactancia da companhia, animada por longos sorrisos da fortuna, lhe fez presumir, que faltaria a Sebastião José de Carvalho o animo e a possibilidade de descarregar qualquer golpe decisivo, ou contava desfazer-se do antagonista ainda a tempo. Se previsse que tão cedo lhe faltaria a arena e a victoria, de certo se houvéra composto, sujeitando-se, até vêr desfeita a procella.

Posto que o curato de almas, exclusivamente exercido pelos jesuitas nos seus aldêamentos, fosse contrário á regra expressa do seu proprio instituto: *interdicimur etiam suscipere Curas Parochiales animarum*, os padres da companhia, com damno e descredito do clero regular, bem como das demais ordens, a quem sempre hostilisaram, relutaram quanto poderam em entregar as parochias a outros ecclesiasticos; e, quando já não tiveram mais recurso, empenharam os muitos meios, que para isso ainda lhes sobravam, em semear a desunião e a cizania entre aquelles mal domesticados rebanhos e os seus novos pastores.

A cobiça e desregramento dos fazendeiros, especialmente

em algumas provincias, concorreram tambem com estas causas, deve-se dizer, para exacerbar as turbações e a ruina d'aquelles estabelecimentos.

Nos designios da companhia, direcção espiritual e jurisdicção temporal haviam-se feito synonimos; por isso não admira que empregasse iguaes esforços em favor de uma e outra, e a miude as confudisse. A luta n'este ultimo ponto era antiga, e datava da *Provisão de 12 de Septembro de 1663*, que muito positivamente retirára aos seus padres essa jurisdicção, apezar das diligencias e prestigio de Vieira. Tendo sempre conseguido illudir, frustrar ou fazer revogar todas as determinações régias passadas n'este sentido, cuidavam estes do mesmo modo baldar os novos e successivos actos do governo da metropole.

Uma das manifestações em que mais significativamente se patenteou o espirito e intuitos da companhia de Jesus, foi a guerra que do pulpito moveu contra as companhias commerciaes, que o ministro por este tempo fundava e protegia, a fim de desenvolver a natural riqueza do paiz. Um jesuita, o padre Ballestre, para afastar os povos de concorrerem a estas uteis associações e emprezas, vociferava, que todos os que entrassem n'essas companhias não estariam com a de Christo!»

Grave imprudencia era esta, sobretudo addicionada á que a sociedade tinha commettido, como vimos, em querer ostentar com a força a jurisdicção disputada, e em mostrar os resultados praticos do seu dominio. A revolta das missões revelára um começo d'exercito, e um começo de marinha em via de organisação, nas provincias que bem se podiam já chamar jesuiticas. Sebastião José de Carvalho, além d'isso, tinha em seu irmão, o official da armada Francisco Xavier de Mendonça, commissario principal da demarcação de limites, e governador do Grão-Pará e Maranhão antigos

centros de repetidas agitações, um zeloso informador e firme auxiliar, que bem sabia aquilatar o que tudo isto valia, e não deixava aos agentes da companhia occasião e lazer de apertarem a urdidura. As continuadas inquietações, que por todos os modos, e de todos os lados e a cada passo renasciam e se multiplicavam, decidiram emfim o audaz ministro; e, removidos os ultimos escrupulos e hesitações de el-rei, surgiu inopinadamente o famoso *alvará de 3 de Setembro de 1759*, que expulsava os membros da sociedade de Jesus de todo o reino e senhorios de Portugal, exemplo que seguiram consecutivamente a França, a Hespanha, e a Russia, até ser decretada em Roma a suppressão da ordem.

A execução d'este alvará no Brasil, ainda descontando as exagerações dos interessados, póde ser reprehendida de excessivamente violenta, posto que os odios com mão larga semeados pelos padres da companhia, tivessem grande parte na dureza e rigor com que effectivamente os trataram, e a experiencia do passado aconselhasse precauções energicas. As consequencias porém d'essa expulsão, foram eminentemente favoraveis e proveitosas aos povos. Bastava a desamortisação dos immensos terrenos que elles exclusivamente usufruiam e immobilisavam.

Em 27 de março de 1767 partira de Madrid a ordem para expulsar tambem os jesuitas das possessões da corôa catholica, e esta ordem fôra executada com estreita severidade e apparato militar, igual consequencia das resistencias anteriores. Os defensores da companhia censuram asperamente aquelle apparato, extasiando-se ao mesmo tempo ante a evangelica mansidão com que os padres se sujeitaram á sua sorte, quando se lhes acautelaram os meios de proceder de outro modo. Tão ingenuo enthusiasmo commenta sufficientemente a justiça e imparcialidade das lastimas e estranhezas. O exemplo, não muito distante, da sublevação

das missões do Uruguay estava claramente indicando, que seria esta submissão sem aquelle malquistado apparato, antes justa e opportuna previdencia.

Não é novo, como se vê, o ardil de ridicularizar o desenvolvimento da força, quando esse desenvolvimento previne e estorva as sedições!

Sentiam duplicadamente os jesuitas este segundo desastre. Sentiram-n'o porque lhes levava a ultima esperança de restaurar o seu poder na America, e porque lhes vinha d'onde menos o esperavam. Sabido é como os membros da companhia não têm nação. Pertencem á ordem *perinde ac cadaver*. Como se não tiveram vida, muito mais como se não tiveram berço. Mas da Hespanha lhes viéra sempre a maior protecção, e as mesmas concessões e privilegios, que nas provincias portuguezas do Brasil lhes tinham dado tão grande preeminencia, influencia e riqueza, das mãos dos Filippes os haviam obtido. Isto naturalmente os inclinava a Castella, quanto podiam sem se desviarem do proprio interesse, não contando que nos territorios d'esta potencia, tinham os seus mais consideraveis e poderosos estabelecimentos, tão poderosos e consideraveis, que de parte d'elles se constituiu a que hoje se chama republica paraguaya. Natural era pois, que sobre tudo lhes doesse esta, para seu futuro, verdadeira catastrophe, e não podessem d'alli desviar os olhos. Eram aquelles os seus fortissimos reductos. D'esses recintos poderiam novamente ameaçar e reconquistar os antigos dominios por todo o continente americano. Imagine-se portanto com que pezar os veriam sahir-lhes das mãos!

As missões hespanholas, vulgarmente designadas com o nome bem caracteristico e apropriado de *Reducções*, estavam então sendo regidas por administradores especiaes no tocante ao temporal, e no espiritual por frades das ordens

mendicantes, ou clerigos seculares na falta d'estes. Em geral entendiam-se todos mal uns com os outros. Para os indios era um mundo novo e estranho, que as exclusivas idéas em que tinham sido educados lhes fazia parecer monstruoso e sacrilego.

A companhia, proscripta mas não extincta, nada d'isto ignorava nem o perdia de vista. Um grande numero dos jesuitas expulsos da America refugiára-se em Faenza e Ravena. Os mysteriosos cabeças da instituição procuravam pacientemente, clandestinamente, pouco a pouco, e passo a passo, recompôr as malhas violentamente rotas. Mudára a ordem supprimida o nome e as apparencias; a sua constituição porém continuava inalteravel, sem esmorecerem os obreiros no lavor obstinado. Immensas tinham sido os perdas materiaes, mas a influencia não succumbira de todo. Fizéra-se unicamente mais cautelosa e dissimulada. Não podia apparecer á luz; minava o solo. Não podia mostrar a roupeta, variava o trâjo!

Dispersára a tempestade os membros ostensivos e conhecidos da companhia, mas os filiados, os adeptos leigos, os dependentes que sabia ter seguros por mil fios inviziveis, esses ficaram onde estavam instrumentos doceis, por necessidade obedientes á potencia occulta.

A alma da companhia sobrevivêra ao corpo mutilado!

D'aquelles secretos instrumentos se servia ella, apesar da suspicaz e prevenida vigilancia dos governos, para trazer vigiados os estabelecimentos que não deixára de considerar seus.

FIM DO APPENDICE E DAS NOTAS.

ERRATA

AOS

APONTAMENTOS PARA A HISTORIA DOS JESUITAS NO BRASIL (DE PAG. 47 A PAG. 101) DO III TRIMESTRE DO TOMO XXXIV PARTE SEGUNDA DA *Revista Trimensal*).

PAG.	LINHA.	ERRO	EMENDA
50	11	não deparasse	e não deparasse
»	25	consolidar o seu	consolidar seu
52	30	saber-se	a saber-se
63	19	de do	de muito maior importancia da
64	8	extranhas	estranhos
»	31	céo	léo
69	*nota*-penult. lin.	obsequiosidade	amabilidade
81	*ultima*	*Brazis*	*Brazis* (20) (é n'esta a nota da pag. seg.)
83	16	d'esses traços	d'essas traças
90	27	fruitices	fruitos
96	18	em geral	ou geral
98	17	muito	muitos

(Ao IV trimestre da *Revista*, continuação da mesma memoria de pag. 195 a pag. 275.

197	ultima	administrado	administrador
208	28	Cardoso de Barros	Cardoso de Barros, tambem eram com elles.
209	31	mais no fim do tempo,	mas no fim do tempo
211	30	pequeno	pequeno torrão
215	7	de salteador	do salteador
»	8	perdão	perdão:
216	10	com elles	com ellas
217	1	as cousas porém	as cousas;
»	8	Espera	Espera-o
221	5	jantasse	jantassem
»	25	ajuda	ajudam
222	8	orphãos	orphãs

PAG.	LINHA	ERRO	EMENDA
225	27	um	uns
228	20	ordenou-se-lhe	ordenou-se-lhes
251	27	*Podrigues*	*Rodrigues*
235	13	embarcaram o padre	Embarcaram com o padre
»	27	a creação	na creação
238	2	etc.	etc, encanta
246	17	convenceu	convencem
251	5	matam	mataram
254	ultima	ado	mado
260	25	degoiem, ferem	degola, fere
263	18	adulterio	adultera
»	25	com elles	com elle
268	17	hospedado por *Coaquíra*	hospedado por *Coaquira*,
»	25	amicissimo	inimicissimo
270	18	viam-se	via-se
271	7	Itanhão	Itanhaẽ
»	16	obrava	obravam
272	16	d'elle	d'ella
273	28	modo	a modo
275	6	congressão	congregação

OS TIROS NO THEATRO

MOTIM POPULAR NO RIO DE JANEIRO

PELO

DR. MOREIRA DE AZEVEDO

Socio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro

Effectuára-se a revolução de 7 de Abril de 1831; um soberano descêra sabia e prudentemente do throno, e o povo, jubiloso, enthusiasmado, saudou a iniciação do reinado de um principe brasileiro, que, ainda nas faxas da infancia, recebeu acclamações, ouviu os vivas dos seus compatriotas, e foi reconhecido como o sustentaculo da monarchia, o herdeiro de um imperio, o representante legitimo de uma nação, que pugnava pelas suas garantias, pela ordem, pela paz e pela liberdade.

Esse acontecimento pareceu congraçar todos os brasileiros, dispertar o amor patrio em todos os peitos, porque acreditou-se que uma época feliz, regeneradora, ia começar; que o paiz, alando as azas, ia avoejar em horizontes mais extensos: morrêra um periodo e alvorecêra outro em que a energia, os grandes commettimentos, a actividade, o trabalho, iam operar em campo mais largo; pareceu o paiz dar um passo agigantado na ordem social; o espirito nacional expandiu-se, e o povo, tendo conhecimento da sua força, considerou a revolução, como um movimento reformador.

Mas aquelles que haviam cooperado para a revolução julgaram que podiam ir para diante, caminhar progressivamente, e, em vez de se compenetrarem de um espirito prudente e reflectido, em vez de prégarem a concordia, a conciliação e a tolerancia, exaltados pelas idéas do tempo, em

briagados pelo triumpho, não depuzeram as armas da victoria: ergueram-se, e de golpe quizeram reformar o paiz, destruir todos os embaraços, modificar as idéas sociaes, e dar uma marcha nova aos sentimentos, á politica, ás leis, á ordem social.

Mas não pensou assim o partido que sustentava o poder; julgou conveniente parar no ponto que se chegára; que avançar mais um passo era approximar o paiz do abysmo, e assim tratou de oppôr-se ás idéas, aos planos, ás reformas dos mais exaltados, e d'essa opposição nasceram o desasocego, a conflagração, os tumultos, a luta, a guerra civil.

E' essa a historia da humanidade; depois da morte de Carlos I veiu a tyrannia de Cromwel; depois do supplicio de Luiz XVI veiu o governo do terror, porque a marcha dos acontecimentos constitue uma cadêa, cujos elos, rompidos rapidamente, lançam estilhaços, que derramam a luta, a confusão, o sangue na sociedade.

Oppondo-se aos excessos do partido contrario mostrou-se o partido dominante moderado e conciliador; procurou ligar todos no empenho da felicidade e salvação da patria; prégou a concordia e a paz, e apresentou resistencia, para conter a ordem social, aos exaltamentos do partido adverso, que, considerando essa opposição, esse antagonismo, como um ostracismo politico, mais se exasperou, mais reagiu, e mais exagerado e vehemente se mostrou: d'ahi nasceram as desavenças, os perigos e lutas civis que a nação experimentou.

Entregue a imprensa a declamações vagas e turbulentas, como era moda, excitava os animos e concorria para a effervescencia das idéas, para o fogo das paixões e lutas dos cidadãos.

Havia tambem a força militar indisciplinada, arrogante,

exigente, altiva, que manejava a espada de Brenno, e acreditava que na marcha dos negocios publicos devia a balança pender sempre para seu lado.

Tudo isso pareceu tornar deficiente, contraditoria e anarchica a revolução de 7 de Abril, porque paralysára-se o commercio, finára-se a industria, escaceára o trahalho, os jornaleiros reclamavam pão, desapparecêra a segurança, a tranquillidade, as esperanças se haviam transformado em receios, o regosijo em consternação, a paz em desasocego ; e assim pensou-se na restauração do antigo governo, na volta do ex-Imperador, por julgar-se que só d'esse modo se restabeleceriam a ordem, a paz, a concordia, a acção regrada e energica das leis.

Mas não nos devemos admirar hoje das lutas em que ardeu o paiz, dos sentimentos diversos que então preoccuparam os nossos maiores ; estava a nação em uma época de transição, de formação social : a liberdade apalpava os passos no caminho que seguia; a nação se levantára, e na energia do despertar experimentava essas convulsões, esses estremecimentos e abalos, que eram o prenuncio da vida, o movimento dos primeiros passos de um paiz, que sentia necessidade de expandir-se e engrandecer-se.

Assim o anno de 1831 é aquelle em que os acontecimentos se succedem com mais rapidez ; é um periodo de luta e de patriotismo, de movimento e interesse social, em que se vêm o triumpho da nacionalidade e a consolidação da monarchia.

Antes, porém, de firmados estes principios houve obstaculos a vencer-se, lutas a profligar-se, e se não chegou ao porto da salvação senão depois de presenciarem-se scenas violentas, em que a patria viu o sangue correr do peito dos seus filhos.

Tendo os olhos nos documentos da época, vamos narrar

um dos acontecimentos desastrosos do anno de 1831, o qual dispertou-nos essas reflexões incompletas, apoucadas e talvez mal cabidas, que abriram este discurso.

Representava-se em 28 de Setembro de 1831 no theatro de S. Pedro, que n'esse anno foi denominado Theatro Constitucional Fluminense, o drama *O Estatuario*, em beneficio do actor Manoel Baptista Lisboa.

Desde o começo do espectaculo notou-se grande inquietação e motim nos espectadores, o que não era de estranhar n'essa época de agitação, em que toldados andavam os animos politicos, e facilmente estrugiam gritos, originavam-se disturbios em qualquer reunião de cidadãos.

« Desde alguns mezes que um punhado de facciosos, diz Evaristo da Veiga, occupava quasi constantemente o theatro, e d'ahi bania o cidadão honesto, o homem tranquillo que procurava innocente recreação; era mister verdadeira coragem para que alguns d'estes ousassem ir expôr-se aos ultrages mais violentos, e esperar os effeitos de clamores sediciosos em que as autoridades e as leis eram a cada momento menoscabadas. »

Concorrêra para azedar os animos, n'esses dias de Setembro, a soltura de alguns individuos, presos em virtude da devassa feita sobre os acontecimentos do mez de Julho.

Reinavam no theatro muita vozeria e inquietação, e ás 10 horas vieram chamar o juiz de paz da freguezia do Sacramento, Saturnino de Sousa e Oliveira, que presidia o espectaculo, para aquietar uma desordem que havia no largo, junto aos arcos do theatro, entre o tenente Antonio Caetano e um official do estado-maior, chamado Paiva, queixando-se este de que aquelle o investira com mais seis companheiros, tirára-lhe a espada e despedaçára-lhe as corrêas do tabarte. Dizia Antonio Caetano que Paiva acommettêra-o com a referida espada, entregando-a depois a um camarada seu.

Deu o juiz ordem de prisão a ambos, e ordenou a uma patrulha de rondas municipaes de cavallaria os conduzisse á guarda principal; mas vociferou Antonio Caetano, declarando que iria preso, porém não pela patrulha, visto como era official. Attendeu o juiz a essa reclamação, e pediu ao commandante da guarda do theatro que levasse o preso; submetteu-se o tenente Caetano.

Immediatamente echoou entre a multidão um grito unisono contra a prisão de Antonio Caetano, apezar de declarar elle que se achava preso e cumpria-lhe obedecer á disciplina militar; no meio do tumulto desappareceu o official Paiva, constando mais tarde ter-se ido entregar á prisão na guarda principal; mas a fuga d'esse militar atiçou mais a colera dos turbulentos, e ouviram-se vozes repetidas clamando que se prendêra o brasileiro Antonio Caetano e se facilitára a evasão do portuguez Paiva. Este official era brasileiro adoptivo.

Em vão protestou a autoridade que prendêra a ambos, e providenciaria officiando ao commandante das armas para ser recolhido ao xadrez o official Paiva; porém o povo, arrastado pelo phrenesi do momento, se não aquieta facilmente, nem ouve a voz a mais autorisada, que lhe brada moderação e ordem: é como o rio, que, encontrando embaraços em sua corrente, embravece e se despenha furioso sobre as fragas da rocha que por momentos o detiveram.

Arrebatado pela onda popular foi Antonio Caetano levado para o recinto do theatro, e repercutiu na rotunda do edificio um grito estridente.

—Estamos trahidos, bradaram todos; cresceu o alarido, ferveu a confusão, e ferinos insultos, pesadas injurias e imprudentes ameaças atiraram-se á autoridade, repetindo-se que por causa de um estrangeiro achava-se preso um nacional.

Ordenou o juiz ao commandante da guarda do theatro que effectuasse a prisão de Antonio Caetano, que era o causador do tumulto; porém protestaram diversos cidadãos contra a ordem da autoridade, e responderam que não podia ser preso esse official, porque oppunha-se o povo, que era soberano e absoluto.

Afastou-se Saturnino de Sousa e Oliveira do saguão do theatro, e determinou que as rondas municipaes, attrahidas ao lugar pela vozeria e tumulto do povo, se conservassem na distancia de tres braças da arcaria do edificio.

Contavam essas rondas mais de duzentos homens, e eram commandadas por Antonio Luiz Pereira Araujo, que, depois de haver prestado assignalados serviços n'esses dias calamitosos, tendo feito parte em 1817 da expedição enviada a Pernambuco, viu-se tolhido do rheumatismo, e morreu pobre e esquecido em 3 de Dezembro de 1869.

Das arcadas e vestibulo do theatro proromperam os amotinadores em insultos ás rondas municipaes, afrontando-as com os mais grossèiros epithetos e provocadoras ameaças.

Se tentava o juiz prender os mais violentos occultavam-se estes no interior do theatro; e no emtanto se não descuidava a autoridade em conter os guardas municipaes que raivosos ouviam os apodos que atiravam-lhes os facciosos.

Mandou o juiz de paz fechar o theatro, do qual já se haviam ausentado quasi todos os espectadores, e comparecendo o ex-commandante-geral Sebastião do Rego Barros opinou que se prendessem áquelles que vilipendiavam a força publica, pelo que enviou Saturnino quatro guardas ao saguão do edificio, afim de aprisionarem os primeiros que os provocassem, e logo após destacou outros; mas um individuo, approximando-se de um d'esses guardas, que fôra sargento de brigada, arrebatou-lhe a arma e com ella fez fogo para fóra.

Uma descarga de trinta espingardas foi a resposta dada áquelle tiro.

Irritadas como se achavam as rondas municipaes, e crendo-se investidas pelos amotinadores, dispararam as armas sem ninguem lhes ordenar.

Os tiros afugentaram os facciosos, mataram a tres individuos, e feriram a diversos turbulentos e á alguns guardas municipaes.

Dos fallecidos um era natural da provincia de Pernambuco, outro da do Maranhão e o ultimo um portuguez que, tendo vindo ao theatro pela primeira vez, saltára no tablado na occasião do motim, entrára na scena por um dos lados do panno que já estava descido, e demorando-se em examinar a pintura do scenario, foi alcançado pela bala que atravessou o panno e cravou-se-lhe na cabeça. Abriram-se sepulturas na igreja da Lampadosa para esses tres cadaveres.

Dispersára-se todo o povo, mas continuaram as rondas municipaes a affluir para a praça da Constituição, marcharam contingentes de diversas freguezias, de sorte que á meia-noite havia na praça mais de mil e quatrocentos guardas municipaes, e em toda cidade mais de tres mil em armas.

Espalhando-se o boato que marchava do quartel de Barbonos o batalhão de granadeiros para atacar as guardas municipaes, collocaram-se vedetas na rua do Piolho, hoje da Carioca; porém já estavam serenados os animos, e nada mais occorreu, debandando-se a força municipal ás quatro horas da manhã.

Receiando o juiz de paz Saturnino ser victima de alguma traição pediu a Antonio Luiz Pereira Araujo, commandante de esquadra, cargo semelhante ao de inspector de quarteirão, que viesse com alguns guardas municipaes pernoitar em sua residencia.

Procedeu o juiz de paz ao corpo de delicto nos mortos e feridos, e officiou ao ministro da justiça o padre Diogo Antonio Feijó, relatando-lhe os acontecimentos da noite de 28 de Setembro, e referindo-lhe que oppuzeram-se o major Miguel de Frias, assim como outros officiaes, á prisão de Antonio Caetano.

Em uma allocução que endereçou aos guardas municipaes da freguezia do Sacramento louvou o juiz de paz a conducta e a prudencia d'esses seus camaradas, e profligou a força de primeira linha que fizéra guarda no theatro, « a qual, accrescenta Saturnino, não só não me tinha coadjuvado para sustentar a ordem, e mostrava-se indifferente espectadora dos ultrajes que se nos faziam, mas até se nos mostrára hostil, calando bayonetas ao primeiro reforço que chegou á entrada do saguão; era portanto de receiar um violento ataque de bayoneta no pequeno espaço do saguão, aonde muitas vidas se perderiam, e eu empregarei sempre todos os meios de não comprometter a vida de um só guarda municipal. »

O tenente do 1° batalhão de caçadores Candido Monteiro que commandára a guarda de primeira linha postada no theatro, na noite do motim, publicou uma correspondencia refutando as censuras que lhe fizéra o juiz de paz da freguezia do Sacramento; mas este officiou ao commandante interino das armas o coronel Francisco Carlos de Moraes para que fosse responsabilisada a força de primeira linha que fizéra a guarda do theatro na noite de 28 de Setembro.

Dirigiu o governo, no dia seguinte, um aviso ao commandante interino das armas ordenando que fossem recolhidos presos á fortaleza de Santa Cruz os alferes Francisco Joaquim Bacellar e José Alexandre, á da Lage o major Miguel de Frias e Vasconcellos, á de Villegaignon os tenentes Honorio José Ferreira e Antonio Joaquim Bacellar, e á de

S. João o tenente Leopoldo Frederico Thompson e o alferes João do Rego Marques para serem julgados legalmente, segundo o resultado da devassa que se procedesse, « pois era notorio pela parte official do juiz de paz da freguezia do Sacramento, resa o aviso, o facto da assuada, motim e resistencia á justiça occorrido no theatro nacional, na noite de 28 de Setembro, no qual tiveram grande e não duvidosa parte esses officiaes. »

Determinou o ministro da justiça, em aviso de 30 de Setembro, que se procedesse á devassa dos factos occorridos em 28 e 29 do mesmo mez, « convindo, diz o aviso, que os perturbadores da ordem publica e os principaes autores de taes desordens sejam processados pelos meios legaes, para que de sua impunidade se não siga a renovação de tão tristes acontecimentos que tanto concorrem para o desasocego d'esta capital. »

Os periodicos do partido exaltado, excitados pelas paixões politicas, exageraram a narração dos factos occorridos no theatro; inventaram incidentes, ennegreceram as circumstancias, e para impressionar vivamente o publico tornaram feia e horrorosa a descripção de taes acontecimentos.

Publicou a *Nova Luz* que quando o povo e familias quizeram sahir acharam o theatro circulado por guardas municipaes, as portas todas tomadas, prohibindo-se a sahida a quem estava dentro; procurou insinuar que eram portuguezes os cidadãos guardas municipaes que estavam em frente do theatro na occasião do motim; que no numero dos mortos contava-se uma senhora, e accrescentou :

— Os vandalos de fardeta e boné fizeram fogo pelas portas da frente e oculos lateraes do theatro.

Outro periodico elevou o numero dos mortos á mais de vinte, e o chamado *Jurujuba* escreveu o seguinte :

« O sangue brasileiro foi derramado por mãos de assassinos que fazem alarde de seu crime. O monstro Saturnino etc. »

Não demorou-se a sociedade defensora da liberdade e independencia nacional em remetter uma carta em 4 de Outubro ao juiz de paz Saturnino de Sousa e Oliveira, louvando o seu civismo e circumspecção na occasião do motim.

De feito mostrou-se esse cidadão prudente e firme n'essa noite de confusão e desordem, soube sustentar a dignidade de seu cargo, sem abusar da força que estava sob seu commando; não foi além dos seus deveres, conservou-se nos limites da lei, e conseguiu restabelecer a ordem e o socego.

O theatro Constitucional Fluminense que se fechára por ordem do governo desde o dia do motim, reabriu suas portas com o drama o *Aldeão Magistrado* em 2 de Dezembro, dia de regosijo publico, de festejo nacional, anniversario natalicio do imperador, que contou n'esse dia um lustro e um anno de existencia.

ENSAIO DE ANTHROPOLOGIA

REGIÃO E RAÇAS SELVAGENS

PELO DR. JOSÉ VIEIRA COUTO DE MAGALHAES

socio do Instituto Historico.

I

O GRANDE SERTÃO INTERIOR

A região dos selvagens. Diversos roteiros para ir da foz do Rio da Prata á do Amazonas pelo interior. A região do Prata. A região do divisor das aguas. A região do Amazonas.

As sciencias positivas exigem antes de tudo um laboratorio.

A anthropologia está n'esse caso.

Mas o laboratorio e museu em que temos por ora de estudar as raças selvagens da nossa terra são os nossos sertões, isto é: um laboratorio ou museu que abrange uma área de muitas mil leguas quadradas.

Seja-me licito pois, antes de entrar na parte especial d'esta memoria em que estudo o homem selvagem do Brasil, dar ao leitor uma idéa succinta dos meios que temos de penetrar na parte mais escusa e invia d'esse grande museu de historia natural chamado o interior do Brasil, assim como dizer brevemente o que é essa região.

A grande região occupada hoje pelos selvagens é o *plateau* ou *araxá* central do Brasil, e especialmente a parte comprehendida entre as terras altas que dividem as bacias do Prata da do Amazonas ao sul, o Araguaya a leste, o Amazonas ao norte, e o Madeira ao poente.

N'essa região, por assim dizer virgem, existe uma população indigena que alguns avaliam em dois milhões de habitantes, que outros pretendem que não excede a quatrocentos mil, mas que em todo caso é consideravel. Essa região, que só por si daria um reino maior do que a França, é quasi inteiramente desconhecida dos brasileiros, e dos homens civilisados. A busina do selvagem ou seus cantos de amor e gritos de guerra são quasi os unicos sons que por ora tem repercutido os echos d'esse vasto paiz.

Se o leitor tiver paciencia para acompanhar-me, ficará tendo um juizo de como se transpõe esse reino dos selvagens, que eu tenho viajado mais d'uma vez, ora correndo grandes perigos, devendo a vida a meu rewolver ou a meus braços, mas onde tantas vezes senti o inneffavel goso de me ver a sós com Deus e com a natureza.

Uma das mais curiosas viagens geographicas que se póde fazer pelo interior do Brasil, ou melhor diremos, pelo interior da America do Sul, será aquella em que, penetrando pelo golfão do Prata, se vá sahir na foz do Amazonas, ou vice-versa.

Uma viagem d'essas, aqui ha alguns annos atrás, seria reputada temeraria, alguma cousa de semelhante ás viagens de Livingstone para descobrir as fontes do Nilo.

Hoje, porém, si é ainda trabalhosa e arriscada deixou de ser temeraria, ao menos em certas direcções.

Eu a tenho feito diversas vezes: na primeira, segui ao norte de Minas até a Diamantina, atravessei os valles dos rios Jequitinhonha, das Velhas, Paraopeba, S. Francisco, Paranahyba, Corumbá, dobrei o divisor das aguas no lugar denominado Bom Jardim, atravessei as cabeceiras do Tocantins, e descendo pelos rios Vermelho, Araguaya e Tocantins, cheguei ao Pará em 1864.

Outra vez subi do Pará pelo Araguaya e Tocantins, segui

pelo divisor das aguas em rumo de L. a O. até Cuyabá, descí por esse rio, pelos S. Lourenço, Paraguay, Paraná, Rio da Prata até Montevidéo. Tenho feito outras viagens entrando por S. Paulo e Minas, e representam ellas, entre idas e vindas, a somma de 4,500 leguas viajadas pelo interior, e todas tocando na região de que acima fallei. N'essas viagens tenho adquirido alguns conhecimentos geographicos e topographicos que me não parecem totalmente destituidos de interesse, sobretudo pelo que respeita á região do divisor das aguas, cuja estrada, sendo de recente data, ainda não deu passagem a nenhum geographo que descrevesse esse immenso paiz, que na latitude sul de 15° a 16°, divide as duas maiores bacias fluviaes do mundo.

DIVERSOS ROTEIROS.

Comecemos por dar uma noticia dos diversos roteiros que seguiram nossos maiores para penetrar d'uma bacia na outra, tomando em consideração sómente aquelles que podem servir a navegação á vapor. Subindo de Montevidéo pelos rios da Prata, Paraná e Paraguay, quem quizer ir ao Amazonas tem cinco grandes roteiros a seguir, cada qual mais curioso.

1.°—Seguir pelo Rio da Prata, Paraná e Paraguay acima até a foz do Jaurú, subir este até o antigo registro, ponto onde termina a sua navegação, tomar a estrada de terra que com 20 leguas traspassa o divisor das aguas, embarcar de novo no Guaporé, abaixo da ponte na estrada que vai da Villa-Boa de Matto-Grosso para Casalvasco e departamento boliviano de S. Cruz de la Sierra, e descer o Guaporé até sua juncção com o Amazonas.

Hoje esse caminho fluvial é obstruido por 70 leguas de rapidos e cachoeiras que medeiam entre a ultima de

cima, denominada Guajará-mirim, e a ultima debaixo, conhecida sob o nome de Santo Antonio.

Dentro em pouco, porém, a locomotiva, seguindo pela corda do arco descripto pelo Madeira, transporá a região das cachoeiras, fazendo-se á vapor o caminho terrestre, que fica reduzido a 50 leguas, ligando perpetuamente os interesses d'aquella republica aos nossos, e garantindo-se a paz que nossos vizinhos não quererão mais perturbar.

N'esses sertões encontram-se dois grandes vestigios da actividade de nossos maiores: um é a fortaleza de Coimbra na fronteira da costa do rio Paraguay com a Bolivia pouco acima da Bahia Negra; a artilharia d'esse forte, que não podia subir pelo Rio da Prata porque o governo hespanhol não consentiria, veiu pelo Madeira, foi varada por terra do Guaporé para o Jaurú, e d'ahi desceu até o forte. Conheci ainda, já muito avançado em annos, um piloto que serviu nos barcos que a transportaram, sendo então de 15 annos de idade; esse homem, chamado João Antonio, residente no meio do sertão de Cuyabá, no lugar denominado Sangrador Grande, narrou-me mais d'uma vez as peripecias d'essas viagens em que gastavam um anno, lutando com os indios, com as cachoeiras, com a terrivel peste denominada maculo, e quasi sempre com a fome. O outro vestigio da actividade de nossos maiores n'esses sertões é o gigantesco forte do Principe da Beira, situado na margem direita do Madeira defronte á missão jesuita hespanhola de Moxos.

Calcúlo que as distancias a percorrer segundo este roteiro sejam de 1,450 leguas, a saber: 730 de Montevidéo ao registro do Jaurú; 20 por terra, do registro a ponte do Guaporé, dobrando ahi o divisor das aguas; 700 da ponte do Guaporé á foz do Madeira.

As viagens que de Matto-Grosso se faziam para o Amazonas estão hoje totalmente abandonadas, devido a maior facili-

dade que se encontra em outras communicações, supprindo-se os habitantes de Villa Bella dos generos de que necessitam em Cuyabá.

2.°— O segundo roteiro seria deixar o Paraguay á esquerda, subir S. Lourenço e Cuyabá, até a cidade d'este nome, seguir 30 leguas por terra até a villa do Diamantino, ponto esse em que se dobra o divisor das aguas, com 8 leguas ir ao porto do Rio Negro que serve a essa villa, e por elle abaixo, Jururema e Tapajós, ir á cidade de Santarém no Amazonas, junto á foz do mesmo Tapajós n'aquelle rio. Durante a guerra do Paraguay esta navegação tomou algum incremento, e ainda hoje se a faz especialmente para supprir-se a população de Cuyabá com guaraná, genero de que fazem um grande commercio na provincia, e que só o podem haver dos indios *Mauez* que o fabricam no Pará. Estimo a distancia a percorrer por este roteiro em 1,128 leguas, a saber: 700 de Montevidéo a Cuyabá; 30 de Cuyabá ao Diamantino, 8 do Diamantino ao porto do Rio Negro, e 400 por elle, Juruema e Tapajós até Santarém. Como é sabido,o Arinos, como o Madeira e em geral todos os grandes confluentes do Amazonas que descem do *plateau* de Matto-Grosso e Goyaz, venceu uma zona encachoeirada de cerca de 70 leguas. A mais famosa das cachoeiras do Arinos é o Salto Augusto, para transpôr o qual é necessario varar as canôas por terra. Do porto do Rio Negro a Itaytubá os viajantes de Cuyabá gastam de 18 a 20 dias na descida, e 3 a 5 mezes na subida, sendo auxiliados nas cachoeiras pelos indios *Apiacás*, tribu pertencente á familia *tupí*, de excellente indole, e amiga do trabalho, que fornece aos viajantes boa parte de mantimento que usam na viagem ajustando-se como pescadores e caçadores.

3.°— O terceiro roteiro, que foi apenas explorado pelos antigos,e que se não póde bem comprehender olhando para

nossos mappas, porque o curso do rio que serve de intermediario entre as duas bacias (rio Manso) está errado, visto que o fazem confluente do Cuyabá, quando elle pertence ao opposto systema do Amazonas, facto este que eu verifiquei por mim mesmo como direi adiante; o terceiro roteiro dizemos, consistiria em tomar por ponto de partida o mesmo Cuyabá, seguir 20 leguas a éste até o rio Manso, que não é outra cousa senão o mesmo que entra no Araguaya com o nome de Rio das Mortes, descer por elle abaixo até o Araguaya, e por este e pelo Tocantins ir ao Pará; a distancia de Montevidéo ao Amazonas por este roteiro eu a calculo em 1,270 leguas, a saber: 700 a Cuyabá, 20 por terra ao Rio Manso, dobrando ahi o divisor das aguas, 200 do rio Manso ou das Mortes, que é a mesma cousa, e 350 do Araguaya e Tocantins até o Pará.

Affirmando eu que os mappas estão errados quando dão o rio Manso como confluente do Cuyabá, e que elle pertence ao opposto systema do Amazonas, e que não é outro senão o Rio das Mortes, é de razão que dê os motivos de minha affirmação. Não se trata d'um rio secundario senão d'um que póde figurar entre os grandes do mundo, pelo crescido volume de suas aguas e extensão de seu curso que excede de 900 milhas. Accresce a isto que este é dos confluentes do Amazonas o que vem mais ao sul por que suas fontes, que confundem-se com os do Cuyabá Mirim, ficam com differença de minutos na mesma latitude que o Cuyabá, onde já as aguas do Prata são navegaveis, e navegadas á vapor.

Quando eu explorei a nova estrada do Cuyabá para o Araguaya, a que vem pelo alto do divisor, entrei, a 30 leguas de Cuyabá, pelo sertão a dentro em rumo de Norte, e a 5 leguas de distancia encontrei o rio Manso, correndo já no rumo de O. a L. Mandei exploral-o do Sangrador Grande, 50 leguas a O. de Cuyabá, e o sargento que dirigiu

a expedição encontrou o rio já profundo e volumoso tanto ou mais que o Cuyabá, a cerca de 7 leguas ao Norte do destacamento, correndo o precitado rumo de O. a L. Em Cuyabá communiquei estas observações ao Sr. Barão de Melgaço, a quem tanto deve a geographia d'aquellas regiões, e elle me disse que havia deparado na secretaria do governo com um officio do mestre de campo José Paes Falcão das Neves, em que dava conta aos membros do governo da successão, em Cuyabá, d'um exploração mandada fazer no rio Manso em fins do seculo passado ou principios d'este, pelo capitão general Caetano Pinto de Miranda Montenegro, afim de reconhecer-se si este era o mesmo rio que no Arraial dos Araés, corria com o nome de Rio das Mortes. Esse officio vem acompanhado d'um mappa, e por elle se vê o que acabo de affirmar. Eu tomei copia d'elle, não só para prova d'esta asserção, como porque contém uma descripção detalhada da navegação d'esse rio, hoje completamente deshabitado e quasi esquecido. E' nas margens d'elle que estava collocada a povoação dos Araés, alli fundada por motivo da narração feita pelo capitão Bartholomeu Bueno Anhanguera, de que os indios d'alli, os *Colomys* e *Cunhatains*, como elle diz, meninos e meninas, traziam ao pescoço folhetas de ouro como ornato. E' tradição que os povoadores do lugar, depois de haverem trabalhado com pequeno resultado durante annos, descobriram afinal as minas, dando em um caldeirão de ouro, que desenvolveu-lhes de tal geito a ambição que mataram-se uns aos outros, fugindo o resto e fazendo-se aos sertões por medo do castigo que os perseguiria. Esta tradição tem levado a aquelles ermos alguns exploradores audazes, e ainda o anno passado por lá andou um que, como os outros, não foi bem succedido, não tendo podido trabalhar por falta de mantimentos e recursos. Junto a copia d'um officio que dá

noticia da mineração de ouro nos Araés antes da descoberta das minas de que acima fallei, extrahido tambem da secretaria de Mato-Grosso.

4.° — O quarto roteiro que se póde seguir da bacia do Prata para a do Amazonas estava perdido, e rodeado de maiores obscuridades ainda do que o terceiro, por que o rio que serve de intermediario entre as duas bacias, é totalmente desconhecido, nem mesmo vem figurado nos mappas, e pelo contrario, na carta geral do Imperio, vem desenhada uma serra justamente na região que elle percorre, na qual aliás não existe serra alguma. Eu já dei ao Sr. Dr. Ernesto Vallée, encarregado da nova carta geral do Imperio, tanto quanto eu o podia fazer, os dados necessarios para traçal-o, e a nova carta trará já essa importante correcção.

Eis aqui como me nasceram conjecturas relativas a este roteiro. Na provincia do Pará eu encontrei entre diversos pilotos velhos do Tocantins a tradição de que os padres jesuitas d'alli communicavam-se com os do Paraguay por um caminho fluvial interrompido apenas por 15 leguas de travessia de terra; esta tradição que eu encontrei em Baião, de que me fallaram tambem em Juquirapua, nos Patos, etc., era constante, uniforme; a passagem dos jesuitas no Tocantins e Araguaya é sabida por diversos documentos antigos, entre outros pelas cartas do Padre Antonio Vieira, e por nomes de lugares que provavelmente seriam postos por elles, entre outros: um dos temerosos canaes da cachoeira das Guaribas é conhecido até hoje com o nome de canal *Vitam eternam*, isto é, caminho para o outro mundo; Canal do Inferno, o em que naufraguei em 1866, e que tem esse nome por que até então os que alli tinham entrado, de lá não sahiram. Em reiteradas viagens pelo divisor das aguas nunca pude comprehender qual ou quaes seriam os rios que seguiram aquelles energicos padres subindo

o Tocantins e Araguaya para passarem-se, só com 15 leguas de travessia de terra, á bacia do Rio da Prata; que as aguas d'uma e outra bacia se entrelaçam e as vezes se confundem, era facto averiguado; que porém as navegações d'uma e outra bacia se avizinhem tanto n'essa altura, eis o que se não podia comprehender, por que os unicos rios traçados nas cartas, o Cahiapó Grande e o Barreiro não chegam navegaveis á distancia inferior de 40 leguas dos seus correspondentes Taquary, e Pequiry, na bacia do Rio da Prata; entendi portanto que a tradição era exagerada, e n'essa crença fiquei até o dia 5 de Junho do anno de 1871. N'esse dia, vindo eu de viagem pelo divisor das aguas do Araguaya para Cuyabá, no meio de campos cerrados que existem entre o ribeirão da Ponte Grande e o córrego dos Dois Irmãos, nossos cães de caça levantaram uma onça, em cujo encalço seguimos, e que só pudemos matar depois de consideravel marcha e já sobre tarde; além de grande fadiga, por que fizemos a pé a travessia d'uma mata, eramos torturados pela necessidade de agua, o que nos obrigou a seguir pelo leito d'um corrego secco. Assim, chegamos inesperadamente á margem d'um grandioso rio, quando esperavamos apenas encontrar um regato. Dois dias depois encontrei-me com um sertanejo audaz, que tem explorado parte d'esses sertões, o capitão Antonio Gomes Pinheiro, em companhia do qual fiz diversas explorações até a latitude e a longitude da montanha denominada Paredão que corresponde, na bacia do Prata, á altura do leito do Ytiquira. Rasgou-se-me então a venda dos olhos e eu comprehendi tão claramente o roteiro dos jesuitas, como se houvéra sido companheiro de viagem d'esses audazes exploradores. A' vista d'estes factos o roteiro dos jesuitas do Paraguay, para communicarem-se com os do Pará, era o seguinte:

Subiam o Paraguay acima até a foz do S. Lourenço ; por este acima até a foz do Itiquira, por este á serra : sahiam por terra e, com marcha de 15 leguas, ganhavam as aguas do Amazonas por intermedio do rio de que ha pouco fallei, ao qual, seguindo a tradição antiga, eu conservo o nome de rio das Garças, e por elle abaixo até o Araguaya, e por este e Tocantins ao Pará.

Estimo as distancias a percorrer por este roteiro dos jesuitas entre Montevidéo e Pará em 1,225 leguas, a saber : 640 até a foz do Cuyabá no S. Lourenço ; 60 pelo S. Lourenço, Pequiry, Itiquira até a serra ou o divisor ; 15 de viajem por terra, dobrando o divisor entre o Ytiquira e rio das Garças ; 50 ao Araguaya, e 460 ao Pará pelo Araguaya e Tocantins.

5.°— O 5.° roteiro seria subir como no terceiro os rios da Prata, Paraná, Paraguay, S. Lourenço, Cuyabá, até a cidade d'este nome ; seguir por terra a L. por cima do divisor das aguas até o Araguaya, e por este e Tocantins chegar ao Pará. Dos roteiros que ficam descriptos é este o que está hoje mais seguido, por causa da navegação á vapor do Araguaya, unica que possuimos na America do Sul em cima do grande *plateau* central d'onde defluem as aguas do Prata para o Sul, e as do Amazonas para o Norte. Estimo as distancias a percorrer por este traçado, que eu mesmo tenho andado mais de uma vez, em 1,237 leguas entre Montevidéo e o Pará.

Resumindo o que fica escripto temos :

1.° ROTEIRO : — DE MONTEVIDÉO A FOZ DO MADEIRA, (CAJARY ERA O SEU NOME). A SABER :

De Montevidéo ao Registro do Jaurú.....	730
Por terra, do Jaurú a ponte do Guaporé.....	20
Da ponte do Guaporé á foz do Madeira.....	700
Total, inclusive 26 leguas por terra.....	1,450

2.° ROTEIRO : — DE MONTEVIDÉO A SANTARÉM :

De Montevidéo a Cuyabá, (por agua).....	700
De Cuyabá ao Diamantino, (por terra).....	30
Do Diamantino ao Rio Negro, (por terra).....	8
Pelos rios Negro, Tapajós e Juruema a Santarém..	400
Total, inclusive 38 leguas por terra.....	1,138

3.° ROTEIRO : — DE MONTEVIDÉO AO PARÁ :

De Montevidéo a Cuyabá.....	700
De Cuyabá ao rio Manso.....	20
Do rio Manso, á sua foz no Araguaya e Tocantins ao Pará.....	350
Total inclusive 20 leguas por terra.....	1,270

4.° ROTEIRO : — DOS JESUITAS, ENTRE MONTEVIDÉO E O PARÁ.

De Montevidéo á foz do Cuyabá no S. Lourenço...	640
D'este pelo Pequiry, Ytiquira até a serra.....	60

Do Ytiquira por terra ao rio das Garças.....	15
Do rio das Garças ao Araguaya.....	50
D'ahi pelo Araguaya e Tocantins ao Pará.....	460
Total, inclusive 15 leguas por terra.....	1,225

5.° ROTEIRO :—QUE EU TENHO SEGUIDO ENTRE MONTEVIDÉO E PARÁ.

De Montevidéo a Cuyabá.....	700
De Cuyabá por cima do divisor ao Araguaya.....	100
Do Araguaya (Itacaiú) ao Pará.....	430
	1,230

Para completar este trabalho passamos a dar uma descripção da região do Prata, do divisor das aguas, e da do Amazonas.

ASPECTO DA BACIA DO RIO DA PRATA. RECORDAÇÕES DE VIAGEM

Os rios da bacia do Prata, ou pelo menos os que compõe a sub-bacia do Paraguay são antes grandes, immensas campinas alagadas, cobertas de plantas aquaticas, pelo meio das quaes passa um canal d'agua corrente ao qual se dá propriamente o nome de rio.

N'essas campinas observam-se de espaço a espaço grandes bacias d'agua serena e quasi sem corrente, a que chamam bahias; outras vezes são cobertas de plantas aquaticas, por leguas e leguas, apresentando o aspecto verdejante e risonho de campos planos, por vezes cortados por linhas de bosques densos em que predomina, desde a foz do Vermejo até

Albuquerque, a palmeira denominada Carandá ; d'ahi ate os alagados proximos a Cuyabá predomina uma linda arvore que se cobre durante certas estações de flores amarellas. D'estes factos resulta que, aquillo que se chama rio, divide-se em tres generos de regiões distinctas pelo seu aspecto, se bem que confundidas em uma só cousa por que são todas cobertas d'agua ; essas tres regiões são : *o leito do rio, as bahias e os pantanaes.* O rio é de aguas clarissimas, mas que unida n'aquella massa enorme, parece negra ; nos dias em que o céo está coberto de nuvens, os barcos a vapor que sulcam essas aguas serenas, parecem navegar em um lago de tinta preta, com a qual contrasta a alvura de prata das aguas espargidas pelas rodas do vapor ; na estação das aguas não se vêm barrancos, e não se distingue o rio dos pantanaes, senão porque as aguas d'estes ultimos são litteralmente cobertas de plantas aquaticas e tão completamente que, a quem não tem experiencia affigura-se que toda aquella verdura brota d'um solo firme, e fica muito longe de pensar que aquelle tapete de hervas tem por baixo de si ás vezes 100 palmos d'agua ! As bahias não são senão grandes lagos que se destinguem dos pantanaes porque suas aguas, como as do rio, não são cobertas de vegetaes. Estas bahias estendem-se ás vezes por muitas leguas, e como as margens são baixas, quem viaja por ellas sente a illusão de estar viajando pelo mar, por que só avista céo e agua. Outras vezes dá-se um curioso phenomeno de illusão optica ; as cupulas das palmeiras de carandá parecem voltadas para cima, elevam-se no horizonte como uma nuvem verdejante, e por baixo avista-se o céo confundindo-se com as aguas no extremo do horizonte de modo que as palmeiras parecem suspensas no ar. Os pantanaes não são mais do que as partes em que a agua está coberta pelas plantas aquaticas de que acima fallei, em um tecido tão basto e compacto que um

homem deitado em cima sustenta-se; e tanto é isto assim que, quando nas primeiras enchentes o rio destaca algum pedaço d'este immenso tapete para arrastal-o em sua serena e vagarosa corrente, os tigres costumam a embarcar-se em cima e assim viajam dias; a planta que forma este tecido é uma especie de lyrio aquatico de flores brancas em cachos, com o calice da corolla ás vezes roixo, ás vezes côr de rosa; é conhecida com o nome guaraní de *aguapé*. Do forte Olympo (Paraguay) até Albuquerque a arvore que predomina estes desertos dos pantanaes é a palmeira *carandá* que assemelha-se ao burity *(mbyryty* em tupí) que é conhecido de todos nós; de Albuquerque para cima os pantanaes são commummente acompanhados e cortados de zonas estreitas mas extensas de bosque muito denso, e as vezes muito elevado, conhecidos com a designação de *capões* (do guaraní *cahapão)*; ás vezes, ao pé d'esses capões onde a agua é mais baixa, crescem zonas que vão a perder de vista de arrosaes silvestres.

O indio *Guató* para colhel-o não tem outro trabalho além do de metter por elle a dentro a sua canôa, e de bater indolentemente com o longo remo sobre as espigas vergadas para dentro do barco, que dentro em pouco tempo fica cheio com aquelle grão de que elle e nós nos servimos como do arroz asiatico. As viagens que se fazem em canôa pelo rio não são isentas de accidentes; ha tres inimigos contra os quaes o viajante deve estar prevenido e são: a piranha, o sycurijú, e o tigre. A piranha é peixe de escamas côr de perola, que raras vezes excede a um palmo, mas d'uma voracidade que ultrapassa a quanto se póde imaginar; é dotado de dentes que cortam como navalha. Por ocasião da abordagem do vapor *Jaurú*; quando o distincto capitão de fragata Balduino José Ferreira de Aguiar, no combate do Alegre, o retomou do inimigo, cahiram a agua alguns paraguayos feridos; attrahidas

pelo sangue as piranhas os devoraram quasi vivos, deixando em poucos minutos os esqueletos limpos.

Os tigres não são menos para temer-se, porque, ilhados nos pequenos altos que ficam acima d'agua, nem sempre têm os meios de alimentar-se, e, famintos, tornam-se ousados como leões; o leitor o avaliará pelo seguinte, que é tambem uma recordação da expedição de Corumbá: estavam na occasião de retirada dois mil homens acampados em um morrinho, defronte a villa, cuja explanada seria menos da ametade do morro do Castello; quer dizer que estava quasi todo o espaço occupado pela força; um tigre saltou sobre um primeiro sargento do primeiro de voluntarios, sacudiu-o sobre o hombro, e fugiu com tal precipitação que, perseguido e morto em menos de meia hora, tinha tido tempo para decepar a cabeça do infeliz sargento, sugar-lhe todo sangue, e devorar parte do peito. Quanto aos sycurijús não tivemos durante a expedição accidente algum causado por elles; em compensação, o cabo do meu piquete, que accumulava as funcções de piloto da minha canôa, e que se chamava Figueira, era interminavel em referir casos de ataques d'essas gigantescas serpentes, casos cujo numero me parece que elle exagerava de proposito a fim de, pelo terror, obrigar as sentinellas da canôa a velarem durante á noite.

Entre duzias de historias referia elle que: uma noite indo em uma parada a Coimbra com officios ao Sr. Leverger (Barão de Melgaço), pousou na foz do Rio Negro no S. Lourenço; á meia noite, acordando aos gritos d'um seu camarada que se debatia n'agua seguro ainda por um braço a borda da canôa, elle cabo viu um enorme sycurijú que segurava o soldado por uma das espaduas; o cabo deu-lhe tão certeiro golpe de machado, que conseguiu decepar a cabeça da serpente, salvando o seu camarada que,

recolhido á canôa, veiu ainda com a cabeça da cobra presa á espadua. Já que toquei no cabo Figueira seja-me licito dizer,que esse infeliz foi morto, depois de vigorosa resistencia, pelos indios *Coroados* 4 leguas a leste do Paredão no sertão de Cuyabá, voltando de Ytacaiú com um destacamento ao mando do tenente Sabino, do 19 de infantaria; eu levantei uma cruz n'aquelle campo deserto,e ella recorda n'aquella solidão a sepultura d'um bravo....

Dizem-me muitos sertanejos que os sycurijús attingem por vezes o comprimento de 60 palmos.

Ainda não vi maiores de 35, e já houve tempo em que tomei gosto em caçal-os; é de notar-se que os cães seguem a pista d'estas serpentes quando ellas andam em terra; e ellas, desde que se sentem acossadas pelos cães, enroscam a cauda ao primeiro tronco de arvore que encontram, e, contrahindo o resto do corpo em fórma de caracol, silvam e dão botes sobre os cães; se algum foi alcançado pelo dente, é enroscado e triturado com rapidez que impossibilita qualquer soccorro. Dizem que engolem um boi depois de esmagal-o nas poderosas roscas; não o vi, mas julgo o facto possivel, porque já matei um que tinha uma *suassuapàra* (veado do tamanho d'uma novilha) dentro da barriga, e esta, destendida pelos gazes do animal em putrefação dentro do estomago, apresentava a enorme circumferencia de sete palmos. A cabeça não era entretanto maior do que a minha mão, e eu, para melhor comprehender o como por um orgão apparentemente tão pequeno tinha podido passar tão grande animal, abria-a, e eis-aqui o que notei: o craneo não é senão a prolongação da espinha dorsal com tres pequenos tuberculos que encerram a massa encephalica, cujo diametro é pouco maior do que o da medulla espinhal; nem o maxillar superior nem os inferiores são ligados ao craneo; digo maxillares por que os inferiores são

divididos em dois ossos desarticulados de modo que póde aquella boca destender-se livremente sem o embaraço d'esses ossos.

Defronte a Assumpção do Paraguay o indio *Pajaguá* domina na região dos pantanaes, ou Chaco como lhe chamam os hespanhóes. Acima da fronteira do Apa, para o norte, domina com diversos nomes a nação *Guaicurú*, ou indios *Cavalleiros*; um dos chefes —da subdivisão conhecida com o nome de *Cadiuéus*— o capitão Lapagate, foi-nos sempre de não pequeno auxilio na guerra, e de grande damno ás guarnições da fronteira paraguaya do Apa. O paiz dos *Guaicurús* é do Apa até pouco abaixo da foz do Emboteteú, ou rio de Miranda. De Corumbá para cima é o paiz dos *Guatós*, tribu de navegantes eternos que, consubstanciados com suas canôas, quasi como o caramujo com a sua concha, erra e vive por aquellas alegres e fartas regiões dos pantanaes do alto Paraguay, S. Lourenço e Cuyabá. Para o indio essa é a região onde a vida é facil : a caça e o peixe são ahi não só em grande abundancia, mas tão facilmente colhidos que, para viver e gozar de abundancia, não é necessario trabalhar. Desde que se entra em terra firme o rei do sertão é o indio *Coroado*. Existem na bacia muitas outras tribus; não entra em meu plano mencionar se não as caracteristicas.

Quem viaja essa linda e curiosa região dos pantanaes não em vapor, porque este indo pelo meio do rio não permitte a observação de detalhe, mas quem a viaja em canôa, a par de alguns riscos que corre, tem tanto que ver e observar, que os dias escoam-se com prodigiosa rapidez. Ao contemplar essa região comprehende-se a acção pacifica das aguas no processo de elaboração e deposito dos sedimentos. Essa immensa bacia revela-nos o processo que a natureza empregou para formar a região dos pampas, e dia virá em

que ella emergindo das aguas ha de ter o mesmo aspecto dos pampas do sul ou das savanas do norte.

A REGIÃO DO DIVISOR DAS AGUAS.

A bacia do Rio da Prata tem sido largamente descripta; desde Azara até o norte americano capitão PAGE tem-se publicado grande quantidade de obras. Do Araguaya e Tocantins possuimos os roteiros de CORTE REAL, as relações dos capitães-generaes aos reis de Portugal; o roteiro do Dr. RUFINO THEOTONIO SEGURADO, impressos estes ultimos na *Revista do Instituto Historico*. Em lingua que não a vernacula só conheço a viagem do Conde de CASTELNEAU, que começa na barra do Rio do Peixe no Araguaya e termina no Pará.

A parte, pois, mais desconhecida é o divisor das aguas, que eu passo a descrever ligeiramente na extensão das 100 leguas que medeiam entre Cuyabá e o rio Araguaya.

Cuyabá tem uma população do 25 mil habitantes mais ou menos, e está edificada á margem do rio d'esse nome, tendo do porto ao largo do palacio 1,050 braças. Edificada sobre um solo regular de depositos quaternarios apresenta a irregularidade de nossas cidades do interior. A principal industria da provincia é a creação do gado vaccum, que se me não falha a memoria, attinge ao numero de 200,000 cabeças, cifra elevada para a população da provincia que provavelmente não excede a 40,000 habitantes. A raça branca alli está profundamente modificada pelo sangue negro e indigena.

Dos povos do Brasil o cuyabano é o que mais se assemelha por seus caracteres physicos ao povo paraguayo. Grandes cantores e amigos de dansa como todos os povos proximamente unidos aos indigenas, elles não têm a indo-

lencia de nossas populações mestiças; activos, laboriosos, emprehendedores, são dignos herdeiros dos paulistas que lhes descobriu o sólo. A alimentação da população campesina compõe-se quasi exclusivamente de carne e peixe. O guaraná que substitue ao chá e café é bebida tão apreciada pelo povo, que mesmo os pobres não se privam d'ella, apesar de custar commummente o excessivo preço de 200$000 por arroba.

Quem segue da bacia do Rio da Prata para a do Amazonas pelo caminho em que eu tenho andado, toma ao sahir de Cuyabá o rumo de N. E. e, a 12 leguas de distancia depois de atravessar os ribeirões do Coxipó, a uma legua, Arica a 4 e meia da capital, sobe a grande serra que n'esse unico lugar divide a bacia do Rio da Prata da bacia do Amazonas, no periodo comprehendido entre os rios Tapajós e Araguaya. Ha diversas estradas para galgar a serra, sendo a do Caguassú a mais geralmente trilhada.

Esta serra que vem figurada em alguns mappas com o nome de serra de S. Jeronymo, é uma immensa muralha de rochas silicosas que attinge a altura de 1,400 metros sombreada de densa mata em que predomina a gigantesca palmeira conhecida alli com o nome de caguassú. Costa arriba pela serra fóra, o viajante sobe os primeiros contrafortes compostos de terras, detritos das rochas que a formam, e todas ellas representando diversas rochas trapeanas com base de silica e magnesia; do meio até quasi ao cimo passa o caminho sobre rochas talcosas, e no cimo sobre diversas grés permeadas de quartzo.

Chegando ao cimo da serra as matas desapparecem, e abrem-se as eternas campinas que se estendem a Leste e a Norte por centenares de leguas quadradas; as campinas não são interrompidas senão pelos raros bosques que, de longe em longe, acompanham ambas as margens das torrentes

versos saes de ferro ou de conglomeratos da mesma base.

Desde minhas primeiras viagens que o aspecto massiço e a côr vermelha d'essas montanhas e rochas chamou minha attenção, porque esse genero de formação não é commum ao Brasil. Meus conhecimentos geologicos eram então quasi nullos. Foi só na ultima viagem que, vindo eu de Montevidéo para aqui com o naturalista inglez James Armstrong,que vinha de volta de uma expedição ao estreito de Magalhães, este deu-me alguns fósseis (madeiras petrificadas pela silica), e eu, com sorpreza, vi então que havia passado mais de uma vez por um banco importante d'esses preciosos fragmentos da historia das revoluções da terra, banco tanto mais curioso, quanto elle indica, pelo que supponho, uma bacia de terrenos carboniferos.

A montanha denominada Paredão eleva-se, como um castello collossal, no meio d'aquellas campinas. Seus lados são talhados a prumo, altissimos e inaccessiveis, excepto pelo lado do nascente. A côr vermelha d'aquelle collosso destaca-o grandiosamente das verdissimas e humidas campinas que lhe velam os topes e contrafortes. No meio da esplanada superior, que é chata e coberta de musgos e de graminaceos mui pequenos ou de pequenos arbustos entortilhados, eleva-se um cabeço, que como atalaia completa a illusão, figurando-o a um castello em ruinas. O viajante que ousa subir ao pincaro d'essa esplanada (o que já fiz e que qualquer póde fazer, como disse, galgando-o pela parte do oriente) acha-se collocado talvez no mais alto ponto do divisor das aguas do Amazonas e do Prata. Ao sul, poente e nascente, avistam-se planicies, nas quaes se destacam, como torres, algumas montanhas do mesmo grés vermelho que constitue o Paredão. Ao N. e N. O. as planuras estendem-se quasi a perder de vista, e bem na extrema do horizonte, a dezeseis

leguas de distancia, avista-se uma serra, que, correndo no rumo de S. O. para N. E., parece que divide as aguas do Xingú (cujas cabeceiras são ainda inteiramente desconhecidas) das aguas do Rio das Mortes. Quando o tempo está sereno, avistam-se subindo ao ar, d'aquellas campinas, grandes columnas de fumaça que indicam as aldêas dos indios, inteiramente selvagens e ferozes, que habitam essa região, compostos pelo que supponho de *Cahiapós*, *Coroados*, *Gorotirés* e algumas outras tribus de que nós temos perdido os vestigios, ou de quem nem tenhamos talvez a mais leve noticia.

Do Paredão ao Araguaya medêa a distancia de cincoenta leguas, e a estrada, deixando á direita o divisor das aguas, toma os altos de uma bacia secundaria—os que dividem as aguas do rio das Garças das do Rio das Mortes. Tudo são campos. A quatorze leguas do Paredão atravessa-se o Barreirinho sobre uma ponte, cujos esteios estão apoiados em lagedos de grés vermelho; seu aspecto através das aguas limpidas do rio é summamente agradavel; a vinte e duas leguas atravessa-se o Barreiro-Grande: a ponte está lançada sobre dois paredões de grés metamorphico, altissimos, que ahi estreitam e encanam o rio, de modo que o viajante passa por assim dizer dependurado sobre o abysmo, no fundo do qual corre serena e quasi imperceptivelmente aquella massa opulentissima de aguas. Eu sondei n'esse lugar o rio com uma linha de pescar de vinte braças e não encontrei o fundo. O Barreiro tem fóra do canal cerca de tresentos palmos de largo, com a profundidade de dez a quatorze no *talweg*. Duas e meia leguas adiante do Barreiro ha uma curiosa fonte de aguas thermaes, uma das mais lindas cousas que tenho visto n'estes sertões. O ribeirão d'agua quente desce dependurado por uma lombada de terreno suave, e vem por mais de uma legua em continua-

das cascatas; o viajante quando alli chega, depois de uma marcha fatigante por um campo onde falta sombra, extenuado de sol e cansaço, sente ineffavel delicia com o vêr aquellas aguas levemente azuladas, tão transparentes como o diamante, precipitando-se sobre urnas de pedras esverdeadas, povoadas de numerosos cardumes de peixes alvos, que libram-se nos rapidos, parecendo gozar n'aquellas aguas puras o prazer de viver alegremente.

O ribeirão no lugar em que a estrada o transpõe, é apenas morno, não tendo temperatura superior á do corpo humano, pois que a thermal já vem misturada com um outro regato de agua commum que lhe nasce proximo. Tendo eu mandado exploral-o, disseram-me que elle nasce a uma legua de distancia da passagem, e que, brotando de uma rocha, é muito mais quente no lugar de seu nascedouro, antes de confundir suas aguas com duas outras fontes que lhe nascem proximas.

A região comprehendida entre o Barreiro e o lugar denominado Taquaral do Fogaça é de terrenos lindissimos, regada de innumeras fontes de agua, e em geral mais vestida de matas do que a anterior, offerecendo, portanto, maiores e melhores proporções para ser habitada. Os povoadores, porém, não se animam a buscar aquellas paragens, que teriam pelo rio das Garças e Araguaya escoadouro para suas producções, porque receiam-se das incursões dos indios. Diversos presidentes de Mato-Grosso, e entre elles o Sr. visconde de S. Vicente e barão de Melgaço, propuzeram a medida de crear-se um corpo de pedestres, que, guarnecendo destacamentos collocados de vinte em vinte leguas, garantissem a segurança aos moradores d'esses lugares. Seria esse o unico meio de ligar-se a população de Mato-Grosso á do resto do Imperio, população que está hoje separada por uma solução de continuidade de cerca de cem leguas.

Do Taquaral do Fogaça em diante até o Araguaya, oito leguas, começam os baixios do Araguaya. O grande rio é precedido por uma zona chata de seis a dezeseis leguas de largura, que o acompanha em ambas as margens e durante as duzentas leguas que elle corre sobre o *plateau*. Essa região coberta quasi toda de campos, e varzeas de arroz silvestre e mimoso, é talvez a parte do Brasil mais propria para a creação de gado, e ha annos que já se o começa a criar em pequena escala. Hoje é povoada de quantidade innumeravel de indios, de animaes silvestres, varas de porcos, manadas de veados, bandos de avestruzes, maltas de lobos, onças, antas, macacos e toda sorte de aves aquaticas, desde o gentil e pequeno marinheiro até a garça real e o grande tuyuyú branco.

ASPECTO DA BACIA DO AMAZONAS. RECORDAÇÕES DE VIAGEM

A bacia do Amazonas, de Monte-Alegre para baixo, é, como a bacia do Prata, subdividida em tres regiões cobertas de agua: a dos rios, a dos lagos, que correspondem ás bahias do Rio da Prata, e a dos pantanaes, que, á excepção dos da ilha de Marajó, são cobertos de florestas, ora baixas e rachiticas, ora gigantescas, escuras e grandiosas. A bacia do Amazonas é muito rica, mas em compensação é mais tristonha e mais doentia.

Nada direi do aspecto dos rios senão que têm as margens mais elevadas do que as do Prata, cobertas de lama e as aguas barrentas. Os lagos são de grande belleza, sobretudo na parte da bacia que fica em cima do grande *plateau* ou *araxá* central. Suas margens são ordinariamente cobertas de bosques espessos na proximidade dos rios em que desembocam; ás vezes são de campinas abertas ou de cerrados, nome com que os homens do interior designam os

campos sombreados de algum arvoredo rarefeito e entortilhado, em que predomina a arvore de lixa, o piqui e o murici. Estes lagos são formados pelos ribeirões que defluem nos rios. Mais de uma vez eu inqueri a mim mesmo como é que esses pequenos ribeirões cavavam essas grandes bacias, e eis-aqui a explicação, pelo que me parece, d'esse phenomeno: sendo, como é, chato e quasi sem declive esse terreno, o rio represa os ribeirões, porque sua massa de aguas é maior e mais corrente; elle representa, portanto, para com os ribeirões, o papel de dique; represada a agua do ribeirão, sendo sua correnteza pelo commum muito inferior á do rio, e sendo a pressão da agua do rio muito maior no fundo do que na superficie, a corrente da massa de agua accumulada pelo ribeirão se subdivide em duas: uma, a do fundo, que indo de encontro á massa do fundo do rio, toma um curso de retrocesso e remonta o ribeirão; a outra, superior, que, elevando-se um pouco acima do nivel do rio, escoa-se por elle fóra, graças ao excesso de pressão atmospherica que ganha com a elevação do nivel; esta explicação me parece que podia dar a fórmula para o calculo em cavallos mechanicos do trabalho desempenhado pela agua do ribeirão para cavar e conservar limpas aquellas bacias providenciaes, reservatorios de agua para manter as do rio na estação sêcca, na qual, sem esses providenciaes reservatorios, o mesmo rio ficaria *torrado*, na expressão figurada, más energica do sertanejo.

A região equivalente aos pantanaes do Prata é no Amazonas a dos seringaes ou florestas alagadas, em que predomina a arvore da gomma elastica; essas florestas emergem tambem de um solo alagadiço, mas a massa de agua que lhes cobre as raizes é muito menos espessa do que a que cobre os pantanaes do Chaco. Navega-se em canôas na estação das cheias por baixo d'essas florestas pela mesma

fórma por que se navega nos pantanaes do Paraguay, com a differença de: os *curixos* são substituidos pelos *igarapés* (significa caminho de canôa), nome com que na bacia do Amazonas designam os ribeirões que estão sujeitos ao fluxo e refluxo da maré. A região do Prata parece de formação muito mais recente do que a do Amazonas.

Quanto á sua fauna: os passaros predominam na do Prata; na do Amazonas os quadrupedes e os grandes reptis amphibios. Em 1865 eu fiz uma viagem, atravessando a grande ilha de Marajó da costa do oceano (Chaves), até a parte que fica fronteira a Belem, isto é, a foz do Arary. No lago d'esse nome e nos *igarapés* que n'elle defluem, os quaes estavam reduzidos a grandes poços, vi tal quantidade de jacarés, que creio não exagerar calculando-os por milhões. Os rios do Amazonas são tambem mais abundantes de grandes peixes, avultando entre estes o pirarucú e o peixe-boi, que merecem especial menção, porque são de grande soccorro aos selvagens e aos viajantes das canôas. Os selvagens (os *Carajás* do Araguaya) pescam o pirarucú com rêdes que fazem de sipós. O pirarucú tem grande força proporcional a seu corpo, que pesa, pelo commum, de tres a cinco arrobas.

Os *Tupís* do Pará pescam-n'o com a *sararaca*, flexa cujo dardo é unido á haste por uma linha comprida de tucum enrolada á mesma haste e disposta de tal fórma que, quando crava-se no peixe, a haste solta-se, e, como é de canna, ella fluctua sobre a agua, indicando assim as direcções que o peixe ferido leva no fundo; o pirarucú, que tem necessidade de respirar ar atmospherico, quando vem á superficie do lago é novamente flexado, e assim o vão perseguindo até exhaurir-lhe as forças, conseguido o que, os indios, tomando a haste da flexa, que está segura ao dardo cravado no peixe pela linha de tucum de que fallámos, pro-

Encontram-se os vestigios de uma raça antiga, que ninguem sabe de onde e nem como veiu parar ahi; encontram-se vestigios de uma emigração posterior,que não deve datar de mais de oitocentos annos, de tribus que desceram dos Andes; encontram-se vestigios da emigração para ahi dos *Tupinambás*, emigração que é quasi contemporanea da descoberta da America: como muitas vezes acontece nos tempos historicos, os ultimos emigrantes constituiram-se raça preponderante. Eu não tenho dados sufficientes para deixar fóra de duvida a historia d'estas emigrações, e não dou a minha opinião a este respeito como cousa certa, e sim como provavel.

NAVEGAÇÃO A VAPOR

Não será fóra de proposito dar ao leitor uma idéa geral da actualidade das communicações entre estas regiões.

As linhas de navegação a vapor do Araguaya, que partem de Leopoldina, uma para o sul até a pequena povoação de Mato-Grosso, denominada Ytacaiú, outra para o norte até o presidio de Santa Maria, cortam o *plateau* central no rumo de N. a S. em uma extensão de 230 leguas. Ahi o vapor, passando por entre as numerosas aldêas de indios que ainda andam nús, apresenta em contraste os dois extremos da cadêa humana: a raça mais civilisada que usa d'esse primeiro agente do progresso, e o homem nú, imagem viva da primeira rudeza e barbaridade selvagem de nossos maiores.

Quando eu comecei minha vida publica, n'este grande caminho do Amazonas ao Prata tinhamos apenas sessenta leguas navegadas por vapores brasileiros. Muitas vezes, nas noites que eu era obrigado a velar com o *rewolver* na mão para defender-me dos indios, perguntei a mim mesmo quando a

civilisação chegaria a essas solidões. Hoje temos mil e trinta leguas navegadas a vapor, e não sessenta que então haviam. Mil e trinta leguas pelo interior, e ha brasileiros que desesperam de nosso progresso!

Conceda-nos Deus paz interior, como nos tem concedido até hoje, e talvez em futuro não mui remoto tenhamos de vêr a estrada de ferro ligando essas regiões ao Rio de Janeiro, tomando a fórma de um T collossal, cuja cabeça ligue o valle do Rio da Prata pelo Pequiry ou S. Lourenço, o outro o do Araguaya, e, portanto o do Amazonas, garantido assim a esse collosso sua integridade territorial, que sem ella difficilmente conservará.

Conceda-nos Deus paz, e isto, que parecerá agora utopia, será dentro em alguns annos fertil realidade.

Tal é a grande região em que erram hoje as populações aborigenes mais densas do Imperio.

Descripto, como ficou esse museu, passemos agora a estudar diversas questões relativas á raça que primeiro o povoou; saiamos dos dominios da geographia para percorrer o reino não menos curioso, se bem que muito mais obscuro, da moderna sciencia que tem por objecto o estudo da origem, variedades e transformações d'esse animal, a que os gregos denominaram « *anthropos*, » os *Tupis* « *abá* » e nós—HOMEM.

senão como conjecturas; dia virá em que ellas serão esclarecidas e provadas.

Eu supponho pois a actual familia humana dividida em 4 troncos—O terceiro em idade é o vermelho ou americano a que pertencem os selvagens de nossa America.

APPARECIMENTO DO TRONCO VERMELHO.

Por uma serie de considerações geologicas que eu não posso agora desenvolver por que excedem aos limites do quadro que tracei, parece que o homem americano appareceu primeiro nos altos *plateaux* formados pelas grandes cordilheiras dos Andes, d'onde emigrou para as planicies.

Em que época teve lugar o apparecimento do homem americano?

O estudo comparativo das alturas acima do nivel do mar, entre os *plateaux* da America e da Asia, dá os primeiros indicios, que por emquanto ainda não estão confirmados por vestigios fosseis que se hajam descoberto em regiões similares.

O Sr. Liais, em sua recente obra: *Climas, Geologia Fauna*, etc., *do Brasil*, cita a pag. 240, n. 107, tres factos de vestigios da industria humana em depositos antiquissimos; a elles eu posso accrescentar uma mó de argilla roxa metamorphica durissima, e uma mão de pilão de petrosilex, ambos polidos, que offereci ao Museu Nacional, e que foram encontrados em *cascalhos* que supponho serem quaternarios d'um dos affluentes do Araguaya.

Sendo o periodo da pedra polida posterior a outros, e encontrando-se instrumentos de pedra polida nos mais antigos sedimentos da época quaternaria, segue-se que o tronco vermelho é anterior a essa época, visto encontrarem-se no começo d'ella provas de que esses homens já

tinham vivido anteriormente o tempo necessario para attingirem aquelle periodo.

No entretanto esta alta antiguidade do tronco americano que o iguala aos mais velhos do mundo não está ainda aceita geralmente pela sciencia, e é subjeita á objecções como direi adiante.

Segundo o testemunho de Lyell, os vestigios humanos mais antigos que se hão encontrado na America indicam a presença do homem no principio da época quaternaria. Esses vestigios não são por certo os mais antigos; estes devem ser encontrados nas regiões mais altas, as quaes até hoje estão inexploradas.

Ainda assim, a antiguidade do homem americano é grande, porque precede ás primeiras emigrações dos Aryas na Europa, e remonta até a data do periodo paleolithico da parte oriental d'aquella região (1).

A consequencia que resulta d'estes factos é, que o homem tinha apparecido na America muitos mil annos antes do descobrimento do continente pelos europêos.

ANTIGOS CRUZAMENTOS.

Tudo nos induz a crer que ao tempo da descoberta haviam aqui na America duas raças, uma — que é tronco:

(1) Lyell's *Princ. of Geology* — tom. 2.º, pag. 479. London 1872. .... « porém o estabelecimento da humanidade na America, apesar de ser um facto comparativamente recente, póde remontar até o periodo paleolithico da Europa Oriental. Algumas das ultimas transformações do valle do Mississipi e seus tributarios puderam ter lugar quando já era possivel sepultar restos humanos e os de algumas das especies de animaes extinctos, e, atravez do periodo d'essas mudanças geographicas, a cadêa dos Andes podia estar ainda prolongada desde o Canadá até a Patagonia, facilitando assim o desenvolvimento d'uma só raça d'uma extremidade a outra do continente. »

a vermelha — cuja existencia remonta como disse a muitos mil annos; outras cruzadas com raças brancas.

Um dos cruzamentos com o tronco branco deixou de si documento mais authentico do que os em que se assenta a historia, e esse documento são milhares de raizes sanscritas que se encontram no Quichua, segundo a comparação feita pelo Sr. Fidel Lopes, de Buenos-Ayres, em sua recente obra — *Raças Aryanas no Perú;* identicos vestigios se encontram em outras linguas, como o demonstra o padre Brasseur de Bourbourg em sua *Grammatica da lingua Quiché, e seus dialectos.*

Existindo nas raças indigenas do Brasil vestigios de antigos cruzamentos com o branco, sobre tudo entre os que fallam a lingua tupí, e não existindo n'esta lingua os vestigios do sanscrito que se encontram no Quichua, segue-se que a raça branca aryana, que com os Yncas cruzou o tronco vermelho do Perú e America Central, não foi a que cruzou com nossos selvagens.

Encontrando-se vestigios de typos cruzados aqui no Brasil, e devendo os selvagens do Brasil ter emigrado para aqui dos *plateaux* do Andes, em periodo muito anterior á vinda dos Yncas, segue-se que o cruzamento que se nota aqui é de data muito mais antiga. O cruzamento pelos Yncas é um facto comparativamente recente.

Com effeito, os historiadores são accordes em dizer, que a historia dos reis do Perú abrangia um periodo de 400 annos antes da descoberta da America. Laet (2) um dos mais graves e antigos, diz nos que Manco Capac, o fundador da dynastia dos Yncas, veiu 400 annos antes da descoberta

(2) Laet, *Ind. Occid.* L. II, cap. 12, pag. 396—ediç. de 1640.

da America (3). Havendo cerca de 400 annos que a America foi descoberta, segue-se que a historia escripta d'essa familia americana não abrange mais de 800 annos.

Mostrarei adiante o como a lingua, o estado relativo de civilisação, as idéas moraes e religiosas, concorrem para demonstrar estas cousas.

Este cruzamento nos veiu das costas occidentaes da America.—O outro veiu provavelmente pela costa Oriental.

O que fica escripto habilita-nos a tirar as duas conclusões seguintes.

1.° O tronco vermelho ou americano é contemporaneo pelo menos do periodo paleolithico.

(3) Muitas pessoas estranharam que se pudesse ter conservado uma chronica completa dos reis do Perú por espaço de tão largo periodo, e por isso pozeram em duvida a exactidão d'estas datas. No entretanto é facto hoje verificado que os Quichuas, nome da nação sobre que reinavam os Yncas, podiam formar e effectivamente formaram verdadeiros livros, por um methodo de escripta chamada QUIPO, e inventado pelos Tahuantinouyanos, o qual consistia na combinação de fios de diversas côres com os quaes perpetuavam o pensamento.

O fanatismo mahometano destruiu a bibliotheca de Alexandria. O fanatismo christão veiu tambem destruir a bibliotheca dos Yncas — Aqui vai o texto do notavel documento, que prova esse facto, descoberto o anno atrazado em Lima, e citado pelo sabio peruano Dr. J. F. Nodal em sua *Grammatica da lingua Quichua*, Cuzco, 1872, pag. 95.

Antiqui veró ab Ethnicis conscripti, propter sermonis elegantiam et proprietatem permittuntur, nulla tamen ratione pueris proelegendi erunt. Et quoniam apud Indos litterarum ignaros pro libris signa quedam ex variis fumiculis erant, quos ipsi QUIPOS *vocant, atque ex eis non parva superstitionis antiquæ monumenta extant, quibus rituum suorum et ceremoniarum et legum iniquarum memoriam conservánt,* CURENT EPISCOPI HOEC OMNIA PERNICIOSA INSTRUMENTA PENITUS ABOLERI. *Primeiro concilio provincial de Lima, celebrado em Setembro de* 1653, cap. 37.

2.° As antigas raças mestiças, datam de tempos immemoriaes, havendo talvez muitos mil annos que o sangue do branco cruzou-se com o da primeira india.

A que perido de civilisação haviam attingido esses homens?

Para mim é fóra de duvida que o selvagem do Brasil estava na idade de pedra, e differindo essencialmente n'este ponto dos do Perú, não conhecia a arte de fundir os metaes e nem mesmo os distinguia das pedras, como adiante o mostrarei.

Que vistas foram as da providencía conservando essa pobre raça em tão grande atraso e no primeiro degráo por assim dizer da civilisação, em quanto as outras executavam essas arrojadas conquistas da sciencia que fazem o patrimonio de nosso seculo?

Não o sabemos; mas esse facto em nada autorisa uma conclusão em desvantagem d'esta porção da humanidade, porque todos os anthropologistas e, entre elles, o maior dos mestres modernos, o Sr. de Quatrefages, são accordes em que existem raças brancas em estado mais rudimental e barbaro do que os nossos selvagens, e outras que, por vicios de toda sorte, se degradaram para muito abaixo d'elles.

Essa idade de pedra, pela qual passaram as raças mais

secção 3.ª. A traducção é a seguinte: « posto que sejam permittidos, pela elegancia e pureza da dicção, os livros que nos foram legados pelos gentios, comtudo se não consentirá que elles sejam lidos pelos meninos. E por quanto entre os indios, que ignoraram as nossas letras os livros sejam substituidos por signaes a que os mesmos denominam Quipos, *dos quaes ressaltam os monumentos da superstição antiga, nos em que está conservada a memoria de seus ritos, ceremonias, e leis iniquas*, POR ISSO, OS BISPOS DEVEM CUIDAR DE QUE TODOS ESSES INSTRUMENTOS PERNICIOSOS SEJAM EXTERMINADOS.

E assim apagou-se para sempre uma das mais curiosas paginas da historia da humanidade!...

adiantadas da humanidade, tem seus periodos que dividiremos assim:

1.° Desde a creação do homem com seus instrumentos e armas de páo quebrados dos troncos, e de pedra lascada, até os instrumentos de pedra polida.

2.° Desde essa idade até a da fundição dos primeiros cylicatos, que deram em resultado a industria ceramica, a qual tão profundas modificações deveu trazer na vida economica da humanidade, permittindo o uso do fogo para cozinhar seus alimentos, industria que foi mais importante para a humanidade n'aquelle tempo, do que a descoberta do vapor ou da electricidade o foi para nós.

3.° O que vai da data da fabricação dos primeiros vasos de argilla até a descoberta da arte de fundir o ferro, que deveu ser empregado muito depois do ouro e do cobre attenta a sua maior difficuldade em ser fundido.

A qual d'estes periodos attingiu a civilisação de nossos selvagens? O que era ella em relação as diversas fórmas de manifestação da actividade humana?

E' o que passamos a investigar, detendo-nos de principio nas diversas applicações que os selvagens faziam do fogo, o que, além de auxiliar-nos no estudo, por que o uso do fogo é o ponto de partida de todos os periodos de civilisação, será curioso para o leitor remontar commigo a essa vida rude de nossos selvagens, que eu aprendi a conhecer em longas e demoradas viagens no interior.

E' fóra de duvida que todas as tribus do Brasil conheciam e conhecem o uso do fogo.

E' fóra de duvida que todas ellas desconhecem os meios de fundir os metaes; exceptuado isto, applicavam o fogo a variadissimos misteres.

Algumas conhecem a industria ceramica, e outras não. Ha uma grande differença nos habitos e costumes dos que

conhecem esta industria em comparação dos que as não conhecem.

O FOGO COMO AUXILIAR DO SELVAGEM

Todas as tribus que eu conheço de vista propria, e aquellas de que tenho noticia por meio da relação e tradição d'essas com as quaes tenho estado, empregam o fogo em diversos misteres e como auxiliar á vida:

1.° Para assar alimentos; este uso é commum a todos.

2.° Para cozinhar alimentos; este costume é peculiar ás tribus que usam de alimentos cozidos, que são unicamente aquellas que, conhecendo a arte ceramica, possuem vasos onde é possivel realisar-se esta operação.

3.° Para preparar conservas alimentares pelo processo da moqueação (permittam-me a expressão tupí por que nós não temos na lingua portugueza um verbo que substitua o *moquear*). Este methodo de preparar conservas de carne, peixe e fructas, que elles conseguem moqueando estas substancias, isto é, submettendo-as a um calor muito lento, porque não se moquea bem uma carne sem o espaço de 3 dias, é para elles um recurso preciosissimo por que, não conhecendo o uso do sal, não teriam meio algum de preservar e fazer conservas de substancias azotadas. D'estas conservas ha uma, o *piracuhy* ou farinha de peixe, que goza de grande e merecida reputação; remettida para uma das exposições de Londres, mereceu as honras de ser classificada como a mais perfeita das conservas de peixe. Uma outra conserva, não menos notavel, é a que fazem da carne do peixe boi por meio do fogo e graxa do mesmo animal, e que é conhecida no Pará sob o nome de *mixira*; entre conservas de fructos, por meio do fogo, ha a que constitue a deliciosa bebida conhecida em toda a America do Sul, e

hoje muito vulgarisada na Europa, — debaixo do nome Mauez de — *guaranã*.

4.° Empregam o fogo para coagular gommas, — como a da borracha, que constitue hoje um ramo de commercio que vale de 6 a 7 mil contos annuaes; — para fundir e condensar resinas — citarei entre outras: a do breu indigena, que é hoje o que eu emprego exclusivamente nos barcos do Araguaya; produzido por uma fuzão de cera de abelha e resinas de diversas arvores, é mais duravel do que aquelle que nos vem da Europa. Com o fogo condensam tambem a resina da massaranduba. que hoje já se exporta com o titulo de *gutta percha*. Condensam tambem algumas substancias estimulantes, e destinadas a substituir o sal, como seja: o caldo da mandioca de que preparam uma conserva que vende-se no Pará, e de que fazem alli um grande uso, intitulada *tucupy*. Preparam tambem por sublimação um veneno acre com que hervam as pontas das flechas, para conseguir com promptidão a morte dos animaes que atacam. Extrahem tambem, com um processo combinado de fogo e maceração, productos alimentares de certas amendoas, sendo celebres entre estes as famosas bebidas *uassahi* e *bacaba*, celebres não só por serem alimentos de primeira qualidade para pessoas debilitadas por doenças ou idade, como tambem pelo peregrino do sabor e perfume, tão delicado que mereceu d'um viajante americano o exclamar que: d'essas bebidas, cuja tradição, segundo elle, foi levada pelos phenicios ao velho mundo, nasceu a idéa do nectar e da ambrozia dos gregos. Uma outra gomma que preparam com o auxilio do fogo, e que constitue um tão poderoso recurso para o regimem alimentar dos enfermos nos extensos valles do Amazonas e seus affluentes, é o amidon da mandioca, com o qual fazem a deliciosa *tapio-cuhy* ou farinha de tapioca.

5.º—O quinto grande emprego do fogo consiste em utilisal-o para auxiliar a industria de trabalhar a madeira; debaixo d'este ponto de vista, empregam-no para derribar as grandes arvores de que necessitam para suas embarcações, accendendo junto a seus troncos uma fogueira que em pouco tempo abate os mais altivos; com o fogo abrem-lhe bojo; é assim que fazem as suas canôas ou *ubás* como as denominam. Com o fogo vergam e espalmam os mesmos troncos de modo a fazer uma canôa muito mais larga do que era o primitivo madeiro—são as que os tupís denominam *ygara*.

6.º — Usam do fogo como meio de fundir, ou melhor, de cozinhar a argilla para preparar vasos de agua *(ygaçaba)* urnas funerarias, panellas, estatuas, brinquedos para criança, assovios para arremedar passaros, etc.

7.º — Usam do fogo empregando-o como auxiliar da caça, meio de signal para se darem uns aos outros advertencia ao longe, e para a agricultura. Como auxiliar da caça, por que fazem pequenas queimadas no meio dos campos; os veados *(suassú)*, attrahidos pelo cheiro da queimada, procuram-na para lamber a cinza; o indio, que está em um palanque construido em cima d'uma arvore, palanque a que elles denominam *mutá*, flecha o veado a seu salvo, e sem cançar-se. Outro auxilio que tiram do fogo para a caçada é o de: — quando os *caetetus* (especie de porcos) e pacas se *entocam*, os indios, que não possuem enchadas para desemboscal-os, empregam o meio muito simples de accender fogo na porta e, com um abano de taquara, impellem para dentro a fumaça, de modo que, os animaes quasi asphyxiados dentro, vêm-se forçados a sahir para fóra onde são apanhados.

Do fogo se auxiliam tambem para poder tirar o mel de certas abelhas bravas, accendendo um facho com que se approximam da colmêa dos *ichú*, *mandaguahy*, *arapuã*, *sanhá*-

rão e outras, de que nem um europêo ousaria approximar-se.

Como exemplo do auxilio que lhes presta o fogo servindo-lhes de telegrapho ou meio de fazer signaes, direi: é impossivel chegar ás aldêas dos *Carajás* no Araguaya, mesmo a vapor e de aguas abaixo, e ellas se estendem em uma zona de quasi 30 leguas, sem que as ultimas aldêas debaixo tenham aviso prévio da chegada do *eotéddo*, como elles denominam os vapores; o meio de que se servem é accender fogueiras, esperando hora em que não haja vento, porque a fumaça sobe em columna para o ar. Quando andam em caçadas, servem-se tambem d'esse meio para indicarem o lugar em que está o chefe, porque o costume é o de espalharem-se de dia, e reunirem-se a noite para dormir. Não duvido asseverar que elles usam d'estes signaes com certa perfeição, de modo a designarem não só a presença d'um chefe, porém qual dos chefes está presente, e affirmo isto porque já sé tem dado comigo esse facto mais d'uma vez.

Um outro emprego do fogo como auxiliar da pesca é o seguinte: á noite os peixes de escama procuram os baixios, para não serem devorados pelos enormes peixes de couro, da familia dos syllurus, que n'essa hora procuram de preferencia suas presas. Os indios fazem com madeira rachada de ipé um facho; levam brasas na conôa, e chegando ao baixio, accendem o facho; é de ver-se o como os peixes começam a saltar e a cahir dentro da canôa, ás vezes em tal abundancia que dentro em pouco tempo a enchem. Para concluirmos com os diversos partidos que os indios tiram do fogo como auxiliar da caça e da pesca, eu referirei uma singular caçada á que assisti junto a um lago das margens do Araguaya: Tendo-me encontrado com uma partida de *Chambiods* que andavam caçando, segui com elles para um lago que diziam ficava a não muita

distancia da margem. Effectivamente lá chegamos com legua e meia de marcha, e elles, depois de verificarem d'onde vinha o vento, prenderam fogo ao campo em semi-circulo, de modo a cercar com o incendio aquella parte do lago em que nos achavamos, para o fim, diziam elles, de caçarmos *mussuans*, especie de tartarugas de terra firme, pequenas mas de sabor delicadissimo, que existem em todo valle do Amazonas. Com effeito esse methodo de caçar com o fogo é excellente, por quanto, apenas o incendio começou a a ganhar uma certa extensão, os *mussuans* começaram a procurar o lago, onde nós os apanhavamos em abundancia e com grande facilidade; dentro em pouco porém, de envolta com *mussuans*, começaram a vir cobras que, como elles, vinham procurar no lago um asylo contra o fogo—e as cobras, filhos de jacarés e outros reptis, eram tantos que nós os christãos, (*tory* nos chamam) subimos sobre arvores, deixando aos *Chumbiods* o resto da caçada; e nem elles, familiarisados naturalmente com aquillo, desistiram d'ella senão quando o fogo chegou tão proximo que o calor tornou-se insupportavel; circumstancia em que nos mettemos pela agua á dentro, e atravessamos o lago, conduzindo enormes collares das taes tartarugas presas pelos pés á cipós.

E' com estes e outros engenhosos e faceis meios de obter caça que se explicam as enormes viagens do capitão-mór Bartholomeu Bueno Anhanguera com 200 e mais pessoas por esses sertões, sem conduzir provisões. E' o que explica tambem a facilidade com que eu mesmo tenho feito tão longas viagens pelo sertão, conduzindo muita gente e raras vezes sem conduzir outros viveres além de sal, farinha, café, e assucar, porque os indios, que sempre levo n'essas expedições, supprem-nos com rara abundancia de peixe, caça, mel, e quantidade de batatas—a rude mas sadia mesa do viajante do sertão.

Uma cousa que não deixa de ser curiosa é que os indios como todos sabem, tiram fogo da madeira, e n'isto parece que elles são inventores originaes d'esse processo, porque pelo que supponho os outros povos rudes servem-se para este mister, da pedra. Este processo de tirar fogo da madeira qualquer não o póde empregar sem saber o como se faz, e é assim: — toma-se um cerne de madeira dura que esteja perfeito no centro, mas que tenha uma camada de alguns oitavos de pollegada já poida; faz-se com a unha uma covazinha na madeira já poida, e n'ella colloca-se a extremidade d'uma vareta de madeira de cerne bem duro e, tomando esta ultima entre as palmas das mãos, imprime-se-lhe um movimento rotatorio rapido; ao cabo de alguns minutos o fogo prende-se ao pó da madeira poida, communica-se a ella e assim se o accende.

8.°— Servem-se do fogo como meio de elevar a temperatura nas noites frias, ou quando estão molhados para enxugarem-se. As nossas tribus sul-americanas, pelo menos as que estão comprehendidas entre o valle do Rio da Prata e do Amazonas, não usam de especie alguma de vestido senão como enfeite; é o fogo quem restabelece o equilibrio indispensavel a saude nas mudanças de temperatura, que tão sensiveis devem ser a corpos que não estão protegidos por nenhuma especie de vestimenta. Nas noites de neblina e frio, e as ha bem frias n'esses chapadões de campinas desabrigadas que dividem a bacia do Rio da Prata da do Amazonas, elles accendem grandes fogueiras junto as quaes se assentam os velhos, contando aos guerreiros as historias das guerras e emigrações da tribu, emquanto os mancebos dançam e cantam em torno d'ellas. Quando dormem em suas redes nas noites frias, accendem por baixo um fogo, que fica mais ou menos correspondendo a altura do peito. Empregam tambem o fogo como agente therapeutico nos

casos de serem mordidos por animaes peçonhentos, como cobras e arraias; não queimam as chagas como nós fazemos — chegam o membro ferido junto ao fogo, emquanto podem supportar o calor, retiram-no para depois approximal-o de novo até que a dôr seja succedida por uma especie de torpor ou dormencia; eu já fui curado assim por elles.

Com o que levamos narrado vê-se que os indios sul-americanos com estes variadissimos usos que fazem do fogo, sabem tirar d'elle pelo menos tanto partido quanto tira o nosso homem do povo, e mais ainda, porque o applicam em misteres, ou desconhecidos do nosso povo, ou que este tem aprendido d'elles.

IGNORANCIA DO FOGO.

Agora tocarei no seguinte ponto: será exacto, como referem alguns escriptores, entre outros o padre Jaboatão em sua obra o *Orbe Serafico*, que algumas tribus americanas desconheciam o uso do fogo e comiam carnes crúas?

Não é exacto, e tenho para asseveral-o dois fundamentos: — pelo que fica exposto vê-se que os indigenas sul-americanos não só conheciam o uso do fogo como alguns d'elles estavam já no segundo sub-periodo de civilisação primitiva, isto é: n'aquelle em que se emprega o fogo para queimar vasos de argilla.

Ora, não é verosimilhante que, se muitos annos antes da descoberta da America algumas tribus já estavam no segundo sub-periodo da idade de pedra, houvessem algumas ainda no primeiro periodo, isto é, n'aquelle em que o homem não conhece o uso do fogo. D'esses objectos de argilla, que pela posição onde os encontrei, no fundo d'um aterro, denotam uma grande antiguidade, trouxe aqui dois a saber: um é a cabeça d'uma estatuazinha de

homem; o outro é um assovio para imitar artificialmente o canto do inanbú, especie de perdiz de excellente carne, que até hoje elles matam, escondendo-se e imitando-lhe o canto, ao qual ella acóde no presupposto de ser o d'um companheiro.

Sabemos que a familia indigena que mais se estendeu na America do Sul foi a *guaraní* ou *tupí*, nomes estes que para mim indicam quasi a mesma cousa. Ora, todas ellas têm a palavra *tatá*, fogo— *tata-itá*, pedra de fogo ou com que se tira o fogo—*tatá qui ce*, para exprimir a palavra fuzil. Ora, não é rasoavel suppôr a ignorancia da existencia d'um elemento cujo nome serve de componente d'outros que exprimem objectos proprios para a cada momento reproduzil-o; por tanto tenho para mim que a opinião do padre Jaboatão, Simão de Vasconcellos e outros, é a este respeito sem fundamento.

FUNDIÇÃO DE METAES.

Examinemos agora uma outra questão para terminar este segundo capitulo: Os indios sul-americanos conheciam algum metal?

Não conheciam. Os antigos historiadores referem-nos que quando Solis penetrou no Rio da Prata encontrou os indios de suas margens com objectos d'esse metal.

Encontrei em Matto-Grosso um roteiro d'um filho do capitão-mór João Leite Ortiz, companheiro do Anhanguera, o qual refere que os indios *Ardes* traziam ao pescoço pequenas chapas de ouro.

O primeiro facto explica-se pelo contacto em que os indios do Chaco deviam estar com os *Quichuas* e mais nações debaixo do governo dos Yncas que, como é fóra de duvida, conheciam não só o arte de fundir como de moldar e trabalhar o ouro, o cobre e a prata.

O 2.° facto explica-se assim : o que os indios traziam ao pescoço eram folhetas d'ouro taes quaes se ellas encontram na natureza, quando muito batidas. D'este ornato usam até hoje os sertanejos do norte de Goyaz.

Não creio que nossos indios conhecessem a arte de trabalhar nem um metal, pelas seguintes razões :

Porque, todos os outros elementes indicam que elles estavam ainda em um periodo de civilisação mais atrazado do que aquelle que suppõe a arte de fundir os metaes ;

Porque, tendo eu estado em contacto com tribus das mesmas regiões nunca encontrei entre ellas o menor vestigio de metaes ;

Porque, tendo eu feito e mandado fazer escavações em antigos cemiterios indigenas, e encontrando quasi todos os objectos de pedra ou argilla de que elles se serviam, nunca encontrei nem soube que ninguem encontrasse objecto algum de metal como seria tão natural, e como succede nos tumulos dos *Quichuas*, dos *Asteques* e d'outras tribus que attingiram a um gráo de civilisação mais elevado.

Porque, finalmente, a lingua tupi, de todas a mais adiantada entre as sul-americanas, confunde a idéa de metal com a de pedra ; é assim que os metaes que viram em nosso poder, ou objectos de metal, elles o traduziram para sua lingua por palavras cuja radical era pedra : ouro, elles traduziram por *ita jubá* (ou pedra amarella) ; ferro, *Ita-una* ou pedra preta ; prata, *ita-tinga* (ou pedra branca), cobre, *ita jubá rana* ou pedra de amarello falso ; os objectos que são entre nós necessariamente de metal, tem a mesma radical *ita* em sua traducção ; por exemplo : faca, *ita quice* ; sino, espada *ita nhaen*, *ita tacape*.

Ora, é muito natural que em linguas de tão faceis transmutações de vocabulos, como são estas e em geral todas as que como ella estão ainda no periodo de aglutinação, é

muito natural que, se os indios tivessem dos metaes uma idéa distincta da pedra, tivessem para expressal-a um vocabulo que não fosse aquelle pelo qual se exprime essa idéa.

A vista de quanto fica exposto eu concluo :

A grande familia sul-americana, excepto a familia mestiça que esteve debaixo da influencia dos Yncas havia attingido o periodo da civilisação denominado : IDADE DA PEDRA POLIDA.

Encontram-se no Brasil vestigios d'um periodo de civilisação anterior a este? Ha instrumentos que denotem que nossos selvagens hajam passado pelo periodo de civilisação intitulado IDADE DA PEDRA LASCADA? Nossos selvagens, que já eram agricultores, não tinham sido pastores; como explicar estes factos?

Estudamos essas questões no capitulo seguinte.

III

O HOMEM NO BRASIL

Periodo em que se deu a primeira emigração para o Brasil, avaliado pela falta de instrumentos de pedra lascada. — Periodo pastoril. — Ausencia de monumentos. — Periodo geologico em que se encontram vestigios humanos no Brasil.

Concluimos o capitulo precedente assignalando o facto de que todos os selvagens do Brasil haviam chegado a idade da pedra polida.

Passamos agora a assignalar dois factos que nos parecem de importancia, e que ou não hão sido notados pelos escriptores que se tem ocupado da ethnographia do Brasil, ou não tem ligado a elles a importancia que nós lhe attribuimos. Queremos fallar: primeiro, da ausencia de instrumentos ou vestigios demonstrativos de que nossos selvagens hajam passado pelo periodo de civilisação que importa o uso de instrumentos de pedra lascada; segundo,que elles hajam chegado a ser agricultores sem haverem sido pastores. Estes factos vão quanto a mim lançar não pequena luz respeito ao periodo em que o Brasil recebeu seus primeiros povoadores. Analysemos os factos.

FALTA DE INSTRUMENTOS DE PEDRA LASCADA.

A anthropologia demonstra que o homem physico passou sempre d'um periodo mais atrazado para um mais adiantado; a historia demonstra a mesma cousa a respeito do homem moral. Toda raça que é encontrada no periodo em que usa de metaes teve sua idade de pedra. Toda que é encontrada com instrumentos de pedra polida teve seu periodo de instrumentos de pedra lascada.

Nem na collecção do Museu Nacional, nem na do Instituto Historico, nem nas obras dos viajantes, nem entre mãos de particulares que em S. Paulo, Minas e Pará conservam instrumentos indigenas, nem em minhas viagens, nem em leitos de rios, nem em desmoronamentos de aterros antigos dos selvagens em que tenho recolhido alguns objectos de grande antiguidade, nunca encontrei um só instrumento de pedra lascada, nem mesmo a menção de taes objectos.

Certamente que a raça ou raças selvagens do Brasil passaram por esse periodo; qual a razão pois porque não se encontra um só vestigio d'essa idade, tendo-se aliaz encontrado

d'outras em lugares que deviam preservar perfeitamente tudo, como é o fundo dos grandes e antiquissimos aterros, que existem nas provincias do Pará e Matto-Grosso?

Se bem que instrumentos d'esses, se existissem, não teriam escapado a observação de homens da força de Humboldt, Martius, Saint'Hilaire, Castelnau, Hartt, Liais e outros, comtudo, como eu não havia ainda visitado museu algum onde existissem collecções de instrumentos d'esse periodo, julguei que a pedra lascada pelo homem para seus usos grosseiros, devendo differir muito pouco da que o fosse casualmente, não podia despertar a attenção dos brasileiros do interior, que são ordinariamente os que colligem os instrumentos antigos dos indios de cujas mãos os recebem os viajantes.

Tive porém occasião o anno passado de ver uma collecção de instrumentos de pedra lascada dos selvagens da França, pertencente a S. M. o Imperador.

A vista d'esses objectos encheu a principio o meu espirito de duvidas, fazendo-me claramente comprehender que era falsa a razão que até então me havia parecido verdadeira para explicar a não existencia de taes objectos nas collecções que se hão feito de instrumentos de nossos selvagens. Com effeito, se bem que taes instrumentos indiquem a mais rudimental infancia da arte, com tudo é impossivel examinal-os sem reconhecer que foram lascados, não pelo acaso, e sim por um ser intelligente; é assim por exemplo, que as partes destinadas a cortar abrem-se e espalmam-se, á proporção que se contrahem e ao mesmo tempo se engrossam aquellas que são destinadas a ser empunhadas; em muitas o córte descreve um arco de circulo, e revela-se já no grosseiro instrumento a forma dos córtes dos machados de aço fundido que a raça branca inventou muito depois de conhecer o uso do ferro. Estas e outras particularidades indicam por parte do fabricante do instrumento a intuição

de leis mechanicas que é partilha exclusiva da humanidade, e impediriam ao observador de confundir os instrumentos de pedra lascada, com as pedras que casualmente o fossem, ou por effeito de phenomenos naturaes, ou pela acção não intencional do homem.

Por tanto, se não appareciam, é por que não existiam. Como explicar a não existencia de taes instrumentos?

Não se póde suppôr que o nosso selvagem fosse uma excepção de regra, que até o presente a não tem encontrado na familia humana.

A unica explicação que ha para esse facto é que o Brasil só possuiu os seus selvagens por via de emigração, e que esta deveu ter tido lugar depois que esses homens haviam transposto em outra região o primeiro periodo da civilisação ou barbaria humana.

Esta prova é robustecida por uma outra deduzida tambem de instrumentos de pedra, e é a seguinte:

Na provincia de Matto-Grosso existem á margem do Cuyabá e do Paraguay grandes aterros feitos pelos antigos indigenas com o fim de, elevando o solo acima do nivel das maiores enchentes, tornarem habitavel uma região de sua natureza baixa, e que por tanto se cobre d'agua durante a estação pluvial. Entre os aterros do rio Cuyabá citarei o que deu o nome ao furo do Bananal, e que é especialmente notavel por seu tamanho, e pelo trabalho que devia ter custado a homens que nem conheciam o uso do ferro para preparar objectos onde pudessem carregar a terra, e nem eram auxiliados por nenhum animal de transporte como o eram os peruanos com o *guanaco* a *lhama* e talvez a *vicunha*, e a *alpaca*.

Em a bacia do Amazonas conhecem-se numerosos d'esses aterros, e alguns d'elles, talvez os mais notaveis, na ilha de Marajó onde entre outros ha um que é uma ilha artificial

dentro do lago Arary. Esses aterros, mais ou menos extenços, affectam por vezes formas de animaes; ha um no centro de Marajó sobre o qual já eu passei, que affecta a fórma d'um jacaré colossal sobre cujo dorso deveu viver outr'ora uma tribu inteira, e que serve ainda hoje para lugar de construcção de casas dos fazendeiros de gado e seus vaqueiros, que habitam aquella região que se cobre d'agua durante as cheias do Amazonas.

Considerando-se que as regiões onde elles existem são alagadiças em muitas dezenas de leguas; que, se as tribus eram errantes e nomades, as guerras em que andavam continuamente umas com outras, as deviam impedir de alargarem-se por muitas leguas d'essas regiões, vê-se que elles, desde que occuparam taes regiões começaram esses aterros, sem os quaes seria impossivel explicar sua existencia durante a estação pluvial em lugares que se convertem em verdadeiros mares mediterraneos.

Portanto, o principio de taes aterros é mais ou menos contemporaneo da occupação d'essas regiões pelos selvagens.

Pois bem, no fundo d'esses aterros encontram-se as mais antigas urnas funerarias, sem comparação mais grosseiras, tanto pelo preparo da argilla como pela estructura e lavores, do que aquellas que se encontram nas camadas medias e superiores.

Se os principios de taes aterros são contemporaneos mais ou menos da povoação d'essas regiões, o estado de civilisação que elles indicarem será o estado de civilisação dos selvagens quando para ahi emigraram. Dentro d'essas urnas encontram-se não só instrumentos como ornatos de pedra polida, a que no Pará chamam *itan*, além de que a propria urna funeraria, de argilla cozida, indica só por si um periodo de civilisação mais adiantado do que o da pedra lascada.

Por tanto, quando esses selvagens emigraram para essas regiões, já haviam transposto aquelle periodo de civilisação.

Não é só n'este genero de industria que os vestigios de nossos selvagens indicam uma solução de continuidade entre o periodo de civilisação em que os encontramos, e os periodos de civilisação que deviam ter percorrido antes de chegar a esse.

Vamos mostrar a ausencia no selvagem do Brasil d'um periodo não menos importante do que aquelle cuja falta vimos de assignalar isto é: a do

PERIODO PASTORIL.

A philosophia e a historia ensinam, que o homem em relação a industria alimentar foi primeiramente caçador e pescador, depois pastor, e só depois de haver percorrido esses dois periodos é que foi agricultor.

A agricultura suppõe habitos de vida sedentaria, e usos que excluem grande parte da primitiva barbaria do homem.

E' facto fóra de duvida, que nossos selvagens eram já agricultores muitos annos antes da descoberta da America.

Fallei acima dos grandes aterros na bacia do Paraguay e do Amazonas. Esses aterros conservam ainda vivos os testemunhos de sua agricultura porque são povoados de bananeiras *(pacovay* ou *pacova-ybira* ou *pacova-ylyba)*, de que os paraenses e os habitantes da provincia do Amazonas formaram o vocabulo portuguez, vulgar n'essas provincias, de *pacoval*.

Em uma fazenda de Marajó que pertenceu ao Sr. senadar Leitão da Cunha e que é hoje propriedade do meu amigo o Dr. J. J. de Assis, existe uma grande plantação de cajueiros seculares que deu o nome á fazenda, o qual cajual foi plantado, muitos annos antes da descoberta da America,

pelos *Aruans*, tribu que habitou outr'ora a face da ilha de Marajó que fica contra o oceano.

Os viajantes antigos e modernos attestam todos a existentencia da arte da agricultura mais ou menos desenvolvida entre os selvagens.

Eu tenho estado em aldêas que nenhum contacto tem tido com a raça conquistadora nos sertões do Araguaya; tenho conversado com chefes indigenas, entre outros o dos *Cahiapós* de nome *Manahó*, que me dão noticias dos indios do *plateau* do Xingú, inteiramente desconhecidos de nós; quer pela vista, quer pelas relações ouvidas, todos esses indios cultivam entre outras as seguintes plantas: a mandioca, cujo conhecimento attribuem a revelação sobrenatural, assim como os *Aryas* attribuem a um Deus o conhecimento do trigo; cultivam a bananeira, o cará, e diversas especies de batatas e tuberculos farinaceos que são poderosos auxiliares de seu regimen alimentar.

D'elles aprendemos nós a cultura d'essas plantas, assim como do cacáo, tão importante hoje como artigo de exportação. Ainda é cultivado exclusivamente por elles aquella planta mais rica em theima do que o chá e o café com cuja baga preparam os pães de guaraná, tornando-se a tribu dos *Mauez*, que habita o valle do Arinos, famosa entre as outras pela excellencia d'este producto, que começa hoje a ser notado nos mercados europêos.

Não só conheciam os rudimentos da agricultura; as primeiras intuições de chimica já lhes tinham apparecido; foi d'elles que aprendemos esse processo de adubar o solo por meio de queimadas, processo destruidor e barbaro, não duvido, mas com o qual temos enriquecido, sem o qual seria talvez impossivel a agricultura em nossas mattas, e que ainda é o mais geral em todo o Brasil. Sabiam tambem extrahir alguns principios simplices das plantas, entre os quaes

a *tapioca*. Conheciam processos de fermentação pelos quaes preparavam excellentes conservas alimentares e proprias para estomagos enfraquecidos pela acção de miasmas paludosos, entre outras citarei os bolos de *carimã*, com os quaes quasi todos nós fomos alimentados durante o periodo de nossa infancia.

Por tanto, tinham não só attingido ao periodo de agricultura, mas já não estavam muito na infancia, e prova-o o termos nós adoptado muitos dos seus processos, que, se não são os mais conformes com a chimica agricola, são os mais faceis, e por tanto os mais praticos para nós, dadas as circumstancias em que nos achamos.

No entretanto não ha o menor vestigio de que esses homens tenham sido pastores, nem mesmo que tenham domesticado uma só especie zoologica brasileira, para ser sua companheira na vida sedentaria que deviam levar aquellas tribus que se tinham mais detidamente entregue a agricultura.

Quando eu li esta parte da memoria no Instituto Historico foi suscitada a seguinte objecção, cuja difficuldade eu não dissimulo:

Os selvagens do Brasil não foram pastores porque as especies zoologicas da região que habitavam se não prestavam a isso.

Se o argumento da falta do periodo pastoril fosse isolado no intuito de demonstrar a povoação do Brasil posterior a esse periodo, eu cederia d'elle porque não posso desconhecer que a justeza d'essa observação lhe tira em grande parte a força; mas não é isolado; já mostrei atrás que esta irregularidade apparente na marcha da civilisação indigena manifesta-se tambem pela ausencia do periodo da pedra lascada; por esse motivo me parece que a ausencia

do periodo pastoril merece, não obstante a escassez de familias domesticaveis, ser tomada em consideração.

Certamente que não temos no Brasil uma só familia que possa ser equiparada ao boi, ao carneiro e ao cavallo, preciosos companheiros das raças do velho mundo. Mas temos familias equiparaveis ao porco, ao gato, ao cão, a gallinha. O *queichada*, o *baracdjá*, o *guará* ou lobo, o *mutum* e o *jacú* seriam sem duvida alguma especies domesticaveis se alguma causa,cuja existencia suspeitamos, mas que por ora não podemos determinar qual seja, o não houvesse obstado.

Isto me parece tanto mais verdadeiro, quando é certo que os indios do Perú domesticaram a *lhama*, o *guanaco*, a *vicunha*, o *gato* e alguns outros animaes de habitos não menos selvagens no estado de natureza do que os de que eu fallei acima.

Uma outra consideração que concorre para robustecer esta interpretação do facto, é o gosto singular que têm nossos selvagens pela presença de animaes em suas aldêas.

Quem visita uma aldêa selvagem visita quasi que um museu vivo de zoologia da região em que está a aldêa; araras, papagaios de todos os tamanhos e côres, macacos de diversas especies, porcos, quatys, mutuns, veados, avestruzes, seriemas e até sycurijús, giboyas e jacarés, eu já tenho visto n'essas aldêas alimentados pelos selvagens com acurada paciencia. O *cherimbabo* do indio (o animal que elle cria) é quasi uma pessoa de sua familia. Tudo isto concorre para indicar que se a familia selvagem do Brasil não havia domesticado uma só especie, não era por uma aversão a arte de domesticar, e sim por outra causa.

AUSENCIA DE MONUMENTOS.

Assim como não encontramos o periodo da pedra lascada, e o periodo pastoril, factos que nos levam, sobre tudo o

primeiro, a concluir que a povoação do Brasil foi posterior a elles, assim tambem não encontramos monumentos.

Dir-se-ha que nossos selvagens não haviam attingido ao estado de civilisação necessario para taes creações. Não é assim; os povos mais barbaros os tem erguido.

Nas outras nações da America, e nomeadamente no Perú, elevam-se ainda hoje soberbas ruinas: se os selvagens do Brasil não attingiram a civilisação dos do Perú, não estavam comtudo tão afastados que não podessem ter attestado a sua presença por monumentos, embora mais grosseiros do que os dos peruanos, mas em todo caso consideraveis.

Não os ha em parte alguma do Brasil a excepção dos aterros das bacias do Paraguay e do Amazonas; nota-se n'elles escassez de restos animaes que deviam existir em grande quantidade, por que, como é sabido, esses homens, que se nutriam especialmente de animaes vertebrados, deviam ter deixado depositos immensos.

Nem um viajante que eu saiba mencionou até o presente uma só construcção indigena antiga. Eu creio que sou o primeiro que dou noticia d'uma, e é uma especie de forte circular de terra, que existe na ilha de Marajó, na citada fazenda dos Cajueiros propriedade do Dr. Joaquim José de Assis. Esse monumento porém é evidentemente contemporaneo ou posterior aos aterros da mesma ilha.

PERIODO GEOLOGICO A QUE CORRESPONDEM OS MAIS ANTIGOS VESTIGIOS HUMANOS NO BRASIL

Em sua recente e importante obra: — CLIMAS, GEOLOGIA E FAUNA DO ARASIL, — O Sr. Liais pretende que se encontram provas da presença do homem no Brasil durante os primeiros tempos da época quaterneria.

A este respeito diz elle a pag. 240 n. 107.

« O deposito quaternario de seixos rollados ou cascalho do Brasil, que comprehende, como acabamos de vel-o, os depositos auriferos e diamantinos do Brasil, não é desprovido de traços da industria humana primitiva. N'elles se encontram machados de pedra em tudo semelhantes aos de silex dos depositos quaternarios da França, com a differença unica de que são feitos d'um diorito grenitoide, e de serem imperfeitamente polidos. No sitio Lavra, fazenda de Casa Branca, proxima ao Rio das Velhas encontraram-se machados e pilões de pedra, e um vaso de argilla muito grosseiro, de paredes excessivamente espessas, jazendo no meio de depositos de cascalho aurifero. M. Helmreichen assignalou em depositos diamantinos, ao pé da Diamantina, dardos ou ponta de flecha, dois de quartzo, e um de petrosilex. Nas notas deixadas por Mr. Clausen respeito a um animal de especie extincta, enviado por este viajante do Brasil para o museu de Paris, le-se: Apenas uma vez encontrei entre os ossos d'um animal de especie extincta, Platyonix Cuvierii, fragmentos de louça, cobertas d'uma crosta delgada de stalagnite. O terreno não parecia ter sido revolvido. Resulta evidentemente d'este facto a contemporaneidade do homem e d'este animal que só se encontra nos depositos antigos da época quaternaria. Craneos humanos foram descobertos pelo Dr. Lund nas cavernas do Brasil; mas tendo sido taes depositos revolvidos pela agua, elle não ousava affirmar a contemporaneidade do homem no Brasil com os animaes de especies extinctas no meio dos quaes elle encontrou os craneos. »

Não ha negar que estes factos seriam provas irrespondiveis se a idade dos terrenos em que foram encontrados fosse determinada pelos autores que os citam por propria inspecção visual e immediata dos—*cascalhos*.

A este respeito eu me animo a oppôr duvida, porque

o dito d'um mineiro,que affirma ter encontrado taes objectos em um cascalho diamantino ou aurifero, não importa que esse objecto tenha sido encontrado em deposito quaternario.

Eu sou filho d'um districto diamantino ; conheço os depositos de cascalho da Diamantina na bacia do Jequitinhonha, do Abaeté na do S. Francisco, da Bagagem na provincia de Minas, do Verissimo, Pilões, Rio Claro, e Cayapósinho na de Goyaz ; do Passa-Vinte, Barreiro, Rio das Garças, Caxoeirinha, em Matto-Grosso. Em todos estes lugares os mesmos trabalhadores de diamantes distinguem esses depositos em tres camadas, que indicam idades diversas, e para servirmos-nos dos nomes que elles empregam, os chamaremos : *cascalho virgem*, o mais antigo ; *pururuca* o mais recente e de formação contemporanea, e *corrido*, o deposto intermediario entre a pururuca e o virgem. D'estes depositos só o primeiro parece ser antigo, e é a elle sem duvida que o illustre naturalista assigna a velha origem contemporanea das primeiras revoluções da época quaternaria ; sendo todos estes depositos designados pelos mineradores com o nome generico de cascalho: o elles dizerem que um machado de pedra ou resto de louça foi encontrado entre cascalho, não importa de forma alguma o ter o objecto sido encontrado em um deposito quaternario, se a especie de cascalho não fôr examinada pelo naturalista de modo a poder assignar-lhe a idade.

Faço esta reflexão por que já se deu comigo o seguinte facto. Em 1871 remetteram-me á Leopoldina uma mó d'argilla petrificada roixa, e uma mão de pilão de *petrosilex*, objectos que se acham hoje no Museu Nacional remettidos com outros pelo Sr. C. José Agostinho, que me havia pedido que lhe enviasse com aquelle destino quanto eu encontrasse em minhas viagens que pudesse interessar as sciencias na-

turaes. Dizia-me o Sr. capitão Gomes Pinheiro que esses objectos foram encontrados em cascalho diamantino do rio Cahiapó. Verifiquei depois que o cascalho em questão não era virgem, e fiquei na impossibilidade de julgar da idade do deposito.

Quanto aos cacos de louça encontrados no terreno sobre o qual encontrou-se tambem o *Platyonix Cuvierii*, remettido ao Museu de Paris pelo Sr. Clausen, sem duvida nenhuma que demonstra a contemporaneidade do homem com esse animal da época quaternaria, se o terreno não foi revolvido e o animal ou os fragmentos de louça conduzidos para ahi por uma corrente ou qualquer outra causa, visto como o envolucro de stalagmite que os cobre, podendo ser contemporaneo, não é garantia sufficiente de que esses objectos tenham sido encontrados juntos pelo facto de serem contemporaneos.

Me parece, que não se póde por agora admittir uma tão remota e antiga presença do homem no Brasil sem muita reserva, sobre tudo quando, pelos factos precedentes, mostramos que essa mesma raça já tinha vivido em outra região o tempo necessario para transpor os primeiros periodos de barbaria.

A sciencia ainda não descobriu meio preciso de converter em calculo de tempo os periodos geologicos. John Philips diz-nos que, tomando por base do calculo o tempo que um rio dos periodos modernos gastaria para accumular sedimentos, os do carvão de pedra de South Wales na Inglaterra teriam exigido o enorme espaço de quinhentos mil annos (4).

Se assim é para um periodo comparativamente curto,

(4) On the whole, then, I have concluded that half a million of years may problably have elapsed during the grouth of the precious deposits of the coal formation.

John Phillips, *A Guide to geology*— London—1854.

qual não será o largo espaço de milhares de annos que já decorre da data do apparecimento do homem no Brasil até nossos dias, suppondo que elle aqui appareceu no principio da época quaternaria ?

Embora seja por em quanto impossivel conhecer com precisão o espaço de tempo que decorreu do apparecimento do homem no Brasil até nossos dias, comtudo parece fóra de duvida que ha mais de cem mil annos que elle aqui existe, tendo-se em consideração que os sedimentos da época quaternaria deviam ter consumido muito mais tempo do que isso para serem depositados.

Contando-se o tempo pela vida dos patriarchas tal qual ella foi escripta por Moisés, Adão e Eva não existiram a mais de cinco mil annos. Os textos do Velho Testamento hebraico devem ser revistos porque, pela fórma por que estão traduzidos, elles envolvem um erro que destroe pelos fundamentos toda a theoria da revelação immediata, do peccado original, e da redempção ; por que, assentando-se todas ellas no facto da creação d'aquella familia á cinco mil annos, fica a revelação destruida com a existencia de gerações humanas por muitos milhares de annos antes de Adão e Eva, povoando já todos os valles da terra, inclusive os da America (5).

(5) « Cuvier tinha declarado muitas vezes que o homem fossil não existia e nem podia existir ; na época presente sabemos que elle é encontrado em toda parte onde se o procura.

Tem-se descoberto traços do homem até nas épocas terciarias modernas e talvez nas eocenes. Elle vivia não só com o urso das cavernas, e com o mammouth, mas foi contemporaneo do Mastodonte, do Dinotherium, e do Halitherium ; quanto mais antigos são os vestigios humanos que encontramos tanto mais indicam n'elle sociabilidade e intelligencia rudimentares» (Clemence Royer, *preface de la troisième édition de Darwin, Origine des especes*, Paris 1870.,

IV

LINGUAS

Classificação das tribus pelas linguas. Classificação morphologica das linguas americanas no grupo das turanas. Classificação segundo a estructura interna das linguas em dois grupos. Grupo das Aryanas. Grupo das linguas Tupís e sua extensão. Indole das linguas d'este grupo. Bibliographia do Tupí, e do Quichua.

Leibnitz, em uma carta ao padre Verjus, dizia: *julgo que nada serve tanto para se poder bem julgar da afinidade dos povos como as linguas.* O grande philosopho tinha razão.

Como veremos no capitulo seguinte as raças aborigenes do Brasil apresentam dois typos: um primitivo, e outros cruzados com raças brancas que deverão ter aportado á America muitos centos de annos antes da descoberta d'ella por Christovão Colombo.

Além de caracteres physicos que demonstram este cruzamento, ha um outro vestigio irrecusavel: é a presença de numerosas raizes sanscritas em certas linguas da America.

Como para a classificação das raças os vestigios deixados pelas linguas sejam documentos de incontestavel valor, antes de entrar n'aquella classificação, vamos estudar a das linguas

As pessoas que se quizerem inteirar da antiguidade do homem sobre a terra podem ler com grande proveito, entre outras, as duas seguintes monographias: de Nadillac, *Ancienneté de l'Homme*, e o celebre Lyell, *Antiquity of Man*.

americanas, assim como os factos que se prendem a taes linguas, e que elucidam mais de um ponto obscuro de ethnographia.

Classificação morphologica.

Sendo a linguistica uma sciencia muito recente, seja-me licito entrar rapidamente em algumas generalidades que concorrer para tornaráõ mais claro este assumpto de classificação.

O notavel professor inglez o Snr. Max Müller, seguindo as immortaes pegadas da *Grammatica comparada* de Bopp, classificou todas as linguas humanas em tres grandes secções: linguas *monosyllabicas*, linguas de *aglutinação*, e linguas de *flexão*.

São monosyllabicas aquellas em que cada syllaba tem um significado.

São de aglutinação aquellas em que as raizes primitivas, as monosyllabicas, tem em grande parte perdido o seu significado quando isoladas, mas que adquirem um desde que entram em composição com outra raiz. É n'este tronco que devem ser classificadas as nossas linguas americanas, e o seu typo é a lingua turana.

São linguas de flexão aquellas em que as raizes já totalmente se perderam, de modo que o pensamento nunca póde ser expresso senão por meio de nomes de maior ou menor numero de syllabas, mas que não são uma raiz. O sanscrito e o hebraico são typos n'esta familia, á que pertencem tambem o portuguez e as linguas européas.

Esta classificação, denominada morphologica porque limita-se a fórma externa, a apparencia da lingua, se nos é licito expressarmos-nos assim, significa apenas maior ou

menor gráo de adiantamento de uma lingua; não indica de modo algum qualquer gráo de parentesco entre ellas.

Quando a anthropologia estiver mais adiantada, a linguistica, sua filha primogenita, ha de fixar regras de uma classificação mais profunda das linguas, e muito provavelmente esta classificação, partindo de caracteres mais intimos do que a sua fórma externa, ha de auxiliar a classificação das familias humanas e vice-versa, esta ha de por sua vez auxiliar a das linguas.

A anthropologia já tem progredido hoje bastante para poder affirmar que no mundo intellectual não existem factos isolados, assim como não os ha no mundo physico.

Assim como hoje se sabe que o crystal de qualquer mineral não podia ser formado na mesma epocha em que se geraram os vegetaes ou animaes nossos contemporaneos, assim tambem se ha de saber que as linguas n'este ou n'aquelle estado, as idéas religiosas e moraes em maior ou menor gráo de perfeição, pertencem a periodos de desenvolvimento intellectual onde tudo se encadêa, se harmonisa e é relativo, como o são os objectos e phenomenos physicos nos grandes periodos geologicos.

Se a classificação das linguas pela sua fórma externa não indica gráo algum de parentesco com a familia em que ella é classificada, e indica pura e simplesmente o periodo de desenvolvimento em que se acha, o facto de classificar-se o tupi ou guarani no grupo de linguas turanas, não quer dizer que elle tenha o menor gráo de parentesco com linguas asiaticas; indica apenas seu estado de desenvolvimento no periodo em que nós a encontramos.

Dois grandes grupos nas linguas sul americanas

Supposto que as linguas americanas tenham todas chegado ao 2.° periodo de desenvolvimento—o de aglutinação,

resta saber qual o gráo de parentesco que ellas têm entre si.

Os estudos comparados respeito as linguas americanas estão apenas começando agora, e muitos annos decorrerão antes de esclarecer-se completamente este assumpto.

Empregando o methodo naturalista, que não deixa de fazer as grandes divisões pelo facto de não ter dados para fazer as pequenas, propomos que se adopte a seguinte classificação :

1.° grupo: *linguas aryanas*, ou aquellas que contendo centenares ou milhares de vocabulos sanscritos, indicam um cruzamento entre os indios da America e aquella grande familia branca: o *quichua*, que era a lingua fallada pelos Yncas, seja o typo predominante d'esta grande divisão, na qual se virá agrupar mais tarde uma outra grande lingua, a saber: o *quiché* com seus dialectos o *chaque-chiquel* e o *zutuil* que, segundo o demonstra o padre Brasseur de Bourbourg, são parentas proximas de linguas europeas aryanas.

2.° grupo : *linguas geraes não aryanas*. N'este grupo se comprehende o tupi e o guarani entre os quaes não ha maior differença do que a que existe entre o portuguez e o hespanhol; assim como comprehendem-se numerosos dialectos d'essas linguas, entre os quaes o dos indios *Kiriris* no qual possuimos um curioso cathecismo escripto em 1698, impresso em Lisboa, de que trato na noticia que dou no fim d'este capitulo, onde escrevo a bibliographia dos dois grupos de linguas americanas : supponho que o segundo dos dois comprehende tambem todas as linguas do Brasil.

Linguas aryanas da America

Parece hoje fóra de duvida que o sanscrito forneceu cerca de duas mil raizes ao quichua.

Relações entre linguas americanas e esta grande lingua asiatica, de onde se originaram sete das grandes linguas actuaes da Europa, haviam sido presentidas de muito.

Os estudos serios de philologia comparada datam da publicação da grammatica de Bopp.

Homens estudiosos não recuaram diante da aridez d'este estudo, e, com indizivel paciencia, escavaram essas minas pejadas de thesouros da antiguidade, e tem feito tantos progressos que talvez não esteja longe o dia em que, com o estudo de uma só grammatica e de um só systema de raizes, se consiga a chave para entender todas as linguas e dialectos de um grupo, fallados pela humanidade.

Com referencia a America, eis o que dizia em 1862 o padre Brasseur de Bourbourg:

« *Plus d'un lecteur, en lisant le titre du vocabulaire, s'étonnera du travail comparatif qu'il renferme. En effet, qui se serait douté, il a quelques années, qui s'imaginerait même encore en ce moment, si ce livre n'en apportait les preuves les plus irréfragables, que les langues si longtemps ignorés de l'Amérique centrale offrissent des affinités si nombreuses e si remarquables avec les langues dites indo-germaniques, mais surtout avec celles d'origine teutonique*(6) ?

Ao passo que esse vigoroso estudo era concluido a respeito das linguas da America central, um outro, não menos profundo, era proseguido com incansavel ardor pelo notavel argentino o Snr. Fidel Lopes.

Auxiliado pelo general Urquiza que collegiu documentos quichuas a peso de ouro, o Snr. Fidel Lopes começou seus

(6) *Grammaire de la langue quiché mise em pararélle avec ces deux dialectes chaque chiquel el zutuil, comprenant les sources principales du quiché comparées aux langues germaniques. Par.* 1862.

estudos comparativos entre a lingua dos Yncas e a em que estão escriptos os Vedas, talvez o mais antigo monumento da sabedoria humana. Auxiliado depois por um distincto egyptologo, que propositalmente foi a Buenos-Ayres, elle publicou o anno atrazado em francez, a sua obra: *Raças aryanas no Perú*, onde apresenta centenares de raizes *quichuas* identicas a raizes sanscritas.

O quichua é das linguas americanas a que mais tem sido estudada, como o mostraremos pelo catalogo das obras que sobre ella se hão escripto na America e na Europa.

A conclusão do Snr. Fidel Lopes é a mesma do padre Brasseur de Bourbourg.

Quasi ao mesmo tempo um philologo peruano, o Doutor em leis José Fernandes Nodal, publicava em Cuzco (1872) os *Elementos de gramatica quichua ou idioma de los Yncas*, um volume em 4.°, com 440 paginas, facilitando assim a comparação d'essa curiosa lingua americana com o sanscrito.

Eu não conheço o sanscrito; o que tenho estudado do quichua me não habilita a julgar com tal segurança de sua grammatica de modo a podel-a comparar com a de qualquer das linguas aryanas que fallo. Mas, para ver identidade de raizes, basta saber ler, e depois de ter lido os trabalhos dos Snrs. Fidel Lopes, Brasseur de Bourbourg e Nodal convenci-me de que as linguas de que tratam soffreram profundas modificações em seus vocabularios por vocabulos sanscritos. Uma raça aryana portanto esteve largamente em cruzamento com os indios americanos, e os Yncas ou seus progenitores eram filhos dos *plateaux* ou *araxds* da Asia central.

Ignoro se existe no Brasil alguma lingua que possa com justa razão ser classificada como tendo affinidade com o sanscrito; se ha, o guaicurú deve ser uma d'ellas. Nossos conhecimentos estão porém muito atrazados para affirmal-o ou negal-o por emquanto.

LINGUAS GERAES, NÃO ARYANAS.

A lingua mais geral na America meridional é o *tupí* ou *guarani*. Consinta o leitor que por emquanto confundamos estes vocabulos, visto que dentro em pouco diremos em que consiste a differença.

A respeito da extensão d'esta lingua o benemerito jesuita hespanhol padre Antonio Roiz de Montoya nos diz no prefacio do seu *Tesoro de la lengua guarani, Madrid*, 1639: *lengua tã universal que domina ambos mares; el del sur por todo el Brasil, y ciñendo todo el Perú.*

Na bibliotheca do Instituto Historico conserva-se um precioso manuscripto em inglez, 2 volumes em 4.°, contendo grammatica e diccionario da lingua tupí, onde seu autor, o Snr. John, Luccock, diz que ella foi tambem fallada ao longo das costas orientaes da America do norte; aqui vão suas palavras: *the language apears to have been spocken along the Western cost of North America* (7).

Que o tupí ou guarani foi, é e será ainda por muitos annos a lingua mais geral da America do Sul, é questão que não pode ser seriamente contestada, desde que se admitta a quasi identidade das duas. Que ellas são quasi identicas não ha a menor duvida para os que a tem ouvido fallar pelos naturaes.

Se assim é, como explicar o facto de ser o vocabulario da lingua brasiliana tão diverso do vocabulario de Montoya? Por exemplo : Quem lê os exemplos citados pelo padre Luiz Figueira e os entende, não entende senão com difficuldade os da arte da lingua guarani do padre Montoya. A quem estudar as linguas (por monumentos escriptos isto succederá

(7) Este precioso manuscripto foi doado ao Instituto pelo benemerito consocio o finado Sr. Gonçalves Dias.

sempre, emquanto se não adoptar um alphabeto phonetico que expresse com propriedade sons que nós não possuimos em nossa lingua, e que força foi á aquelles grandes homens representar com as letras do nosso pobre alphabeto. Como as opiniões acerca da grande variedade de linguas americanas sejam exageradas, pela mesma razão porque se exageraram as differenças entre o tupi e o guarani, isto é, por causa da falta de um alphabeto, consintam-me que me detenha um pouco sobre isto, porque assim ficará esta questão esclarecida. O gammo das notas das linguas americanas é sem comparação alguma mais rico do que o das linguas aryanas, que são mais vulgares entre nós.

Os grammaticos jesuitas chegavam diante de um som que não tinha representante nas linguas que elles fallavam ; era muito natural que o expressassem por uma letra de convenção; como não haviam então os meios de communicação que temos hoje, porque o Brasil de 1873 está para o Brasil de 1600 fóra de toda comparação, era natural dissemos que essa convenção não passasse além de um circulo limitado.

A palavra agua por exemplo é *y* gutural, em tupi e guarani.

Não ha som algum que possa representar no portuguez, latim ou hespanhol, linguas que eram as conhecidas por aquelles padres, uma vogal gutural, porque essas linguas não possuem uma só. O que era natural que fizessem? Uns escreveram simplesmente um *I* italico com um trema; outros escreveram o mesmo *I* com um ponto em cima outro em baixo; outros escreveram um *y* com um accento particular; outros escreveram *yg*. Portanto, da falta de uma letra que expressasse exactamente o som em questão, resultou que escreveram a mesma palavra por quatro fórmas distinctas, de modo que quem lê, é levado a pensar que haviam quatro expressões para designar a palavra agua, quando

os dialectos antigos e modernos não têm mais que um só vocabulo.

Esta confusão cresce quando a vogal gutural é seguida de vogal nasal aspirada; por exemplo: *sem agua*, que se diz: *y eym*; ora, qual o meio de expressar isto com as letras do nosso alphabeto? Não ha : portanto uns escreveram *iin*, *iji*, outros *igeima*, de modo que nós, que lemos as letras com os sons que ellas representam, em vez do vocabulo tupí temos escripto diversos, dos quaes nem um dá no som verdadeiro.

Um outro exemplo e com elle concluo.

Não temos sons nasaes no principio dos nomes, e por isso não temos meio algum de represental-os sem as convenções supracitadas. A palavra, cousa, se diz em tupí *m'bae* que se pronuncia quasi como *umbaé*. Para expressar o som tupy com as letras de nosso alphabeto escreveriamos ou *umbae*, ou *mbaé*, ou *imbae*, ou *embae*, isto são 4 nomes distinctos, dos quaes um só não é o tupí.

A'vista d'isto comprehende-se como, para quem lê a lingua antes de haver educado o ouvido pela falla, cada novo autor que lhe caia nas mãos figura uma nova lingua, ou pelo menos um dialecto diverso, sem haver tal diversidade senão na pobreza e falta do nosso alphabeto, que certamente não podia representar sons que não existem nas linguas para que elle foi feito.

Accrescente-se a isto, que os missionarios hespanhóes se serviam do alphabeto com os sons que elle tem em castelhano, diversos em muitos casos dos sons portuguezes; e comprehende-se com toda facilidade como o guarani, que não é senão o tupí do sul reduzido a lingua escripta, apresenta uma apparencia ás vezes tão diversa, que homens da força do benemerito Martius de saudosa memoria, com tanto merito real, e que aliás fallava o tupí, o julgava no entretanto

distincto do guarani, como se lê a pag. 100 do seu *Glossaria linguarum brasiliensium*. Elle não conhecia o guarani senão por leitura, e leitura do padre Montoya, de todos o unico que escreveu com signaes especiaes, e que portanto escrevia muito diversamente de Martius que, tendo aprendido o tupí pelo padre Figueira, adoptou muito naturalmente o modo de escrever d'este grande e profundo grammatico.

Outro argumento da differença apparente das linguas tupí e guarani, e estou quasi tentado a dizer de outras linguas americanas, resulta de circumtancias geographicas que serão bem comprehendidas á vista do seguinte exemplo :

No Paraguay se diz, gallinha: *uryguassú;* no Pará dizem os tupís: *çapucaia*. Ora, é absolutamente impossivel encontrar identidade de raizes entre estas duas palavras: *ury guassú*, e *çapucaia*; quem não conhecer a lingua pensará mesmo que os vocabulos pertencem a dois idiomas distinctos; mas, desde que conhecer a significação das palavras, verá que *ury guassú* quer dizer, *perdiz grande*; em verdade a gallinha se assemelha á perdiz; mas, não havendo perdizes no Pará por que não ha campos, o nome de uru era dado a outros individuos da familia que em nada se assemelham a gallinha, e portanto não era natural que elles se servissem do mesmo qualificativo; tomaram o canto do gallo para significar a nova fórma, e assim empregaram a expressão : *çapucaia* que quer dizer: *o que grita*, tanto em tupí como em guaraní.

Estes argumentos são clarissimos, mas só podem ser bem avaliados pelas pessoas que entenderem a lingua, e isto infelizmente não é vulgar entre nós, o que é de lamentar-se porque, além de ser quasi a lingua vernacula, é ella o grande vehiculo para levar civilisação e religião a, pelo menos, 500:000 de nossos compatriotas que erram ainda

selvagens pelo meio de nossos sertões, á espera de que lhes vamos levar a civilisação e o trabalho.

Por esse motivo a este s argumentos eu accrescentarei um de natureza historica, e é o testemunho do Dr. D. Lourenço Furtado de Mendonça, prelado da diocese do Rio de Janeiro o qual, na approvação que deu a *Arte* do padre Montoya, diz em 7 de Março de 1630 o seguinte: *y oxalá los prelados que allà en el Brasil tenemos nuestras Diocesis tan vezinas al dicho Paraguay, y Rio de la Plata, vieramos en ellas este espiritu, este zelo, e estos frutos, pues confiesso que andãdo yo visitãdo, me ayudé de uno destos indios traìdos del dicho Paraguay para que en el Ingenio adonde estava quedasse con cargo de doctrinar à los otros del dicho Ingenio.* Mas os indios do Rio de Janeiro e S. Paulo fallavam o tupi, logo o tupi é nem mais nem menos o mesmo guarani, com algumas differenças (8).

(8) Entre as differenças uma ha curiosa, e é a tendencia que manifesta o guarani em abandonar as raizes primitivas dos vocabulos aglutinados, e isto demonstra que o guarani é filho do tupí; exemplo: *sicurijú*, é o nome da nossa grande serpente amphibia, em tupí; os guaranis dizem: *curyjú*; *Cahapora*, é o nome de um genio de sua mythologia de que fallaremos adiante, em tupí; os guaranis dizem: *Pora*. *Curupira*, é o nome de outra divindade, em tupí; os guaranis dizem: *Curupim*. *Matim taperé* ou *Saci Cereré* é o nome de outro genio em tupí; os guaranis dizem: *Cérérê*; onça, *jaguara* em tupí; os guaranis dizem *jaguá*. Estes exemplos, que eu poderia alongar a um grande numero de vocabulos, indicam que é a mesma lingua em dois periodos: o tupí em um periodo mais primitivo, quasi monosyllabico, conservando com escrupulo as raizes com que formou a aglutinação; o guarani em um periodo mais desenvolvido, aquelle em que a raiz monosyllabica perde a significação para abandonal-a ao vocabulo aglutinado. Portanto o tupí, é a fonte, e por isso denominamos o grupo com o nome de *tupí*.

Indole das linguas no grupo tupi

Um facto que não deixa de ser singular e caracteristico n'este grupo de linguas,é que as suas fórmas grammaticaes são quasi todas ao inverso das nossas.

Passo a exemplificar isto, porque póde esta observação levar a comparações de não pequeno interesse.

Todas as linguas conhecidas, e que têm sido objecto de estudos, têm uma unica forma para exprimir as pessoas do verbo, e essa forma é a das terminações; nas indolatinas é assim: *laud-o*, *laud-as*, *laud-at*, *laud-amus*, *laud-atis*, *laud-ant*; expressa as pessoas pelo mesmo mechanismo porque o portuguez o faz: *louv-o*,*louv-as*, *louv-a*, *louv-amos*, *louv-aes*, *louv-am*. Entre o portuguez e o latim a raiz mudou, mas o mechanismo é o mesmo.

O nosso tupí veiu fazer brecha n'essa regra dos philologos, apresentando-lhes um mechanismo tão ou mais simples, porém inverso,e por tanto distincto.

A regra, a que eu alludi acima, e que tenho verificado já em duas outras linguas do Brasil, é a seguinte : todo mechanismo que serve para conjugar os verbos, quando é posposto á raiz nas linguas aryanas, é anteposto no tupí; e o que é anteposto nas linguas aryanas, é posposto no tupí.

Logo: em quanto as linguas classificadas significam as pessoas dos verbos por uma posposição, conservando a raiz em 1.° lugar, o tupí põe a raiz para o fim, e começa por aquillo que entre nós é terminação. A vista d'esta regra, em vez de uma conjugação difficil e obstrosa, o mechanismo dos verbos fica tão claro como em portuguez; aquillo que os antigos grammaticos chamaram artigo, não é senão a mesma

terminação, com a só differença de, em vez de ser posposta é anteposta, exemplo:

Portuguez.	*Tupi.*
Verbo matar, *ajucá.*	
Raiz. Terminação.	Terminação. Raiz.
mat — o	a — juca
mat — as	re — juca
mat — a	o — juca.

Quando queremos passivar um verbo, em os tempos em que o podemos fazer sem auxiliares, o conseguimos pelo mesmo systema de posposição; elles o conseguem por uma anteposição, e com um mechanismo muito mais simples; qualquer verbo fica passivo desde que é precedido de *nhe* ou *je*, exemplo: *monhanga*, fazer; *nhe monhanga*, ser feito; ao passo que nós conjugamos o nosso auxiliar, e o verbo auxiliado passivado, elles limitam-se a ajuntar a particula citada, e assim, em quanto nas nossas linguas aryanas necessitamos de decorar avultada porção de formulas, elles com duas unicas dizem tudo, com a mesma precisão e com maior clareza. Quando nós passivamos o verbo, usando do auxiliar, collocamos este em 1.° lugar; elles o pospõe, ex: eu tenho de ser morto: *che ajucá pyrama*; pyrama, auxiliar só para este tempo, é posposto. Quando queremos negar a acção do verbo, a negação precede; elles cortam a negação no meio e collocam o verbo entre as duas syllabas, exemplo: eu não mato; *ind-ajucá-y*. Quando nós necessitamos de indicar por uma particula que a acção do verbo recahe sobre um objecto, sempre precedemos o objecto de tal particula; elles a collocam depois; já os padres Figueira e Montoya haviam notado este particular dizendo: *n'esta lingua as preposições vão para o fim*, exemplo: Vamos ao Instituto Historico, *Ja-ha* I. H. *pé*; a preposição *pe, no*, é posposta ao caso regido, Instituto.

A indole do tupí é tão inflexivel n'este particular que, as mesmas preposições copulativas, são arremessadas para o fim da oração e pospostas aos proprios nomes que copulam! Permitam-me mais um exemplo para tornar patenle esta singular e caracteristica lei : «eu vim com um bom cão», se diz em guaraní: *che aju petein jagua catuété dive*, o que, ao pé da letra, diz: *eu vim um cão bom com*. Não ha em uma só lingua classificada transposição d'esta ordem, e isto indica uma elaboração linguistica inteiramente nova, e que caracterisará dentro em pouco um genero tambem novo.

Para formarmos os casos, nossas particulas, quando necessarias, precedem o nome; entre elles é posposta; assim declinamos: Deus, de Deus, para Deus, em Deus, com Deus; elles: *Tupan*, *Tupan mbae*, *Tupan upe*, *Tupan pe*, *Tupan gui*, *Tupan rece*, etc.

Não é realmente curiosa esta inversão systematica e methodica das fórmas e regras das linguas aryanas, que faz da familia americana typo completamente novo?

Que lei é essa do entendimento humano que presidiu a aglutinação dos monosyllabos na familia tupí, justamente ao inverso da que presidiu a mesma aglutinação na familia até hoje reputada typo?

Entrego esse facto ao estudo e reflexão dos linguistas, persuadido de que ha ahi a primeira revelação de uma grande lei philologica, que muito ha de esclarecer o problema, até hoje tão obscuro, da diversidade das linguas.

Esta lei serve no entretanto para excluir da classificação do grupo das linguas aryanas todas aquellas cujo mechanismo é inverso dos mechanismos aryanos, e justifica a divisão que eu fiz; só por si ella indica a existencia de uma lingua primitiva na America, distincta da que deu nascimento ás especies asiaticas e européas.

E' para lamentar que, no grande movimento de estu-

dos fortes que nos ultimos annos se hão emprehendido na Europa e America sobre as linguas do novo mundo,o Brasil não tenha concorrido com um só livro; se alguns estudam nada publicam, e assim figuramos entre os indolentes, incapazes,ou indifferentes ao progresso da grande questão da lingua universal.

TRABALHOS SOBRE A LINGUA TUPI' OU GUARANI

Parece-me que a palavra *Tupí* quer dizer : pequeno raio. ou filho do raio, de *Tupá*—raio, e—*i*—diminutivo. A palavra *Guarani* parece corruptella da palavra *guarini* que significa guerra.

Os padres jesuitas hespanhóes e portuguezes foram os unicos que na antiguidade estudaram as linguas selvagens. As linguas selvagens hoje são o mais valioso documento para resolverem-se dois problemas importantes da sciencia, a saber : os gráos de parentesco da grande familia americana, e as leis a que o entendimento humano está sujeito no desenvolvimento da poderosa faculdade de compôr linguas. Descoberta essa lei,será possivel uma grammatica que sirva de chave para entenderem-se todas as linguas de uma mesma familia, o que será cousa mais importante para o progresso da humanidade do que a descoberta do vapor ou das leis da electricidade.

Se o tupí é uma lingua primitiva,como tudo induz a crer, sua antiguidade em relação ao sanscrito e ao hebraico, é tal que, avista d'ella, essas linguas ficam sendo quasi contemporaneas.

E' um dos mais importantes legados que o homem prehistorico deixou ás gerações actuaes. Os homens estudiosos têm n'ella mina riquissima de investigações uteis e proveitosas, que não devem abandonar ás gerações futuras,

pertencente a S. M. o Imperador, e outro que pertencia à familia do marechal Lopes, e que me foi dado.

A outra obra do padre Montoya é o: *Catecismo de la doutrina Christã.* Ha duas edições, uma de Madrid que deve ser do mesmo anno de 1640, e uma de Santa Maria Maior, augmentada pelo mesmo jesuita, o padre Paulo Restivo, já citado. Só tenho noticia d'um exemplar existente d'essa obra e esse pertence a S. Magestade o Imperador; ainda o não vi.

A 4.ª obra do padre Montoya é: *Sermones de las dominicas del año e fiestas de los indios.* Ignoro se esta obra foi impressa, e menos ainda se subsiste hoje algum exemplar d'esse precioso livro. Os bibliographos o notam apenas pela referencia que d'elles faz o citado padre no proemio do seu *Tesoro.*

A's obras d'este, seguem-se as dos outros missionarios portuguezes.

Não sei que exista um só exemplar das grammaticas de Manoel da Veiga, e Manoel de Moraes, que só conheço pelas referencias que d'ellas faz o Sr. França em sua *Chrestomathia da lingua brasilica*, citando João de Laet, notas á dissertação de Hugo Grotio, intitulada: *De origine gentium americanarum.*

A bibliotheca fluminense e creio que a do Rio de Janeiro possue um exemplar do cathecismo grande dos jesuitas, pelo qual elles ensinavam a doutrina christã a nossos selvagens. Essa obra tem por titulo: *Catecismo Brasilico da Doutrina Christã; com o ceremonial dos Sacramentos e mais actos parochiaes. Composto por padres doutos da companhia de Jesus, aperfeiçoado e dado á luz pelo padre Antonio de Araujo, da mesma companhia, emendado n'esta segunda impressão pelo padre Bartholameu de Leam, da mesma companhia.* Lisboa, 1686. Off. de Miguel Deslandes. »

Grammatica da lingua geral dos indios do Brasil, com-

posta pelo padre Luiz Figueira, reimpressa na Bahia em 1851, aos esforços do Sr. João Joaquim da Silva Guimarães. No meu pensar, o padre Figueira não conheceu tão profundamente a lingua quanto o padre Montoya; comtudo, na grammatica propriamente dita, isto é na philosophia da lingua, me parece que elle é superior ao dito padre Montoya. A edição de Lisboa, que já não é vulgar, foi seguida d'um vocabulario com o titulo de: *Diccionario Brasiliano*, que é o mesmo que se vê reproduzido na *chrestomathia* do Dr. França, de que adiante fallaremos. (9)

Outras obras ha antigas, que ou não tiveram a celebridade e reputação d'estas, ou nunca foram impressas, e conservavam-se nas bibliothecas de França, Inglaterra e Allemanha, até que, ha pouco tempo, a curiosidade dos sabios singularmente despertada por esta lingua que lhes vai ministrar talvez um ponto de comparação que lhes faltava para fixarem regras importantissimas de philologia, as está desenterrando do pó de quasi dois seculos para trazel-as á luz da publicidade.

Além d'estes trabalhos, que se referem ao tupi ou guarani, existe um mui curioso e importante sobre um grande dialecto da lingua, que era fallada antigamente em grande extensão do Brasil: referimo-nos á lingua kiriri; tem por titulo: *Catecismo da doutrina Christã na lingua brasilica da nação Kiriri, composto pelo padre Luiz Vincencio Mamiani da companhia de Jesus, missionario da provincia do Brasil.* Lisboa, 1698, na officina de Miguel Deslandes

(9) Este padre Luis Figueira é um d'esses vultos angelicos, que illuminam as primeiras paginas da historia dos jesuitas, em nossa terra; já velho e cançado, não cessava de viajar pelos sertões do Brasil para catechisar e doutrinar os *pobres brazis*, como com sincera ternura os denominava no prologo da sua grammatica. Gozou da gloria do martyrio; foi morto e devorado pelos indigenas da ilha de Marajó, no Pará.

Vide: *A. Henriques Leal, Apontamentos para a historia dos jesuitas no Brasil.*

—Os bibliographos dão esta obra como perdida. Felizmente para nós existe aqui no Rio de Janeiro um exemplar pertencente ao Sr. F. A. Martins, digno conservador da bibliotheca d'este Instituto.

Possue mais a bibliotheca d'este Instituto uma verdadeira preciosidade em guaraní, de que não ha menção em catalogo algum, mas que está infelizmente tão estragada pelas traças que ficará perdida se não cuidarmos de sua reimpressão, ou pelo menos de tirar uma cópia; tem por titulo: *Sermones e exemplos em lingua guarani*, por Nicolas Japuguay—En el pueblo de S. Francisco en 1727. Como o nome indica, este missionario devia ser algum mestiço que, com o leite materno, bebeu os primeircs rudimentos da grande lingua sul-americana; esta obra foi doada ao Instituto pelo socio o Sr. conego Gay.

Possue tambem o Instituto um grande manuscripto em dois volumes, contendo: Grammatica e Diccionario da lingua tupí, escriptos uma e outra cousa em inglez; foi obtido em Vienna d'Austria e remettido a esta associação pelo benemerito poeta e litterato o nosso finado consocio o Sr. Antonio Gonçalves Dias. O manuscripto tem por titulo: *A Diccionary of the Tupy language as spocken by the aborigines, collected by John Luccock*, Rio de Janeiro, 1818.

Não tive ainda sufficiente tempo para poder julgar se é uma obra original ou uma simples traducção de alguma outra, o que aliás não é cousa facil, porque, como o leitor terá visto por esta noticia, é difficilima a acquisição d'estes livros, e por tanto difficil a comparação, que não póde ser feita sem possuir um texto diante do outro.

Possue mais o Instituto: *Compendio da doutrina christã na lingua portugueza e brasilica* composto pelo padre João Filippe Betendorf, reimpresso em 1800 por frei José Mariano da Conceição Velloso.

Entre obras contemporaneas possuimos : *Diccionario da lingua tupy*, por A. G. Dias, Leipzig—F. A. Brockhaus, 1858.

Crestomathia da lingua brasilica, pelo Dr. Ernesto Ferreira França. Leipzig— F. A. Brockhaus, 1859.

Glossaria Linguarum brasiliensium, do Dr. Carlos Frederico Philippe de Martius—Erlangen, Junge und Sohn, 1863.

Vocabulario da lingua indigena geral para uso do Seminario Episcopal do Pará, pelo padre M. J. S. Pará, 1853.

Grammatica da lingua indigena geral para uso do Seminario Episcopal do Pará, pelo coronel Faria, professor que foi d'essa cadeira. Maranhão, 1870.

TRABALHOS SOBRE A LINGUA QUICHUA.

O tupí é uma lingua que não soffreu mescla com o sanscrito. Para se ter um ponto de comparação com linguas que foram alteradas por aquelle grande idioma asiatico, é necessario ter livros quichuas, que é das linguas americanas a que foi mais alterada pelo sanscrito, e tambem a que tem sido objecto de mais conscienciosos estudos.

N'ella porém, como no tupí, a grande parte dos homens de letras ignora até o nome dos livros que se hão escripto a seu respeito, livros hoje raros, mas que se encontram nas grandes bibliothecas da França, Inglaterra e Allemanha.

Em nossas bibliothecas encontra-se a *Arte e vocabulario* do Dr. Tschudi, que aliás dá bom elemento de estudo para conhecimento da lingua.

Ultimamente (1872) publicou o Dr. José Fernandes Nodal, em Cuzco, no Perú, *Grammatica quichua, ó idioma de los Yncas*, e está imprimindo na mesma cidade o seu— *Gran Diccionario Castellano Quichua — y vicé-versa.* O Sr. Fidel Lopes, de Buenos-Ayres, publicou em Pariz, o anno atrazado, a obra que citei atrás : *Races Aryennes du Perú*, que é uma curiosa e profunda comparação entre o quichua

e o sanscrito. Infelizmente no Brasil nada havemos feito recentemente sobre as nossas linguas.

Com as obras acima citadas, o homem estudioso tem os elementos necessarios para conhecer esta importante lingua.

No entretanto, como é summamente raro um catalogo dos escriptos antigos sobre o quichua, aqui vai a relação dos mais notaveis, que extracto da obra do Dr. Carlos Nodal.

Grammatica da lingua geral dos indios do Perú, pelo dominicano frei Domingos S. Thomaz. *Lexicon da mesma lingua*, (em hespanhol). Valladolid, 1560.

Arte Quichua, pelo jesuita padre Diego Torres Rubio, com cathecismo christão, seguida d'um vocabulario da lingua Chinchaisuyo, pelo jesuita Juan de Figueredo, (em hespanhol). Lima, 1700. Esta mesma obra, melhorada, foi reimpressa em Lima em 1754.

Vocabulario da lingua geral do Perú, pelo padre frei Juan Martinez. Lima, 1609.

Grammatica da lingua geral do Perú, pelo padre frei Diego Gonsalez de Holguin. Cidade de Los Reys, 1608. Este jesuita escreveu tambem um vocabulario que foi reimpresso em 1842.

Arte da lingua Quichua, pelo Dr. Alonzo de Huerta. Cidade de los Reys, 1616.

Grammatica da lingua indica, por Diego de Olmos. Lima, 1644.

Arte da lingua dos Yncas, pelo bacharel D. Estevam dos Santos Melgar. Lima, 1691.

Arte da lingua geral dos indios do Perú, por Juan Roxa Maxia y Ocon. Lima, 1648.

Arte e vocabulario da lingua Quichua, manuscripto na bibliotheca de Berlin, pelo barão de Humboldt.

Elementos para uma Grammatica e Diccionario Quichua, por R. Clemente Markham. Londres, 1864.

V

RAÇAS SELVAGENS

Raça primitiva. Raças mestiças antigas. Cruzamentos recentes. Raças mestiças, (Gaucho, Caepira, Caburé, Tapuio) como elemento de trabalho. Plano de catechese. Resultados provaveis dos cruzamentos actuaes na futura população do Brasil.

As raças encontradas no Brasil, e que estão ainda extremes de qualquer cruzamento recente, são provenientes de um só tronco?

Aqui vão os factos que eu tenho observado:

Entre caracteres que approximam os selvagens do Brasil uns dos outros, ha no entretanto differenças constantes e singulares, mediante as quaes me parece que se podem distinguir tres raças diversas, a saber:

1.° O indio escuro, grande.

2.° O indio mais claro, de estatura mediana.

3.° O indio mais claro, de estatura pequena, peculiar á bacia propriamente do Amazonas.

Como direi adiante, me parece que o primeiro é um tronco primitivo; os dois ultimos são raças mestiças filhas do cruzamento d'aquelle tronco com o branco. Não me refiro a cruzamentos recentes, e sim aos que deverão ter lugar muitos centos de annos antes da descoberta da America por Christovão Colombo.

Vimos no capitulo antecedente o como nas linguas encontravam-se vestigios irrefragaveis d'esse cruzamento.

Agora vamos acompanhar esses vestigios em documentos não menos incontestaveis do que aquelles, que são a côr e a estructura physica de nossos aborigenes.

Nas informações que passo a dar a este respeito eu não reproduso nada do que tenho lido, e sim o que tenho observado; tenho mesmo evitado ler a este respeito, não porque desconheça o valor das opiniões de pessoas muito mais competentes do que eu ; mas porque, tendo tido aberto diante de mim o grande livro da natureza, não desejei percorrer-lhe as paginas com opiniões preconcebidas e formadas no gabinete. Eis o que tem me parecido digno de nota.

O indio da raça primitiva, de que para mim são typos o *Guaicurú* em Matto-Grosso, o *Chavante* em Goyaz, o *Mundurucú* no Pará, é côr de cobre tirando para o escuro (côr de chocolate), estatura ordinariamente acima da mediana até verdadeira corpulencia, cabellos sempre duros, o molar e a orbita salientes, quasi recto o angulo do maxillar inferior, o diametro transversal entre os dois angulos posteriores do maxillar inferior é igual ao diametro transversal do craneo de um a outro parietal, o calcaneo grosso, o tarso largo, dando em resultado um pé solido, se bem que algumas vezes de uma pureza admiravel de desenho. Estes caracteres physicos,que ressaltam logo aos olhos do observador,os distinguem dos outros, cuja côr amarella tirando para a da canella ,estatura mediana,e ás vezes abaixo d'isso,cabellos muitas vezes finos e até annellados, menos pronunciadas as saliencias das orbitas e do molar, face menos quadrada, o dedo grande do pé muito separado do index, pés e mãos de uma delicadeza que faria o desespero dos mais elegantes de raça branca ; as mulheres de fórmas delicadas, regulares, e ás vezes de grande belleza, quando as outras são verdadeiros collossos, grosseiros e tão solidamente mus-

culadas como um homem robusto, são outras tantas differenças que não deixam confundir uma raça com outra.

Na raça primitiva e escura, ha uma variedade que se distingue tanto pelo exagerado desenvolvimento do pennis, que os mesmos selvagens a caracterisam por esse signal.

Nas raças mestiças, a do Pará, distingue-se por caracter opposto.

Quanto aos caracteres intellectuaes tenho duas observações a fazer;

Pela experiencia de tres annos que tenho no collegio Izabel, vejo que os da segunda raça aprendem com maior facilidade a nossa lingua, e a ler e escrever; entre os da primeira, alguns ha de uma difficuldade de comprehensão verdadeiramente desanimadora, para tudo que não são officios mechanicos, nos quaes todos elles mostram rara aptidão. Entre os segundos alguns ha de intelligencia não vulgar.

O adiantamento comparativo nas idéas religiosas é ainda um caracter distinctivo entre os dois typos. Os jesuitas antigos, que aliás n'este ponto não eram observadores sagazes, porque para elles todo culto era tributado ao espirito maligno, e que não olhavam para estas cousas com a isenção de espirito necessaria para bem comprehendel-as; os jesuitas já haviam dito: entre os *Brazis* alguns ha que têm idéas de Deus, outros não. Isto não é exacto; todos elles têm uma religião; a differença é: uns tinham uma verdadeira theogonia, ao passo que outros só tinham um ou outro espirito superior, a quem attribuiam certas qualidades sobrenaturaes.

Mas a distincção nem por isso é menos exacta, n'este sentido: ha uma grande differença entre as duas raças debaixo do ponto de vista do desenvolvimento do instincto religioso.

A primeira das duas, a que eu darei o nome de *abauna*

(indio escuro) para servir-me de uma designação tupi, me parece uma raça pura, porque seus caracteres são constantes.

Se algum dia se vier a confirmar a opinião da origem do homem pelas diversas regiões geographico-geologicas do globo, é essa a familia autochthone do nosso Brasil.

A outra familia, mais poderosa e intelligente, a que eu chamarei *abaju*, me parece mestiça: eu não me refiro a um mestiçamento recente depois da descoberta da America, e sim ao que se deu em tempos prehistoricos, como já notei. Penso que ella é mestiça: 1.° porque se approxima mais da raça branca do que a abauna; segundo porque, ao passo que a côr da primeira é constante e invariavel, esta apresenta nuanças mais ou menos carregadas, o que seria inexplicavel a não ser a primitiva fusão dos sangues, a qual, como se sabe, produz commummente o phenomeno de reproduzir depois do intervallo de muitas gerações, os typos dos progenitores, pela conhecida lei do atavismo. D'estas differenças de côr nós encontramos vestigios até na denominação das tribus, o que indica que o phenomeno foi notorio aos proprios selvagens: sirvam-me de exemplo estas expressões: *tupiuna* e *tupitinga*, isto é: *tupis pretos* e *tupis brancos*, nomes que disignavam tribus do valle do Amazonas.

O phenomeno de differença de côr, que não póde encontrar explicação na acção dos meios, por que esta foi a mesma para todos elles, é documento de incontestavel autenticidade para provar a mescla do sangue.

Os viajantes mais respeitaveis referem-nos que, no meio dos aborigenes americanos, encontram-se alguns quasi brancos.

Entre os tupis conheço typos muito approximados do branco; ha no collegio Izabel um menino guajajara, de nome Vicente, que, a não ser uma leve obliquidade nas

arcadas superciliares, seria tomado como um branco puro. A tribu appareceu no Araguaya em meu tempo vinda dos sertões onde era improvavel um cruzamento recente; eu conheci os pais, indios legitimos, e bastante escuros, se bem que tupis. Portanto, é esse um facto de atavismo bem caracterisado e que pude e póde ainda ser observado em todos as suas circumstancias. Este facto é aliás commum entre os tupis.

Na raça *abauna*, não só não se encontra isso, como mesmo não se notam nuanças no seu amarello escuro, tirando para a côr do chocolate. Em compensação encontram-se numerosos individuos reproduzindo o cabello ruivo, que se suppõe ser um traço caracteristico do homem primitivo; entre outros citarei o capitão da Aldêa do Meio nas Intaipavas do Araguaya, da tribu dos *Chambiods*, e de nome Dereque.

D'estes factos resulta: se o atavismo reproduz os typos de onde veiu o cruzamento, segue-se que a raça *abaju* é mestiça e portanto um ramo, e a raça *abauna* é primitiva.

Approxima-se esta da mongolica pela côr amarella, estructura pyramidal da cabeça, obliquidade das arcadas superciliares, saliencia das orbitas e do molar, pela depressão da abobada frontal, identidade na côr dos cabellos e olhos, e na pouca densidade das villosidades.

Distingue-se: pela côr que é mais fechada, pela horizontalidade dos olhos que não acompanha a obliquidade das sobrancelhas como no mongol, e que n'este ultimo constitue um traço caracteristico; pelo angulo do maxillar inferior quazi recto, pela estructura ampla e desenvolvida da caixa toraxica, tão fragil e deprimida no mongol; pela grossura do calcaneo e largueza do tarso, que no mongol são ainda mais finos do que no branco; pela estatura elevada e solidamente musculada, a qual contrasta com as fórmas pequenas e fanadas do mongol, sobretudo na musculação do torço, e na estructura ampla e desenvolvida do tronco até á cabeça.

Eu tenho aqui uma cabeça de uma estatueta de argilla, encontrada pelo Dr. Tocantins dentro de uma *ygaçaba* dos antigos aterros de Marajó, onde o primitivo estatuario, fazendo uma obra tosca e grosseira, reproduziu comtudo com admiravel fidelidade os caracteres da raça que venho de descrever; com effeito, na grosseira e rude obra vê-se o plano pyramidal da estructura da cabeça, a obliquidade das sobrancelhas, a horisontalidade dos olhos, o recto do angulo do maxillar inferior, e até a bracocephalia. Esta rude obra é mais um documento que nos indica, que os caracteres que eu assignalei eram de tal fórma communs que foram notorios aos proprios selvagens.

Cruzamentos recentes.

Os cruzamentos modernos tomaram diversas denominações segundo os troncos progenitores. O indio e branco produziram uma raça mestiça, excellente pela sua energia, coragem, sobriedade, espirito de iniciativa, constancia e resignação em soffrer trabalhos e privações; é o *mameluco*, tão justamente celebre na historia colonial da capitania de S. Vicente. Infelizmente estas boas qualidades moraes são compensadas por um defeito quasi constante: o da imprevidencia ou indifferença pelo futuro. O *mameluco*, como o indio seu progenitor, não capitalisa, nada poupa. Para elle o mèz seguinte é como se não existisse. Será falta de educação, ou será a falta de uma faculdade? E' falta de educação, porque, para esses pobres, a patria tem sido madrasta.

O cruzamento do indio com o negro deu em resultado uma linda raça mestiça, côr de azeitona, cabellos corridos, intelligente e com quasi todas as qualidades e defeitos da precedente, e que é conhecida no norte com o nome de *cafuz*, e no sul com o nome de *caburé*.

Os traços physicos caracteristicos, ao menos para mim, que subsistem da raça indigena n'estes dois mestiçamentos, são : a cabeça, a qual conserva a depressão da testa e a estructura approximando-se da do indio; a villosidade da fronte, estendendo-se em angulos salientes, nas fontes, com os vertices oppostos; as orbitas e o molar salientes, o diametro transversal dos angulos posteriores do maxillar inferior quasi igual ao diametro parietal do craneo; o cabello corrido e extremamente negro; barba e villosidades do rosto e pescoço extremamente raras. No corpo, a solida e vasta estructura do tronco, a largura das espaduas em contraste com o pouco desenvolvimento da bacia, a energia da musculação e a finura e delicadeza das extremidades, são traços que resaltam logo aos olhos do observador.

O cruzamento d'estas raças, ao passo que misturou os sangues, cruzou tambem (se nos é licito servirmos-nos d'essa expressão) a lingua portugueza, sobretudo a linguagem popular. E' assim que, na linguagem do povo das provincias do Pará, Goyaz, e especialmente de Matto-Grosso, ha não só quantidade de vocabulos tupís e guaranis accommodados á lingua portugueza e n'ella transformados, como ha phrases, figuras, idiotismos, e construcções peculiares ao tupí. Este facto mostra que o cruzamento physico de duas raças deixa vestigios moraes, não menos importantes do que os do sangue. O notavel professor norte-americano C. F. Hartt nota que são rarissimos os verbos portuguezes que tem raizes tupís, e cita como um d'esses raros exemplos, talvez unico, o verbo *moquear*. Se o illustre professor houvesse viajado outras provincias, veria que esse exemplo não é isolado, e que não temos um, mas muitos verbos vindos do tupí, e alguns d'elles tão expressivos e energicos que não encontramos equivalentes em portuguez; citarei entre outros os seguintes : *espocar* (Pará) por : arrebentar abrindo; *petequear*

(Minas, S. Paulo) por: jogar peteca; *entocar* (geralmente em todo o Brasil) por: metter-se em buraco, ou figuradamente, por: encolher-se, fugir á responsabilidade; *gapuiar* (Pará, Maranhão) por apanhar peixe ; *cutucar* (geral) por : tocar com a ponta ; *espiar* (geral) por : observar; *popocar* (Pará, Maranhão) por : abrir arrebentando ; *pererecar* (geral) por : cahir e revirar ; *entejucar* por : embarrear ; *encangar* por : metter os bois no jugo ; *apinchar* por : lançar, arremessar ; *capinar*, por limpar o mato ; *embiocar*, por : entrar no buraco; *bobuiar*, por : fluctuar ; *catingar*, por : exhalar máo cheiro; *tocaiar* por : esperar, etc. são outros tantos verbos com que o tupi enriqueceu a lingua popular dos habitantes do interior do Brasil, lingua ás vezes rude não o contestamos, mas ás vezes tambem de uma energia e elegancia de que só póde fazer idéa, aquelle que tem estado em uma roda de gaúchos folgazões a ouvil-os contar a historia de seus amores, suas façanhas de valentia, ou as lendas, as vezes tão tocantes e poeticas de suas superstições, metade christãs, metade indigenas.

Assim como muitos seculos depois de haverem passado os povos que fallaram o sanscrito e o quichua, se encontra n'esta ultima lingua os vestigios d'aquella familia; assim tambem d'aqui a mil annos, quando já não houver no sangue dos habitantes do Brasil a mais leve apparencia d'esta pobre raça, que ainda hoje domina talvez uma quinta parte do solo da nossa terra, ahi estarão na lingua por elles modificada os imperecedores vestigios de sua coexistencia e communhão comnosco.

Se dos verbos passassemos aos substantivos, nomes de animaes, lugares, plantas, ver-se-ia que nada menos de mil vocabulos, quasi uma lingua inteira, passou e veiu fundir-se na nossa, assim como com o cruzamento tem passado e

ha de continuar a passar o sangue indigena a assimilar-se e confundir-se com o nosso.

Aquelles que estudam estectica dizem que nas linguas dos povos barbaros, muito mais laconica e muito menos analytica dos que as dos povos cultos, as imagens succedem-se, supprindo ás vezes um longo raciocinio. A poesia de nossos selvagens é assim; o mais notavel é, que o nosso povo servindo-se aliás do portuguez, modificou a sua poesia tradicional pela dos indios. Aquelles que tem ouvido no interior de nossas provincias essas dansas cantadas, que com os nomes de cateretê, cururú, dansa de minuanos e outros, vieram dos tupís incorporar-se tão intimamente nos habitos nacionaes, notarão que de ordinario parece não haver nexo algum entre os diversos membros de uma quadra. Lendo eu uma analyse de cantos dos arabes, tive occasião de notar a estranha conformidade que havia entre aquella e a poesia do nosso povo; o critico que as citava, dizia: «para nós que estamos acostumados a seguir o pensamento em seus detalhes, é quasi impossivel perceber o nexo das idéas entre imagens apparentemente destacadas e desconnexas; para os povos selvagens, porém, esse nexo revela-se na pobreza de suas linguas, pela energia das impressões d'aquellas almas virgens, para quem a palavra fallada é mais um meio de auxiliar a memoria, do que um meio de traduzir impressões». Appliquei esse prencipio de critica á nossa poesia popular, sobretudo aos cantos d'aquellas populações mestiças, onde as impressões das raças selvagens gravaram-se mais profundamente, e vi que effectivamente, supprindo-se por palavras o nexo que falta ás imagens expressadas por elles em fórmas laconicas, revela-se um pensamento energico, ás vezes de uma poesia profunda e de inimitavel belleza, apezar do tosco laconismo da phrase. Consintam-me que eu analyse debaixo d'este ponto de vista tres quadrinhas, uma do Pará,

uma de S. Paulo e uma de Mato-Grosso, todas ellas ouvidas entre milhares de outras, quando, nas longas viagens nos ranchos de S. Paulo, nas solitarias e desertas praias do Tocantins e do Araguaya, ou nos pantanaes do Paraguay, meus camaradas ou os tripolantes das minhas canôas mitigavam com ellas as saudades das familias ausentes, ou as tristezas d'aquellas vastas e remotas solidões.

Comecemos pelo Pará, onde ouvi a seguinte:

Quanta laranja miuda,
Quanta florinha no chão!
Quanto sangue derramado
Por causa d'essa paixão.

Estas imagens desconnexas, desde que se lhes applique a regra critica de que acima fallei, traduzem um pensamento profundamente poetico e expressado com grande energia, pensamento que, se tivessemos de traduzir em nossa linguagem analytica, ficaria assim: « Essa paixão passou por mim e fez derramar tanto sangue como a tempestade, que derrama pelo chão as flôres ainda pequenas e os fructos não sazonados».

Agora uma de S. Paulo:

Pinheiro, dá-me uma pinha;
Roseira, dá-me um botão;
Morena, dá-me um abraço,
Que eu te dou meu coração.

Fazendo a mesma traducção que acima, as imagens, á primeira vista tão sem laço umas com as outras, agrupam-se

para traduzir energicamente o pensamento do bardo semi-selvagem, que para nós seria redigido assim :« Um abraço teu, morena, é tão precioso como a pinha o é para o pinheiro, como o botão de rosa o é para a roseira ; dá-me-o, que em troca dar-te-hei o que tenho tambem de mais precioso que é o meu amor».

Agora uma de Cuyabá, para mostrar que de uma extremidade a outra do Imperio o systema da poesia popular foi vazado no laconico, rude, mas energico molde do lyrismo selvagem :

O bicho pediu sertão;
O peixe pediu fundura;
O homem pediu riqueza;
A mulher a formosura.

Isto é: « a formusura é tão indispensavel á mulher, e a riqueza ao homem, como para o peixe é indispensavel a fundura das aguas, e para o animal selvagem a vestidão das terras interiores, a que chamamos sertão».

Ha sem duvida alguma, muita rudeza n'estas fórmas, mas em compensação, quanta novidade e energia de comparações !

Não cito estes exemplos como especimens de litteratura popular; n'esse campo eu tenho em meus apontamentos de viagem elementos para escrever um livro; trouxe-os para mostrar o como, a par do cruzamento physico, a lingua e a poesia popular soffreram a energica acção do contacto d'essa raça; se me fora dado entrar na analyse das superstições populares do Brasil, o leitor veria que essa acção do cruzamento revela-se em factos moraes muito mais extensamente, do que a principio parece a nós, que raramente nos dedicamos a observar estas cousas, porque, como diz um escrip-

tor, quanto mais communs os factos, mais difficeis de observarem-se. Tenho porém necessidade de proseguir, estudando um assumpto mais importante.

Nós temos sido ingratos e avaros para com esses mestiços, que já concorrem em alta escala com o seu trabalho para nossa riqueza. Eu que tenho experimentado a rara dedicação d'elles, por que devo duas vezes a vida a individuos d'essa raça, peço licença para examinar, mais detidamente, a sua influencia como elemento de trabalho e de riqueza para nossa terra. Ha ahi uma rica mina a explorar-se, tanto mais quando é hoje sabido, que a mistura do sangue indigena é uma condição muito importante para aclimatação da raça branca em climas intertropicaes como o nosso.

Talvez que com os factos que passo a expender comprehendamos que, ao passo que gastamos quasi esterilmente milhões com colonisação europea, é triste que figure em nossos orçamentos apenas 200 contos para utilisar pelo menos meio milhão de homens já aclimatados e mais proprios, mesmo pelos seus defeitos e atrazos, a arcarem com os miasmas de um clima intertropical como o nosso, e com a salvageria de um paiz quasi ainda virgem, onde a raça branca não póde penetrar sem ser precedida por uma outra, que arroste e destrua por assim dizer a primeira braveza de nossos sertões. E note-se que esses duzentos contos além de serem recentes, são nominaes; com selvagens não se despende a quinta parte, por quanto, é com a verba de catechese que se fazem conventos nos povoados das capitaes, e pagam-se congruas a missionarios que preferem as cidades e povoações christãs ás aldêas do selvagem.

Raças mestiças como elemento de trabalho

A experiencia, tanto aqui no Brasil, como nas republicas

sul-americanas, demonstra que o nosso indio não se presta a genero nenhum de trabalho sedentario. No entretanto uma das maiores e das mais esperançosas industrias, que é a pastoril, vive na America do sul quasi que exclusivamente á custa do trabalho do indio, ou da raça mestiça, sua descendente, que conserva quasi os mesmos costumes, e as mesmas necessidades.

No sul do Imperio as provincias onde as industrias pastoris hão attingido a um grande desenvolvimento, são as de S. Pedro, Paraná, Mato-Grosso, Goyaz e S. Paulo. Se attendermos á circumstancia muito importante de que quasi todo o interior do Brasil é coberto de campos ; que os matos são raros, que o velho mundo necessita mais de carne do que de café ou de assucar, e que as industrias pastoris são as que exigem menor numero de braços, menor emprego de capitaes, e maior extensão de terras, em comparação com outras industrias; se considerarmos ainda, que só ellas quasi que não necessitam de estradas para serem seus productos transportados á grandes distancias, ver-se-ha a immensa importancia que podem vir a ter os terrenos do interior do Brasil, desde que se fomente com methodo este genero de industria.

Quem viaja o interior do Imperio com algum espirito pratico de observação, nota o seguinte : A lavoura só é sustentada em uma certa escala pela raça branca, com o braço do escravo negro ou do mestiço do branco e do negro; que a industria pastoril, propriedade aliás da raça branca, é mantida com o braço indigena, ou com o mestiço do branco e do indigena.

Quem assiste pela primeira vez ás curiosas feiras de Sorocaba, ao passo que vir chegarem as grandes tropas de S. Paulo, do Paraná, do Rio Grande, do estado Oriental e das outras republicas do Rio da Prata, ficará sorpreso da extra-

nha conformidade que ha de notar no typo do vaqueiro. Aquelles homens de longos cabellos pretos, tez bronzeada, cara quasi sem barba, grande caixa thoraxica, cabeça, pés e mãos pequenos, parecem todos irmãos, e antes membros da mesma familia, do que povos de regiões e ás vezes até de lingua diversa. O *caepira* de S. Paulo ou Pará, o *caburé* de Mato-Grosso ou de Goyaz, o *gaúcho* de S. Pedro ou das republicas do Prata, tem approximativamente os mesmos traços, e estes tão caracteristicos que é impossivel aos olhos menos exercitados fixal-os com alguma attenção sem reconhecer n'elles a mesma raça.

O descendente do indio ou o mestiço do indio e do branco são o vaqueiro por excellencia em toda America do Sul, ou pelo menos nas partes que eu citei; porque outra cousa não é o *caepira* de S. Paulo e Paraná, o *caburé* de Mato-Grosso e Goyaz, ou o *gaúcho* do sul. E nem ha n'este facto cousa alguma de estranhavel. Hoje que a anthropologia tem estudado o homem natural, debaixo do duplo aspecto physico e moral, sabe-se que as diversas raças humanas só são productoras quando applicadas aquelle genero de trabalho, que está conforme com o periodo de civilisação em que ella se acha, periodo que não póde ser transposto, ou invertido, sem destruir-se e quasi anniquilar-se a raça que se pretende passar por esta transformação; o estado actual do Brasil é fazer uma confirmação pratica d'este postulado da sciencia.

A sciencia assignalaria duas poderosas razões, pelas quaes o typo do vaqueiro na America do Sul é o indio ou seu descendente, e não é, e nem póde ser, o branco. A cultura dos rebanhos de ovelhas, manadas de gado, ou lotes de animaes muares e cavallares, expõe o homem que se entrega a ella á uma acção mais directa dos agentes atmosphericos, do que aquelle que se entrega a agricultura pro-

priamente dita, e muito mais, sem comparação alguma, do que aquelle que se dedica á industrias manufactureiras.

Supportará tanto mais facilmente a acção dos agentes atmosphericos, ou exhalações teluricas aquella raça que mais aclimada estiver á ellas.

Ao passo que as raças aborigenes, expondo-se a acção d'esses agentes, não fazem mais do que seguir o curso natural d'aquelles velhos costumes, que pela acção do tempo as tornaram immunes para soffrer com o seu contacto; a raça branca, que não goza da mesma immunidade, porisso mesmo que é raça peregrina, expondo-se a ellas, entrega-se voluntariamente ou á uma causa de destruição, ou quando menos de degradação. Atire-se uma semente de qualquer planta peregrina no mais fertil de nossos campos e deixemol-a entregue a si mesma. Ella germinará mas não dará fructo, suffocada dentro em pouco pela vegetação indigena. A planta, o animal, o homem, obedecem todos á mesma lei de aclimatação.

Uma outra razão pela qual o trabalho do branco não póde rivalisar com o do indio, ou do mestiço seu descendente, nas industrias que suppõe a vida nomade, é o gráo mais adiantado de civilisação em que se acha aquelle em comparação com este.

Se a civilisação torna o homem mais forte pela união com os seus semelhantes, e pela divisão do trabalho, torna-o muito mais fraco, muito mais cheio de necessidades desde que se isole da sociedade.

Qualquer de nós não poderia vivêr sem o trabalho de mais de cem de nossos semelhantes; as roupas, as casas, a comida, os objectos mais indispensaveis da vida, na nossa organisação social, dependem do concurso de tantos, que esta expressão: um homem que baste a si mesmo, é uma idéa que apenas póde ser concebida pela imaginação, mas que não tem realidade.

Não acontece isto com o selvagem nem com o seu descendente. Quanto mais se isola tanto mais prepondéra a sua superioridade.

O *caepira* de S. Paulo e Paraná, o *caburé* de Goyaz e Mato-Grosso, o *gaúcho* do Rio Grande, Uruguay e republica argentina, são o vaqueiro, o pastor por excellencia, porque são os descendentes d'aquella raça que está habituada a vida nomade.

Esse viver errante, passado em cima do cavallo, a correr campos, a estar sempre em contacto com a natureza, sentindo-lhe as impressões; as privações mesmo d'essa existencia que seriam insupportaveis para o branco; a necessidade de muitas vezes dormir ao relento; a de alimentar-se exclusivamente de caça, mel e palmito, o que para quem não está habituado equivaleria a um regimen de privações, são para o *caepira*, o *caburé* e o *gaúcho* outras tantas fontes de prazer, elementos de felicidade e alegria, que tornam para elle farta e regalada uma existencia que seria insupportavel para o branco.

Quem, viajando as provincias pástoris de Corrientes e Entre-Rios, tiver occasião de observar os preparativos com que um *gaúcho* se dispõe a fazer uma viagem de muitos dias, comprehenderá a grande razão economica que faz d'elle o typo insubstituivel do vaqueiro americano. Os mais cuidadosos levam um surrãozinho de mate, uma garrucha, que é arma de defeza e de caça, um laço enrolado nas argolas da *silla*, um pouco de fumo no bolso do cheripá; e a isto se limita a bagagem com que transpõe centenares de leguas.

E' essa sobriedade que explica a existencia de exercitos como os de Lopez Jordan, e de outros caudilhos.

As industrias extractivas do norte estão no mesmo caso, e só vivem e medram porque existe o *tapuio*, e já represen-

tam nas provincias do Pará e Amazonas uma exportação de doze mil contos annuaes.

Quem visita uma canôa de *tapuios*, que saia do Pará para a safra da borracha, ficará tão sorprehendido da sobriedade dos preparativos d'essa expedição, que pelo commum dura seis mezes, quanto aquelle que tem occasião de observar os preparos que faz o *gaúcho* oriental para suas viagens, e de que a pouco fallei.

Na canôa destinada a servir-lhes de morada durante seis mezes, vêm-se alguns paneiros de farinha, que de ordinario não aturarão mais de oito dias, um pacote com algumas arrobas de pirarucú secco, sal, anzóes, armas de fogo, mais provisão de polvora do que de farinha, alguns molhos de fumo, violas e um adufo. Os preparos para uma viagem d'estas, em uma canôa que transporta toda a familia, de 10 a 15 pessoas, fazem-se com 30 a 40 mil réis; em quanto que o operario branco, com as necessidades filhas da civilisação, não a realisaria sem despender centos de mil réis, e ainda assim sujeitando-se á privações a que raras vezes sua saúde resistiria.

Quem visita os seringaes da foz do Amazonas conhece logo á primeira vista,que é o *tapuio* e não o branco que foi creado para aquella vida. A barraca do regatão (é o nome do negociante branco) está provida de tudo; roupas, mantimentos, vinhos, licores; elle colleccionou o que poude para trocar pela borracha do *tapuio* ; elle gosa de todos esses commodos, emquanto que a barraca do *tapuio* ou é a sua propria canôa ou é uma vasta choça levantada sobre seis ou doze forquilhas, aberta de todos os lados, e mal coberta com palmas de bossú ou inajá. Um veado, uma anta ou qualquer outro animal dependurado por uma perna de um dos caibros de casa, algumas mantas de peixes salgados, os utensilios para fabricar a borracha, que são um machadinho e

panellinhas de argilla, algumas redes fumarentas atadas nos esteios da casa, as armas de fogo dependuradas dos mesmos esteios; raras vezes um pote d'agua, ou um peito de jacaré, para servir de cadeira, alguns arcos e flexas para apanhar peixe; eis o interior da casa do seringueiro, que na extracção da borracha, consegue um salario medio de 10$000 por dia.

O branco no meio das florestas, com os commodos de sua civilisação, é tão miseravel como o *tapuio* em nossas cidades com seu arco e flecha.

Se visitaes a barraca do branco, tereis occasião de avistar-vos com um ente pallido, quasi sempre inchado, doentio e triste, no meio d'aquella abundancia que elle reuniu alli para negociar com o mameluco. Se visitaes a barraca do *tapuio* á tarde e depois do serviço, comprehendereis pelas cantigas ao som da viola, os contos alegres e historias animadas como elle vive feliz e na abundancia no meio d'aquella pobreza, que para vós seria o cumulo das privações, e que para elle é a mais alta expressão da riqueza e da abundancia.

D'esta serie de factos resulta, o estado de atrazo de civilisação de nossas selvagens; suas poucas necessidades não são defeitos senão para empregal-os em industrias sedentarias, para as quaes são completamente improprios. Desde porém que, seguindo o methodo razoavel e unico productivo de empregar o homem n'aquillo que está conforme com seus habitos, se tratar de applicar o selvagem ás industrias pastorís e extractivas, industrias estas a que está reservado um grande futuro, elle se ha de prestar a ellas melhor do que qualquer das raças que habitam a America, como se está prestando.

O *caepira* de S. Paulo e Paraná, o *caburé* de Goyaz e Mato-Grosso, o *gaúcho* do sul e republicas platinas, e o *tapuio* do

norte, que não são senão o indio americano, ou o mestiço seu descendente, representarão na producção da America do sul um papel tão importante como o branco, desde que se attribua a elles os productos das industrias pastoris e extractivas, nas quaes elles são o braço que trabalha, e portanto o instrumento principal de taes industrias.

A' vista d'estes factos, cujo exame está ao alcance de todos, e que já teriam sido observados, se nós não tivessemos um gosto decidido para examinar as cousas da França, Inglaterra e Estados-Unidos, com preterição do estudo de nosso paiz e de nossas cousas; á vista d'estes factos, as pessoas que se occupam de resolver o difficil e importantissimo problema de braços para utilisar as riquezas quasi infinitas d'este solo onde tudo é grande, excepto o homem: á vista d'estes factos estou autorisado a concluir: o braço indigena é um elemento que não deve ser desprezado na confecção e preparo da riqueza publica.

Tem-se-me observado muitas vezes, que os norte-americanos, muito mais adiantados do que nós, não encontram outro meio de catechisar os seus selvagens senão o exterminio. Certamente que os Estados-Unidos são um grande paiz, e que tem muitas, muitissimas cousas em que nos são superiores. Mas d'isto não se segue, que, tudo que elles não poderam fazer, nós tambem o não possamos, e nem tão pouco que nos sejam superiores em tudo, porque, certamente que não o são. Poderam elles por ventura libertar os seus escravos sem derramar rios e rios de sangue? Não. Pois nós vamos libertando os nossos no seio da mais profunda paz e sem ver parar e nem ao menos entorpecer as fontes da nossa riqueza. Como notei acima, e esta nota é de importancia capital, o braço indio não é productivo em industrias sedentarias; ou examine-se esta these perante a sciencia, ou empiricamente á luz dos factos e da experiencia, a con-

clusão é uma só. Onde quer que foi possivel empregar o selvagem como caçador ou pastor, elle excedeu muito á raça branca, excedeu porque, como reflexionei atraz, seu proprio atrazo, suas poucas necessidades que constituem obstaculos invenciveis a que se elle adapte á industrias sedentarias, constituem tambem virtudes e qualidades de subido valor para todas aquellas que suppõe um viver nomade errante e independente d'isto, que para nós são commodos indispensaveis, mas que para elles são peias e incommodos, tanto quanto para nós seria o adoptarmos seu genero de vida errante e selvagem.

Nós temos para utilisar o braço selvagem duas fontes de riqueza, em que elles hão feito suas provas, e nas quaes temos tirado resultados conhecidos: nossos vastos campos apropriadissimos como os de nenhum outro paiz do mundo as industrias pastorís; e nossas vastas florestas do Amazonas, Goyaz e Mato Grosso, abundantemente providas de materiaes para utilisar milhões de braços nas industrias extractivas da borracha, cacáo, salsaparilha, ipecacuanha, cravo, oleo de copahyba, e multidão de outras que já representam em nossa riqueza publica, uma somma de cerca de 15 mil contos de valor annual de exportação. Os norte-americanos estavam por ventura nas mesmas condições? Não por certo; elles não podiam applicar o braço indigena senão na agricultura ou nas fabricas; o indigena não se podia prestar a isso, porque por uma lei traçada pela mão de Deus, e a que o branco esteve, e está sujeito tambem, elle não póde ser agricultor sem ter sido pastor e caçador.

O argumento pois dos Estados Unidos nada prova. Os norte-americanos extinguiram seus selvagens; nós os sul-americanos havemos de aproveitar os nossos, como já os estamos aproveitando em escala muito maior do que parece a quem não tem viajado o interior, ou não presta a attenção

devida á qualidade da raça que ministra os mais abundantes braços de trabalho para certas industrias. Se me fôra licito entrar aqui em um calculo da exportação que é na America do Sul devida ao braço selvagem ou ás raças mestiças, derivadas d'elle, ficar-se-ha sorprendido do elevado de sua cifra; talvez não represente nada menos de cem mil contos annuaes !

Deixemos pois de parte a experiencia dos Estados-Unidos e das possessões inglezas da America do norte; n'este ponto elles têm que aprender comnosco, e muito mais o terão desde que nos deliberemos a emprehender n'este sentido um trabalho systematico e methodico, cujo plano peço licença a esta associação para resumidamente esboçar; e nem se me estranhe isto, porque é no seio das associações scientificas que na Inglaterra, na França e na Allemanha se hão elaborado as resoluções dos mais ingentes problemas praticos d'essas grandes nações.

Em escriptos anteriores, e nomeadamente em uma memoria que ha dois annos li n'esta associação, mostrei que o primeiro elemento para collocar uma raça em contacto com outra é a communidade da lingua. Este é o primeiro passo de uma catechese regular.

Mas como conseguir que os brasileiros se dediquem a estudar linguas selvagens? Isto é impossivel;quando houvesse a boa vontade faltariam os elementos para esse estudo;a pequena collecção que eu possuo em uma unica lingua custou-me muito dinheiro, e muito tempo.

Mas se não é possivel fazer os brasileiros estudarem as linguas selvagens, é possivel, é facil educar meninos selvagens que, continuando com o conhecimento da lingua materna,sejam nossos interpretes,o laço entre a civilisação aryana, de que nós somos os representantes, e essa civilisação

aborigene que ainda não transpôz os limites da idade de pedra, e de que elles são os representantes.

Em 1871 creou-se n'este plano, e sob a protecção da serenissima princeza imperial, o collegio Isabel; estão ahi representadas hoje todas as tribus do Araguaya, nos 52 alumnos que conta. Figure-se mais 10 annos; representemos pela imaginação que em cada uma d'essas tribus, algumas das quaes são inteiramente barbaras, figuremos, digo, que o viajante que as tiver de visitar encontra 10 ou 12 pessoas que fallem a nossa e a lingua aborigene, que saibam ler e escrever, que sejam indigenas pela lingua e sangue, mas que sejam brasileiros e christãos pelas idéas, sentimentos e educação; não é muito provavel, pergunto, que essa tribu, seguindo as leis naturaes da perfectibilidade humana, se transforme senão em tudo, pelo menos tanto quanto baste para começar a ser util? Parece que sim. A historia da humanidade dá testemunho de que as transformações dos povos só se hão effectuado aos impulsos de um homem de sua mesma raça.

Ou eu me illudo muito, ou os numerosos indios d'essa vasta região estarão utilisados em menos de 15 annos.

No meu modo de pensar a idéa do collegio Isabel deve ser proseguida da seguinte fórma : Devemos crear instituições identicas no Pará, no Amazonas, em Mato-Grosso, e todas ellas sujeitas a um collegio central, que será tambem o collegio de interpretes que se deve fundar n'esta côrte.

O collegio central de interpretes na côrte deve ser uma especie de instituição como o collegio de Pedro II, ou qualquer de nossas instituições de beneficencia, em que a politica não se venha metter, porque crestal-a-ha com seu contacto; digo que a politica seria um elemento de destruição, não porque ella seja em si uma cousa má; creada

para governo do Estado, ella é util para esse fim: mas desde que ultrapassa esse limitte, como entre nós tem ultrapassado para intrometter-se em assumptos de educação, ou em quaesquer outros que lhe sejam alheios, ella os estraga convertendo-os em meios de governo, quando elles devem ser meios para aquillo a que se destinam.

Cada um dos collegios filiaes de Goyaz, Pará, Amazonas e Mato Grosso, deveria enviar ao collegio central os mais intelligentes de seus alumnos, e representantes das 4 ou 5 grandes linguas sul americanas.

Os meninos, recebidos no collegio central, aprenderiam não só os officios de carpinteiro e ferreiro, como receberiam uma educação intellectual pratica, de modo a serem regulares administradores, começando por fazel-os parcialmente administrar serviços no collegio, a exemplo do que fizeram os jesuitas no Paraguay. Esses meninos, assim educados, seriam depois empregados pelo mesmo collegio, mediante um ordenado, a irem ter residencia em suas respectivas tribus para governal-as, não com caracter de imposição, mas sendo as influencias naturaes, haviam de adquerir grande ascendente entre os seus, tornando-se o canal pelo qual lhes dessemos a pouca ferramenta de que necessitam para as industrias extractivas, ou os primeiros elementos para crearem entre si a industria pastoril.

Como nenhum plano pratico existe, em quanto se não calculam as despezas que elle traz, eu, pela experiencia que tenho do collegio Isabel, as calculo assim:

Tres collegios filiaes a 20:000$000.....	60:000$000
Collegio central 30 contos.....	30:000$000
Somma.....	90:000$000

Se attentar-mos a importancia que o braço indigena póde

representar em nossas industrias, e que este meio, se bem que lento, é de resultados seguros desde que a politica não venha desnaturar a instituição, concordar-se-ha comnosco que o sacrificio é nullo, e que o dinheiro assim dispendido será capital posto a muito bom juro nas arcas do futuro.

Avaliei as vantagens positivas, as que tocam a nossa riqueza como nação, e a importantissima questão de duas series de industrias que vão crescendo a olhos vistos, e cuja importancia foi tão sabia e proficientemente demonstrada pelo barão de Liebig, cuja perda a sciencia pratica da Europa tem tão amargamente chorado.

Se considerarmos porém, que as grandes linguas americanas são uma pagina importantissima da historia da humanidade, porque hoje sabe-se que tudo se encadêa n'ella; e que, linguas, religião, idéas moraes, nada é isolado na familia humana; se considerarmos que esta curiosa familia humana não tem ainda escripto a historia do homem do periodo de pedra; e que o nosso aborigene é um homem d'esse periodo, o que equivale a possuirmos n'elle um livro de historia mais antigo talvez do que o Genesis ou os Vedas; se considerarmos o immenso interesse que resultará para a anthropologia, a sciencia das religiões e a linguistica de conhecimentos aprofundados d'esta velha familia americana, cuja civilisação como que parou ainda antes do periodo em que a raça aryana fez as suas primeiras irrupções para fóra dos grandes *plateaux* da Asia central; se considerarmos estas cousas, veremos, que uma instituição d'esta ordem, além de ser a solução d'um problema pratico, que o nosso interesse de brasileiros nos chama a resolver, será tambem uma importante resurreição d'um velho passado, no qual os grandes sacerdotes, os Calcas da humanidade, virão buscar a prophecia de mais d'um problema do futuro.

CONSEQUENCIAS FUTURAS DO CRUZAMENTO

A quantidade de sangue indigena que se tem misturado e confundido na nossa população do Brasil é maior do que commummente se pensa. Mesmo em algumas provincias do sul (S. Paulo, Minas, Paraná, Rio-Grande) essa população mestiça é consideravel, e muito maior do que qualquer das provenientes puramente dos troncos branco e preto.

Ao passo que se remonta para o norte o sangue indigena predomina os mestiçamentos até que, no Ceará, Piauhy, Maranhão, Pará, Amazonas, elle corre mais ou menos misturado nas veias de cerca de dois terços da população.

Para bem avaliarmos a extensão dos cruzamentos no Brasil, podemos tomar sem receio de exageração o algarismo de cinco milhões de brancos, pretos ou mulatos, cruzados com aborigenes. Se ha erro n'este algarismo é para menos e não para mais.

O Sr. Quatrefages, diante d'este extenso cruzamento, pergunta: « Qual será o resùltado em relação á especie humana d'esta fusão de sangue, operada em tão alta escala no immenso cadinho da America? »

Depois de estudar a opinião dos diversos escriptores que se hão especialmente occupado d'essas questões (dos quaes alguns sustentam que a especie humana perderá com o cruzamento, porque a raça branca, incontestavelmente a melhor que existe, ficará degenerada), conclue, que o resultado final será benefico para a humanidade; nós accrescentaremos que será benefico tambem para o Brasil.

Sem poder entrar agora em um longo desenvolvimento do assumpto, porque só esta parte exigiria uma memoria tão extensa como a que escrevemos, não me dispen-

sarei, comtudo, de citar alguns factos e leis naturaes que confirmam, para nosso paiz, a consoladora previsão que a sciencia deduz d'estes cruzamentos.

Em primeiro lugar: Deus organisou a vida com leis tão sabias e inflexiveis que, não é possivel suppôr-se que taes cruzamentos fossem fecundos, se a Providencia Divina não tivesse em vista um melhoramento e um progresso na especie. E' sabido que, desde que os organismos dos sêres vivos têm entre si differenças especificas, ainda que seja fecunda a união dos dois, os filhos são estereis. Para não recordar senão um facto, que é muito vulgar entre nós, eu citarei o exemplo do cruzamento entre o cavallo e o jumento, cruzamento perfeitamente fecundo, ao passo que os hybridos resultantes d'esta união tornam-se infecundos e são incapazes de reproducção entre si. Ora, tanto o mulato, como o mameluco e o cafuz, não só gozam da faculdade da reproducção, como parecem possuil-a em maior extensão e desenvolvimento do que as raças puras de onde provêm. E d'este facto resulta que a differença entre os troncos humanos é accidental, sem o que os filhos se não reproduziriam; e que, se essa differença torna-se importante quanto aos phenomenos intellectuaes, não deve ser lançada á conta das raças e sim á falta de educação, pobreza, clima e todas essas que os naturalistas capitulam com o nome de *acção dos meios*. Hoje está averiguado que existem raças perfeitamente brancas, que ainda estão no periodo da idade de pedra, e, portanto, iguaes em civilisação a nossos selvagens, e inferiores aos negros do Haity e S. Domingos.

Os troncos humanos não morrem; transformam-se. A unica transformação que vinga e predomina é aquella que fica mais em harmonia com as circumstancias locaes em que se têm de exercitar as diversas e variadissimas funcções da vida. E' isto o que se dá com os homens e com os

animaes em toda parte, e é isto o que terá lugar com o Brasil. Não só o bom senso indica *a priori* esta opinião; ella resulta igualmente dos factos que já podemos observar em nossa curta historia do Brasil; digo curta porque: *natura non facit saltum*, e suas transformações são lentas e não se completam senão no decurso de muitos seculos.

Mas, não seria melhor que o Brasil fosse povoado só por brancos? Para responder sensatamente a esta pergunta é necessario ter em consideração diversos factos, e leis physicas.

E cousa averiguada que a aptidão para a acclimatação em um paiz quasi todo intertropical não é igual para todos os troncos. O negro resiste melhor ao calor do que o branco; o indigena se deve considerar como um termo medio entre esses dois extremos. Em 1857, viajando eu de S. Paulo para Minas, succedeu que pousassem comigo no mesmo rancho uma familia de colonos allemães recentemente chegados, e um comboi de escravos pretos idos do Rio de Janeiro. Emquanto os pretos se reuniam ao pé do fogo para aquecerem-se ao seu calor — os allemães suavam e pereciam suffocados de calor dentro do rancho. Este contraste de sensações oppostas, produzidas pelo mesmo gráo de temperatura, indica bem claramente a aptidão de cada tronco para habitar paizes quentes ou frios.

Um facto, que terá sido observado por todos, é a prompta degradação da raça branca no Brasil, sobretudo nas cidades do littoral, ou nos lugares onde abundam miasmas paludosos. Na provincia de Goyaz existe uma grande região conhecida com o nome de *vão do Paranã* onde só o negro, o mulato e o mameluco podem viver; o branco, que alli fôr residir, morre cedo ou tarde de febres paludosas; a cidade de Mato-Grosso, na provincia do mesmo nome, está tambem n'esse caso; a acção deleteria do clima tem alli extinguido

a raça branca. Nos vastos seringaes da provincia do Pará, ao passo que o negociante branco (o regatão), não vive alli alguns mezes sem voltar inchado, pallido e anemico, o *tapuio* medra, cresce e multiplica-se.

Mens sana in corpore sano, é a regra geral, se não o principio da superioridade intellectual. A raça branca pura, na terceira ou quarta geração, sobretudo nas cidades do litoral, dá apenas descendentes magros e nervosos, ou gordos, de carnes e musculação flacidas, e de temperamento lymphatico; se, sem robustez physica a intelligencia não é sã— a raça branca não póde conservar sua superioridade sem estes cruzamentos providenciaes que, no decurso do tempo, lhe hão de communicar esse gráo de força de que elle necessita para resistir a acção deleteria do clima de nossa terra.

Os estudos a este respeito tem descido já a grandes minuciosidades, e sabe-se hoje, que o melhor mestiço é aquelle que resultar do tronco branco, no qual se haja infiltrado um quinto de sangue indigena.

Não devemos conservar pois apprehensões e receios a respeito dos futuros habitantes do Brasil. Cumpre apenas não turbar, partindo de prejuizos de raças, o processo lento, porém sabio, da natureza. Nosso grande reservatorio de população é a Europa; não continuamos a importar africanos; os indigenas, por uma lei de selecção natural, hão de cedo ou tarde desapparecer; mas, se formos previdentes e humanos, elles não desapparecerão antes de haver confundido parte do seu sangue com o nosso, communicando-nos as immunidades para resistir a acção deleteria do clima intertropical que predomina no Brasil.

S. Agostinho dizia: *Deus é tão grande nos arcanos de sua providencia, que não permitte o mal senão porque d'elle sabe derivar o bem;* quer isto dizer: nós julgamos

muita vez que uma ordem de factos é um mal, porque a fraqueza de nossa intelligencia não póde alcançar as consequencias finaes, que são ordinariamente o bem; certamente que os systemas e prejuizos humanos perturbam e demoram muitas vezes a acção benefica da natureza; mas ella vence a final, e a lei natural, que é lei de Deus, a despeito das convenções humanas, marcha e tem sempre uma realização completa e plena.

Aqui no Brasil as raças mestiças não apresentam inferioridade alguma intellectual; talvez a proposição contraria seja a verdadeira, se levarmos em conta que os mestiços são pobres, não recebem educação, e encontram nos prejuizos sociaes uma barreira forte contra a qual tem de lutar antes de fazer-se a si uma posição. De mais, nosso exercito e armada, com a lei arbitraria do recrutamento (pagina escura da nossa historia, que cumpre eliminar quanto antes, porque é uma causa de desmoralisação, que abala a sociedade pelo mais poderoso de seus laços de união, que é o respeito a liberdade individual), perturba profundamente a paz das familias, e pesa quasi que exclusivamente sobre o mestiço. E nem se diga, que a quantidade da contribuição de sangue é tão diminuta, que rasoavelmente não se deve augurar que essa causa de perturbação possa influir para retardar o desenvolvimento da população crioula. Cumpre não julgar estas cousas por alto, e pensar nos factos positivos e nos algarismos antes de pronunciar taes juizos, que não podem ter valor senão tanto quanto são o resultado consciencioso da observação e dos factos. Quem examinar isso, verá as grandes e poderosas razões que levaram o governo a chamar a attenção do parlamento para essa lei, cuja reforma elle compendiou entre as mais urgentes. E com effeito, se considerarmos o Brasil com uma população de 10 milhões de habitantes, e se virmos que não

estão de facto sujeitos ao recrutamento 2 milhões de escravos, 3 milhões de estrangeiros, 3 milhões e quinhentos mil brancos ou mestiços ricos nacionaes, resta uma população de 2 milhões, dos quaes, se deduzirmos a metade para o sexo feminino, um terço para homens inferiores a 18 annos, ou maiores de 40, um $^{7}/_{0}$ para incapazes do serviço por molestia ou defeitos physicos, um $^{7}/_{0}$ para os que se empregam em profissões que os isentam do imposto de sangue, resta apenas uma população de 421 mil habitantes, que é annualmente perturbada e esmagada por essa lei cuja acção seria insensivel, se fôra repartida por toda massa dos habitantes do Brasil.

Tendo em conta estas causas que impedem a educação pela pobreza, que obstam a riqueza pela perturbação profunda do trabalho á aquelles que, para adqueril-a, não têm senão seus braços, póde-se por ventura affirmar, que as raças mestiças no Brasil apresentam inferioridade de caracteres intellectuaes e moraes aos da raça branca? Creio que não. A Bahia é das provincias do imperio aquella em que a raça branca mais intimamente se cruzou com a negra; o desenvolvimento intellectual n'essa provincia é um dos mais intensos do Imperio.

S. Paulo e Maranhão são as provincias em que a raça branca se cruzou mais profundamente com a indigena; S. Paulo está na vanguarda dos melhoramentos materiaes, e seria injusto aquelle que desconhecesse, que a provincia do Maranhão, attenta a sua população e recursos, é a que representa o mais energico movimento litterario do Imperio.

Nosso futuro por este lado é cheio de esperanças; não o perturbemos com guerras. A geologia nos ensina que no mundo physico a acção do fogo foi sempre perturbadora; produziu essas grandes serras de granito que encantam a vista, mas que são tão estereis como as glorias das armas

o são no mundo moral; os campos ferteis, as regiões previlegiadas, foram filhas dos tempos de paz em que as aguas elaboraram lentamente os continentes. Tomemos nós brasileiros essa lição da natureza; e já que somos a maior região physica da America, procuremos ser tambem a maior nação moral, não pela acção do fogo, mas pelos lentos e methodicos trabalhos das artes, da economia e das sciencias que são absolutamente incompativeis com as esterels glorias das armas, quer se as alcance em paizes estrangeiros, quer venham tintas com o sangue de nossos patricios.

VI

FAMILIA E RELIGIÃO SELVAGEM

Elementos moraes para classificação: familia, monogamia, polygamia e relações do homem com a mulher, entre os selvagens do Brasil. Religião selvagem. Instincto religioso. Idéa de Deus. Systema geral da theogonia tupí. Sentimento de gratidão para com o creador. Immortalidade da alma. Transfigurações. Lenda sobre Mani, que concebe em estado de virgindade. Nomenclatura dos deuses selvagens. Conclusão.

Não são os caracteres physicos, e sim os moraes, que entram como elemento principal em uma boa classificação anthropologica. Segundo as regras fixadas pela sciencia, o instincto religioso de cada raça é um elemento muito importante; e, se não é o primeiro, é pelo menos um dos mais

decisivos para tal mister. Não é a força physica, a belleza, a gentileza da fórma, que constituem, como entre os irracionaes, a superioridade de uma raça humana sobre outra, assim como não são as qualidades physicas que constituem a superioridade de um homem sobre outro.

Ha, sem duvida alguma, certos laços entre as perfeições das fórmas e os dotes moraes, que não se podem contestar; sobretudo ha certos limites que não podem ser excedidos impunemente: é assim que raras vezes um anão será um homem intelligente. A' parte, porém, os extremos limites que não podem ser ultrapassados impunemente, nada ha nas fórmas physicas do homem que indique com certeza superioridade moral. Partindo d'esta regra, cuja verdade é incontestavel, segue-se que aquellas classificações, que se limitarem a caracteres physicos, serão destituidas de importancia, porque ommittirão justamente o que o homem tem de mais caracteristico, que é sua natureza intellectual e moral.

Os mestres da sciencia prestam particular attenção ao sentimento de sociabilidade e ao sentimento religioso. Nós trataremos, pois, de estudar n'este capitulo as manifestações d'esses sentimentos entre os nossos selvagens. Este estudo é difficil por ser necessario evitar com igual cuidado, tanto o desdem, tão natural ao homem civilisado quando vai apreciar instituições barbaras; como o sentimento, não menos natural ao coração humano, de exagerar as vantagens de um estado de cousas qualquer, só porque o não conhece, e suppre, por um ideal da propria imaginação, aquillo que elle não sabe como é em realidade. Temos, pois, de evitar com igual cuidado as suggestões pessimistas, assim como o dominio do romance e da poesia.

PREJUIZOS ANTIGOS

O interesse é na historia um máo conselheiro.

Tanto os conquistadores hespanhóes e portuguezes, como os jesuitas, consideraram o selvagem um instrumento de trabalho, uma especie de mina, cuja exploração disputaram encarniçadamente. Tudo quanto elles escreveram respeito ao selvagem americano, a não serem as primeiras impressões de viagem, é dominado por esse pensamento fundamental.

Tanto a respeito da familia selvagem, como das religiões, merecem-me pouca fé os escriptores antigos. Estava nos interesses dos conquistadores deprimir o mais possivel a raça conquistada; com effeito só assim elles podiam legitimar os medonhos actos de barbaria que commetteram.

Para poder matar o indio, como se mata uma féra bravia, para poder tomar-lhes impunemente as mulheres, roubar-lhes os filhos, crial-os para a escravidão, e não ter para com elles lei alguma de moral e nem lhes reconhecer direitos, era mister acreditar que nem tinham idéa de Deus, nem sentimentos moraes ou de familia.

A historia fará algum dia plena justiça a essas asserções.

Por outro lado, os padres jesuitas antigos, que com o serem grandes homens, nem por isso deixavam de ser homens, participaram em grande parte dos defeitos de seus contemporaneos. N'aquelle tempo a crença no poder do espirito maligno era tão grande, que Satanaz representava na vida humana um papel quasi tão importante como o do proprio Deus.

Não se entendia, como nós hoje entendemos, que nada apparece na humanidade que não seja a consequencia infallivel de uma lei moral estabelecida pelo Creador. Toda e

qualquer manifestação religiosa era, pois, segundo as idéas do tempo, uma inspiração do diabo, um culto prestado ao espirito das trévas. Impellidos por estes dois poderosos moveis, comprehende-se quantos erros não commetteram os primeiros historiadores, e a desconfiança com que devem hoje ser lidos seus escriptos.

Feitas estas reservas, eu entro no estudo do primeiro ponto, isto é :

FAMILIA SELVAGEM

Tendo eu recusado o testemunho dos escriptores antigos, o que passo a referir é filho da propria observação, ou de testemunhos insuspeitos recolhidos nas localidades, no decurso de longas peregrinações que tenho feito nos ultimos dez annos pelo interior do Brasil.

Em minhas viagens tenho já estado em mais de cem aldêas de selvagens. Conheço cerca de trinta tribus, constituindo dez nações indigenas, algumas já meio civilisadas, outras ainda inteiramente extremes de qualquer comparticipação de nossas instituições, idéas e preconceitos.

De minhas observações tem resultado sempre que, na familia indigena existem : desde as instituições rigidas e de uma severidade de costumes que excedem a tudo quanto a historia nos refere, até a communhão das mulheres. Refiro-me ao indio que não está catechisado, porque este é, por via de regra, um ente degradado ; ou seja que o systema de catechese é máo, ou seja que o esforço do catechista, dirigido especialmente para conseguir um homem religioso, se esqueça de desenvolver as idéas eminentemente sociaes do trabalho livre, ou seja outra qualquer causa, o facto é este : o indio catechisado é um homem degradado, sem costumes originaes, indifferente a tudo, e, portanto, á sua

mulher e quasi que á sua familia. Os aldêamentos indo-christãos não têm, pois, costumes originaes: sua familia é a familia christã, mais ou menos moralisada, segundo o caracter individual do catechista.

Dissemos, porém, que os selvagens, que estão fóra do contacto de nossa civilisação, apresentam nas relações do homem com a mulher todos os typos, desde a communhão de mulheres até uma severidade desconhecida nas sociedades christãs. E' assim que conheço tribus onde não ha casamentos, assim como conheço outras em que a mulher adultera é punida com a pena da fogueira; e como taes instituições possam parecer estranhas, eu necessito de justifical-as com factos.

COMMUNISMO ENTRE OS CAHYAPÓS

Não se entenda por communismo de mulheres alguma cousa de semelhante á prostituição. Aquelle é um modo de familia de que a raça branca tem um exemplo notavel entre os espartanos; esta é a negação da familia.

E' tão importante esta distincção para bem comprehender a familia selvagem, quanto é certo que n'aquellas mesmas tribus, onde ha esse communismo, as prostitutas são tidas em grande desprezo; o que seria impossivel se as duas cousas se equivalessem.

Os *Cahyapós*, que me parecem ser a mais numerosa tribu dos *plateaux* centraes do Brasil, são um exemplo d'esta instituição.

Estes indios, subdivididos em tribus poderosas, debaixo dos nomes de *Cahyapós*, *Gradahús*, *Gorotirés* e *Carahós*, estendem seu dominio desde as florestas da provincia do Paraná, Mato-Grosso, Goyaz, Maranhão, até o Pará, onde,

nos foram de grande e valiosissimo soccorro, já indicando lugares de descanso no meio d'aquellas immensas paludes, já guiando á nossos soldados o caminho n'aquella emmaranhadissima rêde de canaes: O *Guató* não é monogamo: tem uma, duas ou tres mulheres, segundo a agilidade que mostra na caça, pesca e colheita dos diversos frutos que constituem a base de sua alimentação. Parece, pois, que não liga idéa alguma de moral a este facto, que elle regula segundo suas forças physicas, e principalmente segundo a capacidade de alimentar a familia. Nem conheço as diversas ceremonias de que usa para realizar o casamento, porque, quando estive em Mato-Grosso, andava com o espirito muito preoccupado para podêl-as observar, e nem mesmo viria aqui á pello mencional-as(10).

O que interessa á minha these é o recato das mulheres; se uma *Guató* nos trazia um peixe, uma caça, uma fruta silvestre, ou para obedecer á ordem do marido, ou para procurar obter um objecto nosso que cubiçava, fazia-o sempre com os olhos fitos no chão ou voltados para seu marido.

Se nossos officiaes entravam de sorpreza em alguma cabana, as mulheres, de ordinario assentadas no chão sobre suas esteiras, lhes davam as costas, e viravam-se todas para o marido ou pai de familia, e continuavam o seu serviço sem dizer uma palavra, sem manifestar a tão natural curiosidade de vêr aquella grande porção de canôas e de homens armados, que passavam por uma região até então virgem de outros que não fossem elles mesmos. Este profundo e exagerado recato dos *Guatós* foi geralmente notado sempre pelas forças, onde, reinando o espirito de libertina-

(10) Eu occupei a presidencia da provincia de Mato-Grosso durante os dois ultimos annos da guerra do Paraguay, e alli tive de lutar contra tres inimigos que absorveriam a attenção de qualquer: os paraguayos, a peste e a fome.

gem proprio aos acampamentos militares, eram todos accordes em dizer, que entre os *Guatós* se não consentia genero algum de prostituição. Comprehende-se que, diante de taes sentimentos, nenhuma offensa será sentida tão dolorosamente pelo *Guató* como um desacato á sua familia. Conserva esse povo até hoje grande animosidade contra os hespanhóes; e um velho pratico referia-me sempre, como se fôra passado poucos dias antes, um roubo que os hespanhóes haviam feito de mulheres *Guatós*, e que talvez já datasse de mais de cem ou duzentos annos.

Para elles os paraguayos continuam a ser castelhanos, assim como nós continuamos a ser portuguezes. Quem sabe se não foram essas mulheres, roubadas ha tanto tempo, a razão da extrema fidelidade que nos guardaram sempre esses selvagens que, forçados desde o principio da guerra a passar muitas vezes pelas rondas paraguayas, nunca denunciaram nossos movimentos ou presença nem por gesto? O Dr. Carvalhal, distincto medico do exercito, que, acossado pelo inimigo no combate do Alegre, viu-se obrigado a refugiar-se entre os *Guatós*, que com elles errou por muito tempo, e que, portanto, teve espaço e vagar para notar seus costumes, insistia em suas narrações sobre o singular recato, modestia e honestidade da familia *Guató*.

Tomemos agora um outro typo mais severo ainda do que o *Guató*, e na bacia do Amazonas, o *Chambioá*. Os *Chambioás* com os *Carajás*, *Curajahís* e *Javaés*, formam uma só nação, com sessenta ou oitenta aldêas espalhadas á margem do rio Araguaya, desde o furo Bananal até as Intaipabas (*itaypabe*, agua que corre sobre pedregal), o que mede uma extensão de 120 a 125 leguas, e com uma população de cerca de sete a oito mil individuos. Entre esses indios ha dois factos nimiamente curiosos nas instituições que regulam as relações do homem com a mulher.

a familia selvagem é tão respeitavel como a christã, dadas as circumstancias de costumes, religião e meios de vida de nossos indios.

A prostituição, que se nota em tão alta escala nas aldêas fundadas por nós, é a consequencia forçosa do aldêamento, o qual, trazendo a vida sedentaria a homens que não têm as artes necessarias para viver n'ella, sujeita-os á cultura da terra para obterem um alimento inferior para elles, ao que com menor trabalho conseguiriam na caça e na pesca, emquanto se podessem livremente entregar a ellas na vida seminomade a que estão habituados. D'ahi o desgosto, a preguiça, a ociosidade, que forçosamente corrompem tudo e cream a prostituição, a embriaguez e outros vicios.

No estado selvagem a familia indigena é o que deve ser: a expressão exacta das necessidades sociaes, que elles sentem no gráo de civilisação em que se acham.

E' pois tão digna de respeito como a nossa, e não póde ser alterada senão depois de incutir-lhes nossas idéas e necessidades; e o primeiro passo para isso é aprender a sua lingua, para podermos ensinar a elles a nossa, e com ella nossas idéas.

Como já observei, os modernos catechistas não aprendem as linguas indigenas. Já ouvi a um d'elles sustentar convencidamente a opinião de que nossos selvagens eram *incatechisaveis por serem descendentes de Caim*. A experiencia dos jesuitas em ambas as Americas prova o contrario.

Em vez de explicação genealogica, me parece muito mais notavel affirmar-se, que é impossivel trazer um homem qualquer ás nossas idéas, desde que nos falte o meio de fazêl-as conhecidas a esse homem, seja elle filho de Caim ou de Abel. Se um derviche do Japão viesse prégar entre nós sua religião, não encontraria provavelmente quem lhe qui-

zesse ouvir os sermões emquanto elle os prégasse na lingua japoneza.

Quando Deus quiz propagar o christianismo não se satisfez que os apostolos o prégassem no dialecto syro-chaldaico que fallavam: fez baixar sobre elles o Espirito-Santo, afim de que podessem fallar todas as linguas. Se os apostolos, que tinham mais força, porque receberam a missão directa da propagação da fé, o não deviam conseguir senão por intermedio das linguas falladas pelos povos pagãos; se isto é ensinado pelo Espirito-Santo, que é a propria sabedoria, como é que aquelles que se afastam do caminho ensinado por Deus se espantam de não chegar ao ponto a que elle se dirige(12)?

Todos nós brasileiros, creados nas fazendas do interior das provincias, sobre tudo nas visinhanças dos pequenos arraiaes compostos de populações mestiças de indios, fomos, desde a infancia, embalados no meio das tradições da religião dos selvagens.

Tempo houve na vida de todos nós, em que o Deus dos christãos foi tão venerado e tão temido quanto os deuses selvagens. Se nossas mãis nos adormeciam muitas vezes com canticos que recordavam a infancia da Virgem Maria, ou o nascimento de Christo, nossas amas de leite nos contavam as historias do *Saci Cerêrê*, narravam-nos o como um certo menino havia sido desencaminhado nos bosques pelo *Curupira*; o como um velho tal, que caçava nos domin-

(12) Tinhamos escripto este capitulo quando nos chegou ás mãos o noticioso relatorio com que o Sr. Cardoso Junior abriu a assembléa de Mato-Grosso no anno passado. N'esse documento, onde encontrámos curiosas informações sobre as tribus selvagens de Mato-Grosso, se lê que a nação *Guató*, de que nos occupámos atraz, está hoje quasi extincta por uma peste de bexigas que a assolou.

ges, sem ouvir missa, fôra impellido pelo *Anhanga* a precipitar-se em um abysmo; o como uma lavadeira de roupa tinha avistado no fundo dos poços o *Unutara*, e tantas outras historias, que não são senão os fragmentos da theogonia aborigene, que, desde pequenos nos foi ensinada, e na qual como disse, tempo houve em que todos nós acreditamos.

Ainda hoje, não ha talvez um só *caepira* de S. Paulo, ou um *bruaqueiro* de Minas, á quem possais dizer, que é um ente imaginario o *Saci Cerêrê*, que elle julgou encontrar por dez horas junto a alguma porteira, que lhe saltou na garupa, ou que lhe fez alguma outra tropelia.

As crenças e superstições indigenas passaram todas para o nosso povo, e os deuses dos *Tupís* vivem ainda em nossos campos vida tão real como a que lhes davam os aborigenes, no tempo em que seus *pagés* (e não piagas) os adoravam : escrever pois a theogonia tupí, é quasi que escrever até um certo ponto as crenças de nosso povo, aquillo em que cada um de nós acreditou até os 10 ou 11 annos.

Não me occupando eu, porém, de escrever uma monographia respeito a religião indigena, e, não devendo tomar d'este assumpto senão a parte que tem ligação immediata com a anthropologia, eu limitarei este parágrapho a registrar apenas aquillo que diz respeito a estas tres idéas capitaes: sentimento de gratidão para com o creador, immortalidade da alma, theoria de penas e recompensas ; começando por dar uma idéa geral do como era concebida pelos selvagens a noção de Deus.

CONCEPÇÃO DA DIVINDADE

Já observei, que me não inspira confiança o que a este respeito escreveram os jesuitas.

Nunca encontrei entre verdadeiros selvagens esta palavra *Tupan* para exprimir Deus : *tupá* significa raio.

Os jesuitas no entretanto a nacionalisaram na lingua geral com o sentido de Deus. De onde a tiraram ?

Quizeram pela imagem do raio dar uma idéa do poder do creador ? Ou Tupan é uma corruptela da palavra Tuba—que significa pai? Não sei. O que sei é, que nunca encontrei tal Deus entre os indios; nunca o encontrei nas tradições do povo do Brasil ; e por tanto eu o excluo da theogonia aborigene *si et in quantum*.

Examinando esta questão de religião como naturalista, isto é; sem sahir nunca do facto observado e natural, o que a historia nos apresenta é o polytheismo precedendo ao monotheismo.

Se os indios da Asia conceberam o seu Brama, e os hebreus o seu Jehovah, Deus unico em substancia, se bem que trino em suas manifestações; os progressos hoje do sanscrito e do estudo das antiguidades do Oriente, já tem feito recuar muito para traz a epocha da civilisação humana ; de modo que nada hoje nos autorisa a pensar que o Brama-das Vedas, ou Jehovah da Biblia, tivessem sido a primeira concepção que esses povos fizeram de Deus; é muito natural que essas idéas elevadas, e que já revelam tanta força de abstracção, tenham sido precedidas de idéas toscas e grosseiras, como foram aquellas pelas quaes todos os outros povos marcharam lenta e successivamente até a posse d'essas concepções já tão fortes e tão elevadas.

Como quer que seja, a idéa de um Deus todo poderoso, e unico, não foi possuida pelos nossos selvagens ao tempo da descoberta da America; e pois não era possivel que sua lingua tivesse uma palavra que a podesse expressar.

THEOGONIA DOS INDIOS

A theogonia dos indios assenta-se sôbre esta idéa capital: todas as cousas creadas tem sua mãi. E' de notar-se que elles não empreguem a palavra pai; esta palavra pai, não indica a origem de um homem, senão em uma sociedade em que o casamento tenha já excluido a communidade das mulheres; e portanto não podia ser empregada por nossos selvagens em um estado tão rudimental de civilisação. O aphorismo romano: *pater est is quem justæ nuptiæ demonstrat*, explica claramente a razão porque um povo primitivo, quando tivesse a necessidade de exprimir a filiação, empregasse de preferencia a palavra mãi, como judiciosamente observa um escriptor.

O systema geral da theogonia tupí, é este:

Existe tres deuses superiores: o *Sol* que é o creador de todos os viventes; a *Lua* que é a creadora de todos os vegetaes; e *Perudá* ou *Rudá*, o deus do amor, encarregado de promover a reproduccção dos seres creados. Como observarei adiante, as palavras que no tupí exprimem sol e lua, me parecem indicar o pensamento religioso que os nossos selvagens tinham para com esses astros, e que fica indicado. Cada um d'estes tres grandes seres é o creador do reino de que se trata: o sol, do reino animal; a lua, do reino vegetal; e Perudá, da reproducção. Cada um d'elles é servido por tantos outros deuses, quantos eram os generos admttidos pelos indios: estes por sua vez eram servidos por ioutros tantos seres, quantas eram as especies que elles reconheciam: e assim por diante até que, cada lago ou rio, ou especie animal ou vegetal, tem seu genio protector, *sua mãi*. Esta crença ainda é vulgar entre o povo do interior das provincias de Mato-Grosso, Goyaz, e sobretudo do Pará, e é provavel que tambem do Amazonas.

O sol é a mãi dos viventes, todos que habitam a terra; a lua é a mãi de todos os vegetaes. Estas duas divindades geraes, á quem elles attribuiam a creação dos viventes e dos vegetaes, não tinham nomes que exprimissem caracteres sobrenaturaes. As expressões, que indicam qualidades abstractas, deviam vir em um periodo muito posterior á aquelle em que a civilisação aryana, trazida pela raça conquistadora, veiu encontrar os selvagens da America.

Não tinham termos abstractos para exprimil-os: diziam simplesmente: *mãi dos viventes*, *mãi dos vegetaes*. E' sabido que a palavra sol é *guaracy*, de *guara*, vivente, e *cy* mãi. Lua é *jácy*, de *já* vegetal, *cy* mãi (13).

AMOR E TEMOR DAS DIVINDADES

Qual o sentimento natural para aquelle que nos creou a nós pela mesma fórma porque nossa mãi nos cria? Não é necessario outra prova para concluir que: o sentimento que os *Tupís* tributavam ao sol, devia ser até certo ponto identico ao que tributavam a sua mãi natural.

(13) Estas etimologias offerecem difficuldades em linguas não escriptas. Os *Tupís* do norte dizem *uaracy*; *uara* ou *guara* não differem senão no modo de escrever; a palavra pronunciada é a mesma *guara* tem diversas significações entre ellas as de: morador, vivente, e a do verbo ser; todas estas redundam em traduzir-se a palavra *guaracy* por mãi dos viventes. Os *Tupís* do sul (*Guaranis*), pronunciam *cuaracy*; esta corruptela deu lugar a que o sabio Montoya a fl 328 verso, do seu *Tesoro*, diga que ella vem de *cuara* buraco, e *acy* pesado. Chamar o sol de buraco pesado é extravagancia que nunca commetteriam nossos indios, cuja lingua é sempre tão escrupulosa, dando a cada objecto caracteres e predicados que elle realmente tem. *Jacy*, não offerece duvida alguma; *já* significa fructa, e tambem brotar, como a semente que emerge do solo; a palavra por tanto: ou significa mãi das fructas, ou mãi de tudo quanto nasce do solo.

Qual o sentimento que alimentariamos para com aquelle ser a quem atribuissemos a creação de todos os vegetaes, isto é d'aquillo com que nos alimentamos? Creio que não necessito de outros factos para demonstrar, que os pobres selvagens tributavam a seus deuses sentimentos tão puros de gratidão como aquelles que nós os christãos tributamos ao nosso Deus. Na oração que nos foi ensinada por Christo, o modo de exprimir nossa relação fundamental para com o Creador é a palavra *pai*. Elles empregam o nome de *mãi*; em que é que isto expressa a ausencia absoluta de idéa de gratidão para com o Creador, como pretenderam os portuguezes e sobretudo os hespanhóes?

Quasi todos os Deuses dos indios americanos, dizem elles, são euses maleficos, á quem attribuiam antes o poder de fazer mal aos homens, do que o de lhes fazer bem.

Eis aqui o resultado de querer escrever sobre cousas que se não tem examinado. Isto é um absurdo; a proposição contraria é que é verdadeira, isto é: com excepção talvez do *Jurupari*, não ha um só ente sobrenatural entre os selvagens a que não se attribua a acção benefica de proteger uma certa parte da creação, de que elle era reputado um pai mais proximo do que o sol ou a lua, mas em summa um pai. Isto é facto que eu tenho examinado com o maior escrupulo.

O que eu nunca encontrei entre os selvagens foi a concepção de um espirito sobrenatural, cuja missão fosse exclusivamente toda mal, como é entre nós a concepção de satanaz: isso sim, isso é que não duvido asseverar que não existe. O proprio *jurupari* não está n'esse caso; as tradições que eu tenho colhido a respeito, e que só se encontram hoje no norte do Imperio, não são completas,; mas a palavra—*jurupari*—equivale a isso que nossas amas de leite nos descrevem como *pesadelo*. E', segundo os indios,

um ente que de noite cerra a garganta das creanças, ou mesmo dos homens, para trazer-lhes afflicções e máos sonhos (14).

Certamente que attribuem-se máos actos aos deuses. Por ventura quem ler a Biblia, sem dar desconto ao que a linguagem humana necessitou de introduzir de seu, poderá conscienciosamente affirmar, que tudo quanto ella attribue ao Deus dos judeus seja santo e honesto? Não fallemos da Biblia; poder-se-ha dizer que os gregos não tinham idéas de seres divinos, porque attribuiam a Jupiter e aos outros acções indignas da divindade? Pois se, entre povos tão cultos e com tão elevadas noções da divindade, deu-se isso, como se pretende que os deuses de nossos selvagens são todos entes maleficos, se os nosssos selvagens, com Hesiodo, Homero, e sobretudo com Aristophanes na mão podiam disputar a superioridade dos seus diante d'aquelles ?

E' difficil comprehender bem o espirito da religião dos indios sem estar entre elles, sem ter a paciencia necessaria, e os meios de interrogal-os; e é d'ahi que resulta essa

(14) A palavra Jurupari parece-me corruptela da palavra *Jurupoari* que ao pé da letra traduziriamos : *boca, mão sobre ; tirar da boca.* Montoya, *Tesoro*, fl. 202 ver., traz esta phrase *che jurupoari*, tirou-me a palavra da boca. O Sr. Dr. Baptista Caetano, traduz a palavra por : *ser que vem a nossa rede*, isto é : ao lugar em que dormimos.

Seja ou não corrupta a palavra, qualquer das duas traducções está conforme a tradição indigena, e, em fundo, exprime a idéa supersticiosa dos selvagens, segundo a qual éste ente sobrenatural visita os homens em sonho, e causa afflicções tanto maiores, quanto, trazendo-lhes a imagem de perigos horriveis, os impede de gritar, isto é : tira-lhes a faculdade da voz.

Babel de informações inexactas que se tem dado de suas idéas religiosas.

Dizem os que negam boas acções aos deuses selvagens: *Anhanga*, *Curupira*, *Cahipora* (aliás *Cahapora*), são apenas conservados nas tradições dos brasileiros como entes que podem fazer mal ao homem, sem lhes poder fazer bem algum.

Assim é, se referem-se ás tradições vulgares do nosso povo, modificadas pelo christianismo.

Mas a razão não é porque esses seres sejam por sua natureza maleficos.

Conforme disse acima, os indios attribuem a cada ordem de creação um deus protector, uma especie de *mãi*, que a defende contra tudo, e especialmente contra a acção destruidora do homem. Nas historias que narram, ha quasi sempre um homem que persegue a uma certa ordem de creação, e é a esse homem, que persegue essa ordem de creação, que o deus apparece fazendo algum mal; o mal, portanto, feito a tal homem, não é um mal, é uma punição justa e merecida segundo as idéas dos selvagens.

Tomemos os mesmos exemplos citados. *Anhanga* é o deus da caça do campo; *Anhanga* devia proteger todos os animaes terrestres contra os indios que quizessem abusar de seu pendor pela caça, para destruil-os inutilmente. Concebe-se sem esforço o papel importante que a caça deve representar em povos que não criam animal domestico algum, e que por conseguinte só se alimentam dos que são creados nos bosques, expontaneamente. Partindo d'essas idéas, haverá nada de mais natural, do que haverem milhares de historias em que Anhanga figurasse como fazendo maleficios aos homens?

Da minha collecção de contos eu tomarei uma lenda, ao acaso, para servir de exemplo:

« Nas immediações da hoje cidade de Santarém, um indio *Tupinambá* perseguiu uma veada que era seguida do filhinho que amamentava, depois de havel-a ferido, o indio, podendo agarrar o filho da veada, escondeu-se por detraz de uma arvore, e fel-o gritar; attrahida pelos gritos de agonia do filhinho a veada chegou-se a poucos passos de distancia do indio — elle a flechou; ella cahiu: quando o indio, satisfeito, foi apanhar sua presa reconheceu que havia sido victima de uma illusão do Anhanga; a veada, a quem elle indio havia perseguido, não era uma veada, era sua propria mãi, que jazia morta no chão, varada com a flecha, e toda dilacerada pelos espinhos. »

Eis aqui uma acção demoniaca, dirão. Não, digo eu, esta acção, não repugna a uma divindade; é necessario estudar estas cousas debaixo do mesmo ponto de vista de quem as imaginou; os indios tinham na caça o seu sustento; o instincto lhes tinha indicado que, destruiriam facilmente esse sustento, se não poupassem a vida dos animaes que amamentavam; e como não tinham e nem podia ter um codigo de leis para caça, tinham um preceito religioso. Esse conto, assim como todos os outros, encerra uma profunda lição de moral, e é de mais a mais a manifestação de uma regra eminentemente conservadora, debaixo do seu ponto de vista, e no estado em que elles se achavam; cousas estas que nunca se devem perder da memoria, pena de não comprehender as cousas, e de escrever romances em vez de escrever historia.

O *Cahapora* é outro exemplo. Homem colossal, de corpo pelludo, montado em um porco do mato, ninguem o podia vêr sem ser extremamento infeliz pelo resto de sua vida. O *Cahapora* é pois um ente tão máo, que não póde ser visto sem que arraste a infelicidade para quem o avistar. Assim é; mas, ouçamos a tradição, e ella nos dará a explicação

do facto. O *Cahapora* era o genio protector da caça do mato, e só era visto quando, rodeando-se uma familia inteira de animaes selvagens, se a pretendia extinguir. Portanto, aqui, como na tradição acima citada acerca do *Anhanga*, o que ha é uma boa acção; é um acto de protecção, exercido pelo genio, contra quem pretendesse destruir aquelles seres que, segundo as crenças selvagens, foram confiados a seus cuidados, e de cuja não destruição os primeiros interessados eram os proprios selvagens.

Eu não posso acompanhar em seus detalhes esta discussão, porque seria mister passar em revista todas as tradições indigenas; e isso faz objecto de um livro especial que comecei ha annos, e que hei de publicar algum dia.

O que está escripto, porém, me parece sufficiente para chegar a esta conclusão: entre os selvagens, assim como entre nós, a acção attribuida aos espiritos sobrenaturaes é uma acção benefica; quem recusar-se a enchergar n'esses seres a manifestação de um verdadeiro e poderoso instincto religioso, a pretexto de que entre elles taes seres são capazes de mal, esse negará que os gregos e romanos tivessem taes instinctos.

Por muito rude e barbara que, á primeira vista, pareça uma instituição qualquer de um povo, ella deve ser estudada com respeito. As instituições fundamentaes dos povos, qualquer que seja seu gráo de civilisação ou barbaria, são o resultado necessario das leis eternas de moral e justiça que Deus creou na consciencia humana, leis que em fundo são as mesmas no selvagem ou no homem civilisado, embora susceptiveis de manifestações diversas, segundo o gráo de adiantamento a que cada um tem chegado.

IMMORTALIDADE DA ALMA.

Acreditavam os selvagens na immortalidade da alma? Distinguiam a alma do corpo? Sem duvida alguma. Todos elles o fazem. Tenho para affirmal-o provas robustas. Em primeiro lugar: quem visita um cemiterio indigena reconhece as sepulturas por panellas, que elles depositam junto das covas, nas quaes collocam comida; as armas do morto o acompanham, porque elle necessita da comida e das armas para prover a seu sustento. Uma e outra cousa ser-lhe-iam desnecessarias se a morte acabasse tudo. Asseveram-me pessoas sisudas que as indias *Chavantes*, no estado selvagem, devoram os filhos que morrem, na esperança de colher novamente a seu corpo a alma do menino.

Eu nunca presenciei esse facto; estou mesmo em muito boas relações com o mais poderoso dos capitães *chavantes* de nome Zaquê; já lhe o perguntei; elle riu-se e não me respondeu; o que eu tomei por uma confirmação; porque é de notar-se, que os nossos indios são muito orgulhosos de suas crenças; nada os offende tanto como o pôl-as em duvida, e d'ahi vem que são nimiamente discretos quando conversam com um christão sobre tal assumpto.

Muitas tribus do baixo Tocantins e do Amazonas enterram seus mortos dentro da propria casa, e isto eu já tenho presenciado; fazem na esperança de, quando dormirem, serem visitados pela alma d'aquelles a quem amaram. Esses factos demonstram, a não deixar duvida, que elles acreditam que, além da vida de que gozamos n'este mundo, ha uma outra que é continuada pelo ser, independente do corpo. Pensarão que ella é eterna? Acreditarão em um lugar de bemaventuranças, e de eternas penas? Não sei; ainda não pude verificar essas cousas; como disse, os indios são muito reservados e discretos em tudo quanto diz res-

peito a assumpto religioso. No meio da conversação mais animada, se se lhes dirige qualquer pergunta tendente a esclarecer qualquer d'esses pontos, elles tornam-se immediatamente frios, as vezes sombrios, e, ou respondem por monosyllabos, ou nada respondem.

Além d'esse destino mysterioso, que o homem prosegue depois da morte, e para o qual collocam elles a comida e as armas do morto, *teonguera*, junto a sua sepultura; possuo duas lendas que recolhi em Fevereiro d'este anno no Pará, e que parecem indicar que os *Tupis* admittiam uma especie de vida semelhante a que nossas superstições attribuem as almas penadas; assim como admittiam a possibilidade da transformação do homem em outros seres.

Ha ainda hoje em Cametá um celebre Honorato a quem a população indigena do lugar attribue a faculdade de transformar-se em peixe ou em cobra, e viajar pelo fundo dos rios quando lhe apraz. Estas superstições são restos de alguma crença religiosa dos velhos *Tupis*, que, ou não chegou até nossos dias, ou a não soubemos recolher.

LENDA DE MANI

Uma das lendas a que me referi acima conserva a tradição de que o uso da mandioca, que tão importante papel representa na vida do indio, lhes foi revelado por um modo sobrenatural. A mandioca é não só o pão do nosso selvagem, como tambem a substancia de que tiram diversos vinhos, como o *kauin*, a *maniquera*, o *puchirum* e outros. Sua descoberta foi para elles mais importante do que a do trigo o foi para os aryas.

Se bem que esta lenda pertença mais ao dominio da poesia do que ao da sciencia, eu não posso furtar-me ao desejo de inseril-a aqui, como um especimen curioso do

producto da imaginação de nossos selvagens. Eil-a tal qual me foi referida pela mãi do Sr. coronel Miranda, ex-thesoureiro da thesouraria de fazenda do Pará, senhora respeitavel de cerca de 70 annos de idade, e que reside em Belém. A lenda diz que a mandioca foi descoberta assim:

« Em tempos idos appareceu gravidá a filha d'um chefe selvagem, que residia nas immediações do lugar em que está hoje a cidade de Santarém. O chefe quiz punir no autor da deshonra de sua filha, a offensa que soffrêra seu orgulho e, para saber quem elle era, empregou debalde rogos, ameaças e por fim castigos severos. Tanto diante dos rogos como diante dos castigos a moça permaneceu inflexivel, dizendo que nunca tinha tido relação com homem algum. O chefe tinha deliberado matal-a, quando lhe appareceu em sonho um homem branco, que lhe disse que não matasse a moça, por que ella effectivamente era innocente, e não tinha tido relação com homem. Passados os nove mezes ella deu á luz uma menina lindissima, e branca, causando este ultimo facto a sorpreza, não só da tribu, como das nações visinhas, que vieram visitar a creança, para ver aquella nova e desconhecida raça. A creança, que teve o nome de Mani, e que andava e fallava precocemente, morreu ao cabo de um anno, sem ter adoecido, e sem dar mostras de dôr.

« Foi ella enterrada dentro da propria casa, descobrindo-se-a, e regando-se diariamente a sepultura, segundo o costume do povo. Ao cabo de algum tempo brotou da cova uma planta que, por ser inteiramente desconhecida, deixaram de arrancar. Cresceu, floreceu, e deu fructos. Os passaros que comeram os fructos se embriagaram, e este phenomeno, desconhecido dos indios, augmentou-lhes a superstição pela planta. A terra afinal fendeu-se; cavaram-n'a e julgaram reconhecer no fructo que encontraram o

corpo de Mani. Comeram-n'o, e assim aprenderam a usar da mandioca. »

O fructo recebeu o nome de *Mani oca*, que quer dizer: casa ou transformação de Mani, nome que conservamos corrompido na palavra mandioca, mas que os francezes conservam ainda sem corrupção.

Esta lenda encerra duas cousas communs á todas as religiões asiaticas: 1.° o attribuir a um deus o ensino do uso do pão: 2.° a concepção sem perder virgindade. Será isto um simples producto da imaginação, será uma lei a que o entendimento humano está sujeito, ou será alguma recordação de velhas crenças asiaticas, conservada confusamente pela tradição oral? Qualquer d'essas cousas é possivel, mas por emquanto não passa de simples conjectura.

NOMENCLATURA DOS DEUSES TUPI'S.

Os deuses superiores, a quem elles attribuem acção geral sobre o mundo são, como já disse: o sol, a lua, e Rudá, ou o Deus do amor, ou da reproducção.

Guaraci, sol. Este Deus creou o homem e os viventes; preside os destinos do homem, e confiou os destinos dos outros viventes aos seguintes deuses inferiores:

O dos passaros ou *Guirapurú*; o nome quer dizer, passaro emprestado, ou passaro que não é passaro. Este *Guirapurú* toma a fórma de um passaro que anda sempre rodeado de muitos outros. As superstições populares do Pará, attribuem a tal passaro a virtude de conduzir a casa d'aquelle que possue um d'elles, continuado concurso de gente. Não ha no Pará, no Maranhão e Amazonas, muitos taverneiros que não tenham na soleira da porta enterrado um *Guirapurú*, a quem attribuem a virtude de conduzir freguezes a sua taverna. Um *Guirapurú*, por esse motivo,

custa caro; eu possuo um morto (não é possivel apanhal-o vivo), que custou-me 30$ no Pará.

O sol confiou o destino da caça do campo ao *Anhanga*. A palavra *anhanga* quer dizer sombra, espirito. A figura com que as tradições o representam é de um veado branco, com olhos de fogo. Todo aquelle que persegue um animal que amamenta, corre o risco de ver o *Anhanga*, e a sua vista traz febre, e as vezes a loucura.

O destino da caça do mato foi confiado ao *Cahapora*. Representam-n'o como um grande homem, coberto de pellos negros por todo corpo e cara, montado sempre em em um grande porco de dimensões exageradas, tristonho, taciturno, e dando de quando em vez um grito para impellir a vara. Quem o encontra tem a certeza de ficar infeliz, e de ser mal succedido em tudo quanto intente; d'ahi vem a phrase portugueza: estou cahipora, como synonima de: estou infeliz, mal succedido no que intento.

A sorte dos peixes foi confiada a *Uauyará*. O animal em que elle se transforma é o boto. Nem um dos seres sobrenaturaes dos indigenas forneceu tantas lendas á poesia americana como o *Uauyará*. Ainda hoje no Pará não ha uma só povoação do interior que não tenha para narrar ao viajante uma serie de historias, ora grotescas e extravantes, ora melancolicas e ternas, em que elle figura como heroe. O *Uauyará* é um grande amador das nossas indias; muitas d'ellas attribuem seu primeiro filho a alguma esperteza d'esse deus, que ora as sorprendeu no banho, ora transformou-se na figura de um mortal para seduzil-as; ora arrebatou-as para debaixo d'agua, onde a infeliz foi forçada a entregar-se a elle. Nas noites de luar no Amazonas, conta o povo do Pará que muitas vezes os lagos se illuminam e que se ouvem as cantigas das festas, e o bate-pé das danças com que o *Uauyará* se diverte.

Os deuses submettidos a *Jacy* ou lua, que é a mãi geral dos vegetaes, são: o *Saci Cerêrê*, o *Mboitátá*, o *Urutáu*, e o *Curupira*.

O *Saci Cerêrê* é um dos que figura continuamente nas tradições do povo do sul do Imperio. Com tudo, eu as tenho encontrado tão confundidas com as supertições christãs, que não posso comprehender bem qual é a sua missão entre os vegetaes. As tradições representam-n'o com a figura de um pequeno *Tapuio*, manco de um pé, com um barrete vermelho, e com uma ferida em cada joelho.

O *Mboitatá* é o genio que protege os campos contra aquelles que os incendeiam; como a palavra o diz *mboitatá* é: cobra de fogo; as tradições figuram-n'a como uma pequena serpente de fogo que de ordinario reside n'agua. As vezes transforma-se em um grosso madeiro em brasa, denominado *méuan*, que faz morrer por combustão aquelle que incendeia inutilmente os campos.

Não conheço as tradições relativas ao *Urutaú*, ou *urutaui* e por isso limito-me a consignar aqui o nome, que significa: ave phantasma, de *urú* e *tdu*.

O *Curupira* é o deus que protege as florestas. As tradições representam-n'o como um pequeno *Tapuio*, com os pés voltados para traz, e sem os orificios necessarios para as secreções indispensaveis á vida, pelo que a gente do Pará diz, que elle é *mussiço*. O *Curupira* ou *Currupira*, como nós o chamamos no sul, figura em uma infinidade de lendas, tanto no norte como no sul do Imperio. No Pará, quando se viaja pelos rios e ouve-se alguma pancada longinqua no meio dos bosques, os remeiros dizem que é *Curupira* que está batendo nas sapupemas, a ver se as arvores estão sufficientemente fortes para soffrerem a acção de alguma tempestade que está proxima. A funcção do *Curupira* é proteger as florestas. Todo aquelle que derriba, ou por qualquer

modo estraga inutilmente as arvores, é punido por elle com a pena de errar tempos immensos pelos bosques, sem poder atinar com o caminho da casa, ou meio algum de chegar entre os seus.

A estas duas ordens de deuses, que são subordinados como disse, ao sol e a lua, e que se reputam prepostos á conservação dos viventes, segue-se um outro deus superior, é o *Perudá, Rudá*, ou o deus do amor.

Perudá. As tradições o figuram como um velho guerreiro que viaja nos ventos, ou nos raios da lua, e que reside no fundo dos mares. Sua missão é crear o amor no coração dos homens, despertar-lhes saudades, e fazel-os voltar para a tribu, de suas longas e repetidas peregrinações.

Como os outros deuses, tinha sob suas ordens deuses inferiores, a saber: *Cairé* ou lua cheia, *Catiti* ou lua nova, cuja missão é despertar saudades no amante ausente. Parece que os indios consideravam cada fórma da lua como um ente distincto.

Ha incontestavelmente propriedade e poesia n'esta concepção da lua nova e lua cheia como fonte e origem de saudades.

A mesma senhora a quem devo a lenda que deixei escripta acima, deu-me a letra e musica das invocações que os *Tupis* faziam a *Perudá* e a seus dois satellites.

Como são curtas, aqui as transcrevo tal qual as ouvi, parecendo-me que, ou a lingua está adulterada, ou é algum fragmento de tùpí anterior ás transformações porque já tinha passado a lingua quando nos foi conhecida, porque palavras ha que não entendo.

Estas invocações eram feitas ao pôr do sol ou da lua, e o canto, como quasi todos os dos indios, era pausado, monotono e melancolico.

A joven india, que se sentia opprimida de saudades pela

ausencia do amante n'aquellas peregrinações continuas em que a caça e a guerra trazia os guerreiros; a joven india, dizemos, devia dirigir-se a *Rudá*, ao morrer do sol ou ao nascer da lua, e estendendo o braço direito na direcção em que suppunha que o amante devia estar, cantava:

Rudá Rudá,
Euacá pinaité,
Amané saçú;
Euacá pinaité,
Aiueté cuiam,
Puxiguera che aicó,
Ne manuara ce rece (o nome do amante)
Cuaa caru pupé
Guaracy uapeca irumó.

Como disse acima, as luas cheia e nova que eram, segundo os *Tupis*, cousas distinctas, e seres diversos, constituiam auxiliares de *Rudá*, e tinham invocações semelhantes ás que se cantavam áquelle deus, e para o mesmo fim de trazer os amantes ao lar domestico pelo poder da saudade.

A invocação á lua cheia, era a seguinte:

Cairé, cairé nu,
Manuia danus sanu;
Ere cy, eru sica (fulano)
Peape amum
Manuara ce rece
Quaa pituna pupé.

O nome da lua cheia era *Cairé*, o da lua nova *Catiti*; esta tinha sua invocação distincta da que dirigiam á lua cheia, si bem que com o mesmo fim.

A invocação á lua nova é a seguinte.

Catiti, catiti,
Jamara notia,
Notia tamara,
Epeju (fulano)
Emu manuara,
Ce rece (fulana)
Cucecui che aicó.
Che ium epeapora.

Estes cantos são ainda repetidos nas populações mestiças do interior do Pará, e, como disse, conservo d'elles tambem a musica. (15)

(15) Si bem que não tenha a importancia dos antigos cantos sagrados, a seguinte cançoneta erotica não deixa de ser curiosa. A lingua e rima indicam que o bardo indigena, seu autor, já tinha estado em contacto com a raça conquistadora; esta cançoneta é muito popular entre o povo de Assumpção e Corrientes; e foi o facto de ouvil-a cantar muitas vezes, ao som da viola, (*maraca* como elles chamam) que despertou-me a idéa de conserval-a por escripto:

Ejo mi remaen,
Maenran p'ico?
Ejo tenon.
Aju ma n'ico.

Eguapy nape....
Maenra p'ico?
Eguapy tenon.
Aguapy ma n'ico.

Ehenon nape.
Maenra p'ico?
Enhenon tenon.
Anhenon ma n'ico.

O deus do amor tinha tambem a seu serviço uma serpente, que reconhecia as moças que se conservavam virgens, recebendo d'ellas os presentes que lhe levavam, e devorando as que haviam perdido a virgindade. Os *Tupinambás* do Pará acreditavam que havia d'estas serpentes no lago Juá, pouco acima de Santarém. Quando alguma menina era suspeita de ter perdido a virgindade, seus pais levavam-n'a ao lago, e ahi deixando-a a sós em uma ilhota, com os presentes destinados á serpente, retiravam-se para a margem fronteira, e começavam a cantar :

Arara, araramboia,
Cucecuy meiu.

A serpente começava a boiar e a cantar até avistar a moça, e, ou recebia os presentes, si a moça estava effectivamente virgem, e n'esse caso percorria o lago cantando suavemente, o que fazia adormecer os peixes, e dava lugar a

Che nhuan nape.
Maenra p'ico?
Che nhuan tenon,
Che nhuan ma n'ico.

Epuan nape.
Maenra p'ico?
Epuan tenon.
Apuan ma n'ico.

Te reho nape.
Maenra p'ico?
Te reho tenon.
Aha ma n'ico.

que os viajantes fizessem provisão para a viagem; ou, no caso contrario, devorava a moça, dando roncos medonhos.

Aqui, como nas outras lendas, ha um pensamento moral. O fim da lenda era proteger a virgindade, influindo salutarmente no espirito das donzellas indias, pelo terror que lhes devia inspirar a perspectiva de poderem ser devoradas pela serpente, desde que perdessem a virgindade.

CONCLUSÃO

Ha muita cousa de grosseiro na fórma das crenças selvagens.

Tambem as superstições christãs do povo ignorante são grosseiras e extravagantes..

Desde porém que as examinar, pondo de parte os nomes proprios, e procurando descer ás idéas fundamentaes, ficar-se-ha sorprendido da notavel e profunda philosophia e poesia que ellas encerram.

Tempo houve em que, graças aos esforços do Instituto Historico, a litteratura nacional manifestou a salutar tendencia de estudar estes assumptos. Os cantos de Gonçalves Dias, Bernardo Guimarães, alguns romances de José de Alencar, composições mais antigas de José Bazilio e Santa Rita Durão, são um lindo collar de perolas que nossa geração legará á posteridade.

Posteriormente, alguns homens orgulhosos se bem que notaveis por seu talento, e á sua frente João Francisco Lisboa, promoveram a reacção. Elles que nada conheciam da lingua, e que portanto nada podiam conhecer da indole do selvagem, porque o que está escripto é falso como mostrei, procuraram lançar o ridiculo sobre estas bellas tradições da

velha America. Como não haviam estudos serios e profundos de philologia, a reacção ganhou a victoria. (16)

Os jovens tatentos, em vez de haurir nas tradições indigenas exemplos tão frequentes n'ella de dedicação levada ao heroismo, amor da patria, desprezo da vida, e energia de caracter, exemplos estes proprios para inspirar virilidade á uma nação que começa, foram buscar na litteratura franceza os modelos molherengos de seus heroes afeminados.

Mas todas essas composições hão de passar. E' na natureza estudada por observação propria, que se inspira a grande arte, e nossos selvagens ministram soberbos typos.

Oxalá renasça o gosto por estudos, que em tão má hora, foram cobertos de desprestigio por quem já não tinha a força para fazel-os.

Pelo que ficou escripto,o leitor terá visto que o selvagem do Brasil não é uma raça sómenos e incapaz de grandes aperfeiçoamentos moraes. Si me fóra dado entrar agora em outra ordem de considerações, eu demonstraria que os mestiços do indio e branco constituem raça energica e que mais iniciativa possue no Imperio. Entre nossos homens illustres, alguns dos quaes mais se distinguiram pela for-

(16) Em uma tão espirituosa quão benevola critica a estes artigos, devida á elegante penna de Joaquim Serra, e publicada na Reforma, nota-se que: tendo estranhado a guerra feita pelo nosso illustre Lisboa ao estudo dos assumptos indigenas, me callasse a respeito das opiniões prégadas no seio do proprio Instituto Historico por um dos seus membros o Sr. barão de Porto Seguro, segundo o qual o meio de catechisar indios é reduzil-os á escravidão, ou matal-os.

Eu não tenho conhecimento d'esse escripto, e que tivesse, o Instituto Historico, como associação litteraria, não tem meio algum para precaver-se contra uma ou outra doutrina extravagante, adoptada por qualquer de seus membros, em quanto ella não é abraçada pela associação, e esta a não prapaga em seus escriptos.

taleza de seu caracter, pela virtude da perseverança, que não é muito vulgar entre nós, foram mestiços. Citarei entre outros o padre Diogo Antonio Feijó. Contra o presupposto de que os indios fallam uma gyria sem leis nem regras; de que não têm idéas moraes, sentimento de religião; de que são indolentes e preguiçosos, protestam: a bella lingua tupí, suas admiraveis instituições de familia, suas tradições e crenças religiosas, sua extrema actividade na pesca, na caça e na guerra, unicos trabalhos cuja utilidade comprehendem. Não trabalham nas cousas em que nós trabalhamos, porque nem foram habituados a isso, nem sentem as nossas necessidades.

Sobrios, bons, dedicados até o heroismo, alguns os chamam de traiçoeiros e falsos, porque quasi sempre elles, sendo victimas de traições e falsidades que praticamos, abusando de nossa posição de raça conquistadora, damo-lhes razão de sobra para reagirem contra nós; e si reagem com hypocrisia é porque essa é a arma do fraco.

E' uma grande raça, repito. Temos muito a ganhar pondonos em contacto com ella pelo orgão indispensavel do co-

Se é certo que um membro do Instituto sustenta a barbara opinião, de que a raça selvagem do Brasil deve ser exterminada á ferro e fogo, não é menos certo que tal opinião é singular; e que todos os esforços da associação hão sido dirigidos até o presente no sentido de estudal-a; é esse o primeiro passo para assimilal-a á nossa sociedade.

A *Revista do Instituto* é prova disso, e tambem a sua bibliotheca, unica talvez no mundo que encerra manuscriptos e publicações, rarissimas hoje, respeito ás linguas indigenas. Este ultimo topico está desenvolvido convenientemente na parte d'esta memoria em que eu trato da collecção de escriptos preciosos, relativos ás antigas linguas sul-americanas; collecção que é hoje uma das mais raras do mundo, e sobre a qual a curiosidade dos modernos linguistas se tem geralmente despertado, desde que se começou a suspeitar que o guarani ou tupí é lingua mais antiga do que o sanscrito.

nhecimento de sua lingua; por muitos annos os indios hão de ser os precursores da raça branca em nossos sertões, e nem Deus promoveria a grande fusão de sangue, que se está operando lentamente n'esse cadinho immenso do Brasil, si com isso não tivesse em vista a realisação d'um d'esses grandes designios que marcam as epochas notaveis da historia.

Appendice

MOSTRANDO QUAL É A POSIÇÃO DO INDIO EM PRESENÇA DA RAÇA CONQUISTADORA

(CARTA A JOAQUIM SERRA)

Mais de uma vez, nas palestras do Club da *Reforma*, V. e alguns dos illustres membros da redacção d'esse jornal chasquearam a proposito de meus estudos de linguas e antiguidades indigenas :

Apezar dos edificantes commentarios que V. tantas vezes fez sobre este assumpto, eu vou publicar a memoria, que sobre anthropologia nacional, acabo de ler no Instituto Historico.

— Como é que um homem pratico se occupa em taes cousas?

Como essa pergunta será feita por muita gente que se suppõe com mais juizo do que eu, aqui vai a resposta, a qual servirá de desculpa a esta publicação.

Em primeiro lugar, não ha estudo algum por mais abstracto que pareça, o qual, cedo ou tarde, não traga seus fructos praticos.

Em segundo lugar, se é util estudar, descrever e classificar até a mais miseravel planta de nossos campos, ver o mais rude e pobre mineral de nossos montes; muito mais nobre e util é estudar, descrever e classificar o homem americano, e vou proval-o.

Em nossa situação de raça conquistadora, nós que tomamos o solo a esses infelizes, e que os vamos dia a dia apertando mais para os sertões, temos o dever, como christãos, de arrancal-os da barbaria sanguinolenta em que vivem, para trazel-os á communhão do trabalho e da sociedade em que vivemos. E é mais nobre empenhar trabalho e esforço para conseguir isso, do que para descrever plantas ou mineraes.

Não é só nobre, é tambem nimiamente util.

Por muitos seculos ainda a raça mestiça do branco e do indigena, ha de ser a precursora do branco nos sertões do interior.

Não serão europêos, importados á não sei quantos por cabeça, que hão de começar a povoação das terras virgens.

Ha de ser, como tem sido até aqui, o indio ou o mestiço, seu descendente.

Um distincto estadista brasileiro, fazendo o calculo das despezas que temos feito com colonisação, chegou ao resultado de que cada colono aproveitado, nos têm custado cerca de um conto de reis. Digo *aproveitado*, para entender-se o que fica, deduzidos os que morrem antes de acclimatar-se, os que voltam, os cujas passagens pagamos e que aqui não chegam, aos quaes podiamos bem ajuntar os vadios, que não trabalham, ou que exercem industrias de pouca utilidade, como: engraxar botas, tocar realejo, ou vender bebidas espirituosas.

Aquelles que estimam em menos a população selvagem do Brasil, dizem que nós possuimos quinhentos mil indios.

Eu creio que possuimos mais de um milhão. Mas contemos só os quinhentos mil, os quaes, se é exacto o calculo á que eu alludi acima, valem quinhentos mil contos. Ora, quinhentos mil contos é a renda do Brasil durante 5 annos. Para adquirir de fóra uma população igual á dos selvagens,

que já estão em nossa terra, serão necessarias despezas por espaço de muito centos de annos.

Isto mostra,que o indio é um thesouro de immensa valia para nós, que, mais do que nenhum outro povo do mundo, temos sertões a povoar, e terras que não poderão jamais ser occupadas pela raça branca sem primeiramente serem desbravadas por uma outra raça, menos sujeita ás influencias deleterias dos climas intertropicaes, e capaz de viver fartamente com um pouco de cultura, caça e pesca n'aquelles mesmos lugares em que os brancos morreriam á mingoa.

Mas, dizem, o indio é preguiçoso, estupido, bebado, traiçoeiro e máo.

Coitados! elles não têm historiadores; os que lhes escrevem a historia ou são aquelles que, á pretexto de religião e civilisação, querem viver á custa de seu suor, reduzir suas mulheres e filhas á concubinas; ou são os que os encontram degradados por um systema de catechese, que, com mui raras e honrosas excepções, é inspirada pelos moveis de ganancia ou da libertinagem hypocrita, e que dá em resultado uma especie de escravidão que, fosse qual fosse a raça, havia forçosamente de produzir a preguiça, a ignorancia, a embriaguez, a devassidão, e mais vicios que infelizmente acompanham o homem quando se degrada.

Os escravos dos gregos e romanos eram de raça branca, e não sei que a historia tenha conservado noticia de gente peior.

Qual é o meio de catechisar convenientemente o indio?

E' ensinar em cada tribu alguns meninos a ler e a escrever, conservando-lhes o conhecimento da lingua materna, e sobre tudo: não aldêar e nem pretender governar a tribu selvagem.

Deixemol-os com seus costumes, sua alimentação, seu modo de vida. A mudança mais rapida é aquella que só póde

ser operada com o tempo, e no decurso de mais de uma geração, pela substituição gradual das idéas e necessidades, que elles possuem no estado barbaro, em comparação com as que hão de ter desde que se civilisem. Limitemo-nos a ensinar-lhes que não devem matar aos de outras tribus. E' a unica cousa em que elles divergem essencialmente de nós.

Quanto ao mais, seus costumes, suas idéas moraes, sua familia, seu genero de trabalho para alimentar-se, são muito preferiveis, no estado de barbaria em que elles se acham, aos nossos costumes que elles repellem emquanto podem, e aos quaes se não sujeitam senão quando, enfraquecidos por continuas guerras, se vêm entregar a nós para evitar a morte e a destruição.

Cada tribu que nós aldêamos é uma tribu que degradamos, é a que por fim destruimos, com as melhores intenções, e gastando o nosso dinheiro.

Porque razão sustental-os ou obrigal-os a fazer roça a pretexto de que só assim perdem os habitos da vida nomade, quando elles se sustentam perfeitamente bem, sem ter taes roças?

Não entrará pelos olhos á dentro de todo homem de bom senso que: reduzir á vida sedentaria homens que não têm as artes necessarias para subsistir n'ella, ou equivale a destruil-os á custa de fome e privações, ou equivale a fazer pesar sobre nós o encargo de sustental-os?

Mas, dir-se-ha, os indios aldêados aprenderão logo a cultivar a terra, e poderão viver á sua custa e felizes.

Se a natureza moral de um povo fosse como uma tira de papel, onde se escreve quanto nos vem á cabeça, então seria tão facil mudar-lhes os costumes, como é facil escrever.

Feliz ou infelizmente não é assim. Esses costumes rudes são mais tenazes do que os de um povo civilisado; entrela-

çam-se com seus sentimentos, suas necessidades, e até com suas crenças e superstições religiosas. O mais rudimental conhecimento da natureza faz ver, que é impossivel alterar essas cousas sem o decurso de algumas gerações, e por outro meio que não seja a educação do menino, especial e dirigida para esse fim, e com vistas de reduzil-o a interprete que sirva de laço entre o indio e o christão.

Aldêar o indio em um ponto, é obrigal-o a cultivar a terra para obter um sustento de que elle não necessita; é um peccado contra o senso commum, e d'esses que bradam aos céos.

O indio sustenta-se quasi exclusivamente de carne e peixe. Desde a lagartixa até a anta, a onça e o jacaré; desde o caramujo e a ostra até o pirarucú e o peixe-boi, tudo lhe é carne ou peixe, e lhe serve de alimento, bom e sadio, e elle o prova com a sua robustez, e com o grande numero de annos a que attinge antes de lhe vir a decrepitude.

Notarei para que se não faça idéa erronea de sua hygiene alimentar, pelo que acabo de dizer, que, ao passo que elles se alimentam de muitos animaes, que não comeriamos sem grande rupugnancia, não comem muitos dos que nós comemos; exemplo: a pirahiba, grande parte dos peixes de pelle, o peixe boi, aves e passaros em certas épocas do anno, por serem nocivos á saude.

Diziamos porem, que os indios se alimentam quasi exclusivamente de peixe e carne, e que á vista de seus costumes, elles têm na vida que levam um amplo celleiro d'esses alimentos, com pouco ou quasi nenhum trabalho.

Diziamos que aldêa-los, e por conseguinte sujeital-os á vida sedentaria e a cultivar a terra que lhes dará um alimento de que elles não usam, e que é realmente inferior, constituia um crime de leso senso commum. Vou tornar este pensamento bem claro, figurando um exemplo: Suppo-

nhamos que alguem nos viesse fazer a seguinte proposta: «Proponho que os brasileiros, em vez de comerem carne de vacca, feijão e arroz, se alimentem de lagartixas e jacarés, o que lhes custará muito mais caro ou muito maior trabalho.»

Creio que concordarás que não seria facil sujeitar-nos a isso. Sem palmatoadas, tronco e jejum, seria muito pouco provavel que aceitassemos a proposta. Depois de aceital-a a poder de pancada, jejum e tronco, é muito natural que cada um de nós fosse rebelde, e executasse o serviço de apanhar lagartixas para comer, com muito má vontade.

Pois bem; é isso justamente o que succede ao indio que aldêamos. Exigimos que elle trabalhe para ter um sustento que repelle, tanto como nós repelliriamos o jacaré e a lagartixa; privamol-o de alimentos que prefere, e que elle teria quasi sem trabalho, continuando no genero de vida semi-nomade que lhe é natural. Como isto é contra seus costumes, não é possivel conseguil-o sem castigos; castiguemol-os, e, depois de degradal-os, dizemos: são preguiçosos, estupidos e máos!

Não fôra muito mais util, e ao mesmo tempo muito mais christão, aprender a sua lingua, para poder ensinar-lhes a nossa, e não aldêal-os, porque o aldêamento traz como consequencia forçada isso que venho de referir, e que o simples bom senso convencerá a qualquer pessoa que queira reflectir sobre o assumpto?

Toda tentativa para civilisar indios, que não se assente sobre a base de fazer com que elles comprehendam as vantagens de nossa civilisação, o que só se póde conseguir gradualmente, e o ponto de partida é o ensino da lingua, tudo que não fôr isto, como disse, e não me pejo de repetil-o, é um attentado contra o senso commum.

Mas como ensinar-lhes a lingua?

Pela mesma fórma porque o fizeram os jesuitas, isto é: começando por aprender a lingua d'elles, e creando meninos

a quem obrigavam a fallar o tupi, para se não sequecerem. Estes meninos, quando chegavam a ser homens, eram escolas vivas, porque, possuindo igualmente bem as duas linguas, eram o élo indispensavel para approximar as duas raças.

Os jesuitas antigos começavam por aprender a lingua dos selvagens. Homens de bom senso antes de tudo, comprehenderam que elles, que sabiam ler e escrever, que possuiam habitos de estudo, deviam primeiro aprender a lingua dos selvagens antes de exigir que o selvagem aprendesse a nossa. Si os modernos jesuitas fizessem isso haviam de gozar do respeito e estima de que gozavam os antigos.

Nada ha que o grande apostolo S. Paulo tenha aconselhado com mais energia do que a conversão dos gentios.

De aprender linguas selvagens, que é o primeiro passo para cumprir esse preceito, não me consta que nem um se occupe; duvido mesmo que haja um só que saiba o nome dos livros onde se póde adquirir esse conhecimento.

Deixemos porém isso de parte:

Dizia eu, que os jesuitas antigos seguiam o methodo de aprender as linguas selvagens, para poder ensinar aos meninos indios o portuguez. Sem o conhecimento de duas linguas é impossivel ensinar uma.

Vai para tres annos que o governo entendeu que me devia nomear chefe de um serviço de catechese.

Desde que eu aceitei o encargo, fiquei na obrigação de empregar os esforços necessarios para bem desempenhal-o, sobre tudo quando tal encargo, era e é gratuito.

Eis-ahi a razão pela qual me dediquei e continuarei a dedicar-me ao estudo das linguas selvagens, e ao de assumptos relativos aos indios. Ha brasileiros que conhecem e estudam entre nós o hebreu, o arabe e o sanscrito. E', pois, natural que hajam alguns que se dediquem ao estudo das curiosas e ricas linguas dos selvagens da sua terra, estudo a que se

prende, como mostrei, a solução de um problema importante.

Nossos homens de talento e que se sentem com vocação para este ramo de conhecimento, deviam estudar o tupí de preferencia a qualquer lingua da Asia, e se eu detive-me tanto n'este assumpto, foi com o fim de vêr se, apontando vantagens praticas para o paiz, obtenho que alguns comecem a dedicar-se a este assumpto.

BIOGRAPHIA

DOS BRASILEIROS ILLUSTRES POR ARMAS, LETRAS, VIRTUDES, ETC.

FREI FRANCISCO DE S. CARLOS

Biographia lida perante o Instituto Historico em sessão de 21 de Novembro de 1873

PELO

Dr. José Tito Nabuco de Araujo

Os soldados da cruz têm indubitavelmente um destino glorioso no grande theatro do mundo social e politico.

O sacerdote é o ministro de Deus, o discipulo de Christo, e como seu imitador deve despir-se da vaidade da terra, para congregar todo o seu espirito no sublime mysticismo da meditação christã, que eleva a alma do nada da materia, á altura infinita do que é, e ha de ser, por toda a consummação dos seculos.

O christianismo deificou o homem ainda no pó da terra, para glorifical-o na mansão eterna.

O martyr que se votou a mais cruel de todas as mórtes no circo de Roma, para satisfazer a sêde sanguinaria dos Néros e Dioclecianos, o crente foragido nas ermas solidões da Nitria e da Thebaida para escapar á perseguição dos tyrannos, era a victima innocente, a hostia pura e sagrada, que firme em sua fé e baptismo, em sua consagração e martyrio, convulsava agonisante no amphitheatro pagão da altiva Roma, para erguer-se entre os hymnos do céo no altar da gloria e da immortalidade.

Era um heróe, que ainda na noite da vida, nas trevas do mundo transitorio, ostentava o fulgor da divindade na fronte coroada de espinhos, e no rosto macerado pelos mais barbaros tormentos.

Constantino o Grande correu o véo sobre esse passado, onde até a prostituição era imposta como a mais horrivel das penas ás mais castas donzellas e mais edificantes matronas, e a luz raiou entre as trevas, a aurora surgiu sobre o lago infecto e sanguinolento, e o estandarte da mais augusta das religiões conhecidas desfraldou-se no alto dos maiores imperios do mundo, sendo o seu emblema sagrado a estrella fulgida que scintilla na corôa e nos scetros dos imperadores.

Foram tão esplendidos os triumphos da Igreja no seu rapido e futuro desenvolvimento, tão admiraveis e immarcesciveis as palmas colhidas por Antão, Pacomio, Athanasio, Bernardo, que homens e mulheres corriam para admirar os modelos de perfeição evangelica, erguidos no pedestal da terra, a entestar com as alturas do céo.

A Europa inteira ficou maravilhada com o estrondo das victorias alcançadas pelos filhos da fé, da esperança, e da caridade no campo sagrado de sua divina peleja, e os propagadores do instituto religioso, os iniciadores do claustro, formaram longe do ruido do seculo, da effervescencia das paixões, e da grita da ambição e da inveja, a familia religiosa, centro de luz no meio da noite, flor embalsamada entre cardos inodóros, myrrha agradavel do tabernaculo do Senhor, fogo sempre vigilante ao pé da ára santa do sacrificio, e marco brilhante mostrando aos fieis no laberintho dos precipicios da vida, o verdadeiro caminho da Cruz, da salvação, e da eternidade.

O que os sonhos vãos dos philosophos não poderam realisar nem os arroubos academicos conseguir, fel-o a fé

viva de uma outra vida real e eterna, aonde as auróras são perennes, o bem infinito, a esperança satisfeita, e a bemaventurança eterna e divina.

Ergueram-se no areial da proscripção terrestre as arvores sagradas á cuja sombra se abrigaráõ, até o ultimo dos dias os fieis, filhos de Deus, e seus ramos virentes e frondosos derramam-se por toda a parte, illustrando os póvos, espancando as sombras, e fazendo resurgir a luz da fé e da sciencia por todos os angulos da terra.

O Monte-Cassino, a congregação do *Santo Amor*, a de *Cister*, receberam sob suas arcadas, viram prosternados no chão do templo, á luz dos cyrios santos, pontifices e doutores, que foram verdadeiros apostolos da paz e da misericordia, pronunciadores da promissão, no carcere sombrio — dos captivos peccadores.

O progresso do christianismo ia cada vez mais brilhante no caminho da humanidade, e mais tarde quando o pontificado estava no seu maior esplendor, em uma mesma cidade dos *Estados da Igreja*, proximo á cadeira de S. Pedro, no bispado de *Asisium* a 19 kilometros S. E. de *Perusa*, sobre uma montanha, descerrava os olhos á luz *Francisco de Assis*, instituidor da ordem dos *irmãos menores*, filho de um rico negociante de nome *Bernardon*.

O filho do mercador preferiu ser o soldado de Christo, a gozar o luxo e a grandeza, e votando-se á vida monastica, fundou no anno 1208 em *Portiuncula*, perto *de Asisium*, o seu instituto religioso.

O assombro que o illustre fundador causou pelos prodigios de sua abnegação, fé, e caridade, na *Syria e no Egypto;* a visão seraphica que na vespera da Exaltação da Santa Cruz, revelou ao filho de *Asisium* sua eleição divina, santificaram ainda em vida o venerando monge, engrinaldaram-lhe a fronte com o resplendor divino, ao depois

sagrado na santa canonisação pelo papa Gregorio IX, o pontifice das Decretaes.

De um dos herdeiros de sua gloria, de um dos mais illustres filhos da ordem franciscana, vou eu hoje fallar n'este augusto recinto, esperando alcançar a benevolencia de tão excelsos ouvintes.

Frei Francisco de S. Carlos, religioso franciscano do convento de Santo Antonio da côrte fará, pois, o objecto d'este serão litterario.

Frei Francisco de S. Carlos, conhecido no século por Francisco Carlos da Silva, era natural do Rio de Janeiro e baptizado na freguezia de S. José, filho legitimo de José Carlos da Silva, natural e baptizado na freguezia da Sé Velha do bispado do Rio de Janeiro e de sua mulher Anna Maria de Jesus, natural e baptizada na Sé do Rio de Janeiro (1).

O moço Francisco Carlos da Silva mostrou desde os mais verdes annos tendencias religiosas, e ainda mais se pronunciaram estas, depois que algumas decepções vieram amargurar o coração ardente e a imaginação viva do futuro épico brasileiro.

Levado pelo seu espirito, attrahido pelas idéas grandiosas do christianismo, Carlos da Silva procurou o convento de S. Boaventura de Macacú, entrou em familiar conversação com os filhos de Francisco, com os quaes seu pai mantinha relações, e de tal sorte a alma do talentoso joven, se inebriou á vista do mysticismo e sublimidade da vida monastica, tão grande encanto achava na elevação do Evangelho em frente da vã philosophia dos homens, que instado pelos amigos do claustro, resolveu-se a abraçar a vida religiosa.

(1) Livro do Registro dos religiosos franciscanos—Pag. 63.

Francisco Carlos da Silva tinha-se distinguido nos estudos que fizéra, e ainda que as suas pósses não lhe podessem ministrar os meios de haver valiosos volumes e conversar com os notaveis mestres da sciencia, no silencio e calma do gabinete litterario, elle enriquecia a sua intelligencia eleita, já ouvindo as notabilidades do convento, já esquecendo as horas na consulta dos livros da bibliotheca.

O espirito do século volveu-se ao silencio do claustro, o homem, fez-se monge.

Talvez que a fumaça pardacenta do mundo, o alarido do seculo do vapor e da electricidade, do metal e do egoismo, tonteasse o cerebro do illustre fluminense, e elle fosse procurar entre os santos cyrios do altar, a paz e o bem estar, que não se encontra no turbilhão das paixões sociaes.

Frei Francisco de S. Carlos foi aceito á ordem dos irmãos menores de S. Francisco do Rio de Janeiro pelo reverendo provincial frei José de Jesus Maria Reis, e tomou o habito no convento de S. Boaventura da villa de Macacú, sendo guardião o irmão prégador frei José de Santa Ursula Pacheco aos 31 de Outubro de 1778.

O noviciado do novo irmão menor, de S. Francisco foi completado com applauso de seu mestre de noviços e com louvor dos superiores da ordem, e S. Carlos, com a aprovação plena dos franciscanos, professou no dia 1.° de Novembro de 1779, sendo nomeado collegial para o curso de philosophia aberto no mesmo convento em 6 de Outubro de 1781, recebendo logo as ordens de sacerdote aos 5 de Julho de 1784, pelo Exm. Sr. D. José Joaquim Mascarenhas Castello Branco, com letras do reverendissimo provincial frei José dos Anjos Passos.

D'ahi por diante começam as glorias do novo filho de Francisco, e o seu acurado estudo, o vigor com que observava os sagrados preceitos da sua regra, tornaram-n'o

digno de merecer dos seus irmãos, no dia 25 de Fevereiro de 1785, a eleição para o cargo de *passante*, equivalente ao que hoje se chama nas *academias*, *repetidor*.

Continuando a distinguir-se na carreira do magisterio, revelando todos os dias elevados dotes oratorios, sciencia, estudo, e perseverança, captivando sempre a estima dos seus discipulos, pela amabilidade do seu trato, e esplendor do seu genio, foi eleito prégador e confessor dos seculares a 28 de Fevereiro de 1789. Mais tarde, chegando a nomeada do illustre monge até a provincia de S. Paulo, foi eleito á instancias do reverendo capitular e da camara da cidade de S Paulo, lente de Theologia Dogmatica, para ensinar aos escolares ecclesiasticos d'aquelle bispado.

Regressando ao Rio de Janeiro cada vez mais engrandecido pela fama do seu talento oratorio e de suas virtudes, sabendo captivar a geral sympathia de quantos tinham a felicidade de cultivar suas preciosas relações, foi o reverendo monge, eleito commissario dos terceiros do Rio de Janeiro em 24 de Janeiro de 1796, merecendo ser pouco depois em 1801 deputado pelo reverendissimo frei Joaquim de Jesus e Maria, para visitar as ordens terceiras de Minas-Geraes, partindo para o seu destino em companhia do Exm. Sr. Bernardo José de Lorena, general de *Villa-Rica*.

O distincto monge na delicada e espinhosa missão que recebêra da ordem, não desmereceu a confiança n'elle depositada, honrou-a, prestando importantes serviços ao convento pelo modo porque terminou os negocios, então algum tanto complicados entre o convento e diversas ordens terceiras em *Minas-Geraes*.

Frei Francisco de S. Carlos distinguiu-se tanto no pulpito e no magisterio, que ainda em *Minas-Geraes*, foi pedido pelo Sr. Bispo, para ensinar a eloquencia sagrada no seminario de S. José.

E' para lastimar que o illustre franciscano não nos deixasse no seu asilo santo, os sermões que tanto enriqueceram a tribuna sagrada, e que os discursos brilhantes, enlêvo do auditorio arrebatado pela eloquencia do orador, thesouro de fé, e contricção, ficassem sepultados no olvido, perdidos como o echo na amplidão do espaço.

E' para lamentar a incuria d'aquelles a quem cumpre velar na santa guarda dos materiaes com que no futuro, as gerações do porvir, terão de elevar o monumento grandioso da litteratura nacional; ainda mais condemnavel, por certo, que os irmãos da mesma ordem religiosa, sobretudo os ultimos filhos, do claustro derradeiros herdeiros de tantas glorias sepultadas no pó, e no esquecimento, elles que não educam, que não catechisam, que não propagam, nem a fé, nem a caridade, vivam indolentemente, contemplando indifferentemente a ruina do tempo, sem curar ao menos de impedir o corruido da traça nos volumes preciosos, e a derrama do pó destruidor nas estantes da bibliotheca.

Foi em vão que bati a porta dos franciscanos; embalde corri os desertos corredores, não encontrei nem bibliotheca, nem volumes, e o que é mais triste, lamentavel, vergonhoso mesmo, ouvi do provincial da ordem: « *que tudo estava perdido, a bibliotheca em estado de não poder ser visitada, assim como não se haviam collegido os sermões de frei F. de S. Carlos.* »

Entre aquellas ruinas o que unicamente encontrei foi o Livro do Registro dos religiosos franciscanos.

Do convento de S. Antonio passei á bibliotheca publica, gastei alli algum tempo em procurar o importante sermão de frei Francisco de S. Carlos, proferido na capella real, em acção de graças pela feliz chegada de El-Rei D. João VI, augusto e preclaro avô do nosso sabio e amado monarcha,

e não tive a felicidade de achar aquella peça de eloquencia, para enriquecer a historia da vida do orador sagrado.

Resignei-me a fazer obra com o pouco que encontrei, entristecendo-me realmente pelo nenhum caso com que entre nós se conservam preciosos e importantes legados dos que hontem foram verdadeiras glorias da patria, e hoje dormem esquecidos, *até dos seus*, na poeira do sepulchro, onde talvez, nem no dia dos finados, desabroche sobre a lousa fria uma saudade, uma corôa, uma lembrança!

Morreram!... Os mortos pertencem ao sepulchro, o que lhes importa o mundo, o seculo, e o porvir?!

Por effeito de um acto official cuja competencia, justiça, e utilidade não é aqui opportuno examinar, estão hoje desertos e mudos os atrios do convento de S. Antonio.

Sob aquellas abobadas, n'aquellas cellas onde respiraram o ar puro da fé os *Rodovalhos*, *Sampaios*, *S. Carlos*, *Vellosos*, *Monte-Alvernes*, só reina o silencio, a saudade, e a morte!

Aquelle convento é uma tumba; a inscripção compoem-se d'aquelles nomes; ao redor só habita a treva, o pó, o esquecimento!

Não mais se ouve alli nem o som do psalterio sagrado, nem os hymnos dos canticos divinos.

Em meio d'aquellas ruinas está-se aniquilando tudo que podia ser aproveitado; chronicas, manuscriptos, documentos e volumes.

E' preciso salvar alguma cousa; ou a admissão de novos noviços para o erguimento da ordem, ou a desapropriação do convento, com a extincção do instituto, para que, o que n'elle existe ainda de precioso, não se perca de todo.

Do exposto resulta que das homilias, sermões e orações funebres do illustre prégador só podemos obter a que pronunciára nas exequias da rainha D. Maria I.

O incansavel obreiro da nossa litteratura nacional, o erudito Sr. Dr. Fernandes Pinheiro, nosso illustre consocio, fallando do distincto prégador assim se exprime:

« Torrentes de eloquencia despenhavam-se de seus labios, como as aguas do Rio S. Francisco na cachoeira de Paulo Affonso; sua voz maviosa, semelhante á do sabiá, deleitava os ouvidos do auditorio, emquanto sua vigorosa dialectica prendia as attenções. Por vezes abandonava-se á inspiração; soava sobre as azas do improviso e arrebatava os ouvintes á regiões desconhecidas: então era Chrysostomo, era Basilio, era Gregorio de Nazianzeno, n'uma palavra era Massillon. A frescura de suas imagens, o viço e esplendor de sua dicção, transmutava o sermão em hymno, e dir-se-ia que dedilhava a harpa de *David.* »

Sobre o sermão a que nos referimos disse tambem o illustrado Sr. Pereira da Silva o seguinte:

« Todo este sermão é admiravel, os pensamentos superiores, a elegancia da phrase, a eloquencia das idéas, e a vivacidade do estylo se reunem e combinam em proporções iguaes: a alma do prégador expande-se maravilhosamente; seu coração falla em todas as palavras; sua intelligencia apparece em todas as expressões: frei Francisco de S. Carlos, com este sermão funebre, toma lugar entre os mais respeitados e conhecidos prégadores de todas as modernas nações. » (2)

Transcreveremos aqui o trexo d'este sermão que trata de descrever a morte da augusta rainha, notavel pelo pathetico, esplendido pelo vigor da phrase, e eloquencia das idéas, ouçamos o eloquente orador:

« E direi eu, portuguezes, aquelle susurro triste e pavoroso, que vossos corações presagos regeitavam, como

(2) *Plutarcho Brasileiro*, Tom. I, pags. 132 e 133.

ave de máo agouro?... Aquella voz surda que sahia pela boca do povo, e que dizia como que em segredo: — Nossa rainha perece— morre! — Oxalá que não fôra! Verificou-se! — Morreu! — Aqui tendes morta! — Morta? — Eu me reporto — não — viva, porque os justos não morrem! Era necessario que se rompesse este muro de divisão, que impedia-lhe ver o seu Deus sem enigmas: era necessario que os olhos, que foram sempre inundados de lagrimas, estancassem o pranto, e vissem aquella formusura antiga e sempre nóva como diz Santo Agostinho. Bate, pois as azas oh! pomba, solta-te das prisões terrestres, do peso da casa de barro! Hoje é o dia dos teus triumphos! Ergue o collo altivo; remonta os vôos, atravessa as portas dos tabernaculos eternos, abysma-te no coração de teu Jesus, cujas ingratidões nos peccadores tanto magoaram o teu. Recebe o sceptro que elle te ha preparado, mas que sceptro? — Uma vara arrancada d'uma arvore, despojada de suas folhas, privada de fazer sombra, a que o artista dando-lhe um verniz d'ouro não lhe tirou a condição de corromper-se? Não. — E' este sceptro da virtude de Deus que o Senhor envia a Sião para dominar sobre seus inimigos. Arrecada o reino em que teu Deus te mette de pósse: mas que reino? — O de Portugal, que foi fundado em rios de sangue nos campos de Ourique, que no quarto seculo de sua fundação esteve em perigo de ser a herança de estranhos, que no sexto gemeu na viuvez, e que agóra um atrevido repartia sem ser o seu dono (3)? — Não — E' este reino que não tem fim; *et regni ejus non erit finis.* — Recolhe emfim a corôa que te é reservada pelo justo juiz — Que corôa? — D'isto que se chama

(3) O orador allude á divisão do reino de Portugal por Napoleão I ex-vi do tratado secreto de Fontainebleau.

ouro, a que um falso brilhantismo dá o merecimento, e a avareza o preço? — D'estas pedras chamadas ricas, que brilham com a claridade emprestada do sol, e para dizer tudo — terra e mais terra? — Não: a recompensa e corôa é o mesmo Deus recompensador!!! »

Por esta brilhante faceta, podem os conhecedores da oratoria sagrada, julgar de que quilate não eram os brilhantes que do pulpito derramava S. Carlos, diante do auditorio maravilhado pelo esplendor e riqueza de sua dicção.

Notaremos, todavia, que a oração sagrada de que tratamos, resente-se ainda que ligeiramente do estylo antigo e gongorrão tão vulgar nos sermões do missionario franciscano frei Antonio das Chagas, e do padre da companhia de Jesus Manoel dos Reys, que fazia a belleza d'aquella época, insupportavel, porém, perante o progresso da linguagem, do estylo e da litteratura.

Porque o illustre prégador não curou de publicar os seus sermões para legar aos pósteros esse precioso thesouro?

A razão deu-a o seu irmão em habito o venerando frei Francisco de Monte-Alverne, uma das mais scintillantes estrellas da corôa de Francisco.

Disse o eminente orador, que mesmo cégo colheu virente corôa no pulpito, e gemeu o ultimo hymno entre as sombras da morte e a luz brilhante da gloria, na introducção de suas « *Obras Oratorias* » *Discurso Prelim. pag. XI*, o seguinte:

« A difficuldade da impressão, a falta de recursos, a indifferença para com toda a sorte de empresas typographicas, talvez mesmo a modestia dos autores, impediam a execução d'estes projectos que illustraram outras nações, e fizeram avultar a massa dos conhecimentos humanos!! »

Além d'estas considerações apontadas pelo venerando

Monte-Alverne, não pouco concorreu ainda para o descuido de tão importante impressão, o decidido almejo, empenho, e trabalho do illustre franciscano, para ver concluido, impresso e aceito, segundo o seu real valor litterario, o poema epico « *A Assumpção* » sem a menor contestação um dos melhores poemas brasileiros, superior aos que ultimamente têm visto a luz do dia.

O poeta-monge, inspirado pela flamma divina que lhe accendia o estro, cantou na lyra religiosa um hymno, que a posteridade conservará para sempre, entre as mais custosas de suas glorias.

Todo entregue ao difficil, como grandioso empenho que contrahira, terminou a « *Assumpção* » destinada pela excessiva modestia do poeta, a ser o pasto do verme, do fogo, e do esquecimento (4), se alguns dedicados amigos do monge, não o animassem e ajudassem a leval-o ao prélo.

O que sobretudo illuminou a fronte do poéta sagrado e inspirou-o, o que excitou a contemporisar com o desejo dos amigos, foi o cahir entre as mãos de S. Carlos um poemeto francez, com o titulo de *la Chandelle de Arras*.

Esta *obra infernal* na opinião do poeta, *infame em poesia*, era um tecido de injuria, contra Jesus-Christo, sua bemdita mãi, e seus discipulos, S. Carlos, resolveu dar á luz a « *Assumpção*, cuja a acção se abre em *Epheso*.

O poeta antes da censura, disse, prevenindo a severidade dos criticos, a respeito do valor de seu poema, o seguinte:

« .... Se não são versos ao menos não são blasphemias, e se não fallo a linguagem do Pindo, fallo a do Calvario. »

Não concordamos com a opinião de alguns censores sobre ter o poeta escolhido os versos *endecasyllabos* ou *heroicos* rimados de dois em dois, que julgam ser este genero de

(4) Prefação do Poema « *Assumpção* » pag. 111.

verso empregado sómente na poesia comica. Horacio o recommenda para cantar grandes successos e se o « *similiter desinentia* » dos latinos concórre pouco para bella euphonia da metrificação em vulgar como o reconheceu o proprio poeta, todavia, quando é mantida a cadencia e a grandeza do verso, a par da magestade do assumpto, elle não faz desmerecer a Epopeia.

Seria preferivel a oitava rima ou o verso branco, mas porque são os versos da « *Assumpção* » *endecasyllabos*, não deixa o poema de ser notavel e grandioso, além de que o proprio *S. Carlos* reconheceu, que foi má a escolha do verso, sendo o mal irremediavel.

O poeta inspirou-se nos soberbos modelos impressos na lamina brilhante da immortalidade, pelo genio de *Tasso*, *Klopstock* e *Milton*.

A « *Jerusalem*, » a « *Messiada* » e o « *Paraiso Perdido*, » forneceram ao poeta inspiração, idéas, episodios, e até descriptiva.

A cada passo se encontra no poema uma imagem, um reflexo, uma lembrança, d'aquelles fócos de luz, poesia, e gloria.

As scenas religiosas descriptas no poema, assim como, a derróta e sublevação dos espiritos infernaes, assaz confirmam o nosso parecer, sendo para notar que na descripção do inferno, encontremos grandes reminiscencias, semelhança muito approximada do inferno do *Dante*, na *Divina Comedia*. *Alighiéri*, o immortal cantor de *Beatriz*, que cantou o *Inferno* em XXXIV cantos cheios da maior opulencia de originalidade e maravilhoso, emprestou mais d'uma flór mimosa do seu primoroso jardim ao celebre cantor de « *Assumpção*. »

No poema do distincto franciscano, notamos, o que infelizmente não encontramos nos poemas contemporaneos de

nossos poetas, grandeza do assumpto, unidade de acção mais ou menos sustentada, originalidade senão no complexo do poema, ao menos em muitos episodios, sendo para notar sobretudo o da descoberta do *Paraiso* onde estão *Enoc* e *Elias*, e cuja descripção é brilhantissima, primando pelo colorido americano ou brasiliano, que faz verdadeiro realce em todo o canto 3.° do poema. E' tambem muito feliz e original o episódio que contem « *Os actos dos Apostolos* » contando a perseguição de *Epheso*, magnifico primor do IV canto do poema.

Toda a « *Assumpção* » revela que o poeta se achava possuido da mais viva fé, que aquelle coração era abrasado pela ardente crença religiosa derramada em cada pagina, verso, cantico, episodio do poema.

No pathetico, que como o maravilhoso é a alma da « *Epopeia* », o distincto épico brasileiro, observou com alguma felicidade as difficeis regras de tão elevada poesia.

O venerando franciscano dedicára todo o resto de seus dias ao trabalho do seu poema « *Assumpção.* »

Era a sua mais querida idéa, o seu mais vivo empenho: — ver aceito e abraçado pela patria agradecida o filho dilecto de sua alma.

A prova d'isto está na ultima entrevista de « S. Carlos » com o seu respeitavel amigo «*Padre-Mestre Monte-Alverne,*» da qual nos falla, com a habitual proficiencia o « Sr. Araujo Porto-Alegre » em uma carta dirigida ao Sr. Dr. Lagos, impressa na *Revista Trimensal do Instituto Historico*, Tomo 3.° n. 12 da 2.ª serie, pag. 544—545.

« Depois de relatar a ultima visita que lhe fez o « *Padre-Mestre Monte-Alverne,* » quando o poeta encarava a morte com toda a resignação, rolou a conversação sobre o seu poema, e as criticas que soffrêra, e n'esta occasião revelou elle o pezar de não ter podido reimprimir sua obra com as

alterações que lhe fizéra não só no todo, como em muitas partes.

« E n'isto, tremulo se debruça, cava debaixo do travesseiro, tira um volume, e mostra-o ao seu amigo: era o da primeira edição, todo riscado, emendado, escripto á margem, intercalado com folhas manuscriptas, e augmentado com caderninhos do mesmo formato; tudo escripto pelo proprio punho, e nitidamente feito e prompto para sahir á luz da imprensa:

« Eis-aqui o meu poema, diz elle a *Monte-Alverne*, possa esta obra dar algum realce á nossa ordem no Brasil. Sinto morrer sem mostrar que fui docil á opinião dos amigos e criticos que me honraram. Eis aqui uma obra cuja historia é simples, mas curiosa, porque nasceu debaixo de inspirações alheias ao apparecimento d'estas creações: aqui nada houve de profano, nada do que pertence ao seculo. »

Apezar da solemne declaração do monge seu venerando amigo, e do annuncio por elle feito d'uma segunda edição, purgada de todo, dos defeitos da primeira, nenhum esforço fez a ordem para obtel-a, e nunca ella appareceu á luz do dia.

E assim se perdem os mais preciosos legados dos que foram, pela indifferença dos que são!

O poema do illustre franciscano estava completamente esquecido; ninguem mais fallava n'elle, tendo sido muito os seus censores, entre elles o conego *J. da Cunha Barbosa, Ledo*, e ultimamente o nosso distincto consocio *Dr. J. C. Fernàndes Pinheiro*, graças aos esforços do qual deve a patria, uma nova edição (Rio de Janeiro, 1862), por elle correcta, visto não ter podido o illustre critico brasileiro obter d'uma sobrinha do finado franciscano, as importantes corrigendas feitas pelo veneravel monge.

Já anteriormente outro illustrado consocio o *Sr. J.*

Norberto de Sousa e Silva tinha trasladado o poema para as columnas do « *Mosaico Poetico.* »

Citaremos agora alguns trexos da « *Assumpção* » mais dignos de menção.

Na invocação são bellos os seguintes versos:

« Oh! tu, grande signal, raro Portento
Dos sec'los, e do etherio Firmamento;
Nova Idéa brilhante, a mais perfeita
Do Archetypo exemplar; e tão aceita,
Que chegaste a ser d'elle, oh! maravilha!
Doce Mãi, linda Esposa, cara Filha,
Aspira os votos meus; e que meu canto
Cauze a terra prazer ao orco espanto.
Aspira, ó virgem, porque cante e diga;
Quanto a verdade, e a devoção obriga.
Pulchros Celicultores, que os assentos
Rubis, d'onde refracta a formosura,
Desde o berço da luz, da luz mais pura:
Vós, que mil vezes n'esta santa empreza
Mediste-vos com a barbara fereza
Do Cáos; e de seus monstros e tyrannos
Frustrastes as traições e negros planos;
Se por mim celebrada se sublima
Vossa Augusta Princeza, em doce rima,
Dai tambem novo ardor ao canto nosso,
Que sendo por quem é, tambem é vosso.
E tu, Igreja, tu nunca invocada,
Musa do céo, de estrellas coroada;
N'esta via escabrosa e tão confusa
Ah! digna-te de seres minha muza.
Os mysterios descobre ao vate altivos,
Que em cofres d'ouro guardam teus arquivos:

Dize como póde a tanta altura
Elevar-se a terrena creatura;
Que louros recebeu, que recompensa
De alta Mão, que no premio é grata e immensa. »

Mais adiante, no mesmo canto I o poeta abrindo a narração e fallando

« ..... da etherea casa soberana
Do Olimpo onde se escreve a sorte humana
D'aquelle que no céo e fóra existe
A cujo alto poder nada resiste.

relata que o Ente Supremo urdindo os meios de honrar a santidade:

« E fallando comsigo só dizia —
« Pois que! jamais o rosto, e o casto peito
« De meus justos tingiu por meu respeito
« Uma lagrima só, que o tal excesso
« Não deixasse ver só o cunho impresso
« De minha grata mão; e ora apoucado
« Tenho o meu braço immenso abreviado
« Com quem comigo foi das creaturas,
« A mais rica em finezas e ternuras?
« Já n'essa prisca idade, que passára,
« Fiz meu nome atroar, e a minha vára;
« Tremeu o chão, onde o Nilo móra
« Com os deuses sacrilegos que adóra;
« Ouviu-me a voz o mar, e mal que ouviu,
« As phalanges de Memphis engoliu:
« Oito lustros o céo por seu mandado
« Regalou a Jacob meu servo amado;

« Viu o *Nébo*, e o *Sinai*, mudos de espantos,
« E depois de prodigios taes e tantos,
« Tenho hoje o coração tão pouco terno
« Para a mãi coroar do Verbo-Eterno ?
« E aonde está o meu poder ? Aonde os meus
« Brios ? Não será assim : eu sou um Deus !
« Disse : e a natureza que escutára
« A voz de força immensa que a creára,
« Com profundo respeito e fé sobeja
« Respondeu de joelhos : Assim seja.
« Então odor mais fino que a Panchaia
« Por todo o santuario já se espalha.
« Ribombam mil trovões, trisulcam raios,
« Pregões do seu furor e seus ensaios.
« Um arco de esmeraldas fulgurante
« Já brilha mais que a filha do Taumante.
« E os vinte quatro santos anciãos,
« Que estão de pé com harpas entre as mãos,
« Em respeito ao Senhor, que a Estyge aterra
« Suas corôas d'ouro poem por terra.

Este trexo do poema em nada é inferior aos sublimes cantos da *Messiada* e do *Paraiso Perdido*. Sobretudo nota-se n'elle elevação de pensamento, vigor de estylo, cadencia do verso, riqueza de trópos, e facilidade da rima.

A vinda de *Michael* é tambem digna de menção, assim como a descripção do Archanjo

« .... domador do negro inferno.
. . . . . .
« Lá vem rodando ; e bate com a soada
« Nas fornalhas do abismo : na pancada
« Mugiram as cavernas do profundo

« E o choque fez tremer a todo o mundo
« E se apraz comparar com muito o pouco
« Qual estampido fero, horrendo e rouco,
« Que o pedaço da rocha desunido
« Rolando faz, das aguas aluido :
« E o que encontra converte em vil poeira,
« Troncos, vimes, calháos, herva rasteira ;
« Té que batendo o plano, treme o plano ;
« Tal baqueou Lusbel lá no sumano.

Riqueza de tropos, esplendor de estylo, magnificencia de pensamento, elevação de poesia de sobra encontramos no trexo citado.

Não nos podemos furtar aqui de trasladar do canto III do poema os seguintes versos, cheios do perfume da patria, exalando o ar nativo do solo americano, suas riquezas, flores e fructos.

« Ha no seio do Immenso uma paragem
« Escondida aos mortaes ; do céo imagem,
« Lugar Santo, ditoso, sem pezares,
« Onde os prazeres giram a milhares.
« Habitação da paz, solar do riso,
« E com razão chamado Paraiso.
« Acolá se entrelaça como a hera
« C'o o rico Outono, a olente primavera,
« Frescos sempre os matizes da campanha
« De perenne verdor, de graça estranha.
« Não adulam a vista n'estes prados
« Arvoredos por ordem alinhados :
« Nem marmoreas columnas soberanas
« De varias ordens gregas, ou toscanas.
« Nem machinas hydraulicas, que as puras
« Aguas deitam por varias mil figuras.

« Só reina a natural simplicidade,
« Que excede sempre a arte em magestade.
« O' Muza, dá a meus versos a doçura
« Dos fructos, que vou dar a pintura.
« A manga doce, e em cheiro soberana
« Que imita o coração, no galho ufana
« D'um lado a crócea côr, e fulsa exalta
« Do luzente metal, que a muitos falta,
« De outro lado porém retrata aquella
« Que o pudor chama ás faces da donzella.
« Pendendo estão dos ramos verdejantes
« Os cajús, á saude tão prestantes;
« Uns amarellos, e outros encarnados,
« Das gostosas castanhas coroados:
« Talismans, que lhes deu a natureza,
« Por não se fascinar tanta belleza,
« Odoriferos jambos coroados
« Alvejam na vergontea apinhoados
« Negreja o lizo abrunho, envolto em luto
« O qual da Syria veio: e o debil fructo,
« Que lá de Cerasutha o nome toma
« Por Lucullo trazido á velha Roma.
« Entre as folhas gigantes laceradas
« Dos bananaes espessos arranjadas
« Lourejam suas filhas; aguçando
« O apetite, e os olhos afagando.
« Dos folhudos festões estão pendentes,
« Pelo tronco trepando, os recendentes
« Fructos da agreste flôr, quadro imitante,
« Do martyrio e paixão d'um Deus amante.
« Gemem emfim as arvores curvadas
« Com o pezo das fructas sazonadas.
« Do limão virginal, da aurea laranja,

« Pomos d'ouro, talvez que em vossa granja
« Hisperides zelaveis : mas colhidas,
« São por Tyrinthio a Euristheo trazidos
« No mesmo ramo encanta a formosura
« Da fructa em flôr, da verde, ou já madura :
« Mostrando a natureza aqui reunido
« Quanto n'outras sazões tem repartido.
« Tal matrona fecunda em proles bellas
« Nubeis tem, uma ao collo, e outras puellas.
« Assim n'um quadro só pinceis mui habeis
« Dezenha mil objectos deleitaveis.
« Assim por S. João, no mez nevádo,
« Depois do esbulho teres supportado
« De tuas ramas velhas, ó roseira,
« Aos astros te apresentas lisongeira,
« Quando as novas de rosas mil enxertas ;
« Umas em botão, outras abertas.
« Em vão nedios racenios a encrespada
« Vide, que com o olmeiro está casada
« A luz febea expoem, tanta riqueza
« Ai ! da pompa é tropheo, é só belleza.
« Alligero cantor da etherea estancia
« Apenas próvas parte da abundancia.
« Tal era a sorte d'outras muitas fructas,
« Sempre das mãos intactas e incorruptas.
« Tal a da pinha, que trazida outr'ora
« Do Eôo paiz, berço da aurora,
« Com seu nectar suave torna escravos
« Abelhas do monte Hybla, vossos favos.
« Tal a tua, ananaz, rasteiro e baixo :
« Mas que tens por corôa alto penacho,
« E vestido de escamas, qual guerreiros,
« Um halito bafejas lisongeiro.

Um pintor preparando as mimosas tintas em sua palheta, não desenharia melhor que o inspirado poeta as riquezas da flora brasileira. De tal sorte é a descripção da manga, do cajú, e do ananaz, que parece sentir-se o perfume da fructa, como o seu sabor, deixando o leitor com o desapontamento da imaginação, sem poder satisfazer o gosto do paladar.

Entre as censuras feitas ao poema de S. Carlos é sem duvida verdadeira e justa a que se refere a ter o poeta confundido o sagrado com o profano; mesclando em todo o plano da obra os deuses da fabúla, com os anjos e archanjos do Paraiso.

O christianismo e a mythologia a cruz e o paganismo estão alli de envolta. A par de S. Miguel, archanjo, aguardando a vinda da *Senhora* de Epheso para o céo, estão

« .... as Eumenides furias tão medonhas
« De gripho armadas, e fataes peçonhas
« A féra Erinix, ou cruel Alecto,
« De serpes engrenhada a coma e aspecto.
« Carybdes, Scylla, Esphinges desconformes,
« E d'um só olho as Gorgonas enormes.
« Equipedes Nubigenas monstruosos,
« De leve nuvem partos vergonhosos:
« Triformes Ginóes, Janos bifrontes,
« Os Aloidas altos mais que os montes
« Hydras de cem cabeças, mil serpentes
« Nas escamas verdes, e na crista ingentes:
« Nas mãos com a tocha a anguifera Megéra
« E com flagello horrivel.

Mas sobretudo o que julgamos de grande reparo, improprio de um poema sacro, e que até provoca idéa por demais

profana e lasciva, é a descripção do emblema do *Espirito-Santo*, que se encontra no canto II, pag. 26 :

« Tambem se via a candida pombinha,
« Emblema do Alto Espirito, que tinha
« Do bico d'ouro um raio, que tocava
« *Da Virgem o peito*, e a *Virgem fecundava*
« Sem que a prole do céo, não vista empreza,
« Desbote a flôr da virginal pureza. »

Ha verdadeiro perigo em pretender-se descrever por actos da vida externa, materiaes e humanos, um alto e sagrado mysterio, como o da Conceição da Virgem. O poeta o tentou e foi cahir em cheio no mais pronunciado materialismo. Uma pombinha lançando raios proliferos no seio de uma virgem, poderá excitar uma idéa material e voluptuosa, nunca o divino mysticismo de uma encarnação sagrada, que o homem aceita com a fé do dogma e nunca com a força do raciocinio.

Outro tanto não se encontra na *Messiada*. Alli não ha idéa que não seja divina : tudo no immortal poema de *Klopstock* é puro e sagrado. Desde a descriptiva da introducção do anjo *Gabriel* no santuario, por intermedio do seraphim *Eloha*, e da genuflexão no altar da redempção, até a entrada do *Messias* no reino da gloria, onde se assenta á direita do seu *Pai Eterno*, tudo rescende á myrrha do céo, á panchaia do paraiso.

Na *Assumpção* a par da contínua côr imitativa do cantico immortal do filho de *Quedlinbourg*, das reminiscencias do *Tasso* e do cégo cantor do *Paraiso Perdido*, existem incorrecções imperdoaveis, sobretudo em um poema do quilate da *Assumpção*.

Entre ellas notaremos uma das mais salientes logo no começo do canto VI:

« O' tu, igreja santa, linda esposa
« Do Cordeiro de Deus; minha mimosa
« Clara musa gentil, que *por capellas*
« Brilhante cercaduras tens de estrellas. »

Aqui o poeta, para forçar a rima, cahiu em deploravel incorrecção de phrase. A euphonia do verso, a belleza do trópo, estão alli completamente sacrificadas pela *cacophonia —por capellas*, digna de censura em qualquer escripto litterario, e muito mais flagrante em um poema épico.

Para não alongar mais este trabalho remataremos o que nos suggeriu a analyse do poema de S. Carlos, repetindo ainda uma vez que o consideramos um dos melhores poemas nacionaes, fazendo votos e supplicando á *commissão de pesquiza e exame de manuscriptos* d'este Instituto que, pelos meios ao seu alcance, esforce-se para obter as corrigendas feitas pelo illustre poeta, e que existem em mão de uma sobrinha do finadp monge franciscano.

Continuando a carreira religiosa encetada ainda no verdor dos annos, S. Carlos teve o prazer de ser por duas vezes eleito guardião, terminando a segunda guardiania de Nossa Senhora da Penha, na provincia do Espirito-Santo, com geral applauso da ordem, pelo que foi em 1813 eleito guardião do convento de Santo Antonio da côrte, sendo mais honrado com o cargo de revisor ou censor episcopal, para o qual foi nomeado pelo bispo capellão-mór em attenção ao saber, e virtudes do illustre e venerando monge.

Ainda uma gloria, um brilhante louro estava reservado ao eloquente orador sagrado. Por occasião das festividades que se celebraram n'esta capital pela chegada da familia

real (1808) foi S. Carlos o prégador escolhido para occupar a tribuna sagrada, e com tanto realce o fez que o principe regente, ao depois el-rei D. João VI, maravilhado pela eloquencia do orador, confessou nunca ter ouvido nada de melhor, nomeando-o logo prégador de sua real capella, e agraciando-o mais tarde com o honroso emprego de examinador da mesa de consciencia e ordens.

No capitulo provincial celebrado em 15 de Outubro de 1814 foi eleito definidor, sendo proposto em segundo lugar na nomina que se fez dos religiosos para visitador-geral e presidente do capitulo em 26 de Outubro de 1820, eleição presidida pelo padre-mestre Fr. José Carlos de Jesus Maria, de cujo officio tomou posse por nomeação do Sr. internuncio em Lisboa, celebrando o capitulo provincial em 20 de Outubrò de 1821.

Foi esta a ultima corôa conquistada pelo monge franciscano.

Fatigado pelo excesso do estudo e do trabalho, tendo sobre os hombros a pesada cruz da senectude, com a aureola argentina que a mão do tempo cinge a fronte dos que muito têm penado n'este valle tenebroso, S. Carlos abandonou o pulpito, e ainda mais sepultou-se entre as sombrias arcadas do claustro de Santo Antonio.

Sereno e contricto o filho de Francisco aguardava que a sua ultima hora corresse na ampulheta da vida, que o derradeiro crepusculo, o ultimo raio de luz desmaiasse para sempre n'aquelles olhos illuminados pela chamma viva da fé, e que tinham ainda no caminho tortuoso e asperrimo da terra contemplado as grandezas infinitas do céo, os extases indescriptiveis da verdadeira gloria, que só é dado ao justo devassar dos ennegrecidos umbraes da humanidade.

A 6 de Maio de 1829, na idade de sessenta e seis annos,

tres mezes e sete dias, o anjo da morte roçou a sua aza negra sobre a fronte abatida do venerando franciscano.

Contricto, e tendo recebido todos os sacramentos, o religioso ancião deitou a fronte sobre o travesseiro da morte e dormiu para sempre. Nos labios pousava-lhe um sorriso!

E' que ás portas do tumulo sua alma eleita reconhecia quanto era pequeno o planeta terrestre lançado na amplidão do espaço a par da immortalidade e da gloria.

Aquella voz eloquente, que vibrava imponente do alto da tribuna sagrada, e da qual o virtuoso principe regente el-rei D. João VI apregoava a primazia, emmudeceu para sempre.

Do orador, do monge, do poeta, só existe um tumulo, uma cruz, e uma saudade!

Elle descança no meio das trevas, do esquecimento, e do descalabro de sua ordem.

Entre aquellas ruinas do passado, na noite escura que cerca o claustro de S. Francisco, algumas estrellas fulgem illuminando o tabernaculo santo. São os tumulos dos venerandos vultos da ordem, archotes inapagaveis da fé, que perdurarão para sempre, glorificando a *Provincia da Immaculada Conceição* (5), e o Pantheon da Santa Cruz. E quando os posteros se erguerem no sólo do Brasil, certo que uma corôa immarcescivel e uma gloriosa inscripção apontarão ao futuro caminheiro d'esta estrada transitoria a ultima morada do poeta da *Assumpção!*

A inscripção dirá : A Patria agradecida.
A corôa será a da — Immortalidade.

E' a unica aspiração do genio, a unica gloria, a ultima conquista.

Immortalidade na terra, eternidade no céo!

(5) Assim se denomina a ordem franciscana no Brasil.

ACTAS DAS SESSÕES DE 1873

1ª SESSÃO EM 13 DE JUNHO DE 1873

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm. Sr. marquez de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto os Sr. Drs. Joaquim Manoel de Macedo, conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, José Ribeiro de Sousa Fontes, Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, desembargador Olegario Herculano de Aquino e Castro, Maximiano Marques de Carvalho, Felizardo Pinheiro de Campos e João Ribeiro de Almeida; e, sendo recebido S. M. o Imperador com as honras do estylo, o Sr. presidente abriu a sessão.

Não havendo leitura de acta, o Sr. conego Dr. Fernandes Pinheiro, 1º secretario, lêu o expediente, que constou do seguinte:

Um aviso do Sr. ministro do Imperio, datado de 14 de Janeiro do corrente anno, declarando ficar inteirado, pelo officio que lhe dirigiu o Sr. presidente, das pessoas que foram eleitas para servirem os diversos cargos d'este Instituto durante o presente anno social.

Dito do Sr. director da secretaria de estrangeiros, remettendo, de ordem do Sr. ministro d'esta repartição, um exemplar do *Relatorio* apresentado á assembléa geral legislativa na actual sessão.

Officio do Sr. presidente da provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul, datado de 15 de Janeiro do corrente anno, remettendo um exemplar da *Collecção das Leis* e re-

soluções promulgadas pela assembléa provincial na sessão de 1872.

Dito do mesmo Sr. presidente, datado de 10 de Maio ultimo, solicitando do Instituto uma collecção de suas *Revistas* para uso da bibliotheca publica d'aquella provincia. —Ao Sr. 1° secretario para satisfazer a requisição.

Dois ditos do Sr. presidente da provincia do Paraná, remettendo dois exemplares do *Relatorio* apresentado á assembléa provincial na sua sessão do corrente anno, e dois ditos da *Collecção das Leis* d'aquella provincia do anno de 1872.

Dito do Sr. presidente da provincia do Espirito-Santo, remettendo dois exemplares da *Collecção de Leis* d'aquella provincia, promulgadas pela assembléa provincial no anno passado.

Dois ditos do Sr. presidente da provincia da Bahia, remettendo um exemplar do *Relatorio* com que o Sr. Dr. Joaquim Pires Machado Portella passou-lhe a administração da provincia, e um exemplar da *Collecção das Leis* provinciaes de 1872.

Dito do Sr. presidente da provincia de Sergipe, remettendo um exemplar do *Relatorio* com que o Sr. Dr. Joaquim Bento de Oliveira Junior passou-lhe a administração da provincia em 5 de Novembro de 1872.

Dito do Sr. presidente da provincia do Maranhão, remettendo um exemplar do *Relatorio* com que o Sr. vice-presidente desembargador José Pereira da Graça entregou-lhe a administração da provincia em 4 de Março ultimo.

Dois ditos do Sr. presidente da provincia de Goyaz, remettendo o *Relatorio* que apresentou á assembléa provincial no acto de sua installação em o 1° de Junho do anno passado, e a *Collecção das Leis* provinciaes do mesmo anno.

Dois ditos do Sr. Dr. Latino Coelho, secretario da academia real das sciencias de Lisboa, um com data de 13 de Dezembro do anno passado e outro com data de 20 de Fevereiro do corrente anno, em os quaes accusa o recebimento dos tomos XXXIII, XXXIV e XXXV da *Revista* d'este Instituto, remettidos áquella academia pelo Sr. 1° secretario, e agradecendo em nome da mesma esta offerta.

Dito do Sr. conselheiro Antonio José Duarte de Araujo Gondim, ministro residente do Brasil na republica do Uruguay, offerecendo ao Instituto a obra que, sob o titulo *Rio Grande do Sul and its colonies*, publicou em Londres o Sr. M. G. Mulhall.

Dito do Sr. Dr. Leonel M. de Alencar, encarregado de negocios do Brasil na republica da Bolivia, remettendo um exemplar do 1° tomo do *Archivo Boliviano*, que seu autor, o Sr. Vicente Ballevian y Roxas, offerece a este Instituto.

Dois ditos do Sr. José A. Tavolara, bibliothecario da bibliotheca nacional da cidade de Montevidéo, solicitando pelo primeiro, datado de 27 de Janeiro do corrente anno uma collecção de nossas *Revistas* para uso d'aquella bibliotheca, e no segundo, datado de 13 de Maio ultimo, agradecendo ao Instituto a remessa da dita collecção.

Dito do Sr. Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras, secretario interino da associação typographico-litteraria d'esta côrte, convidando a este Instituto para assistir á sua installação, que teria lugar no dia 16 do corrente, em uma das salas da livraria do editor E. Dupont, e offerecendo por parte d'este varios folhetos.

Dito do Sr. 1° secretario da sociedade scientifica escola de Nelson, communicando ao Instituto a installação da mesma, remettendo a relação das pessoas que formam a directoria e solicitando o auxilio d'este Instituto.

Uma carta do Sr. Dr. Liberato de Castro Carreira, offerecendo seis exemplares do *Relatorio da enfermaria homœopathica*, que, sob a sua direcção, mandou a mesa da santa casa da misericordia d'esta côrte crear para tratamento dos indigentes affectados da febre amarella.

Dita do Sr. Antonio Rodrigues de Almeida Pinto, residente no Pará, offerecendo ao Instituto o seu livro constante de *Noticias authenticas de factos interessantes que se deram no correr da vida do 8º bispo d'aquella provincia, o Sr. D. Romualdo de Sousa Coelho.*

Dita do Sr. Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, offerecendo um exemplar impresso de uma parte da *Illiada de Homero*, traduzida em irlandez pelo Dr. Macs-Hale, arcebispo de Tuam.

Dita do Sr. Dr. Gustavo L. G. Dodt, offerecendo o seu opusculo, contendo os *Relatorios* das explorações que fez nos rios Parnahyba e Gurupy, e terrenos que demoram entre as cabeceiras d'este e as margens do Tocantins na provincia do Maranhão.

Dita do Sr. Henrique Lisboa, datada de Caracas, offerecendo um folheto, contendo a exploração feita no Alto de Naiguatá, montanha mais elevada da cordilheira de Caracas.

Cinco officios do Sr. Dr. Cesar Augusto Marques, acompanhando as seguintes offertas : *Justificação do ex-promotor da capital do Maranhão Filippe Franco de Sá. Almanak administrativo da dita provincia. Relatorio da exposição maranhense em* 1872. *Relatorio* com que o Sr. Dr. Silvino Elvidio Carneiro da Cunha passou a administração da provincia do Maranhão ao Sr. vice-presidente desembargador José Pereira da Graça. *Discursos lidos na inauguração da bibliotheca popular maranhense.* O n. 37 do periodico *Paiz*, e os ns. 31, 32 e 35 do *Publicador Maranhense*, onde se acham publicados varios artigos historicos.

O mesmo Sr. Dr. Cesar, por parte do Sr. Dr. José Ascenço da Costa Ferreira offerece um volume das *Lições de Economia Politica*, por este escriptas.

Foram feitas as seguintes

OFFERTAS

Pelo Sr. Dr. Felizardo Pinheiro de Campos de um exemplar da traducção do *Adolescente* de Cesar Cantu, feita por uma menina de 15 annos, e de um exemplar do opusculo *Reflexões do conselheiro Figueira de Mello sobre a proposição do senado quanto á attribuição do Supremo Tribunal de Justiça de estabelecer a verdadeira intelligencia das disposições duvidosas e obscuras de nossas leis patrias*, etc.

Pela secretaria do Imperio varios *Relatorios* de presidentes de provincias e *Collecções de Leis Provinciaes.*

Pelas secretarias de estrangeiros e justiça os *Relatorios* que os Srs. ministros d'estas repartições apresentaram á assembléa geral legislativa na presente sessão.

Pela Sra. D. Narcisa Amalia as suas poesias com o titulo *Nebulosas.*

Pelo Sr. Manoel Buarque de Macedo o *Relatorio da commissão directora da exposição provincial de Pernambuco.*

Pela associação club polytechnico do Rio de Janeiro os seus *Estatutos.*

Pelo Sr. senador Candido Mendes de Almeida o 2º volume do *Direito Civil Ecclesiastico Brasileiro antigo e moderno, e suas relações com o direito canonico. Pinsonia ou a elevação do territorio septentrional da provincia do Grão-Pará á categoria de provincia com a mesma denominação. Discurso pronunciado na sessão de 22 de Feve-*

reiro de 1873 sobre a politica internacional do ministerio e a eleição indirecta: e *Discurso pronunciado na sessão de 10 de Março sobre a politica religiosa do ministerio.*

Pelo Sr. Dr. Rozendo Moniz Barreto a sua obra com o titulo *Vôos Icarios.*

Pela sociedade real de geographia de Londres o seu jornal de 1871.

Pela sociedade auxiliadora da industria nacional varios numeros de seu jornal.

Varios jornaes remettidos por diversas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

Lêu-se e foi remettida á commissão de admissão de socios a seguinte proposta:

« Propomos que seja conferido o titulo de membro honorario do Instituto ao illustre Sr. conselheiro Dr. Francisco Freire Allemão. Rio, 13 de Junho de 1873 (assignados). —*Marquez de Sapucahy.—J. M. de Macedo.—José Ribeiro de Sousa Fontes.—Manoel Duarte Moreira de Azevedo.—Dr. Maximiano Marques de Carvalho.—Felizardo Pinheiro de Campos.—Dr. João Ribeiro de Almeida.—Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras.—Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.—Dr. Carlos Honorio de Figueiredo.* »

O Sr. desembargador Olegario expôz os motivos que o levavam a pedir exoneração do lugar de relator da commissão de estatutos e redacção da *Revista;* respondeu-lhe o Sr. 1° secretario, o que deu lugar a uma discussão, finda a qual deliberou o Instituto nomear uma commissão especial para fixar a intelligencia do art. 24 dos estatutos. Foram nomeados pelo Sr. presidente para membros d'essa commissão os Srs. Drs. Homem de Mello, Macedo e Moreira de Azevedo.

Achando-se a hora adiantada, o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. Imperial, levantou a sessão.

Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes,

2° SECRETARIO.

2.ª SESSÃO EM 27 DE JUNHO DE 1873

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm. Sr. marquez de Sapucahy

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Joaquim Norberto de Sousa e Silva, conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, Drs. José Ribeiro de Sousa Fontes, Carlos Honorio de Figueiredo, Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Felizardo Pinheiro de Campos, Antonio Alvares Pereira Coruja, tenente coronel Pedro Torquato Xavier de Brito, Maximiano Marques de Carvalho, Alfredo d'Escragnolle Taunay, brigadeiro Dr. José V. Couto de Magalhães e Conego Dr. Manoel da Costa Honorato, faltando por incommodados os Srs. visconde do Bom-Retiro, Drs. J. M. de Macedo e desembargador Olegario H. de Aquino e Castro. E sendo recebido S. M. o Imperador com as honras do estylo, o Sr. presidente abriu a sessão.

O Sr. 2.° secretario, Dr. Sousa Fontes leu a acta da antecedente, a qual, posta em discussão, e não havendo quem sobre ella fizesse observações, o Sr. presidente a deu por approvada.

Em seguida o Sr. 1.° secretario conego Dr. Fernandes Pinheiro, deu conta do expediente, que constou do seguinte:

Um officio do Sr. presidente da provincia do Ceará, remettendo dois exemplares das *Leis Provinciaes* promulgadas pela respectiva assembléa legislativa na sessão do anno proximo passado.

Dito do Sr. presidente da provincia das Alagôas, remettendo dois volumes da compilação das — *Leis provinciaes* dos annos de 1868 a 1872 comprehendendo os actos administrativos e legislação geral subsidiaria.

Dito do Sr. presidente da provincia da Bahia, remettendo um exemplar do *Relatorio* com que abriu a assembléa legislativa provincial no dia 1.° de Março ultimo.

Dito do Sr. presidente da provincia do Espirito-Santo, remettendo dois exemplares do *Relatorio* que apresentou á assembléa provincial na sessão ordinaria installada em 2 de de Maio do presente anno.

Dito do Sr. presidente da provincia do Pará, remettendo dois exemplares do *Relatorio* com que o seu antecessor, o Sr. barão da Villa da Barra, passou-lhe a administração da mesma em 2 de Novembro do anno proximo passado.

Dito do Sr. Dr. Pizarro, director interino do museu nacional do Rio de Janeiro, communicando que, em uma caixa com livros, que recebeu da casa Brockhaus de Leipzig, vieram alguns pacotes de brochuras para este Instituto. Inteirado.

Dito do Sr. Dr. Antonio Pereira Pinto, offerecendo 20 exemplares da *Collecção dos Discursos da Corôa e respectivos votos de graças da camara temporaria, desde a Assembléa Constituinte até o anno de* 1872. Sendo dois exemplares para o archivo do Instituto e os mais para serem distribuidos pelos seus socios presentes.

Dito da directoria da bibliotheca pitanguyense da cidade da Ponta Grossa, na provincia do Paraná, pedindo ao Instituto uma collecção de suas *Revistas* para uso da mesma bibliotheca. Ao Sr. secretario para satisfazer ao pedido.

Dito do Sr. Dr. Americo Brasiliense de Almeida Mello, offerecendo algumas cadernetas, contendo *Exposições de historia patria* por elle feitas aos alumnos do collegio S. João, da cidade de Campinas.

Foram feitas as seguintes offertas:

Pela secretaria de Marinha de um exemplar do *Relatorio* apresentado á assembléa geral legislativa na 1.ª sessão da 15.ª legislatura, pelo Sr. ministro e secretario de Estado conselheiro Joaquim Delfino Ribeiro da Luz.

Pelo Sr. Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão de 2 exemplares da *Prosopopeia* de Bento Teixeira, reproducção fiel da edição de 1601.

Pelo Sr. João Candido de Moraes Rego de um exemplar do *Almanak administrativo da provincia do Maranhão*, 5.° anno de 1873.

Pela sociedade imperial dos naturalistas de Moscow, de 4 fasciculos dos seus *Boletins* do anno de 1863.

Pelo Sr. Daniel Gavet, de um exemplar do seu livro com o titulo: *Mes pages intimes*, Paris, 1873.

Pela sociedade estudos historicos, (antigo Instituto Historico de Paris), o seu jornal o *Investigador* dos mezes de Janeiro e Fevereiro do corrente anno.

Pela sociedade geographica de Paris, o seu *Boletim* do mez de Fevereiro do corrente anno.

Pelo Sr. coronel I. V. Pederneira, por intermedio do Sr. tenente-coronel Pedro Torquato Xavier de Brito, o seu livro com o titulo: *Interesses materiaes da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul.*

Pelo Sr. Dr. Filippe Franco de Sá, ex-promotor publico

da cidade do Maranhão, *Justificação* por elle produzida quando accusado e responsabilisado por falta de cumprimento no exercicio d'aquelle cargo.

Pelo Instituto de Washington, 6 volumes dos *Relatorios* dos objectos pelos Estados-Unidos remettidos á exposição universal de 1867.

Varios jornaes e periodicos, remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Foram lidas as seguintes propostas :

1.ª « Propomos para socio honorario do Instituto Historico ao nosso antigo e illustrado consocio Sr. Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro.

Sala das sessões, 27 de Junho de 1873. — *Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.* — *José Ribeiro de Sousa Fontes.* — *Carlos Honorio de Figueiredo.* — *Pedro Torquato Xavier de Brito.* — *Joaquim Norberto de Sousa e Silva.* — *Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello.* — *Dr. Maximiano Marques de Carvalho.* — *Felizardo Pinheiro de Campos.* — *M. da C. Honorato.* » — Foi remettido á commissão de admissão de socios.

2.ª « Os abaixo assignados propõe que seja admittido socio correspondente do Instituto Historico Geographico do Brasil o Dr. Antonio Manoel Gonçalves Tocantins, cidadão brasileiro, natural de Cametá, provincia do Pará, engenheiro civil, formado na universidade de Liège, actualmente em serviço em sua provincia natal, onde tem publicado memorias geographicas respeito á importante região do valle do Amazonas. Para titulo de admissão os abaixo assignados offerecem a inclusa memoria original inedita

sobre archeologia, intitulada « *Reliquias de uma grande tribu extincta.* »

Sala das sessões, 26 de Junho de 1873. — *José Vieira Couto de Magalhães.* — *Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello.* — *Carlos Honorio de Figueiredo.* — Na fórma dos estatutos, foi a memoria remettida á commissão de archeologia e ethnographia.

Leu-se, e ficou sobre a meza para ser votado na proxima sessão, o seguinte parecer:

« A' commissão de admissão de socios foi presente a proposta assignada por diversos membros do Instituto e lida em sessão de 13 do corrente, conferindo ao nosso digno consocio o Sr. conselheiro Francisco Freire Allemão, o titulo de membro honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Os estatutos que regem a nossa associação reserva essa subida classificação aos socios que se tiverem distinguido por serviços notaveis prestados ao Instituto.

A commissão reconhece com satisfação o incontestavel merito do candidato e os titulos que o recommendam á consideração do Instituto.

Acquiesce, portanto, á proposta, lembrando: Que o Sr. conselheiro Dr. Francisco Freire Allemão, illustrado lente de botanica da escola de medicina do Rio de Janeiro, se acha inscripto como socio correspondente d'este Instituto desde Fevereiro de 1839.

Que, elevado á cathegoria de socio effectivo, prestou o auxilio de suas luzes em commissões permanentes do Instituto, sendo por muitos annos eleito membro da de archeologia e ethnographia e por ultimo da de estatutos e redacção da *Revista*.

Que nas paginas da mesma *Revista* se encontra o acurado fructo de sua proficiencia e saber, distinguindo-se entre os

seus trabalhos aqui prestados, a importante *Memoria* que foi lida em sessão de 16 de Maio de 1856, e se acha inserta no vol. 19.° da *Revista*

E, finalmente, que bem abonados se acham os titulos de merecimento e competencia á honrosa proposta, quando ao candidato foram já dirigidas, em occasião solemne, pelo ex-1.° secretario e hoje muito digno orador do Instituto, como justa homenagem devida á illustração e ao talento, as eloquentes phrases que se seguem, e que a commissão repete como suas, pondo termo ao parecer que offerece :

« O Sr. Dr. Freire Allemão, verdadeiro desvelado e incansavel cultor da sciencia, abalisado naturalista que as mais illustradas nações do velho mundo se ufanariam de possuir, tem já feito tanto pelo seu paiz, tanto para sua gloria, já são tão conhecidas a consciencia, a profundeza e o esmero com que é sufficiente annunciar-se um novo fructo dos seus estudos e laboriosas indagações, para se comprehender que elle acaba de ganhar mais uma victoria para a sciencia. »

Rio, 27 de Junho de 1873. — *Olegario Herculano de Aquino e Castro.* — *Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.*

O Sr. brigadeiro Dr. J. V. Couto de Magalhães leu uma memoria archeologica respeito ao gráo de civilisação a que chegaram os indigenas sul-americanos antes de soffrerem a influencia das sociedades christãs que occupáram a America.

Finda a leitura, o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. o Imperador, levantou a sessão.

Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes,

2.° SECRETARIO

3.ª SESSÃO EM 11 DE JULHO DE 1873

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm. Sr. marquez de Sapucahy

A's 6 horas da tarde, achando-se reunidos, na sala do Instituto, os Srs. Drs. José Ribeiro de Sousa Fontes, Carlos Honorio de Figueiredo, Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Joaquim Antonio Pinto Junior, José V. Couto de Magalhães, tenente coronel Pedro Torquato Xavier de Brito, Maximiano Marques de Carvalho, conego Manoel da Costa Honorato Alfredo d'Escragnolle Taunay e João Ribeiro de Almeida, annunciou-se a chegada de Sua Magestade o Imperador, que recebido com as honras do estylo, e, tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Não compareceram por incommodados os Srs. 1.º secretario conego Fernandes Pinheiro e thesoureiro Coruja.

O Sr. Dr. Carlos Honorio, secretario supplente, servindo o de 2.º secretario, leu a acta da sessão antecedente, a qual, posta em discussão, foi approvada com a seguinte observação feita pelo Sr. Dr. Homem de Mello:

« Que além das cadernetas contendo exposições de historia patria, feitas aos alumnos do collegio de S. João da cidade de Campinas, offerecidas pelo Sr. Americo Brasiliense de Almeida Mello, deve-se tambem mencionar a offerta do *Almanak* da mesma cidade, para o anno de 1873, onde se acha a biographia do distincto botanico brasileiro Joaquim Corrêa de Mello. »

O Sr. Dr. Sousa Fontes, 2.º secretario servindo de 1.º, deu conta do expediente, que constou do seguinte:

Um officio do Sr. director geral da secretaria de estran-

geiros, remettendo um exemplar do *Relatorio* apresentado pelo Sr. ministro d'aquella repartição á assembléa geral legislativa na 2.ª sessão da actual legislatura.

Dois ditos do Sr. presidente da provincia do Ceará, um com data de 18 de Junho e outro com data de 19 de Julho do corrente anno, enviando dois exemplares do *Relatorio* com que o seu antecessor passou-lhe a administração da provincia, e o *Almanak administrativo, mercantil e industrial* d'aquella provincia, para o corrente anno.

Dito do Sr. Dr. Cezar Augusto Marques, offerecendo para o archivo do Instituto, um exemplar do *Relatorio* com que o Sr. desembargador José Pereira da Graça passou a administração da provincia do Maranhão ao Sr. Dr. Silvino Elvidio Carneiro da Cunha.

Dito do Sr. José Manoel Garcia, accusando e agradecendo o recebimento da collecção de *Revistas* que este Instituto lhe concedeu para uso da escola nocturna de adultos da sociedade auxiliadora da industria nacional.

Houve as seguintes offertas :

Pelo Sr. Dr. Emmanuel Liais, de um exemplar de sua obra, com o titulo : *Climats, géologie, faune et géographie botanique du Brésil.* Paris, 1872.

Pelo Sr. João José de Moraes Tavares de um exemplar do *Systema metrico ou Auxiliador do official de fazenda.*

Pelo Sr. Dr. Eduardo José de Moraes, por intermedio do Sr. tenente-coronel Pedro Torquato Xavier de Brito, de 20 exemplares do *Relatorio apresentado ao Sr. presidente de Santa Catharina, pelo engenheiro Eduardo José de Moraes, director da estrada D. Francisca;* sendo dois exemplares para o archivo do Instituto e os mais para serem distribuidos pelos socios presentes.

Pelo Sr. D. Antonio da Costa, residente em Lisbôa, de

um exemplar de sua obra com o titulo: « *Tres Mundos*, Lisboa, 1873.

Pela associação dos engenheiros civis portuguezes, a sua *Revista de Obras Publicas e Minas*, do mez de Janeiro do corrente anno.

Pela sociedade auxiliadora da industria nacional os numeros de Janeiro e Fevereiro do seu jornal.

Pela sociedade de geographia de Paris, do seu *Boletim*, do mez de Abril do presente anno.

Pelo Sr. Guido Cora, os seus *Cosmos*, contendo communicação sobre os progressos mais recentes e notaveis da geographia e da sciencia, Turim, 1873.

Varios jornaes e periodicos remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Leu-se e approvou-se unanimemente por escrutinio, o parecer da commissão de admissão do socios, que ficára sobre á mesa, elevando o Sr. conselheiro Francisco Freire Allemão, socio effectivo, á categoria de honorario.

O Sr. Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello leu as *Memorias do Visconde de S. Leopoldo*, compiladas e postas em ordem pelo mesmo consocio.

Terminada a leitura, o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. o Imperador, levantou a sessão ás 8 horas.

Carlos Honorio de Figueiredo

2.° SECRETARIO SUPPLENTE

4ª SESSÃO EM 25 DE JULHO DE 1873

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm. Sr. marquez de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, Joaquim Norberto de Sousa e Silva, Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Antonio A. Pereira Coru ja, Drs. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, Felizardo Pinheiro de Campos, José Vieira Couto de Magalhães, Pedro Torquato Xavier de Brito, Maximiano Marques de Carvalho, conego Manoel da Costa Honorato, Ladisláo de Sousa Mello e Netto, Alfredo d'Escragnolle Taunay e João Ribeiro de Almeida, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que, recebido com as honras do estylo e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Não tendo comparecido, por justo impedimento, os Srs. 1º e 2º secretarios, occuparam estes cargos os Srs. secretarios supplentes Drs. Carlos Honorio e Moreira de Azevedo; este procedeu á leitura da acta da sessão anterior, a qual, posta em discussão, foi approvada; e aquelle deu conta do expediente, que constou do seguinte:

Uma carta do Exm. Sr. ministro do Imperio, dirigida ao Exm. Sr. presidente d'este Instituto, solicitando a remessa de uma collecção das *Revistas* do mesmo Instituto para ser enviada ao Sr. José Silvestre Ribeiro, em Portugal, em troca de suas obras historicas e litterárias, e especialmente de dezesete volumes das *Resoluções do Conselho de Estado* d'aquelle paiz.

Um officio do Sr. director-geral da secretaria de estrangeiros, remettendo, de ordem do Sr. ministro d'aquella re-

partição, um exemplar da *Auto-biographia do general José Antonio Paez*, impresso em New-York em 1871.

Dito do Sr. presidente da provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul, enviando um exemplar da *Collecção das Leis e resoluções promulgadas na 1ª sessão da 15ª legislatura da assembléa provincial.*

Dito do Sr. José Tito Nabuco de Araujo, declarando não poder comparecer á sessão por motivo justificavel, e offerecendo vinte exemplares do seu romance *Mimi* para serem distribuidos pelos socios presentes.

Dito do Sr. Dr. Cesar Augusto Marques, remettendo para o archivo do Instituto um exemplar da *Falla dirigida á assembléa provincial do Amazonas*, pelo Sr. presidente Domingos Monteiro Peixoto.

Houve as seguintes

OFFERTAS

Pelo Sr. Dr. Evaristo Nunes Pires, por intermedio do Sr. Coruja, de dois exemplares do seu opusculo de historia patria, com o titulo de *Breve Memoria e Elogio Historico de Felicíano Nunes Pires.*

Pelo Sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva de um exemplar do *Esboço Historico da Academia de Marinha desde sua fundação* e da *Companhia de Aspirantes a Guarda-Marinhas, acompanhado dos regulamentos vigentes na escola de marinha, annotados por Augusto Zacarias da Fonseca Costa.*

Pelo Sr. Dr. Nicoláo Joaquim Moreira de um exemplar de sua obra, com o titulo de *Breves considerações sobre a historia e cultura do caféeiro e consumo de seu producto.*

Pelo Sr. conego Honorato, por parte de seu irmão Anto-

nio da Costa Honorato, de vinte e um exemplares da *Nova Tabella de Cambios entre o Brasil e as principaes praças da Europa e Estados-Unidos*, pelo mesmo offertante editadas, sendo um exemplar para o Instituto e os mais para serem distribuidos pelos socios presentes.

Pelo Sr. tenente-coronel Pedro Torquato Xavier de Brito de um volume do *Tratado de limites das conquistas entre os Srs. D. João V, rei de Portugal, e D. Fernando VI, rei de Hespanha*, impresso em Lisboa em 1750.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Lêu-se e ficou sobre a mesa o seguinte parecer da commissão especial, composta dos Srs. Drs. Homem de Mello, Macedo e Moreira de Azevedo, fixando a intelligencia do art. 24 dos estatutos.

« A commissão especial, encarregada de fixar a intelligencia do art. 24 dos estatutos do Instituto Historico e Geographico Brasileiro de modo que fiquem devidamente discriminadas as attribuições da commissão de estatutos e as do 1° secretario relativamente á redacção da *Revista Trimensal* do mesmo Instituto, tem a honra de apresentar o resultado de seu exame e estudo sobre este assumpto.

« O art. 24 dos estatutos, considerado em sua letra e em seu espirito, parece á commissão bastante claro e positivo, de modo a não poder suscitar duvida fundada sobre a sua intelligencia e litteral execução.

« O art. 24 diz:

« Pertence á commissão de estatutos a redacção da *Re-*
« *vista Trimensal*, dirigida pelo 1° secretario; dar o seu
« parecer sobre duvidas que occorram na intelligencia de
« algum artigo dos mesmos estatutos, e propôr as emendas,

« reformas ou additamentos que se julguem necessarios, os
« quaes, depois de discutidos em sessão, serão approvados
« ou regeitados. Pertence-lhe igualmente escolher os es-
« criptos que devem ser publicados, tanto na *Revista do*
« *Instituto*, como avulsos, recebendo antes do 2° secreta-
« rio as copias das actas, as correspondencias que a mesa
« ordenar que se publiquem, as observações e avisos que
« devem entrar no jornal, e, finalmente, as memorias, do-
« cumentos e artigos que lhe forem remettidos pelas res-
« pectivas commissões, com o competente parecer sobre a
« conveniencia da sua publicação. Tambem lhe pertence
« toda a ingerencia ácerca da redacção, impressão e distri-
« buição da *Revista do Instituto*, apresentando para isso
« um plano que se deva seguir, em que venham calculadas
« as despezas indispensaveis para serem approvadas. »

« Esta disposição estatue de modo explicito e terminante que á commissão de estatutos pertence a redacção, impressão e distribuição da *Revista Trimensal*, dirigida pelo 1° secretario; pertence-lhe escolher os escriptos que n'ella devem ser publicados; bem assim as impressões avulsas, e, emfim, tanto a parte que se poderia chamar litteraria, como a economica, das publicações do Instituto. Sendo isto claro, como clara tambem é a disposição que estatue a direcção do 1° secretario em todo esse mister, não se poderia em boa regra de direito interpretar o art. 24, conferindo ao 1° secretario attribuições distinctas, exclusivas, com preterição das attribuições da commissão de estatutos na redacção da *Revista*: tanto esta, como aquelle, tem igual ingerencia, a mesma e uma só tarefa, sendo promiscuo o desempenho das obrigações que a lei commetteu á commissão de redacção e ao 1° secretario.

« O que razoavelmente se deprehende d'aquelle artigo é que a commissão de estatutos, que tambem o é da redacção

da *Revista*, deve funccionar sob a direcção ou presidencia do 1° secretario, formando com elle uma só commissão, na qual a harmonia e o accordo mutuo são as faceis condições de melhor desempenho do arduo, generoso e relevante serviço. Esta disposição do art. 24 dos estatutos basêa-se em fundamentos muito razoaveis: o 1° secretario do Instituto é sobrecarregado de tão pesada tarefa, de tanto e tão assiduo trabalho, e de tanta responsabilidade, ao menos moral, no deposito do archivo, bibliotheca e museu, que justamente se reputou demasiado onus exigir d'elle o encargo difficil e afanoso da redacção da *Revista Trimensal*. Entretanto eram indispensaveis o seu concurso, os seus conselhos e a sua direcção, por isso que o secretario é o depositario do archivo e da bibliotheca, o guarda zelador de todos os trabalhos, e memorias que se lêm no Instituto ou que lhe são remettidas; e assim legitima e plenamente justificada é a sua participação no trabalho da redacção da *Revista*.

« A commissão especial, julga que a questão que lhe cumpriu estudar, pouco importa o facto averiguado de ter sido deixada até hoje a redacção da *Revista* excluvivamente a cargo do 1° secretario; é esse um facto que prova sómente duas cousas: a negligencia das commissões de estatutos e a benemerita dedicação dos 1°s secretarios. O que é legal e positivo, o que se deve observar e cumprir, é o preceito claro e evidente do art. 24 dos estatutos: a redacção, impressão e distribuição da *Revista Trimensal do Instituto*, e quanto é a ella concernente, pertencem á commissão de estatutos, dirigida ou presidida pelo 1° secretario. A questão que se aventou desapparece e annulla-se ante a clareza do art. 24 dos estatutos, e não póde ter outra consequencia que não seja o accordo mutuo e a efficaz harmonia dos cultores da historia, da geographia e da ethnographia patria, que sómente sabem disputar por emulação de maior tri-

buto de benemeritos serviços. A commissão especial conclue, sendo de parecer que o art. 24 dos estatutos do Instituto Historico Geographico e Ethnographico Brasileiro é claro, e deve ser exactamente cumprido emquanto o mesmo Instituto não o reformar, como melhor e mais conveniente julgar em sua sabedoria. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico do Brasil, 25 de Julho de 1873. —*Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello.—J. M. de Macedo.—Manoel Duarte Moreira de Azevedo.* »

Lêu-se e tambem ficou sobre a mesa o seguinte parecer:

« A' commissão de historia foram presentes dois volumes de poesias do Sr. Dr. Rozendo Moniz Barreto, com os titulos de *Cantos da Aurora* e *Vôos Icarios.*

« Ambos os volumes contêm poesias historicas que lhes dão grande realce e tornam o seu autor digno de ser admittido como socio correspondente do Instituto Historico, onde poderá prestar valiosos serviços. Em 25 de Julho de 1873. —*J. Norberto de Sousa e Silva.—J. M. de Macedo.* »

O Sr. Dr. Couto de Magalhães continuou a leitura da sua *Memoria sobre a ethnographia indigena do Brasil,* e o Sr. Dr. Homem de Mello continuou a leitura das *Memorias do Visconde de S. Leopoldo*, pelo Sr. Dr. Homem de Mello compiladas e postas em ordem.

A's 8 horas o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. o Imperador, levantou a sessão.

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo,
2° SECRETARIO INTERINO.

5.ª SESSÃO EM 8 DE AGOSTO DE 1873

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm. Sr. marquez Sapucahy

A's 6 horas da tarde, reunidos na sala do Instituto os Srs. visconde do Bom-Retiro, Joaquim Norberto de Sousa e Silva, conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, José Ribeiro de Sousa Fontes, Carlos Honorio de Figueiredo, Felizardo Pinheiro de Campos, Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, Joaquim Antonio Pinto Junior, A. Deodoro de Pascual, tenente coronel Pedro Torquato Xavier de Brito, Maximiano Marques de Carvalho, e Caetano Alves de Sousa Filgueiras, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que recebido com as honras do estylo, e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

O Sr. Dr. Sousa Fontes, 2.° secretario, leu a acta da antecedente, a qual foi approvada.

O Sr. 1.° secretario conego Fernandes Pinheiro deu conta do seguinte

EXPEDIENTE:

Communicação do Sr. thesoureiro A. A. Pereira Coruja, de não poder comparecer á presente sessão por incommodado.

Um officio do Sr. presidente da provincia do Pará, enviando dois exemplares do *Relatorio* com que o 2.° vice-presidente barão de Santarém passou-lhe a administração da provincia em 18 de Abril do corrente anno.

Dito do Sr. presidente da provincia do Maranhão, enviando dois exemplares do *Relatorio* com que abriu a assembléa provincial em 17 de Maio ultimo.

Ditos dos consocios Srs. senador Luiz Antonio Vieira da Silva e Dr. Cezar Augusto Marques, declarando que de bom grado aceitávam a commissão que este Instituto lhes commetteu de o representar na solemne inauguração da estatua do finado Dr. Antonio Gonçalves Dias, que tem de ser erecta na cidade de S. Luiz provincia do Maranhão. Inteirado.

Dito dos Srs. presidente e secretario geral da associação brasileira de acclimação, communicando a installação da mesma no dia 26 de Julho proximo findo, e enviando os *Estatutos* e a relação dos membros que compõe o conselho administrativo. E' recebido com agrado a communicação.

Dito do Sr. secretario da sociedade alpha litterario, enviando a relação das pessoas que compõe a sua nova directoria, e communicando que suas sessões são celebradas no imperial lycêo das artes e officios. Inteirado.

Dito do Sr. consocio Dr. Cezar Augusto Marques, remettendo para o archivo do Instituto, um exemplar do *Relatorio* com que o Sr. presidente da provincia do Maranhão abriu a assembléa legislativa provincial no corrente anno.

Carta do Sr. vice-almirante De la Ronèière-Lerrou datada de 16 de Junho do corrente anno, dirigida ao Exm. Sr. presidente d'este Instituto, communicando-lhe ter sido nomeado presidente da sociedade de geographia de Pariz, em substituição ao Sr. marquez de Chasseloup-Laubat, cuja recente perda ella deplora; e que entre os deveres, que lhe são impostos, se dedicará sempre com particular solicitude a conservar as multiplicadas relações com as sociedades geographicas estrangeiras, nomeadamente com este Instituto, por conter suas publicações preciosos documentos para o conhecimento do Brasiil, e por isso acolherá sempre

com a maior deferencia e zelo as communicações que por este Instituto forem dirigidas áquella sociedade. E pessoalmente se felicita pela opportunidade que se offerece em entrar em relações com o Sr. presidente, como um dos mais distinctos representantes do mesmo Instituto.

Foram feitas as seguintes offertas:

Pela redacção do *Direito, Revista de Legislação, doutrina e jurisprudencia*, os numeros 1 e 2.

Pelo Sr. Francisco de Figueiredo de um exemplar do *Relatorio* que o mesmo apresentou á mesa da veneravel ordem terceira dos minimos de S. Francisco de Paula, no acto da posse da nova administração em 31 de Maio do corrente anno.

Pelos Srs. Drs. Joaquim dos Remedios Monteiro e Alfredo Theotonio da Costa, de dois exemplares da *Noticia Geral da Provincia de Santa Catharina, escripta pelo arcipreste Joaquim Gomes de Oliveira Paiva.*

Varios jornacs e periodicos remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas sao recebidas com agrado.

Leu-se e entrou em discussão o parecer da commissão especial, fixando a genuina intelligencia do art. 24 dos estatutos. Falláram sobre o mesmo parecer os Srs. conego Fernandes Pinheiro, Drs. Pinto Junior e Homem de Mello, sendo afinal approvado.

Leu-se, e igualmente entrou em discussão o parecer da commissão de historia dado sobre as obras poeticas offeredas ao Instituto pelo Sr. Dr. Rosendo Muniz Barreto, e depois de fallarem sobre o parecer os Srs. conego Fernandes Pinheiro, Pinto Junior e Marques de Carvalho, foi adiado a requerimento do Sr. Norberto.

Passando-se á 2.ª parte da ordem do dia, o Sr. Dr.

Homem de Mello proseguiu na leitura das *Memorias do visconde de S. Leopoldo*, por elle compiladas.

A's 8 horas, o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. o Imperador, levantou a sessão.

Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes,
2.° SECRETARIO

6.ª SESSÃO EM 22 DE AGOSTO DE 1873

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Exm. Sr. marquez de Sapucahy

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes na sala do Instituto os Srs. visconde do Bom-Retiro, Dr. Joaquim Manoel de Macedo, Joaquim Norberto de Sousa e Silva, conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, José Ribeiro de Sousa Fontes, Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Antonio Alvares Pereira Coruja, Felizardo Pinheiro de Campos, desembargador Olegarto Herculano de Aquino e Castro, Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, conego Manoel da Costa Honorato, José Tito Nabuco de Araujo e Caetano Alves de Sousa Filgueiras, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que, recebido com as devidas honras e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

O Sr. Dr. Sousa Fontes, 2.° secretario, leu a acta da sessão antecedente, a qual, posta em discussão, e não havendo quem sobre ella fizesse observações, deu-se por approvada.

Em seguida o Sr. conego Dr. Fernandes Pinheiro, 1.° secretario, deu conta do seguinte

EXPEDIENTE :

Um officio do Sr. presidente da provincia da Bahia, remettendo um exemplar do *Relatorio* com que o 1.° vice-presidente passou-lhe a administracção da mesma em 16 de Junho ultimo.

Dito do Sr. Dr. Francisco Ferreira Corrêa, offerecendo ao archivo do Instituto um exemplar do *Relatorio*, que apresentou, como presidente da provincia do Espirito-Santo, á assembléa provincial, em 9 de Outubro de 1871.

Dito do consocio Sr. Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro, explicando de novo as causas que lhe impediram de continuar a fazer parte da commissão de admissão de socios d'este Instituto.

Dito do consocio Sr. Dr. Cesar Augusto Marques, offerecendo dois folhetos contendo a *Descripção dos festejos que tiveram lugar por occasião do assentamento da pedra fundamental do edificio onde tem de funccionar a aula publica da 1.ª freguezia da capital do Maranhão.*

Dito do Sr. director geral interino da repartição da estatisca, offerecendo dois exemplares do *Relatorio* e trabalhos estatisticos, do corrente anno, por elle apresentados ao Exm. Sr. ministro do imperio.

Houve as seguintes offertas :

Pelo instituto academico da Bahia, de um exemplar dos seus *Estatutos*.

Pelo Sr. Claudio de Abreu, do seu livro com o titulo *Uma pagina de poeta.*

Varios jornaes e periodicos remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Leu-se e foi remettida á commissão subsidiaria de historia, a seguinte proposta:

Proponho para socio d'este Instituto na qualidade de membro correspondente, o Dr. em medicina Evaristo Nunes Pires, natural do Rio Grande do Sul, bachafel pelo collegio D. Pedro 2.°, servindo de prova de admissão os dois trabalhos que offerece hoje ao Instituto. Rio, etc, Antonio Alvares Pereira Coruja.

Entrou em discussão o parecer, adiado, da commissão de historia, dado sobre as obras poeticas do Sr. Dr. Rozendo Muniz Barreto. Depois de fallarem sobre o parecer os Srs. Drs. Olegario, Macedo e Marques de Carvalho, foi approvado e remettido, com a seguinte emenda, á commissão de admissão de socios:

« Supprimam-se todas as palavras que se seguem as — lhe dão grande realce. J. M. de Macedo. — J. Norberto de Sousa e Silva.

Entrou igualmente em discussão e foi approvado, o seguinte parecer da commissão de fundos e orçamento, dado sobre as contas do Sr. thesoureiro relativas ao anno findo, e orçando a receita e despeza do corrente anno social.

PARECER DA COMMISSÃO DE FUNDOS.

Illm. Sr. — A commissão de fundos e orçamentos do Instituto Historico e Geographico Brasileiro tem a honra de apresentar a V. S. o seu parecer, aqui junto, sobre as contas do Sr. thesoureiro em o anno social de 1872.— Deus guarde a V. S. Sala das sessões do Instituto, 30 de Julho

de 1873.—Illm. Sr. conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, dignissimo 1.° secretario do Instituto Historico.— Os membros da commissão.—*Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello.* — Dr. *Maximiano Marques de Carvalho.*

A' commissão de contas e orçamento do Instituto Historico e Geographico Brasileiro foram presentes as contas, livros e documentos comprobatorios da receita e despeza, prestadas pelo Sr. thesoureiro relativamente ao anno social findo de 1872. A despeza effectuada, na importancia de 8:890$620, é demonstrada por 35 documentos, todos em devida fórma e competentemente legalisados.

A escripturação está em dia, feita com regularidade; acham-se pagas todas as despezas do anno social.

DEMONSTRAÇÃO DA RECEITA:

§ 1.° Joias de entradas.....	20$000
§ 2.° Remissões.....	60$000
§ 3.° Prestações semestraes dos socios....	804$000
§ 4.° Cobrança da divida activa.....	336$000
§ 5.° Assignatura e venda da *Revista*.....	188$800
§ 6.° Juros de 10 apolices da divida publica.	600$000
§ 7.° Juros de dinheiro em conta corrente na caixa economica.....	44$500
§ 8.° Subvenção do thesouro nacional....	7:000$000
Somma a receita.....	9:053$300

SALDO QUE PASSOU DE 1871, SENDO :

Em dinheiro.....	516$186	
Em 10 apolices.....	10:000$000	
Na caixa economica	593$675	11:109$861
Total.....		20:163$161

Verifica-se que a receita propria do anno de 1872 foi inferior á do anno de 1871 na importancia de 473$900. Esta differença para menos proveiu da conversão, feita da ordem do Instituto, de 25 acções do banco rural e hypothecario em 5 apolices da divida publica, e de menor renda nas seguintes verbas : joias de entradas, prestações semestraes dos socios, cobrança da divida activa, e assignatura e venda da *Revista*.

DEMONSTRAÇÃO DA DESPEZA :

§ 1.° Impressão da *Revista* e reimpressão dos numeros esgotados.....	4:112$000
§ 2.° Encadernações e compras de livros...	141$000
§ 3.° Ordenados dos empregados, e porcentagem pela cobrança da divida activa.	2:776$800
§ 4.° Expediente, solemnidade da sessão anniversaria e despezas diversas.....	776$720
§ 5.° Diversas impressões e trabalhos lithographicos.....	734$100
§ 6.° Despezas com a execução dos bustos do visconde de S. Leopoldo, e Dr. A. Gonçalves Dias.....	350$000
	8:890$620

SALDO, À SABER :

Em dinheiro na mão do thesoureiro.....	118$366	
Em dez apolices da divida publica.....	10:000$000	
Na caixa economica....	1:154$175	11:272$541
		20:163$161

Demonstra-se assim uma diminuição de despeza n'este exercicio, com relação ao anno de 1871, de 87$220, apezar da despeza extraordinaria para occorrer aos gastos com os dois bustos, que o Instituto mandou executar.

A commissão tendo a este respeito ouvido ao Sr. thesoureiro e de accordo com este, offerece o seguinte projecto de

ORÇAMENTO PARA 1873 :

Art. 1.° a saber :

E' orçada a receita em.....		9:056$000
Prestação do thesouro nacional.....	7:000$000	
Juros de dez apolices da divida publica.....	600$000	
Divida activa.....	350$000	
Corrente.....	700$000	
Joias.....	40$000	
Assignaturas e venda da *Revista*.....	300$000	
Juros da caixa economica.	66$000	

Art. 2.° a saber :

E' fixada a despeza em..		9:056$000

Impressão da *Revista*...	3:600$000	
Reimpressão da antiga..	400$000	4:000$000

AOS EMPREGADOS:

§ 1.° Escripturario ou amanuense.....	720$000	
§ 2.° Revisor e conservador da Bibliotheca..	720$000	
§ 3.° Porteiro e continuo.....	600$000	
§ 4.° Agente.....	360$000	
§ 5.° Porcentagens do mesmo.....	20$000	
§ 6.° Servente.....	360$000	2:780$000
Compras de livros e encadernações.....		1:000$000
Expediente e eventuaes..		1:276$000
		9:056$000

Art. 3.° E' o thesoureiro autorisado a pôr na caixa economica o saldo do fim do anno para conjunctamente com os outros alli existentes ser empregado em apolices da divida publica para fundos do Instituto.

Em conclusão, é a commissão de parecer, que sejam approvadas as contas do Sr. Thesoureiro, correspondentes ao anno de 1872, reconhecendo-se o zelo do mesmo no desempenho da trabalhosa tarefa, que lhe está confiada.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico do Brasil, 30 de Julho de 1873. — *Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello.* — Dr. *Maximiano Marques de Carvalho.*

Ficou sobre a meza, para ser votado na proxima sessão, o seguinte parecer da commissão de admissão de socios :

« A commissão de admissão de socios, tendo em attenção a proposta apresentada em sessão de 27 do mez proximo passado, com a assignatura de 9 membros do Instituto Historico, conferindo ao nosso digno consocio, o Sr. Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro, o titulo de membro honorario do mesmo Instituto, e considerando :

Que o Sr. Dr. Perdigão Malheiro, notavel jurisconsulto e illustrado escriptor, faz parte d'esta associação desde 18 de Julho de 1851, data em que foi recebido na qualidade de socio correspondente ;

Que desde 1859 até o fim do anno passado serviu com assiduidade e zêlo o cargo de relator da commissão de admissão de socios, tendo antes do mesmo modo servido em outras commissões do Instituto ;

Que o seu conhecido trabalho, intitulado *Indice chronológico dos factos mais notaveis da historia do Brasil*, sobre o qual levantou-se proveitosa e esclarecida discussão entre os nossos finados consocios, conselheiros Diogo de Bivar, Candido Baptista, barão de Cayrú e Dr. Joaquim Caetano, sobre diversos pontos da historia e estatistica do Brasil, assim como outros escriptos que posteriormente há publicado, dão irrecusavel testemunho do apreço que liga ás letras e á historia da nossa patria ;

E, finalmente, que a graduação que se lhe pretende conferir, attentas as qualidades que o distinguem, servirá de novo estimulo, a que continue a corresponder, com o fructo dos seus estudos e saber, á confiança que em suas luzes deposita a corporação de que faz parte, é de parecer que seja approvada a proposta, sendo o mesmo Senhor elevado á socio honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Rio, 25 de Julho de 1873. *O. H. de*

Aquino e Castro.—Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.

O Sr. Dr. José Tito Nabuco de Araujo obtendo a palavra, leu a *Biographia*, por elle escripta, do distincto brasileiro, Antonio Francisco Dutra e Mello.

Terminada a leitura, o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. o Imperador, levantou a sessão.

Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes,

2.° SECRETARIO

7ª SESSÃO EM 12 DE SETEMBRO DE 1873

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm. Sr. marquez de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto os Srs. visconde de Bom-Retiro, conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, Drs. José Ribeiro de Sousa Fontes, Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Maximiano Marques de Carvalho, tenente-coronel Pedro Torquato Xavier de Brito, Antonio Alvares Pereira Coruja, conego Manoel da Costa Honorato, José Tito Nabuco de Araujo, Joaquim Antonio Pinto Junior e Caetano Alves de Sousa Filgueiras, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que, recebido com as honras do estylo e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Lêu-se e approvou-se a acta da anterior.

O Sr. 1° secretario deu conta do expediente, que constou do seguinte:

Um officio do Sr. presidente da provincia do Rio-Grande do Norte, enviando um exemplar do *Relatorio* com que foi aberta a sessão ordinaria da assembléa legislativa provincial no dia 5 de Outubro do anno proximo findo.

Dito da directoria da bibliotheca pitanguyense, agradecendo a remessa que este Instituto lhe fez de uma collecção de suas *Revistas* para uso d'aquella bibliotheca.

Carta do consocio Sr. Dr. Antonio Henriques Leal, escripta de Lisboa, offerecendo os seguintes manuscriptos: *Dois documentos raros para servirem á historia dos tumultos de Manoel Bekman. Noticia dos successos e expulsão dos padres da Companhia de Jesus do Estado do Maranhão.* Cópia da *Relação das cousas do Maranhão, por Simão Estacio da Silveira*: e o *Tratado do melhoramento da navegação por canaes*, escripto pelo finado Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, e impresso em Lisboa em 1800.

Dita do Sr. Augusto Lobo de Moura, offerecendo ao Instituto um exemplar da *Memoria sobre a seringueira*, escripta por A. R. P. Labre.

Foram feitas as seguintes

OFFERTAS

Pelo Sr. Roberto Armenio de um exemplar do seu folheto, com o titulo *A Libertação das raças de côr por uma revolução na applicação das machinas á vapor.*

Pelo Sr. Baguet de um exemplar da sua obra *Rio-Grande do Sul et Paraguay, souvenirs de voyage*, Anvers, 1873.

Pelo Sr. tenente-coronel Pedro Torquato Xavier de Brito de dois exemplares do *Projecto de lei sobre o ensino livre*

apresentado á camara dos deputados na sessão de 16 de Julho do corrente anno, pelo Dr. Cunha Leitão.

Pelo consocio Sr. senador Candido Mendes de Almeida de dois exemplares do *Discurso* que pronunciou na sessão de 30 de Junho do corrente anno na discussão do voto de graças, sobre a politica religiosa do ministerio.

Pelo consocio Sr. conego Manoel da Costa Honorato da obra em tres volumes, com o titulo *Bibliotheca Canonica, Juridica, Moral e Theologica*, escripta por Lucio Ferrari e impressa em Bonini em 1763, e vinte e um exemplares da *Defesa*, por elle escripta, do bispo do Rio-Grande do Sul, contra os actos da assembléa da mesma provincia, negando ao culto publico os meios pecuniarios, sendo um exemplar para o archivo do Instituto e os outros para serem distribuidos pelos socios presentes.

Pela sociedade de geographia de Paris do seu *Boletim* do mez de Junho do corrente anno.

Pela sociedade de geographia de Londres o seu jornal do mez de Maio do presente anno.

Pela redacção da revista o *Direito* o n. 4 da sua revista.

Pelo consocio Sr. tenente-coronel Pedro Torquato Xavier de Brito, vinte exemplares da *Instrucção sobre o reconhecimento dos rios*, para uso da escola de applicação do corpo de estado-maior, e o *Mappa*, manuscripto, por elle organisado, dos rios Negro e Iapurá, por tres confluencias superiores á do rio Uapés.

Pela secretaria da guerra de um exemplar do *Relatorio* apresentado á assembléa geral legislativa pelo Sr. ministro e secretario de Estado conselheiro João José de Oliveira Junqueira.

Pelo Exm. Sr. 1° vice-presidente d'este Instituto, visconde do Bom-Retiro, vinte exemplares da obra, com o ti-

tulo *O Imperio do Brasil na Exposição Universal de* 1873 *em Vienna d'Austria*, sendo um exemplar para o archivo do Instituto e os outros para se distribuir pelos socios.

Terminado o expediente, o Sr. Dr. Moreira de Azevedo pediu a palavra e declarou que a commissão nomeada por este Instituto para felicitar a S. M. o Imperador no dia 7 do corrente, anniversario da independencia do Brasil, cumpriu o seu dever, e elle, como orador nomeado, por impedimento do Sr. Dr. Macedo, pronunciou a seguinte allocução:

« Senhor! — Ha pouco mais de meio seculo que um Principe firme e resoluto, apoiado por cidadãos benemeritos, cujos nomes a posteridade já se adiantou em perpetual-os, cheio de fé, encarando sem receio a ameaça dos maiores perigos, hasteou nos campos do Ypiranga o estandarte de uma nação nova, alçou o grito da liberdade de um povo, saudou com sua voz a aurora da emancipação de um paiz; com duas palavras alterou o mappa do universo, transformando uma colonia em Imperio; acordou os brasileiros de um lethargo de tres seculos; tornou-se heróe da conquista mais bella de que se podem ufanar os homens, a da independencia e da liberdade, e escreveu seu nome na pagina mais brilhante dos annaes da patria; e se d'esse Principe, Senhor, herdastes o throno e o sceptro, tambem herdastes a gloria e admiração que o vosso longo e sabio reinado hão justificado.

« Hoje recorda a nação a maravilhosa epopéa escripta no Ypiranga, e orgulha-se por vêr que, assim como plantou Cabral nas terras da America o estandarte da cruz, tem sabido V. M. Imperial firmar o pavilhão auri-verde no Imperio americano.

« Senhor! Na ausencia do seu orador, que, com pincel de mestre, sabe realçar os feitos dos nossos maiores, esco-

lheu o Instituto Historico o ultimo dos seus membros para em seu nome felicitar n'este dia V. M. Imperial, que pelas suas virtudes, sciencia, justiça e prudencia, tem consolidado as instituições no solo da patria e guiado o paiz na estrada larga e segura que hoje percorremos. »

S. M. o Imperador dignou-se responder que associava-se, cheio de jubilo, ás congratulações do Instituto. »

A resposta de Sua Magestade é recebida com profundo respeito e acatamento.

ORDEM DO DIA

Lêu-se e foi approvada a seguinte proposta:

« Proponho que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro peça ao Exm. Sr. ministro da guerra uma cópia authentica da memoria do major Seweloh, intitulada *Recordações da Campanha de 1827 contra Buenos-Ayres*, vertida para a lingua vernacula pelo Sr. Dr. Thomaz Alves Nogueira por ordem do Exm. Sr. conselheiro Jaguaribe. Sala das sessões do Instituto, em 12 de Setembro de 1873.—*Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.* »

Lêu-se igualmente, e foi remettido á commissão de estatutos, um officio do Sr. visconde de Ponte Ferreira, pedindo a sua reintegração de membro effectivo do Instituto, que ha 33 annos resignára por causas que então se deram e que agora se acham removidas.

Approvou-se unanimemente, por escrutinio, o parecer da commissão de admissão de socios, elevando o socio effectivo Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro á categoria de socio honorario.

O Sr. Dr. José Tito Nabuco de Araujo pediu que a commissão de pesquiza de manuscriptos empregasse seus esforços e actividade em ordem a obter para o Instituto a acqui-

sição dos documentos e trabalhos ineditos do finado brasileiro Antonio Francisco Dutra e Mello.

O Sr. conego Fernandes Pinheiro lêu um trabalho do Sr. barão de Porto-Seguro, com o titulo *Primeiras explorações da costa brasileira de* 1501 *a* 1506 (paginas ineditas da 2ª edição da *Historia Geral do Brasil*).

Levantou-se a sessão ás 8 horas.

Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes,

2º SECRETARIO.

8.ª SESSÃO EM 26 DE SETEMBRO DE 1873

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm Sr. marquez de Sapucahy

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes na sala do Instituto os Srs. conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, desembargador Olegario Herculano de Aquino e Castro, José Vieira Couto de Magalhães, Maximiano Marques de Carvalho, Agostinho Marques Perdigão Malheiro, tenente coronel Pedro Torquato Xavier de Brito, Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras e senador Candido Mendes de Almeida, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador que, recebido com as honras do estylo, e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

O Sr. Dr. Carlos Honorio de Figueiredo, secretario supplente, leu a acta da sessão antecedente, a qual, posta em discussão, e não havendo quem sobre ella fizesse observações, deu-se por approvada.

O Sr. 1.º secretario conego Dr. Fernandes Pinheiro deu conta do expediente, que constou do seguinte:

Cartas dos Srs. Dr. Sousa Fontes; 2.º secretario, e Pereira Coruja, thesoureiro, communicando não poderem comparecer á sessão, por incommodados.

Officio do consocio Sr. Dr. Cezar Augusto Marques, enviando para o archivo do Instituto, uma copia da *Carta* que o Exm. e Revm. Sr. D. Antonio Marcos de Sousa, saudoso bispo do Maranhão, dirigiu nos ultimos dias de sua vida ao Rev. cabido da mesma diocese, manifestando as suas disposições.

Dito do Sr. conselheiro Manoel Francisco Corrêa, offere-

cendo tres exemplares impressos do *Discurso* que proferiu na camara dos Srs. deputados, em 12 de Agosto do corrente anno, ácerca da missão especial que desempenhou n'esta Côrte o general D. Bartholomeu Mitre, enviado extraordinario da republica argentina.

Dito do Sr. Dr. João Wilkens de Mattos, offerecendo dois exemplares do *Relatorio* com que abriu a 1.ª sessão da 21.ª legislatura da assembléa provincial do Ceará, em 20 de Outubro do anno passado.

Dito do consocio o Sr. Dr. Perdigão Malheiro, concebido nos seguintes termos:

« Exm. e Revm. Sr. Tenho a honra de accusar recebida a grata communicação de V. Revm., constante do seu officio de 16 do corrente.

A proposta assignada por nove conspicuos collegas, o parecer benevolamente honroso da distincta commissão de admissão de socios, a votação unanime do Instituto em sessão de 12, elevando á categoria de socio honorario o ultimo e o mais humilde de seus membros, conferiram-lhe, por triplice modo, uma distincção de valor inapreciavel. Tanto mais, quanto é ella devida exclusivamente á sua magnanima generosidade.

Cordiaes agradecimentos aos meus irmãos de letras, a todos e a cada um seus nomes ficarão indelevelmente gravados em minha memoria e coração. E para com o Instituto mais cresceu a divida de eterna gratidão.

Palavras não a exprimem; seriam pallido reflexo do sentimento que domina minha alma.

Com quanto no declivio da vida e quasi desalentado, sinto-me renascer ao sôpro vivificante do Instituto. Esforçar-me-hei por corresponder á sua determinação, e dar-lhe provas do meu subido respeito e profundo reconhecimento.

Rogo, pois, a V. Revm. a bondade de transmittir ao Instituto e a cada um de nossos consocios estes meus sinceros votos.

E a V. Revm. reitero os protestos de minha particular estima e consideração.

Deus Guarde a V. Revm., 26 de Setembro de 1873.

Illm. e Revm. Sr. conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, D. secretario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

O socio honorario. — *Agostinho Marques Perdigão Malheiro.* »

Depois da leitura d'este officio, o Sr. presidente, em nome do Instituto, declarou que este não fez mais do que praticar um acto de justiça e reconhecimento aos talentos e serviços prestados pelo Sr. Dr. Perdigão Malheiro.

Houve as seguintes offertas:

Pelo consocio Sr. tenente coronel Pedro Torquato Xavier de Brito, de um exemplar da nova *Carta corographica do Imperio do Brasil*, por elle reduzida da que foi organisada polo coronel Conrado Jacob de Niemeyer, acompanhada de uma minuciosa noticia manuscripta sobre os trabalhos preliminares para a reducção da mesma.

Pela redacção do *Novo Mundo*, de um exemplar do seu jornal do mez de Agosto do corrente anno.

Pelo Sr. conde de Croizier, da obra com o titulo: *Les intérets européens en Asie — La Perse et les Persans.* Paris, 1873.

Pelo Sr. J. Eubank da Camara, do — *Projecto geral de uma rede de vias ferreas commerciaes e estrategicas para a provincia do Rio Grande do Sul.*

Pela academia de Mineapolis, — *Constitution and by Laws of Minnesota Academy of natural sciences, with*

address of president, list of officers aud committees for 1873.

Pelo Sr. Dr. Evaristo Nunes Pires dos numeros 32 a 36 do periodico *Instrucção Publica.*

Varios jornaes e periodicos remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

O Sr. Dr. Couto de Magalhães, obtendo a palavra, continuou com a leitura da sua memoria sobre a *Anthropologia indigena do Brasil.*

Finda a leitura, o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. o Imperador, levantou a sessão.

Carlos Honorio de Figueiredo,

2.º SECRETARIO SUPPLENTE

9.ª SESSÃO, EM 10 DE OUTUBRO DE 1873

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm. Sr. marquez de Sapucahy

A's 6 horas da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto, os Srs. visconde do Bom-Retiro, Drs. Joaquim Manoel de Macedo, conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, José Ribeiro de Sousa Fontes, Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, José Vieira Couto de Magalhães, desembargador Olegario Herculano de Aquino e Castro, José Tito Nabuco de Araujo, tenente co-

ronel Pedro Torquato Xavier de Brito, Maximiano Marques de Carvalho, Antonio Alvares Pereira Coruja, conego Manoel da Costa Honorato, João Ribeiro de Almeida, e Alfredo d'Escragnolle Taunay, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que recebido com as honras do estylo, e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Lida e approvada a acta da antecedente, passou-se ao expediente, que constou do seguinte:

Um aviso do Exm. Sr. ministro da guerra, remettendo, em solução ao pedido que lhe fez o Instituto em 13 de Setembro ultimo, a traducção do manuscripto allemão do coronel Seweloh, relativamente á campanha da Cisplatina em 1827.

Um officio do Sr. presidente da provincia do Paraná, remettendo dois exemplares do *Relatorio* com que o Sr. 1.° vice-presidente passou-lhe a administração da mesma.

Outro do Sr. inspector geral da instrucção publica da provincia do Espirito-Santo, remettendo um exemplar do *Relatorio* que, sobre o estado da instrucção, apresentou ao Exm. Sr. presidente d'aquella provincia, em 20 de Setembro do anno passado.

Outro do Sr. conselheiro inspector d'alfandega d'esta côrte, declarando, em resposta ao que lhe dirigiu o Sr. 1.° secretario d'este Instituto, em 7 do corrente, que sendo por este pagos os direitos respectivos, e responsabilisando-se por qualquer duvida futura, será entregue o caixote contendo livros com destino ao Instituto. Inteirado.

Outro do Sr. Dr. José Rufino Soares de Almeida, offerecendo ao Instituto o busto do finado monsenhor José Antonio Marinho, visto ter-se fechado o collegio por elle fundado, na rua do Riachuelo, onde existia o referido busto, e julgar dever elle ser collocado na sala da bibliotheca

d'este Instituto, do qual foi o illustre finado um de seus membros. O Instituto aceita a offerta e agradece.

Houve mais as seguintes offertas:

Pelo instituto archeologico alagoano, de sua *Revista* do mez de Junho do corrente anno.

Pela redacção, do *Direito, Revista de Legislação, doutrina e jurisprudencia* o n. 7 do seu jornal.

Pelo Sr. Guido Cora, de um exemplar do *Cosmos*, contendo communicações sobre os progressos mais recentes e notaveis na geographia e da sciencia. Turin, 1873.

Pela sociedade de geographia de Paris, o seu jornal do mez de Julho do corrente anno.

Pelo Sr. Dr. Carlos Honorio de Figueiredo, de um exemplar do *Mappa topographico de parte da provincia de Santa Catharina comprehendendo as comarcas do litoral, colonias e terras publicas adjacentes ás mesmas colonias, organisado pela commissão do registro geral de estatistica das terras publicas, etc, segundo os trabalhos dos engenheiros Carlos Odebrecht, Pedro Luiz Taulois e Henrique Kreplin.*

Varios jornaes e periodicos remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

A' pedido do consocio o Sr. Dr. Macedo, o Instituto concedeu uma collecção de suas *Revistas* á bibliotheca popular itaborahyense.

Leu-se e foi remettida á commissão de redacção, um officio do Sr. barão de Porto-Seguro, nosso digno consocio, reclamando contra uma nota aos *Apontamentos para a historia dos Jesuitas* do Sr. Dr. Antonio Henriques Leal, impressos no tomo 34 parte 2.ª da *Revista do Instituto.*

ORDEM DO DIA

Foi remettida á commissão de geographia a seguinte proposta e os trabalhos á que ella se refere :

« Propomos para socio correspondente do Instituto Historico Geographico Brasileiro o Sr. Dr. Antonio Pereira Rebouças Filho, natural da cidade de S. Salvador da Bahia, nascido a 13 de Junho de 1839, filho legitimo do Sr. conselheiro Antonio Pereira Rebouças, servindo-lhe de titulo de admissão as memorias e estudos sobre a provincia do Paraná, e explorações da estrada de Coritiba ao rio Ivahy, e communicações do Brasil com a Bolivia pelo rio Madeira.

Instituto, 10 de Outubro de 1873.

O Bacharel Pedro Torquato Xavier de Brito. — Dr. Maximiano Marques de Carvalho.

O Sr. Dr. Couto de Magalhães, obtendo a palavra, concluiu a leitura do 3.° capitulo de sua memoria sobre a *Anthropologia dos indigenas do Brasil.*

Levantou-se a sessão ás 8 horas.

Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes,

2.° SECRETARIO

10.ª SESSÃO EM 24 DE OUTUBRO DE 1873.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Exm. Sr. marquez de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto os Srs. Joaquim Manoel de Macedo, conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, José Ribeiro de Sousa Fontes, Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Antonio Alvares Pereira Coruja, Maximiano Marques de Carvalho, José Vieira Couto de Magalhães, Joaquim Antonio Pinto Junior, Aleixo Boulanger, Ladislão de Sousa Mello Netto, Alfredo d'Escragnolle Taunay, e João Ribeiro de Almeida, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que, recebido com as honras do estylo, e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Lida e approvada a acta da sessão antecedente, passou-se ao expediente, o qual constou de:

Um officio do Sr. presidente da provincia do Maranhão, remettendo dois exemplares da *Collecção das leis e regulamentos* d'aquella provincia, relativos ao anno proximo findo.

Dito do Sr. director da secretaria de estrangeiros, cobrindo outro do Sr. consul geral do Brasil nos Paizes-Baixos, em que remette, por intermedio d'aquella secretaria, com destino ao Instituto, 50 exemplares do opusculo do Sr. P. M. Netscher, *Um mot de réplique à Mr. Varnhagen*, e a carta que o mesmo Sr. Netscher dirije ao Sr. 1.º secretario, pedindo que entregue um d'aquelles exemplares ao Exm. Sr. presidente d'este Instituto, outro ao Sr. Dr. Macedo, e os outros que os faça distribuir pelos membros do Instituto e por pessoas que se interessem pela historia do Brasil.

Officios dos nossos consocios o Sr. Dr. Cezar Augusto Marques, e do Sr. Themistocles Aranha, secretario da commissão encarregada de dirigir as obras do monumento da estatua do Dr. Gonçalves Dias, remettendo, este a seguinte cópia authentica do auto da inauguração d'aquella estatua, e aquelle o *Publicador Maranhense* e varias poesias soltas, sobre a descripção dos festejos que tiveram lugar, na provincia do Maranhão, por occasião da dita inauguração, no dia 7 de Setembro ultimo.

COPIA.

Auto da inauguração solemne da estatua do poeta Antonio Gonçalves Dias—Aos sete dias do mez de Setembro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos setenta e tres na cidade de S. Luiz do Maranhão e largo dos Remedios, em cujo centro acha-se erigido o monumento á memoria do poeta Antonio Gonçalves Dias, rematado pela estatua do mesmo velada pelas bandeiras nacionaes do Imperio do Brasil, foram presentes as autoridades civis e ecclesiasticas, os representantes da provincia residentes na capital, os chefes das repartições publicas, as commissões representantes de associações commerciaes, industriaes e beneficentes, os redactores de jornaes, homens de letras e outras pessoas. Sendo cinco horas da tarde dirigiram-se para junto do monumento : — a commissão nomeada pelo Dr. Antonio Henriques Leal para presidir a esta solemnidade ; o presidente da provincia o excellentissimo Dr. Silvino Elvidio Carneiro da Cunha, o da camara municipal major Alexandre Collares Moreira, o governador do bispado arcediago Manoel Tavares da Silva e mais pessoas presentes e ahi leu o Sr. José Manoel Vinhaes, procurador do Dr. Antonio Henriques Leal para represental-o na

construcção do monumento e solemnidades a elle concernentes, o seguinte discurso inaugural enviado de Lisboa — Senhores, descubramo-nos e curvemos respeitosos as frontes ante a estatua do sublime poeta, cuja immensa e imperecivel gloria irradia explendorosa por todo o Imperio do Brasil; d'essa estatua que se nos mostra com todo o seu brilho artistico illuminada pelo sol americano. Enchamo-nos do mais justo orgulho, não só por possuir esta bella cidade um monumento, senão por ser o primeiro que se levanta no Brasil á expensas e esforços particulares. O estrangeiro que aportar á nossas plagas contemplará de longe este testemunho da nossa homenagem ao genio poetico. Traçar o elogio do creador da poesia nacional é ocioso quando o proclamam com eloquencia e bem alto seus escriptos, os *Tymbiras* e seus immortaes cantos. E de mais, não me é dado coordenar idéas, que me combatem n'este momento o espirito e embaraçam-me a penna tantos e tão oppostos sentimentos,—de intima satisfação e extraordinario contentamento, pela realisação d'esta idéa porque lido desde o dia tres de Novembro de 1864, que é de todos nós, e de que fui apenas humilde executor e fiel interprete; e de saudades d'essa terra querida, que trago sempre no coração e na memoria; pungindo-me ellas agora mais amargamente. Ahi tendes essa divida de gratidão paga por nós, coetaneos, ao genio da poesia brasileira, não consoante os meritos e o valor litterario, e o patriotismo de Antonio Gonçalves Dias, nem a medida de meus desejos, que mercê de Deus e da coadjuvação de meus patricios e benevolos estrangeiros, levaria de certo ao cabo, se a cruel enfermidade que me traz ausente da patria, ha mais de cinco annos, me não frustrasse os planos; mas consola-me ao menos a idéa de que a posteridade é para Gonçalves Dias de hontem, fazendo

quasi nove annos que esse astro fulgurante atufou-se para sempre nas aguas do oceano, que lhe serviram de tumulo! A vós habitantes da cidade de S. Luiz do Maranhão, e com especialidade aos illustres membros da sua municipalidade dirijo-me por derradeiro: minha missão termina hoje, e a vossa, muito mais importante e delicada, vem substituil-a; pois que vos cumpre zelar pela conservação d'este monumento, que é agora propriedade da provincia e deposito nacional,que importa ser guardado com toda a veneração e acatamento, como estimulo perenne, que é, a instigar as gerações vindouras, para que trilhem desassombradas as sendas, que conduzirem a gloria e a immortalidade.—Terminado este, os senhores presidentes da provincia e da camara municipal, José Manoel Vinhaes representante do Dr. Antonio Henriques Leal iniciador e promotor da idéa do monumento, e senador Dr. Luiz Antonio Vieira da Silva, representante do Instituto Historico, tomaram os cordões das bandeiras nacionaes que occultavam a estatua e a descobriram. Apresentou armas o quinto batalhão de infantaria que fazia as honras militares, salvaram os fortes, repicaram os sinos de todos os campanarios, subiram ao ar numerosas girandolas de todas as praças da cidade e as bandas de musica reunidas tocaram o hymno composto expressamente para este acto pelo Sr. Francisco Libanio Colás. Acto continuo leu o seguinte discurso o senhor presidente da camara, recebendo o monumento e agradecendo em nome da provincia o serviço prestado pelo Dr. Antonio Henriques Leal— Senhores membros da commissão encarregada de erigir o monumento ao Dr. Antonio Gonçalves Dias: — E' para mim motivo de justa gloria ser o interprete do jubilo d'esta cidade, por ver realisado o monumento do grande poeta. A divida que hoje paga o Maranhão era uma divida nacional, porque

Gonçalves Dias não honra só a sua terra natal, porém a todo o Brasil. A camara municipal d'esta cidade, recebendo este monumento, não póde deixar de erigir um voto de louvor, expressão do reconhecimento nacional ao Dr. Antonio Henriques Leal, a quem se deve a realisação do grandioso pensamento por elle concebido e desenvolvido ; e tambem agradece a todos, nacionaes e estrangeiros, que por qualquer fórma o auxiliaram e contribuiram para que a estatua do grande cantor,do alto d'aquella columna,possa attestar ás gerações futuras a gratidão d'um povo coetaneo; aquelle, cujos cantos lhe serão padrão de eterna gloria. A cidade do Maranhão assignalará entre os seus primeiros dias este em que se inaugura a estatua do immortal poeta. E a camara municipal, á qual tenho a honra de presidir, congratula-se com a digna commissão que dirigiu as obras do monumento, pelo cabal desempenho que deu á honrosa tarefa. Possa este tributo de homenagem ao primeiro poeta nacional servir de estimulo aos que trabalham para opulentar as letras patrias, ou, por outra qualquer fórma, para gloria e engrandecimento do Brasil. — Foram depois lidos um discurso do Dr. Gentil Homem de Almeida Braga, por parte da commissão encarregada de presidir esta solemnidade, e outros dos relatores de diversas commissões, assim como numerosas poesias, sendo uns e outras distribuidos em avulsos e publicados em uma folha do jornal— Paiz — dedicado á memoria do poeta. Encaminhando-se o prestito para a tribuna levantada junto ao monumento, foi ahi lido e assignado pelas pessoas presentes este auto, sendo do mesmo extrahidas duas cópias authenticas, uma para ser remettida ao Instituto Historico Brasileiro e outra ao Dr. Antonio Henriques Leal; devendo ficar este livro guardado no archivo da municipalidade. Eu Antonio José da Silva Sá, secretario da camara o escrevi e assigno, *Antonio José da*

Silva Sá.—Silvino Elvidio Carneiro da Cunha— Alexandre Collares Moreira—Arcediago Manoel Tavares da Silva—Luiz Antonio Vieira da Silva— Joaquim Marques Rodrigues — José Manoel Vinhaes— Gentil Homem de Almeida Braga— Manoel Silvestre da Silva Couto— Themistocles Aranha — Dr. Cesar Augusto Marques, em commissão do Instituto Historico e Geographico—Miguel Calmon du Pin Almeida— Dr. Tolentino Augusto Machado— José Ganne— Ricardo Decio Salazar — Joaquim de Paula Pereira de Lacerda — Antonio Justino de Mesquita — O capitão Feliciano Caliope Monteiro de Mello — José Joaquim Pereira dos Santos — José Joaquim Pereira dos Santos— José Pedro Ribeiro — Antonio J. de Miranda — Luiz Manoel Fernandes — José Theodoro da Silva e Sousa— Sabino Antonio dos Santos— Manoel de Jesus Cabral— João Luiz da Rocha Compasso— Francisco Carneiro Junqueira— Alexandre Pires Seabra— Miguel Joaquim M. de Abreu Peixoto — M. Pompilio Alves— José Joaquim Pereira— José Joaquim Ferreira de Carvalho — José de Salles Smith — Joaquim Isaias da Cruz—Pedro José da Silva Pereira—F. Eugenio Perdigão— Candido Ferreira de Oliveira— Jorge de Araujo Torreão— Antonio Rodrigues das Neves Junior — Filippe Thiago Borges de Queiroz—Luiz V. Telles de Menezes—Raymundo Nonato Russen— Tito Marianno da Cunha— Damazo José Pereira—João Marcellino Romeu— Henrique A. Mendes— Raymundo Nonato Corrêa Marques — Miguel Archanjo de Lima — Benedicto Alcanforado — Manoel Alves Serrão— Francisco de Assis do Rego Barros— João Pedro Marques de Figueiredo — João Martins de Freitas— José Caetano de Almeida — Hermenegildo João Xavier da Silva — João Affonso do Nascimento — Joaquim Leocadio da Cunha Bello — Filomeno Juleff Portella Richards — Francisco João Martins — Antonio Victor de Araujo — José Joaquim

Lopes de Sousa — Luiz Raymundo de Azevedo — José de Araujo Costa – Hamilton de Moura Ferro— Luiz Carlos Fernandes Lima—Egydio José Vianna— Luiz de Sá Lima— José de Sá Lima— Edemundo Dantes da Fonseca Soares— José Francisco Costa — Ludgero Odorico Silva Ribeiro Junior—Domingos Soares da Silva Santos—Pedro Joaquim Henriques — João Alves do Valle — Antonio Gonçalves de Jesus — Está conforme. Maranhão, 7 de Setembro de 1873. — O secretario da Camara, *Antonio José da Silva Sá.*

Houve as seguintes offertas:

Pelo Sr. 1.° secretario conego Dr. Fernandes Pinheiro, d'um exemplar do seu *Resumo de Historia litteraria.*

Pelo Sr. director do archivo militar, d'um exemplar da *Carta do Imperio do Brasil, reduzida em conformidade da publicada pelo coronel Conrado Jacob de Niemeyer em 1845 e das especiaes das fronteiras com os Estados limitrophes, organisada ultimamente pelo conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro.*

Pelo Sr. Dr. Nicoláo Joaquim Moreira, d'um exemplar do seu folheto com o titulo: *Noticia sobre a agricultura do Brasil.*

Pela redacção do *Direito*— Revista de Legislação, doutrina e jurisprudencia, o n. 8 do seu jornal.

Pelo Sr. B. L. Garnier, editor, um exemplar da *Historia da conjuração mineira,* estudos do Sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva sobre as primeiras tentativas para a independencia nacional.

Pela redacção do jornal o *Novo Mundo,* o n. 36 do vol. 3.°

Pelo Sr. Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, por intermedio do Sr. Coruja, d'um exemplar do *Almanak de Campinas.*

Varios jornaes e periodicos remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Não havendo propostas nem pareceres de commissões, o Sr. Dr. Couto de Magalhães pediu a palavra e leu o ultimo capitulo da sua memoria sobre a *Anthropologia dos indigenas do Brasil.*

A's 8 horas, o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. o Imperador, levantou a sessão.

Dr. *José Ribeiro de Sousa Fontes,*

2.° secretario.

11.ª SESSÃO EM 7 DE NOVEMBRO DE 1873.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Exm Sr. marquez de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Joaquim Norberto de Sousa e Silva, conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, Drs. José Ribeiro de Sousa Fontes, Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Antonio Alvares Pereira Coruja, conselheiro Filippe Lopes Netto, senador Candido Mendes d'Almeida,

José Vieira Couto de Magalhães, José Tito Nabuco d'Araujo, Maximiano Marques de Carvalho, Ladisláo de Sousa Mello Netto e Caetano Alves de Sousa Filgueiras, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador que, recebido com as honras do estylo e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Lida e approvada a acta da sessão antecedente, o Sr. 1.° secretario deu conta do expediente, que constou do seguinte:

Um officio do Sr. presidente da provincia das Alagôas, enviando um exemplar do *Relatorio* com que installou a 2.ª sessão da 19.ª legislatura d'assembléa provincial.

Dito do consocio o Sr. Dr. Perdigão Malheiro, communicando não poder comparecer á presente sessão por incommodado, e offerecendo, por parte do Dr. J. A. de Azevedo Castro, um exemplar do opusculo escripto por este senhor, com o titulo *Breves annotações á lei do elemento servil.*

Carta do Sr. N. W. Posthumus, 2.° secretario da sociedade neerlandeza, estabelecida em Amsterdam, communicando a sua installação, os nomes dos membros da mesa, e solicitando d'este Instituto as suas publicações em troca das que aquella sociedade tem de remetter.

Foram feitas as seguintes offertas:

Pelo consocio o Sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva, d'um manuscripto sobre os ultimos momentos dos inconfidentes de 1789, pelo frade que os assistiu em confissão.

Pelo consocio o Sr. Dr. Carlos Honorio de Figueiredo, d'uma *Memoria sobre navegação, á vapor, do Rio de S. Fraxcisco*, e o *Relatorio da viagem e exploração do Rio das Velhas e S. Francisco;* ambos escriptos pelo Sr. Francisco Manoel Alves de Araujo.

Pelo gabinete portuguez de leitura, d'um exemplar do *Relatorio* da directoria do mesmo gabinete, do anno de 1872.

Pelo monte-pio geral de economia dos servidores do Estado, o *Relatorio* apresentado ao mesmo, no corrente anno, pelo seu presidente Exm. Sr. visconde do Rio-Branco.

Varios jornaes e periodicos remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo, pediu a palavra e leu um seu trabalho com o titulo *Motim popular.— Os tiros no Theatro.*

A's 7 ½ horas, o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. I., levantou a sessão.

Dr. *José Ribeiro de Sousa Fontes,*
2.° secretario.

12.ª SESSÃO EM 21 DE NOVEMBRO DE 1873.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Exm. Sr. marquez de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes na sala do Instituto os Srs. Drs. José Ribeiro de Sousa Fontes, Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, desembargador Olegario Herculano de Aquino e Castro, José Tito Nabuco de Araujo, José Vieira Couto de Magalhães, Ladisláo de Sousa Mello Netto, Felizardo Pinheiro de Campos, Maximiano Marques de Carvalho, João Ribeiro de Almeida; faltando com causa os Srs. Dr. Joaquim Manoel

de Macedo, conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, senador Candido Mendes de Almeida e Antonio Alvares Pereira Coruja. E sendo recebido S. M. o Imperador com as honras do estylo, o Sr. presidente abriu a sessão.

O Sr. Dr. Carlos Honorio, secretario supplente, procedeu a leitura da acta da sessão antecedente, a qual, posta em discussão, e não havendo quem sobre ella fizesse observações, o Sr. presidente a deu por approvada.

O Sr. Dr. Sousa Fontes, 2.° secretario servindo de 1.°, deu conta do expediente que constou do seguinte:

Um officio do Sr. presidente da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, transmittindo um exemplar do *Relatorio* com que o seu antecessor passou-lhe a administração da mesma no dia 1.° de Dezembro do anno proximo findo.

Outro do Sr. presidente da provincia do Paraná, remettendo dois exemplares da *Collecção de Leis* e Decretos promulgados pela assembléa provincial, em sua sessão do corrente anno.

Outro do consocio Sr. Dr. José Vieira Couto de Magalhães, remettendo ao Sr. 1.° secretario varios exemplares impressos do capitulo 4.° da sua memoria sobre *Anthropologia do Brasil*, para serem distribuidos pelos socios presentes.

Outro do consocio Sr. Dr. Perdigão Malheiro, declarando não poder comparecer á sessão por incommodado, e enviando ao Instituto um exemplar encadernado e 20 ditos em brochura, de sua obra—*Escravidão no Brasil;* sendo aquelle para o archivo do Instituto e estes para serem distribuidos pelos socios presentes.

Outro do Sr. Dr. Americo Alvares Guimarães, residente na provincia de Sergipe, communicando achar-se envestido do cargo de director geral da instrucção publica d'aquella

provincia, e que n'essa qualidade e na de simples particular, punha á disposição do Instituto os seus serviços.

Carta do Sr. engenheiro civil, Roberto Armenio, offerecendo para o Instituto e para os socios presentes, alguns exemplares das suas— *Explorações para o estabelecimento d'uma estrada de ferro d vapor de S. Fidelis d Santo Antonio de Padua, na provincia do Rio de Janeiro.*

Houve as seguintes offertas :

Pela redacção do—*Direito—Revista de legislação, doutrina e jurisprudencia,* o n. 9 do seu jornal.

Pelo Sr. Dr. José Tito Nabuco de Araujo, d'um da sua obra com o titulo : *Manual Pratico do advogado (acções civeis).*

Pelo Sr. Bento José Barbosa Serzedello, d'um exemplar do *Archivo Historico da Veneravel Ordem 3.ª de Nossa Senhora do Monte do Carmo.*

Pelo Sr. senador Figueira de Mello, por intermedio do Sr. Dr. Felizardo Pinheiro de Campos, d'um exemplar da sua *Historia da Revolução Praeira.*

Pelo Sr. Michel Breithof de 20 exemplares para serem distribuidos pelos socios presentes, da 2.ª edição do seu — *Ensaio sobre o espirito humano,* e impresso no Rio de Janeiro.

Varios jornaes e periodicos remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

Terminado o expediente o Sr. Dr. Ladisláo Netto pediu a palavra e leu ao Instituto o artigo em que pela imprensa deve dar alguns esclarecimentos sobre a inscripção phenicia, de cujo exame o encarregou o anno passado o mesmo Instituto.

ORDEM DO DIA

O Sr. Dr. José Tito Nabuco de Araujo, obteve a palavra e leu a *Biographia* (por elle escripta) de fr. Francisco de S. Carlos.

Finda a leitura, o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. I., levantou a sessão.

Carlos Honorio de Figueiredo,

2.° secretario interino.

13ª SESSÃO EM 5 DE DEZEMBRO DE 1873

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm. Sr. marquez de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, reunidos na sala do Instituto os Srs. conego Dr. Fernandes Pinheiro, Drs. José Ribeiro de Sousa Fontes, Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, conselheiro Lopes Netto, José Tito Nabuco de Araujo, Joaquim Antonio Pinto Junior, Maximiano Marques de Carvalho, Guilherme Schuch de Capanema, tenente-coronel Pedro Torquato Xavier de Brito, José Vieira Couto de Magalhães, Felizardo Pinheiro de Campos, senador Candido Mendes de Almeida, Ladisláo de Sousa Mello Netto e Antonio Alvares Pereira Coruja, faltando o Sr. conego Honorato por justo impedimento, sendo annunciada a chegada de S. M. o Imperador, foi o mesmo augusto senhor recebido com as honras do estylo, e, tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Lêu-se e foi approvada a acta da antecedente.

Constou o expediente do seguinte:

Um officio do Sr. presidente da provincia da Bahia, remettendo um exemplar do *Relatorio* com que o Sr. 4° vice-presidente passou-lhe a administração da provincia no dia 22 de Outubro proximo findo.

Outro do Sr. presidente da provincia de Goyaz, remettendo um exemplar do *Relatorio* que apresentou á assembléa legislativa provincial no acto de sua installação no dia 1° de Junho do corrente anno.

Outro da Illma. camara municipal d'esta côrte, solicitando para a sua bibliotheca uma collecção das *Revistas* d'este Instituto.—Resolveu este na fórma do pedido.

Outro do Sr. Henrique Schutel Ambauer, agradecendo ao Instituto o diploma de membro correspondente que este lhe enviou.

Outro do Sr. Felix da Cunha Leão, enviando uma caixa com livros, remettida da cidade do Porto a este Instituto pelo Sr. Antonio Moreira Cabral.

Houve as seguintes

OFFERTAS

Pelo Sr. Dr. Felizardo Pinheiro de Campos dos seguintes folhetos: *Questão religiosa, o beneplacito e a desobediencia, considerações feitas pelo Verdadeiro Crente. Elemento Servil*, artigos sobre a emancipação por T. Alencar Araripe. *Ligeira analyse do folheto publicado na côrte sob o titulo « O Rei e o Partido Liberal, »* por Tristão de Alencar Araripe.

Pelo Sr. Tito de Noronha: *Grammatica Portugueza*, por Fernão de Oliveira, 2ª edição conforme a de 1536, publicada pelo visconde de Azeredo e Tito de Noronha. *Numis-*

matica Portugueza. Ditos da Freira, revistos por Tito de Noronha. *Curiosidades Bibliographicas. O Cancioneiro Geral de Garcia de Rezende. Ordenações do Reino*, edições do seculo XVI, e *Imprensa Portugueza do XVI seculo, seus representantes e suas producções.*

Pela secretaria da camara dos Srs. deputados *Annaes do Parlamento Brasileiro*, primeiro anno da decima quinta legislatura, sessão de 1872.

Pela sociedade de geographia de Paris o *Boletim* de Agosto do corrente anno.

Pela redacção do *Direito, revista de legislação, doutrina*, etc., o n. 1 do 2° volume.

Pelo Sr. Dr. Prado, de Buenos-Ayres: *El Atenéo Argentino*, publicacion quincenal; *Revista del Rio de la Plata*, periodico mensuel de historia y literatura d'America, publicado por André Lamas e outros. *Descripcion Historica de la antigua provincia del Paraguay* por D. Mariano Antonio Molas. *Catalogo de las monedas y medallas del museo de Buenos-Aires* e *Revista de la Republica*, ciencias y letras.

Pelo Sr. Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, *Bibliotheca Universal*, curiosidades, noticias e variedades historicas brasileiras.

Pelo Sr. Dr. Antonio Henriques Leal, *Pantheon Maranhense*, tomo 1°, impresso em Lisboa no corrente anno.

Pelo Sr. Anjel J. Carranza, *Epitome sobre a vida intima y publica del presbitero Don Escolastico Vegada.*

Varios jornaes e periodicos remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

Lêu-se e foi remettida á commissão de historia a seguinte proposta:

« Proponho para socios correspondentes os seguintes senhores:

« O Dr. D. Aurelio Prado y Rojas, nascido em Buenos-Ayres a 2 de Maio de 1842, advogado, juiz da primeira instancia no civel, professor de direito romano na universidade de Buenos-Ayres, socio de varias academias e sociedades, é autor de alguns notaveis escriptos por elle offerecidos ao Instituto Historico.

« O Dr. Angelo J. Carranza, natural de Buenos-Ayres, advogado e autor de varios trabalhos litterarios publicados em avulso, ou nas revistas scientificas e litterarias, havendo feito homenagem ao dito Instituto de alguns d'esses trabalhos.

« O Dr. D. Carlos J. Alvares, tambem natural de Buenos-Ayres, advogado, lente cathedratico de direito canonico na universidade de Buenos-Ayres e autor de numerosos artigos estampados na *Revista de Buenos-Ayres*, por elle offerecidos ao nosso Instituto.

« Estes tres cavalheiros occupam os importantissimos lugares de presidente, vice-presidente e secretario do Instituto bonaerense de numismatica e antiguidades, uma das mais recommendaveis associações scientificas da America hespanhola. Sala das sessões do Instituto Historico, em 5 de Dezembro de 1873.—*Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.* »

Foram approvados e remettidos á commissão de admissão de socios os dois seguintes pareceres :

1.° « A' commissão de geographia foi presente a proposta dos socios os Srs. bacharel Pedro Torquato Xavier de Brito e Dr. Maximiano Marques de Carvalho, apresentada em 10 de Outubro do corrente anno sobre a admissão do Sr. Dr. Antonio Pereira Rebouças, natural da cidade do Salvador na provincia da Bahia, para socio correspondente do Instituto, servindo-lhe como titulo de admissão as *Memorias* e estudos sobre a estrada de ferro de Curitiba á

Mato-Grosso, assim como sobre a do Madeira ao Mamoré nos nossos limites com a republica de Bolivia, e, tendo a mesma commissão attentamente examinado as referidas *Memorias*, em que o seu illustre autor revela bastante conhecimento da geographia do nosso territorio e do da Bolivia, é de parecer que a dita proposta seja approvada. Rio de Janeiro, 19 de Novembro de 1873.—*Candido Mendes de Almeida.—Manoel da Costa Honorato.—Guilherme S. de Capanema.* »

2.° « A commissão de archeologia do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, para satisfazer o que foi deliberado em sessão de 26 de Junho ultimo ácerca da proposta de tres distinctos membros d'este Instituto, tendo por fim a admissão do Sr. Dr. Antonio Manoel Gonçalves Tocantins para socio do mesmo Instituto, lêu com a devida attenção o trabalho archeologico, que, como titulo de admissão, foi apresentado, e tem a satisfação de declarar que o acha digno do apreço do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, quer na essencia, quer na fórma, e que lhe parece indicar em seu autor aptidão para trabalhos e investigações, que muito poderáõ concorrer no futuro para o desenvolvimento da archeologia brasileira. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 15 de Dezembro de 1873. — *Ladisldo Netto. — Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.* »

O Sr. Dr. Couto de Magalhães lêu o *Plano* por elle elaborado de um serviço methodico de catechese para o Imperio do Brasil, segundo as actuaes circumstancias, não só dos indigenas senão das industrias em que mais convenientemente podem ser empregados.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo procedeu á leitura da *Noticia da sepultura do poeta mineiro Manoel Ignacio da Silva Alvarenga.*

Inscreveram-se para trabalhos no anno social futuro os senhores :

Dr. Moreira de Azevedo, *Sedição Militar de Julho de 1831 no Rio de Janeiro.*

Conego Dr. Fernandes Pinheiro, *Jorge de Avilez perante a historia.*

Dr. José T. Nabuco de Araujo, *Biographia de Fr. Francisco de Sampaio e Rodovalho.*

Dr. Marques de Carvalho, continuação da *Historia Philosophica*, por elle já lida em uma das sessões passadas.

A's 8 horas o Sr. presidente obtendo venia de S. M. o Imperador, levantou a sessão.

Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes,
2° SECRETARIO.

SESSÃO DA ASSEMBLÉA GERAL DE ELEIÇÕES EM 20 DE DEZEMBRO DE 1873

Presidencia do Exm. Sr. marquez de Sapucahy

A' 5 horas da tarde, reunidos na sala do Instituto os Srs. presidente, 1° e 2° secretarios, e numero legal de socios, o Sr. presidente abriu a sessão em assembléa geral para eleições dos membros da mesa e das commissões que devem servir no anno social de 1872, e, preenchidas as formalidades prescriptas pelos estatutos, sahiram eleitos os senhores :

PRESIDENTE

Exm. marquez de Sapucahy (reeleito).

1° VICE-PRESIDENTE

Exm. Sr. visconde do Bom-Retiro (idem).

2° VICE-PRESIDENTE

Dr. Joaquim Manoel de Macedo (idem).

3° VICE-PRESIDENTE

Joaquim Norberto de Sousa e Silva (idem.)

1° SECRETARIO

Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro (idem).

2° SECRETARIO

Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes (idem).

SECRETARIOS SUPPLENTES

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo (idem).
Dr. Carlos Honorio de Figueiredo (idem).

ORADOR

Dr. Joaquim Manoel de Macedo (idem).

THESOUREIRO

Antonio Alvares Pereira Coruja (idem).

COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello (idem).
Tenente-coronel Pedro Torquato Xavier de Brito.
Dr. Maximiano Marques de Carvalho (idem).

COMMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO DA « REVISTA »

Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro.
Dr. Antonio Pereira Pinto.
Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior (reeleito).

COMMISSÃO DE REVISÃO DE MANUSCRIPTOS

Senador Candido Mendes de Almeida (idem).
Conego Dr. Manoel da Costa Honorato.
Dr. Antonio Pereira Pinto (idem).

COMMISSÃO DE TRABALHOS HISTORICOS

Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, (idem).
Dr. José Maria da Silva Paranhos.
Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE TRABALHOS HISTORICOS

Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.
Dr. José Tito Nabuco de Araujo.
Antonio Deodoro de Pascual.

COMMISSÃO DE TRABALHOS GEOGRAPHICOS

Dr. José de Saldanha da Gama (idem).
Tenente-coronel Pedro Torquato Xavier de Brito.
Major Alfredo d'Escragnolle Taunay.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE TRABALHOS GEOGRAPHICOS

Senador Candido Mendes de Almeida.

Dr. Guilherme Schuch de Capanema.
Conego Dr. Manoel da Costa Honorato, (reeleito).

COMMISSÃO DE ARCHEOLOGIA E ETHNOGRAPHIA

Dr. José Vieira Couto de Magalhães.
Dr. Ladisláo de Sousa Mello e Netto (idem).
Dr. Miguel Antonio da Silva.

COMMISSÃO DE ADMISSÃO DE SOCIOS

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.
Dr. João Ribeiro de Almeida.
Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras.

COMMISSÃO DE PESQUIZA DE MANUSCRIPTOS

Dr. Felizardo Pinheiro de Campos (idem).
Dr. Carlos Honorio de Figueiredo (idem).
Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.

Terminada a eleição o Sr. presidente declarou que o Instituto entrava em férias, e levantou a sessão.

SESSÃO MAGNA ANNIVERSARIA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO

NO DIA 15 DE DEZEMBRO DE 1873

DISCURSO DO EXM. PRESIDENTE MARQUEZ DE SAPUCAHY

Celebra hoje o Instituto Historico, Geographico e Ethnographico Brasileiro o trigesimo quinto anniversario de sua inauguração. Jaz no abysmo do passado ha mais de um terço de seculo, o dia auspicioso em que nos animos de dois distinctos patriotas levantou-se a idéa grandiosa da fundação de uma sociedade litteraria, que curasse de reunir e organisar os elementos para a historia e geographia do Brasil, dispersos por suas provincias e fóra do Imperio.

O modo como a associação tem procedido durante esse consideravel espaço de vida, em cumprimento dos deveres a que sujeitou-se, attestam as paginas da *Revista Trimensal* nos 35 volumes dados á imprensa.

Ides agora, senhores, tomar conhecimento das occurrencias do periodo de que devemos conta. E' principalmente para exhibir aos olhos do publico o fructo das lucubrações do anno social, e para informal-o dos successos academicos de então, que a sabedoria dos estatutos creou esta solemnidade.

Os illustrados 1° secretario e orador vão desempenhar tarefa tão honrosa e agradavel com o primor habitual que os distingue.

Vereis consignados no relatorio productos de propria lavra dos socios, merecedores de consideração e louvor, d'entre os quaes anticipo a especial menção do notavel trabalho ethnographico do erudito benemerito consocio o Sr. Dr. Couto de Magalhães.

Conhecereis o estado do quadro da sociedade, suas alterações devidas á inscripção de novos e esperançosos collaboradores, e aos claros abertos pela fatal necessidade que arrebatou prestantes lidadores, cuja biographia traçará, com mão de mestre, o nosso eloquente orador.

Tenho, senhores, succintamente executado o preceito da nossa lei organica. Concluo rendendo graças a S. M. o Imperador, protector immediato do Instituto, pela continuação de seus beneficios; e á S. M. a Imperatriz, carinhosa mãi dos brasileiros, por honrar mais uma vez esta festa litteraria.

Aos conspicuos cidadãos presentes, e ás graciosas representantes do sexo adoravel, que se dignaram de illuminar com sua presença este recinto, dirijo tambem em nome do Instituto, cordiaes agradecimentos.

Está aberta a sessão.

RELATORIO

DO PRIMEIRO SECRETARIO

O CONEGO DR. J. CAETANO FERNANDES PINHEIRO

Senhores — Indeferindo a supplica, que respeitosamente apresentei-vos em meu relatorio, ordenastes continuasse a a occupar esta cadeira; obedeci-vos; dest'arte a subida consideração que me mereceis, e o reconhecimento que vos devo pelas reiteradas provas de confiança com que me haveis honrado. Sêde pois indulgentes; e dignai-vos de prestar-me benevola attenção.

Cada vez mais arreigada acha-se no animo de nacionaes e estrangeiros a convicção da utilidade do nosso Instituto, que, qual mimosa planta, brotou dentro os fraguedos do indifferentismo, lá nos confins do vertiginoso periodo da menoridade.

Continuamos na posse da invejavel ventura de serem todas as nossas sessões honradas com a augusta presença de S. M. o Imperador, cuja proverbial benignidade serve-nos de seguro santelmo. Conta-se dos Casares romanos haverem algumas vezes descido á arena dos amphitheatros para justarem com os gladiadores: em bem diverso estadio e com muito melhor exito poderia o Cesar brasileiro disputar aos mais amestrados athletas a palma dos triumphos intellectuaes; prefere porém manter-se na elevada posição de juiz do campo, recommendando-se os seus veredictos pela sabedoria e imparcialidade.

Abertas as tranqueiras e dado o signal do torneio, arrojáram-se á liça esforçados paladinos, cujas armas e florões venho em rasteira phrase epilogar.

Ouvimos por espaço de cinco sessões o erudito e succulento

trabalho do Sr. Dr. Couto de Magalhães intitulado *Anthropologia do Brasil;* é dividido em quatro capitulos versando sobre as seguintes materias: investigações de qual dos periodos da idade de pedra podem se considerar pertencentes os selvagens sul-americanos; estudos das antigas raças que na mesma região encerravam dois typos, um puro e outro cruzado com uma raça branca allophylla; demonstração lucida e concisa do theorema que a nenhuma das linguas da familia aryanna se filiam as grandes linguas americanas; e finalmente curiosissimo quadro da familia e religião entre os nossos autochthones, ainda illustrado pela transcripção de algumas invocações endereçadas pelos *Tupis* aos grandes espiritos.

Enriquece a terceira parte d'esta interessante monographia um precioso catalago das obras até hoje escriptas sobre os idiomas indigenas sul-americanos, cujo valor e utilidade são por demais manifestas. Com chave de ouro rematou o nosso illustrado consocio o seu bellissimo trabalho exhibindo-nos o seu plano de catechese, consistente na fundação de collegios destinados a educação de meninos indigentes, aos quaes todavia se conserve o conhecimento da lingua materna combinada com a nossa, afim de que ambas sirvam de laço de communicação entre os representantes da civilisação e os da barbaria.

Pensa o Sr. Dr. Couto que esses collegios devem ser disseminados pelas provincias do Amazonas, Pará e Mato-Grosso, mas dependentes na suprema direcção e programma de estudos de um estabelecimento central, cuja séde cumpre seja na capital do Imperio, para onde deverão ser enviados os mais distinctos alumnos dos outros collegios, afim de completarem os seus conhecimentos linguisticos com o aprendisado dos quatro, ou cinco grandes idiomas americanos.

A experiencia que o intrepido explorador do Araguaya tem adquirido em semelhantes materiaes serve de penhor da proficuidade de seu plano; oxalá possa elle encontrar todo o favor nas regiões officiaes e a leal cooperação dos homens de boa vontade.

O Sr. Dr, Homem de Mello deparou entre os preciosos manuscriptos do visconde de S. Leopoldo, com alguns apontamentos para a sua autobiographia, e obtida a venia de quem lhe a podia outorgar, redigiu com elegancia e sobriedade de dicção um valioso trabalho, que trouxe ao nosso conhecimento sob o modesto titulo de *Memorias do Visconde de S. Leopoldo compiladas e postas em ordem.*

Imperiosos motivos determinaram o nosso illustre consocio a interromper as suas leituras, sendo de esperar, que no anno vindouro cheguem a essa anhelada conclusão.

Duas biographias de poetas foram lidas por um novo adepto, que d'esta arte quiz corresponder á confiança que n'elle depositámos e o bom augurio que tiramos da sua candidatura. Claro é que refiro-me ao Sr. Dr. José Tito Nabucc de Araujo, a cujas acertadas pesquizas devemos travar mais amplas relações com o mallogrado e esperançoso Dutra e Mello, a quem tivemos por companheiro na romagem das letras. Pertenceu elle a uma brilhante pleiade de poetas da primavera, que só tiveram tempo para colher flôres, e com ellas tecer grinaldas, que lhes enfeitassem as frontes para o convivio da eternidade. Foi um e glorioso predecessor de Alvares de Azevedo, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu e Castro Alvares, Moysés da poesia, que avistaram do Nebo da esperança os longinquos horizontes da Chanaan da grandeza nacional.

Outro eximio alumno do Parnaso, que trocára a lyra de Orpheo pelo plectro de David, buscando na *Assumpção da Virgem* disputar os louros que cingiam os bustos de Milton

e Klopstock, em uma palavra, frei Francisco de S. Carlos, mereceu do nosso laborioso consocio, o Sr. Dr. Nabuco, consciencioso estudo biographico com miras de completar os trabalhos até agora vindos á lume. Escassearam-se-me lazeres para o necessario confronto; assim, pois, da perfeição da obra só posso aquilatar pelo mui provado talento e mestria do autor.

Longe da patria cuja memoria tem sempre presente, não cessa o Sr. barão de Porto Seguro de elucidar os pontos litigiosos dos nossos annaes: e ainda este anno remetteu-me a nota que tive a satisfação de ler-vos em sessão de 12 de Setembro, relativa ás *Primeiras explorações da costa brasileira de* 1501 a 1506. E' essa nota um excerpto da segunda edição da sua *Historia Geral do Brasil* prestes a sahir do prélo.

A indefessa actividade do Sr. Dr. Moreira de Azevedo, o seu decidido amor pelos estudos da historia-patria, levaram-no a occupar-se de um assumpto, que se nos antolha hoje de apoucado interesse, mas que aos olhos contemporaneos apresentou-se como um dos maiores caracteristicos do estado anormal da sociedade brasileira. Quero fallar dos tiros disparados contra os espectadores reunidos no theatro de S. Pedro de Alcantara.

Immune de exageração partidaria, e só encarando os factos pelo prisma da verdade, demonstrou o nosso distincto collega com exuberancia de provas, que a imputabilidade de tão lastimavel facto deverá unicamente recahir sobre os corypheus da parcialidade, que a si propria se denominava de *exaltada*, por contraposição á calma e justeza de proceder da que, offerecendo ás autoridades constituidas franco e leal apoio, mereceu a honrosa qualificação de *moderada*. Pôz em relevo o louvavel procedimento do juiz de paz, Dr. Saturnino de Sousa e Oliveira, e vindicou-lhe a ultrajada me-

moria dos convicios e chocarrices dos inimigos politicos. Tempo é que a historia vá lento e lento diluindo as calumnias, e rehabilite os caracteres injustamente conspurcados. Para tão honroso empenho, fio, terá o nosso instituto trazido copiosissimo cabedal.

Graças ainda ás diligentes e proveitosas indagações do referido academico, sabe-se hoje com inabalavel certeza, que o mavioso cantor de *Glaura*, o Dr. Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, fallecido n'esta cidade no dia 1 de Novembro de 1814, fôra encommendado e sepultado na igreja de S. Pedro, filial á parochia de Santa Rita.

Na penultima sessão communicou-nos o Sr. Dr. Ladislão Netto, director do Museu Nacional, que pretendia dirigir-se aos jornaes, relatando-lhes os resultados das suas investigações concernentes á commissões que lhe confiára o Instituto, estimulado pela carta que ao seu venerando presidente dirigira o Sr. Antonio Alves da Costa, annunciando a existencia de uma inscripção gravada sobre uma pedra, que pretende-se encontrada no sitio de Pouso Alto, visinho do rio Parahyba. Assegurou-nos o nosso digno consocio que a nenhuma fadiga se poupára, para averiguar da identidade do autor da mencionada carta, sendo mallogradas todas as suas diligencias.

Não desanimou comtudo o nosso douto confrade ; por quanto possuindo copia da referida inscripção, e utilisando-se dos conhecimentos que adquirira das linguas orientaes, tentou vertêl-a e adequadamente interpretal-a. Acredita que no antigo idioma phenicio fôra ella composta ; e, desejando ver apoiada a sua conjectura pela autoridade dos mestres, dirigiu-se aos Srs. Renan e Bargés, cuja reputação em semelhantes estudos tem recebido a consagração dos sabios. Grande foi o jubilo do joven antiquario ao receber as animadoras expressões que lhe endereçáram essas duas

summidades linguisticas, acompanhadas da cavalheiresca offerta do seu mui valioso concurso.

N'essa mesma communicação mencionava o Sr. Dr. Ladisláo que nenhuma impressão desfavoravel lhe causára a a noticia, divulgada por alguns jornaes nossos, trasladando-a de uma revista peruana, de haver-se encontrado no porto de Guayaquil outra inscripção em tudo identica á que nos foi revelada. Entende o nosso illustrado collega, que semelhante inscripção é totalmente espuria, visivelmente forjada com o proposito de arrebatar-lhe a gloria da interpretação, supra alludida. Bem haja o esperançoso archeologo que, em tempos tão positivos, consagra seus lazeres a tão arduos estudos, dos quaes por certo jorrarão ondas de luz sobre o quasi ignoto periodo pre-historico.

Além das propostas tendentes á admissão de novos adeptos, que ainda pendem do exame das respectivas commissões, merecêram immediata annuencia do Instituto as que propunham a elevação á categoria de socios honorarios os Srs. conselheiros Dr. Francisco Freire Allemão e Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro. Como sabios, é este o maior galardão que podemos conferir aos nossos benemeritos, tanto mais apreciado pela parcimonia havida em sua concessão.

Propuz em sessão de 12 de Setembro, com plena approvação vossa, que solicitasseis do ministerio da guerra uma cópia authentica da memória do major Seveloh, intitulada *Recordações da campanha de* 1827 *contra Buenos Ayres*, vertida da lingua allemã para a nossa pelo Sr. Dr. Manoel Thomaz Alves Nogueira. Com o seu habitual cavalheirismo serviu-se o Sr. conselheiro Junqueira, que actualmente dirige esse ministerio, de acceder aos vossos desejos, ordenando a prompta entrega do original da dita versão, cuidadosamente recolhido ao nosso archivo.

Na fórma marcada pelos estatutos apresentou a commissão de fundos e de orçamento, o seu parecer sobre as contas do nosso dignissimo thesoureiro, acompanhado do balancete da receita e despeza do Instituto no corrente anno. Mantido o equilibrio entre o *deve* e *o ha de haver* sobra-nos um pequeno saldo para fazer face a quaesquer emergencias. Satisfeita com o resultado do seu escrupuloso exame, propôz a sobredita commissão um voto de louvor e confiança ao acrisolado zelo do nosso benemerito thesoureiro; proposta, que, como era de esperar, foi unanimemente approvada.

Havendo-se suscitado duvidas ácerca dos limites das attribuições da commissão de redacção da *Revista* e as do 1° secretario, foram ellas submettidas ao alvidramento de uma commissão especial, que em seu mui luminoso parecer, approvado em sessão de 8 de Agosto, entendeu que de nenhuma interpretação necessitava o art. 24 dos estatutos; sendo bastante explicita a competencia de ambas as entidades na redacção, impressão e distribuição da *Revista*; terminando por aconselhar a concordia entre os licitantes, unidos pela uniformidade do anhelo de bem servirem ao Instituto.

As commissões de historia, geographia e archeologia elaboraram eruditos pareceres relativos aos trabalhos de alguns cavalheiros que aspiram entrar para o nosso gremio. Pendendo elles de juizo da commissão de admissão de socios, abstenho-me de maior desenvolvimento.

Folgo de noticiar-vos, que em dia se acha a publicação da *Revista*, honrosamente cobiçada por associações e individuos nacionaes e estrangeiros. Não corresponde infelizmente a venda a um tão ardente desejo que em todas as classes se nota de possuil-a, e talvez seja phenomeno explicavel pela circumstancia de ignorar muita gente, que as nossas collec-

ções se acham quasi completas, estando já autorisada a eimpressão de cinco cadernetas que faltavam aos tomos rXII e XIII.

Irrefragavel prova do subido conceito de que goza a nossa associação, é por sem duvida a extrema benevolencia com que são attendidos os seus reclamos, e nos reiterados testemunhos de estima que diariamente recebe das autoridades de todas as hierarchias. Dignem-se ellas de receber pelo meu humilde intermedio a viva expressão de reconhecimento pela sua muita bondade.

Não menor gratidão devemos aos distinctos cavalheiros, que pelos seus generosos donativos, tanto contribuem para a opulencia da nossa bibliotheca, assim como do nosso archivo.

As academias, institutos e demais associações scientificas e litterarias de dentro e fóra do paiz, continuam a manter com a nossa as mais cordiaes relações, buscando na mutua remessa das nossas publicações estreitar os vinculos de fraternidade.

Continuei a encontrar nos empregados do Instituto a mesma intelligente e zelosa cooperação, que tanto os têm recommendado á vossa benevolencia.

Chegou a sua conclusão um trabalho de longo folego, que ha quatorze annos,nos fôra solemnemente annunciado: refiro-me á *Historia da Conjuração Mineira*, escripta pelo Sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva, Anticipei no meu primeiro relatorio o juizo que formava de tão delicada empreza, e folgo de declarar-vos, que ligeiras e accidentaes são as modificações operadas em meu animo apoz sua attenta e integral leitura.

Compulsando preciosos e inéditos documentos, descobriu o nosso 3° vice-presidente a têa arachneida que envolvia a opulenta capitania de Minas-Geraes; e com anormal solici-

tude iniciou-nos nas intimas praticas de Maia com Jefferson, nas venerandas ruinas do romano circo de Nimes. Entreviu na caligem da servidão os roseos horizontes da liberdade; mostrou-nos o contagio da grande idéa da independencia nacional levada por Maciel ás auriferas terras que sombream o Itacolomy e o Itatiaya, penetrando como uma restea de sol no modesto cenaculo de Villa-Rica, em que Claudio, Gonzaga, Alvarenga, Freire de Andrade, Toledo, Barbosa, Vieira e Rollim prelibavam nos livros dos encyclopedistas francezes o nectar da liberdade, e suspeitando em Freire de Andrade um novo Washington, auguravam para Xavier a gloriosa missão de Franklin.

Quaesquer que sejam os dissentimentos que possam por ventura apparecer sobre as apreciações e conclusões do autor, é fóra de duvida, que prestou elle com a publicação da alludida obra mais um relevante serviço ás patrias letras.

Enriqueceu a bibliotheca do Instituto o nosso 2° vice-presidente com as suas *Noções de Corographia Brasileira.* No escassissimo prazo de cinco mezes, consultou o Sr. Dr. Macedo tudo o que ácerca da materia se acha escripto, desde o *Dialogo da Riqueza do Brasil,* por Bento Texeira Pinto, e o *Tratado descriptivo do Brasil em* 1587, por Gabriel Soares de Sousa, até a *Corographia* do padre Ayres do Casal, o melhor e mais abundante subsidio de futuros e identicos trabalhos.

Avantaja-se o livro do nosso consocio pela excellencia do methodo, clareza de exposição e graças de um estylo que lhe é peculiar; e se alguns senões se lhe podem notar, procedem elles da vastidão do plano e da deficiencia de dados.

Mais completa na parte estatistica é a brochura que nos foi remettida pelo nosso 1° vice-presidente com o titulo, *O Imperio do Brasil na exposição universal de Vienna em*

1873, destinada a completar as preciosas informações registradas n'outra, vinda á lume em 1867, por motivo da exposição universal de Pariz.

Caracteristica do pensamento inspirador de semelhante trabalho, é por certo a *Advertencia priliminar*, onde se lêm estas singelas palavras :

«. . . . . fique registrado, que o pensamento director na publicação da *Breve noticia* de 1867, no presente trabalho não foi o de falso patriotismo, que exagerando as vantagens de uma região, occulta seus defeitos.

« Tendo-se por alvo principal tornar bem conhecido o Imperio do Brasil, e esclarecer os imigrantes, procurou-se com todo cuidado dizer sómente a verdade. »

Nobre e tocante programma, que nenhuma só vez foi infringido na execução do grandioso commettimento.

Semelhantes a esses filhos prodigos, que jámais calculam a herdada opulencia, viveram as primeiras gerações ignaras das divicias de que eram possuidoras. Mais cautos, ou quiçá mais previdentes, tombamos nós outros nossas terras, inventariamos o espolio dos intrepidos *bandeirantes*, tomando por divisa o *festina lente*.

Um illustrado estrangeiro que o Instituto se presa de contar por socio, conhecido vantajosamente pelos seus numerosos e doutos escriptos, n'uma palavra o Sr. Dr. Manoel Liais, deu á estampa em lingua franceza uma monumental obra a que intitulou—*Climas, Geologia, Fauna e Geographia Botanica do Brasil.*

Treze annos de residencia no nosso paiz, e o desempenho de varias commissões de que foi incumbido pelo governo imperial, habilitaram-no ao cabal cumprimento do seu compromisso. Na secção geologica examinou perfunctoriamente a natureza da formação do sólo, dando maior desenvolvimento as questões relativas ás minas, tudo de modo

synthetico e de facil comprehensão. Occupando se em seguida da fauna dos tempos recentes e quartenarios ; não desdenhou a zoologia e a paleontologia brasileiras, e obrigado pela estreiteza do plano a limitar-se á classe dos mamiferos,ampliou os mui conhecidos e estimados estudos do Dr. Lund, celebre naturalista dinamarquez. Na secção geographico-botanica incluiu a climatologia, fazendo-a acompanhar de curiosissimas observações relativas a distribuição dos vegetaes por toda a vasta superficie do Imperio.

Tão modesto no titulo como util na pratica é o opusculo offerecido ao Instituto pelo Sr. Dr. Moreira de Azevedo. Denomina-se elle — *Curiosidades — Noticias e variedades historicas brasileiras.*

E' seguramente a paciencia um dos apreciaveis dotes do historiador que não desacoroçôa ao compulsar pulverentas revistas e carcomidos jornaes, e d'essa mina extrahe ouro de finissimo quilate, do qual novo Benevenuto Cellini fabrica graciosos braceletes e mimosas arrecádas. Lendo os escriptos do nosso laborioso consocio parece-me descobrir n'elles *essa intuição quasi prophetica do passado,* de que nos falla o Sr. Alexandre Herculano.

Foi igualmente donativo d'outro nosso prestimoso collega o Sr. Dr. Benjamim Franklin Ramiz Galvão a reproducção autographica da *Prosopopéa* de Bento Texeira Pinto O unico merito, quanto a mim, d'esse poemeto estava na sua raridade bibliographica e na circumstancia de haver sido a primeira producção poetica dada ao prélo por um filho da terra de Santa-Cruz. Esta ultima circumstancia era todavia sufficiente para fazer desejavel nova edição, felizmente realisada pelo digno bibliothecario, com autorisação do governo imperial.

Recebemos no derradeiro dia de sessão ordinaria um exemplar do *Pantheon Maranhense* devido á laboriosa e

patriotica penna do nosso consocio o Sr. Dr. A. Henriques Leal, No volume que acaba de sahir da imprensa nacional de Lisboa lêm-se as biographias de Manoel Odorico Mendes, João Ignacio da Cunha (Visconde de Alcantara), Francisco Sotero dos Reis, José Candido de Moraes e Silva e Antonio Pedro do Costa Ferreira (barão de Pindaré). Faltou-me tempo para detidamente apreciar tão susbstanciosa obra; mas o seu simples titulo, e exposição do plano, foram bastantes para entristecer-me, julgando descobrir n'ella tendencias autonomicas, e um certo *particularismo*, que muito desejára ver banido da nossa nascente litteratura.

Antes de fechar o cyclo das obras offerecidas este anno ao Instituto pelos seus socios, seja-me licito ajuntar-lhe o meu *Resumo de Historia Litteraria*, escripto como complemento de outro livro que em mais verdes annos compuz para a instrucção dos meus alumnos. Foi por certo consummado arrojo offertar-vos tão humilde trabalho; animou-me porém a convicção de que as almas grandes são sempre generosas, e que o *pujante Nilo*, na phrase de Diniz, *não rejeita o tributo de incognito regato*.

Para não fatigar-vos em demazia apenas farei menção de mais tres preciosas obras, devidas a munificencia de S. M. o Imperador.

Contém a primeira d'essas obras fidelissima narrativa da memoravel sessão da Academia Real de Hespanha (de 15 de Fevereiro de 1872), a que dignou-se de assistir o mesmo Augusto Senhor. Vê-se ahi uma bellissima versão para a lingua castelhana do canto III dos *Lusiadas*, seguida de um succulento estudo critico litterario com o titulo de — *Fraternidade dos idiomas e das letras de Portugal e de Castella*,—devido á doutissima penna do Sr. Leopoldo Augusto Couto. Finalisa esse interessante escripto por uma luminosa apreciação das *Cantigas d'El-Rei D. Affonso o*

sabio, feita pelo assás conhecido litterato o Sr. João Valera A *Memoria sobre a antiga Alexandria*, elaborada por Mahmoud-Bey, astronomo de S. A. o vice-rei do Egypto, foi acolhida com singular apreço pelos que se applicam a sciencia de Champollion e Young. Descreve minuciosamente a famosa cidade que ao vencedor de Dario deve o nome, assim como os seus risonhos arrabaldes margeados pelo Nilo, fazendo preceder o seu profundo estudo archeologico de uma idéa geral do sólo e da sua constituição geologica.

Do mesmo sabio astronomo é outro importantissimo escripto, denominado *Systema metrico actual do Egypto comparado com o systema francez, os nilometros antigos e modernos e os antigos cubitos do Egypto*. A magnitude e vantagens d'este trabalho resultam da simples exposição do titulo.

No momento de quedar-me do meu penoso percurso permitti, senhores, que me congratule comvosco pela realisação de um dos nossos anhelos. Desde o dia 7 de Setembro d'este anno campêa na ridente praça dos Remedios da cidade de S. Luiz do Maranhão a modesta estatua do nosso pranteado consocio o Dr. Antonio Gonçalves Dias, ouvindo o doce murmurio do Bacanga e do Anil, e bafejada pelas auras da bahia de S. Marcos.

DISCURSO

DO ORADOR DR. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

O rio da morte vai sempre correndo silencioso e implacavel, como o fatalismo musulmano, vai sempre correndo pelo fundo do abysmo sem luz; ninguem vê o abysmo, e todavia é por suas bordas que todos caminham e n'elle cahem indistincta, e mil vezes inesperadamente : o velho que tropeça nas ruinas da idade, o ardente mancebo cuja vida subito se apaga ao fulgurar mais deslumbrante da esperança, a noiva anhelante de amor, que ao pisar n' um tapete de flôres desapparece na voragem ; o anjo ha poucos mezes nascido, que cahe dos seios, dos labios, do coração de sua mãi, e some-se na cova insondavel ; o grande da terra emfim que orgulhoso levanta o pé para subir o mais alto gráo da escala social e tomba na profundeza das desillusões da vida n'aquelle desengano extremo e enregelado que está lá embaixo no rio, que corre silencioso, e cujo sorvedouro immenso recebe e absorve do mesmo modo o botão de flôr que murchou precoce, e o monumento que abateu depois de admirar o mundo.

N'este anno de 1873 o rio implacavel atravessando o recinto do Instituto Historico e Geographico do Brasil, arrancou d'elle e levou-lhe absorvidos não um, mas dois monumentos nos nossos finados consocios os sabios Custodio Alves Serrão e Joaquim Caetano da Silva.

O seculo decimo oitavo acabou engrandecendo duplicadamente a provincia do Maranhão. Com differença de poucos mezes, depois que na cidade de S. Luiz tinha nascido Manoel Odorico Mendes nasceu Custodio Alves Serrão, na villa agora cidade de Alcantara, que fronteira d'aquella e em sua linda collina se debruça vaidosa para espelhar-se no mar ; a

bahia de S. Marcos separou os dois berços, onde se enfaxavam dois genios, que foram embalados pelo bater cadencioso de ondas irmãs, e bafejados pelas mesmas auras rescendendo em perfumes das mesmas flôres : á voz do oceano, que se afigura sahida do infinito, a doçura das auras e a amenidade dos arômas, derramáram talvez n'aquelles berços os dons das profundezas e das harmonias, com que as intelligencias d'esses que então dormiam o somno da infancia, haviam de illustrar e enriquecer a patria.

Ambos foram poetas. Odorico fez a *Tarde*—aquella tarde tão deliciosa e bella que para ter condigno rival foi preciso que Gonçalves Dias viesse depois criar a maravilhosa *Aurora* dos Tymbiras, que ha de amanhecer perpetuamente no céo da poesia. Odorico elevando-se a conquistador, com a espada de Camões, de Ferreira, de Garção e de Caldas tomou para nossa litteratura, da França, dois louros de Voltaire, da Roma de Augusto o carro fulgente de Virgilio, da Grecia dos semi-deuses o sceptro olympico de Homero. Alves Serrão, que nunca versejou, foi explendido poeta, e tambem conquistador do mesmo gosto nas amplidões dos reinos da natureza ; traduziu epopéas nas revelações da geologia, fallou aos rochedos mudos, compôz hymnos com os échos das minas, e sentando-se fatigado á sombra de arvore frondosa cantou o poema d'essa amiga verdejante desde a semente que encerra o germen, os cotylidones que são as tetas nutritivas do vegetal nascente, o caule que manifesta o crescimento, a raiz que succa nos seios da terra; os ramos que se desenvolvem, as folhas que respiram, a flôr que se desabotôa offerente, e desejosa de amor, os orgãos sexuaes que pendem, approximam-se ou se preparam para o mimoso consorcio, e até emfim o fructo que corôa a arvore, que é o premio e a benção d'aquelle amor d'este consorcio. Odorico e Alves Serrão dois homens superiores, tinham de ser tão grandes nas

letras e nas sciencias, que nascidos quasi a um tempo, nos dois berços não poderam caber em uma só cidade, e por isso a bahia de S. Marcos os separa, dando á cidade de S. Luiz a ufania de um e a de Alcantara a gloria do outro.

Alguns annos são já passados depois que ouvistes n'este mesmo lugar a voz mais fraca dizer o elogio do illustrado e benemerito Manoel Odorico Mendes : agora é a vez de Alves Serrão, ainda como aquelle tambem condemnado ao infortunio d'além tumulo,que lhe impõe por biographo elogiador, quem em sua rudeza não póde esclarecer bastante seu alto merecimento scientifico, a nobreza de seu caracter, a sua vida contrariada, melancolica, mas lucifera como aquelles cantos de Ossian, que repassados de dôr e tristeza, resplendem todavia com as flammas da gloria e com o lampejar de acções famosas.

Custodio Alves Serrão, filho legitimo de José Custodio Alves Serrão, e de D. Joanna Francisca da Costa Leite, achou-se ao nascer com tantos irmãos e tão pouca fortuna no casal paterno que, ao cahir das faxas foi adoptado por seus avós maternos Christovão da Costa Leite e D. Maria Thereza, e sob os cuidados immediatos de sua madrinha e tia D. Francisca Romana da Costa Leite, em quem teve mãi estremecida. Até os 12 annos os brincos infantis o occupáram mal distrahidos pelo ensino das primeiras letras, dado em casa pelo mestre-amor de sua madrinha, e as vezes por professores ephemeros, que se succediam quando a familia ia passar mezes em Alcantara. O proprio Alves Serrão, nosso illustre consocio, diz em seus apontamentos biographicos,que não sabe como adivinhou a arte de lêr e de operar sobre numeros, a de escrever com alguma orthographia; e como imprimia na memoria os primeiros rudimentos de latinidade, a artinha do Padre Antonio Pereira. Em sua inexcedivel modestia explicando o facto pela vontade

de saber, que então já o dominava, insinúa que essa virtude era filha do medo de correcções moderadas que experimentava; mas embora elle não as ostente, vão em seguida accumular-se provas d'aquella força de animo, que na conquista da instrucção e luzes triumpha da carencia de mestres, e com poucos livros que lhe depára como consolação o começo do seu captiveiro á si mesmo ensina o que ignora, continuando a advinhar o que almejava aprender.

Na idade de 12 annos o auspicioso menino foi entregue como pupillo em Alcantara aos religiosos de Nossa Senhora do Carmo, com os quaes apenas adiantou no latim tentativas de traducção sobre lições do Breviario, e praticou as obrigações cenobiticas: destinado a ser frade pela sua familia, urgido para que o fosse por aquelles que já o eram e o tinham em tutella, Alves Serrão mal póde lutar e resistir: não tinha vocação para o claustro e menos para o sacerdocio; sorria-lhe a vida imaginada e desejada no gozo das affeições dos laços do coração, e no encanto da familia; confessou-o e não foi attendido; tão novo ainda como poderia oppôr energica desobediencia á duas vontades de poder tão forte? Aos tres lustros a victima entrou para o noviciado e um anno depois professou.

Já velho e prestes a dormir o somno da morte, Alves Serrão memorando este facto de influencia capital sobre o seu destino, apenas com tristeza conta que não foi voluntario o voto a que se encadeiára, que sujeitou-se á elle por gratidão devida á seus parentes; não deixa, porém, transpirar leve queixa nem de constrangimento oppressivo d'estes, nem de acção e de meios prepotentes, ou abusivos empregados pelos religiosos, a quem fôra confiado, e sómente, profundamente melancolico diz: « Talvez tivessem razão, que me não fôra concedido outro quinhão na vida! « Mas

n'este dizer gemeu-lhe o coração na velhice resumindo no gemido todas as magoas de sua vida fatalmente contrariada.

No Brasil a mão do Estado já trancou as portas dos claustros; não seria pois generoso combater agora instituições que aos poucos vão se afundando nas sepulturas dos ultimos frades,e se ainda quizessemos ostentar idéas,que aliás nunca dissimulamos, não haviamos de esquecer os serviços immensos prestados outr'ora, e mesmo em recentes épocas, pelas ordens monasticas ; não olvidariamos que foram os conventos as arcas de salvação dos restos da civilisação antiga,escapados ao diluvio horrivel dos barbaros, e as placentas das sciencias resnascidas na infancia nova do mundo a reconstruir-se civilisado, sahindo do cahos europêo na idade média ainda toda cheia de sombras, de violencias e terrores sob multiplo dominio de ufanosos analphabetos, senhores de baraço e cutello, com milhões de servos a beijar-lhes os pés e a matarem-se e a matar por elles; e menos deixariamos de lembrar os prodigios de catechese que em nosso paiz realisaram os jesuitas até o dia em que a grandeza do seu poder arrojando-os ao abuso, e a allucinação da cubiça, afastando-os do céo, e nodoando-os na terra vieram justificar o acto que os baniu; e finalmente em desvanecimentos da maior gratidão recordariamos essas tetas abundantes, offerentes e numerosamente aproveitadas que em nossos conventos deram o leite da latinidade,da philosophia, da eloquencia, da historia e das mathematicas á tantos mil brasileiros, especialmente no tempo da colonia, e do reino.

Mas, nosso empenho é outro : não temos que dizer em processo julgado, nem o claustro que se condemna nos agradeceria as flôres que possamos colher nos jardins riquissimos do seu brilhante passado, para ornar-lhe os tu-

mulos, alguns bem gloriosos, que são os conventos em ruinas, e os conventos que se perpetuam tornados em palacios de governo provincial, de faculdades de sciencias, em hospitaes, em bibliothecas, e algum tão grandioso que chegou para quasi tudo isso. O nosso empenho é apresentar-vos o nosso muito illustre co nsocio honorario Custodio Alves Serrão no triste e cruel dia que o prendeu um grilhão, que amesquinhou-lhe, violentou-lhe e obscureceu-lhe a vida toda.

Tres palavras rezumem a historia de 58 annos de magoas, talvez, provavelmente de arrependimento esteril, inutil, torturador, porque não tinha remedio ; Deus perdôa ao maior dos peccadores que profundamente se arrepende do mal, do proprio crime que praticou ; mas o convento não perdôa o voto perpetuo, de que se arrepende o seu professo, não perdôa ao menino que se submette á medo, ou por condescendencia mal reflectida, não perdôa, a quem não desejou, não pediu; suppóz-se apenas susceptivel, e depois reconheceu-se incapaz de satisfazer o voto perpetuo; o convento não perdôa, não absolve o arrependimento, abriu sua porta, chamou, recebeu quem entrou ou quem lhe foi trazido, fechou depois á este a porta, e escreveu n'ella o verso de Dante : «*Lasciate ogni speranza oh voi che entrate* ; » tres palavras—frade sem vocação—eis a vida de frei Custodio Alves Serrão.

O voto do professo sem vocação, do homem que por obediencia ou fraqueza toma o habito de frade e não faz, não póde fazer d'esse habito mortalha do coração, morto para o mundo, do homem que nasceu para o amor da familia, da patria, da sociedade, e que com esses sentimentos n'alma imagina sempre, e a pezar ou a doçura de laços, o encanto de direitos, e a nobreza de deveres que Deus tambem abençoa ; mas que para o frade não devem radiar nem no mudo e secreto desejo impossivel, no sonho vão do pen-

samento ; semelhante voto é o tormento de todos os dias e de todas as horas, tormento que revoga a natureza sem poder matal-a, que impõe sacrificio sem merito nem proveito, engano esteril que não engana ao céo ; tormento que incessante magôa e punge, e que não permitte o gemido, tormento que tem voz e falla, porque de continuo repete implacavelmente ao professo : « E's filho, mas não tens pais nem familia ! E's sensivel, mas não podes amar ; és homem, mas não pódes ter mulher ; tens patria, mas não és cidadão ; és frade, e portanto vives só para o serviço e gloria de Deus ! » e o ultimo gráo do tormento, o professo, a victima, o frade sem vocação escuta de continuo tambem na sua consciencia a voz suprema de Deus que lhe diz : « não te aceito. ! »

Fr. Custodio abatido pelo voto a que se submettêra por gratidão, resignou-se, e para occupar a alma constrangida, e achar conforto no proprio claustro, concentrou-se todo no estudo : aperfeiçoou-se no latim, e no convento dos carmelitas de S. Luiz do Maranhão para onde o mandaram, achando grammaticas e diccionarios do francez e do italiano aprendeu e soube essas linguas com o unico esforço da propria vontade, e da ambição de saber. Aos dezoito annos de idade, em 1817 a modestissima bibliotheca do convento não tinha mais alimento novo para o espirito illuminado do joven professo. Então os frades ufanosos de intelligencia tão promissora de gloria e honra para sua ordem, propuzeram fazer seguir para Coimbra o talentoso e já admirado Alves Serrão afim de illustral-o com o ensino de superiores sciencias : offereceram transporte e alimentação á custa do convento, correndo todas as outras despezas por conta da familia do seu pupillo, e já irmão. A familia aceitou agradecida a proposição. Fr. Custodio transpôz o Atlantico, chegou á Lisboa e allli com outro

companheiro de igual destino apresentou-se ao provincial da ordem : o recebimento não foi fraternal : Fr. Custodio o lembra com tristeza : ao ver os dois recem-chegados jovens frades brasileiros, o provincial exclamou com sarcastica zombaria : « Oh... não são muito meladinhos.» Em 1818 ainda um frade e um chefe da provincia carmelita parecia admirar-se de achar menos accidentada, e por isso menos mesquinhadora a côr de frades seus irmãos, e filhos ou descendentes de portuguezes por serem nascidos no Brasil !...

Em Portugal a vida de Fr. Custodio foi toda de triumphos academicos e de contrariedades e tormentos no convento ; mas, ou por desenvolvimento um pouco tardo de um dos principaes dotes de seu magnanimo caracter, ou talvez por energica reacção contra a propria fraqueza que sacrificára seu destino á obediencia dos parentes, fulgiu n'elle com a força de vontade já evidenciada no estudo, aquelle espirito de independencia que sempre se observou em seus actos e procedimento, e que, isento das asperezas e da vaidade do capricho, era indomito e inabalavel baseado nas convicções de sua razão esclarecida. O anno de 1818 correu placido : recolhido ao convento collegial de Coimbra, nosso joven frade fez seus exames de portuguez e latim, e matriculado no collegio das artes, dependencia da universidade, cursou as aulas de philosophia racional e do grego, sendo n'esses preparatorios approvado no fim de poucos mezes de admiravel applicação.

Em 1817 começou porfiada campanha : as autoridades do convento collegial impuzeram á frei Custodio o curso das sciencias theologicas, e elle, resistindo com todo o poder de sua vontade, elle frade professo, que não tomára, nem tomou ordem alguma, e nem a de prima tonsura, protestou, quiz e seguiu o curso das sciencias naturaes. O reitor e

doutores do collegio cedêram, mas vingaram-se : ao frade sem vocação, que não queria ser theologo, negaram qualquer frequencia fóra das aulas com os condiscipulos, e no convento, que era claustro carcere, o pobre martyr não achou livros, nem irmãos explicadores, nem mestres conselheiros ; encontrou sómente ou filho de calculo systematico, ou triste indicio de vergonhosa ignorancia, como um cordão sanitario contra a peste das sciencias naturaes, de que frei Custodio pudéra ser tremendo elemento de fatal contagio.

O frade, que nem prima tonsura tomára, tinha provavelmente para si, que fóra das sublimes funcções do sacerdocio e das lições transcendentaes da theologia, tambem se encontra monumental e maravilhoso altar digno das adorações do Omnipotente, o altar da sciencia da natureza, immensa e incommensuravel pyramide, cuja base se profunda e se abysma na parabola divina do Genesis, cujo corpo se eleva com o desenvolvimento de toda creação universal, e em cujo apice a intelligencia humana imagina o throno de Deus, que é o creador, o regulador, o Senhor emfim.

Engrandecido por sentimento tão magestoso, o distincto estudante avançou nos estudos de sua predilecção sempre reprovado pela critica dos frades, mas sempre applaudido pelos lentes e merecendo approvação plena em todos os seus exames, premio nos do terceiro anno, e finalmente terminando o quarto e ultimo do curso, o gráo honroso de bacharel formado.

Que trabalhos, porém, a vencer! Que privações a experimentar, e que constancia e energia em dolorosas provas para conseguir tanto! Longe da patria, mal visto e desestimado entre aquelles que deviam amal-o como irmão, Fr. Custodio, já suspeito de ruins tendencias pelo seu amor ás

sciencias physicas, torna-se escandaloso, manifestando-se apologista da revolução liberal de 1820; a este escandalo succede logo depois a perturbação das relações do Brasil com Portugal, e o convento castiga no joven frade o crime de haver nascido no reino prestes a ser imperio independente, suspendendo-lhe a alimentação! O pretexto da evidentemente temporaria falta de remessa da pensão, que pagava a familia do joven frade, é indigno de religiosos do Divino Mestre, do amor do proximo, cuja sublimação é a caridade.

A victima lembrava com ufania vingativa que no seu Maranhão os conventos offereciam sempre agasalho, fraternal hospedagem, excellente e gratuito tratamento a quantos religiosos chegavam de Portugal: mas os tormentos da penuria não lhe abateram o animo; a victima improvisou fracos e ephemeros recursos durante dois annos; teve mezes de miserias, dias de fome, nunca uma hora de abatimento de animo, nunca um instante de desespero, que é o lampejo infernal da alma sem fè; trabalhou, individou-se, ás vezes agradeceu á Deus a abundancia no pão e agua, que para outros eram indicadores de martyrio da carne em jejuns devotos; e paciente n'esse periodo de provação, chegou ao termo d'ella erguendo a serena fronte laureada pelo titulo scientifico que, apezar dos frades, das perturbações politicas, da vileza do convento, da penuria, da miseria e da fome, quizéra e soubéra conquistar. Exemplo eloquentissimo do poder da vontade e da grandeza do coração.

Era o anno de 1823: a reacção absolutista começára a pronunciar-se, e, facto aliás já comprehendido nas observações da physiologia politica, o provincial dos carmelitas que em 1820 se mostrára convicto liberal, em 1823 arrependido e contricto profligou santamente os frades que dois

annos antes haviam incorrido com elle no mesmo peccado, e intimou-os a recolherem-se ao convento de Lisboa: os religiosos brasileiros foram declarados mais ou menos discolos e sujeitos severamente a essa intimação.

Fr. Custodio já tinha saudado com enthusiasmo a independencia da patria, desde 1821 não devia ao convento nem o pão quotidiano dado por caridade; suas idéas liberaes, e sua nacionalidade o expunham á soffrimentos ainda maiores; julgou-se, pois, desligado de qualquer obediencia official n'este sentido ao provincial; e tendo opportunamente chegado a Lisboa o seu parente o commendador Honorio José Ferreira escreveu-lhe expondo sua difficilima situação: o seio fraternal do compatriota abriu-se generoso e nobre: pouco tempo depois o mesmo navio trazia os dois brasileiros, e fundeava em 1825 na bahia do Rio de Janeiro ao espectaculo das embarcações embandeiradas, e ao côro marcial do troar dos canhões das fortalezas em festejo do reconhecimento da independencia.

Fr. Custodio pisou de novo o solo querido da patria, ouvindo hymnos á liberdade, e recebendo no convento do Carmo da cidade do Rio de Janeiro agasalho de verdadeiros e bons irmãos e do governo, logo no anno seguinte, o decreto de sua nomeação de lente de zoologia e botanica da imperial academia militar, que aliás tinha desejado obter por concurso publico e solemne, como verbalmente o requerêra ao Imperador.

No magisterio desde logo revelou-se tão brilhante a illustrada capacidade d'este nosso venerando consocio, que em 1828 foi elle nomeado director do museu nacional, resignando por isso a commissão de redactor de uma parte do *Diario da Camara dos Deputados*, tarefa que desempenhára desde 1826 com applauso de todos, e durante a qual estreitou relações com os mais notaveis membros do nosso

parlamento n'aquella época. Em 1833, reformada a academia, que passou a denominar-se escola militar, o curso de sciencias physicas foi limitado ás duas cadeiras de physica e chimica e mineralogia, sendo o illustre Alves Serrão encarregado da ultima.

Depois de nove annos de activo e glorioso trabalho, em 1835 o amor e gratidão levaram Fr. Custodio a visitar sua madrinha, e mãe adoptiva, e seu Maranhão que tanto amava; mas de caminho a sabedoria e o patriotismo soffrêam o coração que quer voar, e o sabio patriota explora as serras de Itabaiana em Sergipe, afamadas por salitrosas e auriferas, e a formação bituminosa das praias de Camaragibe nas Alagôas, enviando amostras para o Rio de Janeiro.

Emquanto assim prestava serviço consideravel, expontaneo e sem auxilio algum dos cofres publicos, eram-lhe na côrte suspensos por inaccumulaveis com os de lente os seus vencimentos de director do museu; mas ainda bem que no anno seguinte, e de volta á capital do Imperio, lhe foram elles justamente restituidos.

O anno de 1842 e os esforços e conselhos do nosso muito illustre consocio presidiram á reforma da administração scientifica do museu nacional, que foi subdividida em quatro secções, cabendo ao sabio director a de minerologia, geologia e sciencias physicas, e interinamente a de numismatica, artes liberaes, archeologia, usos e costumes das nações modernas; immenso campo em que sómente póde arar com proveito lavrador immenso.

O frade sem vocação, que, por não têl-a, nunca se prestára a tomar nem a tonsura-prima, tinha obtido o breve de sua secularisação perpetua em 1840; o lente sabio cansado do labor de mais de 20 annos de magisterio consciencioso e explendido, e o administrador zeloso, tanto do dever como do direito, alcançou em 1847 a jubilação na escola e a de-

missão no museu ; em uma e outra apagáram-se pharóes luminosissimos, e se em um e outro vieram depois radiar brilhantes astros, nem estes mesmos e nem um só dos contemporaneos esqueceram o valor vivificante,e a luz magnifica e deslumbradora d'aquelle sol tão grande, que na mesma cidade precisou de dois horizontes para o seu occaso.

Mas esse sol no occaso ainda teve crepusculo resplendente : depois de furtar-se em 1849 á direcção do jardim botanico da Lagôa de Freitas, para o exame e relatorio do qual fôra commissionado trez annos antes, tendo então offerecido idéas de reforma, e projecto do respectivo regulamento, em 1859 cedeu ao empenho do governo, e ao impulso do patriotismo, e confiado em promessas de todos os meios para os indispensaveis melhoramentos aceitou a laboriosa commissão. E a commissão foi crepusculo, em que o administrador subalterno irradiou conhecimentos, e esclareceu a necessidade de despezas, de recursos e de obras indispensaveis, e a administração superioradíou, meditando, hesitou, estudando, nada fez, nem concedeu, reflectindo sem chegar ao termo da reflexão, até que em 1861 o jardim botanico passou a ser administrado pelo Instituto Fluminense de Agricultura. Alves Serrão applaudindo esse facto lembra no emtanto que no correr d'esses 11 ou 12 annos de empenho esteril para fazer o bem, de concepções perdidas, de requisições desattendidas, só no Imperador achou animação de obsequioso incentivo, que lhe deu alimento á paciencia ; mas de cujo favor não quiz jamais abusar ; pedindo o que era dever, o que cumpria partir do poder executivo.

Não se limitáram a estes os serviços prestados pelo nosso venerando consocio : como rico fóco de sciencia, foi elle aproveitado pelo governo em diversas commissões, avultando a do conselho de melhoramentos da casa da

moeda, na qual deu provas de que era na chimica notabilidade distincta. Cumpre tambem registrar que, retirado do magisterio e da direcção do Museu, offertou a este toda a sua preciosa bibliotheca.

O alto merecimento de Fr. Custodio ficou estampado em honorificos diplomas, como os de socio instituidor da sociedade de melhoramentos da instrucção elementar; de socio effectivo, depois honorario, do nosso Instituto; de socio presidente honorario da sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, e de membro do conselho fiscal do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura. S. M. o Imperador houve por bem agraciar este brasileiro illustrado e benemerito com a commenda da ordem de Christo; elle, porém, agradecendo aliás muito a distincção, deixou de tirar o titulo competente, levado a isso por idéas, em que fraternisava com Alexandre Herculano, e ainda dizia-o, e com exemplar modestia escreveu em seus apontamentos, porque essa honra não se conformava com a sua humilde posição.

Sabio creado no gabinete, de profundos e constantes estudos, eminente nas sciencias physicas, na botanica igual a Freire Allemão, que é um monumento; em politica sempre liberal por convicção e por amor da patria, e nunca, nem um só dia, ambicioso por amor de si; de caracter independente até a resistencia na guarda de seu direito; no culto da amizade typo de dedicação e de pureza, em suas relações particulares angelica amabilidade; como lente a eloquencia abraçada com a logica mais cerrada, como administrador o zelo mais intelligente fulgurando pelo esplendor de immaculada probidade; eis ahi Frei Custodio Alves Serrão.

Desde 1861 recolhido ao seu pequeno, mas bello sitio da Gavêa, suave retiro, onde a velhice honrada abençoou as

economias do tempo do labor honradissimo e francamente remunerado, o nosso venerando consocio, o sabio Fr. Custodio viveu ainda perto de 12 annos tranquillo e tão feliz como podia sêl-o: teve ahi por companheiro o livro, por encanto a solidão, por conforto o trabalho moderado, por alegria o desabrochar das flôres, e o *romper* dos fructos dos vegetaes que eram seus filhos, e os filhos e os amôres do seu cultivo, e por festas as visitas dos bons amigos; houve, porém, sempre na sua vida e no seu coração um certo que de melancolia sem abatimento, que pudéra assemelhar-se á harmonia triste, monotona, mas implacavel, que, decorada pela memoria, a memoria repete incessante á despeito da vontade que quer e não póde esquecêl-a. Era talvez, provavelmente, a lembrança da profissão imposta ao menino.

Aos 73 annos de idade a arvore immensa e frondosa vergou á rajada do vento que enregela e que prostra: Fr. Custodio sorriu-se, sentindo na molestia o frio da brisa que não engana: logo depois não veiu mais rajada, apenas veiu o sopro da morte, e um grande homem cahiu áquelle sopro, como cahe a folha secca no chão, ou grão de fina arêa na ampulheta. Mas é sobre os mais altos pincaros das serranias que as aguias têm os seus ninhos, e, aguia na sciencia, Fr. Custodio morreu a 10 de Março de 1873 em seu ninho, das alturas da Gavêa.

Joaquim Caetano da Silva, filho legitimo de Antonio José Caetano da Silva, natural da ilha de Santa Catharina e de D. Anna Maria Floresbina, natural de Paranaguá, nasceu a 2 de Setembro de 1810 na povoação chamada Guarda do Serrito, da freguezia do Espirito-Santo do Jaguarão, sendo a 24 de Novembro do mesmo anno baptizado na freguezia de S. Pedro do Rio-Grande.

Se houve na segunda infancia e no alvor da juventude

de homem tão notavel revelações de seu espirito superior, passáram ellas ignoradas na provincia de seu nascimento, ou não chegáram até nós; deviam, porém, ter havido; porque era força que a natureza tivesse marcado logo no berço, e posto em relevo na idade que é flôr antes da idade que é fructo, o genio, as disposições, a concentração do animo na conquista de uma idéa; o desprezo dos prazeres e divertimentos vulgares, e, permitti-me dizêl-o, certa originalidade innocente, que fizeram do muito illustrado Dr. Silva um typo, que desappareceu com a sua morte.

Aos 16 annos deixou elle a provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul para ir completar em França os estudos das disciplinas preparatorias, seguindo logo depois o curso de medicina na faculdade de Montpellier, e sustentando these, que versou sobre idèas da philosophia medical, a 29 de Agosto de 1837, data do seu diploma de doutor pela Universidade de França.

Até aqui 11 annos de estudos de humanidades e de medicina apenas vos indicam na carreira pouco morosa um estudante applicado e talentoso; agora, porém, entrando em alguns detalhes, nobre orgulho vai levantar nossas cabeças admirando esse grande sabio brasileiro que foi um planeta que se apagou, tendo sido justamente apreciado na patria sómente em limitado circulo de homens de letras e de sciencias.

Notai bem, Silva parte para França aos 16 annos, isto é, em 1826, e a 20 de Agosto de 1828 recebe o diploma de membro da sociedade de Historia Natural de Montpellier: os estudantes brasileiros e portuguezes tinham fundado n'esta cidade, com o fim de se instruirem mutuamente na lingua portugueza, a sociedade litteraria luso-brasileira de Montpellier, e na sessão de 21 de Junho de 1829, Silva, secretario d'ella, apresenta uma lista de 490 pala-

vras, que Moraes não apontava no seu *Diccionario*, e das quaes aliás se servia quando explicava os significados de outras dicções; tres annos mais tarde, em 1832, lê ainda elle importantissimos trabalhos, que denominou: — *Supplemento ao Diccionario de Moraes* —, e n'esse escripto offerece a riqueza de mais 400 vocabulos, colhidos de outros autores, e principalmente nas obras de Francisco Manoel do Nascimento, de Diniz e de Garção, e não o esqueçais, Silva tinha então 22 annos, e era assim que o estudante doudejava na mocidade travessa.

Quer ainda mais nosso orgulho de brasileiros? A 14 de Novembro de 1831, Silva é laureado pela Universidade de França com o diploma de bacharel em letras; a 11 de Fevereiro de 1836 apresenta elle ao *Circulo Medico de Montpellier* um trabalho com o titulo de *Fragmento de uma memoria sobre a quéda dos corpos*, escripta em francez para uma sociedade de francezes distinctos, que reconheceram em seu autor conhecimentos superiores em physica, fizeram publicar o estimado estudo no primeiro boletim social do mez de Abril, e a 31 de Julho do mesmo anno entregáram o diploma de membro titular do Circulo Medico ao nosso compatriota, que no anno seguinte recebeu tambem o de membro correspondente da Sociedade Real de Medicina de Gand.

E' pouco ainda? E' licito exigir mais do joven estudante, que cursa as aulas com applauso unanime dos professores e lentes, que acha tempo para ler e reler o *Diccionario* de Moraes e os classicos portuguezes, e que alimenta sociedades litterarias e scientificas com surprendentes memorias reveladoras de profundo estudo?... Oh! a fonte é rica e perenne: saciemos o nosso orgulho.

Silva, o estudante e bacharel em letras dispunha apenas de sufficiente pensão; mas não ha pensão que chegue

quando o pensionista se escravisa a alguma paixão exigente de ouro: nosso compatriota fulgurava tanto e honrava tanto o nome brasileiro, que lhe deveis perdoar uma unica fraqueza, se quizerdes, um vicio dispendioso e caro, elle tinha uma paixão, um amor indomito, para satisfazer o qual não lhe bastariam thesouros, um amor que exclusivamente o dominava a esgotar-lhe a modesta pensão; oh! perdoai-lhe, senhores, esse amor invencivel era o amor dos livros. Pois bem! Silva achou recursos em si mesmo para duplicar suas mesadas: quereis saber o que fez? Foi professor particular, ensinou diversas disciplinas preparatorias em Montpellier, e sabei-o, e ufanai-vos de sabêl-o, Silva, o joven estudante brasileiro ensinou em França e á francezes a lingua franceza, bem entendido a lingua de Racine e de Molière.

Respiremos um pouco. A lembrança d'esse mancebo que, ainda estudante, já se annunciava sabio, e que, ainda discipulo, já se ostentava esclarecido mestre, deve fechar este quadro da vida do nosso benemerito e venerando consocio.

Vamos respirar; requeremos, porém excusa de esquecimento que seria criminoso, ou nodoada pela ingratidão; uma reminiscencia que ficou á outros, e a que o nosso amigo e sabio Silva sempre pareceu absolutamente estranho: é que sua illustrada intelligencia era fonte de lições gratuitas, e sua bolsa muitas vezes recurso fraternal; intelligencia e bolsa tomadas em tributo por outro amor, tambem santo, o amor dos irmãos, o irmão dos compatriotas longe da patria.

Com o titulo de doutor em medicina e com enorme capital de conhecimentos, Joaquim Caetano da Silva disse adeus á França, e chegado á cidade do Rio de Janeiro recebeu a 21 de Fevereiro de 1838 o decreto de sua nomeação

de professor do imperial collegio de Pedro II, onde ensinou com admiravel proficiencia grammatica portugueza, rethorica e grego, limitando-se depois com a completa organisação do collegio, á cadeira d'essa ultima materia. A 25 de Abril de 1839 foi tambem nomeado professor de rethorica, poetica e grego do licêo provincial do Rio de Janeiro, aliás ephemero. A 26 de Junho d'esse anno succedeu ao bispo de Anemuria na reitoria d'aquelle imperial collegio por escolha do governo do regente em nome do Imperador.

Em sua natural, mas exagerada modestia, o Dr. Silva, de volta da Europa, entrára na capital do Imperio e n'ella vivia com a simplicidade do sabio, que por sel-o muito mais de si duvida, e sem trazer o tambor do charlatão, que com o rufar teimoso de annuncios estrepitosos e de hyperbolicos encomios dissimula o pouco que merece. Sua primeira nomeação deveu-a á informações de illustres brasileiros, seus collegas em França; as outras á immediata e evidente demonstração do poder de suas faculdades. Logo a 29 de Dezembro de 1838 o Instituto Historico e Geographico Brasileiro mandou-lhe o diploma de seu membro titular, a 15 de Abril do anno seguinte o de membro effectivo, até que a 8 de Julho de 1859 o elevou a membro honorario.

O collegio de que era reitor e professor tornou-se para o nosso venerando consocio em eremiterio de que elle fóra das horas de aula era o anachoreta da sciencia, que só quebrava o silencio e deixava o livro, quando o amor da familia vinha impor-lhe algum descanso, ou a amizade lhe trazia em conversações sempre correntes sobre letras e artes, á distração que mais lhe aprazia. Porto-Alegre, um dos seus bons amigos disse-nos uma noite em que sahiamos juntos da morada do Dr. Silva: « eis ahi um homem que estuda

25 horas por dia!! Esse viver tão retirado do nosso consocio foi causa de lamentavel facto: poucos conheceram de perto o Dr. Silva, e ainda menor foi o numero d'aquelle que podem dar testemunho da extensão immensa de seus conhecimentos. Ainda bem que ficaram d'elle, para honra de sua memoria, trabalhos de superior merecimento e uma obra monumental.

Em 1851, nas sessões de 26 de Setembro, 10 e 24 de Outubro do nosso Instituto, e na augusta presença de S. M. o Imperador, leu o Dr. Silva extensa memoria sobre os limites do Brasil com a Guyana franceza conforme o sentido exacto do art. 8° do tratado de Utrecht, luminoso escripto que foi a primeira pedra do monumento que depois ergueu.

A 14 de Novembro d'esse mesmo anno foi o nosso preclarissimo consocio escolhido para encarregado de negocios junto ao governo dos Paizes Baixos, e em 17 de Fevereiro de 1854 nomeado consul geral do Brasil no mesmo reino.

De novo na Europa, e certamente de menor importancia o que porventura deve ou não deve a patria ao Dr. Silva, como diplomata, ou alto agente commercial: que se conceba e se admitta a hypothese da mais completa esterildade na missão e no consulado, e o Brasil ainda abençôa o diplomata e o consul estereis, dado que o fossem, lembrando a obra colossal que tem por titulo o *Oyapok e o Amazonas*, escripta em francez, que admira aos puristas francezes, e, o que é mais, obra que vale tanto como o maior exercito a estender-se do cabo de Orange em defesa do Oyapok, que é brasileiro; obra grandiosa e brilhante como o sol, que elucidou a questão até á evidencia, e que em resposta do governo da França, onde ella produziu sensação notavel, teve o silencio confesso reconhecedor do direito do Brasil.

Tornado á patria, o nosso benemerito consocio enceta no Instituto, em 1863, a leitura de trabalho longo de assombrosa erudição, a que elle deu o titulo de *Questões Amerinas*, e que tinha por fim apurar varios pontos que Humboldt deixára indecisos no seu *Exame critico da historia e da geographia do novo continente*: por infelicidade só dois artigos foram lidos, o primeiro—*Antilia*, o segundo—*Brazil*: revelavam ambos estudo extraordinario, descommunal; no ultimo, porém, no da origem do nome *Brazil*, que ficou ao imperio diamantino, maravilham a paciencia, criterio e abysmo de averiguações, e por condigno remate, a estupenda sciencia que elevou o nosso consocio á orientalista applaudido pelos mais celebres orientalistas da França.

O Dr. Silva parou ahi: doente, quasi cégo, abatido de forças physicas e de animo, foi ainda inspector geral da instrucção primaria e secundaria do municipio da côrte, e depois até sua morte, director do Archivo Nacional; já não era, porém, o mesmo planeta radiante de luz, era sómente a agonia moral dolorosa, prolongada sem desespero, mas com profundo cansaço, e com menos preço mal dissimulado da vida material.

Retirado para a cidade de Nictheroy e habitando em uma casa no bairro de S. Domingos, e á beira-mar, havia alguns mezes que o sabio Dr. Silva não escrevia mais, e que, negando-se obstinadamente ao mais curto passeio, apenas caminhava de seu quarto de dormir até ás salas de recepção e de refeição.

Debalde os medicos impunham a necessidáde do exercicio, o Dr. Silva não se movia; debalde seu genro, a despertar-lhe o amor, a paixão do estudo, se lhe offerecia como secretario para escrever, corrigir e coordenar seus trabalhos, conforme o que elle dictasse; o Dr. Silva respondia sem-

pre: « hoje não posso ». Abatido, depauperado de forças, annunciou todavia ao seu medico assistente, que morreria de uma congestão cerebral, e a 27 de Fevereiro d'este anno, quando o julgavam em grande melhora de padecimentos, a prophecia realisou-se, a congestão cerebral pronunciou-se; e no outro dia o Dr. Silva deu a alma á Deus.

O Dr. Joaquim Caetano da Silva, além de membro honorario do nosso Instituto e das já mencionadas sociedades scientificas da Europa, foi tambem membro da de Geographia de Pariz, recebendo a 6 de Junho de 1856 o competente diploma acompanhado de officio o mais honroso e bem merecido. Era desde 18 de Julho de 1841 cavalleiro da ordem de Christo, a 30 de Novembro de 1845 teve a condecoração do officialato da imperial ordem da Rosa, da qual foi elevado depois a dignitario, ornando-lhe ainda o peito a commenda da ordem de Christo de Portugal. Mais que tudo isso, contou elle, com justo desvanecimento, por grande e autorisado apreciador do seu transcendente merecimento o Sr. D. Pedro II que o honrou sempre com a sua amizade, que o distinguiu, que o amparou com a sua mão augusta, multiplicando favores, que muito lhe dissipáram nuvens tormentosas da vida. O protector d'este sabio resplende pelo patriotismo e pelo culto da sciencia na magnanima protecção.

Em seu pobre e laborioso viver de sessenta e tres annos, o nosso venerando consocio conheceu, sentiu dois profundos amores, que lhe encheram e aditaram o coração; o amor da esposa e o amor da filha: casou-se em França a 24 de Novembro de 1837 com a Exma. Sra. D. Suzana Clotilde de Moinac, filha de Antonio Moinac, director da academia de bellas-artes de Montpellier, e pintor historico, e de seu consorcio teve uma filha a Exma. Sra. D. Laura de Oliveira, casada desde alguns annos com o Sr. João Anto-

nio de Oliveira, intelligente e honradissimo empregado da fazenda provincial do Rio de Janeiro: as virtudes de ambos foram e são dignas da exemplar fidelidade de um marido modelo e de um pai, cuja ternura não póde ser excedida.

Se o nosso illustrado consocio não destruiu, e não é admissivel, nem consta que o fizesse, deixou trabalhos, manuscriptos completos ou incompletos, que devem ser thesouros: acabada, embora não corrigida, tinha elle a sua *Grammatica Portugueza*, que será necessariamente obra magistral: além das *Questões Americanas*, que adiantava, sabemos que em desenvolvidos apontamentos, ou já talvez em esboço geral executava longo estudo sobre os limites do Brasil; e mal se póde calcular o que mais ficou delineado por esse sabio, que vivia com a mão esquerda contendo os livros abertos, e com a direita manejando a penna a recolher informações, esclarecimentos e luzes para succulentas memorias e obras.

O Dr. Silva foi um homem prodigio de estudo, fonte profunda de sciencia, e abysmo de modestia, que exagerada perdia-se em humildade: expandia-se em admiração e em applauso dos escriptos e das obras dos outros, e concentrava-se timido e receioso do merecimento de seus trabalhos magistraes, No viver, no parecer e nos modos, era um typo: alto de estatura, magro, de rosto longo e oval, de elevada e bella fronte, de cabellos alourados e cercando a cabeça com erguido penteado estranho á moda geral, myope, nos ultimos annos quasi cégo, e por isso com andar vagaroso e desageitado, e afigurando-se indifferente a quanto o cercava, e que não via, de gravissimo aspecto, affavel no trato, mas raramente risonho, incapaz de conversação banal e nunca tolerando a licenciosa, conhecendo as ruas da cidade do Rio de Janeiro pelo caminho das bibliothecas,

o Dr. Silva foi mais conhecido do povo como original, do que como sabio, e porque não foi pedinte e ambicioso politico, poucos em sua vida aquilatáram as proporções magnificas de seu patriotismo acrisolado.

Mas sobre a sua modesta sepultura erguem-se as suas obras, e os seus escriptos de brasileiro sabio, e para o autor do *Oyapock e o Amazonas*, para o lexicographo e purista da lingua portugueza, para o hellenista consummado, e o orientalista que soube improvisar-se applaudido, para o philosopho e litterato, que abrangia em toda a luz possivel a civilisação antiga e moderna, para o medico sem clinica que estava á par de todo o progresso da medicina, e que nas sciencias physicas se indicava apenas amador, nada aprendendo, e as vezes sendo illuminador dos mestres, a posteridade levantará um altar no templo da memoria, e n'esse altar o Dr. Silva refulgirá com a gloria que reflectirá sobre a patria feliz de homem tão honesto, de sabio tão profundo, e de cidadão tão dedicado e benemerito.

Ao começar d'este discurso humilde e rude, lembramos a coincidencia de dois berços illustres, onde quasi ao mesmo tempo, e só com a differença de alguns mezes de nascimento se enfachavam dois genios, o de Odorico Mendes e de Alves Serrão, e vimos então como a bahia de S. Marcos separou os dois berços, que não podiam, por grandiosos, caber em uma só cidade: agora não é berço, é tumulo, não é nascimento, é morte; mas a coincidencia se repete na agonia, no passamento e no jazigo: apenas com a differença de alguns dias expira em S. Domingos de Nictheroy o sabio Dr. Joaquim Caetano da Silva, emquanto de outro lado e na Gavêa morria outro sabio Fr. Custodio Alves Serrão: agora é a vez da magnificencia da morte: ha dois gigantes que morrem tambem agonizando em duas cidades fronteiras; mas as duas sepulturas de taes gigantes tam-

bem não podiam caber em uma só cidade, e foi por isso que a bahia magestosa do Rio de Janeiro separou as duas sepulturas, como a bahia de S. Marcos tinha separado dois berços: a grandiosidade no principio e no fim; mas a separar e a mostrar em face essas grandezas humanas o oceano, sempre o oceano, que excede o grandioso, afigurando o infinito.

MANUSCRIPTOS OFFERECIDOS AO INSTITUTO DURANTE O ANNO DE 1873.

PELO SR. DR. ANTONIO HENRIQUES LEAL.

Relação summaria das cousas do Maranhão, escripto em Lisboa em 7 de Março de 1624.

Relação historica e politica dos tumultos que succederam na cidade de S. Luiz do Maranhão, com os successos mais notaveis que n'elle aconteceram. Sua descripção geographica, seu descobrimento, conquista, guerras com francezes intrusos e indios naturaes, invasão dos hollandezes, sua expulsão, exacta narração do tumulto que na dita cidade se levantou e a quietação d'elle com a vinda de Gomes Freire de Andrade. Por Francisco Teixeira de Moraes, 1692.

Copia extrahida de uma collecção de manuscriptos intitulada: Obras de varios autores, existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

PELO SR. JOAQUIM NORBERTO DE SOUSA E SILVA

Ultimos momentos dos inconfidentes de 1789, pelo frade que os assistiu de confissão.

PELO SR. DR. ANTONIO MANOEL GONÇALVES TOCANTINS.

Reliquias de uma grande tribu extincta.

MAPPAS, CARTAS &—,OFFERECIDOS AO INSTITUTO EM 1873.

PELO SR. TENENTE CORONEL PEDRO TORQUATO XAVIER DE BRITO

Mappa representando as tres communicações dos rios Negro e Japurá por tres confluencias superiores a do rio Uaujús, &: traçado pelo offertante.

PELO SR. DR. CARLOS HONORIO DE FIGUEIREDO

Mappa topographico da parte da provincia de Santa Catharina, comprehendendo as comarcas do littoral, colonias e terras publicas adjacentes ás mesmas colonias: organisado pela commissão do registro geral e estatistica das terras publicas, segundo os trabalhos dos engenheiros Carlos Revière, Manoel da Costa Sampaio, Emilio Odebrecht, Pedro Luiz Taulois e Henrique Kreplin.

PELO ARCHIVO MILITAR

Carta do Imperio do Brasil, reduzida em conformidade da publicada pelo coronel Conrado Jacob de Niemeyer em 1845 e das especiaes das fronteiras com os Estados limitrophes, organisada ultimamente, pelo conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro—1873.

OBRAS E DOCUMENTOS OFFERECIDOS PELOS PRESIDENTES DE PROVINCIA DURANTE O ANMO DE 1873.

PELO SR. PRESIDENTE DO ESPIRITO SANTO

Collecção de Leis da Provincia do Espirito Santo, tomo 35, anno de 1872. Victoria, 1872.

Falla com que foi aberta a sessão extraordinaria da assembléa provincial em Maio de 1873—Victoria.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DO PARANÀ.

Collecção de Leis promulgadas pela Assembléa Provincial na sessão de 1872.

Relatorio com que o Sr. commendador Manoel Antonio Guimarães passou a administração da provincia ao actual presidente, em 13 de Julho de 1873, e Collecção de Leis Provinciaes de 1873. Coritiba, 1873.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DAS ALAGÔAS

Compilação das Leis Provinciaes dos annos de 1868 a 1872. Maceió, 1873. 2 volumes.

Relatorio com que foi installada a segunda sessão da 19ª legislatura da Assembléa Provincial da provincia das Alagôas em 16 de Março de 1873.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DO CEARÀ

Collecção das resoluções e Regulamentos promulgados pela Assembléa Provincial do Ceará, do anno de 1872. Ceará, 1873.

Relatorio com que o sr. commendador João Wilkens de Mattos abriu a 1ª sessão da 21ª legislatura d'Assembléa

Provincial do Ceará no dia 20 de Outubro de 1872. Fortaleza, 1873.

Relatorio da Exposição Provincial de 1872. Maranhão 1873.

Almanak administrativo e Industrial da provincia do Ceará para o anno de 1873.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DO PARÁ

Relatorio apresentado ao Exm. sr. barão da Villa da Barra em 5 de Novembro de 1872, por occasião de passar a administração da provincia ao 2° vice presidente o Sr. barão de Santarem. Pará, 1872.

Relatorio com que o Sr. barão de Santarem, 2.° vice-presidente passou a administração da provincia do Pará ao Sr. Dr. Domingos José da Cunha Junior, em 18 de Abril de 1873.

PELO PRESIDENTE DA PROVINCIA DO RIO GRANDE DO NORTE

Relatorio com que o Sr. presidente da provincia abriu a 1ª sessão ordinaria da Assembléa Legislativa no dia 5 de Outubro de 1872. Rio de Janeiro, 1873.

PELO PRESIDENTE DA PROVINCIA DA BAHIA

Relatorio com que o Sr. Dr. José Eduardo Freire de Carvalho, 4° vice-presidente passou a administração da provincia ao Exm. Sr. commendador Antonio Candido da Cruz Machado, em 22 de Outubro de 1873. Bahia, 1873.

Leis e Resoluções da Assembléa Legislativa da provincia da Bahia, publicadas em 1872.

Falla dirigida á Assembléa Provincial, pelo 1° vice-presidente na abertura da sessão installada no 1° de Março de 1873, Bahia 1873.

Relatorio com que o Sr. Dr. Joaquim Pires Machado Portella passou a administração da provincia ao 1° vice-presidente desembargador João José de Almeida Couto, no dia 16 de Novembro de 1872. Bahia, 1873 : e officio que dirigiu o 1° vice-presidente da provincia, desembargador Almeida Couto ao 4° vice-presidente ao passar-lhe a administracão em 1° de Junho de 1873.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DE SERGIPE

Relatorio com que o Exm. Sr. presidente Dr. Joaquim Bento de Oliveira Junior passou a administração da Província no dia 5 de Setembro de 1872 ao Exm. Sr. Dr. Cypriano de Almeida Sibrão, 1° vice-presidente. Aracajú. 1872.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DE GOYAZ

Collecção de Leis da mesma provincia do anno de 1872.

Relatorio apresentado a assembléa legislativa provincial de Goyaz em 1° de Junho de 1872.

PELO SR. PRESIDENTE DE S. PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL

Collecção das leis da mesma provincia de 1872.

Relatorio com que o seu antecessor José Francisco Pereira Junior passou-lhe a administração da provincia no dia 1° de Dezembro de 1872. Porto-Alegre, 1873.

Collecção das Leis e Resoluções da provincia, de 1873. Porto-Alegre, 1873.

OBRAS E DOCUMENTOS OFFERECIDOS POR DIVERSOS AO INSTITUTO DURANTE O ANNO DE 1873

PELA COMMISSÃO DIRECTORA DA EXPOSIÇÃO DA PROVINCIA DE PERNAMBUCO

Relatorio da mesma commissão. Pernambuco, 1873.

PELO SR. DR. CEZAR AUGUSTO MARQUES

Discurso que por occasião da collocação da pedra fundamental para a edificação do predio onde deve funccionar a eschola publica da freguezia de N. Sra. da Conceição, recitou o Dr. C. A. Marques. Maranhão, 1873.

Relatorio com que o Sr. Dr. Silvino Elvidio Carneiro da Cunha abriu a Assembléa Legislativa da provincia do Maranhão em 17 de Maio de 1873.

Relatorio da Exposição de 1872. Maranhão, 1873.

Almanak administrativo da provincia do Maranhão para o anno de 1873.

Discursos lidos na inauguração da Bibliotheca Popular Maranhense. Maranhão, 1872.

Justificação do ex-promotor publico da capital do Maranhão Dr. Filippe Franco de Sá. S. Luiz, 1872.

Relatorio com que o Sr. Dr. Silvino Elvidio Carneiro da Cunha passou a administração da provincia do Maranhão ao Sr. vice-presidente, desembargador José Pereira da Graça em 4 de Março de 1872. Maranhão, 1873.

Descripção dos rios Parahyba e Gurupy. Relatorios sobre a exploração dos mesmos, seguidos de uma Memoria sobre o porto de S. Luiz do Maranhão por Gustavo Luiz Guilherme Dodt. Maranhão, 1873.

Falla dirigida á Assembléa Legislativa Provincial do Ama-

zonas na 2ª sessão da 11ª legislatura pelo bacharel Domingos Monteiro Peixoto, presidente da provincia. Manáos, 1873.

Descripção dos festejos que tiveram lugar por occasião do assentamento da pedra fundamental do edificio onde tem de funccionar a aula publica da 1ª freguezia da capital do Maranhão. 1873.

PELA SOCIEDADE GEOGRAPHICA DE PARIS

Bulletins da mesma, varios ns. de 1872 e 1873.

PELA SOCIEDADE GEOGRAPHICA DE LONDRES

Varios ns. do seu jornal de 1872 e 1873.

PELA SOCIEDADE AUXILIADORA DA INDUSTRIA NACIONAL

Os ns. do seu jornal do corrente anno.

PELA SOCIDADE DOS NATURALISTAS DE NEUCHATEL

Bulletin de la société des sciences des naturalistes de Neuchatel, os tomos 8º e 9º, 1870, 1871, 2 volumes.

PELO INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO ALAGOANO

Os 2 primeiros numeros.

PELO SR. DR. RICARDO GUMBLETON DAUNT

Illiada de Homero, traduzida na lingua irlandeza pelo Dr. Mac-Uale, arcebispo de Tuan.

Almanack de Campinas para 1873.

PELO SR. DR. FELIZARDO PINHEIRO DE CAMPOS

Questão religiosa. O beneplacito e a desobediencia. Considerações pelo verdadeiro crente. Rio de Janeiro, 1873.

Elemento servil. Artigos sobre a emancipação por T. de Alencar Araripe, mandados publicar por Leandro Bezerra Monteiro. Parahyba do Sul, 1871.

O Adolescente educado na bondade, sciencia e industria, por Cesar Couto e traduzido por uma menina brasileira. Rio de Janeiro, 1872.

Reflexões do conselheiro Figueira de Mello sobre a proposição do Senado quanto á attribuição do Supremo Tribunal de Justiça de estabelecer a verdadeira intelligencia das disposições duvidosas de nossas leis patrias, etc.

Reflexões sobre as commissões reunidas da camara dos Srs. Deputados; ligeira analyse do folheto publicado com o titulo: — O Rei e o partido liberal, por Tristão de Alencar Araripe. Recife, 1869.

PELO SR. DR. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

Noções de Geographia do Brasil, Rio de Janeiro, 1873.

PELO SR. SENADOR CANDIDO MENDES DE ALMEIDA

Direito civil e ecclesiastico brasileiro antigo e moderno e suas relações com o direito canonico, tome 2°. Rio de Janeiro, 1873.

Pinsonia ou a elevação do territorio septentrional da provincia do Gráo-Pará á cathegoria de provincia com a mesma denominação. Rio de Janeiro, 1873.

Discurso pronunciado pelo senador Candido Mendes de

Almeida na sessão de 22 de Fevereiro de 1873, sobre a politica internacional do ministerio e a eleição indirecta. Rio de Janeiro, 1873.

Discurso pronunciado pelo mesmo Sr. senador na sessão de 10 de Março de 1873, sobre a politica religiosa do ministerio. Rio de Janeiro, 1873.

Discurso pronunciado na sessão de 30 de Junho de 1873 pelo senador Candido Mendes de Almeida, na discussão do volo de graças sobre a politica religiosa do ministerio.

PELO SR. DR. ROZENDO MUNIZ BARRETO

Vôos Icarios, Rio de Janeiro, 1873.

PELO SR. CONSELHEIRO ANTONIO JOSÉ DUARTE DE ARAUJO GONDIM

Rio Grande do Sul and its german colonies, by Michel G. Mulhall. London, 1873.

PELO SR. HENRIQUE LISBOA

Primera Ascencion al pico de Naiguata, 9430 pies sobre el nivel del mar, etc. Caracas, 1872.

PELO SR. DR. ANTONIO PEREIRA PINTO

Collecção de discursos da corôa e respectivos votos de graças da camara temporaria desde a constituinte até 1872. Rio de Janeiro, 1873.

Relatorio da secretaria da Camara dos Srs. Deputados, mencionando os trabalhos estatisticos durante o anno de 1872. Rio de Janeiro, 1873.

PELO SR. DR. AMERICO BRASILIENSE

Resumo das exposições oraes da historia patria, feitas aos alumnos do collegio de S. João em Campinas, 1873.

Almanack de Campinas seguido do Almanack do Rio-Claro para 1873.

PELA TYPOGRAPHIA NACIONAL

Collecção de leis e decisões do governo do Imperio do Brasil de 1872. Rio de Janeiro, 1873.

PELO SR. DR. BENJAMIM FRANKLIN RAMIZ GALVÃO

Prosopopéa por Bento Teixeira, reproducção fiel da edição de 1601, segundo o exemplar existente na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. 1873.

PELO SR. FRANCISCO DE FIGUEIREDO

Relatorio da veneravel ordem 3ª dos minimos de S. Francisco de Paula apresentado á nova administração no acto de posse, em 31 de Maio de 1873, pelo Irmão Corrector. Rio de Janeiro, 1873.

PELO SR. ALFREDO THEOTONIO DA COSTA

Noticia Geral da provincia de Santa Catharina pelo Arcipreste Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva, natural da mesma provincia. Desterro, 1873 (Posthuma).

PELA REDAÇÃO

O Direito, Revista de Legislação, Doutrina e Jurisprudencia, os numeros de 8 a 9. Rio de Janeiro 1873 e o 1º numero do 2º volume.

PELA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DR ACCLIMAÇÃO

Estatutos da mesma. Rio de Janeiro, 1873.

PELO SR. EMMANOEL LIAIS

Climats, géologie, faune, et géographie botanique du Brésil. Paris, 1872.

PELO SR. JOÃO JOSÉ DE MORAES TAVARES

Manual do systema metrico ou auxiliador do official de Fazenda. Rio de Janeiro 1873.

PELO SR. D. ANTONIO DA COSTA

Tres mundos. Lisboa, 1873.

PELA ASSOCIAÇÃO DOS ENGENHEIROS CIVIS PORTUGUEZES

Revista de obras publicas e minas. Publicação mensal. o n.° 37 Lisboa, 1873.

PELO SR. GUIDO CORA.

Cosmos. comunicazion sui progressi più recente e notavole della geografia e delle scienze affini. Torino, 1873.

PELO SR. JOÃO CANDIDO DE MORAES REGO

Almanak administrativo da provincia do Maranhão, 5.° anno. 1873.

PELA SOCIEDADE DOS NATURALISTAS DE MOSCOU,

Os seus Boletins do anno de 1873—4 fasciculos.

PELO SR. DANIEL GAVET.

Mes pages intimes. Paris, 1873.

PELO SR. CORONEL V. PEDERNEIRAS

Interesses materiaes da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1872.

PELO SR. DR. FILIPPE FRANCO DE SÁ

Justificação do ex-promotor publico da capital do Maranhão. S. Luiz, 1872.

PELO INSTITUTO DE WASHINGTON

6 volumes dos Relatorios dos objectos apresentados pelos Estados-Unidos á Exposição Universal de 1867.

PELA SRA. D. NARCIZA AMALIA

Nebulosoas. Poesias. Rio de Janeiro 1 vol.

PELO SR. DR. MANOEL BUARQUE DE MACEDO.

Relatorio da commissão directoria da exposção provincial de Pernambuco, em 1872.

PELO SR. DR. JOSÉ ASCENÇO DA COSTA FERREIRA

Lições de Economia Politica. S. Luiz, 1872.

PELO SR. DUPONT.

Varios folhetos sobre diversos assumptos.

PELO INSTITUTO HISTORICO DE PARIS

L' Investigateur—journal de la société des études historiques—Ancien Institut Historique—38 année. Os numeros de Janeiro e Fevereiro. Paris, 1872.

PELO SR. ANTONIO RÕIZ DE ALMEIDA PINTO

O Bispado do Gram-Pará durante a vida de seu bispo D. Romualdo de Sousa Coelho. Pará, 1872.

PELO EDITOR

Catalogo dos livros antigos e modernos de Theologia, Sciencias e Artes, Bellas letras e historia, por Francisco Arthur da Silva. 2.ª edição. Lisboa, 1872.

PELA REDACÇÃO

Archivio per l'antropologia e la Etnologia, pubblicato dal Drs. Paolo Mantegazza e Felice Finze. Firenze, 1871.

PELO SR. VICENTE DE BOLLIVIAN Y ROXAS

Archivo Boliviano—Colleccion de documentos relativos a la historia de Bolivia. Paris, 1872—o 1° n°.

PELO SR. JOAQUIM NORBERTO DE SOUSA E SILVA

Esboço historico da academia de Marinha desde sua fundação e da companhia de aspirantes á guarda-marinhas, acompanhado dos regulamentos vigentes na escola de Marinha, annotados por Augusto Zacarias da Fonseca Costa. Rio de Janeiro, 1873.

PELO SR. DR. NICOLÃO JOAQUIM MOREIRA

Breves considerações sobre a historia e cultura do cafeeiro e consumo do seu producto. Rio de Janeiro, 1873.

Noticia sobre a agricultura do Brasil. Rio de Janeiro. 1873.

PELO SR. TENENTE CORONEL PEDRO TORQUATO XAVIER DE BRITO

Tratado de limites das conquistas entre os Srs. D. João 5° rei de Portugal e D. Fernando 6.° rei de Hespanha—Lisboa, 1750.

Instrucção sobre o reconhecimento dos rios para uso da escola de applicação do corpo do estado maior. Rio de Janeiro, 1866.

PELO SR. DR. JOSÈ TITO NABUCO DE ARAUJO

Dois exemplares do seu romance—Mimi.—Rio de Janeiro, 1873.

Manual Pratico do Advogado (acções civeis). Rio de Janeiro, 1873. 2 vols in-8.

PELO SR. CLAUDIO DE ABREU

Uma pagina de poeta. Rio de Janeiro, 1873.

PELO SR. DR. FRANCISCO FERREIRA CARDOSO

Relatorio lido no paço d'Assembléa Legislativa da provincia do Espirito Santo pelo presidente da mesma em 1871.

PELO SR. DR. JOSÉ MARIA DO COUTO.

Relatorio e trabalhos estatisticos apresentados ao Exm. Sr. conselheiro Dr. João Alfredo Corrêa de Oliveira, ministro e secretario d'Estado dos negocios do Imperio, pelo director geral interino da repartição de Estatistica. Rio de Janeiro, 1873.

PELO SR. ROBERTO ARMENIO.

A libertação das raças de côr por uma revolução na applicação das machinas á vapor.

PELO SR. AUGUSTO DE MOURA.

Memorial sobre a comarca de Guarapuava. Rio de Janeiro, 1873.

PELO SR. BAGUET.

Rio-Grande do Sul et Paraguay. Souvenirs de Voyage. Anvers, 1873.

PELO SR. DR. ANTONIO CANDIDO DA CUNHA LEITÃO.

Ensino livre—Projecto de lei apresentado á camara dos deputados na sessão de 16 de Julho de 1873. Rio de Janeiro.

PELO SR. L. JACOME.

O cavallo na provincia do Rio Grande do Sul. Brasil. Porto-Alegre, 1873.

PELO SR. CONEGO MANOEL DA COSTA HONORATO.

Bibliotheca canonica, juridica, moralis et theologica. Boniniæ, 1763. 3 vols.

Defesa do bispo do Rio-Grande do sul contra os actos da assembléa da mesma provincia. Rio de Janeiro, 1873.

PELO SR. MANOEL DE ARAUJO CASTRO RAMALHO.

Gazeta Rio-Grandense, publicação mensal destinada ás

artes, sciencias, industrias, agricultura e commercio. Porto-Alegre, 1873. Ns. 2 e 3.

PELO SR. DR. ANTONIO HENRIQUES LEAL.

Tratado do melhoramento da navegação por canaes, publicado por frei José Mariano da Conceição Velloso. Lisboa, 1800, 1 vol.

PELO SR. VISCONDE DO BOM RETIRO.

O Imperio do Brasil na exposição universal de Vienna. Rio de Janeiro, 1873.

PELO SR. BACHAREL JOAQUIM JOSÉ FERNANDES MACIEL.

Relatorio do Estado da Instrucção publica da provincia do Espirito Santo. Rio de Janeiro, 1873.

PELO SR. DR. CARLOS HONORIO DE FIGUEIREDO.

Memoria sobre a navegação á vapor do Rio de S. Francisco, por Francisco Manoel Alves de Araujo.

Relatorio da viagem de exploração do rio das Velhas e S. Francisco, pelo mesmo Alves de Araujo.

PELO SR. B. L. GARNIER, EDITOR.

Historia da Conjuração Mineira — Estudos sobre as primeiras tentativas para a independencia nacional, por Joaquim Norberto de Souza e Silva. Rio de Janeiro, 1873. 1 vol.

PELA REDACÇÃO DO JORNAL—O NOVO MUNDO.

Tres numeros do seu jornal.

PELO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA.

Relatorio da directoria do mesmo gabinete apresentado aos accionistas em 1872. Rio de Janeiro, 1873.

PELO SR. CONEGO DR. JOAQUIM CAETANO FERNANDES PINHEIRO.

Resumo de Historia litteraria. Rio de Janeiro, 1873. 2 vols.

PELO SR. DR. AGOSTINHO MARQUES PERDIGÃO MALHEIRO.

A Escravidão no Brasil. Ensaio historico, juridico e social. Rio de Janeiro, 1866. 3 vols.

PELO MONTE-PIO GERAL DE ECONOMIA DOS SERVIDORES DO ESTADO.

Relatorio apresentado á Assembléa geral dos contribuintes no biennio de 1873 a 1875, pelo presidente Exm. Sr. visconde do Rio Branco. Rio de Janeiro, 1873.

PELO SR. BENTO JOSÉ BARBOSA SERZEDELLO.

Archivo historico da veneravel ordem terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo no Rio de Janeiro.—1873.

PELO SR. TITO DE NORONHA.

Grammatica da lingua portugueza por Fernão de Oliveira 2.ª edição conforme a de 1536 publicada pelo visconde de Azevedo e Tito de Noronha. Porto, 1873. Numismatica portugueza. Ditos da Freira revistos por Tito de Noronha, Porto, 1872. Curiosidades bibliographicas.— O Cancioneiro geral de Garcia de Resende, Porto, 1871. Ordenações do Reino, edições do seculo 16.º Porto e Braga, 1871. Im-

prensa portugueza do 16.° seculo, seus representantes e suas producções. Ordenações do Reino, Porto, 1873.

PELO SR. DR. MANOEL DUARTE MOREIRA DE AZEVEDO.

Bibliotheca Universal. Curiosidades, noticias e variedades historicas brasileiras. Rio de Janeiro. 1 vol.

PELO SR. DR. ANTONIO HENRIQUES LEAL.

Pantheon Maranhense — Tomo 1.° Lisboa, 1873

PELA SECRETARIA DA CAMARA DOS DEPUTADOS.

Annaes do parlamento brasileiro—1.° anno da 15.ª legislatura, sessão de 1872, 5 tomos. Rio de Janeiro, 1873.

FIM DO TOMO XXXVI, PARTE SEGUNDA

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NO TOMO XXXVI
PARTE SEGUNDA

TERCEIRO TRIMESTRE

PAG.

VIAGEM AO PARAGUAY em Fevereiro e Março de 1869, pelo Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello.—Cartas ao Sr. tenente-coronel Benedicto Marcondes Homem de Mello..... 5

PRIMEIRAS EXPLORAÇÕES da costa brasilica de 1501 a 1506 (paginas da 2ª edição da *Historia Geral do Brasil*), pelo barão de Porto-Seguro..... 55

APONTAMENTOS para a historia dos jesuitas no Brasil, extrahidos das chronicas da companhia de Jesus, pelo Dr. Antonio Henriques Leal (*Continuado da pag.* 275 *do tomo XXXVI, parte segunda*)..... 65

Santuario Mariano..... »

Historia da companhia de Jesus na extincta provincia do Maranhão e Pará, pelo padre José de Moraes (Reimpressa no Rio de Janeiro, 1860)..... 101

Historiæ societatis Jesu. Pars tertia sive Borgia, auctore R. P. Francisco Sachino, MDCIL..... 149

CATALOGO dos governos que tem tido a provincia do Maranhão depois de proclamada a independencia em 28 de Julho de 1823, organisado pelo Dr. Cesar Augusto Marques..... 179

BIOGRAPHIA dos brasileiros illustres por armas, letras, virtudes, etc.

Antonio Francisco Dutra e Mello, pelo Dr. José Tito Nabuco de Araujo..... 185

QUARTO TRIMESTRE

APONTAMENTOS para a historia dos jesuitas no Brasil, extrahidos das chronicas da companhia de Jesus, pelo Dr. Antonio Henriques Leal (*Continuado da pag.* 178 *do* 3º *trimestre Conclusão*)..... 201

Annales litterarii..... 201
Relação annual das cousas que fizeram os padres da companhia, etc., pelo padre Fernão Guerreiro, 5 vol. (Imp. 1602, MDCXI)..... 210
Vida do padre José Anchieta..... 225
Synopsis annallium societatis Jesu in Lusitania ab anno 1540 usque ad annum 1725, authore R. P. Antonio Franco (Imp. 1726)..... 236
Appendice..... 294
Notas..... 321
Errata..... 347

OS TIROS NO THEATRO. Motim popular no Rio de Janeiro, pelo Dr. Moreira de Azevedo..... 349

ENSAIO DE ANTHROPOLOGIA. Região e raças selvagens, pelo Dr. José Vieira Couto de Magalhães..... 359

I. O GRANDE SERTAO INTERIOR. A região dos selvagens. Diversos roteiros para ir da foz do Rio da Prata á do Amazonas pelo interior. A região do Prata. A região do divisor das aguas. A região do Amazonas..... »
Diversos roteiros..... 361
Aspecto da bacia do Rio da Prata. Recordações de viagem..... 370
A região do divisor das aguas..... 376
Aspecto da bacia do Amazonas. Recordações de viagem..... 383
Navegação á vapor..... 388

II. O HOMEM AMERICANO. Apparecimento do homem na terra. Periodo em que apparece na America o tronco vermelho. Cruzamentos pre-historicos com os brancos. Avaliação de qual era o estado das industrias selvagens pelos usos que faziam do fogo..... 390
Apparecimento do tronco vermelho..... 392
Antigos cruzamentos..... 393
O fogo como auxiliar do selvagem..... 398
Ignorancia do fogo..... 404
Fundição de metaes..... 405

III. O HOMEM NO BRASIL. Periodo em que se deu a primeira emigração para o Brasil, avaliado pela falta de instru-

mentos de pedra lascada. Periodo pastoril. Ausencia de monumentos. Periodo geologico em que se encontram vestigios humanos no Brasil..... 407
Falta de instrumentos de pedra lascada..... 408
Periodo pastoril..... 412
Ausencia de monumentos..... 415
Periodo geologico a que correspondem os mais antigos vestigios humanos no Brasil..... 416
IV. Linguas. Classificação das tribus pelas linguas. Classificação morphologica das linguas americanas no grupo das Turanas. Classificação segundo a estructura interna das linguas em dois grupos. Grupo das Aryanas. Grupo das linguas *Tupís* e sua extensão. Indole das linguas d'este grupo. Bibliographia do *Tupí* e do *Quichua*..... 421
Classificação morphologica..... 422
Dois grandes grupos nas linguas sul americanas..... 423
Linguas Aryanas da America..... 424
Linguas geraes, não Aryanas..... 427
Indole das linguas do grupo *Tupí*..... 432
Trabalhos sobre a lingua *Tupí* ou *Guaraní*..... 435
Trabalhos sobre a lingua *Quichua*..... 441
V. Raças selvagens. Raça primitiva. Raças mestiças antigas Cruzamentos recentes. Raças mestiças (*Gaúcho*, *Caepira*, *Caburé*, *Tapuio*) como elemento de trabalho. Plano de catechese. Resultados provaveis dos cruzamentos actuaes na futura população do Brasil..... 443
Cruzamentos recentes..... 448
Raças mestiças como elemento de trabalho..... 454
Consequencias futuras do cruzamento..... 467
VI. Familia e religião selvagens. Elementos moraes para classificação: familia, monogamia, polygamia e relações do homem com a mulher, entre os selvagens do Brasil. Religião selvagem. Instincto religioso. Idéa de Deus. Systema geral da theogonia *Tupí*. Sentimento de gratidão para com o Creador. Immortalidade da alma. Transfigurações. Lenda sobre *Mani*, que concebe em estado de virgindade. Nomenclatura dos deuses selvagens. Conclusão..... 473
Prejuizos antigos..... 475
Familia selvagem..... 476

Communismo entre os *Cahiapós*..... 477
Exclusivismo dos *Guatós* e *Chambioás*..... 479
Idade para o matrimonio..... 482
Concepção da divindade..... 486
Theogonia dos indios..... 488
Amor e temor das divindades..... 489
Immortalidade da alma..... 495
Lenda de *Mani*..... 496
Nomenclatura dos deuses *Tupís*..... 498
Conclusão..... 505
APPENDICE mostrando qual é a posição do indio em presença da raça conquistadora (*Carta a Joaquim Serra*). 509
BIOGRAPHIA dos brasileiros illustres por armas, letras, virtudes, etc. Fr. Francisco de S. Carlos, pelo Dr. José Tito Nabuco de Araujo..... 517
ACTAS das sessões de 1873..... 543
SESSÃO magna anniversaria do Instituto Historico e Geographico Brasileiro em 15 de Dezembro de 1873..... 609
Discurso do Exm. presidente marquez de Sapucahy..... »
Discurso do 1° secretario o conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro..... 611
Discurso do orador Dr. Joaquim Manoel de Macedo... 625
MANUSCRIPTOS offerecidos ao Instituto durante o anno de 1873..... 651
MAPPAS, cartas geographicas, etc., offerecidas ao Instituto em 1873..... 652
OBRAS e documentos offerecidos pelos presidentes de provincia durante o anno de 1873..... 653
OBRAS e documentos offerecidos por diversos ao Instituto durante o anno de 1873..... 656

Typ. de—Pinheiro & C.ª—Rua Sete de Setembro n. 159.